

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Coleção
MINEIRIANA





Governo Federal
Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República
Ministro Marcelo Cortes Neri

Ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Sergio Suarez Dillon Soares

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das
Instituições e da Democracia

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Rogério Bouerl Miranda

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais
de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

Herton Ellery Araújo

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e
Políticas Internacionais

Renato Coelho Baumann das Neves

Chefe de Gabinete

Bernardo Abreu de Medeiros

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Governo do Estado de Minas Gerais
Governador Alberto Pinto Coelho
Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão
Secretária Renata Maria Paes Vilhena



A FJP tem por finalidade realizar estudos, projetos de pesquisa aplicada, prestar suporte técnico a instituições públicas e privadas, formar e capacitar recursos humanos, bem como coordenar o sistema estadual de estatística, observadas as diretrizes formuladas pela Seplag.

Presidente

Marilyna Chaves

Vice-presidente

Rosane Marques Crespo Costa

Diretora do Centro de Estudos de Políticas Públicas

Paulo Camilo de Oliveira Penna

Jullana Rodrigues de Paula Chiarl

Diretor do Centro de Estatística e Informações

Frederico Poley Martins Ferrelra

Diretora do Centro de Pesquisas Aplicadas

Maria Aparecida Arruda

Elisa Maria Pinto da Rocha

Diretora da Escola de Governo

Professor Paulo Neves de Carvalho

Luclana Moraes Raso Sardinha Pinto

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças

Maria José Pires de Almeida

Chefe de Gabinete

Andrea Maria Ladelra Rodrigues

Assessora de Comunicação Social

Olívia Blttencourt

URL: <http://www.fjp.mg.gov.br>

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Collecção
MINEIRIANA
Série Clássicos

Coordenação editorial

Fundação João Pinheiro

Maria Marta Martins de Araújo

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Marco Aurélio Costa

Indicação para publicação

Roberto Borges Martins

Estudos críticos

Maria do Carmo Andrade Gomes

Renato Pinto Venâncio

Atualização toponímica e produção de índices

Maria do Carmo Andrade Gomes

Maria Marta Martins de Araújo

Camila Borges Freitas

Camila Lobato Rajão

Transcrição e modernização ortográfica

Olga Maria Alves de Sousa

Revisão ortográfica e gramatical

Heitor Vasconcelos Corrêa Dias

Apoio Administrativo

Luzia Oliva Barros

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Moraes e José Arnaldo Mendes | UTOPIKA EDITORIAL

Agradecimentos

Nemer Fornaciari Design e Manolo Garcia Florentino, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa

Imagem da capa

Gravura de Eugène Ciceri (1813-1890). Laranjeiras – Rio de Janeiro (RJ), 1852.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

S132d	Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet de Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil / estudo crítico Maria do Carmo Andrade Gomes, Renato Pinto Venâncio ; tradução e acréscimos Caetano Lopes de Moura – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2014. 1104p. 2 v., : il. (Coleção Mineiriana. Clássicos) ISBN 978-85-85930-62-2
	1. História – Brasil. 2. Geografia – Brasil. 3. Império – Brasil. 4. Mapas – Brasil. I. Gomes, Maria do Carmo Andrade; Venâncio, Renato Pinto; Moura, Caetano Lopes de (Trad.). II. Título.
	CDU 981(03)

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Tradução e acréscimos
Caetano Lopes de Moura

Estudos críticos
Renato Pinto Venâncio
Maria do Carmo Andrade Gomes

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

Belo Horizonte, Brasília

2014

Conselho Editorial da Coleção Mineiriana

Amílcar Vianna Martins Filho

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Bernardo Novais da Mata Machado

Caio César Boschi

Carlos Antônio Leite Brandão

Douglas Cole Libby

Eleonora Santa Rosa

Fábio Lucas Gomes

Friedrich Ewald Renger

Guy de Almeida

Juliana Rodrigues de Paula Chiari

Lucília de Almeida Neves Delgado

Marcus Vinícius de Freitas

Maria Efigênia Lage de Resende

Maria Marta Martins de Araújo

Marilena Chaves

Mário Borges Neto

Roberto Borges Martins

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO,
HISTÓRICO E DESCRITIVO
DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Segundo volume

SUMÁRIO GERAL DA OBRA

(PRIMEIRO E SEGUNDO VOLUMES)

Critérios editoriais	15
A construção de um Dicionário	17
<i>Renato Pinto Venâncio</i>	
Exatas e imprecisas: as imagens cartográficas do Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil	27
<i>Maria do Carmo Andrade Gomes</i>	
Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil	35
Aviso ao leitor	36
Dedicatória	37
<i>João Pedro Aillaud</i>	
Prólogo do tradutor	39
<i>Caetano Lopes de Moura</i>	
Primeiro volume	43
Segundo volume	543
Índice remissivo dos verbetes por província do Império	
Alagoas	1019
Bahia	1020
Ceará	1024
Espírito Santo	1026
Goiás	1027
Maranhão	1030
Mato Grosso	1031
Minas Gerais	1035

Pará	1042
Paraíba	1047
Pernambuco	1048
Piauí	1050
Rio de Janeiro	1051
Rio Grande do Norte	1056
Santa Catarina	1057
São Paulo	1059
São Pedro do Rio Grande	1062
Sergipe	1065

Índice antroponímico	1066
Índice dos topônimos atualizados	1078

Cartografia

Carta do Império do Brasil	1091, 1092, 1093
Plano da baía e cidade do Rio de Janeiro	1095
Plano da Bahia	1097
Plano de Pernambuco	1099
Plano do porto e cidade do Maranhão	1101
Plano do porto do Pará	1103

**DICIONÁRIO GEOGRÁFICO,
HISTÓRICO E DESCRITIVO
DO IMPÉRIO DO BRASIL**

CONTENDO

A ORIGEM E HISTÓRIA DE CADA PROVÍNCIA, CIDADE, VILA E ALDEIA;
SUA POPULAÇÃO, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, AGRICULTURA E PRODUTOS MINERALÓGICOS;
NOME E DESCRIÇÃO DE SEUS RIOS, LAGOAS, SERRAS E MONTES;
ESTABELECIMENTOS LITERÁRIOS,
NAVEGAÇÃO, E O MAIS QUE LHE É RELATIVO.

Obra coligida e composta durante vinte e seis anos de residência
e de longas peregrinações por diversas províncias do Império, com o auxílio
dum sem número de manuscritos, e de obras publicadas em diversas línguas
por escritores tanto antigos como modernos,
e de muitos documentos oficiais,

POR

J. C. R. MILLIET DE SAINT-ADOLPHE;
E TRASLADADA EM PORTUGUÊS DO MANUSCRITO INÉDITO FRANCÊS,
COM NUMEROSAS OBSERVAÇÕES E ADIÇÕES,

PELO

Dr. CAETANO LOPES DE MOURA,
NATURAL DA CIDADE DA BAHIA.

PUBLICADA PELAS DILIGÊNCIAS E DEBAIXO DA DIREÇÃO LITERÁRIA

DE J. P. AILLAUD,
VICE-CÔNSUL DE PORTUGAL EM CAEN,
Cavaleiro das Ordens de Cristo e de N. S. da Conceição de Vila Viçosa.

DEDICADO (COM PERMISSÃO ESPECIAL) A SUA MAJESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL.

**Ornada dum Mapa geral do Brasil, e de cinco Planos
das cidades e portos principais.**

TOMO SEGUNDO.

PARIS.

EM CASA DE J. P. AILLAUD, EDITOR,
11, QUAI VOLTAIRE.

1845

N

Nagé.¹ Lugarejo da província da Bahia, no distrito da vila de Maragogipe, com uma escola de primeiras letras para meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Naknenak. Tribo de Índios Puris que vivia na margem esquerda do rio Doce, além do salto das Escadinhas. Começaram a fazerem-se mais conversáveis desde o ano de 1835, e vão às vezes buscar trabalho na província do Espírito Santo; sem que se possa fazer neles fundamento, por serem de seu natural suspeitosos, sobretudo se se persuadem que lhes não faltado com o prometido.

Nambicuara. Tribo de Índios que moram nas margens do rio do Peixe, tributário do Tapajós. São tratáveis e industriosos, e fornecem víveres e remeiros aos passageiros que vão da vila Diamantina para a de Santarém, ou para a cidade de Belém.

Nanduí. Ribeira da província de São Pedro do Rio Grande,

a qual, depois de regar as terras das Missões, na direção do norte ao sul, vai misturar suas águas com as do rio Ibicuí, tributário do Uruguai.

Napo. Rio do Peru pelo qual subiu em 1637 Pedro Teixeira, com uma frota de canoas, em que iam setenta soldados portugueses e mil e duzentos Índios, e foi ter a Quito. Corre este rio por espaço de trezentas léguas nos Estados peruvianos, e ajunta-se afinal com o Amazonas pela margem esquerda, em quatro graus de latitude e em setenta e três pouco mais ou menos de longitude oeste.

Natal.² Cidade capital da província do Rio Grande do Norte, na embocadura do rio Potengi ou Grande, a uma légua do mar. Foi fundada por Jerônimo de Albuquerque, o qual, em 1597, foi mandado pelo governador general do Brasil D. Francisco de Souza, por ordem d'El-Rei Filipe II da Espanha e I de Portugal, a estorvar o comércio de pau-brasil que ali vinham fazer os estrangeiros. Teve este capitão renhidos combates por espaço dum ano com os Índios que ali residiam, até que tratando aliança com *Sorob ibé*, cabe-

ceira dos Potiguares, inimigos dos Tupinambás, de que eram oriundos, aproveitou-se daquele remanso para lançar os alicerces duma povoação a que pôs o nome de Natal por coincidir a inauguração da igreja que ali fez edificar com a festividade do Nascimento de Nosso Senhor do ano de 1699. Conservou-se Jerônimo de Albuquerque por algum tempo nesta cidade, mas tendo-a deixado, sucedeu-lhe no cabo de quatro para cinco anos Martim Soares Moreno, o qual, com dous soldados e alguma gente que trazia, ali se fortificou, e erigiu uma igreja de que foi padroeira a Senhora do Patrocínio; foi Martim Soares ajudado em suas empresas pelos Índios governados pelo chefe Jacaúna, cuja afeição tivera a indústria de conquistar, amoldando-se aos seus costumes a ponto de andar pintado com as cores entre eles usadas, quando por ventura tinha de assistir a algumas das suas festas; desta arte não só soube Moreno ali conservar-se, mas até foi ajudar a Jerônimo de Albuquerque a expulsar da ilha do Maranhão os Franceses. As guerras que Filipe II sustentava na Europa lhe não permitiam de dar o devido cuidado à colônia do Brasil, e

¹ Atual distrito de Nagé, município de Maragogipe/BA. (N/E)

² Atual cidade de Natal/RN. (N/E)

Natal

no entretanto os Holandeses se tinham apoderado da capitania de Pernambuco, e com menos custo se tornaram senhores, em 1633, da medíocre vila do Natal, que foi elevada à categoria de cidade pelo príncipe de Nassau, o qual lhe deu por armas uma ema, espécie de abestruz a que os Índios chamavam nhandu-guaçu, por isso que eram mui abundantes naqueles despovoados. Tendo os Pernambucanos, no cabo de vinte anos de guerra, obrigado os Holandeses a evacuar a província, foi o norte do Brasil recuperado pelas armas d'El-Rei D. João IV, o qual, no ano de 1654, fez dom desta cidade a Manoel Jordão; porém como este naufragasse na ocasião do desembarque, tornou a cidade para a Coroa, e passados alguns anos, no de 1689, foi erigida em condado por D. Pedro II em favor de Lopo Furtado de Mendonça, o qual o conservou até a sua morte. O juiz de fora que ali havia sido posto nesse mesmo tempo para administrar às partes a justiça, foi substituído por um ouvidor, em virtude dum alvará de 25 de março de 1818, que criou a comarca do Rio Grande do Norte; e um segundo alvará de 3 de fevereiro de 1820 criou nesta cidade uma alfândega, qualificando-a pela primeira vez de capital da província do Rio Grande do

Norte, sem que houvesse anteriormente uma resolução régia que autorizasse a criação de tal província. Esta cidade, que também se acha designada na história com o nome de cidade dos Reis, está vantajosamente situada num teso da margem esquerda do Potengi ou rio Grande, e se dilata por uma e outra do ribeiro chamado Varadouro. As ruas são irregulares, as casas aparatosas, mas térreas, e os únicos edifícios notáveis que nesta cidade se veem são o palácio do governador, a alfândega e a casa da inspeção do algodão. Tem a cidade do Natal da antiga data escolas de primeiras letras e cadeira de latim. A igreja matriz é dedicada a N. S. da Apresentação, há além dela mais quatro, que são as de N. S. do Bonfim, de N. S. do Rosário, do Bom Jesus das Dores da Ribeira e de Santo Antônio, que é espaçosa, e pertence aos militares. Sendo esta cidade a capital da província, nela tem as suas sessões a assembleia legislativa provincial, e nela reside o presidente e o comandante das armas da província; o que não obstante não passa de ser uma grande vila: assim o declarava no discurso da abertura das sessões da assembleia provincial, o presidente dizendo aos deputados: “Pelo que diz respeito à capital, apesar das vantagens que se po-

deriam tirar de sua situação, ela não oferece nenhuma das comodidades de qualquer vila da Europa, e nem sequer as que se encontram em muitas das do Brasil. Falece de edifícios para as administrações públicas; as ruas são estreitas, por calçar e entulhadas de areia; não temos nem lâmpões para nos alumiar a noite, nem fontes, nem cais, nem hospital, nem cadeia, nem outras muitas cousas de que tem necessidade a população dum cidade do Império.”

Jaz o porto da cidade do Natal numa espécie de baía entre a cidade e o forte dos Reis Magos, e seria um dos mais importantes do Brasil, se se tivesse o devido cuidado de o alimpar; porém infelizmente se acha entupido com parcéis na embocadura do Potengi ou rio Grande, o que dificulta grandemente a entrada aos navios de porte, não assim aos barcos, que podem facilmente entrar na baía onde encontram ótimo surgidouro, e vêm de Pernambuco com fazendas da Europa e outros objetos úteis de que a província carece, e levam em câmbio algodão, pau-brasil, drogas de medicina e outros produtos do sertão da província. O distrito da cidade do Natal confina, ao norte, com o da vila de Extremoz; ao poente, com o da Vilanova do

Príncipe; ao sul, com o da nova vila de Goianinha; e da parte do nascente, cerca-o com suas águas o Oceano. Avalia-se a sua população em dez mil habitantes, cuja principal indústria consiste na agricultura dos gêneros do país, canas-de-açúcar, algodão, tabaco, arroz, mandioca, feijões e milho.

Natividade.³ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, em onze graus e vinte e dous minutos de latitude, cento e cinquenta léguas ao norte da cidade de Goiás, e duas arredada da margem direita do rio de Luiz Alves (*Manoel Alves Meridional*). Manoel Rodrigues de Araújo descobriu em 1734 algumas minas de ouro nas adjacências desta povoação, e os que o seguiam se aproveitaram do que encontraram num pequeno rio a que puseram o nome de Santo Antônio. Passados dous anos, o governador de São Paulo D. Luiz de Mascarenhas, indo em pessoa àquele sítio para pôr termo à guerra que reciprocamente se faziam os diversos aventureiros que para ali haviam concorrido, fundou uma vila nas margens do rio ou antes ribeiro de Santo Antônio, que se ajunta com o já

mencionado Luiz Alves ou Manoel Alves Meridional, duas léguas mais adiante, e pôs-lhe o nome de São Luiz. As diferenças que se tinham alevantado entre os mineiros procediam das pretensões do governador do Maranhão, que desejava estender os limites do seu governo até as novas minas inclusivamente; as quais, por decisão régia de 1740, foram definitivamente declaradas pertencerem à comarca de Goiás, assinalando-se-lhes por limites o rio Manoel Alves, que corre muito mais ao norte. Esgotadas as minas, achou-se a vila de São Luiz com metade da população que tinha, e descaiu a ponto de ser conhecida com o modesto nome de arraial da Natividade, em razão de ser a sua igreja, que foi criada paróquia em 1759, dedicada à Natividade de N. S. Como as ruas desta povoação tivessem originalmente sido bem traçadas, e fossem alinhadas e largas, e os ares fossem puros, os ouvidores, corregedores e vigários gerais de ordinário foram residir nela, e em 1831 três decretos do dia 7 de junho lhe concederam uma cadeira de latim, uma escola de primeiras letras para meninas, e uma de ensino mútuo para meninos, e

afinal a assembleia provincial lhe restituiu o título de vila, conservando-lhe o nome de Natividade, e não o de São Luiz com que fora criada. Acha-se esta vila adornada com três igrejas; uma da invocação de N. S. do Rosário, outra de São Benedito pertencente aos pretos, e a matriz onde se ajunta um grande concurso de fiéis no dia de 8 de dezembro, em que se soleniza a festa da Padroeira. Consta o distrito da vila da Natividade do vasto termo de sua freguesia, que encerra as povoações da Chapada e do Bonfim. Os habitantes, avaliados em mais de dous mil, há muito que se deixaram da mineração, e se aplicaram em geral à agricultura das canas, tabaco, milho e algodão. O viandante que vem dos distritos onde a mineração está em vigor, em entrando neste, sente-se agradavelmente abalado vendo o ar de robustez e de saúde de seus moradores.

Natividade. Ilha roqueira que divide em duas partes o rio Doce, na extrema da província de Minas Gerais. Quando este rio leva bastante água, descem as embarcações pelo braço da margem direita, distância de uma légua até Porto de Souza,

³ Atual cidade de Natividade/TO. (N/E)

Natuba

sem encontrar outros obstáculos aqui e ali que a nímia velocidade da correnteza.

Quando faltam as chuvas costumam os passageiros descarregar em nesta ilha as fazendas e fazê-las transportar pelos marinheiros que as levam às costas de ilhote em ilhote, ou ao longo da margem do rio até o porto, donde são de novo embarcadas para concluir a viagem.

Natuba.⁴ Povoação importante da província de Paraíba, ao sul e no distrito de Vila Real de São João, com uma igreja da invocação de N. S. do Rosário, filial da matriz da sobre-dita vila.

Natuba. Antiga aldeia da província da Bahia. (V. *Soire*, vila.)

Naufregados. Ponta de terra na extremidade meridional da ilha de Santa Catarina. Podem nela naufragar as embarcações que entram na baía pela barra do sul, se a maré e o vento lhes são contrários. Para o fazerem com sucesso devem entrar na enchente da maré com tempo sereno e vento em popa, aliás as correntes as fazem dar à costa nesta ponta ou na ilha Araçatuba, que jaz

distante dela obra de cento e oitenta braças.

Navarro. Monte no sul da província de São Pedro do Rio Grande; cujo cume, que fica entre o monte dos Castilhos Grandes e o *Xafalote*, e por detrás de ambos, é um dos pontos de demarcação entre o Estado Oriental e o império do Brasil.

Nazaré. Nome duma das comarcas da província de Pernambuco, de que é cabeça a vila de Nazaré das Matas. Consta do distrito desta nova vila e dos termos das freguesias de Laranjeiras e de Tracunhaém.

Nazaré.⁵ Vila da província da Bahia, na margem esquerda do rio Jaguaripe, a seis léguas de sua embocadura na Barra Falsa. Era antigamente uma medíocre povoação cujos moradores se ocupavam unicamente no cultivo da mandioca, e em fazer farinha; motivo por que os Baianos a apelidaram Nazaré das Farinhas. Em 1831, por decreto de 25 de outubro, foi esta freguesia condecorada com o título de vila, conservando o nome de Nazaré que tinha do orago de

sua matriz. Em 1832, por decreto de 16 de junho, foram-lhe concedidas duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas, e além disto escolheram-na para cabeça dum colégio eleitoral. Seu distrito compõe-se dos termos das freguesias de Nazaré e de São Miguel, em que se acham a Aldeia, e as povoações de Estiva, Lages, Maracá, Maragogipinha, Mata da Igreja e Retiro. Suas confrontações são as seguintes: os ribeiros de Barra Podre, da Aldeia e de São Bernardo; a estrada das povoações do Retiro e da Estiva, o ribeiro Jiquiriçá, a estrada de Santa Inês até o distrito de Valença, da banda do sul; e a várzea de Maracá da parte do noroeste, a qual o separa do distrito de Maragogipe. Sua população arriba acima de dous mil vizinhos que cultivam os víveres do consumo ordinário, e abastecem de farinha de pau, de tijolos e telhas a cidade da Bahia, gêneros que embarcam em grandes barcos que, com favor da maré, descem pelo rio Jaguaripe, do-bram a ponta ao norte da ilha de Itamaracá, e atravessando a baía de Todos os Santos aportam no porto da capital da província.

⁴ Atual cidade de Natuba/PB. (N/E)

⁵ Atual cidade de Nazaré/BA. (N/E)

Nazaré das Matas

Nazaré.⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito de São João del Rei. O título de paróquia, de que estava de posse a igreja da povoação da Conceição, foi transferido para a igreja de N. S. de Nazaré, por lei provincial do 1º de abril de 1841, que lhe assinalou por filiais as das povoações da Conceição e de Ibituruna.

Nazaré. Freguesia da província do Pará, na margem esquerda do rio Negro, quatro léguas acima de Camanaú e trinta e quatro abaixo da aldeia de Macarabi. Sua matriz tem por padroeira a Senhora de Nazaré, e seus moradores são Índios de diversas tribos. Entre esta freguesia e a povoação de Camanaú acha-se o rio Negro embaçado com a cachoeira Cojubi, antes e depois da qual diversos arrecifes dificultam grandemente a navegação. (V. *São Gabriel*, forte.)

Nazaré. Povoação da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Mearim. (V. *Mearim*, vila.)

Nazaré.⁷ Povoação da província do Pará, meia légua ao

nordeste da cidade de Belém. Sua igreja é visitada com frequência pelos habitantes desta cidade e pelos das mais remotas partes da província. Há nesta povoação um obelisco que foi erigido em 1782 pelo governador José de Nápoles Teles de Menezes, e que, em 1840, o presidente da província João Antônio de Miranda mandou consertar.

Nazaré. Povoação medíocre da província de Piauí, no distrito da cidade de Oeiras; está assentada nas margens do rio que dá seu nome à província, perto de sua confluência com o Canindé, e é decorada dum igreja dedicada a N. S. de Nazaré, filial da matriz de Oeiras, de que se acha arredada distância de doze léguas ao nascente. Em suas adjacências existe uma lagoa do mesmo nome, que tem légua e meia de comprido, em cuja direção a atravessa o rio Piauí.

Nazaré. Registo e lugarejo da província de Minas Gerais, uma légua ao sul da nova cidade de Paracatu. Foi ali posto para tolher o extravio de ouro e dos diamantes de que dizem abundam os rios e ribeiros

Abaité, Andaia, Prata, Preto, Santo Antônio e do Sono.

Nazaré.⁸ No princípio do século XVII havia um forte deste nome, sete léguas ao norte do Recife de Pernambuco, e quando, em 1632, o almirante Van Scop o investiu sem sucesso, comandava-o o famoso Bento Maciel, cognominado o *Carniceiro dos Índios*. É o mesmo forte chamado atualmente *Aí*, por se achar sito na embocadura do ribeiro deste nome. (V. *Pontal de Nazaré*.)

Nazaré das Matas.⁹ Vila da província de Pernambuco, quatorze léguas ao noroeste da cidade do Recife. Está assentada a pequena distância do ribeiro Tracunhaém: sua igreja foi criada paróquia em 1839, por lei provincial de 30 de abril, a qual lhe assinalou por limites: ao nascente, o ribeiro Tracunhaém, da confluência do Matari, passando por entre as fazendas de Diamante e Brejo, ao meio dia, a estrada que passa pelos engenhos Poji, Morojó, Angélica e Tabatinga; ao poente e ao septentrião, o termo da freguesia de Laranjeiras; seu distrito é

⁶ Atual cidade de Nazareno/MG. (N/E)

⁷ Atual bairro de Nazaré, cidade de Belém/PA. (N/E)

⁸ Atual cidade de Cabo de Santo Agostinho/PE. (N/E)

⁹ Atual cidade de Nazaré da Mata/PE. (N/E)

Nazaré do Cabo

formado dos termos das freguesias de Laranjeiras, de Tracunhaém, e também do da sua.

Nazaré do Cabo.¹⁰ Povoação da província de Pernambuco, no distrito da vila do Cabo de Santo Antônio, com uma capela da invocação da Senhora de que a povoação se intitula.

Necessidades ou Santo Antônio.¹¹ Freguesia da ilha e província de Santa Catarina, cousa de duas léguas ao norte da cidade do Desterro, na *Praia Comprida*, que oferece ótimos pontos de vista. Teve esta povoação por largos anos o nome de Santo Antônio, que trocou pelo de Necessidades, com que é vulgarmente conhecida, depois que a sua igreja foi dedicada à Senhora desta invocação. Fez a dita igreja as vezes de paróquia desde o ano de 1750, e alcançou o título cinco ou seis anos depois por diligências do governador D. José de Melo Manoel. Em 1832, criou-se afinal nela uma escola de primeiras letras. Seu termo encerra obra de trinta fábricas de destilação de aguardente e três mil habitan-

tes, lavradores de canas, de milho, linho, mandioca e hortaliças, de cujas sementes abastecem a capital do Império, bem como dos produtos de suas destilações.

Negra ou das Esmeraldas. Serra da província de Minas Gerais, entre as cabeceiras do rio Araçuaí e a margem direita do Jequitinhonha, onde Fernando Dias Pais achou esmeraldas em 1674 e 1676. Encerra grande quantidade de mineral de ferro, e cristais de diversas cores.

Negra. Serra da província das Alagoas, quinze léguas ao nordeste do rio de São Francisco, e nas adjacências do Pajeú. É alta e povoada de basto arvoredos amiúde açoitado do vento. Nela vivem os Índios Chocós, já meio civilizados.

Negra. Serra do sertão da província de Sergipe: tem muita extensão, porém pouca altura; no alto dela há várias lombas, donde nasce o ribeiro Jacaré, tributário do rio de São Francisco. Povoam-na os Índios Chocós, oriundos, segundo a opinião geral, da grande nação dos Tupinambás.

Negra. Serra da província de Goiás, entre as vilas de Meia Ponte e de Traíras.

Negra. Ponta da costa oriental da província do Rio Grande do Norte, obra de três léguas ao sul da embocadura do rio Potengi ou Grande. Deve esta ponta o nome que tem à cor escura do arvoredos de que se acha vestida, a que dá maior realce a alvura da areia da praia. Ao pé dela, jaz o lugarejo chamado Conceição, do distrito da vila de Mipibu.

Negra. Bahia ou enseada do rio Paraguai, na província de Mato Grosso, na margem ocidental do sobredito rio, onze léguas abaixo do forte da Nova Coimbra. Nela se ajuntam as águas que alagam os campos que jazem ao poente e ao meio dia da serra de Albuquerque.

Negro. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira, chamado pelos indígenas Guriguacuru, nome que os primeiros exploradores portugueses trocaram no de Negro, por isso que suas águas com serem límpidas têm certa tinta escura, mormente

¹⁰ Povoado de Nossa Senhora de Nazaré, município de Cabo de Santo Agostinho/PE. (N/E)

¹¹ Atual distrito de Santo Antônio de Lisboa, município de Florianópolis/SC. (N/E)

se se comparam com as águas louras do Hiapura, com o qual corre paralelamente obra de dez léguas antes de ajuntar-se com o Amazonas. Nasce este rio na província de Popaiã, ao sul do rio Caquentá, e ao nordeste do Hiapura. Seus primeiros afluentes mais notáveis são: o canal chamado *Cassiquiari*, que comunica com o Orenoco e os rios Dimiti, Ixié, Içana e Ucaiari. Até a confluência deste último, o álveo do rio Negro é semeado de arrecifes e cachoeiras que tornam por extremo trabalhosa a navegação; mas passada ela, seu curso é ora sereno, ora torrentoso, e oferece aos que por ele descem as grandes cachoeiras do Caldeirão, Paredão, Crocobi, Furnas, Cojubi e Maracabi. Dali em diante corre com mais serenidade engrossando-se com as águas de vários rios, seus tributários, entre os quais o de maior cabedal é o rio Branco, que se lhe ajunta pela margem esquerda, entre a povoação de Carvoeiro e a vila de Moura. Doze léguas antes de se ajuntar com o Amazonas, deita o rio Negro um braço de sua margem direita, que corre para o sul, e o corpo dele continua a encaminhar-se rumo de nordeste até entrar no Amazonas, com uma embocadura de três léguas de largura, em três graus e dez minutos

de latitude meridional. Suas águas passam por serem diuréticas, e não são menos saudáveis que límpidas. Subindo-se por este rio acima partindo do Amazonas encontram-se em suas margens, segundo o roteiro dum viajante moderno, as povoações seguintes:

Até a vila de Manaus ou de Rio Negro, sobre a margem esquerda	3 léguas.
A freguesia de Airão, sobre a direita	43
A vila de Moura, id	12
A freguesia de Carvoeiro, id	9
A de Poiares, id	17
A vila de Barcelos, id	7
A de Moreira, id	16
A aldeia do Tomar, id	17
A de Lamalonga, id	3
A freguesia de Santa Isabel, id	17
A aldeia Maracabi, sobre a esquerda	18
As freguesias de Caldas, sobre a esquerda, de Loreto de frente, de São Pedro mais acima sobre a margem direita, e mais adiante sobre a mesma margem à de Castanheira	14
A aldeia de Camundé, à direita	3
A freguesia de Camanaú, esquerda	12
A de Nazaré, id	4
Ao forte de São Gabriel, id	2

A freguesia de Coané, direita.....	10
A de Iparana, id	8
A da Guia, id	1
As diversas freguesias que se sucedem de Santana, na margem direita, de São Felipe e de Mabé, sobre a esquerda.....	12
A de São Marcelino, sobre a direita	4
Ao forte de São José de Marabitanas	9

Total241 léguas.

A aldeia dos Marabitanas, ao pé do forte de São José do mesmo apelido, é a derradeira povoação do Brasil sobre o rio Negro. As canoas que vão com fazendas da cidade de Belém para esta aldeia gastam na viagem oitenta para noventa dias, e a gente do mar avalia a distância em quatrocentas e oitenta e cinco léguas segundo as voltas que fazem os rios.

Negro. Rio da América meridional. Vem do sul do império do Brasil, corre do norte para o sudoeste no Estado Oriental, engrossando-se com as águas doutros muitos, e principalmente com as do Hi, e vai lançar-se no Uruguai, perto do São Domingos de Soriano, no cabo dum curso navegável de obra de oitenta léguas.

Negro

Negro. Rio da província de Mato Grosso que se julga ser o Sambambaia, assinalado no roteiro dos primeiros exploradores desta província, e que se ajunta com o Paraná, seis léguas acima da confluência do Ivinheima.

Negro. Rio que servia antigamente de demarcação neste ponto, entre as províncias de Mato Grosso e do Pará. Vem do vertente setentrional da parte nordeste da cordilheira Parecis, oito léguas ao norte do nascente do rio Cuiabá; corre de leste para noroeste, ao poente do rio Xingu, em terras despoçadas, e vai juntar-se com o Arinos, pela margem direita.

Negro. Pequeno rio da província de São Paulo. Nasce do vertente ocidental da serra Cubatão, por detrás da ilha de São Francisco, corre pelos campos curitibanos e vai se lançar pela margem esquerda no rio Curitiba ou Iguaçu. Este rio é cortado pela estrada que corre entre as cidades de Porto Alegre e de São Paulo. Falece de ponte, e a corrente em algumas ocasiões tem muita força.

Negro. Ribeiro a és-nordeste da província de Goiás, que a separa da de Piauí.

Neves.¹² Aldeia da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Macaé, cinco léguas ao poente da vila deste nome. No meado do século XVIII o missionário Antônio Vaz Pereira se entranhou nas matas de Macaé, e foi ter a uma aldeia de Índios Sacurus, os quais em grande parte viviam derramados pelas margens das lagoas e ribeiros daquelas adjacências, e tendo-os ajuntado fez com que fizessem uma capela que foi dedicada a Santa Rita: prosperou aquela pequena povoação em quanto viveu o missionário, mas por morte dele tornaram-se a maior parte dos Índios para as matas: quando em 1765 a igreja de Santa Rita, em virtude duma resolução régia de 24 de dezembro, foi elevada à categoria de paróquia, dando-se-lhe por vigário o padre José das Neves Pereira, ajuntaram-se aos poucos Índios que ali haviam ficado alguns brancos, e a igreja tomou o nome de N. S. das Neves e Santa Rita. Seu termo era mui vasto, mas tiraram-lhe tudo quanto constituiu atualmente o da freguesia da vila de Macaé, de sorte que confronta presentemente ao norte com o de Quiçamão; a leste com o de Macaé; ao

sul com o de Ipuca ou Barra de São João, e ao oeste com a serra dos Aimorés que o separa do da freguesia da Nova Friburgo. Seus habitantes que se elevam a mil traficam em madeiras de construção, colhem milho, feijões, arroz e outros gêneros do país, que descem pelos rios de São Pedro, Macaé e outros, e são vendidos nos mercados do Rio de Janeiro.

Neves.¹³ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Sabará. Nos últimos meses do ano de 1838, Antônio Luiz Avelar assentou neste lugar três máquinas de fiar algodão guarnecida cada uma de vinte e oito rocas, as quais se acham em plena atividade, e fiam bastante algodão, se bem que algum tanto grosso; deve-se esperar que com mais algum favor chegará a produzir um fiado mais fino. Bem haja o patriota esclarecido que consagra as suas vigílias, cabedais e talentos para dotar sua pátria dos estabelecimentos de que carece!

Nhamundás. Tribos índias e rio da Guiana brasileira. (V. *Jamundá*.)

¹² Atual cidade de Macaé/RJ. (N/E)

¹³ Atual cidade de Ribeirão das Neves/MG. (N/E)

Nhengaíbas. Numerosas tribos de Índios que dominavam na ilha Marajó. Quando os Portugueses começaram a estabelecer-se na província do Pará, tinham estes Índios grande quantidade de canoas a que chamavam *igaras*, que governam com suma destreza, motivo por que foram denominadas Igaruanas. Doutrinou-os na religião cristã o célebre padre Vieira, e foram eles que em 1638 serviram de remeiros a Pedro Teixeira, quando se aventurou a subir por diferentes rios até os Andes e a cidade de Quito, donde tornou para o Pará no ano seguinte. Tinham estes Índios por armas lanças, setas, arcos e certa espécie de maça. Atualmente acham-se mesclados com os Tupinambás, e empregam-se em pescarias e em vários trabalhos próprios da gente do mar.

Nhundiaquara. Ribeirão da província de São Paulo; corre rumo do sul, e lança-se na baía de Paranaguá, defronte da vila de Antonina. Frequentam-no sem a menor dificuldade as canoas.

Niterói. Comarca da província do Rio de Janeiro, de que é cabeça a cidade de seu nome.

Foi criada por lei da assembleia provincial de 13 de abril de 1835, e consta unicamente dos populosos distritos de Niterói e de Magé.

Niterói.¹⁴ Antiga vila, chamada *Praia Grande*, e nova cidade capital da província do Rio de Janeiro, numa das enseadas e ao nascente da baía de seu nome. Foi originalmente uma povoação da tribo de Índios chamada Carí, que vieram assentar morada naquele sítio depois de tomada a ilha fortificada por Villegagnon nesta baía. (V. *Vilagalhão*.) A povoação apelidada *Praia Grande* não foi durante muito tempo outra cousa mais que uma capela da invocação de N. S. da Conceição, fundada em 1671 com algumas casas derramadas numa praia arenosa e movediça, e só depois de 1815 é que começou a crescer e engrossar-se com a presença do príncipe regente, que ali foi passar revista à divisão portuguesa que partia para Montevidéu. Era esta povoação já considerável quando um alvará de 10 de maio de 1819 lhe conferiu o título de vila, assinando-lhe por patrimônio alguns centos de braças dos areais nos quais se acha assentada a cidade atual, com

mais algumas terras que nesse tempo estavam devolutas e sem dono, e dando-lhe por distrito os termos das freguesias de Icaraí, São Lourenço, São Gonçalo e Itaipu. Foi o plano da vila novamente criada desenhado por José Clemente Pereira, seu primeiro juiz de fora. As largas ruas que se traçaram naquela estéril planície se povoaram em breve tempo de casas, de cercas e tapumes alinhados, de hortas e de pomares: fez este meritíssimo administrador construir várias fontes que já não existem, e entre elas uma na raiz do monte de São Lourenço, que foi reedificada em 1836; mandou fazer uma casa para a câmara com sua competente cadeia na extremidade sudoeste duma espaçosa praça, e no meio dela lançou os alicerces do coro duma igreja, cuja fábrica não foi continuada por seus sucessores. Em 1831 os moradores a fizeram acabar, e juntaram-lhe o frontispício e o altar-mor, e esta igreja foi posta em lugar da antiga matriz de Icaraí que se achava inteiramente arruinada. Num alto ao oriente desta praça vê-se a igreja da Conceição que pertence a uma confraria. Os numerosos degraus do adro, e

¹⁴ Atual cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Niterói

alguns teixos plantados no terado diante do modesto frontispício são dum aspecto ao mesmo tempo simples e agradável. Mais perto do mar, e a certa distância do teso onde está assentada a igreja, existe um teatro edificado em 1841, onde os habitantes da capital do Império não se desprezam de se ir recrear nas belas noites. Em virtude da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834, foi a vila real da Praia Grande escolhida para assento da assembleia legislativa provincial em sua primeira sessão, e por lei de 6 de março de 1835, dada pela mesma assembleia, veio ela a ser capital da província do Rio de Janeiro, e em 2 de abril do ano seguinte foi-lhe conferido o título de cidade, com o nome de Niterói, posto pelos Índios à baía que se acha defronte da cidade do Rio de Janeiro. É esta nova cidade juntamente cabeça da comarca de seu nome, e dum colégio eleitoral composto de obra de cinquenta eleitores. Em 1835, uma sociedade de pessoas apaixonadas da dança inaugurou com toda a solenidade, em um edifício notável no exterior, unicamente por sua vasta extensão, uma magnífica sala de dança como talvez não haja na Europa, a qual passados sete anos foi vendida, e nada mais é atualmente

que uma casa ordinária. Uma lei provincial de 13 de dezembro de 1836 lhe conferiu um estabelecimento útil, a saber: uma escola de arquitetura e de agrimensão, e outra de artes e ofícios lhe foi também concedida por uma nova lei de 20 do mesmo mês e ano. Os montes, cobertos de verdura a certa distância da cidade, e por detrás dela, seus cais arqueados defronte da baía, acompanhados de renques de casas elegantes e aparatosas, que se descortinam por entre as alamedas plantadas para temperar o ardor do sol, oferecem aos olhos do observador um dos mais risonhos painéis que dar-se pode, sobretudo se vem para a cidade por água. Neste cais há uma casa de recreio do governo imperial, qualificada de palácio, cuja frontaria se não vê por se achar escondida detrás de dous quadrados de obra de alvenaria de que consta o portal, que se acha a pequena distância em frente do edifício. A praça no meio da qual dissemos estava assentada a igreja foi decorada em 1841, por diante dum renque de árvores cercado duma grade de ferro entre a dita igreja e a casa da câmara. O governo provincial reside numa casa que jaz ao norte desta praça, no alinhamento da estrada que conduz a Nova Friburgo. Esta cidade é junta-

mente cabeça duma legião de guarda nacional, e nela tem as suas sessões a assembleia provincial. Seu distrito é formado do termo de sua freguesia e dos de São Gonçalo, de Itaipu e da aldeia de São Lourenço. Dum alistamento que foi feito em 1833 resultou que a população deste distrito constava de mil trezentos e quinze fogos, com sete mil e quinhentos habitantes livres e vinte e dous mil escravos; população que se acha repartida entre a cidade e as freguesias de São Gonçalo de Itaipu e de São Lourenço, e entre as povoações do menor vulto de Jurujuba, Tocaio, Penitiba, São Domingos, que pertencem à cidade, como também Armação, Santana, Maruí, Columbandé, Tribobó, Santa Rosa, etc., todas com igrejas de pedra e cal, e mui aparatosas. Contém este distrito muitas fábricas de açúcar e de destilação de aguardente, fornos de telha, de tijolo e de cal, feita com conchas, três fábricas de curtume cujos edifícios se vão arruinando por isso que se acham abandonados. Colhe-se bastante café, e cultivam-se os gêneros e frutas do país.

Niterói ou Rio de Janeiro. Grande e magnífica baía da América meridional, em cujas margens estão assentadas a capital do império do Brasil e a

da província do Rio de Janeiro. Os Índios da nação Tamoiós, que dominavam em todo o país que medeia entre as possessões das nações Goitacases e as dos Carijós da província atual de São Paulo, chamavam a esta baía Niterói, de *hi*, água, e *nitheró*, escondida. O navegante espanhol João de Solis a descobriu em 1515, e Rui Falheiro e Fernando Magalhães tornando a achá-la passados quatro anos, puseram-lhe o nome de Santa Luzia, por terem nela entrado em 13 de dezembro, dia em que a Igreja soleniza a festa desta santa. Martim Afonso de Souza, explorando a costa do Brasil ao sul de Porto Seguro, nos anos de 1531 e 1532, achando-se nesta baía no 1º de janeiro, tomou-a por um rio, e pôs-lhe o nome de Rio de Janeiro, que até o presente conserva, com quanto haja mais de dous séculos que se veio no conhecimento de que era uma grande baía onde vinham desaguar muitos rios e ribeiros. Rochedos enormes cujas bases se acham cobertas de verdura, e cujos cumes tismados com a inclemência das estações são destituídos de toda a espécie de vegetação, tornam majestosa a entrada desta baía, que é defendida pelos fortes de Santa Cruz ao oriente, de São João ao ocidente, e pelo da Lage, que lhes

fica no meio. Cercam-na ao longe várias serranias que ajuntando-se formam uma grande cortina que não tem outras quebradas senão as que jazem entre estes três fortes, e ainda assim o da Lage, coroadado por um penhasco que surge do meio das águas, parece continuar-se com os dous outros: um sem número de montes e de outeiros, que se vão gradualmente arrasando até as margens da baía, oferecem um magnífico anfiteatro de verdura que desaparece por entre as nuvens. O forte de São João, ao pé do Pão de Açúcar, e o de Santa Cruz, na falda do pico do mesmo nome, deixam uma aberta ou entrada para a baía de pouco mais ou menos oitocentas e cinquenta braças. Avalia-se em mais de seiscentas a distância que há entre o forte de Santa Cruz e o da Lage, e nesta entrada dá a sonda de quatorze até sessenta braças d'água, assim que os navios nenhum perigo correm, senão o das correntes que, quando o vento lhes falta, os empuxam para os escolhos que se acham fora d'água. A boca ou entrada que jaz ao poente da precedente de obra de duzentas e cinquenta braças de largo, entre o mencionado forte da Lage e do de São João, é pouco frequentada, não porque faleça de fundo, pois que tem pelo

menos seis braças d'água, mas sim pela variedade dos ventos ocasionada pelos montes e serras vizinhas. Contam-se seis léguas da entrada desta baía até a povoação da Piedade, que se acha no fundo dela e defronte da boca, e não tem maior largura que a de quatro léguas. Os navios costeiros e barcos deixam atrás a ilha de Vilagalhão, e vão surgir no canal formado pela ilha das Cobras, e pelo sítio onde está assentada a cidade; os de maior porte dobram ambas estas ilhas, e vão ancorar acima da ponta da última delas defronte do cais da Prainha; porém os navios de guerra de ordinário dão fundo com vinte até cinquenta braças d'água, defronte da cidade, fora das mencionadas ilhas fortificadas de Vilagalhão e das Cobras. Diversas estradas correm em torno desta baía de povoação em povoação, estendendo-se na circunferência de trinta e quatro léguas com pouca diferença, porém no marítimo e ao longo da costa fazendo conta com todas as enseadas não tem esta baía senão dezesseis quando muito. As principais enseadas que nela se encontram são ao ocidente a de Botafogo, e ao oriente as de São Francisco e de São Lourenço. Da corda de montes que a cercam nasce um sem número de pequenos

Nogueira

rios e ribeiros que nela deságuam por diversos pontos, e facilitam o transporte dos gêneros que abastecem os mercados e armazéns do Rio de Janeiro. Entre os primeiros o maior é o Macacu, que dá navegação a barcos por espaço de quatorze léguas e a canoas por mais de seis acima até a junção do ribeiro Batatá; o Guapimirim, Anhamirim ou Inhomirim, Iguaçu, Magé, Miriti, Sarapuí e Suruí, admitem canoas além dos sítios onde chega a maré. Enfim tem a baía de Niterói muitas ilhas quase todas povoadas, o que não empeceria as evoluções de muitas esquadras: a maior delas é a do Governador; a de Paquetá, com ser mais pequena, e tão formosa de fora como de dentro; as demais são de mui curta extensão, e têm mui poucas casas.

Nogueira.¹⁵ Pequena vila da província do Pará, na margem esquerda do rio Tefé ou Tepé, quase defronte da vila de Ega. Foi originalmente a aldeia Traquatuá fundada pelo padre Samuel Fritz, na margem meridional do Amazonas, para doutrinar os Índios

Jumas, Ambuás, Cirus, Catauixis, Uaiupés, Hiauauais e Mariaranas, os quais depois foram transferidos para diversos lugares, e enfim para o sítio onde atualmente jaz a vila no decurso do ano de 1753, pelo padre Fr. José de Santa Teresa Ribeiro. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. do Rosário; as casas acham-se no meio dum pomar de laranjeiras, e os moradores Índios de diversas tribos fazem pescarias, criam gado vacum, e colhem cacau e salsaparrilha que exportam. As terras deste distrito são mui sujeitas às formigas, e à praga do pium, espécie de mosquito cujas ferretoadas ocasionam grandíssima comichão.

Norogagé. Nação de Índios que são tidos em conta de cruéis e dominam nas margens do Tocantins, abaixo do confluente do rio Araguaia. Há muito que por acaso os habitantes de São Pedro de Alcântara colheram às mãos três mulheres desta nação; uma não quis nunca mais sair desta aldeia, mas as outras duas voltaram para as matas prometendo tornar no cabo de duas luas com os chefes de sua nação,

que elas se obrigaram a fazer vir tratar com os brancos. Não nos conta porém tivessem cumprido com o prometido.

Norte. Nome da segunda comarca da província de Santa Catarina, a qual compreende os distritos das vilas de São Francisco, Porto Belo e São Miguel.

Norte. Cabo da Guiana brasileira. (*V. Cabo do Norte.*)

Noruega.¹⁶ Povoação da província de Minas Gerais. (*V. Conceição de Noruega.*)

Nossa Senhora da Ajuda.¹⁷ Freguesia da província do Rio de Janeiro, duas léguas ao nordeste da vila de Magé. (*V. Guapimirim, povoação.*)

Nossa Senhora da Ajuda.¹⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (*V. Governador, ilha.*)

Nossa Senhora da Aparecida.¹⁹ Lugarejo da província de São Paulo, cousa de meia légua ao sul da vila de Pindamonhanga, com uma igreja de N. S. desta invocação, mui visitada dos fiéis.

¹⁵ Atual localidade de Nogueira, município de Alvarães/AM. (N/E)

¹⁶ Atual povoado de Noruega, município de Botumirim/MG. (N/E)

¹⁷ Atual cidade de Guapimirim/RJ. (N/E)

¹⁸ Atual bairro de Freguesia, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

¹⁹ Atual cidade de Aparecida/SP. (N/E)

Nossa Senhora da Penha de França

Nossa Senhora da Conceição.²⁰ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Viamão*, povoação.)

Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira.²¹ Nova vila da província do Pará, na ilha Marajó. É, segundo nos parece, a antiga vila de Salvaterra, que foi reintegrada no título de vila com mudança de nome pela assembleia provincial.

Nossa Senhora da Conceição de Itamaracá.²² Vila da província de Pernambuco. (V. *Conceição de Itamaracá*.)

Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz.²³ Freguesia da província da Bahia. Como a população da capitania de Porto Seguro se aumentasse dentro em pouco tempo, foi tida em conta de paróquia desde o ano de 1680 uma capela de N. S. da Conceição que havia a cinco léguas da vila, e ao norte dela. Em 1716 construiu-se uma igreja de pedra e cal que foi criada paróquia por alvará de 12 de ja-

neiro de 1755; porém desde então a população do termo desta freguesia ficou no mesmo ser. Confronta ela, ao norte, com o distrito de Belmonte, ao nascente topa no mar; ao sul, pega como termo da freguesia de Porto Seguro; e ao ocidente, fenece na cordilheira dos Aimorés, que ainda povoam os Índios bravos da tribo Abatirás. Consta a população desta freguesia de oitocentos habitantes, em dez léguas de terra do norte ao sul, que tanto tem de comprimento o seu termo.

Nossa Senhora da Conceição do Estreito.²⁴ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Estreito*.)

Nossa Senhora da Glória.²⁵ Freguesia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. Está assentada nas margens do rio ou antes ribeiro das Éguas, afluente do rio Correntes, que se ajunta com o de São Francisco. Sua igreja, de que é padroeira N. S. da Glória, teve o título de pa-

róquia em 1809. Seus habitantes, que são mais de dous mil, se acham derramados em seu vasto termo, e se aplicam à criação de gado vacum que levam a vender à cidade da Bahia e às vilas das comarcas vizinhas.

Nossa Senhora da Graça.²⁶ Freguesia da província de Santa Catarina. (V. *São Francisco*, vila da mesma província.)

Nossa Senhora da Graça.²⁷ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Jequitinhonha, com uma igreja da invocação de N. S., filial da matriz da freguesia de São João Batista.

Nossa Senhora da Guia. Freguesia da Guiana brasileira, nas margens do rio Negro. (V. *Guia*.)

Nossa Senhora da Penha de França.²⁸ Povoação da província de Paraíba, no distrito da cidade. (V. *Penha de França*.)

²⁰ Atual cidade de Viamão/RS. (N/E)

²¹ Atual cidade de Ponta de Pedras/PA. (N/E)

²² Atual cidade de Ilha de Itamaracá/PE. (N/E)

²³ Atual cidade de Santa Cruz Cabralia/BA. (N/E)

²⁴ Atual distrito de Estreito, município de São José do Norte/RS. (N/E)

²⁵ Atual cidade de Correntina/BA. (N/E)

²⁶ Atual cidade de São Francisco do Sul/SC. (N/E)

²⁷ Atual cidade de Capelinha/MG. (N/E)

²⁸ Atual cidade de Pitimbu/PB. (N/E)

Nossa Senhora da Penha de França

Nossa Senhora da Penha de França.²⁹ Freguesia da província de Paraíba, no distrito de Alhandra. É a povoação de mais gente deste distrito, e está situada perto da lagoa Camusi, no sítio denominado Capão das Tacoaras, Nossa Senhora da Penha de França é a padroeira da matriz. A lagoa Camusi dá a palha chamada *peripiri* (V. este nome), com que os Índios fazem tapetes, esteiras e covos. Avalia-se em sete mil cruzados por ano o rendimento desta indústria nos distritos de vila do Conde e de Alhandra. Os brancos e mestiços cultivam mandioca, de que fazem farinha para o seu consumo e para venda, e colhem igualmente milho e feijões. Há neste termo sete engenhos que são outros tantos lugarejos; a saber: o de Abiaí, Tabu, Brandão, Outeiro e Camusi de Sangue, e os de Tabatinga, e de Cupissura que são d'água.

Nossa Senhora da Penha de França de Tacoará.³⁰ Freguesia da província de Paraíba. (V. *Penha de França de Tacoará*.)

Nossa Senhora da Penha do Rio Vermelho.³¹ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Penha*.)

Nossa Senhora da Purificação dos Campos.³² Povoação da província da Bahia. (V. *Purificação dos Campos*.)

Nossa Senhora das Necessidades.³³ Freguesia da Ilha de Santa Catarina. (V. *Necessidades*.)

Nossa Senhora das Neves e Santa Rita.³⁴ Antiga aldeia e freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Neves*, aldeia.)

Nossa Senhora do Carmo de Samambala.³⁵ Nova povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Samambala*.)

Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos.³⁶ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Uberava. (V. *Morrinhos*.)

Nossa Senhora do Bom Sucesso.³⁷ Freguesia da província de São Paulo, que era sita entre o rio Sas e a balsa ou rio de Guaratuba. Dizem que fora condecorada com o título de paróquia em 1670 uma igreja da invocação de N. S. do Bom Sucesso, a qual veio depois a arruinar-se depois que a igreja de São Luiz em Guaratuba foi elevada à categoria de paróquia. (V. *Guaratuba*, vila.)

Nossa Senhora do Monte. Povoação da província de Pernambuco, no distrito da cidade de Goiana, com uma capela de N. S. do Monte, que depende da matriz da povoação de Itambé.

²⁹ Atual cidade de Pitimbu/PB. (N/E)

³⁰ Atual povoado de Taquara, município de Pitimbu/PB. (N/E)

³¹ Atual cidade de Rio Vermelho/MG. (N/E)

³² Atual cidade de Irará/BA. (N/E)

³³ Atual distrito de Santo Antônio de Lisboa, município de Florianópolis/SC. (N/E)

³⁴ Atual cidade de Macaé/RJ. (N/E)

³⁵ Atual cidade de Carmo/RJ. (N/E)

³⁶ Atual cidade de Matias Cardoso/MG. (N/E)

³⁷ Atual cidade de Morretes/PR. (N/E)

Nossa Senhora do Oliveira.³⁸ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. Como a população se fosse rapidamente aumentando nos campos da Vacaria, e se fosse alargando cada vez mais para o norte, edificaram os vizinhos uma capela a N. S. do Oliveira, trinta léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Porto Alegre. Foi esta capela sagrada em 1761, e posta debaixo da dependência da igreja da aldeia de Viamão, porém não obstante isso desde logo começou a servir de paróquia em razão do mau estado dos caminhos, e da distância em que se achava das freguesias vizinhas, até que por fim foi legalmente elevada a esta categoria por alvará de 20 de outubro de 1805, com o nome de N. S. do Oliveira da Vacaria. Consta o seu termo de dilatadas campinas semeadas dum sem número de outeiros, e ao sul, pega com os termos das freguesias de Porto Alegre e de Viamão; a leste, com o da vila da Patrulha; ao norte, acha-se separado da província de Santa Catarina pela serra Geral, e da de São Paulo pelos nascentes dos rios

Pelotas e Uruguai, e da parte do oeste não tem confrontação certa nos campos da Vacaria. O registo da Vitória, na margem esquerda do rio Pelotas, acha-se no termo desta freguesia que, não obstante a guerra que hão feito os rebeldes, tem atualmente mil e trezentos fregueses derramados em seu vasto termo, os quais cultivam os gêneros necessários para sua subsistência, e criam grande quantidade de gado vacum, cuja carne charqueada se exporta para as províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro,

Nossa Senhora do Oliveira.³⁹ Antiga povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio de Paracatu, (V. *Oliveira*, vila, e *Oliveira*, povoação da província da Bahia.)

Nossa Senhora do Pilar.⁴⁰ Freguesia da província do Rio de Janeiro, cinco léguas ao norte da capital, e outras tantas ao poente da vila de Magé. Está assentada na margem esquerda do rio do mesmo nome, tributário do Iguçu. O termo desta freguesia confronta, pela banda do norte,

com o Pati do Alferes; da do nascente, com o de Inhomirim; ao sul, com o de Jacutinga; e ao poente, com o de Iguçu, e é regado pelos rios Pilar, Iguçu, Saracurana, Mantiqueira, Bananal e Couto, que são meros ribeiros, Tem um só engenho, e produz arroz, café e mandioca. O café e o açúcar, e os mais gêneros que não têm extração na freguesia, se embarcam para o Rio de Janeiro nos rios que passam por seu termo,

Nossa Senhora do Rosário.⁴¹ Freguesia da província de Santa Catarina. (V. *Rosário*.)

Nossa Senhora dos Anjos.⁴² Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, cinco léguas ao nordeste da cidade de Porto Alegre. O governador José Marcelino de Figueiredo ali colocou muitas famílias de Tapes que tinham fugido das missões do Uruguai, as quais, passado algum tempo, se derramaram por toda a província. Para dar alguma vida a esta povoação, fez o governador assentar teares, mandou fazer azenhas, e criou uma escola de primeiras

³⁸ Atual cidade de Vacaria/RS. (N/E)

³⁹ Atual cidade de Oliveira/MG. (N/E)

⁴⁰ Atual cidade de Duque de Caxias/RJ. (N/E)

⁴¹ Atual distrito Enseada do Brito, município de Palhoça/SC. (N/E)

⁴² Atual cidade de Gravataí/RS. (N/E)

Nossa Senhora dos Martírios

letras, um recolhimento de meninas, e uma grande fazenda onde se criaram até doze mil cabeças de gado para a subsistência das tropas que havia alevantado contra os Espanhóis que tinham invadido os domínios portugueses; mas pouco tempo bastou ao depois para se ver inutilizado o trabalho e desvelos de seis anos, por culpa dos que lhe sucederam. Esta aldeia, que se foi despovoando de Índios em proporção que se ia aumentando o número dos brancos e dos mestiços, está assentada num outeiro perto do ribeirão Gravataí, chamado por alguns Caraguataí, ou rio da Aldeia. Por alvará de 22 de dezembro de 1795, uma capela que havia nela, de que era padroeira N. S. dos Anjos, foi elevada à categoria de paróquia como as de todas as aldeias do Brasil. Seu termo se acha rodeado do rio do Sino ao poente; do ribeiro de Santo Antônio ao nascente, e do Gravataí ao sul, e abunda em madeiras de construção. Há nele vários fornos de telha e de tijolo. Em 1814, avaliou-se a sua população pelo modo seguinte:

Branco e mestiço, de ambos os sexos1.292
Índios de raça pura, id256
Livres de cor, id233
Escravos, id716
Recém-nascidos de toda condição156

—————
Total2.653 indivíduos,

que cultivam víveres, fabricam louça de barro, telhas e tijolos, cortam e preparam madeira, produtos que acham extração na cidade de Porto Alegre e na vila de Rio Pardo.

Nossa Senhora dos Martírios. Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Martírios*.)

Nossa Senhora do Socorro.⁴³ Povoação da província da Bahia. (V. *Socorro*.)

Nossa Senhora dos Prazeres.⁴⁴ Antiga aldeia da província de São Paulo, na margem esquerda do rio Paraná, setenta léguas abaixo da cachoeira das Sete Quedas, e perto do rio das Bogas. Em 1774, o governador da província D. Luiz Antônio Botelho Mourão fortificou esta aldeia,

mas seu sucessor tendo-a deixado em abandono dous anos depois, os Espanhóis, pretendendo que aquelas terras lhes pertenciam, a destruíram em 1777. As terras eram férteis, o milho e o arroz davam de cento e cinquenta até duzentas sementes, e o algodão era de superior qualidade.

Nossa Senhora dos Prazeres. Povoação da província de Mato Grosso, com uma igreja de N. S., dependente da matriz da cidade de Cuiabá.

Nossa Senhora dos Remédios.⁴⁵ Povoação da província de Minas Gerais, dez léguas a és-nordeste da cidade de Barbacena. O ribeiro Baobjuba rega o seu termo antes de juntar-se com o rio Chopotó. Sua igreja, da invocação da Virgem Maria, é filial da matriz da cidade de Barbacena.

Nosso Senhor do Bom Jesus do Monte.⁴⁶ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Paquetá*, ilha.)

Nosso Senhor do Bonfim da Chapada. Vila da província do Maranhão. (V. *Chapada*, vila.)

⁴³ Atual povoado de Socorro, município de São Francisco do Conde/BA. (N/E)

⁴⁴ Atual cidade de Paranhos/MS

⁴⁵ Atual cidade de Senhora dos Remédios/MG. (N/E)

⁴⁶ Atual bairro de Paquetá, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Nosso Senhor do Bonfim da Mata.⁴⁷ Povoação da província da Bahia. (V. *Mata*.)

Nosso Senhor dos Impossíveis. Povoação da província do Rio Grande do Norte, nos montes da serra Patu, do distrito de Porto Alegre, nas adjacências da província de Paraíba. Teve princípio numa ermida de Nosso Senhor, onde se faziam frequentes romarias. Esta ermida tem terras que lhe pertencem além das oferendas dos peregrinos que a vão quotidianamente visitar.

Nosso Senhor dos Passos. Povoação da província de Mato Grosso, com uma igreja dedicada ao Senhor dos Passos, filial da matriz da cidade de Cuiabá.

Nova Almeida.⁴⁸ Antiga aldeia dos Reis Magos, na província do Espírito Santo. (V. *Almeida*, vila.)

Nova Beira. Nome duma aldeia da província de Goiás, fundada na ilha do Bananal pelo governador José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho, onde foram

colocadas várias tribos de Índios Javaés e Carajás, que ele ali conservou usando de brandura, e foi assento dum julgado estabelecido pelo mesmo governador, depois de ter mandado fazer uma igreja que foi dedicada a Santana. A justiça da Nova Beira deu o seu nome a todo o distrito entre o Tocantins e o Araguaia. Os Javaés e os Carajás, passados tempos, se dispersaram, e a aldeia foi deixada ao desamparo, não obstante terem-se dispendido cinco contos de réis, e o grande proveito que oferecia uma povoação nesta ilha, que facilitaria a navegação da província do Pará com a cidade de Goiás. Talvez fosse mui fácil colocar neste lugar alguns Índios de mistura com alguns agricultores que lhes mostrassem a cultivar as terras, e os acostumassem à vida civilizada.

Nova Boipeba.⁴⁹ Nova vila de pouca importância da província da Bahia, na comarca de Valença. Foi originariamente uma aldeia do continente, defronte da ilha de Boipeba, de que deriva o

nome. Em 1832, criou-se nesta aldeia uma escola de primeiras letras, em virtude duma lei geral de 16 de junho, e uma lei provincial do 1º de junho de 1838 concedeu à sua igreja, da invocação do Senhor do Bonfim, o título de paróquia, e assinalou os limites de seu termo. Enfim, outra lei da mesma assembleia de 1840 lhe conferiu o título de vila com o nome de *Nova Boipeba*. Um decreto imperial de 15 de maio de 1842, tendo reunido debaixo da jurisdição dum só juiz municipal muitas vilas de pouca importância, a de Nova Boipeba foi reunida às vilas de Cairu e de Santarém. A povoação do distrito de Boipeba não passa de novecentos moradores, que cultivam os víveres de seu consumo, e colhem algum café que exportam, bem como alguma madeira de construção, que mandam para a Bahia.

Nova Coimbra.⁵⁰ Freguesia da província de Mato Grosso, na margem direita do rio Paraguai, e no vertente oriental da serra das Grutas do Inferno, em dezenove graus e cinquenta e cinco minutos de latitude e cinquenta e nove

⁴⁷ Atual povoado de Mata, município de Esplanada/BA. (N/E)

⁴⁸ Atual distrito de Nova Almeida, município de Serra/ES. (N/E)

⁴⁹ Atual cidade de Nilo Peçanha/BA. (N/E)

⁵⁰ Atual cidade de Corumbá/MS. (N/E)

Nova Friburgo

graus e seis minutos de longitude. É a povoação mais austral do Brasil, nesta margem do Paraguai e na fronteira dos Estados do Peru. O governador de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres, concebeu o projeto de fazer na margem oposta um forte para defender o passo chamado Fecho dos Morros; porém o que teve a seu cargo esta fábrica fez, vinte léguas mais abaixo, o da Nova Coimbra, em 1775, por ocasião dum acometimento repentino dos Guaicurus, e o governador fundou ao pé a povoação presidial, cuja igreja matriz é dedicada a N. S. da Conceição. Apesar deste forte subiram os Espanhóis pelo rio acima, com uma frota de quatro goletas e vinte canoas de guerra, apoderaram-se desta povoação, e investiram o forte em 1801, mas seu intrépido comandante Ricardo Franco de Almeida, com a pouca gente que tinha consigo, se houve por tal modo, que o comandante espanhol D. Lázaro da Ribeira se viu obrigado a levantar o sítio, e evacuar o país. Nos montes onde jaz este forte existem várias cavernas de imensa extensão. (V. *Grutas do Inferno e Santo Antônio do Amaranto*.) O termo de Nova

Coimbra encerra as povoações de Bom Jesus, de Rio Abaixo e de Termo de Cuiabá, e é anualmente alagado durante três meses, e retalhado de lagoas no restante do ano. Este excesso de umidade empece a toda outra sementeira à exceção da do arroz. Até ao presente não nos consta que os governadores no tempo dos Reis, e os presidentes da província de Mato Grosso durante o governo imperial, tenham feito o menor esforço para dar vida a este país, cuja situação oferece tantas vantagens, achando-se à beira do segundo rio do mundo, nem sabemos que tratassem de estabelecer relações comerciais com os domínios de Espanha, e em seguimento com os Estados independentes da vizinhança. É porém para se esperar que a assembleia provincial legislativa, de mãos dadas com as autoridades locais, solicitará o governo imperial a fazer tratados com seus vizinhos, e proporão e farão executar todos aqueles trabalhos que forem necessários para o melhoramento da província.

Nova Friburgo.⁵¹ Vila da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cantagalo,

trinta e duas léguas ao nordeste da capital do Império. El-Rei D. João VI, no tempo em que residia no Brasil, mandou vir com grandíssima despesa mil e quatrocentos Suços para povoar o sertão da província do Rio de Janeiro. Chegaram estes colonos ao Brasil no princípio de 1820, no primeiro ano todos eles receberam um subsídio de cento e sessenta réis por dia, entrando nesta conta as mesmas crianças de mama; distribuíram-se-lhes terras, havendo sido recebidos numa povoação feita por antecipação na serra do Morro Queimado, por ser esta a parte da província, cujo clima se assemelhava mais com aquele em que tinham vindo ao mundo; no segundo ano deu-se-lhes metade do subsídio, o que não obstante muitos dos colonos dum e doutro sexo se derramaram pelo distrito de Cantagalo, pela cidade do Rio de Janeiro e até pela província de Minas Gerais. O pequeno número dos que perseveraram em cultivar as terras que lhes foram dadas foram aumentados alguns anos depois com colonos alemães mandados vir pelo governo imperial. Estes novos colonos não receberam subsídios e por isso mesmo

⁵¹ Atual cidade de Nova Friburgo/RJ. (N/E)

foram mais constantes e perseverantes no trabalho. Um alvará de 3 de janeiro de 1820 conferiu a colônia suíça o título de vila, assinalando-lhe por distrito parte do de Cantagalo, e ordenando que a sua câmara seria formada metade de Suíços e metade de Portugueses ou Brasileiros. Escolheu El-Rei o santo do seu nome para padroeiro da nova vila, onde se estabeleceu um mercado no princípio e meado dos meses, e uma feira de três dias por ano em 24, 25 e 26 de junho. Concedeu-se-lhe também uma escola de primeiras letras que se abriu no princípio do ano de 1837. Há também nesta nova vila atualmente um colégio inglês instituído por Mr. Freez, onde se fazem ótimos estudos. O distrito de Nova Friburgo confronta ao norte com o de Cantagalo, ao oriente com o de Cabo Frio, e fenece da parte do sul no cume da serra da Boa Vista, donde nasce o rio Macacu, e da do ocidente no alto da serra dos Órgãos. A indústria dos habitantes espalhados por este distrito consistia no cultivo de mandioca, milho, feijões e canas; os novos colonos ajuntaram a das hortaliças, batatas, etc. As geadas empecem a plantação dos cafeeiros e outras plantas vivazes; os vales regados por vários ribeiros oferecem óti-

mos pastos para toda espécie de gado. Os colonos fazem mantelga e queijos frescos de superior qualidade, produtos que se gastam na terra, por ser mui dispendioso e demorado o transporte para o Rio de Janeiro. As altas serras que ficam ao sul de Nova Friburgo preservam o seu distrito da influência maligna dos ventos do meio dia; o ar é por extremo puro, e próprio para a convalescença das pessoas cuja saúde se acha alterada; e além deste requisito encontram ali os doentes e convalescentes para aconselhá-los um médico instruído como é o doutor Bazet.

Nova Itália. Colônia fundada na província de Santa Catarina por MM. Demaria et Schuttel. Foi infelizmente arruinada em 1838, por uma avalanche e vendaval que sepultaram debaixo de terra e de areia as casas e plantações; porém recobrando um novo valor, a-ferraram de novo os colonos com o trabalho e amanho das terras, e colhem milho, mandioca, arroz, algodão, canas-de-açúcar, café, tabaco e feijões, posto que não sejam mais de cento e trinta e três, repartidos em vinte e nove fogos; há nesta colônia uma fábrica de farinha de mandioca, duas de açúcar movidas por machos, uma azenha para

fazer farinha de milho, e em 1842 estava-se para fazer uma de serrar madeira, que devla ser movida por água.

Novas Minas. Lugarejo da província de Mato Grosso, doze léguas ao norte da cidade deste nome, com uma capela da invocação de Santana, que depende do curato da igreja filial da povoação de Santana. Sua população anda por quatrocentos habitantes que vivem do que cultivam e de caçadas e pescarias.

Novo. Rio da província de Minas Gerais, que não dá navegação por se achar em todo o seu curso de cousa de vinte e cinco léguas empachado com pedaços de rochas que se despegaram das serras vizinhas. Corre este rio do poente para o nascente entre os rios Preto e Barros, e paralelamente com eles, e ajunta-se com o último pela margem direita poucas léguas acima do lugar onde os ditos rios Preto e Barros se ajuntam, dando princípio ao Paraibuna que corre daí em diante com este nome.

Novo. Pequeno rio da província de Mato Grosso, que vai desaguar no Paraguai. Sobe-se por ele até perto do ribeiro e lugarejo de São João; mas a carreira para as embarcações

Novo

se acha obstruída com plantas gramíneas, enredças e outras de que abundam as suas margens.

Novo. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, rega o termo do Pati de Alferes, onde se ajunta pela margem direita com o de Santana.

Novo do Betim. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Paracatu. Esta povoação é diferente doutra que também se chama Betim, a qual pertence ao distrito da cidade de Sabará.

O

Oberava. Lagoa da província de Mato Grosso, junto à serra Insua. É circular com três léguas de diâmetro, e tem dous desaguedouros, um que comunica com o Paraguai, e outro mais ao sul que passa por detrás da serra Insua, e vai comunicar com a lagoa Gaíba.

Óbidos.⁵² Vila da província do Pará, na margem esquerda do rio Amazonas, perto do confluente do rio Oriximina, cento e oitenta léguas com pouca diferença oés-noroeste da cidade de Belém, e dezesseis ao oeste de Alenquer. Foi originariamente a aldeia *Pauxis*, povoada pelos Índios deste apelido, e está assentada numa colina donde se descobre ao longe o Amazonas e o Oriximina. As ruas desta vila são quase regulares e no centro delas há uma grande praça. Tem uma bela igreja matriz da invocação de Santana, e cadeia que foi acabada em 1840. De frente da vila não se acha empachado com ilhas o rio, o qual nesse ponto tem oitocentas e noventa e seis braças de largura e mais de cem de fun-

dura. Segundo o padre Cunha, a embocadura do Oriximina se acha a trezentas e sessenta léguas do mar, e a duzentas e dez segundo o parecer de La Condamine; com ser tão grande a distância a maré chega até Óbidos. A população desta vila, quase toda indiana, tem sempre ido em diminuição; o que não obstante em 1842 a de seu distrito foi avaliada em mais de seis mil almas. O governo tem recebido propostas de estabelecer nele fábricas de serrar madeiras para se utilizarem as de que as matas vizinhas abundam, úteis já para a construção, já para a medicina e tinturaria. Lisonjeamo-nos de que a assembleia legislativa provincial realizará tão bem concebido projeto, o qual, se fosse posto em efeito, daria um novo impulso à prosperidade da vila, e aumentaria o comércio da província que tanto há mister de ser protegido pelas autoridades superiores. Cacao e algodão são os únicos gêneros que atualmente se exportam do termo de Óbidos.

Óbidos. Registo da província da Bahia, no distrito de Alcobça, perto da cordilheira dos

Aimorés, estabelecido para obstar ao extravio de ouro da província de Minas Gerais, e ter em respeito os Botocudos, que vivem nas matas da dita cordilheira.

Obu. Lugarejo da província de Pernambuco, na comarca de Goiana, com um engenho que tem uma capela da invocação de São Gonçalo.

Óculos. Salto do rio Chopotó, na província de Minas Gerais. Este rio é a principal origem do rio Doce, e o salto de que falamos tem cinco braças de altura, e acha-se seis léguas abaixo da cachoeira das Antas: transportam-se por terra pela margem esquerda as fazendas e embarcações distância de cinquenta braças, na descida como na subida.

Oeiras.⁵³ Cidade e capital da província do Piauí, em sete graus e cinco minutos de latitude, e quarenta e seis graus e trinta minutos de longitude oeste, cento e vinte léguas ao su-sueste da cidade do Maranhão, e cento e dez ao sul da embocadura do rio Parnaíba. Domingos Jorge, natural de São Paulo, e Domingos Afonso Mafrense, Português, entra-

⁵² Atual cidade de Óbidos/PA. (N/E)

⁵³ Atual cidade de Oeiras/PI. (N/E)

Oeiras

ram no Piauí em 1674, e fizeram cruel guerra aos Índios atemorizados com as armas de fogo. O primeiro acertou de conduzir a São Paulo quantos fizera prisioneiros; o segundo porém contentou-se de se assenhorear das terras chãs, com o intuito de organizar fazendas, onde se pudesse entregar à criação de gado. Entre as que conseguiu fazer à beira dos rios por serem ali melhores as pastagens, foi a aldeia Cabrobó, na qual, depois que lhe fugiram os Índios, continuou a residir. O governador do Maranhão Pancrácio Cristóvão da Costa, de cujo governo dependiam as terras novamente descobertas, mandou muitas famílias para esta aldeia, as quais foram seguidas pouco tempo depois de trezentos degradados portugueses. Criando El-Rei D. João V, por um alvará do ano de 1718 a capitania do Piauí, assinalou-lhe por capital a aldeia Cabrobó, conferindo-lhe o título de vila com o nome de *Mocha*, derivado do ribeiro a cuja margem estava assentada; ficou porém sem efeito este alvará por espaço de quarenta anos, e não foi senão em 1758, que El-Rei D. José nomeou o primeiro governador desta capitania, e conferiu à vila de

Mocha o título de cidade, trocando-lhe o nome no de Oeiras, em honra de seu primeiro ministro, mais conhecido e famoso ao depois com o título de marquês de Pombal, e pôs na nova cidade um ouvidor para administrar a justiça aos habitantes da capitania. Como a população se fosse aumentando posto que devagar, ajuntou-se ao ouvidor da província um juiz de fora em 1819. Atualmente, a cidade de Oeiras é o assento da assembleia provincial legislativa, e a residência do presidente da província, do comandante das armas e do vigário geral delegado pelo bispo do Maranhão. As ruas de Oeiras são largas, mas não calçadas; as casas de madeira, cobertas com terra, e rebocadas por dentro e fora com tabatinga; delas algumas têm um primeiro andar; as igrejas, pouco dignas da capital duma província, são três, a saber: a matriz, dedicada a N. S. da Vitória, e as de N. S. do Rosário e da Conceição. Até 1808 não havia nesta cidade nenhum estabelecimento público para a instrução da mocidade, nem que isso fora uma cousa inútil. As autoridades e o povo de Oeiras arvoraram a bandeira imperial em 21 de janeiro de 1823 e celebraram

como espontaneamente a aclamação do Imperador D. Pedro I, e foi esta a primeira vila das províncias ao norte de Pernambuco, que se declarou ostensivamente pela nova ordem de cousas. A assembleia geral, querendo promover os estudos, por decreto de 25 de agosto de 1832, criou em Oeiras uma cadeira de latim e outra de filosofia, e no ano seguinte, por decreto de 26 de julho, juntou-lhes uma cadeira de francês e de geografia, as quais todas são bem pouco frequentadas, mas não assim a escola de primeiras letras. Uma lei provincial de 4 de julho de 1835 mandou que se procedesse à fundação do hospital da caridade, e foram-lhe assinados rendimento, por lei da mesma assembleia de 1838; no mesmo ano se concluiu a fábrica da cadeia, que é cômoda e sadia: quis-se também estabelecer uma escola de ensino mútuo, por lei de 20 de setembro do já citado ano, porém sem sucesso. A população de Oeiras e seu distrito são de cinco mil habitantes, entre agricultores, criadores de gado e homens de negócio.

Oeiras.⁵⁴ Vila medíocre da província do Pará, nas margens do rio Araticu, cinco lé-

⁵⁴ Atual cidade de Oeiras do Pará/PA. (N/E)

guas acima de sua embocadura no Amazonas, e onze a leste de Melgaço. Foi originalmente a aldeia chamada *Bocas*, por ser povoada de Índios Combocas, e teve algum aumento no fim do século passado pelas diligências do governador Martinho de Souza e Albuquerque. A sua matriz, dedicada a N. S. da Assunção, foi consertada em 1840, porém ainda neste ano não havia nesta vila nem cadeia, nem casa da câmara. Seus moradores são Índios de diversas tribos que vivem de pescarias e caçadas, e cujas mulheres cultivam o milho, mandioca e batatas, de que não mister. Em 1842, avalia-se a população de seu distrito em quatro mil almas, número que parece ser exagerado.

Oficinas ou Oficinas do Açú. Povoação da província do Rio Grande do Norte, na margem esquerda do rio das Piranhas. São salinas que dão trabalho aos habitantes da vizinhança. Jaz a povoação a sete léguas do mar, e é ornada duma igreja dependente da matriz de Vila da Princesa, e duma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 3 de outubro de 1832. Com o favor da maré podem os barcos ir carregar sal, que transportam para os portos da costa do norte e de

leste do Brasil, entre Maranhão e Pernambuco.

Oiapoque ou Oaiapoque. Rio da Guiana brasileira; nasce da serra Baracaina, corre pelos montes sempre do ocidente para o oriente até ir desembocar no mar, servindo de limites às Guianas inglesa, holandesa e francesa. Este rio, que também teve em princípio o nome de Pinçon, primeiro navegante que nele entrou, foi ocasião de longos debates entre as cortes de Portugal e de França, até que afinal pelo tratado de 11 de abril de 1713, celebrado entre as ditas cortes, fundado no célebre tratado de Utrecht de 1712 a França renunciou a toda pretensão que podia ter sobre as terras situadas entre o rio Oiapoque e o Amazonas. Verdade é que nos tratados de Madri e de Badajoz, de 1801, o plenipotenciário francês Luciano Bonaparte exigiu por parte da república que a Guiana francesa se estendesse até Macapá e o cabo do Norte; mas esta pretensão não se pôde efetuar em razão da distância em que se achavam as colônias de ambos os governos. É também verdade que pelo tratado de Amiens de 25 e 27 de março de 1802, os limites franceses e portugueses da Guiana foram fixados na embocadura, e ao norte do rio Arauari ou Araguari,

donde se devia tirar para o ocidente uma linha até o rio Branco. Porém esta cláusula, como a antecedente, não foi posta em execução pelos mesmos motivos. De mais que não tendo a corte de Portugal mandado plenipotenciário ao congresso de Amiens, a Rainha D. Maria I não anuiu a semelhante disposição, e quando, em 1808 a família real portuguesa foi residir nos seus Estados do Brasil, o príncipe regente, depois D. João VI, mandou tomar posse da Guiana francesa. O tratado de Viena de 9 de junho de 1815 estipulou, pelo artigo 107, que El-Rei de Portugal restituiria a El-Rei da França a Guiana francesa até o Oiapoque, segundo fora determinado no tratado de Utrecht do século precedente. Enfim um novo concerto feito entre os dous monarcas de Portugal e de França, de 28 de agosto de 1816, assinalava por limites entre as respectivas possessões o Oiapoque, e a Guiana francesa devia estender-se da parte do ocidente até trezentos e vinte e dous graus, segundo o meridiano da ilha do Ferro. A vista de tão autênticos tratados celebrados entre o Brasil e a França, nenhum crédito se deve dar aos rumores espalhados num e noutra país por pessoas mal-intencionadas; e se, há alguns anos, o

Oiro

governador francês da Guiana assentou um posto avançado além do Oiapoque, foi unicamente para impedir que os rebeldes do Pará não invadissem armados o país, cuja conservação tinha a cargo; assim mandou ele retirá-lo, logo que teve notícia da pacificação do Pará.

Oiro. Ilha do rio de São Francisco, na província das Alagoas. (V. *Ouro*, ilha.)

Oiro Branco. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Ouro Preto. (V. *Ouro*.)

Oiteiro. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Alhandra, com um engenho: pertence à freguesia de Nossa Senhora da Penha de França.

Oiteiro de Santa Isabel. Nome da praia arenosa que se estende por espaço de oito léguas ao norte, entre o rio de São Francisco e o Japarutuba, na província de Sergipe, e entre a serra Pacatuba e o mar. Em algumas partes, tem suas malhas de verdura.

Oiteiro Redondo.⁵⁵ Nova freguesia da província da Bahia.

Olaria.⁵⁶ Povoação da província do Rio de Janeiro, nas margens do rio Sarapuí, e perto de sua embocadura na baía de Niterói, onde há um porto. Os barcos vão ali tomar carga, e partem para o Rio de Janeiro, na preamar ou quando a maré começa a vaziar.

Olberamos. Lago da província de Goiás, nos montes da serra dos Viadeiros, ao poente da província de Minas Gerais, e nas cabeceiras do Tocantins Pequeno e nas do rio Paranaíba.

Óleos. Registo estabelecido na freguesia de Viana, da província do Espírito Santo, para a conservação da estrada começada que deve ir ter a Minas Gerais, atravessando pela serra dos Aimorés, e juntamente para rechaçar as agressões dos Botocudos que nela se acoutam.

Olho d'Água.⁵⁷ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de Granja,

com uma igreja da invocação de Santo Antônio. Seus habitantes, que se acham derramados, cultivam algodão e criam gado.

Olho d'Água. Serra da província das Alagoas, seis léguas ao norte do salto de Paulo Afonso no rio de São Francisco. Desta serra se vê o nevoeiro que formam as águas, despenhando-se e soltando-se em borrifos. As numerosas cavernas que nesta serra se encontram eram antigamente guarida de onças, jaguares e doutras feras, e atualmente de enormes morcegos que são o flagelo do gado que se cria nos férteis vales daquelas vizinhanças.

Olho d'Água.⁵⁸ Registo e lugarejo da província de Minas Gerais, duas léguas ao noroeste da nova cidade de Paracatu.

Olhos d'Água.⁵⁹ Povoação de pouca importância da província de Minas Gerais, cinco léguas ao nordeste da vila de São José, com uma capela filial da matriz de Alagoa Dourada.

⁵⁵ Atual distrito de Outeiro Redondo, município de São Félix/BA. (N/E)

⁵⁶ Atual bairro de Olaria, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁵⁷ Atual cidade de Horizonte/CE. (N/E)

⁵⁸ Atual distrito de Olhos d'Água do Oeste, município de João Pinheiro/MG. (N/E)

⁵⁹ Atual cidade de Entre Rios de Minas/MG. (N/E)

Olinda. Uma das mais antigas cidades do Brasil, em oito graus e um minuto de latitude, e em trinta e sete graus, onze minutos e três segundos de longitude oeste. Foi povoada por Duarte Coelho Pereira, donatário desta capitania em 1535, que foi quem lhe pôs este nome. Sucedeu-lhe seu filho mais velho, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1560, que aumentou muito mais aquela povoação então reputada capital da província de Pernambuco. Jaime de Lancastro teve-a inutilmente em sítio no ano de 1593; porém em 1630 o coronel holandês Theodoro Van-Derburg foi mais bem sucedido, tomou-a de assalto e depois de a saquear, mandou-a queimar. O príncipe Maurício de Nassau, no tempo em que governava o Brasil por parte dos Holandeses, deu-lhe por armas uma donzela mirando-se num espelho, e tendo na mão uma cana. Tendo o príncipe sido chamado para a Europa pelo ciúme republicano dos Holandeses, foram as tropas que eles ali tinham investidas em todos os pontos e obrigadas a evacuar Olinda, e reconcentrarem-se no Recife, que afinal desempararam inteiramente em 1654. Quando D. João IV recobrou os seus Estados do Brasil, achou-se a

vila de Olinda privada das vantagens de que estava de posse pela prosperidade a que tinha chegado o Recife em razão da boa administração e governo do príncipe Maurício. Para recompensá-la de suas perdas, El-Rei D. Afonso VI lhe conferiu o título de cidade, e criou nela em 1676 um bispado; porém estas distinções não lhe fizeram recuperar o seu antigo comércio e opulência, que só a indústria fabril poderia dar-lhe. Um alvará de 30 de maio de 1815 criou uma comarca da cidade de Olinda com as vilas de Goiana, Iguaraçu, Limoeiro e Pau-d'Alho, desmembradas da do Recife, e um ouvidor foi encarregado da administração da justiça em segunda instância. Entre os edifícios de que abunda esta cidade o mais notável é o da Sé. Suas ruas são calçadas e guarnecidas de boa casaria, porém mal-alinhadas. Há nela um palácio onde os governadores eram obrigados a residir seis meses no ano, que serve atualmente de casa da câmara, e outro episcopal, com a Sé que é de três naves, e da invocação de São Salvador. Possui esta cidade uma escola de direito, criada no governo do Imperador D. Pedro I, o qual, por decreto de 7 de setembro de 1830, ordenou a

formação duma biblioteca pública, ficando a cargo da faculdade de direito a escolha dos livros e edições; um seminário no colégio dos jesuítas; muitas escolas de primeiras letras, cadeiras de latim, de grego, francês, geografia, filosofia, retórica, teologia, de desenho, de história sagrada e profana; um hospital da Misericórdia, administrado como o do Recife; quatro conventos de franciscanos, carmelitas calçados e descalços, e beneditinos. A administração municipal tem o senhorio da maior parte da terra em que está situada a cidade, de que recebe anualmente a renda. Quando os Holandeses destruíram a vila de Olinda, constava ela de dous mil e quinhentos fogos; atualmente, a sua população anda por oito mil almas pouco mais ou menos. As terras de seu distrito são ótimas; nelas prosperam as árvores frutíferas dos trópicos do antigo e novo mundo, particularmente as mangueiras e pimenteiros da Índia. Há em seu distrito vinte mil habitantes, muitos engenhos e fábricas de destilação de aguardente, cuja exportação é considerável. Colhe-se também bastante algodão que é um dos principais ramos de seu comércio.

Oliveira

Oliveira.⁶⁰ Antiga povoação e nova vila da província de Minas Gerais, na comarca do Rio Grande, dez léguas ao sul da vila de Tamanduá. Sua igreja, que tem por padroeira N. S. do Oliveira, e foi criada paróquia por decreto de 14 de julho de 1832, que lhe assinou por filiais as igrejas das povoações Carmo da Mata e Aparecido de Cláudio, é feita do mármore tirado de certa pedreira que se acha a duas léguas da vila. Esta freguesia foi elevada à categoria de vila por lei provincial de 1839, e é também cabeça dum colégio eleitoral que foi composto em 1844 de vinte e dous eleitores. Seu distrito acha-se separado do de São José pelo rio Pará, pela estrada que vai para o rio dos Bois, pelo Morro do Ferro, e pelo ribeiro do Curral antes de se ajuntar com o Pará. Esta vila é dividida por um ribeiro aurífero que corre rumo do sul, a juntar-se com o rio Grande, e pela estrada que vai de Ouro Preto à cidade de Goiás, passando pelas cabeceiras do rio de São Francisco. Dá-se à vila mil e seiscentos habitantes e a seu distrito mais de quatro mil, entre lavradores, criadores de gado, e mineiros que são os que menos atividade têm.

Oliveira. Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, entre o nascente do rio do Sono e o do Abaité, ambos afluentes do Paracatu. Sua igreja, de que é padroeira N. S. do Oliveira, depende da matriz da freguesia dos Alegres.

Oliveira. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Santo Amaro, com uma igreja da invocação da Senhora de seu nome, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Oliveira. Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Nossa Senhora do Oliveira*.)

Oliveira.⁶¹ Vila da província da Bahia, vantajosamente situada perto do mar numa colina entre duas ribeiras de desigual cabedal, em quatorze graus e cinquenta e nove minutos de latitude, e em quarenta e um graus e dezoito minutos de longitude oeste, três léguas ao sul da vila de São Jorge. As casas assentadas derramadamente na colina não guardam simetria e são todas cobertas de palha,

não assim a igreja matriz, que é de pedra e cal telhada, e está situada num alto para o qual se sobe por uma escada também de pedra, motivo por que a puseram debaixo da proteção de N. S. da Escada. Atribui-se a elevação desta aldeia à categoria de vila em 1694 ao governador da província Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, mas pode ser que seja a sua criação mais recente. Possui esta vila uma escola de primeiras letras que lhe foi concedida por decreto de 28 de julho de 1832. Ao norte dela há uma ponte sobre a maior das ribeiras que a banham. Consta a população de Índios, quase todos ocupados em obras de torno, com o que vivem numa abundância que se não encontra nas povoações onde não existe por desleixo dos habitantes ramo nenhum de indústria. Seu distrito acha-se encravado entre o da vila de São Jorge da parte do norte, e o rio Comandatuba da do sul, e contém mil e quinhentos habitantes.

Oliveira.⁶² Antiga vila da província do Pará, em que nunca houve câmara. (V. *Jabari*, povoação.)

⁶⁰ Atual cidade de Oliveira/MG. (N/E)

⁶¹ Atual distrito de Olivença, município de Ilhéus/BA. (N/E)

⁶² Atual cidade de São Paulo de Olivença/AM. (N/E)

Omáguas. Índios que dominam nas margens do Amazonas, e ocupam duzentas léguas de terra de sua margem esquerda entre os rios Tamburá-gua e Putumaio. Obedecem às ordens imperiosas e lacônicas de seus chefes, e fazem continuamente guerra aos Curinas da Banda do sul e aos Tacunas da do norte; sujeitam à escravidão quantos podem colher vivos em suas expedições, mas tratam-nos bem. Suas armas são arco, seta e maça. Apertam aos recém-nascidos as cabeças entre duas tábuas a fim de achatá-las, costume que atualmente não perdido. Os homens andam nus, as mulheres pelo contrário andam vestidas decentemente com panos de algodão que sabem fiar e tingir de diferentes cores.

Onça.⁶³ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de São João del Rei, com uma igreja da invocação de Santana, que foi algum tempo filial da matriz de Cajuru; porém uma lei provincial suprimiu esta freguesia por isso que os fregueses não tinham os meios necessários para reedificar a igreja, e transferiu o

título de paróquia para a igreja de Santana, ficando a de Cajuru por sua filial em se achando consertada.

Onça.⁶⁴ Lugarejo da província de Minas Gerais, três léguas ao sueste da vila de Pitangui, na cabeceira do ribeiro de São João que a rega, com uma igreja dedicada a São Francisco. Em 1838 pretenderam alguns ter achado pérolas neste ribeiro, cujas areias acarretam ouro, porém passado algum tempo nunca mais se falou em tal achado.

Onça. Desaguadouro da lagoa Feia na província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos. Mandou-o abrir no começo do século XVIII José de Barcelos e o fez comunicar com o Iguaçu, que também serve de desaguadouro a várias lagoas e se ajunta com o Furado o qual se vai lançar no Oceano.

Onça. Ilha do rio Quajuá na província do Pará, no distrito da cidade de Belém, povoada de Índios civilizados.

Ondas. Pequeno rio da província da Bahia: nasce perto

do Sobrado, corre rapidamente em sentido contrário e para o sul, por terras auríferas que também passam por diamantinas, e vai se ajuntar com o rio Grande, cinco léguas abaixo do confluente do das Fêmeas.

Ondas Grandes. Quadragésima segunda cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo. Fica uma légua abaixo da das Ondas Pequenas, e muito mais acima da do Funil Grande. Não é mister aliviar as embarcações.

Ondas Pequenas. Quadragésima primeira cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da de Mato Seco, e em igual distância da das Ondas Grandes.

Opinazes. Tribo de Índios que vivem nas margens do Araguaia, na província de Goiás. Assim os chama um autor italiano moderno, em vez de Apinagés. (V. esta palavra.)

Orelha de Antas. Ribeiro da província de Mato Grosso. Ajunta-se pela margem esquerda com o rio Coxim, dez léguas abaixo de sua última cachoeira.

⁶³ Atual distrito de Emboabas, município de São João Del Rei/MG. (N/E)

⁶⁴ Atual cidade de Onça de Pitangui/MG. (N/E)

Oremanaus

Oremanaus. Grande nação de Índios da Guiana brasileira: dominava nas margens dos rios Negro, Caburi, Branco, Chiuara, e outros, tributários do rio Negro. Ignora-se quais fossem os seus costumes; hoje acham-se civilizados, e povoam com o nome de Manaus as diferentes vilas e povoações que banha o mencionado rio Negro. Pretenderam alguns autores que estes Índios antes de terem comunicações com os Europeus tinham uma teologia, e admitiam um princípio autor do bem a que chamavam Mauari, e outro autor do mal que apelidavam Sarauá. Mas este ponto está ainda controverso; o que se sabe ao certo é que era um povo guerreiro, que andavam em frontaria com os Curanaus, descendentes da mesma nação, e com outras tribos vizinhas.

Órgãos. Cordilheira do Brasil que se estende pela beira-mar de leste a sudoeste, nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. O rio Paraíba na província de São Paulo, e o Paraibuna na do Rio de Janeiro, dividem esta serra da do sertão apelidada da Mantiqueira. Chamaram-lhe dos Órgãos pelas pontas agudas que tem ao norte da cidade do Rio de Janeiro, as quais vistas de longe se parecem com os canudos dum

órgão. Estas pontas, por onde se não pode fazer estrada, constituem a extremidade oriental desta corda de serras, separada da dos Aimorés pelo rio Macacu. (V. *Órgãos* [serra dos].) A cordilheira deste nome compõe-se principalmente das serras Bangu, Cubatão, Facão, Ilha Grande, Jerexino, Macacu, Órgãos, Tejuco, e pega com outras do sertão do Brasil, cujas ramificações ocidentais se dilatam até o Chile e o Peru, onde se acham as mais altas montanhas do globo.

Órgãos. (Serra dos). Ramo da cordilheira deste nome, na província do Rio de Janeiro, doze léguas distante da baía de Niterói. É separada da cordilheira dos Aimorés pelo rio Macacu, e vem a ser a extrema da corda de serras do mesmo nome que se dilata para o sul, até a província de Santa Catarina. Na parte que se avizinha da margem direita do Macacu, oferece uma série de pontas ou picos inacessíveis que se parecem com os canudos dos órgãos, o maior dos quais se acha três mil e seiscentos e seis pés acima do nível do mar. A serra dos órgãos se estende para o poente até a da Estrela.

Orico Guaçu. Ribeirão da província da Bahia, na co-

marca dos Ilhéus. Nasce da serra Cincurá, corre por dilatadas terras que ainda estão por povoar, e inclinando-se algum tanto para o sul, se vai ajuntar com o rio de Contas, pela margem esquerda.

Orindi-Açu. Ribeiro da serra dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, tributário do rio Guapiaçu.

Orindi-Mirim. Ribeiro de pouco cabedal, que corre paralelamente como o Orindi-Açu, e como ele deságua no Guapiaçu.

Oriximina. Nome primitivo do rio da Guiana brasileira, conhecido vulgarmente com o nome de rio das Trombetas. (V. este nome.)

Orizes Procazes. Tribos de Tapuias, intrépidos guerreiros que viviam nas serras da província da Bahia, no lugar onde jaz presentemente Santo Antônio das Queimadas, nas cabeceiras do Itapicuru. São de alta estatura, e andam continuamente quase nus, bem que nessas serras faça frio; têm os cabelos pretos e duros, a pele cor de cobre, os olhos pequenos e vivos; são bons atiradores; esta circunstância, e especialmente a impossibilidade de penetrar nas serras inacessíveis em que se achavam

acoutados, e donde saíam de improviso para arruinar as fazendas dos Portugueses estabelecidos na Bahia, fizeram que estes os tivessem pelos mais perigosos vizinhos. Viviam estes Índios em bandos em entrincheiramentos cobertos; alimentavam-se de raízes e de veação; tinham em grande veneração o curajá, que os descativava das serpentes, motivo por que nunca o matavam. A quadra do ano em que este pássaro, a que eles chamavam cutipó-cupuó-abá, começava a cantar era para eles a época das festas, durante as quais imolavam os porcos à gula, e a virgindade das meninas de doze anos a seus brutais apetites. Nestas bacanais consumiam grande quantidade de veação e de bebidas espirituosas que fabricavam pondo em fermentação certas frutas. Quando haviam dado cabo das provisões, punham-se a caminho, e iam roubar quanto encontravam nas fazendas dos Portugueses. Como numa destas entradas cativassem os Portugueses o filho do chefe destes Índios, com muitos dos que o acompanhavam, o vigário de Itapi-

curu de Cima tomou a seu cargo o doutriná-lo por espaço de três anos, no cabo dos quais vestiu-o decentemente, o mesmo fez aos companheiros, e depois de lhes fazer presentes para suas famílias enviou-os às suas matas com alguns soldados, os quais foram mui bem recebidos dos Índios por isso que viam em vida e em boa disposição o filho de seu chefe. Fez o pai aliança com o vigário, o qual conseguiu em 1713 fazer-lhes adotar a vida civil, por meio da qual vieram a sujeitar-se à autoridade real.

Orobó.⁶⁵ Antiquíssima aldeia da província do Espírito Santo, fundada no século XVI pelos jesuítas, a três léguas do mar, nas cabeceiras do rio Reritigbá, ao qual puseram ao depois o nome de Benevente, da vila que jaz em sua foz. Eri-giram os jesuítas nesta aldeia uma igreja que dedicaram a N. S. do Bom Sucesso, e nela colocaram os Índios que sujeitavam a alguma penitência. Depois da expulsão da ordem, a igreja de Orobó passou a ser filial da matriz da vila de Benevente.

Orobó. Serra da província da Bahia, na antiga comarca de Jacobina. Jaz sessenta léguas ao ocidente da cidade da Bahia; dela nasce o ribeiro Andraí, afluente da margem esquerda do rio Paraguaçu.

Ororobá.⁶⁶ Antiga aldeia da província de Pernambuco, criada vila em 1810. (V. *Sim-bres*.)

Ostras (Rio das). Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, no distrito de Macaé; tem apenas duas léguas de curso; mas sua embocadura no mar oferece um bom porto, onde as sumacas vão tomar carga de café, farinha de mandioca e outros gêneros: jaz esta embocadura duas léguas ao norte da do rio de São João.

Otinga. Ribeiro da província de Pernambuco, que, junto com o Taipé e Pitanga, forma o rio Iguaraçu.

Ourém.⁶⁷ Pequena vila da província do Pará, na margem direita do rio Guamá, vinte e quatro léguas a leste da cidade de Belém, com uma igreja pa-

⁶⁵ Atual localidade de Orobó, município de Piúma/ES. (N/E)

⁶⁶ Aldeia Indígena de Cimbres, município de Pesqueira/PE. (N/E)

⁶⁷ Atual cidade de Ourém/PA. (N/E)

Ourém

roquial da invocação do Espírito Santo. Em 1840 a câmara pediu à assembleia provincial um subsídio para consertar esta igreja, fazer duas pontes sobre o rio Guamá e sobre um ribeiro, e construir a cadeia e casa para a câmara. Os moradores cultivam os mantimentos do país, e pouco ou nada exportam.

Ourém. Registo da província do Espírito Santo, na estrada que vai para a de Minas Gerais. Foi estabelecido no princípio do século atual, com o pressuposto de favorecer a civilização dos Índios: formou-se logo ao pé dele uma povoação, que não tem tido aumento por isso que a estrada não é frequentada.

Ouriçanga.⁶⁸ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila do Livramento. Como a população se aumentasse dentro de pouco tempo, o presidente da província mandou transferir para esta povoação a escola de primeiras letras de Bom Jesus em 1839, sendo para isso autorizado pela lei provincial nº 103.

Ouro (Ilha do). Ilhota isolada do rio de São Francisco, de-

fronte da província do Sergipe e das Alagoas, seis léguas abaixo da ilha do Ferro, ambas pertencentes à última destas províncias. É um morro com uma ermida de N. S. dos Prazeres no cume, onde se fazem romarias duas vezes por ano.

Ouro (Rio do). Ribeirão da província de Mato Grosso, no distrito da vila de Poconé. Deram-lhe este nome pelo muito ouro que nele acharam os primeiros exploradores que o descobriram em 1780. Corre rumo do noroeste, e vai engrossar o rio Diamantino.

Ouro (Rio do). Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Cabo Frio, e o mais importante dos tributários do rio Capivari, com quem se ajunta perto de sua embocadura na lagoa Juturnaíba.

Ouro. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que serve de demarcação entre os termos das freguesias de Suruí e de Inhomirim.

Ouro Branco.⁶⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, cinco léguas ao sueste da cidade de Ouro Preto, no ver-

tente oriental da serra de seu nome. Sua igreja paroquial tem por padroeiro Santo Antônio, e por filial a igreja da povoação de Ititiaia ou Itaitiaia. Avalia-se a população de seu termo em mil e seiscentos habitantes quase todos mineiros e sujeitos ao bócio ou papo.

Ouro Branco. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Queluz, onde jaz a freguesia de seu nome.

Ouro Fino. Antiga povoação da província de Goiás, quatro léguas a leste da cidade do mesmo nome. Bartolomeu Bueno o filho achou neste lugar ouro de mui subido quilate; nas vizinhanças desta povoação existe uma gruta onde se encontra certa substância branca friável que parece ser salitre ou pedra-ume. Sua igreja, dedicada a N. S. do Pilar, é filial da matriz da freguesia de Santana da cidade de Goiás.

Ouro Fino. Lugarejo da província de Mato Grosso, uma légua ao norte de Santana, e treze pouco mais ou menos ao nordeste da cidade de Mato

⁶⁸ Atual cidade de Ouriçangas/BA. (N/E)

⁶⁹ Atual cidade de Ouro Branco/MG. (N/E)

Grosso. Houve neste lugar uma fundição de ouro que foi suprimida quando as minas se esgotaram. Sua igreja depende atualmente da da povoação de Santana.

Ouro Fino.⁷⁰ Registo da província de Minas Gerais, na extrema da província de São Paulo, no distrito da vila das Caldas. Cobram-se nele os direitos de saída dos gêneros que passam desta província para as vizinhas. (*V. Caldas, vila.*)

Ouro Podre. Registo da província de Goiás, no distrito da vila de Arraias. Achou-se neste lugar ouro duma cor negra e suja, motivo porque deram-lhe este nome, que se estendeu a todo aquele distrito desde o ano de 1784.

Ouro Preto. Comarca da província de Minas Gerais, criada antigamente com o nome de Vila Rica, mas muito mais vasta do que o é atualmente. Consta esta comarca, segundo o artigo 3º da lei provincial de 1º de abril de 1839, do distrito da cidade de Ouro Preto e das vilas de Queluz e de Bonfim.

Ouro Preto.⁷¹ Grande cidade do Brasil, capital da província de Minas Gerais, e cabeça da comarca de seu nome. Antônio Dias, Taubateano, o padre João de Faria, natural da ilha de São Sebastião, e os Paulistas Tomás Lopes de Camargos, e Francisco Bueno da Silva foram os primeiros que, em 1699 e nos anos seguintes, se estabeleceram nas margens de vários ribeiros da serra de Ouro Preto, assim chamada pela cor escura das rochas e do ouro que delas se tirava. As serras do Pão Doce, de Ouro Podre, de Ouro Fino, Queimada, Santana, e a de Ramos, a mais rica de todas, se acharam em poucos anos povoadas; porém o bando de aventureiros que nelas haviam asentado vivenda unicamente com o fito de matar a sede ardente em que se abrasavam de ajuntar ouro, se puseram acima das leis, e não conheceram outras senão a da força, todas as vezes que seus intentos encontravam oposição. Originaram-se deste estado de cousas rixas e assassinatos que degeneraram em guerras civis, nos primeiros anos do século XVIII, até a vinda de Antônio de Albuquerque Coelho de

Carvalho, governador general do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, e só no fim do ano de 1709 é que este governador pôde acabar com a rebelião suscitada pelos padres da companhia, sustentada dous anos consecutivos por Manoel Nunes Viana. No cabo desta rebelião, uma ordem régia de 18 de junho de 1711 conferiu à povoação de Ouro Preto o título de vila com o nome de *Vila Rica*, em contemplação da grande cópia de ouro, que de suas minas se tirava. Quando o conde de Assumar quis dar execução ao alvará de 11 de fevereiro de 1719 que ordenava a criação de várias fundições de ouro em Minas Gerais, e duma casa de moeda em Vila Rica, dous mil homens se puseram em armas, e demoliram, em 28 de julho do ano seguinte, a casa onde residia o ouvidor, e sobre as ruínas dela intentaram obrigar o governador a sujeitar-se a condições por eles feitas; apesar da inteireza de seu caráter viu-se o governador obrigado a contemporizar, dizendo-lhes que esperaria novas ordens do soberano. O que não obstante, foram os cabeças desta revolta presos e

⁷⁰ Atual cidade de Ouro Fino/MG. (N/E)

⁷¹ Atual cidade de Ouro Preto/MG. (N/E)

Ouro Preto

conduzidos para a cidade da Bahia. Entretanto tirou Vila Rica destas revoltas algum proveito, pois teve a distinção de ser escolhida para capital da província, e recebeu com toda a solenidade o primeiro governador da nova província de Minas D. Lourenço de Almeida em 28 de agosto de 1721. Fez o novo governador a casa da moeda, onde se cunharam peças de ouro do valor de quatro mil e oitocentos réis e da metade, e de seiscentos e trezentos réis de prata, mas este estabelecimento foi suprimido em 1735. No cabo de três anos o governador Gomes Freire de Andrade fundou o hospital da Misericórdia desta vila com uma dotação correspondente. Luiz Diogo Lobo da Silva, seu sucessor, mandou fazer e guardar de artilharia um forte contíguo com o palácio do governo, e concorreu com as despesas necessárias para a conclusão do hospital da Misericórdia, começado por seu antecessor. O regimento de cavalaria chamado de Vila Rica deve a sua criação a D. Antônio de Noronha, correndo o ano de 1775. Por alvará de 6 de dezembro de 1814 foram os juizes ordinários suprimidos e em seu lugar criou-se um juiz de fora, e em 1817 teve lugar a criação da companhia de mineralização. Depois

da partida d'El-Rei para Portugal, D. Pedro, então príncipe regente, viu-se na obrigação de ir em pessoa a esta capital para pôr termo a uma insurreição republicana, que se tinha feito, havia dous meses, contra a sua regência: a qual comprimida, apareceu em abril de 1822 um decreto do mesmo príncipe datado desta mesma vila conferindo a Vila Rica o título e prerrogativas de cidade, restituindo-lhe o seu primeiro nome de Ouro Preto, decreto que foi ratificado por carta imperial de 20 de março do ano seguinte, acrescentando-lhe a qualificação de cidade imperial; assim que por três vezes teve a felicidade esta vila de ser bem sucedida em seus alevantamentos. Em 1834 estabeleceu-se nesta cidade um governo republicano, porém desta feita não se saiu tão bem, nem teve recompensa, porque já nenhuma sobrava que se lhe pudesse dar. A cidade de Ouro Preto está assentada em vários montes que servem de base à serra de Ouro Preto, duas léguas ao sudoeste de Mariana, e oitenta e três ao nor-noroeste do Rio de Janeiro, em vinte graus e quinze minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e cinquenta e dous minutos de longitude. A esterilidade da sumidade da serra, as gargan-

tas e escavações, um céu quase sempre enevoadado, casas edificadas sem simetria em outeiros desiguais com quintais estreitos mal cultivados, e separados uns dos outros por muros arruinados, eis o aspeto pouco lisonjeiro que oferece a capital da província de Minas Gerais. As casas postas em cima dos outeiros são acompanhadas de ruas mal calçadas e mal-alinhadas, sem excetuar a mais mercantil e comprida, chamada a rua Direita, qualificação bem mal justificada, são de terra, chãs e sem sobrado, cada uma com seu quintal por detrás, e puderam ser obra de dous mil. As que se vão fazendo de novo têm melhor aparência. O palácio do governo acha-se a três mil e setecentos e oitenta pés franceses acima do nível do mar, e consta dum edificio quadrado que se parece mais com uma fortaleza que com um palácio, mormente olhado da banda dum fortim um pouco arruinado que fica a cavaleiro da cidade. Parte deste edificio serve de alojamento das autoridades da província tanto militares, como civis, o mais é a antiga fundição. Ao pé do palácio há uma caserna, e a pequena distância a casa da câmara, com uma galeria romana no cimo, e em baixo a cadeia, e enfim o tesouro. Estes edificios são em geral mais

notáveis por sua vastidão e grandeza que pelo bom gosto de sua arquitetura; excetuaremos todavia a cadeia concluída em 1837, com oficinas onde os presos trabalham, a qual pode dizer-se que é o mais belo edifício da província. Pessoas há que lançam em rosto aos Mineiros de terem tratado de fazer antes uma cadeia, de que não se necessitava, do que estabelecimentos de beneficência. Um só existe deste gênero, e o bom estado do primeiro andar que serve de hospital militar se descontra grandemente com o hospital civil, que se acha por baixo, o qual está sempre em decadência. Tem esta cidade quinze igrejas, duas das quais tem o título de paróquia, uma da invocação de N. S. do Pilar, e outra de N. S. da Conceição, ambas ricamente ornadas, e munidas de ricos paramentos sacerdotais. Em cima dum outeiro vê-se um edifício de pouca aparência, que vem a ser o teatro, com quatro ordens de camarotes, e plateia com bancos. Há nesta cidade quatro pontes que facilitam a circulação, quatorze fontes com excelente água, uma biblioteca pública, um jardim botânico, duas escolas de primeiras letras, um colégio com cadeiras de gramática latina e portuguesa, de farmácia e de anatomia. Nela reside o presi-

dente da província e o comandante das armas, e tem as suas sessões a assembleia provincial. Tem a cidade de Ouro Preto um comércio ativo tanto com a cidade do Rio de Janeiro, como com as vilas do norte e do oriente da província. A população de seu distrito se eleva a oito mil habitantes. Seus arredores são semeados de plantas leguminosas, e plantados de laranjeiras, pessegueiros, figueiras, macieiras e marmeleiros que se dão mui bem. Os ribeiros ainda acarretam ouro, mas em tão pequena quantidade, que apenas basta para com ela viverem miseravelmente os que não conhecem outra espécie de indústria. Por lei de 1839 a assembleia legislativa desta província mandou fazer um jardim botânico para o cultivo da árvore do chá, e no ano seguinte colheram-se oito arrobas que foram vendidas a razão de mil réis e de dous mil réis a libra; em 1840, outra lei da mesma assembleia de 31 de março instalou neste jardim uma escola normal de agricultura em que deviam ser admitidos como discípulos internos e externos os órfãos das vilas da província.

Ouro Preto. Serra da província de Minas Gerais, agregado de vários montes, em três dos quais está sita a cidade de seu

nome, capital de Minas Gerais. Deram-lhe este nome pela cor escura do ouro que em seus ribeiros colheram os sertanistas Antônio Dias, Tomás Lopes de Camargos, Francisco Bueno da Silva e João de Faria Fialho, quando no decurso do ano de 1700 assentaram morada nos montes vizinhos. O seu mais alto pico é tido pelo mais eminente da província. (V. *Itacolumi*.)

Outeiro. Vila da Guiana brasileira, numa colina nas adjacências da lagoa Urubuquara, formada pelo rio do mesmo nome, afluente do Amazonas, pela margem esquerda. Jaz esta vila a cinco léguas deste rio, e vinte ao poente da vila de Almeirim. Sua igreja é da invocação de N. S. da Graça. Seus habitantes cultivam mantimentos e algodão, que exportam para a cidade de Belém.

P

Pacaá. Tribo de Índios que vivem nas cabeceiras do rio Juruena, na província de Mato Grosso.

Pacajás ou **Pacaiá.** Rio da província do Pará, no distrito da vila de Cametá, que vem de mui longe, e se ajunta com o Taigipuru ou braço meridional do Amazonas, abaixo da confluência do Anapu. As canoas que levam carga gastam quatro dias para chegar ao confluente do Iriuaná, passado o qual, não há navegação, por causa dos arrecifes e cachoeiras, que lhe embaraçam o leito. Em suas margens crescem espontaneamente as árvores do cravo, e nelas vivem Índios Tupinambás, da tribo Pacajás, que se consideram como civilizados.

Peçanha.⁷² Aldeia da província de Minas Gerais, na comarca do Serro, vinte e oito léguas com pouca diferença ao sueste da cidade do mesmo nome, e quarenta e quatro ao nordeste da do Ouro Preto. Esta aldeia, cujo nome é derivado do dos Índios que nela residiam, foi descoberta em

1758 pelos Paulistas, os quais, durante muito tempo, com dificuldade puderam resistir às frequentes invasões dos Botocudos, que eram senhores daquelas terras; só depois de 1807 é que os colonos, e juntamente as tribos índias Malalis, Capoxós e Monoxós, gozaram dalgum sossego, pondo-se debaixo do amparo dum destacamento ou registo que neste lugar se estabeleceu para impedir o extravio do ouro e dos diamantes; infelizmente uma epidemia que se declarou em 1814 foi causa da emigração duma parte dos moradores, e da morte da outra; e todavia o sítio desta aldeia é sadio. As casas ou antes choupanas se acham derramadas num outeiro, distinguindo-se entre elas a do vigário, a qual é mais aparatosa que a própria igreja matriz, dedicada antigamente a N. S. do Bom Sucesso, e de presente a Santo Antônio. Os moradores deste termo cultivam milho, feijões, e colhem algodão e trigo, criam grande quantidade de porcos e de vacas, cujo leite reduzido a queijos tem extração no distrito do Tejuco, bem como os demais dos gêneros de seu consumo. Bem que os Índios desta freguesia estejam

quase civilizados, conservam sempre a paixão dominante de seus avós para a vida independente dos povos caçadores. É a população de mil e duzentas almas, número que deve de necessidade ir em aumento, se a companhia da navegação do rio Doce conseguir facilitar a navegação dos rios Saçuí em toda a sua extensão.

Paca Nova. Rio da província de Mato Grosso. Nasce na parte austral da serra Parecis junto com o Sotério, e vai juntar-se com o Guaporé, pela margem direita, vinte léguas abaixo do confluente do mencionado Sotério.

Pacas. Ilhota da província do Pará, na embocadura do rio dos Tocantins, a qual parece haver assim sido chamada pela abundância que nela havia do quadrúpede deste nome.

Pacatá. Lugarejo que consta dalgumas casas, na margem esquerda do rio Buranhém, e pertence ao distrito da vila de Porto Seguro, na província da Bahia.

Pacatuba.⁷³ Antiga aldeia da província de Sergipe. (*V. Japarutuba.*)

⁷² Atual cidade de Peçanha/MG. (N/E)

⁷³ Atual cidade de Pacatuba/SE. (N/E)

Paciência. Nome de duas vendas sobre um tesó rodeado de pântanos, uma na embocadura do rio Macacu, e outra na do rio Inhomirim ou Estrela, ambos os quais deságuam na baía de Niterói ou de Rio de Janeiro. Os arrais dos barcos vão em demanda destas vendas, e nelas esperam com paciência a enchente da maré para poderem salvar as restingas e parcéis que embarçam as barras destes rios na vazante. As canoas, pelo contrário, entram nelas em todo o tempo. Acha-se sempre nas ditas vendas peixe frito, farinha de pão e aguardente de cana.

Pacífica. Missão fundada em 1843 pelo capucho italiano Francisco de Monte Santa Rita, entre os rios Araguaia e Tocantins, a cem léguas de Belém, pouco mais ou menos em cinco graus e trinta minutos de latitude. Era uma aldeia de Índios Apinagés, onde este missionário se demorou com o intuito de doutriná-los na religião. Escutaram-no os Índios, e soube este homem hábil ganhar-lhes de tal maneira o coração, que se determinou a estender as suas conquistas a três outras al-

deias, a primeira a três léguas, a segunda a vinte e cinco, e a terceira a trinta daquela a que pôs nome *Pacífica*, e para a qual ele solicita o título de vila, e juntamente subsídio para a compra dos paramentos sacerdotais de que há mister a igreja que por suas diligências se acha ali edificada, e para outros objetos que segundo ele são conducentes à civilização dos Índios.

Paco. Lagoa da província do Rio Grande do Norte, nas margens do Apodi, que se enche quando este rio sai fora de seu álveo, e pouco lhe vai restituindo as águas até ficar em seco, em faltando as chuvas.

Pacobaíba.⁷⁴ Freguesia da província do Rio de Janeiro, perto do ribeiro chamado da Guia e da baía Niterói, duas léguas ao norte da ilha do Governador, e três a oés-sudoeste da vila de Magé. Em 1640, havia neste lugar uma capela da invocação de Santa Margarida, que passados sete anos servia de paróquia, porém como se viesse a arruinar, bem como outra capela da vizinhança, dedicada a N. S. da Guia, deu-se princípio à fá-

brica duma igreja mais espacosa, que foi concluída em 1699. Foi a imagem de N. S. posta no altar-mor, e a de Santa Margarida numa das capelas laterais, e a nova igreja serviu de paróquia, sendo indiscriminadamente apelidada com o nome da Senhora e da Santa, até que por alvará de 14 de dezembro de 1755, foi decorada com o título de paróquia, com o nome de N. S. da Guia de Pacobaíba. Seu termo começa, a leste, no rio Suruí; cercam-no ao sul, as águas da baía; ao oeste, o rio Inhomirim; e ao norte, o ribeiro Bonga o separa da freguesia de Inhomirim. A população deste termo é avaliada em dous mil habitantes, que cultivam mantimentos. Dão-se mui bem nestas terras os cacauzeiros, bananeiras, jabuticabeiras e cuitezeiras. Nelas não há senão um engenho, mas em recompensa muitos fornos de telha e de tijolo, que são juntamente com as frutas os únicos objetos que se exportam para a capital. É regada esta freguesia pelos ribeiros Piranga, Guia e Magua; estes dous últimos se lançam na baía, e não dão navegação na embocadura senão com o favor da maré.

⁷⁴ Atual distrito de Guia de Pacobaíba, município de Magé/RJ. (N/E)

Pacoquia

Pacoquia. Lugarejo nas margens do ribeiro do mesmo nome, no termo da freguesia da Trindade, na província do Rio de Janeiro.

Pacotes. Nome que se dá a várias ilhotas de rocha que os arrais dos barcos encontram na carreira do sul, antes de entrarem na baía do Espírito Santo: é mister passar-se por fora do terceiro que se acha mais arredado do continente que os dous outros.

Pacoti. Ribeiro da província do Ceará, que separa o termo da freguesia de Mecejana do de Aquirás, desde a lagoa do nome desta última vila até o mar. Só é navegável nas grandes marés.

Pacuí. Rio da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha. Vem dos montes do distrito de Formiga, corre obra de vinte léguas para o poente e vai se lançar no rio de São Francisco, pela margem direita, um pouco mais acima de frente do confluente do rio Paracatu. Dá navegação a canoas somente na estação das chuvas. Veem-se em suas margens algumas casas com moradores, mas a grande fazenda de seu nome se acha totalmente arruinada.

Pacuí. Rio da província de Minas Gerais, no norte da comarca de Rio de Jequitinhonha; nasce do vertente ocidental da serra Branca, corre para oés-noroeste, recolhe pela direita o ribeiro Cachoeirinha, que lhe aumenta do dobro o cabedal, e serve então de limite à província da Bahia, até juntarse pela margem direita com o rio Verde, tributário do São Francisco. Algumas léguas abaixo de sua junção tem lugar a do rio Gurutuba.

Padauíri. Rio da Guiana brasileira, tributário da margem esquerda do rio Negro, entre a vila de Moreira e a freguesia de Lamalonga. Ignora-se o rumo de seu curso.

Padrão. Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade deste nome, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Deve esta povoação o nome que tem ao padrão que mandou assentar no cabo de Santo Antônio Cristóvão Jacques, quando, por ordem d'El-Rei D. Manoel, foi explorar a costa do Brasil.

Padre Aranda. Lagoa da província de Goiás. (V. *Hortigas*.)

Padre Mateus. Povoação da província da Bahia, no distrito

da vila de Maragogipe, com uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Pagão ou Pagãos. Ilha do rio Madeira, duas léguas abaixo do rio Piraia Nara e a ilha do mesmo nome.

Paiacu. Tribo de Índios que dominavam no tempo passado nas margens do Apodi, na província do Rio Grande do Norte. Há muito que se civilizaram, e fazem atualmente uma grande parte da população da vila de Porto Alegre. São todavia em pequeno número.

Paiaguá. Nação de Índios que antigamente dominavam em ambas as margens do Paraguai, na província de Mato Grosso. Discorriam pelos grandes rios, e iam mui longe em canoas sobremaneira ligeiras, e como tivessem com pouca diferença os mesmos costumes que os Guaicurus cavaleiros, supuseram-nos da mesma nação. Estes povos marítimos se separaram dos Índios cavaleiros, e vivem dispersos pelas matas dos Estados espanhóis, e da província de Mato Grosso. (V. *Guaicurus*.)

Pai José. Lagoa da província de Goiás, na serra dos Pire-

neus; dela nasce o rio das Almas.

Paiol.⁷⁵ Mesquinha povoação da província de Minas Gerais, no distrito e perto da cidade de Minas Novas, a qual se acha no termo da freguesia da Chapada. Suas minas foram descobertas em 1725, e no cabo de poucos anos se acharam de todo esgotadas. (V. *Chapada*.)

Paios (Ilha dos). Ilha ao sueste da entrada da baía de Niterói ou de Rio de Janeiro, à ilharga da ilha de Maio, légua e meia ao nordeste da Rasa, onde existe um farol. A passagem mais frequentada para se entrar na baía, é a que jaz entre o farol e a ilha dos Paios, porque nela acham os navios constantemente de treze para vinte braças de fundo, e em caso de necessidade pode-se passar entre ambas estas ilhas e a terra firme.

Paiqueré. Campos novamente descobertos, nas adjacências da comarca de Curitiba, na província de Santa Catarina.

Pai Simão.⁷⁶ Lugarejo da província do Maranhão, perto do rio Itapicuru e da vila do Rosário. Esteve muito tempo de posse desta posição, no ano de 1840, o rebelde Raimundo Gomes.

Pajeú ou **Pajaú**, segundo os antigos escritores. Aldeia da província das Alagoas, na margem do rio do mesmo nome, entre a serra Negra e o rio de São Francisco, povoada de Índios da tribo Chocó. Os Índios bravos, que vivem nos montes da serra chamada Baixa Verde, acometeram de improviso esta aldeia no ano de 1838, arruinaram-na e roubaram.

Pajeú. Rio da província das Alagoas. Nasce na serra dos Cairiris; corre do norte para o sul, banhando as faldas da serra Negra, e lança-se quinze léguas mais abaixo no rio de São Francisco pela margem esquerda, obra de trinta léguas acima da cachoeira de Paulo Afonso. Este rio não tem corrente senão na estação das chuvas, ou depois das grandes trovoadas. Suas margens são povoadas por Índios da tribo Chocó, atualmente civilizados,

e pelas tribos Vouvê, Pipinã e Umã, que ainda o não são. (V. estes nomes.)

Pajussara. Pequeno porto da província das Alagoas, separado do de Jaraguá pelo outro apelidado Ponta Verde. Nele costumam surgir de inverno as embarcações, por se achar abrigado dos ventos do sul e do oeste, pela ponta de terra que se adianta pelo mar. Os desaguadouros das lagoas Mandaú e Manguaba se perdem nas areias, a duas léguas deste porto, e é mister conduzirem-se em carros as fazendas. (V. *Jaraguá*.)

Palma. Antiga comarca da província de Goiás, de que foi cabeça a vila de São João da Palma. A organização das comarcas desta província foi feita em 1835 pela primeira assembleia legislativa provincial. (V. *Porto Imperial*, comarca.)

Palma.⁷⁷ Colônia militar fundada na província de São Paulo. (V. *Mata e Campo da Palma*.)

Palma (Rio da). Rio da província de Goiás, na comarca de Porto Imperial. Tem prin-

⁷⁵ Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

⁷⁶ Atual distrito de São Simão, município de Rosário/MA. (N/E)

⁷⁷ Atual cidade de Palmas/PR. (N/E)

Palmares

cípio perto da serra do Duro, e procede da reunião dos ribeiros da Palmeira, do Mosquito e Sobrado, corre no rumo de oés-noroeste, atravessa a freguesia da Conceição, e vai ajuntar-se com o rio Paranã, abaixo da vila de São João da Palma, onde achando-se com mais cabedal toma sem fundamento o nome de Paranatinga, que perde no cabo de mais oito léguas de curso.

Palmares.⁷⁸ Quilombo célebre da serra do Barriga, perto da província de Pernambuco. Os estragos que os Holandeses fizeram nas províncias do Brasil de que se achavam de posse foram ocasião deste ajuntamento de calhambolas, o qual se foi sucessivamente engrossando até constar, segundo Brito Freire, de perto de trinta mil indivíduos. Os escravos dos engenhos invadidos pelos Holandeses, na província de Pernambuco, se entranharam nos sertões, e assentaram morada na falda oriental da serra do Barriga, por lhes parecer o sítio acomodado em razão de vários ribeiros de que era regado, e plantaram ao redor em princípio muitas palmeiras; mas como entendessem que não

lhes bastava aquele reparo, cercaram a nova povoação, que tinha obra de uma légua de circunferência, com duas ordens de estacadas de troncos grossos, altos, e dos que sabiam ser de maior duração, os quais falquearam de modo a poderem-se juntar, deixando três portas fortíssimas, cada qual, com sua plataforma por cima, onde, em caso de acometimento, podiam combater duzentas pessoas, uma ao norte, outra ao oriente, e a terceira ao meio dia. No meio da povoação havia um tanque d'água doce que abundava em pescado, e um rochedo donde as atalaias podiam ver o que ao longo se passava. Como o número dos calhambolas fosse em aumento, foilhes mister viver ao salto, roubando o gado que encontravam nas povoações vizinhas, e até algumas mulheres por serem mui poucas as que tinham, sendo a vila de Porto Calvo a que mais tempo esteve exposta às suas incursões. Estabeleceram uma forma de governo monárquico eletivo, escolhendo um chefe a que chamavam *zumbi*, o qual tinha o seu palácio diferente das casas dos demais habitantes, que eram pelo molde das dos Africanos meras choupanas.

Além deste cabeceira havia outros que lhe eram subordinados, os quais tinham a seu cargo a administração da justiça, e a sentença por eles proferida era imediatamente executada: o furto, o homicídio, a fuga e o adultério eram castigados com todo o rigor. Todo o escravo que se acolhia ao quilombo cessava de o ser; porém aqueles que nele entravam por força não faziam mais que mudar de senhor; se os primeiros pretendendo fugir eram apanhados, incorriam na pena última, e os segundos tão somente na de prisão. Andavam todos nus, à exceção dos grandes, que faziam uso dos panos que os vizinhos lhes davam em troco de víveres e doutros gêneros. Os veteranos do quilombo tinham licença para terem suas roças fora da estacada, as quais com o andar dos anos se converteram em pequenas povoações, e os moradores que cultivavam os gêneros da primeira necessidade no caso de guerra se acolhiam ao quilombo. Durou este perto de setenta anos, tendo sido infrutuosas várias expedições que contra ele se fizeram; porém o marquês de Pombal acabou por destruí-lo em 1697, mandando contra ele uma divisão

⁷⁸ Atual cidade de União dos Palmares/AL (N/E)

Palmeira dos Índios

de oito mil homens, com a mosquetaria e artilharia que o caso pedia, e ainda assim foi mister dous meses para se vir ao cabo com aquela população que, posto fosse oriunda de pais escravos, fora criada livres. A maior parte dos que podiam pegar em armas foram vítimas da mosquetaria e da artilharia, e as mulheres, meninos e feridos foram conduzidos ao longe, e vendidos. Não pôde todavia o marquês de Pombal levar a efeito o projeto que havia formado de estabelecer uma colônia de Europeus no sítio onde haviam vivido tanto tempo vinte e até trinta mil indivíduos, ou porque fossem as suas ordens mal executadas, ou por não serem acomodadas às localidades. Dispersaram-se em breve os colonos, e parte deles se juntaram com os Índios que residiam a quatro léguas da serra da parte do oriente, e a povoação que daí resultou alcançou no começo do século XVIII o título de vila, com o nome de Anádia. Todas as vezes que um governo quiser fundar uma colônia no centro dum deserto, deve começar antecipadamente por

preparar as vias de comunicação por água ou por terra, entre a nova colônia e as antigas povoações; aliás perderá todo o fruto de seu trabalho. Não o ignorava o marquês mas estava longe.

Palmares (Rio dos). Ribeira da província de São Pedro do Rio Grande; nasce ao sul do Tramandaí ou Taramandabu, segundo Pimentel⁷⁹, e vai desaguar na extremidade setentrional da lagoa dos Patos.

Palmas (Ilha das). Três são as ilhas deste nome na província do Rio de Janeiro; a primeira na baía de Niterói, ao oriente e a pequena distância da ilha do Governador; a segunda no arquipélago fora da sobredita baía; e a terceira ao sul da província, diante da costa do distrito da vila de Parati. Todas três oferecem um aspecto gracioso e pitoresco pelas palmeiras de que se acham cobertas.

Palmas (Ilha das). Há também três ilhotas deste nome, na província de São Paulo, de frente da baía de Paranaguá, assim chamadas pelas palmeiras de que se acham vestidas,

as quais se avistam de mui longe.

Palmas (Ilha das). Ilha da província de Santa Catarina, na entrada da banda do sul da baía deste nome.

Palmas. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, tributário do canal chamado rio de *São Gonçalo*, que faz comunicar a lagoa Mirim com a dos Patos, e ao sul da confluência do rio Piratinim.

Palmeira.⁸⁰ Freguesia da província de São Paulo, na comarca de Curitiba. (V. *Palmeiras*, vila.)

Palmeira.⁸¹ Freguesia da província das Alagoas. (V. *Palmeira dos Índios*.)

Palmeira dos Índios.⁸² Antiga povoação e nova vila da província das Alagoas, na serra do Barriga. Depois da destruição do quilombo dos Palmares, collocaram-se no mesmo lugar várias tribos índias juntamente com um certo número de colonos portugueses, os quais foram fundar a quatro léguas dali a povoação

⁷⁹ Saint-Adolphe refere-se presumivelmente a Manuel Pimentel (1650-1719), cosmógrafo português e autor de uma instrução sobre a arte de navegar, publicada em 1712. (N/E)

⁸⁰ Atual cidade de Palmeira/PR. (N/E)

⁸¹ Atual cidade de Palmeira dos Índios/AL. (N/E)

⁸² Atual cidade de Palmeira dos Índios/AL. (N/E)

Palmeiras

atualmente conhecida com o nome de vila de Anádia; os Índios continuaram a residir na serra, ao redor duma igreja que, passados anos, foi elevada à categoria de paróquia com o orago de N. S. do Amparo; até que afinal a assembleia provincial conferiu a esta freguesia o título de vila, assinalando-lhe por distrito o seu próprio termo. Além da igreja matriz possui esta vila uma da invocação de N. S. do Rosário. Confina o dito distrito da parte do norte com o da Vila-nova da Assembleia, correndo pelos nascentes do Longá, pela lagoa Tacoara e pela estrada de Casinhas, e daí pela serra do Caranguejo; e da banda do poente com o sítio das Galinhas até a província de Pernambuco.

Palmeiras.⁸³ Vila da província de São Paulo, na comarca de Curitiba. Era uma mesquinha aldeia do distrito de Castro que engrossou em população com o governo constitucional, à qual a assembleia geral de 13 de outubro de 1831 concedeu uma escola de primeiras letras e em 1833 elevou a sua igreja à categoria de paróquia. Como com estes favores fosse a po-

pulação aumentando-se progressivamente, a assembleia provincial de 1840 a condecorou com o título de vila. Seu distrito é regado pelo ribeiro Castelhana; em 1841 achou-se nele uma mina de azougue e em 1842 era a população de dous mil, cento e cinquenta habitantes entre lavradores e criadores de gado.

Palmela.⁸⁴ Destacamento militar colocado no século passado, com o nome de *Destacamento das Pedras*, no termo de Nova Coimbra da província de Mato Grosso, contra as invasões dos Guaiurus. À sombra deste posto formou-se uma povoação, a que puseram o nome de *Palme-la*.

Palmitar. Sítio da província de Santa Catarina, nas margens do rio Saí, a seis léguas de sua foz, onde alguns colonos falansterianos, debaixo da direção de MM. Jamain e Derrión, separando-se dos do rio Saí, formaram uma pequena povoação, entregando-se ao cultivo das terras, à construção de barcos e à fabricação dos instrumentos para este mister necessários. Em junho

de 1842 haviam já os novos colonos deitado ao mar um escaler, e tinham no estaleiro um iate.

Pamas. Índios bravos que dominavam nas cabeceiras do rio Madeira, e nas margens dos afluentes do Juruena. Tinham os mesmos costumes que os Muras (V. este nome); e possuem atualmente uma aldeia na margem direita do Madeira, onde cultivam os víveres de que não mister por diferente teor dos da mesma tribo que vivem no sertão das terras. São estes Índios entre todos os mais brancos.

Pamas. Aldeia da província de Mato Grosso, na margem direita do rio Madeira, perto do salto Jirau. O primeiro juiz de fora de Vila Bela, que foi presente à sua criação em 1751, Teotônio da Silva Gusmão, protegeu muito esta aldeia povoada de Índios Pamas, na visita que fez às terras de sua jurisdição; e com o volver dos anos veio ela a ser uma escala útil e cômoda para os que vão por água do Pará para Mato Grosso, bem como para os correios estabelecidos entre estas duas províncias.

⁸³ Atual cidade de Palmeira/PR. (N/E)

⁸⁴ Atual cidade de Costa Marques/RO. (N/E)

Pambu.⁸⁵ Pequena vila da província da Bahia, na comarca de Jacobina, na margem esquerda do rio de São Francisco, vinte e duas léguas acima da cachoeira de Paulo Afonso. Algumas minas de ouro que os Paulistas acharam em 1718, no sítio chamado pelos Índios Pambu, deram origem a uma povoação do mesmo nome, que ficou largo tempo no mesmo ser pelo intratável do sítio, e sobretudo por se terem as minas esgotado; o que não obstante teve esta povoação um julgado, e no fim do século XVIII, como a sua igreja, de que é padroeiro Santo Antônio, fosse elevada à categoria de paróquia, intitulou-se a povoação da freguesia de Santo Antônio de Pambu. Em 1832, por decreto de 16 de junho, concedeu-se-lhe uma escola de primeiras letras, e por outro de 6 do mês seguinte, teve esta freguesia a satisfação de ver-se elevada à categoria de vila, assinalando-se-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia. A este distrito pertencem o salto ou cachoeira de Paulo Afonso, e a serra da Borracha ou Muribeca, onde há minas de cobre e de prata, que foram abandonadas por causa das do

ouro. É povoação derramada nas margens do rio, e consta de mil e duzentos vizinhos, lavradores de mantimentos e de algodão e criadores de gado. Há em Pambu um colégio eleitoral criado por decisão do presidente da província de 18 de janeiro de 1843.

Panati. Tribo de Índios que viviam na serra de que eles retêm o nome. Foram transferidos desta serra para a vila de Porto Alegre por ordem do governo, e nela residiram juntamente com os Icó e Paiacus, sem todavia com eles se aliam, assim que a raça destes Índios vai diminuindo cada vez mais, aliando-se as filhas deles com os brancos.

Panati. Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre, onde vivia a tribo índia do mesmo nome, ramo da grande nação dos Tupinambás. Serve esta serra de limite à província de Paraíba, e dela nasce o rio Piancó.

Panati. Serra limítrofe das províncias de Paraíba e do Rio Grande do Norte, e tribo de Índios que a povoavam. (V. *Panati*.)

Panauá. Ribeiro da província do Pará, no distrito da vila de Oeiras. Vem dos montes que jazem entre o Xingu e o Araticu, corre rumo do norte, e vai desaguar no canal ou estreito de Tagipuru.

Pandeiro. Ribeirão da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Salgado. Nasce na serra das Araras, corre por entre matas de cedro rumo de leste, e vai desaguar na margem esquerda do rio de São Francisco, entre o confluente do rio Pardo e o do Salgado.

Panela. Mata da província de Pernambuco, banhada pelo rio Jacuípe, memorável por ter sido o lugar onde se organizou uma rebelião que tinha por alvo aparente de repor no trono o Imperador D. Pedro I, e na qual os Índios das margens do mencionado rio pelejaram por decurso de dous anos, talvez sem saber o porquê, até que os que os comandavam foram mortos ou postos em fuga pelas tropas e guardas nacionais da província. Em 1840 os frades capuchos tomaram sobre si o santo projeto de doutrinar na religião cristã as relíquias destes

⁸⁵ Atual cidade de Curaçá/BA. (N/E)

Panema

Índios, trabalhando por aquele meio na civilização dos que vivem no sertão das terras. Em 1843 fez-se a proposição de edificar se na aldeia da Panela uma igreja da invocação de N. S. da Letra.

Panema. Ilha da província do Rio de Janeiro, na baía de Angra dos Reis, defronte da costa do distrito da vila de Parati.

Panema. Lagoa da província de Santa Catarina ao norte, e nas imediações da lagoa apelidada por antonomásia *Laguna*. É estreita, profunda, e pode ter meia légua de comprimento. Na estação das chuvas deságua na baía de Santa Catarina.

Panema de Campo Grande. Campinas dilatadas da província do Rio Grande do Norte, onde se acha situada a povoação de Campo Grande. (V. *Campo Grande*.)

Pantanal. Lugarejo da província do Rio de Janeiro, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, num pantanal do termo da freguesia de Jacutinga.

Pântano.⁸⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, doze

léguas ao norte da vila das Lavras do Funil, e nove ao sul da de Tamanduá. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia em 1813, sendo o orago N. S. das Dores. Seu termo é regado pelo rio Grande, tributário do Paraná, e encerra dous mil fregueses entre cultivadores, criadores de gado e mineiros.

Pão de Açúcar.⁸⁷ Antiga aldeia da província das Alagoas, no distrito da vila de Porto das Folhas, perto da de Penedo, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia provincial de 6 de julho de 1839.

Pão de Açúcar. Serra da província das Alagoas, junto à vila de Penedo. Em sua encosta setentrional há uma caverna medonha, onde é provável que ninguém até o presente se afoutou a entrar. Entre esta serra e o rio de São Francisco vê-se ainda em nossos dias osadas de animais de desmarcada grandeza. Os Índios da tribo Chocó viviam nas adjacências desta serra, donde foram nos tempos passados transferidos para a aldeia de São Pedro, na margem direita do mesmo rio.

Pão de Açúcar. Penhasco enorme de puro granito, despedido de toda a vegetação, elevado obra de cem braças acima do nível do mar, assentado sobre uma base menos árida, como de indústria para indicar a entrada da baía de Niterói ou do Rio de Janeiro. Nele fenece a serra que jaz baía, e parece ser os pés do gigante ou gênio que preside aos destinos do Brasil, quando com atentos olhos do alto-mar o contemplam as pessoas dotadas de imaginação. Antolha-se-lhes deitado o gigante, e com as ondulações dos picos das serras fronteiras ao mar, cuidam distinguir-lhe a cabeça, pescoço, peito, barriga e joelhos. O cume deste enorme penhasco assemelha-se a um pão de açúcar, e jaz em vinte e dous graus, cinquenta e seis minutos e oito segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, trinta e quatro minutos e quarenta e três segundos de longitude oeste. Antes do farol que foi colocado na ilha Rasa, e acendido pela primeira vez em 1829, era o Pão de Açúcar a baliza por que se guiavam os pilotos para embocarem na baía de Niterói. No monte coberto de ver-

⁸⁶ Atual cidade de Lagoa da Prata/MG. (N/E)

⁸⁷ Atual cidade de Pão de Açúcar/AL. (N/E)

dura em que se acha colocado este penhasco está situado o forte de São João, cujo fogo pode cruzar-se com os dos fortes de Vilagalhão, Santa Cruz e da Lage, para impedir a entrada da baía ao inimigo.

Pão de Açúcar. Assim também se apelida o mais alto cume da serra a quem puseram o nome de *Fecho dos Morros*, na ocasião em que se fez no decurso do ano de 1786 a demarcação dos Estados espanhóis e portugueses.

Papagaio. Nome de várias ilhotas da província do Rio de Janeiro, amontoadas entre os cabos dos Búzios e Cabo Frio. Acham-se mais perto da terra firme que as ilhas das Âncoras, e apartam do mar alto a baía de Cabo Frio; dão bom abrigo aos navios, que acham ao redor delas de vinte até trinta braças de fundo.

Papagaios. Nome de três ilhéus perto da ponta meridional da ilha de Santa Catarina, ao poente da dos Três Irmãos.

Papa Gente. Perigoso passo do rio Paraguaçu, na província

da Bahia. Fez-se sobre ele uma ponte em 1841.

Papara. Serra da província do Ceará, no distrito de Mecejana.

Papari.⁸⁸ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de São José de Mipibu, nas margens da lagoa do mesmo nome, perto dum canal pelo qual comunica com a lagoa Groaíras. Jaz esta povoação obra de uma légua ao sul da vila cabeça do distrito, tem uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 3 de outubro de 1832, e por outro decreto de 29 de agosto do ano seguinte foi a sua igreja, de que é padroeira N. S. do Ó, elevada à categoria de paróquia, sendo o seu termo formado com parte do de Mipibu, ficando as autoridades locais encarregadas de assinalar as respectivas confrontações. Os moradores são pela maior parte brancos, agricultores, pescadores e fabricantes de diversas obras de espartaria, que fazem com certa palha particular de que abundam as lagoas Groaíra e Papari.

Papari. Lagoa da província do Rio Grande do Norte, cujo nome toma a freguesia que jaz em suas margens e cuja palha é utilizada pelos fregueses para o fabrico de esteiras, açafates e outras obras deste gênero. Esta lagoa banha também a vila de São José de Mipibu, e comunica com a lagoa Groaíras por um canal natural. As terras em torno são ótimas para toda espécie de lavra.

Papoa. Serra da cordilheira da província de Santa Catarina, por detrás das minas de carvão de Rodeio Bonito, no distrito da vila da Laguna. Dela nasce o rio Tubarão.

Papuã.⁸⁹ Nome das minas e da povoação da província de Mato Grosso, atualmente conhecida com o nome de Pilar. (V. este nome.)

Paquequer. Rio de pouco cabedal da província do Rio de Janeiro, ao norte da vila de Cantagalo, cujas cheias alagam as fazendas que se fizeram depois do governo constitucional em suas margens. Corre este rio rumo do norte, paralelamente com os rios Bosaraí

⁸⁸ Atual cidade de Nísia Floresta/RN. (N/E)

⁸⁹ Atual cidade de Pilar de Goiás/GO. (N/E)

Paquequeira

e Paraíba, no qual se incorpora pela direita, acima da confluência do rio da Pomba, na margem oposta.

Paquequeira. Ribeiro da serra dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro; rega o termo da freguesia de São José do Sumidouro, e se incorpora com o Macacu, e juntos tomam o nome de Magé, e vão engrossar o rio Piabanha.

Paquetá. Ilha fértil e aprazível da baía do Rio de Janeiro. Em 1565 Inácio de Bulhões obteve uma sesmaria nesta ilha, e no ano seguinte Fernão Valdez alcançou o restante dela. Em 24 de novembro de 1698 sagrou-se nela uma igreja que tinha por padroeiro São Roque. Como os moradores se achassem no meio da baía, e a três léguas da matriz de Magé, serviu-lhes aquela igreja de paróquia desde o ano de 1728, mas edificando-se na mesma ilha outra igreja de pedra e cal da invocação do Bom Jesus do Monte, teve esta as honras de paróquia por decisão episcopal de 21 de junho de 1769. Por esta nova criação, o vigário de São Gonçalo perdia menos terra que o de Magé, o que não obstante não deixou de protestar contra ela, por isso que desanexavam do termo de sua freguesia as ilhas de Itaoca e de Jerobaíba,

vizinhas da de Paquetá, obteve por sentença a supressão da nova freguesia, e ficou a igreja do Bom Jesus do Monte sendo uma das filiais de Magé até o ano de 1816, em que o Príncipe regente depois D. João VI a reintegrou no título e prerrogativas de paróquia. Além desta igreja subsiste sempre a de São Roque, cuja festa é celebrada todos os anos com grande magnificência. A ilha de Paquetá tem obra de meia légua de comprimento com seiscentas braças em sua maior largura, é em parte rasa, em parte montuosa, e tem vários portos, para receber os gêneros que vão para a cidade do Rio de Janeiro. A parte rasa acha-se ocupada por lindas chácaras, e a parte montuosa que jaz ao sudoeste plantada de cafezais e canaviais. Os riachos cristalinos de que é regada são suficientes para fertilizar as terras, e para o consumo diário dos moradores. Esta ilha andou sempre anexa ao distrito da vila de Magé, mas por decreto de 23 de março de 1833 se acha dele desmembrada, e faz atualmente parte do da cidade do Rio de Janeiro.

Pará. Vasta província marítima do Brasil, entre quatro graus e trinta minutos de latitude norte e seis graus de latitude meridional, e entre

quarenta e oito e setenta e um graus de longitude ocidental. Antes do descobrimento do Brasil era este país habitado pelos Índios Tapuias, aos quais se agregaram os Tupinambás fugindo das perseguições que lhes faziam na província de Pernambuco os Portugueses. Quando os Franceses foram expulsos do Maranhão em 1615 pelo almirante Alexandre de Moura, este governador general encarregou a Francisco Caldeira de ir explorar o Pará com duzentos homens repartidos em três caravelas, nomeando-o capitão-mor daquela parte do Brasil. Chegou Francisco Caldeira à baía de Turiaçu ou Turivaçu a que pôs nome *Esperará*, a qual ainda hoje conserva o primitivo. Demorou-se algum tempo numa baía, tendo defronte de si a parte meridional da ilha de Marajó, onde mandou fazer um forte para se pôr a seguro dalguma súbita acometida da parte dos Índios. Teve este capitão-mor aviso de como os Holandeses vinham fazer alianças com os Índios das margens do rio das Amazonas, para ali ao depois se estabelecerem, e sem perda de tempo lançou vinte homens em duas chalupas, os quais foram ao princípio maltratados dos Holandeses; e como se ateasse o fogo em um dos

navios holandeses, e dele se comunicasse a uma das chalupas, tiveram os Portugueses de saltar a terra; o que não obstante viram-se os Holandeses obrigados a deixarem aquelas paragens com perda dum navio e de obra de trinta homens. Irritados os Tupinambás contra os Portugueses, por isso que intentavam sujeitá-los a suas leis e obediência, como o haviam feito em Pernambuco, tomaram a resolução de expulsá-los do país, e para este efeito pegaram todos em armas. Porém o capitão-mor foi-lhes ao encontro, e depois de reduzir a cinzas a aldeia Caiú, passou ao fio da espada quantos pôde colher, e dali se passou à aldeia Mortigueira, que achou despovoada, e depois de mandar um destacamento acossar os fugitivos, voltou para Belém. Gaspar de Freitas, que comandava o destacamento, vendo que o estava aguardando uma grande multidão de Índios, e que não podia ficar com a melhoria se com eles viesse às mãos, embarcou-se com os seus numa canoa, e voltou para Belém matando quantos no caminho acertava de encontrar. Na volta desta expedição fundaram os padres capuchos o hospício de Una, primeiro edifício religioso desta província. Neste mesmo ano foi Francisco Caldeira apeado do go-

verno pelo povo, por isso que não quisera castigar um sobrinho seu que havia morto à traição um capitão que era geralmente estimado. Desde então converteu-se o Pará num teatro de rebelião da parte do povo, e de atrocidades da parte dos capitães-mores, e mesmo da de alguns dos governadores. Bento Maciel, João Velho do Vale, Pedro Maciel, Vital Parente Maciel, e Fragoso de Albuquerque foram os que mais se assinalaram contra os Índios, aos quais tratavam com a maior desumanidade. Jerônimo Fragoso de Albuquerque foi posto no lugar de Francisco Caldeira, a quem remeteu preso para Lisboa; isto feito, subiu pelo rio Igarapé, reduziu a sua obediência todas as aldeias, e voltou com a tropa a Belém, trazendo cativos infinitos Índios que vendeu em leilão, depois de ter repartido com a gente um certo número deles. Bento Maciel, com autorização de D. Luiz de Souza, governador general do Brasil, foi fazer guerra aos Índios, com gente paga à sua custa. Foi tal a paixão que com isto teve Fragoso de Albuquerque, que dentro em poucos dias, estando de volta duma expedição, faleceu em Belém. Sucedeu-lhe interinamente no governo do Pará Jerônimo de Albuquerque, fi-

lho do conquistador dos Estados do Maranhão; e Bento Maciel, vendo-se frustrado desta pretensão, foi assentar morada na foz do rio Itapicuru, onde com o auxílio dos seus fez um forte, havendo-lhe o governador general concedido grande extensão de terra, com obrigação de que defenderia aquele país das invasões dos Índios e dos piratas. Fundado nesta concessão e no encargo que lhe haviam dado, assentou de ir a Belém e de apoderar-se interinamente do governo, o que tendo conseguido fez continuamente uma guerra cruel aos Índios, de qualquer tribo que fossem, acossando-os por toda parte, cativando-os, e vendendo-os por sua conta e em proveito seu; verdade é que também nestas excursões rendeu grandes serviços ao governo, pelejando com os contrabandistas e piratas que se tinham estabelecido e fortificado na costa e margens dos rios, e obrigando-os a evacuar o país. Durante o governo de Bento Maciel estabeleceram-se os primeiros missionários nesta província; porém como em 1626 viesse governar o Pará com patente de capitão-mor Manoel de Souza de Eça, teve Bento Maciel de fugir para São Luiz, para se subtrair aos clamores e queixas dos Paraenses. Francisco Coelho de

Pará

Carvalho, primeiro governador dos Estados do Maranhão, Pará e Ceará, foi a Belém no ano seguinte, reparou os males que havia feito Bento Maciel, e confirmou no governo a Manoel de Souza de Eça. Porém passados alguns anos este capitão-mor, e Luiz Aranha de Vasconcelos, seu sucessor, foram presos por haverem desobedecido às leis repressivas da escravidão dos Índios que o célebre Antônio Vieira havia alcançado do soberano a poder de enérgicas solicitações. Luiz do Rego Barros foi nomeado por El-Rei governador do Pará, independente do dos Estados do Maranhão, e chegou a Belém em 1633. Sua severidade e injustiças, e a turbulência natural dos habitantes, ocasionaram tais alevantamentos e alvoroços, que viu-se o governador obrigado a deixar o governo, de que se empossou interinamente Francisco de Azevedo, o qual faleceu no mês seguinte de fevereiro de 1634. Sucedeu-lhe Feliciano de Souza com igual desventura e após ele Aires de Souza Chichorro, e Pedro Teixeira em 1640, voltando da sua peregrinação a Quito. Todas estas mudanças de governadores procederam de maquinações dalgumas pessoas, e dos alevantamentos populares. Cordovil Camacho acabava de suceder a Pedro

Teixeira, quando, em 1641, recebeu de Bento Maciel, que havia sido promovido no governo do Maranhão, ordem de proclamar no Pará a exaltação do duque de Bragança, que havia sido aclamado rei no ano precedente, e de entregar o governo a Pedro Maciel, o qual entregou o Pará aos Holandeses, com a mesma covardia com que Bento Maciel seu tio acabava de entregar-lhes o Maranhão. Tendo-se os Holandeses voluntariamente retirado, Cordovil Camacho tomou nas mãos as rédeas do governo, que vieram disputar-lhe os irmãos João Velho do Vale e Pedro Maciel; e como Cordovil falecesse nesse entretanto, acusaram-nos de lhe terem dado veneno; motivo por que tiveram de ir acampar com os seus em uma ilha nas adjacências de Belém. Sucederam-se depois disto vários capitães-mores, como Francisco Coelho de Carvalho, Aires de Souza Chichorro, Francisco Xavier de Mendonça e outros, até a chegada de Inácio do Rego Barreto, nomeado governador do Pará, independente do do Maranhão, por decisão régia de 25 de fevereiro de 1652. Quis o novo governador pôr em execução as diferentes leis promulgadas em favor da liberdade dos Índios, mas encontrou grande oposição da parte dos religio-

sos da Companhia de Jesus, e faleceu no mês de maio do ano seguinte. Revogou El-Rei D. João IV as sobreditas leis, e encarregou a um desembargador de julgar a seu arbítrio as causas concernentes à liberdade ou cativoiro dos Índios. Porém os jesuítas opuseram-se à execução das sentenças proferidas por este juiz. João de Bittancourt Moniz, sucessor de Inácio do Rego Barreto, experimentou as mesmas contrariedades da parte dos jesuítas, e teve de marchar contra os Holandeses e os Índios Tapuias, que se haviam coligado, e conseguiu sujeitar à obediência as terras dos Aruaquizes, entre o cabo do Norte e o rio Jari. Em 1656 foi o Pará de novo anexado à província do Maranhão, e teve por capitão-mor Luiz Pimentel de Moraes, a quem sucedeu Feliciano Correia, que foi rendido por Marçal Nunes da Costa, em cujo governo se apoderaram os jesuítas da administração temporal dos Índios. Francisco de Seixas Pinto, tomando posse do governo do Pará, teve de prometer ao povo de se não opor à expulsão dos padres da companhia, os quais foram todos presos; porém Luiz Vaz de Sequeira, governador dos Estados do Maranhão, conseguiu dos Paraenses, sobre promessa dum perdão geral do

passado, que pusessem em liberdade os ditos padres e os deixassem entrar em suas aldeias, nas quais teriam unicamente a administração espiritual, ficando a temporal devoluta, como era razão, aos comandantes militares. Achando-se as cousas postas em boa ordem e concerto, veio o governador a Belém, onde foi recebido com magnificência real, cousa que ao depois foi constantemente observada a respeito dos demais governadores. Luiz Vaz de Sequeira, prosseguindo em sua visitação, foi até a aldeia de Caité, e voltou para a cidade de São Luiz em 10 de fevereiro de 1664. Neste mesmo ano, o missionário Antônio Arnou de Vilela, aceso em zelo da conversão dos Índios, entranhando-se nas matas, foi ter à aldeia Tapajós; porém como os Índios entendessem era aquilo um ardil para os captivar, conduziram debaixo dum falso pretexto o missionário e os que o acompanhavam a certo lugar, e lá os mataram sem perdoar a nenhum. Seixas Pinto aproveitou-se do sossego em que o país estava para tirar vingança deste atentado. Combateram os Índios com valor, mas não podendo resistir à mosquetaria, se desordenaram e fugiram com perda de setecentos dos seus mais intrépidos comba-

tentes. Entranharam-se os Portugueses no coração das florestas, pondo fogo às aldeias, avaliadas com exageração em trezentas. Mais de quatrocentos Índios foram conduzidos em triunfo a Belém e vendidos em hasta pública. Governando em 1667 o Pará Paulo Martins Garo, o governador general dos Estados do Maranhão, Albuquerque Coelho de Carvalho, foi a Belém, e voltou para o seu governo pouco satisfeito dos Paraenses. Pedro César de Menezes, que lhe sucedeu, foi residir em Belém no ano de 1671, e foi recebido por diferente teor. Este governador fortificou todos aqueles pontos do Maranhão e do Pará, que assentou podiam vir a ser dalguma importância. Nos sete anos de seu governo, o Paulista Pascoal Pais de Araújo se internou no sertão das terras, e deitou até o Tocantins, onde encontrou alguma resistência em Francisco da Mota, que ali se achava com alguma gente; o qual vendo que os Paulistas se tinham fortificado, voltou para Belém para dar aviso do acontecido ao governador. Em 1676, como um vulcão causasse grandíssimo estrago na ilha do Faial, perto de trezentos indivíduos de ambos os sexos que ficaram arruinados, foram transportados para o

Pará, e deram-se-lhes terras no sítio chamado Campina. Teve este governador a felicidade de comprimir uma conspiração que estava para arrebentar, e obrando com prudência, limitou-se a prender os cabeças delas que remeteu para Lisboa. Governando os Estados do Maranhão Inácio Coelho da Silva em 1678, deu o governo de Pará a Vital Maciel Parente, digno filho de Bento Maciel, que fez continuamente guerra aos Índios, a fim de cativá-los e vendê-los, como havia feito seu pai. Francisco de Sá de Menezes foi residir para Belém em 1682, e pacificou os habitantes que estavam alevantados por causa dos jesuítas e da companhia do comércio, porém não teve posses para atalhar a revolução de Beckman, que rebentou pelos mesmos motivos na cidade de São Luiz, e que durou quinze meses até a chegada de Gomes Freire de Andrade com tropas portuguesas. Pôs o novo governador em breve termo à rebelião, e depois de haver feito justiça nos cabeças dela, foi residir para Belém no ano de 1685. Hilário de Souza de Azevedo governou o Pará três anos depois, e tomou aos Franceses o forte de Macapá, que havia caído havia quatro anos em poder do governador da Guiana francesa. João de

Pará

Velasco Molina foi promovido por carta régia de 1699 ao governo do Pará, e como naufragasse defronte de Belém, Antônio de Albuquerque, governador do Maranhão, lhe facultou obsequiosamente quanto lhe era mister para apresentar-se com a decência que convinha tivesse um homem mandado pelo soberano. No ano seguinte o bispo do Maranhão, Francisco de Lima, excomungou o clero do Belém, por isso que havia enterrado em sagrado o ouvidor geral que algum tempo antes se havia oposto às suas injustiças. Quase nesse mesmo tempo os Índios Caicaízes desceram das serras e assaltaram de improviso os moradores das margens do rio Moni. Na ilha de Marajó dous missionários foram assassinados pelos Tapuias, e cinco meses depois foram seus corpos transportados para Belém, e acharam-se tão bem conservados que foram reverenciados como santos. Pedro Mendes Tomás sucedeu a Velasco Molina, que havia governado o Pará por espaço de sete anos. A capital do Pará foi erigida em bispado por resolução régia de 1719, estendendo-se a sua jurisdição sobre a Guiana portuguesa e sobre as províncias de Goiás e de Mato Grosso; e afinal foi esta parte do Brasil definitiva-

mente elevada à categoria de capitania por El-Rei D. José I, no ministério do marquês de Pombal, único que intentou e conseguiu que se executassem as antigas leis, sempre eludidas, que diziam respeito à liberdade dos Índios. O novo decreto declarava expressamente: “Que todos os Índios eram livres, e isentos de toda a escravidão; que podiam dispor de suas pessoas e bens, e gozar sem distinção alguma das honras, privilégios e liberdade de que gozavam os demais vassallos portugueses segundo sua jerarquia e fortuna.” O povo continuava a acusar os jesuítas de serem os defensores da escravidão dos Índios, acusação que algum fundamento tinha, pois que em 1759, quando foram expulsos, achou-se que regiam dezenove aldeias. Os carmelitas, neste mesmo tempo, regiam quinze, os capuchos doze, e os religiosos de N. S. das Mercês cinco. Os Índios sujeitos aos jesuítas foram entregues a alguns administradores que os faziam cultivar as terras por conta do governo, pagando-lhes o tesouro em gêneros; mas a maior parte, seguindo a sua natural inclinação, se tornou às matas para viver à lei da natureza, e os poucos que ficaram não mudaram de condição, pelo mesmo teor que os descen-

dentes dos primeiros povoadores desta província hão conservado a turbulência natural de seus maiores. Esta província foi a que mais tardou em aceder à nova ordem de cousas, e só o fez um ano depois da aclamação de D. Pedro I por Imperador e defensor perpétuo do Brasil. Em 1834 o chamado Vinagre organizou uma revolução com o intento de repor no trono o sobredito Imperador, ignorando que era já falecido, e as mortes e incêndios se multiplicaram por este motivo tanto na capital, como nas demais vilas da província, durante cinco anos consecutivos. A província do Pará confronta ao norte com as Guianas inglesa e francesa, e com a república de Colômbia; a leste, com a província do Maranhão, a qual por lei da assembleia geral de 1836 vai até o rio Gurupí, que se lança na baía do mesmo nome; ao sul, com as províncias de Goiás e de Mato Grosso, e ao oeste com o Peru e Colômbia. Reparte-se em seis comarcas que são: as do Alto Amazonas, de Cameté, de Bragança, Grão Pará, Macapá e Santarém ou Tapajós. Em 1840 houve projeto de criarem-se mais algumas, uma das quais devia compreender os distritos de Gurupá, Melgaço e Oeiras, e estender-se até o rio Araguaia, e outra

devia constar dos distritos de Borba e de Souzel, confrontando da parte do nascente com o Araguaia e do poente com o rio Jabari, extrema do Brasil ao sul do Amazonas. Apresentou-se igualmente um projeto de erigir em província a Guiana brasileira, que constitui presentemente a comarca de Macapá. As seis comarcas atuais subdividem-se em vinte e sete distritos municipais, de que são cabeças a cidade de Belém e as vilas de Barcelos, Borba, Bragança, Cachoeira, Cametá, Cintra, Égua⁹⁰, Equador ou Chaves, Faro, Vila Franca, Gurupá, Luzeia, Macapá, Manaus ou Rio Negro, Mazagão, Melgaço⁹¹, Monte Alegre, Muaná, Óbidos, Oeiras, Ourém, Porto de Moz, Santarém ou Tapajós, Turiaçu e Vigia. Encerrava esta província em 1840, noventa e quatro freguesias, dez das quais estavam sem vigário, tanto por falta de eclesiásticos, como por não haver dinheiro para o conserto das igrejas que se achavam necessitadas dele ou de todo em todo arruinadas. No mesmo ano, procedendo-se a um alistamento, achou-se que o número dos habitantes civilizados andava por cento e trinta e nove mil,

e o dos Índios bravos computava-se que seria pelo menos de cem mil. Os dias são iguais às noites nesta vasta província, principalmente no norte dela; as trovoadas frequentes, o clima quente mesmo na estação das chuvas; então os rios saem de seu leito, e no mês de junho costumam levar pouca água. A viração da terra de noite, e a do mar no decurso do dia, temperam o ardor do sol e dissipam os miasmas. As doenças que mais reinam são febres intermitentes, diarreias e disenterias, hidropisias e sobretudo lepra, hidroceles, obstruções viscerais e sarna. As cabeceiras dos principais rios de que esta província é regada acham-se povoadas de infinitos Índios bravos de diversas tribos. Sua superfície será de obra de oitenta e nove mil léguas quadradas, falece porém de montes, e tem matas imensas cujo terreno sendo muito substancial admite toda espécie de cultura; dão-se ali espontaneamente árvores que fornecem diversas espécies de especiarias, de bálsamos, gomas, cacau e várias plantas medicinais, e os bichos dos pés são nesta província menos abundantes que em todas as outras do Império. Com tan-

tas vantagens não vemos que a população do Pará se tenha aumentado, nem a que agricultura tenha feito progresso, sendo que há mais de dous séculos que nela se estabeleceram os primeiros colonos. Acha-se nesta província, bem que em pequena quantidade, minas, cristal, esmeraldas, prata, granito e argilas de diversas cores; matas donde se tira ótima madeira de construção, de carpintaria e marcenaria. O comaru, a copaiveira e omiri ou estoraque são mui vulgares; encontra-se também a madeira chamada merapinima, que toma um lustro semelhante ao da tartaruga, a árvore chamada sucubá, que dá por incisão certa bebida vermífuga; a maçaranduba, cuja goma serve de grude; o gelaicica, que dá uma resina com que se envidraça a louça de barro; o açacu, cujo leite é um veneno sutil, o chiriuba, cuja cinza é ótima para o fabrico do sabão. Os animais desta província se não diferenciam do das outras; há quantidade infinita de abelhas, que fabricam seus favos nos troncos carcomidos das árvores, e um sem número de frutas como as atas, pinhas e várias espécies de

⁹⁰ O autor refere-se presumivelmente à antiga vila de Ega. (N/E)

⁹¹ O autor refere-se presumivelmente à antiga vila de Melgaço. (N/E)

Pará

cocos. Dão-se espontaneamente nela a baunilha, gengibre, anil, salsaparrilha, a jalapa, ipecacuanha, bem como a árvore do cravo e da noz-moscada. Colhe-se grande quantidade de mandioca, de arroz, milho, feijões, de café, de algodão e de canas-de-açúcar. O comércio principal da província do Pará consiste em arroz, urucu, cuja tinta é preferível à do pau-brasil; cacau, salsaparrilha, especiarias, plantas medicinais, goma elástica, pimenta da Índia, bálsamo de copaíba, aguardente de cana, canela, andizoba, e madeira para a construção dos navios e marcenaria. No fim do século passado foi a exportação de trezentos contos de réis, e a importação andou por outro tanto. No governo do conde dos Arcos, no princípio do século em que estamos, foram ambos aumentados em dobro, e diminuíram de metade de 1806 a 1819. Deste tempo em diante foi o comércio em aumento, porém o conflito entre os Brasileiros e Portugueses causou uma baixa extraordinária, e este estado de cousas durou até se consolidar o governo imperial.

Em 1836 foi a exportação de R. 821.622.000 e a importação de 1.820.600.000

Em 1837, a exportação de 848.377.000 e a importação de 1.287.591.000

Em 1839, a exportação de 1.236.857.000 e a importação de 1.559.338.000

Desgraçadamente tem sido a importação superior à exportação, e todavia tem esta província portos cômodos no Amazonas, no Tocantins e no marítimo, e rios navegáveis, o que nos afiança no porvir mais lisonjeiros resultados. Desde o ano de 1836 em diante tem se feito várias tentativas para estabelecer o serviço dos barcos de vapor em diversos pontos desta província, as quais todas desarmaram em vão. Ao Barão de Jaguari e a Joaquim José de Siqueira faleceram os capitais, e tendo este último alcançado um privilégio, não achou quem quisesse comprar ações; enfim, depois de muito dispendio e trabalho, uma sociedade anônima estabeleceu um serviço regular entre a capital do Império e a cidade de Belém, fazendo escala pela Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Maranhão. Os barcos

de vapor fizeram esta viagem em 1843 no espaço de quarenta e cinco e quarenta e oito dias, contando o da partida e o da chegada ao Rio de Janeiro, sendo que em outro tempo os navios gastavam em ir e vir de um até dous meses. A assembleia legislativa da província destinou fundos para se fundarem sete missões nos lugares onde os Índios estão ainda por se civilizar. As de São Joaquim no rio Branco, Alto Xingu, São João ou Pacífica, nas margens do Araguaia, em 1843 tinham já os eclesiásticos de que haviam mister. Seria muito para desejar-se que a mesma assembleia pudesse votar as somas necessárias para adoçar o curso rápido e torrencioso de muitos rios, a fim de facilitar a navegação deles. Nomeia esta província três deputados para a assembleia geral, um senador para o senado, e sua assembleia legislativa consta de vinte e oito membros.

Pará.⁹² Povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja da dependência da matriz da vila de Tamanduá. Está situada perto do rio de seu nome, na estrada que vai da cidade de Sabará para a de

⁹² Atual cidade de Pará de Minas/MG. (N/E)

Goiás, obra de sete léguas ao nordeste de Tamanduá.

Pará. Rio da província de Minas Gerais. Nasce dos montes que jazem entre a vila de Tamanduá e o rio Paraopeba, corre rumo de nor-noroeste, recolhe vários ribeiros, rega as povoações da Conceição do Pará e da Barra do Pará, ambas sobre sua esquerda, e vai incorporar-se com o rio de São Francisco, pela margem direita, entre os afluentes dos rios Lambari e Paraopeba.

Pará. Deu-se também por vezes este nome ao rio Tocantins, ao passo que outros escritores pensaram que era uma das bocas do Amazonas.

Paracatu.⁹³ Cidade e antiga vila da província de Minas Gerais, situada em dezesseis graus e doze minutos de latitude, cento e quarenta léguas ao noroeste da cidade de Ouro Preto. O rio Paracatu e as minas do mesmo nome foram descobertas em 1744, e declaradas ao governador por José Rodrigues Froes. Como fossem abundantes de ouro, acudiram a elas os moradores das margens ocidentais do rio

de São Francisco, em número de mais de doze mil, transpondo rios e serra que pareciam vedar-lhes a entrada deste distrito, cujas terras auríferas foram repartidas por pequenas porções. Tal foi a origem da povoação de Paracatu, e a igreja do Rosário foi edificada nesse mesmo ano. Esta povoação foi condecorada com o título de vila, com o nome de Paracatu do Príncipe, por alvará de 20 de outubro de 1798, e teve um juiz ordinário que subsistiu até que, por outro alvará de 17 de maio de 1815, foi erigida em cabeça da comarca de seu nome, e escolhida para residência dum ouvidor, e afinal elevada à categoria de cidade por lei provincial de 9 de março de 1840. Está esta nova cidade assentada no alto dum monte donde nasce o Córrego Rico; suas ruas são alinhadas e calçadas, as casas de madeira e pela maior parte térreas. Os edifícios mais notáveis são a Intendência, a casa da câmara com sua competente cadeia, dous chafarizes, a igreja matriz de que é padroeiro Santo Antônio, e três outras da invocação de N. S. do Rosário, da Abadia e do Amparo. Possui esta cidade uma escola de pri-

meiras letras, uma cadeira de latim. Quando as minas se foram esgotando, foi a população indo em diminuição, porém os habitantes sendo em geral dum gênio brando se entregaram ao cultivo das terras e ao comércio, e desde então começou Paracatu a ser o depósito dos gêneros vindos da província de Goiás, bem como dos objetos das fábricas da Europa que os daquela província recebiam em câmbio deles. O alvará já citado, que criou a comarca de Paracatu, lhe assinalou por limites a parte da província de Minas Gerais que jaz entre o rio de São Francisco e as serras da Marcela, da Tabatinga e Pindaíba, que são as extremas da província de Goiás, e do norte ao sul, quanto jaz entre os rios Carinhonha e Abaité; mas outro alvará de 4 de abril de 1816 a aumentou além destas terras com os novos distritos do Desemboque e de Araxá; porém em 1841 foi desmembrada para se formar a comarca do Patrocínio, e todavia avalia-se a população desta comarca em sessenta mil habitantes, que se empregam na mineração do ouro, que é de inferior qualidade ao das outras minas da mesma provín-

⁹³ Atual cidade de Paracatu/MG. (N/E)

Paracatu

cia; parte deles se aplicam ao cultivo das terras, que são excelentes, criam gado, e comerciam. O clima é quente, as videiras dão uvas duas vezes por ano; as bananas, laranjas, ananases e melancias são em grande abundância; as matas encerram diferentes espécies de madeiras de construção, de carpintaria, marcenaria e tinturaria; os campos e vales produzem um grande número de plantas medicinais, como a quina, a jalapa, a salsaparrilha, o columba, a ipecacuanha, o alcaçuz, o teú, o sumo de cujas raízes é empregado nas hidropisias, e a sambaibinha, que dizem cura ou alivia os diversos prolapsos. Os rios Abaité, Andaia, da Prata, Preto, de Santo Antônio e do Sono a-carretam diamantes e outras pedras preciosas, e são guardados por destacamentos que se opõem à busca deles, por pertencerem unicamente ao governo. Além das minas de ouro já esgotadas existem nesta comarca minas de prata, de estanho e de chumbo; na serra da Mata da Corda e da Banda do norte, vizinha do rio de São Francisco, acha-se nitro e pedras calcárias em abundância. Exporta-se desta comarca açúcar, cachaça, café, queijos e toucinho, e importa-se em câmbio sal, instrumentos de ferro e panos das fábricas da Europa.

Paracatu. Rio da província de Minas Gerais, na comarca que tem o mesmo nome. Para simplificar a geografia do Brasil seria mister fazer começar este rio na extremidade norte da serra Pindaíba; mas segundo o uso consagrado pelos naturais do país, o ribeirão Escuro é o nascente mais remoto da foz do Paracatu, que não é assim apelidado senão depois da junção do Escuro, com o ribeirão apelidado rio da Prata. (V. estes nomes.) Passada esta junção ou confluência, o Paracatu recolhe o Córrego Rico, o ribeiro das Éguas, e o Preto pela margem esquerda, e os rios Catinga e do Sono pela direita; e no cabo dum curso navegável de obra de sessenta léguas, entra no rio de São Francisco pela margem esquerda, em quinze graus e trinta e cinco minutos de latitude.

Paragau. Rio tributário do Guaporé, pela margem esquerda. É considerado numa parte de seu curso como um dos limites do Brasil. Rega este rio a província de Chiquitos no Peru, e a de Mato Grosso no Brasil, correndo por espaço de sessenta léguas entre as antigas Missões espanholas de Santo Inácio e da Conceição, e lança-se no rio Guaporé, cinquenta lé-

guas abaixo da cidade de Mato Grosso, em treze graus e trinta e nove minutos de latitude.

Paraguaçu. Rio o mais caudaloso dos que deságuam na baía de Todos os Santos. Nasce na serra da Chapada, a pouca distância da qual se engrossa com o tributo dum sem número de ribeiros, e debruça-se dos penedos da serra Cincurá, fazendo uma grande cachoeira, e dezesseis léguas mais adiante despenha-se da serra Timborá com um salto menos alto que o precedente, e vai precipitar-se por entre dous rochedos debaixo duma ponte de madeira de oitenta braças de comprimento, rega sucessivamente a cidade da Cachoeira e a vila de Maragogipe, antes de ir desaguar na baía acima dita pela margem ocidental, espalhando-se muito em sua foz. Dá este rio navegação a embarcações ligeiras que levam até acima da cidade da Cachoeira, onde se embarcam grande número de caixas de açúcar que vão para a cidade da Bahia. Os moradores das margens deste rio são sujeitos às febres intermitentes, e suas águas não devem ser bebidas senão vinte quatro horas depois de tomadas.

Paraguaçuzinho. Ribeiro da província da Bahia, na co-

marca da Jacobina. Incorpora-se com o Paraguaçu pela margem direita.

Paraguai. Grande rio da América meridional, cujo dilatado curso segue constantemente o rumo do norte ao sul, até juntar-se com o Uruguai, formando ambos reunidos o rio da Prata. Talvez venha o nome deste rio com alguma corrupção do dos Índios chamados Paiguás, que dominavam em ambas as margens dele, quando pela primeira vez ali chegaram os Paulistas e os Espanhóis. Tem este rio o seu primeiro nascente no sítio chamado as Sete Lagoas, numa chapada da serra Melgueira ou do Pari, por haver ali outras tantas lagoas que comunicam entre si por desaguardouros naturais, setenta léguas ao sueste da cidade de Mato Grosso e obra de cinquenta ao norte da de Cuiabá. O primeiro tributário que se incorpora com o Paraguai é o rio Diamantino, logo depois se lhe ajuntam os rios Preto, Sipotuba, e muitos ribeiros antes do Jauru lhe aumentar do dobro o cabedal, unindo-se-lhe pela margem direita em dezesseis graus e vinte e três minutos de latitude. Neste intervalo ao longo de sua margem esquerda corre a certa distância a serra dos Parecis, cuja base ocidental é banhada

pelas lagoas do mesmo nome, apelidadas pelos primeiros exploradores paulistas, Xaraes. Perto de vinte léguas abaixo da ponta da serra Escalvada a margem direita do Paraguai é acompanhada por outra serra que lhe estreita o álveo e por cujas quebradas vão desaguar nele as lagoas Oberava, Gasba e Mandioré, que jazem por detrás da sobredita serra, a qual se reparte nas serras Insua, dos Dourados, Chainês e de Albuquerque. Defronte da serra Chainês recolhe o Paraguai o rio Porrudos ou de São Lourenço, em dezoito graus e quarenta e cinco minutos de latitude com pequena diferença, e mais abaixo defronte da serra de Albuquerque o Tacoari, e cinco léguas mais longe, sempre pela mesma margem, o Embotetiú. Onze léguas ao sul da junção deste último rio, chamado também Mondego, se erguem dous montes, um à esquerda e outro à direita, é neste último que foi construído o forte de Coimbra. Neste intervalo e antes dos sobreditos montes deita o Paraguai, pela margem direita, um braço, conhecido vulgarmente com o nome de Paraguai-Mirim. Doze léguas abaixo do forte de que acima falamos, entra no Paraguai o desaguardouro da lagoa chamada *Bahia Negra*. Passadas mais dezessete léguas ajunta-

se pela margem esquerda o rio Queima, que alguns querem que seja o Tereri dos primeiros exploradores; e a três desta junção, em vinte e um graus de latitude, se acha sobre a direita o monte Miguel José, em cuja falda edificaram os Espanhóis em 1792 o forte *Bourbon*. Cossa de oito léguas ao sul deste forte cruza-se com o Paraguai uma corda de montes, deixando uma aberta estreita à proporção da mole imensa d'água, que os primeiros exploradores apelidaram Fecho dos Morros. (V. esta palavra.) Esta corda de Montes, que jaz em vinte e um graus e vinte minutos de latitude, divide o rio em dous braços e estabelece duas navegações, a baixa e a alta. Deste ponto em diante continua o Paraguai a correr num leito profundo com mais regularidade do que anteriormente, recolhendo sucessivamente pela direita o rio Tipoti, e pela esquerda o Correntes ou Branco, depois à direita o Apa, que se supõe ser o Piraí dos antigos exploradores, o Guidava e os dous Ipanês; o Chechuí à esquerda, o Suobogo e o Tabixu. Sobre sua margem oriental, em vinte e cinco graus e vinte e dous minutos de latitude, encontra-se a cidade da Assunção, capital do Estado do Paraguai, governada largo tempo pelo doutor Francia. Muito mais

Paraguai-Mirim

abaixo sobre a margem esquerda se lhe incorpora o Tibicoari, e sobre a direita o Pilcomaio, Bermejo e Verde. Quarenta léguas ao sul da cidade da Assunção, o rio Paraná, que vem do oriente depois de separar do Estado de Entre Rios o do Paraguai, que fica mais para o norte, se ajunta também com o Paraguai, em vinte e sete e um terço de latitude. Na confluência destes dous rios e sobre a margem esquerda está assentada a cidade de Corrientes, capital da república de Entre Rios. Como os Índios pelo vocábulo Paraná entendessem o mesmo que mar ou uma grande mole d'água, aplicavam indiscriminadamente este nome a ambos estes rios, e daí vem que alguns geógrafos e viajantes se creram fundados a trocar no de Paraná o nome do Paraguai, sendo constante que este rio segue invariavelmente o rumo do norte ao sul, ao passo que o Paraná, além de ter menor corrente e ser menos fundo, dirigindo-se do nascente para o poente, é obrigado a dobrar para o sul com a velocidade e ímpeto das águas do Paraguai. Continua este rio a correr depois da cidade de Corrientes, obra de cento e trinta léguas, no decurso das quais é repartido em diferentes braços, que se apartam, se ajuntam e tornam ou-

tra vez a apartar-se por um grande número de ilhas por espaço de quinze a vinte léguas, e todos os referidos braços vão por outras tantas bocas juntar-se ao Uruguai em trinta e quatro graus de latitude. Todas estas águas, ajuntando-se em redor da ilha de Martim Garcia, inclinam-se para és-sueste e tomam o nome de rio da Prata, debaixo do qual continua o Paraguai a correr por espaço de sessenta léguas até que vai desaguar no Oceano, por uma foz de quarenta léguas de largura, ficando-lhe ao norte a vila de Maldonado, e ao sul o cabo de Santo Antônio. O rio Paraguai, num curso de setecentas e cinquenta léguas ao todo, rega uma parte da província de Mato Grosso, divide sucessivamente o Brasil da república de Bolívia e do Chile, serve de limite ao Estado do Paraguai defronte do Chile, aos Estados de Entre Rios e de Montevidéu defronte do Estado Argentino ou de Buenos Aires, abunda de pescado, dá fácil navegação, bem que suas águas em alguns lugares nem sempre sejam potáveis.

Paraguai-Mirim. Braço do rio Paraguai, que se aparta do corpo deste rio pela direita, passada a serra de Albuquerque, corre obra de vinte léguas ao ocidente dos montes onde

está fundada a povoação de Nova Coimbra, e o forte do mesmo nome, e vai se ajuntar com o corpo do rio ao sul deste forte e da serra do Rabiço.

Paraguás. Tribo considerável de Índios que vivem nas margens do rio Paraguaçu. Em 1558 foram estes Índios castigados pelo governador Mendo de Sá, por isso que haviam comido alguns Índios convertidos à religião cristã; e de então por diante viveram sujeitos ao domínio português.

Paraíba. Província marítima ao norte do Brasil, que pode ter vinte e oito léguas de costa, e se estende para o ocidente obra de cento e vinte léguas, até a província do Ceará. Esta parte do Brasil é uma porção da antiga capitania de Itamaracá, dada por El-Rei D. João III em 1534, juntamente com a ilha do mesmo nome, a Pedro Lopes de Souza, desde o rio Iguaraçu até a enseada dos Marcos. Foi esta capitania povoada por alguns Portugueses em vida do donatário, que dizem naufragara numa viagem que fizera à Índia. Ocupavam neste tempo os Índios Potiguares as terras que ficam ao norte de Paraíba, e os Caetés nas do sul, e estendiam seu domínio até o sertão do Brasil.

Os filhos de Pedro de Souza fundaram a primeira vila desta capitania na ilha de Itamaracá, que hoje se acha incluída na província de Pernambuco. Reinando o Cardeal Rei, Lourenço da Veiga, governador general do Brasil, ordenou a João Tavares de fundar um presídio na ilha Camboa, situada no meio do rio Paraíba, o qual foi logo ao depois mudado pelo capitão Fructuoso Barbosa para o lugar de Cabedelo, na embocadura do mesmo rio. Elevando-se uma discussão entre Francisco Castrejon, que comandava um fortim que nesse tempo se fez, e Frutuoso Barbosa, viu-se este obrigado a deixar aquele posto, por não ter forças para resistir só aos assaltos reiterados dos Caetés e Potiguares, sustentados pelos Franceses, que vinham traficar com eles, e carregar pau-brasil. Voltou Fructuoso Barbosa de Pernambuco com alguma tropa, e tendo conser-tado devidamente os fortes, lançou os alicerces à povoação que, em 1585, reinando em Portugal Filipe II, foi condecorada com o título de cidade e com o nome de Filipeia, e constava de cousa de setecentos fogos e de vinte engenhos em 1634, na ocasião em que foi tomada pelos Holandeses. Uma parte dos moradores, uns por medo, outros por se

acharem de todo arruinados, se recolheram para o Recife, que em menos dum ano, com não ser mais que um montão de areia, se achava convertido, graças ao gênio criador do príncipe Maurício, em uma praça forte e de grandíssimo comércio. Porém infelizmente os usurpadores do Brasil deixaram de todo arruinada a província de Paraíba, quando afinal se viram obrigados a evacuá-la, saqueando-a, e queimando a maior parte das casas e fazendas. Em 1675, uma ordem régia obrigava os habitantes desta capitania a mandarem os seus açúcares e algodões para a cidade Filipeia, que acabava de trocar este nome no de Paraíba, onde aqueles gêneros podiam ser carregados a bordo dos navios, sem serem sujeitos ao monopólio dos mercadores de Pernambuco, nem às despesas que trazia consigo o transporte para o porto do Recife; mas o hábito e a força do costume fez com que esta disposição não fosse nunca executada. Havia decorrido obra de meio século depois que aquela mal-aventurada capitania era disputada em júzo pelos que se diziam herdeiros do fundador dela e de seu irmão Pedro Lopes de Souza, quando El-Rei D. Pedro II, desejando promover nela o comércio e indústria, a declarou capitania

independente, dando-lhe o nome do rio que rega a maior parte dela. Antônio Borges da Fonseca foi o seu primeiro governador em 1685, e outros muitos lhe sucederam, mas não deixaram nela vestígios de melhoramento. Continuaram em suas reclamações os diferentes pretendentes; porém em 1709 pôs-lhes D. João V termo, confirmando o marquês de Cascais na posse das terras pertencentes à herança de Pedro Lopes de Souza; porém os adversários do marquês se opuseram a esta confirmação, que foi anulada e revalidada alternativamente por decisão dos tribunais, até que à tão longa demanda pôs termo a firmeza do marquês de Pombal, em cujo ministério comprou El-Rei D. José ao marquês de Cascais as terras em litígio, e as juntou definitivamente à Coroa. Enquanto durava esta renhida demanda, o governador João da Maia Gama fez com que se executasse o ordenado na carta régia de 24 de janeiro de 1711, concernente à defesa de enviarem-se para o Recife os produtos e gêneros da capitania de Paraíba, havendo nos portos dela navios, ou estando-se à espera deles; porém os que lhe sucederam, e entre eles Antônio Ferrão de Castelo Branco, em 1720, transcuraram de cuidar deste particular,

Paraíba

e os lavradores continuaram a mandar para a cidade do Recife os açúcares e algodões, o que fez com que as receitas da capitania de Paraíba diminuíssem, e as da de Pernambuco fossem em aumento. Como fossem os rendimentos insuficientes para as despesas que necessitava a assistência dum governador, El-Rei D. José, por decisão de 29 de dezembro de 1755, reuniu a capitania de Paraíba à de Pernambuco, dando aviso a Luiz Antônio Lemos de Brito, de que seria o último governador da dita província. Neste mesmo ano teve lugar a criação da companhia dos negociantes de Pernambuco, Porto e Lisboa. José Henrique de Carvalho, que foi render a Luiz Antônio de Lemos, teve com efeito a patente de capitão-mor, e foi subordinado ao governador de Pernambuco, e pelo mesmo teor quantos lhe sucederam por espaço de quarenta anos. Por carta régia de 17 de janeiro de 1799, tornou esta antiga capitania a ser desanexada da de Pernambuco, e Fernando Delgado Freire de Castilho foi promovido ao governo dela; a ele se deve a organização da junta provincial das finanças, cuja criação ficou suspensa por efeito de intrigas particulares, vindo a ser definitivamente instalada dez anos depois. Durante o

seu governo, e no ano de 1800 a aldeia dos Cairiris Velhos foi elevada à categoria de vila, com o nome de Vila Real de São João: tratou este governador de pôr em vigor as ordens régias de 1675 e 1711, concernentes à exportação direita do açúcar e algodão da cidade de Paraíba para a metrópole; mas não o pôde conseguir, por isso que tinha contra si os mercadores do Recife, e seus agentes espalhados pelos diferentes distritos do governo que tinha a seu cargo; porém os Paraibanos vieram a colher o fruto do que ele então semeou. Succedeu-lhe no governo Amaro Joaquim Raposo, o qual vindo munido de novas ordens da corte, passadas em 6 de fevereiro de 1809, estabeleceu a junta de finanças da província, organizada no tempo de seu predecessor. Pôs certo direito sobre os navios que entrassem no porto acima do forte de Cabedelo para o reparo das fortalezas, direito que com pequena diferença ainda atualmente está em vigor. Antônio Caetano Pinto Pereira tomou posse do governo em 31 de agosto de 1811, e desvelou-se em aquartelar os soldados de modo a poder sujeitá-los à disciplina; em 1812 mandou proceder ao numeramento dos habitantes das comarcas de Paraíba e do Rio Grande, e

achou-se era a população total de noventa e cinco mil, cento e sessenta indivíduos, entrando nesta conta três mil e seiscentos escravos; e contudo é para lastimar-se que de então por diante este número tenha diminuído. Durante o seu governo, havendo um Inglês, por nome Diogo Macklakan, estabelecido uma casa de comércio na cidade de Paraíba, os negociantes desta com ciúme pediram-lhe houvesse de expulsar aquele estrangeiro, no que o governador não quis consentir. O ouvidor André Álvares Ribeiro Cirne, governando interinamente em 1816, insistiu na execução das providências dadas para promover o comércio, e no governo de Joaquim Rebelo da Fonseca, que tomou posse no fim do ano de 1818, foram as ditas providências observadas. Este governador foi substituído pelo governo provisório constitucional. A incapacidade, e por vezes o despotismo dos representantes dos donatários; o costume invariável dos capitães-mores e dos primeiros governadores, depois da expulsão dos Holandeses, de destruir o bem que seus predecessores haviam feito, a bruta tirania dos comandantes militares e de seus subalternos foram causas da miséria extrema em que foi posta a po-

pulação desta parte do Brasil até os fins do século XVIII. Daí em diante as providências que se deram foram mais bem entendidas; e se o número dos escravos sofreu alguma diminuição, o sertão se povoou, e a população branca e indiana se aumentou sensivelmente; com os benefícios do sistema constitucional começou esta província a prosperar, da qual se desanexou a comarca do Rio Grande do Norte, que foi elevada à categoria de província em 1818 e 1820. A província de Paraíba apenas tem, como já dissemos, vinte e oito léguas de costa, entre o rio Guaju ou Guajé da banda do norte e o Goiana da do sul, porém dilata-se por espaço de cento e vinte léguas de leste a oeste, desde o mar até o rio Crumataú, que a separa da província do Ceará. Dá-se-lhe aproximadamente três mil e seiscentas léguas quadradas de terra. Por um numeramento feito em 1838, achou-se que era sua população de cinquenta e cinco mil, cento e vinte e quatro almas, bem que cinco anos antes fosse avaliada em cem mil. Reparte-se esta província em três comarcas, que são Brejo de Areia, Paraíba e Pombal, nas quais existem onze vilas, e uma cidade, a saber: Alhandra, Brejo de Areia, Conde, Montemor, Paraíba cidade, Piancó, Pilar,

Pombal, São Miguel, Vilanova de Souza, Campina Grande e Vila Real de São João, e além disto doze freguesias. Em 1841 eram os estabelecimentos de instrução pública que possuía um liceu ou colégio com seis cadeiras e quarenta e seis escolas de primeiras letras. O clima é quente, o ar saudável, e o ardor do sol temperado pela viração do mar; porém uma grande parte das terras são impróprias para a agricultura, tanto pelo inconveniente das secas que se experimentam durante seis e até oito meses todos os anos, como por serem arenosas, e da espécie chamada *catingas*. Somente a terça parte delas é substancial, e plantada em canaviais e em arrozais nas baixas e vales; a mandioca, os algodoeiros, o milho e o tabaco prosperam nos montes, de cujas faldas manam os ribeiros e rios Camaratuba, Gramame, Guaju, Maman-guape, Miriripe e Paraíba, e outros que se secam durante uma parte do ano, motivo por que são pouco produtivas as terras adjacentes. O interior da província de Paraíba acha-se retalhado de serras, ramos da cordilheira Borborema, que com diversos nomes se estende por todas as províncias do norte do Brasil. Elas fornecem grande diversidade de madeiras de construção e de

tinturaria; dalgumas árvores se colhem bálsamos, gomas e resinas preciosas. Nas matas e catingas se encontram, mas não em grande quantidade, onças, jaguares, antas; os cabritos monteses, chamados vulgarmente veados, são mais abundantes, bem como os porcos monteses, preguiças, macacos, lontras e outros quadrúpedes de menor vulto; entre as aves notam-se as emas, o jaburu, o jacu, papagaios e grande variedade doutras. Nos areais da costa nascem espontaneamente diversas espécies de coqueiros, como o catulés, que se eleva prodigiosamente, e dá certa espécie de cocos com o que muito folgam os bois; o pequi, menos alto, que dá um coco redondo do tamanho duma maçã, com uma tampa esverdeada, e uma substância mole e branca que se come cozida ou crua; no interior desta substância há uma espécie de coco ou caroço espinhoso, cuja amêndoa dá um azeite que serve sendo recente para a mesa, e sendo velho para luzes. As frutas de que mais abunda esta província são as jabuticabas, ambus, goiabas, araçás e cajú, cujas árvores prosperam sem cultivo. As mangueiras também se dão bem, e os algodoeiros hão prosperado a ponto que têm invadido as terras plantadas

Paraíba

em canaviais por isso que hão mister de chuva, e que o fabrico do açúcar é objeto de maior despesa. Depois que os Índios se aplicaram à plantação dos algodoeiros, bem como uma boa parte dos Brasileiros, o número dos escravos diminuiu sensivelmente. A exportação desta província foi em 1838 de cento e dezoito mil, seiscentos e dezoito arrobas de algodão, sessenta e oito mil duzentos e oitenta e seis arrobas de açúcar, e oitocentas canadas de aguardente de cana. Nomeia a província de Paraíba cinco deputados para a assembleia geral do Império, e dous senadores para a câmara alta; sua assembleia legislativa provincial consta de vinte e oito membros.

Paraíba.⁹⁴ Cidade e capital da província do mesmo nome, na margem direita do rio Paraíba, a quatro léguas do mar. Teve princípio no forte feito por João Tavares, em comprimento das ordens de Loureço da Veiga, governador do Brasil, no ano de 1579, para impedir aos Franceses de vir carregar pau-brasil. Guiados os Índios pelos aventureiros daquela nação, arrasaram o forte que tanto lhes empecia,

bem como a povoação que à sombra dele se tinha formado. Passado algum tempo, Fructuoso Barbosa, que se tinha retirado para Pernambuco, voltou com forças suficientes, e reedificou o forte de Cabedelo no ângulo meridional da embocadura do rio, e mandou consertar o da ilha Camboa; à sombra destes fortes se estabeleceram alguns colonos, e fizeram seus engenhos. Foi-se esta povoação aumentando, sobretudo perto do lugar onde o ribeiro Unhabi se ajunta com o Paraíba, e Filipe II, que então se achava de posse de Portugal, lhe conferiu em 1583 o título de cidade, posto que nesse tempo constasse tão somente de novecentos vizinhos e tivesse só dous engenhos. Apoderando-se os Holandeses do forte de Cabedelo, e do restante da província em 1633, trocaram-lhe o nome no de Frederick, em honra do statuder príncipe de Orange, e depois o príncipe Maurício de Nassau lhe deu por armas um pão de açúcar, aludindo à reputação que o açúcar desta província havia adquirido na Europa, sendo preferido ao das demais províncias do Brasil; porém tendo o sobredito príncipe sido cha-

mado para a Europa, pela inveja que motivavam as suas conquistas e boa administração, e havendo o governo da província sido confiado a um conselho cujos membros tinham ciúme uns dos outros, seguiu-se a evacuação dela, no decurso da qual foram destruídas todas as casas da cidade, que dentro de breves instantes perdeu quanto havia adquirido durante quase um século. A vantagem do sítio foi causa de a mandar El-Rei D. Afonso VI reedificar, e os jesuítas fundaram um colégio, onde instruíam a mocidade e doutrinavam os Índios na religião. Durante o reinado de D. Pedro II, a jurisdição do ouvidor da comarca de Paraíba se estendia sobre as capitanias do Rio Grande do Norte, do Ceará e de Itamaracá, que em diversas épocas formaram diferentes comarcas. O distrito da cidade se foi sucessivamente povoando com a chegada de novos colonos; e como a população se fosse aumentando cada vez mais, um alvará de 29 de julho de 1813 concedeu-lhe um juiz de fora, além do ouvidor. Atualmente acha-se a cidade de Paraíba muito mais aumentada, e é regada ao norte pelo

⁹⁴ Atual cidade de João Pessoa/PB. (N/E)

rio Paraíba, e por um dos lados pelo ribeiro Unhabi, que com ele se incorpora; cerca-da banda do ocidente uma campina rasa que se estende até as faldas da cordilheira. Divide-se em duas partes, a cidade alta e a cidade baixa, vulgarmente chamada *Varadouro*, que é onde gira a maior força do comércio. As ruas principais são calçadas, e têm boa casaria de pedra e de tijolo, e há nelas duas fontes que dão mui boa água. O antigo colégio dos jesuítas serve atualmente de palácio do governo; nele residem o presidente da província, e o comandante das armas, e também nele tem as suas sessões a assembleia provincial legislativa, que consta de vinte e oito membros, bem como os tribunais civis e crimes do distrito. Há além disto a casa da alfândega, onde se faz a inspeção dos algodões antes do ensaque, a casa da câmara, a intendência, uma caserna e o hospital da Misericórdia, edifícios estes que, posto que sejam de pedra, nem por isso deixam de ser mediocres. Tem esta cidade um grande número de casas religiosas pertencentes aos carmelitas calçados, franciscanos e beneditinos. A igreja matriz, de que é padroeira N. S. das Neves, é assaz bela, e suas torres se acham em sete graus, seis mi-

nutos e três segundos de latitude, e em trinta e sete graus, treze minutos e quinze segundos de longitude oeste; além dela há mais seis, que são a do Bom Jesus, da Mãe dos Homens, de N. S. do Rosário, da Cruz, de São Pedro Gonzaga, e de N. S. do Livramento, na margem esquerda do rio, a qual foi criada paróquia em 1813. Possuía há muito tempo esta cidade duas escolas de primeiras letras de meninos; dous decretos, de 7 de junho de 1831 e de 3 de outubro do ano seguinte, juntaram-lhe mais duas, sendo uma delas para as meninas, e por cima disto cadeira de latim, retórica, filosofia, geografia, história, língua francesa e matemática. O porto da cidade de Paraíba passa com razão pelo demais trato da província, porque com efeito é o mais frequentado dos barcos costeiros, que podem passar, desde Porto Francês até a embocadura do rio Paraíba, por um canal entre a costa e o arrecife onde encontram sempre dez para doze pés d'água. Porém os navios de cento e cinquenta até duzentas toneladas não devem demandar mais de doze a treze pés d'água para poderem subir até o forte de Cabedelo na enchente da maré, e é mister para entrar no rio ventar-lhes do sul ou do leste, e ainda assim devem tomar piloto

para irem com segurança até o porto que jaz algumas milhas acima do forte de Cabedelo, e obra de duas léguas antes de chegar à cidade, onde podem deitar as sumacas. Tem o porto obra de meia légua de largo, e dá bom surgidouro aos navios. É de ordinário pela manhã com a viração da terra que dele partem as embarcações. O comércio deste porto e da cidade consiste em algodão, açúcar, madeira de tinturaria, gomas e bálsamos. O do algodão aumentou-se sensivelmente com o estabelecimento da casa inglesa de Macklakan e comp.; pois que sua exportação até o ano de 1813 não tinha pago de décima senão dez contos de réis, e em 1815, um ano depois do estabelecimento da dita casa, foi a receita da décima de vinte e cinco contos e seiscentos e sessenta e oito mil réis, e em 1816, de quarenta e cinco milhões, seiscentos e cinquenta e cinco mil réis. O que não to-lheu que os negociantes se mancomunassem contra o negociante inglês, debaixo do pretexto de que o seu estabelecimento era a ruína do comércio dos naturais da terra, e não cessaram de reclamar perante as autoridades e até perante El-Rei a expulsão dum estrangeiro que fazia prosperar a cidade, aumentando os rendimentos do Estado, e que,

Paraíba

pela lealdade de seus tratos e por sua perseverança, acabou por libertar a província de Paraíba do monopólio que sobre ela exercia a praça do Recife contra os interesses dos habitantes e do governo. Depois que se efetuou esta revolução comercial, todos os estrangeiros foram fazer compras e carregar navios nos principais portos da província, com grande benefício dos lavradores. As casas arruinadas e as que começavam a sê-lo, foram reedificadas, fizeram-se outras de novo, tanto na cidade alta como na baixa, onde o número delas se aumentou do dobro. A alfândega, que estava fechada no meado do século passado, quando esta capitania se achava debaixo da dependência do governador de Pernambuco, abriu-se, e ofereceu um sem número de lugares aos cidadãos; enfim a população da cidade se acha aumentada doutro tanto mais, e é avaliada presentemente em quinze mil almas incluindo o seu distrito. Seus habitantes são comerciante, lavradores de cana e de víveres, e fabricantes de aguardente. O distrito da cidade, com ser tão povoado, não tem mais que seis para sete léguas do norte ao sul, e oito quando muito de leste a oeste. A ribeira Miriripe e o Mamanguape o separam, ao norte, do distrito de Monte-

mor; ele pega com o do Pilar ao oeste; ao sul, o rio Gramame o aparta do distrito da vila do Conde, e a leste o Oceano o banha com suas águas.

Paraíba. Rio do império do Brasil que fertiliza as províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seu nome é derivado de duas palavras índias: *para*, rio; *hiba*, água clara. Nasce numa pequena lagoa da serra Boacaina, cinco para seis léguas ao nor-nordeste da vila de Parati; corre ao princípio fazendo várias voltas quase para o oeste, e caminhando pela serra Quebra Cangalhas, segue as diversas sinuosidades dos montes da província de São Paulo, regando sucessivamente a vila de Paraitinga, onde se acha uma ponte de obra de vinte braças de comprimento; a de Paraibuna, a povoação de Laranjeiras e a vila de Jacareí. Neste intervalo recolhe muitos ribeiros, sendo os de mais cabedal o Jacuí, sobre a margem esquerda, acima da vila de Paraitinga, e oito léguas mais abaixo, sobre a mesma margem, o Paraibuna, junto à vila deste nome. Abaixo da vila de Jacareí é atravessado pela estrada que vai do Rio de Janeiro para São Paulo, inclina-se ao depois para o norte, recolhe o ribeiro aurífero Jaguari, sempre pela margem

esquerda, passa junto à pequena vila de São José, e tomando para leste, rega de distância em distância as vilas de Pindamonhangaba, de Guaratinguetá, de Lorena, por onde passa a estrada de São Paulo para a província de Minas Gerais, e abaixo da qual entra com todas as suas águas juntas em um álveo cavado em rochas que se elevam a grande altura em ambas as suas margens, o qual tem perto de trezentas braças de comprimento, e cinco ou seis de largura. Em suas numerosas voltas rega o Paraíba a povoação do Queluz, e atravessa o termo da vila de Areias, dirigindo-se para o nordeste até vinte e dous graus e dezenove minutos de latitude, e então sai da província de São Paulo depois de ter descrevido um grande círculo, e corrido em vários rumos, obra de cinquenta léguas. Entrando na província do Rio de Janeiro, divide à esquerda o distrito de Valença dos de Resende, Barra Mansa e do de Vassouras à direita; achando-se os dous últimos distritos entre si separados pelo rio Pirai. Abaixo da vila de Resende há uma ponte de madeira sobre este rio, que dá serventia a uma estrada de segunda ordem, na qual paga a gente de pé e as bestas de carga cento e sessenta réis, e

pelo mesmo teor no distrito da vila de Paraíba, que é separado em duas partes pelo mesmo rio, existe outra ponte, porém de pedra, que dá também serventia à estrada real pela qual se vai da cidade do Rio de Janeiro para a de Ouro Preto; neste trânsito recolhe o Paraíba os ribeiros mais ou menos possantes das Pedras, do Bananal, de Barra Mansa e o rio Piraí, e três léguas adiante desta última ponte se lhe ajunta pela margem esquerda o Paraibuna, depois de haver dividido a província de Minas Gerais da do Rio de Janeiro, dando às suas águas uma cor loura e engrossando-lhes do dobro o volume, defronte do confluente do Piabanha, que com menos cabedal divide o distrito de Paraíba do de Cantagalo. Na distância de perto de trinta léguas que o Paraíba retalha a província do Rio de Janeiro, recebe por uma e outra margem o tributo de várias ribeiras. A começar da junção do Paraibuna serve de limite à província de Minas Gerais, e recolhendo o rio da Pomba, continua a correr por matas povoadas de Índios bravos que pertencem à província do Espírito Santo. Inclina-se então para és-sueste, e recolhe as águas pouco sadias do Muriaré, o qual divide esta província da porção da do Rio de Janeiro que se estende ao

longo de sua margem esquerda até o mar. Pela direita e a começar do lugar onde se lhe ajunta o Piabanha, rega a extrema norte do distrito de Cantagalo, recolhendo os rios Paquequer, Bosaraí e Grande, e regando sucessivamente as aldeias das Pedras, de São José de Leonissa, e a de São Fidélis, que pertence ao distrito de Campos. Daí em diante os montes que acompanham ambas as suas margens começam a arrasar-se, e as águas do Paraíba, descendo por entre enormes penedias, correm ao depois por uma planície que tem perto de dez léguas do poente ao nascente, e nos rodeios que nela faz passa por diante da cidade de Campos, e um pouco mais adiante pela pequena vila de São João da Barra, e vai lançar-se no Oceano, em vinte e um graus e trinta e oito minutos de latitude, e em quarenta e três graus e vinte e dois minutos de longitude oeste. Em um curso mais ou menos tortuoso de cento e quarenta léguas, tem este rio diversas cachoeiras e arrecifes mais ou menos vizinhos uns dos outros, que interceptam quase inteiramente a navegação, e contudo com alguma despesa ela poderia ser útil às três grandes províncias pelas quais ele passa, se se desempachasse o seu álveo das pedras enormes que nele se

despenham das serras, as quais poderiam servir para encaná-lo, nos sítios onde isso fosse possível, e sobretudo se, minando-se os arrecifes e penedos que formam as cachoeiras, se tornassem menos altos os saltos; poder-se-ia também abrir-se-lhe outro leito nos lugares onde são de desmarcada altura os mencionados saltos, ou canais em lugar acomodado, os quais com menos declivo iriam fenecer no rio. Então ver-se-iam as vilas mais mediócras da província de São Paulo adquirirem uma certa importância, e os ermos das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo povoarem-se; a aldeia de São Fidélis se tornaria uma vila mercantil, e a cidade de Campos, bem como a vila de São João da Barra, engrossariam em seus tratos e relações comerciais com o Rio de Janeiro, e sobre tudo em população. As margens do Paraíba, que se acham despovoadas, são em geral montuosas; nelas vegetam o jacarandá, vinhático e araribá vermelho, cujas madeiras servem para as obras de carpintaria, marcenaria e tanoaria, o cedro, a cerejeira, caixeta, canela branca, preta e parda, óleo pardo e vermelho, sapucaia, tapinhoã e merindiba, empregados nas construções navais, o arco de pipa, o icicariba, de que se tira a almecega, a co-

Paraíba

paibeira que dá o bálsamo de seu nome; o tatagiba ou *morus tinctoria* de Lineu, de que se tira uma excelente tinta amarela; o pau-ferro e muitas outras árvores de préstimo pouco conhecidas. Nas terras chãs que se acham entre a aldeia de São Fidélis e o mar, as águas do Paraíba são pouco saudáveis, por se acharem misturadas com as do Muriaré, e seu leito é empachado por muitos ilhotas. Sua embocadura se acha por vezes obstruída com bancos de areia que se desfazem com a violência dos ventos e força das marés, ficando assim mais fácil a saída e entrada dos barcos. Quando por ventura faltam os ventos, veem-se os habitantes obrigados a picarem-nos para facilitar a saída das embarcações ligeiras que exportam os produtos de Campos e de São João da Barra.

Paraíba. Rio do norte do império do Brasil, do qual tomou o nome a província por onde corre do oeste para o és-nordeste. Nasce da serra Jabitacá, ramo da dos Cairiris Velhos, perto dos nascentes do Capibaribe, que se dirige para a cidade do Recife; corre de princípio por entre rochas, engros-

sando-se com os tributos de vários ribeiros que se secam quando faltam as chuvas; em chegando ao distrito do Pilar pelo qual faz caminho, seu álveo é mais regular e sem penedia, e as canoas sobem por ele até a vila deste nome. Seu principal tributário é o ribeirão Guaraú, que nele entra acima da cidade, onde podem portar as sumacas, mas não assim os brigues, que não encontram fundo suficiente, senão a algumas milhas do mar acima do forte de Cabedelo. Deságua este rio no Oceano por duas bocas desiguais, formadas pela ilha de São Bento, chamada primitivamente Camboa. As terras de sua cabeceira são áridas, agrestes na terça parte de seu curso, e somente férteis no distrito da cidade. Dous fortes defendem a sua foz: o de Cabedelo da banda do sul, e o velho forte da banda do norte; em sua barra, nunca se encontra mais de nove até quatorze pés d'água.

Paraíba do Sul.⁹⁵ Vila da província do Rio de Janeiro, assim cognominada, em oposição com a cidade de Paraíba, capital da província deste nome, que jaz ao norte

do império do Brasil. Deve a sua primeira origem ao guarda-mor Garcia Rodrigues Pais Leme, irmão do célebre sertanista Fernando Dias Pais, que achou esmeraldas no Serro Frio, e trisavô de Pedro Dias Pais Leme, que foi criado barão de São João Marcos, em 1818, por El-Rei D. João VI, e condecorado ao depois com o título de marquês do mesmo nome pelo Imperador D. Pedro I. No decurso do ano de 1683, o sertanista Garcia Rodrigues tendo explorado os rios Paraibuna e Paraíba, ignorados até então dos Europeus, assentou morada ele e os seus entre estes dous rios, e erigiu uma capela a N. S. da Conceição e aos Apóstolos São Pedro e São Paulo, e passado tempo abriu caminho pela serra dos Órgãos, para comunicar com a cidade do Rio de Janeiro. Acudiram imediatamente infinitos aventureiros, e se derramaram pelas circunvizinhanças da fazenda de Garcia Rodrigues, e fizeram suas roças entre os rios Preto, Paraibuna, Paraíba e Piabanha, as quais se converteram em outras tantas povoações, e a capela fundada

⁹⁵ Atual cidade de Paraíba do Sul/RJ. (N/E)

por Garcia Rodrigues, com a invocação de São Pedro e São Paulo, serviu-lhes de paróquia com autorização do Bispo, dada no ano de 1719; porém os Índios que povoavam as serras por onde correm os rios Preto e Paraíba, tendo acometido por várias vezes a nova povoação, o governador do Rio de Janeiro estabeleceu nela um registo em 1723, a cujo cargo estava o reprimi-los, e juntamente o prover ao extravio de ouro e dos diamantes, e à arrecadação dos direitos de saída e de entrada. Arruinando-se de todo a capela de Garcia Rodrigues, mandou seu filho fazer uma igreja na encosta duma colina, a pequena distância da margem esquerda do Paraíba, a qual foi sagrada em 1745, e elevada à categoria de paróquia do Brasil por alvará de 2 de janeiro de 1756, o qual lhe conservou a primitiva invocação de N. S. da Conceição e dos Apóstolos São Pedro e São Paulo. Insensivelmente começou esta povoação a intitular-se do nome do rio a cuja beira estava assentada; e como o sítio fosse por extremo vantajoso, por ser uma escala por onde quase forçosamente se devia passar para se ir em direitura da província de Minas Gerais para a cidade do Rio de Janeiro, começou

rapidamente a prosperar; o que não obstante os moradores solicitaram em vão por alguns anos a concessão do título de vila, e somente alcançaram em 1833, por decreto de 15 de janeiro, na qual foi designada com o título de *Paraíba do Sul*, e em 1840 foi escolhida para cabeça dum colégio eleitoral. Tem esta vila bastante trato, sendo a parada ordinária dos viandantes e dos almocreves que levam para o Rio de Janeiro cargas de café, de pano de algodão, de carne de porco salgada, de queijo e doutros gêneros, produtos da indústria dos habitantes da província de Minas Gerais. A barca em que se passava o rio foi substituída, nos primeiros anos do Império, por uma ponte de madeira, e esta por uma de pedra feita em virtude duma lei promulgada no ano de 1835, onde os homens de pé pagam cento e sessenta réis e outro tanto as bestas de carga, e metade sem ela; em 1842 cortaram-na os rebeldes: a igreja matriz não sendo suficiente para o número dos fregueses, fez-se uma mais espaçosa em 1843. O distrito desta nova vila encerra as freguesias de Cebolas, de São José do Rio Preto, a igreja filial da Aparecida, e a própria freguesia da vila, em cujo

termo se acha a povoação de Matozinho, que antecedentemente pertencia ao distrito de Cantagalo. A população deste distrito não corresponde à sua extensão, sendo tão somente de dous mil e tantos indivíduos, brancos, Índios, mestiços e escravos. Todos, à exceção dos da vila, se acham derramados, e a grandes distâncias uns dos outros, e se limitam a cultivar milho e feijões para o consumo dos passageiros, e mandioca para o seu próprio; verdade é que as terras têm pouca substância por serem formadas de talco reduzido a pó; nelas medram os carrapateiros ou mamoneiras, cujo azeite serve para luzes, e quando purificado para a medicina, e cujas folhas cozidas fazem um banho que numa temperatura elevada convém nas dores artríticas.

Paraibuna. Comarca da província de Minas Gerais, criada pela assembleia geral de 1833, e coarctada para formar novas comarcas por virtude duma lei provincial de 1º de abril de 1841, que lhe destinou por cabeça a cidade de Barbacena. Consta do distrito desta cidade e das vilas de Pomba, Presídio de São João Batista e São João Nepomuceno.

Paraibuna

Paraibuna.⁹⁶ Pequena vila da província de São Paulo, obra de vinte léguas ao nordeste da cidade deste nome. Em 1666, várias famílias Paulistas assentaram morada nas margens dum ribeiro tributário do rio Paraíba, e edificaram uma igreja que dedicaram a Santo Antônio; donde veio chamar-se aquela povoação umas vezes Santo Antônio da Barra do Paraibuna, e outras Paraúna: pertencia ela então ao distrito da vila de Jacareí; em 1771 tratou-se de elevá-la à categoria de vila, porém ficou isto em projeto. Uma decisão régia de 28 de agosto de 1812 conferiu à igreja de Paraibuna o título de paróquia, e a povoação obteve o de vila por decreto de 10 de julho de 1832, com o nome que hoje tem, ficando a cargo do conselho geral da província o determinar as confrontações de seu distrito. Seus habitantes, avaliados em mais de dous mil, lavram tabaco, colhem café, milho e feijões, fazem criação de porcos, cuja carne salgada tem grande extração na cidade do Rio de Janeiro.

Paraibuna. Rio que divide a província do Rio de Janeiro

da de Minas Gerais. Deriva-se este nome de três palavras da língua dos Índios, a saber: de *para*, rio; *hi*, água, e *una*, turva ou escura; deve este rio a origem à junção dos rios Barros e Preto, os quais assim juntos caminham rumo de leste com o nome que acima lhe damos por espaço de nove para dez léguas, e vão engrossar o Paraíba pela margem esquerda. Seu leito se acha entalado entre enormes penedos graníticos tismados pela inclemência das estações. O Paraibuna atravessa a estrada imperial de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, e em sua margem esquerda, se acha o registo onde se cobram os direitos sobre as fazendas que passam duma província para outra, e onde são visitados com maior cuidado os indivíduos que vêm do sertão, e tomado o ouro e diamante que se quer passar furtado aos direitos. Há de frente deste registo uma barca que passa para a outra banda os passageiros, fazendas e animais, pagando as cavalgadas sem carga duzentos réis por cabeça, e com carga trezentos e vinte, e as pessoas cento e sessenta réis. A assembleia geral, na lei do

orçamento, nº 321, de 21 de outubro de 1843, artigo 2, § 19, votou os fundos necessários para a construção duma ponte sobre este rio para o serviço da estrada imperial.

Paraibuna. Ribeiro da província de São Paulo, o qual se ajunta com o rio Paraíba pela margem esquerda, obra de duas léguas abaixo da vila de Paraitinga. As águas do rio e deste ribeiro alagam as terras, donde resultam os paus apelidados dos Índios *Para-hitinga*.

Paraim. Rio estreito e profundo da província do Piauí. Nasce do vertente setentrional da serra Gurgueia, oito léguas ao poente do rio do mesmo nome, caminha oito ou dez no rumo do norte, e entra na lagoa Pernaguá, e depois de a atravessar de banda a banda, sai dela com muito mais cabedal, e correndo quinze léguas mais num leito constantemente fundo e estreito por ser terreno mui calcado e duro, vai engrossar o Gurgueia, com quem se ajunta pela margem direita. Este rio dá navegação a canoas, desde a lagoa Pernaguá até a sua embocadura.

⁹⁶ Atual cidade de Paraibuna/SP. (N/E)

Paraitinga.⁹⁷ Pequena vila da província de São Paulo, na primeira comarca de que é cabeça a vila de Taubaté. Está assentada na margem esquerda do rio Paraíba, acima da confluência do ribeiro Paraibuna, em vinte e três graus e oito minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e quatro minutos de longitude oeste, trinta e duas léguas a ésnordeste da cidade de São Paulo, e trinta e oito a oeste da do Rio de Janeiro. Como o cultivo e amanho das terras altas de Piratinga fosse suficiente para dar àqueles que a isso se entregassem uma existência certa e agradável, fundaram-se várias povoações perto das aldeias dos Índios, e a maior parte delas alcançaram para suas igrejas o título de paróquia, e por fim foram elevadas à categoria de vilas. Tal foi a origem da povoação de que tratamos. Quando, em cumprimento de ordem régia, o governador de São Paulo D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão conferiu a esta povoação o título de vila, sua igreja, criada paróquia, teve por padroeiro São Luiz, em obséquio ao governador que assim se chamava. Há nesta vila, sobre o rio, uma ponte

que tem dezessete braças de comprimento, a qual dá serventia à estrada de São Paulo, e o caminho por onde se vai da vila de Taubaté ao porto de Ubatuba. Por falta de atenção, alguns viajores falando desta vila chamam-na *São Luiz de Paraitinga*, de *Pertininga* e de *Piratinga*, nomes que, segundo a etimologia indiana, são diferentes. O desta vila deve-se escrever do modo com que o fazemos neste artigo. Seu termo consta duma chapada fértil e de bons ares, que dá muito milho, arroz, feijões, e onde prosperam o tabaco e o café. Avalia-se em quatro mil o número de seus habitantes, que fazem grandes criações de porcos para o consumo das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Paraitinga. Assim chamavam os Índios a todo o ajuntamento considerável de águas estancas, e por isso especialmente costumavam dar este nome aos paús onde o rio Paraíba se engrossa com as águas do ribeiro Paraibuna, e por extensão também algumas vezes o hão aplicado ao nascente principal do dito rio, e à povoação de seu nome que foi ao depois elevada à categoria de vila.

Pará-Mirim.⁹⁸ Povoação da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, nas margens do rio de quem tomou o nome, com uma igreja de que é padroeiro Santo Antônio. A assembleia geral de 16 de junho de 1832 havia criado nesta povoação uma escola de primeiras letras para meninos, a qual foi suprimida por lei provincial de 1840.

Pará-Mirim. Nome doutra povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco.

Pará-Mirim. Pequeno rio da província da Bahia, na comarca de Rio das Contas. Nasce do Morro das Almas, na serra do Pinga, dirige-se rumo de noroeste, e vai juntar-se com o rio de São Francisco, pela margem direita, doze léguas abaixo da povoação de Bom Jardim. Dá navegação a canoas somente na estação das chuvas.

Paramopama. Ribeirão da província de Sergipe. Vem dos montes que servem de limites à província de Goiás, rega a província de Sergipe e a cidade de São Cristóvão, e junto dela

⁹⁷ Atual cidade de São Luís do Paraitinga/SP. (N/E)

⁹⁸ Atual cidade de Paramirim/BA. (N/E)

Paraná

se incorpora com o rio Serpente, a cinco léguas do mar. Sobem por este rio as canoas por espaço de seis léguas, e vão até perto dos montes.

Paraná. Nova comarca da província de Minas Gerais, criada por lei provincial de 1841. Devia-se criar para ela um juiz de direito quando se achassem concluídos os edifícios indispensáveis a uma vila, e a uma cabeça de comarca. Dizia-se que a vila do Patrocínio havia de ser elevada à categoria de cabeça de comarca, e que nela residiria o sobredito juiz de direito. A nova comarca devia constar do distrito de sua cabeça e dos das vilas de Araxá e de Uberava.

Paraná. Nome que alguns deram ao rio Paranaíba e à serra da província de Goiás que corre ao longo do rio Paraná, onde se acha o salto de Urubupungá.

Paraná. Grande rio da América meridional, que tem princípio no império do Brasil, e toma este nome na confluência do rio Paranaíba com o Grande. (V. estes dous nomes.) O primeiro destes rios atravessa a província de Goiás do norte para o sul, e o segundo a de Minas Gerais, de este a oeste, e ajuntam-se um com outro pouco mais ou

menos, em vinte graus de latitude, e dão nascimento ao Paraná, o qual em seu curso serve alternativamente de limite às províncias de Goiás, São Paulo e Mato Grosso, e aos Estados do Paraguai e de Entre Rios. No cabo das léguas depois da junção dos rios que o constituem recebe o Paraná o tributo de vários rios por ambas as suas margens até aqui pouco frequentadas, e despenhando-se forma o salto ou cachoeira Urubupungá, cujo fracasso se ouve de mais de duas léguas, alevantando uma tal nuvem de vapores que se avista ainda de maior distância. Não muito avante desta cachoeira se lhe ajunta sobre a direita o Gururuí depois de haver regado o antigo distrito da província de Goiás apelidado Caiapônia, e três léguas mais adiante pela margem oposta recolhe o Tietê, cuja boca é certa escala na trabalhosa viagem por água da província de São Paulo para a cidade de Cuiabá. As canoas nesse caso devem descer pelo Paraná até o rio Pardo, e subir por este apesar do grande número de suas cachoeiras. A navegação do Paraná, nesta distância, se reparte da maneira seguinte: do rio Tietê à correnteza Jupuí, quatro léguas; oito ou nove até a barra do rio Aguapeí pela margem

esquerda; cinco para se passar a embocadura do rio Verde, que fica sobre a direita; outras tantas até a ilha de Manoel Homem, e treze para se alcançar o rio Pardo, também sobre a direita. Passado o confluente deste, as margens do Paraná são frequentadas por Índios mais ou menos bravos, e seu leito, semeado de ilhas de distância em distância, juntando-se-lhe duas léguas abaixo do sobredito rio Pardo, pela margem esquerda, o rio, aliás ribeiro de Santo Anastácio, e vinte e cinco mais adiante, sempre pela mesma margem, o Paranapanema. A dezesseis léguas do confluente deste último rio, pela margem direita, e defronte das ilhas que fazem com que se dê ao Paraná, neste ponto de seu curso, duas léguas de largura, encontram-se as três bocas do rio Ivinheima; oito léguas abaixo deste, jaz o confluente do Ivaí, e passada distância de quatro léguas, defronte duma ilha de quatro léguas de comprimento, vem desaguar o Amambaí, depois de haver regado as terras da margem ocidental. Segue-se à sobredita ilha outra com dezoito para vinte léguas de comprimento, motivo por que é apelidada *Ilha Grande*, e defronte da qual o Igatimi se vem ajuntar com o Paraná pela margem direita, em vinte e quatro graus e quarenta mi-

nutos de latitude, e quase de frente dele sai o Piquiri, que se avistaria da parte oposta se não fora a ilha que lhes fica de permeio. Cousa de três léguas abaixo do Igatimi deságua pela margem o pequeno rio Iguairei, depois de ter servido de limite entre os Estados de Entre Rios, do Paraguai e o império do Brasil. Em passando a Ilha Grande estreita-se o leito do Paraná, e sua corrente adquire progressivamente maior velocidade, entalada entre os rochedos da serra Maracaju, até que enfim o corpo do rio se reparte em sete braços desiguais, que tem ao todo cinquenta braços de largura, e todos estes braços se despenham juntamente num abismo com grandíssima zoadá, e erguendo-se ao depois fervendo em cachões correm de rochedo em rochedo furiosos, até toparem com um álveo mais desempachado. Doze léguas abaixo desta cachoeira, chamada das *Sete Quedas*, que intercepta toda navegação, recolhe o Paraná pela esquerda o rio Jaguaré, oito léguas abaixo deste o Acaraí, sobre a direita, e duas mais adiante outra vez pela esquerda o caudaloso Iguaçu, em vinte e cinco graus e quinze minutos de latitude. Daí em diante suas margens são povoadas, um sem número de ribeiros lhe engros-

sam a corrente, e num curso de obra de oitenta léguas rega sobre a esquerda as antigas Missões espanholas, a saber, as de Jesus, Trindade e Itapuã, e sobre a direita as de Corpus, Santo Inácio Menor, Loreto, Candelária, Itu e a cidade Corrientes. Passada a missão de Corpus, toma o Paraná para o sudoeste até deixar atrás a ponta inferior da ilha Aquipá, depois da qual corre em direitura para o oeste, num leito no qual se sucedem umas após outras numerosas ilhotas, até se ir ajuntar com o Paraguai, em vinte e sete graus e dezoito minutos de latitude. A margem ocidental do Paraná é em geral mais baixa que a oriental; sua corrente majestosa, e de ordinário pouco despedida, mas quando se ergue um pé de vento, levanta marulhos como o Oceano; por vezes se turvam as suas águas, mas assentam, e se tornam límpidas em muitos lugares alastrados de areia, entre as quais por vezes se encontram algumas pedras preciosas. Em todo o seu curso desde a junção dos rios Grande e Paranaíba, até desaguar no Paraguai, por espaço de duzentas e trinta e cinco léguas com pouca diferença, abunda em grande variedade de pescados, alguns de excelente sabor e de extraordinária grandeza. Encaminhando-se este rio alter-

nativamente para o sul, sudoeste, e enfim de leste para oeste, não sabemos o porquê os geógrafos continuam a dar o nome de Paraná à parte inferior do Paraguai, que jaz abaixo da cidade de Corrientes, sendo o leito deste último rio mais profundo, havendo nele muito menos ilhas, e correndo suas águas invariavelmente do norte para o sul, até se repartirem nos diversos canais que vão juntar-se com o Uruguai, dando origem ao rio da Prata. Que o Uruguai, que vem de leste, e corre para o sudoeste, juntando-se com os diversos canais do Paraguai, possa como este trocar o nome no de rio da Prata, é cousa muito mais fácil de entender, pois que, em todo o longo dele há maré, e que seu curso, diametralmente oposto ao do Uruguai, se dirige quase em direitura, do poente ao nascente, até o Oceano.

Paraná. Nome da serra que corre do norte para o sul, ao nascente da província de Goiás, desde a serra do Duro até o rio Grande, afluente do Paraná.

Paraná. Serra da província de Goiás, entre esta província e a comarca de São Francisco da província da Bahia. Dela nasce ao ocidente o rio Paraná, e de seu vertente oriental o Cor-

Paraná

rentes, afluente do São Francisco, e juntamente os ribeiros Guará e Arrojado, que se ajuntam com o rio Correntes.

Paraná. Rio da província de Goiás. Nasce do vertente ocidental da serra Paraná, engrossa-se com as águas de muitos ribeiros nas serras dos Couros ou do General, das Araras e dos Viadeiros, por entre as quais corre fazendo algumas voltas; depois dirige-se constantemente para o noroeste, recolhendo os ribeiros Corrente, Galheiro, das Almas e das Arraias, no espaço de cinquenta léguas, até doze graus e vinte e seis minutos de latitude, e então se ajunta com o rio da Palma, e confundidos mudam os nomes no de Paranaatinga. (V. este nome.)

Paranacicaba. Serra da província e do distrito de São Paulo. (V. *Paranapiaçaba*.)

Paranaguá.⁹⁹ Vila e cabeça da quinta comarca da província de São Paulo, onde os exploradores paulistas acharam ouro em 1578. Era este país uma boa parte da herança do vice-rei Martim Afonso de Souza, que foi confirmada a seus herdeiros por carta régia

de 1617; porém passaram trinta anos antes que Gabriel Lares, representante do marquês de Cascais, fosse residir nele, como o fez levando consigo várias famílias portuguesas. Em 1653, o conde da Ilha do Príncipe, Francisco Luiz Carneiro se meteu de posse das terras de Cananéia e de Paranaguá, porém três anos depois, tendo o marquês de Cascais sido reconhecido pelo verdadeiro senhor delas, as tomou ao conde, e reintegrou em suas funções e fazendas a Gabriel Lares, revestindo-o da patente de capitão-mor da capitania de Paranaguá; deu o nome de vila à nova povoação, no tempo do terceiro governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, e fê-la desanexar da freguesia da vila do Desterro, a que tinha até então pertencido. Está esta vila assentada na margem meridional da baía do mesmo nome, a três léguas do mar e sessenta e sete ao su-sudoeste da cidade de São Paulo. Em 1822, teve um juiz de fora do civil e crime, cuja jurisdição se estendia sobre as vilas de Cananeia, Curitiba e Iguape. Os principais edifícios da vila de Paranaguá são: a casa da câmara com a cadeia, o hospital da

Misericórdia, a igreja matriz, de que é padroeira N. S. do Rosário, com mais três outras de diversas invocações, um teatro, a alfândega no colégio dos jesuítas. Tem cadeira de latim e duas escolas de primeiras letras, uma para os meninos e outra para meninas. Seu porto é excelente, e pode receber navios de trezentas a quatrocentas toneladas. Faz-se nele um comércio nunca interrompido de taboado e de madeira de construção, de arroz, farinha de pau, café, mate ou chá do Paraguai, feijões e cal. Muitos destes gêneros se embarcam atualmente em navios estrangeiros. Os direitos de exportação e de ancoragem importam anualmente em vinte contos de réis; os de importação foram:

Em 1837, de	R. 10.941.000
Em 1838, de	12.949.000
Em 1839, de	11.205.000
Em 1840, de	16.215.000
E em 1841, de	19.216.000

Faz-se além disto um grande comércio de bestas mueres crioulas da comarca, que são conduzidas para as províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. O distrito

⁹⁹ Atual cidade de Paranaguá/PR. (N/E)

de Paranaguá se acha circunscrito duma parte pela cordilheira, e da outra pelo mar, e confronta, ao norte, com o da vila de Cananeia, e ao sul com a baía de seu nome, defronte do distrito da vila de Antonina. A fertilidade das terras, pela maior parte baixas e úmidas, a facilidade da entrada da baía, o grande número de ribeiros navegáveis que nela deságuam, e a bondade do porto, tudo concorre para a prosperidade dos moradores desta vila, que passam de sete mil. Se se abrissem os seguintes canais, a saber: um entre a baía dos Pinheiros e a de Cananeia, outro entre a lagoa chamada *Mar Pequeno*, e a que é formada pelo rio Iguape, e enfim mais outro entre esta última lagoa e o rio Una, os habitantes do distrito de Paranaguá fariam por água sem nenhum perigo quarenta e oito léguas, e iriam ao depois a Santos por mar dentro em bem pouco tempo.

Paranaguá. Baía da província de São Paulo, a cuja margem está assentada a vila do mesmo nome. É de figura irregular, e poderá ter quatro léguas de comprimento, e três de largura, não contando com os recantos e várias enseadas

formadas pelos braços que entram pela terra dentro, ou pelas embocaduras de seus afluentes. É semeada de muitas ilhas; a do Mel, com os ilhotes das Palmas na entrada, e mais para dentro da parte do sul a Cotinga, são as maiores. Pela entrada de Ibupetuba, que jaz ao sul da ilha do Mel, só podem entrar canoas em razão dos parcéis que a embaçam. Os navios de maior porte, para entrarem, deixam à direita os ilhotes das Palmas, e à esquerda a ilha do Mel. Na entrada que fica ao norte dos sobreditos ilhotes, bem que pareça à vista mais larga que a precedente, apenas se as canoas ousam aventurar-se, por se achar obstruída com bancos de areia. O porto de Paranaguá, de presente, é frequentado não só de navios costeiros, mas também de navios estrangeiros. Recebe esta baía os ribeiros Gurguçu e Almeidas ao meio dia; ao ocidente, o rio Cubatão, que nela entra por uma larga embocadura, e pelo mesmo teor o Guaraquçava um pouco mais ao norte; pela margem setentrional os ribeiros Cachoeira, Nhundiaquara e Serra Negra; mais a leste, e paralelamente com o mar, deita esta baía um braço chamado *baía dos Pinhei-*

ros, que comunica com o mar por um canal natural, o qual separa o continente duma terra rasa de forma triangular, ao norte dos ilhotes das Palmas, conhecida com o nome de Ilha das Peças.

Paranaguá. Pequeno rio do continente da província de Santa Catarina. Vem da cordilheira, corre para o nascente, e vai desaguar no canal que jaz defronte da ilha de São Francisco. As sumacas entram em sua foz, e as canoas sobem por ele obra de uma légua.

Paranaíba.¹⁰⁰ Antiga vila da província de São Paulo, criada em 1625 pelo conde de Monsanto, que havia tomado posse da capitania de São Vicente, pretendendo ser herdeiro legítimo de Martim Afonso de Souza e dos filhos de seu irmão Pedro Lopes de Souza. Está assentada na margem esquerda do rio Tietê, cousa de sete léguas ao noroeste da cidade de São Paulo. Sua igreja matriz é dedicada a Santana, e além dela tem um hospício de frades bentos. O ramo principal do comércio e indústria dos moradores de seu distrito consiste na exportação de gado *vacum* e na lavra das canas e do algodão, além dos

¹⁰⁰ Atual cidade de Santana do Parnaíba/SP. (N/E)

Paranaíba

viveres ordinários do consumo e da fabricação de aguardente de cana e de cachaça; avalia-se o número deles em perto de sete mil.

Paranaíba. Ribeiro da província de Mato Grosso, no norte da Bororônia. Sua origem é ignorada; o que se sabe ao certo é que é o primeiro afluyente da margem esquerda do rio Porrudos ou São Lourenço, depois deste haver atravessado a nova estrada que vai ter à província de Goiás. O ribeiro Sucuri deságua no Paranaíba.

Paranaíba. Assim apelidam algumas pessoas que visitaram a província de Goiás um dos principais nascentes do rio Paraná. Frequentemente se encontra este rio com o nome de Paraíba, Paranaíba, e mais raramente com o de Paraná. Para evitar a confusão que naturalmente devia de resultar da semelhança de nomes assentamos todas as vezes que tivemos ocasião de falar deste rio de o designar com o nome de *Paranaíba*. Nasce o Paranaíba nos montes, que demoram ao sul do nascente do ribeiro Tocantins, afluyente do rio Maranhão pela margem direita, e corre invariavelmente do norte para o sul, ora a oeste e ora a leste da cordilheira que, descrevendo uma curva, se-

para a província de Goiás da de Minas Gerais; engrossa-se com um sem número de ribeiros, sendo o de mais cabedal o Corrente. A grande distância deste, a estrada de primeira ordem que da província de Minas Gerais vai ter à de Goiás, o atravessa, e por falta de ponte passam os passageiros à outra banda em canoas, e os animais a nado. Abaixo desta carreira, o Paranaíba recolhe sucessivamente pela direita o ribeirão Veríssimo e o Corumbá, e pela esquerda o rio das Velhas; então se incorpora com o rio Grande, que vem da província de Minas Gerais, e assim unidos, mudando de nome, tomam o de Paraná. (V. este nome.)

Paraná-Mirim. Ribeiro da província de Pernambuco que rega o distrito de Bom Jesus, na comarca do Recife, e vai ajuntar-se com o rio Capibaribe. No Século XVII, as tropas holandesas e pernambucanas estiveram longo tempo postadas nas margens deste ribeiro.

Paraná-Mirim. Ribeiro que deságua na baía de Todos os Santos, pela margem oriental, ao norte da capital da província deste nome.

Paranapanema. Rio da província de São Paulo, que não dá navegação por ser entulhado

de rochedos. Vem do vertente ocidental das serras vizinhas da vila de Itanhaém, corre para o noroeste, e deixa de dar vau no ponto em que é atravessado pela estrada de Sorocaba e de Curitiba, passada a qual, recolhe pela direita o Itapetininga, e alguns riachos insignificantes, e pela esquerda o Apiaí, o Tabagi em metade de sua carreira, e muito mais abaixo o ribeirão Pirapó, e tendo feito mais dez léguas se ajunta com o rio Paraná pela margem esquerda; vinte e sete léguas abaixo das três bocas do Ivinhema. As margens do Paranapanema são em geral rasas, ora despovoadas de árvores, ora acompanhadas de bastos arvoredos habitados por Índios que estão ainda bem longe de serem civilizados; os animais que nestas matas se encontram são os chamados veados, e as emas ou abestruzes do Brasil.

Paranapetinga. Ribeiro da província de Mato Grosso, afluyente do rio Porrudos ou de São Lourenço, com o qual se ajunta entre os confluentes dos ribeirões Paranaíba e Piquiri.

Paranapiacaba. Serra da província de São Paulo, ramo da cordilheira Cubatão. Separa esta serra os distritos das cidades de São Paulo e de Santos.

Paranapitanga.¹⁰¹ Nova povoação da província de São Paulo, nas matas do distrito da vila de Itapeva.

Paranapucuí. Antiga aldeia de Índios Tamoios, na ilha do Fundão, ou do Gato, presentemente ilha Rasa, defronte da entrada da baía de Niterói ou do Rio de Janeiro. Achava-se bem povoada, mas foi quase de todo destruída em 1566 pelo governador general do Brasil, Mendo de Sá, quando quis expulsar os Franceses da ilha de Vilagalhão, de que estavam de posse. Seu nome derivava das palavras índias *paraná*, mar, e *pucubi*, grosso, ou agitado.

Paranatinga. Rio da província de Goiás. Certo escritor pretende que este rio nasce da lagoa dos Golfos, e correndo do sul para o norte recolhe os rios Paranã e Palmas, mas é opinião geral que o Paranatinga provém da junção destes dous rios, e que correndo para o norte obra de oito léguas se vai ajuntar com o rio Maranhão, em doze graus de latitude, e assim feitos em um só trocam os nomes no de Tocantins. Se-

ria mais exato dizer-se que o Paranã recebe pela esquerda o rio da Palma, e continua a correr com o mesmo nome até o confluente onde começa o Tocantins. (V. *Tocantins*, rio.)

Paranauá. Lagoa da província de Piauí, apelidada presentemente Pernaguá por isso que a vila deste nome está situada em sua margem ocidental. Pode esta lagoa ter duas léguas de comprimento e uma de largura, é piscosa e atravessada pelo rio Paraim: com vento fresco levanta marulhos como o mar, e quem nela navega corre perigo.

Parapamba. Ribeiro da província de Pernambuco, que se ajunta perto do mar com o Jaboação, e feitos num corpo tomam o nome de Barra de Jangada, no lugar onde se vê uma igreja com algumas casas, chamadas a Ermida ou Parapamba.

Paratari. Pequeno rio, afluente da margem direita do Amazonas, no qual deságua doze léguas abaixo da boca principal do rio Puru.

Parati.¹⁰² Nova cidade e antiga vila populosa e mercantil da província do Rio de Janeiro, na margem ocidental da baía de Angra dos Reis, trinta e cinco léguas pouco mais ou menos oés-sudoeste da cidade do Rio de Janeiro. Pertenciam primitivamente estas terras aos Índios Goianas, porém como a colônia de São Vicente se tivesse grandemente aumentado nos fins do século XVI, derramaram-se os colonos pela costa ao norte e ao sul da capitania. No começo do século seguinte foram alguns deles assentar vivenda na falda duma alta serra na extrema sul da baía a que o almirante Martim Afonso de Souza pusera o nome de Angra dos Reis, edificaram uma capela de que era padroeiro São Roque, e ali viveram num verdadeiro estado de independência a ponto que o ouvidor geral João Velho de Azevedo, no decurso do ano de 1654, representava ao governo que aquela povoação, onde oito anos antes se havia edificado uma nova igreja da invocação de N. S. dos Remédios, se achava sem justiça, nem câmara, e era um valhacouto de malfeteiros. A

¹⁰¹ Atual cidade de Capão Bonito/SP. (N/E)

¹⁰² Atual cidade de Parati/RJ. (N/E)

Parati

requerimento de Domingos Gonçalves de Abreu, capitão da dita povoação, veio a ela em 1660 Jorge Fernandes de Fonseca, capitão-mor da capitania de São Vicente, e levantou um pelourinho, e a elevou à categoria de vila com o nome de Parati, com autorização do governador Salvador Correia de Sá e Benavides. Quis a câmara municipal da Ilha Grande embargar aquela criação, que coarctava às suas atribuições uma grande parte do território que, alegava ela, possuía havia mais de cinquenta anos. Porém El-Rei D. Afonso VI, tendo sido informado pelo governador do Rio de Janeiro que aquela povoação se achava arredada da Ilha Grande obra de dez léguas, e tinha uma numerosa população, aprovou a sua ereção em vila por carta régia de 28 de fevereiro de 1667. Arruinando-se no fim do século XVII a igreja matriz, edificou-se outra numa chã mais próxima à baía, onde hoje se acha situada a vila, e em 1703 construíram-se dous fortes, um ao norte perto do ribeiro Piraquê Guaçu, e outro ao sul nas vizinhanças do Patatiba. Aumentou-se dentro em breve tempo a nova vila graças à bondade das terras de seu distrito, e à estrada praticada na serra do Facão, que tão frequentada foi pelos aventurei-

ros que acudiam em bandos às novas minas de ouro descobertas pelos Paulistas no sertão do Brasil. (V. *Facão*.) Tendo sido criada a província de São Paulo, independente do governo do Rio de Janeiro, contenderam ambos os governadores sobre a questão de saber a qual das províncias pertencia a vila de Parati, e durou a contenda desde 1720 até 1726, época em que El-Rei D. Pedro II decidiu que ficaria pertencendo à do Rio de Janeiro. As ruas desta cidade são largas, e correm do norte para o sul, e do nascente para o poente; as casas são bem alinhadas e muitas de sobrado. O hospital, que é mui antigo, foi autorizado, por decreto de 11 de novembro de 1832, a aceitar o legado que lhe foi deixado pelo guarda-mor Domingos José Vieira de onze casas térreas. Tem três igrejas; a matriz, dedicada a N. S. dos Remédios, e as igrejas de Santa Rita e de N. S. do Rosário; várias escolas de primeiras letras, uma cadeira de latim, uma casa da câmara no primeiro andar, com a cadeia por baixo. Seu colégio eleitoral constava em 1844 de vinte e seis eleitores; seu distrito poderá ter quatorze léguas de costa nas margens oriental e setentrional da baía de Angra dos Reis, entre o rio Mambucaba da

banda do norte e a ponta do Cairuçu ao sueste da vila, e seis léguas desde a dita ponta até as sumidades da serra do Facão, por onde confronta com o distrito da vila de Cunha, da província de São Paulo. Da esquerda da estrada desta vila parte uma que passa pela serra Parati Guaçu, que serve de extrema à província do Rio de Janeiro, ao sul da vila de Parati, e vai ter à de Ubatuba, um dos portos de mais trato da província de São Paulo. Um sem número de ribeiros, que vão desaguar na baía, facilita o transporte do açúcar e aguardente; esta sobretudo é em grande quantidade, e tem mais extração no Rio de Janeiro que a das outras províncias e distritos vizinhos, vendendo-se por melhor preço por ser de superior qualidade. Sua população é presentemente de mais de dez mil habitantes, que lavram canas, colhem mandioca, arroz, milho, feijões e muito café. Em todo o distrito existem doze engenhos e mais de cento e cinquenta fábricas de destilação de aguardente, e diversos estaleiros onde se fazem embarcações e vasilhas para a aguardente. A costa é semeada de ilhetas, pela maior parte com moradores, em torno das quais podem os navios manobrar, tirando aquelas que se acham mui vizinhas

da terra firme. O reparo e conserto das estradas do sertão para as vilas de Ubatuba e de Mangaratiba, e os direitos de entrada e de saída que se pagam nas extremas das diferentes províncias, foram causa do descaimento em que se acha atualmente o comércio da vila de Parati: para que seus moradores possam entrar em concorrência com os das vilas rivais, para conservarem as vantagens comerciais de que desfrutavam antes desta rivalidade, seria mister que se desvelassem em descobrir alguma nova indústria, e que consertassem todas as estradas, e desempachassem todos os rios do distrito que são susceptíveis de navegação. Em 1813, por decreto de 17 de dezembro, foi esta vila ereta em condado, em favor de D. Miguel Antônio de Noronha Abranches Castelo Branco, da casa de Valadares.

Parati. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina: nasce da falda da cordilheira fronteira ao mar, corre para o nascente, e vai desaguar no canal que jaz entre o continente e a ilha de

São Francisco, impropriamente chamado rio do mesmo nome. Tem bastante largura na embocadura, e na vazante da maré acha-se ali sempre duas braças de fundo. As canoas sobem por ele acima mais de uma légua.

Paratica.¹⁰³ Povoação da província da Bahia, na margem direita do rio de São Francisco, abaixo do registo Malhada, no confluente do rio Verde.

Paratigi. Ribeiro da província das Alagoas, no distrito da cidade de Maçaió; vem do oeste desta cidade, dirige-se para o sueste, e lança-se no Oceano, entre o Porto Francês e o de Jaraguá.

Paratigi. Ribeiro da província da Bahia, afluente do rio Maraú, com o qual se ajunta perto da vila de Barcelos.

Parati Guaçu. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, nas adjacências da cidade de Parati. Dá navegação a canoas por espaço de muitas léguas, e as lanchas podem tomar carga em sua barra nas enchentes das marés.

Parati-Mirim.¹⁰⁴ Povoação da província do Rio de Janeiro, quatro léguas ao sueste da cidade de Parati, numa enseada onde deságua o ribeiro Parati-Mirim, e onde podem entrar barcos. Sua igreja depende da matriz da cidade, e tem por padroeira N. S. da Conceição. Seus moradores lavram canas, fabricam aguardente, e pipas para a envasilharem.

Parati-Mirim. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, ao sul da cidade de Parati; corre sinuosamente para o nascente, e vai entregar o tributo de suas águas à enseada profunda a cuja margem jaz a povoação de seu nome. Dá navegação a canoas mais de uma légua acima de sua embocadura.

Paratinga.¹⁰⁵ Assim apelidam impropriamente alguns viajantes a vila de Paratinga, na província de São Paulo. (V. *Paratinga*.)

Paratinim ou **Piratini.** Pequeno rio da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões. Nasce na serra que separa as Missões desta província, corre para o

¹⁰³ Atual distrito de Parateca, município de Malhada/BA. (N/E)

¹⁰⁴ Atual distrito de Parati Mirim, município de Parati/RJ. (N/E)

¹⁰⁵ Atual cidade de São Luís do Paraitinga/SP. (N/E)

Parauari

oeste, rega a vila de São Luiz, e ajunta-se com o Uruguai, em vinte e sete graus e quarenta e cinco minutos de latitude.

Parauari. Língua de terra na margem esquerda do Amazonas, entre os rios Napo e Içá. Dizem ser a extrema do Brasil neste ponto.

Parauaú. Pequeno rio da província do Pará, afluente do rio das Amazonas, no qual deságua perto do braço deste rio chamado Tagipurú.

Parauíba. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará abaixo da das Arraias. Tem obra de uma légua de comprimento.

Paraúna.¹⁰⁶ Povoação da província de Minas Gerais, onze léguas oés-noroeste da cidade do Serro, nas cabeceiras do ribeiro de que tomou o nome, com uma igreja da dependência da matriz de Mata a Dentro, atualmente vila da Conceição do Serro.

Paraúna. Ribeiro da província de Minas Gerais. Vem das serras ao oeste da cidade Diamantina, dirige-se para o oci-

dente, atravessa a parte da serra de Itucambira que fica ao sul, despenha-se dela fazendo uma soberba cascada, e vai ajuntar-se com o rio Guaicuí ou das Velhas pela margem direita, no lugar conhecido com o nome de Três Barras.

Paraúna. Nome que antigamente davam a um ribeiro da província de São Paulo, que se lança no rio Paraíba, conhecido atualmente com o de Paraibuna. Denominação que pode ser ocasião de se confundir este ribeiro com o rio Paraibuna, que também é afluente do Paraíba.

Paraopeba.¹⁰⁷ Povoação da província de Minas Gerais, três léguas ao sul da vila de Queluz, na cabeceira do rio de que tomou o nome. Sua igreja, de que é padroeiro São Caetano, teve o título de paróquia em 1750, porém perdeu-o com a criação da vila de Queluz, de cuja matriz ficou sendo filial. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832. Seus arredores são férteis e povoados de fazendeiros. Alguns

indivíduos todavia ainda se ocupam de batear as terras auríferas do rio, o qual ali não dá navegação.

Paraopeba.¹⁰⁸ Lugarejo da província de Minas Gerais, a três léguas e meia da vila da Pomba.

Paraopeba. Rio da província de Minas Gerais. Nasce a leste da vila de Queluz, corre rumo do sudoeste até passar a povoação de seu nome, e tomando então para o noroeste, engrossa-se com vários ribeiros de pouca importância, e no cabo de sessenta e três léguas mais de curso se incorpora com o rio de São Francisco pela margem direita, dez léguas abaixo da embocadura do Pará. Nas férteis margens do Paraopeba, ora rasas, ora montuosas, pastam numerosos rebanhos, delas colhem os habitantes os víveres necessários para o seu consumo.

Pardo. Rio do sudoeste do Brasil, descoberto pelos Paulistas que por ele subiram em 1626 para ir cativar Índios. Nasce na província de Mato Grosso e deve sua origem à

¹⁰⁶ Atual distrito de Costa Sena, município de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

¹⁰⁷ Atual cidade de Casa Grande/MG. (N/E)

¹⁰⁸ Atual cidade de Tocantins/MG. (N/E)

junção do Sanguessuga com o ribeiro Vermelho, e na distância de perto de trinta léguas de curso, vinte e oito cachoeiras lhe empacham o leito: nele deságuam pela direita o pequeno rio Sucuriú, e o ribeiro Anhuduí-Mirim. Autores há que dão a este rio trinta e três cachoeiras mais ou menos grandes, mas incluindo-se nelas as quatro do rio Sanguessuga fazem o total de trinta e duas, e segundo o itinerário bem circunstanciado que publicou em 1797 o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra da jornada por água desde a província de Mato Grosso até o sertão da de São Paulo, descendo-se por este rio as cachoeiras que se encontram são as seguintes: 1ª Pedras de Amolar, 2ª Formigueiro, 3ª Paredão, 4ª Embiruçu-Açu, 5ª Embiruçu-Mirim, 6ª Lage Grande, 7ª Lage Pequena, 8ª Canoa Velha, 9ª Sucuriú, 10ª Bangüê, 11ª Curão, 12ª Vala, 13ª Tamanduá, 14ª Três Irmãos, 15ª Taquaral, 16ª Cachoeira, 17ª Anhuduí-Mirim, 18ª Jupia do Tejuco, 19ª Mangabal, 20ª Chique Santo, 21ª Embiruçu, 22ª Sirga Comprida, 23ª Canoa do Banco, 24ª Sirga Negra, 25ª Sirga do Mato, 26ª Capiru, 27ª Capiru-

Mirim, e 28ª Cachoeira da Ilha. Passado este escolho conservam as águas parte de sua correnteza. O leito adquirindo maior largura vai-se tornando menos desigual, e as canoas descem pelo rio sem custo, deixando à esquerda os ribeiros Orelha de Anta e Orelha da Onça a quatro léguas de distância um do outro, e onze ou doze abaixo deste último o rio Anhanduí-Açu se lhe vem ajuntar pela margem oposta, e dezesseis léguas mais adiante, em vinte e um graus e trinta e seis minutos de latitude, no cabodum curso de setenta léguas, com pequena diferença no rumo do sueste, faz este rio a sua junção com o Paraná; por onde sobem obra de trinta léguas as canoas para entrarem no Tietê. Os que navegam no rio Pardo nunca gastam mais de seis dias para descê-lo, porém é mister sessenta e sessenta e cinco para subi-lo. Suas margens são povoadas de arvoredos que não são habitados, ainda mal, que por antas, tamanduás, cabritos monteses e outros quadrúpedes acossados de tempos a tempos pelas tribos de Índios nômadas. Encontram-se nestas matas duas espécies de coqueiros raros nas outras

partes do Brasil, a saber: o guacumã, delgado, com tão somente oito pés de alto, que além do coco dá uma espécie de estopa de que se faz mui boa isca; e o brutis¹⁰⁹, que é alto, com bastante grossura, e que deita folhas de sete para oito pés de comprimento. Os Índios comem os cocos, e fazem com eles uma bebida espirituosa, parecida com o vinho na cor e no gosto. A parte do rio Pardo que não tem penedia separa a província de Goiás da de São Paulo, e em suas margens nesta última província encontram-se ainda Índios que roubam e matam os passageiros que têm a imprudência de se apartarem dos companheiros, ou que se aventuram a navegar por este rio sem ser em frota.

Pardo. Pequeno rio da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Tem o seu nascente na serra das Araras, corre do ocidente para o oriente fazendo suas voltas nas faldas dos montes que jazem entre os rios Urucaia e Salgado até chegar ao rio de São Francisco, com o qual se ajunta pela margem esquerda. Seu leito é embaçado com penedias, e suas margens pouco frequentadas.

¹⁰⁹ O autor refere-se ao buriti, designação comum da palmeira da espécie *Mauritia Flexuosa*.

Pardo

Pardo. Rio da província de São Pedro do Rio Grande. Nasce nas matas da serra Geral, entre os rios Jacuí e Tacoari, corre de cachoeira em cachoeira do norte para o sul regando sucessivamente a vila de Cachoeira, a aldeia de São Nicolau, e a vila de Rio Pardo, e entra no Jacuí pela margem esquerda. Este rio dá fácil navegação aos barcos por espaço de cinco léguas até a aldeia de São Nicolau; as canoas encontram mais dificuldade em deitar até a vila da Cachoeira, a dez léguas de seu confluente com o Jacuí.

Pardo. Rio da província de São Paulo, que vem da antiga colônia de São João del Rei, e vai lançar-se no rio Grande, depois de com ele se incorporar o ribeirão Araquara.

Pardo. Rio que nasce na comarca de Sapucaí da província de Minas Gerais, nas antigas minas de Ouro Fino, engrossa-se com as águas de vários ribeiros, antes de entrar pela província de São Paulo, e vai juntar-se pela margem esquerda com o rio Grande, pouco mais ou menos trinta léguas abaixo da confluência do Sapucaí.

Pardo. Dous ribeiros da província de Minas Gerais são designados com este nome.

Ambos nascem no distrito da cidade Diamantina e ao ocidente dela, e tomando diferente caminho se dirigem para o ocidente, e no cabo de mais oito léguas se lançam pela margem direita no rio Guaicuí ou das Velhas, entre os confluente dos ribeiros Paraúna e Curmataí.

Pardo. Ribeiro da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha. Seus auríferos nascentes foram descobertos em 1698, por Antônio Luiz do Passo, que desceu por este ribeiro até o mar depois de se ter por largo tempo ocupado com mais algumas pessoas que tinha levado consigo em tirar o mais ouro que pôde. Nasce este ribeiro na serra das Almas, caminha para o sudoeste acompanhando a estrada que vai da cidade da Bahia para a de Ouro Preto, passando pela comarca de Rio de Jequitinhonha; rega vários lugarejos antes de recolher o ribeiro Preto assaz caudaloso, perto da vila de Rio Pardo, atualmente Januária, abaixo da qual toma arrebatadamente para o sueste, e atravessa a serra dos Aimorés, onde dão por certo que se divide em duas partes. Nesta hipótese a parte da banda do norte se lança na baía dos Ilhéus, com o nome e qualificação do rio da Cachoeira, e a do sul toma

o nome de *Patipe*, entrando na província da Bahia, e perde-se no mar, três léguas ao norte da boca do rio Jequitinhonha. (V. *Patipe*.) Na comarca de Rio de Jequitinhonha e até a falda da cordilheira, o leito deste ribeiro tem muita penedia, assim que não dá navegação a canoas senão por mui curtos intervalos.

Pareci. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, que não tem outra importância, senão a que lhe dá um fortim que defende ao mesmo tempo vários vaus, situado perto do rio Tacoari com quem ele se junta.

Parecis. Nação índia que era numerosa no tempo em que os Paulistas penetraram nos campos e serras que conservam ainda o nome destes Índios, ao norte da província de Mato Grosso. Eram bem feitos de sua pessoa, quase brancos, dóceis e afáveis. Os Paulistas e Europeus foram mui bem recebidos deles e particularmente das mulheres, donde se originou uma grande quantidade de mestiços. Pouco ou nada mais se sabe acerca dos usos e costumes desta nação, uma parte da qual adotou imediatamente os dos Portugueses, e o restante se recolheu à cordilheira onde vivem em paz. As tribos civilizadas residem nas

vilas e povoações da comarca de Mato Grosso, onde conservam o natural dócil de seus antepassados.

Parecis. Cordilheira do império do Brasil, cujas ramificações se dilatam por diversos pontos da província de Mato Grosso, entre quinze e dezoito graus de latitude. Acompanha a margem direita do Guaporé a quinze e vinte e cinco léguas de distância no rumo do sul para o norte, e se arrasa em se avizinando da margem direita do rio Madeira. Em seu interior se acham as Sete Lagoas, das quais nasce dirigindo-se quase para o sul o Paraguai e vários outros rios que seguem diferentes rumos. Da extremidade sul desta cordilheira começam os campos do mesmo nome, que se dilatam por espaço de perto de duzentas léguas, entre o Peru, e a corda de montes que serve de limite às províncias de Mato Grosso e de Goiás: estes campos vão se arrasando insensivelmente estendendo-se por espaço de mais de cem léguas para o sul, e encerram as lagoas Xaraes; as baixas são alagadas três ou quatro vezes por ano, a saber em novembro, janeiro e fevereiro. A cordilheira e campos Parecis são assim chamados do nome da nação índia, que neles dominava quando nela e

neles penetraram em 1733 os irmãos Barros de Sorocaba.

Paredão. Ribeirão da província de Mato Grosso. Passa por aurífero, e é um dos afluentes do rio Coxim, com quem se ajunta pela margem esquerda, oito léguas acima de sua junção com o Tacoari. O leito deste ribeiro acha-se entalado entre rochedos que, em muitas partes, parecem cortadas a prumo.

Paredão. Nome da décima sexta cachoeira que se encontra descendo pelo Madeira, quatro léguas abaixo da da Pederneira, e trinta e duas depois da confluência do Guaporé com o Mamoré. Não é aliviadora das canoas, as quais passam entre duas paredes de rocha onde a correnteza é muito forte. Quando se sobe por este rio, esta cachoeira é a sétima.

Paredão. Terceira cachoeira que se topa descendo pelo rio Pardo, afluente da margem esquerda do Paraná, na província de Mato Grosso; fica depois da do Formigueiro, e antes da de Embiraçu-Açu. Aliviam-se as canoas para se descer, e para subir-se puxam-se à sirga.

Paredão. Cachoeira do rio Negro, na Guiana brasileira.

Acha-se entre o forte de São Gabriel e a freguesia de Coané, perto da do Caldeirão.

Pari. Há dous rios de pouca importância, ambos deste nome, na província de Mato Grosso; um tributário do Paraguai, no qual deságua entre os confluentes dos rios Sipotuba e dos Barbados, outro de muito menos cabedal que o primeiro se ajunta com o rio Cuiabá, duas léguas acima da cidade deste nome. O primeiro com ser piscoso abunda em jacarés.

Parida (Serra da). Serra que se dilata entre as províncias de Minas Gerais e de Goiás. Acha-se ao poente da da Canastra, e perto da corda de montanhas da margem direita do rio Grande. Arrasa-se a serra da Parida e faz uma quebrada por onde passa a estrada real de Minas Gerais para Goiás, pelo rio das Velhas.

Parintintins. Tribo de Índios da província do Pará, que vagam pelas terras que jazem entre o rio da Madeira e o Tapajós. Andam nus, e armados de arco e de setas, e duma espécie de zarabatana, pelo mesmo teor que os Mundrucus trazem as orelhas furadas com rodela de pau metidas nos buracos, e o mesmo fazem no beijo superior, e por

Paripe

vezes na cartilagem do nariz, e introduzem no buraco um pequeno ramo ornado com plumas de diversas cores.

Paripe. Povoação da província e do distrito da Bahia, com uma capela da invocação de São Tomé, e uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Paripueira. Ribeiro da província das Alagoas, no distrito de Maçaió, que deságua no mar, depois de haver recolhido pela direita perto de sua foz o Cabuçu. Nas margens deste ribeiro existe uma povoação antiga do mesmo nome.

Parnaíba.¹¹⁰ Vila a mais mercantil da província do Piauí. Está vantajosamente situada a cinco léguas do mar, na margem direita do rio Parnaíba acima do lugar onde pela margem oposta deita este rio um braço apelidado Tutóia. Suas ruas são largas porém por calçar, e as casas em geral térreas, posto que não faltem algumas que têm um primeiro andar. A igreja matriz é dedicada a N. S. da Graça, há ainda mais outra

da invocação de N. S. do Rosário. Por alvará de 8 de maio de 1811 estabeleceu-se nesta vila um juiz de fora e uma alfândega, cujo rendimento é mui diminuto. Esta vila é o único porto de mar da província, e ainda assim não podem nele entrar navios de mais de cento e cinquenta toneladas. Nele se embarcam todos os produtos da província, algodão, carne chamada do sertão, couros secos, gêneros que se exportam para a cidade de São Luiz e para outras vilas do marítimo do Brasil. A vila de Parnaíba foi tomada em 27 de setembro de 1822 pelo governador português da província, o major João José da Cunha Fidié, por isso que se havia revoltado contra a metrópole, reconhecendo alguns dias antes o governo imperial. As terras adjacentes são arenosas, e dão ótimos melões e melancias. A população do distrito é avaliada em mais de dez mil habitantes, cuja indústria particular consiste na criação de gado vacum. Abundam estas terras de minas de pedra-ume e de caparrosa.

Parnaíba. Rio do império do Brasil que nasce do vertente setentrional da serra da Taba-

tinga, na província de Goiás; corre obra de sessenta léguas por terras despovoadas, entra na província do Piauí, e nela recolhe quase ao mesmo tempo o rio das Balsas pela esquerda, e o Uruçuí pela direita, os quais lhe engrossam do dobro a corrente. Deste ponto em diante começam as suas margens a serem povoadas de fazendas de gado, e nesta parte podem os barcos navegar à vela; faz então uma volta para o nascente, e recebe o Gurgueia a vinte e quatro léguas do Uruçuí. Cinco léguas abaixo do Gurgueia se acha a aldeia da Matança, um dos passos mais frequentados deste rio pelos viajores que vão do Maranhão às províncias de Pernambuco e Bahia; caminhando ao depois rumo do nordeste, e a dezesseis léguas abaixo da sobredita aldeia se lhe ajuntam pela direita feitos num só corpo o Piauí e o Canindé, que o fazem correr em direitura para o norte por dilatados campos coalhados de armentio, e depois de regar a vila de Poti sobre a direita, junto da qual se lhe incorpora o rio do mesmo nome, e trinta léguas mais adiante sobre a esquerda a vila de Brejo, no cabo de mais de dez léguas re-

¹¹⁰ Atual cidade de Parnaíba/PI. (N/E)

colhe pela direita o rio Longá. Na província do Maranhão, que lhe fica à esquerda em toda esta parte de seu curso, o Parnaíba não recebe nem rios, nem ribeiros que sejam dignos de notar-se. Poucas léguas abaixo da confluência do Longá lança da direita um braço que dizem atravessa uma lagoa, e vai desaguar no Oceano com o nome de Higuaraçu aliás Iguaraçu, e mais abaixo, sobre a mesma margem, rega a vila de seu nome, e passadas mais algumas léguas torna a deitar outro braço, mas desta vez pela margem esquerda, que corre obliquamente para o ocidente por espaço de quatorze léguas, e afinal vai desembocar no mar com o nome de Tutóia; continuando sempre a dirigir-se para o norte, sai-lhe da sobre-dita margem um segundo braço que corre para o nordeste até o mar, e que tem por nome Barra do Meio e três léguas mais adiante desfalcado do cabedal que tinha, se precipita no Oceano por uma boca chamada *Barra Velha*. Entre o Higuaraçu e o Tutóia há várias ilhas assaz grandes, onde pasta em liberdade imenso armen-tio. O curso navegável deste rio, entre o das Balsas e o Oceano, é de cento e cinquenta léguas, não entrando nesta conta o que vai de sua cabeceira até a serra da Taba-

tinga: é largo com voltas, sem cachoeiras, posto que tenha algumas correntezas, onde é mister aliviar os barcos, cuja carga ordinária é de duzentas e vinte e quatro arrobas. Subindo-se por este rio, vai-se quanto é possível à vela, e nisto se gastam dez dias, e quando se desce leva-se outro tanto. Suas margens verdejam com a relva dos prados, e com as folhas das carnaúbas e piaçabas de que é muito abundante a província de Piauí. As canoas sobem pelo Parnaíba acima quase até a sua cabeceira, bem como pelo Uruçuí, e pelo rio das Balsas.

Parnaíba. Pequeno rio da província de Mato Grosso. Corre por largo espaço, do nascente para o poente, paralelamente com o rio Porrudos da banda do norte, e com o Pequiri da do sul, e vai lançar-se no Paraguai pela margem esquerda.

Parnambuquinho. Lugarejo da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor, na margem da ponta da Pipa da banda do norte.

Parobas. Lugarejo da província do Espírito Santo, no termo da freguesia de Viana.

Paru (Serra do). Serra altíssima da província do Pará, na

Guiana brasileira; estende-se paralelamente, e a pequena distância, com a margem esquerda do rio das Amazonas, entre a vila do Outeiro e o rio Paru. Nela se armam trovoadas que segundo os ventos vão desabar na Guiana e terras de Colômbia ou na cidade de Belém.

Paru. Rio da Guiana brasileira: nasce na serra da Velha, e dirigindo-se para o sul, rega a freguesia do Desterro e a vila de Almeirim, e vai desaguar no Amazonas, entre os confluentes dos rios Urubuquara e Jari. Nas margens deste rio, que foi antigamente chamado Jenipapo, fez o governador Bento Maciel as bárbaras excursões com que adquiriu o apelido de verdugo dos Índios. Os rios que deságuam no Paru são quase todos auríferos, e suas margens, que são ótimas para o cultivo do tabaco, abundam em salsaparilha.

Pascoal. Um dos mais altos montes da província da Bahia. É de forma cônica e se eleva por cima duma enfiada de colinas que fenecem da parte do sul, num morro de forma quadrada. Defronte deste monte surgiu Pedro Álvares Cabral em 1500, quando fazendo derrota para a Índia descobriu o Brasil, e porque ali aportou

Pasmados

numa das oitavas da Páscoa, pôs a este monte o nome que ainda hoje conserva. Seu cume está em dezesseis graus, cinquenta e seis minutos e oito segundos de latitude, e em quarenta e um graus, quarenta e cinco minutos e quarenta segundos de longitude oeste.

Pasmados. Antiga aldeia da província de Pernambuco, duas léguas ao norte da vila de Higuaraçu aliás Iguaraçu, sobre a estrada de Goiana. É ornada de duas igrejas. A de N. S. da Boa Viagem foi criada paróquia em 1821, porém foi esbulhada deste título por lei provincial de 8 de maio de 1840, que anexou o seu termo ao da freguesia de Tejucopaba. Sua população, que constava somente de Índios, se acha aumentada com grande número de Brasileiros pela maior parte ferreiros e serralheiros, assim que se conta nela perto de mil almas.

Pasmados. Lagoa da província de Goiás, na parte sul do distrito da cidade capital da província, em dezessete graus e vinte minutos de latitude. Esta lagoa comunica com o rio Cururuí no qual deságua, e

nos montes que a cercam vivem os Índios Caiapós, que ainda se não civilizaram.

Passa Dous. Sítio na margem da cabeceira do ribeirão Tubarão, na província de Santa Catarina, trinta léguas pouco mais ou menos a leste da vila das Lages. Em 1840, e nos anos seguintes, achou-se uma mina de carvão de terra neste sítio, cento e vinte e seis braças acima do nível do mar. O ribeirão Passa Dous e o ribeiro Laranjeiras dão nascimento ao rio Tubarão, donde começa a navegação.

Passagem. Subúrbio da cidade de Cabo Frio, na margem do canal ou rio Itajuru, fronteira à em que se acha a cidade; por onde passa a estrada geral que vai do Rio de Janeiro para Campos. Em 1761 João Botelho da Ponte edificou uma ermida a São Benedito, nas margens do sobredito canal, que é defendido pelo forte de São Mateus. Os barcos vão e vêm continuamente da cidade para este subúrbio, o qual, depois de 1820, se tem aumentado prodigiosamente. A assembleia provincial havia decre-

tado em 1836 que se faria uma ponte de pedra neste lugar, mas ao depois no decurso do mesmo ano se resolveu que a ponte seria de ferro e suspensão, mas enquanto este projeto se não executa, continuam os barcos a vogarem pelo sobredito canal.

Passagem.¹¹¹ Lugarejo da província de Minas Gerais, entre as cidades de Mariana e de Ouro Preto, nas margens do ribeiro deste último nome, com uma igreja dependente da matriz da cidade de Mariana.

Passagem. Povoação da província das Alagoas, no distrito de Vilanova da Assembleia, com uma igreja filial da antiga igreja paroquial da freguesia do Riacho do Meio, que foi ao depois Vilanova da Assembleia, e afinal foi anexada ao distrito de Atalaia, ao qual atualmente pertence a sobredito freguesia e povoação.

Passagem.¹¹² Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Paracatu, na margem esquerda do rio de São Francisco, acima do confluente do rio Abaité.

¹¹¹ Atual distrito de Passagem de Mariana, município de Mariana/MG. (N/E)

¹¹² Atual distrito de Canoeiros, município de São Gonçalo do Abaeté/MG. (N/E)

Passagem.¹¹³ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de São Romão, na margem esquerda do confluente do rio Paracatu.

Passagem. Registo na margem do rio de São Francisco, por onde passa a estrada que vai das províncias do norte para a cidade da Bahia.

Passagem. Registo da província de Minas Gerais, na margem esquerda do Jequitinhonha, fundado no começo deste século para impedir o extravio do ouro e dos diamantes; por ele passa a estrada da cidade do Serro para a vila de Januária. Chamam-no também registo do Jequitinhonha.

Passagem do Rio da Prata. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Paracatu, e obra de dez léguas ao sueste dela. Teve origem no registo colocado na margem direita dos rios da Prata e Escuro, donde começa a correr o Paracatu com este nome.

Passagem Franca.¹¹⁴ Nova vila da província de Maranhão,

na comarca de Pastos Bons. Foi primitivamente uma freguesia situada entre os rios Parnaíba e Itapicuru, que alcançou o título de vila, por lei provincial de 28 de junho de 1838; a qual lhe assinalou por distrito o próprio termo de sua freguesia, no qual se encontram as fazendas de Morro Agudo e Quilombo, onde os rebeldes assassinaram todos os brancos em 1839 e 1840.

Passa Quatro.¹¹⁵ Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Baependi ou de Ajuruoca, onde se cobram os direitos de saída sobre os gêneros exportados da sobre-dita província.

Pássaros (Ilha dos). Ilha do rio Tacoari, entre a povoação de Pouso Alegre da província de Mato Grosso, e o confluente do sobredito rio com o Paraguai. Deram-lhe este nome pela grande quantidade de pássaros de que estão em todo tempo carregadas as árvores dela.

Passa Tempo.¹¹⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, cousa de vinte e oito léguas ao

poente da cidade de Ouro Preto. Está assentada entre os nascentes do rio Pará, afluente do de São Francisco pela margem direita. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe deu por filiais as igrejas das povoações do Carmo, Japão e São João Batista. Avalia-se a sua população em mil e duzentos habitantes, entre lavradores de víveres e criadores de gado.

Passa Vinte. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Itaguaí, que se ajunta com o ribeirão das Lages.

Passé. Grande nação de Índios cujas tribos vagavam por ambas as margens do rio Negro, e pelas de alguns de seus afluentes, no distrito da vila do Rio Negro. Há muito que se civilizaram, e acham-se repartidos por diversas vilas e povoações das margens do sobredito rio Negro, vivendo juntamente com os doutras tribos, com algumas das quais andavam antigamente em frontaria.

¹¹³ Atual distrito de Serra das Araras, município de Chapada Gaúcha/MG. (N/E)

¹¹⁴ Atual cidade de Passagem Franca/MA. (N/E)

¹¹⁵ Atual cidade de Passa Quatro/MG. (N/E)

¹¹⁶ Atual cidade de Passa Tempo/MG. (N/E)

Passé

Passé.¹¹⁷ Freguesia da província da Bahia. (V. *Muritiba*.)

Passo de Perdiz. Passagem do rio Jaguarão, mui frequentada por quantos passam do território neutro para a província de São Pedro do Rio Grande.

Passo de Perdiz. Passagem mui frequentada do ribeiro Taquarembó, na província de São Pedro do Rio Grande, perto do termo de Santa Tecla.

Passo do Camaragiba.¹¹⁸ Lugarajo da província das Alagoas, nas margens do ribeiro Camaragiba, onde há um vau mui frequentado dos passageiros.

Passo do Contrato. Povoação e vau mui frequentado do rio Caí, na província de São Pedro do Rio Grande.

Passo do Couto. Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, junto ao vau do rio Pardo, afluente do Jacuí, abaixo da vila da Cachoeira.

Passo do Lumiar ou Paço do Lumiar.¹¹⁹ Pequena e bem

antiga vila da ilha do Maranhão, três léguas ao oriente da cidade de São Luiz, regada pelo rio ou antes ribeiro de São João, com uma igreja matriz da invocação de N. S. da Luz, e uma escola de primeiras letras. As casas são cobertas de palha e feitas de madeira, com reboco de terra, e os moradores índios que cultivam e colhem excelente tabaco, arroz e mandioca, falquejam madeira, e fazem pescarias com que abastecem a cidade.

Passo dos Cordeiros. Lugarajo e vau do ribeiro Pequiri, na província de São Pedro do Rio Grande, onde o exército imperial pôs em completa derrota os rebeldes em 26 de janeiro de 1842.

Passo Fundo. Vau do rio Curitiba, na província de São Pedro do Rio Grande, ao norte do Mato Castelhana.

Pastos Bons.¹²⁰ Pequena vila do sertão da província do Maranhão, oitenta e quatro léguas ao sul da cidade de São Luiz, e quarenta ao su-sudoeste da vila de Caxias, entre

o rio Parnaíba e o Itapicuru. Deram-lhe princípio alguns Portugueses que no decurso do século passado foram assentar vivenda naqueles férteis campos, e misturando-se com os Índios Manajós, das tribos mais conversáveis, que as das margens dos Tocantins, fizeram uma povoação que foi apelidada Pastos Bons. Como se achasse a grande distância das vilas e freguesias da província, uma igreja que nela havia, e de que era padroeiro São Bento, foi elevada à dignidade de paróquia, e pelo mesmo motivo teve esta povoação um julgado. Durou este estado de cousas até 1811, época em que Pastos Bons foi anexado ao distrito de Caxias. Passou enfim esta povoação à categoria de vila por alvará de 29 de janeiro de 1820, que lhe assinou por patrimônio uma légua quadrada de terra, e desmembrou do de Caxias o vasto termo de sua freguesia. Posto que D. Pedro I tivesse sido aclamado no Rio de Janeiro Imperador, em 12 de outubro de 1822, a vila de Pastos Bons não deu a sua adesão à causa da independência senão no princípio de

¹¹⁷ Atual distrito de Passé, município de Candeias/BA. (N/E)

¹¹⁸ Atual cidade de Passo do Camaragiba/AL. (N/E)

¹¹⁹ Atual cidade de Paço do Lumiar/MA. (N/E)

¹²⁰ Atual cidade de Pastos Bons/MA. (N/E)

abril do ano seguinte. Como em 1833 fosse a província do Maranhão, por lei da assembleia geral, dividida em seis comarcas, veio esta vila a ser cabeça da de seu nome. A população desta nova comarca não é mui grande, bem que a povoação se estenda da banda do sul até as matas que rega o Tocantins. Atribui-se esta falta às irrupções contínuas dos Índios Timbiras e outros vindos de Goiás e do Pará, na segunda metade do século passado, e na primeira do presente. Os habitantes desta comarca são Índios de mistura com alguns brancos e muitos mestiços; parte deles vive de caçadas e pescarias, e cultivam apenas os víveres de seu consumo; os mais se aplicam à criação de gado, e abastecem os açougues do Recife e de Olinda. O algodão começa também a ser um objeto da agricultura e comércio neste país.

Patafúfio.¹²¹ Povoação de pouca importância da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Velhas; com uma igreja dependente da matriz da povoação de Mateus Leme.

Pataque. Dá-se este nome à margem esquerda do rio Paraguaí, que começa na confluência do ribeiro Suobogo e acaba na do Tabixu.

Patatiba. Antiga aldeia da província da Bahia. (V. *Vila Verde*.)

Pataxós. Antiga nação de Índios belicosos, que dominavam nas cabeceiras do rio Jussape ou de Contas, e em especial nas margens do ribeiro Grugungi, na província da Bahia. Eram em grande número, e ainda o são, porém vivem derramados pelas fragosidades da cordilheira dos Aimorés, e por isso que cessaram de acometer os habitantes da província, imaginaram alguns que se tinham de todo extinguido.

Patia. Ribeiro da província do Pará, no distrito da vila de Castro de Avelães, afluente do rio das Amazonas.

Pati do Alferes.¹²² Povoação e ex-vila da província do Rio de Janeiro, três léguas ao sul da margem direita do rio Paraíba. Teve origem na fazenda do alferes Leonardo Cardoso

da Silva, da qual partiu o guarda-mor Garcia Rodrigues Pais Leme quando, em 1700, abriu comunicações até então ignoradas, entre a cidade do Rio de Janeiro e a comarca de Minas, que se havia recentemente descoberto, atravessando a serra dos Órgãos, o Paraíba e o Paraibuna. Depois dele infimos aventureiros, correndo em demanda de minas de ouro, alargaram e tornaram mais praticáveis aqueles caminhos e povoaram aqueles desvios, e cada choupana que neles fizeram foi o princípio de grossas povoações. Francisco Tavares mandou edificar uma capela a N. S. da Conceição, edifício que se arruinou dentro em pouco tempo. Edificou-se porém outra em 1739 numa peça de terra de setecentos e cinquenta braças, dada pelo sobredito alferes Leonardo Cardoso da Silva, com a renda anual de cem mil réis, para o serviço dela. Esta nova igreja foi, passados anos, no de 1755, por alvará de 11 de janeiro, elevada à categoria de paróquia do Brasil, dando-se-lhe por termo toda a terra que jaz entre os rios Paraíba, Pati ou do Alferes, Piabanha e San-

¹²¹ Atual cidade de Pará de Minas/MG. (N/E)

¹²² Atual cidade de Paty do Alferes/RJ. (N/E)

Patipe

tana, e por outro alvará de 4 de setembro de 1820 foi esta freguesia criada vila, trocado o nome de Roça do Alferes no de Pati do Alferes, e estipulado o seu patrimônio em duas sesmarias de meia légua cada uma. Seu distrito encerrava os termos das freguesias de Itinga, de Pati do Alferes e de São Pedro e São Paulo, e se estendia, do norte ao sul, desde o rio Preto até o de Santana, confrontando, ao poente, com os distritos de Resende e de São João do Príncipe, e ao nascente, com o de Cantagalo: porém, por decreto da assembleia geral de 15 de janeiro de 1833, perdeu Pati do Alferes o título de vila, o qual foi transferido para a povoação de Vassouras, e seu distrito foi repartido com três vilas de nova criação, a saber: a de Vassouras, de Mangaratiba e de Paraíba do Sul. Em 1840, Manoel Francisco Xavier mandou dar princípio à fábrica duma nova igreja por estar a antiga de todo arruinada, e deixou cinquenta contos para o seu acabamento; sua mulher depois de sua morte tem concorrido com o necessário para compra dos paramentos para os ofícios divinos durante um ano. O termo da freguesia de Pati do Alferes é regado por vários ribeiros, uns que vão engrossar o Paraíba, outros que se ajun-

tam com o rio de Santana, o qual junto com o ribeirão das Lages dá princípio ao Guandu. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes, lavradores de canas, milho, e café, mandioca, e fabricantes de óleo de mamona que serve para luzes, e para as boticas: todos estes gêneros são conduzidos em bestas muares, umas vezes para os portos da Estrela e do Iguaçu, outras em direitura e por terra até o Rio de Janeiro. Nesta freguesia há um engenho chamado *Pão Grande*, onde se fabrica, além do açúcar, rapadura e aguardente, e muitos outros de menor importância.

Patipe. Rio conhecido na província de Minas Gerais com o nome de Pardo, não sendo mais que um simples ribeiro, e com o de Patipe, na província da Bahia. Seu curso é impiedoso por causa das pedreiras de que seu leito é semeado na comarca de Rio Jequitinhonha, e na cordilheira dos Aimorés, onde asseguram que se divide em duas partes, uma que se encaminha para o norte com o nome de Cachoeira, e vai se lançar na baía dos Ilhéus, e outra cuja origem era antigamente ignorada, tomou na província da Bahia o nome de Patipe, que ainda retém. Corre pois este rio no rumo de leste, e a nove léguas

do mar recolhe pela direita um braço que lança pela esquerda o rio Jequitinhonha, chamado *rio da Salsa*; e algumas léguas mais adiante lhe entra outro do mesmo rio que só tem corrente na estação das chuvas, e a que chamam Jundiaí. O rio Patipe, depois de servir de limite às comarcas dos Ilhéus e de Porto Seguro, se lança no Oceano, obra de três léguas ao norte da boca do Jequitinhonha, em quinze graus e quarenta e dous minutos de latitude. Os barcos entram com segurança na barra deste rio, e pelo braço ou canal da Salsa passam ao rio conhecido pelos habitantes com o nome de Grande. Perto do rio Patipe, na comarca dos Ilhéus, se descobriu em 1841 uma pedreira de mármore rosado.

Patitiba. Rio da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati, onde se lança na baía de Angra dos Reis. Sobem por ele as canoas até perto da cordilheira dos Órgãos, porém as sumacas somente distância de cem braças, quando muito.

Patos. Nome duma tribo de Índios Carijós que viviam na província de São Pedro do Rio Grande, nas margens da lagoa dos Patos. Os Carijós do interior distinguiram-se destes, e eram intitulados *Carijós do Sertão*.

Patos.¹²³ Nova vila e antiga freguesia da província de Paraíba. Está situada oitenta léguas ao poente da cidade da Paraíba, num vale cercado pelas altas serras dos Cairiris Novos, de Espinharas e de Borborema, e é atravessada pela estrada que da província de Ceará guia à de Pernambuco, da qual parte outra que vai desta vila à cidade de Paraíba. Esta povoação no concernente ao judicial foi largo tempo da jurisdição do juiz de fora da Vila do Príncipe da província do Rio Grande do Norte, e o ouvidor, na sua visitaçõ, preferia transferir-se à povoação de Patos, para dela administrar a justiça, com o pretexto de ser impraticável o caminho que ia para Vila do Príncipe, e no que dizia respeito ao civil e militar estava sujeita à província de Paraíba. O governo imperial pôs termo a tão monstruosa administração, anexando a povoação de Patos ao distrito de Pombal da sobredita província. A assembleia geral instituiu em favor da mocidade uma escola de ensino mútuo, por decreto de 13 de outubro de 1831, e a assembleia provincial lhe conferiu o título de vila, assinando-lhe por distrito o ter-

mo assaz extenso de sua freguesia. A igreja matriz desta vila é dedicada a N. S. da Guia, e está agradavelmente assentada no cume dum outeiro, cuja falda é banhada pelo Espinharas, ribeiro abundante em pescado, e sobre cujas margens se estende dum e doutro lado a vila. Seu distrito da parte do norte pega com o da Vila do Príncipe, na província do Rio Grande do Norte; da do poente, com o de Vilanova de Souza; da do sul, com a província de Pernambuco, e da do nascente, com o distrito da Vila Real de São João. Nele se acham as povoações de Texeira na serra deste nome, de Santa Luzia, do Estreito, e outras de menos monta. A população é avaliada em mais de dous mil habitantes, lavradores de algodão, principal fonte da riqueza do país, e comerciantes. Neste distrito tem origem o rio Seridó, que, no cabo dum curso de oito léguas, entra na província do Rio Grande do Norte.

Patos. (Lagoa dos). Vasta lagoa da província de São Pedro do Rio Grande: dilata-se por espaço de quarenta léguas, do nordeste para sudoeste,

paralelamente com o mar, e varia de largura tendo de três até oito léguas. Da parte do norte comunica com a lagoa Viamão, e da do sudoeste com a lagoa Mirim, pelo canal que por ter corrente é vulgarmente apelidado *rio de São Gonçalo*, e da banda do sueste deságua no Oceano por outro canal que tem uma légua de largura, e é conhecido com o nome de rio Grande, bem que não tenha de comprimento senão duas léguas. Esta lagoa é alimentada, pela margem ocidental, pelo rio Camacua e por um sem número de ribeiros, sem falar das águas que recebe das lagoas Viamão e Mirim.

Patos. Ribeiro da província de Goiás; corre do sul para o norte, passando a leste da serra Negra. A estrada real corre paralelamente ao oriente deste ribeiro por largo espaço, e o atravessa no vau chamado dos Patos, a meia légua do qual ele se ajunta com o rio Maranhão.

Patrocínio.¹²⁴ Nova vila da província de Minas Gerais, vinte léguas ao norte da vila de Araxá. Esta povoação existia desde o princípio do século

¹²³ Atual cidade de Patos/PB. (N/E)

¹²⁴ Atual cidade de Patrocínio/MG. (N/E)

Patrocínio do Muriaé

corrente, e tinha uma igreja de que era padroeiro o Senhor do Patrocínio; como fossem ótimos os pastos e regados d'águas salinas com que tanto folga o gado vacum, applicaram-se os habitantes a este gênero de criação, e prosperaram ao ponto que uma lei provincial de 23 de março de 1840 conferiu a esta povoação o título de vila, e em 1842 o presidente da província criou nela um colégio eleitoral que no ano seguinte constou de dezenove eleitores. Seu distrito consiste no termo de sua antiga freguesia, e encerra mil e quinhentos fregueses, criadores de gado e lavradores de víveres, em especial para seu próprio consumo.

Patrocínio do Muriaé.¹²⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Presídio de São João Batista, com uma igreja da invocação de N. S. do Patrocínio, filial da da freguesia da vila.

Patrulha (Santo Antônio da).¹²⁶ Pequena vila da província de São Pedro do Rio Grande, em terreno levantado, dezesseis léguas a és-nordeste da cidade de Porto Alegre, na estrada que vai para São Paulo, atra-

vessando a província de Santa Catarina. Teve esta povoação origem num registo que se collocou neste ponto em 1740, à sombra do qual o dono duma grande fazenda começou a povoá-la com Índios e Açoristas, que se ajuntaram à roda duma capela, que ele havia mandado fazer em 1725, e que dedicara a Santo Antônio. Como esta capela se achasse arruinada, a igreja que se fez em seu lugar foi elevada à categoria de paróquia com o nome de Santo Antônio de Guarda Velha, por decisão régia de 20 de outubro de 1795, a qual ordenou fossem desmembrados os termos mais do devido dilatados de várias freguesias para formar o da de nova criação. Assim que se acha ele presentemente separado, da parte do norte, do termo da freguesia de Nossa Senhora de Oliveira da Vacaria, pelo ribeiro Rolante; da do poente, confronta com os das freguesias de Porto Alegre e de Nossa Senhora dos Anjos de Viamão; da do sul, o desaguadouro da lagoa dos Barros o divide do da freguesia da Conceição do Arroio; e da do nascente, é cercado pelo Oceano. Como esta povoação se tivesse rapi-

damente engrossado nos fins do século passado, e princípios do presente, a requerimento dos povos dela foi-lhe concedido o título de vila com o nome de Santo Antônio da Patrulha por alvará de 3 de abril de 1811, e a nova vila veio a ser a cabeça das freguesias de sua vizinhança. Um numeramento da população da província feito no cabo de três anos repartia a população do modo seguinte:

Branços, de ambos os sexos	1.706
Índios, id	8
Livres de todas as cores, id	330
Escravos, id	961
Recém-nascidos, id	98

—————
Total.....3.103 almas.

De então por diante este número ficou no mesmo ser, e seu comércio diminuiu sensivelmente depois da rebelião de Bento Gonçalves da Silva. A vila de Santo Antônio da Patrulha possui duas escolas de primeiras letras para os meninos e meninas, e os moradores de seu distrito lavram canas, colhem mandioca e milho, gêneros que exportam para a vila de Porto Alegre.

¹²⁵ Atual cidade de Patrocínio do Muriaé/MG. (N/E)

¹²⁶ Atual cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS. (N/E)

Patu (Serra do). Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito e ao sul da vila de Porto Alegre. É bem povoada, e tem uma capela de N. S. das Dores.

Pau Amarelo. Forte e praia da província de Pernambuco, três léguas ao norte da cidade de Olinda. Esta praia é célebre na história do Brasil pelo desembarque que nela efetuaram os Holandeses em 13 de fevereiro de 1630. Constava a expedição que comandava o almirante Henrique Lonck, de quarenta navios de guerra e vinte e quatro de transporte, com oito mil soldados às ordens do coronel Van-Dembourg.

Pau d'Alho. Nova comarca da província de Pernambuco, criada por lei provincial de 5 de maio de 1840, que a formou do distrito da vila de seu nome e dos outras mais.

Pau d'Alho.¹²⁷ Vila da província de Pernambuco, cabeça da comarca de seu nome, na margem direita do rio Capibaribe, dez léguas oés-sudoeste da cidade de Olinda. A sua matriz era dedicada ao Espírito Santo, porém o alvará de

27 de julho de 1811, que conferiu à freguesia de Pau d'Alho o título de vila, dando-lhe de patrimônio légua e meia de terra, assinalou-lhe por distrito o termo de sua freguesia, o da freguesia de Santa Luzia e uma parte do da de São Lourenço, até o ribeiro Massiape, tributário do rio Capibaribe. Além da igreja matriz é esta vila ornada duma invocação de N. S. do Rosário, e tem mercado em todas as semanas. Sua população é avaliada em mil e quatrocentos habitantes, que lavram mantimentos para seu consumo e algodão para a exportação. O que não obstante foi o juiz de direito da comarca de Pau d'Alho suprimido por um decreto de 30 de junho de 1844.

Pau de Ferro. Lagoa da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio.

Pau dos Ferros.¹²⁸ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre. Sua igreja, do orago de N. S. da Conceição, é uma antiga freguesia que tem várias filiais. A igreja de São Cosme e São Damião foi

desanexada dela na ocasião em que também foi criada paróquia por decreto de 11 de outubro de 1831, e por lei provincial de 2 de novembro de 1840 tornou-se a desmembrar de seu termo o duma nova paróquia criada na serra do Martins.

Pau Ferrado. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó, nas margens do rio deste nome.

Paulo Afonso. Salto prodigioso do rio de São Francisco, defronte da província das Alagoas, sobre a margem esquerda, e pela margem direita, defronte do de Sergipe que fenece duas léguas mais abaixo, na confluência do ribeiro Xingó, que separa esta província da da Bahia. Este salto ou cachoeira interrompe de todo em todo a navegação: uma mole imensa d'água se despeña continuamente por entre uma medonha penedia, que parece rasgar-se para lhe franquear passagem, e o fragor com que se espedaça é tal que é impossível ouvir-se qualquer outro rumor. Avalia-se a altura deste salto a mais de vinte e cinco braças. Do abismo onde as águas se despenham ergue-se

¹²⁷ Atual cidade de Paudalho/PE. (N/E)

¹²⁸ Atual cidade de Pau dos Ferros/RN. (N/E)

Paulo Mendes

uma coluna de vapores, parecida com os rolos de fumo que se observam num incêndio, a qual se eleva por cima das circunstantes serras, e se avista da serra de Olho d'Água a qual se acha pelo menos seis léguas de distância. O salto de Paulo Afonso era nos tempos passados a guarida dos jaguares, onças e outras feras; presentemente é acolheita dos morcegos chamados vampiros, e das aves noturnas que ali se multiplicam prodigiosamente sem serem inquietadas.

Paulo Mendes. Lugarejo da província de Paraíba, sobre o rio Piancó, no distrito de Pombal.

Paulo Moreira.¹²⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e em seu termo se acham as povoações da Saúde, Seminário, Rio de Peixe, Rio sem Peixe e Santa Rita.

Paupina.¹³⁰ Antiga aldeia da província de Paraíba. (V. *Campina Grande*.)

Pauxis.¹³¹ Aldeia da província do Pará, na Guiana brasileira. (V. *Óbidos*, vila.)

Pavuna. Ribeiro da província do Rio de Janeiro. Nasce nas serras do Bangu e de Jarixino; separa por uma parte o termo da freguesia de Miriti do de Irará, e vai se ajuntar com o rio Miriti, o qual com este tributo dá navegação duas léguas abaixo da povoação de seu nome. Há sobre o Pavuna uma ponte que dá serventia à estrada do Rio de Janeiro para a província de Minas Gerais. Haverá dez anos que se começou a abrir um canal entre o rio Guandu e o Pavuna para por ele conduzirem-se as fazendas em direitura até o Rio de Janeiro sem ser mister ir por mar, mas este trabalho foi interrompido em 1841, e não sabemos que se tenha continuado.

Peças. Dá-se este nome ao terreno baixo que jaz à entrada da baía de Paranaguá, o qual se acha da banda do norte separado do continente por um canal de pouco fundo, que se estende desde o mar até a baía dos Pinheiros, distância de duas léguas; ao

poente, pela sobredita baía, e ao sul, pelo canal da de Paranaguá, e da parte do nascente, entesta com o mar.

Pecinguaba. Enseada ao norte da província de São Paulo, entre o cabo Cairuçu, a baía de Ubatuba e um ribeiro apelidado também Pecinguaba que nela se lança e pelo qual sobem as canoas obra duma para duas léguas, até o lugar onde se acham algumas fazendas.

Pederneira. Aldeia da província do Pará, na margem direita do Tocantins, vinte e duas léguas acima da vila de Cametá, e cinco abaixo do forte de Alcobaça. É povoada de Índios civilizados, que fazem pescarias, cultivam arroz, plantam cafezais e apanham cacau.

Pederneira. Quinta cachoeira do rio Madeira, a vinte e oito léguas da confluência do Guaporé, e quatorze abaixo da cachoeira da Figueira, aliás das Araras. Transportam-se por terra as fazendas distância de duzentas e vinte e cinco braças, e as embarcações são puxadas à sirga na subida; porém

¹²⁹ Atual cidade de Alvinópolis/MG. (N/E)

¹³⁰ Atual cidade de Campina Grande/PB. (N/E)

¹³¹ Atual cidade de Óbidos/PA. (N/E)

na descida vão com a corrente por entre os rochedos que estão quase à flor d'água. Subindo-se pelo Madeira esta cachoeira é a oitava que se encontra.

Pederneira. Décima sétima cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Tietê, na província de São Paulo. Fazem as canoas sem serem aliviadas obra de quatro léguas, por entre os rochedos desta penedia, a qual fica entre dous espaços de boa navegação, um de três léguas abaixo da cachoeira Itapema-Mirim, e outro de seis acima da de Itaí. Entre as cachoeiras Itapema-Mirim e Pederneira entram sucessivamente no Tietê o rio Capivari, o ribeiro do mesmo nome e o rio Sorocaba.

Pé do Banco (São Gonçalo do).¹³² Freguesia da província de Sergipe, no distrito da vila das Laranjeiras. Sua igreja, há muito paróquia, é da invocação de Jesus Maria José e São Gonçalo. Seu termo foi desmembrado em 1818 para se formar o de Japarutuba, e ficou, por lei provincial de 6 de março de 1836, com as confrontações seguintes: o rio Sergipe e o ribeiro Caípe, os

engenhos da Mata Verde e do Pati, a estrada que vai para o engenho de Unha do Gato, a estrada velha de Pé do Banco para a Divina Pastora, desde o ribeiro Maniçoba até o Siriri, os engenhos Facão e Araticum, a estrada da vila da Capela até o caminho do engenho Taçoari, e a junção dos ribeiros Cancelo e do Pintor, os sítios de Mata Cipó, Campanha, e Baurubu até o rio Sergipe. Os moradores deste termo são lavradores de canas, de algodão e de víveres, estes para seu consumo, e aqueles para exportação.

Pé do Morro. Registo da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Jequitinhonha, obra de vinte léguas ao nordeste da cidade Diamantina. Nas adjacências dele, há três engenhos cujo açúcar e aguardente são exportados para a sobredita cidade.

Pedra.¹³³ Aldeia da província do Rio de Janeiro, na margem direita do rio Paraíba e abaixo da confluência do Bosaraí. No princípio do século que corre, D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, e último vice-rei do Brasil, mandou para as margens deste rio o capucho ita-

liano Tomás de Casteli, para tratar da civilização dos Índios Coroados e Guarulhos. Obra de cinquenta até cem famílias viviam em choupanas mui baixas e postas em renque, cousa que julgavam necessária para melhor se precaverem contra os acometimentos de seus inimigos. Soube este digno religioso conquistar por tal modo a confiança e amor destes Índios, que os levou a edificarem uma igreja da invocação de São José de Leonissa, de que o sobredito padre foi nomeado vigário por portaria de 24 de fevereiro de 1808; em honra do vice-rei pôs o novo vigário à aldeia o nome de Dom Marcos; porém atualmente é vulgarmente conhecida com o de Pedra ou de São José de Leonissa indiscriminadamente. Em 1831 foi-lhe concedida uma escola de primeiras letras, por decreto da assembleia geral de 25 de outubro, e segundo a nova organização das comarcas pela assembleia provincial de 1835, estas aldeias ficaram pertencendo à de Cantagalo. Achando-se a igreja arruinada, o missionário Florido excitou os fregueses a fazerem uma subscrição para a fábrica doutra, subscrição que foi aumentada

¹³² Atual cidade de Siriri/SE. (N/E)

¹³³ Atual cidade de Itaocara/RJ. (N/E)

Pedra

com um subsídio provincial de duzentos mil réis mensais durante um ano. O termo da freguesia da aldeia de Pedra encerra a povoação de Sumidouro, o registo da Pomba, defronte do confluente do rio deste nome, e as aldeolas de Xixa e de São João, cujos Índios apenas cultivam os gêneros de que hão mister, e vivem de peixe e de veação.

Pedra. Registo da província de São Paulo, onde se arrecadam os direitos de saída dos gêneros que passam para a província do Rio de Janeiro. Fica entre a vila do Bananal e a das Areias, dez léguas ao poente da cidade de Angra dos Reis.

Pedra Alta ou Peralta. Terceira cachoeira que se encontra ao descer o rio Coxim. Acha-se meia légua abaixo da cachoeira Pedra Branca, e quatro acima da Varé. Desce-se com facilidade, mas é mister para se subir dobrar o número dos remos.

Pedra Bonita. Serra da província de Pernambuco, vinte e duas léguas ao nordeste da vila de Flores. Esta serra, que consta de dous enormes penedos açoutados dos ventos e dos raios, e cobertos de basto arvoredos, adquiriu uma certa nomeada pelo seguinte su-

cesso. Um morador das extremas da comarca de Flores, por nome João Antônio, persuadiu-se em 1836, ou antes persuadiu às gentes de sua vizinhança, que no meio daquelas matas havia um reino de diamante onde El-Rei D. Sebastião se achava encantado, ele e todo o seu exército, e que não podia ser desencantado senão por virtude do sangue dum cento de vítimas inocentes, e intitulando-se rei do reino de Pedra Bonita, partiu-se em novembro de 1837, para ir explorar as matas de Inhumun. Passado algum tempo, um certo João Pereira veio como de seu mandado com uma corda de cipó, e fazendo-se tratar por Sua Santidade, pregou e casou muitas mulheres com aqueles que assim o quiseram, dizendo que havia recebido para tudo poderes ilimitados do Céu, e em prova de sua soberania matou a quantos se negaram a beijar-lhe os pés, e fez com que lhe dessem várias crianças para serem vitimadas pelo desencantamento do reino dos Diamantes ou de Pedra Bonita; dezenove crianças e outros tantos meninos de ambos os sexos lhe foram entregues voluntariamente pelos pais, e foram efetivamente degolados nos dias 14, 15 e 16 de maio de 1838; porém o novo rei pontífice foi assassinado no dia 17

por Pedro Antônio, irmão de João Antônio que havia desaparecido, o qual lhe sucedeu no reinado e pontificado. O comandante da povoação de Belém, que fica oito léguas ao norte da serra de Pedra Bonita, informado dos horrores cometidos por aqueles fanáticos, escolheu imediatamente vinte e seis homens dos mais expeditos e foi-lhes no encalço em 18 do mesmo mês, e não tardou que alcançasse a Pedro Antônio, com a coroa na cabeça, cercado dum bando de homens, de mulheres e de meninos os quais se lastimavam, rompiam em ameaças e imploravam contra os guardas nacionais o auxílio da tropa que se achava encantada; e vendo que ninguém lhes acudia, precipitaram-se sobre o destacamento e mataram quatro homens, deixando outros tantos feridos. Irritados os guardas nacionais investiram com aquele bando de fanáticos, que se dispersaram deixando mortos vinte e seis homens e três mulheres; ficaram prisioneiros três homens, nove mulheres e doze meninos que foram conduzidos a Flores, cabeça da comarca do mesmo nome. Morreram nesta ação sessenta e três pessoas, entrando nesta conta tanto os que nela foram mortos, como os que o foram pelos iluminados: tristes consequências do fanatismo e da

ignorância, cousas que são mui comuns nos sertões do Brasil.

Pedra Branca.¹³⁴ Vila da província da Bahia, cinco léguas oés-sudoeste da povoação de Jenipapo. Foi primitivamente uma aldeia, fundada em 1740 para residência de duas tribos de Índios, uma das quais era de Cairiris. Está assentada numa quebrada da serra de seu nome. As casas são de madeira, cobertas com folhas de palmeira. Sua igreja é de adobe, porém telhada, e tem por padroeira N. S. de Nazaré. Há nesta vila uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832. Seu termo acha-se ainda na maior parte coberto de matas, e as terras postas em cultivo são infestadas da praga das formigas de que pouco curam os moradores, mais inclinados à caça e à colheita das frutas que dão espontaneamente as árvores que crescem nas matas, que ao cultivo das terras, como o são a maior parte dos Índios.

Pedra Branca. Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com

uma igreja filial da matriz da freguesia de Brumado.

Pedra Branca. Segunda cachoeira que se encontra no rio Coxim, na província de Mato Grosso, quando por ele se desce. Passa-se sem muito custo, contudo em subindo é mister dobrar o número dos remeiros. Jaz esta cachoeira uma légua abaixo da de Mangabal, e meia acima da de Peralta ou Pedra Alta.

Pedra de Baixo ou Pedra de Maria da Cruz.¹³⁵ Mesquinha povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio de São Francisco, quarenta e cinco léguas ao norte da povoação da Barra das Velhas. Está situada numa eminência com uma linda igreja, da invocação de N. S. da Conceição, filial da igreja da freguesia de Contendas, rodeada de casas baixas e de terra. A de seus arredores é própria para o plantio dos algodoeiros.

Pedra dos Anjicos.¹³⁶ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio de São Francisco, com uma

igreja da invocação de São José, depende da da freguesia de Contendas, ao redor da qual se acham quando muito vinte casas. Os moradores não conhecem outra indústria senão a da pesca e a dalgumas searas de milho, e todavia as terras são excelentes para a plantaçõ de algodoeiros que não demandam muito amanho.

Pedra Lavrada.¹³⁷ Lugarejo da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vilanova do Príncipe.

Pedra Lisa. Serra da província do Rio de Janeiro, nas matas que jazem entre o distrito da cidade de Campos, e o da vila de Cantagalo. Estes sítios eram desconhecidos, e foi tão somente no ano de 1841, que se abriu por entre as matas uma estrada de carro entre a vila de Cantagalo e a de Macaé. No mês de fevereiro de 1844 chegaram de Bruxelas cento e quatro colonos à custa do governo provincial para povoarem uma sesmaria de doze léguas de norte a sul e doutro tanto de leste a oeste, a qual começa a

¹³⁴ Atual distrito de Pedra Banca, município de Santa Teresinha/BA. (N/E)

¹³⁵ Atual distrito de Pedras de Maria da Cruz, município de Januária/MG. (N/E)

¹³⁶ Atual cidade de São Francisco/MG. (N/E)

¹³⁷ Atual cidade de Pedra Lavrada/PB. (N/E)

Pedrão

seis léguas da cidade de Campos, e fenece da parte do norte no rio Paraíba, perto do sítio de Carangola e do registo da Pomba. As terras são extremamente férteis, e o terreno montuoso sem ter grandes serras, tirando as de Pedra Lisa e de Canastra que são as mais altas. A primeira dá o seu nome àqueles sítios que são mui abundantes de água. Nas terras chãs ultimamente descobertas, chamadas *Campos da Casca*, se acharam vestígios dum edifício que se suspeita ter servido de guarida a alguns padres da Companhia de Jesus, na ocasião em que foram expulsos dos domínios portugueses. Deve-se abrir nelas uma estrada para se poder ir em direitura de Pomba à cidade de Campos, e assentaram-se marcos distantes uns dos outros quatrocentas braças para propriedade de cada família dos colonos, cada uma das quais deve ter cinquenta braças de largura. A assembleia legislativa da província autorizou em 1843 o governo provincial a dispender dez contos de réis com o transporte dos colonos, e com o mais que fosse mister.

Pedrão.¹³⁸ Povoação da província da Bahia, no distrito da

cidade da Cachoeira, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e uma igreja que foi elevada à categoria de paróquia pela assembleia provincial, a qual, por lei de 4 de março de 1840, lhe concedeu cinco lotarias para seu conserto ou reedificação.

Pedra Redonda. Morro da província de Minas Gerais, sete léguas ao poente da cidade de Serro. Dele nasce um ribeiro que passa por um dos nascentes do rio Jequitinhonha.

Pedra Redonda. Décima quinta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Coxim. É fácil de subir e de descer, e fica meia légua abaixo da cachoeira Vamicanga, e pouco mais ou menos em igual distância acima da de André Alves.

Pedras. Povoação da província de Mato Grosso, nas margens do Porrudos ou rio de São Lourenço, vinte e seis léguas ao nordeste da cidade de Cuiabá. Deve a sua fundação ao missionário Manoel de Albuquerque, que foi para ali residir para ser útil aos pas-

sageiros que iam e vinham de Mato Grosso a Cuiabá.

Pedras. Povoação da província da Bahia, três léguas ao nordeste da ponta de Itapuãzinho, e outro tanto ao sudoeste da povoação de Itapuã. Deve o seu nome ao ribeiro que a rega antes de ir desembocar no mar.

Pedras. Ilhota da baía de Camamu, alta e redonda, com perto de uma légua de diâmetro, e povoada por várias famílias. Acham-se em suas terras certas pedras negras ferruginosas que pesam como o chumbo, e que se deixam mui bem obrar; algumas delas têm suas veias de cor de prata, e os pescadores servem-se delas para chumbarem as redes.

Pedras. Pequeno rio da província de Mato Grosso que se ajunta com o rio Guaporé, pela margem esquerda, em doze graus e cinquenta e três minutos de latitude. Em 1760, assentou-se um registo nas margens deste rio. Na sessão de 14 de outubro de 1843 fizeram-se representações à assembleia geral por isso que as tropas de Bolívia se tinham apoderado deste ponto, e se tinham igualmente estabele-

¹³⁸ Atual cidade de Pedrão/BA. (N/E)

Pedras de Fogo

cido nas adjacências do registo de Guajuru.

Pedras (Rio das). Rio da província das Alagoas, onde é também conhecido com o nome de Manguape. Nasce ao norte da serra de Marambaia, rega a vila de Porto Calvo, e seis léguas mais adiante a de Porto das Pedras, onde deságua no Oceano. Sua barra acha-se protegida contra os marulhos do mar, pelo arrecife que se estende ao longo da costa, com suas quebradas de distância em distância; porém não admite grandes embarcações. Dizem que em outro tempo entravam os navios por este rio acima até Porto Calvo, mas que ao depois se lhe areara e entupira o álveo.

Pedras (Rio das). Ribeirão da província do Rio de Janeiro, no distrito de Resende: seu curso é curto, dirige-se para o poente, e ajunta-se com o rio Paraíba pela margem direita.

Pedras (Rio das). Ribeirão da província de Minas Gerais. Vem da serra do Grão Mogor, passa pelas abas da povoação de Santa Quitéria, onde atra-

vessa a estrada da vila de Formigas para a de Januária, e vai aumentar com o cabedal de suas águas o rio Itucambira.

Pedras (Lagoa das). Lagoa da província do Rio de Janeiro, entre o rio Muriaré e a margem esquerda do Paraíba. Comunica por um desaguadouro natural com o Paraíba, quase defronte da cidade de Campos.

Pedras Altas.¹³⁹ Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, no termo da freguesia de Nossa Senhora de Oliveira, nos campos chamados da Vacaria. Esta povoação só foi bem conhecida depois do mês de novembro de 1840, por ter nela acampado o comandante das guardas nacionais Silva Tavares desde a época acima dita até o mês de fevereiro do ano seguinte.

Pedras de Amolar (Serra das). Serra da província de Mato Grosso, que acompanha a margem direita do rio Paraguai, entre quinze e dezoito graus de latitude, e fenece quatro léguas, passada a confluência do rio Porrudos ou de São Lourenço. Foi assim chamada

pela grande quantidade de pedras de amolar que nela se acham. Esta serra é a continuação da corda formada pelas serras Gaíba, Dourada, etc.

Pedras de Amolar. Primeira cachoeira que se encontra no rio Pardo da província de Mato Grosso, passada a confluência do Sanguessuga. Aliam-se de metade da carga as canoas, a qual se transporta por terra, e então podem elas subir, forçando-se a voga. Passada esta cachoeira oferece o rio Pardo duas léguas de boa navegação até a cachoeira Formigueira.

Pedras de Fogo.¹⁴⁰ Povoação cujo termo se acha repartido entre as províncias de Paraíba e de Pernambuco. Está sita oito léguas ao sudoeste da cidade de Paraíba. Em junho de 1839 os moradores de seu termo dirigiram uma representação à assembleia geral, na qual lhe pediam que os incorporasse na província de Paraíba, à qual como não fosse deferida, continuou o termo de Pedras de Fogo a ficar assim bipartido, e tem sido o teatro de várias comoções po-

¹³⁹ Atual cidade de Pedras Altas/RS. (N/E)

¹⁴⁰ Atual cidade de Pedras de Fogo/PB. (N/E)

Pedras Mosteiro

líticas. Nele se ajuntaram em outubro de 1841 vários descontentes que intentaram assassinar o presidente da província Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, e logo no ano seguinte também nele ajuntaram armas e munições os que pretendiam mancomunar-se com os descontentes de Exu. (V. este nome.) Com razão pois perguntou um deputado em 1843 à assembleia geral se não era possível colocar debaixo da administração duma só província o termo bipartido da povoação de que tratamos.

Pedras Mosteiro ou Conventos. Nome posto a dous serros de penedia da costa do Brasil, entre a província de São Pedro do Rio Grande e a de Santa Catarina, os quais vistos de longe dão visos dum mosteiro. Entre eles passa dirigindo-se para o Oceano o rio Araraguá.

Pedro Segundo. Colônia da província do Pará, na Guiana brasileira, fundada em 1840 pelo presidente da província João Antônio de Miranda, que mandou proceder à medição das terras na margem direita do rio Araguari, a algumas léguas da beira-mar, e as distri-

buiu com os veteranos da milícia, os quais nelas se estabeleceram com suas famílias.

Pedro Terceiro.¹⁴¹ Antiga aldeia da província de Goiás. (V. *Carretão*, vila.)

Peixe (Rio ou ribeiro do). Todas as províncias do Brasil abundam de ribeiros e torrentes que são conhecidos com o nome de rio do Peixe; motivo por que assentamos que não devíamos fazer menção senão dos de mor importância, como os que nunca se secam, ou que servem de confrontação aos distritos das vilas, e dos termos de diversas freguesias.

Peixe (Lagoa do). Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande, apelidada também lagoa de Mostardas, situada entre a lagoa dos Patos e o mar, no distrito da vila de Mostardas. Tem oito léguas de comprimento e pouca largura. Dá-se-lhe de cinco até oito palmos de fundo em todo o seu comprimento; comunica com o mar por um canal ou sangradouro natural que se entope de areia, mas que com a força das águas na estação das chuvas todos os anos é desentupido. Como por este

canal recebe esta lagoa imensidade de pescado, puseram-lhe o nome de Peixe. Ela comunica igualmente com uma série de lagoas que ficam para a banda do norte, ao longo do mar, e que se terminam perto do rio Tramandaí.

Peixe (Rio do). Rio da província de Mato Grosso. Nasce da cordilheira Parecis, corre rumo do norte, e vai se lançar no Tapajós, pela margem direita.

Peixe (Rio do). Rio da província de Mato Grosso que deve a sua origem à junção dos ribeiros Raizame e Tacoaral, os quais atravessam a estrada que vai de Goiás para Cuiabá. Este rio do Peixe caminha também para o norte, porém deságua no Araguaia, perto da confluência do rio das Mortes.

Peixe (Rio do). Rio da província de Paraíba, que nasce na serra de Luiz Gomes, corre por espaço de quinze léguas pelos campos desta província, rega Vilanova de Souza, e entrando na província do Rio Grande do Norte, vai desaguar no rio das Piranhas, pela margem esquerda, aumentando-lhe do dobro o cabedal. Nas margens deste rio se en-

¹⁴¹ Atual aldeamento indígena, entre os municípios de Rubiataba e Nova América/GO. (N/E).

contram emas, e também se encontrou nos tempos passados ouro e prata, mas em mui pequena quantidade.

Peixe (Rio do). Pequeno rio da província de Goiás que vem das serras vizinhas da vila de Meia Ponte, e dirigindo-se do sueste para o norte, vai se lançar no rio das Tesouras, pela margem esquerda, depois de haver regado a povoação de Santa Rita. Na estação das chuvas sobem por este rio as lanchas até a povoação de Santa Rita, onde há uma ponte para serventia da estrada do norte, porém quando elas faltam, apenas se as canoas ali podem deitar. Suas margens são aprazíveis, e bem que algum tanto baixas e úmidas, pagariam com usura a quem as agricultasse o trabalho que com isso tivesse.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Goiás que só dá navegação a canoas; rega a comarca de Santa Cruz, e ajunta-se com o rio Corumbá pela margem direita, abaixo da confluência do de São Bartolomeu. Há sobre ele uma ponte para serventia da estrada de São Paulo para Goiás.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Goiás, na comarca de Santa Cruz; corre rumo do noroeste, e ajunta-se com o rio das Almas.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, afluente do rio Gualacho.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Minas Gerais, na comarca de Campanha; ajunta-se com o Angai e o Capivari, os quais vão juntamente desaguar no rio Verde.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Minas Gerais, e um dos tributários do rio Sapucaí.

Peixe (Rio do). Ribeiro da província de Minas Gerais, na comarca de Serro. Deságua no rio de Santo Antônio, tributário do Doce.

Peixe Bravo (Serra do). Serra da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha e ao sul da vila de Januária, em cuja falda há um lugarejo à beira da estrada que guia para a província da Bahia.

Peixe do Couro. Ribeiro da província de Mato Grosso,

que atravessa a nova estrada pela qual se vai da cidade de Cuiabá à província de São Paulo, a doze léguas da margem esquerda do rio Porrudos ou de São Lourenço.

Peladas. Nome de duas ilhas da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro, e defronte da costa do distrito de Parati. São destituídas de toda vegetação, como o seu nome o está dizendo, e distinguem-se em grande e pequena.

Pelo Sinal. Lugarejo da província de Piauí, nas adjacências da Vila do Príncipe Imperial.

Pelotas.¹⁴² Cidade da província de São Pedro do Rio Grande, oito léguas ao noroeste da cidade do Rio Grande, e quarenta e cinco pouco mais ou menos ao sudoeste da de Porto Alegre. Já no ano de 1780 havia neste território, conhecido desde então com o nome de Pelotas, uma grande fazenda perto do espaçoso canal chamado rio de São Gonçalo, pelo qual a lagoa Mirim se sangra na dos Patos. Obra de cento e cinquenta famílias que viviam derramadas trabalhavam na sobredita fa-

¹⁴² Atual cidade de Pelotas/RS. (N/E)

Pelotas

zenda alguns meses do ano, na salgação e encharque da carne, conhecida vulgarmente com o nome de *carne seca*, e os restantes em cultivar os víveres necessários para sua subsistência, e criavam também algum gado. Haviam estas famílias, que demoravam ao poente da lagoa dos Patos, edificado uma igreja cujo orago era São Francisco de Paula, dentro do vasto termo da freguesia da vila do Rio Grande, o qual foi por diversas vezes desmembrado para dele se tirarem os termos das freguesias de Alegrete, Arroio Grande, Caçapaba, Canguçu, Espírito Santo do Jaguarão, Piratinim, São José do Norte, e por fim o de Pelotas, cuja igreja foi elevada à categoria de paróquia em 1811, e a povoação tomou o nome de seu antigo orago. Três anos depois desta criação, a população de seu termo era avaliada em dous mil quatrocentos e dezenove habitantes, repartidos do modo seguinte:

Branços, de ambos os sexos	712
Índios, id.....	105
Livres de cor, id.....	232
Escravos, id.....	1.226
Recém-nascidos, id.....	144

Porém tem ido de tal modo em aumento depois dessa época que um decreto de 7 de dezembro de

1830 lhe conferiu o título de vila debaixo do mesmo nome, dando-lhe por distrito o termo de sua própria freguesia e os de Boqueirão e Serro da Buena, e a assembleia provincial a condecorou com o título de cidade, trocando-lhe o nome do orago no de Pelotas, que primitivamente havia tido. Tem esta nova cidade um porto onde os iates vão tomar carga de carne seca, couros, cornos, sebo e outros gêneros que levam para os portos de São José e do Rio Grande, donde são embarcados para as vilas e cidades marítimas do Brasil, para os Estados Unidos, e também para a Europa. Ao longo do canal chamado rio de São Gonçalo e à beira da lagoa dos Patos, se veem os matadouros onde se matavam anualmente vinte mil cabeças de gado vacum; porém a revolução que rebentou no fim do ano de 1835 veio por atalho ao progresso de tamanha prosperidade. Praza aos céus que os habitantes do Rio Grande fechem de ora em diante os ouvidos às declamações pérfidas daqueles que sacrificam à sua ambição o sossego e paz de seus concidadãos!

Pelotas. Rio limítrofe das províncias de São Pedro do

Rio Grande e de São Paulo. Nasce na cordilheira que separa a província de Santa Catarina das duas acima mencionadas, corre para o ocidente num leito semeado de penedos escarpados, recolhendo os ribeiros Caveiras, Canoas, Cachorros e Correntes, rega os campos da Vacaria, e neles se ajunta com os rios Peperi e Uruguai-Mirim, e trocando de nome continua a correr com o de Uruguai. À borda do Pelotas se acha a povoação e o registo de Santa Vitória, para a arrecadação dos direitos de entrada e de saída das três províncias. Suas margens acham-se despoçadas em razão da vizinhança do gentio que vive nas matas da cordilheira, e por ter embaraçado com penedos o leito não dá navegação senão em mui curtos espaços, sendo o seu curso total de perto de vinte e cinco léguas, durante o qual serve de limite ao termo da freguesia de Nossa Senhora de Oliveira, nos campos de Vacaria.

Pelotas. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande: dirige-se do poente para o nascente, regando o distrito da cidade de seu nome, e dando navegação a iates por espaço de quatro léguas: ajunta-se

pela margem esquerda com o canal ou rio de São Gonçalo, no lugar onde este entra na lagoa dos Patos.

Penedo.¹⁴³ Nova cidade e antiga e importante vila da província das Alagoas, na margem esquerda do rio de São Francisco, oito léguas acima de sua embocadura no Oceano, e onde começa a ser dificultoso o navegá-lo. Foi primitivamente uma mesquinha povoação, cujas casas nada mais eram que meras ramadas reboçadas com barro; começou a engrossar-se mediocrementemente com os colonos que o governo português mandava para a capitania de Pernambuco, a que pertencia, e quando, em 1806, foi elevada à categoria de vila, não constava senão de trezentos fogos. Porém como ao depois os habitantes da nova vila se aplicassem ao comércio e à navegação do rio, e os do campo à agricultura, havia a população já dobrado, quando por alvará de 15 de dezembro de 1815 se lhe deu um juiz de fora. Está esta cidade situada metade numa planície que se alaga na estação das chuvas, e metade na primeira colina que se encontra quando embo-

cando o rio de São Francisco se vai por ele subindo. As casas são de pedra e cal e muitas com primeiro e segundo andar. Os principais edifícios são a casa da câmara, a igreja matriz cujo orago é N. S. do Rosário, e as de N. S. de Corrente, de São Gonçalo de Amarante, de São Gonçalo Garcia, e o convento de franciscanos. Tem uma escola de primeiras letras e uma cadeira de latim. O rio de São Francisco, a cuja margem está situada a cidade, tem neste lugar perto de oitocentas braças e maré, e nas cheias espraia-se nos campos distância de duas para três léguas. Seu distrito produz grande quantidade de algodão, de arroz, milho, feijões e mandioca, e encerra quatorze mil habitantes, grande parte dos quais são de raça indiana. Estabeleceram-se nesse distrito alguns missionários para tratar da conversão e civilização dos Índios, e com efeito no fim de 1841 haviam já ajuntado obra de duzentos neófitas.

Peneira. Ponta do continente da província de Santa Catarina, a qual, com a ponta dos Naufragados na extremidade sul da ilha do mesmo nome, forma a boca meridional da baía.

Penha.¹⁴⁴ Povoação aprazível na margem oriental da ilha de Itaparica, defronte da cidade da Bahia, em doze graus, cinquenta e nove minutos e dezesseis segundos de latitude, e em quarenta graus, cinquenta e seis minutos e trinta e nove segundos de longitude oeste. É ornada duma bela igreja de pedra da invocação de N. S. da Penha, a qual depende da freguesia do Santíssimo Sacramento da mesma ilha, e tem duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas criadas por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Penha.¹⁴⁵ Povoação da província de Minas Gerais, uma légua ao noroeste da vila de Caeté, com uma linda capela dedicada a N. S. da Penha, dependente da matriz da vila acima dita.

Penha.¹⁴⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, vinte e uma léguas ao sudoeste da cidade de Minas Novas. Antônio Gonçalves Torrão foi o primeiro que em 1776 fez uma fazenda nas margens do ribeiro Itaguá; agregaram-se-lhe ao depois várias famílias,

¹⁴³ Atual cidade de Penedo/AL. (N/E)

¹⁴⁴ Atual povoado de Penha, município de Vera Cruz/BA. (N/E)

¹⁴⁵ Atual distrito de Penedia, município de Caeté/MG. (N/E)

¹⁴⁶ Atual cidade de Rio Vermelho/MG. (N/E)

Penha

as quais edificaram uma igreja larga e bem arejada e que dedicaram a N. S. da Penha. Passado tempo fez-se na vizinhança um engenho, e a população se foi aumentando a ponto que a assembleia provincial, por lei de 3 de abril de 1840, elevou a igreja de N. S. da Penha à categoria de paróquia. Esta povoação é ornada dum bela praça, cujo solo tem uma pequena inclinação, ao redor do qual se veem muitas casas térreas, mas muito aseadas, e no meio delas a igreja. Encerra o termo desta freguesia acima de mil habitantes, que colhem arroz, feijões, milho e outros víveres que exportam para bastecimento da cidade Diamantina. Há alguns anos que se estabeleceu neste termo uma fundição de ferro.

Penha. Monte parecido com um pão de açúcar, na margem meridional da baía do Espírito Santo, ao poente do Monte Moreno, obra dum terço de légua. A cinco léguas de distância avista-se do mar o convento de franciscanos edificado na sumidade deste monte, e dedicado a

N. S. da Penha, do qual tomou o nome.

Penha.¹⁴⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, nas cabeceiras do rio Urucaia. Sua igreja tem por padroeira N. S. da Penha dos Buritis, e foi criada paróquia por decisão régia de 30 de maio de 1815. Os fregueses são lavradores e criadores de gado.

Penha de França.¹⁴⁸ Lugarinho da província de Paraíba, no distrito da cidade do mesmo nome, e junto ao cabo Branco. A torre de sua igreja acha-se em sete graus, zero minuto e seis segundos de latitude, e em trinta e sete graus, oito minutos e dezoito segundos de longitude oeste. Esta igreja, dedicada a N. S. da Penha, é mui frequentada pelas curas milagrosas que por intercessão de N. S. não alcançado os fiéis que de longe a vêm visitar, os quais são tratados com frugalidade se bem que com decência numa hospedaria para esse efeito destinada.

Penha de França de Tacoará ou Taquará.¹⁴⁹ Freguesia da

província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra, junto à lagoa Camusi. Sua igreja, cujo orago é a Senhora da Penha, é uma das mais antigas freguesias da província. Seu termo confronta, ao norte, com o da freguesia da vila; ao poente e ao sul, com o da vila de Goiana; e da parte do nascente, com o Oceano. Os moradores lavram os víveres ordinários do país, e fazem grande comércio de farinha de mandioca com Pernambuco.

Penha de Itapacoróia.¹⁵⁰ Povoação da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Francisco. Chamou-se originalmente Piçarras. Sua igreja, dedicada à Senhora da Penha, foi criada paróquia por lei provincial de 23 de março de 1839, que assinalou ao seu termo as confrontações seguintes: o rio Gravatá da parte do sul, e o Itapicu da parte do norte; assim que tem obra de mais de três léguas de beira-mar, nas quais se acham incluídas a ponta e a enseada de Itapacoróia.

¹⁴⁷ Atual cidade de Buritis/MG. (N/E)

¹⁴⁸ Atual cidade de Pitimbu/PB. (N/E)

¹⁴⁹ Atual povoado de Taquara, município de Pitimbu/PB. (N/E)

¹⁵⁰ Atual cidade de Penha/SC. (N/E)

Perguiça

Penitência. Ilha da província do Pará. (V. *Bailique*.)

Penitiba. Lugarejo da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói, com um engenho e uma capela de N.S. da Conceição.

Pepiriguaçu. Rio da província de São Paulo. Nasce ao sul do rio Iguazu ou Curitiba, corre no rumo do sul, e vai ajuntar-se com o rio Uruguai, sobre a margem direita, um pouco abaixo do Pelotas.

Pepirimirim. Rio de pouco cabedal da província de São Paulo, ao norte da comarca das Missões. Nasce ao sul do Curitiba, dirige-se para o mesmo rumo, servindo de fronteira, neste ponto, ao império do Brasil, e vai juntar-se com o Uruguai, pela margem direita, mais acima do que o faz o Cebolati pela esquerda. Os comissários encarregados da demarcação dos Estados espanhóis e portugueses chamaram-no *Pequiri*, e outros *Repiri*.

Pequiri. Aldeia da província de Mato Grosso, na margem direita do rio Correntes, tributário do Paraguaí. Ao pé desta

aldeia há um destacamento ou posto da alfândega, no lugar por onde se fez passar a estrada nova praticada em 1838 da cidade de Cuiabá para a província de São Paulo. Infelizmente não há ainda ponte para a serventia desta estrada, e o rio tem neste ponto largura de vinte braças.

Pera Alta ou **Peralta.** Cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso. (V. *Pedra Alta*.)

Pereá. Rio da província do Maranhão; corre obra de dez léguas do sul para o norte, e vai lançar-se na baía de São José, duas léguas ao poente do rio Marim, quase defronte da parte sul da ilha de Santana. Diante de sua embocadura há um banco de areia qualificado também de ilha com o nome do rio, o qual dá navegação a canoas até quase ao seu nascente. Poder-se-ia fundar uma vila com um bom porto, perto da embocadura do Pereá, e não muito longe do sítio onde Jerônimo de Albuquerque fez construir em 1613 o forte do Rosário; principalmente sendo aquele sítio regado por diversos rios, cujas margens são susceptíveis de toda espécie de

plantação e sementeira próprias do Brasil.

Pereira. Serra da província do Ceará. (V. *Serra do Pereira*.)

Perguiça. Rio limítrofe das províncias do Piauí e do Maranhão. Sua larga embocadura admite sumacas, e mais para dentro da terra fabricam-se nela brigues, porém do porto em diante apenas se dá navegação a canoas. A costa é aparcada e cheia de restingas na distância de cinco milhas, de sorte que é mister governarem-se os navios a oito milhas de distância onde encontram em todo o tempo de sete para oito braças de fundo. Para se entrar no rio Perguiça, deve-se passar entre os primeiros arrecifes e os segundos, carreira que não é tão perigosa como até agora se acreditava. A ponta oriental que forma a boca deste rio acha-se em dous graus, quarenta e um minutos e vinte e sete segundos de latitude, e em quarenta e um graus, quarenta e sete minutos e vinte e seis segundos de longitude oeste.

Perguiça.¹⁵¹ Aldeia da província de Paraíba. (V. *Montemor*, vila.)

¹⁵¹ Atual cidade de Mamanguape/PB. (N/E)

Perineus

Perineus ou **Pireneus**. Serra a mais alta da província de Goiás, cinco léguas ao oriente da vila de Meia Ponte, em quinze graus e quarenta e oito minutos de latitude. É tida pelo ponto central da grande cordilheira do sertão do Brasil, donde seus diversos ramos correm para o norte, sul e oeste da província de Goiás, achando-se esta limitada ao oriente por alguns ramos desta serra, e separada da província de Minas Gerais. Dela nascem vários rios que se dirigem para o norte por diversos caminhos, e vão desaguar no rio dos Tocantins, ao passo que os que correm para o sul se ajuntam com o Paraná.

Peripiri. Lago da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra, do qual tiram os Índios a palha do mesmo nome de que fabricam cestas, e covos para apanhar peixe, esteiras para se deitarem, e até tapetes para os pés. (V. *Camusi*.)

Peripueira.¹⁵² Povoação e ribeiro da província das Alagoas. (V. *Paripueira*.)

Periquito. Ilha do rio Maideira, na província de Mato

Grosso. Tem obra de uma légua de comprimento, e fica abaixo do confluente do rio Pirajá-Nara, e acima da ilha do Pagão.

Pernaguá.¹⁵³ Pequena vila da província de Piauí, na margem ocidental da lagoa vulgarmente conhecida com o nome de Pernaguá, a que os Índios chamavam Paranauá, distante obra de sessenta léguas, ao sudoeste da cidade de Oeiras. Foi ereta vila no fim do século passado, tem uma elegante igreja de pedra, cujo orago é a Senhora do Livramento, a qual é a única paróquia do distrito, e por ela passa a estrada pouco frequentada que vai de Oeiras para a cidade de Goiás. As terras de seu termo são férteis, e passam por dar a melhor qualidade de tabaco do império do Brasil. Seu distrito da parte do sul vai até o rio Preto, o qual serve de limites à província e rega a comarca de São Francisco, da província da Bahia, onde se ajunta com o rio Grande. Avalia-se a sua população em quatro mil habitantes pelo menos, Índios, Europeus e mestiços, que lavram canas, tabaco, milho, feijões e mandioca, fabricam aguardente e rapadura, e criam

bastante gado vacum, cavalos e muar, cuja venda lhes procura um grande benefício e é principal ramo de seu comércio.

Pernaguá. Lagoa da província de Piauí, sobre cuja margem está situada a vila deste nome. Tem duas léguas de comprimento e uma de largura, e na estação das chuvas alarga-se por espaço de duas léguas do sul para o norte. É profunda, piscosa e sujeita a tormentas quando o vento é forte, e o rio Paraim a atravessa em todo o seu comprimento.

Pernambuco. Província marítima do Brasil, entre sete e nove graus de latitude, cujo nome querem alguns autores que seja derivado de *Paranabuca*, palavra do idioma dos Índios Caetés que estavam de posse deste país, no tempo em que foi descoberto, a qual significava rochedo cavado das águas do rio ou do mar. Supõe-se que Gaspar de Lemos, encarregado por Pedro Álvares Cabral de levar a El-Rei D. Manoel a notícia daquele descobrimento, devia de ter avisado Pernambuco, por isso que a costa corria no mesmo rumo pelo qual é que devia

¹⁵² Atual cidade de Paripueira/AL. (N/E)

¹⁵³ Atual cidade de Parnaguá/PI. (N/E)

governar-se. O que se pode assegurar com certeza é que o primeiro navegante português que depois de Pedro Álvares costeou o continente do Brasil, e desembarcou em vários pontos dele em 1504, para assentar padrões, foi Cristóvão Jaques, o qual, depois de haver examinado atentamente o lançamento da costa, se tornou para Lisboa, com duas caravelas carregadas de ibirapitanga ou pau-brasil, que foi ocasião para que se desse àquela região o nome que hoje tem, posto em esquecimento o de Vera Cruz que lhe havia dado Cabral. Após Cristóvão Jaques foi a costa de Pernambuco explorada por Tristão da Cunha, indo de viagem para a Índia em 1506; por João Dias Solis em 1509 segundo Herrera, e em 1512 segundo Gomara, e segundo Antônio Galvão em 1513, fato que por conseguinte fica duvidoso; por Jorge Lopes Bixorda quase no mesmo tempo, e segundo o testemunho de Damião de Góis, por Fernando de Magalhães e Rui Faleiro, Português ao serviço de Carlos I, em 1519.

Cristóvão Jaques, em uma segunda viagem feita, segundo se crê, no princípio do reinado de El-Rei D. João III, desembarcou na ilha de Itamaracá, onde assentou uma feitoria para facilitar a expor-

tação do pau-brasil, e impedir aos estrangeiros de irem traficar com os Índios. Vários armadores de Marselha nada obstante formaram outra feitoria na embocadura do rio Higuaraçu, com sessenta homens, e nela se conservaram até 1531, época em que Duarte Coelho Pereira foi cruzar naquelas costas, bateu os intrusos destruindo-lhes a feitoria, e em seu lugar mandou fazer outra a poucas milhas arredada daquele sítio, e voltando para Lisboa em prêmio deste serviço alcançou a capitania de Pernambuco, de que lhe foi feita carta de doação em 1534, e passou no ano seguinte a residir nela com sua mulher e várias famílias, as quais se estabeleceram ao longo dos rios, e as diversas povoações que dali se originaram prosperaram no governo do donatário, e de seus herdeiros até o ano de 1630, em que os Holandeses se apoderaram dum baixio protegido em parte pela muralha de rocha que ampara o marítimo desta província contra os embates das ondas. Matias de Albuquerque, que então governava a cidade de Olinda, sustentou-se algum tempo em Santo Amaro, defronte da posição que ocupava o inimigo, e no forte do Bom Jesus perto da cidade, porém os Holandeses entretanto se fortificaram na

extremidade da península, por detrás do Recife, e fazendo vários fortes de distância em distância, em menos de dous anos se assenhorearam de todas as comarcas da província. O banco de areia estéril foi convertido, como por obra de fadas, em uma soberba e poderosa cidade, graças ao gênio criador do príncipe Maurício de Nassau, porém tendo sido chamado para a Europa, com a sua partida deixaram as armas holandesas de serem bem sucedidas no Brasil. Reinava a desunião entre os membros do novo governo, do que advertindo-se os Portugueses, e conhecendo a fraqueza dos adversários, determinaram de afadigá-los com contínuos assaltos, no que foram eficazmente ajudados pelos Índios comandados por Antônio Filipe Camarão e pelo coronel Henrique Dias. João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros também se ilustraram nesta luta pela constância e valor com que se houveram em diferentes ações em todo o tempo que durou a guerra, e ainda mais pelo sacrifício que fizeram de seus bens e pelas privações a que se sujeitaram para remir a pátria do cativo. Francisco Barreto de Menezes, nomeado para o governo da Bahia, teve ordem de ajudar aqueles beneméritos

Pernambuco

defensores, e reunindo quantas forças tinham obrigaram os Holandeses a capitular em 28 de janeiro de 1654, no cabo duma ocupação que durou perto de vinte e quatro anos. Expulsos os Holandeses, governou Francisco Barreto aquela vasta província, a qual depois de restaurada começou a prosperar obedecendo ao impulso que lhe havia dado o príncipe Maurício de Nassau. Por convenção feita com os herdeiros do donatário, anexou El-Rei D. João IV esta capitania ao domínio da Coroa, e entregou o governo dela a André Vidal de Negreiros, com patente de capitão general da capitania de Pernambuco, em recompensa dos serviços eminentes que havia feito na guerra contra os Holandeses, o qual tomou posse do governo em 22 de março de 1657. Francisco de Brito Freire, general e historiador das guerras do Brasil, governou esta província desde 26 de janeiro de 1661 até 5 de março de 1664, que foi rendido por Jerônimo de Mendonça da Costa Furtado, em cujo governo, que foi de pouca duração, houve na província uma horrível epidemia de bexigas. Sucedeu-lhe em 24 de abril de 1666 segunda vez Vidal de Negreiros, que entregou o governo em 13 de junho seguinte a Bernardo de

Miranda Henriques, que foi rendido por Fernando de Souza Coutinho, em 28 de outubro de 1670, o qual governou até 17 de janeiro de 1674, dia em que lhe sucedeu D. Pedro de Almeida, o qual, no cabo de perto de quatro anos, entregou o governo em 14 de abril de 1678 a Aires de Souza e Castro, que foi rendido em 21 de janeiro de 1681 por D. João de Souza, que entregou o governo a João da Cunha Soto Maior em 13 de maio de 1685. Por este tempo fez grandíssimo estrago na província uma epidemia, vulgarmente caracterizada com o nome de Mal. Teve Soto Maior por sucessor em 29 de junho de 1688 a Fernão Cabral de Belmonte, que faleceu em 9 de setembro seguinte. Ficou por sua morte governando interinamente o Bispo Matias de Figueiredo e Melo até a chegada do governador Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, o qual havia sido promovido a este posto, depois de vender à Coroa a capitania do Espírito Santo, e governou a de Pernambuco desde 25 de maio de 1689 até o dia 5 de junho do ano seguinte. O marquês de Monte Belo, seu sucessor, que tomou conta do governo em 13 de junho de 1690, teve várias contendas com o bispo de Olinda. No ano acima mencionado, e nos

dous que se lhe seguiram, lavrou na província uma epidemia de febres pestilenciais, que segundo a opinião do povo procedera dum barril de carne em putrefação que se abrira, o qual havia infestado a cidade. Governou o marquês de Monte Belo a província por tempo de seis anos, e foi rendido em 13 de junho de 1696 por Caetano de Melo de Castro, o qual entregou o governo em 5 de março de 1699 a D. Fernando Martins Mascarenhas de Alencastro. Sucedeu-lhe, em 3 de novembro de 1703, Francisco de Castro de Moraes, que foi rendido em 9 de junho de 1707 por Sebastião de Castro e Caldas. Quis este novo governador dirigir as eleições, e fazer que os habitantes do Recife entrassem na câmara municipal de Olinda; e como não conseguisse o seu intento, solicitou e impetrou de El-Rei D. João V o título de vila para a nova povoação. Os moradores de Olinda, entendendo que estavam a ponto de perder a influência que tinham por causa da vizinhança em que se achavam da nova vila que eles olhavam como estrangeira, ornada com arte e gosto, e igualmente bem fortificada, se amotinaram; foram porém dispersados pela tropa, não sem deixar alguns prisioneiros; em vingança disto atra-

ram ao governador um tiro, e feriram-no nas pernas. O governador, vendo-se exposto a ser morto, recolheu-se para a Bahia em 7 de novembro de 1710, deixando o governo interino nas mãos do Bispo de Pernambuco, que deu dele posse, em 10 de outubro do ano seguinte, a Feliz José Machado de Mendonça Castro e Vasconcelos. Mandou o novo governador prender os cabeças da passada revolta, e conservou o governo perto de quatro anos com o maior sossego. Sucedeu-lhe D. Lourenço de Almeida, que tomou posse do governo da província no 1º de julho de 1715. Mandou este governador fazer o forte da pólvora por detrás da cidade de Olinda, e em 23 de junho de 1718 entregou o governo a Manoel de Souza Tavares, que faleceu em 11 de janeiro de 1721. Ficou por sua morte governando interinamente o mestre de campo D. Francisco de Souza, que deu posse a Manoel Rolim de Moura, em 11 de janeiro de 1722. Governou este novo governador a província perto de seis anos, no decurso dos quais houve vários levantamentos das tropas dos presídios, nascidos da falta de mantimentos e dos soldos. Seu sucessor Duarte Sodré Pereira Tibau tomou posse do governo em 6 de novembro

de 1727, e mandando prender os cabeças dos levantamentos que haviam tido lugar no governo de seu antecessor, os desterrou para a Colônia do Sacramento, sobre o rio da Prata, e entregou finalmente o governo a Henrique Luiz Pereira Freire Tibau, em 27 de agosto de 1737. Nos oito anos e meio que este último governador governou a província de que tratamos, mandou fazer as duas pontes que unem o Recife com Boa Vista, e igualmente a de Santo Antônio na povoação dos Afogados, que atualmente se acha dentro da cidade. Nos primeiros anos de seu governo foi a cadeia duas vezes arrombada; e com quanto o governador tivesse mandado enforçar alguns dos autores do atentado, teve a fraqueza de perdoar aos cabeças dele, e os mais se puseram em salvo embarcando-se. Em 1741 mandou por uma guarnição portuguesa na ilha de Fernando de Noronha, e a fez fortificar por causa dos piratas que a frequentavam. Teve também algumas contendas com o Bispo de Pernambuco. Veio render-lhe em 25 de janeiro de 1746 D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, o qual mandou prender os empregados da província cujas contas eram más, e entregou o governo em 5 de maio de 1749 a Luiz José Cor-

reia de Sá, que o conservou até fevereiro de 1755, em que foi rendido por Luiz Diogo da Silva. No tempo deste governador é que foram expulsos do Brasil os jesuítas; os daquela província foram embarcados por sua ordem no 1º de maio de 1760; tomou por sua conta a administração das aldeias pertencentes àquela ordem, às quais deu uma organização diferente; mandou prender o ouvidor da comarca de Paraíba, chamado Colaço, e foi o principal motor e protetor da companhia de comércio de Pernambuco e Paraíba. Sucedeu-lhe em 9 de setembro de 1763 D. Antônio de Souza Manoel e Menezes, conde de Vila Flor, que foi rendido em abril de 1768 por D. José da Cunha Gram Ataíde e Melo, conde de Povolide, o qual não guardou o governo senão um ano, e o entregou a D. Manoel da Cunha de Menezes, conde de Vila Flor, que então não tinha mais de vinte e sete anos, em 9 de outubro de 1769. Viu-se este novo governador obrigado a mandar proceder à prisão do vigário de Una, e vários outros eclesiásticos da província, e entregou o governo a José César de Menezes, em 31 de agosto de 1774, o qual mandou prender o juiz de fora da cidade do Recife, e teve a infelicidade de ver as bexigas levarem uma

Pernambuco

boa parte da população. Seu sucessor D. Tomás José de Melo tomou posse do governo em janeiro de 1788; e como atendesse especialmente à comodidade, saúde e boa administração pública, mandou fazer um hospital para os expostos, e outro para os lázaros, fez ensecar e entulhar as lagoas conhecidas com o nome de *Afogados*, que ficavam ao pé da cidade, as quais, com o tempo, se vieram a converter em lindos passeios. As ruas arenosas do Recife foram empedradas, e traçados os arcos das pontes e a praça Polê; o que mais que tudo ilustrou o seu governo foi o desvelo que teve para com o povo, e as sábias providências que deu, numa seca que durou três anos, para mandar vir para o Recife os víveres de que a província havia mister. Seja posto em memória o nome deste homem benéfico! No cabo de dez anos de administração deixou este governador o governo nas mãos do Bispo Azevedo Coutinho, do intendente da marinha e do ouvidor geral de Pernambuco, e partiu para Lisboa em 30 de dezembro de 1798, acompanhado do amor e das saudades de todos os seus administrados. Caetano Pinto de Montenegro recebeu da regência o governo em 26 de maio de 1804; e quando a família real

aportou no Brasil em 1808, ausentou-se, e foi ao Rio de Janeiro felicitar à Rainha D. Maria e ao príncipe regente, seu filho. Durante a sua ausência foi a província governada também por uma regência até que voltou em 20 de setembro do mesmo ano, e continuou a governar até a revolução de 1817, na qual os rebeldes o embarcaram num navio e o mandaram para o Rio de Janeiro, onde chegou em 25 de março. Foi esta revolução abafada em nascendo pelas tropas que o conde dos Arcos, que governava na Bahia, mandou sem perda de tempo. O general Luiz do Rego Barreto, que havia comandado a expedição enviada do Rio de Janeiro por El-Rei contra os rebeldes, tomou posse do governo de Pernambuco, e não obstante alguns alevantamentos que nesse tempo ocorreram, conservou-o até 26 de outubro de 1821, em que foi rendido por uma junta provisória, criada na conformidade das bases da constituição que se estava discutindo em Portugal. A nova junta teve de lutar contra os defensores da independência do Brasil, cujo número crescia de dia em dia, e viu-se obrigada a ceder-lhes no fim de setembro de 1822.

Pelo que diz respeito à história eclesiástica desta província, diremos que em

1676 o príncipe regente, depois D. Pedro II, desejando pôr uma barreira às pretensões ambiciosas do Bispo da Bahia, concernentes à nomeação do novo bispado do Maranhão, criou os de Pernambuco e do Rio de Janeiro. D. Estevão Brioso de Figueiredo foi o primeiro Bispo eleito por El-Rei para a província de Pernambuco, e foi confirmado pelo Pontífice Inocêncio II. Chegou D. Estevão à sua diocese em 14 de abril de 1678, e tratou logo de criar um capítulo, porém havendo sido nomeado Bispo de Funchal em Portugal, partiu de Olinda em novembro de 1683. D. João Duarte do Sacramento, que fez as suas vezes, foi igualmente eleito por El-Rei e confirmado por Inocêncio II, porém faleceu antes de sair de Lisboa no tempo em que os sinos repicavam por ocasião de sua sagração, e a sede episcopal continuou a ficar vaga até a chegada de D. Matias de Figueiredo e Melo, que fez a sua entrada em Olinda com o governador da província Fernando Cabral de Belmonte, no mês de maio de 1688. Falecendo este governador, ficou o Bispo D. Matias com o *interim*, e faleceu também em julho de 1694. D. Frei Francisco de Lima, confirmado pelo já citado Pontífice Inocêncio II, ocupou a cadeira

episcopal em fevereiro de 1696, e morreu em 29 de abril de 1704. Sucedeu-lhe em 6 de fevereiro do ano seguinte D. Manoel Álvares da Costa, que largou a sede episcopal de Olinda em 12 de agosto de 1715, e foi sentar-se na Angra em Portugal. D. Frei José Fialho, confirmado por Benedito XIII, desembarcou em Olinda a 17 de novembro de 1725, e foi tomar posse do arcebispado da Bahia em fevereiro de 1739. D. Frei Luiz de Santa Teresa chegou a Pernambuco em 4 de junho de 1739, e conservou-se na sede episcopal até 18 de junho de 1754. Teve este Bispo certa discórdia com o juiz de fora de Olinda, Francisco da Mata, de que resultou o ser chamado para Lisboa. D. Francisco Xavier Aranha foi eleito Bispo de Pernambuco, e confirmado por Benedito XIV, e tomando posse do bispado em 29 de setembro de 1754, faleceu em 5 de outubro de 1771. Por sua morte foi eleito Bispo e confirmado pelo mesmo Pontífice D. Frei da Assunção e Brito, que não compareceu nesta diocese por haver sido despachado para o arcebispado de Goa, e em seu lugar tomou posse do bispado, no fim de agosto de 1774, D. Tomás da Encarnação Costa e Lima, que faleceu em Olinda a 14 de janeiro de 1784. Sucedeu-lhe D. Frei

Diogo de Jesus Jardim, confirmado por Pio VI, que chegou a Olinda no 1º de janeiro de 1786, e voltou para Lisboa com licença régia em 1793. Sucedeu-lhe D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, que chegou a Olinda em 25 de dezembro de 1798, e conservou-se na sede episcopal até 5 de julho de 1802, época em que se recolheu a Lisboa, depois de haver fundado o seminário da Graça, com cadeiras de latim, de grego e francês, geografia, desenho, história universal e eclesiástica, filosofia e teologia dogmática, e com um mestre de cantochão, seminário que foi instalado por ordem de D. Maria I no colégio que fora dos jesuítas. Este Bispo governou também interinamente a província, e escreveu diversas obras que são testemunho de seu profundo saber. Veio ocupar-lhe o lugar em 21 de dezembro de 1807 D. Frei José Maria de Araújo, que faleceu a 21 de setembro de 1808. Por sua morte foi sagrado na capela real do Rio de Janeiro, em 1816, D. Frei Antônio de São José Bastos, a quem a morte arrebatou subitamente em 1819, ficando vaga a sede episcopal de Pernambuco. Foi nomeado para ocupá-la D. Tomás de Noronha, que tomou dela posse em 1822, e resignou-a no cabo de oito

para nove anos, até que, em 1832, D. João da Purificação Marques Perdigão foi tomar posse do bispado. Este novo prelado visitou em 1839 as cinco províncias de sua diocese, fazendo mais de mil léguas por caminhos intranstitáveis com grandíssimo trabalho, afrontando calores intensos, chuvas e todas aquelas privações que experimentam os que peregrinam por despovoados, e chegou enfim a Olinda a 8 de janeiro de 1840, tendo estado ausente mais de oito meses.

A província de Pernambuco foi desmembrada por diversas vezes. Uma carta régia de 24 de janeiro de 1792 havia concedido o título de província à comarca de Paraíba, porém esta decisão não teve efeito senão no ano de 1809. Por alvará de 12 de janeiro de 1818 desanexou-se dela a comarca das Alagoas, e o mesmo aconteceu com a do Rio Grande em 1820. Um alvará de 3 de junho do mesmo ano tornou a reconstituir a comarca de São Francisco para aumentar a província da Bahia, e enfim outro alvará do ano de 1821 assinalou limites certos à província de que tratamos, sobre os quais continham as províncias novamente criadas da banda do sul, do norte e do poente, e apesar de tantos e tão grandes cortes, é

Pernambuco

ainda hoje em dia uma das maiores e sobretudo das mais populosas províncias do Brasil. É limitada da parte do norte pelas províncias de Paraíba e do Ceará; ao poente fica contígua com as do Piauí e de Goiás; da parte do sul confronta com a da Bahia e das Alagoas; e da do nascente, cerca-a o Oceano por espaço de trinta léguas de costas, entre sete graus e trinta e dois minutos e oito graus e cinquenta minutos. Segundo um manuscrito oferecido pelo tenente-coronel Ricardo Gomes Jardim, sócio correspondente do Instituto Histórico do Brasil, a conhecida e descrição da costa de Pernambuco, que corre para o norte e para norte um quarto noroeste, é a seguinte:

Da barra do Recife de Pernambuco, uma légua grande para o norte, fica a barra de Olinda com bons surgidouros, se bem que arriscada pela inquietação das ondas por lhe falecerem os recifes que abriguem os ventos. Uma légua para o norte um quarto de noroeste da cidade de Olinda está um rio que chamam Tapado, e outra légua adiante outro que chamam Doce, que não admite nem barcos, e outra légua adiante fica a barra do Pau Amarelo, que admite navios do porte dos que entram no Recife,

porém não tem mais surgidouro que um canal que corre entre o Recife e a terra. Duas léguas para o norte do Pau Amarelo está um rio pequeno que chamam de Maria Farinha; e uma légua mais para o norte quarto de noroeste está a barra principal da ilha de Itamaracá (V. este nome), onde podem entrar navios de trezentas toneladas, mas não em todo o tempo, e somente com vento feito por não haver enseada em que se possa bordejar. Correndo a costa três léguas mais para o norte, está a outra barra da sobredita ilha, chamada barra de Catuama; onde não entram senão sumacas e barcos, ainda que tem vinte e seis palmos em preamar de águas vivas e em baixamar quatorze, mas para cima o fundo é maior e tem quarenta palmos d'água em preamar. Da banda do norte desta barra já dentro dela há uma laje, onde não se acha mais que quatorze braças d'água, motivo por que entrando-se nesta barra deve-se encostar mais à banda do sul. Tira esta barra dous tiros de mosquete de largo; quatro léguas mais para o norte um quarto noroeste jaz a barra do rio Capibaribe, entre duas pontas uma chamada das Pedras e outra dos Coqueiros; e duas léguas mais adiante desta barra fica o Porto dos Franceses, chamado

Potimbu, que tem surgidouro capaz para doze naus, com fundo ruim. Conhece-se facilmente este porto por ser cercado de barreiras pouco distantes da praia de cinquenta a sessenta palmos de altura. Deste posto correm cinco léguas de recifes até o cabo Branco, na província de Paraíba; entre eles e a terra firme há sete e dez braças, e ficam os navios como em rio morto. No meio destes recifes há uma aberta com quatro braças de fundo na entrada a que chamam Pedra Furada. (V. este nome.) Toda a parte do Brasil que diz respeito a esta província se acha abrigada contra as ondas do mar, por uma muralha natural de arrecifes que parecem de distância em distância interromperem-se desde a cidade da Bahia até a ponta de Touros, na província do Rio Grande do Norte, para darem passo às águas dos rios que regam as terras. A província de Pernambuco poderá ter sete mil e duzentas léguas quadradas de superfície, nas quais se acham juntos trezentos e vinte mil habitantes pouco mais ou menos, Índios, brancos e mestiços, e de diversa cor, e manda treze deputados à assembleia geral legislativa, e seis senadores à câmara alta. Reparte-se esta província em dez comarcas que são: Bonito, Brejo, Cabo,

Pernambuco

Flores, Goiana, Limoeira, Nazaré, Recife, Rio Formoso e Santo Antão. Estas comarcas se dividem em distritos que têm por cabeças as vilas de Boa Vista, Bonito, Brejo, Cabo, Cimbres, Flores, Goiana, Guaranhuns, Higuaraçu, Itamaracá, Limoeira, Nazaré, Olinda (cidade), Pau-d'Alho, Recife (cidade), Rio Formoso, Santo Antão e Serinhaém. As principais serras são as de Água Branca, Arispe, da Barriga, Borborema, Cairiris, Comunati, Olho d'Água, Negra, Pão de Açúcar, Priaca, Russas e Selada. As terras da província de Pernambuco são retalhadas por dilatados rios que se engrossam com as águas de infindos ribeiros nascidos das lagoas que se acham derramadas por toda a parte, os quais dão com custo navegação às canoas, e no verão se secam. Os mais consideráveis dos rios são o Capibaribe, o Goiana, o Higuaraçu e o Ipojuca, sem falar doutros que são de mui breve curso. Nas terras acha-se amianto, pedras calcárias, mármore e também ouro. Nas matas criam-se quase todos os animais que se encontram nas outras províncias, e muitas árvores que dão ótima madeira para construção naval e civil, bem como para a marcenaria, como são o cedro, o vinhático, o conduru vermelho, o jacarandá violeta,

a sapucaia, excelente para mastros, cuja casca serve de estopa para se calafetarem os navios, o maçaranduba, coração de negro, e pau-brasil de superior qualidade, que já se vai fazendo raro na vizinhança do mar, e que só se encontra a trinta e quarenta léguas distante dele. As árvores que destilam bálsamos, gomas e resinas são abundantes; as frutíferas mais ordinárias são imbuzeiro, cajueiros, laranjeiras, araçazeiros, coqueiros e jabuticabeiras. Além dos quadrúpedes abundam as matas em grande variedade de aves, de papagaios cinzentos que são entre todos os mais estimados, de araras que motivam admiração em razão da viveza das diversas cores de suas penas, e quase que assustam com o grito. A agricultura desta província consiste principalmente em canaviais e algodoads; o algodão que nela se colhe em razão de sua boa qualidade tem conservado uma certa reputação nos mercados da Europa. A pimenteira, o cravo da Índia, a mangueira que também de lá veio bem como o pessegueiro, a figueira e o marmeleiro trazido da Europa, se afizeram ao clima e prosperam mui bem. A principal indústria dos habitantes consiste no fabrico do açúcar, e da aguardente ou cachaça; faz-se também grande quanti-

dade de doces de várias frutas, e há esperanças que a espécie de palmeira chamada carnaúba, que se dá muito bem nesta província, há de vir a ser pelo tempo adiante um ramo de indústria assaz rendoso. O principal comércio consiste em algodão, açúcar bruto, e despojos dos animais selvagens e mansos que se exportam para a Europa, e a aguardente de cana doce e vinho de caju, que se vendem na província, e nas que lhe ficam vizinhas. Tem esta província alguns portos assaz bons, onde podem aportar navios de grande dimensão: tais são o porto de Olinda, do Recife, do Cabo de Santo Agostinho, de Goiana e de Higuaraçu. Nos rios e no mar, os transportes dum distrito para outro se fazem de ordinário em jangadas.

Pernambuco. Dá-se também este nome à praia arenosa da costa da província de São Pedro do Rio Grande, entre a praia das Torres e a do Estreito, e jaz entre trinta e trinta e um graus de latitude. A quatro ou cinco milhas da costa acham-se quarenta braças de fundo. A vila e lagoa de Mostarda estão situadas no fundo desta praia; mas por espaço de trinta léguas em todo aquele marítimo não se veem senão aqui e ali algumas raras moutas.

Pernambquinho

Pernambquinho. Lugarejo da província do Ceará, no distrito de Vila Imperatriz, à borda do mar, seis léguas ao poente do rio Mandaú, no termo da freguesia de Amontoada.

Perobas. Povoação da província do Espírito Santo, a duas léguas da vila de Viana, numa mata à beira do ribeiro de Santo Antônio. A estrada que se começou a fazer entre a cidade de Vitória e a província de Minas Gerais deve passar perto desta povoação.

Perocão. Serra da costa da província do Espírito Santo, na margem esquerda do rio Guarapari, ao norte da serra deste nome que lhe fica defronte na margem direita.

Perpetinga. Ribeiro da província de Minas Gerais, que dá navegação a canoas, e em cujas margens dominavam em outro tempo os Índios Puris. Deságua na margem direita do afluente do Parai-buna, conhecido vulgarmente com o nome de *rio do Peixe* ou *Novo*.

Pertininga.¹⁵⁴ Nome que impropriamente se dá à vila de Paraitinga da província de São Paulo. (V. *Paraitinga*, vila.)

Pertininga.¹⁵⁵ Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói, junto duma lagoa mui piscosa de que toma o nome, a qual comunica com o mar por um ribeiro que tem obra de meia légua, com uma igreja à beira da lagoa de que é padroeira N. S. do Bom Sucesso, dependente da matriz da povoação de Itaipu, como também o é a de N. S. da Penha, sobre a mesma lagoa. Os Portugueses puseram a esta lagoa e povoação o nome de Piratininga, derivando-o das palavras do idioma indiano *pirá*, peixe, e *tini*, seco; porém os Guaranis davam à palavra Piratininga a significação de *Campos de Delícias*. E todavia o termo desta povoação consta duma grande meda de areia à borda do mar, de montanhas de granito e de pântanos cujo todo está bem longe de ser um campo de delícias.

Pertininga. Lagoa da província do Rio de Janeiro, entre a povoação do mesmo nome e

o mar, ao norte do pico onde está assentado o forte de Santa Cruz, na entrada da baía de Niterói. Os Índios que vivem em sua margem pescam excelente pescado que levam a vender à cidade do Rio de Janeiro, embarcados em canoas, nas quais dobram a fortaleza para entrarem na baía.

Peruípe. Rio da província da Bahia. Desce da cordilheira dos Aimorés, atravessa do poente ao nascente a comarca de Porto Seguro, e depois de haver regado a pequena vila de Viçosa, lança-se no esteiro que separa da terra firme os Abrolhos. Seu leito e barra se acham areados. As embarcações sobem pelo rio Caravelas obra de légua e meia, e entram num canal profundo, por meio do qual o rio Caravelas comunica com o Perúipe, ao pé da vila de Viçosa, onde chega a maré; porém as canoas sobem pelo Perúipe acima, distância de quatro léguas acima do sobredito canal.

Pesqueira.¹⁵⁶ Vila da província de Pernambuco, primitivamente Ororobá. (V. *Simbres*, vila.)

¹⁵⁴ Atual cidade de São Luis do Paraitinga/SP. (N/E)

¹⁵⁵ Atual bairro de Piratininga, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

¹⁵⁶ Atual cidade de Pesqueira/PE. (N/E)

Pessanha.¹⁵⁷ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Paçanha*.)

Pessinguaba. Enseada e estreito da província de São Paulo. (V. *Pencinguaba*.)

Petersdorff.¹⁵⁸ Colônia da província de Minas Gerais. Foi fundada no princípio do governo imperial por Mr. Marlière, que se estabeleceu em companhia dum certo número de colonos nas matas do rio Doce, a dez léguas acima da confluência do rio Piracicaba.

Petetinga. Ponta da costa do oriente da província do Rio Grande do Norte: jaz ao norte do cabo de São Roque, em cinco graus, vinte e um minutos e trinta e cinco segundos de latitude, e em trinta e sete graus, trinta e nove minutos e quarenta e cinco segundos de longitude oeste. É menos alta que o cabo de São Roque, e fica ao poente da extremidade meridional dos baixios do sobredito cabo. Os barcos navegam pelo esteiro que corre entre estes baixios e a ponta Petetinga.

Petim. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, que separa o distrito da cidade de Porto Alegre do da vila de Triunfo.

Petrópolis.¹⁵⁹ Palácio imperial mandado edificar pelo Imperador D. Pedro II, no cume da serra da Estrela, onde se intenta fundar uma colônia: a nova estrada de carro do Rio de Janeiro para Minas Gerais deve passar por perto do palácio e da colônia.

Piabanha. Rio da província do Rio de Janeiro. Nasce do vertente ocidental da cordilheira dos Órgãos, corre do sul para o noroeste, regando os termos das freguesias de São José do Sumidouro e de São Pedro e São Paulo, onde se ajunta com o rio Paraíba pela margem direita, quase defronte do Parai-buna. Na falda da cordilheira engrossa-se este rio recolhendo sucessivamente os rios Itamará, das Mortes, das Araras, do Secretário e do Fagundes, que o tornam navegável.

Piabuçu.¹⁶⁰ Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de São Miguel.

Piagui. Rocha Pita faz menção duma Vila Real de Piagui, na província de Sergipe, e Brito Freire diz que nela havia um hospital, mas nem um nem outro nos deram notícia de sua situação geográfica. É de supor que foi destruída durante a guerra da restauração.

Piagui. Povoação da província da Bahia, com uma igreja da invocação de Santa Luzia, que foi criada paróquia em 1698 pelo Arcebispo D. Álvaro Soares de Castro.

Piancó.¹⁶¹ Vila da província de Paraíba, cem léguas pouco mais ou menos ao poente da cidade capital da província, e doze ao sudoeste da vila de Pombal, na comarca deste nome. Foi largo tempo uma freguesia considerável, cuja matriz tinha por padroeiro Santo Antônio. Seu termo, um dos mais férteis e ricos da província, pertencia ao distrito de Pombal e tinha em 1815 perto de oito mil habitantes. No cabo de longas e reiteradas instâncias dos moradores, por um decreto de 11 de dezembro de 1831, foi esta freguesia condecorada com o título de

¹⁵⁷ Atual cidade de Peçanha/MG. (N/E)

¹⁵⁸ Atual cidade de Marliéria/MG. (N/E)

¹⁵⁹ Atual cidade de Petrópolis/RJ. (N/E)

¹⁶⁰ Atual localidade de Piabuçu, município de Rio Tinto/PB. (N/E)

¹⁶¹ Atual cidade de Piancó/PB. (N/E)

Piancó

vila constitucional de Santo Antônio de Piancó, assinalando-lhe o mesmo decreto por distrito o próprio termo de sua freguesia, o qual encerra as povoações de Boa Vista, Bosqueirão, Brejo da Cruz, Caiporas, Caiçara, Canoa, Catolé, Catolé de Baixo, Extremo, Formiga, Furado, Jenipapo, Jatobá, Pau Ferrado, Pilar, Rancho do Povo, São Boaventura, São Lourenço, Umari, Várzea da Ema. O presidente da província, em seu discurso, na abertura da assembleia da província de 1842, declarou publicamente que no distrito de Piancó havia cento e quarenta e quatro pessoas que tinham crime de morte, além dos que ainda não tinham sido denunciados; que porém no decurso daquele ano não tinha havido daquele dez assassinatos, número muito menor que o dos anos anteriores. O principal comércio deste distrito consiste em algodão e em boiadas para bastecimento da cidade do Recife. Colhe-se também milho em grande quantidade, mandioca, e cultivava-se alguma cana.

Piancó. Serra da província de Paraíba, ramo da cordilheira Borborema, de cujo nome se intitula uma grande povoação que foi criada vila em 1831. Dela nasce o rio que banha a sua falda.

Piancó. Rio da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó. Nasce na serra de seu nome, engrossa-se com as águas de vários riachos de pouco cabedal e importância com as quais se torna navegável, passa pelas vilas de Piancó e de Pombal, e no cabo dum curso de perto de quarenta léguas, se ajunta com o rio das Piranhas pela margem esquerda, oito léguas abaixo da confluência do pequeno rio do Peixe.

Pias. Povoação da província do Maranhão. (V. *São Miguel*, aldeia.)

Piassagueira. Nome que dão os embarcações da costa do Brasil ao rio Piratininga, na província de São Paulo. (V. *Piratininga*, rio.)

Piauguí. Ribeiro da província de Mato Grosso, que vem da Bororônia, e se ajunta com o rio Pequiri pela margem direita.

Piauí. Pequena província do norte do Brasil, entre a do Maranhão ao ocidente, e a do Ceará ao oriente. Vem-lhe o nome que tem de duas palavras do idioma dos Índios, *piaú*, peixe, e *hi*, água. Antes dos Portugueses se apoderarem deste país, achava-se ele ocupado pelos Índios Potigua-

res e Tupinambás, os quais se entranharam nos sertões para se subtraírem ao cativoiro a que eram reduzidos por aqueles novos hóspedes, em despeito da proibição expressa que lhes era feita da parte de seu próprio soberano. Em 1674, Domingos Afonso Mafrense, que residia na margem setentrional do rio de São Francisco, determinou de ir assentar morada nos campos que demoravam para a banda do norte, com o pressuposto de fazer ali algumas fazendas para reparti-las com a família, e também para se arredar da vizinhança dos Índios, que todos os anos vinham estragar aquelas que estavam situadas perto do rio. Juntou-se com alguns Europeus seus vizinhos, e fazendo caminho para o setentrião transpôs a serra dos Dous Irmãos, e encontrou-se com o Paulista Domingos Jorge, que arruinava em companhia dos seus as terras por onde passava, cativando os naturais que topava. Juntaram os dous capitães a gente que levavam para proseguirem naquela execrável montaria, até que afinal tornou-se o Paulista para sua província com sua gente, e quantos Índios havia cativado, e ficou o companheiro na posse pacífica das terras de que ambos juntos haviam morto e expulsado os verda-

deiros possuidores. Assentou Mafrense morada nas margens do rio Piauí, de cujo nome se intitula atualmente a província, e alargou-se pelo tempo adiante pelas de vários rios que ofereciam ótimas pastagens, e declarou-se senhor absoluto daquelas terras, dando e vendendo parte delas aos que o tinham ajudado naquela empresa, segundo seu querer, e guardando as que lhe faziam conta: assim que, quando veio a falecer, deixou por seu testamento trinta fazendas aos jesuítas do colégio da Bahia, com condição que do rendimento delas se dotariam donzelas, se vestiriam viúvas e órfãos, e se daria esmola aos pobres, e o que sobejasse seria empregado em fazer novas fazendas. Cumpriram os testamenteiros, segundo parece, antes esta última vontade do testador, do que as primeiras; pois que, quando foram expulsos, já se achava aumentado o número das fazendas. Confiscou-lhes a coroa trinta e três, que foram entregues com as condições postas pelo testador a três administradores, ficando cada um deles com onze fazendas. A esta aglomeração de fazendas em mão de tão poucos proprietários, se deve atribuir a escassez da população desta província. Como não houvesse naquele território nem

serranias, nem grandes matas, não foram os colonos inquietados, senão por uma só tribo de Índios capitaneados por um deles do apelido de Mandu, apelido a que os Portugueses juntaram o sobreapelido de Ladino, por ser dotado de grande sagacidade e astúcia. Morreu este cabeceira dos Índios afogado no Paraíba, que atravessava nadando, depois de haver deixado no campo da batalha todos os seus mais intrépidos guerreiros; assim que, por decurso de muito tempo, os colonos não se viram na necessidade de defender-se senão contra algumas excursões de gentios em pequeno número que baixavam das serras dali distantes. Foi o Piauí governado durante quase o período dum século por alguns empregados subalternos de que se ignora o nome, que foram, conforme a necessidade o pedia, mandados para ali pelos governadores do Maranhão, até que afinal um alvará do ano de 1718 conferiu o título e honras de província à comarca de Piauí, constituindo-a independente do governo do Maranhão, e todavia não chegou a sobredita disposição a ser executada senão no ano de 1758, época em que veio tomar posse da província o seu primeiro governador. Poucos anos eram passados quando

foi esta província acometida duma tribo de Índios ferozes, a que os habitantes puseram o nome de Pimenteiros, os quais, segundo se assenta, haviam já recebido alguma civilização na província de Pernambuco, donde haviam fugido para se subtraírem às exigências das leis europeias, nos fins do século XVII. Diziam os habitantes de Piauí que nenhum motivo de queixa haviam dado àqueles Índios senão o de lhes terem morto por acaso um cão numa caçada; é porém natural que outro fosse o motivo que fez que aqueles Índios se abalassem das cabeceiras do Gurgueia e do Piauí, onde até então haviam vivido em paz, para vir atacar os colonos. No princípio do século em que estamos, mandou-se contra estes Índios uma expedição, da qual como de improviso se vissem acometidos, desemparraram a toda pressa a aldeia, onde se acharam oitenta arcos que foram conduzidos como outros tantos troféus, donde se pode inferir que tantos eram os homens em estado de trazer armas de que constava aquela tribo. Foi esta província decretoriamente separada da do Maranhão por carta régia de 10 de outubro de 1811, porém infelizmente viu-se exposta a todos os males que traz a guerra

Piauí

civil, no conflito das opiniões que rebentou na ocasião em que o Brasil se declarou independente. O governador das armas da província da Paraíba, João José da Cunha Fidié, marchou contra a vila de Parnaíba, que havia proclamado a independência, e entrou-a em 2 de novembro de 1822. Fugiram quando o viram perto os moradores, e foram bem recebidos por todos os amigos da nova ordem de cousas, com os quais feitos em um corpo, marcharam sobre a cidade de Oeiras, onde em breve a junta portuguesa foi substituída por outra composta de Brasileiros. Pôs-se o major Fidié imediatamente em marcha, com o intento de reprimir aquele movimento; porém como fosse informado que toda a província estava em armas, tornou-se para a vila de Parnaíba, onde se fortificou à espera de reforços que nunca lhe chegaram. Tendo assentado que era necessária a sua presença em outros lugares da província, onde havia grande fermentação, determinou de o pôr em efeito e de tomar de caminho a cidade de Oeiras, que havia arvorado a bandeira imperial em 21 de janeiro de 1823, porém foi derrotado no distrito da vila de Campo Maior defronte da povoação de Jenipapo, em 13 de março de 1825, e teve de retirar-se

com as tropas de seu comando para o sertão das terras, até que foi ter à vila de Caxias, ao sul da província do Maranhão, onde se conservou perto dum ano. A assembleia geral de 1833 repartiu a província de que tratamos em quatro comarcas que tomaram os nomes de suas cabeças, Oeiras, Marvão, Parnaíba e Pernaguá; porém a assembleia provincial criou mais outras duas com o nome de Campo Maior e São Gonçalo e transferiu a cabeça da de Marvão para a Vila do Príncipe Imperial de que se intitula. Em 1838, na abertura desta assembleia, o presidente da província se queixou altamente do modo por que se administrava a justiça em todas as comarcas, nas quais os criminosos eram absolvidos pelos jurados e juizes, por isso que receavam de serem assassinados pelos amigos dos que deveriam condenar, e propôs uma lei para a supressão do júri da Vila do Príncipe Imperial, por isso que não havia nela um só cidadão que tivesse os requisitos que eram necessários para uma função de tanta importância como a de jurado.

A província do Piauí confina, ao norte, com o Oceano; ao oriente, com as províncias do Ceará, Paraíba e Pernambuco; ao sul com as da Bahia e Goiás, e ao poente,

com a do Maranhão, e divide-se em seis comarcas, que se subdividem em doze distritos de que são cabeças as vilas de Campo Maior, Jaicós, Jerumenha, Marvão, a cidade de Oeiras, as vilas de Parnaíba, Pernaguá, Piracruca, Príncipe Imperial, Poti, São Gonçalo e Valença. Os dias e as noites são quase iguais em todo o ano nesta província, sobretudo na parte dela que se acha mais chegada ao mar. O inverno começa em outubro, e dura até abril. A face do terreno é chã com alguns outeiros, rega-o o rio Parnaíba, e em diversos rumos o Canindé, Gurgueia, Itaim, Longá, Paraim, Piauí, Poti e Uruçuí. Na quadra mais estiva do ano, os ribeiros, algumas lagoas, e mesmo certos rios ficam em seco, de sorte que os viandantes se veem na necessidade de levar consigo a água de que não têm, tanto para eles mesmos, como para suas cavalgadas, enquanto atravessam os distritos que dela falecem, ou a fazerem poços em todas as paradas naquelas terras que não são salitrosas, cousa que é rara: assim que se tornam tais jornadas sobretrabalhosas, caras. Várias estradas servem para o transporte dos gêneros da província e das fazendas de consumo: a primeira corre entre o Maranhão e Pernambuco, atravessando o

rio Canindé e o de São Francisco; a segunda vai ter à província da Bahia, subindo ao longo do rio Piauí, até chegar ao dito rio; a terceira enfim dirige-se para o rio dos Tocantins, e atravessando-o em Pontal, vai ter a Goiás. As matas são raras, mas alguns distritos abundam em coqueiros de piaçaba e em carnaúbas, e também se encontram algumas árvores de madeira de construção, umbuzeiros, jabuticabeiras e tamareiras, mas falece de laranjeiras, bananeiras e outras árvores frutíferas por desleixo dos moradores. O tabaco, arroz e canas prosperam na vizinhança das lagoas e rios que nunca se secam, e o milho, feijões, mandioca e algodoeiros, na estação das chuvas. As minas de ouro, de prata e de chumbo são raras e pouco rendosas, não assim as de caparrosa, pedra-ume, ferro, pedras de amolar, pedra de cal e tabatinga, que são abundantes. O salitre domina em quase todas as terras desta província, e os moradores do sertão as lavam, para tirar delas um sal que faz as vezes do sal comum, que é de ordinário muito caro nesta província. A esta substância salina se atribui a facilidade que têm os moradores do Piauí para criarem grande quantidade de gado que está em foro de ser o melhor do

Brasil, motivo por que é esta província reputada pelo açougue das do Maranhão, Pernambuco e Bahia. Poder-se-ia também criar um grande número de cabras, de carneiros e de cavalos de boa raça. Há também abundância de emas, urubus brancos, patos bravos e outras aves, entre as quais é notável uma que é preta com o peito vermelho cor de laranja, pela singularidade de fazer o ninho com sedas e filamentos de certas plantas, dando-lhe o feitio duma algi-beira, suspendendo-o nos ramos das árvores, e deixando-o à discrição dos ventos; ignora-se de que espécie seja ao certo. Com serem assaz férteis as terras do Piauí, a população desta província está há muito quase no mesmo ser, por se acharem aquelas repartidas em fazendas de duas, quatro e seis léguas de extensão, onde se cria grande quantidade de gado vacum, que tem nos morcegos cruéis inimigos; e com ser assim, não nos consta que os fazendeiros se tenham ocupado de descobrir algum meio para se libertarem dos danos e prejuízos que aqueles animais lhes causam. Não são os morcegos os únicos inimigos que perseguem o gado: as onças, jaguares, as serpentes e as plantas venenosas de que esporeado pela fome se apas-

centa dão cabo de inumeráveis cabeças. A superfície desta província é avaliada em sete mil e seiscentas léguas quadradas, quase todas chãs e com poucos outeiros; seu marítimo, que é perto de dezoito léguas, não oferece senão um porto de mar, que é o da vila de Parnaíba, onde as sumacas aportam com dificuldade nas marés mortas. A começar da beira-mar estende-se para o sul, por obra de cento e vinte e cinco léguas, até a serra dos Dous Irmãos, perto das províncias das Alagoas, de Pernambuco e Bahia. É de figura triangular, tendo na parte que respeita ao sul perto de cem léguas de largo; da parte do oriente acha-se separada da província do Ceará pela serra Hibiapaba, e da do ocidente o rio Parnaíba constitui a sua extrema natural defronte da do Maranhão. Sua população actual anda por sessenta mil habitantes, entrando nesta conta alguns milhares de Índios de seu natural remissos e pouco aptos para fazer florescer o país. Segundo as primeiras instruções imperiais, nomeava esta província um só deputado para a assembleia geral; mas por uma lei da sobredita assembleia de 13 de outubro de 1832, nomeou dali em diante dous, continuando a mandar um senador para a câmara alta. Sua assembleia le-

Piauí

gislativa provincial é composta de vinte e oito membros que têm as suas sessões na cidade de Oeiras. Com menos desleixo da parte dos Índios, e um mais bem entendido patriotismo da parte dos demais habitantes do Piauí, tirar-se-ia um grande proveito das terras, atenta a sua grande fertilidade: para esse efeito contribuiria grandemente a criação duma sociedade de agricultura na capital da província, de que seriam membros os fazendeiros mais instruídos de cada um dos distritos, os quais comunicariam em tempo certo à sociedade os resultados de seus ensaios tanto na multiplicação do gado vacum, cavalari e muar, ovelhas e cabras, como nos processos agrícolas, segundo a natureza das terras, e na introdução de instrumentos de agricultura próprios a cada um dos ramos de indústria rural. A sociedade daria todos os anos prêmios aos que se assinalassem por algum melhoramento notável no cultivo de qualquer produção. Seria igualmente útil e para se desejar que as grandes fazendas nacionais se repartissem em porções menores, e que se dessem àqueles que soubessem delas tirar proveito, pagando o valor delas com a venda dos gêneros que colhessem. O mesmo se poderia fazer com as grandes proprie-

dades que se acham possuídas sem título legítimo. Às autoridades locais competiria o cuidar das estradas, e do desentupimento das diferentes embocaduras do rio Parnaíba que fossem susceptíveis de navegação. Com estas providências dirigidas com circunspecção e economia poderia a província do Piauí ser uma fonte de felicidade para os habitantes dela, e estabeleceria um comércio direto com as nações mais remotas, que viriam em demanda de suas lãs, algodões, couros, peles e mais produções que se ajuntariam às que ficam ditas.

Piauí. Rio que, dado que de pouco cabedal, teve a glória de dar o seu nome à província que rega na parte que respeita ao meio dia. Nasce na mesma província, nas serras que demoram ao sul dela, corre quase no rumo do norte por prados onde pasta imenso armentio, e depois dum curso de quarenta léguas, com pouca diferença, se incorpora com o rio Canindé, pela margem direita, quinze léguas abaixo da cidade de Oeiras. As terras que ficam entre este rio, o Parnaíba e o Canindé são de tão boa lavra que é de presumir que se fundarão nelas vilas, que engrossarão em trato dentro de pouco tempo. Dá-se também o nome de Piauí à

corda de montes que corre ao sueste da província, e a divide da do Ceará.

Piauí. Rio que, nascendo na província de Minas Gerais, ao norte da serra das Esmeraldas, passando pela vizinhança da lagoa Dourada, se engrossa com o excesso de suas águas, e regando as terras dos Índios Panhames na cordilheira dos Aimorés, toma para o nordeste, e vai lançar-se no rio Jequitinhonha, abaixo do Salto Grande, na comarca de Porto Seguro. Seu leito é fundo, suas minas de ouro foram rendosas, e nele também se acharam crisólitas.

Piauí. Pequeno rio da província de Sergipe, que dá navegação a sumacas, com o favor da maré, até a vila de Estância, e às canoas por mais de duas léguas acima; ajunta-se com o rio Real, pela margem esquerda, a pequena distância do mar. Na vizinhança deste rio se descobriu uma mina de carvão de pedra, o qual pode sem muita despesa ser transportado para o porto de Estância, e ali embarcado em sumacas. Do ano de 1840 em diante não se gasta outro carvão nas forjas do distrito.

Piba ou Piiba. Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói;

sua igreja, sita na serra Piba Pequena, tem por padroeira N. S. da Esperança, e está debaixo da dependência da matriz da povoação de São Gonçalo.

Piba Grande e Piba Pequena. São duas serras vizinhas uma da outra, ambas na província do Rio de Janeiro, a primeira no distrito da cidade de Niterói, e a segunda no da vila de Maricá. Na primeira existe uma capela de N. S. do Deserto, dependente da igreja da matriz da freguesia de Itaipu, que foi fundada por Domingos Pais Pereira no ano de 1730. Destas duas serras nascem os ribeiros Tambi, Alcântara, Gambu e São Gonçalo, navegáveis nas baixas e com ajuda da preamar.

Picada.¹⁶² Lugarejo da província de Minas Gerais, numa das cabeceiras do rio Paraúna, entre a vila Diamantina e o Guaicuí, ou rio das Velhas. Teve origem no registo do mesmo nome ali colocado para pôr cobro no extravio do ouro e dos diamantes.

Picão. Registo numa das gargantas da serra da Manti-

queira, no caminho que vai para a vila de Resende; cobram-se nele os direitos de saída dos gêneros que passam para as províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Picão. Forte da província de Pernambuco, numa ponta da muralha de rocha que jaz defronte da cidade do Recife, distante obra de trezentas e cinquenta braças do forte de Brun, em oito graus, três minutos e vinte e sete segundos de latitude, e trinta e sete graus, doze minutos e cinco segundos de longitude oeste. Há perto deste forte um farol, e o canal que fica embaixo entre a muralha de rocha e a cidade na vazante da maré nunca tem mais de sete pés d'água, de sorte que os navios que entram com a enchente no porto de Mosqueirão não devem demandar mais de dez até doze pés d'água, e é mister coserem-se com o arrecife do forte.

Piçarrão. Aldeia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Araxá, entre o rio das Velhas e o Paranaíba. É uma das que foram fundadas na província de Goiás em 1742,

pelo coronel Antônio Pires de Campos, para pôr termo aos latrocínios e roubos que o gentio Caiapós cometia nas estradas. As tribos Índias que nelas foram postas por diversas vezes as desemparraram, e a maior parte das casas se acham há muito arruinadas, não constando a população atual senão de duas famílias indianas.

Piçarrão.¹⁶³ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha, com uma igreja da invocação de Bom Jesus, dependente da matriz da freguesia de Curmataí.

Piçarras.¹⁶⁴ Nome do território onde está atualmente asentada a freguesia de N. S. da Penha de Itapacoróia, na província de Santa Catarina. (V. *Itapacoróia.*)

Pico. Morro de granito na falda da fortaleza de Santa Cruz, que defende a entrada da baía Niterói ou do Rio de Janeiro, o qual faz uma espécie de península entre o mar, a lagoa Pertinanga e o saco de Jurujuba, em paralelo com o Pão de Açúcar, da outra banda

¹⁶² Atual cidade de Gouveia/MG. (N/E)

¹⁶³ Atual distrito de Senhora da Glória, município de Santo Hipólito/MG. (N/E)

¹⁶⁴ Atual cidade de Balneário Piçarras/SC. (N/E)

Pico

da entrada da baía. O vice-rei marquês de Lavradio mandou fazer no cume deste morro uma fortaleza que fica a cavaleiro das outras e completa o sistema de defesa da entrada da baía, na qual em caso de necessidade se poderia alojar uma guarnição de mil homens, que poderia derrotar os que entrassem à fortaleza de Santa Cruz.

Pico. Ilha de forma cônica na costa do distrito de Parati, na província do Rio de Janeiro, e a pequena distância da dita costa.

Pico (Serra do). Serra mui alta da cordilheira dos Aimorés, na parte meridional da província do Espírito Santo, da qual nascem os rios Muriaré e Cabapua. Seu cume jaz em vinte e um graus, um minuto e trinta segundos de latitude, e em quarenta e três graus, quarenta e nove minutos e dezesseis segundos de longitude oeste.

Pico de Parati. Morro da península de Cairuçu, em cuja falda se acha um registo, na extrema das províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo,

quase duas léguas ao sudoeste da vila de Parati. Seu cume está em vinte e três graus, dezenove minutos e vinte e oito segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, quatorze minutos e quatro segundos de longitude oeste.

Picos. Serra da província de Goiás, coroada de três morros, a pequena distância uns dos outros, os quais se avistam de mui longe.

Piedade.¹⁶⁵ Povoação da província de Minas Gerais, três léguas ao poente da cidade de Minas Novas. Teve princípio em 1755, época em que alguns Portugueses se estabeleceram nas serras, a certa distância do rio Itamarandiba, e edificaram numa eminência que ficava a cavaleiro das casas em que viviam uma igreja cujo orago era N. S. da Piedade. Consta esta povoação de obra de cem casas térreas telhadas, com setecentos moradores que lavram canas, colhem algodão, milho e trigo, sujeito as mais das vezes à ferrugem, e fabricam rapadura e aguardente.

Piedade.¹⁶⁶ Povoação da província do Rio de Janeiro, no

distrito de Magé, aprazivelmente assentada numa enseada no fundo da baía de Niterói, com uma igreja mui antiga que gozou das prerrogativas de paróquia até 1750, época em que este título foi transferido para a igreja atual da vila de Magé, à beira do rio do mesmo nome. Esta povoação é presentemente o principal porto deste termo, por isso que as lanchas e sumacas podem nele entrar a todo o tempo, por se não achar empachado com baixios, como de ordinário o são as embocaduras ou barras dos rios que deságuam na baía.

Piedade. Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, com uma igreja da invocação da Senhora da Piedade, filial da matriz da freguesia de Cajuru.

Piedade. Lugarejo da província da Bahia, no distrito da vila de Jaguaripe, no termo da justiça de paz da vila, com uma capela de N. S. da Piedade.

Piedade. Povoação da província de Goiás, setenta léguas ao nor-nordeste da cidade

¹⁶⁵ Atual cidade de Turmalina/MG. (N/E)

¹⁶⁶ Atual bairro de Piedade, cidade de Magé/RJ. (N/E)

deste nome, ornada dum igreja da invocação da Senhora da Piedade, filial da matriz de São José da vila de Tocantins. Suas terras são ingratas, porém este inconveniente é compensado pelas salinas que há em seu termo, cujo sal pode ter grande extração nos lugares da província, onde se cria gado para a salga da carne.

Piedade. Serra da província da Bahia, na comarca do Rio de Contas.

Piedade. Ribeiro da província do Rio de Janeiro que rega o termo da freguesia do Pati do Alferes, e vai engrossar o rio de Santana.

Piedade de Paraopeba.¹⁶⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, doze léguas ao sudoeste da cidade de Sabará, com uma igreja da invocação da Senhora da Piedade, que foi primeiramente dependente da matriz da freguesia de Curral del Rei, e em 14 de julho de 1832 elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral, a qual destinou por suas filiais as

igrejas das povoações de Aranha, de Brumado, perto do rio Paraopeba, de Rio Manso e de Bicas.

Piedade do Bagre.¹⁶⁸ Povoação da província de Minas Gerais, a leste do rio Curmataí, e dezesseis léguas ao su-sueste da povoação da Barra das Velhas, atravessada pela estrada que parte dela para a cidade Diamantina. O orago de sua igreja, que depende da matriz da Barra das Velhas, é Nossa Senhora da Piedade.

Piedade dos Gerais.¹⁶⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, dezesseis léguas ao noroeste da vila de Queluz. Havia nesta povoação uma igreja com o orago de Nossa Senhora da Piedade, filial da matriz da povoação do Bonfim, a qual foi criada paróquia por lei provincial de 3 de abril de 1840, que lhe anexou as capelas das povoações de Rio Preto e Conquistas, e uma nova lei de 1º de abril de 1841 agregou-lhe mais as igrejas de São Gonçalo da Ponte e de Santana, desanexas da freguesia do Bonfim.

Piedade do Tubarão.¹⁷⁰ Nova freguesia da província de Santa Catarina, cuja igreja, rodeada de casas, jaz à margem do rio Tubarão, no lugar onde começa a não dar navegação.

Pilão Arcado.¹⁷¹ Pequena vila da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. Jaz sobre um outeiro na margem esquerda do rio de que toma o nome a comarca, trinta léguas abaixo do confluente do rio Grande, em quatorze graus e quinze minutos de latitude. Foi criada vila pelo mesmo alvará de 15 de janeiro de 1810, que criou a comarca do Sertão de Pernambuco, chamada atualmente de Rio de São Francisco. Acha-se esta vila cercada de sítios agrestes e de almofeiras; as casas são de madeira, e as mais delas cobertas com juncos. O único edifício de tijolo que nela se vê é a igreja paroquial, dedicada a Santo Antônio, a qual é telhada; tem uma escola de primeiras letras instituída por decreto de 16 de julho de 1832. Seu distrito é vasto, porém mui pobre, e a única indústria de que vivem

¹⁶⁷ Atual distrito de Piedade do Paraopeba, município de Brumadinho/MG. (N/E)

¹⁶⁸ Atual cidade de Felixlândia/MG. (N/E)

¹⁶⁹ Atual cidade de Piedade dos Gerais/MG. (N/E)

¹⁷⁰ Atual cidade de Tubarão/SC. (N/E)

¹⁷¹ Atual cidade de Pilão Arcado/BA. (N/E)

Pilar

os moradores, avaliados em cinco mil, Índios e Brasileiros, é a extração do sal que levam pelo rio de São Francisco e por outros da província de Minas Gerais aos lugares onde se cria gado, por fazerem deste gênero grande consumo. Em alguns sítios há ouro: as terras chãs que não são invadidas pelas marinhas de sal são plantadas de mandioca, e semeadas de milho, feijões, melões e melancias. Os moradores da borda do rio se aplicam à navegação, e os do interior das terras à criação de gado vacum, que levam a vender às vilas e cidades do marítimo. Este distrito é mui sujeito a padecer por falta de chuva. Em 1841 foi este país teatro duma dessas guerras particulares que se viam nos tempos feudais. Duas famílias, a dos Guerreiros e a de Militão, se investiram com furor. Os da facção de Guerreiro, vendo-se cercados por quinhentos dos da de Militão, tentaram romper as linhas; mas os contrários fizeram nelles grande estrago, a ponto que se avalia a perda de ambas as partes em duzentos mortos; Militão foi ao encalço dos que fugiam, e pôs fogo a todas as casas que encontrou no cami-

nho. Acudiu a pôr termo àquela tragédia um delegado do chefe da polícia em 24 de janeiro, à testa de cento e vinte homens, debaixo das ordens do major Keli, porém já não chegou a tempo.

Pilar.¹⁷² Vila da província de Paraíba, na margem esquerda do rio deste nome, na comarca de Brejo de Areia, doze léguas pouco mais ou menos ao sudoeste da capital da província. Foi originariamente uma forte aldeia de Índios Cairiris, com o mesmo nome. Os jesuítas edificaram junto à igreja de N. S. do Pilar um colégio onde os doutrinavam. No fim do século XVII agregaram-se-lhes alguns aventureiros atraídos por algumas minas de ouro que em breve se esgotaram. Consta esta vila duma vasta praça mais comprida que larga, ornada num dos topos com a casa da câmara, com a competente cadeia por baixo, e no outro com a igreja matriz, e está asentada numa planície rodeada de paus que seriam por extremo nocivos à saúde dos habitantes que não curam de ensecá-los, se a viração da terra e do mar não purificassem alternativa e quotidiana-

mente o ar. Possui esta vila duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas, criadas uma após outra. Seu distrito confronta, ao norte, com os de Brejo de Areia e Montemor; a leste, com o da cidade capital da província; ao sul, com o de Goiana da província de Pernambuco, e ao oeste, com o da vila de Campina Grande. Posto que arredada do mar, as canoas sobem pelo rio Paraíba até a vila, motivo por que é este distrito assaz bem povoado. Os Índios que nele moram fazem panelas e louça de barro, de muita duração; verdade é que são poucos; os brancos e mestiços cultivam alimentos, lavram canas, colhem algodão, e se aplicam ao comércio. As povoações de Canafístula, de Gurinhém, de São Miguel, Taiabana e Taipu pertencem a este distrito, onde se acham vários engenhos e fábricas de destilação de aguardente. Sua população anda por três mil e quatrocentas almas.

Pilar.¹⁷³ Vila da província de Goiás, vantajosamente situada sobre a estrada do norte, em quatorze graus, quinze minutos de latitude, quarenta e

¹⁷² Atual cidade de Pilar/PB. (N/E)

¹⁷³ Atual cidade de Pilar de Goiás/GO. (N/E)

cinco léguas ao norte da cidade de Goiás. Teve princípio em 1741, época em que João Godói Pinto da Silveira descobriu as minas de Papuã, donde se tiraram mais de cem arrobas de ouro. Os que trabalhavam nestas minas erigiram uma igreja a N. S. do Pilar, de que tomou o nome a povoação, que ainda hoje em dia é tida pela mais suntuosa da província, e tem três capelas de cada lado e um altar-mor, com muitas esculturas e douraduras. Além desta igreja, que foi criada paróquia em 1755, existem outras, a saber: a de São Gonçalo, de N. S. da Boa Morte, do Rosário e das Mercês. Esta povoação teve uma justiça presidial, e a aldeia dos Guarinos era de seu termo. Em 1780, o governador Luiz da Cunha e Menezes criou uma companhia de Henriques Dias para que os habitantes pudessem entregar-se aos seus trabalhos com segurança, descativados do susto em que estavam pelas repetidas invasões dos Índios Caiapós, que lhes vinham estragar as roças e estabelecimentos de mineração. Criou-se nesta povoação, por decreto de 20 de setembro de 1831, uma escola de ensino mútuo, e afinal, por uma lei

de 11 de novembro do mesmo ano, foi posta no número das vilas do Brasil, tendo por distrito o próprio termo de sua freguesia. Acha-se esta nova vila cercada pelo rio Urubu e pelo ribeiro Vermelho, ambos tributários do rio das Almas. Suas ruas são largas, calçadas, alinhadas, mas grande parte das casas se vão arruinando por falta de inquilinos. Há nela duas fontes, uma escola de primeiras letras e uma cadeira de latim. Seu distrito é próprio para todas as produções agrícolas do Brasil; porém os seus habitantes se desprezam de cultivar as terras, assim que vivem com parcimônia.

Pilar.¹⁷⁴ Linda povoação da província do Rio de Janeiro, sobre o ribeiro de seu mesmo nome, no distrito da vila de Iguaçú. Em 1612 servia já de paróquia uma igreja que se achava edificada na margem do ribeiro Jaguaré. Como os aventureiros abrissem novo caminho pela serra dos Órgãos para se transportarem para o país das minas, sem passar pela povoação de Iguaçú, foi a sobredita capela substituída por outra da invocação de N. S. do Pilar, edificada em 1697 sobre o ribeiro onde jaz

presentemente a povoação do Pilar, e para a qual foi trasladada imediatamente a pia baptismal; mas esta nova igreja vindo-se também a arruinar, fez-se em seu lugar outra maior e mais sólida que ainda atualmente dura e que foi acabada entre 1728 e 1730. Tem esta igreja paroquial por filiais a antiga capela do ribeiro Jaguaré, atualmente da invocação de N. S. das Neves, a igreja do Rosário, perto do ribeiro Saracuruna, e a de Santa Rita, junto à estrada imperial. Seu termo pega ao norte com o da freguesia do Alferes; a leste, com o de Inhomirim, defronte do ribeiro Saracuruna; ao sul o rio Iguaçú o banha por uma parte, e da outra confronta com o termo da freguesia de Jacutinga, e ao oeste com o da vila de Iguaçú. Consta esta povoação duma só rua no topo da qual se vê a igreja matriz; a casaria é aparatosa, e com muitas lojas de fazendas. Em seu termo não existe senão um engenho e um forno de tijolo e de telhas. A população anda por três mil habitantes que lavram canas, colhem arroz, milho, feijões, café, cujos gêneros se levam com facilidade para o Rio de Janeiro, sendo que todos os ribeiros e rios adjacentes são

¹⁷⁴ Atual bairro de Pilar, cidade de Duque de Caxias/RJ. (N/E)

Pilar

navegáveis com as grandes marés.

Pilar.¹⁷⁵ Freguesia da província de Pernambuco, na ilha de Itamaracá e em sua margem oriental, a qual é a povoação mais considerável dela, abaixo da vila da Conceição de Itamaracá. A principal igreja, que foi recentemente decorada com o título de paróquia, tem por padroeira a Senhora do Pilar; há além dela a igreja de N. S. do Rosário dos pretos. Em 1831 esta povoação foi elevada à dignidade de vila, a qual passados alguns anos lhe foi tirada. (V. *Conceição de Itamaracá*, vila.)

Pilar.¹⁷⁶ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Sabará. Sua igreja é dedicada a N. S. do Pilar, e tem por filial a de São Sebastião. Há nesta freguesia uma escola de primeiras letras para meninos, criada por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832. Seu termo é fértil, e se não tem minas de ouro, não lhe falcem as de ferro.

Pilar.¹⁷⁷ Povoação da província de Mato Grosso, na en-

costa da cordilheira Parecis, quatorze léguas ao nordeste da cidade de Mato Grosso. Teve princípio em vários engenhos feitos nesta serra, nos quais havia uma capela de N. S. do Pilar, que foi reedificada em 1755. É povoação derramada: parte dos habitantes, sendo de raça índia, de nada mais se ocupam que da caçadas e pescarias; os outros cultivam os gêneros de que hão mister para seu consumo, e fabricam açúcar e aguardente.

Pilar. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Piancó, e no termo da freguesia de Catolé. É regado pelo Carateús ou Poti.

Pilar. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, primitivamente apelidado *Marabi*. Nasce na serra dos Órgãos, rega a freguesia de seu nome, comunica com o rio Inhomirim por meio dum canal natural, e vai ajuntar-se com o Iguaçu pela margem esquerda, légua e meia antes de sua embocadura na baía de Niterói.

Pilões. Povoação da província de Goiás, em dezesseis graus de latitude, vinte e duas léguas

oés-noroeste da cidade, na estrada que vai para a de Cuiabá. Suas minas de ouro foram achadas por Bartolomeu Bueno da Silva o filho, e lavradas mais tarde por diversos Paulistas. O descobrimento de alguns diamantes de pouco valor foi causa de se estabelecer ali por conta do governo uma administração para a busca dos diamantes, com privilégio exclusivo, na qual eram empregados duzentos negros; como porém, por decurso de cinquenta anos, as despesas embebessem mais dos rendimentos, a Rainha D. Maria I, no governo de D. João Manoel de Menezes, ordenou fosse suprimida a sobredita administração, ficando ao arbítrio dos habitantes o empregarem-se na mineração pagando o costumado quinto ao tesouro real, e entregando igualmente os diamantes que achassem conforme se praticava anteriormente. Nas adjacências desta povoação e perto do rio Araguaia, há uma fonte d'águas termais que rompe duma rocha, cujas virtudes ainda não são conhecidas. Esta povoação é uma das mudas dos correios que vão de Goiás a Cuiabá e a Mato

¹⁷⁵ Atual cidade de Ilha de Itamaracá/PE. (N/E)

¹⁷⁶ Atual cidade de Nova Lima/MG. (N/E)

¹⁷⁷ Atual cidade de Pilar de Goiás/GO. (N/E)

Grosso atravessando-o pelo Araguaia.

Pilões. Pequeno rio aurífero da província de Goiás. Deu-lhe este nome Bueno filho, quando em 1723, explorando esta parte do Brasil, onde sendo menino havia estado com seu pai, se viu obrigado a mandar fazer alguns pilões para triturar os grãos necessários para o seu sustento. Nasce o sobredito rio da serra Dourada, corre para o norte obra de trinta léguas, passando dezoito ao poente da cidade de Goiás, e vai desaguar no rio Claro, perto da estrada que vai para a cidade de Cuiabá.

Pilões. Duodécima cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo. Jaz descendo-se por este rio depois da cachoeira Bejuí, e cinco léguas antes da de Garcia.

Pimenteiros. Cabildas de Índios antigamente civilizados e colocados na aldeia de Quebrobó ou Cabrobó, na província de Pernambuco. Marcharam estes Índios contra os Holandeses, a cuja obediência se haviam negado; porém acolheram-se às matas quando os quiseram

empregar contra outras nações indianas, e viveram nas serras que cercam a lagoa das Pimenteiras, donde lhes veio o nome com que são designados, ignorados de todos por espaço de perto dum século. Porém os habitantes do Piauí acusaram-nos de destruírem as fazendas dos colonos, por isso que sem o quererem-lhes haviam morto um cão, e com efeito fizeram estes Índios grandes estragos no distrito de Pernaguá, no fim do século passado; porém como a população do sobredito distrito se tivesse aumentado consideravelmente, cessaram os Pimenteiros de serem hostis, assim que presentemente não consta que tenham feito entrada alguma nas terras e povoações do distrito.

Pindamonhangaba.¹⁷⁸ Vila da província de São Paulo, fundada pelo povo no decurso do século XVII, na margem direita do rio Paraíba, e confirmada neste título por provisão régia de 10 de julho de 1705. Está assentada numa planície, trinta e duas léguas ao nordeste da cidade de São Paulo, e quatro a leste da vila de Taubaté. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. do Bom Sucesso,

além da qual há uma capela da invocação de São José. Seu distrito é fértil; nele se cultivava com proveito cana, café, tabaco e algodão, e tem obra de seis mil habitantes, que passam pelos mais prudentes e honrados da província. Além dos objetos da agricultura, contribui também muito para a abastança dos moradores a criação de gado vacum a que se entregam; e estes diferentes produtos se encaminham por terra para a baía de Ubatuba, onde são embarcados para o Rio de Janeiro.

Pindaré. Pequeno rio da província do Maranhão. Nasce na serra da Desordem, corre fazendo várias voltas por entre rochedos em leito de mui pouco fundo, e que de verão se acha seco, rega a aldeia Monção, recolhe o ribeiro Macaru, a cuja margem jaz a vila de Viana, e vai juntar-se com o rio Mearim pela margem esquerda, e ambos juntos vão desaguar por uma larga embocadura, defronte da margem ocidental da ilha de Maranhão. A navegação deste rio, passado o confluente do rio Macaru até a aldeia Monção, é difícil para as próprias canoas. Supunha-se que era o Pindaré

¹⁷⁸ Atual cidade de Pindamonhangaba/SP. (N/E)

Pindobas

aurífero em suas cabeceiras; porém, por mais explorações que se fizeram não correspondeu o sucesso às conjecturas. O presidente da província, Luiz Alves de Lima, atualmente barão de Caxias, fundou na cabeceira deste rio, em 1840, uma colônia de Índios, cujo comando conferiu a um maioral da mesma nação, por nome *Maracapé*.

Pindobas. Sítio da serra Hibiapaba, na província do Ceará, distrito da vila do Crato, que abunda em salitre, que se não aproveita, em razão da dificuldade da condução e transporte pelos fragedos da serra.

Pindotiba. Serra da província do Rio de Janeiro, ao norte da serra Piba Grande, e ramo da cordilheira dos Aimorés, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, fundada em 1787, a qual, atenta a grande distância em que se achava da matriz de São João de Carai, goza do privilégio de ter um cemitério e pia batismal para os moradores da sobredita serra.

Pingo (Serra do). Alta serra da província da Bahia, na co-

marca de Rio de Contas, ao poente da serra de Vilavelha. Seu cume, sempre coberto de névoas brancas que passam e repassam, fez com que o apelidassem Morro das Almas. De sua base brotam diversos rios que seguem diferentes rumos.

Pinhais.¹⁷⁹ Povoação da província de São Paulo, na comarca de Curitiba. (V. *São José dos Pinhais*.)

Pinheira. Ponta de terra do continente da província de Santa Catarina, meia légua ao norte da embocadura do rio Embaú. Esta ponta e a de Araçatuba, na extremidade sul da ilha de Santa Catarina, distantes entre si de três quartos de léguas, formam a entrada da baía, entre a sobredita ilha e o continente. A enseada que na mesma baía forma a ponta Pinheira tem o mesmo nome.

Pinheiro.¹⁸⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832.

Pinheiro.¹⁸¹ Povoação da província do Maranhão. Pertencia ao distrito da vila de Alcântara; mas segundo a nova divisão da província, efetuada por lei provincial de 15 de junho de 1838, ficou incluída no distrito da nova vila de Santa Helena e no termo de sua freguesia.

Pinheiros. Braço estreito e comprido da baía de Paranaguá, na província de São Paulo, qualificado por muitos de baía dos Pinheiros. Estende-se este braço paralelamente com o mar, e a pequena distância dele, do sul para leste, obra de quatro léguas, no decurso das quais podem as sumacas navegar à vela. Sua extremidade setentrional não tem saída, mas a meridional tem duas; a maior comunica com a baía de Paranaguá, e a menor, parecida com um canal, continua até o mar, acompanhando uma ilha rasa e arenosa, que também contribui, juntamente com a ilha do Mel, que fica mais ao sul, a formar a sobredita baía. (V. *Peças*, ilha.)

Pinheiros. Ribeirão da província de São Paulo. Vem dos

¹⁷⁹ Atual cidade de São José dos Pinhais/PR. (N/E)

¹⁸⁰ Atual distrito de Pinheiros Altos, município de Piranga/MG. (N/E)

¹⁸¹ Atual cidade de Pinheiro/MA. (N/E)

montes ao poente da cidade de São Paulo, e no cabo dum curso de perto de seis léguas, se lança no rio Tietê, sendo um de seus primeiros afluentes.

Pinheiros. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que rega o termo da freguesia do Pati do Alferes, e se ajunta com o rio de Santana.

Pinhel.¹⁸² Pequena vila ou antes aldeia da província do Pará, na margem esquerda do rio Tapajós, vinte léguas acima de sua confluência com o Amazonas. Sua igreja paróquial é dedicada a São José, e seus moradores Índios, que colhem cacau e cravo com que comerciavam, vivem de pesca e de caça, cultivando somente os víveres de que não mister.

Pinhel. Lugarejo da província do Espírito Santo, na cordilheira dos Aimorés e no distrito da vila de Viana. Teve princípio no registo que ali foi posto no princípio do século corrente, para repelir as agressões dos Botocudos. Jaz este lugarejo entre o rio Santa Maria e um riacho chamado

Pardo, de pouco cabedal e importância.

Pioca.¹⁸³ Lugarejo da província das Alagoas, três léguas ao nordeste da cidade de Maçaió, na margem esquerda do rio de Santo Antônio-Mirim e em sua foz, de cujo nome também se intitula. É cabeça dum batalhão de guardas nacionais.

Piocamecrã. Tribo de Índios que vivem nas matas, ao oriente do rio Tocantins, e falam o mesmo idioma, observam os mesmos costumes que os Macamecrãs da aldeia de São Pedro de Alcântara, antes de se civilizarem.

Pioim. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; vem de várias lagoas do termo da freguesia de Marapicu, as quais comunicam umas com outras, divide o termo da freguesia de Miriti do de Jacutinga, e juntando-se com o ribeiro de Santo Antônio, juntos formam o rio Sarapuí, que deságua na baía Niterói.

Pipa. Ponta de terra da costa oriental da província do Rio Grande do Norte, ao norte da

praia chamada Pernambuquinho, e ao sul da ponta Negra. Chama-se assim por ser esta a forma que parece ter o enorme rochedo em que fenece, e onde as águas se despedaçam com fragor. Perto deste rochedo, e na vizinha praia, existem quatro fontes abundantes de excelente água.

Pipira. Rio da província de São Paulo; corre por brenhas habitadas somente do gentio. Pretendem alguns viajantes que este rio é formado de dous outros, a saber do Moji e do Jaguari-Mirim, ao passo que outros sustentam que estes dous rios se ajuntam e vão desembocar no Paraná, acima do salto ou cachoeira Urubupungá; porém o confluente do Pipira, como quer que seja, é na margem direita do Tietê, abaixo do rio Jacaré Pipira, e oitenta léguas abaixo da vila de Porto Feliz.

Pipirituba.¹⁸⁴ Lugarejo da província de Paraíba, no distrito da vila de Brejo de Areia.

Pipuaca. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará, abaixo da vila de Borba.

¹⁸² Atual distrito de Pinhel, município de Aveira/PA. (N/E)

¹⁸³ Atual cidade de Maceió/AL. (N/E)

¹⁸⁴ Atual cidade de Pipirituba/PB. (N/E)

Piquiri

Piquiri. Rio da província do Mato Grosso. Nasce na serra de Itiqueira, corre para o ocidente, recolhe pela direita o ribeiro Piauguí, e pela esquerda o Itiquira ou Itaguira, que dá navegação a canoas, e o torna navegável, passa a uma légua do Sucuriú, que caminha em direção contrária para se ir ajuntar com o Paraná, e prosseguindo seu curso para o poente por espaço de trinta léguas, vai engrossar com seu cabedal o rio de São Lourenço ou Porrudos, no qual entra pela margem esquerda. Alguns sertanistas subiram antigamente pelo Sucuriú, afluente do Paraná, atravessaram o intervalo que medeia entre este rio e o Pequiri, e tornando-se a embarcar, vieram por este último rio ao Porrudos. No princípio do século em que estamos, um explorador que subiu pelo rio Pequiri durante dez dias, não encontrou nele nenhuma cachoeira. Se se abrisse um canal entre este rio e o Sucuriú, facilitar-se-ia o transporte das embarcações e fazendas no intervalo que entre eles existe, e encurtar-se-ia de oito léguas a viagem pelo Camapuã, além de se evitar o trabalho que dão

as cachoeiras dos rios Pardo, Coxim e Tacoari.

Piquiri. Pequeno rio da província de São Paulo que tem princípio nos campos de Guaruaba, corre para o poente por grande espaço no qual é navegável, e vai ajuntar-se com o Paraná, quatro léguas pouco mais ou menos acima da cachoeira das Sete Quedas. Suas margens são pantanosas e sujeitas a sezões, sobretudo nos meses de janeiro, fevereiro e março, motivo por que se acham despovoadas. Talvez que com valas e sarjetas se pudessem ensecar, e torná-las menos doentias.

Piquiri. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande; corre por espaço dalgumas léguas do sul para o norte, e lança-se no rio Jacuí pela margem direita. Adquiriu este rio alguma celebridade pela batalha que em suas margens houve em 24 de novembro de 1841 entre as tropas imperiais e as dos rebeldes, os quais nela tiveram oitenta mortos, cento e cinquenta prisioneiros, e perderam seiscentos cavalos de que o exército imperial tinha grande necessidade. Em 26 de janeiro do ano seguinte os rebeldes

foram de novo derrotados nas vizinhanças do mesmo rio.

Pirabireba. Ribeirão da província de Santa Catarina, que deságua no canal chamado impropriamente *Rio de São Francisco*, que separa a ilha deste nome do continente. Tem grande largura na embocadura e três braças de fundo, e dá navegação a canoas por muitas léguas até aonde chega a maré.

Piracanjuba. Pequeno rio da província de Goiás; atravessa a estrada de leste onde existe uma ponte para facilitar a passagem, e vai ajuntar-se com o rio Corumbá, pela margem direita, abaixo da confluência do rio de São Bartolomeu. Este rio pode adquirir alguma importância tanto em razão da fertilidade da terra de suas margens, como por se achar numa situação vantajosa para toda espécie de trânsito, quer seja por terra, quer por água.

Piracatu.¹⁸⁵ Assim hão escrito alguns viajantes modernos em vez de Paracatu, uniformemente recebido até o presente.

Piracicaba. Nova comarca da província de Minas Gerais,

¹⁸⁵ Atual cidade de Paracatu/MG. (N/E)

formada por lei provincial de 23 de março de 1840, unicamente dos distritos municipais de Santa Barbosa¹⁸⁶, Itabira e Caeté, e reconstituída por uma nova lei de 1º de abril de 1841, com os distritos da cidade de Mariana, e com os das vilas de Piranga, de Santa Bárbara e de Itabira.

Piracicaba.¹⁸⁷ Povoação da província de São Paulo. (V. *Constituição*, vila.)

Piracicaba.¹⁸⁸ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *São Miguel de Piracicaba*.)

Piracicaba ou **Percicaba**. Rio da província de Minas Gerais, e um dos primeiros afluentes do rio Doce. Seu nome é derivado de três palavras do idioma dos Índios Guaranis: *pirá*, peixe; *cy*, luzente, e *caba*, escuro, preto. Nasce este rio da serra da Lapa, engrossa-se sucessivamente com o tributo dos riachos que brotam da Serra do Caraça, e com o dos ribeiros da Casa Alta, Inficionado e com o pequeno rio de Santa Bárbara, que o tornam navegável no Porto das Canoas; recolhe ainda mais pela

direita o ribeiro da Prata, rega a povoação de Antônio Dias Abaixo pela margem esquerda, e toma um curso mais sereno por espaço de oito léguas antes de ajuntar-se com o rio Doce pela margem esquerda, entre o salto do Inferno e a cachoeira Escura, sendo o seu curso total do ocidente para o oriente, de obra de vinte e cinco léguas. Poder-se-ia abrir um canal abaixo da cachoeira do Inferno, por meio do qual o rio Doce iria comunicar com o ribeiro da Prata, pelo qual se poderia navegar até o Piracicaba, e por este modo evitar-se-ia a passagem desta cachoeira, que torna quase nula a navegação da parte superior do rio Doce. Certo que tão útil ideia não deixará de vir à lembrança dos membros da companhia da navegação do sobredito rio, caso possam levar avante a sua empresa.

Piracicaba. Rio da província de São Paulo que resulta da junção dos ribeiros Atibaia e Jaguari, e corre entre espessas matas que encerram árvores de tal grossura que delas se fazem canoas de sessenta pés de comprido, de cinco para

seis de largo, e quatro de alto, rega a vila da Constituição, onde é navegável, e seis léguas mais adiante se ajunta com o rio Tietê, trinta e seis léguas abaixo de Porto Feliz, onde começa a navegação do sobredito rio.

Piracinunga. Povoação da província do Rio de Janeiro, na margem direita e no confluente do rio de seu nome com o Guapiaçu, com uma igreja de N. S., depende da matriz de São José, entre os rios Guapiaçu e Macacu. Seus moradores comerciam em lenha e madeiras de construção.

Piracinunga. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Vem da serra dos Órgãos, correndo tortuosamente para su-sudoeste, e vai se incorporar com o rio Guapiaçu pela margem direita, perto de sua confluência com o Macacu. Há sobre este rio uma linda ponte de madeira, por baixo da qual passam as embarcações, arriando os mastros.

Piracruca.¹⁸⁹ Pequena vila da província de Piauí, sobre a ri-

¹⁸⁶ O autor refere-se ao município de Santa Bárbara/MG. (N/E).

¹⁸⁷ Atual cidade de Piracicaba/SP. (N/E)

¹⁸⁸ Atual cidade de Rio Piracicaba/MG. (N/E)

¹⁸⁹ Atual cidade de Piracuruca/PI. (N/E)

Piracruca

beira de que toma o nome, o qual alguns por corrupção escrevem por diferente maneira, Piracuruca, Piracura. Era uma povoação rica e populosa que foi elevada à dignidade de vila por decreto da assembleia geral de 6 de julho de 1832, conservando seu nome primitivo, e assinando-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia, cuja matriz é de pedra, e passa pela mais bela da província, e é da invocação de Santa Teresa. A população deste distrito é avaliada em dous mil habitantes, que vivem com certa abastança, lavrando grande quantidade de algodão, sem falar na mandioca, e mais víveres que também cultivam, bem como as canas de que fazem rapadura e aguardente. Nas terras deste distrito encontra-se quina, se bem que de qualidade inferior, e não pouca caparrosa e pedra-ume.

Piracruca. Ribeira da província de Piauí. Vem do vertente ocidental da serra Hibiapaba, e correndo para o noroeste rega a vila de seu nome, e a pequena distância dela se incorpora com o rio Longá, doze léguas acima de sua junção com o Parnaíba. O tributário de mais cabedal que esta

ribeira recebe é o ribeiro Fundo, que se lhe ajunta pela margem esquerda acima da sobredita vila.

Piracunã. Rio da província de Maranhão que separa a comarca de Alcântara da de Guimarães. Nasce da lagoa Tarira, donde se dirige para o nordeste por espaço de vinte e cinco léguas, e vai desaguar na baía de Cuma. Sobem por ele as canoas a buscar carga até quase perto da lagoa na estação das chuvas, porém no estio apenas se nele fazem dez léguas.

Pirai.¹⁹⁰ Nova vila, e antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Resende. Está assentada na margem do pequeno rio de seu nome, a sete léguas de sua confluência com o Paraíba, e oito ao norte da vila de São João do Príncipe. Os moradores da margem do Pirai edificaram em 1770 uma igreja, cujo orago era Santana, a qual, passados seis anos, foi autorizada a servir de matriz, atenta a distância em que se achava das igrejas da freguesia de São João Marcos e de Campo Alegre. O último Bispo titular do Rio de Janeiro, na visita que fez à sua diocese em 1811,

rendeu-se às instâncias de três mil habitantes, que tantos eram os moradores de Pirai, e elevou esta igreja à categoria de paróquia, desmembrando o termo de duas outras para formar o seu. Originaram-se desta decisão diversas contendas e litígios que duraram até o ano de 1817, época em que a igreja de Santana foi definitivamente honrada com o título de paróquia, por alvará de 17 de outubro do mesmo ano. Em 1841, construíram-se a ponte que existe sobre o rio Pirai, e a cadeia da vila, cujo distrito tem por limite, ao norte, o rio Paraíba; a leste, o distrito de Vassouras; ao sul, o de São João do Príncipe, e ao oeste, o da vila de Resende, e é regado pelos rios Pirai, Santana, e pelo ribeirão das Lages; encerrando a freguesia da vila e as do Arrozal e das Dores. Sua população é avaliada em obra de três mil e quinhentos habitantes, que cultivam os mantimentos usuais do país, e haverá obra de vinte anos fizeram plantações de café, de que colhem presentemente grande quantidade que levam a vender em bestas muars à cidade do Rio de Janeiro; os demais produtos têm extração no mesmo distrito, por serem neste ponto mui frequentadas

¹⁹⁰ Atual cidade de Pirai/RJ. (N/E)

as estradas de São Paulo e de Minas Gerais.

Pirai.¹⁹¹ Povoação medíocre da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Caçapaba, sobre um ribeiro de que toma o nome, que é um dos primeiros tributários do rio Camacua.

Pirai. Rio da província do Rio de Janeiro, na comarca de Resende. Vem do vertente setentrional da serra dos Órgãos, na latitude de Mambucaba, engrossa-se com várias torrentes que nascem da mesma serra, que tornam navegável em canoas, e correndo serenamente por entre os montes da serra da Bocaina, obra de vinte léguas, se vai ajuntar com o rio Paraíba, pela margem direita, depois de haver regado o distrito da vila de seu nome, do sudoeste para o nordeste. Suas margens incultas nos quinze primeiros anos deste século se acham povoadas de cafezais.

Piraia Nara. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará, defronte do conflúente do pe-

queno rio de que toma o nome, cujo curso é ignorado. Poderá ter obra de uma légua de comprimento.

Piraim. Ilha do rio Cuiabá, na província de Mato Grosso, com perto de nove léguas de comprimento. Sua extremidade meridional se acha em dezesseis graus, dezoito minutos e cinquenta e dois segundos de latitude. O braço do rio Cuiabá que fica ao nascente desta ilha dá melhor navegação, que o que faz ao poente dela.

Piraim. Rio da província do Piauí. (V. *Paraim*.)

Pirai-Mirim. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, e uma das primeiras fontes do rio Negro, afluente do Uruguai. No conflúente deste ribeiro está situado o forte de Santa Tecla, em trinta e um graus e dezesseis minutos de latitude.

Piraitinga. Nome dado por alguns ao mais remoto nascente do rio Paraíba, que outros apelidam *Paratinga* e *Pertininga*.

Pirajá.¹⁹² Povoação da província da Bahia, cinco léguas ao norte da capital da província, na margem do rio de seu nome. Adquiriu esta povoação grande nomeada em 1822, pela vigorosa resistência que fizeram os Brasileiros comandados pelo general Labatut, às tropas de linha portuguesas em três sucessivos ataques, obrigando-as a porem-se em retirada com o favor da noite até a cidade da Bahia, com perda de trezentos homens. Tem a povoação de Pirajá uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Pirajá. Pequeno rio da província da Bahia, que rega a povoação de seu nome, e vai lançar-se na margem ocidental da baía de Todos os Santos.

Pirajuçara.¹⁹³ Povoação da província de São Paulo, no distrito da vila de Sorocaba.

Pirajuquia.¹⁹⁴ Freguesia da província da Bahia, no distrito da vila de Jaguaripe, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da as-

¹⁹¹ Atual distrito de Pirai, município de Bagé/RS. (N/E)

¹⁹² Atual povoado de Pirajá, município de Itamaraju/BA. (N/E)

¹⁹³ Atual bairro Pira Jussara, cidade de São Paulo/SP. (N/E)

¹⁹⁴ Atual distrito de Pirajuia, município de Jaguaripe/BA. (N/E)

Piranga

sembleia geral de 16 de junho de 1832.

Piranga.¹⁹⁵ Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de que tomou o nome, oito léguas ao sueste da cidade de Mariana. Sua igreja paroquial tem por padroeira a Senhora da Conceição, e há além dela outra da invocação do Rosário. Foi elevada à categoria de vila com este nome por lei provincial do 1º de abril de 1841, tirando-se o seu distrito do da cidade de Mariana, e assinalando-se-lhe por confrontações os vertentes da serra dos Cabeçudos, o Turvo, os limites dos curatos de Taperá e de São José. Nele se acham incluídas a freguesia da vila, e as de Bacalhau e Chopotó, os curatos de Pinheiro e da Conceição, desanexados do distrito da vila do Presídio de São João Batista e o de Dores do Turvo, desmembrado do distrito da vila da Pomba, servindo-lhes de separação o alto da serra. Suas terras são férteis e povoadas de quinze mil habitantes que cultivam os gêneros de seu consumo, e grande quantidade de tabaco que exportam para diversas vilas e

até para a cidade do Rio de Janeiro. O presidente da província criou um colégio eleitoral nesta nova vila no ano de 1842.

Piranga. Rio da província de Minas Gerais; nasce nas serras que jazem cinco léguas ao nordeste da cidade de Barbacena, corre primeiramente para o norte, e depois para leste, e no cabo de alguns rodeios vai engrossar o Chopotó, no qual entra pela margem esquerda acima da povoação de Columbau.

Piranga. Campo memorável da província de São Paulo. (V. *Ipiranga*.)

Piranga. Ribeiro da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Francisco. Dá navegação a canoas por espaço de cinco léguas, e depois dalgumas voltas vai juntar-se com o rio Itapicu, pela margem esquerda, perto da lagoa da Cruz.

Pirangi. Rio de pouco cabedal da província do Ceará, no distrito de Montemor Novo, que rega correndo para o nordeste até lançar-se no Oceano

ao poente do forte de Aracati, com o nome de Palmeiras. Dá navegação a canoas somente na estação das chuvas.

Piranguara. Serra da província do Rio de Janeiro, ramo da cordilheira dos Órgãos, ao sul da serra do Tinguá: dela nasce o ribeiro de seu nome que fertiliza o termo da freguesia de Maripocu e vai juntar-se com o rio Miriti.

Piranhas.¹⁹⁶ Povoação da província de Piauí. (V. *Príncipe Imperial*, vila.)

Piranhas.¹⁹⁷ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vilanova do Príncipe, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 3 de outubro de 1832, e uma igreja da invocação de N. S. dos Aflitos.

Piranhas. Serra da província do Ceará, no distrito de Mecejana.

Piranhas (Rio das). Rio que nasce na serra dos Cairiris dum fragedo reverenciado dos moradores vizinhos, por haver nele um eco que repete

¹⁹⁵ Atual cidade de Piranga/MG. (N/E)

¹⁹⁶ Atual cidade de Crateús/CE. (N/E)

¹⁹⁷ Atual cidade de Jardim de Piranhas/RN. (N/E)

Pirapó Pequeno

por diversas vezes os mesmos sons. Corre este rio primeiramente obra de vinte léguas pela província de Paraíba, recolhendo nela pela esquerda o rio do Peixe, e sete léguas mais adiante pela direita se lhe ajunta o Piancó com o que engrossa doutro tanto. Passada esta junção, entra este rio na província do Rio Grande do Norte, onde recolhe o rio Seridó pela margem direita, rega a aldeia Açú, nome que primitivamente teve nesta província, onde seu curso será de obra de vinte e quatro léguas para o norte, antes de se repartir em vários braços desiguais, os quais vão todos desaguar no Oceano, na costa setentrional da província, por três bocas, que são a *Amargosa* ao oriente, a das *Conchas* ao ocidente, e chamada rio dos *Cavalos* entre as duas primeiras, que são menos volumosas. Nas margens destes diferentes braços se acham as salinas de Açú, nome que parece teve primitivamente este rio. Porém como ele em todo o seu curso fosse piscosíssimo e abundasse sobretudo numa espécie de pescado chamado Piranhas, puseram-lhes os primeiros exploradores o nome por que hoje é conhecido.

Piranhas. Ribeiro da província de Piauí; rega a Vila do Príncipe Imperial, e se incorpora com o rio Poti.

Pirapetinga.¹⁹⁸ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Paraibuna, com uma igreja filial da matriz da freguesia de Rio Preto.

Pirapetinga. Nome de certo passo do rio Maranhão, na província de Goiás, onde a estrada do norte se acha cortada por este rio, que tem ali mais de cento e cinquenta braças de largura, e não havendo ponte, veem-se os passageiros obrigados a atravessá-lo em canoas com suas fazendas. Acha-se esta passagem cinco léguas abaixo da cachoeira Facão.

Pirapirapuã. Monte alto e aurífero da província de São Paulo, que se avista de mui longe, e donde nasce o rio Jaguariquatu.

Pirapitinga. Ribeiro da província do Rio de Janeiro: rega o termo da freguesia de Resende, e ajunta-se, pela margem direita, com o rio Paraíba.

Pirapitingui. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que

deságua na lagoa Jacarepaguá. É navegável com canoa, e passa pelas adjacências duma igreja da invocação de São Gonçalo.

Pirapó. Ribeirão da província de São Paulo, tributário do Paranapanema, pela margem esquerda, dez léguas abaixo de sua confluência com o Paraná. Em sua embocadura existiu alguns anos a redução de N. S. de Loreto.

Pirapó Grande. Décima cachoeira que se encontra no rio Tietê, na província de São Paulo, quando por ele se desce. Jaz entre as cachoeiras Pirapó Pequeno e Bejuí, distantes uma da outra obra de meia légua. Na descida aliviam-se as embarcações pelo menos de metade da carga; outro tanto se faz na subida, e por cima disto é mister dobrada voga, e puxá-las à sirga.

Pirapó Pequeno. Nona cachoeira que se encontra em se descendo pelo rio Tietê, província de São Paulo. Fica meia légua abaixo da cachoeira Itaguaçaba-Mirim, e quase outro tanto acima da do Pirapó Grande. Sobe-se e desce-se por ela com facilidade.

¹⁹⁸ Atual cidade de Manhumirim/MG. (N/E)

Pirapora

Pirapora.¹⁹⁹ Freguesia da província de São Paulo; na comarca de Itu, quarta da sobredita província, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831.

Pirapora. Grande cachoeira do rio de São Francisco, na província de Minas Gerais, quatro léguas acima do confluente do rio Guaicuí ou das Velhas.

Pirapora. Cachoeira do rio Chopotó, na província de Minas Gerais. Está entre a junção do ribeiro Boajuba e a cachoeira Jumirim. Seria para desejar-se que a companhia da navegação com barcos de vapor do rio Doce incluisse no número de seus trabalhos as cachoeiras do Chopotó, o que facilitaria os transportes nesta parte da província.

Piraquara. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Mambucaba, o qual deságua na baía de Angra dos Reis, no cabo dum curso de muitas léguas, em que só canoas podem navegar.

Piraquê. Ribeiro da província do Rio de Janeiro: rega o termo da freguesia de Guaratiba por espaço dalgumas léguas, dando navegação a canoas, e vai desaguar no Oceano.

Piraquê. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina, o qual, no cabo dum curso de perto de cinco léguas, vai desaguar no canal que fica defronte da extremidade meridional da ilha de São Francisco. Dá navegação a canoas somente no curto espaço de uma légua.

Piraquê Guaçu. Ribeirão da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati. Navegam nele as lanchas com o favor da maré, distância de mais de uma légua. Perto do lugar onde deságua na baía de Angra dos Reis, e junto à vila de Parati, da parte do norte, há uma igreja cujo orago é N. S. das Dores.

Piraquera. Lagoa e rio do continente da província de Santa Catarina. A lagoa acha-se duas léguas ao sudoeste da extremidade meridional da ilha de Santa Catarina, e tem também o nome de Encantada; é

piscosíssima, e tem uma légua de comprimento e um quarto de légua em sua maior largura. O canal natural por via do qual a lagoa comunica com o mar, e que lhe serve de sangradouro, é impropriamente apelidado rio, com o nome de *Piraquera*.

Pirará ou Pirarará. Aldeia de Índios da Guiana brasileira, defronte, se bem que muito arredada do Estado de Venezuela, perto da lagoa Amacu e nas margens do ribeirão de que toma o nome. Acha-se esta aldeia no termo da freguesia de São Joaquim, onde está o forte deste nome, sobre o rio Branco. No ano de 1836, um missionário inglês chamado Youd se estabeleceu neste lugar, e doutrinou os Índios por muitos anos; porém por reclamações do governo brasileiro foi obrigado a retirar-se para o norte do rio Repuni, para onde o seguiram alguns Índios. Entretanto em 27 de fevereiro de 1842, um coronel com três oficiais, quarenta soldados e três peças de artilharia, se transportaram a estes sítios, e levantaram um forte com a bandeira de sua nação na margem da lagoa Amacu e

¹⁹⁹ Atual cidade de Pirapora do Bom Jesus/SP. (N/E)

perto da aldeia Pirará. De sorte que o missionário José dos Santos Inocentes teve de retirar-se com os Índios para o forte de São Joaquim.

Pirará. Ribeirão da Guiana brasileira; nasce da vasta serra Baracaina, rega a aldeia Pirará, e se incorpora com o rio Branco, no cabo dum curso total de mais de vinte e cinco léguas.

Pirassenunga. Povoação e rio da província do Rio de Janeiro. (*V. Piracinunga.*)

Piratinga. Nome que também se dá à principal fonte do rio Paraíba, na província do Rio de Janeiro.

Piratini. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões. Nasce do vertente ocidental da serra Geral, corre rumo de oés-noroeste, regando os termos das freguesias das aldeias de São Miguel, São Lourenço, São Luiz e a aldeia de São Nicolau, e duas léguas mais adiante entra no rio Paraguai pela margem esquerda.

Piratinim.²⁰⁰ Pequena vila da província de São Pedro do Rio

Grande, na margem esquerda e na cabeceira do rio de que toma o nome. Era uma povoação antiga, com uma igreja cujo orago era a Senhora da Conceição, que foi elevada à categoria de paróquia em 1810. Aumentou-se sucessivamente dentro em pouco tempo a população, e em 1814 achava-se repartida pelo teor seguinte:

Branços, de ambos os sexos	1.439
Índios, id	182
Livres de cor, id.....	335
Escravos, id	1.535
Recém-nascidos daquele ano	182
	—
Total.....	3.673 almas.

Um decreto da assembleia geral de 15 de dezembro de 1830 conferiu a esta povoação o título de vila, assinalando-lhe por distrito os termos das freguesias de Canguçu e de Serrito, com parte de Bagé até a cochilha de São Sebastião, o ribeiro Piraí e os picos de Camacã Chique. Porém tendo a mesma assembleia conferido o título de vila à freguesia de Serrito em 1832, e a assembleia provincial elevando a

igual categoria a de Canguçu, ficou a vila de Piratinim unicamente com o termo de sua freguesia e o da de Bagé. Jaz a vila de Piratinim pouco mais ou menos, trinta e cinco léguas ao sudoeste da cidade de Porto Alegre. As terras de seu distrito são férteis e próprias para a plantação de algodoeiros, e sementeiras de trigo e doutros cereais, e sua população aumentou muito de 1814 por diante. Os habitantes, além do algodão, colhem os demais gêneros do país, fazem searas de linho, negociam e criam gado. Os rebeldes se apossaram em 1836 da vila de Piratinim. Assim que foi esta vila tomada e retomada por diferentes vezes pelas tropas imperiais, que afinal se estabeleceram nela em 1843.

Piratinim. Serra da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca de Piratinim. É ramo da serra Geral, e dela nasce o rio de seu nome.

Piratinim. Rio da província de São Pedro do Rio Grande. Nasce da serra de cujo nome se intitula entre os nascentes dos rios Camacã e Jaguarão, corre obra de trinta léguas de

²⁰⁰ Atual cidade de Piratini/RS. (N/E)

Piratininga

oeste para sueste, e vai desaguar no canal impropriamente chamado rio de São Gonçalo, pelo qual a lagoa Mirim comunica com a dos Patos. Este rio é navegável por espaço de tão somente quatro léguas; porém na estação das chuvas as embarcações ligeiras fazem por ele acima mais de dez.

Piratininga. Nome que os Índios Guaianás haviam dado aos vastos campos em que viviam na serra Cubatão, ramo da cordilheira dos Órgãos. Esta palavra, em seu idioma, significava o mesmo que *paraíso terrestre* ou *campo de delícias*. Por extensão deu-se também este nome a uma alta serra donde se descobrem os sobre-ditos campos, e ao ribeiro que dela nasce, apelidado também rio de *São Vicente*. Pela mesma razão os primeiros Portugueses que se entranharam naquelas sertões, em demanda de minas de ouro, foram apelidados *Piratininganos*.

Piratininga. Rio da província de São Paulo. Nasce na serra de seu nome, corre pelos campos Piratininganos, atravessa a cordilheira com um álveo pedregoso, rega nas terras chãs a vila de São Vicente, e vai levar

ao mar o fraco tributo de suas águas. Davam-se-lhe três embocaduras, a saber: a de seu nome, a da Barra Grande, onde está assentada a cidade de Santos, e a chamada Bertioiga, situada mais ao norte, entre a ilha Guaíba ou de Santo Amaro, e a terra firme. (V. estes nomes.) Os jesuítas, receando-se dos Índios e da família de João Ramalho, por isso que lhes haviam destruído a vila em que viviam por ordem do governador general Mendo de Sá, seguiam as sinuosidades deste rio para irem de Santos a São Paulo, sem terem algum encontro com os adversários. (V. *Santo André*.)

Piratininga.²⁰¹ Nome que impropriamente se dá à povoação e lagoa da província do Rio de Janeiro chamadas *Pertinzinga*.

Pireneus. Serra da província de Goiás, no distrito da vila de Meia Ponte. (V. *Perineus*.)

Piriá.²⁰² Freguesia situada na costa ocidental da baía Turiaçu ou Turivaçu. Era uma antiga aldeia que pertencia à província do Pará, mas tendo a assembleia geral, por lei promulgada no ano de 1836, assi-

nalado o rio e baía Gurupi por limite entre as províncias do Pará e do Maranhão, a povoação e freguesia de Piriá ficou pertencendo a esta última província. Sua igreja, de que era orago São José, achava-se inteiramente arruinada em 1840, e na povoação só remanesciam algumas famílias de Índios, que não quiseram agregar-se aos rebeldes.

Piriqui-Açu. Povoação da província do Espírito Santo, no distrito da vila de Almeida, nas margens do ribeirão de que tomou o nome, três léguas ao poente da Aldeia Velha, e vulgarmente conhecida na província com o nome de Destacamento. Consta esta antiga aldeia, que parece ser a de Goitacases, obra de sessenta cabanas que formam um quadrado oblongo, onde vivem alguns Índios, engolfados numa ociosidade em que parece fazem consistir a felicidade. E todavia poderiam arrotear terras virgens onde o milho dá trezentas e quatrocentas sementes no primeiro ano, e onde a mandioca e os cafeeiros prosperam. Alguns indivíduos fazem ali cal com as conchas, que exportam para as vilas vizinhas.

²⁰¹ Atual bairro de Piratininga, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

²⁰² Atual cidade de Cachoeira do Piriá/PA. (N/E)

Piruíbe. Pequeno rio da província de São Paulo, no distrito da vila de Itanhaém. Vem da cordilheira, e lança-se no Oceano, quase defronte das ilhas Queimadas.

Pitanga. Rio da província da Bahia, tributário da baía de Todos os Santos, onde se lança pela margem setentrional, defronte da parte norte da ilha Maré. Entram nele as canoas com as marés.

Pitanga. Ribeiro que nasce na província do Rio Grande do Norte, passa dela para a de Paraíba, e vai ajuntar-se com o rio Camaratuba pela margem esquerda.

Pitanguí.²⁰³ Vila medíocre da província de Minas Gerais, numa planície regada pelo rio Pará e pelo ribeiro de São João, onde dizem que se acharam pérolas finas em 1737. Jaz esta vila em dezenove graus e vinte e um minutos de latitude, quarenta léguas ao noroeste da cidade de Ouro Preto, mil, novecentos e oitenta e cinco pés franceses acima do nível do mar. No princípio do século XVIII, Domingos Rodrigues do Prado, natural de São Paulo, descobriu os rios auríferos que fertilizam o país que jaz entre os rios Paraopeba e Pará.

Este descobrimento fez com que ali acudissem muitos aventureiros. Porém como, em 1712, o governador Antônio de Albuquerque quisesse, em conformidade com as ordens régias que havia recebido, estabelecer fundições de ouro tanto na província de Minas Gerais, como na de São Paulo, revoltaram-se os habitantes da povoação de Pitanguí, tendo por cabeça o dito Domingos Rodrigues do Prado; o que não obstante D. Brás da Silveira, que sucedeu no governo a Antônio de Albuquerque, como, na visita que fez à província em 1713 e 1714, achasse esta povoação em sossego, e consideravelmente aumentada, conferiu-lhe o título de vila com o nome de Vila-nova do Infante, que foi posto em esquecimento, prevalecendo o de Pitanguí. No governo de D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, levantou-se de novo esta vila por causa do modo com que se arrecadavam os direitos reais do ouro e da portagem das pontes e barcos em alguns rios; e entregues aos horrores anexos às discórdias intestinas matavam-se os moradores uns aos outros, já obedecendo às ordens sanguinárias de Prado, que condenava à morte quantos não eram de sua facção, já

imitando-o em seus atos de vingança. No cabo da revolta foram supliciados alguns indivíduos de pouca conta, e Prado e os principais cabeças da rebelião foram perdoados. Esta falta de severidade e de justiça foi causa que esta vila se tornou a pôr em estado de rebelião no fim do governo de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, por ocasião do procedimento arbitrário e injusto do vigário diocesano Caetano Mendes de Proença e do capitão-mor Antônio Dias Teixeira das Neves. Por alvará de 15 de julho de 1815 criou-se nesta vila um juiz de fora, e anexou-se ao seu distrito a povoação de Uberava. A igreja paroquial de Pitanguí é dedicada a N. S. do Pilar, além dela possui esta vila mais duas e várias outras filiais nos arredores, uma escola de primeiras letras criada por lei provincial de 1842, e uma cadeira de latim que foi provida de professor no ano seguinte. Seu distrito, posto que assaz vasto, constava ao princípio somente dos termos da freguesia da vila, e do da povoação de Andaia; porém pelo tempo adiante foi coarctado anualmente com a criação de várias vilas e freguesias, de sorte que atualmente sua população é avaliada em cinco mil habitantes, lavradores de canas,

²⁰³ Atual cidade de Pitanguí/MG. (N/E)

Pitas

de algodão, milho e mais víveres, fabricantes de aguardente reputada a melhor da província, mineiros e criadores de porcos, gado vacum e cavalari.

Pitas. Monte da província de Mato Grosso, perto da margem esquerda do rio Paraguai, trinta léguas pouco mais ou menos, ao poente da cidade de Cuiabá, junto de Vila Maria, em dezesseis graus e três minutos de latitude.

Pitiguares. Índios da província de Paraíba. (V. *Potiguaras*.)

Pitumbu.²⁰⁴ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra, com uma igreja de pedra, da invocação do Bom Jesus.

Pitunduba. Vigésima segunda cachoeira que se encontra no rio Tietê, na descida na província de São Paulo. Dão-lhe por vezes o nome de Sítio. Consiste em um baixio mui comprido, onde as embarcações navegam a vara, e gastam um dia descendo e um pouco mais na subida: jaz esta cachoeira duas léguas abaixo da do Esteirão, e uma acima da de Itapuia.

Piumhi.²⁰⁵ Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Grande, quinze léguas oés-sudoeste da vila de Formiga. Sua igreja matriz, cujo orago é N. S. do Livramento, tinha por filial desde o século passado a igreja que deu o seu nome ao rio de São Francisco. Foi esta povoação elevada à categoria de vila por lei provincial do 1º de abril de 1841, a qual lhe conservou o nome de Piumhi, e lhe assinalou por distrito o termo de sua freguesia, desanexando-o do da vila de Formiga. Tanto o distrito como a vila são atravessados pela estrada que conduz a Goiás pela serra da Parida; o primeiro é vasto, agreste, e regado pelo ribeiro Piuí, que se ajunta pela margem direita com o rio Grande, tributário do Paraná, e se estende para o poente, compreendendo as serras da Canastra, da Marcela e da Parida.

Piúma.²⁰⁶ Aldeia medíocre de Índios Puris, na província do Espírito Santo, nas margens e perto da embocadura do rio do mesmo nome. Os moradores dela comerciavam em madeiras de construção, cultivam alguns víveres, e começam a construir chalupas e sumacas.

Piúma. Pequeno rio do sul da província do Espírito Santo, que dá navegação a canoas por espaço de seis léguas, e vai desembocar no mar, cinco léguas ao sul da vila de Benevente, e quatro ao norte da de Itapemirim.

Poção. Lagoa considerável da província de Goiás, perto das fazendas dos Macacos e do Boqueirão, onde se fazem criações de gado. Sangra-se por um ribeiro no rio Paranã e é mui profunda e piscosa.

Pochetis. Tribo de Índios Tupinambás, que vivem em grande parte entre o rio Araguaia e o Tocantins. Encontram-se também nas cabeceiras do rio Moju, na província do Pará.

Poço (Serra do). Serra na parte ocidental da província das Alagoas, quinze léguas ao poente da do Pão de Açúcar. Dá excelente madeira de construção, e árvores, que destilam bálsamo e resinas, nas quais se encontram enxames de abelhas de diversas espécies.

Poço. Surgidouro o mais vizinho da cidade do Recife, na província de Pernambuco; fi-

²⁰⁴ Atual cidade de Pitumbu/PB. (N/E)

²⁰⁵ Atual cidade de Piumhi/MG. (N/E)

²⁰⁶ Atual cidade de Piúma/ES. (N/E)

ca ao norte da muralha de rocha onde está assentado o forte do Picão. Surgem os navios num fundo de dezesseis até trinta pés d'água. Acha-se este surgidouro militarmente defendido pelo forte de Brun e pelo do Buraco, que se acham na praia a seiscentas braças distantes um do outro, mas é mui desabrigado e exposto aos ventos, sobretudo dum dos lados, e os navios só se mantêm bem deitando quatro amarras no intervalo que deixam entre si os rochedos que forma aquela espécie de caldeira que poderá ter mil braças de diâmetro.

Poço Alegre.²⁰⁷ Povoação da província de Minas Gerais, ao sul do rio Grande, atravessada pela estrada que vai da vila de Jacuí à freguesia de Bambuí; é do termo da freguesia da sobredita vila de Jacuí.

Poço da Panela. Freguesia da província de Pernambuco. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Saúde. Em 1841 o padre José de São Jacinto Mavignier fundou nesta povoação um colégio, e solicitou do governo lhe concedesse o tí-

tulo de *Colégio Imperial de D. Pedro II*, com os mesmos privilégios e estatutos do colégio deste nome, que existe na capital do Império.

Poconé.²⁰⁸ Pequena vila da província de Mato Grosso, na comarca de Cuiabá, em dezesseis graus e dezesseis minutos de latitude, e em cinquenta e nove graus e vinte e oito minutos de longitude oeste. Teve princípio em 1780, época em que o governador Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres mandou transferir os Índios da aldeia de Beripoconé ou de Ipoconé, nome da tribo de que eram, para as margens auríferas do ribeiro de Bento Gomes. Convidados pela abundância de ouro que deste ribeiro se tirava, acudiram de várias partes muitos aventureiros, e em breve edificou-se uma igreja da invocação do apóstolo São Pedro. Pôs o governador a esta nova povoação o nome de São Pedro del Rei, e criou nela em 1783 um julgado; porém como fosse minguando o ouro, foram os moradores pouco a pouco desaparecendo e no fim do século achava-se a sobredita igreja grandemente arruinada.

Mandou-a o padre Francisco de Sá reedificar à sua custa, e sendo acabada em 1807, a dedicou a N. S. do Rosário. Em 1818 uma decisão régia suprimiu o julgado que ali se conservava, e anexou a povoação à cidade de Cuiabá; porém por decreto de 25 de outubro de 1831 foi elevada à categoria de vila com o nome de Poconé, para perpetuar a memória da tribo de que foram os primeiros moradores dela; e pelo mesmo decreto recebeu a nova vila por patrimônio uma légua quadrada de terra, com condição que os moradores fariam à sua custa os edifícios indispensáveis numa vila, como a casa da câmara, cadeia, etc. Acha-se esta vila agradavelmente situada num outeiro, vinte léguas ao sudoeste da cidade de Cuiabá. As casas são feitas de troncos de árvores cobertos de barro amassado; tem duas escolas de primeiras letras, uma de meninos e outra de meninas. Metade de seu vasto distrito é infelizmente alagada regularmente todos os anos com as cheias dos rios, mas os ventos e os raios ardentes do sol dissipam em breve a umidade e os miasmas das águas estan-

²⁰⁷ Atual cidade de Pouso Alegre/MG. (N/E)

²⁰⁸ Atual cidade de Poconé/MT. (N/E)

Poço Redondo

ques, e atalham os inconvenientes que de ambas estas causas podiam resultar. Achase este distrito circunscrito da parte do norte pelo rio Jauru; da de leste por matas ermas e desertas, ao sul pelo ribeiro de Bento Gomes, e fenece ao oeste na confluência deste ribeiro com o rio Paraguai. Avalia-se a sua população em dous mil e seiscentos habitantes lavradores de canas, fabricantes de açúcar e de aguardente, e criadores de gado. Achou-se em outro tempo neste distrito ouro de mais de vinte e três quilates; porém o que hoje dele se tira é mui pouco e de muito menos quilates.

Poço Redondo. Lugarejo da província de Pernambuco, no continente perto da ilha de Itamaracá. Teve princípio num engenho que tinha uma capela da invocação de São Vicente Ferreira.

Poiães.²⁰⁹ Freguesia da Guiana brasileira, na margem direita do rio Negro, dezesseis léguas acima da povoação de Carvoeiro. Sua igreja paroquial é da invocação de São Ângelo, e seus habitantes Índios civilizados de diversas tribos.

Pojuca. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Santo Amaro, nas margens do ribeiro do mesmo nome, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Pojuca. Ribeiro da província da Bahia, que separa em sua cabeceira o distrito da cidade de Cachoeira do da vila da Purificação dos Campos, e depois rega o da vila de Santo Amaro, e vai desaguar no mar ao norte da boca do rio Jacuípe. Há sobre este ribeiro uma ponte para serviço da estrada que vai para as províncias que ficam ao norte da da Bahia.

Pomba (Vila da).²¹⁰ Vila da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de que tomou o nome, vinte e três léguas a és-sueste da cidade de Ouro Preto, em vinte e um graus de latitude. Em 1765, Luiz Diogo Lobo da Silva, governador da província, mandou fazer uma capela perto do rio da Pomba, na qual pôs um padre com o pressuposto de convidar os Índios a civilizarem-se. No fim do século

passado se juntaram em uma aldeia neste lugar muitas famílias de Índios Coroados, que se puseram debaixo da proteção do governo para se verem livres das agressões doutros Índios mais belicosos que eles. Edificou-se-lhes uma igreja que lhes serviu de paróquia. Um sem número de famílias brasileiras e portuguesas assentaram morada na vizinhança desta aldeia; e como a população tivesse ido em aumento, um decreto de 13 de outubro de 1831 a elevou à categoria de vila, pondo por condição que os moradores fariam à sua custa os edificios anexos àquela criação. A casa da câmara e a cadeia foram concluídas em 1836, e devia-se proximamente fazer uma ponte sobre o rio da Pomba, cousa que era de suma necessidade. Por lei provincial do 1º de abril de 1841, os distritos de paz de Piau e de Livramento foram desanexados do de Barbacena, e incluídos no da vila da Pomba, que tem presentemente doze mil almas. Colhe-se nele milho, feijões e outros víveres; cultivam-se as canas-de-açúcar; fabrica-se aguardente, e fazem-se

²⁰⁹ Localidade desaparecida, município de Barcelos/AM. (N/E)

²¹⁰ Atual cidade de Rio Pomba/MG. (N/E)

grandes criações de porcos; o que não obstante o número dos Índios fica sempre no mesmo ser, ao passo que o dos Brasileiros se vai sucessivamente aumentando. O distrito desta vila sofreu em 1841 um corte com a formação da nova vila de São João Nepomuceno.

Pomba. Registo da província do Rio de Janeiro, na margem direita do rio Paraíba, defronte do confluente do rio da Pomba. Foi estabelecido em 1811 para servir de alfândega entre as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Ao pé dele forma-se insensivelmente uma povoação, três léguas acima da aldeia da Pedra, tendo ao poente o rio Paqueta, e ao nascente o Grande.

Pomba. Rio da província de Minas Gerais. Nasce das serras despovoadas que ficam a quinze léguas da cidade de Barbacena, e a leste dela, corre rumo do norte, recolhendo vários ribeiros até as abas da vila de seu nome, e fazendo uma volta encaminha-se para o sueste, rega a nova vila de São João Nepomuceno, e vai dez léguas mais

adiante juntar-se pela margem esquerda com o rio Paraíba, defronte do registo de seu nome. É de difícil navegação por causa das penedias que lhe pejam o álveo.

Pombal.²¹¹ Vila a mais antiga do centro da província de Paraíba, e pode ser que do Brasil. Está assentada na margem do rio Piancó, uma légua acima de sua junção com o das Piranhas, noventa e seis léguas ao poente da cidade de Paraíba. Foi esta povoação longo tempo assento dum julgado cuja jurisdição era mui grande. Conferiu-lhe o título de vila o ouvidor geral José Januário de Carvalho, em 4 de maio de 1772, e nela instalou as autoridades municipais, por ordem do governador de Pernambuco Manoel da Cunha de Menezes, conde de Vila Flor, em cumprimento da carta régia de 22 de julho de 1766. Consta esta vila dum quadrado oblongo de casaria por onde passa a estrada do Ceará para a cidade de Paraíba. Os edificios mais notáveis são a casa da câmara com a cadeia por baixo, a igreja matriz, cujo orago é N. S. do Bom Sucesso, e que é tida em conta duma das mais antigas do sertão do Brasil da banda do norte. Tem

uma escola de primeiras letras de meninos e uma de meninas, e começava a engrossar em trato; porém seu comércio tem ido em diminuição depois da criação de Vilanova de Souza em 1800. A bondade do clima e das águas, a viração que sopra regularmente todos os dias a certas horas, contribuíram sem dúvida para seu aumento e prosperidade. O vasto distrito desta vila foi coarctado para dele se tirarem os da vila da Campina Grande, de Vila Real de São João, de Vilanova de Souza e da vila de Piancó, porém não obstante tantos cortes, encerra ainda pouco mais ou menos quatro mil habitantes, que colhem grande quantidade de algodão além dos víveres de seu consumo, e confronta, ao norte, com o distrito de Vila Real de São João; a leste, com os das vilas de Brejo de Areia e de Campina Grande; ao sul, com a província de Pernambuco e o distrito de Piancó, que antigamente era parte integrante dele; e ao oeste, com o de Vilanova de Souza. Nele se acham as povoações de Arraial da Canoa, de Boa Vista, Boqueirão, Extremoz, Formigas, Furado, Jenipapo, Pau Ferrado, Paulo Mendes, São Boaventura, São

²¹¹ Atual cidade de Pombal /PB. (N/E)

Pombal

José, São Lourenço, Taquarituba e Umari. Este distrito foi estragado com a cheia do rio Piancó em maio de 1842.

Pombal.²¹² Pequena vila da província da Bahia, a cinco léguas do rio Itapicuru, situada em terras assaz férteis. Deram-lhe princípio os jesuítas que residiram por algum tempo na aldeia de Cana Brava, onde pregaram o evangelho aos Índios que dominavam nestas paragens. Passou esta aldeia a ser vila com o nome que presentemente tem em 1799. Sua igreja, que já então era paróquia, em virtude do alvará de 22 de dezembro de 1795, é dedicada a Santa Teresa. Tem escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e o presidente da província a escolheu em 1842 para cabeça dum colégio eleitoral. Os moradores de seu distrito são originariamente Índios; cultivam víveres, colhem algodão, pescam, e caçam, e disto se alimentam.

Pombal.²¹³ Pequena vila da província do Pará, na margem direita do rio Xingu;

vinte e cinco léguas acima de sua confluência com o Amazonas. É povoada de Índios por natureza e costume inimigos da cultura e amanho da terra. Esperava-se que o título de vila dado a esta povoação contribuiria ao aumento de sua população; o contrário porém acontece, e pode dizer-se que em vez de aumentar vai diminuindo: e todavia o termo de sua freguesia é fértil e pagaria com usura a indústria dos habitantes, se eles tivessem a de agricultar mediocrementemente as terras, que jazem em pousio.

Pombas (Ilha das). Ilha da baía Niterói ou do Rio de Janeiro. O conde da Cunha, sendo vice-rei do Brasil, mandou fazer em 1765 uma fábrica e casa de pólvora nesta ilha, que de então por diante chamou-se de Santa Bárbara, nome que ainda hoje conserva, posto em esquecimento o primeiro.

Pombas (Ilha das). Ilha da província do Rio de Janeiro, na baía de Angra dos Reis, pertencente ao distrito de Parati.

Pombeba. Ilha da baía Niterói ou de Rio de Janeiro, de frente da igreja da povoação de São Cristóvão. Acha-se atualmente no termo da nova freguesia do nome da sobredita povoação.

Pompéu.²¹⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Pitanguí. Está situada entre os rios Paraopeba e Pará, afluentes do de São Francisco. Sua igreja, que tem por padroeira N. S. da Conceição, depende da igreja matriz da sobredita vila. Por lei provincial de 27 de março de 1841, criou-se nesta povoação uma justiça de paz.

Pompéu.²¹⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Sabará, com uma igreja da invocação de Santo Antônio, filial da matriz da freguesia da sobredita cidade.

Poncatejé. Tribo de Índios que vivem nas matas do rio dos Tocantins, e que observam os mesmos usos que os antigos Camecrãs.

²¹² Atual cidade de Ribeira do Pombal/BA. (N/E)

²¹³ Atual localidade de Pombal, município de Porto de Moz/PA. (N/E)

²¹⁴ Atual cidade de Pompéu/MG. (N/E)

²¹⁵ Atual povoado de Pompéu, município de Sabará/MG. (N/E)

Ponta da Pipa

Ponche Verde. Lagoa e ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, na extrema que olha para o sueste do distrito de Alegrete. O ribeiro recolhe as águas desta lagoa, e é um dos primeiros tributários do rio Ibicuí.

Ponchim. Ribeiro da província de Sergipe, afluente do rio Aracaju. Nesta confluência acham-se as embarcações amparadas contra os ventos do norte, que cursam todos os dias desde 9 horas da manhã até o pôr-do-sol. Em 1843 propuseram de pôr uma alfândega neste lugar em vez da que se intentava estabelecer no porto da aldeia de Aracaju, duas léguas mais acima, onde os ventos cursam de contínuo com muita violência.

Ponta. Ribeirão da província de Mato Grosso. Seu curso é ignorado, por serem as suas margens habitadas pelas tribos Tapirapes ainda por civilizar-se; o que se sabe ao certo é que deságua na margem esquerda do rio Araguaia, abaixo da ilha do Bananal ou de Santana.

Ponta Alta.²¹⁶ Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava.

Ponta Alta. Rio da província de Goiás. Nasce na chapada de São João, no distrito da vila de São João da Palma, corre na direção do sul, atravessando a estrada de Santa Luzia, onde há sobre ele uma ponte mui alta, donde lhe veio o nome que tem, e vai desaguar no rio Corumbá.

Ponta Brava. Ponta de terra e praia da ilha de Santa Catarina, na costa ao sueste. A ponta da extremidade meridional desta ilha é um ponto de demarcação entre os termos das freguesias do Rio Vermelho e do Ribeirão.

Ponta Castelhana. (V. *Goipeva*.)

Ponta da Areia.²¹⁷ Nova povoação da província do Rio de Janeiro, contígua à cidade de Niterói, na praia setentrional que jaz nas faldas do monte da Armação. Quando a família real chegou ao Brasil em 1808, não havia nesta praia senão duas casas; foram-se sucessi-

vamente edificando outras, e de presente há um estaleiro onde se fazem barcos de vapor e outros, e uma fundição de ferro onde se fundem caldeiras de diferentes dimensões, e as demais peças necessárias para as máquinas movidas por água e por vapor.

Ponta da Fruta. Promontório da província do Espírito Santo, quatro léguas pouco mais ou menos ao sul da baía do nome da província, em vinte graus e trinta e dous minutos de latitude, e em quarenta e dous graus e quarenta e cinco minutos de longitude oeste. As terras que ficam por detrás desta ponta são inçadas da praga das formigas chamadas *carregadeiras*, que fazem grandíssimo prejuízo aos agricultores, quando por falta de indústria e de perseverança deixam de destruir-lhes as panelas.

Ponta da Pipa.²¹⁸ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Goianinha, antigamente *Arês*: jaz no promontório de que toma o nome. (V. *Pipa*.)

²¹⁶ Atual distrito de Ponte Alta, município de Uberaba/MG. (N/E)

²¹⁷ Atual bairro Ponta d'Areia, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

²¹⁸ Atual cidade de Tibau do Sul/RN. (N/E)

Ponta das Pedras

Ponta das Pedras.²¹⁹ Povoação da província de Pernambuco, à beira do mar, com uma igreja da invocação de N. S. do Ó, dependente da matriz da freguesia de Tejuco-pabo. Sua torre está em sete graus, trinta e cinco minutos e nove segundos de latitude, e em trinta e sete graus, sete minutos e cinquenta segundos de longitude ocidental.

Ponta do Caju. Ponta arenosa e sobremaneira saliente na baía Niterói, uma légua ao noroeste da cidade do Rio de Janeiro. Nela se vê um palácio imperial que se faz admirar pela simplicidade de sua arquitetura, por seus soberbos jardins plantados num terreno árido, e porque dele os olhos se espraíam pela baía e montes que a rodeiam, e por muitas casas de recreio, agradáveis moradas na bela estação pela viração do mar, que no decurso do dia refrigera o calor do sol, e pela da terra que de ordinário reina todas as noites.

Ponta do Morro. Serra aurífera da província de Minas

Gerais, descoberta em 1716 por João Serqueira Afonso. (V. *São José*, vila.)

Ponta dos Limites. Pequena serra da parte ocidental da província de Mato Grosso, perto das lagoas da Ponta, de Uberava, Gaíba e Mandioré.

Ponta dos Mangues. Povoação da província das Alagoas, no distrito da vila de Porto Calvo, chamada também Capoeiras, a qual faz parte do termo da freguesia da povoação de São Bento.

Ponta Grossa.²²⁰ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Castro. Sua igreja foi criada paróquia por lei da assembleia geral, e por decreto de 13 de outubro de 1831 criou-se nela uma escola de primeiras letras. Sua população, em 1842, era de três mil e duzentos habitantes, lavradores e criadores de gado.

Ponta Grossa. Cabo ao noroeste da ilha de Santa Catarina, no qual há um forte que defende a entrada setentrional da baía do mesmo nome, construído em 1740 por José

da Silva Pais, governador da sobredita ilha. A pequena distância deste forte está assentada a povoação de São José.

Pontal. Freguesia da província de Goiás, distante obra de três léguas da margem esquerda do rio dos Tocantins, cento e cinquenta ao norte da cidade de Goiás, e cem ao sul da vila de São João da Barra. Os ribeiros auríferos deste território foram descobertos em 1738 por Antônio Sanches, e deste descobrimento nasceram a povoação de Pontal, a aldeia da Matança e a freguesia de Porto Real, hoje vila do Porto Imperial. A igreja matriz de Pontal é dedicada ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte; seu termo é fértil, sadio, abundante de pescado e de veação, e favorável para o comércio, em razão da vizinhança do rio dos Tocantins. Seus habitantes colhem algodão e víveres, e fazem criações de gado.

Pontal de Nazaré.²²¹ Foi uma vila da província de Pernambuco onde havia um forte, antes da ocupação holandesa, efetuada no de-

²¹⁹ Atual distrito de Ponta de Pedras, município de Goiana/PE. (N/E)

²²⁰ Atual cidade de Ponta Grossa/PR. (N/E)

²²¹ Atual cidade de Cabo de Santo Agostinho/PE. (N/E)

Ponte de Pedra

curso do século XVII. O forte foi inutilmente investido em 1632 pelo almirante Van Scop, que teve de retirar-se pela intrepidez com que se houve Bento Maciel, que nessa ocasião o comandava, e que não tinha ainda adquirido a detestável reputação que ao depois teve; porém em 1635 tanto a vila como o forte caíram em poder dos Holandeses, bem como outras muitas praças importantes das capitânicas de Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A vila foi entregue às chamas, e os Portugueses das diversas capitânicas na fuga vieram a descobrir no sertão do Brasil caminhos para irem ter à cidade da Bahia, porém em tão longa peregrinação muitos morreram do cansaço e de fome, ao passo que outros nasciam nas matas. Quando, em 28 de setembro de 1645, os Pernambucanos obrigaram o comandante Extrater a capitular, e a entregar-lhes o forte, já não existia a vila. O forte existe ainda numa ponta na embocadura do rio Aí, entre Olinda e a ilha de Itamaracá.

Ponta Negra. Nome comum do cabo e da serra que jaz perto dele, bem como do lugarejo e pequeno porto que fica duas léguas a leste do Rio de Janeiro, no qual as sumacas vão tomar carga das produções do país para bastecimento da capital do Império. Jaz o cabo em vinte e dois graus, cinquenta e sete minutos e dez segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, cinco minutos e nove segundos de longitude oeste, e é apelidado *Negro* pela cor escura das serras que tem por detrás. A uma milha dele os navios encontram quase em todo o tempo vinte e cinco até trinta pés d'água.

Ponta Nova. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Mariana, cabeça de julgado com mais de mil habitantes.

Ponta Verde ou de Jaraguá. Promontório da costa da província das Alagoas, ladeado ao norte do porto de Pajussara, e ao sul do de Jaraguá, na qual está sita um pouco arredada do mar a cidade de Maçaió. O mar quebra-se com grande

fúria nesta ponta, povoada de coqueiros que escondem aos olhos dos navegantes a cidade. Está a sobredita ponta em nove graus e nove minutos de latitude, e em trinta e oito graus e quatro minutos de longitude oeste. A uma milha em redor dela acham os navegantes mais de onze braças de fundo.

Ponte.²²² Povoação da província de Minas Gerais, vulgarmente conhecida com o nome de *Ponte do Livramento*, com uma capela da invocação de N. S. do Livramento, dependente da matriz da vila de Curvelo.

Ponte de Montebelo. Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Ajuruoca. Foi ali colocado para a arrecadação dos direitos de saída dos gêneros que passam para as províncias vizinhas, por lei da assembleia provincial de 1838.

Ponte de Pedra.²²³ Freguesia da província do Pará, na ilha do Marajó, ao norte da freguesia de Porto Salvo. Seus moradores, pela maior parte Índios,

²²² Atual distrito de Tomaz Gonzaga, município de Curvelo/MG. (N/E)

²²³ Atual cidade de Ponta de Pedras/PA. (N/E)

Ponte de Pinheiro

semeiam arroz e criam gado vacum.

Ponte de Pinheiro. Povoação da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Macacu, duas léguas a oés-noroeste da vila de Santo Antônio de Sá. Nela se faz grande comércio de madeiras de construção, e se depositam os gêneros colhidos nos montes vizinhos até se carregarem em barcos para o Rio de Janeiro. Havia nesta povoação uma ponte sobre o rio, que se arruinou em 1816.

Ponte do Rio Verde.²²⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, quatro léguas ao nordeste da cidade da Campanha. Foi assim chamada por causa duma ponte de madeira que há sobre o rio Verde para serventia da estrada geral, em que se paga cento e sessenta réis por cada pessoa e por uma besta com carga, e metade não a tendo. A igreja desta povoação, dedicada aos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria, teve o título de paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e outro decreto de 7 de agosto deste mesmo ano a decorou com

uma escola de primeiras letras para meninos.

Ponte dos Carijós. Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Ajuruoca, onde se arrecadam os direitos de saída dos gêneros que se exportam para as províncias vizinhas.

Ponte do Zacaria. Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Ajuruoca, para o mesmo fim que o precedente.

Ponte Nova. Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia do Brasil, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filial a igreja da povoação da Casca. A estrada que vai da vila de Pitanguí à cidade de Sabará passa pelo meio desta freguesia.

Ponte Nova.²²⁵ Nova freguesia e antiga povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Mariana. Sua igreja, dedicada a São Sebastião das Almas, foi largo tempo filial da matriz da po-

voação de Forquim, porém uma lei provincial de 15 de março de 1840 a elevou à categoria de paróquia, assinando-lhe por termo uma parte do de Forquim, que se acha dividida pela cordilheira entre os ribeiros Magalhães e São Fructuoso, desde o Poço Grande até a serra da Boa Vista, e desta até o ribeiro Piranga no cimo da fazenda de Antônio Ribeiro, e por confrontações por outra parte uma linha reta do nascente para o poente desde o ribeiro Copa até os nascentes do Carangola. Esta linha divisória serve também de extremos entre os distritos da vila do Presídio e da cidade de Mariana.

Ponte Queimada. Cachoeira do rio Chopotó entre o salto Jacutinga e o do Inferno, na província de Minas Gerais. Tinha-se feito uma ponte na parte em que este rio se acha entalado entre os arrecifes, a qual dava serventia à estrada que vai da cidade de Ouro Preto para a povoação de Cuiaté; porém foi queimada por maldade, ou por negligência dos soldados encarregados da guarda desta passagem.

²²⁴ Atual cidade de Três Corações/MG. (N/E)

²²⁵ Atual cidade de Ponte Nova/MG. (N/E)

Pontinho. Lugarejo da província da Bahia, na margem esquerda do rio Buranhém, acima da vila de Porto Seguro, de que é um arrabalde.

Popoca. Rio ao sul da província de Paraíba. (V. *Ipopoca*.)

Porcos (Ilha dos). Grupo de ilhotas ao sueste da baía dos Flamengos, defronte da costa da província do Rio de Janeiro, obra de quatro léguas ao nordeste da ilha de São Sebastião. Entre este grupo de ilhas e o continente, corre um esteiro que dá passo aos navios e é mui bom surgidouro, porque podem fazer aguada e receber víveres de vários pontos, porém para se entrar nele é mister vento de feição. Ao norte da ilha dos Porcos existe uma povoação pequena, e da parte do sul um médão de areia, que está em vinte e três graus, trinta e três minutos e trinta e oito segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, trinta minutos e trinta e oito segundos de longitude oeste. Chamava-se esta ilha originalmente Tapira, e era povoada de Índios governados por um chefe apelidado Cunhabeba, que levou em sua

canoas o célebre padre Anchieta à capitania de São Vicente.

Porecamecrã. Tribo de Índios que vivem nas matas entre os rios Tocantins e Araguaia, e estão em relação com os Índios Camecrãs civilizados da vila de São Pedro de Alcântara, no sul da província do Pará.

Porrudos ou **Rio de São Lourenço.** Rio da província de Mato Grosso, na comarca de Cuiabá. Nasce do vertente ocidental da serra da Chapada, em quinze graus pouco mais ou menos de latitude, corre por entre montes rumo de sueste, engrossando-se com vários ribeiros de pouca importância; sendo o seu primeiro afluente considerável o ribeiro Piquiri, que lhe entra pela margem esquerda e lhe dobra cabedal, e o segundo o rio Paranaíba, onde fenecem as cachoeiras. Doze léguas abaixo da junção do Piquiri incorpora-se-lhe pela direita o rio Cuiabá, e na margem oposta quatro léguas mais adiante o rio Claro. Continuando sempre no rumo do sudoeste, rega por obra de

vinte e cinco léguas dilatados campos, e divide-se em dous braços desiguais que vão ambos desaguar no Paraguai pela margem esquerda, em dezessete graus e vinte minutos de latitude, quase defronte do sangradouro da lagoa Gaíba. Entre o Cuiabá e o Paraguai o rio de São Lourenço é livre de cachoeiras, e dá navegação a barcos, os quais levam oito dias a vingar este intervalo; as canoas deitam muito mais acima e vão até as suas cabeceiras.

Portão.²²⁶ Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da cidade de Porto Alegre, perto do rio Jacuí, e duas léguas ao poente do Caí.

Porteira.²²⁷ Povoação da província de Minas Gerais, num outeiro da margem direita do rio de São Francisco, a uma légua da povoação da Barra de São Francisco, ornada de duas igrejas, uma da invocação de N. S. do Bom Sucesso, e outra de N. S. do Rosário. É neste lugar que residem de ordinário as justiças da Barra de São Francisco.

²²⁶ Atual cidade de Portão/RS. (N/E)

²²⁷ Atual cidade de Guaicui/MG. (N/E)

Porteira

Porteira.²²⁸ Lugarejo da província do Pará, no distrito da vila de Aquirás; nele fenece da parte do sul o distrito da nova vila de Cascavel.

Portel.²²⁹ Aldeia da província do Pará, na margem oriental da lagoa Anapu, perto do canal natural que lhe serve de sangradouro para o rio Pacajás, duas léguas ao su-sudoeste da vila de Melgaço, e trinta e duas ao sudoeste da cidade de Belém; com uma igreja paroquial dedicada a São Miguel, e uma escola de primeiras letras, criada por lei provincial de 4 de setembro de 1840. Os moradores são pela maior parte Índios que cultivam mui pouco, e vivem de pescarias e caçadas.

Porto Alegre.²³⁰ Cidade mercantil, capital da província de São Pedro do Rio Grande, em trinta graus e vinte e um minutos de latitude, e pouco mais ou menos em cinquenta e quatro graus de longitude oeste. Foi fundada em 1743 por colonos das ilhas dos Açores, que ali assentaram vivenda com mulheres e filhos à beira duma enseada,

ao nascente e perto da lagoa Viamão, que os geógrafos dizem ser a boca do rio Jacuí. Edificou-se dentro em pouco tempo uma igreja de que foi padroeiro São Francisco, e a povoação que se originou foi largos tempos conhecida com o nome de Porto dos Casais, por isso que havia sido povoada com casais de Açoristas. Em consequência da invasão dos Espanhóis em 1762, e no cabo de oito anos de alternativas e desassossegos, o novo governador José Marcelino de Figueiredo determinou dali residir tanto pela facilidade das comunicações com os demais portos da província, como pelo a-prazível do sítio a que pôs nome Porto Alegre. Apesar da guerra e das calamidades que ela de ordinário traz consigo, teve o governador a satisfação de ver aumentar-se rapidamente a população, a qual com efeito passava de cinco mil almas em 1773, época em que a igreja de São Francisco foi elevada à categoria de paróquia mudando de orago, e tomando o da Mãe de Deus. No fim do mesmo século esta freguesia

era qualificada com o título de vila, sem que se saiba que lhe fosse conferido por ato do governo. Em 1802 criou-se ali uma tesouraria como havia nas demais capitâneas em lugar da provedoria, presidida pelo governador, e composta do ouvidor, dum tesoureiro, do intendente da marinha, dum letrado e dum escrivão, enfim a povoação de Porto dos Casais, ou de Porto Alegre, alcançou o título de vila por alvará de 23 de agosto de 1808, com o nome de São José de Porto Alegre, para perpetuar a memória do governador José Marcelino de Figueiredo, que fora o primeiro que assim a apelidara. (V. *São Pedro do Rio Grande*, província.) Em 1812 foi a nova vila escolhida por alvará de 16 de dezembro para residência do governador do *Rio Grande e Santa Catarina*, juntos em uma só comarca, do ouvidor encarregado da justiça de ambos os distritos, cada um com seu juiz de fora. Um numeramento feito em toda a província em 1814, deu só à freguesia de Porto Alegre a seguinte população:

²²⁸ Presume-se que o autor tenha cometido um erro na identificação dessa localidade na província do Pará, uma vez que as vilas de Aquirás e Cascavel pertenciam à província do Ceará. (N/E)

²²⁹ Atual cidade de Portel/PA. (N/E)

²³⁰ Atual cidade de Porto Alegre/RS. (N/E)

Branços, de ambos os sexos	2.746
Índios, id	34
Livres de cor, id	588
Escravos, id	2.312
Recém-nascidos, id	431

Total.....6.111 almas.

Em 1821, os dous distritos de Santa Catarina e do Rio Grande foram separados e ambos criados províncias; continuou consequentemente a vila de Porto Alegre a ser a capital da nova província de São Pedro do Rio Grande, prerrogativa em que foi confirmada juntamente com o título de cidade, que lhe havia sido conferido em 1822, por carta imperial de 14 de novembro de 1825. Em recompensa do valor e lealdade com que os habitantes se houveram destruindo em 15 de junho de 1836 o governo estabelecido pelos rebeldes, um decreto imperial de 19 de outubro de 1841 lhe conferiu a qualificação honorífica de *leal e valorosa*. Acha-se a cidade de Porto Alegre situada sobre vários outeiros donde se avista a confluência dos rios Caí, dos Sinos e Gravataí com o Jacuí, defronte duma barra cômoda e abrigada dos ventos. Veem-

se fora da cidade numa enfiada de colinas dominadas pelas serras arredadas, um sem número de casas lindíssimas que posto que derramadas formam um soberbo e aprazível quadro. Os edifícios mais notáveis desta cidade são a alfândega, criada em 1811; o hospital da caridade, autorizado, por decreto de 25 de setembro de 1829, a receber legados, e a comprar bens de raiz até a concorrência de sessenta contos de réis, muitas igrejas elegantes com a antiga matriz, cujo orago é a Mãe de Deus, e as mais recentes, da invocação de N. S. do Rosário e de N. S. das Dores. As ruas principais são calçadas, e todas mui bem alinhadas. Possuía esta cidade várias escolas de primeiras letras e uma cadeira de latim, desde os últimos anos do século passado; e no decurso do presente juntaram-se-lhe mais três, a saber: uma de retórica, uma de filosofia e uma de matemática, e por fim, por decreto de 1832, uma escola de primeiras letras para meninas. Um numeramento feito um ano depois fez ver que a população da cidade de Porto Alegre, repartida em três freguesias, passava de doze mil almas; seu comércio

estava florescente; entravam e saíam da barra chamada do Rio Grande mais de trezentos navios mercantes, que pagavam de entrada dez mil réis além dos direitos de ancoragem, farol, etc. Infelizmente rebentou em 20 de outubro de 1835 a revolução tramada pelo coronel de milícias Bento Gonçalves da Silva, e de então por diante a população, o comércio e a indústria desta cidade foram em diminuição por efeito da guerra civil que se ateou numa das mais belas províncias do Império.

Porto Alegre.²³¹ Pequena vila marítima da província da Bahia, na comarca de Caravelas, à foz do rio Mucuri, vinte e oito léguas su-sudoeste de Porto Seguro, e cento e vinte e oito da cidade da Bahia. Deram-lhe princípio, com o nome de Mucuri, alguns degradados da Bahia e do Rio de Janeiro, com os quais se ajuntaram os Índios que desertavam das aldeias da comarca de Porto Seguro e da capitania do Espírito Santo, e edificaram uma igreja a São José, talhada com folhas de guriri. Esta povoação foi criada vila em virtude de ordem régia, em 15 de

²³¹ Atual povoado de Porto Alegre, município de Maracás/BA. (N/E)

Porto Alegre

outubro de 1769, pelo ouvidor da comarca de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, que lhe pôs o nome de São José de Porto Alegre. Uma nova igreja mais sólida da aparência, mas na verdade da mesma força que a antiga, obteve o título de paróquia por alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as grandes aldeias do Brasil, e por decreto de 16 de junho de 1832 teve esta vila uma escola de primeiras letras. Seu distrito confronta, ao norte, com o da vila Viçosa; ao nascente, com o Oceano; ao sul, com o distrito de São Mateus; e ao poente, se estende pela cordilheira dos Aimorés até a província de Minas Gerais, fencendo na estrada pouco frequentada que jaz entre a vila de Porto Alegre e Vila do Príncipe, arredadas uma da outra cousa de sessenta léguas. A população é avaliada em mil habitantes, que lavram além doutros víveres grande quantidade de mandioca, de milho, arroz, linho ticum, e comerciavam em madeira de construção. Há neste distrito minas de ferro de que se não tira o menor proveito. O porto de Porto Alegre admite toda a qualidade de embarcações

costeiras que ali vão tomar carga dos gêneros que deixamos assinalados.

Porto Alegre.²³² Vila antiga e mal povoada da província do Rio Grande do Norte, na serra chamada do Regente, conhecida atualmente com o mesmo nome da vila, cinquenta e cinco léguas a oeste da cidade do Natal, a vinte da costa do norte da província, e a três arredada da margem esquerda do Apodi. Três tribos de Índios Tupinambás, a saber: as de Panati, Paiacu e Icó, viviam na serra do Regente, ao norte da do Martins, onde havia mui boa água, cousa que os Índios procuram haver nos sítios que escolhem por morada. Alguns colonos europeus andando em demanda de terras de boa lavra, se agregaram a estes Índios, que deixavam em pousio as que lhes haviam sido dadas; e como a povoação tivesse medrado, conferiram-lhe no meado do século XVII o título de vila, com o nome de Porto Alegre, que se estendeu à serra do Regente e ao distrito da nova vila. É povoação derramada, com casas cobertas de palha, e edificadas sem simetria. A igreja paroquial, dedicada a

São João Batista, achava-se em triste estado nos primeiros anos do governo imperial. A casa da câmara é o único edifício que tem um primeiro andar, cujas lojas servem de cadeia. A situação desta vila à margem duma lagoa e na rampa duma montanha é por extremo aprazível, e seu clima sadio. Seu distrito confina, ao norte, com o da Vila da Princesa; ao poente, com a província do Ceará; ao sul, com a província de Paraíba; e ao nascente, com o distrito de Vila-nova do Príncipe. Sua população é avaliada em quatro mil habitantes, pela maior parte de raça branca, espalhados pelas serras nas povoações de Barriguda, Câmara, Frade, Logrador, Luiz Gomes e Serrinha.

Porto Alegre.²³³ Povoação da província de Minas Gerais, no termo da freguesia de Paçanha, e a vinte léguas ao sueste da dita freguesia. Está situada à margem do rio Saçuí, no lugar onde se desembarca acima de sua confluência com o rio Doce. Sua igreja é dedicada a N. S. do Porto; tem uma escola de primeiras letras criada por decreto de 7 de agosto de 1832. Do porto ao

²³² Atual cidade de Portalegre/RN. (N/E)

²³³ Atual cidade de Senhora do Porto/MG. (N/E)

mar gasta-se nove dias por causa duma cachoeira do rio Saçuí, e além das correntes e da cachoeira Escadinha do rio Doce, em cuja descida é mister suma atenção e cautela.

Porto Belo.²³⁴ Pequena vila da província de Santa Catarina, na comarca do Norte, em vinte e sete graus e oito minutos de latitude, e em cinquenta e um graus e quatro minutos de longitude oeste. Foi originariamente a povoação chamada das Garoupas à beira da baía do mesmo nome. A bondade do porto, o abrigo da baía e a fertilidade das terras, tudo afiançava a esta povoação um aumento rápido, bem que lhe falecem estradas fáceis para a comunicação com as demais vilas da província e com as diferentes províncias do Império. Sem embargo desta falta, foi esta povoação condecorada com o título de vila com o nome de Porto Belo, por decreto de 13 de outubro de 1832, com condição que os habitantes edificariam à sua custa os edificios indispensáveis a toda vila; um decreto de 27 de agosto precedente lhe havia já concedido

uma escola de primeiras letras. A igreja matriz é dedicada a São Joaquim. Em 1840, foi esta vila escolhida para cabeça dum colégio eleitoral; seu distrito se estende, ao poente, pelo interior das matas, porém só é povoada a três até dez léguas do mar; da parte do norte, fenece no ribeiro Tajaí; e da do sul, no chamado Tejuocos Grandes. Seus habitantes, avaliados em dous mil, colhem mandioca, arroz, milho e linho, e lavram canas. Ao ocidente desta vila, se acha a lagoa das Garoupas, que é mui piscosa, e alimentada por um ribeiro do mesmo nome, que dá em todo o tempo navegação a canoas. Neste distrito fundou-se recentemente uma colônia. (*V. Nova Itália.*)

Porto Calvo, primitivamente **Bom Sucesso**.²³⁵ Vila da província das Alagoas, na comarca de Maçaió, a seis léguas do mar à beira do rio Mangape; pátria do mulato Calabar, que se passou para os Holandeses em 1632, e fez grande dano aos Pernambucanos até que foi entregue aos Portugueses e executado. Os Holandeses tiveram de eva-

cuar esta cidade, mas em 1637 tornaram a pôr-lhe sítio, e na tomada dela foi morto um sobrinho do Conde de Nassau, e o célebre Henrique Dias perdeu parte dum braço. O conde de Banhuola se retirou de noite apressadamente para a lagoa do Norte. Rendeu-se a vila por capitulação assinada por Miguel Giberton, mas os Portugueses tornaram-na a tomar com a partida do conde de Nassau para a Holanda. A igreja paroquial desta vila é dedicada a N. S. de Apresentação, e a população de seu distrito, pela maior parte branca, é avaliada em oito mil habitantes, que cultivam os víveres necessários para o seu consumo, e lavram algodão e canas, e fabricam açúcar que exportam para a cidade do Recife.

Porto da Bezerra. Povoação considerável da província de Minas Gerais, no confluente do ribeiro Córrego Rico com o rio Paracatu, onze léguas a leste da vila deste nome. Seus moradores fazem um comércio nunca interrompido de importação e exportação com as povoações da comarca de

²³⁴ Atual cidade de Porto Belo/SC. (N/E)

²³⁵ Atual cidade de Porto Calvo/AL. (N/E)

Porto da Cachoeira

Paracatu, e particularmente com a cabeça da dita comarca. Há neste pequeno porto um registo para impedir o extravio dos diamantes.

Porto da Cachoeira.²³⁶ Povoação da província de São Paulo, uma légua abaixo da vila de Lorena, sobre o rio Paraíba. Passa-se nesta povoação o rio em uma barca pagando cada pessoa cento e sessenta réis.

Porto da Estrela. Porto do rio Inhomirim, na província do Rio de Janeiro. (V. *Estrela*.)

Porto da Folha.²³⁷ Nova vila e antiga povoação da província de Sergipe, na comarca de Vilanova de Santo Antônio. Já em 1839 era povoação cabeça dum colégio eleitoral; foi criada vila pela assembleia provincial e um decreto de 19 de fevereiro de 1841 lhe assinalou por paróquia de seu distrito a igreja de N. S. da Conceição.

Porto da Guarda. Pequeno porto da província de Santa Catarina, sobre o rio Tubarão. Foi primitivamente um registo

para vigiar sobre o contrabando, ao qual se agregaram alguns paisanos que vivem do que cultivam. Acha-se a dez léguas do mar.

Porto da Navegação do Pará. Povoação da província de Goiás. (V. *Santa Rita*, povoação, e *Peixe*, rio.)

Porto da Repartição. Povoação da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Parnaíba, meia légua abaixo da vila do Brejo.

Porto das Caixas.²³⁸ Povoação considerável e de grande trato da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Itaboraá. Está vantajosamente situada na margem direita do ribeiro qualificado de Rio da Aldeia, afluente da margem esquerda do Macacu. Sua igreja, cujo orago é N. S. da Conceição, foi edificada em 1718, e reedificada em 1747 por Francisco Pinto Cardoso, sendo sempre dependente da matriz da vila de Itaboraá. Possui esta povoação uma escola de primeiras letras de meninos desde o ano de 1843. Seu porto admite com o favor da ma-

ré barcos e lanchas, e é o depósito mais considerável das caixas de açúcar, bem como das sacas de café que vêm por terra das cabeceiras do rio Macacu, ou das fazendas do distrito que ficam em distância de oito para dez léguas. Os machos que vêm com carga dos distritos de Cantagalo e do da Nova Friburgo, são de ordinário encaminhados para este porto, tanto por ser o mais vizinho, como por serem mui ativos e dados ao comércio os habitantes dele, os quais em todas as marés, quer seja de dia, quer de noite, despacham um grande número de barcos para o Rio de Janeiro.

Porto das Canoas. Povoação da província de Minas Gerais, sobre o rio Piracicaba, vinte e oito léguas ao nascente da vila de Caeté, e dous acima da freguesia de Antônio Dias.

Porto das Canoas. Pequeno porto do rio Chopotó, na província de Minas Gerais. (V. *Chopotó*, povoação.)

Porto das Canoas. Nome dum destacamento dos caça-

²³⁶ Atual cidade de Cachoeira Paulista/SP. (N/E)

²³⁷ Atual cidade de Porto da Folha/SE. (N/E)

²³⁸ Atual distrito de Porto das Caixas, município de Itaboraá/RJ. (N/E)

dores da montanha, na província de Minas Gerais, no distrito da vila de Itabira.

Porto das Flores.²³⁹ Lugarejo de província de Minas Gerais, à margem do rio Preto, na comarca do Rio de Paraibuna.

Porto das Mangueiras. Pequeno porto da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Inhaúma, no fundo da baía Niterói.

Porto das Pedras.²⁴⁰ Vila da província das Alagoas na comarca de Maçaió, na margem esquerda e perto da foz do rio Manguape, que divide o seu distrito do da vila de Porto Calvo. Está assentada em igual distância da cidade das Alagoas e do cabo de Santo Agostinho, em nove graus e treze minutos de latitude. Foi originalmente uma aldeia cuja igreja, dedicada a N. S. da Conceição, foi erigida em paróquia pelo alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as grandes aldeias do Brasil, e era então indiscriminadamente apelidada ora *Porto Real*, ora *Águas Belas*. No princípio do século presente era

uma povoação medíocre, porém como engrossasse dentro em pouco tempo, um alvará de 5 de dezembro de 1815 a elevou à categoria de vila, assinalando-lhe por distrito a parte do de Porto Calvo encerrada entre o rio Manguape ao norte, e o de Santo Antônio ao sul. Além destes dous rios a parte central deste distrito é regada pelo Tatuamuí e pelo Camaragibe, rios que deságuam no Oceano. Avalia-se a sua população em obra de três mil habitantes cuja indústria agrícola consiste especialmente na lavra de algodão e das canas, cujos gêneros são exportados para os portos da Bahia e de Pernambuco.

Porto das Piranhas.²⁴¹ Aldeia da província das Alagoas, sobre o rio de São Francisco. (V. *Canindé*, aldeia.)

Porto das Redes.²⁴² Povoação e porto da província de Sergipe, no distrito da vila de Santo Amaro.

Porto de Moz.²⁴³ Pequena vila da província do Pará, na margem direita do rio Xingu,

quatro léguas acima de sua junção com o Amazonas, e cento e duas a oeste da cidade de Belém. Esta vila é ornada duma igreja paroquial dedicada a São Brás, a cadeia foi acabada em 1840. Seu porto serve de escala às canoas que vão de Belém para a província de Goiás, e os habitantes de seu distrito, que em 1842 foram avaliados em quatro mil, cultivam tão somente os víveres de que não mister para seu consumo.

Porto de Souza. Povoação da cordilheira dos Aimorés, na margem meridional do rio Doce. É o último povoado que se encontra na província do Espírito Santo antes de entrar na de Minas Gerais. Foi este porto fundado pelo capitão de fragata Antônio da Silva Ponte Leme, que subiu por este rio e assinalou os pontos onde se podiam assentar povoações. As terras são quase todas de boa lavra, e o sítio por extremo acomodado para assento duma vila, que seria grandemente útil aos comerciantes das províncias limítrofes; porém a vizinhança do gentio tem sido a causa da

²³⁹ Atual distrito de Porto das Flores, município de Belmiro Braga/MG. (N/E)

²⁴⁰ Atual cidade de Porto de Pedras/AL. (N/E)

²⁴¹ Atual cidade de Penedo/AL. (N/E)

²⁴² Atual cidade de Santo Amaro das Brotas/SE. (N/E)

²⁴³ Atual cidade de Porto de Moz/PA. (N/E)

Porto do Capitão

negligência que se há posto em utilizar esta situação, e do pouco progresso que tem feito a população. Porém a presença nesta povoação dum destacamento de tropa para rebater as agressões e entradas dos Índios, e as sábias providências dadas a respeito deles por D. João VI, havendo tornado mais tratáveis os Botocondos, dever-se-ia concluir tão útil empresa com a fundação dalgumas colônias, e com o emprego daqueles meios que fossem mais adequados, para facilitar a navegação deste rio tanto na província de Minas Gerais, como na do Espírito Santo.

Porto do Capitão. Porto do rio Magé, na confluência do ribeiro chamado *Rio do Capitão*, na província do Rio de Janeiro.

Porto do Guanhões.²⁴⁴ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Guanhões*.)

Porto do Pontal. Registo da província do Espírito Santo, na margem do rio Doce, ali colocado em 1812 pelo conde de Linhares. (V. *Porto de Souza*.)

Porto do Rio Grande.²⁴⁵ Povoação da província de Goiás, fundada em 1811 na margem direita do rio Araguaia, pelo governador da província Delgado Freire de Castilhos, para favorecer a navegação do rio e o serviço dos correios até o Pará e Maranhão. Acha-se esta povoação perto da confluência do rio das Tesouras, a vinte e cinco léguas da de Santa Rita, e trinta e cinco pouco mais ou menos ao noroeste da cidade de Goiás. Sobem as lanchas pelo rio das Tesouras e pelo do Peixe, seu afluente, até a povoação de Santa Rita, sobretudo na estação das chuvas.

Porto dos Saveiros.²⁴⁶ Povoação da província do Rio de Janeiro, com uma ponte sobre o rio Iguaçu, e uma igreja dedicada a N. S. do Rosário, que depende da matriz da freguesia de Jacutinga.

Porto do Turvo.²⁴⁷ Povoação da província de Minas Gerais, conhecida também com o nome de Turvo de Ajuruoca, com uma igreja de N. S., filial da matriz da vila de Ajuruoca.

Porto Feliz.²⁴⁸ Pequena vila mercantil do sertão da província de São Paulo, vinte e quatro léguas ao poente da cidade deste nome, em vinte e três graus e dezoito minutos de latitude, e em cinquenta graus e quatro minutos de longitude oeste. Foi primitivamente uma aldeia chamada Araritaguba, situada na margem esquerda do rio Tietê, cinco léguas abaixo da cachoeira Itu, a qual foi criada vila, em 1797, pelo governador de São Paulo Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça, que lhe pôs o nome que hoje tem. No porto desta vila se embarcam os passageiros e fazendas que vão por água a Cuiabá. Sua igreja paroquial é dedicada à Mãe dos Homens, e seu distrito fértil, sadio e aprazível é povoado de canaviais, e cultivado de tudo quanto é necessário para a subsistência de seus industriais habitantes, que comerciam, fabricam açúcar e aguardente, e criam grande quantidade de gado. Os gêneros são transportados em bestas muares para as vilas marítimas da província, e o gado é conduzido em boiadas para as cidades de São Paulo e do

²⁴⁴ Atual cidade de Senhora do Porto/MG. (N/E)

²⁴⁵ Atual cidade de Aruanã/GO. (N/E)

²⁴⁶ Atual cidade de Nova Iguaçu/RJ. (N/E)

²⁴⁷ Atual cidade de Andrelândia/MG. (N/E)

²⁴⁸ Atual cidade de Porto Feliz/SP. (N/E)

Rio de Janeiro. Avalia-se a população deste distrito em dez mil habitantes, que vivem particularmente do peixe que apanham nas cachoeiras.

Porto Francês.²⁴⁹ Povoação e porto de mar da província das Alagoas, em nove graus, trinta e nove minutos e quarenta e cinco segundos de latitude, e em trinta e oito graus, um minuto e trinta e quatro segundos de longitude oeste, com uma igreja da invocação de N. S. dos Remédios. O porto, na ponta Massoeira, só admite embarcações que demandam de dez pés d'água para baixo; as que demandam mais esperam fora dele que lhe tragam as cargas em jangadas. Esta povoação é também apelidada Remédios, da invocação de sua igreja.

Porto Grande. Povoação da província do Pará, sobre o rio Guamá. É um dos portos que se acham nas vizinhanças da cidade de Belém, capital da província.

Porto Imperial.²⁵⁰ Vila da província de Goiás, na margem direita do rio dos Tocan-

tins, três léguas ao sul da povoação de Pontal, sobre a estrada do norte, e cento e cinquenta léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Goiás. Foi fundada em 1791, com o nome de Porto Real, pelo governador da província Tristão da Cunha e Menezes, com o intento de promover a navegação do Tocantins, o qual estabeleceu nela um julgado com jurisdição sobre as povoações de Pontal, Carmo e São João das Duas Barras, e uma muda para os correios que iam das províncias do sul para as do norte, e *vice-versa*. Em 1831, foi esta povoação elevada à categoria de vila, trocando-lhe no de Porto Imperial o nome que dantes tinha. Em 1832, teve a nova vila uma escola de primeiras letras, por decreto de 3 de outubro, e em 1840 foi escolhida para cabeça dum colégio eleitoral. Seu distrito foi formado à custa do vasto termo da freguesia de Pontal. Em 1840, um partido dos rebeldes Bem-te-vis, da província do Pará, vendo-se apertados pelas tropas imperiais, se acolheram à província de Goiás, onde imaginavam achar ami-

gos, porém o juiz de direito Cavalcante duma parte, e doutra o presidente da província de Goiás, lhes foram ao encontro com alguma tropa, e fizeram-nos prisioneiros antes de chegar à vila de Porto Imperial.

Porto Novo da Cunha.²⁵¹ Registo da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Paraíba, onde se cobram os direitos dos gêneros que passam desta província para as de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Porto Real.²⁵² Nova missão da província das Alagoas, na margem esquerda do rio de São Francisco, na comarca de Penedo. Os missionários têm a seu cargo de trazer à civilização, e doutrinar o gentio que vive na cordilheira que este rio atravessa; e já ajuntaram várias famílias deles no espaço de duas léguas de terra que lhes foram concedidas pelo governo provincial. Em 1841 compunha-se esta missão de mais de duzentos indivíduos, cento e dous homens e noventa e oito mulheres que começavam a agri-

²⁴⁹ Atual localidade da Praia do Francês, Marechal Deodoro/AL. (N/E)

²⁵⁰ Atual cidade de Porto Nacional/TO. (N/E)

²⁵¹ Atual cidade de Além Paraíba/MG. (N/E)

²⁵² Atual cidade de Porto Real do Colégio/AL. (N/E)

Porto Real

cultar as terras e a assistirem aos ofícios divinos.

Porto Real. Antiga missão da província de Pernambuco, com uma igreja da invocação de N. S. da Piedade. (V. *Porto das Pedras*, vila da província das Alagoas.)

Porto Real.²⁵³ Povoação da província de Goiás. (V. *Porto Imperial*, vila.)

Porto Salvo.²⁵⁴ Freguesia da ilha de Marajó ou de Joanes na província do Pará, na foz do rio Marajó-Açu, perto do mar, e defronte da vila do Conde.

Porto Seguro. Antiga capitania, atualmente comarca da província da Bahia, entre a de Caravelas da parte do sul e a dos Ilhéus da do norte. Seu litoral é de perto de trinta e cinco léguas, e nela se acham os distritos das vilas de Belmonte, Porto Seguro, sua cabeça, e o de Trancoso.

Porto Seguro.²⁵⁵ Vila marítima da província da Bahia, cabeça da comarca do seu nome, em dezesseis graus, vinte e seis minutos e cinquenta segundos de latitude, e em quarenta e

um graus, vinte e três minutos e trinta e três segundos de longitude ocidental. Nos primeiros tempos do descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, El-Rei D. Manoel lançou um forte direito sobre o pau do Brasil, tirado da árvore a que os Índios chamavam ibirapitanga, e uma companhia alcançou o privilégio exclusivo de comerciar com esta madeira, e estabeleceu uma feitoria na baía a que Cabral pusera o nome de *Porto Seguro*, por ter nela surgido com a armada num temporal. Reinando El-Rei D. João III, Pedro de Campos Tourinho alcançou deste monarca uma doação de cinquenta léguas de costa, por carta datada de 27 de maio de 1534, e dous anos depois foi residir para ali com sua família e uma numerosa comitiva, fundando a vila de Porto Seguro numa eminência onde havia mui boa água, e que era em torno regada pelo rio conhecido atualmente com o nome de Buranhém. Como este donatário ali achasse a gente da feitoria, fundou igualmente as vilas de Santa Cruz e de Santo Amaro: sucedeu-lhe seu filho Fernão de Campos Tourinho que come-

çou a desbaratar o que o pai havia granjeado, e por sua morte passou a capitania a uma sua irmã, que a vendeu ao duque de Aveiro D. João de Lancastro em 1556, o qual a fez de novo florescer e fundou duas vilas a que pôs nome Insuacome, aliás Juassema e Santo André, que foram destruídas pelos Aimorés, não ficando em pé senão um engenho. Como os sucessores do duque de Aveiro não cuidassem mais desta capitania, El-Rei D. José a incorporou por compra na Coroa. Desde o ano de 1553 os jesuítas tinham perto da vila de Porto Seguro um colégio, onde doutrinavam os indígenas, e em 1559 erigiram uma capela a N. S. da Ajuda, mas seus esforços, segundo parece, foram mal sucedidos, pois que no cabo de dous séculos não deixaram senão duas aldeias, onde ainda vivem alguns descendentes dos Tupis e dos Aimorés. A vila de Porto Seguro está assentada numa colina, na margem esquerda da embocadura do rio Buranhém. As casas são de madeira e de tijolo, as ruas mal-alinhadas e por calçar. O colégio dos jesuítas serve de casa da câmara.

²⁵³ Atual cidade de Porto Nacional/TO. (N/E)

²⁵⁴ Atual distrito de Porto Salvo, município de Vigia/PA. (N/E)

²⁵⁵ Atual cidade de Porto Seguro/BA. (N/E)

Tem esta vila um hospital da misericórdia para os doentes, órfãos e enjeitados; uma escola de primeiras letras, uma cadeira de latim, cadeia, etc. Sua igreja paroquial, uma das mais antigas do Brasil, é dedicada a N. S. da Penha; além desta há mais duas da invocação de N. S. do Rosário e de São Sebastião. Três povoações, a saber Pontinha, Marcos e Pacatá, quase pegadas entre si, constituem o porto da vila, que jaz numa angra onde os navios se acham amparados dos ventos do sudoeste, mas onde não encontram senão de dez até onze pés d'água, bem que haja dezoito na entrada do rio que é defendido por um forte. Faz-se neste porto comércio com a Bahia, e algumas vezes também com o Rio de Janeiro, e consiste principalmente em madeira de tinturaria da primeira qualidade, pedras finas, madeiras de construção, e garopas de que se fazem pescarias nos Abrolhos durante dous meses do ano. As terras são próprias para os algodoeiros, cafeeiros, canas, e víveres ordinários do país, e de tudo se colhe, mas em pequena quantidade, com ser a parte do Brasil primeiro descoberta.

Começou-se a fazer nesta comarca no ano de 1812 uma estrada que deve ir da vila de Porto Seguro ao distrito de Minas Novas, atravessando a cordilheira até acima do Salto Grande do Jequitinhonha, obra de quarenta léguas; por meio deste rio se poderia ir ter ao sertão da província de Minas Gerais; porém com o receio da vizinhança dos Botocudos, os passageiros são obrigados a não passar por ali senão em ranchos.

Porto Velho.²⁵⁶ Registo da província de Minas Gerais, na cordilheira da Mantiqueira, à margem dum ribeiro tributário da margem esquerda do Paraíba, e ao noroeste da vila de Resende.

Porto Vermelho. Povoação da província de Goiás, à margem da lagoa dos Tigres, que comunica pela margem esquerda com o rio Vermelho. Foi esta povoação fundada por decreto de 6 de julho de 1832, para que houvesse um novo porto de embarque, por via do qual fosse mais fácil a navegação do norte da cidade de Goiás até a província do Pará. Deve-se receber e admitir nela todos os Índios que se

apresentarem, os quais serão postos debaixo da direção dum missionário que lhes distribuirá terras, instrumentos e víveres necessários para poderem aguardar a colheita do que semear. Deve-se também ali pôr um registo e uma alfândega, e segundo o mesmo decreto devia-se edificar um hospício para os órfãos.

Potengi ou Potingi. Rio vulgarmente apelidado *Grande*, e que convinha que se designasse com o seu nome primitivo, como aqui o fazemos, para que não fosse confundido com outros muitos que são conhecidos em quase todas as províncias do Império com o nome de *rio Grande*. Este de que agora tratamos nasce na serra dos Cairiris Novos, atravessa a província do Rio Grande do Norte, quase do sudoeste para nordeste, regando diversas fazendas agricultadas, e engrossando-se com o tributo dum sem número de ribeiros, sujeitos a secarem-se, quando faltam as chuvas, rega a cidade do Natal e o forte dos Reis Magos, distantes entre si obra de meia légua, e vai desembocar no mar, seis léguas ao sul

²⁵⁶ Atual cidade de Iguatama/MG. (N/E)

Poti

do cabo de São Roque. Seu curso tem bastante correnteza na estação das chuvas, mas seu álveo se acha pejado de penedias nas terras altas e de bancos de areia nas chãs, o que faz que não podem navegar nele grandes barcos. Os navios costeiros surgem no porto entre a cidade e o forte, os barcos sobem por este rio dez para onze léguas acima da cidade, e as canoas deitam até o seu nascente, sobretudo na estação das chuvas.

Poti ou **Puti**.²⁵⁷ Vila mercantil da província de Piauí, vinte e seis léguas ao norte da cidade de Oeiras, na margem esquerda do Parnaíba, e ao sul da confluência do rio de seu nome. A comodidade do sítio perto de dous rios, e a fertilidade do solo, foram causa de se estabelecerem no lugar onde jaz esta vila alguns colonos europeus, que no princípio tiveram de defender-se das agressões das tribos Potiguares, comandadas por um Índio civilizado, chamado por isso Mandu Ladino, o qual havia desertado duma aldeia de Pernambuco, e morreu afogado no Parnaíba, em 1710, na ocasião em que se retirava depois

de haver acometido os Portugueses. Como o comércio e a população de Poti, no decurso dum século, se tivesse sensivelmente aumentado, um decreto de 6 de julho de 1839 elevou esta povoação à categoria de vila, desmembrando, para compor o seu distrito, os termos das freguesias de São Gonçalo, da vila de Campo Maior e de Valença, e sua igreja, dedicada a N. S. do Amparo, foi criada paróquia dali a pouco tempo. É esta vila o entreposto dos algodões que descem pelos rios Poti e Parnaíba, e por seus diversos afluentes. Faz-se nela um comércio contínuo dos gêneros do país, os quais são exportados para diferentes vilas circunvizinhas.

Poti ou **Carateús**. Rio cujo nome é derivado do de duas tribos índias que dominavam em suas margens, os Carateús na cordilheira, e os Potiguares nas terras chãs. Nasce este rio do mesmo monte que o Jaguaribe, ao ocidente da serra de Boa Vista, ramo ao sueste da cordilheira Hibiapaba, e faz em seu curso um sem número de voltas, rega várias povoações do termo da freguesia de Catolé, na província de Pa-

raíba, e entrando depois na de Piauí, passa pela povoação de Santana e pela Vila do Príncipe Imperial, e quatro léguas abaixo dela se precipita de cachoeira em cachoeira, rompendo por uma quebrada estreita da cordilheira, abaixo da qual se lhe ajunta pela margem direita a ribeira Macambira. De dez em dez léguas se lhe incorporam os rios Marvão e de São Victor pela margem esquerda, e igualmente o ribeiro Sambita, vinte léguas abaixo do confluente do São Victor, durante este trânsito recolhe alguns riachos insignificantes, e se lança no rio Parnaíba pela margem direita, no cabo dum curso total de pouco mais ou menos cinquenta e cinco léguas. Seu leito, na cabeceira, não sofre navegação senão por meio de presas e outras obras, mas nas terras chãs, desde a confluência do ribeiro Macambira até a sua junção com o Parnaíba, poder-se-ia com pouca despesa torná-lo navegável para grandes barcos: como tem pouco fundo, empregam-se para os transportes embarcações ligeiras. Suas margens são férteis, mas pouco sadias; nelas se colhe grande quantidade de tabaco, e poderia co-

²⁵⁷ Atual cidade de Teresina/PI. (N/E)

lher-se todos os demais gêneros do país.

Potiguaras ou **Potiguares**. Nação de Índios assaz numerosa, que dominava todo o litoral entre o rio Paraíba e a costa do norte, onde desemboca o rio Apodi ou Mossoró, e se estendia ao ocidente até a cordilheira que separa as províncias atuais de Paraíba e de Rio Grande do Norte das de Piauí e do Ceará. Logo que foi descoberto o Brasil, começaram estes Índios a fazer suas trocas e resgates com os estrangeiros que frequentavam clandestinamente aquelas costas, porém de 1535 em diante os donatários opondo-se a esse comércio ilícito, retiraram-se indignados os Índios das bordas do mar, e fizeram continuamente guerra aos Portugueses. Todavia no ano de 1600 Jerônimo de Albuquerque soube ganhar a amizade do chefe deles chamado Sorobabé, e poucos anos depois Martim Soares Moreno, oficial mui distinto que se estabeleceu nas margens do Potengi, soube fazer-se amar destes Índios, adotando os seus costumes: desde então de inimigos que eram se conver-

teram em amigos, e ajudaram grandemente os Portugueses na guerra contra os Holandeses, comandados pelo célebre Camarão, irmão do chefe Jacuína, amigo íntimo de Moreno, e sucessor de Sorobabé. Os escritores contemporâneos não nos deixaram notícia dos costumes e usos dos Potiguares, que se civilizaram dentro em pouco tempo durante a guerra de Pernambuco, e acham-se atualmente pelas margens do Poti, e mais rios do sertão das províncias de Paraíba e do Rio Grande.

Pouso Alegre.²⁵⁸ Pequena vila da província de Minas Gerais, em vinte e dous graus, vinte e sete minutos de latitude, dez léguas ao sul da vila de Baependi, e sessenta ao su-sudoeste da cidade de Ouro Preto. Deram-lhe princípio alguns colonos que se estabeleceram com o intuito de fazer algumas roças num outeiro aprazível, e esta povoação nascente foi indiferentemente apelidada *Pouso Alegre* ou *Pouso Alto*. Edificaram eles uma igreja a N. S. da Conceição, que foi criada paróquia em 1777, e seu termo encerrava já mais de três mil

habitantes, quando um decreto de 13 de outubro de 1831 a condecorou com o título de vila com o nome que hoje tem, assinalando-lhe por distrito os termos das freguesias de Camanducaia, de Ouro Fino, hoje vila *das Caldas*, junto com o da sua própria. Apesar de ter sido este distrito ao depois desmembrado para se fazer os das vilas das Caldas e Camanducaia, sua população é ainda avaliada em mais de quatro mil habitantes, que cultivam víveres e excelente tabaco, criam gado e mineram. Por decreto de 7 de agosto de 1832 criaram-se nesta vila duas escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas. Possui este distrito de 1838 em diante Banhos d'águas termais.

Pouso Alegre. Vila da província de São Paulo, perto da de Minas Gerais, e ao sul da margem esquerda do rio Grande, com uma igreja paróquia dedicada ao Bom Jesus.

Pouso Alegre. Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Pirai, com um correio.

²⁵⁸ Atual cidade de Pouso Alegre/MG. (N/E)

Pouso Alegre

Pouso Alegre.²⁵⁹ Antiga vila da província de Mato Grosso. (V. *Mato Grosso*, cidade.)

Pouso Alegre. Povoação da província de Mato Grosso, nas margens do rio Taçoari, trinta e cinco léguas acima de seu confluente com o Paraguai, em dezoito graus e doze minutos de latitude.

Pouso Alto.²⁶⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes. Sua igreja, cujo orago é N. S. do Carmo, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe deu por filial a igreja da invocação do Espírito Santo.

Pouso Alto.²⁶¹ Lugarejo da província de Santa Catarina, nas margens do rio Capibari, tributário do Tubarão. A estrada que vai da vila das Lages para a cidade do Desterro acaba neste lugar, que serve de porto, onde se embarcam as fazendas e os passageiros que vão para a sobredita vila e cidade, ou delas vêm.

Pouso da Raposa. Lugarejo de recente data da província de Santa Catarina, nas margens do rio Tubarão, entre o mar, e o sítio de Passa Dous, que se acha dez léguas mais acima sobre o mesmo rio, onde se descobriram minas de carvão de pedra.

Pouso Masso. Lugarejo da província de Minas Gerais, sobre o rio Sapucaí, ornado com uma ponte concluída em 1841.

Pouso Novo.²⁶² Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, ao norte da lagoa da Mangueira, e cinco léguas ao sul da cidade do Rio Grande, com uma igreja da invocação de N. S. das Necessidades, edificada no século passado pelos colonos Açoristas. Seus moradores são todos lavradores.

Pouso Seco. Registo importante da província de São Paulo, na serra da Bocaina, a oeste da cidade de Angra dos Reis, onde se cobram os direitos de saída dos gêneros que passam desta província para a do Rio de Janeiro.

Poxeti ou Pocheti. Tribo de Índios da margem esquerda do rio dos Tocantins, abaixo de sua confluência com o Araguaia. Vivem no coração das matas, e passam por antropófagos.

Poxim.²⁶³ Pequena vila da província das Alagoas, na margem direita do rio de seu nome, e a uma légua do mar, com uma ponte sobre o dito rio, e uma igreja paroquial dedicada à Mãe de Deus. Seu distrito se acha limitado, da parte do norte, pelo rio Jiquiá; da do sul, pelo Cururipe; da do oeste, se estende por grandes matas, e a leste banhamo as águas do Oceano. Sua população é avaliada em três mil habitantes, a maior parte de raça indígena, e de alguns brancos que cultivam os gêneros ordinários do país em terras excelentes, e fazem grande quantidade de azeite de mamona, que serve mais para luzes, que para as boticas. Depois da vila a povoação maior deste distrito é a aldeia da Conceição.

Poxim. Pequeno rio da província das Alagoas: corre

²⁵⁹ Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

²⁶⁰ Atual cidade de Pouso Alto/MG. (N/E)

²⁶¹ Atual localidade de Pouso Alto, município de Gravatal/SC. (N/E)

²⁶² Atual cidade de Pouso Novo/RS. (N/E)

²⁶³ Atual distrito de Poxim, município de Coruripe/AL. (N/E)

rumo de leste entre o rio Cururipe e o Jiquiá, rega a vila de seu nome, e duas léguas abaixo delas deságua no mar, três léguas ao nordeste do rio Cururipe.

Poxim. Pequeno rio da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, a que os primeiros exploradores puseram o nome de Juizio, o qual se deveria ter conservado para o distinguir dos outros rios chamados Poxim. Desemboca este rio no mar, sete léguas ao norte do rio Jequitinhonha, e só em sua foz dá navegação com o favor da maré.

Poxim. Ribeirão da província de Sergipe. Nasce nos mesmos montes que Irapirang ou Vaza Barris, corre rumo de nordeste, e vai desaguar no Cotindiba, a pequena distância do mar. Sobem com a maré por este rio as canoas, distância de muitas léguas.

Prado.²⁶⁴ Pequena vila marítima da província da Bahia, na comarca de Caravelas, em dezessete graus e vinte e oito minutos de latitude, e em quarenta e um graus e trinta e três minutos de longitude ociden-

tal; está assentada ao sul da foz do rio Jucuruçu, cujo nome conservou até que uma ordem régia de 1764 lho mudou no de Prado, conferindo-lhe o título de vila; fica arredada da vila de Porto Seguro e ao sul dela obra de vinte léguas, e três ao norte da de Alcobaça. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Purificação, e goza deste título em virtude dum alvará de 20 de outubro de 1795. Um decreto de 16 de junho de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras. Seu porto admite toda a sorte de barcos, e a entrada dele se acha defendida por um forte que fica adiante da vila, na embocadura do rio Jucuruçu. Seu distrito confronta ao norte com o de Trancoso; ao poente, com a cordilheira que separa a província da Bahia da de Minas Gerais; ao sul, com o distrito de Alcobaça, e a leste com o mar. Avalia-se a população dele a dous mil habitantes, que são em geral ativos, cultivam grande quantidade de mandioca, cuja farinha é o principal comércio de que vivem. Este comércio adquiriria maior importância, se fora possível civilizar de todo os Bo-

tocudos, que vivem na vizinhança da estrada que passa pela cordilheira, e deve ir ter até a comarca de Serro Frio.

Prado. Pequena vila da província do Pará, na Guiana brasileira, arredada seis léguas da margem esquerda do rio das Amazonas, e quatorze ao poente da vila de Monte Alegre. Está assentada na margem dum dos sangradouros da lagoa Surubiú, e é povoada de Índios que vivem de veação e pescado e de alguns viveres que colhem com pouco trabalho.

Prados.²⁶⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, três léguas ao nordeste da vila de São José e vinte e quatro ao sudoeste da cidade de Ouro Preto. Sua igreja paroquial, cujo orago é N. S. da Conceição, tem quatro filiais. Seus moradores, que são obra de cinco mil, colhem arroz, feijão e milho, criam gado, fabricam queijos, e cultivam as árvores frutíferas.

Praia da Pedra.²⁶⁶ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, e pequeno porto de mar da freguesia de Guaratiba, or-

²⁶⁴ Atual cidade de Prado/BA. (N/E)

²⁶⁵ Atual cidade de Prados/MG. (N/E)

²⁶⁶ Atual bairro de Pedra de Guaratiba, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Praia das Torres

nado com uma capela dedicada a Santana.

Praia das Torres. Praia dilatada da província de São Pedro do Rio Grande: começa no cabo de Santa Marta, e estende-se do nordeste para o sudoeste obra de trinta léguas até os morros chamados as Torres. A três milhas desta praia acham os navios trinta braças d'água, sendo da banda das Torres a parte onde o mar tem menos fundo, e da banda do cabo de Santa Marta a em que tem mais.

Praia de Pernambuco. Praia arenosa e estéril da província de São Pedro do Rio Grande, ao sul da das Torres; estende-se mais de trinta léguas nor-nordeste para su-sudoeste; ao longo dela, distância de quatro milhas, acha-se sempre de trinta até quarenta braças de fundo.

Praia de Itamaracá. Povoação da província de Pernambuco, na ilha de Itamaracá, e em sua margem oriental, com uma igreja da invocação do Bom Jesus.

Praia do Estreito. Praia da costa da província de São

Pedro do Rio Grande. Começa ao sul da praia de Pernambuco, corre de nordeste para o sudoeste, obra de trinta e cinco léguas até o canal apelidado imprópriamente rio Grande, entre a lagoa dos Patos dum lado e o Oceano doutro. É menos estéril que a de Pernambuco, porém o mar ao longo dela tem pouco fundo, e os navios devem governar-se de modo a conservarem-se pelo menos cinco para seis milhas arredados dela.

Praia dos Anjos. Lugarejo da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio, numa praia do promontório do sobredito cabo. Consta de obra de vinte cabanas dispostas em simetria, com uma capela da invocação de N. S. do Bom Socorro. É povoado de pescadores que salgam e secam peixes. Há neste lugarejo um forno de cal alimentado com pedra calcária tirada dum paul vizinho.

Praia Grande.²⁶⁷ Antiga vila da província do Rio de Janeiro. (V. *Niterói*, cidade.)

Praia Vermelha. Praia arenosa, uma légua ao sul da ci-

dade do Rio de Janeiro, entre as faldas do Pão de Açúcar, e os montes de Copacabana. Martim Afonso de Souza, explorando as costas do Brasil em 1532, deu um refresco a sua tropa nesta praia que então comunicava com a baía de Botafogo por um desfiladeiro, ocupado presentemente pela caserna onde se exercitam os recrutas de infantaria e de artilharia. Esta caserna foi ao princípio um forte edificado em 1701, para tolher aos inimigos de penetrarem na baía de Botafogo, forte que foi ao depois aumentado pelo primeiro vice-rei do Brasil o conde da Cunha, D. Antônio Álvares, e posto no estado em que atualmente se acha pelo marquês de Lavradio, D. Luiz de Almeida de Portugal, terceiro vice-rei do mesmo Estado.

Prata (Rio da). Pequeno rio diamantino da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Nasce dos montes da serra Alegre, corre primeiramente para leste, depois para o norte, e vai incorporar-se com o rio Escuro. Há na margem deste rio, vinte e cinco léguas ao sul da cidade de Paracatu, um registo para

²⁶⁷ Atual cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Presídio do Morro

vigiar sobre o extravio dos diamantes. Da reunião destes dois rios resulta o Paracatu.

Prata (Rio da). Ribeiro da província de Minas Gerais; nasce nos montes que demonstram ao norte do rio Doce, corre no mesmo rumo, regando a povoação de São Domingos da Prata, e vai engrossar o rio Piracicaba com o qual se ajunta pela margem direita, abaixo da confluência do ribeirão de Santa Bárbara.

Prazeres. Lugarejo da província da Paraíba, no distrito Vila do Conde, com uma capela de N. S. dos Prazeres pertencente à ordem dos beneditinos.

Prazeres.²⁶⁸ Povoação da província de Mato Grosso, nas margens do rio Igatimi, afluente do Paraná, em vinte e três graus e vinte e dois minutos de latitude, com uma igreja de N. S. dos Prazeres. Seu termo é fértil, e dá bastante arroz e milho nas terras chãs, e algodão nas altas, mas seus habitantes são sujeitos a febres intermitentes às vezes perniciosas nos meses de fevereiro, março e abril.

Prazeres. Povoação do norte da província de Mato Grosso, nas cabeceiras do rio Cuiabá, com uma capela de N. S. dos Prazeres.

Preá. Aldeia da província do Maranhão, na comarca de Brejo, doze léguas com pouca diferença a és-sueste da vila de Icatu.

Prejibaí. Morro da ilha de Santa Catarina, ramo da corda de serras que corre ao longo dela. O caminho por onde se vai da cidade do Desterro para a vila da Lagoa, passa pelas raízes deste morro.

Presídio de São João Batista.²⁶⁹ Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Barbacena, à beira duma das numerosas correntes de que se forma o rio da Casca, trinta e oito léguas a és-sueste da cidade de Ouro Preto. Deu-lhe princípio em 1781 o governador D. Rodrigo José de Menezes e Castro, o qual mandou fazer um caminho nas matas até a serra Arrepiada, e repartiu com perto de trezentos indivíduos que

o tinham acompanhado as terras auríferas daquele distrito, deixando a Antônio Veloso de Miranda a arrecadação do quinto: pouco tempo depois teve esta povoação um julgado, e sua igreja, cujo orago era São João Batista, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 13 de agosto de 1810. Assim se conservou até que por lei provincial de 15 de março de 1840 lhe foi conferido o título de vila, desanexado o termo de sua freguesia do distrito da cidade de Mariana para constituir o seu, o qual tem por limite ao ocidente o ribeiro Copo e os vertentes do Carangola, e se estende ao norte e ao oriente por matas ocupadas pelo gentio que domina nas margens do rio Manhuaçu. A população civilizada deste distrito passa de quatro mil habitantes, que lavram canas, milho e feijões, destilam aguardente e fazem grandes criações de porcos.

Presídio do Morro.²⁷⁰ Povoação da província da Bahia, que tinha antigamente um julgado.

²⁶⁸ Sítio arqueológico no município de Paranhos/MS. (N/E)

²⁶⁹ Atual cidade de Visconde do Rio Branco/MG. (N/E)

²⁷⁰ Atual povoado de Morro de São Paulo, município de Cairu/BA. (N/E)

Presídio do Rio Preto

Presídio do Rio Preto.²⁷¹ Freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Preto, afluente do Paraibuna, na comarca deste último nome. No fim do século passado estabeleceu-se nesta povoação um julgado, em razão de se achar mui distante das vilas, e no interior das matas, e sua igreja foi condecorada com o título de paróquia, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinou por termo as povoações de São Domingos, de Bocaina, Bom Jardim e Pirapetinga. Há nesta povoação um registo onde se cobram os direitos de saída sobre os gêneros que se exportam para a província do Rio de Janeiro.

Preto. Há no Brasil infinitos ribeiros assim apelidados, motivo por que passaremos em silêncio os que forem de pouca importância para a descrição geográfica, e para tudo o mais de nenhum momento.

Preto. Rio da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco, um dos mais caudalosos afluentes do rio Grande, tributário do que dá o seu nome à sobredita co-

marca. Nasce este rio na serra das Figuras com o nome de Dourado, que seria para desear-se lhe conservasse para não ser confundido com outros muitos rios e ribeiros apelidados com o mesmo nome, e depois de correr obra de quinze léguas por terras desconhecidas e desertas, toma o nome de Preto, passando pela aldeia Formosa, e doze léguas mais adiante rega a freguesia de Santa Rita, antes de ajuntar-se com o rio Grande pela margem esquerda. Seu leito é tortuoso, rápida a sua corrente, altas as margens e cristalinas as águas. Quando os primeiros exploradores penetraram no país que ele rega, acharam-no habitado pelos Índios Chacriabás.

Preto. Rio assaz rápido que serve de limite às províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Nasce no vertente setentrional da serra Ititiaia, ramo da cordilheira da Mantiqueira, faz correndo do poente para o nascente obra de quarenta léguas, e juntando-se com o rio Barros, que vem do norte, ambos unidos trocam os nomes no de Paraibuna. (V. este nome.) Nas cabeceiras deste rio existe um

registo conhecido com o nome de *Cabeceiras do Rio Preto*, o qual se acha a mil e quinhentos pés franceses acima do nível do mar; à margem esquerda deste rio se acha a freguesia do Presídio do Rio Preto.

Preto. Rio da província do Pará, afluente do Tapajós. Ignora-se o lugar donde nasce e as terras que rega; tem correnteza, e suas águas, posto que duma cor negra na aparência, são límpidas; seu leito é profundo, e se termina na margem direita do Tapajós, abaixo das cachoeiras que servem neste ponto de extrema às províncias de Mato Grosso e do Pará. Sua embocadura tem trinta braças de largura.

Preto. Pequeno rio da província de Mato Grosso, que nasce entre o rio Cuiabá e o Paraguai, atravessa o distrito da vila Diamantina, e se ajunta com o rio Arinos pela margem esquerda, trinta léguas acima da confluência do Sumidouro. Na margem deste rio, e a duas léguas da vila Diamantina, se preparam as expedições para a navegação do Arinos e Tapajós até o Pará.

²⁷¹ Atual cidade de Rio Preto/MG. (N/E)

Príncipe da Beira

Preto. Rio da província de Mato Grosso. Os rios Santana e São Francisco Xavier, que nascem na serra Tapirapuã, juntam-se nas faldas dum monte, e vingando por cima dele, formam despenhando-se uma cachoeira que os peixes não podem vingar, e da reunião de suas águas nasce o rio Preto, que é por extremo piscoso até ajuntar-se com o Paraguai, pela margem direita, em treze graus e vinte e cinco minutos de latitude, abaixo do confluente do Diamantino.

Preto. Rio da província de Goiás. Nasce na serra dos Viadeiros, encaminha-se para oés-noroeste, e no cabo dum curso total de cousa de quarenta léguas se incorpora com o rio Maranhão pela margem direita. Há neste rio uma ponte para serventia da estrada do norte da província.

Preto. Pequeno rio da província do Maranhão, na comarca de Brejo, onde faz um grande rodeio do sul para o oeste, recolhendo o ribeiro Mocambo, e indo ajuntar-se com o rio Moni pela margem direita, pouco mais ou menos seis léguas acima da vila da Manga. Em 1841, houve

um projeto de alargar-se o álveo deste rio até cinquenta palmos, entre o seu confluente e o ribeiro Mocambo.

Preto. Ribeiro da província do Espírito Santo. Vem da cordilheira dos Aimorés, corre para o oriente, recolhe o ribeiro Bibirica, e depois de separar o termo da freguesia da Aldeia Velha do da vila de Almeida, vai se lançar no Oceano.

Preto. Ribeirão da província de Minas Gerais. Nasce no vertente oriental da cordilheira que separa a província de Goiás da de Minas Gerais, atravessa a estrada de Goiás à vila de São Romão, e vai engrossar o Paracatu, com que se ajunta pela margem esquerda, um pouco mais longe que o ribeirão das Éguas.

Priaca. Serra da província das Alagoas, oito léguas ao noroeste da vila do Penedo.

Prioca. Serra da província do Ceará que separa o distrito de Aquirás do de Aracati. Parte da que se estende para o sul compete ao distrito de Cascavel.

Príncipe. Povoação da província de Goiás, na estrada que vai para a vila de São João das Duas Barras, cento e trinta e cinco léguas pouco mais ou menos ao nor-nordeste da cidade de Goiás, com uma igreja filial da matriz da vila da Conceição, cujo orago é São Miguel Arcanjo e as Almas.

Príncipe da Beira.²⁷² Forte da província de Mato Grosso, na margem direita do rio Guaporé, uma légua abaixo da confluência do Itunama ou Tunama. Foi primitivamente um mero destacamento colocado em 1759, no sítio de Pedras, por D. Antônio Rolim de Moura, primeiro governador desta província, para se opor às usurpações dos Espanhóis e às entradas do gentio. No ano seguinte, fez o dito governador construir e guarnecer de artilharia um forte num lugar vizinho, a que pôs nome Bragança, em honra da família reinante, o qual foi em breve arruinado por uma cheia. O quarto governador de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque Melo Pereira e Caceres, deu princípio em 1776 ao forte que hoje existe que mandou fazer num outeiro, único daquelas adjacências onde não

²⁷² Sítio arqueológico no atual município de Costa Marques/RO. (N/E)

Príncipe Imperial

chegam as cheias, o qual foi construído em pedra de cantaria, segundo o método do célebre Vauban.²⁷³ É um quadrilátero perfeito flanqueado de quatro baluartes em cada ângulo, com uma ponte levadiça da parte da terra. Há dentro uma caserna, uma casa de abóbada para arrecadar a pólvora, um arsenal, armazéns, cisterna, hospital, cadeia, uma igreja e o quartel do governador. Foi neste mesmo outeiro que os Espanhóis haviam fundado a missão de Santa Rosa, que ao depois abandonaram, em conformidade do tratado celebrado entre as duas coroas em 1750. A população que existe atualmente ao redor deste forte passa de quinhentos habitantes, Índios e mestiços, que vivem da caça e pesca e dos víveres que cultivam.

Príncipe Imperial.²⁷⁴ Vila da província de Piauí, na comarca de Marvão, cinquenta e quatro léguas ao nordeste da cidade de Oeiras, e quatro acima do salto do rio Poti, na cordilheira Hibiapaba. Foi originalmente a povoação das Piranhas, cuja igreja, situada na margem do rio Carateús ou Alto Poti, era da invocação do

Bom Jesus. Por decreto de 6 de julho de 1832, foi esta povoação criada vila, e deu-se-lhe por distrito as terras da província regadas pelo rio Carateús, que foram desmembradas do distrito de Marvão. A população deste distrito é avaliada em dous mil habitantes, entre cultivadores e criadores de gado. A educação moral entretanto parece ter feito pouco progresso neste distrito, pois que na abertura das sessões da assembleia provincial de 1838 o presidente da província pediu se suspendesse o júri desta vila, por falta de pessoas idôneas para encherem o lugar de jurado.

Príncipe Regente. Povoação da província do Maranhão, nas cabeceiras do rio Itapicuru e em sua margem esquerda, obra de trinta léguas acima da vila de Caxias, e dezoito ao nor-nordeste da de Pastos Bons. As canoas de carga vão da vila de Caxias pelo rio acima até a povoação do Príncipe Regente, que se acha defronte do confluente do rio Alpercatas, e as mais pequenas deitam muito mais acima, e entram nos ribeiros que fazem com que o Itapicuru seja na-

vegável. Foi esta povoação fundada em 1807; a facilidade dos transportes e a fertilidade das terras devem contribuir para o seu aumento; infelizmente as guerras civis não empecido à sua prosperidade.

Propiá, outrora **Urubu de Baixo.**²⁷⁵ Vila medíocre e de pouco trato da província de Sergipe, sete léguas ao poente da vila de Itabaiana. A vantagem de seu sítio entre duas lagoas, na margem direita do rio de São Francisco, lhe afiança no porvir um comércio mais ativo e uma população mais numerosa. A mais pequena das lagoas, que é de forma circular, será dentro de poucos anos rodeada de casas, e pelo mesmo teor a margem do rio. A povoação de Urubu de Baixo foi criada vila com o nome de Propiá em 1800. Uma mesquinha igreja da invocação de Santo Antônio serve de paróquia deste distrito, que é separado da província das Alagoas pelo rio de São Francisco, e confronta com a da Bahia da parte do oés-sudoeste. Além duma escola de primeiras letras para meninos, possui esta vila outra para meninas, criada por de-

²⁷³ O autor refere-se ao sistema de fortificação criado pelo arquiteto militar francês Sebastien Le Pestre de Vauban (1633 - 1707). (N/E)

²⁷⁴ Atual cidade de Crateús/CE. (N/E)

²⁷⁵ Atual cidade de Propriá/SE. (N/E)

creto de 1º de setembro de 1831. Há nela todas as semanas um mercado para bastecimento dos lugares circunvizinhos, cujas terras não são de lavra, o que é compensado com os benefícios que resultam de algumas salinas. A câmara arrenda a pesca de uma grande lagoa que fica ao pé daquela em cuja margem está assentada a vila, a qual é por extremo piscosa, e comunica com o rio por um canal natural que atravessa uma planície por espaço de duas léguas. O distrito da vila de Propiá, bem que se estenda muito da banda do poente, não tem mais que mil e duzentos habitantes, em geral Índios da tribo dos Tupinambás, e todavia é esta vila cabeça dum dos colégios eleitorais da província de Sergipe, e o de 1839 constava de sessenta e três eleitores, número que nos parece exorbitante, pois que, em 1843, constou tão somente de quarenta e cinco.

Puicobeje. Tribo de Índios que vivem nas matas ao oriente do rio dos Tocantins, perto do confluente do Araguaia. Falam o mesmo idioma que os Macamecrãs, têm qua-

se os mesmos usos, e estão em relação de amizade com os da aldeia, hoje vila de São Pedro de Alcântara.

Punca. Lagoa da província de Mato Grosso, em sete graus e trinta e quatro minutos de latitude, com um sangradouro sobre a margem direita do rio da Madeira.

Purificação de Japarutuba.²⁷⁶ Freguesia da província de Sergipe. (V. *Japarutuba*, aldeia.)

Purificação dos Campos.²⁷⁷ Vila da província da Bahia, na comarca da Cachoeira. Era uma antiga povoação do mesmo nome, com uma igreja dedicada a N. S. da Purificação, que foi criada paróquia em 1718, e que foi decorada com o título de vila, tirado à vila de Água Fria, cuja população estava há um século no mesmo ser, por decreto da assembleia geral de 10 de julho de 1832, que ordenou se transferissem sem perda de tempo os arquivos da ex-vila d'Água Fria para a vila da Purificação dos Campos. Jaz esta nova vila, vinte léguas ao poente da cidade da Bahia. O decreto de sua criação lhe assinou por

distrito parte do d'Água Fria e da cidade atual da Cachoeira, de cujo distrito bem como do de Santo Amaro se acha separado pelo rio Ipojuca. Em 1842 criou-se nesta vila um colégio eleitoral.

Purina. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; rega o termo da freguesia da Trindade, e se ajunta pela margem direita com o rio Macacu.

Puris. Antiga nação nômade do Brasil que vagava pelas matas da serra da Mantiqueira, e pelas margens do Jequitinhonha, e terras chãs da província do Espírito Santo. Andavam estes Índios inteiramente nus, e comparados com os das demais nações, pareciam pequenos e franzinos, o que não obstante sustentaram longas guerras contra os Aimorés e Coroados, como ainda hoje em dia sustentam contra os Botocudos. Depois do estabelecimento dos Portugueses no Brasil, não cessaram os Puris de viverem na mesma liberdade que dantes, e encontram-se ainda hoje cabildas deles nas matas da província de São Paulo. Andam nus sem outras armas mais que arcos e setas

²⁷⁶ Atual cidade de Japarutuba/SE. (N/E)

²⁷⁷ Atual cidade de Irará/BA. (N/E)

Puru

farpeadas. Como mudam de lugar quando as frutas e veações começam a aguarentar, de maravilha fazem cabanas, e preferem dormir debaixo das árvores, onde se abrigam quando chove, e dormem ao pé do fogo, por causa do frio. São atrevidos e empreendedores na guerra, dissimulados e perversos com os demais Índios, e também com os brancos. Algumas cabildas todavia se acham atualmente de assento em uma aldeia perto do rio Paraíba; onde vivem em paz e em boa harmonia com os Brasileiros.

Puru. Dá-se este nome ao distrito da província do Pará, que se acha encerrado entre o rio Madeira ao oriente, e o rio Puru ao ocidente, formando uma peça de terra de largura de cinquenta léguas. A vila do Crato é a população mais civilizada desta parte da província.

Puru. Rio da província do Pará, cujo nome lhe vem dos Índios Purupurus. Corre do sul para o norte paralelamente com o rio da Madeira, e vai lançar-se no das Amazonas, sobre a margem direita, por quatro braços desiguais, entre o confluente do Madeira e o do Cuari. As margens que dele são conhecidas abundam em cacau, copaveiras, pechurim,

etc., e as terras são ótimas para canas, arroz, baunilha, café, tabaco, mandioca, etc.

Purupuru. Tribo de Índios que dominam nas cabeceiras do rio Puru, na província do Pará.

Puti. Rio da província do Piauí. (V. *Carateús* e *Poti*.)

Puxacare. Tribo de Índios da província de Mato Grosso, que dominam nas matas donde nasce o rio Corumbiara, afluente do Guaporé.

Q

Quajuá. Rio da província do Pará, no distrito da cidade de Belém. Em suas margens, e juntamente na ilha das Onças, por ele formada, havia em 1840 trezentos fogos.

Quaraim.²⁷⁸ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Piratinim, sobre a ribeira de que toma o nome.

Quaraim. Ribeira da província de São Pedro do Rio Grande, onde se lançam os rios Garopa e Jarau.

Quariteré. Rio da província de Mato Grosso, apelidado também rio do Piolho. Nasce na cordilheira Parecis, e vai ajuntar-se com o rio Guaporé pela margem direita, quinze léguas abaixo da aldeia Carlota, e cinco acima dos morros chamados *as Torres*.

Quartel da Regência. Registo da província do Espírito Santo. (*V. Regência Augusta.*)

Quartel de Ourém. Registo colocado na cordilheira dos

Aimorés, para impedir as entradas dos Botocudos, na província do Espírito Santo. Foi fundado no princípio do século que corre no termo de Viana; por ele deve passar a estrada projetada entre a cidade da Vitória e a província de Minas Gerais.

Quartel do Riacho. Registo da província do Espírito Santo, seis léguas ao norte da vila de Almeida, na embocadura dum ribeiro que se lança no mar, chamado por antonomásia o *Riacho*, e que dá navegação a canoas até a aldeia do Campo do Riacho.

Quartel dos Comboios. Registo nas matas da província do Espírito Santo, a pequena distância do mar, e três léguas ao sul do rio Doce. Foi instalado em 1800 pelo capitão-mor da província, Antônio Pires da Silva Pontes, para rebater os acometimentos do gentio. O país que jaz entre a Aldeia Velha e o rio Doce era naquele tempo inteiramente despovoado por espaço de dez léguas de norte a sul, e com a instalação do registo fundou-se em sua vizinhança a povoação da Lagoa do Campo.

Quatias. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que rega o termo do Resende e se ajunta com o rio Paraíba.

Quatis (Serra dos). Serra da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, ao norte da serra da Saudade. Dela nasce o rio Catinga e o do Sono, e vários rios que neles deságuam.

Quatro Oitavas. Serra da província de Minas Gerais, na comarca do Rio de Jequitinhonha, doze léguas pouco mais ou menos oés-noroeste da cidade de Minas Novas. Em 1785 achou-se nesta serra ouro finíssimo; e como os primeiros sertanistas que lavraram aquelas minas tirassem por semana quatro oitavas deu-se este nome àquela serra. A estas minas se deve a fundação da povoação de Conceição e Noruega.

Quatro Vinténs. Ribeiro da província de Minas Gerais que banha a falda do monte onde está fundada a Vila do Príncipe, atualmente cidade do Serro. Depois que as serras auríferas do Serro Frio foram exploradas nos primeiros anos do século passado pelo Pau-

²⁷⁸ Atual cidade de Quarai/RS. (N/E)

Quebra Anzóis

lista Antônio Soares, a primeira pessoa que enriqueceu apanhando ouro neste ribeiro foi uma preta.

Quebra Anzóis. Ribeiro que nasce do vertente ocidental da serra da Marcela, ramo da cordilheira Paranã, corre para o sudoeste, e vai se incorporar com o rio das Velhas da província de Goiás, pela margem direita.

Quebra Cangalha. Serra altíssima e árdua de subir, como de descer. Os almocreves que a atravessam fazendo caminho pela estrada que vai da província de São Paulo para o distrito de Parati, veem-se de ordinário obrigados de consertar as albardas das cavalgaduras ou cangalhas, o que deu origem a esta denominação vulgar.

Quebrangula.²⁷⁹ Povoação da província das Alagoas, no distrito de Vilanova da Assembleia, com uma igreja filial da matriz da sobredita vila.

Quebra Proas. Sétima cachoeira que se encontra no rio Coxim na descida, duas léguas abaixo da cachoeira das Três Pedras e duas e meia acima da

das Furnas. Provém de que neste passo o rio faz de repente uma volta por causa da correnteza do ribeiro Figueira que nele se lança. Os que governam as canoas devem ser peritos neste mister para não irem emproar com os arrecifes.

Quebrobó ou Cabrobó.²⁸⁰ Freguesia da província de Pernambuco, na margem esquerda do rio de São Francisco, abaixo da ilha e da vila de Santa Maria. Esta freguesia é também apelidada *Cabrado*. Sua matriz é dedicada a N. S. da Conceição, e seu vasto termo encerra obra de dous mil habitantes, quase todos de raça branca, que vivem derramados, e colhem bastante algodão e os víveres necessários para seu consumo. Os fregueses que se acham muito arredados do rio de São Francisco se aplicam especialmente à criação de gado que exportam para a Bahia ou para Pernambuco.

Quecuené. Nome índio primitivo do rio da Guiana brasileira, a que os Portugueses puseram o de rio Branco, por causa da cor de suas águas. (V. *Branco*, afluente do rio Negro.)

Queima. Nome dum rio que os primeiros exploradores que penetraram na província de Mato Grosso, no meado do século XVI, chamaram Teriri, nome que se trocou no de Queima, que era o do cabeceira da nação dos Guaicurus que tratou em 1791 com o governador da província, João de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres. Nasce este rio das serras do Camapuã, corre mais ou menos para o ocidente, e vai se lançar no Paraguai pela margem esquerda, vinte e oito léguas abaixo do forte da Nova Coimbra, em vinte graus e cinquenta e sete minutos de latitude.

Queimadas. Povoação da província do Maranhão, no distrito da vila de Brejo.

Queimadas. Nome de duas ilhotas negras, defronte do litoral da província de São Paulo, ao sul da vila de Itanhaém. A mais pequena achase a quatro léguas desta vila, e a maior mui mais arredada do continente, e três léguas ao sueste da mais pequena. Os navios grandes podem coser-se com estas duas ilhotas sem correrem risco. O cume da maior delas jaz em vinte e

²⁷⁹ Atual cidade de Quebrangulo/AL. (N/E)

²⁸⁰ Atual cidade de Cabrobó/PE. (N/E)

quatro graus, vinte e oito minutos e vinte e um segundos de latitude, e em quarenta e nove graus, seis minutos e cinquenta segundos de longitude ocidental.

Queimadas.²⁸¹ Povoação da província da Bahia. (V. *Santo Antônio das Queimadas*.)

Queimadas del Rei. Território cultivado com uma povoação nas matas da província de Pernambuco, defronte da de Ceará.

Queluz.²⁸² Pequena vila da província de Minas Gerais, obra de oito léguas ao sueste da cidade de Ouro Preto, quinze ao nordeste da vila de São João del Rei, e setenta ao norte da cidade do Rio de Janeiro. No princípio do século passado um certo número de aventureiros que foram minerar na serra de Ouro Branco, juntaram-se com os Índios da aldeia Carijós, e erigiram uma igreja a N. S. da Conceição, a qual foi criada paróquia em 1709; edificaram-se ao depois mais duas das invocações de Santo Antônio e de N. S. do Carmo.

Em 1791 o governador da província Luiz Antônio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, afinal elevou esta povoação à categoria de vila. Consta a vila de Queluz de várias ruas, porém só uma é larga e direita, todas as casas são térreas, tirando a da câmara, cujas lojas servem de cadeia. Segundo o barão de Eschwege acha-se esta vila três mil cento e oitenta pés acima do nível do mar. Seu distrito foi desanexado da comarca do Rio das Mortes, por lei de 29 de julho de 1829, e anexado à de Ouro Preto: além do termo da freguesia da vila nele se incluem os de Paulo Moreira, Brumado e Bonfim. A população passa de seis mil habitantes pela maior parte mineiros, o restante consta de criadores de gado e de lavradores de milho, feijões e mais gêneros do consumo ordinário do país.

Queluz.²⁸³ Nova vila e antiga freguesia da província de São Paulo, na segunda comarca. Sua igreja paroquial é dedicada a São João. A assembleia geral, por decreto de 13 de outubro de 1831, criou nesta povoação

uma escola de primeiras letras, e em 1840 a assembleia provincial lhe conferiu o título e honras de vila, compondo o seu distrito com parte do da cidade de São Paulo.

Quemeucuri. Ribeiro tributário do rio Negro na Guiana brasileira, com o qual se ajunta pela margem esquerda, entre a vila de Barcelos e a povoação de Moreira.

Quibanguça. Lugarejo da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói, com uma igreja da invocação de São Francisco; acha-se no termo da freguesia de São Gonçalo. Este lugarejo é vulgarmente apelidado *Quibango*.

Quiçamão.²⁸⁴ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos. Os primeiros Europeus que povoaram estes sítios no princípio do século XVII foram alguns degradados Portugueses e brasileiros que se juntaram com os Índios Puris que então dominavam e erigiram uma capela a N. S. do Desterro. Em 1631 Miguel Aires Maldonado, que residia no Rio

²⁸¹ Atual cidade de Queimadas/BA. (N/E)

²⁸² Atual cidade de Conselheiro Lafaiete/MG. (N/E)

²⁸³ Atual cidade de Queluz/SP. (N/E)

²⁸⁴ Atual cidade de Quissamã/RJ. (N/E)

Quiepe

de Janeiro, alcançou uma grande sesmaria, na qual nunca assistiu, nos campos conhecidos com os nomes de Capivari e de Quiçamão. A viúva dele, tendo-se casado com Luiz de Barcelos Machado, estabeleceu dous morgados para seus dous filhos Luiz e José. Luiz de Barcelos Machado erigiu em 1694 uma igreja que consagrou a N. S. dos Remédios, e que foi revestida pelo bispo Alarcão de alguns dos privilégios de paróquia. José de Barcelos Machado fez obras de maior utilidade, mandando abrir os canais do Furado e da Onça, para ensecar a maior parte das terras que se achavam submergidas pelas águas da lagoa Feia, dando-lhes saída para o mar. Caetano de Barcelos Machado, um de seus netos, mandou edificar uma nova igreja na parte de seu morgado onde assentou de residir, e esta igreja, por alvará de 12 de janeiro de 1755, foi elevada à categoria de paróquia. Criação a que ao princípio se opôs João José de Barcelos Machado, filho do fundador da dita igreja, que pretendia conservar a posse dela, mas afinal no cabo dum ano desistiu da opposição, e fez-lhe mesmo doação de várias peças de terra. O termo da freguesia de Quiçamão e Capivari tem por limite da parte do norte a

lagoa Feia, o canal da Onça, e a barra do Furado, da do oriente e do sul o mar, desde a sobredita barra até a lagoa Geribitiba; e ao ocidente a cordilheira dos Aimorés, perto dos nascentes do Macabu e do Imbé, confrontando da parte deste rio com o termo da freguesia da cidade de Campos. Com ter perto de dez léguas do norte ao sul, e outro tanto do poente ao nascente, a população desta freguesia não passa de dous mil e quinhentos indivíduos, entrando neste número os escravos de ambos os sexos que andam por mil e oitocentos. Um tão pequeno número de habitantes em tão vasta extensão de terras provém, segundo se diz, em primeiro lugar do mau sistema adotado no tempo do governo colonial, o qual dava quinze e até vinte léguas de terra a um só indivíduo que as mais das vezes por desleixo as deixava por cultivar, em lugar de vendê-las por pequenas porções, ou trespassá-las a agricultores mais industriosos, e em segundo da natureza das terras que são completamente arenosas, e alagadiças na estação das chuvas. As povoações de mais gente deste termo são Quiçamão, Carapibu, Capivari, Machadinho, e mais alguns lugarejos. Os objetos principais de agricultura são canas, mandioca, milho e fei-

jões, e os de exportação açúcar e aguardente para o Rio de Janeiro, e cavalos finos e esbeltos, mas não de marca, que se vendem nas cidades do Rio de Janeiro, de Cabo Frio e de Campos. A maior parte dos engenhos e das terras desta freguesia pertencem aos carmelitas e beneditinos. Talvez que, se em vez de pertencerem a estas corporações, se achassem repartidas por vários proprietários, produzissem muito mais do que produzem, com grande proveito dos particulares e do Estado.

Quiepe. Ilhota defronte do litoral da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, cinco léguas ao sul da ilha de Boipeba e meia ao norte da ponte da Muta. É bastante alta, e ladeada de dous esteiros de largura desigual; pelos quais se pode entrar na baía de Camamu, esteiros que só são frequentados dos barcos. Um dos cumes desta ilhota, que em outro tempo era fortificada, se acha em treze graus, cinquenta minutos e cinquenta e oito segundos de latitude, e em quarenta e um graus, dezesseis minutos e cinquenta segundos de longitude ocidental.

Quiiuni. Rio da Gujana brasileira, afluente do rio Negro,

com o qual se incorpora pela margem direita entre a vila de Barcelos, e a freguesia de Moreira.

Quilombo. Serra da cordilheira dos Aimorés, na província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio; assim apelidada por ter sido asilo dos calhambolas.

Quilombo.²⁸⁵ Povoação da província de Minas Gerais, com uma capela de N. S. das Dores, dependente da igreja matriz da freguesia de Ibitipoca, de que dista quatro léguas.

Quilombo. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia da vila de Itaguaí.

Quinguinda. Serra da província de Sergipe, no distrito da vila de Lagarto, a qual serve de extrema neste ponto ao termo da freguesia de Simão Dias.

Quinimura. Tribo índia anti-quíssima que dominava no marítimo da baía de Todos os

Santos antes da vinda dos Portugueses, e que foi dali expulsada por outras nações, e obrigada a recolher-se para o sertão, onde vive ignorada e por ventura se acha extinta.

Quinquinados. Tribo de Índios da província de Mato Grosso, que vivem em aldeias nas margens do Paraguai. Os homens e as mulheres vão buscar trabalho na cidade de Cuiabá, porém não são efetivos nele, nem sabem ter persistência: enquanto lhes dura o dinheiro que hão ganhado de nada mais curam que de embebedar-se.

Quinta. Lugarejo na costa da província das Alagoas, entre a vila de Porto das Pedras e o rio Camaragiba, em nove graus, dezesseis minutos e dezoito segundos de latitude, e em trinta e sete graus, quarenta e dous minutos e quarenta segundos de longitude oeste.

Quipapa.²⁸⁶ Povoação da província das Alagoas, nas margens do rio Jacuípe, com uma justiça de paz.

Quiraçoiava. Serra da província de São Paulo. (V. *Araçoiaba*.)

Quiricaré. Nome índio do rio que os Portugueses abreviaram, chamando-lhe Cricaré, e pelo tempo adiante São Mateus. (V. este nome.)

Quitandé.²⁸⁷ Povoação da província das Alagoas, no distrito da cidade de Maçaió, com uma escola de primeiras letras de meninos criada por lei provincial de 6 de julho de 1839.

Quixaba. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

Quixada.²⁸⁸ Povoação da província do Pará, no distrito da vila de Quixeramobim.

Quixara. Ribeiro da província do Ceará, no distrito da vila do Crato, que separa o termo da freguesia desta vila do da de São Mateus.

Quixeramobim.²⁸⁹ Vila da província do Ceará. (V. *Campo Maior de Quixeramobim*.)

²⁸⁵ Atual cidade de Bias Fortes/MG. (N/E)

²⁸⁶ Atual cidade de Quipapá/PE. (N/E)

²⁸⁷ Atual cidade de São Luís do Quitunde/AL. (N/E)

²⁸⁸ Trata-se presumivelmente de um erro do autor, pois a vila de Quixeramobim pertencia à província do Ceará. (N/E)

²⁸⁹ Atual cidade de Quixeramobim/CE. (N/E)

Quixeramobim

Quixeramobim ou **Quixera-**
mubi. Rio da província do
Ceará. Nasce do norte da cor-
dilheira Hibiapaba, que separa
desta província a de Pernam-
buco, corre rumo de nor-nor-
deste, rega a vila de seu nome,
e se ajunta com o rio Bana-
buiú, afluente do Jaguaribe.

Quixoso. Povoação da pro-
víncia do Ceará, no distrito da
vila de São Bernardo, com
uma capela que depende da
matriz desta vila.

R

Rabeca. Lagoa da província de Mato Grosso, na comarca do mesmo nome. Acha-se no meio de espessas matas, e se assemelha a uma rabeca: dela nasce o rio dos Barbados, afluente do Alegre. A uma légua ao sul desta lagoa existem algumas salinas.

Rabelo.²⁹⁰ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade Diamantina, com uma igreja filial da matriz da freguesia de Curmataí. Seu verdadeiro nome era Contagem, porém trocou-o no de *Rabelo* por isso que assim se chamava o registo que se asentou em sua vizinhança para vigiar sobre o extravio do ouro e dos diamantes.

Rabicho. Serra da província de Mato Grosso, entre o rio Paraguai e o Paraguai-Mirim. Este braço, que o Paraguai deita pela margem direita abaixo da serra de Albuquerque, torna-se a ajuntar com o corpo do rio, ao sul da serra do Rabicho, a qual jaz também ao sul de Nova Coimbra.

Ragado.²⁹¹ Povoação da província de Minas Gerais, cuja igreja é filial da igreja paróquial de São José da Paraíba, em conformidade dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e da invocação de N. S. das Mercês.

Rainha.²⁹² Vila da província de Paraíba. (V. *Vilanova da Rainha*.)

Rainha dos Anjos.²⁹³ Freguesia da província de Paraíba, légua e meia ao nascente da vila do Pilar. Sua igreja, cujo orago era N. S. Rainha dos Anjos, achando-se de todo arruinada, foi a pia batismal transferida para uma capela do engenho de Taipu, dedicada a São Miguel, motivo por que dali em diante foi esta freguesia muitas vezes designada com o nome de São Miguel de Taipu.

Raiz (Serra da). Serra assaz povoada da província de Paraíba, no distrito da vila de São Miguel. Estende-se do nordeste para o sudoeste, a vinte e vinte e cinco léguas do mar, defronte da baía da Traição. (V. *Serra da Raiz*, povoação.)

Raizama. Terceira cachoeira que se encontra descendo no rio Sanguessuga, abaixo da fazenda de Camapuã, na província de Mato Grosso. É de fácil trânsito, e acha-se entre a cachoeira Salinho e a de Taquarapaia, a qual é a que fica mais vizinha do rio Vermelho, donde começa o rio Pardo.

Raizama. Ribeiro da província de Mato Grosso, que atravessa a estrada que corre entre as cidades de Cuiabá e de Goiás. Ajunta-se com o Taçoal, e dão origem ao rio do Peixe, afluente do das Mortes.

Rancho do Pato. Antiga povoação da província de Piauí. (V. *Marvão*, vila.)

Rancho do Povo. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó, nas margens do rio Carateús ou Poti: pertence à freguesia de Catolé.

Rapa. Cabo ou ponta da extremidade setentrional da ilha de Santa Catarina. Os navios de guerra, para entrar na baía deste nome, passam de ordinário entre a ilha do Arvoredo e esta ponta que jaz em vinte

²⁹⁰ Atual distrito de Planalto de Minas, município de Diamantina/MG. (N/E)

²⁹¹ Atual cidade de Mercês/MG. (N/E)

²⁹² Atual cidade de Campina Grande/PB. (N/E)

²⁹³ Atual cidade de São Miguel de Taipu/PB. (N/E)

Rapada

e sete graus, vinte e dous minutos e trinta e um segundos de latitude e em cinquenta graus, cinquenta e dous minutos e vinte e dous segundos de longitude ocidental.

Rapada. Ilha alta e destituída de vegetação, na baía de Angra dos Reis, província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati.

Raposa (Serra da). Serra da província de Pernambuco, e um dos pontos desta província assinalado pelos engenheiros que se ocupam de alevantar uma nova carta.

Raposos.²⁹⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, três léguas ao sul da cidade de Sabará, e treze ao nor-noroeste da cidade de Ouro Preto. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, passa pela mais antiga da província. Um alvará de 15 de abril de 1736 lhe restituiu a igreja de Santo Antônio da povoação do Arraial Velho, que era havia muito tempo sua filial, e que tinha sido criada paróquia no decurso do ano de 1728. Quase um século depois a assembleia geral, por decreto de 14 de julho de 1832, lhe deu mais por filiais as igrejas das povoa-

ções de Rio das Pedras, de Congonhas e de Santo Antônio de Rio Acima. (V. estes nomes.) O termo da freguesia de Raposos encerra quatro mil e quinhentos habitantes, que lavram milho, feijões, arroz e canas que fazem moer em vários engenhos e engenhocas, onde também se fabrica bastante aguardente.

Rãs (Rio das). Rio da província da Bahia, que nasce do vertente setentrional da serra das Almas, que separa esta província da de Minas Gerais, e correndo para o ocidente em terras despovoadas, vai se lançar no rio de São Francisco pela margem direita quase de frente, e um pouco abaixo da confluência do rio Carinheira, nove léguas acima da povoação do Bom Jesus da Lapa.

Rasa. Ilha baixa e oval, de frente da entrada da baía Niterói ou de Rio de Janeiro. Achava-se habitada no tempo do descobrimento do Brasil por Índios da grande nação dos Tamoios, os quais viviam numa aldeia a que chamavam Parapucú, que foi queimada em 1567 pelo governador general do Brasil, Mendo de Sá, que partira segunda vez da Bahia, com o intento de desa-

lojar os Franceses da ilha de Villegagnon e do continente vizinho. O chefe dos Índios Temiminos, chamado Maracaia Guaçu (*Grande Gato* ou *Tigre*), que tinha vindo ajudar o governador nesta facção, foi posto com os seus nesta ilha, que ao princípio foi por isso apelidada dos Portugueses ilha do *Gato*, nome que trocou no de *Rasa*, por ter mui pouca altura. El-Rei D. João VI, no tempo em que residiu no Brasil, mandou dar princípio a um farol nesta ilha, que o Imperador D. Pedro I mandou acabar, mas que não se acendeu senão em 1829 em razão da guerra que então havia entre o Brasil e a república Argentina. Na menoridade do Imperador D. Pedro II fez-se uma ponte da pedra que passa por cima dum vale profundo, que jaz entre o cabo ao sudoeste da ilha e a eminência onde se acha colocado o farol. Dum e doutro lado da ilha se acham as carreiras mais seguidas por onde se entra na baía: a que fica entre o farol e a ilha dos Paios, tem obra de uma légua e um quarto de largura, e os navios que vêm do norte acham nela de treze até vinte braças de fundo; a que fica ao ocidente entre a ilha Redonda e a *Rasa* tem mais fundo, e

²⁹⁴ Atual cidade de Raposos/MG. (N/E)

uma légua pouco mais ou menos de largura.

Rasa. Ilha da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro. Pertence ao distrito da vila de Parati, tem mui pouca altura, e acha-se em pousio.

Rato. Ilha da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati. Tem obra de cem braças de comprimento, é cultivada, e tem uma ponte de pedra onde se desembarca.

Ratones. Chamam-se assim dous ilhotes que jazem na baía de Santa Catarina, defronte da boca do rio do mesmo nome. No maior deles se acha o forte Raton, em vinte e sete graus e vinte e oito minutos de latitude. O mais pequeno, que é um penhasco, se estende do norte ao sul, como o precedente, do qual se acha distante obra de vinte e cinco para trinta braças ao sul. Em redor dum e doutro acha-se de três até nove braças d'água, e mais a certa distância deles.

Ratones. Pequeno rio da província de Santa Catarina, chamado vulgarmente *rio do São José*, por isso que ele passa pelas abas do forte deste nome, e vai desaguar na baía de Santa Catarina da parte do

norte, e defronte da ilha dos Ratones. Dá navegação a canoas por espaço de duas léguas.

Ratos (Ilha dos). Ilhote granítico da baía Niterói, a pequena distância ao sueste da ilha das Cobras. Era muito mais aparente do que o é presentemente depois que foi minado, para se tirar dele pedra.

Ratos (Serra dos). Serra da província do Ceará, no distrito da aldeia de Mecejana.

Ratos (Rio dos). Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande. Desce da serra Geral, corre do norte para sueste e ajunta-se com o rio Jacuí, pela margem direita, nos campos da Vacaria.

Real. Rio que serve de limite às províncias da Bahia e de Sergipe em todo o seu curso, que é de obra de quarenta léguas. Uma linha reta lançada do nascente ao poente da cabeceira deste rio à margem direita do rio de São Francisco acaba por separar de todo estas duas províncias. Corre este rio do poente para o nascente por espaço de trinta léguas por montes, onde frequentes cachoeiras empecem a navegação, e passa légua e meia ao sul da aldeia Geru, hoje vila de Tomar. A maré

Rebojo de João Pinto

deita até a sua primeira cachoeira que se acha a nove léguas do mar. Dali em diante correndo com mais regularidade em um álveo largo, profundo, e arenoso, recolhe os ribeiros Saguim, Guararema e Piauí, todos pela margem esquerda, e deságua no Oceano, sete léguas ao nordeste do rio Itapicuru. A ponta Mangue Seco, que forma a sua embocadura da parte do sul, está em onze graus, vinte e oito minutos e quatro segundos de latitude, e em trinta e nove graus, quarenta minutos e vinte e oito segundos de longitude oeste.

Rebojo da Onça. Passagem do rio Doce, na província de Minas Gerais, onde por causa da muita penedia as águas remoinham. Quando este rio leva bastante água devem as embarcações seguir a carreira da margem esquerda, e na falta delas a da direita. Esta passagem se acha duas léguas abaixo do Rebojo de João Pinto, e uma acima das voltas chamadas do *Eme*.

Rebojo de João Pinto. Passo arriscado do rio Doce, na província de Minas Gerais; fica duas léguas abaixo da confluência do rio Cuiaté, e outro tanto antes do Rebojo da Onça. É uma espécie de enseada onde a correnteza e os rede-

Rebojo do Capim

moinhos são grandes. Atravessa-se seguindo a corrente do meio.

Rebojo do Capim. Passo perigoso do rio Doce, duas léguas abaixo do salto da Figueira. Fazem as águas um grande redemoinho, e são causa por vezes de desastres. Nenhum perigo porém se corre governando com atenção as embarcações na carreira da margem esquerda, bem que as ondas pareçam ali mais agitadas.

Recife. Comarca da província de Pernambuco, criada pela assembleia geral, e desmembrada depois pelas assembleias provinciais, para criar outras novas comarcas. Acha-se atualmente reduzida ao distrito da cidade do Recife, cabeça dela, e ao de Olinda.

Recife.²⁹⁵ Cidade rica, grande e de muito trato, capital da província de Pernambuco, em oito graus e quatro minutos de latitude, e trinta e sete graus e doze minutos de longitude oeste. Algumas casas derramadas num areal, uma légua ao sul da cidade de Olinda, eis o que era o Recife quando os Holandeses se apoderaram daquela posição em o 1º de

maio de 1630. O príncipe Maurício de Nassau mandou fazer vários edifícios que servem atualmente de palácio do governo, de arsenal, de alfândega, etc. Duas pontes juntaram ao continente a ilha de Santo Antônio, e esta ilha é extremidade da península. Os fortes de Brun, do Buraco, do Picão e das Cinco Pontas defenderam por terra e por mar a entrada da nova cidade; porém tendo o príncipe sido chamado para a Europa, os Holandeses, no cabo de vinte e quatro anos de ocupação, se viram investidos por onde quer que se achavam, e obrigados a concentrar nesta só praça todas as suas forças, e a abandoná-la ao depois, como haviam feito nas demais que ocupavam. Entretanto os Portugueses havendo sacudido o jugo espanhol, e aclamado o duque de Bragança por legítimo rei de Portugal com o nome de João IV, recuperaram dentro de pouco tempo todo o Brasil sem grande oposição, e a cidade do Recife passou a ser a capital da província de Pernambuco em prejuízo da de Olinda, que gozava desta prerrogativa antes da estada do príncipe Maurício no Brasil. No ano de 1759, formouse no Recife uma sociedade de

negociantes intitulada Companhia Geral de Pernambuco e de Paraíba, que durou até 1780. Por alvará de 15 de julho de 1809, criou-se nesta cidade uma escola de comércio à custa do Estado, e em 6 de fevereiro de 1821 uma relação cuja jurisdição se estendia às províncias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, composta do governador da província, que era o presidente, e dum número de desembargadores igual aos da relação do Maranhão. Constava esta cidade de três freguesias desiguais e bem distintas: 1º A de São Pedro Gonçalves, que ocupa a península arenosa e alta que se estende ao longo do mar, e se acha separada do continente da banda do ocidente pelo rio Biberibe. Suas ruas são estreitas, porém calçadas, e com boa casaria. 2º A freguesia do Santíssimo Sacramento, que ocupa a ilha de Santo Antônio, entre a península e o continente, entre as águas reunidas dos rios Biberibe e Capibaribe, que vão ao encontro um do outro. Uma ponte com pilares de pedra prende esta ilha com o Recife, e na margem oposta, outra ponte de madeira a ajunta com a terra firme. As ruas desta fre-

²⁹⁵ Atual cidade de Recife/PE. (N/E)

guesia são mais largas, se bem que menos regulares que as do Recife, com passeios dos lados, e andar por calçar. 3º A freguesia do Sacramento, na vila atual de Boa Vista, ao poente das duas precedentes, edificada no continente e em anfiteatro, num terreno desigual, com ruas descalçadas e casas mal-alinhadas, o que é um argumento da negligência que houve da parte da câmara, no que diz respeito à planta deste antigo bairro da capital da província desanexado com a criação da nova vila da Boa Vista. Presentemente que se edificaram muitas casas nos aterros vizinhos do Recife, a povoação dos Afogados é um dos bairros desta cidade. Os edifícios mais notáveis dela são o palácio do governador, restaurado de novo por diligências do presidente da província, Francisco de Barros Rego, barão de Boa Vista; o palácio episcopal, o hospital da Misericórdia e o dos Lázaros, no sítio chamado Coelho. Possui esta cidade, além de várias escolas de primeiras letras para meninos e meninas, um liceu com cadeira de latim, retórica, filosofia, língua francesa e inglesa. A estes estabelecimentos de instrução pública, por decreto da assembleia geral de 11 de novembro de 1831, juntou-se uma cadeira de geometria apli-

cada às artes numa parte do convento dos frades de São Filipe Neri, que foram suprimidos por se acharem implicados numa rebelião, e seus bens foram aplicados para o hospício dos Órfãos, estabelecido no convento dos Teresos, igualmente suprimidos por decreto de 25 de agosto antecedente. Além das duas igrejas paroquiais há nesta cidade outras muitas pertencentes a várias irmandades, como são a do recolhimento das mulheres e órfãos, o convento dos religiosos de N. S. da Glória, o dos franciscanos, carmelitas e da congregação do Oratório. Em 1810, segundo o numeramento que então se fez, a população da cidade do Recife era de cinco mil, trezentas e noventa e uma almas; atualmente consta de mais de doze mil habitantes livres e de perto de seis mil escravos de ambos os sexos. Bem que cercada de toda a parte d'água, carece esta cidade de fontes, e os moradores não podendo servir-se das águas do Capibaribe e Biberibe, por se acharem misturadas com as do mar, viam-se obrigados a irem buscar a de que haviam mister a Olinda abaixo duma cachoeira do rio Biberibe, e a transportá-la para o Recife em barris; porém a assembleia provincial de 1837 autorizou por uma lei especial o governo da provín-

cia a conceder um privilégio aos que fizessem os trabalhos necessários para prover d'água potável a cidade, e em 7 de setembro de 1842, dia aniversário da independência do Brasil, as autoridades assentaram a primeira pedra dum aqueduto de duas léguas de comprimento, pelo qual as águas dum ribeiro apelidado rio da Prata deviam de vir ter às principais praças da cidade. O porto do Recife faz um comércio considerável com a Europa de açúcar bruto, madeira de marcenaria, de marchetaria e de tinturaria, e particularmente de algodão de superior qualidade, mui procurado nos mercados da Europa. A barra a leste do forte do Picão é um mau surgidouro desde abril até julho, e os navios devem fugir de surgir ao pé da muralha de rocha de que a cidade se acha anteparada, sobretudo nas luas novas e cheias. O mais cômodo surgidouro é ao norte do Picão o chamado do Poço, que oferece em todo o tempo de dezesseis até trinta pés d'água, e consiste em uma espécie de caldeira formada por parcéis que parecem ser a continuação dos arrecifes que se veem ao longo da costa, os quais fenecem no forte do Picão que defende este surgidouro como também o fazem os fortes do Buraco e de

Reditiba

Brun, situados na península entre as cidades do Recife e de Olinda; infelizmente nesta ancoragem ficam os navios expostos a todos os ventos, e são obrigados a fazerem-se ao largo nas monções do sul. Os navios que não demandam mais que dez até doze pés d'água podem entrar com a enchente da maré no porto do Mosqueirão, entre a cidade e a muralha de rocha em cuja extremidade se acham o forte do Picão e um farol que se avista do mar a três léguas de distância, e ainda assim devem de passar por cima dum banco de areia, que na vazante das marés oferece sete pés d'água, e na enchente quando muito doze, assim que devem coser-se com a muralha de rocha que abriga este porto contra os ventos de leste. Consta o distrito da cidade do Recife de trinta e oito mil habitantes livres e escravos, que são em geral ativos. Os do campo cultivam canas nas terras chãs, e algodão nas altas; os da cidade aplicam-se ao comércio, à navegação, e mostram alguma repugnância para as artes mecânicas, e para tudo quanto diz respeito à indústria. Três estradas iguais vão ter ao Recife: a que vem da Bahia atravessa o seu distrito da banda

do sul; a que vem das províncias de Goiás e de Piauí, passa por ele na parte que respeita ao poente, e pela que respeita ao norte a que vem do Maranhão, Ceará e outras províncias setentrionais.

Reditiba. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, apelidado também *São Gonçalo*, nome que se deveria proscrever para evitar a confusão que naturalmente deve resultar, havendo outros muitos conhecidos com este mesmo nome. Nasce o Reditiba do vertente oriental da mesma serra que o Paraíba, corre do poente para o nascente separando a freguesia de Mambucaba da de Parati, e vai desaguar numa enseada da baía de Angra dos Reis. Dá navegação a canoas por espaço de muitas léguas.

Redonda. Ilha do Oceano defronte da entrada da baía Niterói ou de Rio de Janeiro, ao ocidente da ilha Rasa, em vinte e três graus, três minutos e quarenta e cinco segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, trinta e sete minutos e dezenove segundos de longitude ocidental. Deu-se-lhe este nome por ser de forma circular, pela qual é fácil

de conhecer-se bem como pelos arrecifes brancos e juntamente verdes. Pode-se aportar nela sem perigo, exceto quando as ondas andam alevantadas, e prover-se d'água e de lenha. Entre a ilha Redonda e a Rasa, a uma légua da parte do nascente, corre um esteiro por onde fazem carreira os navios que vêm do sul, os quais encontram em todo o tempo nele vinte e quatro braças de fundo.

Redonda. Ilhota da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro, no distrito de vila de Parati, com obra de duzentas braças de comprimento.

Redondo.²⁹⁶ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Queluz, légua e meia ao norte do rio Parapeba, com uma igreja dependente da matriz da freguesia de Congonhas de Queluz. A estrada de São João del Rei para a cidade de Ouro Preto passa por esta povoação, onde nos dias de semana não se encontra ninguém; porque os moradores, pela maior empregados no cultivo e amanho das terras, só ali vão nos Domingos e dias-santos para assistir aos ofícios divinos e

²⁹⁵ Atual distrito de Alto Maranhão, município de Congonhas/MG. (N/E)

divertirem-se, e voltam ao depois para suas herdades.

Regência Augusta. Registo da província do Espírito Santo, na margem direita da embocadura do Rio Doce. Serve de entreposto das fazendas que devem ser encaminhadas para os diferentes portos da cabeceira do rio. Dão-lhe também o nome de *Quartel da Regência*.

Regeneração. Nova vila da província do Pará. Era uma simples povoação que foi criada vila por lei da assembleia provincial de 30 de abril de 1841, com condição expressa que ficava a cargo dos moradores a fábrica da casa da câmara, cadeia, e mais edifícios indispensáveis numa vila.

Regente. Serra notável por sua altura e extensão, na província do Rio Grande do Norte. Dão-lhe o nome de Porto Alegre depois que num dos seus montes se criou a vila, que assim se intitula.

Registo do Paraíba.²⁹⁷ Registo da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Paraíba, cinco léguas

acima da confluência do Paraíba. Foi instalado em 1723, para precaver as entradas dos Índios, e reprimir o extravio do ouro. Presentemente pertence ao distrito da vila da Paraíba do Sul.

Reis Magos.²⁹⁸ Aldeia da província do Espírito Santo. (V. *Almeida*, vila.)

Reis Magos. Rio da província do Espírito Santo, a que os Índios chamavam *Apiaputanga*. Vem do norte do monte de Mestre Álvaro, corre para o oriente, e rega sucessivamente a Aldeia Velha e a vila de Almeida antes de lançar-se no Oceano, junto ao forte de seu nome, que jaz em dezenove graus, cinquenta e quatro minutos de latitude, e em quarenta e dois graus e trinta e um minutos de longitude ocidental. Sobem por ele as sumacas até o porto de Almeida, e as canoas deitam cinco léguas mais acima dele.

Reis Magos. Forte da província do Rio Grande do Norte, na ponta meridional da foz do rio Potengi ou Grande, em cinco graus, quarenta e cinco minutos e zero segundo de

latitude, e em trinta e sete graus, trinta e quatro minutos e quarenta e seis segundos de longitude oeste. Jerônimo de Albuquerque mandou fazer nesta ponta em 1597 um entrincheiramento de madeira, que os Índios investiram por diversas vezes no primeiro ano, porém este oficial superior soube conquistar a amizade do chefe Sorobabé com quem fez aliança, e a guarnição continuou a residir ali sem novidade, até 1602 ou 1603, época em que se retirou Senhores da província de Pernambuco, os Holandeses intentaram em vão por diversas vezes tomarem este forte, porém afinal no cabo duma ação mui renhida na qual o comandante havia sido ferido, um sargento de inteligência com um certo Ortegueira apoderou-se de noite das chaves do forte que o comandante tinha debaixo do travesseiro, e o entregou ao almirante holandês Ceulie, o qual observou os artigos da capitulação que na véspera havia oferecido. Depois da expulsão dos Holandeses fizeram-se muitas obras neste forte que se acha grandemente augmentado, e é tido em conta

²⁹⁷ Atual cidade de Comendador Levy Gasparian/RJ. (N/E)

²⁹⁸ Atual distrito de Nova Almeida, município de Serra/ES. (N/E)

Remédios

duma das principais fortalezas do Império. Acha-se rodeado d'água nas enchentes das marés.

Remédios.²⁹⁹ Povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de N. S. do Remédio, filial da matriz de Chopotó.

Remédios.³⁰⁰ Lugarejo da província da Bahia, com uma igreja de N. S. do Remédio, pertencente à freguesia da vila do Rio de Contas.

Remédios. Grupo de ilhetas povoadas de arvoredos de frente do continente da província de Santa Catarina, ao sul da ilha de São Francisco. A mais meridional delas está em vinte e seis graus, vinte e nove minutos e vinte e oito segundos de latitude, e em cinquenta e um graus, um minuto e cinquenta e nove segundos de longitude ocidental.

Remédios.³⁰¹ Povoação da província das Alagoas. (V. *Porto Francês*.)

Repuni ou **Repunuri.** Ribeira da Guiana, que rega os campos do Brasil chamados

do Rio Grande, e dirigindo-se rumo de noroeste atravessa a serra Baracaina, onde extrema o Brasil da Guiana inglesa, e tomando depois para o norte se lança em três graus e cinco minutos de latitude setentrional no rio Essequibo, que deságua no Oceano, trinta léguas a és-sueste da embocadura do Orenoco.

Reritigbá ou **Assunção de Reritigbá.**³⁰² Aldeia da província do Espírito Santo. (V. *Benevente*, vila.)

Reritigbá. Rio da província do Espírito Santo, com o qual diversos escritores se enganaram dando este nome ao rio Cabapuana, que separa a província do Espírito Santo da do Rio de Janeiro. O Padre Vasconcelos, um dos mais antigos escritores do Brasil, caiu neste erro, não obstante haver expressamente declarado que “o rio Reritigbá ficava a quinze léguas do Espírito Santo,” sendo que o Cabapuana jaz a mais de trinta ao sul. Pizarro, escritor do século atual, incorreu também no mesmo erro, dizendo inconsideradamente numa nota: “O rio Reritigbá é presentemente conhecido

com o nome de Camapuã.” Ao passo que no artigo de N. S. da Assunção assegura em termos explícitos que “o rio Reritigbá fica a seis léguas do Guatapari e a vinte e cinco léguas ao norte do rio Paraíba; que os jesuítas fundaram a aldeia Reritigbá num monte, ao pé do rápido Reritigbá; que a igreja desta aldeia era dedicada a N. S. da Assunção, e ajunta sempre no mencionado artigo que o rio conhecido com o nome desta aldeia banha a costa meridional da vila de que trata.” Circunstâncias estas que são todas exatas respeito ao rio Reritigbá, e inteiramente falsas pelo que toca ao Cabapuana ou Camapuã, como outros o apelidam. O Reritigbá, mais conhecido em sua foz com o nome de Benevente, é navegável desde o mar até a cordilheira dos Aimorés, donde nasce por espaço de obra de oito léguas. Em sua barra podem surgir grandes brigues, e nela se fazem embarcações cuja madeira é reputada excelente.

Resende. Uma das seis comarcas em que se acha repartida a província do Rio de Janeiro. Foi criada por lei pro-

²⁹⁹ Atual cidade de Senhora dos Remédios/MG. (N/E)

³⁰⁰ Atual distrito de Remédios, município de Novo Horizonte/BA. (N/E)

³⁰¹ Atual localidade da Praia do Francês, Marechal Deodoro/AL. (N/E)

³⁰² Atual cidade de Anchieta/ES. (N/E)

vincial de 13 de abril de 1835, encerra os distritos de Resende, Barra Mansa, São João do Príncipe e Pirai, e tem por cabeça a vila de seu nome.

Resende.³⁰³ Vila da província do Rio de Janeiro, cabeça da comarca que tem o mesmo nome. Está situada numa eminência, a pequena distância da margem direita do rio Paraíba, e trinta léguas ao noroeste da cidade do Rio de Janeiro, e dezoito ao norte da de Angra dos Reis. Simão da Cunha Gago, vendo-se obrigado a retirar-se da província de São Paulo, talvez porque fosse incurso em pena de degredo por algum crime que cometera, fez com o governador D. Luiz de Mascarenhas, que o autorizasse a ir a descobrimento de minas de ouro, e a trazer à civilização os Índios, expedientes então empregados pelos criminosos para alcançar o perdão. Abriu-se Gago caminho por meio de matas virgens, e atravessou rios com alguns amigos que lhe fizeram companhia na desgraça, e asentaram morada em 1744, ele e os companheiros, numa planície rodeada de montes assaz arredada da margem meridional do rio Paraíba, a que puseram nome Campo Alegre.

Edificou-se neste sítio passado tempo uma igreja que foi dedicada a N. S. da Conceição, e serviu de paróquia aos novos sertanistas, os quais ao depois se derramaram pelas partes do norte e por onde quer que a extração do ouro dava menos trabalho. Esta igreja foi legalmente criada paróquia por alvará de 2 de janeiro de 1756, e seu termo, mal povoado, começava na serra da Bocaina pegada com o distrito de São João Marcos, estendia-se ao norte além do rio Paraíba, e chegava até os rios Preto e Paraibuna, e do nascente ao poente, entre a linha norte e sul da junção do rio Pirai até os confins da província de São Paulo. Até o ano de 1782, os moradores de Campo Alegre, como os de São João Marcos, não conheceram outras pessoas a quem devessem obediência, senão os padres que lhes diziam a missa e os governavam conforme lhes parecia. O vice-rei Luiz Vasconcelos e Souza fez uma exata demarcação destes termos, e estabeleceu neles companhias de milícias, cujos oficiais levavam vantagem aos padres em despotismo. O que não obstante, foi aquela povoação crescendo, bem que com vagar, a ponto de ser

honrada com o título de vila em 1801, pelo vice-rei D. José Luiz de Castro, conde de Resende, que lhe deu por nome o de seu título. Em 1830, foi esta vila dotada duma escola de primeiras letras, por decreto de 14 de junho, a qual foi aberta somente no princípio de 1837. Possui esta vila um hospital com vinte camas, onde se recebem alguns alienados, porém os seus rendimentos são escassos, o que não obstante admitem-se neles os enjeitados, e é ornada de fresco uma fonte. Seu distrito consta do termo de sua freguesia e dos de Campo Belo e de São Vicente Ferreira com o curato de Santana. Em 1843, seu colégio eleitoral foi de trinta eleitores. As terras em geral são boas, e plantadas de canas que alimentam anualmente cinco engenhos, onde além do açúcar se fabrica aguardente de cana e cachaça. Depois da estada da família real no Brasil plantaram-se grandes cafezais; o linho dá-se ali mui bem, mas os lavradores semeiam mui pouco, por isso que este gênero de cultura, segundo dizem, lhes dá muito trabalho. Várias estradas atravessam este distrito, as quais vão do Rio de Janeiro para as províncias de Minas Gerais e

³⁰³ Atual cidade de Resende/RJ. (N/E)

Ressaca

de São Paulo, e é regado pelo rio Paraíba, que corre do poente para o nascente, e por muitos ribeiros todos seus tributários, sendo o mais considerável o rio Piraiá. Somente no termo da freguesia da vila se contam cinco mil habitantes, que além das canas e café de que já falamos lavram mandioca, feijões, arroz, milho e tabaco, cujo excedente exportam para o Rio de Janeiro em bestas muares. Os montes que acompanham as duas margens do rio estão enevoados durante uma parte do ano, e os ventos e geadas empecem a plantação dos algodoeiros e das árvores frutíferas. A grande quantidade de milho que se colhe é empregada na ceva dos porcos e galinhas para bastecimento da capital do Império.

Ressaca. Aldeia da província da Bahia, fundada pelos jesuítas em 1560, à margem direita e na embocadura do Jacuípe. (*V. Santo Antônio e Jacuípe, ribeirão.*)

Retiro.³⁰⁴ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha, na margem direita do rio

de São Francisco, com uma capela dependente da igreja paroquial da povoação de Morrinhos.

Retiro Grande e Retiro Pequeno. Pontas do litoral da província do Ceará, distantes entre si de cinco léguas, ao sueste da embocadura do rio Jaguaribe; numa delas há um lugarejo chamado Retiro, que fica a oito léguas da vila de Aracati.

Riachão.³⁰⁵ Nova vila da província do Maranhão, ao sudoeste e na comarca de Pastos Bons. Está assentada na cabeceira dum ribeiro que se lança no rio das Balsas, afluente do Parnaíba. A povoação do Riachão foi criada vila por lei da assembleia provincial, e seu distrito confronta, ao norte, com o da vila da Chapada; ao poente e sul, é circunscrito pelo rio de Manoel Alves e pelas matas que ele rega; e ao nascente, pelo Paraíba. Os rebeldes da facção Bem-te-vi fugindo das forças imperiais que os acoassavam nas províncias do Maranhão e de Piauí, se acolheram em 1842 a esta nova vila.

Riachão.³⁰⁶ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Jacobina, nas margens dum ribeiro de que toma o nome, o qual deságua no rio de São Francisco, perto da serra do Riachinho: tem escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Riachinho. Serra da província da Bahia, ramo ocidental da serra do Cincurá, na comarca de Jacobina, arredada da margem direita do rio de São Francisco; passa ao pé dela a estrada que vai da província de Piauí para a cidade da Bahia.

Riacho da Areia. Lugarejo da província de Minas Gerais, onze léguas a és-nordeste da vila de Pitanguí, na margem esquerda do ribeiro Areia, que acarreta ouro e pedras finas. Há nesta povoação um registo para vigiar sobre o contrabando do ouro, e impedir a busca dos diamantes.

Riacho de São Lourenço. Território e ribeiro que o rega na província de Minas Gerais e no distrito da vila da Formiga; a estrada que vai desta

³⁰⁴ Atual cidade de Santo Antônio do Retiro/MG. (N/E)

³⁰⁵ Atual cidade de Riachão/MA. (N/E)

³⁰⁶ Atual município de Riachão do Jacuípe/BA. (N/E)

vila à de São Romão lhe passa pelo meio.

Riacho do Coronel. Lugarinho da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

Riacho do Meio.³⁰⁷ Antiga povoação da província das Alagoas. (V. *Vilanova da Assembléia.*)

Riacho do Sangue. Nova vila e antiga freguesia da província do Ceará. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição. A povoação de Frade faz parte do distrito desta vila, que é regada pelo ribeiro de seu nome. Em 1844 constou o seu colégio eleitoral de vinte e seis eleitores.

Riacho Fundo.³⁰⁸ Lugarinho da província do Ceará, no distrito da vila de Viçosa, de que dista oito léguas. Em maio de 1840 os rebeldes se achavam com grande parte de suas forças postadas neste povo.

Ribeira.³⁰⁹ Lugarinho da província do Maranhão, donde as forças imperiais desalojaram os rebeldes em 22 de maio de

1840, tomando-lhes o reduto em que se achavam entrincheirados.

Ribeirão ou Lapa do Ribeirão.³¹⁰ Nova vila e antiga freguesia da ilha de Santa Catarina, no fundo duma enseada, duas léguas ao sul da cidade do Desterro. Manoel de Vargas Rodrigues mandou fazer em 1760 uma capela para sua família e vizinhos, e a dedicou a N. S. da Lapa. Como no princípio do século presente a população do Ribeirão passasse de mil e duzentas almas, foi a capela substituída por uma igreja de pedra, a qual foi sagrada em 2 de fevereiro de 1806. Solicitaram então os habitantes para ela o título de paróquia, o qual lhe foi conferido por alvará de 11 de julho de 1809. Passados dez anos, instaram por que se concedesse à nova freguesia o título de vila, porém não foram bem sucedidos nesta representação nem no governo d'El-Rei D. João VI, nem no do Imperador D. Pedro I, e somente o conseguiram em 1839 ou 1840 por uma lei provincial. O distrito da vila do Ribeirão é formado da parte

meridional da ilha de Santa Catarina, e acha-se separado da parte do norte do da cidade do Desterro pelos ribeiros Tavares e Caiacanga-Mirim. Sua população sobe arriba de dous mil habitantes, que lavram canas além dos víveres usuais do consumo, fabricam aguardente de cana, e açúcar para exportação, e alguns se aplicam também a pescarias e salgação do pescado, que tem extração na cidade do Desterro e em várias vilas. Há neste distrito obra de quarenta alambiques que trabalham cinco para seis meses no ano.

Ribeirão.³¹¹ Freguesia da província de Mato Grosso, com um forte no confluente do ribeiro de que toma o nome. Está assentada na margem direita do rio Madeira, seis léguas abaixo da junção dos rios Guaporé e Mamoré, donde o Madeira começa a correr com o nome que tem, e é povoada de brancos, Índios e mestiços, que vivem de caçadas, pescarias, e alguns víveres que cultivam. Muitos dão a esta freguesia o nome de São José do Ribeirão, por ser este santo o orago de sua igreja. A pequena

³⁰⁷ Atual cidade de Viçosa/AL. (N/E)

³⁰⁸ Atual cidade de Jaguaratama/CE. (N/E)

³⁰⁹ Atual distrito de Ribeira, município de Icatu/MA. (N/E)

³¹⁰ Atual distrito de Ribeirão da Ilha, município de Florianópolis/SC. (N/E)

³¹¹ Atual distrito de Ribeirão dos Cocais, município de Nossa Senhora do Livramento/MT. (N/E)

Ribeirão

distância dela se acha o forte com uma pequena guarnição destinada a rebater as invasões dos Índios bravos, que atualmente vivem em sossego: esta guarnição recebe os víveres da fortaleza do Príncipe da Beira, sendo mais natural que os cultivassem os próprios soldados. Os moradores desta freguesia ajudam aos navegantes a transportar por terra as fazendas e embarcações que vão para o Pará e Mato Grosso. As margens do Madeira na vizinhança do Ribeirão são povoadas de cacauzeiros, e abun abundam em árvores balsâmicas e em salsaparrilha, que ali se dão espontaneamente e sem amanho algum.

Ribeirão. Nome dum ribeiro caudaloso da província de Mato Grosso, que vem do norte da cordilheira Parecis, rega uma vasta extensão de terras despovoadas, passa pela povoação de seu nome e se ajunta pela margem direita com o rio Madeira, seis léguas abaixo de sua confluência com o Guaporé e Mamoré.

Ribeirão. Terceira cachoeira do rio Madeira na descida, uma légua pelo menos abaixo

da cachoeira Misericórdia. Consta a cachoeira Ribeirão de cinco saltos de distância em distância, cada qual mais ou menos alto. Transportam-se por terra as fazendas obra de uma légua, e as canoas vazias são puxadas à sirga, e ainda assim em certo passo, posto que na verdade de curta extensão, é mister transportá-las por terra. Esta cachoeira é a décima quando se sobe pelo Madeira, e acha-se em dez graus e dez minutos de latitude perto da freguesia do Ribeirão.

Ribeirão da Areia. Registo da província de Minas Gerais, três léguas ao nordeste da vila de Pitangui.

Ribeirão da Areia. Ribeirão da província da Bahia, que nasce na serra do Cincurá e se incorpora com o rio de Contas pela margem esquerda.

Ribeirão de Lages.³¹² Nova freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *São Pedro e São Paulo*.)

Ribeirão de Lages. Ribeirão da província do Rio de Janeiro. (V. *Lages*, ribeirão.)

Ribeirão do Bezerro. Ribeiro da província de Goiás, que nasce nas adjacências da serra de São Domingos, corre no rumo do poente, passa a três léguas da freguesia de Araraíás, e entra no rio Paranã pela margem direita.

Ribeirão do Carmo.³¹³ Antiga vila da província de Minas Gerais, criada em 1711. (V. *Mariana*, cidade.)

Ribeirão do Carmo. Ribeirão aurífero da província de Minas Gerais, descoberto em 1700. Nasce perto da cidade de Mariana, corre ao ocidente em torno dela, e tomando ao depois um curso tortuoso do nascente para o ocidente, rega as povoações de São Sebastião e de Barra Longa, aliás São José, e se ajunta com o rio Gualacho pela margem direita, dobrando-lhe o cabedal, depois de haver percorrido obra de dezoito léguas em linha reta, e perto de trinta contando-se-lhe as voltas que faz.

Ribeiras Vizinhas. Povoação da província do Rio Grande do Norte, nas adjacências da de Paraíba, com uma escola de primeiras letras, criada por de-

³¹² Atual cidade de Paracambi/RJ. (N/E)

³¹³ Atual cidade de Mariana/MG. (N/E)

creto da assembleia geral de 3 de outubro de 1832.

Rico. Ribeiro aurífero da província de Goiás, descoberto em 1741, debaixo dos auspícios do governador de São Paulo e de Goiás, D. Luiz Mascarenhas, cujo curso se ignora, dado que se suponha ser um dos afluentes do rio Corumbá ou do dos Bois.

Rijo. Pequena ilha mui alta da baía Niterói, perto da do Governador, na província do Rio de Janeiro.

Rincão. Vasta fazenda nacional, na província de São Pedro do Rio Grande, nas margens dos rios Pardo e Jacuí, vinte léguas pouco mais ou menos, ao poente da cidade de Porto Alegre.

Rincão de São Vicente. Sítio aprazível da província de São Pedro do Rio Grande, nas margens do rio Jaguari. É um passo deste rio assaz frequentado, onde em 1840 se aquartelaram para passar o inverno as tropas imperiais, quando voltaram do distrito de Alegrete.

Rio Abaixo. Lugarejo da província de Mato Grosso, perto dos montes das Grutas, no termo da freguesia de Nova Coimbra.

Rio Abaixo.³¹⁴ Povoação da província de Minas Gerais, nas margens do rio de Santo Antônio. (V. *Santo Antônio Abaixo*.)

Rio Bonito.³¹⁵ Freguesia da província do Rio de Janeiro, dezesseis léguas a és-nordeste da capital do Império, e oito a leste da vila de Macacu, aliás Santo Antônio de Sá. Como a população do Brasil se tivesse grandemente aumentado no marítimo e costas mais frequentadas, alguns moradores delas e os colonos que vinham sucessivamente chegando, se derramaram pelas diversas cordas de montanhas arredadas do mar, e fundaram nelas várias fazendas que se converteram com o tempo em outras tantas povoações. Tal foi a origem da que existe na margem do rio Bonito e doutras da vizinhança, as quais jazem em terras que haviam sido apenas exploradas em 1755, época em que Gregório Pereira Pinto fez uma grande fazenda

com uma capela que dedicou à Mãe de Deus. Depois da criação desta capela em 1760, a população se foi progressivamente aumentando, e edificou-se uma nova igreja meia légua mais ao poente, a qual foi dedicada a N. S. da Conceição, e elevada à categoria de paróquia em 1799; porém por não ter sido fabricada com bons materiais, teve-se de fazer outra em 1816 ao molde da de São Joaquim do Rio de Janeiro, a qual foi acabada em 1820. A povoação que a rodeia assemelha-se vista de longe com uma pequena vila. Seu termo fenece, da parte do norte, nas cabeceiras do rio de São João, e da do nascente, entre o rio Bacaxás e o já mencionado São João, pega com o termo da freguesia de Ipucá; da do sul, acha-se separado do de Squarema pela serra e rio Tingui; e ao poente, do da freguesia de Itaboraí, pelo ribeiro Tanguá, e da vila de Macacu, pelo Cacerubu. Encerra este distrito perto de oito mil almas. Os gêneros que nele se cultivam com especialidade são mandioca, canas-de-açúcar, e sobretudo café, de que se colhe grande quantidade; o milho, arroz e feijão são em

³¹⁴ Atual cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo/MG. (N/E)

³¹⁵ Atual cidade de Rio Bonito/RJ. (N/E)

Rio Bonito

menor cópia. Há nele treze ou quatorze engenhos, alguns d'água e os demais de machos e bois. É este distrito regado pelos ribeiros do Ouro e Vermelho, ambos tributários do rio Bacaxá, porém os mais possantes são o Bonito e o Tanguá, que se incorporam com o Cacerubu, e todos três dão navegação a canoas. Os gêneros de exportação desta freguesia são conduzidos por água ou por terra ao Porto das Caixas, onde se embarcam em barcos que partem dali nas enchentes das marés, e entrando no rio Macacu, em uma ou duas marés aportam no Rio de Janeiro.

Rio Bonito.³¹⁶ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Valença, nas margens dum ribeiro chamado Bonito, que deságua no rio Paraíba pela margem esquerda. Sua igreja, cujo orago é Santo Antônio, foi largo tempo dependente da matriz da vila até que uma lei provincial de 18 de março de 1839 lhe conferiu o título de paróquia. Seu termo acha-se cercado pelo de Valença, da parte do norte, e pelo rio Paraíba, da do sul, e encerra mil

habitantes, que cultivam víveres, e colhem grande quantidade de café que é o gênero mais rendoso.

Rio Claro.³¹⁷ Povoação da província do Goiás, na margem do ribeiro aurífero do mesmo nome, vinte léguas pouco mais ou menos ao oés-sudoeste da cidade de Goiás. As cabeceiras deste ribeiro foram exploradas desde o ano de 1740, e por causa dos diamantes que nela se acharam, foi à mineração do ouro nele proibida em 1749, e estabeleceu-se uma administração privilegiada a quem pertencia exclusivamente o direito da busca dos diamantes. Esta companhia fundou uma povoação que foi chamada Bonfim, porém como os resultados não respondessem à expectation dos contratadores, o contrato cessou de ser renovado, a proibição sem ser revogada foi posta em esquecimento, e a população europeia tendo desaparecido, sucedeu-lhe a dos Índios Caiapós. Ficou pois aquele país esquecido até 1772, época em que tornou a ser descoberto pelo sertanista Francisco Soares de Bulhões

que ia em demanda dos ribeiros auríferos dos Pilões e do Fundão, assinalados nos roteiros dos primeiros exploradores. Com ser notória e provada a existência do ouro no rio Claro, a extração deste metal só foi autorizada pelo governo, em 10 de setembro de 1801, com condição expressa de se entregarem todos os diamantes que se achassem, pelos quais se receberia certa gratificação. Fundou-se uma nova povoação à beira do ribeiro cujo nome conserva, na qual se criou uma escola de primeiras letras, por decreto do 1º de julho de 1833. Os moradores do termo e povoação do Rio Claro são parte de raça europeia, parte Índios Caiapós de envolta com alguns mestiços, cuja indústria consiste no cultivo das terras, criação de gado e mineração.

Rio Claro.³¹⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de São João do Príncipe. Sua igreja, cujo orago é N. S. da Piedade, foi criada paróquia por lei da assembleia provincial de 7 de maio de 1839. Tem escola de primeiras letras, cuja criação

³¹⁶ Atual distrito de Conservatória dos Índios, município de Valença/RJ. (N/E)

³¹⁷ Atual cidade de Iporá/GO. (N/E)

³¹⁸ Atual cidade de Rio Claro/RJ. (N/E)

data de 1842, nesse mesmo ano constava esta freguesia de trinta e cinco fogos.

Rio Claro.³¹⁹ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila da Constituição. Sua igreja, de que é padroeiro São João Batista, foi elevada à categoria de paróquia, por decreto da assembleia geral de 9 de dezembro de 1830.

Rio Claro. Cachoeira do rio Jecu, na província do Espírito Santo. Acha-se na cabeceira deste rio, e é assim chamada por isso que as águas do ribeiro que neste lugar se precipita são por extremo claras em comparação das da cachoeira Ferrugem, que se acha um pouco mais abaixo no mesmo rio, as quais são de cor de ferrugem.

Rio Cuiabá.³²⁰ Freguesia da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, de que dista a quarenta léguas ao norte, e ao nascente da aldeia de Santana. É povoação derramada e ocupa obra de vinte léguas quadradas desde as matas que da banda do nascente separam esta província

da de Goiás até o distrito da vila Diamantina do Paraguai da banda do norte. A igreja, da invocação de N. S. do Rosário, servia já de paróquia a dous mil habitantes, quando um decreto da assembleia geral de 26 de agosto de 1833 lhe conferiu o título. Os moradores deste termo são pela maior parte lavradores e criadores de gado, os que se dão à mineração são entre eles os mais necessitados.

Rio da Aldeia. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Itaboraí. Nasce na serra Piba, dirige-se rumo do norte por espaço de seis léguas, dobra ao depois para o poente, rega a povoação do Porto das Caixas, e junta-se com o rio Macacu pela margem esquerda, um pouco abaixo da confluência do Cacerebu.

Rio da Canoa. Rio de medíocre cabedal, que divide a província de Santa Catarina da de São Paulo. Há em sua margem um registo do mesmo nome, onde se cobram os direitos das cabeças de gado vacum e cavalari que passam para as províncias do norte.

Rio das Mortes

Rio da Cidade. Povoação e ribeiro da cordilheira dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, com uma capela da invocação de N. S. do Amor de Deus, que serve de freguesia aos moradores, que vivem derramados nos montes e serras regados pelo ribeiro, o qual corre no rumo do Norte, indo incorporar-se com o rio Piabanha, e serpeja a pequena distância da estrada do Rio de Janeiro para Minas Gerais.

Rio da Prata. Povoação da província de Minas Gerais, no confluente dos rios da Prata e Escuro, doze léguas ao sul da cidade de Paracatu. Deu-lhe princípio um destacamento que ali foi postado para impedir a busca de diamantes nos rios daqueles contornos. Sua igreja é filial da matriz da sobredita cidade.

Rio das Mortes. Comarca vastíssima da província de Minas Gerais, reduzida presentemente, em virtude duma lei provincial de 1º de abril de 1841, somente ao distrito da cidade de São João del Rei, e aos das vilas de Lavras do Funil e de São José del Rei.

³¹⁹ Atual cidade de Rio Claro/SP. (N/E)

³²⁰ Atual cidade de Cuiabá/MT. (N/E)

Rio das Pedras

Rio das Pedras. Aldeia da província de Goiás, à beira dum riacho que corre entre dous rochedos, é perto da estrada que vai da cidade de Goiás para a província de São Paulo. Foi fundada em 1741 pelo coronel Antônio Pires de Campos, mais de oitenta léguas ao su-sueste da capital da província, e dez ao norte da aldeia de Santana, para morada dos Índios Bororós civilizados, com o intuito de opô-los aos Caiapós que devastavam o país. No cabo dalgum tempo foram os Bororós substituídos pelos Chacriabás, o que não obstante acha-se esta povoação reduzida a bem pouca cousa.

Rio das Pedras.³²¹ Freguesia da província de Minas Gerais, oito léguas ao sul da cidade de Sabará. Sua igreja, cujo orago é N. S. da Conceição, é uma das mais antigas paróquias do distrito. Em 1814, havia em seu termo mil e duzentos fregueses, porém como este número fosse diminuindo progressivamente, a assembleia geral, por decreto de 14 de julho de 1832, suprimiu-lhe o título de paróquia, e a anexou à matriz da freguesia de Raposos. A assembleia pro-

vincial, por lei de 3 de abril de 1840, despojando do título de paróquia a igreja da povoação de Santo Antônio do Rio das Velhas ou de Rio Acima, a pia batismal e o nome do orago foram transferidos para a igreja da Conceição do Rio das Pedras, cuja população chega apenas a mil habitantes, entre lavradores e mineiros.

Rio das Velhas. Comarca da província de Minas Gerais, criada em lugar da de Sabará por lei da assembleia geral de 1833, pela qual foram também criadas as comarcas de Rio Paraiibuna, Rio Jequitinhonha e Rio Sapucaí. A comarca do Rio das Velhas, em conformidade duma lei provincial de 1º de abril de 1841, consta do distrito da cidade de Sabará e dos das vilas de Caeté, Pitanguí e Curvelo.

Rio das Velhas. Aldeia da província de Goiás. (V. *Santana*, aldeia.)

Rio das Velhas. Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava, situado na margem esquerda do rio de que tomou o nome, para a arrecadação dos direitos sobre os gêneros que se

exportam da mencionada província.

Rio de Contas. Comarca da província da Bahia, criada por decreto da assembleia geral de 1832 ou 1833, e formada de metade da de Jacobina; tem por cabeça a vila de seu nome, porém acha-se de presente menos grande do que era, tendo sido desmembrada em benefício doutras de nova criação.

Rio de Contas.³²² Vila de grande trato do sertão da província da Bahia e cabeça da comarca de seu nome, situada sobre o ribeiro Brumado ou Contas Pequeno, tributário do rio Jussiape ou de Contas. Fundaram-na em 1715, os naturais de São Paulo, que acharam ouro nas cabeceiras do Brumado. Vieram em breve agregar-se-lhes de diversas partes um grande número de aventureiros, e fizeram dentro em pouco tempo uma povoação considerável, com uma igreja que dedicaram a N. S. do Livramento. O senhor Rei D. João V conferiu a esta povoação as honras e título de vila em 1724; porém, por uma resolução de 9 de fevereiro de 1725, ordenou que se esco-

³²¹ Atual distrito de Acuruí, município de Itabirito/MG. (N/E)

³²² Atual cidade de Rio de Contas/BA. (N/E)

lhesse um sítio mais vantajoso que servisse de escala entre a cidade de Goiás e a da Bahia. Foi esta ordem posta em execução logo depois de seu recebimento pelo vice-rei do Brasil Vasco Fernandes César de Menezes, o qual mandou levantar um pelourinho, fazer uma casa para a câmara com sua cadeia, e uma igreja dedicada ao Santíssimo Sacramento, junto do ribeiro Brumado, duas léguas abaixo do sítio onde existia a povoação. A igreja de N. S. do Livramento, que os habitantes haviam construído, ficou-lhes servindo de paróquia até a conclusão da igreja da nova vila, onde se estabeleceram primeiro dous juizes ordinários, que foram ao depois substituídos por um juiz de fora, em virtude dum alvará de 15 de janeiro de 1810. A província da Bahia tendo sido repartida em treze comarcas, por lei de 1832 ou 1833, a vila do Rio de Contas foi escolhida por cabeça da de seu nome, desanexada da antiga comarca de Jacobina. É esta vila atravessada pela estrada que corre entre a província de Goiás e a cidade da Bahia, e separada da vila de Jacobina por cinquenta léguas de catin-

gas onde não há nem poço nem rio de cuja água se possa beber. As casas são térreas e sem simetria, bem que aparatosas. As paredes são feitas de grades de madeira cobertas de terra e rebocadas de tabatinga, e os moradores de seu vasto distrito lavram mandioca, tabaco, arroz, canas, milho, feijões e algodão, que é mui procurado nos mercados da província, em razão de sua boa qualidade; criam gado, fabricam marmelada, que tem grande extração tanto em Goiás, como na cidade da Bahia.

Rio de Contas. Rio da província da Bahia. (V. *Jussiapé*.)

Rio de Contas.³²³ Vila e porto de mar da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. (V. *Barra do Rio de Contas*.)

Rio de Itapicuru. Comarca da província do Maranhão, composta dos distritos das vilas de Itapicuru-Mirim, Manga, Mearim e Rosário.

Rio de Janeiro. Bela e importante província do Brasil, respeito a sua população atual, comércio, indústria e sítios aprazíveis, e por vezes pitores-

Rio de Janeiro

cos e majestosos. Depois do descobrimento do Brasil em 1500, ninguém havia explorado esta província e somente os navegantes frequentavam as suas costas. Mendo de Sá Barreto, terceiro governador da Bahia, e seus sobrinhos, Estácio de Sá e Salvador Correia, foram os primeiros, entre os anos de 1560 e 1570, que estabeleceram o domínio português naquele litoral. (V. *Vilagalhão*, ilha, e *Rio de Janeiro*, cidade.) Este ativo e zeloso governador, depois de haver desalojado os Franceses dos pontos de que se tinham contra todo o direito apoderado naquele marítimo em 1567, discorreu pelas terras vizinhas da baía Niterói, conhecida neste tempo dos navegantes com o nome de *Santa Luzia*, repartiu-as entre várias pessoas, para as plantar de canas, e galardoou com duas léguas delas o cabeceira que viera com dous mil Índios, ajudar-lhe na guerra que fizera aos Tamoios que então dominavam naquela parte do Brasil, e estes auxiliares deram princípio às aldeias de São Lourenço e de Icaraí. Depois dali passar dezoito meses ocupado na fundação da cidade de São Sebastião, tornou-se Mendo

³²³ Atual cidade de Itacaré/BA. (N/E)

Rio de Janeiro

de Sá para a Bahia, deixando ali estabelecidos os colonos que tinham vindo do Reino com alguns Padres da companhia que o tinham acompanhado e tendo confiado o governo daquela nova capitania a seu sobrinho Salvador Correia de Sá; o qual se desvelou em acabar a fábrica da nova cidade, e a de sua igreja que foi dedicada a São Sebastião, em memória da vitória que no dia em que a igreja soleniza a festa deste Santo haviam os Portugueses alcançado contra os Tamoios e os Franceses. Seu sucessor Cristóvão de Barros, que viera de Portugal munido de patente régia, continuou a governar a recente colônia no mesmo pé, em que a havia deixado Mendo de Sá e seu sobrinho, e conservou-se ali até o ano de 1570 em que o Brasil foi repartido em dous governos. Antônio Salema foi nomeado, por El-Rei D. Sebastião, governador da parte meridional do Brasil, que nesse tempo começava no rio Jequitinhonha, e corria para o sul até a capitania de São Vicente inclusivamente, porém passado tempo, havendo os dous governos sido reunidos em um só no reinado do mesmo monarca, foi Salvador Correia condecorado com o título de capitão-mor do Rio de Janeiro, por patente de 10

de janeiro de 1576, e em seu governo se descobriram as minas de ouro de Paranaguá e do Espírito Santo. Havendo a coroa de Portugal sido reunida a de Espanha, Filipe II nomeou Salvador Correia superintendente das minas de ouro e de diamantes, no decurso do ano de 1598. Para ir exercer aquele novo cargo confiou Salvador Correia o governo do Rio de Janeiro a Francisco Mendonça de Vasconcelos, o qual governou interinamente até que foi rendido por Martim de Sá, ou Martim Correia de Sá, filho do capitão-mor titular, o qual conservou o governo desde o ano de 1602 até o de 1608, e o entregou a Afonso de Albuquerque. A este governador sucedeu no cabo de seis anos interinamente Constantino de Menelá. Ruiz Vaz Pinto tomou conta do governo da capitania em virtude duma provisão régia de 3 de julho de 1616, e foi rendido por Martim Correia de Sá, nomeado governador por carta régia de 26 de janeiro de 1618, que lhe conferia amplos poderes sobre as terras recentemente descobertas, e sobre a antiga capitania de São Vicente. De 1620 a 1623 governou interinamente Francisco Fajardo, e em 1630 Duarte Correia Vasques Eanes. Durante o longo e reiterado governo de Mar-

tim Correia de Sá, construiu-se um forte entre a rua Direita e o mar, e aumentou-se o de Santiago que havia sido começado por Villegagnon e concluído por Mendo de Sá, na ponta do Calabouço. O mesmo governador mandou também fazer o forte de São Sebastião no monte deste nome; fundou em 1630 a aldeia de São Pedro perto do Cabo Frio, e faleceu no ano seguinte de idade de cento e um anos. Vasques Eanes no cabo de seu governo interino foi rendido por Rodrigues Miranda Henrique em 1633, mandado pelo governador general do Brasil que residia na Bahia. Salvador Correia de Sá e Benavides, filho de Martim Correia de Sá, foi nomeado governador do Rio de Janeiro, e tomou posse do governo em 3 de abril de 1637, e deixando-o entregue a Vasques Eanes durante a sua ausência, foi fundar a vila de Ubatuba, e tornou-se para o Rio no princípio do ano de 1642, onde fez aclamar o duque de Bragança que havia subido ao trono de Portugal, com o nome de João IV, de quem recebeu patente de governador independente do da Bahia. Sucedeu-lhe Luiz Barbalho Bezerra em 1643 e faleceu no ano seguinte. A câmara nomeou para governar interinamente em seu lugar a

Francisco de Soto Maior, que foi rendido por Vasques Eanes não interinamente mas sim em virtude duma carta régia de 21 de dezembro de 1644, que o nomeava governador titular. Salvador Correia de Sá e Benavides, segunda vez nomeado, tomou posse em 16 de janeiro de 1648, e durante este segundo governo fundou a vila de Paranaguá, e entregando este segundo a Duarte Vasques Eanes passou a África para tirar do poder dos Holandeses Angola. Sucedeu-lhe Salvador de Brito Pereira, que tomou posse do governo em 25 de janeiro de 1648, e falecendo em 20 de julho de 1651, nomeou a câmara interinamente a Antônio Galvão, que entregou o governo a D. Luiz de Almeida Portugal, em fevereiro do ano seguinte. Voltando D. Luiz de Almeida para Portugal em 1658, Tomé Correia de Alvarenga ficou governando interinamente, e entregou o governo em 17 de setembro do mesmo ano a Salvador Correia de Sá e Benavides, que tomou posse do governo desta capitania, separada segunda vez do governo da Bahia. Em 1660, foi este governador fazer uma visita às minas de que era superintendente, e encarregou o mencionado Alvarenga do governo da cidade. Durante a sua au-

sência, foi o sobredito Alvarenga deposto do governo, e metido em prisão por uma facção que pôs em seu lugar a Agostinho Barbalho Bezerra, filho do governador deste nome. Apesar da ilegalidade desta substituição Salvador Correia de Sá e Benavides a confirmou e perdoou aos autores dela, os quais afoutando-se com esta impunidade, obrigaram Agostinho Barbalho a governar sem subdelegação, o que ele fez desde 8 de fevereiro de 1661 até 11 de abril seguinte, em que entregou o governo a João Correia de Sá, cinco dias antes da vinda de Salvador Correia, seu pai. Restabeleceu-se dentro de pouco tempo o sossego com o castigo dos cabeças da revolta, e em abril do ano seguinte foi João Correia rendido por Pedro de Melo, que vinha munido de carta régia datada de 20 de novembro antecedente. Foi em seu governo que se estabeleceu no Rio de Janeiro o correio, cujo regulamento foi datado de 25 de janeiro de 1663. Sucedeu-lhe interinamente Martim Correia Vasques Eanes até a chegada de D. Pedro de Mascarenhas, em outubro de 1666, o qual entregou o governo, no cabo de três anos, a João da Silva e Souza, que nele se conservou até o fim do ano de 1675, em que foi rendido por Mateus da

Rio de Janeiro

Cunha. O último ato deste governador de que existe memória, foi o lançamento da primeira pedra do convento da Ajuda, em 9 de julho de 1678, posto que se assenta que foi ele quem deu posse do governo a D. Manoel Lobo, em 9 de maio do ano seguinte, bem que a sua patente fosse anterior de dez e oito meses. Governando o reino de Portugal na qualidade de regente o príncipe D. Pedro, foi este novo governador fundar a Colônia do Sacramento na margem esquerda do rio da Prata, e caiu em poder dos Espanhóis, que o levaram para Buenos Aires, onde faleceu em 1680. Em sua ausência governaram interinamente a capitania João Tavares Roldon e Pedro Gomes; e este último deu posse do governo em 3 de junho de 1682 a Duarte Teixeira Chaves, encarregado como o foram os governadores antecedentes da administração das capitanias do sul. Foi este novo governador a Colônia do Sacramento, e a fortificou e pôs em bom estado, dando todas as providências que pôde para a sua conservação e aumento de sua população. Durante a sua ausência ficou governando o senado da câmara até a chegada de João Furtado de Mendonça em abril de 1686, o qual governou interinamente

Rio de Janeiro

três anos; seguiu-se-lhe D. Francisco Naper de Alencastro, que entregou o bastão do governo a Luiz César de Menezes, em 17 de abril de 1690, o qual entregou o governo, com grande pesar do povo de quem soubera fazer-se amar, a Antônio Pais de Sande, em 25 de março de 1693. Desvelou-se este novo governador no descobrimento das minas de ouro das capitanias do sul, e fez a primeira fundição deste metal na vila de Taubaté, na ocasião em que os Paulistas descobriram novas minas em terras que então eram desconhecidas. Ausentando-se do governo, o governador geral do Brasil mandou para o seu lugar um Irlandês, por nome André Cuzaco, que estava ao serviço de Portugal, o qual teve ordem d'El-Rei de entregar o *interim* a Sebastião de Castro e Caldas, mandado expressamente de Lisboa, o que foi executado em 19 de abril de 1695. Sebastião de Castro tratou de concluir os trabalhos começados por Antônio Pais de Sande nos fortes de Santa Cruz, de Vilagalhão e do Gravatá. Artur de Sá e Menezes veio tomar posse do governo do Rio de Janeiro e de Minas, em julho de 1697, com patente *ad honorem* de governador, a primeira deste gênero, datada de 12 de janeiro precedente. Este governador

criou a vila de Santo Antônio de Cacerubu, e deixando o governo do Rio entregue a Martim Correia Vasques, foi visitar as minas novamente descobertas, às quais fez diversas jornadas. Francisco de Castro Morais sucedeu interinamente no governo a Martim Correia Vasques por ordem d'El-Rei, em março de 1700. Voltou Artur de Sá e Menezes das Minas no mês de maio, e em 15 de julho de 1702 foi rendido por D. Álvaro da Silveira de Albuquerque, com simples patente de governador. No tempo de seu governo tomaram segunda vez os Espanhóis, em 1703, a Colônia do Sacramento; e como, por falta de saúde, não pudesse o governador prosseguir no exercício de suas funções, entregou o governo nas mãos duma regência composta de três membros, a saber: do Bispo D. Francisco de São Jerônimo e dos mestres de campo Gregório de Castro Morais e Martim Correia Vasques. Sucedeu-lhe no 1º de agosto de 1705, com patente de governador *ad honorem*, D. Fernando Martim Mascarenhas, o qual, em 1708, foi em pessoa a Minas Gerais para pacificar a rebelião de Ouro Preto; porém não se achando com forças suficientes, teve de voltar para se refazer de gente ao Rio de Janeiro,

onde achou já seu sucessor Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, munido de igual patente, a quem deu posse em 11 de junho de 1709. Logo em 10 do mês seguinte entregando o governo à mencionada regência, partiu o novo governador para Minas, trouxe à obediência os rebeldes, e depois de lhes haver perdoado, voltou para o Rio de Janeiro, donde mandou duas companhias comandadas por Gregório de Castro Morais para ter em respeito os descontentes de Ouro Preto. Nesta época, El-Rei D. João V criou a capitania de São Paulo, tornando-a independente da do Rio de Janeiro, anexando-lhe a comarca de Minas Gerais, e conferiu o governo dela a Antônio de Albuquerque, dando-lhe por sucessor no do Rio de Janeiro a Francisco de Castro Morais, deixando a seu arbítrio a escolha do lugar de sua residência na nova capitania. Em 30 de abril de 1710, havendo Gregório de Morais partido para Minas, seu irmão do mesmo apelido ficou governando a capitania do Rio de Janeiro, e nesse mesmo ano a defendeu do ataque contra ela intentado pelo comandante francês Duclerc, a quem fez prisioneiro, porém não foi tão bem sucedido no ano seguinte com a esquadra de Duguay Trouin, e teve de ca-

pitular. Acudiu Antônio de Albuquerque com tropas que levantara em Minas e em São Paulo, e entrando no Rio de Janeiro poucos dias depois da partida de Duguay Trouin, a câmara lhe suplicou de encarregar-se do governo, ao que ele anuiu, e continuou a governar a capitania até 7 de junho de 1713, em que deu posse a D. Francisco Xavier de Távora, quarto governador honorífico desta capitania, o qual entregando interinamente o governo a Manoel de Almeida Castelo Branco se recolheu ao reino, partindo em abril de 1716, depois de ter mandado fazer uma grossa muralha entre o monte da Conceição e o de Santo Antônio, no lugar onde se acha atualmente a rua da Vala, edificado o forte da Lage na entrada da baía, consertado o de Santa Cruz, e fortificado a ilha das Cobras. Entretanto o conde de Assumar, governador de São Paulo e Minas, intentou apoderar-se do governo do Rio de Janeiro, alegando que o seu título de governador das sobreditas capitanias lhe dava como a seu predecessor o direito de governar a do Rio de Janeiro, o que não obstante conservou-se no governo interino dela Manoel de Almeida Castelo Branco até o 27 de junho de 1717, em que foi rendido por Antônio de Brito

Freire de Menezes, mandado por El-Rei com simples patente de governador, o qual falecendo, em 15 de maio de 1719, foi outra vez o governo interino entregue a Manoel de Almeida Castelo Branco, que o conservou até o dia 18 do mesmo mês, em que deu posse a Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Matos e Noronha, que vinha munido de patente de governador e capitão general por graça especial. Foi este novo governador visitar o sul da província, e na volta mandou dar princípio à fonte da Carioca, que foi acabada em 1723. Luiz Vaía Monteiro foi nomeado para substituir a Aires de Saldanha, no caso de morte ou de qualquer impedimento, e sucedeu-lhe em 10 de março de 1725. Este governador foi tomar posse em nome d'El-Rei de Parati e terras vizinhas, para pôr termo às pretensões que sobre esta vila tinha o governador de São Paulo, e deixou ali por comandante a Manoel de Freitas da Fonseca. Voltando para o Rio de Janeiro pôs-se em guerra aberta com todas as autoridades que acabaram por apeá-lo do governo, em agosto de 1732, dando-o por demente, e vindo a falecer em 19 de setembro do ano seguinte, ficou governando interinamente a capitania o mestre de campo

Rio de Janeiro

Manoel de Freitas da Fonseca. Gomes Freire de Andrade tomou posse do governo em 26 de julho de 1733, com patente de primeiro capitão general, e foi sucessivamente encarregado do governo de São Paulo e Minas Gerais, do Rio Grande e Santa Catarina, e de várias comissões dadas por El-Rei, e conservou-se no governo durante trinta e três anos. Quando era obrigado a ausentar-se das capitais das capitanias escolhia oficiais superiores de reconhecida capacidade para fazer as suas vezes, e na do Rio de Janeiro teve sempre por substituto o mestre de campo Matias Coelho de Souza. Este benemérito governador pôs o último remate às fortificações da ilha das Cobras, e mandou fazer um forte no monte da Conceição, o palácio do governo com uma fonte no pátio, palácio que é atualmente a residência do Imperador, quando se acha na capital do Império, ajuntou à fonte da Carioca uma larga pia para as lavadeiras, e fundou e dotou o convento das religiosas de Santa Teresa. No tempo de seu governo se descobriram as minas de ouro e de diamantes do distrito de Paracatu em 1744, e poucos anos depois as do Rio Claro, nas terras dos Índios Goiasés. Em 1751, foi assistir como comissário por-

Rio de Janeiro

tuguês à demarcação a que se procedeu das possessões das coroas de Portugal e de Espanha, deixando o governo interino das Minas a seu irmão José Antônio Freire de Andrade, o qual foi confirmado nele por El-Rei no ano seguinte, e governou também, por ordem do mesmo soberano, a província do Rio de Janeiro desde 1753 até a vinda de seu irmão em 1758. Faleceu Gomes Freire de Andrade no 1º de janeiro de 1763, com saudade do povo de todas as capitanias que governava. Por sua morte, uma regência formada do Bispo do Rio de Janeiro D. Frei Antônio do Desterro, do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim e do chanceler da relação João Alberto de Castelo Branco governou as três províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro até o mês de outubro do mesmo ano. Nesse tempo, El-Rei D. José determinou de transportar o assento dos vice-reis do Brasil para o Rio de Janeiro, e D. Antônio Álvares da Cunha, conde do mesmo nome, tomou posse do governo em qualidade de vice-rei. Até ali o conserto das fortificações se limitava à construção de muralhas que por mais grossas que fossem não podiam resistir à artilharia; o novo vice-rei mandou-as fazer de pedra de

cantaria, edificou o arsenal da marinha na raiz do monte de São Bento, e aumentou o arsenal de terra que já existia na ponta do Calabouço, dando-lhe juntamente um novo regulamento, mandou arrasar o outeiro da ilha de Vilegalhon para que a artilharia pudesse jogar por toda a parte; fez uma nova casa para a pólvora na ilha das Pombas, vizinha da das Cobras, reformou e aumentou as oficinas dos armeiros no forte da Conceição, mandou abrir uma rua da praça da Carioca à lagoa da Sentinela; a cava da muralha que Gomes Freire de Andrade havia mandado fazer para fortificar a cidade sendo um manancial de exalações pútridas que viciavam o ar, obrigou o senado a dar saída às águas e a fazê-las ir ter ao mar, e a cobrir a dita cava em toda a sua extensão com lajedo. Foi em seu governo que se executou no Brasil a ordem régia de 28 de novembro de 1698, que proibiu toda a fabricação de joias e outras obras de ourivesaria com o fim de favorecer em Portugal esta espécie de indústria. Pôs termo à vagabundagem, obrigando os mancebos a se casarem ou assentar praça nos regimentos de linha, medida que dizem contribuíra grandemente para o aumento da população da província. Deu algumas provi-

dências rigorosas por obrigação de seu cargo contra algumas pessoas influentes do comércio e da administração que se supunham superiores às leis e à justiça, e todos se sujeitaram a elas com os primeiros exemplos de castigo. Veio suceder-lhe no governo, em 21 de novembro de 1767, o conde de Azambuja, D. Antônio Rolim de Moura, o qual tinha concebido vários projetos tendentes ao melhoramento da província, porém falecendo-lhe os meios, cansado de governar Estados ultramarinos, demitiu-se do governo, e se retirou para Portugal com o beneplácito régio, deixando o bastão de vice-rei em mãos de D. Luiz de Almeida Portugal Soares Deça Alarcão Silva Mascarenhas, marquês de Lavradio, que tomou posse em 4 de novembro de 1769. A cousa em que de princípio se desvelou mais em tudo o marquês de Lavradio foi em que fossem observadas as leis e regulamentos da polícia municipal, em cuja execução reinava a maior relaxação, e desde o segundo ano de seu governo, os moradores da vila experimentaram os bons efeitos das providências que a este respeito deu. Organizou em quatro companhias os paisanos, as quais foram ao depois qualificadas de regimento de milícias; promoveu as planta-

ções de café e de arroz, e introduziu a do linho e do anil, tratou igualmente da criação do bicho-da-seda, e se a este respeito não corresponderam os resultados às diligências, foi mais bem sucedido com a da cochinha: mandou fazer o forte do Pico acima do de Santa Cruz para completar o sistema de defesa da baía Niterói. Pôs igualmente o último remate a algumas obras de fortificação em torno da cidade; estimulou o senado a mandar calçar as ruas, e a fazer passeios de lajedo ao longo das casas; criou o jardim botânico, mandou fazer um matadouro à beira do mar, perto do convento de Ajuda; fez abrir uma nova rua que conserva o seu nome, entre as de Mata Cavalos e do Piolho, que havia sido feita no governo do primeiro vice-rei que residira no Rio de Janeiro. A ele se devem igualmente a fonte do cais da Glória e a da rua de Mata Cavalos. Ordenou que a venda dos negros se fizesse na rua de Valongo, que então se achava fora da vila, e era um mero caminho de pé posto quase sem casas; o que livrou a cidade das doenças contagiosas que trazia consigo a negraria amontoada nos porões dos navios. Foi pois o marquês de Lavradio brando, prudente, obsequioso e justo nos dez anos consecutivos de

seu vice-reinado, que entregou em 5 de abril de 1779 a Luiz de Vasconcelos e Souza. Este quarto vice-rei mandou consertar o aqueduto que se rompeu pouco tempo depois de sua chegada; alargou os armazéns da alfândega; fez a prisão dos negros chamada Calabouço, onde eles eram castigados com mais moderação do que faziam os senhores: criou a aldeia de São Luiz de Beltrão, entre o rio Paraíba e a cordilheira da Mantiqueira, conferiu o título de vila à povoação de Magé, e completou a fundação da de São Barnabé, começada por seu predecessor com o nome de São João del Rei: continuou a propagar a criação da cochinha, e as sementeiras de linho nas comarcas de Santa Catarina e de São Pedro do Rio Grande, e foi em todo o tempo acessível para quantos haviam dele mister, recebendo-os a toda a hora, e prestando-lhes atenção, numa palavra soube fazer-se amar de todas as classes que com saudade o viram partir, depois de haver dado posse do governo a D. José Luiz de Castro, conde de Resende, quinto vice-rei, em 9 de julho de 1790. Poucos dias depois desta entrega, o arquivo do senado foi pasto das chamas; este acidente em que ele era inteiramente inocente, e a parcimônia com que vivia que

Rio de Janeiro

em nada empecnia ao bem do Estado, a polícia sobre a limpeza das ruas e até do interior das casas em que muito se esmerava fizeram com que não fosse amado do povo, como o haviam sido os dous vice-reis seus predecessores; e todavia não se pode negar que engrandeceu e ornou a cidade, deu princípio ao entulhamento do campo de Santana e da praça do Rossio, mandou fazer a fonte do largo de Moura, e no cabo de onze anos de governo o entregou, em 14 de outubro de 1801, a D. Fernando José de Portugal, mais conhecido ao depois com o título de conde e afinal de marquês de Aguiar, que foi rendido em 21 de agosto de 1806 por D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que concebeu o projeto de aformosear a cidade, mandou fazer um canal, obra de grandíssima utilidade, que une o bairro de Mata Porcos com a nova vila, e tencionava prolongá-lo até a baía perto da alfândega, porém a chegada inesperada da Rainha D. Maria I e de toda a família real no princípio do ano de 1808, veio desvanecer todos os projetos que formava em benefício da província, de que ainda remanescem vestígios no Rio de Janeiro, e à sua administração sucedeu o governo do príncipe regente.

Rio de Janeiro

A província do Rio de Janeiro, como todas as do Brasil, foi sujeita à diocese da Bahia desde a fundação da igreja de São Sebastião por Mendo de Sá em 1567. Sem deixar de ser da jurisdição diocesana da metrópole do Brasil, foi todavia erigida em prelazia por breve do Papa de 19 de julho de 1576. O primeiro que foi revestido desta dignidade foi Bartolomeu Simões Pereira, e após ele João da Costa, Mateus da Costa Aborim, Lourenço de Mendonça, Manoel de Souza e Almada, e afinal Francisco da Silveira Dias. Por bula de 16 de novembro de 1676, foi o bispado da Bahia elevado a arcebispado metropolitano do Brasil, e as simples prelacias do Rio de Janeiro e de Pernambuco foram erigidas em Bispados. Segundo a sobredita bula, a diocese do Rio de Janeiro incluía a província do Espírito Santo da parte do norte; da do sul, toda a costa até o rio da Prata; e da de oeste se estendia por terras desconhecidas até confrontar com os Estados espanhóis do mar do Sul, e El-Rei de Portugal assentou de estender os limites da província do Espírito Santo até ao norte da capitania de Porto Seguro. O primeiro bispo que foi nomeado para a diocese do Rio de Janeiro renunciou antes de tomar posse do bispado. D.

José Barros de Alarcão, confirmado em 1680, não tomou posse da diocese senão no cabo de dous anos, e depois de haver organizado o capítulo da catedral na igreja de São Sebastião, no monte do Castelo, faleceu em 16 de agosto de 1700. D. Frei Francisco de São Jerônimo, nomeado e sagrado em 1701, chegou ao Rio no ano seguinte, e morreu em 7 de fevereiro de 1721. Sucedeu-lhe em 1725 D. Frei Antônio da Guadalupe, sagrado neste mesmo ano em Lisboa, o qual fundou o aljube, transferiu a Sé em 1734 para a igreja da Cruz, porém pelo mau estado dela e também pela má vontade da irmandade, viu-se obrigado, no cabo de quatro anos, a transferi-la para a igreja do Rosário, cuja fábrica a irmandade dos pretos havia pouco concluíra. Faleceu este bispo em 31 de agosto de 1740. Seu sucessor D. Frei João da Cruz, sagrado em Lisboa em 5 de fevereiro de 1741, tomou posse da cadeira episcopal em 9 de maio do mesmo ano. Apaixonado com o mau recebimento que lhe haviam feito na província de Minas Gerais, e com as contrariedades que encontrou tanto da parte das autoridades civis e eclesiásticas, como da dos habitantes, ofereceu este bispo a sua demissão, que foi

aceita. Nessa ocasião solicitava El-Rei D. João V do Papa a criação dum arcebispado no Brasil, dos bispados de São Paulo e de Minas Gerais, e das prelacias de Mato Grosso e de Goiás. O bispado do Rio de Janeiro foi dado a D. Frei Antônio do Desterro, que ali chegou no princípio do ano de 1846, e esperou até o 1º de janeiro de 1747 para tomar posse com toda a solenidade possível. Este bispo acrescentou à igreja do Rosário uma torre que é a em que ainda hoje estão os sinos; assentou em 20 de janeiro de 1749 a primeira pedra duma igreja catedral mais digna duma grande cidade que as de que se tinham até ali servido; o frontispício e as paredes foram feitos em pouco tempo; mas por morte do bispo, ocorrida em 1773, ficou a obra parada até 1840, época em que foi demolida, e convertida na academia militar, e da marinha. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, natural do Rio de Janeiro, veio do reino depois da morte de D. Antônio do Desterro, e tomou solenemente posse da cadeira episcopal em 29 de maio de 1774. A este bispo se deve a frontaria do palácio episcopal assentado no monte da Conceição. Sucedeu-lhe D. José Caetano de Souza Coutinho, sagrado em Lisboa em

março de 1807, que tomou posse da diocese em 28 de abril seguinte, e foi nomeado em 13 de junho do mesmo ano por El-Rei D. João VI seu capelão-mor, e em 1822 foi nomeado pelos eleitores do Rio de Janeiro o primeiro dos oito deputados da província para a primeira assembleia legislativa do Brasil. Depois de sua morte, vários eclesiásticos foram sucessivamente nomeados pelos regentes do Império; mas só em 1840 é que D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo, vigário de Tocoios, que hoje está assentado na cadeira episcopal, foi confirmado pelo Papa e sagrado no Rio de Janeiro.

Jaz esta província entre vinte e um e vinte e quatro graus de latitude meridional, e entre quarenta e três e quarenta e oito de longitude ocidental, e é circunscrita, da parte do norte, principiando do mar, pelo rio Cabapuana, que a separa da província do Espírito Santo, pelo rio Paraíba e seus afluentes os rios Paraíba e Preto, e pela serra da Mantiqueira, que são outros tantos pontos de separação entre ela e a província de Minas Gerais; da banda do oeste e do sudoeste, confronta com a província de São Paulo desde a serra da Mantiqueira até a ponta de Cairuçu, que vai fenecer no Oceano; e da do

sul e de leste, é cercada pelo mar por espaço de obra de cento e vinte léguas; e contam-se trinta e cinco entre o mar e a província de Minas Gerais. Segundo os cálculos feitos depois da fundação do Império, pode ter esta província seis mil e duzentas léguas quadradas de superfície, é em geral montanhosa, à exceção do terreno que jaz por detrás do cabo de São Tomé, o qual parece ser de aluvião, e é alagado na estação das chuvas pelas águas que se acham represadas pelos médões de areia que as ondas amontoam e por vezes desfazem, mas que de ordinário os habitantes veem-se obrigados a cortar, fazendo sarjetas para ensecar as terras. As lagoas destas terras alagadiças são coalhadas de bandos de aves palustres de desvariadas cores e tamanhos. Na estação das chuvas vê-se o viandante bem vezes atalhado em seu caminho ora pela força da corrente dos rios, ora pelas águas que alagam as estradas, e tem de perfazer a jornada em canoas, levando arreatadas as cavalgadas, e às vezes a nado. Seria para desejar que as autoridades locais fossem autorizadas legalmente a lançar uma derrama em seus distritos, especialmente destinada para conservação das estradas, e para abrir valas, fazer calçadas altas nos lugares demasia-

Rio de Janeiro

damente baixos e alagadiços, e pontes onde quer que fossem necessárias; este negócio é urgente; e semelhantes providências, sendo bem concebidas e executadas com prudência e juízo, ocasionariam bem pouca despesa, preservariam os habitantes das febres anuais de que muitos morrem, e forneceria à agricultura ótimas terras. Além das lagoas que se acham na vizinhança do mar, a parte setentrional desta província é regada pelo rio Paraíba, com o qual se incorporam os rios Grande, Bosaraí, Paquequera, Piabanha e Piraí, todos para além dos montes e serra dos Órgãos; e ao sul desta serra e da dos Aimorés, pelos rios Macabu, de São João, Macaé, Macacu, Iguaçú e Guandu, que seguem diferentes rumos, não falando em outros muitos que são de menor cabedal, mas que nem por isso deixam de ser úteis para o transporte dos gêneros do sertão. Os portos da cidade de Cabo Frio, Rio de Janeiro e de Angra dos Reis admitem grandes navios de guerra, e oferecem bons surgidouros; nos outros só podem entrar barcos; os principais destes são os da Armação, da Barra de São João, de Guaratiba, de Macaé e de Parati. A maior parte das ilhas das baías e da vizinhança da costa são povoadas e culti-

Rio de Janeiro

vadas. Atualmente acha-se bem pouco ouro nesta província, porém há minas de ferro e de enxofre que estão por lavar, e pedreiras de granito que por toda a parte se encontram; diferentes espécies de barros que são empregados na fabricação de louça, tijolos e telhas, e em algumas montanhas se acha também o *petun-sé*, ou *kaolin*, com que os Chineses fabricam a melhor porcelana até aqui conhecida. Matas imensas fornecem para a carpintaria ótimas madeiras como o cedro, a canela, merindiba e caixeta; o jacarandá, vinhático, arariba e outras que servem para móveis, em razão da beleza da cor e da facilidade com que tomam lustro: fazem-se canoas de todos os tamanhos com o pau de óleo, árvore que cresce duma maneira extraordinária. A ipeca-cuanha e jalapa nascem espontaneamente na ourela das matas povoadas de árvores que dão gomas e bálsamos prestadios e mui procurados. O pau do Brasil ou ibirapitanga é inferior aos das províncias do norte. Nas terras incultas vizinhas do mar, encontram-se três espécies de aroeiras, com o cozimento de cuja madeira costumam os pescadores tingir as redes para serem de mais dura. A província do Rio de Janeiro é entre todas as do Brasil a mais bem

agricultada e hortada. Os cafezais são muitos e grandes, e por toda a parte se encontram, bem como os bananais e palmares, laranjais, e mangueirais e outras árvores que vindas da Índia se acostumaram ao clima do Brasil, e o mesmo aconteceu aos pessegueiros e marmeleiros da Europa. As árvores frutíferas indígenas, umas como as jabuticabeiras, grumixameiras, requerem terras fortes; outras, como os cajueiros, dão-se bem em arneiros, e delas há que dão-se em toda a terra sem o menor amanho, como os araçazeiros e goiabeiras. Antes da chegada da família real, não se cultivavam nas hortas senão feijões, couves e nabos, porém com a afluência dos estrangeiros, introduziu-se o uso de todas as hortaliças da Europa, que abundam atualmente nos mercados. Nas matas das partes da província que se acham povoadas criam-se cabritos monteses, pacas e outras veações, e nas do sertão vivem onças, jaguares, gatos silvestres, gambás ou saroés, tatus, e outros animais próprios do país, e por toda ela o gado vacum, cavalos e muar, originário da Europa, se tem prodigiosamente multiplicado.

Segundo um rol feito nesta província em 1840, sua população era nessa época de quatrocentos e trinta mil

habitantes, entrando nesta conta duzentos e vinte e quatro mil e oitocentos e cinquenta escravos de ambos os sexos; se a estes ajuntarmos os cento e setenta mil habitantes da cidade e do distrito independente ou neutro, será o total seiscentos mil indivíduos. Em virtude da *lei das reformas da constituição* de 9 de abril de 1834, criou-se em cada província do Brasil uma assembleia legislativa; a da província do Rio de Janeiro foi instalada na vila da Praia Grande, hoje cidade de Niterói, e um dos seus primeiros trabalhos foi o de dividir a província em oito comarcas pouco mais ou menos iguais, que foram designadas com os nomes de Angra dos Reis, Cabo Frio, Campos dos Goitacases, Cantagalo, Itaboraí, Niterói, Resende e Vassouras. Estas comarcas são subdivididas nos distritos municipais das cidades de Angra dos Reis, de Cabo Frio e de Niterói, e nos das vilas de Cantagalo, Iguaçu, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Macaé, Maricá, Nova Friburgo, Paraíba do Sul, Parati, Resende, São João da Barra, São João do Príncipe, Valença e Vassouras. Em cada um destes distritos a administração da justiça é confiada ao juiz municipal, de cuja sentença se pode apelar para o juiz de direito da comarca, e da deste

para a relação da capital do Império. Nas sessões de 1840 e de 1841, a assembleia da província votou leis que concediam lotarias para aumentar a dotação dos hospitais que existiam e para se dotarem os que se haviam feito de novo, para a fundação de novas igrejas, e conserto de muitas que estavam arruinadas, e para a construção de teatros nas cidades de Niterói e de Campos, e na vila de Itaboraí. Por decreto imperial de 18 de junho de 1842, os distritos das vilas de Areias, Bananal, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Queluz e Silveiras, todos pertencentes à província de São Paulo, foram dela desanexados, e reunidos provisoriamente à do Rio de Janeiro, até que as circunstâncias permitissem outra disposição. Os trinta e seis membros da assembleia provincial recebiam na legislatura de 1842 três mil e duzentos réis por dia no tempo das sessões, e uma indenidade para a jornada, proporcionada à distância do lugar em que residiam. Os eleitores da província nomeiam dez deputados para a assembleia geral em cada legislatura, cinco senadores para a câmara alta, e cada vez

que é mister nomear um, propõem três candidatos à escolha do Imperador, que nomeia o que lhe apraz.

Rio de Janeiro.³²⁴ Bela e grande cidade por extremo mercantil da América meridional, capital do império do Brasil. Está assentada à beira duma das mais belas baías do mundo, em vinte e dous graus, cinquenta e quatro minutos de latitude, e em quarenta e cinco graus e trinta e seis minutos de longitude ocidental. Os primeiros Europeus que se estabeleceram na baía de Niterói foram os Franceses, no decurso do ano de 1555. A corte de Portugal, sabendo da ocupação duma terra que lhe pertencia, bem que até então não se tivesse ocupado muito de a povoar, mandou a Mendo de Sá, governador general que residia na Bahia, um certo reforço de gente com ordem de desalojar dali aqueles estrangeiros. Havia já bastante tempo que o chefe da colônia francesa, o cavalheiro de Villegagnon, havia partido para França para se prover de víveres, munições e mais colonos, quando o governador general investiu com os Franceses cansados de esperar pelo comandante e no cabo de vários

Rio de Janeiro

combates os derrotou, e depois de haver arrasado as fortificações que eles ali haviam feito, se tornou para a capital de seu governo. Os Franceses, que haviam sido vencidos em fevereiro de 1560, se retiraram para o continente e se juntaram aos Tamoios seus aliados, e tendo-se feito à vela a armada portuguesa, voltaram para a ilha, levantaram as fortificações derrubadas, e casando com mulheres Índias se mesclaram com os Tamoios. Passados alguns anos, Estácio de Sá, sobrinho do governador Mendo de Sá, foi mandado de Portugal, para debaixo das ordens de seu tio ir com as forças que levava expulsar outra vez os Franceses da posição que haviam tomado, e estabelecer naquele país uma colônia. Estácio de Sá estabeleceu com efeito a sua colônia fora da baía na raiz do Pão de Açúcar. Vendo Mendo de Sá que o tempo se ia passando, sem que soubesse o resultado das operações militares de seu sobrinho, pôs-se à testa duma expedição considerável e foi unir-se com ele em 18 de janeiro de 1567, e em 20 de mesmo mês ofereceu batalha ao inimigo e alcançou uma vitória decisiva contra os Tamoios e France-

³²⁴ Atual cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Rio de Janeiro

ses, porém na ação teve a infelicidade de perder o sobrinho que foi ferido dum a seta no monte da Palmeira, de cuja ferida faleceu no cabo dum mês. Ocupou-se imediatamente o governador de lançar os alicerces dum igreja e dum vila, num monte do continente que ficava defronte da ilha de Vilagalhão que ele havia saqueado, e a requerimento do sobrinho moribundo lhe deu o nome de São Sebastião, em honra da vitória que alcançara no dia em que a igreja soleniza a festa deste mártir; e persuadido, como também o fora o almirante Afonso de Souza, que a baía era um rio, ajuntou ao nome do Santo o de *Rio de Janeiro*. Depois de demorar-se perto de oito meses na nova colônia, que deixou povoada e fortificada, entregou o governo da vila de São Sebastião do Rio de Janeiro a seu sobrinho Salvador Correia de Sá, com o título de capitão-mor, e tornou-se para a Bahia. Um clima soberbo, campos férteis, uma posição vantajosa e aprazível afixavam a esta vila que um dia havia de ser a primeira das da América meridional. Logo em princípio foi cabeça dum capitania, vila episcopal em 1676, e capital da parte meridional do Brasil em 1680. A cidade de São Sebastião recebeu o seu primeiro governa-

dor general Artur de Sá e Menezes em 1697, sofreu momentaneamente por efeito da proibição que se promulgou de comerciarem as províncias do sul com as do norte, porém suas relações com a capital de Portugal tornando-se mais frequentes, adquiriu um certo esplendor: fortemente abalada e descaída em 1711 quando o almirante Duguay Trouin apoderando-se dela a obrigou a resgatar-se por setenta mil cruzados, levantou-se deste estado de abatimento, e com a invasão que em 1762 fizeram os Espanhóis numa parte da província do Rio Grande e Santa Catarina, engrossou ainda mais, e foi declarada capital do Brasil por El-Rei D. José I, por isso que daquele ponto era mais fácil ao vice-rei de socorrer a província no caso de invasão do que da Bahia, e no ano seguinte veio o conde da Cunha tomar posse do governo em qualidade de vice-rei. Seguiram-se-lhe sucessivamente o conde de Azambuja, o marquês de Lavradio, Luiz de Vasconcelos e Souza, o conde de Resende, o marquês de Aguiar, e o conde dos Arcos, sétimo e derradeiro vice-rei; o qual recebeu em 1808 a família real. Desde essa época a cidade do Rio de Janeiro e seu comércio entraram a aumentar-se sucessivamente sem

descontinuar. Por carta régia de 28 de janeiro de 1808 foram os seus portos, como todos do Brasil, franqueados aos estrangeiros; no mesmo ano teve lugar a criação do banco, e da imprensa nacional, e no cabo de mais dous foi criada a academia militar para a instrução da mocidade que se dedica à carreira das armas. Seu senado foi decorado com o título de *Leal* por decreto de 13 de maio de 1810, por haver contribuído à destruição dos piratas que infestavam os mares da província. Em 1812 fundou-se um laboratório de química, e instituiu-se uma junta médico-cirúrgica, a cujo cargo estava a instrução da mocidade que se destinava ao exercício destas ciências, conferindo-lhe os graus de bacharel e doutor, quando o merecessem. Por alvará do ano de 1815 criou-se um hospital de lázaros, e no mês de dezembro do mesmo ano foi o Brasil elevado à categoria de reino. Por morte da Senhora D. Maria I, ocorrida em 20 de março de 1816, seu filho, já então regente dos três reinos de Portugal, Brasil e Algarve, tomou o título de Rei com o nome de D. João VI. Este novo soberano, para facilitar a entrada dos navios nos portos de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Pedro do Rio Grande, e outros, mandou pôr

faróis nos lugares para esse efeito acomodados, criou na capital do Brasil tribunais superiores de justiça e militares, estabeleceu correios para facilitar a comunicação de província a província, fundou um jardim botânico enriquecido com todas as plantas úteis indígenas e exóticas. Entretanto os Portugueses não podiam deixar de ver com algum ciúme o estabelecimento, na capital do Brasil, de tantas e tão importantes instituições, o casamento do príncipe D. Pedro com a arquiduquesa da Áustria, a aclamação do novo rei em novembro de 1817, e sobretudo o descaimento da antiga preeminência da metrópole do reino reduzida o estado de colônia, e empregaram vários meios para fazer com que El-Rei D. João VI se transferisse para Portugal. Entretanto rebentou no Porto uma revolução que em breve se propagou até Lisboa e foram proclamadas em 1820 as bases duma nova constituição. O Brasil não podia deixar de tomar parte em tão importantes acontecimentos, e tendo El-Rei D. João VI voltado para Portugal, foi o príncipe D. Pedro proclamado primeiro Imperador do Brasil, em 12 de outubro de 1822, dia aniversário de seu nascimento, e sagrado com toda a suntuosidade, em 2 de de-

zembro seguinte, e a capital do novo Império recebeu o título honorífico de *muito leal e heroica cidade*, que lhe foi conferido por carta imperial de 9 de janeiro de 1823. Fizeram-se alguns melhoramentos nos diversos ramos da administração pública, e afinal com a abertura da assembleia geral legislativa, e com as leis que dela emanaram, o comércio e população foram progressivamente em aumento, e não obstante a abdicação do Imperador, e o abalo geral de que ela foi causa, continuou a capital do Império a prosperar. A administração da cidade do Rio de Janeiro é confiada à câmara municipal que consta de nove membros, nomeados, como os das demais câmaras do Império, pelas assembleias primárias em cada freguesia, e suas funções duram quatro anos debaixo da presidência do membro que tem mais votos. Tem a câmara a seu cargo a arrecadação dos rendimentos municipais, e a inspeção e limpeza das ruas, etc. Um chefe de polícia é encarregado desta parte da administração em todo o distrito municipal do Rio de Janeiro, apelidado atualmente *distrito neutro*, o qual se estende desde o mar e a baía até a serra dos Órgãos, e consta das freguesias do Sacramento, Candelária, Santana, Santa Rita, e

Rio de Janeiro

Glória na cidade, e fora dela das povoações da Lagoa de Freitas, Engenho Velho, Irajá, Jacarepaguá, Inhaúma, Campo Grande, Santa Cruz, Ilha Grande diante da cidade de Angra dos Reis, e todas as mais que se acham defronte da costa do sobredito distrito neutro, como a de Paquetá e a do Governador na baía Niterói. Cinco juizes de direito, que presidem aos júris de acusação e de sentença, cada um por seu turno administram às partes a justiça. A baía do Rio de Janeiro é o mais belo ornato da capital do Brasil, e muito mais o seria se suas margens e cais não estivessem pejados de edificios de recente data, de sorte que o único lugar onde se pode desembarcar com comodidade é o belo molhe com escadas por diante e pelos lados, que se fez novamente perto do arsenal da marinha, todos os demais lugares de desembarque achando-se cheios de negros que em todas as horas do dia e da noite vão despejar no mar as imundícias. Cinco montes, todos revestidos de verdura e de casas, se erguem no interior da cidade, a qual por isso parece menor do que na realidade é; as ruas da Ajuda e da Guarda Velha ocupam o vale formado pelos montes de São Sebastião e dos Frades de Santo Antônio; as dos Arcos e de Mata Cavalos

Rio de Janeiro

ficam escondidas por detrás deste último monte, e entre ele e o de Santa Teresa, a rua da Prainha, situada no norte da cidade, acha-se entre o monte dos Bentos e o da Conceição ou do Bispado; por detrás do qual e entre ele e o alto de São Diogo está a rua de Valongo, hoje rua da Imperatriz, onde em outro tempo se fazia a venda da escravatura. Em 1636, uma das principais ruas da cidade era a chamada do *Capitão Matens de Freitas*, que foi substituída pela de *Sucusarará*, e algum tempo depois pela da *Quitanda*, nome com que atualmente é conhecida. Havia nesse mesmo tempo outra que começava perto do mar, e tinha o nome de *Carneiro* dumã senhora que nela morava, nome que mudou no de São Pedro, que ainda conserva, quando em 1732 se edificou a igreja deste Santo. As casas no Rio de Janeiro são em geral elegantes, com a frontaria de cantaria, e as paredes dos lados de tijolo; as ruas principais e mais frequentadas são de dous ou três andares, as das que o são menos térreas, e aqui e ali algumas de dous andares. É para lastimar que algumas das ruas mais frequentadas, cujas casas são ornadas de balcões de ferro, sejam algum tanto estreitas; o mesmo se observa nas casas que têm muito mais

fundo que largura, e são interiormente repartidas todas pelo mesmo molde. As ruas da cidade velha são alinhadas, porém estreitas, calçadas, e com lajedo diante das casas; as da cidade nova são suficientemente largas, porém infelizmente como umas e outras são telhadas, quando chove alagam as goteiras a quantos passam. Há nesta cidade várias praças: a maior, chamada antigamente *Campo de Santana* e atualmente *Campo da Aclamação*, é um grande quadrado oblongo de figura irregular que separa a velha cidade, onde gira a maior parte do comércio, da nova onde há muito pouco: da parte que olha ao noroeste vê-se uma bela caserna com três pavilhões, dous dos lados e um no meio: do lado da antiga cidade está situado o palácio municipal, com nove janelas de face dumã arquitetura simples como é estilo no Brasil, e da parte da cidade nova o palácio do senado imperial, edificado talvez com pouco gosto e algum tanto mesquinho para o primeiro corpo do Estado. Entre estes monumentos existe um chafariz rodeado de oito colunas, cada uma com um lampião que se acende de noite, e duas grandes pias sempre peçadas de lavadeiras: fora das colunas há outras duas pias mais pequenas onde

bebem as cavalgadas. A praça do Rossio é um quadrado oblongo e regular, com noventa e cinco braças de comprido e cinquenta e um de largo. O frontispício do teatro se acha num dos ângulos desta praça, cuja casaria estava pedindo mais simetria e regularidade. O terreiro do Paço, que se estende ao longo da baía, é dividido em duas partes: a que se estende ao longo do mar tem, dum lado, as cocheiras imperiais, e do outro, a frontaria dum mercado todo de pedra, o qual foi acabado em 1838; a segunda parte, que fica sobre uma das ilhargas do palácio, tem, dum lado, a capela imperial, e do outro, um soberbo edifício que acompanha perfeitamente por aquele lado o palácio; perto do mar uma fonte dum debuxo mourisco acha-se ali posta conforme as leis da perspectiva, e nela topam os olhos antes de se espraíarem pelas serras que jazem na margem oposta da baía. Ao sul e a pequena distância do palácio está a praça de Moura, entre uma caserna e o mar, a qual é ornada dumã fonte mandada fazer pelo vice-rei, de que a sobredita praça se intitula. A praça de São Francisco, que se acha no centro da vila, se distingue por ser quadrada e pelo frontispício da Academia militar, que fica defronte da rua do Ouvi-

do, donde se veem arfar os navios surtos na baía: num dos lados estão os frontispícios da igreja de São Francisco de Paula e dum hospício da irmandade da mesma igreja, com duas torres redondas guarnecidas de ótimos sinos. Entre as ruas do Sabão e de São Pedro se acha a praça ou terreiro do Capim, perfeitamente quadrada, onde se vendem hortaliças, a qual necessitava de mais simetria na casaria que acompanha as suas quatro faces. Há além desta a praça de Santa Rita, com a igreja desta Santa, cujo frontispício seria quando muito digno duma igreja de aldeia, ornada porém duma fonte construída em 1842, que é por extremo útil num bairro tão populoso; a praça do Rosário, sempre no centro da vila, irregular, ornada da igreja de N. S. desta invocação, é um dos mercados principais de hortaliças. A praça de São Domingos, pequena, porém quadrada, com uma capela deste Santo, onde se vende toda espécie de forragem. Enfim a praça triangular de Valongo, que divide em duas partes a rua deste nome, e onde se há feito uma fonte em 1843. Podem-se citar como monumentos recomendáveis por sua arquitetura, a igreja da Cruz, na rua Direita, a qual é admirada dos entendidos

tanto por dentro, como por fora; a igreja paroquial da Candelária, na rua do mesmo nome, cujo frontispício grandioso deveria achar-se numa praça para poder-se melhor observar as suas colunas e as suas duas torres, as mais altas que existem no Brasil; o palácio das Belas-Artes, numa rua algum tanto escusa e pouco frequentada, obra do arquiteto Grand Jean de Montigny, cujo frontispício sobressairia muito mais se se abrisse uma rua por entre as casas velhas e arruinadas que se acham entre este palácio e a praça do Rossio, conforme o plano apresentado ao governo pelo sobredito arquiteto. O aqueduto, com duas ordens de arcos, uma sotoposta a outra, entre os montes de Santa Teresa e de Santo Antônio, digno de admiração pelo atrevido do desenho: o cano por onde correm as águas tem mais de uma légua de comprimento. Foi esta obra começada no meado do século XVII pelo governador interino Tomé Correia de Alvarenga, com pouco conhecimento dos sítios por onde devia passar, e com um risco mais acanhado, e assim foi concluída no cabo de várias interrupções por espaço de mais de quarenta e cinco anos, no de 1723, pelo governador Aires de Saldanha. Gomes Freire de Andrade, inteirado

do defeito do sobredito cano, por onde nem sempre corriam as águas, determinou de o tornar a fazer duma maneira mais sólida, o que viu concluído em 1750, ajuntando-lhe o aqueduto de duas ordens de arcos acima mencionado, para levar as águas até o coração da cidade. Consta este aqueduto na parte superior de quarenta e dous arcos, que vão de monte a monte, por cima dos quais vão as águas ter a outro cano que as leva até a fonte da Carioca, donde, por canos subterrâneos, as mesmas águas vão alimentar outras muitas fontes. Como a necessidade d'água fosse crescendo com o aumento da população, os vice-reis conde de Resende e Luiz de Vasconcelos e Souza aproveitaram diversas correntes que se perdiam para aumentar a da capital, e mandaram fazer os concertos necessários em diversos pontos do cano, concertos que foram continuados por D. João VI à sua chegada ao Brasil. Na seca de 1829 sentiu-se tanta necessidade d'água na cidade, que se fez uma subscrição entre os naturais e estrangeiros domiciliados para se pôr em execução o projeto feito por Mr. Rivière, engenheiro francês, para se aproveitarem as águas copiosas de vários riachos reunindo-os no mesmo cano. Demoliu-se consecutiva-

Rio de Janeiro

mente a antiga fonte da Carioca, e elevou-se em seu lugar um soberbo chafariz de pedra de cantaria, com seu frontal e pilastras que sustentam três tanques pegados uns com os outros, onde se ajunta a água, que sai ao depois em jorro repartida por trinta e cinco bicas de bronze. É esta obra, na totalidade, considerada como uma das maravilhas do Brasil. Além das quatro fontes do campo da Aclamação, do Palácio, da praça de Moura e da Carioca, há na rua do Conde a do Largo, que é alimentada pelo ribeiro Comprido, e tem várias bicas que dão água noite e dia. A dos Marrecos, defronte da porta do Passeio, a qual consiste em um monumento côncavo, coroadado de duas estátuas de pedra de grandeza natural, com sua escadaria na base, e uma pia de cada lado, ambas as quais se enchem com as águas que transbordam da concha, a qual se enche com a que perenemente nela vertem pelos bicos cinco marrecos de bronze; a fonte conhecida vulgarmente com o nome de Boiotas, situada numa rua pouco frequentada chamada de Barreiros, é de pedra com três grandes bicas de bronze, e suas águas são sulfúreas e ferruginosas. Outras muitas fontes foram recentemente feitas no bairro da Glória e em

vários outros mais arredados do centro desta capital. Citaremos como edifícios menos notáveis que os precedentes, o palácio imperial, vasto, porém sem jardim, e duma arquitetura por extremo modesta; o palácio legislativo, num dos lados do precedente, cuja entrada é simples e o mais do exterior ingrato à vista; o palácio da justiça, na rua de Lavradio; a casa da moeda ou ministério da fazenda, numa rua larga onde se vê o novo frontispício da igreja do Santíssimo Sacramento; a alfândega, grandemente acrescentada depois do estabelecimento do Império com um molhe sobre um braço da baía, onde três navios podem descarregar ao mesmo tempo; o arsenal da marinha, com um belo passeio à borda d'água, edifício que foi aumentado em 1843 com forjas para se fundirem as peças das máquinas de vapor, e para se aproveitar todo o ferro velho, com martelos que trabalham com vapor, e várias outras oficinas que se devem aos desvelos de José Joaquim Rodrigues Torres, então ministro da marinha; o arsenal de terra, onde se acham todas as oficinas necessárias para a fabricação dos objetos de selaria, arreios e mais objetos de couro, fardamento, artificios de fogo, etc. Entre os estabelecimentos de

beneficência do Rio de Janeiro, daremos o primeiro lugar à casa da Misericórdia, fundada em 1582, cuja direção corre por conta da irmandade do mesmo nome, que administra o hospital, onde os doentes são tratados de graça, se são pobres, e por dinheiro se têm com que pagar; o hospício dos órfãos, que lhe fica defronte, e o das órfãs, as quais quando se casam têm duzentos mil réis de dote; aos órfãos manda-se aprender um ofício debaixo da inspeção dum dos membros da irmandade. Para tão grande dispêndio possui esta irmandade bens de raiz na cidade e fora dela, e concede-lhe o governo duas lotarias por ano. Mencionaremos em seguimento o hospital dos Lázaros à margem da baía, no termo da freguesia do Engenho Velho; o dos Doudos ou de D. Pedro II, erigido em 1841 por uma subscrição que se abriu na praça do comércio, situado perto de Copacabana, em terras pertencentes à irmandade da Misericórdia, e dirigido por ela. A assembleia geral, por decreto de 4 de junho de 1841, ordenou que se erigisse um hospital para os inválidos, a pequena distância da capital do Império, porém não nos consta que se tenha definitivamente tomado uma resolução a este respeito. O antigo semi-

nário de São Joaquim, onde se acha presentemente estabelecido o colégio imperial de D. Pedro II, com cadeiras de Latim, filosofia, matemática, teologia, geografia, língua francesa e inglesa; o colégio de São José, onde os discípulos recebem igual instrução; a faculdade de medicina e de cirurgia; a academia militar e da marinha, onde a mocidade acaba os estudos começados nos colégios imperiais ou particulares; a biblioteca nacional, com mais de oitenta mil volumes, impressos ou manuscritos, escritos em diferentes línguas; a capela imperial e catedral, onde oficia o bispo do Rio de Janeiro, assistido de oito monsenhores com honras de bispos, de vinte e dous cônegos e vinte e quatro capelães. A antiga e nova vila acham-se repartidas em seis freguesias, a saber: a Candelária, criada antes de 1634; São José, cuja igreja foi edificada em 1633, mas que só teve o título de paróquia, por alvará de 10 de maio de 1753, bem como a de Santa Rita, que foi acabada em 1721; a de Santana, criada paróquia em 1815, bem que tivesse sido edificada pela irmandade dos crioulos desde o ano de 1735: em seu termo se acha a nova vila, e o bairro de Mata Cavalos; a freguesia do Santíssimo Sacramento, reputada a mais antiga

por ter sido transferida da igreja de São Sebastião para a da Cruz, e desta para a do Rosário, e afinal em 1822, para uma igreja que ainda está por acabar, e a freguesia da Glória, a mais recente, tendo sido criada em 1836. Além destas seis igrejas há na cidade outras muitas, pertencentes a diversas religiões de homens e de mulheres, ou a diversas irmandades, algumas das quais fundaram hospitais para os irmãos doentes. Quanto aos estabelecimentos de puro recreio, citaremos a bela sala do teatro, na praça do Rossio, onde se representam peças italianas e portuguesas. A grandeza, elegância e arquitetura do interior desta sala oferecem quanto se pode desejar. O segundo teatro nacional, que é o de São Januário, bem como o de São Francisco, não podem entrar em comparação com o de que acabamos de falar; há além destes outros muitos pequenos teatros pouco frequentados. O passeio público à beira da baía, com um terrado em cuja base se quebram com violência as ondas quando o mar anda alevantado, e de cima do qual se descobre ao longe a triplicada barreira que formam as serras ao redor da baía. As aleias são largas, acompanhadas de árvores frondosas que dão suficiente sombra, e os canteiros de flo-

Rio de Janeiro

res, povoados de plantas indígenas e agradavelmente debuxados, se acham amparados com grades de ferro. Da entrada se avista no cabo duma longa alameda de árvores uma fonte que faz uma bela perspectiva pelo pitoresco dela, e acha-se tanto ela como o tanque diante duma escadaria com um mainel de cada parte por onde se sobe para o terrado, o qual tem em redor assentos, e em cada extremidade um pavilhão, e é lajeado simetricamente em toda a sua superfície. Defronte da fonte em igual distância se erguem do meio de dous tanques paralelos e duma forma que tem certa originalidade, duas pirâmides triangulares que vão fenecer em trinta e seis pés de altura em ponta extremamente aguda. Numa casa de campo sita ao sul da rua de Mata Cavalos há uma fonte cujas águas submetidas à análise química forneceram diferentes sais, como o cloreto de sódio, nitrato de potássio, sulfato e carbonato de sódio etc. Além da água ferruginosa da fonte da rua dos Barreiros, existe outra no monte do Tejuco, que foi descoberta pelo Imperador D. Pedro I, onde este soberano mandou fazer um edificio na estrada para ficar mais a jeito do povo, e também há outra nos montes das Laranjeiras, porém menos

Rio de Janeiro

saturada de ferro. A indústria fabril está ainda na infância tanto no Rio de Janeiro, como nas demais cidades do Brasil, em razão do antigo sistema colonial, e por outros motivos que seria supérfluo expender. A fábrica de chita, criada por D. João VI, desapareceu com a partida deste monarca; a de papéis pintados que lhe sucedeu, não se pôde conservar senão três anos sem embargo da proteção do Imperador. A de fitas e galões de seda manteve-se até agora pela louvável perseverança do dono dela, não obstante ter-lhe a assembleia geral negado o benefício de duas lotarias que ele esperava ajuntar aos capitais que adianta há mais de trinta anos, para mantê-la em vigor. As fábricas de papelão se conservam num estado deplorável; as de curtume são as únicas que prosperaram depois que os Franceses melhoraram os processos do fabrico, de sorte que as fábricas portuguesas formadas em maior escala que as dos estrangeiros decaíram. Uma sociedade anônima estabeleceu uma fábrica de vidros, onde se faz toda espécie de objetos de vidraria, a qual esteve no maior apuro até que alcançou os benefícios de lotarias, e a proteção eficaz do Imperador e das princesas suas irmãs. Se

as fábricas se não acham num estado progressivo de prosperidade, não acontece o mesmo com o comércio desta populosa cidade. Seu porto é o entreposto das províncias centrais e meridionais, e a exportação consiste principalmente em açúcar, café, couros e algodão; porém por fatalidade este último gênero tem sido por tal modo falsificado em Minas Gerais, que a exportação dele é atualmente bem escassa. Eis a soma dos três gêneros que saíram desta praça em maior quantidade no espaço de dez anos.

Ano	Sacas de café de 5 arrobas	Caixas de açúcar	Couros
1832	478.950	16.645	263.657
1833	561.692	14.154	187.530
1834	560.759	14.785	179.198
1835	647.438	19.692	145.752
1836	715.893	18.537	158.549
1837	657.005	14.701	146.960
1838	766.996	16.705	197.310
1839	889.324	17.627	154.272
1840	1.068.418	13.499	250.283
1841	1.028.368	10.465	174.648

No decurso do ano financeiro de 1842 a 1843, saíram do porto do Rio de Janeiro 4.804.813 arrobas de café da colheita da província, e 1.029.732 arrobas vindas das províncias de São Paulo e Minas Gerais, o que perfaz o total de 1.166.909 sacas de café de 5 arrobas. Segundo os documentos oficiais publicados em 1843, há na cidade do

Rio de Janeiro quatro mil setecentas e trinta e quatro casas de comércio de diferentes gêneros, sete Belgas, noventa e cinco Inglesas, trezentas e vinte e oito Francesas, e o restante pertencentes a Portugueses, os quais estão de posse do comércio de ferragens, quincalharia, mercearia, e vendem juntamente por miúdo aguardente, vinho, azeite, manteigas, especiarias, conservas, carne seca, e outros comestíveis. A importação para o Rio de Janeiro consiste essencialmente em fazendas de seda, lã, algodão e linho das fábricas inglesas, francesas e portuguesas, ferro em barra ou obrado vindo da Suécia ou da Inglaterra; madeira de pinho para construção dos navios ligeiros, resinas, cabos e pano de linho para velas da Suécia ou da Rússia, de Portugal fechaduras, machados, enxadas, e outros instrumentos de agricultura, dos Americanos Ingleses grande quantidade de farinha de trigo. Um grande número de artífices e de oficiais de todo ofício de diferentes nações vão exercer com proveito as suas profissões nesta grande cidade, cuja população é de cento e setenta mil almas repartidas pelo modo seguinte:

Brasileiros por nascimento ou adoção.....60.000

Estrangeiros de diversas nações.....	25.000
Escravos de toda cor e sexo.....	85.000

Total.....170.000 almas.

Em 1844 constou o colégio eleitoral da capital do Império de duzentos e cinquenta e seis eleitores.

Rio de São Francisco. Comarca da província da Bahia, na margem esquerda do rio de que tomou o nome. Pertencia ao princípio à paróquia de Pernambuco, e era conhecida com o nome de *Sertão de Pernambuco*; porém um alvará de 3 de junho de 1820 a desanexou desta província, e a anexou à da Bahia. Compõe-se esta comarca dos distritos das vilas da Barra do Rio Grande, que é a sua cabeça, e dos de Assunção, Campo Largo, Flores, Pilão Arcado, Santa Maria e Carinhenha, nos quais apenas há vinte mil habitantes.

Rio de São Mateus. Nova comarca da província do Espírito Santo, criada pela assembleia provincial, e composta dos distritos das vilas de São Mateus, que é a sua ca-

beça, e dos de Barra e de Linhares.

Rio de Sapucaí. Comarca da província de Minas Gerais, criada por decreto da assembleia legislativa de 1833, que lhe havia dado por limite, a leste e ao norte, a província de São Paulo, e ao sul a do Rio de Janeiro: porém tendo sido criadas, por lei provincial de 1839, as novas comarcas do Rio Grande e do Rio Verde, a de Sapucaí ficou tão somente com o distrito de sua cabeça que é Sapucaí, e com os de Caldas e de Jacuí.

Rio de Tapajós. Nova comarca da província do Pará, criada por lei provincial que lhe assinalou por cabeça a vila de Santarém: encerra os distritos das vilas de Aveiro, Boim, Pinhel, Santarém e Vilanova de Santa Cruz.

Rio Doce. Grande rio do império do Brasil, que rega as províncias de Minas Gerais e do Espírito Santo. (V. *Doce*.)

Rio do Peixe.³²⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, nas margens dum ribeiro que deságua no rio de Santo Antô-

Rio do Peixe

rio. Jaz quatro léguas ao sul da cidade do Serro. Sua igreja, de que é padroeiro São Domingos, era filial da matriz da mencionada cidade, outrora Vila do Príncipe; porém, em 7 de agosto de 1832, a assembleia geral dotou esta povoação com uma escola de primeiras letras de meninos, e a assembleia provincial, por lei de 7 de abril de 1841, elevou a sua igreja à categoria de paróquia, dando-lhe por filial a da povoação de Tapanhuacanga.

Rio do Peixe.³²⁶ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja dependente da matriz da freguesia do Bonfim, em virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Rio do Peixe.³²⁷ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja dedicada a N. S. da Saúde, edificada em 1773, e dependente da igreja paroquial da povoação de Barra Longa, que foi anexada à nova matriz da freguesia de Paulo Moreira, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

³²⁵ Atual cidade de Alvorada de Minas/MG. (N/E)

³²⁶ Atual cidade de Piracema/MG. (N/E)

³²⁷ Atual cidade de Dom Silvério/MG. (N/E)

Rio do Peixe

Rio do Peixe.³²⁸ Lugarejo da província de Minas Gerais, situado à margem do ribeiro do Peixe, um dos fontanais principais do rio Novo, quinze léguas pouco mais ou menos ao sul da cidade de Barbacena. Sua igreja foi largo tempo dependente da matriz desta vila, antes que ela fosse honrada com o título de cidade, e tem por padroeira N. S. das Dores. Um decreto da assembleia geral, de 14 de julho de 1832, a pôs entre as filiais da nova paróquia de Santana, criada em lugar da de Ibitipoca.

Rio do Peixe. Lugarejo da província de Goiás, no distrito da vila de Meia Ponte, de que se acha distante obra de seis léguas. Está situado no confluente do ribeiro do Peixe com o rio Corumbá, e tem uma igreja da invocação de N. S. da Penha.

Rio dos Cavalos. Braço do rio das Piranhas, na província do Rio Grande do Norte. (V. *Cavalos*.)

Rio do Sino.³²⁹ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca de Porto

Alegre, entre o rio do Sino e o Caí, perto do lugar onde estes rios se ajuntam com o Jacuí pela margem esquerda. Sua igreja, da invocação de Santana, alcançou o título de paróquia por alvará de 9 de julho de 1814; os moradores de seu termo, que não passam atualmente de mil e duzentos, fazem sementeiras de cereais, plantam mandioca e criam gado. Esta freguesia sofreu bastante com a rebelião de Bento Gonçalves da Silva, de 1836 em diante.

Rio Formoso. Comarca da província de Pernambuco, ao sul da do Recife, de que é cabeça a vila de Formoso.

Rio Fundo.³³⁰ Freguesia da província da Bahia, no distrito da nova cidade de Santo Amaro, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 18 de junho de 1832. Sua igreja, dedicada a São Pedro, foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial; seu termo confronta com o da cidade de Santo Amaro, e com o da nova freguesia de Bom Jardim, e acha-

se separado do da vila de São Francisco e do da freguesia de São Sebastião pelo rio Jacuípe.

Rio Grande. Comarca da província de Minas Gerais, criada por lei provincial do 1º de abril de 1841. Consta do distrito da vila de Tamanduá, cabeça dela, e dos das vilas da Formiga, de Piumhi e de Oliveira.

Rio Grande.³³¹ Cidade mercantil da província de São Pedro do Rio Grande, que foi largo tempo capital da capitania d'El-Rei. Teve princípio no acampamento que em 1737 fizeram as tropas portuguesas, nas vizinhanças do mar, na margem meridional do canal que jaz entre o mar e a lagoa dos Patos, apelidado vulgarmente Rio Grande. Como este campo fosse fortificado tanto da parte do mar, como da da terra, alguns colonos se estabeleceram à sombra das fortificações, e erigiram uma capela a Santana para servir-lhes de matriz. Pizarro, nas Memórias históricas do Rio de Janeiro, afirma: "Que aquele território já antes de 1680 se achava povoado." Cousa que custa a acreditar, porque as

³²⁸ Atual cidade de Lima Duarte/MG. (N/E)

³²⁹ Atual cidade de Capela de Santana/RS. (N/E)

³³⁰ Atual distrito de Rio Fundo, município de Terra Nova/BA. (N/E)

³³¹ Atual cidade de Rio Grande/RS. (N/E)

tropas e colonos, que para aquele lugar se mandaram em 1737, tiveram de fazer entrincheiramentos que lhes serviram de amparo contra o gentio e as feras. Acrescenta este autor: "Que aqueles colonos edificaram uma capela que dedicaram a São Pedro, a qual lhes serviu de paróquia até que em 1737 se lhe conferiram as prerrogativas." Nenhum dos outros autores que trataram das cousas do Brasil faz menção desta capela e povoação antes do ano em que os colonos erigiram a de Santana. Novos colonos enviados à custa do Estado se juntaram sucessivamente aos primeiros, porém sendo o sítio pouco cômodo, lembrou-se o novo governador do Rio de Janeiro e São Paulo Gomes Freire de Andrade de transferir a povoação para o sítio onde atualmente se acha a cidade; e traçou a planta da nova vila em conformidade da ordem régia que para esse efeito recebera em 17 de julho de 1745; mandou fazer uma igreja que dedicou a São Pedro e a casa da câmara com sua competente cadeia. O esquecimento que houve dalgumas formalidades na ocasião da criação da nova vila, e a ocupação do país pelos Espanhóis em 1763, foram causas de se ver despojada do título de vila a capital da capitania d'El-Rei,

que pertencia ao governo do Rio de Janeiro, e de não o poder recobrar senão em 1812, época em que o ouvidor Antônio Monteiro da Rocha foi mandado pelo príncipe regente para cumprir com as formalidades requeridas pelas leis, para a criação duma vila. Segundo o numeramento geral dos habitantes da província que se fez em 1814, era então a sua população a seguinte:

Branços, de ambos os sexos	2.047
Índios, id	38
Livres de cor, id	160
Escravos, id	1.119
Recém-nascidos, id	226
	—
Total.....	3.590 almas.

Um alvará de 15 de maio de 1816 criou nesta vila um juiz de fora, cuja jurisdição se estendia do nascente ao poente desde o mar até o Uruguai, e do norte ao sul desde a lagoa dos Patos até os Castilhos Grandes, e outro alvará de 7 de fevereiro de 1820, lhe concedeu para a instrução da mocidade uma escola de primeiras letras para meninos e uma cadeira de latim, e mais tarde se ajuntou outra escola para as meninas: finalmente uma lei da assembleia legislativa provincial, promulgada em 1835, lhe conferiu as hon-

ras e título de cidade. Está a nova cidade do Rio Grande assentada numa península entre a enseada da Mangueira e a extremidade meridional da lagoa dos Patos, em trinta e dous graus e dous minutos de latitude, e em cinquenta e três graus e vinte e nove minutos de longitude; seu porto e a carreira por onde nele se entra foram cavados em 1833 por uma companhia, e os navios que demandam quinze pés d'água acham nele bom surgidouro. A antiguidade deste porto e as dificuldades que se experimentam para subir pela lagoa dos Patos até a cidade de Porto Alegre, capital da província, lhe dão uma certa importância para o comércio, assim que é preferido ao de São José que lhe fica ao pé, o qual é muito menos abrigado, se bem que admite navios de maior porte. Os moradores desta cidade não têm outra água senão a dos poços que fazem o mais fundos que podem, para a terem menos salobre que a que se encontra na superfície da terra, e vão por vezes fazer provisão de melhor na ilha dos Marinheiros distante dali uma légua. O comércio de exportação da cidade do Rio Grande consiste em couros e cornos que se mandam para Europa, em carne seca, sebo, velas e linho em rama. Posto que cercada

Rio Grande

de toda a parte de areia, tem esta cidade um aspecto agradável; as ruas são descalças; as casas em geral térreas, por cima das quais se descortinam três igrejas, uma das quais é paróquia desde o ano de 1752; as outras são da invocação de N. S. do Carmo e de São Francisco de Paula. Seu distrito foi por diversas vezes desmembrado para se tirarem dele os das vilas de Alegrete, de Jaguarão e de Piratini, o que não obstante, avalia-se a sua população em doze mil habitantes, agricultores, homens de negócio e do mar.

Rio Grande. Registo e povoação da província de Goiás, na margem direita do rio Araguaia, e na estrada que vai para a cidade de Cuiabá.

Rio Grande. Nome que impropriamente se dá à abertura ou canal da largura de uma légua e do comprimento de duas, que estabelece a comunicação da lagoa dos Patos com o Oceano, na província de São Pedro do Rio Grande. Sua embocadura no mar jaz em trinta e dois graus e dois minutos de latitude, e em cinquenta e três graus e vinte e sete minutos de longitude ocidental. Corre este canal por terras rasas e arenosas, destituídas de colinas, de edificios

e de árvores, que possam servir de baliza aos navegantes; não se avista a entrada senão quando já se está perto dela, e à noite a luz do farol, por fraca, apenas a assinala: por conseguinte os navios se não avizinham dela senão em tempo claro, e quando cursam nordestes; então orientam-se pela praia do Estreito, governando-se a pequena distância dela até avistarem a Torre na ponta do norte, conservando-se arredados da ponta do Sul por ser parcelada. Faz então a Torre sinal, acodem os pilotos da barra que os fazem entrar no porto, conduzindo-os por entre os bancos de areia, que mudam de lugar com a força das águas e dos ventos. Foi por engano que os primeiros navegantes e moradores deste país deram a este canal o nome de rio; os que melhor o examinaram facilmente entenderam que nada mais era que um sangradouro das lagoas dos Patos e Mirim; sem embargo do que, continuaram e continuam a dar-lhe o nome de Rio Grande, como o dão a toda a extensão de perto de oitenta léguas d'água, chamada, segundo as localidades, rio Jacuí, lagoa de Viamão e lagoa dos Patos. O álveo em todo ele é de fundo de areia e tem ordinariamente dezesseis braças d'água; mas junto da barra na vazante da maré, não

se acha senão de dez até onze pés de fundo sem parcéis. Do porto da cidade do Rio Grande ao da cidade de Porto Alegre fazem sessenta léguas de navegação. (V. *Patos*, *Mirim* e *Viamão*, lagoas, e *Jacuí*, rio.) Um decreto de 24 de outubro de 1832 concedeu a todo o indivíduo a faculdade de exercer as funções de piloto da barra do Rio Grande, debaixo de sua responsabilidade pessoal.

Rio Grande. Rio da província da Bahia, chamado também Belmonte. (V. *Jequitinbonha*, rio.)

Rio Grande do Norte. Província setentrional do Brasil, cujo nome é derivado do rio Potengi, a que os primeiros exploradores que se estabeleceram em suas margens chamaram impropriamente Rio Grande. Devia esta província ser parte da doação feita ao célebre historiador João de Barros por El-Rei D. João III; porém tendo naufragado nas costas do Maranhão a grande expedição que ele havia mandado de Lisboa em 1534, pouco ou nenhum conhecimento se teve das províncias vizinhas até Filipe II; o qual, tendo ajuntado à coroa de Espanha a de Portugal, determinou de pôr cobro no comércio clandestino que nesta colônia faziam em pau-

Brasil os estrangeiros. Em conformidade com as ordens que deste monarca recebera D. Francisco de Souza, que então ocupava o posto de governador general do Brasil, encomendou a Jerônimo de Albuquerque que fosse desinfectar o rio Potengi ou Grande, submetendo juntamente os Índios que dominavam em suas margens. Chegou Jerônimo de Albuquerque àquele sítio em 6 de janeiro de 1599, e tratou imediatamente de fazer um fortim, que se converteu pelo decurso do tempo no forte conhecido atualmente com o nome dos Reis Magos. Teve o comandante desta expedição, ao mesmo tempo militar e agrícola, de passar perto dum ano em frontaria com os Índios, antes de conseguir, por meio dalgumas inteligências que teve com os Potiguares, de fazer aliança com Sorobabé, cabeceira deles. O que tendo efetuado, lançou os alicerces duma vila a que pôs nome Natal, por isso que nesse dia do ano de 1599 se dissera nela a primeira missa. Tornando-se Jerônimo de Albuquerque para a Bahia, onde residia o governador, a gente que ele ali havia deixado desamparou imediatamente a vila, que foi ao depois, no decurso do ano de 1608, ocupada por Martins Soares Moreno, que nela se es-

tabeleceu com alguma tropa. Tratou este oficial de travar amizade com o chefe Jacaúna, e fez-se amar dos Índios amoldando-se com os seus usos, e pintando-se à moda deles, quando se via obrigado a assistir a alguma de suas solenidades; a ponto que quando em 1614 foi por mar, em companhia de Jerônimo de Albuquerque, expulsar os Franceses da ilha do Maranhão, setecentos Índios de baixo das ordens do jovem Camarão, irmão de Jacaúna, partiram por terra, e se apresentaram defronte da dita ilha, e contribuíram grandemente ao bom sucesso da expedição. Continuava Moreno a governar no continente fronteiro à ilha do Maranhão, quando por várias vezes tentaram os Holandeses tomar de assalto o forte do rio Potengi, porém inutilmente, e o mesmo aconteceu com as proposições e oferecimentos que ao comandante dele foram feitas por parte do almirante Centio; porém um sargento cujo nome se ignora, com manifestação infâmia, apoderando-se das chaves que estavam de baixo do travesseiro do comandante, que estando gravemente ferido se tinha deitado, de concerto com Ortegueira, outro traidor, as fez entregar ao inimigo, que se apoderou do forte, e por

Rio Grande do Norte

consequente de todo o país. Expulsados os Holandeses do Brasil, no reinado d'El-Rei D. João IV, fez este monarca doação da cidade do Natal a Manoel Jordão; porém como este donatário justamente no cabo da viagem falecesse, voltou esta cidade outra vez para a Coroa. Por ordem régia de 12 de dezembro de 1687 foi a comarca do Rio Grande posta debaixo da jurisdição do ouvidor geral da vila de Paraíba, porém passados dous anos, foi a sobredita comarca erigida em condado por El-Rei D. Pedro II em favor de Lopes Furtado de Mendonça; durou porém isso pouco tempo e tornou a ser segunda vez incorporada nos domínios da Coroa. Esta antiga capitania tinha sempre andado anexada e sujeita ao governo de Pernambuco, de que era uma mera comarca, administrada por um capitão-mor; porém a começar do ano de 1817, José Inácio Borges, que era então o comandante militar dela, entrou a corresponder-se diretamente com os ministros; assim que é tido pelo primeiro governador da comarca de Rio Grande do Norte, a qual foi definitivamente desanexada da de Paraíba, por alvará de 18 de março de 1813; e um decreto de 3 de fevereiro de 1820 havendo criado uma alfândega na cidade do Natal,

Rio Grande do Norte

tanto o povo, como as autoridades dela, entenderam que por aquele decreto havia o soberano erigido em província aquela antiga comarca. Sobrevieram os acontecimentos de 1821, e nesse mesmo ano entregou José Inácio Borges o governo nas mãos duma junta constituída segundo as bases da constituição de Portugal, e posto que o presidente e o secretário da sobredita junta, e juntamente o governador das armas, fossem naturalmente de sentimentos encontrados com os dos defensores da independência, continuaram a administrar até o fim do ano seguinte. A província do Rio Grande do Norte é limitada, da parte do sul, pelo rio Guaju e por uma linha reta tirada do nascente deste rio até a comarca do Crato; da do poente, pelo rio Apodi e pela cordilheira, as quais a dividem da província do Ceará nas adjacências das serras dos Cairiris Novos e do Tibau; da do norte e do nascente, serve-lhe o Oceano de extrema. Consta de sessenta e duas léguas em linha reta de litoral, trinta e cinco na parte que respeita ao nascente, e vinte e sete na que olha ao norte. Sua superfície é de duas mil léguas quadradas de terra; chã e arenosa da parte do norte, montanhosa da do sul e nas adjacências da Capital. Acha-se atualmente

dividida em duas comarcas, a de Natal e a de Açú. O ar é puro, o calor intenso, e os dias quase iguais às noites; porém falece de estradas para a facilidade do comércio por terra, e de portos de mar que possam receber fragatas e outros navios do mesmo porte: os que existem, tanto na costa de leste como na do norte, só admitem barcos, cuja carreira principal é para Pernambuco. Consiste o comércio desta província em sal, que se tira das salinas de Açú e de Mossoró, em algodão, açúcar, tabaco, couros curtidos e por curtir, peixe salgado, e drogas de medicina. A costa de leste desde Petetinga até a ponta do Calcanhar, e a do norte, desde esta ponta até a do Mel, são acompanhadas duma enfiada de parcéis mais ou menos perigosos, apelidados dos navegantes os *Bancos de São Roque*. A gente do mar que anda conversada nesta costa anda à pesca nela, e as embarcações ligeiras e barcos que nela vão tomar carga fazem carreira por entre estes bancos e a terra, num esteiro que aí há de trinta léguas de comprimento e duas de largo, que tem em todo o tempo dez pés ou mais d'água. A plantação de canaviais, que ao princípio era copiosa nesta província, tem ido progressivamente diminuindo, e tomou-lhe o lugar a dos al-

godoeiros, cuja agricultura tem ocasionado uma diminuição considerável na escravatura, mas não que se tenha aumentado em proporção o número dos brancos. A população desta província era em 1815 de cinquenta mil habitantes, metade Índios e metade brancos, mestiços e escravos; de então em diante o número dos escravos tem diminuído, e todavia a população se acha no mesmo ser que dantes. Encontra-se nas terras dela ouro, prata, e ferro, porém em tão pouca quantidade que é raro ver alguém tratar de mineração; amianto, cristal, pedras calcárias, siliciosas e graníticas, e tabatingas de diversas cores, são os produtos minerais que mais abundam. As matas e catingas encerram os mesmos animais, quadrúpedes, e aves que as províncias vizinhas. As emas eram no princípio mui vulgares, atualmente são mui raras; as bordas dos rios e lagoas abundam em jacurutus ou jabirus de Bufon, e em macauãs, que dão cabo das serpentes, de qualquer tamanho que sejam. As serras de Luiz Gomes e de Porto Alegre são as de maior altura da província, e as em que melhor se dão os algodoeiros; nelas também se cultiva mandioca, milho e feijões, assim que são a parte mais povoada do ser-

tão da província. Na vizinhança do mar, o terreno é arenoso e povoado de grande quantidade de coqueiros; os bosques e matas do sertão abundam em árvores resinosas, gomas e balsâmicas, nas que dão o melhor pau-brasil, e em várias espécies de palmeiras e de madeiras de construção. As frutas mais vulgares são as jabuticabas, ambuzes, araçás e mangas. Colhe-se também grande quantidade de plantas de medicina, de cera e de mel que várias espécies de abelhas silvestres fabricam nos troncos carcomidos das árvores. Os moradores que residem nas partes da província menos cultivadas fazem criações de gado vacum para o consumo das vilas vizinhas, e de cavalos que levam a vender à cidade do Recife. Os principais rios que correm por esta província do sul para o norte, e do poente para o nascente, são: o Aguamaré, o Apodi, o Ceará-Mirim, o Cunhaú, o Guajaí, o das Piranhas, entre todos o mais caudaloso; o Potengi ou Grande, o Seridó e o Tareiri, nos quais deságuam um sem número de ribeiros, que en-

grossando-os, facilitam o transporte de distrito a distrito em canoas compridas e estreitas que não demandam mais que oito para doze polegadas d'água. Encerra a província do Rio Grande do Norte a cidade do Natal e as vilas de Acari, Apodi, Extremoz, Goaninha, Porto Alegre, Santana do Mato, São Gonçalo, São José de Mipibu, São José dos Angicos, Toiros, Vila da Princesa, Vila do Príncipe e Vila Flor. O ex-presidente desta província, D. Manoel de Assis Mascarenhas, em um discurso improvisado, disse que "havia nela quinze vilas, uma população de cem mil almas, excelentes terras de lavra, pastos para a criação de gado vacum e cavalos, matas abundantes em pau-brasil e em madeira de construção de toda a qualidade, e copiosas salinas;" e todavia não manda esta província senão um deputado à assembleia legislativa do Império, e um senador à câmara alta. Sua assembleia legislativa provincial consta de vinte membros, os quais em 1842 recebiam quatro mil réis por dia durante o tempo das sessões.

Rio Grande do Sul. Província do Brasil. (V. *São Pedro do Rio Grande.*)

Rio Manoel Alves.³³² Povoação da província de Goiás, fundada em 1812 pelo governador Fernando Delgado Freire de Castilho, sobre o rio dos Tocantins, no confluente do rio de Manoel Alves.

Rio Manso.³³³ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade Diamantina, e sete léguas ao norte dela, sobre o ribeiro Manso, tributário do rio Jequitinhonha. Teve origem no registo colocado na margem deste rio para pôr cobro no extravio do ouro e dos diamantes.

Rio Manso.³³⁴ Lugarejo da província de Minas Gerais, no termo da freguesia da Piedade da Paraopeba.

Rio Negro.³³⁵ Vila da Guiana brasileira, nas margens do rio deste nome. (V. *Barra do Rio Negro.*)

Rio Negro.³³⁶ Povoação da província de São Paulo, no distrito de Vila do Príncipe,

³³² Atual cidade de Aruanã/GO. (N/E)

³³³ Atual cidade de Couto de Magalhães de Minas/MG. (N/E)

³³⁴ Atual cidade de Rio Manso/MG. (N/E)

³³⁵ Atual cidade de Manaus/AM. (N/E)

³³⁶ Atual cidade de Rio Negro/PR. (N/E)

Rio Novo

com uma igreja filial da matriz desta vila. Em 1842 contavam-se nela e seu termo mil e duzentos habitantes.

Rio Novo.³³⁷ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena, nas margens do ribeiro Novo que se ajunta com o rio Barros. Possui esta povoação uma escola de primeiras letras, que foi instituída por decreto da assembleia geral de 28 de junho de 1832.

Rio Pardo.³³⁸ Vila considerável da província de São Pedro do Rio Grande, na margem direita do rio de seu nome, perto de seu confluente com o Jacuí, e vinte léguas ao poente da cidade de Porto Alegre. Teve princípio no forte feito pelos Portugueses em 1751, quando se juntaram com os Espanhóis, para proceder à demarcação de suas respectivas colônias no sertão da América meridional. No ano seguinte foi o dito forte investido por Tiaraiú Sepê, cacique da aldeia de São Miguel, na província das reduções dos jesuítas, na margem esquerda do Uruguai. Algumas famílias brancas e indianas se estabele-

ceram em torno deste forte, e em 1769 era a povoação já assaz grande para que sua igreja, dedicada a N. S. do Rosário, fosse criada paróquia. Por ordem régia de 7 de outubro de 1809, foi esta povoação elevada à categoria de vila; e segundo um rol feito em 1814, a população de seu distrito foi avaliada do modo seguinte:

Branços, de ambos os sexos	5.931
Índios, id	818
Livres de cor, id	969
Escravos, id	2.429
Recém-nascidos, id	298
	—
Total.....	10.445 almas.

Por alvará de 26 de agosto de 1819 colocou-se nesta vila, atualmente cabeça da comarca de seu nome, um juiz de fora. Um decreto real de 25 de julho de 1818 havia conferido o título de conde do Rio Pardo a D. Diogo de Souza; porém depois da separação, o Imperador D. Pedro I deu sucessivamente o título de barão e de visconde de Rio Pardo a seu ajudante de ordens o general Joaquim Pereira Valente. Possui esta vila uma cadeira de latim e duas

escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas, várias igrejas, mas não tem monumento algum que seja digno de notar-se. Seu porto admite sumacas que ali vão tomar carga de mate ou chá do Paraguai, carne seca, e outros gêneros que são exportados para outras províncias. O distrito desta vila era de princípio muito vasto, porém levou vários cortes, quando se formaram os das novas vilas da Cachoeira, do Triunfo e de Caçapaba, e o que lhe resta é muito pouco, mas fértil. Dá-se nele admiravelmente o linho de que se fabricam teias. Tanto a vila como o distrito hão sofrido consideravelmente depois da rebelião de 1839 que durou até o presente.

Rio Pardo.³³⁹ Vila da província de Minas Gerais, na comarca de Minas Novas. (V. *Januária*, vila.)

Rio Pardo. Antigo registo e povoação da província de Minas Gerais, sobre o rio Pardo, afluente do Guaicuí ou das Velhas; está dentro do termo da freguesia de Curmataí.

³³⁷ Atual cidade de Rio Novo/MG. (N/E)

³³⁸ Atual cidade de Rio Pardo/RS. (N/E)

³³⁹ Atual cidade de Rio Pardo de Minas/MG. (N/E)

Rio Pardo. Registo da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Pardo, tributário do rio Grande, e um dos limites da província de São Paulo. Cobram-se nele os direitos de saída dos gêneros que saem para fora da província.

Rio Piracicaba. Nova comarca da província de Minas Gerais. (V. *Piracicaba*, artigo primeiro.)

Rio Preto. Nova comarca da província de Minas Gerais, criada pela assembleia legislativa provincial de 1842, ao norte do rio Jequitinhonha; a qual tem por cabeça a vila de Januária, e se compõe do distrito da dita vila e dos de Grão Mogor e Guaratuba.

Rio Preto.³⁴⁰ Nova vila e antiga freguesia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. Está assentada na confluência do rio Preto com o rio Grande, afluente do de São Francisco. Sua igreja paroquial é dedicada a Santa Rita; tem escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho

de 1832. Foi elevada à categoria de vila por lei provincial de 26 de março de 1840, assinando-se-lhe por distrito o próprio termo de sua paróquia que é assaz vasto. O presidente da província criou nela em 1843 um colégio eleitoral.

Rio Preto.³⁴¹ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Está situada na margem esquerda do ribeiro Preto, um dos primeiros afluentes do rio Araçuaí, nove léguas ao nordeste da cidade Diamantina. Sua igreja, de que é padroeiro São Gonçalo, foi criada paróquia por alvará de 8 de outubro de 1821, e tem por filiais as das povoações de Abadia e de Milho Verde. Seu distrito, que pode ter quatorze léguas do norte ao sul, encerra com pouca diferença dous mil habitantes, e pega ao norte com o da vila da Formiga; ao poente com os de Curmataí e da cidade Diamantina; ao sul com o da cidade do Serro, e ao nascente com os da povoação da Penha e da cidade de Minas Novas. Colhe-se nele grande quantidade de algodão além dos viveres usuais.

Rio Preto.³⁴² Antiga povoação e presidio da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena. Chamam-na também N. S. dos Passos do Rio Preto.

Rio Real.³⁴³ Nova vila da província de Sergipe, na cabeceira do rio Real. Era antigamente uma povoação cuja igreja, da invocação de N. S. dos Campos, dependia da matriz da vila do Lagarto, e foi criada paróquia no princípio deste século. A assembleia legislativa provincial, criada em virtude da lei das Reformas da Constituição, conferiu a esta nova freguesia o título de vila com o nome que hoje tem por lei de 1835. Os moradores de seu distrito fazem criações de gado, colhem algodão além dos viveres necessários para o seu consumo.

Rio Sapucaí. Comarca da província de Minas Gerais, criada pela assembleia geral no decurso do ano de 1830, desanexada para esse efeito da antiga comarca do Rio das Mortes. Porém depois da criação das assembleias provinciais, foi esta nova comarca

³⁴⁰ Atual cidade de Santa Rita de Cássia/BA. (N/E)

³⁴¹ Atual cidade de São Gonçalo do Rio Preto/MG. (N/E)

³⁴² Atual cidade de Rio Preto/MG. (N/E)

³⁴³ Atual cidade de Rio Real/BA. (N/E)

Rio Sem Peixe

também desmembrada, para se formar a de Rio Verde. Consta atualmente do distrito da vila de Sapucaí sua cabeça e dos de Caldas e de Jacuí.

Rio Sem Peixe.³⁴⁴ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja dependente da matriz da freguesia de Paulo Moreira.

Rio Verde. Nova comarca da província de Minas Gerais, criada por lei provincial do 1º de abril de 1841, de parte das comarcas de Rio das Mortes, Rio de Paraibuna e Rio Sapucaí. A cidade de Campanha é a sua cabeça, e além do distrito dela encerra os das vilas de Ajuruoca, Baependi e Três Pontes.

Rio Verde.³⁴⁵ Aldeia da província de Mato Grosso, na comarca de Cuiabá, nas cabeceiras do rio Verde, afluente do Guaporé. O padre Francisco Lopes de Sá ajuntou em 1815 algumas famílias de Índios, na cordilheira Parecis, e os doutrinou e tratou de civilizar. Estes Índios são dum gênio dócil e sociável, porém

conservam sempre a inclinação para a vida solta, e para a caça e pesca.

Rio Vermelho.³⁴⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, vinte e nove léguas a és-nordeste da cidade do Serro, sobre o ribeiro Barreiro que se ajunta com o Vermelho, légua e meia mais abaixo, em dezoito graus e trinta e dous minutos de latitude. Consta esta freguesia de obra de cinquenta casas térreas, ao longo da estrada da cidade do Serro para a de Minas Novas. Sua igreja está situada num outeiro no cabo da povoação, e foi criada há muito paróquia com a invocação de N. S. da Penha. Seu termo é vasto e sadio; veem-se nele amiúde viverem pessoas de ambos os sexos até cem anos, atualmente consta de quatro mil habitantes de diversas cores que lavram tabaco e víveres para bastecimento da cidade Diamantina. Dão-se em suas terras otimamente os cafeeiros, porém a dificuldade dos transportes e o desleixo fazem que este gênero de indústria agrícola é posto em desuso, sendo que, com a navegação do rio Doce

e do Saçuí, podia ser uma fonte de riqueza.

Rio Vermelho.³⁴⁷ Freguesia da ilha que dá nome à província de Santa Catarina. Sua igreja, cujo orago é São João Batista, dependeu muito tempo da matriz da povoação da Conceição da Lagoa, até que foi desanexada e criada paróquia por virtude dum decreto da assembleia geral de 11 de agosto de 1831, que assinou por limite de seu termo da parte do norte o ribeiro Vermelho, e da do sul a ponta Brava. Seus fregueses, que são obra de mil e duzentos, cultivam víveres para seu consumo, lavram cana e fazem searas de linho.

Rio Vermelho. Povoação da província da Bahia, nas adjacências da cidade deste nome, com uma igreja da invocação de Santana, e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Rio Vermelho.³⁴⁸ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Penha*, 3º artigo.)

³⁴⁴ Atual cidade de Sem Peixe/MG. (N/E)

³⁴⁵ Atual cidade de Rio Verde de Mato Grosso/MS. (N/E)

³⁴⁶ Atual cidade de Rio Vermelho/MG. (N/E)

³⁴⁷ Atual distrito de São João do Rio Vermelho, município de Florianópolis/SC. (N/E)

³⁴⁸ Atual cidade de Rio Vermelho/MG. (N/E)

Rio Xingu. Uma das sete missões da província do Pará, criada por lei provincial de 1840, para trazer à civilização o gentio. A que jaz sobre o rio Xingu, perto da província de Goiás, foi munida dum eclesiástico em 1841, por diligências do presidente da província.

Robalo. Undécima cachoeira que se encontra na subida e na descida em rio Coxim, meia légua abaixo da cachoeira de Álvaro e quase uma légua acima da dos Anhumas. Sobe-se e desce-se com facilidade.

Robordelo. Pequena e antiga vila da província do Pará, na margem meridional da ilha Caviana. Acha-se atualmente reduzida a mui pouca cousa. (V. *Caviana*.)

Roça do Alferes.³⁴⁹ Nome primitivo da vila apelidada *Pati do Alferes*, atualmente reduzida a uma simples povoação com este último nome. (V. *Pati do Alferes*.)

Roça do Seminário. Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Seminário*.)

Roça Grande. Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Guaicuí ou das Velhas, uma légua pouco mais ou menos ao nor-nordeste da cidade de Sabará. Sua igreja, dedicada a Santo Antônio do Retiro, era paróquia em 1744; foi porém despojada deste título em benefício da igreja de Santa Luzia, criada paróquia por provisão régia de 16 de setembro de 1779, da qual passou a ser filial.

Rochas. Ilha no mar largo rodeada de arrecifes, no arquipélago defronte da entrada da baía Niterói ou do Rio de Janeiro.

Rocinha da Negra.³⁵⁰ Povoação da província de Minas Gerais, légua e meia ao norte do rio Paraibuna. Sua igreja dependia antigamente da matriz da freguesia de São Pedro e São Paulo, hoje vila da Paraíba do Sul, porém foi desligada em 1742, e anexada à igreja paroquial da povoação de Simão Pereira, e atualmente pertence à nova freguesia de São Francisco de Paula.

Rodeio. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Ouro Preto, com uma igreja que depende da matriz de N. S. de Nazaré da povoação da Cachoeira, por virtude duma lei provincial de 3 de abril de 1840.

Rodeio Bonito. Sítio da província de Santa Catarina, no distrito da vila de Laguna, perto da margem esquerda do rio Araranguá, onde se descobriu uma excelente mina de carvão de pedra que se pode conduzir pelo rio até o mar. Em 1840, este carvão destilado deu uma grande quantidade de gás hidrogênio, e queimado lançou uma chama clara e ardeu como o melhor carvão de pedra da Inglaterra. Muitos outros sítios dos arredores, como são os de Jacaraca, Papoão, Pessegueiro, Quebra Portas e Salto Itajaí, têm minas do carvão, o qual se pode levar por água até o mar pelos rios Itajaí, Morubi, Tejucas e Tubarão.

Rodelas.³⁵¹ Nova missão da província da Bahia, para trazer à civilização o gentio; com um missionário que edificou uma

³⁴⁹ Atual cidade de Paty do Alferes/RJ. (N/E)

³⁵⁰ Atual distrito de Torreões, município de Juiz de Fora/MG. (N/E)

³⁵¹ Atual cidade de Rodelas/BA. (N/E)

Rodrigues Freitas

capela a São João Batista, que está para ser paróquia. Em 1840, o presidente da província, no discurso de abertura da assembleia provincial, pedia um aumento de subsídio para as missões de Rodelas, Boqueirão, Jequitinhonha e São Pedro de Alcântara.

Rodrigues Freitas. Lagoa da província e distrito do Rio de Janeiro. (V. *Freitas*.)

Rolante. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, que separa o termo da freguesia da Vacaria do de Santo Antônio da Palha.

Rosa.³⁵² Registo da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Preto, afluente do Paraibuna, onde se pagam os direitos de saída dos gêneros que passam para a província do Rio de Janeiro. (V. *Presídio do Rio Preto*.)

Rosário.³⁵³ Vila mercantil da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Itapicuru, a oito léguas de sua embocadura na baía de São José. Era outrora a povoação de Itapicuru Grande, e o orago

de sua matriz era a Senhora do Rosário. Foi criada vila por lei provincial de 1832, e outra lei da mesma assembleia de 2 de outubro de 1841 autorizou a sua câmara a mandar abrir uma estrada desde a vila até o campo de Mocambira, e a proceder à construção duma ponte sobre os Igarapés para o serviço da dita estrada. Os barcos sobem pelo Itapicuru, e vão tomar carga de algodão na vila, e descem pelos rios Alpercatas, Baloeira, e pelas cabeceiras do Itapicuru. Os habitantes de seu distrito, que se avaliam em mais de três mil, criam gado e exportam grande quantidade de arroz de sua colheita.

Rosário.³⁵⁴ Nova vila da província de Sergipe, na comarca de Santo Amaro criada por lei da assembleia provincial. Está assentada nas margens do ribeiro Siriri, perto de seu confluente com o Japarutuba, e duas léguas ao norte da vila de Santo Amaro. Sua igreja, de que é padroeira N. S. do Rosário, foi elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral de 12 de outubro de 1831, que assinalou por

limites de seu termo o caminho dos engenhos Porteiros, Tira Vergonha até a vila de Moruim; os caminhos de Jurema, Capela, Capimaçu, Várzea Grande e São José, e daí pegando com o Japarutuba pelo sítio do Rancho. Avalia-se a população de seu distrito a mil e quinhentos habitantes, lavradores de algodão principalmente, e de mandioca e mais víveres de consumo.

Rosário.³⁵⁵ Freguesia da província de Santa Catarina, sobre as margens da enseada de Brito, na comarca do sul. Sua igreja, da invocação de N. S. do Rosário, teve o título de paróquia em 1751, e foi a primeira da província na terra firme desta comarca. Esta freguesia, que é também chamada *Enseada de Brito*, fica dez léguas ao norte de Vilanova, e quatro ao sudoeste da cidade do Desterro. Em seu termo existem várias fontes d'águas termiais ao longo da cabeceira do rio Cubatão (V. este nome), que a aparta do termo da freguesia de São José. Os fregueses, que se avaliam em dous mil, se acham derramados, e cultivam mandioca, arroz, la-

³⁵² Atual cidade de Rio Preto/MG. (N/E)

³⁵³ Atual cidade de Rosário/MA. (N/E)

³⁵⁴ Atual cidade de Rosário do Catete/SE. (N/E)

³⁵⁵ Atual distrito Enseada do Brito, município de Palhoça/SC. (N/E)

vram canas, e fazem pescarias. Contam-se em seu termo vinte e nove fábricas de açúcar e de destilação de aguardente, e tem escola de primeiras letras.

Rosário. Povoação da província de Pernambuco, três léguas ao su-sudoeste da cidade do Recife, com uma igreja dedicada a N. S. do Rosário, da dependência da matriz da vila do Cabo de Santo Agostinho.

Rosário. Povoação da província de Sergipe, duas léguas ao norte da vila de Santo Amaro, nas margens do rio Siriri. Por meio dela passa a estrada bem frequentada da vila de Moruim.

Rosário.³⁵⁶ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Barbacena, com uma igreja da invocação de N. S. do Rosário, filial da matriz de São Francisco de Paula.

Rosário. Lugarejo da província de Minas Gerais, com uma igreja filial da paróquia de Santa Rita de Ibitipoca.

Rosário. Lugarejo da província de Goiás, no distrito da vila de Santa Luzia, com uma

igreja de N. S. do Rosário, filial da matriz desta vila.

Rosário.³⁵⁷ Povoação da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, com uma igreja de N. S. do Rosário, da dependência da matriz da sobredita cidade.

Rótulo.³⁵⁸ Povoação da província de Minas Gerais, nas cabeceiras do rio do Cipó, com uma igreja de N. S. da Conceição, dependente da matriz da freguesia dos Martírios, de que está distante obra de vinte léguas ao norte.

Russas (Serra das). Serra da província de Pernambuco, dezesseis léguas ao poente da cidade do Recife; atravessa-a a estrada que vai do rio de São Francisco para esta cidade.

Russas.³⁵⁹ Povoação da província do Ceará que foi criada vila com o nome de São Bernardo. Chama-se também assim um braço do rio Jaguaribe que sai, e entra neste rio junto à vila de São Bernardo, que dele é regada.

³⁵⁶ Atual distrito de Rosário de Minas, município de Barbacena/MG. (N/E)

³⁵⁷ Atual cidade de Rosário Oeste/MT. (N/E)

³⁵⁸ Atual povoado de Rótulo, município de Baldim/MG. (N/E)

³⁵⁹ Atual cidade de Russas/CE. (N/E)

S

Sabará.³⁶⁰ Nova cidade, e antiga e considerável vila da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Guaicuí ou das Velhas, abaixo da confluência do ribeiro Sabarabuçu. As terras de Sabará foram primeiramente exploradas pelos Paulistas, que iam em demanda de pedras preciosas e de minas de ouro; nelas assentou morada Manoel Borba Gato, genro de Fernando Dias Pais, que foi encarregado do descobrimento das minas de esmeraldas que se haviam achado no decurso do século precedente. Descobriu Borba Gato, e manifestou as minas de ouro de Sabará em 1700; um grande número de aventureiros acudiram imediatamente àqueles sítios, e deram princípio a duas povoações, uma sobre o ribeiro Sabarabuçu, de cujo nome se intitulou, e outra sobre o rio Guaicuí ou das Velhas, que tomou o nome de *Igreja Grande*, quando em 1701 se edificou a bela igreja de N. S. da Conceição, que foi elevada nesse mesmo ano à categoria de paróquia. Edifi-

caram-se sucessivamente muitas casas, e converteram-se as duas povoações em uma, a qual foi honrada com o título de vila em 17 de julho de 1711, pelo governador de São Paulo e Minas Gerais, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que lhe pôs o nome de Vila Real de Sabará. Esta vila, a terceira que foi criada no país das Minas, recebeu a confirmação deste título por um decreto régio de 31 de outubro de 1712. Passados alguns anos, o governador D. Brás Baltazar da Silveira, sucessor de Antônio de Albuquerque, tendo repartido o território de Minas Gerais em quatro comarcas, coube a Vila Real de Sabará a honra de ser escolhida para cabeça da comarca de seu nome, formada de terras quase desconhecidas tanto da banda de leste, como da do norte e do oeste. Estabeleceram-se nesta nova cabeça de comarca, por decreto de 3 de dezembro de 1750, uma fundição de ouro e uma intendência, e em 1811 teve um juiz de fora além do ouvidor da comarca, da qual, por alvará de 17 de maio de 1815, se desanexou tudo quanto jaz entre o rio de São Francisco e a província de Goiás, para se

formar uma quinta comarca intitulada de Paracatu. Teve a vila de Sabará a distinção honrosa de ser apelidada Fidelíssima numa carta imperial de 17 de março de 1832, por não haverem os seus moradores entrado em nenhuma das sedições republicanas que se manifestaram em muitas das vilas da mesma província, no princípio do ano de 1822, e foi recompensada com o título e honras de cidade em 1843, por se terem os seus habitantes opostos à rebelião do ano antecedente. Jaz a cidade fidelíssima de Sabará dezesseis léguas ao nor-nordeste da de Ouro Preto, dous mil e trezentos pés acima do nível do mar, em dezenove graus e quarenta e sete minutos de latitude, numa espécie de caldeira formada pelos montes que a cercam, de modo que no verão o calor é mui intenso, o que não obstante, seu clima é saudável. As ruas são calçadas de seixos; as casas que poderão ser obra de mil são térreas pela maior parte, quadradas e telhadas. Os edifícios mais notáveis que nela existem são a antiga Intendência, onde atualmente estão os tribunais da justiça; a casa da câmara, uma fonte que dá mui boa água, e três pontes

³⁶⁰ Atual cidade de Sabará/MG. (N/E)

de madeira, no rio das Velhas e no ribeiro Sabarabuçu, que dá serventia às estradas de leste, norte, oeste e sul; cinco igrejas, a saber: a paroquial, de que é padroeira N. S. da Conceição, e as igrejas da ordem terceira de São Francisco, da ordem terceira do Carmo, de N. S. do Rosário dos Pretos, e de N. S. dos Anjos dos Pardos. Entre os estabelecimentos de beneficência e de instrução pública nota-se o hospital da Misericórdia, onde se recebem os doentes de graça e pagando, e que só tem dezesseis camas, uma escola de primeiras letras e uma cadeira de latim, instituídas no século passado. Avalia-se a população desta cidade em cinco mil almas. Seu principal comércio consiste em ouro em barra, lavrado e em pó, víveres e líquidos. Seu distrito é mui extenso de norte para leste, e as terras excelentes para cafezais e canaviais, gênero de lavoura ali praticado de tempo imemorable, e encerra dez mil habitantes. Descobriram-se neste distrito minas de pedra-ume, mas só as de ouro têm voga; três léguas ao nordeste da cidade existe uma lagoa cujas águas bebidas e tomadas em

banho dizem ter efetuado curas extraordinárias. (V. *Lagoa Santa*.)

Sabarabuçu. Ribeiro da província de Minas Gerais. Nasce nos montes que ficam a ésnordeste da cidade de Sabará, corre para o sudoeste obra de oito léguas, regando a parte meridional da cidade, e vai incorporar-se pela margem direita com o rio Guaicuí ou das Velhas. Não dá navegação a canoas senão quase ao pé da cidade.

Saboeira.³⁶¹ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de São Mateus, com uma igreja filial da matriz desta vila. Seus moradores são Portugueses e Índios, e lavram algodão que exportam para as cidades de Paraíba e do Recife.

Saborá. Ribeirão da província de Mato Grosso, que se ajunta com o rio Galera em sua cabeceira, e faz com que dê navegação a canoas.

Sabugi. Ribeiro da província de Paraíba; sai duma gruta dum dos montes da serra dos Cairiris, junto à nascença do rio Seridó, rega o termo da

freguesia da vila de Patos, e lança-se pela margem direita no rio das Piranhas.

Sacarus. Grande tribo de Índios da nação Guaru, a quem os Portugueses chamaram Guarulhos, os quais dominavam na extremidade meridional da cordilheira dos Aimorés, perto da dos Órgãos. Os Sacarus viviam nas margens dos rios de São João, Macabu e Macaé, e foram largo tempo aliados de seus vizinhos do norte, os Goitacases; atualmente estão misturados com outras tribos, reunidas antigamente nas aldeias de São Fidélis, São Pedro, das Neves e de Ipuca.

Sacra Família.³⁶² Freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Resende. (V. *Tinguá*.)

Sacra Família.³⁶³ Aldeia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio. (V. *Ipuca e Barra do Rio de São João*.)

Sacramento. Antiga colônia portuguesa fundada em 1680, na margem setentrional do rio da Prata. Destruída pelos Espanhóis antes de estar acabada

³⁶¹ Atual cidade de Saboeiro/CE. (N/E)

³⁶² Atual distrito de Sacra Família do Tinguá, município Engenheiro Paulo de Frontin/RJ. (N/E)

³⁶³ Atual cidade de Casimiro de Abreu/RJ. (N/E)

Saçuí

e restituída aos Portuguezes, em virtude do tratado provisional de 7 de maio de 1681, foi ao depois por diversas vezes tomada e restituída até que pelo tratado de 1750, foi esta colônia definitivamente declarada pertencer à Espanha, e pelo mesmo teor toda a margem esquerda do rio da Prata. Na biblioteca imperial do Rio de Janeiro existe um manuscrito attribuído a Inácio Barbosa Machado, que tem por título: *"Papéis que El-Rei me mandou guardar sobre a Colônia."*

Saçuí. Rio da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Tem princípio perto da cidade deste nome pela junção dos ribeiros Cocais e Vermelho, recolhe vários outros pouco conhecidos, mormente sobre a esquerda, e se ajunta com o rio Doce também pela esquerda entre a cachoeira Cachoeirinha e a do Rebojo de João Pinto. Suas margens são infestadas pelos selvagens Botocudos, é porém navegável em todo o seu curso obra de cinquenta léguas. A comunicação por via deste rio entre a povoação de Cuiaté e a cidade do Serro é mais curta e fácil do que por terra, sendo a jornada de cento e cinquenta léguas e a viagem de sessenta e cinco. A ortografia do nome deste rio é variável escrevendo uns Saçuí e outros Suçuí e Sussuí.

Saçuí Pequeno. Ribeiro que corre a pequena distância ao ocidente do rio Saçuí, na província de Minas Gerais. Nasce nas adjacências da aldeia da Paçanha, corre do norte para o sul por espaço de quinze léguas, e incorpora-se pela margem direita com o rio Doce, entre o confluyente do ribeiro Correntes e o do rio Saçuí.

Safiras (Serra das). Serra dilatada da província de Minas Gerais, na comarca do Serro, entre o rio Doce e a serra das Esmeraldas. Coroam-na vários picos, alguns dos quais são as mais altas sumidades das serras da comarca. Nesta serra têm nascença vários ribeiros tributários pela maior parte do rio Doce, exceto os que nascem do norte dela que dão origem ao rio de Todos os Santos.

Saguaçu. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina, o qual deságua no canal que o separa da ilha de São Francisco. Sua boca é larga e funda e dá navegação a canoas por espaço de três léguas.

Saguim. Ribeiro da província de Sergipe, tributário do rio Real, com quem se incorpora pela margem esquerda, perto do mar. Entram nele com o favor da maré com carga as lanchas.

Saí. Antiga missão, atualmente freguesia da província da Bahia, a légua e meia de Vilanova da Rainha. Sua igreja tem por orago N. S. das Neves. Seu termo é povoado por seiscentos Índios pouco mais ou menos, que colhem arroz e mais alguns víveres.

Saí. Colônia fundada na província de Santa Catarina, por decreto da assembleia geral de 11 de dezembro de 1841. Segundo o citado decreto o número dos colonos devia ser no total de quinhentos, aos quais se deviam conceder duas léguas de terra de três mil braças, cada uma entestando no mar e na baía Babitonga, fencendo ao norte no rio Saí, ao poente nos ribeiros Palmitar e São João del Rei, estendendo-se ao sul até as matas, e topando no Oceano ao nascente. Em fevereiro de 1842 partiram do Rio de Janeiro cento e tantos colonos, depois de haverem sido apresentados ao Imperador pelo doutor Mure; porém passados poucos meses, alguns deles se apartaram dos outros, e fazendo bando à parte subiram pelo rio Saí, e foram assentar morada nas margens do ribeiro Palmitar, onde se puseram logo a construir barcos depois de haverem plantado e semeado os vegetais de que haviam mister para seu sus-

tento. Em 9 de junho de 1842, quando o inspetor das colônias foi fazer a sua inspeção, já estes colonos haviam feito uma estrada de quatro braças de largura, e do comprimento de obra dum quarto de légua, com oito pontes. Na extremidade desta estrada havia já uma casa *comum*, campos bem cultivados, plantações de árvores da Europa, e novas roças. Além desta estrada havia outra apelidada *Manguin*, do comprimento de duas mil e trezentas braças com algumas pontes, valados e toda nivelada: enfim tinha-se dado princípio a vários trabalhos hidráulicos para o encanamento do rio Saí; e os colonos haviam feito cabanas no meio das matas e procediam ao desmonte delas, para substituir-lhe outras plantações particulares. Esta colônia, que devia meramente aplicar-se à indústria fabril, viu-se obrigada a converter-se em uma colônia de agricultores; assim que muitos colonos, não podendo exercer a sua profissão, desgostaram-se, e acabaram por se retirar. Os que perseveraram se ajuntaram em 10 de outubro de 1843, para celebrar o aniversário da morte de Carlos Fourier, e eram ao todo setenta. No princípio do mês

de fevereiro de 1844, chegaram ao Saí cento e vinte colonos mateiros, carvoeiros e agricultores, e supriram a falta dos que haviam desamparado a colônia, onde atualmente existe uma oficina de móveis que tem extração no distrito de São Francisco, e que se transportam para o Rio de Janeiro. Fabricam-se moinhos para descascar arroz, e dizem que também tem fábrica de serrar madeira movida por água. Apesar dos prodígios que se contam da colônia do Saí e Palmitar, a verdade é que ela tem sofrido um sem número de contradições e de embarços, que de toda a parte lhe hão suscitado. É provável que a constância e inteligência dos homens que lhe restam, com ajuda dos que se lhes devem ajuntar, farão que esta colônia se divida em duas, uma de meros artífices, e outra de agricultores, o que será mais econômico para as finanças do Brasil.

Saí. Rio que serve de limite às províncias de Santa Catarina e de São Paulo, cujo nome é derivado do duma espécie de pássaros mais estimados pela beleza das cores do que pelo canto. Corre o Saí do ocidente

para o oriente, e antes de ir desaguar no mar se reparte em dous braços desiguais; o mais inferior se lança no mar obra de duas léguas ao norte da ilha de São Francisco, com o nome de Saí-Mirim, e o corpo do rio a cinco léguas da barra de Babitonga, e outro tanto ao sul da embocadura do Gurutuba. Os viajantes passam este rio em canoas dispostas para o transporte das cargas e animais, pagando oitenta réis por pessoa e outro tanto por cada fardo, e oitenta réis por um boi, cavalo ou macho.

Salgado.³⁶⁴ Pequena vila da província de Minas Gerais, a uma légua de distância da margem esquerda do rio de São Francisco, assentada numa eminência rodeada de pantanos. Depois da destruição que fizeram nos Índios da ilha fronteira a São Romão (V. este nome) Januário Cardoso e Manoel Pires Maciel, fez o segundo um engenho num outeiro que ficava mais abaixo, e uma capela que dedicou a N. S. do Amparo. Quando no ano de 1709 Antônio de Albuquerque pacificou o país de Minas Gerais, os habitantes de Ouro Preto abandonaram esta povoação por terem sido

³⁶⁴ Atual cidade de Januária/MG. (N/E)

Salgado

cúmplices da rebelião, e foram residir para o pé desta igreja, a qual foi criada paróquia um século depois por decisão régia de 2 de janeiro de 1811. Em 1816 estabeleceu-se um julgado em observância dum alvará de 1814 na povoação de Salgado, assim chamada segundo uns do apelido dum de seus primeiros povoadores, e segundo outros da qualidade das águas do rio e dos pântanos que a rodeiam. Obra de sessenta casas que se acham mais vizinhas das margens dos rios Salgado e de São Francisco, servem de entreposto dos gêneros do país e dos objetos de importação. Uma cadeia de latim e uma escola de primeiras letras foram instituídas por decisão régia de 23 de julho de 1819, nesta povoação onde se não vê estabelecimento algum de beneficência, conquanto a assembleia provincial lhe conferisse o título de vila. Seus moradores são dum gênio alegre, apaixonados da música e do teatro, assim que algumas vezes representam algumas peças. O distrito da vila de Salgado poderá ter trinta léguas entre o rio Pardo, afluente do de São Francisco da banda do Sul, e o Carinhenha da do Norte, e perto de cinquenta de ocidente a oriente, entre a província de Goiás e o rio de São Francisco: os habitantes não

passam de quatro mil, metade brancos e outra metade Índios, de mistura com alguns mestiços e escravos. Em todo este distrito, nas terras que não são salitrosas, se dão bem os algodoeiros e canas, de que se faz rapadura e aguardente; colhe-se também milho e feijões. Os moradores que residem nas serras mais afastadas do rio fazem criações de gado vacum e cavalar, os da vila se aplicam ao comércio, e uns e outros têm um ar de alegria, de abastança e de saúde que se não encontra entre os que fazem profissão de mineiros. A margem esquerda do rio de São Francisco neste distrito é alta, e não sendo nunca alagada nas cheias, o ar é puro, e o clima favorável para os que nela moram que chegam à última velhice.

Salgado. Ribeiro da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Nasce num vale, e em sua nasçença suas águas são doces e claras até que, juntando-se com as doutro ribeiro que as tem salobres, perto do sítio chamado Angical, formam os pântanos que cercam a vila de Salgado, e vão ajuntar-se com o rio de São Francisco. Passam estas águas por diuréticas e desobstruentes, e dizem serem úteis no tratamento dos papos ou bócios.

Salgado. Pequeno rio da província do Ceará. É conhecido com o nome de rio dos Porcos, e em seu nascente faz várias voltas a leste do distrito da vila de Bom Jardim, entra depois a correr para o norte, e neste rumo despenhando-se dum serra, muda o nome que tinha no de Salgado, e se torna navegável. Rega este rio o distrito aurífero de São Vicente das Lavras e o de Icó, onde se ajunta com o rio Jaguaribe pela margem direita, algumas léguas abaixo da vila de Icó. Suas águas têm mau gosto, e por conseguinte não servem para beber nem para cozer, o que parece provir de passar por minas de pedra-ume e de salitre. Suas margens dão bastante arroz, milho, feijões e excelentes melancias, que se semeiam depois da estação das chuvas; as árvores porém desmedram, e acabam por secar-se antes de chegarem ao seu crescimento natural. Abunda este rio em diversas qualidades de pescado que servem para o sustento dos habitantes.

Salinas. Aldeia da província do Pará, à beira do mar e a pequena distância ao nordeste da vila de Cintra. Viviam nesta aldeia os Tapuias, quando os jesuítas nela penetraram e os catequizaram, erigindo uma igreja a N. S. do Bom Sucesso.

Os Índios que ainda hoje em dia a povoam são pescadores, e servem de pilotos aos navios que sobem pelo rio dos Tocantins até a cidade de Belém.

Salinas. Freguesia da província de Goiás, no distrito da vila de Crixá. Sua igreja, cujo orago é N. S. da Conceição, foi dependente longo tempo da igreja paroquial da vila até que afinal a assembleia geral, por decreto de 25 de junho de 1834, lhe conferiu o título de paróquia, assinando-lhe o ribeiro dos Patos por confrontação, entre o seu termo e o da freguesia de Crixá, de que foi então desanexado.

Salinas. Campos e pântanos da província de Mato Grosso, perto de Casal Vasco, em quinze graus de latitude. Acham-se estes pântanos nas faldas da serra Parecis, podem ter seis léguas de comprimento, e dão grande cópia de sal.

Salinas. Território da província de Minas Gerais, e também da da Bahia, sobre ambas as margens do rio de São Francisco, e principalmente sobre a esquerda, desde a vila de Salgado até a Vargem Redonda. Os moradores dele fazem comércio com o sal que tiram

daquelas terras áridas, e em muitas partes impróprias para todo o gênero de agricultura. É conduzido este gênero pelo rio até Salgado e São Romão, e de lá à povoação de Barra das Velhas, onde é depositado, para ser ao depois embarcado nos afluentes do rio, e difundido em toda a província: em câmbio recebem os moradores do ingrato país das Salinas os objetos de que carecem.

Salinas. Lagoa da província de Goiás, nas adjacências dos rios Claro e Araguaia, explorada em 1843 pelo naturalista francês Castelnau, que afirmou que em certos moluscos fluviais que se encontram nesta lagoa achara pérolas.

Salinas. Ribeiro da província de Minas Gerais, que rega com suas águas salobres grandes despovoados, separa o termo da freguesia de São Domingos do de São Miguel, e vai juntar-se pela margem esquerda com o Jequitinhonha, cinco léguas abaixo da junção do rio da Vacaria.

Salinas da Almeida. Estão situadas sete léguas ao sudoeste do rio Jauru, na província de Mato Grosso, em dezesseis graus e vinte minu-

tos pouco mais ou menos de latitude meridional, e pertenceram ao termo da freguesia de Vila Maria. Depois dos anos de 1837 e 1838, em que foi presidente da república de Bolívia o doutor José Antônio Pimenta Bueno, este território é considerado como neutro entre a dita república e a província de Mato Grosso. O que não obstante, no decurso do ano de 1843, cinquenta Bolivianos armados se estabeleceram nele, e o presidente da província de Mato Grosso teve de dar as providências necessárias para fazer respeitar a neutralidade daquelas terras.

Salitre.³⁶⁵ Nome que antigamente tinha o sítio onde foi fundada no princípio deste século a freguesia do Patrocínio, atualmente vila e cabeça de comarca da província de Minas Gerais. (*V. Patrocínio.*)

Salobro. Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de São Francisco, ornada duma capela.

Salsa. Canal natural da província da Bahia, imprópria-mente qualificado de rio. É um braço que o Jequitinhonha deita de sua margem es-

³⁶⁵ Atual cidade de Patrocínio/MG. (N/E)

Salso

querda, o qual depois de correr para o nor-nordeste, se ajunta com o rio Patipe, oito léguas acima de sua foz. O conde da Palma, depois marquês do mesmo nome, governando esta província, mandou aplanar em 1818 as margens e fundo deste canal, tornando-o mais cômodo para a navegação por espaço de quatro léguas, desde o rio Jequitinhonha até o sítio da Canaviera, onde ele se ajunta pela margem direita com o Patipe.

Salso. Ribeiro aurífero da província de São Pedro do Rio Grande.

Saltinho. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, à entrada da mata, chamada *Mata Castelhana*, no termo da freguesia de N. S. do Oliveira.

Saltinho. Segunda cachoeira do rio Sanguessuga, quando por ele se desce, logo depois da fazenda de Camapuã, na província de Mato Grosso. É pouco difícil, porém na descida devem os pilotos governar com muita circunspecção as embarcações.

Salto.³⁶⁶ Povoação da província de Minas Gerais, oito léguas ao poente da vila de Queluz, sobre a margem direita e perto duma cachoeira do rio Paraopeba. É ornada duma igreja da invocação de Santa Cruz, que dependeu largo tempo da matriz da freguesia de Congonha de Queluz, e foi ao depois anexada à de Brumado, criada paróquia por decreto de 14 de julho de 1832.

Salto.³⁶⁷ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Minas Novas. (V. *Santa Cruz*.)

Salto ou Ponte do Salto. Lugarejo da província de São Paulo, sobre o rio Paraíba, no lugar onde o distrito da nova vila de Queluz se aparta do da vila das Areias.

Salto da Misericórdia. Cachoeira do rio da Madeira, na província de Mato Grosso. (V. *Misericórdia*.)

Salto do Jirau. Cachoeira do rio da Madeira. (V. *Jirau*.)

Salto do Teotônio. Cachoeira do rio da Madeira. (V. *Teotônio*.)

Salto Grande. Salto do rio Jequitinhonha, na cordilheira dos Aimorés: rompem as águas por entre duas rochas, e se despenham em outras, ferendo em cachões e soltando-se em borrifos, que se elevam mui alto, e formam de contínuo um grande nevoeiro. O fracasso da queda desta imensa mole d'água se ouve a mais de três léguas de distância. Passada esta cachoeira, corre o Jequitinhonha pela província da Bahia, e é atalhado em seu curso, quatro léguas mais adiante, pela cachoeira chamada *Cachoeirinha*.

Salvaterra.³⁶⁸ Antiga vila da ilha de Marajó, na província do Pará, reduzida atualmente a uma mera freguesia. A matriz, de que é padroeira N. S. da Conceição, e pelo mesmo teor a povoação estão situadas nas margens do rio Mondim. Seus habitantes, que, como em geral os de toda a ilha, são de origem indiana, semeiam arroz e mais víveres, e vivem de suas pescarias.

Samambaia.³⁶⁹ Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito de Cantagalo, perto

³⁶⁶ Atual povoado de Santa Cruz do Salto, município de Entre Rios de Minas/MG. (N/E)

³⁶⁷ Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

³⁶⁸ Atual cidade de Salvaterra/PA. (N/E)

³⁶⁹ Atual cidade de Carmo/RJ. (N/E)

do rio Paquequer e da serra de que tomou o nome: em 1836 não havia naquele sítio senão uma única casa com uma capelinha, atualmente acha-se esta casa rodeada duma povoação com uma igreja de pedra, cujo orago é N. S. do Carmo, a qual foi sagrada em 20 de novembro de 1842. A igreja, a povoação e os seus arredores excitam a admiração e encantam os olhos por se acharem num sítio, há pouco tão áspero e selvático.

Sambambaia. Rio da província de Mato Grosso, assim apelidado pelos primeiros sertanistas Paulistas, e conhecido com o nome de Negro, apelidado no Brasil a diferentes rios. O Sambambaia ajunta-se com o Paraná, seis léguas acima do confluente do braço setentrional do Ivinheima.

Sambé. Serra da província do Rio de Janeiro, na cordilheira dos Aimorés, no distrito de Maricá. Dela nasce duma parte o rio Bacaxá, e doutra o Cacerubu.

Sambita. Ribeiro da província de Piauí, o qual no cabo dum curso de vinte léguas pouco mais ou menos, se incorpora com o rio Poti pela margem esquerda obra de trinta léguas antes de se ele ajuntar com o Parnaíba.

Sanguim. Ribeiro que separa a província da Bahia da de Sergipe; vem da serra Itaporoa e se perde no rio Real pela margem esquerda, perto de sua embocadura no Oceano.

Sanhauão. Sítio nas adjacências do rio Paraíba, na província do Rio de Janeiro, onde se fez uma ponte de pedra para serventia da estrada de Minas Gerais. As pessoas que por ela passam pagam vinte réis, outro tanto cada cabeça de gado vacum, cavalari e muar não levando carga; cem réis os carros vazios, duzentos levando carga, e o gado miúdo dez réis por cabeça.

Sanguessuga. Rio da província de Mato Grosso, no distrito de Camapuã, pelo qual se vai da cidade de São Paulo à de Cuiabá, e *vice-versa*. É assim chamado por nascer perto duma lagoa onde há muita sanguessuga e da melhor qualidade. Forma este rio o porto da fazenda de Camapuã, donde as fazendas se transportam por terra em carros desde o ribeiro Camapuã até serem embarcadas neste porto, e descendo quatro léguas mais por água vão ter ao rio Pardo, que nasce da junção do rio Sanguessuga com o ribeiro Vermelho. No decurso destas quatro léguas, as canoas e outras embarcações que fazem

Santana

esta viagem têm de transpor as cachoeiras Banquinho, Sal-tinho, Raizama e Tacoarapaia (V. estes nomes), o que não deixa de ser por extremo difícil por ser o fundo do rio de rocha, e levar este mui pouca água.

Santana. Aldeia da província de Goiás, na comarca de Santa Cruz, a sete léguas da aldeia Piçarrão e cento e quatro ao sul da cidade de Goiás. Está agradavelmente situada sobre a estrada de São Paulo, no ângulo em que o pequeno rio Quebra Anzóis se incorpora com o das Velhas pela margem direita. Foi esta aldeia fundada no decurso do ano de 1741, pelo coronel Antônio Pires de Campos, e povoada de Índios Bororós debaixo da direção dos jesuítas, que fizeram erigir uma igreja a Santana, a qual veio ao depois a ser paróquia por uma resolução régia de 2 de setembro de 1761. Estes Índios foram causa de que se não repetissem os estragos que os selvagens faziam enquanto passava pela estrada de São Paulo. Fizeram-se sucessivamente várias tentativas para ajuntar nesta aldeia primeiro as tribos dos Parecis depois outras que ainda estavam por civilizar, fugiram porém todos e foram substituídos em 1775 pelos Chacriabás, vindos das matas

Santana

que demoram ao poente da província de Pernambuco, os quais se conservam ainda nesta aldeia no número de duzentos, sem conhecerem outra indústria senão a pesca e a caça, e vivem na miséria em terras por extremo férteis. Agregaram-se-lhes alguns brancos que se ocupam da criação de gado, o que foi causa para que a vigaria desta aldeia fosse posta a concurso por lei provincial de 3 de abril de 1840.

Santana.³⁷⁰ Antiga aldeia e freguesia da província de Mato Grosso, dez léguas a leste da cidade de Cuiabá. Dous missionários da Companhia de Jesus que vieram do reino em 1751 com o primeiro governador desta província, D. António Rolim, se entrinharam nas matas ao oriente da cidade de Cuiabá e ajuntaram os Índios Cuxipós, em roda duma igreja que dedicaram a Santana, na serra atualmente conhecida com o nome de São Jerônimo. Enquanto o padre Agostinho Lourenço foi doutrinar e aldear outros Índios no distrito de Mato Grosso, o padre Estevão de Castro fez florescer esta al-

deia, mas teve de desampará-la arrebatadamente, quando no ano de 1759 os jesuítas foram expulsos dos domínios de Portugal. A igreja de Santana foi reputada paróquia em conformidade dum alvará de 22 de dezembro de 1795; os moradores de seu termo originariamente Índios cultivam víveres, e criam gado que levam a vender às cidades mais vizinhas. Avalia-se o total desta população a mais de quatro mil indivíduos. Esta freguesia é também conhecida com o nome de *Guimarães* e de *Chapada de Guimarães*.

Santana.³⁷¹ Freguesia do continente da província de Santa Catarina, chamada também Vilanova, quatro léguas ao norte da vila da Laguna e quatorze ao su-sudoeste da cidade do Desterro. Está agradavelmente assentada num outeiro à beira da lagoa chamada por antonomásia *Laguna*, entre o morro de Tapiruva e a lagoa Panema, arredada três léguas da ponta e do porto de Embituba, onde há uma armação de baleia. Sua origem foi a mesma que a da vila de Laguna. Com serem os arredores desta povoação abundantes de

pedra, as casas dela são de madeira. A igreja de Santana servia de paróquia desde o ano de 1755, porém a verdade é que só foi legalmente revestida deste título em 1811; e teve uma escola de primeiras letras em 1832, por decreto de 27 de agosto. Seu termo encerra obra de dous mil moradores pela maior parte mactentos, os quais cultivam linho em abundância, cana, trigo, e víveres, fiam e fazem teias de linho, fabricam açúcar e destilam aguardente de que têm dez fábricas. No governo do vice-rei marquês de Lavradio aplicaram-se à propagação da cochonilha, introduzida por este vice-rei, e favorecida por seu sucessor Luiz de Vasconcelos e Souza. Pagava o governo o que colhiam à razão de mil novecentos e vinte réis por arrátel, a fim de estimulá-los a cultivar a cochonilha, a que no país chamam figueira do Inferno ou da Índia de que se nutre este inseto, porém como os cultivadores comesçassem a falsificar a cochonilha, misturando-a com matérias que lhe avultavam o peso, não a quis o governo receber pelo mesmo preço, e desta falta de

³⁷⁰ Atual cidade de Chapada dos Guimarães/MT. (N/E)

³⁷¹ Atual cidade de Imbituba/SC. (N/E)

lealdade da parte dos habitantes se originou a ruína dum comércio para eles tão rendoso, e tão útil ao país.

Santana.³⁷² Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, na margem do rio do Sino, obra de seis léguas ao norte da cidade de Porto Alegre. Tinham os Índios Tapes e Guaicanãs algumas aldeias nas margens do rio do Sino e nas do Tacoari, com os quais se juntaram alguns Portugueses, correndo os anos de 1738 e 1745, e tal foi a origem desta freguesia, cuja igreja foi dedicada a Santana. O governador José Marcelino de Figueiredo tendo solicitado a criação de várias paróquias na província, a igreja de Santana foi considerada como tal desde o ano de 1772, e teve por termo parte do de Viamão, em que se achavam o registo da Guarda Velha, e o sítio da Chamusca, porém foi definitivamente elevada à categoria de paróquia do Brasil, por uma resolução régia de 15 de junho de 1814, que lhe aumentou, da parte do poente, o termo com parte do da freguesia do Bom Jesus do Triunfo. Ava-

lia-se atualmente a sua população a mil e quatrocentos habitantes, quase todos Índios, misturados com Portugueses, que cultivam com especialidade linho, trigo e cebolas para exportação e os víveres necessários para a sua subsistência.

Santana.³⁷³ Povoação da província de Mato Grosso, doze léguas ao nordeste da cidade deste nome, em quatorze graus e quarenta e seis minutos de latitude. Está assentada à margem do ribeiro aurífero de Santana, que junto com o de São Francisco Xavier, formam o rio Preto, um dos primeiros afluentes do Paraguai. Estes ribeiros foram descobertos em 1733 pelos irmãos Pais de Barros, da vila de Sorocaba, os quais começaram a fundar as povoações de Santana e de São Francisco Xavier, onde passados anos edificaram as igrejas dedicadas a esta Santa e Santo. A grande quantidade de ouro com que os dous irmãos se tornaram para a vila de seu nascimento foi causa da partida de muitos Cuiabanos e Paulistas, que foram assentar morada nas margens dos ri-

Santana

beiros que tomaram o nome do orago das igrejas edificadas em suas margens. Porém tendo-se as minas esgotado, a população sofreu uma diminuição progressiva, e a igreja de Santana, conquanto fosse elevada à dignidade de paróquia, não contribuiu de modo algum ao aumento dela. Em seu termo se acham os lugares de Ouro Fino e de Novas Minas, e em todo ele apenas se contam mil habitantes que vivem escassamente no meio de terras que poderiam dar-lhes grande abundância, se determinassem a agricultá-las.

Santana. Aldeia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Araxá. Em 1835, foi ordenada a construção duma ponte sobre o rio Paranaíba, perto de sua confluência com o rio Grande e na vizinhança desta aldeia, para serventia da estrada de Mato Grosso para as províncias de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Santana. Antiga aldeia da província de Goiás, na ilha do Bananal, sobre o rio Araguaia. (V. *Nova Beira.*)

³⁷² Atual cidade de Capela de Santana/RS. (N/E)

³⁷³ Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

Santana

Santana.³⁷⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. Sua igreja, de que é padroeira Santana, foi criada paróquia pela assembleia provincial, e por lei de 7 de abril de 1841 foram as confrontações de seu termo assinaladas pela maneira seguinte: o rio Paranaíba, desde o confluente do ribeiro da Bagagem até o do rio das Velhas, e subindo ao longo deste até o rio Quebra Anzóis, e deste ao ribeiro de Santo Antônio, e dali fazendo volta para o ribeiro da Bagagem. Seus habitantes são quase todos lavradores.

Santana.³⁷⁵ Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila de Sobral. A igreja desta povoação de que é padroeira Santana, foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 10 de setembro de 1838, que lhe deu o termo seguinte: ao norte, o ribeiro Falcão até o Juritianha; a leste, os termos das freguesias de Almofala e de Amontada; ao sul, o ribeiro Caioca em todo o seu curso, até a sua confluência com o rio Acaracu, e daí até a serra de Meruoca, na

descida chamada Agreste; e a oeste, o termo da freguesia da vila de Granja até a picada do Gavião. Tem escola de primeiras letras criada por lei provincial de 19 de setembro de 1839.

Santana.³⁷⁶ Freguesia da província do Pará, na Guiana brasileira, entre a povoação de Frágoso e a vila de Mazagão, nas margens do ribeiro Cajari. Sua igreja tem por orago a Santa de seu nome, e seus habitantes lavram mandioca, algodão e arroz, e apanham cacau.

Santana. Freguesia da Guiana brasileira, na margem esquerda do rio Negro, entre a freguesia de Iparaná e a nova vila de Mabé. Intitula-se da Santa padroeira de sua igreja. Seus moradores são Índios.

Santana. Povoação considerável e mercantil da província do Rio de Janeiro, nas margens do rio Macacu onde este rio começa a dar navegação a canoas, com uma igreja de pedra da invocação de Santana e algumas casas de sobradum só andar. Há nesta po-

voação grande comércio de taboado e dos gêneros do país, que se embarcam para o porto do Rio de Janeiro.

Santana.³⁷⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, com uma igreja da invocação de Santana, edificada em 1786 por Francisco Marinho Machado, perto da margem direita do rio Capivari. Pertencia então esta igreja à freguesia de Rio Bonito, mas em 1801 foi anexada à de Juturnaíba.

Santana.³⁷⁸ Linda povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói. Está assentada num outeiro entre a aldeia de São Lourenço e a povoação de Maruí. Sua igreja, que se acha situada no cume do outeiro, e se avista de mui longe, tem por orago a Santa de seu nome e depende da matriz da cidade de Niterói.

Santana. Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito de Resende, com uma igreja dedicada à Santa de seu nome, filial da igreja paroquial da dita vila.

³⁷⁴ Atual cidade de Indianópolis/MG. (N/E)

³⁷⁵ Atual cidade de Santana do Acaraú/CE. (N/E)

³⁷⁶ Atual cidade de Santana/AP. (N/E)

³⁷⁷ Atual bairro Campo do Santana, cidade de Rio Bonito/RJ. (N/E)

³⁷⁸ Atual bairro de Santana, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Santana.³⁷⁹ Lugarejo da província de Minas Gerais, nas margens do rio Urucaia, trinta léguas pouco mais ou menos acima de seu conflúente com o rio de São Francisco pela margem esquerda, com uma igreja de que é padroeira a Santa de seu nome, filial da povoação de Boriti. Deve este lugarejo a pequena importância de que goza à estrada que por ele passa, e que vem da província de Goiás pela serra da Tabatinga, e ao rio Urucaia que dá navegação a canoas ainda muito acima dele.

Santana.³⁸⁰ Povoação de bastante trato da província das Alagoas, no distrito de Porto de Folha, agradavelmente situada na margem esquerda do rio de São Miguel, em nove graus, trinta e nove minutos e trinta e dois segundos de latitude, e em trinta e oito graus, seis minutos e quarenta e oito segundos de longitude ocidental. Os arredores são povoados de arvoredos, e a terra própria para toda a espécie de agricultura usada no país. Os barcos vão carregar em seu porto açúcar, algodão e madeiras de construção.

Santana. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de São João do Príncipe. O ribeiro da Viúva a separa da serra deste nome.

Santana. Fazenda nacional na província de São Paulo. Em 1836 a assembleia provincial reclamou perante a geral a incorporação desta propriedade no patrimônio da província, reclamação que foi adiada indefinidamente.

Santana. Grupo de três ilhas defronte do marítimo da província do Rio de Janeiro, a uma légua da vila de Macaé defronte da embocadura do rio deste nome. A maior delas é juntamente a mais alta, e seu cume está em vinte e dois graus, vinte e cinco minutos e zero segundo de latitude, e em quarenta e quatro graus, seis minutos e trinta e sete segundos de longitude ocidental. Fez-se longo tempo nestas ilhas um comércio clandestino de pau-brasil, que veio a cessar depois que se cortaram sem discernimento quantas árvores haviam na costa, pela avidez dos proprietários que só cuidavam do interesse momentâneo que colhiam.

Santana

Santana. Ilha da província do Maranhão diante da foz do rio Mirim, e três léguas a leste dos parciais da Coroa Grande. É quase redonda e da parte do sul acha-se separada da terra firme, por um canal assaz largo que dá fácil navegação a barcos e canoas, mas não aos navios, que fazem viagem para a cidade de São Luiz, os quais devem governar-se no rumo do norte, arredando-se duas para três milhas dos baixios que ocupam a parte desta ilha que respeita ao nordeste. Seus montes sempre vestidos duma rica vegetação, e que ao longe parecem continuar-se com o continente, têm maior altura que as terras vizinhas. O espaço que jaz entre os parciais da Coroa Grande e a ilha do Maranhão ao poente, o continente ao sul e a ilha de Santana ao nascente, forma a baía de São José, cuja entrada ou boca fica da parte do norte. A ponta mais adiantada da ilha que é coberta pelos parciais de leste, se acha em dois graus e quatorze minutos e quarenta e quatro segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, cinquenta e oito minutos e quarenta e um segundos de longitude ocidental. Há nesta

³⁷⁹ Atual cidade de Arinos/MG. (N/E)

³⁸⁰ Atual cidade de Santana do Ipanema/AL. (N/E)

Santana

ilha um farol que segundo o aviso publicado pelo governo, em 14 de agosto de 1844, jaz em dous graus, dezesseis minutos e dezoito segundos de latitude meridional, e em trezentos e trinta e quatro graus, dez minutos e quarenta segundos, segundo o meridiano da ilha do Ferro.

Santana. Ilha do rio da Madeira, na província de Mato Grosso. Poderá ter uma légua de comprimento, e fica entre a cachoeira do Caldeirão do Inferno e a dos Morrinhos.

Santana. Ilha do rio Araguaia, na província de Goiás. (V. *Bananal*, ilha.)

Santana. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Vem do vertente setentrional da serra dos Órgãos; divide da parte do norte o termo da freguesia de Iguaçu, dos do Pati do Alferes e de Itinga, correndo do oriente para o ocidente, e recolhe os ribeiros Novo, Macaco e outros, e vai ajuntar-se com o ribeirão das Lages dando origem ao rio Guandu.

Santana. Ribeiro aurífero da província de Minas Gerais, nas serras e matas regadas pelo rio Cuiaté: vai incorporar-se com o ribeiro de Santo Estevão, tributário do sobredito rio.

Santana da Aldeia. Nova freguesia da província da Bahia, no distrito da vila de Jaguaripe, criada por lei provincial de 2 de junho de 1840, que deu por termo parte do da vila de Jaguaripe, ficando separado dele pela *Estiva* e pelo ribeiro Jequiriça por esta parte, confinando por outra com o termo da freguesia de Nazaré nas adjacências das terras dos Índios.

Santana da Catinga.³⁸¹ Povoação da província de Minas Gerais, sobre a margem esquerda do rio Catinga, no lugar onde se ajunta com o Paracatu. Sua igreja, de que é padroeira Santana, depende da matriz da freguesia dos Alegres, de que se acha arredada seis léguas.

Santana da Fidalga.³⁸² Lugarinho da província de Minas Gerais, com uma igreja da in-

vocação de Santana, anexa à matriz dos Martírios.

Santana da Ilha Grande.³⁸³ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Ilha Grande*, ilha.)

Santana da Onça.³⁸⁴ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Onça*, distrito de São João del Rei.)

Santana das Lombas.³⁸⁵ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Lombas*.)

Santana de Gurutuba.³⁸⁶ Antiga povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Grão Mogor. A primeira igreja que se erigiu no ano de 1760, no distrito que rega o rio Gurutuba, foi uma simples capela dedicada a Santana. Passados anos, edificaram-se no mesmo país, porém mais ao longe, as igrejas de São José e de Santo Antônio, que foram criadas paróquias, ao passo que a de Santana, apesar de sua antiguidade, ficou sendo filial da de São José. Por lei provincial de 24

³⁸¹ Atual distrito de Caatinga, município de João Pinheiro/MG. (N/E)

³⁸² Atual distrito de Fidalgo, município de Pedro Leopoldo/MG. (N/E)

³⁸³ Atual cidade de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

³⁸⁴ Atual cidade de Onça do Pitangui/MG. (N/E)

³⁸⁵ Atual localidade de Lombas, município de Santo Antônio da Patrulha/RS. (N/E)

³⁸⁶ Atual distrito de Gurutuba, município de Porteirinha/MG. (N/E)

de março de 1840, todo o território de Gurutuba pertence ao distrito da vila de Grão Mogor.

Santana de Itacuruçu.³⁸⁷ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Itacuruçu*.)

Santana de Paraopeba.³⁸⁸ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja dedicada a Santana, filial da matriz da vila do Bonfim.

Santana de Pirai.³⁸⁹ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Pirai*, vila.)

Santana de Vilanova.³⁹⁰ (V. *Santana*, província de Santa Catarina.)

Santana do Alfeú.³⁹¹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Caeté. Sua igreja, dedicada à Santa do seu nome, foi por tempo filial da matriz da freguesia de Antônio Dias A-

baixo, até que foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 3 de abril de 1840, que lhe assinalou por limites a confluência do rio Piracicaba com o rio Doce ao norte, leste e sul de seu termo.

Santana do Brumado.³⁹² Lugarajo da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de Santana, anexa à matriz da nova vila de Santa Bárbara.

Santana do Caeteté ou Caiteté. Aldeia da província da Bahia, na antiga comarca de Jacobina. (V. *Vilanova do Príncipe*.)

Santana do Campo Grande.³⁹³ Freguesia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Campo Grande*.)

Santana do Campo Largo. Vila da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. (V. *Campo Largo*, vila.)

Santana do Livramento

Santana do Catu.³⁹⁴ Freguesia da província da Bahia. (V. *Catu*.)

Santana do Deserto.³⁹⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena, nas margens do rio Chopotó, onde começa a dar navegação a canoas. Sua igreja, cuja padroeira é Santana, é filial da matriz da povoação de Barra Longa. Entre a povoação de Santana e o salto do *Inferno*, no rio Doce, a navegação encontra inumeráveis obstáculos.

Santana do Igarapé-Mirim. Povoação da província do Pará, perto do Igarapé ou canal pelo qual o rio Moju comunica com o dos Tocantins, doze léguas ao sul da vila de Cametá.

Santana do Livramento.³⁹⁶ Nova povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Bagé, entre os nascentes do rio Ibicuí. Os

³⁸⁷ Atual distrito de Itacurussá, município de Mangaratiba/RJ. (N/E)

³⁸⁸ Atual distrito de Santana do Paraopeba, município de Belo Vale/MG. (N/E)

³⁸⁹ Atual cidade de Pirai/RJ. (N/E)

³⁹⁰ Atual cidade de Imbituba/SC. (N/E)

³⁹¹ Atual distrito de Santana do Alfeú, município de São Domingos do Prata/MG. (N/E)

³⁹² Atual distrito de Brumal, município de Santa Bárbara/MG. (N/E)

³⁹³ Atual cidade de Augusto Severo/RN. (N/E)

³⁹⁴ Atual cidade de Catu/BA. (N/E)

³⁹⁵ Atual cidade de Santana do Deserto/MG. (N/E)

³⁹⁶ Atual cidade de Santana do Livramento/RS. (N/E)

Santana do Olho d'Água

rebeldes retirando-se do distrito de Alegrete em abril de 1843, acossados pelo Barão de Caxias, se recolheram a toda pressa a esta nova povoação.

Santana do Olho d'Água. Sítio da província da Bahia, que foi escolhido no decurso do século passado para uma feira, para dar alma ao comércio dos produtos e gêneros das províncias do norte e dos sertões. (V. *Feira*.)

Santana do Pé da Serra.³⁹⁷ Freguesia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Santana dos Matos*, vila.)

Santana do Rio do Sino.³⁹⁸ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Rio do Sino*.)

Santana do Sacramento do Anjical.³⁹⁹ Povoação da província da Bahia. (V. *Angical*.)

Santana dos Alegres.⁴⁰⁰ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Alegres*.)

Santana dos Fornos.⁴⁰¹ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila de Itabira. Está assentada na cabeceira do rio de Santo Antônio, já engrossado com vários ribeiros. Sua igreja, dedicada a Santana, dependia da matriz da freguesia de Gaspar Soares, não obstante ficar arredada nove léguas, porém um decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832 a elevou à categoria de paróquia, dando-lhe por filiais as igrejas das povoações de Tanque e de Jirau e Tanque; possui esta freguesia uma escola de primeiras letras criada por decreto de 7 de agosto do ano acima dito, e seu termo foi aumentado com a povoação de Borba, e dotado duma justiça de paz por lei provincial de 3 de abril de 1840.

Santana dos Matos.⁴⁰² Nova vila e antiga freguesia da província do Rio Grande do Norte, na comarca de Açu. Sua igreja, de que é padroeira a Santa de seu nome, foi elevada à categoria de paróquia

por alvará de 13 de agosto de 1821. A assembleia geral, por decreto de 3 de outubro de 1832, lhe concedeu uma escola de primeiras letras para meninos; uma lei provincial lhe deu o título de vila constitucional, conservando-lhe o nome que tinha, e outra lei da mesma assembleia, de 26 de setembro de 1840, criou nela um colégio eleitoral de seu distrito.

Santa Bárbara.⁴⁰³ Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, situada na cabeceira do rio de cujo nome se apelida, tributário do Piracicaba, oito léguas a és-sueste da vila de Caeté, e onze ao nor-nordeste da cidade de Ouro Preto. Tendo o Paulista Leonardo Nardez, no princípio do século passado, descoberto o ribeiro aurífero chamado depois *de Santa Bárbara*, formou-se logo à beira dele uma povoação, cujos moradores erigiram uma igreja que dedicaram a Santa Bárbara, a qual foi pouco tempo depois criada paróquia, ficando-lhe

³⁹⁷ Atual cidade de Santana/RN. (N/E)

³⁹⁸ Atual cidade de Capela de Santana/RS. (N/E)

³⁹⁹ Atual cidade de Angical/BA. (N/E)

⁴⁰⁰ Atual cidade de João Pinheiro/MG. (N/E)

⁴⁰¹ Atual cidade de Ferros/MG. Segundo o decreto de 14 de julho de 1832, o nome da freguesia era Santana dos Ferros. (N/E)

⁴⁰² Atual cidade de Santana/RN. (N/E)

⁴⁰³ Atual cidade de Santa Bárbara/MG. (N/E)

Santa Bárbara

sujeitas as igrejas das povoações de Santana do Brumado, de Cajuru e de Itabira. Esgotadas as minas que existiam nas adjacências desta igreja, a maior parte dos que ali residiam se ausentaram; porém com o governo imperial aumentou-se rapidamente a população a ponto que em 1839 uma lei provincial lhe conferiu o título de vila. Encerra o distrito da vila de Santa Bárbara mais de quatro mil habitantes que se empregam em batear as areias do rio para tirarem o pouco ouro que trazem, e em descobrir pedras finas, sendo entre eles mais abastados os que se dão ao comércio e à criação de gado.

Santa Bárbara.⁴⁰⁴ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de São Carlos, com uma igreja dedicada à Santa de seu nome, criada paróquia em 1818.

Santa Bárbara.⁴⁰⁵ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Encruzilhada*.)

Santa Bárbara. Povoação e registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. Pagam-se neste registo os direitos de saída dos

gêneros exportados para as províncias vizinhas.

Santa Bárbara. Arraial da província de Mato Grosso, na cordilheira Parecis, vinte e quatro léguas ao nordeste da cidade de Cuiabá, e em dezesseis graus e quarenta minutos de latitude. As minas de ouro que foram descobertas em 1782 por José Pereira, foram origem desta povoação, fundada em uma serra do mesmo nome, perto do ribeiro aurífero dos Barbados; mas tendo se aguarentado o ouro, acha-se muito desfalcada a população.

Santa Bárbara. Antiga aldeia da Guiana brasileira, fundada nas margens do rio Branco, tributário do Negro. Ainda no princípio do século em que estamos constava esta aldeia de quatrocentos e cinquenta fogos; em 1832 já não havia senão dez, e atualmente nem um só se encontra.

Santa Bárbara. Serra da província de Mato Grosso, arredada da margem esquerda do Paraguai. É pequena e de pouca importância; porém dela nasce o rio Zezere.

Santa Bárbara. Ilha da baía Niterói, ao noroeste e a pequena distância da cidade do Rio de Janeiro. Chamou-se em princípio *ilha das Pombas*, nome que trocou no de Santa Bárbara, depois que o vice-rei conde da Cunha mandou fazer nela um forte com uma casa para a pólvora. O forte passou a ser hospital, e depois a ser cadeia.

Santa Bárbara. Nome da maior das ilhas de que consta o parcel dos Abrolhos. Alguns dão a todas as quatro ilhas de que constam os ditos parcsés o mesmo nome. (V. *Abrolhos*.)

Santa Bárbara. Ribeirão da província de Minas Gerais. Nasce na serra Cupanema ao sueste da vila de Caeté, dirige-se rumo de nordeste recolhendo vários ribeiros, e incorpora-se pela margem direita com o rio Piracicaba, aumentando-lhe do dobro o cabedal.

Santa Bárbara. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, que rega o termo da freguesia de Encruzilhada, e vai ajuntar-se pela margem direita com o rio Jacuí, afluente da lagoa dos Patos.

⁴⁰⁴ Atual cidade de Santa Bárbara d'Oeste/SP. (N/E)

⁴⁰⁵ Atual cidade de Encruzilhada do Sul/RS. (N/E)

Santa Catarina

Santa Catarina. Pequena província marítima do Brasil, entre vinte e seis e trinta graus de latitude, e entre cinquenta e um e cinquenta e cinco de longitude ocidental. As terras de que consta atualmente esta província pertenciam antigamente à capitania de São Vicente, e não tinham outros habitantes entre a baía Cananeia e a lagoa dos Patos, senão os Índios Carijós. A figura desta província atualmente é um triângulo que se prolonga irregularmente até os montes que lhe demoram ao poente por espaço de setenta e cinco léguas pouco mais ou menos para o mar, e confronta, ao norte, com o rio Saí, o qual a separa da província de São Paulo; a leste, entesta no Oceano; da banda do sul, o rio Mampituba a divide da província de São Pedro do Rio Grande; e da do oeste adianta-se formando uma ponta pelas províncias de São Paulo e de São Pedro do Rio Grande. Avalia-se a sua superfície em duas mil e duzentas léguas quadradas. Este país foi longo tempo explorado pelos naturais da capitania de São Vicente, que nele faziam entradas para guerrearem os Índios, os quais ao depois vendiam como escravos. No fim do século XVII, um grande número de Paulistas foram assentar morada no ser-

tão do país, a sessenta léguas do mar, com o qual não podiam ter comunicação, e na mesma latitude da ilha de Santa Catarina. A povoação, e colônia que dali se originou, foi criada vila em 1749, com o nome das Lages, e ficou sendo um dos distritos da província de São Paulo. El-Rei D. João V começou no decurso do ano de 1720 a ocupar-se seriamente do marítimo deste país, e por diversas vezes durante o seu governo tratou de povoar tanto a ilha, como a terra firme de Santa Catarina, com colonos das ilhas dos Açores e da Madeira, e ordenou que fossem para ali enviados os naturais de Portugal e das capitanias do Brasil condenados à pena de degredo, e em virtude desta disposição os governadores de São Paulo nomearam comandantes militares a cujo cargo estava o governo daquela nova colônia. O brigadeiro José da Silva Pais foi o primeiro, em 1739, que governou a ilha de Santa Catarina com patente régia de governador, e tendo recebido ordem para fortificar a Colônia do Sacramento, encarregou interinamente do governo ao capitão Patrício Manoel de Figueiredo. Sucedeu-lhe em 1743 o mestre de campo Pedro de Azambuja Ribeiro, que foi rendido pelo governador titular em 1746. Manoel Escu-

deiro Ferreira de Souza veio, no cabo de três anos, render José da Silva Pais, e tomou posse do governo em fevereiro de 1749. Nesta mesma época, criou El-Rei D. João V, na vila do Desterro, um ouvidor com jurisdição sobre Santa Catarina e o Rio Grande. Em outubro de 1753, D. José de Melo Manoel tomou posse do governo que guardou por decurso de nove anos, e tê-lo-ia conservado por mais alguns anos, se não foram certas alterações que teve com o governador do Rio de Janeiro, donde resultou serem dali em diante os governadores de Santa Catarina nada mais que uns meros comandantes militares. Francisco Antônio Cardoso de Menezes e Souza sucedeu a D. José de Melo em 7 de março de 1762, ano em que os Espanhóis fizeram uma entrada na ilha de Santa Catarina. Partidos que eles foram, mandou o governador consertar e aumentar as fortificações, porém obrigou o povo a trabalhar nelas de graça, e fez assentar praça a quantos estavam em estado de servir para completar o quadro dos batalhões, e por este modo diminuiu a população, reduziu os habitantes ao maior estado de miséria, e privou a agricultura de braços. Veio rendê-lo em 12 de julho de 1765 Francisco de Souza

Menezes, que governou por espaço de dez anos; seguiu-se-lhe o coronel Pedro Antônio da Gama e Freitas, o qual junto com o marechal de campo Antônio Carlos Furtado de Mendonça, deixaram os Espanhóis efetuarem um desembarque no norte da ilha, em 23 de fevereiro de 1777, e sem opor-lhes a menor resistência, viram o inimigo adiantar-se para o sul, e entregaram-lhe toda a ilha em 7 de março, por uma capitulação vergonhosa assinada dous dias antes. Em consequência dum tratado celebrado entre as Coroas de Portugal e Espanha, em 24 de março de 1778, foi esta ilha restituída aos Portugueses, e o vice-rei do Rio de Janeiro nomeou para governá-la ao coronel Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara, que se fez estimar de todos pelo desvelo que pôs em reparar os estragos da guerra, em socorrer os numerosos colonos que a invasão havia reduzido à indigência, e pela exata probidade que presidia a todas as suas ações, confessada e conhecida de todos os seus administrados. Soube também fazer-se amar dos soldados, regularizou o serviço militar, e deu nova organização aos tribunais. Francisco de Barros Morais Araújo Teixeira Homem tomou posse do

governo em 5 de junho de 1779, e fez-se igualmente amar do povo e das tropas por sua justiça, moderação, pela severidade com que tratava aos grandes que se supunham superiores às leis, e pela doçura com que se havia para com os desgraçados. Fez este governador consertar os edificios públicos e particulares que se achavam arruinados por causa da antecedente guerra; fundou o hospital da Misericórdia, para o qual contribuía com uma mesada, não deu licença aos soldados para trabalharem, como era costume, em diversos misteres, salvo no trabalho do campo; e durante os sete anos de seu governo promoveu a importação e exportação, e por este meio deu alma ao comércio, e aumento à população em toda a província. Sucedeu-lhe José Maria Pereira Pinto, que fez construir embarcações para o serviço da marinha, favoreceu a agricultura, promoveu por todos os modos as plantações de cafezais, um dos produtos de maior rendimento atualmente desta província; superou quantos obstáculos lhe opuseram para abrir uma estrada por meio de serras e matas, entre a vila do Desterro e a das Lages, e os moradores desta última serviram-se logo dela, para levarem a vender os seus gêneros à vila do Des-

Santa Catarina

terro; repartiu este governador as terras dos campos que estavam devolutas com numerosas famílias, cujos descendentes hoje em dia a povoam. Foi nessa época que a vila das Lages foi separada da província de São Paulo, e anexada ao governo de Santa Catarina. Entregou José Maria Pinto o governo ao tenente coronel Manoel Soares Coimbra em 17 de janeiro de 1791, o qual só teve o título de comandante, e por uma conduta repreensível perdeu as vantagens agrícolas e comerciais que seus dous predecessores haviam alcançado, e tendo sido demitido no cabo de dous anos e meio de governo, foi conduzido debaixo de prisão para o Rio de Janeiro, para responder aos capítulos contra ele dados. Sucedeu-lhe com a mesma patente e título, em 7 de julho de 1793, o tenente coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, o qual fez novos entrincheiramentos na ilha, disciplinou as tropas, e formou companhias de milícias, nas quais todo cidadão era obrigado a alistar-se, logo que os rumores da guerra que lavrava na Europa se espalharam pelo Brasil. Conservou este benemérito oficial o governo até a sua morte, ocorrida em 18 de janeiro de 1800. O ouvidor Aleixo Maria Caetano, o tenente coronel José

Santa Catarina

da Gama Lobo Coelho e o vereador José Pereira da Cunha foram, em conformidade da lei, encarregados do governo interino até o dia 8 de dezembro seguinte, que deram posse dele ao coronel Joaquim Xavier Curado, que vinha com patente de governador. Fez-se o novo governador respeitar por sua urbanidade, e pelos desvelos com que se ocupava dos diferentes ramos de sua administração, foi o protetor dos desvalidos, e deixou grandes saudades quando partiu, tendo entregue o governo a D. Luiz Maurício da Silva, em 5 de junho de 1805. Por decreto de 25 de fevereiro de 1807, as ouvidorias de Santa Catarina e do Rio Grande foram reunidas em uma só, com o nome de São Pedro e Santa Catarina, porém esta nova ouvidoria não se estabeleceu efetivamente em Porto Alegre, senão por virtude dum alvará de 16 de dezembro de 1813, o qual ordenou que Santa Catarina conservaria o nome de comarca, e assinou os limites dela no continente. Conservou D. Luiz o governo até o ano de 1817, em que o entregou ao coronel João Vieira Tovar de Albuquerque em 14 de agosto. Viu-se o novo governador a braços com as novas ideias de constituição e de liberdade, que dividiram os espíritos dos habitantes de

toda a província de Santa Catarina, criada de novo por El-Rei D. João VI, por alvará de 12 de fevereiro de 1821. E contudo no meio destas novidades tratou de fazer o hospital das Caldas, para aproveitar as águas termais que haviam sido descobertas no tempo de seus predecessores, nas margens do rio Tubarão; infelizmente, por falta de rendimento este estabelecimento não pôde subsistir depois da partida do governador. Sucedeu-lhe em 20 de julho de 1821 Joaquim Pereira Valente, depois barão e visconde de Rio Pardo, e foi o último governador militar desta província. Ao general Valente sucedeu um governo provisório segundo as bases da constituição de Portugal, que foi substituído em 1824 pelo governo dos presidentes de província, segundo o artigo 165 da constituição do império do Brasil. O primeiro presidente da província de Santa Catarina foi João Antônio Rodrigo de Carvalho, que teve por sucessores outros muitos quase anualmente por nomeação do governo imperial. A boa qualidade das terras, a doce temperatura do ar, a uniformidade das estações que têm mui pouca variação, fazem que esta província seja apelidada o *paraíso terrestre do Brasil*. As terras são duma fer-

tilidade rara, posto que as chãs sejam por vezes arenosas. As ilhas de São Francisco e de Santa Catarina são as partes da província mais bem cultivadas, no continente só o são as bordas das lagoas e as margens dos rios onde os transportes por água são fáceis, e perto da costa a duas ou três léguas do mar. Os vegetais da Índia e da Europa se acomodam facilmente com o clima; as matas abundam em excelentes madeiras de construção, como cedro, carvalho e peroba, guaruba, óleo e grapecica, todos com veias, servem para a marcenaria e marchetaria; o pau de arco para a tanoaria; os pinhos, que são em grande cópia, para mastros de navios. Estas matas estão ainda em parte em poder dos Índios que andam nelas à caça dos tamanduás, pacas, cabritos monteses, onças, antas, porcos monteses, coatis, macacos e outros animais silvestres. Veem-se também diferentes espécies de pica-flores e outros muitos voláteis e borboletas das mais ricas cores. As lagoas e rios estão coalhados de grande cópia de aves aquáticas, como os guarás, e de infinidade de gansos e patos. O solo desta província é retalhado por muitos rios e ribeiros: o Araranguá, o Itajaí e o Urussanga são os que discorrem por maior espaço, e con-

tudo não oferecem senão seis para oito léguas de boa navegação. A embocadura dos outros, bem como a de alguns ribeiros de pouco cabedal é de ordinário espaçosa, mais por efeito da maré, que pela abundância da veia d'água. Aqueles em que as canoas vão mais adiante são o Aracari, que é um braço do mar que jaz entre a ilha de São Francisco e a terra firme; o Biguaçu, o Camboriú, o Cubatão, o Irii Guaçu, o Mampituba, o Maruí, o Saí e o Tubarão, entre todos o mais caudaloso. As costas ao redor da baía de Santa Catarina são guarnecidas de fortificações, todas dominadas pelas serras, tanto da ilha como do continente. O primeiro denumeramento que desta província se fez em 1810, deu o resultado seguinte:

Homens brancos	11.173
Mulheres brancas	12.507
Homens livres índios e de cores	293
Mulheres índias e de cores	358
Homens escravos pretos e pardos	4.633
Mulheres escravas	2.570
<hr/>	
Total.....	31.534 almas.

Este denumeramento nos faz ver que há poucos negros e pardos nesta província

em comparação das outras, e que também são poucos os Índios, sendo que os das nações dos Patos e dos Carijós, que nela primitivamente dominavam, se retiraram para os sertões, e se misturaram por tal modo com outras nações que supõem-se se acham atualmente de todo em todo extintos. Outro denumeramento feito quatro anos depois do primeiro elevou o número dos habitantes desta província a trinta e três mil quatrocentos e noventa e nove almas, porém o de 1841 apresentou sessenta e sete mil, duzentos e dezoito indivíduos de todas as cores, entrando neste número doze mil e quinhentos escravos de ambos os sexos. Havia nesta província trezentas fábricas de destilação de aguardente, porém a falta de vasilhas fez que fosse em diminuição este gênero de indústria e em aumento o da fábrica do açúcar. No fim do século passado o comércio de azeite de baleia era considerável, e não deixa ainda hoje em dia de o ser, pois que existem as armações da ilha de Santa Catarina e da ilha de São Francisco, e no continente as de Garopaba, de Embituba, de Itapacoróia e de São Miguel. As principais produções desta província presentemente são açúcar, aguardente, café, arroz, mandioca, milho, feijões,

cebolas de extraordinária grandeza, e alhos, gêneros que se exportam para o Rio de Janeiro. As anileiras e cochonilheiras dão-se ali espontaneamente, o trigo, cevada e linho pagavam com usura o trabalho que com suas lavras se tinha, e todavia com tantas vantagens o comércio é quase nenhum por falta de comunicações fáceis com as províncias vizinhas, e com as vilas que jazem entre elas. Os habitantes desta província são em geral robustos, hospitaleiros e econômicos, porém eram pobres porque gastavam quanto ajuntavam em comprar escravos para os trabalhos rurais, e por isso que alguns eram inclinados a tratarem de demandas que geram entre as famílias inimizadas que nunca se acabam. Em 1832 em toda esta província não havia mais que onze paróquias; uma na ilha de São Francisco, quatro na de Santa Catarina, e seis na terra firme. Há atualmente o dobro e todas têm sua escola de primeiras letras. Depois deste mesmo ano duas vilas foram criadas cidades, e cinco povoações foram elevadas à categoria de vilas. Consta presentemente esta província de duas comarcas, a saber a do Norte e a do Sul: as quais são formadas dos distritos das cidades do Desterro, da Laguna e de

Santa Catarina

São Francisco, e dos das vilas das Lages, da Lagoa, de Porto Belo, Ribeirão, São José e São Miguel. Estes nove distritos constituem outras tantas divisões militares, criadas em 1840 pelo general Francisco José de Souza Soares de Andréa, então presidente e governador das armas da província, para facilitar a distribuição regular das tropas de linha e dos guardas nacionais. Tendo-se descoberto várias fontes d'águas termais, uma decisão régia de 13 de março de 1818 autorizou uma subscrição para a fundação dum hospital debaixo da direção do governador João Vieira Tovar de Albuquerque, e El-Rei D. João VI lhe fez doação de duzentas braças de terra sobre a estrada real. Lançaram-se os alicerces do edificio, que ficou suspenso. A assembleia geral pôs em discussão, no dia 20 de setembro de 1843, um projeto de lei para se conceder três lotarias cujos benefícios seriam aplicados ao acabamento de tão útil fábrica, segundo a nova planta apresentada, cuja despesa orça por quarenta contos de réis. O príncipe de Joinville e a princesa Dona

Francisca sua esposa, antes de partirem do Brasil, se dignaram contribuir para este estabelecimento. Em 1844 a Imperatriz aceitou o título de protetora deste hospital, que tomou o nome de Hospício das Caldas da Imperatriz, que nesse mesmo ano lhe fez dom de quatro milhões de réis. No fim do século passado os condutores de gado, subindo pela cordilheira vizinha do mar, descobriram nela algumas minas de carvão de pedra, por se ter nele ateado o fogo no lugar em que preparavam a comida. O célebre Karston⁴⁰⁶, em seu Tratado de metalurgia escrito em 1818 em alemão, deu uma análise do carvão de pedra do Brasil. Depois dele um Brasileiro distinto, M. Souza de Melo e Alvim, achou uma mina do mesmo carvão, doze léguas ao poente da vila da Laguna. Queixou-se o ministro, no seu relatório feito perante a assembleia geral de 1834, de não haver no Império uma pessoa com os conhecimentos necessários para tirar proveito daquele feliz descobrimento. No relatório do ano seguinte se fez menção que o presidente da província

se tinha aproveitado dos conhecimentos, que daquela matéria tinha um Inglês por nome Davidson, que por ali passara, o qual lhe certificara que as ditas minas eram de mui boa qualidade de carvão. Em 1839 o naturalista Alexandre Antônio Vandelli declarou que o carvão de pedra da província das Alagoas era um xisto betuminoso, e do da de Santa Catarina um linhito piriforme. O presidente general Soares de Andreu⁴⁰⁷ tinha mandado em 1840 alguns documentos bem especificados, sobre este assunto, ao ministro do Império, e no ano seguinte apareceram as Memórias de M. Parizot, nas quais vinha demonstrada a existência daquelas minas, a qualidade do carvão e outras circunstâncias mais, cuja importância foi causa que o governo e a assembleia geral se ocupassem da lavra e extração daquele mineral nesta província. A assembleia legislativa provincial pode dar um grande impulso à prosperidade do país, mandando limpar de escolhos os rios e ribeiros até os seus nascentes para facilitar a navegação e

⁴⁰⁶ O autor refere-se a Carl J. B. Karsten que escreveu a obra *Grundriss der Metallurgie und der metallurgischen hittenkunde*, Breslau: bey Wilhelm Gottlieb Korn, 1818. (N/E)

⁴⁰⁷ O autor refere-se ao engenheiro militar e político luso-brasileiro Francisco José de Souza Soares de Andréa. (N/E)

dar-lhe mais extensão, abrindo novas entradas nas cordilheiras para comunicar com o sertão das províncias vizinhas; consertando e tornando praticáveis os caminhos que existem entre as vilas, dando novas leis acerca do ensino público, exigindo dos professores que inculquem no ânimo dos discípulos o amor do trabalho e do próximo, e a obediência às leis e às autoridades por elas constituídas; dando prêmios e honrando os agricultores que se abalizarem nos processos agrícolas, e apresentarem novos produtos desta indústria. O linho, a cochonilha, os bichos de seda, as abelhas são outros tantos ramos de indústria que podem ser proveitosos aos habitantes duma província tão favorecida da natureza. Os pastos artificiais, as plantações do arbusto grandi-uba com que tanto folga o gado, e que supre a falta doutras ervas nos tempos secos, fariam com que os agricultores se applicassem à fabricação de queijos e de manteiga, e seriam ocasião para novos estabelecimentos de salgação e encharque de carne, gêneros que postos em circulação fariam desaparecer a penúria e falta de capitais que se experimenta, ao mesmo tempo que os impostos e direitos razoáveis que estes gêneros pagariam entrariam

nos cofres da província e do Estado. As doenças que grassam nesta província são, segundo a opinião dum economista, o escorbuto, a lepra, as febres periódicas que degeneram às vezes em malignas, pleurizes e catarros. Ela manda um senador à câmara alta e um deputado à assembleia geral: sua assembleia provincial legislativa consta de vinte membros, segundo as disposições da lei das reformas da constituição, e estes membros em 1840 recebiam dous mil e quatrocentos réis por dia enquanto duravam as sessões, além duma indenidade para a jornada.

Santa Catarina. Grande ilha fortificada defronte do continente do sul do Brasil, chamada pelos Índios Carijós que nela dominavam Juriré-Mirim, nome que os primeiros exploradores Portuguezes mudaram no dos Patos, pela grande quantidade deles que nela encontraram. Jaz esta ilha entre vinte e sete e vinte e oito graus de latitude, e em cinquenta e um de longitude ocidental, e tem uma soberba baía que ocupa todo o seu comprimento entre ela e o continente. Os Índios Carijós a desampararam quando pela primeira vez os habitantes da capitania de São Vicente aportaram nela, fazendo mostras

Santa Catarina

de quererem ali formar estabelecimento, o que não se verificou, de sorte que ficou sendo a ilha por decurso dum século a certa acolheita dos corsários e flibusteiros. Em 1650 Francisco Dias Velho Monteiro que veio assentar nela morada com quatro filhos mandou fazer uma capela que dedicou a N. S. do Deserto. A invocação desta capela e o modo por que ao depois se houveram os membros desta família parecem dar a entender que o chefe dela fora para ali mandado a deserto. Em 1654 o sobredito Monteiro alcançou d'El-Rei D. João IV a doação inteira desta ilha, onde ele havia tido a indústria de reunir um grande número de Índios. Havia dez anos que ele estava em mansa e pacífica posse dela, quando ali arribou vindo do Peru um galeão holandês com água aberta; saltaram os Holandeses em terra na praia chamada presentemente de *Canaviera*, e percorreram por toda a ilha que acharam despovoada, porém própria para as reparações de que o galeão necessitava. A carregação, que consistia em prata amoedada e em barras, foi posta debaixo de tendas e confiada à guarda de alguns deles; porém Francisco Dias Velho Monteiro, acompanhado de toda a sua gente, caiu de improviso sobre

Santa Catarina

os Holandeses, os quais atalhados com tão impensado acometimento recolheram apressadamente a prata que puderam, e se fizeram à vela deixando o restante em poder dos da ilha. No ano seguinte porém os Holandeses tomaram de assalto a colônia e obrigaram os Portugueses a restituir-lhes quanto lhes haviam tomado na viagem precedente, e enquanto uns obrigavam por força Monteiro a restituir-lhe a prata tomada, outros lhe violavam as filhas, ao que como ele se quisesse opor, foi morto. Seus dous filhos, levando consigo as irmãs, se passaram para o continente, e assentaram morada perto duma lagoa apelidada Laguna, para evitarem um novo insulto da parte dos Holandeses. Por ocasião desta retirada voltou outra vez a ilha para os domínios da Coroa, porém continuou a ser o valhacouto dos piratas até o ano de 1723, época em que El-Rei D. João V a mandou povoar de colonos das ilhas dos Açores e da Madeira, e lhe conferiu o título de vila: continuou esta nova vila a ser apelidada Desterro, do nome do orago de sua antiga capela, e ficou anexa à província de São Paulo. Desde o ano de 1732 os governadores desta província lhe nomearam comandantes militares como o foram

Sebastião Rodrigues Bragança e Francisco Dias de Melo, ambos oficiais inferiores, e o capitão Antônio de Oliveira Basto. Sucederam-lhes governadores com patente régia. (V. *Santa Catarina*, província.) De então por diante se fizeram as fortificações da ponta noroeste da ilha e das ilhetas dos Ratores, de Anhatomirim e de Araçatuba. Uma companhia fazia ao mesmo tempo edificar uma armação de baleia, na margem oriental, e de todos os comboios de colonos mandados para a vila do Desterro, uma parte era repartida pelo interior da ilha, de modo que se foram assim formando várias povoações. Foi esta ilha invadida em parte pelos Espanhóis em 1762, e logo depois abandonada; o que foi ocasião de se fazerem os fortes de São Francisco Xavier, de São Luiz, São João e Santa Bárbara, os quais todavia não tolheram aos Espanhóis de desembarcarem nela em 23 de fevereiro de 1777, e de se assenhorearem em 7 de março seguinte por uma capitulação vergonhosa, por isso que não havia sido precedida da menor resistência, a qual foi contudo aceita pelo governador Pedro Antônio da Gama e Freitas. Por virtude dum tratado celebrado entre as coroas de Portugal e de Espanha, em 24 de março do ano seguinte, foi

outra vez esta ilha restituída aos Portugueses em 30 de julho. Como todas as fortalezas que a defendem se acham dominadas por montes que o inimigo pode com facilidade ocupar, seria mister completar o sistema de defesa, mandando proceder à construção duma fortaleza no monte de Santa Rita que é o mais alto de todos, a qual, ficando a cavaleiro da cidade, praia e fortes desta numerosa povoação, a poria a seguro de qualquer súbita invasão. É a ilha de Santa Catarina de figura irregular e montanhosa, e poderá ter perto de dez léguas do norte a sul, e quando muito duas léguas de leste a oeste, e acha-se rodeada de vários ilhotes, alguns dos quais são fortificados. Não a avistam os navegantes senão quando já estão perto dela, por isso que de longe seus altos montes parecem confundir-se com os do continente, e só quando vindo da parte do norte começa a gente a avizinhar-se das ilhas da Galé e do Arvoredo, é que ela se vai cada vez mais patenteando. Em toda a sua margem oriental, se não encontra porto algum e nela se quebram com violência as vagas, porém a baía que jaz entre ela e o continente oferece a todo gênero de navios um surgidouro cômodo e bem abrigado. As potências marítimas

da Europa não desejado tornarem-se senhoras desta posição, que seria uma excelente arribada para os seus navios, porém as fortificações que foram sucessivamente feitas a puseram a seguro de toda a súbita acometida. É esta ilha regada pelos rios do Tavares e dos Ratores, que dão navegação a canoas por espaço de muitas léguas, e pelo Vermelho, muito mais possante que os precedentes, que se dirige para o oriente para se ir lançar no mar. As lagoas da Conceição a da Lagoinha e a do Pântano, na parte oriental, são o receptáculo das águas de vários ribeiros que descem dos montes. Desfruta-se nesta ilha uma primavera quase eterna; seus ares são puros, exceto à beira dos pântanos que se acham nas faldas dalgumas montanhas. As serras da Boa Vista e de Rita Maria são as que têm maior altura, e ficam ao nascente da cidade do Desterro. As terras são em geral férteis, nelas se dá espontaneamente a ipecacuanha, e se cultiva com proveito linho, cana, e arroz nas baixas, bem como grande quantidade de hortaliça reputada a melhor do Brasil. Nas altas prosperam os cafeeiros, a mandioca, milho, trigo, e muitas árvores frutíferas da Europa, e também as bananeiras, laranjeiras, ananazeiros, melancieiras, e sober-

bos meloeiros. E todavia o país é pobre; o povo vive sofrivelmente, porém o metal é raro. A principal riqueza consiste no que da terra colhem e isso é pouco; o comércio é quase nenhum porque falta a atividade que é necessária para dar saída aos produtos da indústria; e também por isto que consiste unicamente no fabrico dalgumas teias de linho e de algodão que se vendem na terra e em algumas pescarias. A população de toda a ilha é avaliada em doze mil indivíduos repartidos pelos distritos da cidade do Desterro e das vilas da Lagoa e do Ribeirão. Entre o mar e a lagoa chamada *Lagoinha*, há uma excelente armação de baleia, cuja fundação é do ano de 1772. Em 1840 fez-se uma boa estrada de carro nas margens da baía desde a praia do Menino Deus até o rio do Tavares, para a comunicação da vila de Ribeirão com a cidade; e consertou-se também o caminho que vai da cidade para a vila da Lagoa, passando pelo monte Prejibai.

Santa Catarina. Soberba baía formada pela ilha deste nome, defronte do continente. Achase repartida em duas partes por duas línguas de terra que se adiantam da ilha e do continente, e que em vez de se juntarem deixam uma aberta

Santa Catarina

de cento e setenta e cinco braças. Os navios de alto bordo entram de ordinário pela aberta larga e profunda que jaz entre a ilha do Arvoredo e a ponta da Rapa, ao norte da ilha de Santa Catarina; depois governando-se no rumo do sul, passam ao pé do forte de São José à esquerda, ficando à direita o ilhote fortificado de Anhatomirim, e vão fundear num surgidouro de fundo de vasa, com nove até trinta braças d'água, profundidade que vai diminuindo progressivamente até ficar em três braças à medida que se vai aproximando da cidade do Desterro. Ao sul deste surgidouro se acham as duas pontas que separam a parte meridional da baía, onde se encontra de cinco até dezoito pés d'água, com fundo de vasa mole de quatro para cinco pés de fundura. O único vento que incomoda os navios fundeados no grande surgidouro é o de nordeste, mas nem por isso correm perigo algum. Os navios mercantes podem, em caso de necessidade, porem-se à sombra dos fortes, cosendo-se com o de São José, na ponta Grossa da ilha de Santa Catarina, e com o de Santa Cruz, no ilhote de Anhatomirim, e mais ao sul com o da ilha dos Ratores. Mas de ordinário acontece que todos estes fortes se acham mal basteci-

Santa Catarina

dos de munições de guerra, além de se não cruzarem os tiros das baterias. O almirante Roussin, no seu *Piloto do Brasil*, faz menção da baía de Santa Catarina, e a cita como uma excelente arribada: “Várias aguadas abundantes existem, diz ele, a pequena distância; a melhor, duas milhas ao norte da ilha de Anhatomirim no continente, fornece de noite e de dia uma água excelente de que se pode fazer provisão sem pagar nada. Alcança-se por pouca cousa licença para fazer lenha tanto no continente, como numa das ilhas dos Rationes, e com pequena despesa se teria também para cortar as madeiras de construção para a reparação dalguma avaria por maior que fosse; enfim na cidade principal da ilha e nas povoações vizinhas do surgidouro se acham por preços cômodos todos os víveres e refrescos que a terra dá... Consistem estes em bois, porcos, galinhas, arroz, milho, aguardente de cana, farinha de pau, carne seca, açúcar, café, e as frutas do trópico.” A baía abunda em pescado, e os fortes que a defendem foram pela maior parte construídos debaixo da direção do engenheiro e governador José da

Silva Pais, que promoveu estas obras no meado do século passado. Na parte meridional da baía só podem entrar embarcações que demandam de quatorze pés d’água para baixo. Para se entrar nela pela boca do sul é mister reconhecer-se primeiro a ilha do Coral, e ao depois governar no rumo da do forte de Araçatuba, deixando a primeira à direita e a segunda à esquerda, e ainda assim é mister ter vento em popa, maré enchente, mar sereno, e grande cuidado de não dar à costa no ilhote de Araçatuba duma parte, ou na ponta da ilha de Santa Catarina da outra, ponta apelidada *dos Naufragados* pelas desgraças de que tem sido causa. As terras altas da ilha e as do continente, que o são ainda mais, abrigam os navios surtos nos dous surgidouros da baía.

Santa Catarina.⁴⁰⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, nove léguas ao noroeste da cidade de Campanha, nas adjacências dos rios Verde e do Funil. Sua igreja foi criada paróquia com o orago de Santa Quitéria, em virtude duma resolução régia de 9 de maio de 1822. Seu termo se estende

entre o da freguesia da vila das Lavras do Funil a leste, até o rio Sapucaí ao oeste, e se acha separado do da cidade pelo ribeiro do Funil ao sul, e do da freguesia da vila de Piumhi pelo rio Grande, e consta de cinco mil habitantes que lavram milho, feijões e arroz, fazem criação de gado, e se ocupam também de mineração.

Santa Catarina. Serra e lugarejo da província de Paraíba, com uma capela dedicada a Santa Catarina, que depende da igreja paroquial de Vila-nova de Souza.

Santa Catarina. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no território novamente povoado entre as vilas de Cantagalo e de Macaé. As margens deste ribeiro passam por ser o sítio mais propício para a fundação duma colônia, por ficar em meio destas duas vilas, como também fica o de Pedra Lisa. (V. este nome.) Em 1843 plantaram-se grande número de amoreiras para criação de bichos de seda de que se espera um feliz resultado.

Santa Catarina de Mós. Campos da província do Rio de Janeiro, entre a ponta dos

⁴⁰⁸ Atual cidade de Natércia/MG. (NIE)

Manguinhos e o rio Cabapua-
na, onde fenece a província do
Espírito Santo.

Santa Cruz. Uma das quatro
comarcas da província de
Goiás. Foi criada em 1835
pela primeira assembleia pro-
vincial legislativa, e tem por
cabeça a nova vila de seu
nome. Encerra os distritos das
vilas de Santa Cruz e de Santa
Luzia, e as aldeias de Piçarrão,
de Pedras e de Santana.

Santa Cruz.⁴⁰⁹ Vila da provín-
cia de Goiás, cabeça da co-
marca que tem o mesmo
nome. Está situada em dezes-
sete graus e cinquenta e qua-
tro minutos de latitude, perto
da margem esquerda dum ri-
beiro chamado *Pari*, na estrada
que vai de Goiás para São
Paulo, trinta e três léguas ao
su-sueste da vila de Meia
Ponte, e cinquenta e nove ao
sueste da cidade de Goiás. O
território aurífero em que jaz
assentada foi descoberto em
1729 por Manoel Dias da
Silva, que o assinalou com
uma cruz de madeira em que
gravou as seguintes palavras:
Viva El-Rei de Portugal, e reco-
lheu-se a sua terra com o ouro
que havia em pouco tempo

ajuntado. No seguinte ano
formou-se uma povoação de
mineiros junto àquela cruz, e
em 1733 estabeleceu-se uma
intendência para a arrecadação
do quinto. A igreja da vila de
Santa Cruz, que tem por pa-
droeira N. S. da Conceição, é
uma das mais antigas da pro-
víncia, e obteve o título de pa-
róquia por alvará de 21 de
novembro de 1759. Apesar de
se achar esta povoação muito
descaída de seu antigo esplendor,
foi criada vila pela assem-
bleia provincial em 1835.
Veem-se em seus contornos
os vestígios dum cano que
havia sido começado para ali
conduzir a água dum alto que
fica a nove léguas de distância
para a mineração do monte
do Clemente, ainda atual-
mente prenhe de ouro; com a
morte do engenheiro que es-
tava encarregado daquela o-
bra ficou tudo parado, e com
o tempo veio-se o cano a en-
tupir. Perto de Santa Cruz
existem vários nascentes
d'águas termais com diferen-
tes graus de calor, que dizem
ser aprovadas para as doenças
cutâneas e para muitas outras
enfermidades; porém infeliz-
mente falta ali tudo quanto se
requer para um estabeleci-

Santa Cruz

mento de caldas. O distrito da
vila de Santa Cruz consta do
termo de sua antiga freguesia,
e se estende da banda do sul
até a aldeia de Santana, que
fica a quarenta léguas da vila,
e contudo em tão vasta super-
fície apenas se contam três mil
habitantes, os quais são amiú-
de obrigados a defenderem-se
contra as invasões do gentio
Caiapós. Cultivam-se neste
termo víveres, e cria-se gado.
Em 1844, o colégio eleitoral
da vila constava tão somente
de quatorze eleitores.

Santa Cruz.⁴¹⁰ Povoação da
província da Bahia, na co-
marca de Porto Seguro, e três
léguas ao norte da cabeça dela.
Em 1536, Pedro de Campo
Tourinho, donatário da capita-
nia de Porto Seguro, assentou
morada nas margens da baía
Cabrália, e fundou a vila de
Santa Cruz; porém passados
tempos, foi esta vila total-
mente destruída, em 1564,
pelos Índios Aimorés, capita-
neados pelo cruel Abatiras.
Aqueles dos habitantes que
escaparam das mãos dos bár-
baros se retiraram algumas lé-
guas mais para o norte, para as
margens dum rio apelidado
então de João Tiba, que foi o

⁴⁰⁹ Atual cidade de Santa Cruz de Goiás/GO. (N/E)

⁴¹⁰ Atual cidade de Santa Cruz Cabrália/BA. (N/E)

Santa Cruz

primeiro Europeu que se estabeleceu em suas margens, e conhecido atualmente com o nome de Santa Cruz. Vendo-se postos em seguro, e achando as terras mais férteis, trataram os fugitivos de edificar uma igreja, que foi declarada por uma das filiais da igreja matriz da vila de Porto Seguro em 1681. Desde então foi aquele povo uma medíocre povoação como o é ainda hoje, sem embargo do que a sua igreja, cujo orago é a Senhora da Conceição, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 12 de janeiro de 1755. Seu termo se acha separado, da banda do norte, do da vila de Belmonte pelo ribeiro de Santo Antônio, da do poente, dilata-se pela cordilheira dos Aimorés; da do sul, pega com o termo da freguesia de Porto Seguro; e ao nascente, vai entestar no oceano. Encerra o dito termo mil habitantes ao muito, que cultivam os víveres de seu consumo, e colhem grande quantidade de marmelos de que fazem marmelada, que tem grande extração na Bahia. A torre da igreja de N. S. da Conceição desta povoação está em dezesseis graus, dezoito minutos e cinquenta se-

gundos de latitude, e em quarenta e um graus, vinte e dois minutos e quatro segundos de longitude ocidental.

Santa Cruz.⁴¹¹ Povoação e fazenda imperial, no distrito neutro da capital do Império. O governador general do Brasil Mendo de Sá repartiu com os jesuítas, que vieram em sua companhia ao Brasil em 1567, grandes porções de terra para nelas estabelecerem aldeias debaixo de sua direção. Tal foi a primeira origem do colégio dos jesuítas chamado de Santa Cruz, e doutras povoações adjacentes; porém as casas que se ergueram nas vizinhanças destes estabelecimentos foram feitas dous séculos depois. Na expulsão desta ordem religiosa dos domínios portugueses, aquelas vastas fazendas voltaram para a coroa, e sua população se foi aumentando particularmente depois que a família real, passando-se de Portugal para o Brasil, fez escolha deste colégio para nele residir uma parte do ano. O príncipe regente, depois El-Rei D. João VI, aumentou este edifício, e tornou-o mais cômodo para aposentamento de sua família. Sua igreja, dedicada a Santa Cruz,

foi considerada como uma das filiais da matriz da vila de Itaguaí, e o Imperador D. Pedro I a mandou fazer de novo sobre uma nova planta e com maiores dimensões. A povoação de Santa Cruz, que jaz ao pé deste palácio, e doze léguas ao poente da cidade do Rio de Janeiro, não tem mais de mil e duzentos moradores; porém o território imperial de que ela faz parte encerra mais de seis mil numa superfície, avaliada em cinquenta léguas quadradas pouco mais ou menos. As fazendas imperiais de Santa Cruz, Cantagalo Pequeno e Canhangá foram desanexadas, por decreto de 30 de dezembro de 1833, do distrito de Itaguaí, e incluídas no do Rio de Janeiro. Antigamente, a indústria agrícola dos habitantes deste país consistia tão somente em canas, mandioca, arroz, mandubis, feijões, milho e anil, tudo em grande abundância, porém atualmente o café é a mais rendosa de suas produções. A plantação e amanho do chá deve-se aos desvelos de El-Rei D. João VI, que mandou vir Chineses para cultivá-lo e prepará-lo à moda do país. Dá-se este vegetal admiravelmente no Jardim botânico da cidade do

⁴¹¹ Atual bairro de Santa Cruz, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Rio de Janeiro, e pelo mesmo teor na província de São Paulo, onde os habitantes o não propagado: desgraçadamente ainda tem muita força no vulgo dos habitantes o funesto preconceito, que as cousas que vêm de longe são superiores às que com facilidade se podem ter à porta da casa, e por este motivo o chá nacional tem menos extração que o do Indostão, não obstante igualá-lo tanto no sabor, como na bela aparência.

Santa Cruz. Antiga povoação e pequeno porto no fundo da baía de Santos, ao pé da Serra do Cubatão, pela qual mandaram os jesuítas empedrar um caminho para facilitar a comunicação da vila de São Paulo com a de Santos, ambas atualmente cidade. Foi este porto vulgarmente apelidado Cubatão aberto em 1574 por Rui Pinto, numa sesmaria que lhe havia sido concedida no ano antecedente. Todos os gêneros que desciam da serra eram ali depositados, e depois postos a bordo de barcos que os transportavam para Santos, quando a maré e o vento o permitiam; porém com o

tempo veio este porto a ser inútil, depois que se fez um molhe entre o continente e a cidade de Santos, por onde os almocreves passam com os machos carregados. A povoação de Santa Cruz ou de Cubatão foi incorporada com a cidade de Santos, por lei provincial do 1º de março de 1841.

Santa Cruz.⁴¹² Nova freguesia da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Jequitinhonha, oito léguas abaixo do Registo do Pé do Morro. Foi em princípio um registo ali colocado para to-lher se ocupasse alguém da busca dos diamantes. Uma lei provincial de 4 de abril de 1840 lhe concedeu uma justiça de paz. Seu primeiro vigário foi o padre Francisco Alves de Mendonça, nomeado pelo Imperador em setembro de 1844. Esta freguesia é também conhecida com os nomes de *Santa Cruz do Salto* ou *Santa Cruz da Chapada*.

Santa Cruz.⁴¹³ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de São João do Príncipe, de que se acha arredada

Santa Cruz

vinte léguas. Está assentada nas margens do rio Jaguaribe, e é ornada duma igreja da invocação da Cruz, a qual depende da matriz da freguesia de Arneiros.

Santa Cruz.⁴¹⁴ Povoação da província do Ceará, na serra Uruburetama, trinta e duas léguas oés-sudoeste da cidade da Fortaleza, com uma igreja da invocação da Santa Cruz dependente da matriz da Vila da Imperatriz.

Santa Cruz. Nome do maior dos fortes da baía de Niterói ou de Rio de Janeiro, e o mais belo de todos quantos há no império do Brasil. Está assentado no promontório que fica adiante do Pico, entre o saco Jurujuba e o mar, concorrendo para fechar a entrada da baía juntamente com o forte de São João, na raiz do morro do Pão de Açúcar, e com o da Lage no cimo dum penhasco que se acha no meio desta entrada. O governador general do Brasil Mendo de Sá, depois de haver expulsado do país os Franceses que se haviam ligado com os Tamoios, como achasse neste promontório al-

⁴¹² Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

⁴¹³ Atual distrito de Inhamuns, município de Tauá/CE. (N/E)

⁴¹⁴ Atual cidade de Uruburetama/CE. (N/E)

Santa Cruz

gumas peças de artilharia que ali havia assestado Villegagnon, determinou de construir naquela posição um forte para defender a entrada da baía. Foi o dito forte aumentado em diversas épocas, e no fim do século passado o vice-rei conde de Resende o mandou pôr no estado em que hoje se acha. É da figura dum triângulo obtuso, com três ordens de baterias sobre três faces, defendidas por outro forte que se acha no cume do Pico, o qual ficando atrás dele e a cavaleiro o protege contra qualquer invasão. O pico ou Pão de Açúcar é um morro para o qual se não pode subir, senão passando pelo forte de Santa Cruz, por ser mui alto, descalvado e talhado a prumo de todos os lados. A bala duma peça de artilharia assestada horizontalmente na bataria deste forte passa por cima do forte da Lage, e vai cair ao pé do de São João, em distância de novecentas braças. O forte de Santa Cruz serve também de prisão do Estado.

Santa Cruz. Aldeia da província do Pará, na margem esquerda do rio Tapajós. (V. *Vilanova de Santa Cruz*.)

Santa Cruz. Lugarejo com um forte e uma capela da invocação da Santa Cruz, na extremidade meridional da ilha de Itamaracá. O forte defende a entrada da barra do rio Iguaçu na província de Pernambuco.

Santa Cruz. Serra altíssima da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Mangaratiba, cortada pela estrada que vai do Rio de Janeiro para São Paulo. Esta estrada, quase a prumo cavada no vertente oriental da serra, foi calçada durante a regência do governo imperial pelo teor da estrada da serra de Estrela na província do Rio de Janeiro, e da do Cubatão na de São Paulo.

Santa Cruz. Pequeno rio da província da Bahia, três léguas ao norte da vila de Porto Seguro. Seu curso é pouco mais ou menos de dez léguas antes de se ir lançar no mar. Nas terras que rega encontram-se muitas árvores de canafistula. É abundante de pescado e dá navegação a canoas até a cordilheira dos Aimorés, onde tem o nascente. Chamava-se primeiramente este rio João

Tiba, nome do primeiro Português que residiu em suas margens, e trocou-o no de Santa Cruz, quando os moradores de Santa Cruz vieram estabelecer à beira deles, depois do estrago que neles fez o chefe gentio Abatiras.

Santa Cruz. Ribeiro insignificante da província do Rio de Janeiro: nasce na serra Itacolumi, rega o termo da freguesia de Inhomirim, e vai engrossar o rio deste nome perto da povoação de Estrela.

Santa Cruz do Salto ou da Chapada.⁴¹⁵ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Santa Cruz*, sobre o rio Jequitinhonha.)

Santa Helena.⁴¹⁶ Nova vila e antiga freguesia da província do Maranhão, na comarca de Guimarães, na margem direita do rio Turiaçu, quinze léguas oés-sudoeste da vila de Guimarães. Foi criada vila por lei provincial de 15 de junho de 1838, que lhe assignou por distrito o termo de sua freguesia. Seus habitantes, pela maior parte Índios, lavram mandioca, arroz, e algodão.

⁴¹⁵ Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

⁴¹⁶ Atual cidade de Santa Helena/MA. (N/E)

Santa Isabel.⁴¹⁷ Pequena vila da província de São Paulo, na cabeceira do ribeiro Mandu, tributário do rio Tietê, trinta léguas pouco mais ou menos ao nordeste da cidade de São Paulo. Era uma simples povoação do distrito da vila de Mojimirim, com uma igreja que tinha por orago a Santa de seu nome, que foi elevada à categoria de vila por decreto da assembleia geral de 10 de julho de 1832, que deixou à disposição do conselho da província a demarcação de seu distrito.

Santa Isabel. Lugarejo da província de Minas Gerais, três léguas ao sudoeste da vila de Paracatu, com um registo para vigiar sobre os que andam em busca de diamantes.

Santa Isabel.⁴¹⁸ Freguesia da província do Pará, na margem direita do rio Negro, dezoito léguas acima da povoação de Lamalonga, e quase outro tanto abaixo da aldeia Maracabi. Sua igreja é dedicada a Santa Isabel, Rainha de Portugal, e seus habitantes, que são todos Índios da tribo Uaupé,

vivem de caça e de pesca, cultivando mui poucos víveres.

Santa Isabel. Assim se chamam as minas de ouro da província de Mato Grosso, descobertas em 1747 por Antônio de Almeida Falcão e seus companheiros, perto dos ribeiros tributários da margem direita do Arinos. Passado pouco tempo acharam-se também alguns diamantes nos mesmos ribeiros, o que foi causa para o governador mandar evacuar sobre Mato Grosso e Cuiabá quantos mineiros ali se achavam estabelecidos.

Santa Luzia.⁴¹⁹ Vila da província de Sergipe, sete léguas ao su-sudoeste da cidade de São Cristóvão, agradavelmente situada num outeiro que domina sobre o ribeiro Guararema, tributário do rio Real. Diz-se que a fundação desta vila é antiquíssima, sendo que teve princípio no tempo em que Tomé de Souza, depois de haver fundado a cidade da Bahia, desembarcou alguns colonos nesta costa; é porém verossímil que os que fundaram

foram os missionários que se arredaram do marítimo para doutrinar os Índios depois da expulsão dos Holandeses do Brasil. A povoação da antiga vila de Santa Luzia ficou muito tempo no mesmo ser, e à proporção que a da povoação de Estância aumentava, ia ela diminuindo; motivo por que a assembleia geral, por decreto de 25 de outubro de 1832, lhe tirou o título de vila e o conferiu à povoação de Estância, para onde se transferiram os arquivos; porém passado algum tempo, a assembleia provincial a reintegrou no seu antigo título. Atualmente a vila de Santa Luzia pertence à comarca de Estância, e seu distrito fica separado do desta vila pelo ribeiro Ariticuiba. Os habitantes do distrito da vila de Santa Luzia, que são avaliados em mil e seiscentos, lavram algodão e tabaco para exportação, e mandioca, arroz, milho e feijão para seu consumo anual. Dá-se também a esta vila o nome de *Santa Luzia do Rio Real*.

Santa Luzia.⁴²⁰ Pequena vila da província das Alagoas, ape-

⁴¹⁷ Atual cidade de Santa Isabel/SP. (N/E)

⁴¹⁸ Atual cidade de Santa Isabel do Rio Negro/AM. (N/E)

⁴¹⁹ Atual cidade de Santa Luzia do Itanhy/SE. (N/E)

⁴²⁰ Atual cidade de Santa Luzia do Norte/AL. (N/E)

Santa Luzia

lidada antigamente *Alagoa do Norte* por contraposição da antiga vila atualmente cidade das Alagoas, que era chamada *Alagoa do Sul*. Está a vila de Santa Luzia assentada junto à lagoa do norte, três léguas ao noroeste da cidade de Maçaió, e foi ao princípio uma povoação do nome do orago de sua igreja paroquial que era Santa Luzia: como a população se fosse sucessivamente aumentando, maiormente depois das novas instituições constitucionais, a assembleia geral lhe conferiu o título de vila por decreto de 10 de dezembro de 1832, dando-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia; assim que acha-se limitada, da parte do norte, pelo rio de Santo Antônio; da do sul, pelo ribeiro de Santo Antônio-Mirim, ao passo que da do poente fica pegada com o distrito da vila de Porto Calvo. Seus moradores, que poderão ser obra de mil e quinhentos, lavram víveres para seu consumo, e tabaco e canas-de-açúcar para exportação.

Santa Luzia.⁴²¹ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, em dezesseis graus e cinquenta minutos de lati-

tude, duas léguas arredada da estrada de Paracatu, cinquenta a és-sueste da cidade de Goiás, e vinte e três também a és-sueste da vila de Meia Ponte. Foram descobertas as suas minas de ouro em 1746, por Antônio Bueno de Azevedo e seus companheiros, os quais erigiram uma igreja a Santa Luzia, que foi criada paróquia por alvará de 8 de fevereiro de 1757. Teve esta povoação quase desde a sua origem um julgado, e a assembleia legislativa provincial lhe conferiu o título de vila, dando-lhe por distrito o termo de sua freguesia. Jaz esta nova vila num sítio aprazível, entre os rios da Ponte Alta e de São Bartolomeu. A população de seu distrito é avaliada em três mil habitantes, mais inclinados à lavoura que à mineração, os quais fazem grandes criações de gado, fabricam queijos excelentes e muita marmelada que exportam para as vilas de sua província, e até para as de Minas Gerais. As povoações de Montes Claros, de Couros e do Rosário pertencem a este distrito, onde existem águas termais sulfurosas recomendadas nas obstruções, lepras e doenças cutâneas.

Santa Luzia.⁴²² Freguesia considerável da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Guaicuí ou das Velhas, obra de três léguas ao nor-noroeste da cidade de Sabará, e vinte igualmente ao nor-noroeste da de Ouro Preto. Sua igreja, dedicada à Santa de seu nome, foi criada paróquia em 1744, em prejuízo da de Santo Antônio da povoação de Roça Grande, que de matriz que era passou a ser sua filial. Por lei provincial de 2 de abril de 1840 fundou-se nesta vila um hospital da caridade, chamado de São João de Deus, para cujo patrimônio o comendador Manoel Ribeiro Viana contribuiu com trinta contos de réis de apólices de dívida pública. O termo da freguesia de Santa Luzia tem obra de doze léguas de norte a sul, e de quinze de nascente ao poente, e é atravessado pelo rio Guaicuí ou das Velhas, compreendendo as povoações de Roça Grande, Lagoa Santa, Macaúba e Matozinho; seus moradores, que passam de seis mil, lavram milho, canas e feijão, criam gado, e alguns são mineiros.

⁴²¹ Atual cidade de Luziânia/GD. (N/E)

⁴²² Atual cidade de Santa Luzia/MG. (N/E)

Santa Luzia.⁴²³ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Patos, ornada com uma capela dedicada à Santa de seu nome. Seus habitantes lavram víveres e colhem algodão para exportação.

Santa Luzia. Lugarejo da província do Ceará, entre a extremidade do Piauí e o nascente do rio Jaguaribe, oito léguas ao norte da vila de São João do Príncipe.

Santa Luzia de Mossoró.⁴²⁴ Povoação da província do Rio Grande do Norte, na margem direita do rio Apodi ou Mossoró, a seis léguas do mar, e acima das salinas do mesmo nome. Seu porto é de grande trato por se achar sobre este rio, e porque pela povoação passa a estrada que vai da província do Ceará para as de Paraíba e Pernambuco. Sua igreja é dedicada a Santa Luzia; a assembleia geral, por decreto de 3 de outubro de 1832, lhe concedeu uma escola de primeiras letras; e como com as novas instituições vai esta freguesia grandemente prosperando, é natural que em breve seja elevada à categoria de vila.

Santa Madalena.⁴²⁵ Antiga vila da província de Pernambuco. (V. *Alagoas*, cidade.)

Santa Madalena. Missão espanhola considerável, sobre o rio Itunama, defronte da província de Mato Grosso. Certifica-se que a sua população chega a oito mil almas; faz-se nela um comércio nunca interrompido com Buenos Aires.

Santa Maria. Antiga aldeia de Índios, numa ilha do rio de São Francisco, entre a vila de Pilão Arcado e a ilha da Assunção. Acha-se dentro da comarca de Rio de São Francisco da província da Bahia. Foi criada vila em 1810, por virtude dum alvará, e sua igreja é dedicada a Virgem Maria. A ilha em que esta vila está fundada, que tem o mesmo nome, tem obra de uma légua de comprido, e encerra quinhentos moradores. As terras baixas são sujeitas a serem inundadas. Os Índios que a povoam são pescadores, caçadores e juntamente lavradores. As mulheres fiam algodão e fazem dele panos, e fabricam louça de barro que

Santa Maria

se exporta pelo rio de São Francisco, abaixo e acima.

Santa Maria.⁴²⁶ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito e ao poente da vila da Cachoeira, perto dos campos da Vacaria e da nasença do ribeiro Vacai-Mirim. Há nos arredores desta povoação um morro, chamado Cerro de Santa Maria.

Santa Maria. Lugarejo da província de Goiás; na comarca da Palma. Foi fundado em 1812 pelo governador Fernando Delgado Freire de Castilho, na margem direita do rio Araguaia, entre o Porto do Rio Grande e a vila de São João das Duas Barras. O governo imperial mandou ali pôr em permanência um destacamento de quatorze homens.

Santa Maria. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Januária, com um registo na estrada que vai para a província da Bahia, onde se arrecadam os direitos de saída dos produtos da província a que este lugarejo pertence.

⁴²³ Atual cidade de Santa Luzia/PB. (N/E)

⁴²⁴ Atual cidade de Mossoró/RN. (N/E)

⁴²⁵ Atual cidade de Maceió/AL. (N/E)

⁴²⁶ Atual cidade de Santa Maria/RS. (N/E)

Santa Maria

Santa Maria. Povoação da província do Maranhão. Assim se chamava uma das onze aldeias do distrito de Tapuitapera, do qual se formaram ao depois as comarcas de Alcântara e de Guimarães. (V. *Tapuitapera*.)

Santa Maria. Lugarejo da província do Pará, na vizinhança da fazenda de Arari, perto do rio Branco, tributário do Negro. O ministro da fazenda, por decisão de 13 de dezembro de 1841, autorizou o presidente da província a comprar, sendo possível, as choupanas de que consta este lugarejo, para juntar aquelas terras às da fazenda de gado chamada *Arari*.

Santa Maria. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, que é um dos principais nascentes do rio Ibicuí. Nasce este rio na serra dos Tapes, ao norte do lugar donde nasce o rio Negro, afluente do Uruguai.

Santa Maria. Rio da província do Espírito Santo, de cujo nome também se apelida. Desce da cordilheira dos Ai-

morés, e correndo por espaço de doze léguas no rumo do norte, rega a cidade da Vitória, e um pouco mais adiante se lança na baía do Espírito Santo. Suas margens são povoadas, e constam de campos férteis e aprazíveis, as canoas sobem por ele até perto da cordilheira, onde encontram o estorvo duma cachoeira que fica a doze léguas da baía. A sua foz achase entre as altas montanhas que abrigam o porto da cidade, e o amparam contra todos os ventos, e os navios acham sempre nele de quinze até trinta pés d'água.

Santa Maria. Cachoeira do rio Jecu, na província do Espírito Santo, no termo da freguesia da vila de Viana. A estrada que se projeta fazer desta província para a de Minas Gerais deve passar ao pé desta cachoeira.

Santa Maria de Baependi.⁴²⁷ Vila da província de Minas Gerais. (V. *Baependi*.)

Santa Maria de Maricá.⁴²⁸ Vila da província do Rio de Janeiro. (V. *Maricá*.)

Santa Marta. Serra da província de Goiás, ao su-sudoeste da Escalvada, e perto do sítio diamantino chamado Fundão. Dela nasce o rio Claro, onde se acharam alguns diamantes, se bem que pequenos, no decurso do ano de 1749.

Santa Marta. Montanha do continente, no sul da província de Santa Catarina, onde ela forma adiantando-se pelo mar um promontório que jaz em vinte e nove graus de latitude.

Santa Marta. Lagoa assaz vasta da província de Santa Catarina, ao sul da foz do rio Tubarão, e ao norte das lagoas de Camacho, com as quais comunica. (V. *Camacho*, lagoas, e *Tubarão*, rio.)

Santa Quitéria.⁴²⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, entre o rio Guaicuí ou das Velhas e o Paraopeba, pouco mais ou menos dezoito léguas ao noroeste da cidade de Sabará. Sua igreja, dedicada à Santa do seu nome, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe deu por fili-

⁴²⁷ Atual cidade de Baependi/MG. (N/E)

⁴²⁸ Atual cidade de Maricá/RJ. (N/E)

⁴²⁹ Atual cidade de Esmeraldas/MG. (N/E)

al a igreja da povoação de Sete Lagoas.

Santa Quitéria.⁴³⁰ Freguesia da província do Ceará, no distrito e ao sul da vila ou cidade do Sobral. Sua igreja, que tem por padroeira a Santa do seu nome, foi criada paróquia por uma resolução régia de 24 de março de 1822, que lhe deu por termo parte do distrito de Vilanova del Rei e parte do da vila do Sobral, sendo as suas confrontações principais a serra dos Cocos e o ribeiro Feitosa. Quase todos os seus fregueses são Índios que vivem de caçadas e dos poucos víveres que colhem. Por esta freguesia passa a estrada que vai da vila do Sobral para a capital da província do Piauí.

Santa Quitéria. Lugarejo da província de Minas Gerais, na estrada da vila de Formiga para a do Sobral, entre os ribeiros das Pedras e Extrema, ambos tributários do rio Itucambira.

Santa Quitéria.⁴³¹ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Verde. (V. *Santa Catarina*, artigo 4º.)

Santarém.⁴³² Grande vila da província do Pará, rival em população da cidade de Belém e da vila de Cametá. Foi originalmente uma grande aldeia de Índios Tapajós, que deram seu nome ao grande rio em cujas margens viviam. Chegados que foram os jesuítas a esta aldeia, trataram de doutrinar os Índios na religião cristã, e ensinaram-lhes a cultivar os cacauzeiros que nasciam espontaneamente naquelas terras. Sua ereção em vila é antiquíssima, e tendo a assembleia provincial criado a comarca de Rio de Tapajós, escolheu esta vila para cabeça dela. Está assentada na margem direita do rio Tapajós em seu confluente com o Amazonas, cento e sessenta e quatro léguas ao poente da capital da província. Veem-se nela algumas casas de sobrado com um só andar, uma igreja matriz e as ruínas dum forte edificado pelos Holandeses que serviu ao princípio de defender os moradores das entradas do gentio, e depois a registrar todas as embarcações que subiam ou desciam pelo rio. Acha-se este forte, como já dissemos, arruinado e sem

Santarém

guarnição. O porto de Santarém serve de depósito dos gêneros dos arredores e de escala às canoas que partem com carga de Belém para a província de Goiás. O principal comércio dela consiste em cacau, drogas de medicina, e fazendas da Europa que se recebem em câmbio. Os rebeldes estiveram senhores desta vila, e quando em 1840 ela fez a sua submissão ao governo, o presidente da província pediu à assembleia provincial houvesse de votar os fundos necessários para o conserto da igreja matriz, que é uma das mais belas da província, e para a fábrica duma cadeia e duma fonte, que ministraria melhor água que a de que o povo ordinariamente bebia. A população de seu distrito passa de dez mil brancos, Índios e mestiços; porém os brancos são em maior número. Se se estabelecesse a navegação por vapor no Tapajós e no Amazonas, a população deste distrito seria muito maior, bem como o comércio, indústria e comodidade dos habitantes.

Santarém.⁴³³ Pequena vila da província da Bahia. (V. *Serenbeém*.)

⁴³⁰ Atual cidade de Santa Quitéria/CE. (N/E)

⁴³¹ Atual cidade de Natércia/MG. (N/E)

⁴³² Atual cidade de Santarém/PA. (N/E)

⁴³³ Atual povoado de Santarém, município de Érico Cardoso/BA. (N/E)

Santa Rita

Santa Rita.⁴³⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, doze léguas ao sueste da vila de São João del Rei, atravessada por uma das estradas imperiais, que vão desta vila à serra da Mantiqueira. D. Rodrigo José de Menezes, sendo governador da província de Minas Gerais, colheu de improviso um bando de aventureiros que lavravam as minas sem pagar direito. (V. *Ibitipoca*.) Repartiu este governador as terras auríferas, e mandou abrir caminhos até os rios Preto e Paraibuna, onde mandou colocar registros para vigiarem sobre o contrabando tanto do ouro, como dos diamantes: aumentou-se a população no fim do século passado e no começo do corrente. Sua igreja, dedicada a Santa Rita, foi criada paróquia por decreto de 14 de julho de 1832, pelo qual lhe foram dadas por filiais a igreja da povoação de Ibitipoca, que deixara de ser paróquia, e as de Quilombo, Rosário e Rio Preto, para esse efeito desanexas da freguesia da cidade de Barbacena, e por outro decreto de 7 de agosto do mesmo ano foi esta freguesia dotada duma escola de primei-

ras letras. As águas minerais que em seu termo se descobriram foram analisadas por químicos e médicos, que declararam eram aplicáveis no tratamento da fraqueza do estômago, nas doenças hepáticas, cálculos vesicais e renais, e nas irregularidades da menstruação. Os habitantes deste ermo, que são obra de cinco mil e oitocentos, cultivam os víveres ordinários do país, colhem café e criam gado.

Santa Rita. Povoação da província de Goiás, sobre o pequeno rio do Peixe, vinte e cinco léguas ao sul de Porto do Rio Grande, e dezesseis ao norte da cidade de Goiás. Está assentada numa planície lavada dos ares, suas terras são férteis, e é atravessada pela estrada do norte da província. Sua igreja, da invocação de São Sebastião, está situada ao pé do rio e é filial da matriz da freguesia de Anta, de que fica distante três léguas. Possui esta povoação mais outra igreja de que é padroeira Santa Rita, que é a que lhe deu nome. É o porto mais vizinho da cidade de Goiás, para se ir ao Pará pelo Tocantins. Na estação das chuvas sobem os

barcos pelo rio do Peixe acima até Santa Rita, mas na maior parte do ano só as canoas podem lá deitar.

Santa Rita. Antiga aldeia e freguesia da província do Rio de Janeiro, três léguas ao norte da vila de Cantagalo, na margem direita do rio Bosaraí. Sua igreja, da invocação de Santa Rita, foi edificada pelos jesuítas, que se entranharam nas matas da margem direita do rio Paraíba para irem doutrinar os Índios, e foi criada paróquia em virtude do alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as grandes aldeias do Brasil. Seu termo é fértil, e sua população se vai todos os anos aumentando, sobretudo depois que foram nela residir as famílias suíças da Nova Friburgo. Tem escola de primeiras letras instituída por decreto da assembleia geral de 14 de junho de 1830. Seus habitantes, entre Índios, Brasileiros, Portugueses e Suíços, formam um total de mais de duas mil almas.

Santa Rita.⁴³⁵ Freguesia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. (V. *Santa Rita do Rio Preto*.)

⁴³⁴ Atual cidade de Santa Rita de Ibitipoca/MG. (N/E)

⁴³⁵ Atual cidade de Santa Rita de Cássia/BA. (N/E)

Santa Rita.⁴³⁶ Freguesia da província de Paraíba, na margem do rio deste último nome, três léguas acima da capital da província. Esta povoação tendo-se engrossado sensivelmente do começo do século presente em diante, a assembleia geral a dotou duma escola de ensino mútuo. Sua igreja, de que é padroeira a Santa do seu nome, esteve muito tempo na dependência da matriz da cidade, até que, por lei provincial de 20 de fevereiro de 1839, foi elevada à categoria de paróquia, sendo as confrontações de seu termo as seguintes: ao nascente, o ribeiro Sanhoa e o Maré, até o distrito da vila do Conde; ao meio dia, o rio Gramame, até o termo de Taipu; ao poente, a estrada imperial até o rio Paraíba, e subindo por ele até o ribeiro e a lagoa de Francisco Xavier Cavalcante; e ao norte, a estrada de Mamanguape, a povoação da Cruz do Espírito Santo, e o ribeiro Inhobim em todo o seu curso.

Santa Rita.⁴³⁷ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. Sua igreja, da invocação da Santa

do seu nome, foi anexada à freguesia de Paulo Moreira, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Santa Rita. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade do Serro, outrora Vila do Príncipe, com uma igreja de que é padroeira a Santa do seu nome, filial da matriz da cidade.

Santa Rita.⁴³⁸ Povoação da província do Maranhão, na margem esquerda e na cabeceira do rio Mearim, no distrito da vila da Chapada.

Santa Rita. Lugarejo da província do Ceará, na serra de seu nome, obra de dezoito léguas ao oeste da vila de Quixeramobim, com uma capela da invocação de Santa Rita.

Santa Rita.⁴³⁹ Lugarejo da província de Goiás, nos montes, setenta e seis léguas ao norte da capital da província. Suas minas de ouro foram descobertas em 1736 por Antônio da Silva Cordovil, e estão atualmente quase esgotadas. A igreja deste lugarejo foi muitos anos filial da matriz

Santa Rita de Rio Abaixo

da povoação de Traíras, mas presentemente anda anexa à da vila dos Tocantins. Os mineiros que a povoaram andaram sempre em frontaria com os Índios Chavantes ou Canoeiros, e os poucos habitantes que nele residem vivem escassamente por isso que se obstinam na mineração, em vez de cultivarem as terras, que pagariam, sem nunca se esgotarem, o trabalho que com elas tivessem.

Santa Rita. Ribeiro da província de Minas Gerais, e o fontanal mais remoto do rio Urucaia. Nasce perto da estrada real de Goiás, entre a cidade de Paracatu e a povoação de Arrepêditos, de que se aparta correndo rumo do norte através de vários montes; depois toma para nordeste até as adjacências da serra da Tabatinga, e dirigindo-se ultimamente para leste, se vai ajuntar pela margem direita com o rio Urucaia, abaixo da confluência do ribeiro Claro, sobre a margem oposta.

Santa Rita de Rio Abaixo.⁴⁴⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na margem di-

⁴³⁶ Atual cidade de Santa Rita/PB. (N/E)

⁴³⁷ Atual distrito de Santa Rita Durão, município de Mariana/MG. (N/E)

⁴³⁸ Atual cidade de Santa Rita/MA. (N/E)

⁴³⁹ Atual cidade de Santa Rita do Novo Destino/GO. (N/E)

⁴⁴⁰ Atual cidade de Ritópolis/MG. (N/E)

Santa Rita de Turvo

reita do rio das Mortes, perto de sua junção com o rio Grande. Sua igreja, dedicada à Santa do seu nome, foi desanexada da paróquia da vila de São João del Rei, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e anexada à matriz da freguesia de Ibituruna.

Santa Rita de Turvo.⁴⁴¹ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Turvo*, povoação.)

Santa Rita do Rio Preto.⁴⁴² Nova vila e antiga freguesia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. Está assentada nas margens do rio Preto, perto de sua confluência com o rio Grande, afluente do de São Francisco. Sua igreja paróquial tem por orago a Santa do seu nome, e a assembleia provincial, conferindo-lhe o título de vila, juntou ao nome do orago o do rio perto de cujas margens está assentada. Teve esta vila a honra de ser designada em 1843, pelo presidente da província, para cabeça dum colégio eleitoral.

Santa Rosa.⁴⁴³ Freguesia da província de Goiás, entre o ri-

beiro do mesmo nome e o rio Paranã. Sua igreja, dedicada à Santa do seu nome, foi filial da matriz da vila de Flores, até que por lei provincial de 5 de dezembro de 1841 se lhe conferiu o título de paróquia, ficando-lhe por termo o mesmo que tinha sendo filial. Junto da fazenda de Santa Rita e da povoação de Santa Rosa, existem algumas cavernas, cujas abóbadas estão recamadas de petrificações e de estalactites de diferentes figuras, a julgar pelo que se vê na boca delas, porque no interior ninguém até agora se afoutou a penetrar.

Santa Rosa. Antiga missão espanhola que foi substituída, em 1776, pelo forte do Príncipe da Beira, na margem setentrional do rio Guaporé, na província de Mato Grosso.

Santa Rosa. Lugarejo da província do Ceará, na margem direita do rio Jaguaribe, ao norte e no distrito de Icó.

Santa Sé. Comarca da província da Bahia, na margem direita do rio de São Francisco. Foi criada pela assembleia

geral em 1832 ou 1833, e formada de parte da antiga comarca de Jacobina. Nela se acham incluídos os distritos das vilas de Jeremoabo, de Santa Sé, que é a cabeça, de Xiquexique e de Joazeiro.

Santa Sé.⁴⁴⁴ Vila do sertão da província da Bahia, cabeça da comarca de seu nome. Era uma antiga povoação da comarca de Jacobina, cuja população branca se ia aumentando, e a dos Índios diminuindo. Chamavam-lhe estes Centocé, nome que os Portugueses converteram no de Santa Sé, com que se acha designada em todos os atos públicos, bem que algumas pessoas continuem a nomeá-la Centocé. Havia no século passado nesta povoação uma igreja da invocação de São João Batista, a qual foi criada paróquia no mesmo tempo em que se concedeu à dita povoação um julgado, por isso que se achava muito distante das vilas de Jacobina e de Rio de Contas, onde havia um juiz de fora, bem como na primeira um ouvidor. A assembleia geral, por decreto de 16 de junho de 1832, criou nesta

⁴⁴¹ Atual cidade de Viçosa/MG. (N/E)

⁴⁴² Atual cidade de Santa Rita de Cássia/BA. (N/E)

⁴⁴³ Atual distrito de Santa Rosa, município de Formosa/GO. (N/E)

⁴⁴⁴ Atual cidade de Sento Sé/BA. (N/E)

povoação uma escola de primeiras letras, e por outro de 6 de julho seguinte, lhe conferiu o título de vila, assinalando-lhe por distrito a jurisdição de seu antigo julgado. Tendo a comarca de Jacobina sido repartida em muitas, veio a vila de Santa Sé a ser cabeça da de seu nome. Está esta vila assentada na margem direita do rio de São Francisco, ficando-lhe ao sul a vila de Xiquexique, e ao norte a de Joazeiro, e jaz em dez graus e trinta minutos de latitude. Os habitantes de seu distrito trabalham nas salinas que abastecem a província de Minas Gerais e levam o sal em barcos que sobem pelo rio e pelos ribeiros seus tributários.

Santa Tecla.⁴⁴⁵ Povoação fortificada da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Jaguarão, entre os nascentes dos rios Negro, Jaguarão e Ibicuí, em trinta e um graus e dezesseis minutos de latitude. Em 1753, era um posto avançado dos Índios Tapes, os quais, debaixo da direção dos jesuítas, se opuseram à demarcação dos limites a que procediam os comissá-

rios espanhóis e portugueses, e achava-se nesse tempo dentro do distrito da missão de São Miguel, na margem oriental do Uruguai; teve julgado, e hoje se acha anexada ao distrito da vila de Piratinim. Sua igreja, de que é padroeira a Santa do seu nome, é filial da matriz da freguesia de Bagé.

Santa Teresa.⁴⁴⁶ Povoação e forte feito pelos Portugueses em 1763, perto dos morros dos Castilhos Pequenos, entre o mar e o pântano, por onde passa a estrada que vai da cidade de São Pedro da província do mesmo nome para a vila de Maldonado. Esta povoação pertence atualmente ao Estado Oriental.

Santa Vitória.⁴⁴⁷ Povoação e registo da província de São Pedro do Rio Grande, na margem esquerda ou meridional do rio Pelotas, defronte da província de São Paulo, arredada nove léguas ao norte da de N. S. do Oliveira, no termo de cuja freguesia se acha. No registo cobram-se os direitos dos gêneros que passam duma destas províncias para a outra. Este lugar foi funesto pela

Santo Agostinho

morte do brigadeiro Cunha, que atravessou neste ponto o rio com duzentos homens para ir atacar os rebeldes do Rio Grande.

Santiago.⁴⁴⁸ Povoação da província de Minas Gerais, a sete léguas da cidade de São João del Rei. Há em suas adjacências uma pedreira de mármore verde escuro com veios amarelos.

Santiago de Iguape.⁴⁴⁹ Freguesia da província da Bahia. (V. *Iguape*, artigo 2º.)

Santo Agostinho. Cabo da província de Pernambuco, sete léguas ao sul da cidade do Recife, em oito graus, vinte minutos e quarenta e um segundos de latitude; e em trinta e sete graus, dezesseis minutos e cinquenta e sete segundos de longitude ocidental. É uma espécie de península que se adianta pelo mar com um outeiro povoado dalgumas árvores, o qual se vai insensivelmente arrasando. No cume deste outeiro se ergue a igreja de N. S. de Nazaré, e na base da banda do norte, há uma fortaleza com duas ordens de ba-

⁴⁴⁵ Atual localidade de Santa Tecla, município de Bagé/RS. (N/E)

⁴⁴⁶ Atual cidade de Castilhos/Uruguai. (N/E)

⁴⁴⁷ Atual cidade de Barracão/RS. (N/E)

⁴⁴⁸ Atual cidade de São Tiago/MG. (N/E)

⁴⁴⁹ Atual distrito de Santiago do Iguape, município de Cachoeira/BA. (N/E)

Santo Agostinho

terias sotopostas uma a outra, para defender o porto, onde os navios, uma vez surtos, se acham amparados dos ventos do sul e do sudoeste. Dizem que Gaspar de Lemos, indo levar, por mandado de Pedro Álvares Cabral, notícia do descobrimento do Brasil em 1500, reconheceu este cabo.

Santo Agostinho. Ribeiro da província do Espírito Santo. Nasce na cordilheira dos Aimorés, e depois de servir de extrema do remo da freguesia de Viana se lança junto com o Itaquari no rio Jecu.

Santo Aleixo. Ilhotes de rocha baixos e escavados, perto da costa da província de Pernambuco, defronte do rio Serenhém. Das terras que ficam algumas léguas ao noroeste destes ilhotes se descortina a serra da Selada, que serve de baliza aos navegantes, para se arredarem deles, sobretudo sendo os navios grandes, por isso que corriam perigo se fizessem caminho por meio, e ainda mesmo entre estes ilhotes e o continente.

Santo Amaro.⁴⁵⁰ Nova cidade, e antiga vila florescente

da província da Bahia, cabeça dum colégio eleitoral, doze léguas ao noroeste da cidade da Bahia, assentada perto do rio Serigi, abaixo do lugar onde se lhe incorpora o ribeiro Subaé. Foi esta povoação fundada em 1726 por Vasco Fernandes César de Menezes, quarto vice-rei do Brasil. As ruas principais são calçadas, e a maior parte das casas de pedra. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Purificação, e além dela acha-se decorada com outras muitas, como são as de N. S. do Amparo e do Rosário, e as de São Brás, de N. S. da Conceição, de São Gonçalo, e de N. S. dos Humildes. Por alvará de 15 de janeiro de 1810 foi posto um juiz de fora na vila de Santo Amaro, com jurisdição sobre a de São Francisco que fica em sua vizinhança. Concederam-lhe épocas diversas uma escola de primeiras letras para meninos, e outra para meninas, e enfim uma cadeira de latim; fez-se uma ponte de madeira sobre o rio Serigi, para serventia duma e outra margem dele; a maré chega até o seu porto que se acha na extremidade oriental da cidade, e a viração da terra e do mar que reinam

alternativamente na baía de Todos os Santos, facilitam a comunicação entre esta cidade e a capital da província; os barcos descem numa maré e sobem com a seguinte. O distrito desta nova cidade é por extremo fértil; na parte oriental dele cultivava-se cana, mandioca e tabaco, e na ocidental algodão. Tem muitos engenhos e fábricas de destilação de aguardente. Ao princípio a cidade da Bahia tirava deste distrito grande quantidade de farinha de mandioca, motivo por que lhe puseram o nome que ainda conserva na capital da província de *Santo Amaro das Farinhas*.

Santo Amaro.⁴⁵¹ Pequena vila da província de São Pedro do Rio Grande, na margem esquerda do rio Jacuí, oito léguas ao poente da cidade de Porto Alegre, e dez ao nascente da vila de Rio Pardo. Foi ao princípio um simples depósito de pólvora e outras munições de guerra, num forte construído em 1737 pelo governador José da Silva Pais. Algumas famílias vieram sucessivamente residir, à sombra do dito forte, e fizeram uma capela que dedicaram a Santo

⁴⁵⁰ Atual cidade de Santo Amaro/BA. (N/E)

⁴⁵¹ Atual cidade de General Câmara/RS. (N/E)

Santo Amaro

Amaro, a qual deu nome à povoação. Por representações do governador José Marcelino de Figueiredo foi esta capela elevada à categoria de paróquia em 1775, e substituída em 1786 às expensas dos moradores por uma das mais soberbas igrejas da província, até que um alvará de 20 de maio de 1811 conferiu àquela freguesia o título da vila. El-Rei D. João VI, em 6 de fevereiro de 1818, a erigiu em baronia em favor de José Egídio Álvares de Andrade, que foi ao depois feito marquês do mesmo nome pelo Imperador D. Pedro I, o qual conferiu a seu filho único o título de visconde do mesmo nome. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto de 14 de junho de 1830. Seu distrito tem pouca extensão, e acha-se separado do da vila do rio Pardo pelo ribeiro de João Rodrigues, e circunscrito da parte do sul pelo rio Jacuí: da de leste pelo Taquari, e da do norte se estende pelos montes entre o sobredito rio e um menos caudaloso, chamado Taquari-Mirim. Um rol feito nesta província em 1814 deu ao distrito de Santo Amaro a povoação seguinte:

Branços de ambos os sexos	953
Índios, id	27
Livres de cores, id	66
Escravos, id	773
Recém-nascidos, id	65
<hr/>	
Total.....	1.884 almas.

Atualmente este número se acha muito aumentado, sendo a sua população de perto de duas mil e seiscentas almas, fazendo-se o devido desconto da diminuição que deve de ter havido em razão da revolução que durou desde 1835 até 1845. Colhem-se neste distrito víveres para bastecimento da cidade de Porto Alegre, para onde se transportam por água. As terras dão excelente linho, e nos montes vizinhos cria-se bastante gado.

Santo Amaro.⁴⁵² Vila pequena e de pouco trato da província de Sergipe, perto do canal pelo qual o rio Sergipe comunica com o Cotundiba, e a leste da serra Itabaiana. Se este canal, cavado pelas mãos da natureza, fosse alimpado, poder-se-ia navegar nele em barcos, e o comércio desta vila cobraria algum alento. Sua igreja é dedicada a Santo

Amaro, e os únicos estabelecimentos de instrução pública que possui são duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas. A pouca importância desta vila foi ocasião para perder este título, imperando D. Pedro I, mas a primeira assembleia legislativa da província lho restituiu por lei de 1835. A população de seu limitado distrito é avaliada em dous mil habitantes, que lavram canas e os víveres ordinários.

Santo Amaro.⁴⁵³ Pequena vila da província de São Paulo, na segunda comarca de que é cabeça a cidade de São Paulo, e ao oeste dela quatorze léguas. Teve origem na colônia alemã fundada em 1822 pelo Imperador D. Pedro I, e protegida pelo barão de Santo Amaro, depois marquês do mesmo nome. Sua igreja, dedicada ao Santo de seu nome, foi criada paróquia logo na fundação da colônia, colocada no sítio em que a estrada da cidade de São Paulo se reparte em duas, uma que vai para a vila de Sorocaba, e outra que se dirige para a de Itu. Por decreto de 13 de outubro de 1831, foi esta freguesia dotada duma escola de

⁴⁵² Atual cidade de Santo Amaro das Brotas/SE. (N/E)

⁴⁵³ Atual distrito de Santo Amaro, município de São Paulo/SP. (N/E)

Santo Amaro

primeiras letras, e um novo decreto da assembleia geral, de 10 de julho de 1832, lhe conferiu o título de vila, deixando à administração da província o cuidado de determinar as confrontações de seu distrito, que consta do próprio termo de sua freguesia, e do da aldeia Mbois.

Santo Amaro.⁴⁵⁴ Vila fundada na província da Bahia, por Pedro de Campo Tourinho, primeiro donatário da capitania de Porto Seguro. Foi destruída em 1564 pelos Índios capitaneados por Abatiras. Em seu lugar existe atualmente uma igreja da invocação de N. S. da Ajuda, uma légua ao sul da vila de Porto Seguro.

Santo Amaro.⁴⁵⁵ Freguesia da província da Bahia, na ilha de Itaparica. Havia nesta ilha uma igreja de que era padroeiro Santo Amaro, que foi criada paróquia em 1675, pelo primeiro Arcebispo do Brasil que governou a diocese residindo em Lisboa, onde faleceu em 1686. O termo desta freguesia ocupa a parte meridional da

ilha, que é muito mais bem cultivada e povoada que a setentrional. Os fregueses colhem grande quantidade de cocos, jacas, mangas e laranjas, que se vendem nos mercados da cidade da Bahia.

Santo Amaro.⁴⁵⁶ Povoação da província de Minas Gerais, três léguas ao poente da vila de Queluz, com uma igreja dedicada ao Santo de seu nome, filial da matriz da vila. Os habitantes cultivam víveres e criam gado.

Santo Amaro.⁴⁵⁷ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, sete léguas ao sueste da cidade de Campos, com uma capela da invocação do Santo do seu nome.

Santo Amaro. Ilha da antiga capitania de Pedro Lopes de Souza, irmão do fundador da primeira colônia do Brasil e da vila de São Vicente. (V. *Guaíba*, ilha.)

Santo Amaro. Nova colônia de Índios meio civilizados, na província das Alagoas, no distrito de Atalaia. Vivem em ter-

ras devolutas, e são doutrinados na religião cristã. No começo do ano de 1842, esta missão ou aldeia constava de cento e setenta e dois homens; ignora-se o número das mulheres.

Santo Amaro do Catu.⁴⁵⁸ Povoação da província da Bahia, perto da baía de Todos os Santos. (V. *Catu*, povoação.)

Santo Anastásio. Ribeirão da província de São Paulo, que se incorpora pela margem esquerda com o rio Paraná, duas léguas abaixo da confluência do rio Pardo.

Santo André.⁴⁵⁹ Terceira vila que foi criada na colônia do Brasil, depois das de São Vicente, e da Bahia, da qual já não remanesce o menor vestígio. João Ramalho e Antônio Rodrigues, Portugueses ambos, naufragaram naquelas costas pouco tempo depois do descobrimento delas. Alguns dos antigos escritores são de opinião que tal naufrágio não houve, e que aqueles dois indivíduos tinham vindo assentar ali uma feitoria para

⁴⁵⁴ Atual distrito de Arraial d' Ajuda, município de Porto Seguro/BA. (N/E)

⁴⁵⁵ Atual cidade de Santo Amaro/BA. (N/E)

⁴⁵⁶ Atual cidade de Queluzita/MG. (N/E)

⁴⁵⁷ Atual distrito de Santo Amaro de Campos, município de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

⁴⁵⁸ Atual distrito de Jiribatuba, município de Vera Cruz/BA. (N/E)

⁴⁵⁹ Atual cidade de Santo André/SP. (N/E)

resgatar com os Índios. Como quer que seja, João Ramalho casou-se com uma Índia, chamada Bartira, filha do chefe índio Tebireça, e teve muitos filhos, vivendo nos deliciosos campos de Piratininga, onde a natureza pródiga lhe oferecia tudo quanto era mister para satisfazer as primeiras precisões; raízes, frutos, pescado e veação. Por intervenção de Ramalho, fez Martim Afonso de Souza aliança com Tebireça, e Ramalho fez à sua custa, em 1553, as fortificações e mais edifícios próprios duma cidade. Tomé de Souza, primeiro governador do Brasil, conferiu a esta nova povoação o título de vila com o nome de Santo André, porém tendo falecido Tebireça e João Ramalho, seu genro, tiveram os jesuítas artes, no tempo do terceiro governador general Mendo de Sá, de alcançar não só o título de vila para o colégio que haviam fundado, mas também ordem para a destruição da vila de Santo André, a qual foi com efeito inteiramente arrasada oito anos depois de sua fundação.

Santo André.⁴⁶⁰ Antiga vila da capitania de Porto Seguro,

ao norte da extinta vila de Santa Cruz, e da baía Cabralia. Foi fundada em 1558 pelo novo donatário João de Lancaster, duque de Aveiro, e destruída por diversas vezes pelos Índios da cordilheira dos Aimorés a ponto que em 1587, já não havia ali senão um engenho e alguns moradores. Atualmente ainda se veem no sítio em que esteve algumas casas.

Santo André.⁴⁶¹ Povoação da província de Paraíba, no distrito e a cinco léguas de Vila Real de São João, com uma igreja da invocação do apóstolo do seu nome.

Santo Ângelo.⁴⁶² Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões, e uma das sete que foram fundadas na primeira metade do século XVII, ao nascente do rio Uruguai, pelos missionários jesuítas espanhóis, os quais edificaram uma igreja que dedicaram ao Santo de que a aldeia se nomeia, e mandaram abrir algumas ruas alinhadas que a ela iam ter. As tropas espanholas e portuguesas se apoderaram dela em 1756, não obstante a

Santo Antão

resistência que lhe opuseram os Índios por sugestão dos jesuítas; e por tratados posteriores ficaram estas Missões ou reduções pertencendo a Portugal em câmbio da Colônia do Sacramento, sobre o rio da Prata, assim que passaram a ser parte integrante do império do Brasil. Santo Ângelo é uma mesquinha povoação sobre a margem direita do rio Ijuí, tributário do Paraguai, povoada de Índios que vivem entregues à preguiça. As canoas sobem pelo rio até além da aldeia, o que poderia contribuir para seu aumento, se alguns homens industriosos se determinassem a ir nela residir.

Santo Antão.⁴⁶³ Vila da província de Pernambuco, cabeça da comarca do seu nome. Está assentada sobre o ribeiro Tapacorá, tributário do rio Capibaribe, doze léguas oés-sudoeste da cidade do Recife, e dez arredada do mar. Foi criada vila por alvará de 27 de julho de 1811, que lhe assinou por patrimônio légua e meia quadrada de terreno, e incluiu em seu distrito os termos das freguesias de Santo Antão e de São José dos

⁴⁶⁰ Atual povoado de Santo André, município de Santa Cruz Cabralia/BA. (N/E)

⁴⁶¹ Atual cidade de Santo André/PB. (N/E)

⁴⁶² Atual cidade de Santo Ângelo/RS. (N/E)

⁴⁶³ Atual cidade de Vitória de Santo Antão/PE. (N/E)

Santo Antônio

Bezerros. Sua igreja paroquial é dedicada a Santo Antônio eremita, e tem dentro de seu termo duas filiais, a saber: a igreja de N. S. do Rosário e a de N. S. do Livramento. Há nesta vila um mercado de oito em oito dias, e seus habitantes lavram víveres para seu próprio consumo, e grande quantidade de algodão que exportam para o porto do Recife.

Santo Antônio.⁴⁶⁴ Aldeia da província de Minas Gerais, vinte e cinco léguas a leste da cidade do Serro. Os Índios das tribos Malalis, para se subtraírem ao furor de seus inimigos, os Botocudos, se estabeleceram na aldeia de Paçanha à sombra dum destacamento de Portugueses de mistura com alguns Índios doutras tribos; porém, como em 1814 uma epidemia grassasse neles, mudaram-se para um país desconhecido a algumas léguas do sítio em que estavam, onde continuaram a viver de pescado, veação e frutas, e três anos depois foi esta povoação apelidada Santo Antônio, por ser este Santo o orago da igreja que ali edificaram; então começaram a cultivar algum

milho, feijões e aipim, e a população foi-se aumentando. Suas casas, feitas de bambus, não são sem um certo asseio, as paredes são entapizadas de esteiras, bem como o pavimento, exceto perto do lar. As mulheres fabricam louça para seu uso, indústria que pode vir a ser com o tempo um ramo de comércio rendoso.

Santo Antônio. Aldeia da província do Maranhão, nas adjacências da vila de Pastos Bons, com uma igreja dedicada ao Santo do seu nome. Os Índios que a povoam cultivam alguns víveres, bem que em geral se alimentem de pescado e de veação. Com mais alguma atividade poderiam gozar de mais abundância, mormente se plantassem algodões, para os quais a terra não pode ser melhor.

Santo Antônio.⁴⁶⁵ Povoação do distrito neutro da cidade do Rio de Janeiro, sobre a estrada imperial, entre esta cidade e o palácio de Santa Cruz. Tem uma igreja de pedra da invocação de Santo Antônio; as casas são térreas, mas aparatosas e telhadas, dispostas dum e doutro

lado da estrada. A igreja jaz à margem do ribeiro Juria-ri, e é filial da de Campo Grande.

Santo Antônio. Povoação da província da Bahia, dez léguas ao nordeste de sua capital, na margem direita do ribeiro Jacuípe e em sua foz. Foi originariamente uma aldeia de Índios que foram doutrinados pelos jesuítas em 1560, a qual se apelidou Ressaca, pela que as ondas fazem na barra deste ribeiro. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Santo Antônio. Povoação da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco, na margem esquerda deste rio, entre a vila da Barra do Rio Grande e a de Pilão Arcado: vivem os seus habitantes escassamente do sal que tiram dalgumas salinas que não é em grande cópia.

Santo Antônio.⁴⁶⁶ Lugarejo da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro, na foz do ribeiro de que tomou o nome, quase cinco léguas ao sul da vila de Belmonte.

⁴⁶⁴ Atual cidade de Peçanha/MG. (N/E)

⁴⁶⁵ Atual cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁴⁶⁶ Atual povoado de Santo Antônio, município de Santa Cruz Cabralia/BA. (N/E)

Santo Antônio. Lugarejo da província do Ceará, no distrito da vila de Icó, na margem esquerda do rio Jaguaribe, dez léguas ao norte da cabeça do distrito.

Santo Antônio.⁴⁶⁷ Povoação da província de Piauí, sobre a margem esquerda do rio Parnaíba, algumas léguas acima do lugar onde se lhe ajunta o das Balsas. A fazenda nacional do mesmo nome, e a estrada que a atravessa e vai do Piauí para a cidade de Goiás, lhe deram uma certa importância. A assembleia geral, por decreto de 28 de agosto de 1833, mandou pôr uma barca no rio para serviço da sobredita estrada.

Santo Antônio. Lugarejo da província do Maranhão, na margem direita do rio Parnaíba, entre as vilas de Codó e de Itapicuru-Mirim.

Santo Antônio.⁴⁶⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Tamanduá. Um decreto de 14 de julho de 1832 desanexou da freguesia da Formiga a igreja desta povoação, dedicada a

Santo Antônio, e a elevou à categoria de paróquia, dando-lhe por filiais as de Bom Jesus dos Perdões, de Bom Jesus da Cana Verde e de Santana de Jacaré. Seus moradores, que serão obra de mil e quatrocentos, cultivam víveres para seu consumo, tiram algum ouro de minas já esgotadas; os que se dão à criação de gado são em geral os mais abastados.

Santo Antônio. Povoação da província de Minas Gerais, quatro léguas ao nordeste da cidade de Paracatu, com uma igreja da invocação do Santo de seu nome, filial da matriz da cidade. Há nesta povoação um registo que vigia sobre o extravio do ouro e dos diamantes.

Santo Antônio.⁴⁶⁹ Povoação da província de Minas Gerais, a cujo nome por vezes se ajunta o cognome de *Rio Acima*. Está assentada na margem direita do rio Guaicuí ou das Velhas, cinco léguas ao sul da cidade de Sabará. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo de seu nome, gozou largo tempo do título e prerrogativas de paróquia; mas como, esgota-

Santo Antônio

das as minas, a população diminuiu, a assembleia geral assentou dever, por decreto de 14 de julho de 1832, anexá-la à igreja matriz da freguesia da Raposa. Porém a assembleia provincial, instalada em 1835, em conformidade da lei das reformas da constituição, confirmou este decreto por uma lei, e restituiu a esta igreja o seu antigo título, o qual tornou-lhe a ser tirado por uma nova lei da mesma assembleia de 3 de abril de 1840, e transferido juntamente com a invocação de Santo Antônio para a igreja da povoação do Rio das Pedras: no ano seguinte, uma nova lei de 7 de abril, pela segunda vez, a reintegrou no título e prerrogativas de paróquia; assim que no conflito de tão encontradas resoluções a igreja do Rio das Pedras ficou também com o mesmo título e prerrogativas, e o que mais é com o mesmo orago. O termo da freguesia de Santo Antônio encerra novecentos habitantes, que lamentam estejam esgotadas as minas, e parecem cultivar de má vontade os víveres de que não mister para se alimentarem.

⁴⁶⁷ Atual povoado de Santo Antônio, município de Água Branca/PI. (N/E)

⁴⁶⁸ Atual cidade de Santo Antônio do Amparo/MG. (N/E)

⁴⁶⁹ Atual cidade de Rio Acima/MG. (N/E)

Santo Antônio

Santo Antônio.⁴⁷⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do ribeiro das Mortes, afluente do rio do mesmo nome, e seis léguas ao poente da cidade de São João del Rei. Sua igreja, cujo orago é o Santo do seu nome, era filial da matriz da vila de São João del Rei, porém foi dela desanexada em 1832, e incorporada com a da povoação da Conceição da Barra. Seus habitantes cultivam mui poucos viveres por isso que são mineiros.

Santo Antônio. Lugarejo da província de Minas Gerais, sobre o pequeno rio Correntes, afluente da margem esquerda do rio Doce.

Santo Antônio. Povoação da província de Goiás, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome. Está situada perto do ribeiro Jaraguá, sobre a estrada real, a três léguas da vila de Meia Ponte. Seus habitantes, pela maior parte, são cultivadores.

Santo Antônio.⁴⁷¹ Freguesia da província de Mato Grosso, sobre o rio Cuiabá, abaixo da cidade deste nome. Sua igreja,

cujo orago é o Santo de seu nome, foi criada paróquia em 1775.

Santo Antônio. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, nos campos da Vacaria.

Santo Antônio.⁴⁷² Freguesia da ilha de Santa Catarina. (V. *Necessidades*.)

Santo Antônio (Serra de). Grande serra da província de Minas Gerais, sobre a margem esquerda do rio Jequitinhonha. Dela nascem vários ribeiros que se incorporam no rio Itucambira, que a atravessa do ocidente para o oriente, antes de juntar-se com o Jequitinhonha pela margem esquerda. O governador da província, D. Rodrigo José de Menezes, mandou prender em 1782 vários indivíduos que andavam apanhando os diamantes que achavam nos ribeiros que passam por esta serra, e pôs nela um registo para remediar semelhantes extravios.

Santo Antônio. Monte do litoral da província das Alagoas, em nove graus, vinte e dous minutos e dezessete segundos

de latitude, e em trinta e sete graus, trinta e cinco minutos e vinte segundos de longitude oeste. É ramo da serra de Marambaia, donde nascem o rio e ribeiro de Santo Antônio.

Santo Antônio. Cabo na entrada da baía de Todos os Santos com um forte do mesmo nome, junto do qual há um farol, em treze graus, zero minuto e quarenta e quatro segundos de latitude, e em quarenta graus, cinquenta e um minutos e cinquenta e um segundos de longitude ocidental. Deste cabo até a ponta de Itapuãzinho, acha-se a costa encrespada de rochedos onde quebram as vagas, correndo em direitura do poente para o nascente. Há neste cabo uma armação de baleia, e um telégrafo.

Santo Antônio. Ribeirão da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro; cujas águas bem que límpidas têm uma certa tinta de escuro. Lança-se este ribeirão no mar quatro léguas ao sul da embocadura do rio Jequitinhonha, e oito ao norte da vila de Porto Seguro. Em suas margens viviam os

⁴⁷⁰ Atual distrito de Rio das Mortes, município de São João del Rei/MG. (N/E)

⁴⁷¹ Atual cidade de Santo Antônio do Leverger/MT. (N/E)

⁴⁷² Atual distrito de Santo Antônio de Lisboa, município de Florianópolis/SC. (N/E)

Índios capitaneados pelo va-
leroso Teteno, amigo dos Por-
tugueses e inimigo dos Gue-
rêns, de cujas invasões des-
cativou a sobredita vila de
Porto Seguro. Era tão intré-
pido este cabo Índio que não
deixava de assistir aos com-
bates, bem que enfermo,
para cujo efeito se fazia levar
numa rede, e os Índios con-
tendiam à porfia sobre a qual
deles lhe renderia este ser-
viço.

Santo Antônio. Rio da pro-
víncia de Minas Gerais, nasce
perto do lugarejo de Córre-
gos, oito léguas ao sudoeste
da cidade do Serro. Corre no
rumo do norte contornean-
do a freguesia da Conceição
de Mato Dentro, rega a po-
voação de Santo Antônio
Abaixo, e voltando de re-
pente para leste a de Santana
dos Ferros, onde começa a
ser navegável, bem que tenha
o leito semeado de arrecifes;
engrossa então com o rio
Itambé que recolhe pela di-
reita, e com o do Peixe pela
esquerda, e no cabo dum
curso total de quarenta lé-
guas se incorpora com o rio
Doce pela margem esquerda,
três léguas abaixo da ca-
choeira Escura. As canoas
navegam neste rio obra de
trinta léguas, e os barcos so-
mente doze, sem estorvos
desde o seu confluente até

Joanésia. É provável que a
companhia do rio Doce de-
sempachará este rio até a po-
voação da Conceição de
Mato Dentro.

Santo Antônio. Pequeno rio
da província de São Paulo.
Nasce perto do nascente do
rio Pepiri, e vai juntar-se com
o rio Curitiba ou Iguaçu,
vinte léguas acima da ca-
choeira do Funil. É navegá-
vel obra de dez léguas entre
o seu confluente, e uma ca-
choeira além da qual se não
pode ir.

Santo Antônio. Pequeno rio
da província das Alagoas, que
separa o distrito de Porto
Calvo do de Santa Luzia, ba-
nha a raiz meridional do
monte de Santo Antônio, e
vai lançar-se no mar, em no-
ve graus e vinte e seis minu-
tos de latitude. Fazem nele
serviço as jangadas em vez de
canoas, e levam os gêneros da
terra até a barra onde os vêm
buscar as sumacas. Chamam-
no às vezes Santo Antônio
Grande.

Santo Antônio. Nome que
também se dá no distrito do
Rio de Janeiro ao rio Sera-
puí, por isso que o ribeiro
Santo Antônio contribui a
formá-lo, juntando-se com o
Pioim que tem muito mais
cabedal.

Santo Antônio

Santo Antônio. Ribeiro da
província da Bahia: separa o
distrito da vila de Belmonte
do da de Porto Seguro e de-
semboca no mar, em dezes-
seis graus e dous minutos de
latitude.

Santo Antônio. Rio da pro-
víncia do Pará. (V. *Curupa*,
rio.)

Santo Antônio. Ribeiro dia-
mantino da província de Mi-
nas Gerais; corre pela serra
de seu nome, e se incorpora
pela margem esquerda com o
Itucambira.

Santo Antônio. Duodécima
e última cachoeira do rio da
Madeira, na província do Pa-
rá, quando por este rio se
desce; jaz perto de quatro lé-
guas abaixo da de São Teotô-
nio, a setenta do Guaporé e
cento e oitenta e seis do rio
das Amazonas. Consta esta
cachoeira de dous ilhotes de
rocha que repartem o rio em
três canais, onde a correnteza
é tal, que é mister aliviar as
embarcações de metade da
carga. Passada esta cachoeira,
o rio Madeira não tem outros
estorvos senão algumas ilhas,
as quais nenhum empachão
dão à navegação.

Santo Antônio. Nome de três
ilhotas do rio da Madeira,
acima da ilha das Minas.

Santo Antônio Abaixo

Santo Antônio Abaixo.⁴⁷³ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Está assentada à beira do rio de Santo Antônio, onde este rio começa a dar navegação a canoas. Sua igreja, dedicada ao Santo do seu nome, depende da matriz da freguesia de Gaspar Soares, de que se acha arredada duas léguas. Em seus arredores existem abundantes minas de ferro.

Santo Antônio da Barra. Antiga povoação da província da Bahia, na comarca da Jacobina, distrito de Vila-nova do Príncipe. Está assentada perto da confluência do ribeiro de Santo Antônio com o Gavião, cujas águas vão engrossar o rio de Contas ou Jussiape. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, é filial da matriz do Rio Pardo. Em 1805 João Gonçalves da Costa e seu irmão Raimundo Gonçalves tomaram este país ao gentio Botocudo, o que foi ocasião para dar-se o nome de Conquista a uma povoação que se acha na estrada que vai para a Bahia. Há na

povoação de Santo Antônio da Barra uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de julho de 1832. No ano antecedente, quando a freguesia do Rio Pardo foi elevada à categoria de vila, por lei da assembleia geral de 13 de outubro de 1831, a povoação de Santo Antônio da Barra e a da Conquista foram incluídas neste novo distrito da província de Minas Gerais, por isso que se achavam separadas da província da Bahia por um despovoado, e muito arredadas das autoridades; porém em 1839 os habitantes de ambas estas povoações solicitaram da assembleia geral o serem de novo anexados à sobredita província, alegando para esse efeito que eram de oito para dez mil (o que parece duvidoso), e que estavam distantes da cidade da Bahia noventa léguas pouco mais ou menos, e cento e oitenta da capital de Minas Gerais, a cuja província pertenciam havia oito para nove anos.

Santo Antônio da Barra. Fortaleza defronte da cidade

da Bahia, que defende a entrada da baía de Todos os Santos; está assentada no promontório ou cabo de Santo Antônio, defronte da ilha de Itaparica.

Santo Antônio da Barra do Paraibuna ou Paraúna.⁴⁷⁴ Antiga povoação da província de São Paulo. (V. *Paraibuna*, vila.)

Santo Antônio da Bertioga.⁴⁷⁵ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Bertioga*, povoação.)

Santo Antônio da Castanheira. Freguesia da Guiana brasileira, nas margens do rio Negro. (V. *Castanheira*.)

Santo Antônio da Jacobina.⁴⁷⁶ Freguesia da província da Bahia, no distrito de Vila-nova da Rainha. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, é a mais antiga da primitiva comarca da Jacobina.

Santo Antônio da Lapa.⁴⁷⁷ Antigo arraial da província de São Paulo. (V. *Vila do Príncipe*, da mesma província.)

⁴⁷³ Atual cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo/MG. (N/E)

⁴⁷⁴ Atual cidade de Paraibuna/SP. (N/E)

⁴⁷⁵ Atual cidade de Bertioga/MG. (N/E)

⁴⁷⁶ Atual cidade de Jacobina/BA. (N/E)

⁴⁷⁷ Atual cidade de Lapa/PR. (N/E)

**Santo Antônio da Parai-
buna.**⁴⁷⁸ Antiga povoação da
província de São Paulo. (V. *Pa-
raibuna*, vila.)

**Santo Antônio da Patru-
lha.**⁴⁷⁹ Antiga povoação e
vila da província de São
Pedro do Rio Grande. (V. *Pa-
trulha*.)

Santo Antônio da Ressaca.
Aldeia da província da Bahia.
(V. *Santo Antônio*, artigo 5º, e
Jacúipe, rio.)

**Santo Antônio da Sacra
Família.**⁴⁸⁰ Lugarejo da pro-
víncia de Minas Gerais, na
comarca de Rio das Mortes,
com uma capela dependente
da matriz da freguesia de São
José das Alfenas.

Santo Antônio das Areias.
Ponta de terra e fortaleza da
ilha do Maranhão, ao norte
e na entrada do porto da ci-
dade de São Luiz. Defende
esta fortaleza a entrada do
porto, e juntamente o gran-
de surgidouro.

**Santo Antônio das Queima-
das.**⁴⁸¹ Antiga aldeia da pro-
víncia da Bahia, na cabeceira
do rio Itapicuru, cinquenta e
cinco léguas ao nor-noroeste
da capital da província. Há
muito que é uma freguesia
onde os Índios são poucos.
Sua igreja paroquial dedicada
a Santo Antônio foi primitiva-
mente filial da matriz da vila
de Itapicuru, e depois desane-
xada dela, e criada paróquia no
princípio do século em que es-
tamos. Os habitantes brancos
de seu termo fazem grandes
criações de gado que mandam
para a Bahia; tanto eles como
os Índios cultivam os víveres
necessários para seu consumo,
se bem que estes últimos se
aplicam com mais particulari-
dade ao plantio e colheita do
algodão, porque com isto têm
pouco trabalho, sendo que as
mulheres fazem tudo.

**Santo Antônio de Capi-
vari.**⁴⁸² Nova povoação da
província do Rio de Janeiro,
no distrito da vila de São João
do Príncipe.

Santo Antônio de Mato Grosso

**Santo Antônio de Guru-
tuba.**⁴⁸³ Freguesia da provín-
cia de Minas Gerais, no dis-
trito da vila de Grão Mogor.
Sua igreja, cujo orago é o
Santo do seu nome, era filial
da de São José de Gurutuba,
porém foi dela desanexada
por lei provincial de 3 de
abril de 1840, que elevou à
categoria de paróquia. (V.
Gurutuba.)

**Santo Antônio de Itucam-
bira.**⁴⁸⁴ Freguesia da província
de Minas Gerais. (V. *Itucam-
bira*.)

Santo Antônio de Jacutinga.⁴⁸⁵
Freguesia da província do Rio
de Janeiro. (V. *Jacutinga*.)

**Santo Antônio de Mato
Grosso.**⁴⁸⁶ Povoação da pro-
víncia da Bahia, na comarca
e distrito da vila de Rio de
Contas, com uma igreja de
pedra, da invocação de Santo
Antônio, que serviu em outro
tempo de paróquia, até se
fazer a igreja matriz atual da
vila.

⁴⁷⁸ Atual cidade de Paraiçuna/SP. (N/E)

⁴⁷⁹ Atual cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS. (N/E)

⁴⁸⁰ Atual cidade de Alfenas/MG. (N/E)

⁴⁸¹ Atual cidade de Queimadas/BA. (N/E)

⁴⁸² Atual distrito de Lídice, município de Rio Claro/RJ. (N/E)

⁴⁸³ Atual distrito de Gurutuba, município de Porteirinha/MG. (N/E)

⁴⁸⁴ Atual cidade de Itacambira/MG. (N/E)

⁴⁸⁵ Atual bairro de Jacutinga, cidade de Mesquita/RJ. (N/E)

⁴⁸⁶ Atual povoado de Mato Grosso, município de Rio de Contas/BA. (N/E)

Santo Antônio de Montes Claros

Santo Antônio de Montes Claros.⁴⁸⁷ Povoação da província de Goiás. (V. *Montes Claros*.)

Santo Antônio de Pádua.⁴⁸⁸ Aldeia de Índios Coroados da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Paraíba, seis léguas pouco mais ou menos abaixo da confluência do rio da Pomba. O padre Antônio Martins Vieira, tendo consagrado a vida a instruir na religião os Índios, edificou, no princípio deste século, uma capela num despovoado nas adjacências do rio da Pomba, a qual foi criada paróquia em 1812. As terras de seu termo são próprias para toda a sorte de lavra do país, porém apesar do exemplo que lhes estão dando os Brasileiros, continuam os Índios a permanecerem no mesmo ser, tanto no que diz respeito à indústria agrícola, como no tocante ao aumento da população; passando o tempo em caçadas e pescarias, e deixando a cargo das mulheres o cultivo do milho, mandioca e algodão de que hão mister. Alguns todavia ajudam a roçar, pagando-se-lhes.

Santo Antônio de Rio Abaixo.⁴⁸⁹ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Santo Antônio Abaixo*.)

Santo Antônio de Sá ou Macacu.⁴⁹⁰ Vila da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Macacu, por cujo nome é vulgarmente conhecida, doze léguas ao nordeste da cidade do Rio de Janeiro. Títulos bem antigos constataam que Mendo de Sá, governador do Brasil, concedeu, em 29 de outubro de 1507, a Miguel de Moura uma sesmaria de nove mil braças de largura e doze de profundidade. O rio Macacu corria ao longo de toda a mencionada sesmaria, a qual se achava encerrada duma parte pelo Guapiaçu, e da outra pelo Cacerubu ou Cassarabu: no cabo de quatro anos fez Miguel de Moura doação desta sesmaria aos jesuítas, os quais se não descuidaram de alcançar a confirmação dela por El-Rei D. Sebastião; como porém, segundo as leis, os bens de raiz pertencentes aos corpos de mão morta fossem, como as demais fazendas, sujeitos aos impostos, venderam os je-

suitas uma grande parte dela a Manoel Fernandes Ozouro, o qual erigiu uma capela a Santo Antônio. Como se formasse uma povoação na confluência do Cacerubu com o Macacu, foi a sobredita capela criada paróquia em 1647 com o nome de *Santo Antônio de Cacerubu*, nome que mudou no de *Santo Antônio de Sá*, quando governando a província o capitão general Artur de Sá e Menezes, lhe conferiu, em 5 de maio de 1679, o título e honras de vila. No princípio do século XVIII o conde da Ilha do Príncipe se apossou desta vila, pretendendo ser dela donatário, porém foram desprezadas as suas alegações em 1713. Por alvará de 27 de junho de 1808, teve esta vila um juiz de fora doível e crime. Seus principais edifícios são dentro a casa da câmara, cujas lojas servem de cadeia, a igreja matriz, e o convento de Santo Antônio da parte de fora. As ruas são mal-alinhadas e mal calçadas, as casas, térreas e de pouca aparência. Em 1829, e nos anos seguintes, foi assaltada duma doença epidêmica, no cabo de dez meses consecutivos de seca,

⁴⁸⁷ Atual cidade de Santo Antônio do Descoberto/GO. (N/E)

⁴⁸⁸ Atual cidade de Santo Antônio de Pádua/RJ. (N/E)

⁴⁸⁹ Atual cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo/MG. (N/E)

⁴⁹⁰ Atual cidade de Cachoeiras de Macacu/RJ. (N/E)

talvez procedida do costume em que estão os moradores de se servirem para beber da água estanke numa lagoa ou pântano, que há atrás da vila, de preferência à água corrente do rio que a rega. Como fosse grande o número dos mortos, começou toda a gente a fugir, de sorte que em breve tempo ficou a vila deserta, motivo por que foi o seu distrito provisoriamente anexado ao de São João de Itaboraí. (V. este nome.) Contudo começou a povoar-se; no princípio do ano de 1837, tornou-se a instalar nela uma escola de primeiras letras, e presentemente, posto que pertença à comarca de Itaboraí, é cabeça da legião da guarda nacional, chamada de Macacu e dum colégio eleitoral. Seu distrito era ao princípio mui vasto, porém foi por diversas vezes desmembrado, para se formarem os das vilas novamente criadas em suas adjacências, de sorte que atualmente acha-se circunscrito da parte do norte pelo distrito de Nova Friburgo, da do nascente pelo de Cabo Frio, da do sul, pelo de Itaboraí, e da do poente pelo de Magé e pela baía. Encerra o sobredito distrito as freguesias de Santo

Antônio de Sá, de São Barnabé, de São José e da Trindade. Regam-no várias lagoas, os rios Macacu, Cacerubu e Guapiaçu, os quais provêm da junção dum sem número de riachos, entre os quais há alguns que dão navegação a canoas quando neles há maré. Há nele uma dúzia de engenhos onde se fabrica açúcar e aguardente, grandes plantações de canas e de mandioca, cuja farinha é inferior à do distrito de Magé, que lhe fica ao pé: colhe-se também arroz, milho e feijões. O comércio principal dos moradores de Santo Antônio de Sá consiste em lenha e madeiras de construção, carvão, café e açúcar, que exportam em barcos, e as mais das vezes em jangadas para a cidade do Rio de Janeiro. A população total da vila e seu distrito é avaliada em sete mil almas.

Santo Antônio de Tracunhaém.⁴⁹¹ Povoação da província de Pernambuco. (V. *Tracunhaém*.)

Santo Antônio de Vilanova do Rio de São Francisco.⁴⁹² Antiga vila da província da Bahia, que faz atualmente

Santo Antônio do Bom Jardim

parte da de Sergipe. (V. *Vilanova de São Francisco*.)

Santo Antônio do Amaranho.⁴⁹³ Povoação da província de Mato Grosso, a pequena distância do rio Cuiabá, seis léguas abaixo da cidade do mesmo nome. Era uma povoação apelidada *Arais*, cujo nome o governador Luiz Pinto de Souza mudou no que atualmente tem por ser o do orago de sua igreja, que é filial da matriz da cidade de Cuiabá. A população desta povoação e de seu termo consiste em obra de mil e quatrocentos habitantes, que se aplicam à agricultura, fabricam açúcar, e destilam aguardente de cana e de melação. Na vizinhança existe um monte com meia dúzia de grutas, porém mais pequenas que as das margens do Paraguai a que chamam *Grutas do Inferno*.

Santo Antônio do Amparo.⁴⁹⁴ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Amparo*, mesma província.)

Santo Antônio do Bom Jardim.⁴⁹⁵ Vila da província do Ceará. (V. *Bom Jardim*.)

⁴⁹¹ Atual cidade de Tracunhaém/PE. (N/E)

⁴⁹² Atual cidade de Neópolis/SE. (N/E)

⁴⁹³ Atual cidade de Barra do Garças/MT. (N/E)

⁴⁹⁴ Atual cidade de Santo Antônio do Amparo/MG. (N/E)

⁴⁹⁵ Atual cidade de Jardim/CE. (N/E)

Santo Antônio do Cabo

Santo Antônio do Cabo.⁴⁹⁶ Povoação da província de Pernambuco. (V. *Cabo de Santo Agostinho*, vila.)

Santo Antônio do Poço. Lugarejo da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de Santo Antônio, filial da matriz da freguesia de São Miguel de Piracicaba.

Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara.⁴⁹⁷ Antiga freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Santa Bárbara*, vila.)

Santo Antônio do Rio Bonito.⁴⁹⁸ Povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Valença. (V. *Rio Bonito*.)

Santo Antônio dos Coroados. Pequena aldeia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Paraíba, duas léguas abaixo da junção do rio da Pomba. A igreja desta aldeia, que tem por padroeiro o Santo do seu nome, pertence à diocese do Rio de Janeiro, e seu termo à província do Espírito Santo. Seus moradores, quase que vivem no estado da natureza,

caçando e pescando; apenas as mulheres cultivam os poucos víveres de que não mister.

Santo Antônio dos Garanhuns.⁴⁹⁹ Freguesia da província de Pernambuco. (V. *Garanhuns*, vila.)

Santo Antônio dos Guarulhos.⁵⁰⁰ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Paraíba, quase defronte da cidade de Campos. Deram-lhe princípio, em 1659, dous capuchinhos franceses que vieram ao Brasil, determinados a converter à religião os Índios, e com efeito penetraram numa aldeia do gentio Guarus ou Guarulhos, onde foram mui bem recebidos. Passados treze anos, alguns missionários italianos se adiantaram mais para o poente, e penetraram, como os primeiros, em outra aldeia. A doce moral que estes religiosos pregavam acarreou-lhes o amor daqueles povos, que se não podiam apartar deles; porém tiveram de sujeitar-se a esta separação, em 1699 ou 1670, em que El-Rei de Portugal D. Pedro II lhes ordenou de sair de seus domí-

nios do Brasil, e por alvará de 3 de novembro de 1700, deu aos Índios duas léguas de terra, e os capuchinhos franceses foram rendidos por alguns religiosos portugueses da mesma ordem, porém, como estes se lembrassem de mudar os Índios para diversos sítios, e isto por três vezes, em cada uma delas famílias inteiras deles se acolheram às matas para se libertarem de toda sujeição. Felizmente agregaram-se aos religiosos muitos colonos portugueses; e o padre Ângelo Passanha mandou fazer uma bela igreja de pedra que dedicou a Santo Antônio. De então por diante começou a povoação a engrossar em gente, fizeram-se alguns engenhos, e concederam-se à sua igreja as prerrogativas de paróquia, por decisão episcopal de 3 de janeiro de 1759, a qual foi confirmada pelo soberano longo tempo depois, no ano de 1808. Por decreto de 14 de junho de 1830, criou-se nesta freguesia uma escola de primeiras letras. Seu termo confronta, ao norte, com a província do Espírito Santo, servindo-lhe de separação o rio Cabapuaana; da parte de

⁴⁹⁶ Atual cidade de Cabo de Santo Agostinho/PE. (N/E)

⁴⁹⁷ Atual cidade de Santa Bárbara/MG. (N/E)

⁴⁹⁸ Atual distrito de Conservatória dos Índios, município de Valença/RJ. (N/E)

⁴⁹⁹ Atual cidade de Garanhuns/PE. (N/E)

⁵⁰⁰ Atual cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

leste, entesta no Oceano; da do sul, no Paraíba; e da do oeste, se dilata pelos montes pouco conhecidos da serra dos Aimorés. Encerra atualmente perto de seis mil habitantes, entrando neste número alguns Índios de todo em todo civilizados, e grande quantidade de escravos. Seus produtos agrícolas principais são canas, arroz, mandioca, feijões e algodão. Além da indústria do fabrico do açúcar e da destilação de aguardente de cana e de melação, há também a da preparação de madeiras de construção, e uns e outros produtos são conduzidos em barcos para o Rio de Janeiro, quando lhos consentem os ventos e as marés. As duas léguas de terra concedidas pela Coroa às diferentes aldeias de Índios, foram dadas pelo vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza à aldeia de São Fidélis por dotação, e acham-se atualmente arrendadas, e os rendimentos aplicados às despesas do culto e à dotação dos Índios pobres que se casam.

Santo Antônio dos Velasques. Povoação da província e distrito da Bahia, com uma

escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Santo Antônio e São Sebastião.⁵⁰¹ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Uberava*, vila.)

Santo Antônio Grande. Rio da província das Alagoas. (V. *Santo Antônio*, rio, artigo 25°.)

Santo Antônio-Mirim.⁵⁰² Nova vila, e antiga freguesia da província das Alagoas. Foi originalmente uma aldeia chamada Traipu, com uma igreja da invocação de N. S. do Ó, que veio a ser paróquia por virtude do alvará de 22 de janeiro de 1795, aplicável a todas aldeias dalguma importância, e de freguesia passou a ser vila com o mesmo nome, por lei da assembleia provincial; porém como quer que um grande número de novos colonos se estabelecessem nas margens do ribeiro de Santo Antônio-Mirim, prevaleceu este último nome ao primeiro. Avalia-se a população de seu distrito, que pertence à comarca de Maçaió, em seis mil habitantes, que lavram os ví-

Santo Estevão

veres necessários para sua subsistência, e algodão que exportam para Pernambuco ou para Maçaió.

Santo Antônio-Mirim. Ribeiro da província das Alagoas, que separa o distrito de Santa Luzia do de Maçaió em sua cabeceira, e vai desaguar no mar, em nove graus e trinta e seis minutos de latitude. As jangadas vão muito avante por este ribeiro, e as sumacas aportam em sua embocadura nas enchentes das marés.

Santocé, Centocé ou Santa Sé.⁵⁰³ Antiga povoação da província da Bahia. (V. *Santa Sé*, vila.)

Santo Estevão. Ribeiro aurífero da província de Minas Gerais, descoberto em 1781 pelo governador D. Rodrigo José de Menezes, no distrito de Cuiaté. Corre rumo de nordeste por matas e serras, com o nome de Santana, e incorpora-se pela margem direita com o Cuiaté, cousa de dez léguas acima da freguesia deste nome.

Santo Estevão.⁵⁰⁴ Povoação da província da Bahia, no dis-

⁵⁰¹ Atual cidade de Uberaba/MG. (N/E)

⁵⁰² Atual cidade de Traipu/AL. (N/E)

⁵⁰³ Atual cidade de Sento Sé/BA. (N/E)

⁵⁰⁴ Atual cidade de Santo Estevão/BA. (N/E)

Santo Hilário

trito da cidade da Cachoeira.
(V. *Jacuípe*, povoação.)

Santo Hilário. Lugarejo da província do Ceará, no distrito da vila de Viçosa, com um oratório da invocação do Santo de seu nome.

Santo Inácio. Lugarejo da província de Piauí, no distrito da cidade de Oeiras, com uma capela do Santo do seu nome. Jaz sobre o rio Canindé, dez léguas ao noroeste da sobre-dita cidade.

Santos.⁵⁰⁵ Cidade marítima e mercantil da província de São Paulo, e uma das mais antigas vilas do Brasil. Está situada num teso da margem setentrional da ilha Enguaguaçu, em vinte e três graus e cinquenta e quatro minutos de latitude, e em quarenta e oito graus e quarenta e seis minutos de longitude ocidental. Seus primeiros povoadores foram Pascoal Fernandes e Domingos Pires, que abriram caminho pelas matas para a vila de São Vicente e ali assentaram morada encantados com a excelente água que havia naqueles sítios. Passado pouco tempo, no decurso do ano de 1643, o capitão Brás Cubas, representante do do-

natário Martim Afonso de Souza, mandou fazer o primeiro hospital do Brasil, e em 1546 impetrou o título de vila para aquele porto que veio a ser o da vila de São Vicente, por isso que nele portavam com facilidade os barcos que não podiam subir pelo braço de mar, chamado rio de São Vicente. Brás Cubas, um dos benfeitores da humanidade, faleceu em 1592, depois de haver tido a consolação de ver prosperar aquela nova vila, e foi enterrado na capela do hospital de que fora o fundador. No século XVII foi a vila de Santos posta em sítio pelos Holandeses e pelos Ingleses. Tem cadeira de latim e muitas escolas de primeiras letras, que foram criadas em diferentes tempos para a instrução da mocidade. Nela nasceu Alexandre de Gusmão, hoje mais conhecido por estarem impressas as suas cartas, e José Bonifácio de Andrade e Silva, bem conhecido por sua vasta instrução como por ter sido o campeão da independência de sua pátria, motivo por que a assembleia provincial votou unanimemente a lei de 26 de janeiro de 1839, segundo a qual devia aquela vila chamar-se cidade de Bonifácio, prevaleceu porém o primitivo nome

de Santos, que tamanha é a força do costume. As casas desta nova cidade são pela maior parte de pedra. Os edifícios mais notáveis são a casa da câmara, o estaleiro, o arsenal, dous hospitais, e vários conventos, a igreja de Santa Catarina, e a matriz cujo orago deu nome à vila. O porto de Santos é o depósito de todos os gêneros de exportação da província, os quais consistem principalmente em açúcar, aguardente, arroz, café, courama, toucinho, tabaco e riscado azul e branco. Estes diversos gêneros são conduzidos a Santos, em machos do sertão das terras depois que se concluiu o molhe ou calçada, de duas léguas de comprimento, por meio do qual a ilha de Enguaguaçu se acha pegada com o continente. Esta espécie de ponte é guarnecida de distância em distância de arcos que facilitam a circulação da maré; na praia de vasa que lhe fica subjacente, vegetam os mangues cuja casca se aproveita para as fábricas de curtume, e faz as vezes de entrecasco de carvalho. Os três braços de mar que separam do continente as ilhas Enguaguaçu e Guaíba formam outras tantas bocas. A do meio, chamada *Barra Grande*, que jaz

⁵⁰⁵ Atual cidade de Santos/SP. (N/E)

entre as duas ilhas, é a única frequentada pelas embarcações grandes e pelos navios de alto bordo. A boca do norte, chamada *Bertioga*, que fica entre o continente e a ilha Guaíba, tem pouco fundo e só admite canoas e botes; enfim a boca meridional, chamada *Rio de São Vicente*, acha-se em seco a mais das vezes na vazante da maré. As pontas de Taipu e de Manduba, separadas pela Barra Grande, abrigam os navios surtos no porto. O distrito da cidade de Santos encerra a parte setentrional da ilha Enguaguaçu, a ilha pouco povoada de Guaíba, e o vertente oriental da cordilheira do Cubatão, em cuja falda se acha o antigo porto de Santa Cruz. (V. este nome.) Se a assembleia provincial repartisse em pequenas porções as terras desse distrito, e desse o senhorio das que se acham em paus a quem as ensecasse, cobrir-se-iam aquelas planícies vazantas de casas e de plantações, não haveria águas estanques, e as populações não seriam expostas ao flagelo das teimosas sazonas, que todos os anos levam de dez habitantes um.

São Barnabé. Aldeia da província do Rio de Janeiro. (V. *Vilanova*.)

São Bartolomeu.⁵⁰⁶ Povoação da província de Minas Gerais, cousa de três léguas ao poente da cidade de Ouro Preto. Sua igreja, depois de haver sido largo tempo paróquia, foi anexada à da povoação de Cachoeira do Campo, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832. Um novo decreto de 7 de agosto seguinte a dotou duma escola de primeiras letras. Avalia-se em mil e oitocentos habitantes a população de seu termo, onde se colhem os víveres ordinários do país, e se fabrica grande quantidade de marmelada que tem consumo nas vilas da província, e até mesmo na cidade do Rio de Janeiro.

São Bartolomeu. Rio da província de Goiás, que corta a estrada de leste, e que se passa em canoa. Corre seis léguas ao nascente de Santa Luzia, e vai juntar-se com o rio Corumbá, acima da confluência do rio Piracujuba.

São Bento

São Benedito.⁵⁰⁷ Lugarejo do distrito da vila de Viçosa, na província do Ceará, com uma pequena capela do Santo do seu nome.

São Bento.⁵⁰⁸ Nova e pequena vila da província do Maranhão, na comarca de Alcântara, obra de doze léguas ao sudoeste da vila deste último nome. Era uma povoação do distrito de Viana, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, que foi criada vila pela assembleia provincial, e passou a ser cabeça duma legião de guarda nacional, cujo primeiro batalhão é formado pelos moradores de seu termo. O algodão deste distrito é de superior qualidade.

São Bento.⁵⁰⁹ Antiga freguesia da província das Alagoas, no distrito de Porto Calvo, que muitos confundem com esta vila, posto se achem arredadas uma doutra seis léguas. Está situada ao sul do lugarejo da Barra Grande, em nove graus cinco minutos de latitude, e em trinta e sete graus trinta e sete minutos de longitude oeste. Sua igreja é dedi-

⁵⁰⁶ Atual distrito de São Bartolomeu, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

⁵⁰⁷ Atual cidade de São Benedito/CE. (N/E)

⁵⁰⁸ Atual cidade de São Bento/MA. (N/E)

⁵⁰⁹ Atual localidade de São Bento, Maragogi/AL. (N/E)

São Bento

cada ao Santo do seu nome, e seu termo, que se acha separado da província de Pernambuco pelo rio Una, tem perto de três mil habitantes, pela maior parte lavradores; os gêneros que exportam para a cidade do Recife são açúcar e algodão.

São Bento.⁵¹⁰ Freguesia da província de São Paulo, no distrito de Pindamonhangaba, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831. Sua igreja, cujo orago é o Santo do seu nome, foi criada paróquia por um decreto da mesma assembleia de 16 de agosto de 1832.

São Bento. Ilha na foz do rio Paraíba. (V. *Camboá*.)

São Bento da Amontada.⁵¹¹ Freguesia da província do Ceará. (V. *Amontada*.)

São Bento da Araquara.⁵¹² Vila da província de São Paulo. (V. *Araquara*.)

São Bento de Monte Gordo. Freguesia da província de Sergipe. Sua igreja, de que é pa-

droeiro o Santo do seu nome, foi elevada à categoria de paróquia por alvará do ano de 1818.

São Bernardo.⁵¹³ Vila da província do Ceará, sobre o ribeiro das Russas, que meia légua mais abaixo se incorpora pela margem esquerda com o rio Jaguaribe. Fica esta vila dez léguas ao sul da de Aracati, e trinta e cinco és-sueste da cidade da Fortaleza. Sua igreja, de que é padroeira N. S. do Rosário, era em outro tempo apelidada das Russas, bem como a povoação, por causa da cor russa dos rochedos que se achavam distância de meia légua do sítio dela, e tem por filiais as igrejas das povoações do Livramento, Quixitoré e do Tabuleiro do Areia. Esta povoação há muito que é qualificada de vila, e posto que nenhuma ordem régia lhe tenha conferido este título, acha-se confirmada nele pelo tempo e pelo costume. São tão pequenos os seus rendimentos que até o dia de hoje não pôde a câmara fazer uma casa para se ajuntar, nem tão pouco uma cadeia. Seu distrito tem mais de vinte léguas de

comprido, entre o de Aracati ao norte, e o de Icó ao sul, e pega ao oeste com o de Montemor Novo ou Botarité, e a leste se estende até a vila de Porto Alegre, na província do Rio Grande do Norte. Em 1821 tinha, segundo o rol que se fez, seis mil habitantes, todos oriundos de Índios, e de então até agora este número se não tem aumentado. As terras chãs são de mui boa lavra, e todavia estão de pousio, e servem unicamente de pastagens; nas altas não prosperam os algodoeiros, em razão das geadas e das secas; mas depois da estação das chuvas semeia-se milho e feijão que dão mais sementes que em qualquer outra parte. Sem embargo de serem estas terras pouco próprias para os algodoeiros, colhem os moradores bastante algodão, e mais colheriam se fossem mais diligentes. Este gênero, bem como o gado que criam, se vendem na cidade do Natal e na de Paraíba.

São Bernardo.⁵¹⁴ Aldeia da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Parnaíba, seis léguas abaixo da vila de Brejo. Sua igreja, dedicada a

⁵¹⁰ Atual cidade de São Bento do Sapucaí/SP. (N/E)

⁵¹¹ Atual cidade de Amontada/CE. (N/E)

⁵¹² Atual cidade de Araraquara/SP. (N/E)

⁵¹³ Atual cidade de Russas/CE. (N/E)

⁵¹⁴ Atual cidade de São Bernardo/MA. (N/E)

São Bernardo, andou anexa à matriz da vila cabeça de seu distrito até o ano de 1841, época em que uma lei provincial de 4 de outubro lhe conferiu o título de paróquia, dando-lhe por termo parte do da vila de Brejo. A freguesia de São Bernardo é cabeça dum colégio eleitoral de doze eleitores: em 1842 elevaram o número deles a cinquenta e oito.

São Bernardo de Alcobaca.⁵¹⁵ Vila da província da Bahia. (V. *Alcobaca*.)

São Bernardo de Anapuru. Antiga aldeia da província do Maranhão. (V. *Brejo*, vila.)

São Bernardo de Camanaú. Freguesia da Guiana brasileira, nas margens do rio Negro. (V. *Camanaú*.)

São Boaventura.⁵¹⁶ Freguesia considerável da província da Bahia, ao sul da comarca dos Ilhéus, na margem esquerda e na foz do rio Patipe, que separa esta comarca da de Porto Seguro. O orago de sua igreja é o Santo do seu nome, e seu termo, que é grande, é um dos mais férteis da comarca. A po-

pulação consta de mil e duzentos indivíduos, que cultivam mandioca de que fazem grande quantidade de farinha; colhem também arroz e milho, plantam ananases, e fazem melancias; sendo as melancias primorosas e mui grandes. Os que vivem arredados do mar criam gado e preparam madeiras.

São Boaventura.⁵¹⁷ Lugarejo da província de Paraíba, nas margens do rio Piancó e no distrito da vila do mesmo nome.

São Borja.⁵¹⁸ Antiga missão, na província de São Pedro do Rio Grande. (V. *São Francisco de Borja*.)

São Brás. Povoação da província de Pernambuco, duas léguas ao norte do cabo de Santo Agostinho, com uma igreja do Santo do seu nome.

São Bruno. Serra mui alta, ramo da cordilheira dos Aimorés, na província da Bahia, que a separa da de Minas Gerais. O grande salto do Jequitinhonha é formado pela base desta serra.

São Caetano

São Caetano.⁵¹⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, cousa de três léguas ao nordeste da cidade de Mariana. São Caetano é o orago de sua igreja, que é paróquia desde 1750. Seu termo tinha nesse tempo dous mil fregueses, número que em vez de se ter aumentado tem diminuído, o que não obstante a assembleia geral, por decreto dado em agosto de 1831, a dotou duma escola de primeiras letras. Por outro decreto de 14 de julho do ano seguinte, foi a mesma igreja despojada do título de paróquia, que foi transferido para a da povoação do Sumidouro; porém tornou a recobrá-lo por lei provincial de 1840. Os habitantes deste termo vivem com escassez por se obstinarem em tratar de tirar ouro de minas já esgotadas, em vez de cuidarem do cultivo da terra, plantando algodoeiros e amanhando as anileiras.

São Caetano.⁵²⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Chopotó, abaixo do confluente do ribeiro Baojuba Grande, com uma igreja da invocação do

⁵¹⁵ Atual cidade de Alcobaca/BA. (N/E)

⁵¹⁶ Atual cidade de Canavieiras/BA. (N/E)

⁵¹⁷ Atual cidade de Boa Ventura/PB. (N/E)

⁵¹⁸ Atual cidade de São Borja/RS. (N/E)

⁵¹⁹ Atual distrito de Monsenhor Horta, município de Mariana/MG. (N/E)

⁵²⁰ Atual cidade de Cipotânea/MG. (N/E)

São Caetano

Santo de seu nome, que é filial da matriz da freguesia de Cho-potó.

São Caetano.⁵²¹ Povoação da província do Pará, na comarca de Grão Pará, no distrito da vila da Vigia, com uma escola de primeiras letras criada por lei provincial de 25 de junho de 1841. Nas adjacências desta povoação há um canal de sumo interesse para o giro do comércio, conhecido com o nome de São Caetano da Vigia.

São Caetano. Forte do norte da ilha de Santa Catarina, construído em 1765 pelo governador Francisco de Souza Menezes, ao oriente do forte de São José, e a pequena distância dele. É quase inútil para a defesa da ilha.

São Carlos.⁵²² Antiga vila da província de São Paulo. (V. *Campinas*, cidade.)

São Carlos. Povoação e antigo presidio da província de Mato Grosso, sobre o rio Apa, afluente do Paraguai.

São Clemente. Povoação importante dos arredores da ci-

dade do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de São João da Lagoa de Freitas, onde de ordinário vivem em lindas casas de recreio os negociantes desta capital.

São Cosme. Serra da província do Rio Grande do Norte, que a separa do Ceará. Há nela uma povoação com uma capela da invocação de São Cosme e São Damião, que alcançou o título de paróquia. (V. o artigo seguinte.)

São Cosme e São Damião. Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no vasto distrito da vila de Porto Alegre. Sua igreja foi longo tempo dependente da matriz da freguesia de Pau de Ferro, e era dedicada a São Cosme e São Damião, porém a assembleia geral, por decreto de 11 de outubro de 1831, a elevou à categoria de paróquia. Seu termo pega, ao norte, com a fazenda de Tapera do Riacho do Figueiredo; a leste, com as serras do Frade e do Jardim; ao sul, encerra toda a serra do Camarão; e a oeste, se estende para as extremas da província do Ceará até perto da fazenda Carapuça e da serra Cumara.

Avalia-se o número atual de seus fregueses em mil e quatrocentos, lavradores de algodão e de víveres unicamente para seu próprio consumo.

São Cristóvão.⁵²³ Cidade e capital da província de Sergipe, agradavelmente situada num teso à beira do ribeiro Paramopama, perto do rio Sergipe, a cinco léguas em direitura do mar, em onze graus e quatorze minutos de latitude. Cristóvão de Barros, servindo interinamente de governador general do Brasil, fundou uma vila na foz do rio Cotindiba e deu-lhe, em 1590, o nome de São Cristóvão que foi conservado pelos habitantes, não obstante haverem mudado de sítio. Foi a sobredita vila por diversas vezes investida pelos Índios, e saqueada pelos Holandeses em 1637, os quais puseram fogo a todos os engenhos que havia na costa. Fugiram os habitantes para as margens do rio Coxim, onde assentaram morada, porém ensinados pela experiência que aquela situação era imprópria para o comércio, mudaram-se para o teso em que se acha atualmente sita a capital da provín-

⁵²¹ Atual cidade de São Caetano de Odvelas/PA. (N/E)

⁵²² Atual cidade de Campinas/SP. (N/E)

⁵²³ Atual cidade de São Cristóvão/SE. (N/E)

cia de Sergipe. (V. o artigo desta província.) Esta vila, que nunca pôde adquirir importância, foi todavia elevada à dignidade de cidade em 1675, por El-Rei D. Afonso VI. Seus edifícios públicos são de pedra, e todas as casas chãs e sem sobrado. O rio tem uma ponte antes de chegar à cidade; os demais edifícios são o palácio do governo, que é atualmente a residência do presidente e mais autoridades militares e civis da província, e onde a assembleia legislativa provincial se ajunta e tem as suas sessões: as instituições de pública utilidade mais notáveis desta cidade são o hospital da Misericórdia, duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas criadas em 1831, um liceu no convento do Carmo com cadeira de latim, retórica, filosofia, geometria e língua francesa. Uma carta imperial de 8 de março de 1823 confirmou o título de cidade de que estava de posse a antiga vila de São Cristóvão. Os ares são puros e continuamente renovados pelas virações da terra e do mar que se sucedem alternativamente de dia e de noite, e as águas excelentes e

em grande cópia. Há nesta cidade seis igrejas; a saber: a de São Cristóvão, paróquia desde o ano de 1608, a de N. S. do Amparo e do Rosário, a da Misericórdia, e os conventos dos carmelitas e franciscanos. Em 1843 a alfândega foi transferida para o porto dos Coqueiros, por ficar mais vizinha do mar, em quanto se acabava a que se estava fazendo no porto de São Cristóvão sobre o rio Sergipe, donde as embarcações podem subir pelo rio Irapirang ou Vaza Barris, cuja barra por fatalidade é aparcelada, e nas circunstâncias mais favoráveis nunca tem mais de dez pés d'água. O comércio de exportação da cidade de São Cristóvão consiste em açúcar, algodão e tabaco, que vêm do sertão da província pelos ribeiros tributários dos rios Vaza Barris e Sergipe, e que pela maior parte se trocam por outras fazendas, em razão da falta de dinheiro corrente, e até da moeda de papel em que o povo tem pouca confiança. A população desta antiga cidade não passa de dous mil indivíduos, mas em todo o seu distrito há dous mil e noventa e dous fogos, e nove

São Diogo

mil e sessenta e seis habitantes nas duas freguesias de São Cristóvão e do Socorro, em que se acha repartido. Seu colégio eleitoral em 1843 compunha-se de quarenta e dous eleitores. As terras são ótimas para canas, algodoeiros; as bananeiras e as mangueiras dão muita e mui boa fruta.

São Cristóvão.⁵²⁴ Nova freguesia do distrito neutro da cidade do Rio de Janeiro. Está à margem da baía, entre a povoação de Mata Porcos e a ponta do Caju. Sua igreja, da invocação do Santo de seu nome, era filial da matriz da freguesia do Engenho Velho, de que foi desanexada em 1842 e criada paróquia. É em seu termo que se acham o palácio imperial da Boa Vista, residência ordinária do Imperador, o palácio da Ponta do Caju e o antigo convento dos lazaristas atualmente convertido em hospital dos Lázaros.

São Diogo.⁵²⁵ Povoação de pouca entidade da província de São Pedro do Rio Grande, donde o barão de Caxias, atualmente conde, desalojou os rebeldes, em 20 de março de 1843.

⁵²⁴ Atual bairro de São Cristóvão, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁵²⁵ Atual distrito de São Diogo, município de Pedras Altas/RS. (N/E)

São Domingos

São Domingos.⁵²⁶ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro, num sítio aprazível sobre a margem oriental da baía Niterói ou do Rio de Janeiro, perto da entrada da pequena baía de Jurupeba ou saco de São Francisco. Havia neste sítio um engenho que já não existe, em cujas terras se erigiu em 1652 uma capela da invocação de São Domingos; fez-se mais um cais e uma praça à borda do mar, no topo da qual havia uma linda casa que dava um ar risonho àquela povoação. Atualmente as casas se sucederam umas às outras e vão pegar com a cidade de Niterói, de que são um bairro. À beira do mar e perto da praça se vê ainda a igreja de cujo orago se intitula esta povoação; depende a dita igreja da matriz da cidade, e acha-se rodeada de toda a parte de casas aparatosas, e de caminhos ladeados de lindas sebes, que são outros tantos passeios.

São Domingos.⁵²⁷ Povoação da província de Goiás, no vertente quase ocidental da serra do mesmo nome, que serve de extrema entre esta província e a de Minas Gerais; cento e de-

zesseis léguas ao nordeste da cidade e doze a leste de Morro do Chapéu. Sua igreja, da invocação do Santo do seu nome, e filial da de Flores, se acha à beira do ribeiro de São Domingos que corre por baixo da terra, não se mostrando senão de tempos a tempos até se juntar com o Calheira, tributário do rio Paranã. O barão de Eschwege descobriu nestes arredores águas minerais próprias para a cura dos bócios e das doenças cutâneas. Os moradores desta povoação e seus contornos cultivam alguns víveres e fazem criações de gado. Numa quebrada da serra se acha o registo de São Domingos onde se pagam os direitos de entrada das fazendas que passam para a província de Goiás.

São Domingos.⁵²⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Araçuaí, dezesseis léguas ao nordeste da cidade de Minas Novas, e trinta e quatro ao oeste de São Miguel, sobre o rio Jequitinhonha. Deram-lhe princípio alguns aventureiros que em 1728 foram assentar vivenda nas margens dum ri-

beiro aurífero, a que puseram o nome de São Domingos, e que se incorpora com o rio Araçuaí; porém entrados de maiores esperanças, passado pouco tempo, desampararam aquele sítio. Em 1808 alguns particulares fizeram ali alguns algodoais, e como fossem bem sucedidos neles, agregaram-se-lhes outros muitos com os quais se repartiram terras, para o mesmo efeito; e a igreja, que tinha por padroeiro São Domingos, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 23 de março de 1813. Consta esta povoação dum quadrado oblongo, com algumas ruas travessas. As casas são térreas, de adobes ou de madeira, e telhadas. O termo da freguesia confronta a leste com o da povoação de São Miguel, e uma e outra parte do rio Jequitinhonha pelo Araçuaí, e pelo ribeiro Salinas; ao norte com o da vila de Januária, com os vertentes do ribeiro acima dito, e com os do rio da Vacaria; da banda do oeste serve-lhe de limite uma linha mais ou menos direita de norte a sul, que atravessa o rio desde a lagoa das Cobras até a margem esquerda do rio

⁵²⁶ Atual bairro de São Domingos, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

⁵²⁷ Atual cidade de Araxá/MG. (N/E)

⁵²⁸ Atual cidade de Virgem da Lapa/MG. (N/E)

Araçuaí, que o limita da parte do sul. Encerra este termo cousa de mil e quinhentos habitantes que lavram algodão, milho, feijões, mandioca e canas, que alimentam uma dúzia de fábricas de açúcar e de aguardente, produtos que são transportados por água para a vila de Belmonte. Fabrica-se também no mesmo termo grande quantidade de redes, de pano de algodão, toalhas, e guardanapos assaz finos. A gente menos laboriosa anda em procura de pedras finas remexendo as areias dos rios e ribeiros. As jacas, mangueiras e marmeleiros dão-se mui bem nas terras desta freguesia, de cuja igreja é filial a da povoação de Tocoios.

São Domingos. Antiga freguesia da província do Pará, na comarca do Grão Pará, no confluente do ribeiro do Capim com o rio Guamá. É povoada de Índios.

São Domingos. Povoação medíocre da província de Minas Gerais, situada entre o rio Claro e o Urucaia, na estrada

que vai do rio de São Francisco, pela serra da Tabatinga, para a província de Goiás: fica cinquenta léguas ao ponente da vila de São Romão, e trinta pouco mais ou menos ao nordeste da cidade de Paracatu.

São Domingos.⁵²⁹ Registo na extrema das províncias de Goiás e da Bahia. Foi colocado no século passado nos montes da serra Paranã, perto do nascente do rio Grande, tributário do de São Francisco.

São Domingos.⁵³⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Paraiuna. (V. *Bocaina*, artigo 2º.)

São Domingos. Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre.

São Domingos. Lagoa da província de Piauí, entre o rio Parnaíba e o Longá. Dá-se-lhe cinco léguas de circunferência, e é piscosíssima.

São Domingos da Prata.⁵³¹ Povoação da província de

São Domingos do Rio do Peixe

Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, na margem do ribeiro da Prata, afluente do rio Piracicaba. São Domingos é orago de sua igreja que é filial da da freguesia de Antônio Dias Abaixo. A assembleia geral, por decreto de 7 de agosto de 1832, criou nesta povoação uma escola de primeiras letras.

São Domingos de Bocaina.⁵³² Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Bocaina*.)

São Domingos de Saubará.⁵³³ Freguesia da província da Bahia. (V. *Saubará*.)

São Domingos do Carmo. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila da Formiga. Jaz dez léguas ao oés-sudoeste desta vila, na estrada que vai da cidade do Serro para a povoação da Barra das Velhas.

São Domingos do Rio do Peixe.⁵³⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade do Serro. (V. *Rio do Peixe*.)

⁵²⁹ Atual cidade de São Domingos/BA. (N/E)

⁵³⁰ Atual distrito de São Domingos da Bocaina, município de Lima Duarte/MG. (N/E)

⁵³¹ Atual cidade de São Domingos do Prata/MG. (N/E)

⁵³² Atual distrito de São Domingos da Bocaina, município de Lima Duarte/MG. (N/E)

⁵³³ Atual cidade de Saubara/BA. (N/E)

⁵³⁴ Atual cidade de Dom Joaquim/MG. (N/E)

São Felipe

São Felipe.⁵³⁵ Freguesia da Guiana brasileira, na margem direita do rio Negro, seis léguas acima da freguesia de Santana. São Felipe é também o orago de sua igreja, e seus fregueses são Índios da nação Baniba.

São Felipe.⁵³⁶ Povoação da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, no distrito da vila deste nome, com uma capela da invocação do Santo do seu nome, e uma escola de primeiras letras que também serve para a povoação de Jacaré, criada por lei provincial de 26 de março de 1840.

São Felipe. Povoação da Guiana brasileira sobre o rio Branco, tributário do Negro: tinha título de paróquia, porém não tinha igreja, nem vigário.

São Felis.⁵³⁷ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, na comarca de Cavalcante, oitenta e cinco léguas ao nor-nordeste da capital da província, em treze graus de latitude. O ribeiro aurífero de São Felis, tributário do rio do Maranhão, foi descoberto em

1736 por Carlos Marinho. O primeiro governador da província, D. Marcos de Noronha, fez naquela vila, em 1754, uma fundição, e o governador João Manoel de Melo criou um julgado para reprimir os crimes que se cometiam impunemente em todas as minas do norte da província. Foram os assassinos enforcados, e os perturbadores do público sossego desterrados para diversas províncias do Brasil. Como as minas se fossem esgotando, e o número dos que nelas trabalhavam tivesse grandemente diminuído, foi a fundição transferida em 1796 para Cavalcante. Assim se foi conservando a freguesia de São Felis, até que a assembleia provincial de Goiás lhe conferiu o título de vila, assinalando-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia, à qual pertence a aldeia do Carmo. Está assentada esta vila nas margens do ribeiro de seu nome, que se ajunta com o rio Maranhão, duas léguas abaixo dela. Sua matriz, de que é orago o Santo de seu nome, é muito antiga: há na mesma vila mais outras duas, dedicadas a Santana e a N. S. do Rosário. Os habitantes de seu distrito cultivam os

viveres de primeira necessidade, e criam algum gado. Numa serra, duas léguas ao sul da vila, existem várias cavernas onde ninguém até hoje ousou penetrar, que tão grande é o terror que elas inspiram. A sete para oito léguas ao su-sueste da mesma, e a três da estrada que vai dela para a povoação de Tocantins, existem cinco olhos d'águas termiais, um com água quase a ferver, e outros com diversos graus de calor, que são águas geralmente conhecidas com o nome de Caldas de Frei Reinaldo.

São Felis. Aldeia da província de Sergipe. (*V. Japarutuba*, vila.)

São Felis. Freguesia da província do Maranhão, no confluente e na margem direita do rio das Balsas, tributário do Parnaíba, com uma igreja da invocação do Santo de seu nome. Seus moradores são Índios, e lavram algodão que exportam para as vilas de Caxias e de Itapicuru.

São Felis. Ribeiro aurífero da província de Goiás. Nasce ao poente da serra Itiquira, atravessa o termo da freguesia de

⁵³⁵ Atual localidade de São Felipe, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. (N/E)

⁵³⁶ Atual cidade de São Felipe/BA. (N/E)

⁵³⁷ Atual cidade de São Félix do Tocantins/TO. (N/E)

Cavalcante, correndo rumo do norte, e depois de haver regado a vila de seu nome, se ajunta a duas léguas abaixo dela com o rio Maranhão, afluente do dos Tocantins. Há sobre este ribeiro uma ponte para serventia da estrada do norte, que vai da cidade de Goiás para a província do Pará.

São Fernando. Povoação da província de Goiás, nas margens do Tocantins, oitenta e sete léguas ao sul da vila de São João das Duas Barras, e cento e sessenta e nove ao norte da cidade de Goiás. Teve princípio numa fazenda de gado chamada do Machado, que existia no princípio do século em que estamos à beira do rio do mesmo nome, e ao norte do do Sono de muito mais cabedal. Passados alguns anos, vieram alguns colonos assentar morada na embocadura deste último rio, e deram nascimento à povoação de São Fernando, a qual se acha num sítio sadio e aprazível, e pode vir a ser importante pelo decurso do tempo, quando se povoarem as margens dos rios circunvizinhos. Em 1811, os novos moradores do Tocantins que residiam entre o rio do Sono

e o de Manoel Alves Setentrional tinham já mandado para a província do Maranhão quinhentas cabeças de gado, e depois desta época esta exportação se tem consideravelmente aumentado.

São Fidélis.⁵³⁸ Aldeia de Índios Coroados, que foram juntos na margem esquerda do Paraíba, dez léguas abaixo da vila hoje cidade de Campos. O marquês de Lavradio mandou vir para o Rio de Janeiro muitos deles com o desígnio de civilizá-los, e depois de os haver bem tratado, despediu-os, dando-lhes os instrumentos necessários para o cultivo das terras. Seu sucessor Luiz de Vasconcelos continuou a promover o bem desta aldeia, dotou-a com os rendimentos da de Santo Antônio que os Índios Guarulhos haviam desamparado, e mandou para ela dous missionários italianos Ângelo Maria de Luca e Victório Cambrasca; os quais se fizeram amar dos Índios, e entendendo-se com eles com os mesmos rendimentos da aldeia deram princípio à fábrica duma igreja da ordem toscana, com um zimbório octógono com trinta e três palmos nas quatro faces, e com dous palmos nas outras; edifício que

tem um ar de majestade, digno de seu destino, e que é talvez o único do Brasil edificado inteiramente segundo as leis da arquitetura. Foi esta igreja sagrada em 23 de abril de 1809, no cabo de dez anos, que tanto durou a fábrica dela, e ficou em lugar da antiga capela de São Fidélis, a quem foi dedicada. Infelizmente os missionários, que foram ao mesmo tempo os pedreiros e os arquitetos dela, por falta de melhores materiais, tiveram de servir-se de certo barro que se endurece com o calor do sol, mas que tem o inconveniente de absorver muita água quando chove, donde resultou que com as alternativas de calor e umidade as paredes do edificio se fenderam, e necessitam de grande concerto, o que é indispensável para se conservar um monumento de tão majestosa arquitetura, que pode servir de modelo às gerações futuras do Brasil, não obstante achar-se numa simples aldeia de Índios: porém será mister que o arquiteto encarregado do concerto se abstenha de alterar o debuxo primitivo, porque a menor mudança destruiria a harmonia que motiva a admiração de quantos contemplam aquela fábrica. Em virtude duma re-

⁵³⁸ Atual cidade de São Fidélis/RJ. (N/E)

São Fidélis

solução de 3 de fevereiro de 1824, a aldeia de São Fidélis foi separada do distrito de Campos, e anexada ao de Cantagalo, porém um decreto do mês de novembro seguinte a tornou a anexar ao seu primeiro distrito, e uma lei provincial de 2 de abril de 1840 elevou a sua igreja à categoria de paróquia, estendendo-lhe o nome no de São Fidélis de Simaringa, e só em 1843 é que se criou nesta nova freguesia uma escola de primeiras letras para meninos. Seu termo é formado duma parte do de Santo Antônio dos Guarulhos, e doutra do da cidade de Campos. Há nele muitos mais brancos que Índios, e todos cultivam víveres, e cortam madeiras de construção. A navegação do rio Paraíba é interceptada nas suas vizinhanças por um salto, ou queda perpendicular das águas dum rochedo noutra, que tem obra de dez braças de altura.

São Fidélis. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Valença, ao sul da baía de Todos os Santos, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por lei de 16 de junho de 1832.

São Francisco.⁵³⁹ Pequena e antiga vila da província da Bahia, cabeça dum colégio eleitoral, nove léguas ao noroeste da capital da província, na margem ocidental da baía e do rio Serigi. São Gonçalo de Amarante é o orago de sua igreja, que foi criada paróquia em 1698 por D. João Franco de Oliveira, quarto Arcebispo da Bahia, que visitou as margens do rio de São Francisco, e as matas dos diversos lugares de sua diocese. Por alvará de 15 de janeiro de 1810, foi dado um juiz de fora a esta vila e uma escola de primeiras letras, em virtude do decreto de 16 de junho de 1832. As casas são pela maior parte de pedra, e pelo mesmo teor a igreja paroquial e o convento dos franciscanos. O distrito da vila de São Francisco tem um grande número de fábricas de açúcar, onde se destila aguardente que se exporta para a Bahia. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes tanto livres, como escravos.

São Francisco.⁵⁴⁰ Nova cidade e antiga vila da província de Santa Catarina, cabeça da comarca do Norte, situada na ilha do mesmo nome, em

vinte e seis graus e doze minutos de latitude, e em cinquenta e um graus e quatro minutos de longitude ocidental. Tanto a ilha como a terra firme adjacente eram possuídas pelos Índios Carijós que se juntaram de boa vontade com Gabriel Lares de Souza em 1648, quando nesse ano foi tomar posse daquele país em nome do marquês de Cascais. Estabeleceram-se nele alguns naturais de São Vicente, e edificaram uma igreja que dedicaram a N. S. da Graça. D. Francisco Luiz Carneiro, conde da Ilha do Príncipe, apossou-se das terras deste distrito que são regadas pelos rios Paranaguá, Cananea e São Francisco do Sul, porém o marquês de Cascais, verdadeiro herdeiro de Martim Afonso de Souza, primeiro donatário da capitania de São Vicente, as recobrou, e criou imediatamente a comarca de Paraguá, deu o título de vila com o nome de São Francisco à povoação daquele território, e alcançou em 1656 o título de paróquia para a igreja de N. S. da Graça. Está esta nova cidade assentada na ilha do seu nome da banda do norte, de frente do canal ou baía de Ba-

⁵³⁹ Atual cidade de São Francisco do Conde/BA. (N/E)

⁵⁴⁰ Atual cidade de São Francisco do Sul/SC. (N/E)

bitonga, a duas léguas do mar e vinte pouco mais ou menos ao nordeste da cidade do Deserto. Em 1807 fundou-se nela uma armação de baleia, com uma igreja dedicada a São João Batista. A vantagem do sítio da vila e a bondade de seu porto foram ocasião de adquirir certa importância, justificando afinal o título de que gozou largo tempo sem o merecer, e a assembleia provincial a elevou à categoria de cidade. As duas ruas principais da cidade de São Francisco são calçadas, as casas térreas, dominadas pela igreja matriz que é de pedra. A maior parte dos habitantes são oriundos dos Portugueses, e o restante consta de Índios, mestiços e pretos, sendo estes em pequeno número. Tem hospital com uma capela de São José, administrada pela confraria de São Francisco da Penitência, e com patrimônio em bens de raiz da importância de oito contos de réis. O porto, que fica a pequena distância da cidade, com ter pouco fundo, é frequentado pelos navios costeiros que acham em todo o tempo duas braças d'água, e ao longe de doze até treze. Seu distrito encerra a ilha do seu

nome e as que rodeiam, e na terra firme se estende muito da banda do poente, depois que por um decreto de 3 de outubro de 1832, se lhe anexaram todas as terras que jazem entre os rios Saí e Tajaí. Sua povoação consta de seis mil habitantes pouco mais ou menos, lavradores de mandioca, arroz, milho, feijões, tabaco e café, construtores de barcos, e fabricantes de cordas de *imbé*. Para dar mais facilidade ao comércio da cidade de São Francisco, seria mister que se abrisse no continente uma boa estrada que fosse ter à vila de Curitiba, e outra que se encaminhasse para a vila de Lages.

São Francisco.⁵⁴¹ Povoação da província de Minas Gerais, perto do nascente do rio do mesmo nome. Está situada nas serras da Canastra, do Chapadão, e outras de menor importância, as quais formam o desfiladeiro ou azinhaga por onde passa a estrada de Goiás. São Francisco é o orago de sua igreja, que depende da matriz da freguesia da vila de Piauí.⁵⁴² Sua população é avaliada em mil habitantes pouco mais ou menos em todo o seu termo.

São Francisco

São Francisco. Ilha, bem que grande, algum tanto rasa, separada do continente da província de Santa Catarina pelo canal impropriamente apelidado Rio de São Francisco. (V. *São Francisco do Sul*.) É de forma irregular, mais estreita na parte do norte do que na do sul, e poderá ter seis léguas de comprimento e três em sua maior largura. A ponta do norte, chamada de João Dias, está em vinte e seis graus, seis minutos e trinta e três segundos de latitude, e em cinquenta graus, cinquenta e nove minutos e cinquenta e seis segundos de longitude ocidental. É regada por numerosos riachos que a fertilizam, e acha-se cercada de várias ilhotas, algumas povoadas e as mais desertas. Os moradores lavram grande quantidade de mandioca, arroz, milho, tabaco e café, que são outros tantos ramos do comércio de exportação que fazem para o porto do Rio de Janeiro, e as mais das vezes para o de Santos.

São Francisco. Grande rio que atravessa a província de Minas Gerais do sudoeste para o norte, separa depois a

⁵⁴¹ Atual cidade de Capitólio/MG. (N/E)

⁵⁴² O autor refere-se à vila de Piumhy, na província de Minas Gerais. (N/E)

São Francisco

província de Pernambuco da da Bahia, a das Alagoas da de Sergipe, e vai desaguar no Oceano por duas bocas desiguais. Em 1810 ainda se não conhecia o verdadeiro fontanal deste rio, conhecimento que se deve ao barão de Eschwege. “Nas adjacências da fazenda da Casca da Anta, diz este ilustre sábio, há um rochedo talhado a prumo que tem mais de mil pés de alto e pertence à serra da Canastra (na encosta oriental). É duma quebrada desta rocha que rebenta o principal nascente do rio de São Francisco. Esta cascata merece ser vistal...” Abaixo desta rocha dirige-se este rio do sudoeste para o nordeste, engrossando-se com o tributo de vários ribeiros que o obrigam a fazer frequentes voltas. O primeiro tributário dalgum cabedal que se lhe incorpora pela margem esquerda é o rio Bambuí, e pela direita, doze léguas mais abaixo, o Lambari, e daí a dez léguas o rio Pará, e oito léguas depois dele o Paraopeba. Na margem esquerda abaixo desta última junção, se lhe incorporam sucessivamente a diversas distâncias um dos outros os rios Andaia, Borrachudo, Abaité, Paracatu, Urucaia, Pardo, Salgado, Japoré, e o Carinhenha, que serve de limite às províncias de Minas Gerais e da Bahia. Sobre a margem

direita, obra de cinquenta léguas abaixo do Paraopeba, recebe o rio de que tratamos as águas do Guaicuí ou das Velhas, que o engrossam do dobro. Até esta confluência seu curso é empachado com arrecifes, por entre os quais somente podem fazer caminho canoas, mas passada esta, por espaço de perto de duzentas e cinquenta léguas, navegam por ele à vela grandes embarcações. Oito léguas abaixo do confluente do Guaicuí ou rio das Velhas, vem juntar-se sobre a mesma margem o Jequitaiá, pouco caudaloso, e em todo o restante da província de Minas Gerais até o rio Verde que a separa da da Bahia, só se lhe incorporam alguns riachos que ficam secos uma parte do ano, o que não obstante, quando há cheias esta margem é alagada por espaço de dous, três e algumas vezes até seis léguas, e o mesmo acontece nas províncias da Bahia, Sergipe e Alagoas. Passado o rio Verde, extrema da província de Minas Gerais sobre a margem direita, rega o rio de São Francisco, na província da Bahia, as povoações de Bom Jardim, Bom Jesus; as vilas de Joazeiro, de Pambu, de Urubu, de Xiquexique, e as faldas da serra do Pão de Açúcar. Sobre a margem esquerda, sempre na mesma província, recolhe

os rios Correntes e Grande, a quarenta léguas um do outro, sessenta léguas mais adiante o Pajeú, e rega as vilas de Carinhenha, Barra do Rio Grande e Pilão Arcado; na província das Alagoas as aldeias Vargem Redonda, Canindé, e a vila do Penedo; e defronte na província de Sergipe a de Vilanova de São Francisco. Perto da embocadura do rio Grande tem o de São Francisco mais de seiscentas toesas de largura, e se conserva assim, fazendo uma volta para leste, e oferecendo algumas correntezas na vizinhança de diversas ilhas, por onde navegam com facilidade os barcos até a aldeia Vargem Redonda. Neste ponto fenece a grande navegação, porque dali em diante o leito do rio se vai estreitando, e suas margens alteando-se de sorte que só se pode navegar com ajoujos, que sobem à vela com a viração que se levanta em certas horas do dia, até o salto de Paulo Afonso. (V. *Paulo Afonso*.) Transportam-se então por terra as embarcações e fazendas não sem muitas dificuldades, e tornam-se a deitar no rio para se prosseguir a jornada antes e depois desta cachoeira. Com frequência acontece que as fazendas, que devem ir por este rio abaixo, são depositadas na aldeia Vargem Redonda, e dali conduzidas em bestas muares,

ou em carros puxados por bois obra de vinte léguas até a aldeia Canindé, e ali embarcadas em ajoujos com meia carga que as levam à vila do Penedo ou a Vilanova de São Francisco, que lhe fica de frente. Duas léguas abaixo do salto de Paulo Afonso, e na margem direita do rio de São Francisco, se lhe ajunta o Xingó, que não tem mor importância, tirando a de servir de extrema às províncias de Sergipe e Bahia. Enfim no cabo de cousa de vinte léguas de navegação entre rochedos praticáveis somente com ajoujos, chega-se à aldeia Canindé ou ao porto das Piranhas, meia légua mais abaixo, onde os ajoujos tomam a outra metade da carga: continuando a descer pelo rio abaixo encontra-se a pequena ribeira Jacaré, no cabo de perto de três léguas, e mais adiante em igual distância a ilha de Ferro, povoada de aves aquáticas, ponto onde fenecem os rochedos que encrespam as bordas deste rio. Seis léguas mais adiante seu curso é ainda dividido pela ilha do Ouro, semeada de rochas e coroada pela igreja de N. S. dos Prazeres. Os penedos alcantilados que acompanham ambas as margens do rio de São Francisco, a começar da Vargem Redonda, nas vizinhanças desta ilha, principiam insensi-

velmente a arrasarem-se. Os da margem esquerda fenecem na vila do Penedo, na província das Alagoas, e os da direita, meia légua mais adiante, perto de Vilanova de São Francisco. Os algodões, drogas de medicina e outros gêneros do sertão são depositados em armazéns nestas duas vilas, donde os olhos se alongam pelos vastos areais que medeiam entre elas e o Oceano. Sobem pelo rio acima os barcos, e ali tomam carga para as vilas do marítimo, onde estas fazendas recebem novos destinos. No cabo dum curso de quatrocentas léguas pouco mais ou menos, este rio, grande e majestoso no sertão do Brasil, vem mesquinhamente desaguar no mar, como já dissemos, por duas bocas desiguais, distantes entre si de três léguas: a do sul, chamada Aricari, não dá navegação a canoas senão depois das chuvas; mas a do norte, que é muito mais larga, tem em todo o tempo doze para quatorze pés d'água. Infelizmente há defronte dela um banco de areia onde as ondas se quebram, que a reparte em dous esteiros, dos quais o mais fundo, nas marés pequenas, apenas pouco mais terá de oito pés d'água. Os navios que sobem pelo rio acima não podem sair com carga senão no tempo das marés vivas. A

São Francisco

ponta da Manguinha, parte do continente que se adianta ao sul desta boca, jaz em dez graus, vinte e oito minutos e cinquenta segundos de latitude, e em trinta e oito graus, quarenta e três minutos e trinta e sete segundos de longitude ocidental. A umidade ocasionada pelas cheias faz que ali reinem endemicamente febres intermitentes que empecem o aumento da população.

São Francisco. Bahia que faz parte da de Niterói ou do Rio de Janeiro, que é por alguns chamada sacco por ser mais comprida que larga, tendo perto de uma légua de fundo e meia de largo em sua maior largura. A povoação de Jurujuba lhe fica dum banda perto do mar, e por detrás da fortaleza de Santa Cruz, a aldeia de Icarai da outra banda, no fundo a povoação de Viração, e à entrada a ilha da Boa Viagem, com um forte no meio da rampa.

São Francisco. Pequeno rio da ilha do Maranhão, formado pela junção dos ribeiros dos Vinhais e do Anil, os quais poderão ter duas léguas de curso. Entra a maré por este rio até a confluência dos sobreditos dous ribeiros, e lhe dá uma aparência majestosa. Em sua foz, e na margem que respeita

São Francisco das Chagas

ao norte, existe um forte do mesmo nome que defende a entrada do porto de São Luiz.

São Francisco das Chagas.⁵⁴³ Vila da província da Bahia, na comarca de Rio de São Francisco. (V. *Barra do Rio Grande*.)

São Francisco das Chagas de Monte Alegre.⁵⁴⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. (V. *Monte Alegre*.)

São Francisco de Borja.⁵⁴⁵ Antiga missão da província de São Pedro do Rio Grande, fundada pelos jesuítas em 1690, na margem esquerda do rio Uruguai, ao sul e na confluência do Içágua, e florescente no tempo destes religiosos, bem como mais seis de que consta atualmente a comarca das Missões. Nesta missão ou aldeia se pôs uma alfândega, em virtude dum decreto da assembleia geral de 1835, porém deste ano por diante sofreu grandemente por causa da rebelião que durou até 1845.

São Francisco de Paula.⁵⁴⁶ Antiga freguesia de São Pedro do Rio Grande. (V. *Pelotas*, cidade.)

São Francisco de Paula.⁵⁴⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena. O orago de sua igreja é o mesmo Santo. Teve o título de paróquia por virtude duma lei provincial de 9 de março de 1840, que lhe deu por filiais as igrejas do registo de Paraibuna e de N. S. do Rosário. Em 1842, criou-se nesta freguesia um colégio eleitoral que no ano seguinte foi formado de vinte e três eleitores. Seu termo pega, ao norte, com o da freguesia de Simão Pereira, e entesta ao poente no Paraibuna; ao nascente, no rio do Pinho; e ao sul, no rio Paraíba. Sobre o Paraibuna, há uma ponte de madeira feita em 1823 para serventia da estrada do Rio de Janeiro para Ouro Preto, que se desviou algum tanto da direção que antigamente seguia para se lançar a ponte, no lugar mais favorável do rio.

São Francisco de Paula.⁵⁴⁸ Povoação da província de Minas Gerais, nas cabeceiras do rio de São Francisco. (V. *São Francisco*, artigo 3º.)

São Francisco de Paula de Serra Acima.⁵⁴⁹ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, na vasta serra da Vacaria, entre o rio das Antas e as Torres. Alguns chamam a esta povoação *São Francisco da Vacaria*. Sua igreja, de que é orago o Santo de seu nome, depende da matriz de Nossa Senhora do Oliveira.

São Francisco do Sul. Rio ou antes braço do mar, quase angular entre a ilha do mesmo nome, e a terra firme da província de Santa Catarina. O primeiro Europeu que entrou numa baía apelidada pelos Índios Babitonga, foi Gabriel Lares de Souza, o qual a qualificou de rio de São Francisco, por a ter descoberto em 4 de outubro, dia deste Santo; porém, no princípio do século XVII, veio-se no conhecimento que tanto este suposto rio, com o chamado *Aracari*,

⁵⁴³ Atual cidade de Barra/BA. (N/E)

⁵⁴⁴ Atual cidade de Monte Alegre de Minas/MG. (N/E)

⁵⁴⁵ Atual cidade de São Borja/RS. (N/E)

⁵⁴⁶ Atual cidade de Pelotas/RS. (N/E)

⁵⁴⁷ Atual distrito de Torreões, município de Juiz de Fora/MG. (N/E)

⁵⁴⁸ Atual cidade de Capitólio/MG. (N/E)

⁵⁴⁹ Atual cidade de São Francisco de Paula/RS. (N/E)

nada mais eram que um esteiro que separava o continente da ilha, onde já então existia a vila de São Francisco, e que as águas de dous pequenos rios que vinham do poente, e as dum sem número de ribeiros que se lançavam nele em todo o comprimento da terra firme eram a causa que cada uma de suas duas partes corriam em diverso sentido. A boca do norte, ou baía de Babitonga, tem mais de uma légua de largura, no comprimento de perto de duas, e os navios que nela deitam ferro acham um fundo de vasa e de areia, e duas até doze braças d'água segundo o sítio em que surgem. No fundo da baía, o canal parece entrar pela terra dentro, estreitando-se no ponto em que as águas cessam de correr para o nordeste, seguem o rumo de sueste com o nome de Aracari, e vão se lançar no mar, no cabo de mais cinco léguas de caminho, defronte do grupo das ilhas dos Remédios. O rio ou antes o canal Aracari tem pelo menos duzentas toesas de largo, porém não dá navegação senão a canoas e chalupas por ter pou-

co fundo, e por ser empachado, em todo o seu comprimento, com multiplicadas ilhas: nele deságuam obra de vinte ribeiros do continente, dos quais os de mor cabedal são o Piraquê, perto da barra do dito canal; o Saguaçu; o Cubatão, mais possante de todos; o dos Cavalinhos, o de São João de Três Barras e o Jaguaruna, perto da baía de Babitonga.

São Francisco Xavier.⁵⁵⁰

Povoação da província e comarca de Mato Grosso, algumas vezes apelidada *Chapada do Brumado*, nome que deram os primeiros exploradores à garganta das serras em que está situada, seis léguas a leste da cidade de Mato Grosso, em quatorze graus, quarenta e sete minutos de latitude. Foram as suas minas de ouro descobertas em 1734 pelos irmãos Barros, e o metal que ao princípio se tirou tocava até vinte e quatro quilates, mas custava muito o havê-lo, por não haver naquele sítio água suficiente. O sargento-mor Antônio Fernandes de Abreu, que foi mandado de Cuiabá para arrecadar o quinto, repartiu as terras auríferas com

diversos aventureiros, os quais erigiram uma igreja a São Francisco, que serviu de paróquia desde o ano de 1737 até que, tendo sido criada paróquia a igreja de Vila Bela, passou a ser filial dela. Os moradores das terras desta povoação, cuja terça parte é oriunda de Índios, são pouco mais ou menos novecentos. Cultivam víveres, fazem criações de gado, e tratam de extrair ouro.

São Gabriel.⁵⁵¹ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Caçapaba, perto do rio Taquarembó, cognominada também Batuvi e Vacaí. A igreja desta povoação era em outro tempo filial da matriz da vila da Cachoeira, porém deve de ter sido anexada à de Caçapaba, se é que não foi elevada à categoria de paróquia.

São Gabriel.⁵⁵² Forte brasileiro da província do Pará, na Guiana brasileira. Fica a cavaleiro da cachoeira de Crocobi, na margem direita do rio Negro, duas léguas abaixo da freguesia de Nazaré, e tem ao pé uma aldeia de Índios da tribo Baré. (V. *Negro*, rio.)

⁵⁵⁰ Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

⁵⁵¹ Atual cidade de São Gabriel/RS. (N/E)

⁵⁵² Atual cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM. (N/E)

São Gabriel

São Gabriel. Ilha do rio da Prata, perto da Colônia do Sacramento.

São Gonçalo.⁵⁵³ Nova vila da província do Rio Grande do Norte, na margem esquerda do rio Potengi ou Grande, três léguas ao poente da cidade do Natal. Esta povoação tendo engrossado em gente, a assembleia geral, por decreto de 3 de outubro de 1832, a dotou duma escola de primeiras letras. Sua igreja, cujo orago é o Santo do seu nome, andava anexada à matriz da cidade; porém uma lei provincial de 28 de março de 1835 lhe conferiu o título de paróquia, e demarcou-lhe o termo que encerra os nascentes do rio Potengi ou Grande: outra lei posterior da mesma assembleia a elevou afinal à categoria de vila.

São Gonçalo.⁵⁵⁴ Linda povoação e antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói. Um certo Gonçalo Gonçalves, tendo alcançado uma sesmaria na margem esquerda do rio Guaxindiba, mandou edificar uma igreja que dedicou a São Gonçalo de Amarante, a

qual foi criada paróquia por alvará de 10 de fevereiro de 1647, e teve por filiais as igrejas de N. S. da Luz, no campo de Itaoca; de São Francisco, na povoação de Quibangaça ou Quibango; de N. S. da Esperança, na de Piba Pequena, com mais algumas capelas, como a de Santana, no engenho de Culabandé. Jaz esta povoação num sítio aprazível, ao pé dum monte por onde passa a estrada imperial, e é ornada de duas ordens de casas térreas pela maior parte, e as de sobrado com um só andar, sobre as quais se eleva a igreja e sua torre. Seu termo confronta com os de Itambi e da vila de Itaboraá, da banda do norte; da de leste, com o da vila de Maricá; da do sul, com o da cidade de Niterói; e da de oeste, é banhado pelas águas da baía, onde existem várias ilhas povoadas de sua dependência. Contam-se nele obra de trinta engenhos e fábricas de aguardente, e dez fornos de telha e tijolo. As terras chãs são ligeiras, e próprias para abóboras, melancias e tomates, frutas que têm extração nos mercados do Rio de Janeiro, juntamente com o café que se colhe nas altas, e os

produtos das fábricas, o que tudo se embarca nos pequenos portos de Boassu, Guaxindiba, Porto Novo, Porto Velho e Ponta de São Gonçalo. É este termo regado por muitos ribeiros, parte afluentes do Guaxindiba, parte tributários da baía. A população é de pouco mais ou menos dez mil habitantes, repartidos pelas povoações de Boassu, Calabandé, Gambu, Itaoca, Piba, Quibangaça e outras.

São Gonçalo.⁵⁵⁵ Primeira povoação fundada pelos descendentes dos europeus na província de Mato Grosso. Os companheiros de Pascoal Moreira Cabral, depois de haverem explorado diversos ribeiros tributários do rio Cuiabá, se ajuntaram na aldeia deserta dos Cuxipós, que haviam sido em grande parte mortos pelos que iam fazer escravos nos anos antecedentes; e depois de fazerem algumas cabanas trataram de semear alguns víveres para se sustentarem, enquanto lhes chegavam os instrumentos necessários para se empregarem na lavra das minas. Pascoal Moreira Cabral foi nomeado capitão e guarda-mor do quinto d'El-

⁵⁵³ Atual cidade de São Gonçalo do Amarante/RN. (N/E)

⁵⁵⁴ Atual cidade de São Gonçalo/RJ. (N/E)

⁵⁵⁵ Atual distrito de Coxipó do Ouro, município de Cuiabá/MT. (N/E)

São Gonçalo

Rei, por nomeação de seus companheiros, até a chegada do que fosse nomeado pelo governador de São Paulo. Com o andar do tempo edificou-se uma igreja perto da confluência do rio Cuxipó, que foi longo tempo filial da matriz da cidade de Cuiabá. (V. *Cuxipó*.)

São Gonçalo.⁵⁵⁶ Freguesia da província da Bahia, no distrito da vila de Santo Amaro, chamada vulgarmente *São Gonçalo de Campos*, para a distinguir doutras povoações do mesmo nome. São Gonçalo de Amaranete é o orago de sua igreja, que foi criada paróquia em 1698 pelo arcebispo D. João Francisco de Oliveira, que foi o primeiro que fez a visita de sua diocese até as matas do rio de São Francisco. Fica esta freguesia duas léguas ao nor-nordeste da vila cabeça de seu distrito. Seus habitantes lavram grande quantidade de tabaco, além dos víveres do consumo.

São Gonçalo.⁵⁵⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, quatro léguas oés-sudoeste da cidade de Campanha. Sua

igreja, da invocação do Santo do seu nome, foi criada paróquia por consulta de 23 de julho de 1819. Seu termo estende-se ao poente pela margem esquerda do rio Sapucaí até a junção do rio Verde, e pega ao norte com o termo da freguesia da cidade. Seus habitantes são mineiros, criadores de gado, e lavradores de víveres.

São Gonçalo. Povoação da província das Alagoas, sobre o rio Una, dez léguas ao norte da vila de Porto Calvo. Teve origem em certa ermida que existia no princípio do século XVII, na cabeceira do rio já mencionado. Avalia-se a povoação dela e de seus arredores em trezentos habitantes, que se acham derramados pelas matas e pela margem direita do rio, e cuja indústria consiste no cultivo dos algodões, dos víveres ordinários, e na preparação de madeiras de construção, que transportam até perto da povoação de Una a pequena distância do mar.

São Gonçalo.⁵⁵⁸ Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do

rio Guaicuí ou das Velhas, vinte e duas léguas ao norte da vila de Curvelo. O orago de sua igreja é o Santo do seu nome, e ela depende da da povoação da Barra das Velhas.

São Gonçalo.⁵⁵⁹ Povoação da província de Minas Gerais, perto dum ribeiro do mesmo nome, tributário do rio Jequitinhonha. Está situada na estrada que vai da cidade Diamantina para a do Serro.

São Gonçalo.⁵⁶⁰ Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, com uma capela do Santo do seu nome.

São Gonçalo. Nome que se dá vulgarmente, com a qualificação de rio, a um canal largo pelo qual a lagoa Mirim comunica com a dos Patos, na província de São Pedro do Rio Grande. Poderá ter este canal quatorze léguas de lagoa a lagoa, e recolhe vários rios e ribeiros pela margem ocidental que é pantanosa e alagadiça na estação das chuvas; tem em geral bastante fundo, mas mui pouco em sua junção com a lagoa dos Patos, de sorte que

⁵⁵⁶ Atual cidade de São Gonçalo dos Campos/BA. (N/E)

⁵⁵⁷ Atual cidade de São Gonçalo do Sapucaí/MG. (N/E)

⁵⁵⁸ Atual cidade de Pirapora/MG. (N/E)

⁵⁵⁹ Atual distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, município do Serro/MG. (N/E)

⁵⁶⁰ Núcleo de São Gonçalo, município de Sousa/PB. (N/E)

São Gonçalo da Estiva

só barcos podem nela entrar. Se acreditarmos no que diz Nicolau Dreys, existe um rio de São Gonçalo que, nascendo da parte do norte perto do Jaguarão, corre primeiro entre matas e logo depois por terras pantanosas, atravessando-as do nascente ao poente até se incorporar com este canal, cujas águas fariam ainda cinco léguas mais de caminho antes de ajuntarem-se com a lagoa dos Patos. Talvez seja engano do autor e que o que ele chamava rio de *São Gonçalo*, não seja outro senão o Piratinim.

São Gonçalo da Estiva.⁵⁶¹ Freguesia da província da Bahia. (V. *Estiva*.)

São Gonçalo da Ponte.⁵⁶² Povoação da província de Minas Gerais, dezoito léguas pouco mais ou menos, ao poente da cidade de Ouro Preto, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, declarada filial da matriz da freguesia do Bonfim, por lei da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

São Gonçalo de Goitacases.⁵⁶³ Freguesia da província

do Rio de Janeiro, entre o termo da freguesia da cidade de Campos e a lagoa Feia. Desde o ano de 1722 havia neste lugar uma igreja fundada por um particular, e dedicada a São Gonçalo, que era filial da igreja de São Salvador da vila de Campos; um edito de 11 de setembro de 1763 a elevou à categoria de paróquia, o que foi confirmado por alvará de 20 de outubro de 1795, e por carta régia de 11 de novembro de 1797. Seu termo, que é pequeno e fica ao norte da lagoa Feia, encerra oitocentos até novecentos fregueses que lavram canas, milho, mandioca e feijões, fabricam açúcar e aguardente, e ambos estes produtos dão grande rendimento anualmente aos fazendeiros, que dão que fazer a mil e quinhentos escravos, pertencentes pela maior parte aos conventos.

São Gonçalo do Amarante.⁵⁶⁴ Pequena vila da província de Piauí, dezoito léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Oeiras, e cinco arredada da confluência do rio Canindé com o Parnaíba. Foi originariamente uma aldeia criada em 1766

para morada dos Índios Acroás e Gueguês, que viviam dispersos nas serras donde nasce o Parnaíba. Desampararam-na os Índios conquanto as terras de sua vizinhança fossem excelentes, e o sítio aprazível. Algumas famílias deles vieram em diversos tempos povoá-la sem que o país por isso prosperasse; porém como se lhes agregassem no começo do século em que estamos alguns Portugueses, julgou-se que era conveniente elevar a igreja, cujo orago era São Gonçalo do Amarante, à dignidade de paróquia, e de conferir à povoação o título e prerrogativas de vila, na esperança de que por aquele meio se promoveria a agricultura das terras, e o aumento do comércio e da população. O decreto de 6 de julho de 1832, que lhe conferiu o título de vila, assinalou-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia, com parte do distrito da vila de Jurumenha e parte do de Valença. Avalia-se a população desta vila e de seu distrito a mil e oitocentos moradores, que cultivam alguns mantimentos para seu próprio consumo, e lavram bastante algodão. Faziam nas serras

⁵⁶¹ Atual distrito de Estiva, município de Jaguaripe/BA. (N/E)

⁵⁶² Atual cidade de Belo Vale/MG. (N/E)

⁵⁶³ Atual distrito de Campos, município de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

⁵⁶⁴ Atual cidade de Amarante/PI. (N/E)

deste distrito os periquitos e outras aves daninhas tais estragos, que uma lei provincial de 4 de outubro de 1833 obrigou os moradores a apresentarem cada um todos os anos vinte cabeças dos sobreditos periquitos.

São Gonçalo do Amarante de Tiúba.⁵⁶⁵ Povoação da província da Bahia, na comarca de Jacobina. (V. *Tiúba*.)

São Gonçalo do Brumado.⁵⁶⁶ Povoação da província de Minas Gerais, cinco léguas a oés-sudoeste da cidade de São João del Rei, na margem esquerda do rio das Mortes. Sua igreja, da invocação de São Gonçalo, era filial da matriz desta cidade, porém foi anexada à da freguesia da Conceição da Barra, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

São Gonçalo do Pé do Banco.⁵⁶⁷ Freguesia da província de Sergipe, sobre o rio do mesmo nome; sua igreja, que era primitivamente dedicada a Jesus, Maria, José, foi

criada paróquia em 1698 com a invocação de São Gonçalo.

São Gonçalo do Rio Preto.⁵⁶⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito do Serro. (V. *Rio Preto*, artigo 3º.)

São Gonçalo dos Campos.⁵⁶⁹ Antiga freguesia da província da Bahia, dez léguas ao nor-noroeste da vila de Santo Amaro. Sua igreja, cujo orago é o Santo do seu nome, foi criada paróquia em 1698, pelo quarto Arcebispo do Brasil D. João Franco de Oliveira. A assembleia geral, por decreto de 16 de junho de 1832, lhe concedeu uma escola de primeiras letras, e uma lei provincial de 4 de abril de 1840 uma lotaria, cujos benefícios seriam aplicados ao conserto de sua igreja. Os habitantes de seu termo cultivam os víveres de seu consumo, e grande quantidade de tabaco para venda.

São Gonçalo dos Cocos.⁵⁷⁰ Povoação da província do Ceará, no distrito da nova vila

São Jerônimo

de Ipu Grande. Está assentada na serra dos Cocos, quase sessenta léguas ao poente da cidade da Fortaleza. Sua igreja, da invocação do Santo do seu nome, foi longo tempo paróquia do vasto termo a que pertencia Vilanova del-Rei. Tirou-se lhe uma parte para fazer o de Santa Quitéria, criada paróquia em 1822, porém por lei provincial de 26 de agosto de 1840, foi este título transferido para a igreja de São Sebastião da vila de Ipu Grande, que passou a ser paróquia em virtude da mesma lei, de quem a de São Gonçalo ficou sendo filial. Os moradores desta parte da serra dos Cocos são quase todos Índios, cultivam alguns víveres, mas vivem com especialidade das veações que matam andando à caça.

São Jerônimo. Serra da província de Mato Grosso, cousa de dez léguas a leste da cidade de Cuiabá. A aldeia de Santana está assentada nesta serra, e ao lado dela se acha a garganta ou azinhaga, chamada Chapada de Guimarães.

⁵⁶⁵ Atual cidade de Itiúba/BA. (N/E)

⁵⁶⁶ Atual distrito de São Gonçalo do Amarante, município de São João del Rei/MG. (N/E)

⁵⁶⁷ Atual cidade de Siriri/SE. (N/E)

⁵⁶⁸ Atual cidade de São Gonçalo do Rio Preto/MG. (N/E)

⁵⁶⁹ Atual cidade de São Gonçalo dos Campos/BA. (N/E)

⁵⁷⁰ Atual distrito de Matriz, município de Ipuairas/CE. (N/E)

São Jerônimo

São Jerônimo.⁵⁷¹ Povoação da província de Minas Gerais, obra de sete léguas a és-nordeste da vila de Pitangui, com uma igreja da invocação de seu Santo.

São João.⁵⁷² Vila da província da Paraíba. (*V. Vila Real de São João.*)

São João.⁵⁷³ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões, fundada pelos jesuítas em 1698, por sugestão dos quais as nações Charruas e Tapes quiseram tolher o passo à escolta dos comissários encarregados da demarcação dos limites dos sertões das colônias portuguesas e espanholas. As tropas combinadas de ambas as nações mandadas contra elas entraram na aldeia de São João, em 11 de junho de 1756. Sua igreja paroquial é dedicada a São João Batista. Os Índios que nela residiam antes da expulsão dos jesuítas eram em grande número; porém depois da extinção desta ordem espalharam-se pela província de São Pedro do Rio Grande, assim que o número atual de seus habitantes apenas chega a seiscentos,

entrando nesta conta obra de cinquenta brancos que cultivavam alimentos, e fazem suas criações de gado.

São João.⁵⁷⁴ Aldeia da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, dezesseis léguas ao nor-noroeste da vila de Salgado. Sua igreja depende da matriz desta vila, e tem por padroeiro São João Batista. Há muito tempo que esta aldeia solicita o título de vila; porém a pouca importância dela e de sua população motivaram sempre a negativa das assembleias legislativas.

São João. Aldeia da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá. Em 1769 o governador Luiz Pinto de Souza deu-lhe o nome de Lamego, que foi logo depois posto em esquecimento, pelo do orago de sua igreja fundada em 1751. Seu termo começa a leste da mencionada cidade e se estende até as serras, que separam da província de Mato Grosso a de Goiás. Avalia-se a sua população em mil Índios que cultivam muita pouca cousa, e vivem num estado vizinho do da natureza.

São João.⁵⁷⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Minas Novas, de que está arredada onze léguas da banda do sul. Foi originalmente um registo estabelecido no século XVIII, com uma igreja da invocação de São João Batista, que foi elevada à categoria de paróquia, por uma lei provincial que lhe assinalou por filial a igreja de N. S. da Graça.

São João. Freguesia da província de Piauí, no distrito da cidade de Oeiras, perto do nascente do rio que dá nome à província. Sua igreja, cujo orago é São João Batista, foi elevada à categoria de paróquia por lei da assembleia provincial.

São João. Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha, quinze léguas ao sudoeste da cidade de Minas Novas. Consta esta povoação de obra de cem casas apinhadas ao redor duma igreja, cujo orago é São João Batista. A igreja foi edificada em 1765 no meio duma praça irregular, às expensas dum dos moradores

⁵⁷¹ Atual distrito de São Jerônimo das Poços, município de Campos Altos/MG. (N/E)

⁵⁷² Atual cidade de São João do Cariri/PB. (N/E)

⁵⁷³ Atual distrito de São João das Missões, município de São Miguel das Missões/RS. (N/E)

⁵⁷⁴ Atual cidade de Itacarambi/MG. (N/E)

⁵⁷⁵ Atual cidade de Itamarandiba/MG. (N/E)

chamado Faustino Pires Chaves, e é atualmente filial da matriz da cidade. Seus habitantes colhem milho, arroz e feijão, que levam a vender aos mercados das cidades de Minas Novas e Diamantina, onde de ordinário acham extração. Criam também algum gado.

São João. Povoação medíocre da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Piracicaba, com uma igreja da invocação de São João Batista. Fica esta povoação vinte e cinco léguas a és-nordeste da cidade de Ouro Preto.

São João.⁵⁷⁶ Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, com uma capela da invocação de São João Batista.

São João. Lugarejo da província de Paraíba, na cabeceira e sobre a margem esquerda do rio Mamanguape, no distrito da vila de Montemor, com uma igreja da invocação de São João Batista, filial da matriz da vila.

São João.⁵⁷⁷ Povoação da província do Ceará, no distrito da

vila de São Bernardo, na margem direita do rio Jaguaribe, com uma capela da invocação de São João Batista.

São João.⁵⁷⁸ Povoação da província do Rio de Janeiro, na foz do rio de São João. (V. *Barra do Rio de São João*.)

São João.⁵⁷⁹ Povoação da província de São Paulo, na margem do Capibari. (V. *Capibari*, vila.)

São João. Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila do Triunfo.

São João. Forte da província do Rio de Janeiro, na entrada da baía de Niterói. Está assentado a meia colina do monte que serve de base ao penhasco apelidado Pão de Açúcar. Seu fogo cruza com o do forte da Lage, e defende a entrada do sul, que dizem ser arriscada para os navios de alto bordo, não porque tenha pouco fundo, mas sim por serem nela de menos feição os ventos do que na vasta boca que jaz entre o sobredito forte da

São João

Lage, e a fortaleza de Santa Cruz.

São João. Forte do continente da província de Santa Catarina, edificado, no fim do século passado, pelo governador da ilha do mesmo nome João Alberto de Miranda Ribeiro, num cômoro da baía de Santa Catarina, na parte mais estreita dela, e defronte do forte de Santana.

São João. Grupo de ilhas sitas trinta léguas ao poente da do Maranhão. Acham-se estas ilhas, que são quatro, defronte da embocadura do rio Turinama, e pegam umas com outras por via dum banco cuja parte oriental elas ocupam. Entre este banco e o continente corre um esteiro de obra de uma légua de largura com bastante fundo, entre cada ilha existe uma passagem estreita. A maior delas é a que fica ao poente das outras, na mesma latitude, e pode ter uma légua de comprimento e meia de largura. A ponta da primeira, que está voltada para o oriente, acha-se em um grau, dezoito minutos e quarenta e

⁵⁷⁶ Atual cidade de São João do Rio do Peixe/PB. (N/E)

⁵⁷⁷ Atual cidade de São João do Jaguaribe/CE. (N/E)

⁵⁷⁸ Atual cidade de Casimiro de Abreu/RJ. (N/E)

⁵⁷⁹ Atual cidade de Capivari/SP. (N/E)

São João

cinco segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, dez minutos e dous segundos de longitude ocidental. Estas quatro ilhas são todas rasas, vestidas de árvores, povoadas de aves e de veação. Ao norte delas há outro baixo, arredado do de que já falamos, chamado *Parcel de São João*. São estas ilhas atualmente mais conhecidas, do que eram antes do naufrágio do barco de vapor chamado o *Maranhão*, que se perdeu na de Maracajá, em 25 de março de 1841.

São João. Rio da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra de Santana, sendo os seus primeiros fontanais os ribeiros do Pati e d'Águas Claras, recolhe sucessivamente pela margem esquerda o Curubichas, Bananeira, Ipuca, da Lontra e Dourado, e pela direita, o do Gavião e de Ouro, e o rio Bacaxá, depois de atravessar a lagoa Juturnaíba. Os rios tributários do de São João e desta lagoa servem para o transporte em jangadas das madeiras de construção que vêm de sítios muito arredados do mar. As lanchas sobem com a maré pela embocadura do rio de São João, que fica

defronte da freguesia da Barra do Rio de São João, mas a outra boca, que atravessa a estrada real, carece de ponte para a serventia da dita estrada, e os passageiros experimentam o mesmo dissabor que na foz do rio Macaé.

São João. Rio da província de Mato Grosso. Dão-lhe nascerça vários ribeiros que descem das serras que estão em poder dos Índios Caiapós, perto das vertentes e a leste do rio Xingu, passa junto duma grande lagoa que o engrossa com o supérfluo de suas águas, e vai incorporar-se com o rio Araguaia pela margem esquerda, pouco mais ou menos, doze léguas abaixo da confluência do rio das Mortes.

São João. Ribeiro da província de Paraíba, um dos primeiros tributários do rio que dá nome à província. Rega o distrito de Vilanova de São João, e dá navegação somente a canoas na estação das chuvas.

São João. Ribeiro da província de Santa Catarina. Nasce perto das cabeceiras do Guaratuba, corre no rumo do sul, recolhendo os ribeiros insignifi-

ficantes de Maria Bachara e das Farinhas, e vai levar o tributo de suas águas ao canal que separa a ilha de São Francisco do continente, por uma larga boca, recolhendo quase defronte um do outro os ribeiros Furta Enchente e Três Barras. Navegam as lanchas e canoas três léguas por este rio, a que alguns chamam *São João das Três Barras*.

São João Batista.⁵⁸⁰ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões. (V. *São João*, aldeia.)

São João Batista.⁵⁸¹ Freguesia da província de Santa Catarina. (V. *Rio Vermelho*, artigo 2º.)

São João Batista. Lugarejo da província de Pernambuco, na ilha de Itamaracá, com um engenho, e uma capela da invocação do Santo do seu nome.

São João Batista.⁵⁸² Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, com uma igreja dedicada ao Santo do seu nome, filial da povoação de Passa Tempo, novamente elevada à

⁵⁸⁰ Atual distrito de São João das Missões, município de São Miguel das Missões/RS. (N/E)

⁵⁸¹ Atual distrito de São João do Rio Vermelho, município de Florianópolis/SC. (N/E)

⁵⁸² Atual distrito do Morro do Ferro, município de Oliveira/MG. (N/E)

São João da Barra

categoria de paróquia, por virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

São João Batista de Mabé. Povoação da Guiana brasileira, nas margens do rio Negro. (V. *Mabé*.)

São João Batista de Mamaçuá. Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Mamanguá*.)

São João Batista do Presídio.⁵⁸³ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Presídio de São João Batista*, vila.)

São João da Anadia.⁵⁸⁴ Antiga povoação da província de Pernambuco, hoje pertencente à das Alagoas. (V. *Anadia*, vila.)

São João da Barra.⁵⁸⁵ Pequena vila da província do Rio de Janeiro, sete léguas pouco mais ou menos a és-sueste da cidade de Campos, sobre a margem direita, e na embocadura do rio Paraíba, em vinte e um graus e trinta e oito minutos de latitude, e em quarenta e três graus e vinte e quatro minutos de longitude

ocidental. Dizem que fora fundada pelos primeiros colonos que aportaram nesta terra antes de se estenderem pelo sertão dela; mas a ser assim seria mister que os Índios os tivessem dali expulsado. Crê-se com mais probabilidade que alguns novos colonos que ali aportaram edificaram em 1630 uma igreja que dedicaram a São João Batista, e que foi confirmada em 1644 pelo primeiro prelado do Rio de Janeiro, Antônio de Marins de Loureiro. Passados anos, Martin Correia de Sá, visconde de Asseca, tendo de criar duas vilas nos campos de Goitacases, de que lhe havia sido feita de novo doação, criou a primeira na sesmaria de seu pai, onde existia a igreja de São Salvador, que servia de matriz, e a segunda na povoação de São João, que gozou constantemente das prerrogativas de município, desde 1677, com o nome de São João da Barra. É mister que se não confunda esta vila com a povoação da Barra de São João, que jaz oito léguas ao norte de Cabo Frio. Está esta vila assentada num banco de areia que não admite espécie alguma de agricultura por sua natural aridez, e deve

o ter-se conservado a uma circunstância particular, e vem a ser a estada que são obrigados a fazer os navios fora ou dentro da barra do rio, quando os ventos a entulham de areia. Esta vila, bem como a de Campos, foram desanexadas da província do Espírito Santo, a que pertenciam havia um século, por lei de 31 de agosto de 1832. Tem escola de primeiras letras desde 1836, posto que o decreto de sua criação fosse de 25 de outubro de 1831, e foi escolhida para cabeça dum colégio eleitoral em 1839, o qual no ano seguinte constou de dezesseis eleitores. Seu distrito acha-se separado, da parte do norte, da província do Espírito Santo pelo rio Cabapuana; da parte do nascente, entesta no mar, desde este rio até o cabo de São Tomé; da do sul, pega com o distrito da cidade de Campos; e pelo mesmo teor da banda do poente pouco mais ou menos, a três léguas do mar, segundo as lagoas e rios que lhe servem de confrontações. Avalia-se atualmente a sua população em mais de dous mil moradores, que se aplicam ao comércio, e principalmente à pesca, e

⁵⁸³ Atual cidade de Visconde do Rio Branco/MG. (N/E)

⁵⁸⁴ Atual cidade de Anadia/AL. (N/E)

⁵⁸⁵ Atual cidade de São João da Barra/RJ. (N/E)

São João da Bocaina

alguns à construção de navios costeiros.

São João da Bocaina. Povoação da província de Mato Grosso, obra de doze léguas ao norte da cidade de Cuiabá. Fundou-a Francisco Lopes de Sá, vigário de Poconé em 1814, e povoou-a de Índios Paiaguás, aos quais doutrinou, e fez-lhes erigir uma igreja da invocação de São João Batista.

São João da Cachoeira. Freguesia da província do Pará, no distrito da vila de Ourém. A câmara desta vila anda solicitando da assembleia provincial um subsídio para o conserto da igreja paroquial, que está sobremaneira arruinada, visto serem pobres os seus moradores.

São João da Lagoa de Freitas.⁵⁸⁶ Freguesia da província do Rio de Janeiro. Teve princípio num engenho que tinha uma capela de N. S. da Conceição, onde antes de 1732 iam ouvir missa os moradores vizinhos. Na chegada da família real ao Brasil, em 1809, foi comprado por conta do governo o sobredito engenho, e convertido numa fábrica de pólvora, e a capela havendo

sido reedificada com maiores dimensões, converteu-se em uma igreja que foi elevada à categoria de paróquia com o orago de São João Batista, por alvará de 13 de maio de 1809, e desde então começaram a chamá-la São João da Lagoa de Freitas, por isso que ficava perto da lagoa deste nome. Seu termo acha-se limitado, da parte do norte, pelas serras do Tejuco até a margem da baía de Botafogo; da de leste e do sul confronta com o Oceano; e da do oeste, com o termo da freguesia de Jacarepaguá, e encerra as povoações de Broco, Copacabana, Botafogo, Praia Vermelha, São Clemente, além doutras muitas derramadas por diversos pontos. Neste termo se acham também os fortes de São João, na falda do Pão de Açúcar; e da Praia Vermelha, que tem uma caserna onde se podem alojar dous mil homens de artilharia e de infantaria; e de Copacabana, que defende a entrada dum garganta que fica fronteira ao mar, e o da Lagoa de Feitas, que completa o sistema defensivo da capital por aquele lado. Este termo é regado dum sem número de ribeiros que nascem das serras e o fertilizam, mas nenhum deles dá navega-

ção a canoas. A lagoa de Feitas dá excelente pescado, e as terras anexas à fábrica de pólvora foram convertidas no reinado d'El-Rei D. João VI num jardim botânico que recebeu sucessivamente vários aumentos, especialmente depois que a mencionada fábrica de pólvora foi transferida para o fundo da baía de Niterói. O governo imperial conserva com grandes despesas, e mantém em bom estado o Jardim botânico, com o intuito de propagar no Brasil todas as plantas exóticas que se podem afazer ao clima.

São João da Palma.⁵⁸⁷ Vila da província de Goiás, num ângulo ou ponta de terra, entre o rio da Palma e o Paranã, de cuja reunião resulta o Paranatinga, cento e dezoito léguas ao norte da cidade de Goiás, em doze graus e vinte e seis minutos de latitude. O sítio em que está assentada havia pertencido aos jesuítas, que nele fundaram uma aldeia com uma igreja dedicada a N. S. da Conceição, onde doutrinaram grande quantidade de Índios de diversas tribos; porém, com a extinção desta ordem, o maior número dos catecúmenos se retraíram

⁵⁸⁶ Atual cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁵⁸⁷ Atual cidade de Paranã/TO. (N/E)

às matas para nelas viverem, e os que ali permaneceram se viram expostos às incursões do gentio. O príncipe regente, desejando tirar proveito dum sítio tão acomodado para a renovação e aumento da população do norte da província de Goiás, por alvará de 25 de fevereiro de 1814, concedendo o título de vila, com o nome de São João da Palma, aos restos da antiga povoação dos jesuítas, a destinou para cabeça da comarca das Duas Barras, que tinha sido criada havia cinco anos. Pelo mesmo alvará ficavam os que fossem residir para as vilas de São João da Palma e de São João das Duas Barras dispensados do pagamento dos dízimos e décimas por tempo de dez anos. Por decreto da assembleia geral de 7 de junho de 1831, criou-se uma escola de primeiras letras nesta vila, que com o correr do tempo veio também a ser cabeça dum colégio eleitoral. Os moradores de seu distrito, que são ainda em pequeno número, fazem criações de gado que mandam para as províncias marítimas, e cultivam os víveres necessários para seu consumo. A vila de São João da Palma foi

algum tempo cabeça duma das quatro comarcas em que se achava repartida a província de Goiás; porém, com as novas divisões efetuadas pela assembleia provincial deixou de o ser, por não haver mais comarca deste nome. A meia légua desta vila e ao norte dela, perto da estrada que vai para a Carolina, foi achada em 1841 uma fonte d'água mineral que dizem ser efficacíssima nas hidropisias, retenções de urina, cancros uterinos, hemorragias, obstruções do fígado, amenorreias e outras doenças internas.

São João da Praia.⁵⁸⁸ Povoação mui antiga da província do Rio de Janeiro. (V. *São João da Barra*, vila.)

São João das Almas. Antiga aldeia da província do Pará. (V. *Vigia*, vila.)

São João das Duas Barras.⁵⁸⁹ Vila da província de Goiás. Foi originalmente um registo colocado na confluência do rio Araguaia com o dos Tocantins, para vigiar sobre o extravio do ouro e dos diamantes. O príncipe regente, por decreto de 18 de março de

São João das Três Barras

1809, dividiu a província de Goiás em duas comarcas, e ordenou a criação duma vila que teria o nome de São João das Duas Barras, pelo mesmo teor que a comarca de que havia de ser cabeça; porém como esta nova vila se achasse nos confins da comarca, estabeleceu-se por cabeça dela, no decurso de 1814, a vila de São João da Palma. O registo ainda existe, porém a vila está reduzida a bem pouca cousa, sobretudo depois que a nova vila de Carolina foi escolhida pela assembleia provincial para cabeça da comarca de seu nome: o que não obstante, o governo provincial poderia dar-lhe vida, favorecendo a colonização das terras de seu distrito que são de mui boa lavra, e se acham numa posição favorável para o comércio, em razão dos meios de transporte que oferecem o Tocantins e o Araguaia, concedendo dispensa dos direitos, e trazendo à civilização os Índios, que são já muito mais conversáveis do que dantes eram.

São João das Três Barras. Ribeiro da província de Santa Catarina. (V. *São João*, artigo 20.)

⁵⁸⁸ Atual cidade de São João da Barra/RJ. (N/E)

⁵⁸⁹ Atual cidade de Marabá/PA. (N/E)

São João de Atibaia

São João de Atibaia.⁵⁹⁰ Vila da província de São Paulo. (V. *Atibaia*, vila.)

São João de Benfca.⁵⁹¹ Freguesia da província de São Paulo, no distrito de Sorocaba. (V. *Tatuú*.)

São João de Campo Belo.⁵⁹² Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Resende. Os moradores dela solicitaram em 1840 o título de paróquia, para a sua igreja de que é orago São João Batista.

São João de Cortes.⁵⁹³ Antiga aldeia da província do Maranhão, no distrito da cidade de Alcântara, na margem meridional da baía de Cumá, treze léguas ao noroeste da cidade de São Luiz. Suas terras são mui produtivas, e todavia apenas se os seus moradores colhem o arroz e mandioca de que hão mister, e algum algodão que exportam para a cidade de São Luiz.

São João de Ipanema.⁵⁹⁴ Freguesia da província de São Paulo, no distrito de Sorocaba, de que fica arredada três lé-

guas, sobre o ribeiro Ipanema. Sua igreja foi edificada em 1810 para os oficiais da real fábrica de ferro, com o orago de São João Batista, e elevada à categoria de paróquia por decisão régia de 19 de agosto de 1817. No ano seguinte, transferiu-se a pia para uma capela que havia em Tatuú, que foi então chamada São João de Benfca. É no termo desta freguesia, que foi desanexado do de Sorocaba, que está situada a serra Guaraçoiava, onde o Vicentista Afonso Sardinha descobriu em 1578 uma mina de ferro de que tirou grande proveito por conta de D. Francisco de Souza, herdeiro de Martim Afonso de Souza, e seu irmão Pedro de Souza, primeiros donatários das capitâneas de São Vicente e de Santo Amaro. O mencionado Afonso Sardinha também ali encontrou um veiro de prata, de cuja extração tomou conta o governo; mas como fossem grandes as despesas, tudo foi em breve posto de parte, e ficaram aqueles sítios despovoados até o ano de 1803, época em que alguns naturalistas, explorando as serras do distrito de

Sorocaba, vieram no conhecimento da verdadeira importância das minas de ferro da serra de Guaraçoiava. Passados sete anos, mandou o príncipe regente vir de Suécia com não pequena despesa uma companhia de mineiros, debaixo da direção dum indivíduo da mesma nação chamado Hedberg, os quais assentaram quatro forjas que pela má disposição de nada serviram, com grande desprazer de alguns cortesãos, que tinham entrado naquela empresa como acionistas. Em 1815, construíram-se novas forjas por ordem do mesmo príncipe, e uma fábrica numa escala maior que a primeira, e foi encarregado de promover os trabalhos dos engenheiros e de vigiar sobre tudo o conde da Palma, depois marquês do mesmo nome, que nesse tempo governava a província de São Paulo. Mandou este governador fazer duas enormes fornalhas, além das que existiam, e levou a tal grau de perfeição a fábrica, que dizem ser atualmente comparável com as mais bem reputadas da Europa. Nela se fabrica excelente ferro; e o mineral dá de

⁵⁹⁰ Atual cidade de Atibaia/SP. (N/E)

⁵⁹¹ Atual cidade de Tatuú/SP. (N/E)

⁵⁹² Atual bairro de São João de Campo Belo, cidade de Resende/RJ. (N/E)

⁵⁹³ Atual distrito de São João de Cortes, município de Alcântara/MA. (N/E)

⁵⁹⁴ Atual cidade de Iperó/SP. (N/E)

cinquenta a oitenta e cinco libras de metal por quintal. O príncipe regente, depois que foi proclamado rei em 1816, não cessou de interessar-se no progresso de tão útil estabelecimento, e o Imperador D. Pedro I deu uma nova direção aos trabalhos, e melhorou a administração da fábrica. A regência fez em 1834 um novo regulamento, e dividiu aquele estabelecimento em sete oficinas de diversos misteres, de carpintaria, mecânica, tornearia, fundição, afinação, moldação, fábrica de armas e forjas, porém por agora os resultados ainda não corresponderam de todo às esperanças de seu real instituidor.

São João de Itaboraí.⁵⁹⁵ Antiga freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Itaboraí*, vila.)

São João del Rei.⁵⁹⁶ Nova cidade e antiga vila grande e mercantil da província de Minas Gerais, cabeça da comarca de Rio das Mortes, vinte e oito léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto, e sessenta e duas ao nor-noroeste da do Rio de Janeiro, em vinte e um graus e quarenta e dous minutos de

latitude. As serras auríferas de Bonfim e de Linheira foram descobertas no princípio do século XVIII pelo Taubateano Tomé Portes del Rei. Era nelas em tanta abundância o ouro, que se encontrava à flor da terra. Quiseram os Índios opor-se aos aventureiros que foram assentar morada à borda dos rios e ribeiros adjacentes, e querem dizer que o nome de rio das Mortes viera das muitas que ali houve em diversos encontros. Em 1703 erigiram os Paulistas uma igreja a N. S. do Pilar, e a população que ali se foi fazendo foi geralmente apelidada do Rio das Mortes. Teve esta nova povoação ao princípio pouco adiantamento em razão das dissensões intestinas, fomentadas pelas ordens religiosas, e continuadas ao depois por Manoel Nunes Viana, homem para grandes feitos, que pondo-se à testa dos Portugueses derrotou os Paulistas, e obrigou-os a contentarem-se com certas terras auríferas que lhes assinalou. O historiador José Joaquim da Rocha diz que a vila de São João del Rei fora criada em 8 de dezembro de 1713, mas tem prevalecido geralmente a opinião que a verda-

São João del Rei

deira data de sua criação é a de 19 de janeiro de 1713, governando a capitania de São Paulo e Minas o conde de Assumar D. Pedro de Almeida Portugal. Em 1750 estabeleceu-se nesta vila a intendência e fundição, e por alvará de 6 de dezembro de 1811, veio um juiz de fora fazer as vezes dos juizes ordinários. Em 1835, entendendo a câmara o quão necessário fosse o facilitar as comunicações, mandou lançar duas pontes uma sobre o rio das Mortes, e outra sobre o de Elvas, e no ano seguinte deu princípio a uma cadeia desenhada sobre uma nova planta, cuja despesa devia orçar em vinte contos de réis, e afinal a assembleia provincial, por lei do ano de 1843, conferiu a esta antiga vila o título e honras de cidade. Está assentada a cidade de São João del Rei num vale entre duas cordas de montanhas, e acha-se dividida em duas partes quase iguais pelos ribeiros Tijuco e Barreiro, que reunidos num álveo espaço correm por entre dous soberbos cais de pedra, com duas pontes da mesma matéria que não seriam indignas dum grande rio. As principais ruas acompanham dum e doutro lado os cais, e correm

⁵⁹⁵ Atual cidade de Itaboraí/RJ. (N/E)

⁵⁹⁶ Atual cidade de São João del Rei/MG. (N/E)

São João del Rei

paralelamente com eles; várias travessas cortam em diverso sentido a cidade, e se dilatam até os montes de que se acha rodeada, estas porém são em parte assaz mal-alinhadas. Nas mais frequentadas veem-se algumas casas de sobrado, dum ou dous andares, em geral assadas, e que estão delatando a abundância dos que nelas moram, e nenhuma se vê arruinada ou sem inquilino. Os edifícios mais notáveis são a intendência, onde havia a fundição; a casa da câmara com a cadeia velha, e a nova; a matriz, dedicada a N. S. do Pilar, que goza deste título desde 1721, e que foi feita de novo toda de pedra, bem como as duas torres que acompanham o seu frontispício, é vasta, e as paredes forradas de madeira com esculturas e dourados; a igreja de São Francisco de Paula, duma arquitetura mais moderna, e ricamente decorada por dentro; as de N. S. do Carmo e do Rosário, que não ficam devendo nada às primeiras; além destas, nos bairros menos frequentados da cidade veem-se as de Santo Antônio de Tijuco, do Bom Jesus, de São Caetano, de N. S. do Bonfim, de São Gonçalo, de N. S. das Mercês e de N. S. das Dores. As instituições de pública utilidade que nesta cidade existem, são o hospital da Misericórdia, em que fo-

ram admitidos, no ano de 1836, trinta e um enjeitados que aprendem cada um um ofício, e são criados a custa da administração, e cento e noventa doentes, dos quais metade se curaram, e metade morreram; a biblioteca pública, escolas de primeiras letras para meninos e meninas, e um colégio com várias cadeiras. Consta esta cidade de cinco mil habitantes, e é a de mais trato de todas as vilas da província, sendo o entreposto do café, algodão, peles e outros produtos das comarcas do poente, e até dos da província de Goiás. A venda destes diversos gêneros supõe-se que dá um capital mui superior ao da compra dos que se importam anualmente do Rio de Janeiro, como o são chitas, panos, sedas, sal, ferro em barra, instrumentos, e mais artefatos da Europa. Carece esta cidade dum ou dous mercados para cômodo dos moradores, sendo que os víveres se vendem em carros puxados por bois, que discorrem pelas ruas até venderem-se as cargas. Seu distrito, e com especialidade o termo de sua freguesia, é o mais rico dos da província, sendo que suas terras são ótimas para o plantio dos algodoeiros, a lavra das canas e para as searas de milho, de cuja farinha se sustenta a maior parte dos habitantes:

também se dá mui bem nelas mandioca, trigo e centeio, que só se deixaram de semear depois que tiveram entrada no Brasil as farinhas dos Estados Unidos da América, bem como as hortaliças e frutas dos trópicos, e até mesmo algumas da Europa, pêssegos, figos, maçãs, ameixas e morangos. Nasce ali espontaneamente as anileiras e cochilheiras, não assim os cafeeiros, que por ser frio o clima, só se podem cultivar nos jardins. Os montes abundam em ouro, ferro e outros minerais, e dão ótimo pasto para o gado que se refaz e engorda em breve tempo; para renová-lo recorrem os pastores ao perigoso expediente das queimadas. As matas estão povoadas de diversas espécies de aves e de veação. Há também neste distrito várias fábricas de açúcar e de aguardente, de queijos que são mui estimados no Rio de Janeiro, e de panos de algodão mais ou menos grosseiros. O clima é sadio, e observa-se que os que se dão à criação de gado e aos diversos ramos de agricultura têm um ar de saúde e de abundância que se não encontra nos que se obstinam na mineração.

São João del Rei. Colônia da província de São Paulo, colocada perto dos nascentes do

rio Pardo, e junto à serra Moji, trinta e oito léguas ao nor-nordeste da cidade de São Paulo.

São João de Miritim.⁵⁹⁷ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Miriti*.)

São João do Araguaia. Nova missão na província do Maranhão, e uma das sete que foram criadas pela assembleia provincial. Jaz na extrema da província e perto do rio Tocantins, no lugar onde ela pega com as do Pará e de Goiás. Tem um eclesiástico desde o ano de 1841 por diligências do presidente da província.

São João do Cururupu.⁵⁹⁸ Antiga freguesia da província do Maranhão. (V. *Cururupu*, vila.)

São João do Parnaíba.⁵⁹⁹ Vila da província de Piauí. (V. *Parnaíba e Piauí*.)

São João do Presídio.⁶⁰⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Parai-buna. (V. *São João Nepomuceno*, vila.)

São João do Príncipe. Nova comarca da província do Ceará, de que é cabeça a vila do mesmo nome: foi criada pela assembleia provincial, e em 1838 constava de oito mil, duzentos e trinta e quatro habitantes.

São João do Príncipe.⁶⁰¹ Vila da província do Rio de Janeiro, na comarca de Resende, mais vulgarmente conhecida com o nome de São João Marcos, sete léguas ao norte da cidade de Angra dos Reis. Achavam-se já povoadas a serra dos Órgãos e a de Itaguaí, quando novos colonos se derramaram pelas terras além delas, e deram princípio a várias povoações consideráveis que são atualmente outras tantas vilas. A capela fundada por João Machado Pereira em sua própria fazenda, e dedicada a São João Marcos, foi tida por paróquia desde o ano de 1739, e as terras adjacentes que se achavam povoadas se intitularam do nome do referido Santo. Por alvará de 12 de janeiro de 1755, foi esta capela legalmente elevada a esta categoria, porém como se achasse arruinada, e não fosse sufi-

São João do Príncipe
ciente para os fregueses, cujo número se tinha aumentado, começou-se a fábrica duma nova igreja, porém pouco depois ficou a obra parada, e consertou-se e aumentou-se a antiga capela em 1760, onde se continuou a dizer missa. O missionário capucho Francisco Antônio de Alba Pompeu excitou os habitantes a fazerem uma nova igreja em melhor sítio, e deu-se princípio à fábrica dela no lugar chamado Panelas. Transportou-se para o novo edifício em o 1º de novembro de 1801 a pia, a imagem do orago e o Santíssimo Sacramento com toda a solenidade, e dali em diante foi a população a tal ponto crescendo, que o príncipe regente entendeu era mister elevar aquela povoação à dignidade de vila, cujo título lhe conferiu dando-lhe o nome de São João do Príncipe, por alvará de 21 de fevereiro de 1811, no qual se ordenava seriam construídos à custa dos habitantes os edificios indispensáveis, como a casa da câmara, cadeia, pelourinho, etc. Concedeu-se à nova vila uma escola de primeiras letras, e com o andar do tempo veio a

⁵⁹⁷ Atual cidade de São João de Meriti/RJ. (N/E)

⁵⁹⁸ Atual cidade de Cururupu/MA. (N/E)

⁵⁹⁹ Atual cidade de Parnaíba/PI. (N/E)

⁶⁰⁰ Atual cidade de São João Nepomuceno/MG. (N/E)

⁶⁰¹ Atual cidade de Rio Claro/RJ. (N/E)

São João do Príncipe

ser cabeça duma legião de guarda nacional. Seu distrito, formado do termo de sua própria freguesia e do da do Rio Pardo, pega, ao norte, com o da vila de Resende; ao oeste, com a província do Rio de Janeiro pela serra Bocaina, confrontando ao mesmo tempo com o distrito da vila de Areias da província de São Paulo; ao sul, fenece na serra de Itaguaí, confinando com o distrito da cidade de Angra dos Reis, e a leste com o da vila de Itaguaí; regam-no o rio Pirai e os ribeiros das Araras, do Cosme, das Lages, de Moçambique, das Panelas, de Passa Vinte e do Piloto, e é atravessado, do poente para o nascente, pela estrada que vai da província de São Paulo para o Rio de Janeiro; há nele seis engenhos e outras tantas fábricas de destilação de aguardente, cujos produtos se levam em bestas muares para vila de Mangaratiba, onde o açúcar se encaixa e se envasilha a aguardente, para ao depois serem embarcados para o Rio de Janeiro. De princípio limitavam-se os habitantes à lavra das canas, mandioca e milho; mas atualmente tem cafezais, cuja colheita é também levada por terra para o

Rio de Janeiro. Avalia-se a população deste distrito em seis mil almas. El-Rei D. João VI, durante a sua residência no Brasil, conferiu o título de barão de São Marcos a Pedro Dias Pais Leme, descendente de Garcia Rodrigues Pais Leme, primeiro povoador do distrito da Paraíba.

São João do Príncipe.⁶⁰² Vila pequena e de pouco trato da província do Ceará, nas margens do rio Jaguaribe, onde ainda não padece navegar-se, e em seis graus e cinco minutos de latitude, noventa léguas com pouca diferença ao sudoeste da cidade da Fortaleza. Foi primitivamente a aldeia Tauá, onde os jesuítas catequizaram grande número de Índios, os quais por persuasão deles edificaram uma igreja que foi dedicada ao Apóstolo São Mateus, a qual era dependente da matriz da freguesia de Arneiros. Por virtude dum alvará de 27 de junho de 1817, que dividiu a província em duas comarcas, foi esta aldeia elevada à categoria de vila, com o nome de *São João do Príncipe*, porém ficou sempre anexa ao termo da freguesia de Arneiros, até que foi dele desligada, por decreto da as-

sembleia geral de 17 de abril de 1833, pelo qual foi a igreja de São Mateus criada paróquia, e foram-lhe juntamente dadas as seguintes confrontações por limites de seu termo: a província do Piauí, da parte do oeste e do sudoeste; da do sul e de leste, a fazenda do Estreito, que pega com o termo de Arneiros, e a da Tapera, que confronta com o de Barra do Puiú. Como esta vila não tivesse dotação ficou sem casa para a câmara, sem cadeia e sem hospital, e consta de obra de trinta casas térreas telhadas, e pela maior parte arruinadas. A estrada imperial que vai da vila do Crato para as cidades de Oeiras e de São Luiz do Maranhão passa por esta vila, cujo distrito pode ter trinta léguas do norte ao sul, e é circunscrito, da parte do norte, pelos de Vilanova del Rei e de Campo Maior de Quixeramobim; a leste, pelo da vila de São Mateus; e ao sul, pela serra de Araripe, que o separa do da vila do Crato da província de Pernambuco; e ao oeste, pela província de Piauí. Encerra este distrito a freguesia de Arneiros com seu termo, e as de Cococi, Cruz, Flores, Maria Pereira e Santa Luzia, que são somenos, em

⁶⁰² Atual cidade de Tauá/CE. [N/E]

cada uma das quais há uma capela. Nas serras e montes tem-se achado minas abundantes de cobre, ferro e pedra-ume, animais petrificados e outras raridades. Segundo o numeramento da província feito em 1821, a população desse distrito era nesse ano de nove mil, seiscentos e quatro habitantes, o que parece exagerado, pois que, em 1838, não havia mais que oito mil, duzentos e trinta e quatro, quase todos Índios e mestiços que apenas colhiam algum milho e batatas-doces. Alguns brancos se aplicam também à criação de gado vacum e cavalar, que levam a vender às províncias marítimas.

São João do Rio Claro.⁶⁰³ Freguesia da província de São Paulo. (V. *Rio Claro*, artigo 3º.)

São João Nepomuceno.⁶⁰⁴ Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Paraibuna, obra de nove léguas ao sueste da vila da Pomba. Foi elevada à categoria de vila de povoação que era, por lei provincial do 1º de abril de 1841, com o mesmo

nome, sendo o seu distrito formado de parte do de Pomba, e ficando a ele anexas as povoações de Rio Novo, Descoberto, Santo Antônio do Porto, e os sítios de Rio Pardo, Espírito Santo, Cágado, São José da Paraíba, Madre de Deus, Feijão Cru, e tendo por limites o rio da Pomba, desde o ribeiro Perpetinga até o rio Paraíba, da parte do sul. Sua igreja foi também criada paróquia por lei provincial de 7 do mesmo mês, que lhe deu por filiais as capelas da Conceição do Rio Novo, da Santíssima Trindade, de Descoberto e de Santo Antônio do Porto.

São João Nepomuceno. Aldeia da Guiana brasileira, nas margens do rio Negro. (V. *Camundé*.)

São João Nepomuceno.⁶⁰⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila das Lavras do Funil. Sua igreja, cujo orago é o Santo do seu nome, foi criada paróquia por lei provincial de 7 de abril de 1841, e depois a freguesia foi escolhida para cabeça dum colégio eleitoral.

São Joaquim

São Joaquim.⁶⁰⁶ Freguesia do continente da província de Santa Catarina, na comarca do Sul. Está assentada junto dos outeiros apelidados Morriños. Sua igreja, de que é orago o Santo do seu nome, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 15 de outubro de 1832.

São Joaquim.⁶⁰⁷ Forte da Guiana brasileira, construído em 1752, por ordem do marquês de Pombal, na cabeceira do rio Branco, grande afluente do Negro. Pretendia o ministro atalhar com ele novas excursões da natureza da que os Holandeses acabavam de fazer, subindo pelo rio Essequibo, para irem destruir as propriedades portuguesas e as aldeias dos Índios. É este forte um dos limites setentrionais do império do Brasil, e achase a cento e trinta e duas léguas da vila da Barra do Rio Negro, na confluência do rio deste nome com o das Amazonas. Havendo o governo ordenado ao presidente da província de fazer os consertos necessários nele e no de São José, sito na cabeceira do rio Negro, a assembleia geral

⁶⁰³ Atual cidade de Rio Claro/SP. (N/E)

⁶⁰⁴ Atual cidade de São João Nepomuceno/MG. (N/E)

⁶⁰⁵ Atual cidade de Nepomuceno/MG. (N/E)

⁶⁰⁶ Atual cidade de Garopaba/SC. (N/E)

⁶⁰⁷ Ruínas na atual cidade de Boa Vista/RR. (N/E)

São Joaquim

arbitrou para isso a quantia de seis contos de réis.

São Joaquim.⁶⁰⁸ Aldeia da Guiana brasileira, formada à sombra do forte deste nome pelos Índios que haviam sido saqueados pelos Holandeses, os quais edificaram uma capela com a invocação do São Joaquim, a qual foi tida em conta de paróquia, porém como não houvesse vigário acabaram os Índios por desamparar a povoação. A assembleia provincial do Pará ordenou fosse criada uma missão à sombra da mencionada fortaleza, e nela veio com efeito residir uma tribo índia capitaneada por um chefe chamado Taxauá, e em 1840 constava já de mais de mil indivíduos. O governo provincial, no ano seguinte, mandou para ali um eclesiástico, para doutrinar os Índios e trazê-los à civilização.

São Joaquim de Bacanga. Povoação da província do Maranhão, no distrito da vila de Guimarães, com uma escola de primeiras letras criada por lei provincial de 1841.

São Joaquim de Laranjeiras.⁶⁰⁹ Antiga povoação da província de Pernambuco, atualmente vila da província de Sergipe. (V. *Laranjeiras*.)

São Jorge dos Ilhéus.⁶¹⁰ Vila da província da Bahia, cabeça da comarca dos Ilhéus, na margem meridional da baía e do rio deste nome, perto do mar, e em quatorze graus e quarenta e nove minutos de latitude. Brito Freire atribui a sua fundação a Diogo de Azambuja, que a mandou edificar, diz ele, qualificando-a de cidade, numa rocha batida das ondas e junto dum rio; porém a tradição geral lhe dá por fundador Francisco Rameiro, representante do donatário Jorge de Figueiredo Correia, em 1535. Aumentou-se dentro em pouco tempo a população, com os engenhos e comércio que ali se fizeram enquanto foi vivo o donatário; morto ele, vendeu o filho a doação a Lucas Giraldes que depois de gastar ali grandes quantias teve a desgraça de ver os Índios destruírem quanto havia feito. Marchou contra eles o governador Mendo de Sá, e os obrigou a retraírem-se para o sertão do país, o que

não obstante ficou sempre aquela colônia num estado de abatimento. Os herdeiros de Lucas Giraldes trespassaram a posse dela à condessa de Castro, e afinal, em 1761, El-Rei D. José a comprou a um dos descendentes da condessa e a incorporou à Coroa. A igreja da vila de São Jorge foi criada paróquia pelo primeiro arcebispo da Bahia em 1552, com a invocação que tinha da Santa Cruz. Há além dela mais duas, uma da invocação de São Sebastião perto da margem do rio, e outra de N. S. da Vitória, no monte do mesmo nome. Foi esta vila tomada pelos Holandeses em 1632, e alguns anos depois evacuada. Dela partem duas estradas pouco frequentadas, uma que vai ter ao distrito da cidade de Minas Novas ao longo do rio da Cachoeira, outra que atravessa a comarca da Jacobina, e vai ter à cidade do Serro, da província de Minas Gerais. Seu porto, defendido por vários fortes, amparado contra os ventos do sul e do sudoeste, pela ponta da Muta, fronteira à ilha de Quiepe, e pelos outeiros que cercam a vila, admite grandes navios mercantes, e faz com a Bahia

⁶⁰⁸ Atual cidade de Boa Vista/RR. (N/E)

⁶⁰⁹ Atual cidade de Laranjeiras/SE. (N/E)

⁶¹⁰ Atual cidade de Ilhéus/BA. (N/E)

um comércio considerável de farinha de mandioca, madeiras de construção, aguardente de cana e dalgum café e cacau. Seu distrito confronta ao norte com o da vila da Barra do Rio de Contas; ao oeste, com a comarca da Jacobina; ao sul, com o distrito da vila de Olivença, e vai entestar a leste no Oceano; regam-no os rios Cachoeira, Itaípe e Una, sem falar doutros muitos ribeiros, e sua população é avaliada em três mil habitantes, pela maior parte lavradores e negociantes de linho e de madeiras de construção.

São José.⁶¹¹ Vila da província de Minas Gerais, perto da margem direita do rio das Mortes, obra de vinte e cinco léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto, e três ao norte da de São João del Rei. No princípio do século XVIII, o Taubateano João Afonso Sergueiro descobriu minas copiosas de ouro, na serra naquele tempo apelidada Ponta do Morro, onde apesar da guerra Intestina que lavrou no país das Minas, no decurso dos dez primeiros anos do dito século, foi a população crescendo até que foi criada vila pelo gover-

nador conde de Assumar, em 19 de janeiro de 1718, com o nome de *São José*, e confirmada neste título por El-Rei D. João V, em 12 de janeiro seguinte. As casas desta vila são térreas porém de bela aparência; os edifícios mais notáveis são a igreja matriz de que é padroeiro Santo Antônio, que tem a mais bela nave das da província, e que não fica devendo nada à da cidade de São João del Rei, no concernente às esculturas do interior e ornamentos sacerdotais; as igrejas de N. S. do Rosário e de São João Evangelista, a cadeia feita há poucos anos, e uma ponte sobre o ribeiro Carandaí. Seu distrito que da parte do norte vai até o da vila de Queluz, e da do sul pega com o da cidade de São João del Rei, é bem lavado de ares, e abundante de boa água e de veação. Avaliam-se em doze mil os seus habitantes entre cultivadores, mineiros e criadores de gado particularmente de porcos, que levam a vender em pé ou salpresos ao Rio de Janeiro, bem como grande quantidade de queijos que fabricam. Na parte montuosa deste distrito observam-se em geral muitos papos ou bócios.

São José

São José.⁶¹² Pequena vila da segunda comarca da província de São Paulo, em vinte e três graus e doze minutos de latitude, e em quarenta e oito graus e quatro minutos de longitude ocidental. Os jesuítas fizeram escolha deste ponto da parte direita do rio Paraíba, para nele assentarem um colégio, onde doutrinaram no princípio do século passado grande número de Índios. A igreja, que ali edificaram a São José, gozou quase desde o princípio de sua fundação das prerrogativas de paróquia. Expulsos os jesuítas dos domínios portugueses, agregaram-se aos Índios alguns brancos, e o governador D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, segundo as ordens que do marquês de Pombal havia recebido, lhe conferiu o título de vila em 1767. As terras do distrito desta vila são por extremo férteis, porém os Índios apenas cultivam os víveres necessários para seu consumo. Algumas famílias brasileiras criam porcos e gado vacum para exportação. Avalia-se em perto de quatro mil habitantes a população deste distrito que confronta ao oeste com o de

⁶¹¹ Atual cidade de Tiradentes/MG. (N/E)

⁶¹² Atual cidade de São José dos Campos/SP. (N/E)

São José

Atibaia, e ao sul com o de Jacaréi.

São José.⁶¹³ Nova vila e antiga freguesia do continente da província de Santa Catarina, na comarca do sul. Está assentada na enseada do mesmo nome na baía do nome da província, obra de meia légua ao norte do rio Maruí, e uma légua ao poente da cidade do Desterro. Sua igreja, da invocação do Santo do seu nome, foi criada paróquia em 1751. Em 1832 a assembleia geral, por decreto de 27 de agosto, instituiu nesta freguesia uma escola de primeiras letras, e a assembleia provincial a elevou à categoria de vila. Seu distrito encerra mais de cinco mil habitantes em grande parte de raça índia, e obra de dez fábricas de açúcar e de destilação de aguardente, e várias olarias. Quase todos os habitantes lavram canas, arroz e milho, alguns vão à pesca da baleia, outros fazem pescarias e vendem o peixe, na vila e na cidade do Desterro. Em 1839 descobriu-se uma mina de carvão de pedra neste dis-

trito, e no ano seguinte o general Francisco José de Souza Soares de Andréa, sendo presidente da província, mandou fazer um caminho desde a dita mina até o mar.

São José.⁶¹⁴ Vila de pouco trato da província do Pará, na margem direita do rio das Amazonas, três léguas abaixo da confluência do rio Jabari e do forte da Tabatinga. Foi segundo se crê a aldeia Traquatuá ou Mamuá, uma das seis fundadas nos fins do século XVI pelo padre Samuel Fritz nestas paragens para doutrinar na religião cristã os Índios. Índios são ainda e da nação Tacuna os seus moradores, que andam em contínuas caçadas e pescarias, enquanto as mulheres cultivam os poucos víveres que hão mister para se alimentarem.

São José.⁶¹⁵ Antiga povoação da serra Uruburetama, na província do Ceará. (V. *Vila da Imperatriz*.)

São José. Aldeia da província de Goiás. (V. *Mossâmedes*.)

São José. Aldeia na extremidade oriental da ilha do Maranhão, na baía de seu nome, com uma igreja paroquial dedicada a São José. Seus moradores são Índios que cultivam víveres para seu consumo, e arroz e tabaco para exportação.

São José.⁶¹⁶ Vila da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, dependente da matriz da freguesia de Muritiba.

São José.⁶¹⁷ Vila da província de São Paulo, três léguas ao sueste da nova cidade de Curitiba, e perto da província de Santa Catarina.

São José.⁶¹⁸ Povoação do norte da ilha de Santa Catarina, com um forte construído em 1740 pelo governador da ilha, José da Silva Pais. Seu fogo cruza com o dos fortes das ilhas dos Ratonos e de Anhatomirim, e tolhe a entrada da baía. Dá-se também a esta povoação o nome de *Ponta Grossa*.

⁶¹³ Atual cidade de São José/SC. (N/E)

⁶¹⁴ Atual cidade de Fonte Boa/AM. (N/E)

⁶¹⁵ Atual cidade de Uruburetama/CE. (N/E)

⁶¹⁶ Atual distrito de São José do Itaporan, município de Muritiba/BA. (N/E)

⁶¹⁷ Atual cidade de São José dos Pinhais/PR. (N/E)

⁶¹⁸ Atual distrito de Jurerê, município de Florianópolis/SC. (N/E)

São José. Lugarejo da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

São José. Lugarejo da província de Paraíba, sobre o rio Piancó, no distrito de Pombal.

São José. Povoação da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, com uma capela do Santo do seu nome.

São José. Povoação da província de Sergipe, no distrito da vila de Santo Amaro, com uma igreja de que é padroeiro o Santo do seu nome, dependente da matriz da freguesia do Cateté ou Rosário.

São José. Lugarejo da província do Espírito Santo no distrito da nova vila da Conceição da Serra, com uma capela do Santo do seu nome.

São José.⁶¹⁹ Missão da província de Mato Grosso. (V. *Leonil*, aldeia.)

São José. Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Mipibu.

São José. Forte brasileiro nos confins do Império, na Guiana e na margem direita do rio Negro. Jaz a cinquenta léguas acima do forte de São Gabriel, nas margens do mesmo rio. Em 1842, a assembleia geral arbitrou os fundos necessários para o seu conserto. (V. *Marabitanas* e *São Joaquim*, forte.)

São José. Ilha do rio dos Tocantins, na província de Goiás, cinco léguas acima da confluência do rio de Manoel Alves.

São José. Baía a leste da ilha do Maranhão, fechada, da parte do norte, pelo banco de areia chamado *Cerca* e a ilha de Santana, e estendendo-se, da banda do sul, obra de seis léguas em comprimento, com duas de largura. Entre a ilha de Santana e o continente, corre um canal semeado de ilhas, e encrespado de arrecifes, qualificado impropriamente com o nome de rio *dos Mosquitos*, que dá navegação

São José da Boa Morte

somente a botes e canoas. Entre a dita ilha e a do Maranhão, corre outro canal de maior largura por onde os barcos entram na baía, no fundo da qual deságuam os rios Moni e Itapicuru, além doutros muitos ribeiros.

São José. Rio de pouco cabedal, no norte da ilha de Santa Catarina. (V. *Ratones*, rio.)

São José. Ribeirão da província de São Paulo, um dos mais caudalosos afluentes do rio Curitiba, com o qual se incorpora dez léguas antes do lugar em que este rio é atravessado pela estrada que vai de Sorocaba para a vila das Lages. Bem que este ribeirão leve bastante água, não é susceptível de navegação por causa dos saltos e penedias.

São José da Barra Longa.⁶²⁰ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Barra Longa*.)

São José da Boa Morte.⁶²¹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, entre os rios Macacu e Guapiaçu. A sua primeira igreja, edificada em 1734, foi dedicada a São José da Boa Morte, e tendo

⁶¹⁹ Atual cidade de Costa Marques/RD. (N/E)

⁶²⁰ Atual cidade de Barra Longa/MG. (N/E)

⁶²¹ Atual povoado de São José da Boa Morte, município de Cachoeiras de Macacu/RJ. (N/E)

São José da Lagoa

sido reedificada e feita de pedra, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 3 de setembro de 1832. Os moradores de seu termo que vivem apartados uns dos outros, e derramados por ambas as margens do rio Guapiaçu, cultivam, além dos víveres ordinários da terra, canas que alimentam vários engenhos, porém em geral colhem mui pouco café.

São José da Lagoa.⁶²² Lugarço da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Piracicaba, na margem esquerda deste rio, acima do lugar onde se lhe ajunta o ribeiro de Santa Bárbara. Sua igreja, de que é orago o Santo do seu nome, dependia da matriz da freguesia de Piracicaba, de que foi desanexada por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e anexada à da freguesia de Antônio Dias Abaixo.

São José da Missão Velha.⁶²³ Povoação da província do Ceará. (V. *Missão Velha*.)

São José da Serra.⁶²⁴ Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *São José do Sumidouro*.)

São José da Serra Uruburetama.⁶²⁵ Antiga freguesia da província do Ceará. (V. *Vila da Imperatriz*.)

São José das Piranhas de Cima.⁶²⁶ Freguesia da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, na cabeceira do rio das Piranhas. Sua igreja, da invocação do Santo do seu nome, foi criada paróquia por lei provincial de 10 de novembro de 1840, pela qual se determinou que seu termo teria as seguintes confrontações: do norte ao ocidente os sítios do Cipó, do Boqueirão, da Cajazeira, do Boiunto, Jardim Botânico, Trapia, Mata Fresca, e Cachoeira, pegando com o termo da freguesia de Lavras; ao nascente o sítio de Timbaúba, e a serra de Santa Catarina até o termo

de Piancó, sendo pelas demais partes as suas demarcações as antigas da freguesia de Vilanova de Souza.

São José das Pombas.⁶²⁷ Povoação da província de Paraíba, quatro léguas ao ocidente de Vila Real de São João, por onde passa a estrada que vai do Ceará para a cidade do Recife. São José é orago de sua igreja.

São José de Campo Belo.⁶²⁸ Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Campo Belo*.)

São José de Gurutuba.⁶²⁹ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Gurutuba*, artigo 1º.)

São José de Leonissa.⁶³⁰ Aldeia da província do Rio de Janeiro. (V. *Leonissa*.)

São José de Macapá.⁶³¹ Vila da província do Pará. (V. *Macapá*.)

⁶²² Atual cidade de Nova Era/MG. (N/E)

⁶²³ Atual cidade de Missão Velha/CE. (N/E)

⁶²⁴ Atual cidade de Sumidouro/RJ. (N/E)

⁶²⁵ Atual cidade de Uruburetama/CE. (N/E)

⁶²⁶ Atual cidade de São José das Piranhas/PB. (N/E)

⁶²⁷ Atual cidade de Parari/PB. (N/E)

⁶²⁸ Atual cidade de Itatiaia/RJ. (N/E)

⁶²⁹ Atual distrito de Gurutuba, município de Porteirinha/MG. (N/E)

⁶³⁰ Atual cidade de Itaocara/RJ. (N/E)

⁶³¹ Atual cidade de Macapá/AP. (N/E)

São José de Mipibu.⁶³² Vila da província do Rio Grande do Norte. (V. *Mipibu*.)

São José de Mossâmedes.⁶³³ Aldeia da província de Goiás. (V. *Mossâmedes*.)

São José de Paraibuna.⁶³⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, filial da matriz da freguesia de São Francisco de Paula no mesmo distrito.

São José de Paraopeba.⁶³⁵ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio do seu apelido, obra de dezoito léguas ao poente da cidade de Mariana, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832.

São José de Piriá. Freguesia da província do Pará. (V. *Piriá*.)

São José de Ribamar.⁶³⁶ Antiga povoação da província do Ceará. (V. *Aquirás*, vila.)

São José de Tebicuari.⁶³⁷ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, entre o rio e o ribeiro de seu apelido, no distrito da vila do Triunfo. Teve princípio numa colônia de Açoristas que no meado do século passado fizeram as primeiras searas de cereais no Brasil. Edificaram os sobreditos colonos uma igreja, e em honra do Rei que então reinava, escolheram por orago o Santo do seu nome, por isso que o dito soberano concedera terras e promovera a colonização daquela província. Em 1764 foi a sobredita igreja declarada filial da matriz da povoação do Triunfo, trocado o nome de seu primeiro orago no do Bom Jesus, e assim se conservou, até que por alvará de 20 de outubro de 1795 foi elevada à categoria de paróquia, assinalando-se-lhe por termo a parte do do Bom Jesus do Triunfo que respeita ao

São José do Chopotó

Norte. Acha-se esta freguesia num passo muito frequentado do ribeiro de seu apelido, por onde se vai da vila de Rio Pardo para a cidade de Porto Alegre. Seu termo, segundo um rol feito em 1814, constava da seguinte população:

Branços, de ambos os sexos	1.092
Índios, id	42
Lívrés de cor, id	67
Escravos, id	433
Recém-nascidos, id	80

Total.....1.714 almas.

Desde esse tempo em diante esta população se acha muito aumentada nesta freguesia, e pela mesma maneira nas demais da província.

São José do Barreiro.⁶³⁸ Nova freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila das Areias.

São José do Chopotó.⁶³⁹ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Chopotó*, artigo 1º.)

⁶³² Atual cidade de São José de Mipibu/RN. (N/E)

⁶³³ Atual cidade de Mossâmedes/GO. (N/E)

⁶³⁴ Atual distrito de Três Ilhas, município de Belmiro Braga/MG. (N/E)

⁶³⁵ Atual distrito de São José do Paraopeba, município de Brumadinho/MG. (N/E)

⁶³⁶ Atual cidade de Aquiraz/CE. (N/E)

⁶³⁷ Atual cidade de Taquari/RS. (N/E)

⁶³⁸ Atual cidade de São José do Barreiro/SP. (N/E)

⁶³⁹ Atual cidade de Cipotânea/MG. (N/E)

São José do Norte

São José do Norte.⁶⁴⁰ Vila da província de São Pedro do Rio Grande, numa praia arenosa que fenece no canal chamado impropriamente *Rio Grande*, jaz entre o mar e a lagoa dos Patos, obra de duas léguas ao nascente da cidade do Rio Grande. Deram-lhe princípio vários colonos portugueses que, em 1775, assentaram vivenda na margem esquerda desse esteiro ou canal, e edificaram uma igreja a N. S. dos Navegantes, a qual foi criada paróquia em 1820, em prejuízo da igreja de N. S. do Estreito, que era muito mais antiga e fazia as vezes de paróquia havia quase cinquenta e cinco anos. Por decreto de 3 de outubro de 1828 pôs-se uma alfândega nesta freguesia, e por outro decreto de 25 do mesmo mês do ano de 1831, se lhe conferiu o título de vila com o nome que ora tem, assinalando-se-lhe por distrito além do termo de sua própria freguesia o da povoação de Mostardas. Apesar dos furacões que levantam nuvens duma areia finíssima, e dos inconvenientes que deles resultam vai-se a população aumentando gradualmente. Seu

porto poderia admitir navios de linha, se fora possível entrarem pela barra do canal chamado *Rio Grande*. Os navios que demandam mais de doze pés d'água surgem de ordinário no porto de São José do Norte, por não ter bastante fundo o do Rio Grande. Em 16 de julho de 1840 intentaram os rebeldes apoderar-se desta vila, mas foram vigorosamente repelidos pela pouca tropa que nela havia, auxiliada da guarda nacional, e pelos soldados da marinha, e não obstante a desigualdade do número foram os ditos rebeldes obrigados a pôr-se em retirada, deixando no campo muitos dos seus. Tem excelente água, o principal comércio de seus moradores consiste em carne seca, courama, sebo, cornos e linho, que se embarcam para a Europa, ou para o Rio de Janeiro. Depois do governo imperial o porto do Rio Grande, e o esteiro por onde se entra nele, foi cavado por uma companhia, de sorte que as embarcações deixaram de ir surgir no porto de São José do Norte, por ser desabrigado, mas como o porto do Rio Grande

e o canal se tornassem a entupir, tornou o de São José a recobrar a importância que havia perdido, e é natural que vá em aumento. Avalia-se a população desta vila e de seu distrito em perto de três mil habitantes, homens de negócio, pescadores, e gente do mar.

São José do Pão de Açúcar. Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Socos*.)

São José do Paraíba.⁶⁴¹ Nova freguesia da província de Minas Gerais. Sua igreja, da invocação do Santo do seu nome, foi criada paróquia por decreto de 14 de julho de 1832, pelo qual se lhe assinalou por filiais as igrejas de N. S. da Mercê da povoação de Ragado, e a de Santa Rita da de Meia Pataca.

São José do Ribeirão.⁶⁴² Antiga povoação e presídio da província de Mato Grosso. (V. *Ribeirão*, artigo 1º.)

São José do Rio Formoso.⁶⁴³ Nova freguesia da província de Pernambuco, no distrito da vila de Serinhaém. Havia na

⁶⁴⁰ Atual cidade de São José do Norte/RS. (N/E)

⁶⁴¹ Atual cidade de Além-Paraíba/MG. (N/E)

⁶⁴² Atual distrito de Ribeirão dos Cocais, município de Nossa Senhora do Livramento/MT. (N/E)

⁶⁴³ Atual cidade de Rio Formoso/PE. (N/E)

margem do rio Formoso e perto do mar, uma capela a que concorriam muitos fiéis; a povoação que em torno dela se formou se aumentou grandemente no princípio do presente século; de sorte que a assembleia provincial, por lei de 4 de maio de 1840, conferiu a sua igreja, dedicada ao Santo do seu nome, o título de paróquia, assinando-lhe por termo parte do da freguesia da vila de Serinhaém, e por confrontações o rio Formoso, o ribeiro Goiana, encerrando os engenhos dos Carrapatos, da Jacira, do Angelim e da Cachoeira, por onde passa o rio Serinhaém, e seguindo o curso deste rio até as extremas da freguesia d'Água Preta, e da banda do sul o ribeiro das Ilhetas.

São José do Rio Preto.⁶⁴⁴ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *São José do Sumidouro*.)

São José dos Alfenas.⁶⁴⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, que pertenceu à comarca do Rio das Mortes. Sua igreja, cujo orago é o Santo do

seu nome, foi elevada à dignidade de paróquia, por lei da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

São José dos Anjicos.⁶⁴⁶ Antiga povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila da Princesa, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome. A assembleia provincial deve de ter conferido a esta povoação o título de vila.

São José dos Pinhais.⁶⁴⁷ Freguesia da província de São Paulo, três léguas ao nascente da vila de Curitiba, perto do ribeiro de São José, que se lança duas léguas mais adiante no rio que dá nome à precedente vila. Sua igreja paróquial, cujo orago é o Santo do seu nome, está assentada num alto donde se descobrem vastos campos, outrora semeados de trigo, e atualmente de vivers de terra. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831. Em 1842 constava a população de seu termo de cinco mil e seiscentos moradores, agriculto-

São José do Sumidouro res e criadores de gado vacum e cavalar de raça pequena.

São José dos Tocantins.⁶⁴⁸ Antiga povoação da província de Goiás. (V. *Tocantins*, vila.)

São José do Sumidouro.⁶⁴⁹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, da parte setentrional da serra dos Órgãos, perto do monte Sumidouro, também indiscriminadamente apelidada São José do Rio Preto, e São José da Serra. Sua igreja, de que é orago o Santo do seu nome, foi criada paróquia por decisão régia de 25 de novembro de 1815, que lhe formou o termo com parte do de Inhomirim, e parte do de Magé. Por decreto de 3 de setembro de 1832, estabeleceu-se um colégio eleitoral nesta freguesia, cujos habitantes colhem, segundo a qualidade e disposição das terras, arroz, feijão, e mandioca para seu consumo, e para exportação milho, café, marmelos, pêssegos e maçãs. Os que têm grandes empostas de terra fazem criações de porcos. As terras desta freguesia são regadas pelo rio Piabanha, e por vários

⁶⁴⁴ Atual cidade de Sumidouro/RJ. (N/E)

⁶⁴⁵ Atual cidade de Alfenas/MG. (N/E)

⁶⁴⁶ Atual cidade de Angicos/RN. (N/E)

⁶⁴⁷ Atual cidade de São José dos Pinhais/PR. (N/E)

⁶⁴⁸ Atual cidade de Niquelândia/GO. (N/E)

⁶⁴⁹ Atual cidade de Sumidouro/RJ. (N/E)

São José do Tejuco

ribeiros de menos cabedal, como os da Cidade, das Araras, do Morto, do Secretário, Itamarati e Preto, e têm duas fábricas de ferraduras para o gado cavalar do *Correia*; empregam estas duas fábricas obra de trezentos escravos pertencentes à mesma pessoa. Em 1840 os moradores das margens do ribeiro Paqueta instaram por que os desanexassem do distrito da vila de Paraíba do Sul, e os incorporassem no da vila de Magé. Não se deve confundir este ribeiro com o rio que tem quase o mesmo nome, e que se acha no distrito de Cantagalo.

São José do Tejuco.⁶⁵⁰ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. (V. *Tejuco*, artigo 2.º.)

São Leopoldo.⁶⁵¹ Vila da província de São Pedro do Rio Grande. Foi originalmente uma colônia alemã fundada em 1824, debaixo da proteção da Imperatriz Leopoldina, nas terras situadas entre o rio do Sino e o Caí, cousa de sete léguas ao norte da cidade de Porto Alegre. O Imperador D. Pedro I lhe conferiu em 1825

o título de vila, dando-lhe por nome o de sua esposa, e a assembleia geral, por lei de 6 de julho de 1832, mandou abrir uma estrada na serra à custa do Estado, para facilitar a comunicação com esta nova vila, cujo distrito constava de quatro mil habitantes, quando sobreveio a revolução de 1835, que paralisou o seu comércio e o aumento de sua população. No ano seguinte encheram os rebeldes de terror os habitantes desta vila, obrigando-os a alistar-se debaixo de suas bandeiras, porém correndo os anos de 1840 e 1841, quando se viram na necessidade de evacuar os distritos da cidade de Porto Alegre e da vila de São Leopoldo, tornaram os Alemães a povoá-la, e a fazê-la prosperar, bastecendo a cidade de hortaliças, leite, manteiga e queijos.

São Lourenço.⁶⁵² Aldeia da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Niterói. Deve a sua fundação ao célebre chefe índio Araribóia, que veio da capitania do Espírito Santo, na frente dos que lhe obedeciam, para expulsar os Franceses da baía Niterói,

então conhecida com o nome de *Rio de Janeiro*. Em recompensa de seu valor e dos serviços que prestara ao Estado com aquele reforço de gente, concedeu-lhe Mendo de Sá, então governador general do Brasil, em 16 de março de 1568, uma sesmaria de três mil braças de terra de comprimento, ao longo das margens da sobredita baía, desde a ponta do Gravatá até a de Santana, e de seis mil braças de largura. Nesta sesmaria se fundaram as aldeias de São Lourenço e de Icaraí. Convertido Araribóia e batizado com o nome de Martim Afonso, o mesmo governador lhe alcançou d'El-Rei o título de comendador da ordem de Cristo. A igreja da aldeia de São Lourenço, de que era padroeiro o mesmo Santo, serviu de paróquia desde o princípio do século XVII, e está sita no cumeduma montanha cuja verdadeira harmoniza agradavelmente com as casas e cabanas índias, e é uma soberba e engraçada paisagem digna de ficar em correspondência com a da montanha da Glória, já debuxada por muitos artífices. Em 1811 e em 1819, El-Rei D.

⁶⁵⁰ Atual cidade de Ituiutaba/MG. (N/E)

⁶⁵¹ Atual cidade de São Leopoldo/RS. (N/E)

⁶⁵² Atual bairro de São Lourenço, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

João VI converteu esta aldeia em baronia em favor de Francisco Bento Maria Targini. Em 1820 constava a povoação dela de duzentos Índios, que viviam da venda do peixe que pescavam, e dos poucos víveres que com negligência cultivavam, e alguns deles eram remeiros do escaler d'El-Rei; as mulheres fabricavam, como ainda agora o fazem, uma espécie de louça de barro, muito estimada no Rio de Janeiro, por isso que resiste mais ao fogo que a das povoações vizinhas; porém com o tempo foi a população diminuindo e declinando, e em 1843 apenas havia nesta aldeia vinte e quatro fogos com cento e seis indivíduos, a saber cinquenta e um homens e cinquenta e cinco mulheres, repartidos em vinte e seis pares de casados, sete crianças e quarenta e cinco adolescentes de ambos os sexos, sem falar em algumas famílias brancas que no princípio do governo imperial se estabeleceram nas adjacências da montanha de São Lourenço. Os jesuítas, e depois deles algumas pessoas poderosas se apoderaram das terras que haviam sido dadas aos Índios, os quais como se não atrevessem a reclamá-las, fica-

ram com tão poucas, que o rendimento delas apenas é suficiente para as despesas anexas à conservação da igreja e da aldeia. Consta atualmente a freguesia de São Lourenço de quinhentos habitantes, entre Índios, brancos, mestiços e alguns escravos de diferentes cores.

São Lourenço. Lugarejo da província de Paraíba, nas cabeceiras do rio das Piranhas, no distrito da vila de Piancó.

São Lourenço. Povoação da província das Alagoas, no distrito de Vilanova da Assembleia, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome. Tendo esta nova vila sido suprimida, por lei provincial de 5 de maio de 1843, anda esta povoação atualmente anexa ao distrito da vila de Atalaia.

São Lourenço. Nome duma das sete missões da margem oriental do rio Uruguai. Foi fundada pelos jesuítas em 1691, pertence atualmente à comarca das Missões, na província de São Pedro do Rio Grande, e fica duas léguas oés-noroeste da missão ou povoação de São Miguel. Sua

São Lourenço de Tijuco-paba

igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, é tida em conta de paróquia; porém a população de seu termo, mesmo antes da rebelião da província, apenas orçava por quinhentos habitantes, sendo quatrocentos e trinta e quatro Índios de ambos os sexos, e os mais brancos. A indústria desta população consiste no cultivo de mate, de arroz, de milho, e na criação dalgum gado.

São Lourenço. Fazenda nacional da província do Pará, onde se pôs em 1841 um destacamento de dous soldados e um cabo, por ordem do ministro da guerra, para sua guarda, como também se pôs outro de quatro soldados e um cabo na do Arari.

São Lourenço. Rio da província de Mato Grosso. (V. *Porrudos*.)

São Lourenço de Tijuco-paba.⁶⁵³ Freguesia da província de Pernambuco, no distrito da cidade de Goiana, duas léguas ao sul da embocadura do rio deste nome. Chamam-lhe alguns Tijuco Papo, e outros Tijuco Paba. Sua igreja é uma mui antiga paróquia de que é

⁶⁵³ Atual distrito de Tejuco-papo, município de Goiana/PE. (N/E)

São Lucas

padroeiro o Santo do seu nome, e fica a pequena distância do mar. Seu termo acha-se limitado, da parte do norte, pelo rio Goiana, e da do sul, pelo Massaranduba; e encerra mil e duzentos fregueses que lavram os víveres necessários para seu consumo, e canas, cujos produtos são a única exportação que conhecem.

São Lucas. Nome dum forte na costa da província do Ceará, ao nascente da cidade da Fortaleza.

São Luiz.⁶⁵⁴ Cidade e capital da província do Maranhão, noventa léguas ao nascente da cidade de Belém, capital da do Pará, e obra de cem ao poente da cidade de Fortaleza, capital da província do Ceará, em dous graus e trinta minutos de latitude, e em quarenta e seis graus e trinta e seis minutos de longitude ocidental. Quando os Portugueses descobriram o Brasil, a ilha do Maranhão achava-se dominada pelos Índios Tupinambás, repartidos em diferentes pequenas tribos e em aldeias separadas, conquanto não tivesse senão sete léguas de comprimento de nordeste a sudoeste, e quase cinco em sua maior largura. Como a capitania do Mara-

nhão coubesse por sorte ao célebre historiador João de Barros na repartição que El-Rei III fez da costa do Brasil, associou-se este com Fernando Álvares e Aires da Cunha, e fizeram um grande armamento para fundar uma povoação naquelas terras, cuja direção, por consentimento dos três sócios, foi confiada a Aires da Cunha, que foi naufragar nos baixos que jazem entre a ilha do Maranhão e a do Medo; novecentos homens, cento e treze cavalos, dez embarcações de guerra, uma grande quantidade de víveres e de animais domésticos de toda a qualidade, tudo ali se perdeu, salvando-se na ilha somente um ferreiro chamado Pedro ou Pero, que soube fazer-se amar dos Índios, como já dissemos no artigo *Maranhão*. Em 1594, Rifault, que para ali fez viagem à testaduma expedição composta de três velas, foi quase tão mal sucedido como Aires da Cunha, perdendo dous navios; o que lhe ficou carregou-o ele de pau-brasil, e voltou-se para França, deixando na ilha a Carlos Devaux com alguma gente, que fizeram um forte e uma pequena povoação a que puseram o nome de São Luiz. Chegando a notícia destes

acontecimentos a Portugal, recebeu o governador Gaspar de Souza ordem de expulsar os intrusos em 1613, quando já aqueles haviam sido reforçados por M. La Rivardière, no ano antecedente, e depois de vários combates, os mais renhidos dos quais foram os de 2 e 19 de novembro de 1614, conseguiu no ano seguinte Alexandre de Moura no 1º de novembro a evacuação do presidio. Foi este imediatamente substituído por colonos portugueses, e Jerônimo de Albuquerque, que ali ficou com o título de capitão-mor, acrescentou grandemente a povoação, e juntamente seu filho Antônio de Albuquerque, que lhe sucedeu interinamente no posto depois de sua morte, ocorreu em 1618. Em 1641, sendo já El-Rei D. João IV reconhecido por legítimo soberano de Portugal pelos Holandeses, apoderaram-se estes por traição desta ilha, por causa da nimia confiança e sinceridade do governador, e foram expulsos em 1643. Em 1679, criou-se nesta província um bispado sufragâneo do arcebispado de Lisboa, e D. Gregório dos Anjos tomou neste mesmo ano posse da nova diocese, e fez-se estimar

⁶⁵⁴ Atual cidade de São Luís/MA. (N/E)

de todos, não obstante estar a povoação repartida em bandos. Em 1682, organizou-se uma companhia de comércio exclusivo e de navegação de África e de Portugal com o Brasil, que devia durar por tempo de vinte anos. Esta companhia é acusada de ter logo no primeiro ano excedido as atribuições que lhe competiam segundo o regulamento, de haver falsificado os gêneros e alevantado os preços deles, faltando ao que era obrigada, segundo o seu contrato; porém não se pode negar que é da época de seu estabelecimento que datam os progressos da agricultura; como quer que seja, os escritores daquele tempo, considerando o espírito de associação como um sistema destrutor, talvez exageraram os vícios e abusos desta, e a pintaram com parcialidade com as mais negras cores. Irritado com estes escritos e boatos o povo, pôs-se à testa dele Manuel Beckman, natural de Lisboa, que tinha um engenho na margem do rio Meari, e em 25 de fevereiro de 1684 investiu com o palácio do governo e apoderou-se dele, e pelo mesmo teor dos arsenais da marinha e da guerra. Estabeleceu-se então uma junta governativa, a qual destituiu o governador que residia no Pará, decretou a expulsão dos

jesuítas, e aboliu a companhia, cujos armazéns foram devastados. Aplaudiu o povo a todos estes atos arbitrários, e encarregou da execução deles a Beckman e a Eugênio Ribeiro. O lugar-tenente do governador Baltazar Fernandes, com outras pessoas distintas, foram transferidos do palácio para a cadeia, no meio das imprecações e ameaças da plebe; os jesuítas foram postos a bordo de dous navios, um foi tomado por corsários que os puseram em terra, e outro se fez à vela sem acidente, e chegou a salvamento a Lisboa. Os jesuítas, desembarcados pelos corsários, foram outra vez presos e conduzidos à cadeia. No ano seguinte tomaram as cousas uma nova face, o povo começou a entrar em si, Beckman viu-se obrigado a demitir-se do governo, e no cabo de poucos meses o governador Gomes Freire de Andrade pôs termo à revolução. Concedeu-se uma anistia para quantos haviam nela entrado, à exceção dos cabeças, e Beckman foi preso no seu engenho, e executado com alguns de seus colegas. Os jesuítas foram reintegrados em seus conventos e aldeias, e a companhia nos privilégios que lhe haviam sido concedidos pelo seu contrato. Tudo foi reposto no pé em que dantes era; porém durou pouco este es-

tado de cousas, e falecendo em 1688 o governador, o Bispo Fr. Francisco de Lima, que lhes sucedeu, alterou o sossego público com as exco-munhões que lançou; porém, com o andar do tempo e com os progressos da civilização, foram estas desordens sendo mais raras. Por alvará de 13 de maio de 1812 criou-se na cidade de São Luiz um tribunal da relação, composto de nove desembargadores presididos pelo governador da província do Maranhão, que então incluía o Pará, o Piauí e o Ceará. Em 1830, mandou o governo fazer um jardim botânico com o intuito de promover a agricultura, onde os que se dedicam aos diversos ramos desta ciência podem haver de graça as sementes e plantas que desejam cultivar. Por decreto de 2 de agosto do ano seguinte, a escola de comércio que havia sido suprimida foi restabelecida, e por decreto de 11 de novembro seguinte, criou-se uma cadeira de francês, e afinal uma lei provincial de 24 de julho de 1838 fundou nesta capital da província um liceu com cadeiras de filosofia, retórica, geografia, gramática, grego, latim, inglês, francês, desenho, aritmética, álgebra trigonométrica, álgebra mecânica, navegação, astronomia, e uma escola de comércio. A cidade está sita na parte ociden-

São Luiz

tal da ilha, e é a sede do governo provincial, da assembleia legislativa da província, e dum bispado. Nela residem o governador da província e o Bispo. Acha-se esta cidade fortificada pela natureza, e amparada da banda do nascente por montes que não deixam outras passagens senão algumas azinhagas ou gargantas estreitas que se podem guardar com pouca gente. Da parte do norte e do meio dia, cercam-na os pequenos rios de São Francisco e do Maranhão, que todos os dias engrossam com a maré. Na embocadura destes dous rios há uma caldeira, onde os navios se acham abrigados; mas onde não podem entrar senão na preamar, todas as vezes que demandam vinte pés d'água. Defendem a entrada dela os fortes da ponta da Guia e da de Santo Antônio, e cinco outros colocados nos pontos naturalmente defensáveis da ilha. As ruas da cidade são calçadas e cruzam-se em ângulo reto, mas a desigualdade do terreno empece a circulação e trânsito. Como quase todas as casas têm quintais, ocupa a cidade mais extensão do que tem de população. Os edifícios públicos mais notáveis são o palácio episcopal, e a Sé que tem por orago N. S. da Vitória, ambos estes edifícios foram feitos pelos jesuítas; a casa da

alfândega, o tesouro, o hospital da Misericórdia, o colégio, a sala do teatro, várias casas assaz aparatosas, muitas igrejas dedicadas a diversos Santos, os conventos dos franciscanos, dos carmelitas e dos frades das Mercês, dous recolhimentos para as mulheres, um antigo, e outro fundado em 1841, onde são admitidas as filhas de pais pobres de idade de sete anos, e as enjeitadas do hospital da Misericórdia, e educadas até serem de idade de tomar estado, para o que se lhes dá quatrocentos mil réis de dote. Divide-se a cidade em duas freguesias. A da Sé é maior, a de N. S. da Conceição a mais pequena. Como tudo na natureza tem seu desconto, as eminências que tornam a cidade defensável lhe tolhem o ser bem lavada de ares, e sobretudo de receber a influência salutífera da viração de leste. A temperatura é quente, as trovoadas são frequentes nos meses de novembro e de dezembro, e às vezes continuam até março e abril do ano seguinte. Bem que se não tenha observado nesta cidade doenças endêmicas, o ar não é tão puro como se poderia desejar por causa dos miasmas que se exalam das vasas que todos os dias deixam em seco a maré. A cidade de São Luiz é o entreposto dos gêneros das pro-

víncias do Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Goiás, e o comércio que nela se faz de arroz, algodão, aguardente de cana, drogas de medicina, manteiga de tartaruga e fazendas das fábricas da Europa é ativo e considerável. O porto é de fácil acesso para os navios que demandam pouca água; os que demandam vinte pés não podem entrar, como já dissemos, senão na preamar, por isso que não podem bordejar no canal. A barra tem em todo o tempo, mesmo nos lugares onde é menos funda, onze pés d'água nas marés mortas, e vinte e sete nas vivas. Devem os patrões dos navios esperar pelos pilotos da barra, como é costume, junto aos penhascos defronte do forte de Santo Antônio. Todo o navio pode dar querena neste porto. A história dos acontecimentos que passaram nesta cidade depois da abolição do sistema colonial até os nossos dias pertence à geração vindoura, e com quanto tenhamos sido espectadores de muitos deles, ainda assim receamos que nos taxem de parcial.

São Luiz. Lugarejo da província de Minas Gerais, duas léguas ao nor-nordeste da cidade de Paracatu, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, e um registo

para vigiar sobre o contrabando do ouro e dos diamantes.

São Luiz.⁶⁵⁵ Antiga missão na província de Mato Grosso, entre a cidade deste nome e a de Cuiabá. (V. *Vila Maria*.)

São Luiz. Monte da serra Geral, que separa a comarca das Missões das outras três em que se acha repartida a província de São Pedro do Rio Grande.

São Luiz Beltrão. Aldeia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Resende, a cinco léguas da margem esquerda do rio Paraíba, entre os nascentes do Preto. Foi fundada em 1785 pelo vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza, o qual ajuntou um grande número de Índios, cuja direção confiou a um honrado religioso que soube fazer com que ali se conservassem por meios brandos. Sua igreja tem por padroeiro o Santo de seu nome. O sucessor de Luiz Vasconcelos tendo-se descuidado desta aldeia, e sendo falecido o religioso, desemparraram-na os Índios, e se tornaram para as matas. No fim do século passado, como se abris-

sem estradas pela cordilheira da Mantiqueira, para facilitar as comunicações entre as províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, e se estabelecessem nelas registos para servirem de alfândega, e juntamente para ter em respeito o gentio, foram aquelas terras postas em cultivo, e os paternais desvelos do príncipe regente, depois D. João VI, acabaram por adoçar os costumes do gentio que começou a civilizar-se. (V. *São Vicente Ferreira*.)

São Luiz da Leal Bragança. Nome da antiga aldeia de São Luiz, uma das sete missões do Paraguai, que passou a ser vila da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *São Luiz das Missões*.)

São Luiz das Missões.⁶⁵⁶ Antiga aldeia que foi vila e comarca das Missões, na província de São Pedro do Rio Grande. Está assentada nas margens do rio Piratini e de toda parte rodeada de matas, e de numerosos ribeiros. Deram-lhe princípio os jesuítas que se estabeleceram em 1627 na margem esquerda do Uruguai, e depois de haverem fundado a aldeia ou missão de

São Luiz das Missões

São Nicolau, subiram pelo rio Piratini, e foram fundar em 1632 a de São Luiz Gonzaga, a cujo Santo edificaram uma bela igreja de pedra cujo frontispício é composto de cinco arcos sustentados por colunas, e cuja torre tem seis sinos de diverso tamanho. Os edifícios que serviam de colégio e de alojamento aos Índios Guaranis, e de recolhimento para as viúvas e órfãos, faziam uma espaçosa praça, e podiam alojar até mil e quatrocentas famílias, que viviam em comunidade. Ao passo que os missionários doutrinavam os Índios e Índias na religião cristã, não os deixavam ociosos, e empregavam-nos em apanhar o mate, em ajudar a construir os diversos edifícios necessários à comunidade, em fiar e fazer pano de algodão, segundo as forças e sexos dos indivíduos; infelizmente com a riqueza corromperam-se os costumes dos religiosos desta ordem, e opondo-se às tropas portuguesas juntas com as espanholas, para efetuarem a demarcação dos limites dos domínios das duas Coroas, vieram a causar a ruína daqueles estabelecimentos pios que haviam sido até então o objeto da admiração dos povos

⁶⁵⁵ Atual cidade de Cáceres/MT. (N/E)

⁶⁵⁶ Atual cidade de São Luiz Gonzaga/RS. (N/E)

São Luiz Teotônio

civilizados. Declarando-se a guerra entre Portugal e Espanha, as tropas espanholas se assenhorearam em 1801 das sete missões do Uruguai, a saber São Nicolau, São Luiz, São Miguel, São Francisco de Borja, São Lourenço, São João e Santo Ângelo. A missão ou aldeia de São Luiz Gonzaga foi elevada à categoria de vila, por alvará de 13 de outubro de 1817, com o nome de São Luiz da Leal Bragança, e com o patrimônio de uma légua quadrada de terra, dando-se-lhe por distrito o termo das Sete Missões. No tempo em que a assembleia general dividiu esta província em quatro comarcas, a vila de São Luiz foi escolhida para ser cabeça da das Missões; porém, em virtude duma lei provincial, os títulos de vila e de cabeça de comarca foram transferidos para a aldeia de São Francisco de Borja. O território da freguesia de São Luiz é regado pelo rio Piratini. Ao tabaco, canas, mandioca e milho, que são as principais lavras da gente deste distrito, pode-se ajuntar a plantação de vastos algodoais. Nas terras altas e baixas dele pasta, conforme o andamento das estações, imenso armentio; sendo o que

não tem extração no país transportado por água para Montevideu, enquanto se não abre um canal entre o Ibicuí e o Jaguarão, onde quer que o sítio for mais acomodado. No caso de guerra com os Estados Argentinos e Cisplatinos, podem aqueles produtos serem encaminhados pela serra Geral, para os lugares mais vizinhos do rio Jacuí, e serem facilmente transportados também por água para a cidade de Porto Alegre ou para a do Rio Grande, e para vila de São José.

São Luiz Teotônio. Povoação das margens do rio da Madeira, junto à cachoeira de São Teotônio, em oito graus e cinquenta e dous minutos de latitude. Acha-se quase despovoada em razão das frequentes incursões dos Índios bravos, os quais poderiam ter sido civilizados bem como os das adjacências, se nesta povoação se estabelecesse um registo, e se mandassem fazer casas para alojamento daquelles que promettessem lavrar e semear as terras, dando-se-lhes instrumentos, fato e meios de subsistência para aguardarem a colheita. Com semelhante arbítrio a povoa-

ção de São Luiz Teotônio prosperaria e ainda com mais brevidade se se pudesse facilitar a navegação do rio, desembaraçando parte de seu leito. Os Índios Pamas deitam até esta povoação pela grande quantidade de peixe que colhem abaixo desta cachoeira.

São Manoel.⁶⁵⁷ Antiga aldeia da província de Minas Gerais. (V. *Pomba*, vila.)

São Marcelino. Freguesia da província do Pará, na Guiana brasileira na margem direita do rio Negro, trinta e seis léguas acima do forte de São Gabriel, e dez abaixo do de São José.

São Marcelo. Forte da baía de Todos os Santos, que defende a entrada da capital da província.

São Marcos. Grande baía ao poente da ilha do Maranhão. Alexandre de Moura, governador desse Estado, intentou dar a esta baía o nome de Todos os Santos, em memória da capitulação a que obrigou os Franceses no 1º de novembro de 1615, porém prevaleceu em despeito disto o que dantes tinha. Tem esta baía

⁶⁵⁷ Atual cidade de Rio Pomba/MG. (N/E)

São Mateus

doze léguas de fundo contadas da latitude da serra Itacolumi até a foz do rio Itapicuru, e duas em sua maior largura. A sua boca é formada da parte de leste pelo parcel da Coroa Grande, e da do oeste pela costa do monte Itacolumi. O interior dela é semeado de ilhas, bancos de areia e arrecifes. As duas carreiras que seguem os navios que vão à cidade de São Luiz têm doze para vinte braças de fundo; com menos de doze é arriscado o embocá-las. O surgidouro das grandes embarcações fica defronte do forte de Santo Antônio, e seu fundo é de trinta para sessenta braças. Os navios de menor porte sobem pela foz e barra dos rios até o porto, segundo a carga que levam; da parte do sul os surgidouros se acham estreitados pela ponta da Guia e pela ilha do Medo; da parte do poente e do norte pelo banco de areia chamado *Cerca* que é mui comprido, e da do nascente pelos parcéis de Santo Antônio e do Bonfim, entre os quais correm os esteiros pelos quais se vai ao porto da cidade. A entrada destes surgidouros fica entre a ilha do Medo, e a ponta meridio-

nal do banco de areia da *Cerca*. As águas do fundo da baía, ao sul da ponta de Itaqui, têm menos corrente que as dos surgidouros. Entra-se nesta deixando-se à esquerda a ilha do Medo em distância de mil a mil e duzentas braças, e encontra-se quase sempre doze até quinze braças d'água. Os navios estão seguros na baía de São Marcos, e podem nesta fazer os consertos de que necessitam.

São Marcos. Forte na ponta que olha ao noroeste da ilha do Maranhão, que deu o seu nome à baía onde jaz em dous graus, vinte e oito minutos e vinte e dous segundos de latitude, e em quarenta e seis graus, trinta e seis minutos e dezoito segundos de longitude ocidental. Deste forte se avisitam os navios que se avizinhavam da entrada da baía.

São Marcos. Ribeiro da província de Goiás. Nasce numa lagoa que jaz ao pé da serra dos Arrepellidos, atravessa a estrada de leste no registo do Mestre de Armas, dirige-se no rumo do sul e vai incorporar-se pela margem esquerda com o rio Paranaíba.

São Martinho.⁶⁵⁸ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Cachoeira, pela qual passa a estrada que vai de São Luiz das Missões para a cidade de Porto Alegre.

São Martinho. Serra mui alta da província de São Pedro do Rio Grande, ao oriente da comarca das Missões. É ramo da serra Geral, nela se acha o Monte Grande, que é o mais alto de seus cumes, e de que nascem diversos ribeiros.

São Martinho. Ribeirão da província de Mato Grosso, que se ajunta pela margem esquerda com o rio Guaporé, seis léguas abaixo da confluência do rio de São Simão Grande.

São Mateus. Comarca da província do Espírito Santo, criada por lei provincial de 23 de março de 1835, que a formou com o distrito das vilas de São Mateus, cabeça dela, e com os da Barra de São Mateus e de Linhares.

São Mateus.⁶⁵⁹ Vila da província do Espírito Santo, cabeça da comarca de Rio São

⁶⁵⁸ Atual cidade de São Martinho da Serra/RS. (N/E)

⁶⁵⁹ Atual cidade de São Mateus/ES. (N/E)

São Mateus

Mateus, a quatro léguas do mar, e vinte e oito ao norte da foz do rio Doce. Teve princípio por ocasião do naufrágio dum navio português que entrou desmastreado pela foz dum rio a que os Índios chamavam *Quiricaré*, que os naufragantes converteram no de Cricaré, e subindo por ele acima obra de três ou quatro léguas como vissem que abundava em pescado, e que as terras pareciam ser férteis, assentaram morada em sua margem esquerda. Passados alguns anos aportou naquele mesmo sítio o padre Anchieta, no dia de São Mateus do ano de 1596, e pôs ao rio o nome daquele Apóstolo. Estes novos colonos erigiram uma igreja ao mesmo Santo, onde diziam missa os frades capuchos que tinham ido fazer um convento de sua ordem no Brasil. Em 1636 um eclesiástico foi promovido naquele benefício, ao qual sucederam outros até o ano de 1751, época em que por ordem régia de 23 de março, foi aquela igreja elevada à categoria de paróquia do Brasil. Passados vinte anos, foi aquela freguesia condecorada com o título de vila, conservando sempre o nome de São Mateus; achava-se então na comarca de Porto

Seguro, da província da Bahia. Tendo os limites das províncias vizinhas experimentado várias mudanças, veio em consequência delas a vila de São Mateus a pertencer à província do Espírito Santo, e a ser cabeça da comarca do seu nome. Esta vila, edificada sem simetria, está assentada num teso a pequena distância do rio do seu nome, e acha-se infelizmente rodeada de pântanos, e pauis infectos que são causa das teimosas sezões que nela reinam endemicamente, e tanto estorvo põem ao progresso da população. Fazemos votos para que as autoridades locais e a assembleia provincial se não esqueçam de ensinar estes pântanos, dando saída às águas estanques que tão perniciosos efeitos causam. Tinha já esta vila uma escola de primeiras letras para meninos, e uma lei provincial a dotou, além doutra para meninas, dum cadeira de latim. Seu distrito, que consta do termo de sua própria freguesia, fica pegado ao norte com o de Porto Alegre, e ao poente se dilata até o cume da cordilheira dos Aimorés, servindo-lhe de limite ao sul o rio de São Mateus, e ao noroeste o Oceano. A exportação que dele se faz é considerável em

razão da fertilidade das terras. Em 1836 saíram deste porto para o do Rio de Janeiro cinquenta mil, oitocentos e noventa e seis alqueires de farinha de mandioca, trinta e uma caixas de açúcar, quatorze sacas de milho, sem contar as remessas que se fizeram para a cidade da Vitória, nem os feijões e outros gêneros. Os cacauzeiros dão-se bem nas terras chãs deste distrito, e os cafeeiros nas altas. As abóboras e melancias são dum tamanho não vulgar, as últimas são sobretudo primorosas.

São Mateus.⁶⁶⁰ Vila da província do Ceará, na comarca de Icó; está assentada na margem esquerda do rio Jaguaribe, no antigo termo de I-nhamuz, entre as vilas de São João do Príncipe e de Icó. Foi primitivamente uma aldeia de Índios Cairiris, onde os jesuítas que os doutrinaram mandaram fazer uma igreja que dedicaram ao apóstolo São Mateus. Tendo-se agregado aos Índios grande número de brancos, e achando-se com mais gente a povoação, foi esta igreja desanexada da vila de Icó, e elevada à categoria de paróquia no começo do século atual. Em 1823 um alvará de 17 de outubro lhe con-

⁶⁶⁰ Atual cidade de Jucás/CE. (N/E)

São Miguel

feriu afinal o título de vila com o mesmo nome que tinha, dando-lhe por patrimônio uma légua quadrada de terra, ficando a cargo dos moradores as despesas da construção dos edifícios indispensáveis a toda vila, e formando-se-lhe o distrito com parte dos das vilas de Icó e de São João do Príncipe. É cabeça dum colégio eleitoral que teve vinte e dous eleitores em 1844. Os habitantes dela, e do distrito são ao todo treze mil, dous mil dos quais residem no termo da freguesia da vila. Sua indústria consiste na agricultura e na criação de gado. Os Índios colhem tão somente algodão e vivem de veação.

São Mateus. Rio que nasce na província de Minas Gerais, e resulta da reunião de muitos rios que descem dos vertentes orientais da serra das Safiras, faz diversas voltas na cordilheira dos Aimorés, onde alguns autores pretenderam que se repartia em dous braços, com os nomes de Cricaré e de Mucuri, porém estes dous rios têm diferentes nascentes. O rio de São Mateus ou Cricaré recolhe pela margem esquerda nas faldas da sobredita

cordilheira, e em sua vertente oriental, o ribeirão Cotaché, e depois de haver atravessado, do poente para o nascente, a província do Espírito Santo, rega a vila do Santo do seu nome, e quatro léguas abaixo dela recolhe o ribeiro de Santana, e vai lançar-se no Oceano, perto da vila da Barra, em dezoito graus e trinta e sete minutos de latitude. As cabeceiras deste rio, na província do Espírito Santo, acham-se povoadas de Índios bravos e de feras, e passadas as cachoeiras seu leito é largo, profundo, e com voltas.

São Miguel.⁶⁶¹ Vila da província das Alagoas, sobre o rio de que tomou o nome, sete léguas acima de sua foz, e cinco a su-sudoeste da cidade das Alagoas. Era uma freguesia que foi elevada à categoria de vila, por decreto de 10 de julho de 1832, que lhe assinalou por distrito o seu antigo termo, o qual se dilata para o poente por serras e despovoados. N. S. do Ó é orago de sua igreja paroquial, e a população de seu distrito é avaliada em dous mil habitantes, que cultivam víveres para seu consumo, e tabaco e algodão que

exportam para a Bahia ou para o porto da cidade de Maçaió.

São Miguel.⁶⁶² Nova vila e antiga freguesia do continente da província de Santa Catarina, à beira da enseada que tem o mesmo nome. Teve princípio na armação de baleia, que havia numa das pontas que formam a sobredita enseada, feita em 1746, na qual havia uma capela de N. S. da Piedade. Como ali se ajuntassem muitas famílias, edificou-se uma nova igreja, da invocação do Arcanjo São Miguel, a qual foi criada paróquia por provisão de 8 de fevereiro de 1752, que lhe deu por vigário Domingos Pereira Machado. Esta igreja, achando-se arruinada, foi feita de novo no princípio do século presente, sendo governador da província Joaquim Xavier Curado. Esta freguesia, que então era conhecida com o nome de *São Miguel da Terra Firme*, foi dotada com uma escola de primeiras letras, por decreto da assembleia geral de 27 de agosto de 1832, e elevada à categoria de vila, com o nome que atualmente tem por lei provincial. Possui esta nova vila um matadouro que se aca-

⁶⁶¹ Atual cidade de São Miguel dos Campos/AL. (N/E)

⁶⁶² Atual distrito de São Miguel, município de Biguaçu/SC. (N/E)

São Miguel

bou de fazer no ano de 1841. Seu distrito consta do próprio termo de sua freguesia, onde existem obra de vinte fábricas de açúcar, uma de louça de barro envernizada, uma de curtume e várias máquinas de descascar arroz. Sua população, em 1842, era de três mil habitantes e de dous mil escravos pouco mais ou menos, que fazem grandes sementeiras de arroz, lavram canas, milho, mandioca e feijões, fabricam queijos que se consomem na cidade do Desterro. Carece este distrito de tanoeiros, assim que são nele raras as vasilhas, pelo mesmo teor que nos demais distritos da província. A enseada de São Miguel é um bom surgidouro para toda a sorte de embarcação, e até para navios de linha, por ser mui bem abrigada dos ventos do oeste.

São Miguel.⁶⁶³ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, e uma das missões da margem esquerda do rio Uruguai. Foi fundada em 1632 pelos jesuítas espanhóis que chegaram a ajuntar nela até dez mil Índios de diversas nações. Chamava-se Tijaraiú Sepé o chefe desta aldeia, o qual, em 1751, obrigou por

algum tempo os Portugueses e Espanhóis a suspenderem os trabalhos que de comum acordo faziam para a demarcação dos domínios das duas respectivas Coroas. Ufano com os primeiros sucessos, e secretamente instigado pelos padres da companhia, marchou Sepé contra o forte do Rio Pardo no ano seguinte, e mandou-o investir sem sucesso: tentou, passado tempo, um segundo assalto acompanhado de dous jesuítas, munido de duas peças de artilharia, e levando consigo muito mais gente, porém teve a infelicidade de ficar prisioneiro juntamente com o filho. Puseram-nos os Portugueses e Espanhóis em liberdade, cuidando que com aquele ato de generosidade os trariam à razão; porém Sepé, por instigações dos padres, com falsas mostras de amizade, apoderou-se duma patrulha portuguesa, e mandou matar quantos nela iam. Com o que as tropas combinadas de Portugal e Espanha deram outra vez princípio à guerra, e num combate renhido que tiveram com os Índios, foram estes destruídos, e morto o chefe dum tiro de pistola. Morto ele, opuseram os jesuítas às tropas

encarregadas da demarcação o intrépido Neenguiru, chefe da aldeia da Conceição, na outra banda do rio Uruguai, fornecendo-lhe certa cavalaria índia adestrada e ensinada por eles, e conferindo-lhe a investidura de rei com o nome de Nicolau I. Não correspondeu o sucesso ao valor e intrepidez do Índio, que foi derrotado numa batalha bem ferida dada em 1756, nas margens do ribeiro Churiebi. A maior parte dos cabos índios nela sucumbiram, e os vencedores fizeram neles um terrível estrago. Esta vitória decisiva fez que cessassem as pretensões belicosas dos Índios, secretamente fomentadas pelos jesuítas por decurso de cinco anos. Atualmente está esta aldeia reduzida a bem pouca cousa, sendo a sua população de tão somente mil indivíduos, dos quais setecentos são Índios, e acha-se cercada de matas e de ribeiros que se vão ajuntar com o Jucaripi, um dos principais nascentes do rio Paratiní. Consta unicamente de várias ruas que vão ter a uma praça quadrada, no topo da qual se vê o frontispício e a nave duma igreja suntuosa edificada e queimada pelos jesuítas, sendo o que dela remanesce conservado

⁶⁶³ Atual cidade de São Miguel das Missões/RS. (N/E)

São Miguel

pelos soldados espanhóis e portugueses, quando a entraram em 16 de maio de 1756. Do incêndio desta aldeia se acha uma descrição no canto IV do poema de José Basílio da Gama. Em seu termo existem minas de cobre e de azougue, principalmente na Estância, ou pascigo dos bois de Santa Fé.

São Miguel. Aldeia da província do Maranhão, na margem direita do rio Itapicuru, quinze léguas abaixo da vila de Itapicuru-Mirim, e a seis da baía de São José, com uma igreja da invocação de N. S. da Lapa, a qual foi substituída por outra que se acabou em 1842, e foi elevada à categoria de paróquia por virtude duma lei da assembleia provincial. Seus moradores são quase todos oriundos dos Índios. Esta aldeia é também chamada *Pias* ou *São Miguel das Pias*.

São Miguel.⁶⁶⁴ Vila que foi da província de Paraíba, perto do mar, meia légua ao norte da baía de Acejutibiró ou da Traição, e dez ao norte da cidade de Paraíba. Foi primitivamente uma aldeia que teve o título de vila depois da expulsão dos

Holandeses, e consta atualmente dalgumas casas onde moram alguns Índios à roda da igreja de São Miguel, situada numa eminência, e de grande número de brancos e mestiços derramados ao longo da margem esquerda do ribeiro Acejutibiró, que vai desaguar na baía do mesmo nome. Por decreto de 13 de outubro de 1831, criou-se nesta vila uma escola de ensino mútuo; seu distrito constava unicamente do próprio termo de sua freguesia, e era regado pelos ribeiros Grapiuna, Sinimbu, e pelo rio Camaratiba, e encerrava os lugarejos de Serra da Raiz, de Mataracá e de Piabuçu, cada um com sua capela, e sua população era avaliada em mil e duzentos habitantes, que colhiam excelente algodão, fabricavam óleo de mamona, e cultivavam os víveres de que haviam mister. Mas uma lei provincial de 12 de novembro de 1840, tendo-lhe suprimido o título da vila, a reduziu a simples freguesia, dando a seu termo as seguintes confrontações: ao poente, a estrada imperial da cidade de Paraíba para a do Natal, diante do termo da freguesia de Mamanguape, passando pelo engenho de Imberibeira;

ao norte, o rio Goaju; ao sul, o Mamanguape; e ao nascente o mar, entre as emboCADURAS dos dous sobreditos rios.

São Miguel.⁶⁶⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Jequitinhonha, junto dum ribeiro chamado também de São Miguel, quarenta e cinco léguas a leste da cidade de Minas Novas e sessenta do mar. Teve esta freguesia origem num registo colocado em 1810 nos confins do distrito desta cidade, então vila do Fanado, para vigiar sobre extravio do ouro e dos diamantes. O alferes Julião Fernandes Leão, que se achava à testa do destacamento, fez-se respeitar e amar dos Botocudos, que o tinham ao princípio investido em grande número e armados. Começou-se aquele sítio a povoar com alguns vadios e mulheres de má vida que eram governados pelo comandante do posto. Passado algum tempo agregaram-se-lhes alguns colonos industriosos a quem o governo concedeu terras, e estes novos colonos, governados pelo comandante, trataram de convidar os Índios com alguns presentes

⁶⁶⁴ Atual cidade de Baía da Traição/PB. (N/E)

⁶⁶⁵ Atual cidade de Jequitinhonha/MG. (N/E)

São Miguel

para ajudá-los em suas lavou-
ras, pagando-lhes o que era
justo. Em 1822, os únicos ins-
tituidores que ensinavam os
Índios a ler, e que os instruí-
ram nos deveres da religião,
eram os soldados do destaca-
mento e o comandante dele.
As plantas leguminosas, os al-
godoeiros, a mandioca e o
milho rendem muito mais nas
terras desta freguesia que nas
outras; e como é fácil o trans-
porte destes gêneros pelo rio
Jequitinhonha, pode-se afian-
çar a esta freguesia um lison-
jeiro porvir, bem como a
quaisquer outras povoações
que se formarem em suas ad-
jacências. Gastam-se oito dias
a descer por este rio até Bel-
monte, e vinte para se subir
por ele até São Miguel. Havia
há muito nesta povoação uma
igreja, mas foi o Imperador D.
Pedro quem lhe nomeou o
primeiro vigário em 1824. O
comandante deste posto, de
que acima falamos, passou a
ser coronel de milícias, e foi
nomeado no mesmo ano dire-
tor dos Índios civilizados das
províncias do Espírito Santo e
de Minas Gerais.

São Miguel. Antiga aldeia da
província do Pará, num teso
da margem direita do rio das

Amazonas, cercada de ótimos
campos, e povoada por Índios
da nação Baré. Achava-se de-
serta em 1840. (V. *São Miguel
de Neviri.*)

São Miguel. Missão da pro-
víncia de Mato Grosso, nas
margens do rio Mequém, per-
to de sua confluência com o
rio Guaporé pela margem es-
querda. Foi fundada em 1749
pelos jesuítas espanhóis, que
foram obrigados a ceder aos
Portugueses aquelas terras.
Cinco anos depois, e no de
1754, foi reformada pelo mis-
sionário Agostinho Lourenço,
que acabava de instaurar a al-
deia de Leonil na margem
oposta do Guaporé.

São Miguel.⁶⁶⁶ Antiga fregue-
sia da província da Bahia, no
distrito da vila de Jaguaripe,
com uma igreja dedicada ao
Santo do seu nome, e uma es-
cola de primeiras letras criada
por decreto da assembleia
geral de 16 de junho de 1832.

São Miguel. Povoação da
província da Bahia, na co-
marca de Rio de São Fran-
cisco. Está assentada na mar-
gem esquerda do dito rio, qua-
torze léguas pouco mais ou
menos abaixo da vila da Barra

do Rio Grande, em dez graus
e cinquenta minutos de lati-
tude.

São Miguel.⁶⁶⁷ Povoação da
província de São Pedro do Rio
Grande, na extremidade meri-
dional da lagoa Mirim, e nas
margens dum ribeiro que tem
o mesmo nome que ela, o qual
deságua na sobredita lagoa,
sete léguas ao nor-noroeste de
Santa Teresa. Há nesta povoa-
ção um forte que há muito
está sem guarnição.

São Miguel. Rio da provín-
cia das Alagoas, cujo curso
sinuoso do ocidente para
o oriente é de obra de qua-
torze léguas. Rega o distrito
e a vila de São Miguel, atra-
vessa a lagoa ao pé da qual
está situada a engraçada po-
voação de Santana, e vai
lançar-se no Oceano, de-
zoito léguas ao nordeste da
embocadura do rio de São
Francisco. Sua barra tem
pouco fundo, e seis para
sete pés d'água. Os barcos
sobem por ele até a povoa-
ção de Santana, onde vão
tomar carga de algodão,
açúcar e madeiras de cons-
trução, que descem de ca-
choeira em cachoeira por
diversos ribeiros, até a parte

⁶⁶⁶ Atual cidade de São Miguel das Matas/BA. (N/E)

⁶⁶⁷ Atuais cidades de Chuí/RS e Chuy/Uruguai. (N/E)

dele onde podem ser conduzidas em jangadas. As cargas dos brigues e doutras embarcações que não podem entrar na barra são conduzidas nas ditas jangadas até fora dela.

São Miguel da Barra do Rio de Contas.⁶⁶⁸ Antiga vila da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. (V. *Barra do Rio de Contas.*)

São Miguel da Cachoeira.⁶⁶⁹ Freguesia da província do Pará, na cabeceira do rio Guamá, povoada por Índios que cultivam algumas terras, caçam e pescam.

São Miguel de Mata Dentro. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Santa Bárbara e nas margens do ribeiro Surucaba, um dos primeiros afluentes do rio Piracicaba.

São Miguel de Neviri. Povoação fundada em 1633, na província do Pará, por Jerônimo Furtal, sobre a margem direita do Amazonas.

São Miguel de Piracicaba.⁶⁷⁰ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, no distrito de Caeté, quatorze léguas a és-sueste da vila deste nome. Está situada em ambas as margens do rio Piracicaba, sobre o qual há uma ponte de madeira que dá passo dum parte da povoação para outra. Sua igreja, de que é padroeiro o Arcanjo São Miguel, foi criada paróquia em 1750. Há além dela mais quatro derramadas pela povoação, que sendo edificadas em anfiteatro, e tendo quase todas as casas quintais, tem uma vista muito agradável. Seu termo, que poderá ter vinte léguas de comprido e seis de largo, encerra perto de onze mil habitantes, repartidos por muitas povoações cada uma com sua capela. Já em 1816 o rol dos fregueses desta paróquia feito com toda a exatidão dava a população seguinte:

Branços, de ambos os sexos1.942
Índios, id18
Pardos livres, id3.010

São Nicolau

Pardos escravos, id381
Negros livres, id1.112
Negros escravos, id4.486

Total.....10.949 almas.

A indústria dos habitantes do termo desta freguesia consiste nas sementeiras de milho e de feijões, e na criação e ceva de porcos.

São Miguel de Taipu.⁶⁷¹ Freguesia da província de Paraíba. (V. *Taipu.*)

São Miguel de Terra Firme.⁶⁷² Antiga freguesia do continente da província de Santa Catarina. (V. *São Miguel*, vila, artigo 2º.)

São Miguel e Almas.⁶⁷³ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila da Conceição do Serro.

São Miguel e Pias. Aldeia da província do Maranhão. (V. *São Miguel*, artigo 4º.)

São Nicolau.⁶⁷⁴ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, obra de uma légua ao

⁶⁶⁸ Atual cidade de Itacaré/BA. (N/E)

⁶⁶⁹ Atual cidade de São Miguel do Guamá/PA. (N/E)

⁶⁷⁰ Atual cidade de Rio Piracicaba/MG. (N/E)

⁶⁷¹ Atual cidade de São Miguel de Taipu/PB. (N/E)

⁶⁷² Atual distrito de São Miguel, município de Biguaçu/SC. (N/E)

⁶⁷³ Atual cidade de Guanhães/MG. (N/E)

⁶⁷⁴ Atual cidade de São Nicolau/RS. (N/E)

São Nicolau

norte da vila de Rio Pardo, nas margens do sobredito rio. O governador José Marcelino de Figueiredo favoreceu muito esta aldeia de Índios Guaranis e Tapes em 1774, a qual começava, como várias outras, a prosperar durante o seu governo, porém no de seus sucessores todas elas descaíram. Sua igreja paroquial é dedicada ao Santo do seu nome, e os habitantes de seu termo são Índios que colhem alguns víveres e fabricam louça de barro.

São Nicolau.⁶⁷⁵ Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões. É a mais antiga das Missões do Uruguai, e foi fundada pelos padres da companhia em 1627. Está sita na margem direita do rio Piratini, perto de sua confluência com o Uruguai. Quando os Portugueses tomaram conta dela no princípio do século em que estamos, constava esta Missão de três mil, novecentos e quarenta indivíduos, porém este número se acha mui diminuído em razão das dissensões civis, e especialmente depois da rebelião de 1836. Os moradores de seu termo são cultivadores e criadores de gado, e

apanham também mate ou congonha para exportação.

São Nicolau. Ribeiro da província de Piauí, um dos afluentes do rio de São Victor pela margem direita e ao sul do rio Poti.

São Paulo. Rica e grande província marítima do Brasil, entre vinte e três e vinte e seis graus de latitude e quarenta e sete e cinquenta e seis graus de longitude ocidental. Por alvará de 20 de novembro de 1530, e por um decreto explicativo de janeiro do ano seguinte, foi Martim Afonso de Souza encarregado por El-Rei D. João III da exploração e reconhecimento da costa do Brasil, desde o Cabo Frio até o rio da Prata. Pôs-se o almirante em viagem no decurso do ano de 1531, e no 1º de janeiro de 1532, reconheceu a baía Niterói que tomou pela foz dum rio, motivo por que a apelidou do nome de Rio de Janeiro. Vários autores afirmam que este reconhecimento foi feito no 1º de janeiro de 1531; porém claro está que se enganaram, pois que o decreto em virtude do qual se fez o reconhecimento e exploração sendo desse

mesmo mês e ano, o dito reconhecimento se não podia efetuar senão no seguinte, sendo que naquele tempo levavam os navios três meses a ir de Portugal ao Brasil. Em 22 de janeiro, dia em que a igreja soleniza a festa do mártir São Vicente, entrou Martim Afonso num rio que deságua ao pé da ilha Enguaguaçu, a que pôs nome São Vicente, e pelo mesmo teor à vila que mandou fazer na dita ilha, e fez aliança com os Índios das tribos Carijós, apelidadas Goiana e Piratiningana. O que feito, prosseguiu em sua exploração até o rio da Prata, segundo as instruções que tinha, e de volta dela deu terras no continente e campo Piratiningano a Pedro de Góis, e na ilha Enguaguaçu a Francisco Pinot, e passados alguns anos tornou-se para Portugal. Folgou muito El-Rei D. João III com a notícia da prosperidade em que Martim Afonso havia deixado aquela colônia, e em recompensa dos serviços que naquela exploração prestara ao Estado, lhe concedeu cem léguas de costa com a faculdade de se alongar pelo sertão quanto pudesse, e pela mesma ocasião o nomeou para vice-rei da Índia, para

⁶⁷⁵ Atual cidade de Rio Pardo/RS. (N/E)

onde partiu em 1535: a carta de doação das sobreditas cem léguas de terra, foi assinada em Évora em 20 de janeiro do ano seguinte. Supõe-se que no cabo de seu governo, se tornara para Portugal, onde fizera armar vários navios com os quais fizera viagem para as terras que lhe haviam sido doadas, levando consigo algumas famílias de sua escolha, canas-de-açúcar da ilha da Madeira, bois, vacas, cavalos, asnos, carneiros, e outros animais domésticos da Europa, os quais se multiplicaram numa maneira pasmosa naquelas novas terras; e em prova da veracidade destes fatos citam-se diversos instrumentos e atos passados, durante o tempo de sua residência na vila de São Vicente, o que não dissipa a escuridade em que se acham envoltas as circunstâncias de sua chegada àquela capitania e de sua partida dela. O que se sabe ao certo por documentos autênticos, é que em 1557 D. Duarte da Costa governava a sobredita capitania em nome do vice-rei, e que passado tempo fora rendido no mesmo posto por Jorge Ferreira. Os colonos conduzidos por Martim Afonso se derramaram gradualmente pelo continente, e deram princípio às vilas de Santo André e de São Paulo. (V. estes nomes.)

Foi a população crescendo com a aliança dos Europeus com os Índios; e os que deles descenderam, mais ativos e empreendedores que seus avós maternos, foram apelidados Mamelucos e Curibocas. Aventuraram-se estes no cabo alguns anos, a entranharem-se no coração das florestas para irem cativar os Índios que encontravam despercebidos e em pequeno número. As tribos pacíficas evitavam o encontro daqueles novos inimigos, as belicosas pelo contrário faziam quanto podiam por destruírem as colônias que se iam fundando nas terras de que há muito se achavam de posse. Em vão os Reis de Portugal defenderam o infame comércio da escravatura dos Índios; os Paulistas continuaram a praticá-lo à força das armas, e os jesuítas por via de persuasão, pela necessidade que uns e outros tinham de escravos para suas lavras. Alguns dos que foram a tais expedições descobriram algumas minas de ouro e de pedras preciosas, de que de volta apresentaram as amostras; e D. Francisco de Souza, governador general do Brasil, se transportou em pessoa no ano de 1598 à capitania de São Vicente, para certificar-se da verdade do descobrimento das novas minas, e tendo-se retirado para Lisboa no cabo de

seu governo, foi nomeado em 1608 primeiro administrador e superintendente das minas do Brasil. Estes novos descobrimentos acenderam ao último ponto a cobiça dos Vicentistas, Paulistas e Taubateanos, os quais deram de mão à inter-presa árdua, e por vezes perigosa, de prearem Índios, e se aplicaram de preferência ao descobrimento de minas de ouro e de pedras preciosas, que se lhes antolhava mesmo custoso. A primeira mina que deste metal se achou em Paranaguá foi descoberta em 1613, e Salvador Correia de Sá, que exercia neste tempo o cargo de superintendente, pôs em execução neste mesmo ano o regimento que devia ser observado nos seguintes. Enquanto seu filho governava a capitania do Rio de Janeiro, foi Salvador Correia nomeado em 1637 administrador das Minas, e três anos depois se descobriram as de São Paulo, de Iguape e de Cananeia. Estes descobrimentos foram causa que vários aventureiros se determinaram a explorar o país da banda do norte e do poente, na esperança de encontrarem novas minas; chamaram-nos sertanistas por isso que se internavam no sertão das terras. Os álveos dos ribeiros e as margens dos rios, tais como o Paraguai e o Doce, foram exploradas por estes

São Paulo

homens de não vulgar intrepidez, que Vosgien mal-informado, em seu *Dicionário geográfico*, nos representa como um bando de facinorosos de diversas nações que matavam a quantos enjeitavam de viver de conserva com eles, quer fossem Índios, quer Europeus. Com estes Paulistas se juntaram infinitos estrangeiros levados da sede do ouro, e bem que as obras dos escritores nacionais desse tempo no-os representem como homens indomáveis, nada mais foram na verdade que meros aventureiros, ativos e empreendedores, que no pressuposto de que eram suas as minas descobertas à custa de seus suores e fadigas, negavam sujeitar-se no que dizia respeito a elas à autoridade real, e à dos governadores e capitães-mores delegados pelos donatários; e se em diversos lugares e por diversas vezes se amotinaram, e pegaram em armas, assim se houveram para se descativarem do jugo dos jesuítas, e especialmente por acharem injusto o terem de dar a quinta parte do metal que com grandíssimas despesas tiravam das entranhas da terra, pois que muitas vezes eram obrigados a pagar a peso de ouro os víveres de que haviam mister para se alimentarem. Durante os sessenta anos em que os Filipes reinaram em

Portugal e em seus domínios, os seus vassallos de Espanha, de Flandres e de Itália gozaram do direito de se estabelecerem no Brasil; e com efeito muitos deles foram residir para a capitania de São Paulo, e reciprocamente os Paulistas se espalhavam pelos domínios espanhóis, bem que fossem poucos os que ali assentaram casa; e quando, em 1640, o duque de Bragança reassumiu o trono de seus avós, os poucos dentre eles que residiam nas margens do Paraná, vieram-se expostos aos insultos e vexames dos Espanhóis, que eram em grande número, de sorte que trezentos deles, armados e feitos num corpo, determinaram de se acolherem à capital de sua província, atravessando as imensas matas que regam os rios Paranapanema e Tabagi, onde de passagem arrasaram as vilas de Xeres, Ciudad Rodrigo e Vila Rica. Consta dalgumas memórias desse tempo que só chegaram a São Paulo oitenta não acompanhados, segundo afirmaram alguns escritores, de novecentos prisioneiros, mas somente com um sino, único troféu das vitórias que haviam alcançado. No tempo da aclamação do duque de Bragança, foram os jesuítas obrigados a evacuar a província de São Paulo, por ocasião duma insurreição popular que contra

ele houve, com o pretexto de que eram eles os instigadores das diversas ordens do governo que proibiam o cativo dos Índios, muitos dos quais viviam sujeitos aos jesuítas, que se diziam seus administradores, e não seus senhores. Os vassallos espanhóis que residiam nas capitâncias de São Paulo, de São Vicente e de Itanhaém, que se achavam então separadas, fizeram bando à parte e trabalharam cada um da sua parte por conservar o país em que residiam na obediência de seu soberano respectivo, assim que as guerras intestinas que dali se originaram só tiveram termo em 1656 por via duma concórdia, aconselhada a El-Rei D. Afonso VI ou a seus ministros pelo vigário da vila de São Paulo, a qual consistia em formar-se o senado da câmara de metade de cidadãos neutros ou brasileiros, e de metade dos parentes de Amador Bueno da Ribeira Camargo, chefe da facção espanhola, e dos das dos Pires, chefe da Portuguesa. A estas disputas e contendias, e às instituições civis que delas emanaram quisera por certo aludir alguns escritores estrangeiros quando asseveraram que os Paulistas viveram longo tempo em república debaixo da proteção dos Reis de Portugal. A este respeito cum-

pre-nos observar que se não acham vestígios de semelhante fato nos arquivos da província, e que a faculdade que tinham os habitantes de elegerem os membros do senado da câmara era comum a todas as vilas do Brasil. Governava pela terceira vez a província do Rio de Janeiro, com o título de governador general, Salvador Correia de Sá e Benavides, quando lhe chegou notícia de se acharem os Paulistas amotinados: fez o governador com brevidade os aprestos necessários para a jornada, e apresentou-se em Santos em outubro de 1660, donde partiu para ir visitar as minas de ouro de Paranaguá, e tornou-se ao depois para São Paulo, atravessando o sertão da província, e nesta jornada mandou lançar pontes e pôr barcos nos rios e lagoas que não davam vau, fez abrir novas estradas por meio de matas até então intransitáveis, e melhorou as que existiam, e por tão úteis obras ganhou o amor dos Paulistas que o acolheram com a maior submissão, e que o amavam a ponto que com custo o deixaram partir para o Rio de Janeiro, onde chegou em 16 de abril do ano seguinte. Havia muito tempo que várias famílias titulares contendiam acerrimamente sobre a herança do almirante Martim Afonso de

Souza, e sobre a de Pedro Lopes, seu irmão; haviam estas duas heranças sido divididas em 1624 em duas capitanias, uma com o nome de São Vicente, e outra com o de Itanhaém; porém, em 1679, El-Rei D. Afonso VI as reuniu à Coroa, e fez ao depois delas doação ao conde da Ilha do Príncipe. O marquês de Cascais e o conde de Monsanto, que por aquela decisão régia se viam esbulhados da posse delas, levaram a causa a juízo. Complicou-se a primeira demanda, e durou o litígio até o tempo d'El-Rei D. João V, que lhe pôs fim, mandando dar ao marquês de Cascais quarenta mil cruzados, além de várias honras que lhe conferiu, e aquelas doações foram irrevogavelmente anexadas aos domínios da Coroa em 1709. Até aquele tempo haviam sido aquelas duas capitanias governadas pelas pessoas nomeadas ora pelos donatários legítimos delas, ora pelos que o pretendiam ser, as quais eram sujeitas ao princípio ao governador general do Brasil, e ao depois ao governador general do Rio de Janeiro, em tudo quanto dizia respeito à guerra e à execução das ordens régias. Havia também os sobreditos donatários posto juizes onde quer que lhes parecia necessário, e estes juizes foram constantemente subordinados ao

ouvidor geral e ao provedor-mor do Brasil. Uma carta régia de 7 de fevereiro de 1701 proibiu o comércio que faziam as províncias do Sul, de que era capital o Rio de Janeiro, com as do Norte, que recebiam as ordens da cidade da Bahia. Esta proibição injusta, junta com a da destilação da aguardente de cana e a da plantação de bacelos e de oliveiras, fizeram que os Paulistas que tanta intrepidez e ânimo haviam mostrado de fresco se entregassem à indolência, e vivessem num estado vizinho da apatia. Em tão má ocasião foi Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho nomeado governador general da província de São Paulo e Minas incorporada na Coroa, e declarada independente da do Rio de Janeiro em 1709. Tomou o novo governador posse do governo em 18 de junho de 1710, e escolheu para sua residência a vila de São Paulo, a qual, no ano seguinte, foi condecorada com o título de cidade. Foi o governador às Minas, onde criou as vilas de Mariana e de Vila Rica em 1711. Sucedeu-lhe, em 31 de agosto de 1715, D. Brás Baltazar da Silveira, o qual também foi às Minas por ocasião de alguns alevantamentos que ali tinham havido; porém, quando chegou já tudo estava em sossego, e em conformi-

São Paulo

dade das ordens régias de que ia munido criou as novas vilas de Vilanova do Infante, Vilanova da Rainha e de Vila do Príncipe; dividiu o país em quatro comarcas, com os nomes de Ouro Preto, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio, e voltando para São Paulo, conservou-se no governo até setembro de 1717, em que o entregou a D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar, que era vindo com patente de capitão general *ad honorem*. A este governador devem a sua criação as vilas de São João del Rei e a de São José, que lhe fica vizinha. Teve D. Pedro de Almeida de castigar os autores de vários levantamentos que contra a sua autoridade houveram por ocasião da arrecadação do quinto; e como se arrogasse o direito de julgar militarmente os cabeças dos motins que tinham havido nos diversos distritos, clamaram contra ele os magistrados, e qualificaram-no de déspota; porém o governador provou o como aquele expediente era o único que podia pôr o país em sossego, visto que os seus predecessores o não haviam conseguido usando de brandura. Achando-se D. João V de posse das informações que o conde de Assumar lhe havia dado em conformidade da ordem que dele recebera a respeito

dos limites que se poderiam assinalar ao país das Minas, sem prejudicar os direitos das antigas províncias da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, foi o sobredito país desanexado da província de São Paulo, e erigido em capitania independente por alvará de 2 de dezembro de 1720. Logo em 5 de setembro seguinte tomou Rodrigo César de Menezes posse do governo da província de São Paulo. Na administração deste capitão general descobriram os Paulistas as minas de ouro de Goiás e de Cuiabá, para onde se transportou por terra o dito capitão general, a fim de repartir as terras auríferas e regularizar a arrecadação do quinto, e levou cinco meses na jornada abrindo caminho pelas matas, fazendo alianças com o gentio e atravessando com os que o acompanhavam e a bagagem vários rios em jangadas. Achando-se na povoação de Cuiabá a que havia conferido o título de vila em 1727, foi nomeado para o governo de Angola, e em sua ausência a câmara da cidade de São Paulo deu posse do governo, em 27 de agosto deste mesmo ano, a Antônio da Silva Caldeira Pimentel, o qual trazia ordem de deixar acabar a Albuquerque a missão a que havia dado princípio. No cabo de cinco anos teve Pimentel

por sucessor a Luiz Antônio de Távora, o qual partiu para Goiás para ali fundar uma vila, em conformidade duma ordem régia de 1736, atalhou-o porém a morte nas margens do Tocantins, em 29 de agosto do ano seguinte, antes de ter acabado a sua missão. Sucedeu-lhe, em virtude dum decreto régio aplicável a casos tais, Gomes Freire de Andrade, que governava nesse tempo o Rio de Janeiro e Minas, juntando a este governo o da província de São Paulo, a quem pôs o nome de *Bela sem dote*. Veio rendê-lo em 1739 D. Luiz de Mascarenhas, que vinha encarregado por El-Rei de concluir a missão do falecido Luiz Antônio de Távora; o que com efeito pôs em execução, indo em pessoa ao país de Goiás, onde achou o ouvidor instalado na povoação de Santana, que fora escolhida por Luiz Antônio de Távora para capital da nova província: nomeou os membros do senado da câmara, e deu-lhe o nome de Vila Boa de Goiás, para perpetuar a memória de Bueno, que fora o descobridor daquelas terras, e juntamente a da nação que o tinha acolhido. Durante o seu governo foi erigido um bispado na província de São Paulo, por bula de Bento XIV de 23 de setembro de 1745, e El-Rei D. João V assentou

dever criar e erigir em independentes as províncias de Mato Grosso e de Goiás. Governou D. Luiz de Mascarenhas a província de São Paulo até o ano de 1748; sucedeu-lhe um simples capitão-mor, sujeito ao governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, o qual governou até sua morte ocorrida no 1º de janeiro de 1763. Sucedeu-lhe em 10 de outubro seguinte D. Antônio Álvaro da Cunha, conde do mesmo apelido, mandado para o Rio de Janeiro com patente de vice-rei do Brasil. Tendo-se o novo vice-rei certificado do estado de decadência, em que se achavam as cousas na capitania de São Paulo, deu disso conta a El-Rei D. José I que a restituiu à antiga independência, e nomeou por seu governador general D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, que desembarcou em Santos em 23 de junho de 1765, mas que não tomou efetivamente posse do governo na cidade de São Paulo, senão em 7 de abril do ano seguinte. Por ordem deste governador general foram explorados no território de Curitiba os rios Igatimi, Iguaçu e Ivaí, todos três tributários do Paraná, ao pé do qual mandou fazer o forte dos Prazeres, na margem setentrional do rio Igatimi, com o fim de defender por

aquele lado os domínios do Estado do Brasil; porém seu sucessor Martim Lopes Lobo de Saldanha, tendo tomado posse do governo em 14 de junho de 1775, passados dous anos, nenhum cuidado teve da conservação e acabamento do dito forte que era por aquela parte a chave do Brasil, seguindo neste particular, dizem as memórias do tempo, o costume da maior parte dos governadores que faziam timbre de destruir quanto os seus antecessores haviam feito de útil. Foi este governador rendido em 16 de março de 1782 por Francisco da Cunha Menezes, que entregou interinamente o governo ao brigadeiro Francisco José Raimundo Chichorro da Gama Lobo, e foi tomar posse do da Índia. Deu o mencionado brigadeiro posse do governo, em 5 de junho de 1788, ao titular Bernardo José de Lorena, que administrou a província por espaço de nove anos. Sucedeu-lhe em 28 de junho de 1797 Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça, que foi rendido em 10 de dezembro de 1802 por Antônio José da França Horta. Este novo governador, logo no ano seguinte, se tornou odioso ao povo pelo edito que mandara publicar, em virtude do qual eram os lavradores obrigados a transportar os gêneros que

punham em venda, dos pequenos portos da província para o de São Paulo, onde os ditos gêneros eram tarifados, e comprados por atravessadores, abuso que durou até a chegada do príncipe regente e da Rainha D. Maria I ao Brasil em 1808. Partiu neste tempo este governador para o Rio de Janeiro, para cumprimentar a família real, por ocasião de sua feliz chegada, deixando o governo interino nas mãos do Bispo, do Ouvidor, e do intendente da marinha. Voltando outra vez para São Paulo conservou-se no governo até o 1º de novembro de 1811, época em que foi rendido por Luiz Teles da Silva, marquês de Alegrete. Dous anos depois ausentou-se este governador deixando o governo entregue a uma regência, que continuou a administrá-lo até a chegada de D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde e depois marquês da Palma, o qual tomou posse em 8 de dezembro de 1814, e em 19 de novembro de 1817 entregou o governo a uma regência, como havia feito o seu antecessor. João Carlos Augusto de Oeynhausens tomou posse do governo em 25 de abril de 1819, e guardou-o até 1821, época em que o entregou à junta provisória organizada em virtude das bases da constituição de Portugal, as quais só foram postas

São Paulo

em execução no Brasil depois do dia 26 do mês de fevereiro de 1821. Em virtude do artigo 165 da constituição do Império, foram as ditas juntas provisórias dissolvidas em todas as províncias, e substituídas por um presidente nomeado pelo Imperador, e revogável a seu querer. Tendo havido um grande número de presidentes de então em diante assentamos passar em silêncio os seus nomes. Com ser a província de São Paulo uma das mais férteis, e mais antiga por certo do Brasil, passaram-se mais de dous séculos sem que fizesse algum progresso sensível em prosperidade, por isso que se achava oprimida com o sistema de contínuas proibições, e vários monopólios em favor dos domínios portugueses da Europa. Experimentou alguns assomos de vida com a carta régia de 1808, que abriu os portos do Brasil a todas as nações amigas, e com o decreto de 1815 que elevou aquele Estado à categoria de reino, e começou finalmente a florescer depois do estabelecimento do governo imperial. Tem esta bela província cento e dez léguas de costa do norte para o sudoeste, desde a ponta Joatinga até o rio Saí, e estende-se ao ocidente até a província de Mato Grosso e até o rio Paraná, afluente do Paraguai. Seu clima é brando e sadio, e os

calores são menos intensos e aturados do que costumam ser nos países que se acham debaixo dos trópicos. Verdade é que há geadas, mas duram mui pouco e com os primeiros raios do sol se desvanecem. Os habitantes em geral são brancos, grandes, bem feitos, são e robustos, e a maior parte deles descendem dos Portugueses e dos Índios Carijós, que dominavam no marítimo desta província. Os Índios Bugres estão ainda senhores das terras que jazem entre os rios Tietê, Parapanema e Paraná. Como os primeiros colonos que se estabeleceram neste país fossem solteiros, casaram-se com as filhas dos Índios, e os que destas alianças procederam geraram outros, e assim se foi aumentando a população, e com a vinda de novos colonos, foi-se o número dos brancos aumentando ao passo que o dos Índios se foi diminuindo, e apagando pelos mesmos motivos. Em 1814 a população da província de São Paulo se achava repartida da maneira seguinte:

Homens, brancos	53.653
Mulheres, id	50.297
Homens, livres, Índios e mestiços	21.074
Mulheres, id	22.979
Homens, livres, pretos	1.771

Mulheres, id	2.179
Homens, escravos	25.605
Mulheres, id	21.806

Total.....199.364 almas.

Em 1829 por outro rol constava esta mesma população de trezentos e seis mil, quinhentos e oitenta e um indivíduos, repartidos nas seguintes classes:

Homens, livres	105.741
Mulheres, id	110.128
Homens, escravos	54.581
Mulheres, id	36.131

Total.....306.581 almas.

Em 1833, dous anos depois da abdicação do Imperador D. Pedro I, tinha-se elevado a mesma população a trezentos e vinte mil habitantes, e atualmente é avaliada em trezentos e sessenta mil, numa superfície de doze mil léguas quadradas, regada por infinitos ribeiros e rios que vão engrossar o Iguazu e o Tietê, grandes afluentes do Paraná, e também pelo rio Paraíba que deságua no Oceano. As matas abundam de antas, onças, tamanduás, porcos monteses, veados galheiros ou *suçuparas*, capivaris, guarás, gatos bravos, pacas, macacos de diversas espécies, perguiças, coatis e lebres mais pequenas que as da Europa, tatus, gambás, por-

cos-espinhos, preás, e outros muitos quadrúpedes originários da América, que poucas pessoas se têm lembrado de domesticar. Pelo que diz respeito aos animais domésticos da Europa que para ali se levaram nos princípios da colonização, como bois, cavalos, asnos, cabras e carneiros, à exceção dos últimos, de cuja carne não gostam os naturais da província, os mais se hão multiplicado dum maneira extraordinária. Os montes e serras são povoados de árvores que fornecem ótima madeira para toda espécie de construção, naval e terrestre; as mais comuns são cedro e pinho. Em outro tempo semeava-se nesta província bastante trigo, porém depois que os Americanos levaram ao Brasil as suas farinhas e as deram a bom mercado, esta indústria rural foi posta de parte pela da lavra das canas, de café, arroz, milho, mandioca, tabaco e feijões. A começar do ano de 1825, fizeram-se em vários distritos diversos ensaios e tentativas para afazerem ao clima o chá da Índia, e este gênero de agricultura já é um dos ramos rendosos de comércio, e com o tempo virá o Brasil a não pagar anualmente à Ásia o costumado tributo. Tem a província de São Paulo vários portos do mar, sendo entre

eles o melhor e mais cômodo o de Santos, por se achar numa baía que dá fácil acesso aos navios de linha, e onde as embarcações de qualquer espécie que sejam se acham abrigadas de todos os ventos, à exceção dos do sudoeste e su-sudoeste. Os portos de Ubatuba e de São Sebastião, que ficam da parte do norte, também admitem grandes embarcações; da banda do sul o de Paranaguá, na baía do mesmo nome, recebe navios de duzentas e cinquenta toneladas, e o de Iguape que é pequeno os de menor dimensão. O principal comércio do sertão desta província é o dos machos, cavalos, bois e porcos que se levam a vender ao Rio de Janeiro; o do marítimo consiste em arroz, café, açúcar, toucinho, rolos de tabaco, queijos e mate. No ano financeiro de 1842 a 1843 exportou-se da província de São Paulo para a do Rio de Janeiro 1.029.732 arrobas de café, das quais cobrou a província quatro por cem de direito. A fertilidade das terras e a facilidade das comunicações, quer seja por terra, quer por água, fazem que seu comércio seja mui grande e ativo com as províncias de São Pedro do Rio Grande, de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que não obstante poder-se-iam facilitar ainda

mais as sobreditas comunicações, lançando algumas pontes em certos passos que são mui frequentados, e desemparando os rios dos arrecifes, e troncos de árvores que empecem a navegação. Dividia-se antigamente a província de São Paulo em três comarcas, que eram as de São Paulo, Itu, e Paranaguá e Curitiba; porém um decreto da assembleia geral de 1833 a repartiu em seis, e a assembleia provincial juntou-lhe mais uma, assim que são hoje sete, e tem por cabeças as cidades de São Paulo, de Santos, de Curitiba, as vilas de Itu, Jundiá, Taubaté e Franca. As outras vilas desta província são Apiaí, Araquara, Areias, Atibaia, Bananal, Batatais, Bragança, Cananeia, Capivari, Castro, Constituição, Cunha, Guaratinguetá, Guaratuba, Iguape, Itanhaém, Itapeteninga, Itapeva, Jacaré, Lorena, Moji da Cruz, Mojimirim, Paraibuna, Paraitinga, Paranaguá, Paranaíba, Pindamonhangaba, Porto Feliz, Santo Amaro, São Carlos, São José, São Roque, São Sebastião, São Vicente, Silveiras, Sorocaba, Ubatuba, Vila Bela da Princesa, e Vilanova do Príncipe. A assembleia geral, por lei de 1840, criou nesta província uma relação composta dum presidente e oito desembargadores, à qual compete julgar em úl-

São Paulo

tima instância todas as causas, não só da província de que tratamos, mas também das de São Pedro do Rio Grande e de Santa Catarina. Por ocasião da primeira revolução que reben-tou em Sorocaba, e noutras vilas desta província em maio de 1842, foram desanexados dela provisoriamente, e incor-porados na do Rio de Janeiro, por um decreto imperial de junho do mesmo ano, os dis-tritos de Areias, Bananal, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Queluz e Silveira. São os Paulistas em geral dum gênio brando, hospedeiros e amigos da paz, e tão pausados nos movimentos, como na fala; mas intrépidos e empreendedores quando são esporeados pela necessidade, ou estimulados pelo nobre incentivo da glória. Manda esta província nove deputados à câmara legislativa, e quatro senadores ao senado. Sua assembleia legislativa provincial, que tem as suas sessões na capital da província, é composta de trinta e seis membros.

São Paulo.⁶⁷⁶ Grande e antiga cidade, capital da província do mesmo nome, em vinte e três graus e trinta e três minutos de latitude, e em quarenta e

nove graus de longitude ocidental, distância de uma légua ao sul do rio Tietê, doze ao norte da vila de Santos, e oitenta e cinco pouco mais ou menos a oés-sudoeste da cidade do Rio de Janeiro. Foi em princípio um colégio fundado pelos jesuítas, entre os ribeiros Inhangaba e Tramandataí, destinado primeiramente para a educação da mocidade portuguesa, e consagrado ao depois com especialidade à conversão dos Índios, e com efeito os chefes Tebireça e Cai Ubi, já adiantados em anos, ali foram batizados com grande pompa, com cujo exemplo se converteram à religião muitos dos que lhes eram sujeitos. Tinha-se dado àquele colégio o nome de São Paulo em 1554, por isso que nele se dissera com toda a solenidade a primeira missa, no sul do Brasil, no dia da Conversão deste apóstolo. Os da vila de Santo André, fundada por João Ramalho, que naquelas paragens naufragara, viram com ciúme a súbita prosperidade dos vizinhos, porém com a morte dele, e do chefe Tebireça seu sogro, os jesuítas, tendo mais indústria e manha que os herdeiros de João Ramalho, alcançaram o título de

vila para a povoação onde estava sito o seu colégio, e por cima disto a supressão da vila de Santo André, a qual foi arrasada em 1560, por ordem do governador Mendo de Sá, que nesta mesma ocasião deu à nova vila o nome de São Paulo de Piratininga. No século seguinte os Taubateanos e Piratininganos ou Paulistas, à competência uns com outros, formaram companhias para irem prear e cativar Índios, que ao depois vendiam publicamente não obstante as leis em contrário. Clamaram os jesuítas contra tão horrível tráfico, bem que de certo modo para ele contribuíssem, comprando os ditos Índios para fazê-los trabalhar nas suas fazendas. A este respeito devemos confessar que nada mais fizeram os Paulistas que seguir o exemplo que lhes deram os que governavam as províncias do norte, os quais fizeram excursões do mesmo gênero à custa do Estado, e por seu proveito particular, sem que se clamasse contra eles, como ao depois se fez contra os Paulistas. Por lei de 24 de julho de 1711, foi a vila de São Paulo condecorada com o título de cidade, na ocasião em que recebeu o primeiro governador

⁶⁷⁶ Atual cidade de São Paulo/SP. (N/E)

da província, na qual criou El-Rei D. João V em 1740 um Bispado, se bem que as bulas só foram expedidas em 1745 e 1746. Além do ouvidor da comarca teve a cidade de São Paulo um juiz de fora, por alvará de 13 de maio de 1810. O rol feito neste ano dos habitantes da província fez ver que a população das diversas freguesias do distrito desta cidade se achava repartida da maneira seguinte:

Homens, brancos	5.298
Mulheres, id	6.319
Negros, livres.....	377
Mulheres, id	485
Pardos, livres.....	1.649
Mulheres, id	2.383
Homens, escravos de diversa cor	2.711
Mulheres, id.	2.810
—	
Total.....	22.032 almas.

Passados dez anos criou El-Rei D. João VI nesta cidade uma justiça para sentenciar a final as causas, a qual se compunha do governador da província, do ouvidor e do juiz de fora da comarca. O Imperador D. Pedro I, em carta de 17 de março de 1823, a qualificou de cidade impe-

rial. A cidade de São Paulo é atualmente o assento da assembleia legislativa provincial, a residência do presidente da província, e do bispo diocesano, tem várias escolas de primeiras letras para meninos e meninas, cadeira de latim, de filosofia, e de teologia, e uma escola de direito. As ruas são calçadas, as casas baixas de taipa rebocadas com cal, o número das de sobrado é mui pequeno. Os estabelecimentos e edifícios mais notáveis são o jardim botânico, a biblioteca, o seminário, o hospital da Misericórdia, que foi autorizado por decreto de 1833 a adquirir até duzentos contos de réis de bens de raiz, a casa da câmara, a cadeia, o palácio do governo, o hospital militar e o dos Lázarus, a Sé de que é orago o apóstolo São Paulo, e a de Santa Ifigênia, que também é freguesia, outras muitas igrejas pertencentes a diversas irmandades e ordens religiosas, e um recolhimento de religiosas da ordem de Santa Teresa, fundado em 1668. Os arredores da cidade são povoados de vistosas casas de campo. As terras de seu distrito são todavia as menos férteis da província. As laranjeiras, bananeiras

São Pedro

e cafeeiros dão-se nelas mal por causa das geadas, e as macieiras, ameixeiras e pessegueiros são cultivados mais por curiosidade, que pelo primor da fruta; os morangos das hortas são desenxabidos e têm mui pouco aroma. O clima porém é sadio, o calor menos intenso que no Rio de Janeiro, e nas províncias que se acham entre os trópicos; vantagens que provêm da elevação do sítio achando-se na serra Cubatão, e sendo continuamente refrigerada com as virações alternativas do mar e da terra. Consta atualmente este distrito de quarenta mil habitantes, proprietários, homens de negócio, agricultores, artífices e escravos, repartidos em quatorze freguesias.

São Paulo. Antiga aldeia da província do Pará. (V. *Oliveira*.)

São Pedro.⁶⁷⁷ Vila da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Rio Grande*, cidade.)

São Pedro.⁶⁷⁸ Aldeia da província do Rio de Janeiro, sita em um outeiro a duas léguas da cidade de Cabo Frio, e atra-

⁶⁷⁷ Atual cidade de Rio Grande/RS. (N/E)

⁶⁷⁸ Atual cidade de São Pedro da Aldeia/RJ. (N/E)

São Pedro

vessada pela estrada imperial que vai para a cidade de Niterói. Foi fundada em 1630 por Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, para vivenda dos Índios Sacarus da província do Espírito Santo, com os quais foram juntos outros muitos vindos de Sapetiba e de Itinga, que foram postos debaixo da direção dos missionários da Companhia de Jesus. A igreja edificada pelos missionários, concluída em 1738, foi declarada paróquia pelo alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as aldeias que tinham pastor. Consta esta aldeia duma rua larga, no meio da qual há uma praça formando uma meia lua defronte da igreja, e dum vasto edifício onde residiam os padres da companhia. As casas são um pouco mais altas que a rua, onde se acham dispostas em simetria algumas cabanas que desfeiam a planta primitiva da povoação. O termo da freguesia da aldeia de São Pedro é povoado por brancos, e por Índios que hão perdido a memória daqueles de quem descenderam, e que apenas se lembram por tradição do tempo em que eram governados pelos jesuítas, e serão obra de quatrocentos que passam o tempo a caçar, e vivem de esmolos em vez de cultivarem as terras que em geral são de boa lavra; alguns

ainda se assinalam no mister de serrar taboado e desmoutar as terras: as mulheres fazem chapéus e açafates de taquaraçu que pintam de diversas cores e redes de algodão. Entre esta aldeia e o mar, no sítio chamado Apicuz, existem salinas donde antigamente se tirava muito bom sal, porém esta fabricação tendo sido proibida no Brasil, por ordens régias de 28 de fevereiro de 1690 e 18 de janeiro seguinte, foram as mencionadas salinas postas em esquecimento até o dia de hoje. Se as pusessem em atividade, achar-se-ia o Brasil dispensado de pagar o tributo que paga aos estrangeiros.

São Pedro. Povoação ou aldeia pertencente atualmente à província de Sergipe, no distrito da vila de Propriá, na margem direita do rio de São Francisco. Entranhando-se os missionários jesuítas nas matas das margens deste rio, doutrinaram na religião cristã os Índios da tribo apelidada Romaris, e fizeram-lhes edificar uma igreja ao apóstolo São Pedro; agregaram-lhes outros Índios que dominavam nas adjacências do morro, apelidado Pão de Açúcar da província das Alagoas; esta povoação, sita num teso que se acha de toda parte cercado d'água, quando o rio enche,

foi intitulada aldeia de São Pedro. Sua igreja foi tida em conta de paróquia, depois da extinção dos jesuítas, porém o certo é que só teve legalmente este título em virtude dum decreto de 16 de agosto de 1832, que desanexou as terras da aldeia de São Pedro, e as que estendem até a serra Tabanga da freguesia da vila de Propriá. Os habitantes desta aldeia são Índios, os quais, posto que civilizados, se não desencontram nos costumes dos que vivem no estado de natureza, não fazendo mais que pescar e caçar. As mulheres fabricam louça de barro, e plantam alguma mandioca. Nas vizinhanças desta povoação se descobriram alguns fragmentos de alguidares, e outras louças de barro grosseiramente obradas antigamente pelos Índios e ossos de grandíssima dimensão, que sem mais exame foram considerados como pertencentes a animais antediluvianos, não sendo talvez mais que parte do esqueleto dalgum cetáceo.

São Pedro. Uma das seis aldeias fundadas no fim do século XVI, pelo padre Samuel Fritz, na margem direita do rio das Amazonas, doze léguas acima de Castro de Avelães, e confundida no decurso do XVII século com Olivença.

São Pedro. Freguesia da Guiana brasileira, na margem esquerda do rio Negro, onze léguas acima da cachoeira Maracabi. Sua igreja é dedicada ao apóstolo São Pedro, e seus moradores Índios de diferentes tribos.

São Pedro. Missão portuguesa na margem direita do rio Marmoré, vinte léguas abaixo da confluência do rio Jacuná, e doze acima da do Ibaré. Dizem que sua população era antigamente de três mil almas, número que tem sensivelmente diminuído.

São Pedro. Nova colônia da província de Santa Catarina. (V. *São Pedro de Alcântara*, artigo 4º.)

São Pedro. Lugarejo e serra da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

São Pedro. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro: vem das serras da cordilheira dos Aimorés, correndo do norte para sueste, recolhe pela direita o ribeiro, aliás rio do Frade, e pela esquerda o do Homem Deitado, e vai incorporar-se pela margem esquerda com o rio Macaé, cinco

léguas acima de sua foz. Dá navegação em grande parte de seu curso a canoas, e suas margens são povoadas de cafezais, e habitadas pelos que tratam desta indústria agrícola, e da da preparação das madeiras de construção.

São Pedro. Pequeno ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito do Iguaçu. Vem da serra do Tinguá, corre rumo de sudoeste e se incorpora com o rio Guandu, abaixo da confluência do rio de Santana.

São Pedro da Folha.⁶⁷⁹ Povoação da província de Sergipe. (V. *Folha*.)

São Pedro de Alcântara.⁶⁸⁰ Nova vila e antiga aldeia da província de Goiás, que foi disputada pela do Maranhão, por isso que se achava nas margens do Tocantins, abaixo do rio de Manoel Alves Setentrional, fronteira duma e outra província. Deu-lhe princípio Francisco José Pinto de Magalhães, que assentou morada, em 1809, na margem direita do Tocantins, três léguas abaixo do lugar onde nele deságua o de Manoel Alves, e ajuntou obra de trinta traba-

São Pedro de Alcântara

lhadores entre brancos e escravos, com os quais teve de defender-se do gentio para se ali conservar, por serem as terras daquele sítio de mui boa lavra, e fáceis as comunicações com as cidades de Belém e do Maranhão. A tribo Macamecrã, com ser nesse tempo numerosa, andava em guerra com outras tribos de Índios mais ferozes; alguns serviços que lhe prestou Francisco José Pinto de Magalhães, que se tinha afeiçoado a uma Índia de extremada beleza, foram causa de fazer o chefe da tribo aliança com os seus novos vizinhos, com o auxílio dos quais derrotou em três encontros os inimigos, dos quais ficaram prisioneiros cinquenta e dous, os quais foram repartidos entre os agricultores, e se acostumaram tão bem com aquele novo modo de vida, que nunca mais trataram de fugir. Várias famílias de Macamecrãs vieram engrossar a nova povoação, que se intitulou em 1810 do nome do herdeiro presuntivo da Coroa o príncipe D. Pedro. Infelizmente a paixão ardente de Pinto de Magalhães se arrefeceu e apagou de todo; e como a bela Índia fosse vendida como escrava, as famílias de

⁶⁷⁹ Atual cidade de Porto da Folha/SE. (N/E)

⁶⁸⁰ Atual cidade de Carolina/MA. (N/E)

São Pedro de Alcântara

sua tribo se retiraram; o que não obstante continuou o fundador da aldeia a viver em paz com os seus vizinhos, e chegou a propor ao governo de acabar à sua custa a estrada que vai de Pontal para São Pedro, e que atravessa os rios do Sono e de Manoel Alves, e de continuá-la desde a sua fazenda até a embocadura do rio Moju, perto da cidade de Belém, extensão assaz grande de terra ora plana, ora povoada de espessas matas, que tão certo estava de não encontrar estorvo da parte dos Índios que estavam acostumados a tratar com ele. A aldeia de São Pedro de Alcântara foi elevada à categoria de vila por lei da assembleia provincial do Maranhão, e dado que esta nova vila seja por agora de pouco trato, pode vir a ser, pelo tempo adiante, um ponto importante para o comércio das províncias do sertão, quando elas florescem com as providências que se devem esperar das assembleias legislativas. Os rebeldes do Maranhão ocuparam esta vila em 9 de março de 1840, porém passados al-

guns dias a evacuaram, tendo-se dissolvido, e retirado cada um para sua casa.

São Pedro de Alcântara.⁶⁸¹ Povoação da província de Minas Gerais, oito léguas ao sudoeste da vila de Araxá, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome, que é uma das filiais da paróquia da vila. Os moradores amam as terras e fazem criações de gado.

São Pedro de Alcântara. Nova missão da província da Bahia, onde alguns missionários hão doutrinado o gentio. O presidente da província, na sessão de 2 de fevereiro de 1840, pediu à assembleia provincial um aumento de subsídio para beneficiar esta missão, e juntamente as do Boqueirão, Jequitinhonha e Rodelas.

São Pedro de Alcântara. Colônia da província de Santa Catarina, fundada em 1829 de seiscentos e trinta e quatro Alemães vindos à custa do governo, com a proteção especial do Imperador D. Pedro I.

Tem prosperado pouco em razão da má escolha do sítio.

São Pedro de Biapina.⁶⁸² Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de Viçosa. (V. *Biapina*.)

São Pedro de Cantagalo.⁶⁸³ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Cantagalo*, vila.)

São Pedro de Fanado.⁶⁸⁴ Nome primitivo da povoação que foi criada vila em 1730, com o nome de *Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí*, e que foi elevada à categoria de cidade pela assembleia legislativa da província de Minas Gerais, com o nome de Minas Novas.

São Pedro del Rei.⁶⁸⁵ Arraial da província de Mato Grosso, assinalado também como aldeia, com o nome de Poconé. (V. *Poconé*, vila.)

São Pedro do Açu da Torre.⁶⁸⁶ Freguesia da província da Bahia, de que era vigário em 1842 o padre Manoel José da Hora.

⁶⁸¹ Atual cidade de Ibiá/MG. (N/E)

⁶⁸² Atual cidade de Ibiapina/CE. (N/E)

⁶⁸³ Atual cidade de Cantagalo/RJ. (N/E)

⁶⁸⁴ Atual cidade de Minas Novas/MG. (N/E)

⁶⁸⁵ Atual cidade de Poconé/MT. (N/E)

⁶⁸⁶ Atual distrito de Açu da Torre, município de Mata de São João/BA. (N/E)

São Pedro do Rio Grande. Grande e bela província marítima do sul do Brasil, assim chamada do orago de sua primeira igreja paroquial, e do estreito, ou rio apelidado Grande, em cujas adjacências ela foi edificada. Todo aquele marítimo se achava primitivamente em poder das nações indianas, distintas pelos nomes de Minuanos, Tapes e Charruas. Os naturais de São Vicente e de São Paulo faziam anualmente entradas nas aldeias destes Índios para os cativarem, assim que durante muito tempo nenhum outro proveito se tirava de tão fértil e extenso território: porém, em 1680, já alguns Portugueses haviam feito roças no sertão das terras, o qual serviu largo tempo de lugar de degredo para os criminosos e para as mulheres de má vida. Em 1737 vieram de Portugal alguns colonos e tropas que se abarracaram na praia que jaz entre o mar, o braço dele chamado vulgarmente Rio Grande, e a lagoa Mirim, e foram estes os primeiros Europeus que povoaram o marítimo das províncias atuais de Santa Catarina e de São Pedro do Rio Grande, as quais ambas, em virtude duma ordem régia de 11 de fevereiro de 1738, constituíram a capitania d'El-Rei, anexada à província do Rio de Janeiro e dela

dependente. As tropas, faltas de pré e de fardamento por tempo de três anos, negaram obediência aos seus oficiais, e nomearam outros, tirados da classe dos soldados; porém, como debaixo do governo destes observassem uma boa disciplina, e os novos cabos, em nome delas, implorassem a clemência do soberano, foi este servido anistiá-las, mandando-lhes juntamente pagar e vestir. Em 1743 aumentouse o número dos colonos, e passados mais alguns anos, foi a povoação de São Pedro condecorada com o título de vila. Os moradores desta capitania viram-se constantemente obrigados a defenderem-se primeiro das súbitas entradas dos Tapes, Bugres e Minuanos, e ao depois da invasão dos Espanhóis, que a conquistaram em 1763 e a conservaram até o ano de 1776, época em que o general Bohom acabou por expulsá-los de toda a parte. No decurso da ocupação espanhola, os militares e paisanos se haviam retirado para a banda do norte, e o comandante dos dous distritos do continente de Santa Catarina e do Rio Grande, Inácio Elói de Madureira, se fortificou nas adjacências da capela de Viamão, onde também haviam assentado morada a maior parte dos colonos. Teve este oficial, que havia sido

São Pedro do Rio Grande

condecorado com a patente de governador por carta régia de 1760, a ventura de ver formarem-se várias povoações ao redor de seu quartel general, e o mesmo aconteceu a seu sucessor o coronel José Custódio de Sá e Faria. O distrito de Rio Grande mudou porém inteiramente de face pelos desvelos de José Marcelino de Figueiredo, que veio render a José Custódio de Sá e Faria em 1769. Entendeu logo este novo governador, quão avantajoso fosse o sítio do Porto dos Casados, à beira da lagoa, e penhorado da amenidade dele e da bondade das terras, estabeleceu ali a sua residência em 1773, trocando-lhe o nome no de Porto Alegre. Industriou os Índios no modo de amanho das terras com mais proveito do que até então haviam feito, mandou abrir escolas, e favoreceu quanto pôde toda sorte de indústria. Organizou uma fazenda nacional para criação do gado, na qual chegou a ter doze mil cabeças, para por aquele modo ter certa a subsistência das tropas de que tinha o comando, e aplicou os rendimentos da dita fazenda, que floresceu grandemente durante a sua administração, e que desapareceu na de seus sucessores, para a conservação das instituições que havia criado. A seu gênio ativo e em-

São Pedro do Rio Grande

preendedor se deve a criação das paróquias de Porto Alegre, Santo Amaro, Mostardas, Rio do Sino, Conceição da Serra, São Nicolau e Viamão. A ilha de Santa Catarina e a província do Rio Grande foram recobradas pelo general João Henrique Bohom durante o governo deste governador, que foi rendido por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, o qual tomou posse do governo em 31 de maio de 1780, porém tendo-se ausentado para ir assistir à demarcação dos limites entre os Estados espanhóis e portugueses, foi a antiga capitania d'El-Rei governada durante três anos por Rafael Pinto Bandeira e Joaquim Ribeiro da Costa, até a volta do governador titular que faleceu em 1801. O autor dos *Anais da Província de São Pedro* faz mui distinta menção das virtudes deste governador. Durante a sua administração, a população da capitania era já de sessenta mil habitantes. Sucedeu-lhe no governo Paulo José da Silva Gama. Em 1804 criou-se a alfândega, em conformidade da reclamação que havia feito o governador José Marcelino de Figueiredo, e em 1807, por decreto de 25 de fevereiro, foram os dous distritos de Santa Catarina e do Rio Grande reunidos e erigidos em província, com o nome de

São Pedro e Santa Catarina. A antiga povoação de Porto dos Casais foi condecorada com o título de vila, com o nome de São José de Porto Alegre, a fim de perpetuar a memória do governador José Marcelino de Figueiredo, que fora o primeiro que assim a intitulara. D. Diogo de Souza foi o primeiro capitão general da nova capitania, e tomou posse do governo dela em 9 de outubro de 1809; foi então que a vila de São Pedro foi reconhecida e declarada por tal com as solenidades legais, e pelo mesmo teor a vila de Rio Pardo, recentemente criada. Durante o governo deste capitão general, e no ano de 1812, foi esta capitania dividida em duas comarcas, sendo escolhidas para cabeça da comarca do Rio Grande a vila de Porto Alegre, e para a de Santa Catarina a vila do Desterro. Luiz Teles da Silva, marquês de Alegrete, sucedeu a D. Diogo de Souza, e no primeiro ano de seu governo, que foi o de 1814, um numeramento que se fez de todos os habitantes da província deu o seguinte resultado:

Branços, de ambos os sexos	32.300
Índios, id	8.655
Livres de todas as cores	5.399
Escravos de ambos os	

sexos.....	20.611
Recém-nascidos, id	3.691

Total.....70.656 almas.

No tempo do governo do marquês de Alegrete foram criadas vilas as povoações de Mostardas e da Cachoeira, e por solicitações suas El-Rei D. João VI ordenou a criação de diversas cadeiras nesta capitania, e a suas diligências se deve um decreto de 14 de janeiro de 1820 a este respeito; foi o protetor da povoação de Aparecidos, atualmente vila de Alegrete. Sucedeu-lhe no governo, em 4 de julho de 1818, o conde da Figueira D. José de Castelo Branco. No ano seguinte, por convenção feita com os Estados vizinhos, recobrou o Brasil os seus antigos limites, na beira-mar, ao norte de Cerro Largo, seguindo o rumo da serra Geral até a cabeceira do rio Arapeí, afluente do Uruguai, com condição que a Colônia do Sacramento ficaria pertencendo, como dantes o era, ao Estado Cisplatino, em compensação do distrito de Alegrete e das Sete Missões. Constava então esta comarca de setenta e nove mil, cento e trinta e sete habitantes. Por alvará de 12 de fevereiro de 1821 foi a comarca de Santa Catarina erigida em província, e pelo mesmo teor a de São

São Pedro do Rio Grande

Pedro, ficando dali em diante separadas e independentes; a de São Pedro tomou o nome que hoje tem, e foi repartida em quatro divisões militares, com os nomes de Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Sete Missões. João Carlos de Saldanha Oliveira Souza e Daun, atualmente marquês de Saldanha, foi despachado capitão general desta província em março de 1821, e foi o último que com esta patente a governou, tendo sido rendido por uma junta provincial provisória organizada em conformidade das bases da constituição de Portugal, decretadas pelas cortes portuguesas de 1820, que foi também rendida em 1825 pelos presidentes da província, em virtude do artigo 165 da constituição do Império. A província de São Pedro do Rio Grande confronta, da parte do norte, com a de Santa Catarina, servindo-lhes de extrema o rio Mampituba, que desemboca no Oceano em vinte e nove graus e trinta minutos de latitude, e no sertão do país o rio Pelotas, em vinte e sete graus de latitude, que a aparta da província de São Paulo; da banda do poente, uma parte do rio Uruguai, no ponto em que passa por diante das Sete Missões e do distrito da vila de Alegrete, forma o limite natural entre

ela e o Estado de Entre Rios. Segundo a convenção que deixamos mencionada de 31 de julho de 1821, da parte do sul servem-lhes de extremas o ribeiro Quareim, a cochilha de Santana, o arroio Taquarembó, as pontas do Jaguarão, a lagoa Mirim, a ponta de São Miguel e o Chuí, que se lança no Oceano, em trinta e três graus e cinquenta minutos de latitude. Da banda do nascente, seu litoral, que tem pouco mais ou menos cento e dez léguas em direitura, do norte para o sudoeste, é banhado pelo Oceano. O visconde de São Leopoldo, historiógrafo desta província, dá-lhe de superfície oito mil, duzentas e trinta léguas quadradas, sendo a terceira parte dela ocupada por lagoas, rios, pântanos e serras áridas que não admitem agricultura. Esta superfície é repartida em duas metades desiguais por uma corda de montanhas chamada serra Geral, e conhecida da banda do norte com os nomes de serra da Vacaria e do Herval, e da do sul com o de serra dos Tapes. Entre esta corda de montanhas e o mar jazem as lagoas Viamão, dos Patos e Mirim, que ocupam obra de oitenta léguas do norte ao sul, com uma até oito de largura. O Butucaraí, o Pardo, o Tebicuari, do Sino, Caí e Gravataí são outros tan-

tos rios que se ajuntam com o Jacuí, mais longe ou mais perto da cidade de Porto Alegre, e que formam mais ao sul a vasta extensão d'água chamada lagoa dos Patos, a cujo sangradouro hão dado imprópriamente o nome de rio Grande. As terras do marítimo desta província são rasas e apenas semeadas aqui e ali dalgumas medas de areia, e raras moutas de mato pequeno onde o inimigo se pode facilmente esconder. Diversas obras hão sido feitas nos pontos mais salientes para fortificá-las, mas todo o tempo tem destruído, e nunca mais se cuidou em substituí-las por outras. Reparte-se esta costa em quatro partes bem distintas, e com diversos rumos, se bem que em geral seja o seu lançamento do norte para o sul quarto do oeste. A primeira chama-se a praia *das Torres*, e corre do nordeste para o sudoeste; a segunda, que se apelida praia *de Pernambuco*, corre do nor-nordeste para o su-sudoeste; a terceira, ou Estreito, dirige-se de nordeste para o sudoeste, até a boca ou estreito do Rio Grande, e a quarta, que se estende desde esta boca até os Castilhos, corre do norte para o su-sudoeste. Os parcéis que acompanham esta parte da costa fazem que os marítimos se conservam arredados dela

São Pedro do Rio Grande

cousa de sete para oito léguas. A boa qualidade das terras que jazem ao poente das lagoas, o temperado do clima, e a facilidade dos transportes por água doce e salgada afiançam a esta província no porvir um grande comércio. Como seja, entre todas a que tem menos montes, tem o inconveniente de ser sujeita a ventanias que duram muitos dias; acha-se atualmente repartida em cinco comarcas, a saber: Missões, Piratinim, Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, e encerra os distritos das cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, e os das vilas de Alegrete, Cachoeira, Caçapaba, Jaguarão, Mostardas, Patrulha, Santo Amaro, São José do Norte, São Leopoldo, São Francisco de Borja e Triunfo. Em quase todos estes distritos dão-se bem as árvores frutíferas da Europa, sendo as que melhor prosperam as figueiras e os pessegueiros. Os cafeeiros e bananeiras cultivam-se por prazer e como objetos de curiosidade. Dão-se também muito bem nelas o trigo e mais cereais, e juntamente o arroz e o linho; as madeiras de construção são raras, mas de superior qualidade; seus produtos mineralógicos são ouro, prata, segundo dizem, ferro de superior qualidade, na proporção de vinte arráteis deste metal por quintal de mineral,

e todavia cuida-se bem pouco da lavra destas minas com se achar o carvão necessário para o trabalho delas quase à flor da terra. No sertão da província acha-se também bolo armênio, enxofre, pedras calcárias, barro finíssimo para louça e porcelana, e de que se não tira proveito algum, bem como doutras muitas produções que encerram as matas que estão ainda em poder do gentio, o qual seria talvez fácil de civilizar. Entre os animais quadrúpedes desta província, citaremos as antas, onças, javalis, pacas, certa espécie de veado, cotias, macacos, tatus e lebres, sem falar nos bois, cavalos, machos, cabras e carneiros que vieram da Europa. A principal indústria dos habitantes consiste na criação de gado vacum, no encharque da carne, que exporta para todas as mais províncias do Império e para o México, Havana e Estados Unidos do Norte, e nas boiadas que mandam para bastecimento das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Criam também grande quantidade de machos que se vendem por muito maior preço que os cavalos e poderiam igualmente ter grandes fatos de cabras e rebanhos de ovelhas, pelo mesmo teor que têm grandes varas de porcos. O ar é puro nesta província; o inverno começa em maio e dura

até setembro, nessa estação os ventos de oeste e do sudoeste trazem consigo um frio acompanhado de umidade de que os habitantes se sentem incomodados, posto que de maravilha o termômetro desça a zero. Há contudo sítios onde no mês de julho e de agosto gela, no verão o calor é insuportável à noite, cousa que é pelo contrário em quase todos os países situados debaixo dos trópicos. Avalia-se a população desta província a cento e sessenta mil habitantes, entre lavradores e criadores de gado. Se se tornassem mais praticáveis as estradas que vão ter às províncias limítrofes, se se construíssem pontes nos rios que delas carecem, e se minando os arrecifes que lhes empacham os leitos se facilitasse a navegação, se se abrissem valas que fizessem comunicar umas com outras as diferentes lagoas dos distritos de Alegrete, Missões e Santo Antônio da Patrulha, ver-se-ia dentro em breve tempo a população da província de São Pedro do Rio Grande aumentar-se rapidamente; estas providências contribuiriam grandemente a promover a indústria e o comércio, verdadeiras fontes da riqueza dos Estados, e os cofres da província e do governo não tardariam a ser embolsados dos adiantamentos que tivessem feito pelo au-

mento progressivo da receita. Enquanto se não realizam tão judiciosos melhoramentos, a que veio sem dúvida pôr estorvo a revolução de 1835, diremos que antes dela, via-se cada ano carregarem-se no canal chamado Rio Grande acima de dous milhões de arrobas de carne seca, cem mil arrobas de sebo, quatrocentos para quinhentos mil couros crus, sem falar das velas de sebo, sedas de cavalo e outros objetos de menor importância, ao mesmo tempo que por terra se exportavam também anualmente trinta mil cabeças de gado vacum, duas mil cabeças de gado cavalari e muar, e obra de três mil porcos.

Os direitos recebidos pela alfândega, no ano em que rebentou a revolução, foram os seguintes:

1835 Novembro
 Porto Alegre 8.456.104
 Rio Grande 6.185.545
 São José 452.100
 Total 15.093.749

1835 Dezembro
 Porto Alegre 9.790.242
 Rio Grande 4.440.814
 São José 2.384.697
 Total 16.615.753
 1836 Janeiro

Porto Alegre 7.332.820
 Rio Grande 6.878.380
 São José 1.133.160
 Total 15.344.360

Pode-se por este mapa julgar do comércio desta província, pois que num só trimestre deu quarenta e sete contos e cinquenta e três mil, novecentos e sessenta e dous réis de direitos sobre fazendas importadas em razão de quinze por cem; é verdade que a importância da exportação era as mais das vezes inferior à da importação, porém agora que, sacrificando os ressentimentos particulares nascidos no grêmio das discórdias civis ao bem geral do Império, os cidadãos que pelejavam nas bandeiras da revolução hão fraternizado com os defensores da ordem e da legalidade, como o testifica a proclamação do general Canabarro, agora que o prudente monarca que tem nas mãos o cetro do Brasil, o único representante da realza nas terras transatlânticas, por decreto de 18 de dezembro de 1844, cometeu ao barão de Caxias a honrosa missão de proclamar o esquecimento do passado, ordenando expressamente que nenhum dos Brasileiros que

São Pedro e São Paulo

pelejavam por um fim político que cessou de existir fosse judicialmente, nem por outra qualquer maneira, inquietado pelos atos praticados durante o longo período da revolução, agora que por tão magnânima resolução do monarca, postas em esquecimento as antigas dissensões, os habitantes do Rio Grande não têm senão uma vontade, a de fazer florescer a pátria em que nasceram, é de esperar que o governo provincial e a assembleia legislativa provincial darão as providências necessárias para que a exportação seja muito superior à importação. Esta província mandava três deputados à assembleia legislativa, e um senador à câmara alta; sua assembleia provincial constava de vinte e oito membros.

São Pedro e São Paulo. Antiga freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Paraíba do Sul*, vila.)

São Pedro e São Paulo.⁶⁸⁷ Freguesia da província do Rio de Janeiro, nas margens do ribeirão das Lages. Sua igreja, da invocação destes dous apóstolos, era filial da matriz da freguesia de Marapicu, e foi

⁶⁸⁷ Atual cidade de Paraíba do Sul/RJ. (N/E)

São Pedro Nolasco

criada paróquia por lei provincial de 29 de dezembro de 1836, com o nome de *São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages*. Seu termo acha-se rodeado das freguesias de Itaguaí, Marapicu, Santana do Pirai, e Sacra Família de Itinga.

São Pedro Nolasco. Povoação da província do Pará, na Guiana brasileira, na cabeceira do rio Urubu, tributário do das Amazonas, cinco léguas acima da povoação de São Raimundo. Seus moradores são Índios, e vivem do que caçam e pescam, dos víveres que cultivam e dalgum algodão.

São Rafael. Ribeiro aurífero da província de São Pedro do Rio Grande. Não tem sido explorado.

São Raimundo. Freguesia da Guiana brasileira, nas margens do rio Barururu ou Urubu, doze léguas acima de sua confluência com o rio das Amazonas, e dez ao poente da vila de Serpa. O orago de sua igreja é o Santo do seu nome, e seus moradores Índios da tribo Barururu que colhem algum algodão, cultivam os víveres de que hão mister e sus-

tentam-se principalmente de pescado e de veação.

São Raimundo Nonato.⁶⁸⁸ Freguesia da província de Piauí. (*V. Confusões.*)

São Romão.⁶⁸⁹ Vila aprazível da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de São Francisco, cousa de vinte léguas além da embocadura do rio Gauicuí ou das Velhas, em quinze graus e quinze minutos de latitude. O Paulista Januário Cardoso e certo Português do apelido de Maciel, infamado nas províncias do Norte por ter sido o chefe de vários indivíduos célebres pelas atrocidades que nelas cometeram pouco tempo depois de seu descobrimento, se instalaram na ourela das matas chamadas da Manga, na margem esquerda do rio de São Francisco, e passaram à espada uma aldeia de Índios, sita numa ilha a pequena distância da sobredita margem. Manoel Pires Maciel descendo pelo rio abaixo foi assentar morada perto da confluência do rio Salgado, e o sobrinho de Januário Cardoso deu princípio à povoação de São Romão, assim chamada pela vitória que seu tio alcançara contra os

desgraçados Índios desaperecidos, e com armas muito inferiores às dos vencedores. Em 1720 pôs-se nesta povoação, que tinha já bastantes vizinhos, um julgado, e sua igreja, dedicada a Santo Antônio da Manga, foi elevada à categoria de paróquia em 1804. Passou esta freguesia a ser vila com o nome de São Romão por lei de 13 de outubro de 1831, que lhe assinalou por distrito o termo de sua freguesia e do da do Salgado. Jaz esta nova vila numa baixa a miúdo alagada pelas cheias, e seus habitantes ainda se lastimam dos estragos que fizeram as dos anos de 1712, 1790 e 1833. Não tem nem um só estabelecimento de beneficência, porém além da igreja matriz existem as de São Francisco de Paula e de N. S. do Rosário. Gira em seu porto bastante comércio, por ser o depósito das fazendas que se embarcam no rio de São Francisco, e nos que lhe são tributários. Os moradores do sertão da comarca de Paracatu trazem peleterias que trocam por sal, panos de algodão da província, ferro obrado, e fazendas da Europa. O termo da freguesia desta vila corre do nascente ao poente, ao

⁶⁸⁸ Atual cidade de São Raimundo Nonato/PI. (N/E)

⁶⁸⁹ Atual cidade de São Romão/MG. (N/E)

São Roque

igreja paroquial é dedicada a São Roque. De 1840 em diante é esta nova vila cabeça dum colégio eleitoral, o qual em 1844 constou de vinte e um eleitores.

São Roque. Cabo do Brasil bem conhecido dos navegantes, na costa de leste da província do Rio Grande do Norte, em cinco graus, vinte e oito minutos e dezessete segundos de latitude, e em trinta e sete graus, trinta e sete minutos e vinte e cinco segundos de longitude oeste. “Não é um ponto saliente, diz o almirante Roussin, da costa da América como se acha marcado na maior parte das cartas,” e com efeito a costa não entra pela terra dirigindo-se quase para o oeste senão nas adjacências da ponta do Calcanhar, que fica vinte e cinco milhas mais para o norte. Diversos bancos de areia se estendem ao longo desta costa desde o cabo de São Roque até a província do Ceará. São três os sobreditos bancos; o primeiro chama-se *Banco de São Roque*, o segundo *Banco da Lavadeira*, e o terceiro, que fica mais ao poente, *Banco das Urcas*.

longo de ambas as margens do rio Urucaia, estende-se até a província de Goiás, e contém ao muito três mil habitantes que fazem criações de gado; lavram arroz, milho, canas, fabricam açúcar e aguardente, indústria que é uma das mais rendosas deste termo. Desgraçadamente os arredores da vila são em parte pantanosos e cheios d'águas estanques, donde se originam teimosas sezões que lavram nos habitantes dous ou três meses por ano, assim que não é para espantar se a população está sempre no mesmo ser. Às autoridades locais pertence o avisar o modo de ensecar estes pântanos e de restituir à agricultura tanta terra perdida.

São Romão. Ilha do rio de São Francisco, na província de Minas Gerais, defronte da vila do mesmo nome. Já dissemos que Januário Cardoso e Manoel Pires Maciel, depois de haverem barbaramente passado à espada quantos Índios residiam nesta ilha, lhe deram o nome de São Romão, por isso que a igreja soleniza a festa deste Santo em 23 de outubro, dia em que cometeram aquele horrível, e ímpio mor-

ticínio. Tem a ilha de São Romão obra dum quarto de légua de comprimento, suas terras são férteis, e pertencem atualmente à dotação da câmara da vila do mesmo nome.

São Romão.⁶⁹⁰ Povoação da província de Mato Grosso, na margem do pequeno rio Machupó. Foi fundada pelos Espanhóis em 1792.

São Roque.⁶⁹¹ Vila da província de São Paulo, na quarta comarca de que é cabeça a vila de Itu, quinze léguas ao poente da cidade de São Paulo. Era uma antiga freguesia do distrito da vila de Parnaíba, que foi decorada com o título de vila, por decreto da assembleia geral de 10 de julho de 1832, que deixou ao conselho geral da província a determinação dos limites de seu distrito. Jaz esta nova vila sobre a estrada da cidade no lugar onde ela se reparte em duas, uma vai a Sorocaba e outra a Itu. A principal riqueza de seus moradores, que serão obra de quatro mil, consiste nos gêneros que colhem de suas lavras, que exportam para a cidade de São Paulo. Sua

⁶⁹⁰ Atual distrito de São Romão, município de Coxim/MS. (N/E)

⁶⁹¹ Atual cidade de São Roque/SP. (N/E)

São Salvador da Bahia

São Salvador da Bahia.⁶⁹² Antiga capital do Brasil, que atualmente o é da província do seu nome. (V. *Bahia*, cidade.)

São Salvador dos Campos de Goitacases.⁶⁹³ Antiga vila da província do Rio de Janeiro. (V. *Campos*, cidade.)

São Sebastião.⁶⁹⁴ Antiga vila marítima da província de São Paulo, em vinte e três graus, quarenta e oito minutos e vinte segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, quarenta e nove minutos e trinta segundos de longitude ocidental. Martim Afonso de Souza, explorando a costa do Brasil, com o intento de fundar em algum ponto dela uma colônia, surgiu em 20 de janeiro de 1532 no canal ou esteiro, formado por uma península pegada com o continente, e uma ilha a que ele pôs o nome de São Sebastião, por isso que a igreja solenizava neste dia a festa deste Santo, nome que ela conservou e transmitiu ao depois à vila de São Sebastião, a qual foi criada em 16 de março de 1636, pelo procurador dos herdeiros dos primeiros donatários da capitania de

São Vicente. Aplicaram-se os habitantes desta vila à agricultura e fabrico de panos de algodão, mas o interesse da metrópole deu corte a esta indústria, e juntamente à do plantio das vinhas e oliveiras, por ser o vinho e o azeite os principais objetos que os regnicolas exportavam. Passado tempo, vieram novas leis proibitivas interromper todo o trato entre os habitantes do sul do Brasil e os do Norte, e *vice-versa*. Os habitantes da província de São Paulo foram por cima disto oprímidos com uma ordem do governador Antônio José da França Horta, segundo a qual todos os gêneros da província deviam de ser conduzidos ao porto de Santos, e não aos da província do Rio de Janeiro. Durou este estado de cousas até a chegada da família real em 1808, e com o governo imperial começou a prosperar a agricultura do distrito da vila de São Sebastião, e seus moradores a melhorarem de condição. Por alvará de 9 de outubro de 1817, criou-se nesta vila um juiz de fora encarregado juntamente do civil e crime dos distritos de Vila Bela da Princesa e de Uba-

tuba, até então administrados por juizes ordinários, cuja nomeação, posto que pertencesse ao povo, havia cessado de o ser, por intrigas dalgumas pessoas poderosas, que haviam feito fosse aquele emprego hereditário em suas famílias. Jaz a vila de São Sebastião na extremidade duma península fronteira à ilha de que tomou o nome: as ruas são de areia e as casas mesquinhas; tem com tudo uma escola de primeiras letras e uma cadeira de latim. O padroeiro de sua matriz é o Santo do seu nome; além desta igreja tem um convento de franciscanos. Seu porto, que serve de entreposto dos produtos agrícolas dos distritos dos sertões vizinhos, fica sobre o estreito de Toque-Toque, e dá bom surgidouro às embarcações por ser o seu fundo vasoso, com quatro braças d'água, e puderem sair a toda hora, tanto pela entrada do norte como pela do sul. Faz-se nele grande comércio em açúcar, café, aguardente de cana, tabaco, e louça de barro, gêneros que se exportam para o Rio de Janeiro. As terras do distrito desta vila são de boa lavra, e o clima em geral sadio, exceto em algumas

⁶⁹² Atual cidade de Salvador/BA. (N/E)

⁶⁹³ Atual cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

⁶⁹⁴ Atual cidade de São Sebastião/SP. (N/E)

São Sebastião

baixas onde reinam anualmente as febres intermitentes. Cultiva-se nelas bastante cana, colhe-se café, tabaco, milho, feijões, etc. Há grande número de engenhos onde se destila aguardente, fornos de telhas e tijolos, e de potes. Avalia-se em mais de seis mil almas a população deste distrito, o que não é muito, porque só a vila tem mais de dous mil.

São Sebastião.⁶⁹⁵ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, uma légua a és-nordeste da cidade de Mariana. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, foi paróquia, porém a diminuição dos fregueses foi causa de se ver despojada deste título, e de ser reduzida à filial da matriz da freguesia do Sumidouro, em virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832. Porém passados nove anos a assembleia provincial, por lei de 7 de abril de 1841, a reintegrou em seu antigo título, pondo a seu termo os mesmos limites. Os moradores desta freguesia vivem com escassez por se obstinarem a lavrar minas já esgotadas, em vez de se aplicarem ao amanhã e cultivo das terras,

cujo rendimento é sempre mais certo.

São Sebastião.⁶⁹⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Verde. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, era filial da de Santa Catarina, mas a assembleia geral por decreto de 14 de julho de 1832 lhe conferiu o título de paróquia, dando-lhe por filial a da povoação de Turvo. Avaliam-se em dous mil os moradores de seu termo, os quais colhem milho, feijões e arroz, e fazem criações de gado; alguns todavia persistem na mineração com bem pouco fruto.

São Sebastião.⁶⁹⁷ Freguesia da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, é matriz há muito tempo. Há uma ponte sobre o ribeiro Jacuípe perto desta povoação.

São Sebastião. Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da Vila da

Princesa, com uma igreja da invocação do Santo do seu nome.

São Sebastião. Ilha no norte da costa da província de São Paulo, dezoito léguas a leste da vila de Santos, com uma pequena vila em sua margem ocidental. Já dissemos que Martim Afonso de Souza explorando a costa do Brasil surgira, em 20 de janeiro de 1532, dia em que a igreja soleniza a festa de São Sebastião, no estreito de Toque-Toque, entre o continente e esta ilha, e que lhe pusera o nome daquele Santo. No século seguinte estabeleceram-se nela alguns lavradores, e erigiram uma capela a N. S. da Luz, e aquela nova povoação ficou pertencendo ao distrito da vila de São Sebastião criada em 1636. (V. *São Sebastião*, vila.) A boa qualidade das terras desta ilha, sua vizinhança do continente e uma armação de baleia que nela se fez no decurso do ano de 1742 contribuíram para o aumento de sua população que se avalia atualmente em mais de três mil habitantes. Tem esta ilha em sua maior largura cousa de quatro léguas e meia, seus montes são tão altos como os da terra

⁶⁹⁵ Atual distrito de Bandeirantes, município de Mariana/MG. (N/E)

⁶⁹⁶ Atual cidade de Pedralva/MG. (N/E)

⁶⁹⁷ Atual cidade de São Sebastião do Passé/BA. (N/E)

São Sebastião

firme, e daí vem que quando o tempo é claro se divisam a quinze léguas de distância; é de forma triangular, e tendo as margens cortadas a prumo podem os navios coserem-se com ela sem perigo, e na certeza de acharem ótimos surgiduros abrigados dos ventos com fundo de vasa e de oito até vinte e cinco braças d'água. A ponta de Pirassenunga, que fica mais ao sueste da ilha, está em vinte e três graus, cinquenta e sete minutos e trinta e dous segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, quarenta minutos e trinta e três segundos de longitude ocidental. (V. *Vila Bela da Princesa*.) O almirante Roussin, corógrafo-hidráulico das costas do Brasil, diz que a calheta de São Sebastião é uma arribada serena e cômoda onde os navegantes se podem prover por preço moderado de carne fresca, galinhas, aguardente de cana e outros gêneros da terra; que há excelente água entre Vila Bela da Princesa e a armação de baleia ao norte da ilha, que nela se pode fazer lenha por estar ainda povoada de arvoredo da parte do mar largo e ao oriente.

São Sebastião. Nova freguesia da província do Maranhão, no distrito da vila de Manga do Iguara.

São Sebastião de Araruama ou Iriruama.⁶⁹⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Mataruna*.)

São Sebastião do Rio Abaixo.⁶⁹⁹ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de São João del Rei, sobre o rio das Mortes. Achando-se arruinada a igreja desta freguesia, a de N. S. do Rosário, que fica perto, faz atualmente as vezes de paróquia. Os moradores deste termo são mineiros, e por isso carecem do necessário; o contrário seria, se em vez de tratarem de mineração, se ocupassem a agricultar as terras.

São Sebastião do Rio de Janeiro.⁷⁰⁰ Cidade e capital do império do Brasil. (V. *Rio de Janeiro*, cidade.)

São Sebastião dos Goitacases.⁷⁰¹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos, ao poente da

lagoa dos Jacarés, e ao nascente da freguesia de São Gonçalo, de cujo termo se acha desanexada. Deu-lhe princípio em 1710 Sebastião Rebelo, que ali fez uma fazenda com uma capela dedicada ao Santo do seu nome. Achando-se esta capela arruinada, fez-se em seu lugar, em 1753, uma nova igreja que ficou sendo filial da matriz de São Gonçalo, até que um alvará de 5 de fevereiro de 1811 lhe conferiu o título de paróquia, assinando ao seu termo as seguintes confrontações: ao norte, o termo da freguesia de São João da Barra; ao ocidente, o da freguesia de São Gonçalo; ao sul, o da freguesia de Capivari; e ao oriente, o mar. Encerra o termo desta freguesia acima de dous mil habitantes, a maior parte dos quais são escravos dos frades Bentos. Canas, mandioca, milho e feijões são as lavras principais deste termo, onde há muitas fábricas de açúcar e destilação de aguardente, cujos gêneros se transportam em canoas pela lagoa e pelo canal que lhe serve de despejo até o rio Paraíba, onde se embarcam para o Rio de Janeiro.

⁶⁹⁸ Atual cidade de Araruama/RJ. (N/E)

⁶⁹⁹ Atual distrito de São Sebastião da Vitória, município de São João del Rei/MG. (N/E)

⁷⁰⁰ Atual cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁷⁰¹ Atual distrito de São Sebastião de Campos, município de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

São Sebastião e Santo Antônio.⁷⁰² Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Uberava*, vila.)

São Simão.⁷⁰³ Povoação da província de São Paulo, no distrito da nova vila de Casa Branca, com uma justiça de paz e uma igreja do Santo do seu nome.

São Simão. Missão da província de Mato Grosso, na margem do rio de São Simão Grande, e em seu confluente com o Guaporé. Fundaram-na os jesuítas espanhóis que se estabeleceram furtivamente naquele sítio no meado do século passado, mas tiveram de voltar para as terras pertencentes à Espanha, tanto pelas demonstrações do governador da província, como em observação do tratado dos limites de 1750.

São Simão. Serra que divide a província de Minas Gerais da da Bahia. É ramo da cordilheira dos Aimorés, e jaz a pequena distância do rio Jequitinhonha, seis léguas abaixo da povoação de São Miguel. No roteiro dos antigos sertanistas acha-se no centro desta serra uma lagoa

apelidada por eles do *Pau Dourado*.

São Simão. Grande lagoa da província de Mato Grosso, algumas léguas arredada da margem esquerda do rio Guaporé. Tem um desaguadouro chamado rio de São Simão Pequeno, que vai juntar-se com o mencionado rio, três léguas abaixo do rio das Pedras e do registo do mesmo nome. Esta lagoa e seu sangradouro eram tidos antigamente por um dos limites do Brasil, na margem esquerda do rio Guaporé; mas pelo tratado de 1750 acha-se neste ponto o dito limite um pouco mais para o poente, e se estende até a margem direita do rio Mamoré.

São Simão Grande. Rio da província do Mato Grosso: vem da cordilheira dos Parecis, corre pouco mais ou menos para o ocidente, passa pela missão de São Simão, e lança-se pela margem esquerda no Guaporé, cousa de trinta e duas léguas acima do forte do Príncipe da Beira.

São Teodoro. Lugarejo da província de Goiás, no distrito da vila de Cavalcante. Houve neste lugarejo durante algum

São Tomé

tempo uma justiça de paz, a qual foi suprimida por lei provincial de 5 de dezembro de 1840.

São Tomé. Cabo do Brasil, na província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Nossa Senhora do Deserto de Quiçamão, em vinte e dous graus e quatro minutos de latitude, e em quarenta e três graus e vinte e um minutos de longitude ocidental. El-Rei D. João, terceiro deste nome, fez doação duma porção do marítimo do Brasil, entre as concessões de Martim Afonso de Souza e de Vasco Fernandes Coutinho, a Pedro de Góis, o qual ali aportou no ano de 1538, acompanhado de colonos e do mais que assentou ser necessário para fundar uma colônia, e com efeito tudo lhe sucedeu como desejava enquanto se manteve em paz com os Goitacases, que nesse tempo dominavam naquela costa; porém rompendo-se entre os novos colonos e os Índios a guerra, foram por espaço de cinco anos as plantações e fazendas dos Portugueses invadidas continuamente e arruinadas, de sorte que Pedro de Góis, depois de haver dispendido

⁷⁰² Atual cidade de Uberaba/MG. (N/E)

⁷⁰³ Atual cidade de São Simão/SP. (N/E)

São Tomé das Letras

avultadas quantias, viu-se na necessidade de se recolher para o reino, com os poucos colonos que lhe restavam. Gil Góis, seu herdeiro e sucessor, associou-se com João Gomes Leitão, homem de posses, e ambos unidos trataram no começo do século XVII de contrastar a resistência com que os Índios se opunham à fundação de colônias estrangeiras naquele marítimo, porém sem sucesso. Em 1623, os três irmãos Gonçalves, Manoel e Duarte Correia, de sociedade com Miguel Aires Maldonado, João Castilho, Antônio Pinto e Miguel Riscado, impetraram coletivamente do governador general Martim de Sá uma sesmaria duma grande porção de terra ao norte do cabo de São Tomé, com condição de obrigarem os Índios a afastarem daquelas paragens e a internarem-se no sertão do país; e como, com serem sete, não se achassem com forças suficientes para aquela empresa, se associaram com Salvador Correia de Sá, com o abade dos Bentos, e com outras pessoas poderosas do Rio de Janeiro; as quais, com o auxílio dalguma tropa e dos Índios Sacarus, fizeram aos Goitacases uma guerra mortal, e

fundaram as fazendas que atualmente existem. Do rio Macaé até o cabo de São Tomé, corre a costa em direitura do ocidente ao oriente cousa de quinze léguas, mudando porém de direção nas adjacências do cabo, corre no rumo do norte até a vila de Benevente, na província do Espírito Santo. Afirmam alguns autores que havia um estreito entre o continente e o parcel que jaz defronte do cabo de São Tomé. Porém o almirante Roussin, que se avizinhou da terra distância de duas para três milhas ao norte e ao sul do dito cabo, achou sempre de treze até quatorze braças de fundo, e adiantando-se depois seis milhas diante dele deu-lhe a sonda de onze para treze braças. Talvez tomassem estes autores por um estreito ou canal as numerosas lagoas que existem nas terras que demoram entre Cabo Frio e a cidade de Campos, as quais nenhuma comunicação direita têm com o mar.

São Tomé das Letras.⁷⁰⁴ Povoação da província de Minas Gerais, que pertenceu alternativamente aos distritos das vilas de São João del Rei, de

Baependi e das Lavras do Funil. Sua igreja, dedicada ao Apóstolo São Tomé, foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 9 de março de 1840, e por outra lei da mesma assembleia do 1º de abril de 1841, foi o termo de sua freguesia anexado ao distrito da vila das Lavras do Funil. (V. *Serra das Letras*.)

São Vicente.⁷⁰⁵ Primeira vila fundada pelos Portugueses no Brasil, incluída atualmente na província de São Paulo. Está assentada ao sul da ilha de Enguaguaçu, nas margens dum esteiro que foi qualificado de Rio de São Vicente, légua e meia ao sul da cidade de Santos, e treze a és-sueste da de São Paulo. Por alvará de 20 de novembro de 1530, confirmado por um decreto real do mês de janeiro seguinte, teve Martim Afonso ordem de ir reconhecer a costa do Brasil entre Cabo Frio e o rio da Prata, e partindo de Lisboa no ano seguinte, com uma armada provida de víveres e de colonos aportou em Porto Seguro, donde depois de tomar algum refresco se fez à vela, e foi dar fundo ao poente de Cabo Frio diante da baía de Niterói, a que pôs o nome Rio

⁷⁰⁴ Atual cidade de São Tomé das Letras/MG. (N/E)

⁷⁰⁵ Atual cidade de São Vicente/SP. (N/E)

de Janeiro, e sucessivamente foi correndo a costa e fundeando defronte da baía de Angra dos Reis, e do promontório de São Sebastião e afinal foi ter a um rio que apelidou de São Vicente pelo ter descoberto no dia em que a igreja soleniza a festa deste santo mártir. Desembarcou então os colonos que levava sobre a margem meridional do dito rio, na ilha que os Índios chamavam Enguaguaçu, nome que desde logo trocou no de São Vicente. Depois de haver feito aliança com os indígenas, pela intervenção de dous Portugueses que havendo feito naufrágio naquela costa se haviam vinculado com as famílias dos cabeceiras dos Índios, segundo escrevem alguns autores, bem que outros sustentam que já então havia ali uma feitoria, e que aqueles dous Portugueses viviam à sombra dela, e depois de haver assentado a Colônia numa praia da ilha chamada Tarare, prosseguiu Martim Afonso na exploração e reconhecimento da costa até o rio da Prata, que já havia sido assim apelidado por Sebastião Caboto e Diogo Garcia em 1527, por terem visto alguns Índios com bocados deste metal nas mãos. Tendo colhido as informações para que fora mandado, voltou Martim Afonso para onde deixara os colonos, e ordenou

ali as cousas com mais assento do que ao princípio havia feito, concedeu-lhes várias sesmarias na terra firme, e pequenas porções de terra na ilha, e lançou por aquele modo, sem o saber, os alicerces a muitas vilas, e voltando para Lisboa foi nomeado vice-rei da Índia. Em recompensa dos serviços que nesta ocasião e em outras havia prestado ao Estado, por carta régia dada em Évora, aos 20 de janeiro de 1535, fez El-Rei D. João III doação a Martim Afonso de cem léguas de costa, desde o rio Macaé até doze léguas ao sul da ilha Cananeia. Martim Afonso de Souza tendo concluído o tempo de seu governo, voltou para Lisboa, e fez armar à sua custa vários navios providos de todo o necessário, e dum grande número de famílias distintas, e foi povoar a sua capitania, levando da ilha da Madeira canas-de-açúcar e bachelos, dous vegetais de que o Brasil lhe é devedor. Certificam os mesmos autores que ele residira na colônia muitos anos, e citam em abono disto escrituras por ele assinadas em 1540, a reedificação da vila de São Vicente em 1542, a criação duma sociedade de comércio nesta vila passados mais dous anos, e a confirmação por ele dada a Brás Cubas da sesmaria que se lhe tinha concedido du-

São Vicente

rante a sua ausência. Como quer que seja, quando os Tamoios foram expulsos da capitania do Rio de Janeiro, eles se retiraram para a banda do sul, e deitaram até a ilha Guaíbe, onde Jorge Ferreira se achava governando pela viúva de Pedro Lopes, irmão de Martim Afonso de Souza, a quem El-Rei D. João III havia concedido em 1535 uma capitania de cinquenta léguas de costa, compreendendo as províncias atuais de Pernambuco e de Paraíba, dez léguas ao norte da capitania de seu irmão. Com a chegada dos Índios tiveram os moradores da ilha de a desepararem, e de se recolherem a Santos. A vila de São Vicente foi queimada em 1591 pelo almirante inglês Thomas Cavendish. Já a esse tempo eram falecidos Martim Afonso de Souza, e a viúva de seu irmão Pedro Lopes, com dous filhos que tivera, um dos quais tinha o mesmo nome que o tio, e chamava-se Martim Afonso de Souza, e só remanesca uma irmã deles chamada Jerônima de Albuquerque e Souza, que teve por sucessora uma filha chamada Isabel de Lima e Souza, a qual não confirmou no governo da capitania quase deserta de Santo Amaro ou de Guaíbe a Jorge Ferreira. Como essa capitania se achasse em poder de mulheres, e em seu litoral se ti-

São Vicente

vessem encontrado pérolas, cuja pesca foi arrendada em 1618, esporeados pela cobiça, os descendentes de Martim Afonso e de Pedro Lopes entraram uns com outros em litígio. A última donatária legítima desta capitania, Isabel de Lima e Souza, havia deixado por seu herdeiro o conde de Monsanto, o qual tomou posse das dez léguas de terra da capitania de Santo Amaro e das quarenta que incluíam a província de Pernambuco, em cuja posse foi confirmado por El-Rei em 1617. D. Álvaro Pires de Castro, sucedendo a seu pai no título e bens em virtude desta confirmação, alcançou do governador general do Brasil por favor ordem para tomar posse da capitania ao sul da do Rio de Janeiro, do mesmo modo que a havia possuído de Martim Afonso de Souza, sem declarar que era herdeiro do sobrinho de Martim Afonso, e não do tio, e por este modo tomou posse das vilas de São Vicente, Santos e São Paulo, não ficando ao conde de Vimieiro, legítimo herdeiro do almirante Martim Afonso de Souza, senão a borda do mar entre o rio de São Vicente e o Saí ao sul da baía de Paranaguá. Informada deste acontecimento a condessa de Vimieiro obteve d'El-Rei em 1621 a confirmação da herança de Martim

Afonso de Souza; porém o conde de Monsanto teve artes para se fazer confirmar na capitania de Santo Amaro, na qual havia feito ardeiramente incluir a ilha Enguaguaçu, que lhe não pertencia, e veio por aquele modo a conservar-se no senhorio e posse das vilas de São Vicente e de Santos, que ficavam na sobredita ilha. Foi a condessa de Vimieiro obrigada a assentar a capital de sua capitania na vila de Itanhaém, e por tal se intitulou a sobredita capitania. O marquês de Cascais, D. Álvaro de Castro e Souza, tomou posse por direito de sucessão da capitania de Itanhaém, e concedeu terras a seu substituto Gabriel Lares, o qual em 1648 fundou a vila de Paranaguá. Sobreveio depois um novo ambicioso, o conde da Ilha do Príncipe, que intentou apoderar-se das heranças em litígio, e efetivamente se empossou das terras de Cananeia e de Paranaguá, porém o marquês de Cascais as recobrou em 1656, no cabo de três anos das mais ativas diligências, e nomeou a Gabriel Lares por capitão-mor da capitania, concedendo os atributos e o título de vila à povoação de Paranaguá. A casa de Monsanto estava em pacífica posse havia bastante tempo das capitanias de Santo Amaro e de São Vicente, porém o conde

da Ilha do Príncipe não cessava de intrigar, e como viesse a ser bem aceito d'El-Rei D. Afonso VI, acabou por alcançar dele em 1679 as duas capitanias que tanto cobiçava, com condição que residiria na vila de São Paulo, nome que tomaram as duas capitanias reunidas em uma só. O conde de Monsanto e o marquês de Cascais intentaram contra a Coroa, por esta injusta decisão, um pleito que durou durante o reinado de D. Pedro II, até que enfim sucedendo-lhe El-Rei D. João V seu filho, determinou de acabar com aquela demanda, e mandou proceder a uma inquirição, e como dela viesse a intender a insubsistência das pretensões do conde de Monsanto, e a falsidade das do conde da Ilha do Príncipe, pôs a ela termo, desprezando as alegações de ambos, e julgando a favor do marquês de Cascais, deu-lhe quarenta mil cruzados, conferiu-lhe mais algumas honras, e declarou irrevogavelmente incorporadas nos domínios da Coroa as terras que faziam parte daquelas antigas doações. A vila de São Vicente ao princípio aumentou-se rapidamente, e foi longo tempo a capital do sul do Brasil; mas vindo-se a entupir a barra do rio, a vila de Santos foi medrando em população, ao passo que a primeira ia pro-

gressivamente decaindo; de sorte que atualmente esta primeira vila do Brasil consta somente de quinhentos até seiscentos moradores que vivem com escassez. A matriz desta vila tem por padroeiro São Vicente Ferreira e seu distrito encerra parte da ilha Enguaguaçu, e se estende também pelo continente.

São Vicente.⁷⁰⁶ Lugarejo da província de Minas Gerais, ao sueste da vila de Baependi, com uma igreja da invocação de São Vicente Ferreira, filial da matriz da freguesia de Turvo da Ajuruoca.

São Vicente. Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Jaz nas adjacências das cabeceiras do rio Urucaia, perto da serra da Tabatinga, obra de quarenta léguas ao poente da vila de São Romão.

São Vicente. Rio ou estreito que separa a ilha Enguaguaçu do continente da província de São Paulo. Em sua margem esquerda, e na ilha acima dita está assentada a vila de São Vicente. É formado este canal pelas águas que descem da

serra do Cubatão, e continua-se ao pé desta serra com o canal que jaz defronte da vila de Santos, o qual absorve atualmente a maior parte d'água, não tem corrente senão na estação das chuvas, ou no refluxo das grandes marés.

São Vicente. Ilha da província de São Paulo, em que se acham sitas a cidade de Santos e a vila de São Vicente. (V. *Enguaguaçu*.)

São Vicente das Lavras.⁷⁰⁷ Pequena vila da província do Ceará, na margem direita do rio Salgado, dez léguas acima da vila de Icó. Deram-lhe princípio alguns sertanistas mineiros que assentaram morada na serra aurífera da Mangabeira, onde erigiram uma igreja a São Vicente Ferreira, a qual foi declarada paróquia em 1813. Alcançou esta freguesia o título de vila com o nome que acima lhe damos, por alvará de 27 de junho de 1817, pelo qual foi também criada a comarca do Crato. Para se formar o distrito desta nova vila, desmembrou-se certa porção do da vila de Icó, e o mesmo alvará lhe conferiu por patri-

São Vicente Ferreira

mônio uma légua quadrada de terra, com condição que a casa da câmara, a cadeia e mais acessórios que constituem uma vila seriam feitos à custa dos habitantes. O distrito desta vila poderá ter seis léguas de norte a sul: da banda do nascente, confronta com as províncias do Rio Grande do Norte e de Paraíba; da do norte, pega com o distrito de Icó; da do poente, com o da vila de Quixeramobim; e da do sul, com o da vila de Bom Jardim. Sua população era avaliada em 1821 em perto de cinco mil habitantes, número que se não tem aumentado. Porém, em 1844, o seu colégio eleitoral constou de vinte e oito eleitores. A agricultura e comércio deste distrito consistem em víveres e algodão que se exporta para as cidades de Paraíba e do Recife. Umari é a povoação mais importante dele.

São Vicente Ferreira.⁷⁰⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Resende. Em 1785, foram colocadas na aldeia de São Luiz Beltrão várias famílias de Índios da tribo Puris; no fim do mesmo século vieram alguns

⁷⁰⁶ Atual cidade de São Vicente de Minas/MG. (N/E)

⁷⁰⁷ Atual cidade de Lavras da Mangabeira/CE. (N/E)

⁷⁰⁸ Atual distrito de Fumaça, município de Resende/RJ. (N/E)

São Vicente Ferreira

brancos estabelecerem-se naquelas adjacências, e fundaram uma povoação com uma igreja de que é orago São Vicente Ferreira, a qual foi criada paróquia no cabo de muito tempo. Encerra o termo desta freguesia mil e oitocentos fregueses, entrando nesta conta os Índios da aldeia que se acha nele encravada. Todos são agricultores; os mais industriosos criam gado vacum e porcos que levam a vender aos mercados da cidade do Rio de Janeiro.

São Vicente Ferreira. Arraial da província de Mato Grosso, sobre o rio Galera, na extremidade norte da serra Jauru, vinte léguas ao nor-nordeste da cidade de Mato Grosso, em quatorze graus e trinta minutos de latitude. As minas de ouro deste sítio foram achadas em 1767 por Bento Dias Botelho. Esta povoação é a mais abastada de todas as da cordilheira dos Parecis. Foi criado arraial em 1783, e sua igreja, de que é padroeiro o Santo do seu nome, é uma das filiais da matriz da cidade de Mato Grosso. Consta atualmente de novecentos moradores, lavradores de víveres que levam a vender à sobredita cidade.

São Victor. Pequeno rio da província de Piauí, no distrito da vila de Valença. Nasce perto das raias da província do Ceará, e provém da reunião de vários riachos que descem dos montes; encaminha-se para o ocidente, recolhendo pela margem direita o ribeiro de São Nicolau, e pela esquerda o Catinguinha e o da Lagoa; tomando então para o norte, se engrossa com as águas do ribeiro Berlengas, e incorpora-se com o rio Poti pela margem esquerda, no cabo dum curso de obra de vinte e cinco léguas, não dando navegação a canoas senão na estação das chuvas.

Sapé. Sítio do distrito da cidade de Cuiabá, donde os Índios Paiaguás se embarcaram em 1743 indo no encalço da frota de São Paulo, e achando nas bocas do Taquari sinais certos de que ela se achava já mui longe, e que não a podiam alcançar, voltaram para trás, depois de haverem morto alguns pescadores que ali encontraram.

Sapezal. Vigésima sétima cachoeira que se encontra no rio Tietê, na província de São Paulo, quando por este rio se

desce. Passam-na as embarcações sem serem aliviadas, e fazem ao depois oito léguas de boa navegação até a cachoeira das Congonhas. Acha-se a Sapezal meia légua abaixo da Baruriú-Açu.

Sapetiba.⁷⁰⁹ Porto e povoação da província do Rio de Janeiro, no fundo da baía de Santa Cruz, que é uma parte da de Angra dos Reis. El-Rei D. João VI, com o fim de facilitar a comunicação entre os distritos marítimos da Ilha Grande, de Parati, e a cidade do Rio de Janeiro, desmembrou a fazenda de Santa Cruz de certa porção de terra, onde mandou fazer uma povoação e um porto. Os brigues devem ter-se distantes deste porto duzentas braças, não assim as embarcações de menos porte que o frequentam sem perigo. É neste porto que se embarcava para Europa o pau do Brasil, que se cortava nas matas adjacentes, o qual desappareceu, com não ser ele da melhor qualidade. Segundo o decreto da criação desta povoação, datado de 6 de julho de 1813, o senado da câmara do Rio de Janeiro foi encarregado de repartir as terras em prazos enfitêuticos, e de man-

⁷⁰⁹ Atual bairro de Sapetiba, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

dar fazer uma planta regular dela, a qual é de forma circular, e ornada de casas aparatosas das quais muitas são de sobrado.

Sapucaí.⁷¹⁰ Vila da província de Minas Gerais, cabeça da comarca de Rio de Sapucaí, doze léguas ao sudoeste da cidade de Campanha, e sessenta e seis pouco mais ou menos também ao sudoeste da cidade de Ouro Preto. Jaz esta vila em vinte e dous graus e dez minutos de latitude, entre os rios do Servo e de Santa Bárbara e o rio Sapucaí, com o qual eles se ajuntam pela margem esquerda, a seis léguas um do outro. Sua igreja, de que é padroeira Santana, foi criada paróquia no meado do século passado, e a freguesia de Sapucaí foi elevada à categoria de vila em 1832, por decreto da assembleia geral. Seu distrito foi coarctado, e diminuído em 1839 para a formação do da vila de Caldas, o que não obstante, ainda encerra arriba de três mil habitantes, mineiros, criadores de gado e lavradores de milho, arroz, feijão e algodão. Ao princípio faziam-se também grandes searas de centeio e de

trigo, o que foi posto de parte, depois que os Americanos dos Estados Unidos introduziram as suas farinhas por melhor preço.

Sapucaí. Rio da província de Minas Gerais, que dá nome à comarca que rega. Nasce no vertente setentrional da serra da Mantiqueira, dirige-se primeiramente para o noroeste, recolhendo pela esquerda os rios Dourado, do Servo e de Santa Bárbara, e inclinando-se depois para o ocidente até as adjacências da foz do rio Verde, que lhe engrossa de metade o cabedal, cinco léguas mais adiante se lhe ajunta o pequeno rio do Peixe. Depois de haver recolhido este último afluente, corre o rio Sapucaí, obra de dez léguas em direitura para o norte, e vai ajuntar-se com o rio Grande pela margem esquerda, um pouco acima do confluente do ribeiro Piuí, que se incorpora com o mencionado rio Grande pela margem oposta. Em 1843 uma sociedade ofereceu ao governo de facilitar a navegação deste rio, obra de quarenta léguas, desde a povoação de Itajubá até a sua confluência com o rio

Saquarema

Grande, parece porém que este projeto não foi por diante, provavelmente por causa dos arrecifes de Itapiche, que mais tarde se assentou que se não podiam picar, sendo impossível haver oito léguas de boa navegação.

Sapucaí-Mirim. Ribeiro da província de Minas Gerais. Vem da serra da Mantiqueira, onde existe um registo para a arrecadação dos direitos, sobre os gêneros que passam desta província para as vizinhas, e vai ajuntar-se com o rio Sapucaí a pequena distância de seu nascente.

Sapucaia. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila da Cachoeira, perto do rio Pardo.

Saquarema ou Sequarema.⁷¹¹ Nova vila e antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, entre o mar e a lagoa de seu nome. Manoel de Aquilar Moreira foi o primeiro fazendeiro que mandou fazer em 1660, nesta parte do continente, uma capela que dedicou a N. S. de Nazaré. No cabo de quinze anos edificou-se em lugar da capela

⁷¹⁰ Atual cidade de Sapucaí-Mirim/MG. (N/E)

⁷¹¹ Atual cidade de Saquarema/RJ. (N/E)

Saquarema

uma igreja que, atenta a distância em que se achava da matriz da cidade de Cabo Frio, foi declarada por sua filial por provisão do Bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros de Alarcão. Por alvará de 12 de janeiro de 1755, foi esta igreja elevada à dignidade de paróquia. Como no cabo de perto de cento e quarenta anos de duração se achasse arruinada, edificou-se outra de novo no sítio chamado *Boqueirão do Engenho*, em cinquenta braças de terra, na margem setentrional da lagoa Saquarema, estendendo-se pelo despovoado dado por Luiz José de Almeida, e serviu de paróquia desde 1824 ou 1825. Por lei provincial de 5 de maio de 1841 foi esta freguesia criada vila com condição que deixaria de sê-lo, se os moradores não edificassem à sua custa a casa da câmara, a cadeia e mais acessórios duma vila, segundo eles mesmos haviam proposto. Consta o distrito desta nova vila do termo de sua freguesia e duma parte do da de São Sebastião de Araruama, e suas confrontações são: a ponte de Leito, o sítio do Verdo Peso, a estrada real até o Morro Grande, e deste morro à estrada de Capivari para o rio Bacaxá, nas adjacências do Mato Alto. Sua população é de sete mil habitantes lavradores de víveres, carpinteiros de ma-

chado, e homens do mar. Seu comércio com o Rio de Janeiro é ativo, e consiste em madeiras de construção, café, peixe fresco e salgado.

Saquarema ou Sequarema. Lagoa da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila do mesmo nome. É de forma irregular, com duas léguas de comprimento, e jaz entre o promontório da Ponta Negra e a lagoa Araruama. Alimentam-na vários ribeiros, sendo entre eles de mais cabedal o Tingui. Na estação das chuvas são os moradores obrigados a abrir valas nos médões de areia para dar despejo às águas que alagam as terras de lavra. Em 1843 começou-se a abrir um canal entre esta lagoa e a de Araruama.

Saracá. Lagoa da Guiana brasileira, da qual nasce o rio Aniba, aliás Saracá. O rio Urubu comunica por via dum canal natural com esta lagoa, e por conseguinte com o rio Aniba, e um e outro se ajuntam com o Amazonas.

Saracuruna. Ribeiro da serra dos Órgãos, na freguesia de Inhomirim, que ele divide da do Pilar. Ajunta-se com o ribeiro do nome desta derradeira freguesia, e torna-o navegável até sua confluência com o rio Iguaçu.

Saranabitigba. Assim apelidavam os Índios certo ribeiro e serra da cordilheira dos Órgãos. (V. *Cernambitigba*, ribeiro, e *Jororó*, serra.)

Sarapuí. Povoação da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Jacutinga, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, edificada na margem direita do Sarapuí, perto dum porto frequentado dos moradores do termo de Jacutinga, que ali vão levar os seus gêneros uns por terra, outros por água em canoas, e donde se transportam em barcos todos os dias para o porto do Rio de Janeiro.

Sarapuí ou Serapuí. Rio da província do Rio de Janeiro, que rega o termo da freguesia de Jacutinga onde nasce, dirige-se para o oriente, e recolhendo o ribeirão Pioim se torna navegável até a baía Niterói, na qual deságua ao sul da foz do rio Iguaçu, e ao norte da ilha do Governador. Em sua margem direita há um grande forno de telhas e de tijolos. Os barcos sobem com carga por este rio acima cousa de duas léguas.

Sararaí. Ribeiro da província da Bahia, tributário da baía de Todos os Santos. (V. *Acupe*.)

Sararé. Rio da província de Mato Grosso, que vem dos Campos Parecis, engrossa-se com o tributo de vários ribeiros durante um curso de quinze para vinte léguas, e vai ajuntar-se com o Guaporé, pela margem direita, em quatorze graus e cinquenta e um minutos de latitude. Este rio é navegável perto do Sucuriú, e as canoas fazem por terra uma légua de navegação para passar dum no outro. Na estação das chuvas as planícies pantanosas da cidade de Mato Grosso e as das margens do Sararé são por tal modo alagadas, que arremedam a uma dilatada lagoa.

Serenheém. Pequeno rio da província da Bahia; corre do ocidente para o nascente, regando as férteis terras da comarca de Valença, porém não dá navegação por causa da muita penedia de seu leito, senão em sua foz, em cuja margem jaz a vila de Santa-rém.

Serenhém ou Formosa.⁷¹² Vila antiquíssima da província de Pernambuco, situada num alto na margem esquerda do rio do seu nome, distância de duas léguas do mar, e obra de quinze ao sul da cidade do Re-

cife. Foi criada vila com o nome de Formosa em 1627, e tomada quatro ou cinco anos depois pelos Holandeses que a evacuaram em 1636. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. da Conceição, e jaz em oito graus e trinta e quatro minutos de latitude, e em trinta e sete graus e vinte e oito minutos de longitude ocidental. Há nesta vila, que é hoje mais conhecida com o nome que aqui lhe damos do que com o de Formosa, além da igreja matriz mais duas e um convento de franciscanos nas margens do ribeiro Formoso, e tinha, em 1840, além dum juiz de direito, um prefeito, emprego que foi abolido e substituído pelo dos chefes de polícia, e seus delegados em virtude da lei das reformas do Código dos processos crimes de 3 de dezembro de 1841. Os habitantes do distrito da vila de Serenhém, que são pela maior parte brancos e em número de mil e duzentos, lavram grande quantidade de canas, víveres para seu uso, e colhem algo-dão que exportam para o porto do Recife com açúcar e aguardente.

Serenhém ou Serinhém. Pequeno rio da província de Pernambuco, corre por espaço de

Sergipe

trinta léguas do poente para o nascente por férteis campos, rega a vila de seu nome, recolle o ribeiro Ceribó, e se lança no mar por uma calheta rodeada de rochedos que parecem defender a costa do Brasil por esta parte. Na sobredita calheta podem surgir embarcações pequenas amparadas pelos ilhotes de Santo Aleixo que ficam defronte dela.

Sergipe. Pequena província marítima do Brasil, entre dez graus e trinta minutos e onze graus e trinta e dous minutos de latitude, confrontando da banda do norte com o rio de São Francisco, que a separa da das Alagoas; da do ocidente, pelo mesmo rio que a divide da de Pernambuco, e pelo Xingu que lhe serve de extrema com a da Bahia, da parte do sul, na direção duma linha ideal de monte em monte desde este último rio até a serra de Itaparoa a pequena distância do mar, e do rio Real, da banda do oriente poderá ter trinta léguas de costa, arenosa, rasa, com algum mato, e entremeiada de colinas cobertas de arvoredo. Corre esta costa, que jaz entre a serra Itaparoa e o rio de São Francisco, do sul para o nordeste, e o mar parece espriar-

⁷¹² Atual cidade de Sirinhaém/PE. (N/E)

Sergipe

se numa praia arenosa sólida, que na maré vazante fica em seco. Alguns lavradores e colonos que residiam entre o rio Real e o Itapicuru, pediram em 1590 auxílio ao governador do Brasil Cristóvão de Barros, e assistência contra o gentio da terra, que lhes arruinava as fazendas; desde este tempo ficaram aqueles moradores sujeitos à província da Bahia, e os governadores gerais alargaram os limites daquele distrito, estendendo-os até o rio de São Francisco. Fundou Cristóvão de Barros ali, por ordem que teve de Filipe II, e a requerimento dos povos, a vila decorada atualmente com o título de cidade, e apelidada indiscriminadamente São Cristóvão ou Sergipe. Os moradores desta nova vila foram em princípio expostos às incursões dos Índios que lhes devastavam as fazendas, e gereram logo depois debaixo do jugo dos Holandeses, e quando se viram descativados destes últimos, alguns dentre eles conceberam o atrevido projeto de se constituírem em governo independente, e como encontrassem em outros oposição, agregaram-se, para se fazerem mais fortes, os descontentes das províncias vizinhas, e os que haviam sido condenados a desterro, e soltando os presos entregaram o país a todos os

excessos da anarquia. Os homens cordatos e amigos da paz vexados e oprimidos pelos cabeças da facção dominante, cujas forças iam gradualmente diminuindo as invasões dos Índios e os piratas, escreveram secretamente a El-Rei D. Pedro II pedindo-lhe socorro. Chegaram a Sergipe em 1696 algumas tropas com um ouvidor, que tinha ordem de conceder uma anistia geral a todos quantos se haviam rebelado, com condição que se obrigariam a subjugar os Tupinambases que devastavam o país: o que foi em parte executado, e os missionários o concluíram de todo, derramando-se por aquela nova comarca da província da Bahia, fundando aldeias, onde fizeram um grande número de conversões, assim que no princípio do século seguinte se achava por toda a parte restabelecido o sossego. Antes de se partir para Portugal El-Rei D. João VI desanexou a comarca de Sergipe da província da Bahia, criando-a província independente. A parte oriental desta província, bem que algum tanto arenosa, tem terras de lavoura, não assim a parte ocidental que é metade estéril e metade agreste. Ambas elas fazem em totalidade duas mil e oitocentas léguas quadradas de superfície. As chuvas são ali raras, ao ponto que os animais

morrem de sede. As serras mais altas desta província são as de Currallinho, Itabaiana, Itaparoa e de Pacatuba, da parte do oriente, e da do ocidente a Negra e a Tabanga. Regam-na os rios de São Francisco Real, Itapiranga ou Vaza Barris, o Sergipe e o Cotindiba, e podem facilitar a comunicação entre o sertão e o marítimo. Da banda do noroeste existem várias lagoas que comunicam com o rio de São Francisco, as quais são piscosas, e acham-se a miúdo coalhadas de aves aquáticas de mui desvariadas cores. Antigamente havia nesta província, segundo dizem, trezentos engenhos na parte onde as terras eram próprias para a lavoura das canas. Os bosques são menos bastos e dilatados que noutras províncias, e todavia fornecem excelentes madeiras, como a sucupira, cedro, jequitibá, sapucaia, batinga branco e vermelho, conduru, vinhático, jenipapo, gonçaloalves, pau de ferro e de arco, e biriba, de cuja casca se tira uma espécie de estopa, e várias madeiras de tinturaria que não são por agora objeto de comércio. A ipecacuanha, parobo e quina são de ótima qualidade. A baunilha dá-se ali espontaneamente e com abundância, bem como os cauzeiros nas baixas. Nos montes dar-se-iam otimamen-

te os cafeeiros, se se plantassem. As árvores frutíferas mais comuns nesta província são mangueiras, laranjeiras, jaqueiras e cajueiros. A caça brava é rara, e os únicos animais que se encontram nas matas são antas, tatus, gatos bravos e mais alguns quadrúpedes, e as emas, que vivem nas partes mais despovoadas. Dizem que há ouro nesta província, mas até aqui as únicas substâncias minerais que dela se tem tirado são cristais, pedras calcárias, salitre, e estalactites de várias cores que pulverizados servem de areia. A população desta província constava em 1839 de cento e sessenta e sete mil, trezentos e noventa e sete habitantes, entrando neste cômputo mais de vinte e cinco mil Índios. Todos se aplicam à agricultura, sendo os principais objetos de suas colheitas algodão, canas, mandioca, tabaco, milho, arroz e linho. Os que moram entre as serras e o rio de São Francisco fazem também suas criações de gado vacum, cavalar e muar. A assembleia geral havia dividido esta província, no ano de 1833, em três comarcas; porém a primeira assembleia legislativa provincial a repartiu em cinco, assinaladas pelos nomes de suas cabeças, que são: Estância, Laranjeiras, Santo Amaro, São Cristóvão e Vi-

lanova de Santo Antônio. Subdividem-se estas comarcas em dezessete distritos de que são cabeças a cidade de São Cristóvão, capital da província, as vilas de Campo, Capela, Divina Pastora, Estância, Itabaianinha, Itabaiana, Lagarto, Laranjeiras, Moruim, Porto da Folha, Propriá, Rosário, Santa Luzia, Santo Amaro, Socorro e Vilanova de Santo Antônio. Em 1838 havia nesta província vinte freguesias, seis cadeiras de latim, trinta e seis escolas de primeiras letras, nove das quais eram de meninas, e quatrocentos e quarenta e cinco engenhos ou engenhocas. Em 1839 a exportação foi de cento e dezoito mil, seiscentas e dezoito arrobas de algodão, sessenta e oito mil, duzentas e oitenta e seis caixas de açúcar e oitocentas canadas de aguardente, e todavia a importância destes gêneros era inferior à dos objetos importados, mas atualmente a exportação se tem sensivelmente aumentado, e anda a par com a da Bahia. Por lei provincial de 1840, foi o governo da sobredita província autorizado a conceder um privilégio de vinte anos àquele que estabelecesse a navegação por vapor em todas as águas da província, obrigando-se a pilotar sem paga à entrada dos rios os navios de guerra, o que até o presente se não tem

Sergipe

posto em efeito, e por decreto imperial de 27 de setembro do mesmo ano foi decidido que a margem esquerda do rio Real ficaria pertencendo à província de Sergipe e não à da Bahia. A província de Sergipe pertence à diocese da Bahia e manda dous deputados à câmara legislativa e um senador ao senado; sua assembleia provincial se compõe de vinte membros.

Sergipe. Rio que deu nome à província que rega. Os Índios chamavam-no *Serigip*, desde o seu nascimento até o mar. Corre este rio nas serras paralelamente e ao sul do rio Cotindiba, porém em baixando às terras chãs arreda-se dele, e vai a duas léguas do mar juntar-se pela margem esquerda com o Irapirang ou Vaza Barris. Na confluência do ribeiro Paramopama com este rio é que está assentada a cidade de São Cristóvão. As sumacas sobem com a maré pelo rio Sergipe até a capital da província, as canoas deitam muito mais adiante, e vão até as serras. No lugar chamado *Porto das Rodas* há uma barca em que se passa este rio, pagando um homem e seu cavalo, e um macho carregado a quantia de duzentos réis. Além da barca há uma canoa que passa a gente de pé a razão de quarenta réis por pessoa.

Sergipe del Rei

Sergipe del Rei.⁷¹³ Cidade e capital da província de Sergipe. (V. *São Cristóvão*.)

Sergipe do Conde.⁷¹⁴ Vila da província da Bahia. (V. *São Francisco*, vila.)

Seridó. Rio que poderá ter trinta léguas de curso; nasce dum lapa ou gruta da serra dos Cairiris, no termo da freguesia de Patos, na província de Paraíba, onde rega o distrito da vila de Brejo de Areia. No cabo de oito léguas de curso nas terras desta província, entra na do Rio Grande do Norte, dirige-se para o nordeste, regando Vilanova do Príncipe, e oito léguas abaixo desta vila se incorpora pela margem direita com o rio das Piranhas. Sobem por ele com carga os barcos até Vilanova do Príncipe, e as canoas passam muito além, e vão até a província de Paraíba.

Serigi. Rio da província da Bahia, chamado também por vezes Sergipe. Nasce nos campos da cidade da Cachoeira, engrossa-se com as águas do ribeiro Subaé, que lhe dobra o

cabedal, e vai desaguar na margem ocidental da baía de Todos os Santos. Navegam por ele acima os barcos com carga distância de três léguas com o favor da maré.

Serpa.⁷¹⁵ Pequena vila da província do Pará, numa ilha perto da margem esquerda do rio das Amazonas, entre os confluente dos rios Urubu e Aniba. N. S. do Rosário é orago de sua matriz. Os missionários ajuntaram muitos Índios de diversas tribos perto do rio Madeira e do Mataúra, que com ele se incorpora; porém como fossem inquietados de contínuo pelo gentio Muras, foram os ditos Índios transferidos sucessivamente para o canal ou rio Canomá, nas margens do Abacaxi e sobre a direita do Madeira, e a povoação que ali se veio a formar foi criada vila em 1759. Como ainda assim continuasse o gentio Muras a inquietar os Índios naquela nova povoação, abaixo do Furo dos Tupinambaranas, transferiu-se a vila de Serpa com seus moradores para a ilha, onde hoje se acham vivendo em paz com

todos os seus vizinhos, apanhando cacau, salsaparrilha, cravo, e cultivando alguns algodoeiros, cafeeiros e tabaco.

Serpa. Antigo registo da província do Espírito Santo, na cordilheira dos Aimorés, colocado naquele sítio para impedir as entradas dos Botocudos, e vigiar juntamente no extravio do ouro e dos diamantes. Alguns Índios, para se subtraírem aos insultos doutras tribos mais inquietas e ferozes, vieram viver à sombra daquele registo, donde se originou uma povoação que pertence ao distrito da vila de Viana, e jaz entre os vertentes dos rios Pardo e Santa Maria, sobre a estrada pouco frequentada que vai da vila de São Mateus para a província de Minas Gerais.

Serra.⁷¹⁶ Nova vila da província do Espírito Santo. (V. *Conceição da Serra*, vila.)

Serra Branca.⁷¹⁷ Povoação da província de Paraíba, perto da serra do mesmo nome, quatro léguas a oés-sudoeste de Vila Real de São João. Seus moradores colhem algodão, milho, feijão e outros víveres.

⁷¹³ Atual cidade de São Cristóvão/SE. (N/E)

⁷¹⁴ Atual cidade de São Francisco do Conde/BA. (N/E)

⁷¹⁵ Atual cidade de Itacoatiara/AM. (N/E)

⁷¹⁶ Atual cidade de Serra/ES. (N/E)

⁷¹⁷ Atual cidade de Serra Branca/PB. (N/E)

Serra da Buena.⁷¹⁸ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Cerro da Buena.*)

Serra da Piedade. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Caeté. Em seu cume mais elevado se acha uma planura onde está sita uma igreja dedicada a N. S. da Piedade; à direita e à esquerda da qual estão as casas onde residem os monges que dizem nela missa. Desta igreja espraíam-se os olhos por um horizonte imenso, e avista-se ao longe a serra da Caraça. Em diversos passos da serra existem cruzeiros para se fazerem estações na semana santa. Esta igreja foi fundada em 1770.

Serra da Raiz.⁷¹⁹ Povoação da província de Paraíba, no termo da freguesia de São Miguel, apelidada também Maia Branca. Há nesta povoação uma escola de ensino mútuo criada por decreto de 13 de outubro de 1831. É povoação derramada, e seus moradores lavram algodão, milho, canas, fazem açúcar, e fabricam aguardente de cana.

Serra das Letras. Agregado de serras da província de Minas Gerais, por onde passa a estrada da sobredita província. Pertencia esta serra ao distrito da cidade de Campanha, e consta de pedras laminosas mais ou menos grossas, algumas das quais são elásticas. A estrada parece à primeira vista ter sido feita à maneira de mosaico de pedras embutidas; em tão miúdos fragmentos se acha repartido o pavimento e lajedo. Numa parte onde a serra é cortada a prumo veem-se como umas letras que os habitantes têm por fé que foram traçadas pelo apóstolo São Tomé, e que talvez sejam efeito das águas filtradas por entre as lâminas de que é composta. (V. *São Tomé das Letras*, povoação.)

Serra de São Bento.⁷²⁰ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Goianinha. Começou-se em 1841 perto desta povoação uma estrada que devia passar por Caju Piranga, e ir ter à vila de São José de Mipibu.

Serra do Martins

Serra do Martins.⁷²¹ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre. Está situada numa azinhaga por onde passa a estrada que vai da cidade de Paraíba para a vila de São Bernardo, na província do Ceará. Suas ruas são regulares; tem escola de primeiras letras, criada por lei provincial de 3 de outubro de 1832, e cadeira de latim por outra lei da assembleia provincial de 24 de outubro de 1840. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, foi longo tempo filial da matriz da vila de Porto Alegre, porém afinal foi decorada com o título de paróquia, por lei provincial de 2 de novembro de 1841, que lhe deu por termo parte do da freguesia de Pau dos Ferros, com as seguintes demarcações: a província de Paraíba na fronteira da freguesia de Catolé, os sítios da Cacicimba, Barriguda, Cumbe, Fidalgo, Cascavel, Poço da Pedra, Almas, Melancia, Saco, Bico, Bom Jesus, o ribeiro da Forquilha, o engenho Viçoso, os sítios de Picos, Campos, Cajazeiras, Olho d'Água, Várzea Comprida, Flores, e a ermida dos Impossíveis até o termo

⁷¹⁸ Atual localidade de Cerro da Buena, município de Morro Redondo/RS. (N/E)

⁷¹⁹ Atual cidade de Serra da Raiz/PB. (N/E)

⁷²⁰ Atual cidade de Serra de São Bento/RN. (N/E)

⁷²¹ Atual cidade de Martins/RN. (N/E)

Serra do Negro

de Catolé. Os arredores desta freguesia são aprazíveis, a temperatura branda, o ar sadio. Ao pé dela existe a lagoa Grande, que ministra a água de que não mister os moradores ainda mesmo nos maiores calores.

Serra do Negro. Serra da província do Maranhão, no distrito da vila da Chapada, onde se estende do norte ao sudoeste entre a cabeceira dos rios Mearim e Grajeú. Os moradores das suas faldas, tanto ao oriente como ao ocidente, lavram algodão que exportam.

Serra do Paulista. Serra da província da Bahia, nas adjacências do Salto de Paulo Afonso, no rio de São Francisco, de cujo cume se descobre da parte do oriente uma vasta planície. Chamam-na também serra da Muribeca, e dizem que nela existem minas de cobre e de prata.

Serra do Penitente. Serra da província de Piauí, ramo da da Mangabeira na província da Bahia, ao norte da comarca da Jacobina.

Serra do Pereira.⁷²² Freguesia da província do Ceará, na ser-

ra do Pereira. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por lei da assembleia provincial, a qual por outra de 5 de setembro de 1840 criou em seu termo um juiz de paz.

Serra dos Órgãos. Serra notável da província do Rio de Janeiro. (V. *Órgãos*, cordilheira e serra.)

Serra Geral. Dá-se este nome na província de São Pedro do Rio Grande, à serra de médio-relevo que corre ao longo do marítimo desta província, a qual se reparte em três ramos principais, conhecidos com os nomes de serra dos Tapes, serra do Herval e da Vacaria.

Serra Grande. Povoação da província do Rio Grande do Norte, na serra do seu nome, no distrito de Vilanova do Príncipe. Tinha escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral, porém foi transferida, por lei da assembleia provincial do ano de 1840, para a povoação da Conceição, da mesma jurisdição de paz.

Serra Grande. Serra altíssima da província do Ceará, limí-

trofe das de Paraíba e do Rio Grande do Norte, regada dum sem número de ribeiros que a fertilizam. Dão-se nela mal os algodoeiros em razão do frio e das névoas.

Serra Negra.⁷²³ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Mojimirim. Sua igreja foi criada paróquia por lei provincial de 12 de março de 1841, deixando ao governo da província a determinação das confrontações de seu termo.

Serra Negra. Serra da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, que é uma continuação da da Canastra. Dela nascem vários ribeiros, onde se acharam diamantes e várias pedras preciosas. Há nesta serra minas de ferro.

Serra Negra. Ribeiro da província de São Paulo, que deságua na baía de Paranaguá, em sua margem setentrional.

Serranos.⁷²⁴ Linda freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Aju-roca, assim chamada por se achar sítio numa serra, cousa que é rara nesta província.

⁷²² Atual cidade de Pereiro/CE. (N/E)

⁷²³ Atual cidade de Serra Negra/SP. (N/E)

⁷²⁴ Atual cidade de Serranos/MG. (N/E)

Está assentada em anfiteatro no cume duma serra, a cujas faldas corre o ribeiro Ajuruoca, um dos primeiros tributários do rio Grande. Sua igreja é de pedra, e dedicada a N. S. do Bom Sucesso, e junto a ela se vê a casa do vigário, mais aparatosa que a igreja. Por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, havia esta igreja sido anexada à matriz da freguesia de Turvo do Ajuruoca, porém uma lei provincial de 30 de abril de 1840 a elevou à categoria de paróquia, dando-lhe por filiais as capelas de São Vicente e do Livramento. A estrada que vai do Rio de Janeiro para as cidades de São João del Rei, da Campanha e de Barbacena passa por esta freguesia; dá-lhe serventia uma ponte sobre o ribeiro Ajuruoca.

Serra Nova. Povoação e serra da província do Ceará, no distrito da vila de São Vicente das Lavras. Acham-se ambas distantes desta vila dez léguas. Os moradores solicitaram o título de paróquia para a sua igreja.

Serra Talhada.⁷²⁵ Freguesia da província de Pernambuco,

perto da serra das Cairiris Novos e do rio Pajeú. Seu termo faz parte do distrito da vila de Flores. Nela se criou em 1844 um colégio eleitoral.

Serre.⁷²⁶ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Serro, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832.

Serre. Serra da província do Maranhão, entre a vila das Balsas e a de Pastos Bons, célebre pela batalha em que os rebeldes foram derrotados em 19 de setembro de 1840, deixando no campo setenta e oito mortos, vinte e um prisioneiros, obra de quarenta mulheres, e vários petrechos de guerra.

Serrinha.⁷²⁷ Povoação pequena da província de Minas Gerais, no meio dos pântanos de que nasce o rio Verde, tributário do de São Francisco. Sua igreja, de que é padroeiro São Gonçalo, é dependente da matriz da freguesia de Itucambira.

Serrito

Serrinha.⁷²⁸ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre, e na serra de Luiz Gomes. Seus habitantes, que são todos brancos, lavram os víveres de seu consumo, e algodão para exportação.

Serrito ou Jaguarão.⁷²⁹ Pequena vila da província de São Pedro do Rio Grande, entre o rio Jaguarão e a lagoa Mirim. Esta antiga povoação da província e suas adjacências foram povoadas pelos colonos da vila de Funchal, como o testifica o nome do ribeiro que deságua na sobredita lagoa. Alguns colonos que haviam sido transportados à custa do governo, e colocados no Porto dos Casais, desemparraram aquele sítio, e se deram por diversos lugares da província, por isso que se lhes havia faltado com o prometido, e assentado morada entre o rio Jaguarão e a lagoa Mirim, edificaram uma igreja e a dedicaram ao Espírito Santo, e esta igreja foi decorada com o título de paróquia, por decisão régia de 31 de janeiro de 1812, e não obstante não ter sido sensível o au-

⁷²⁵ Atual cidade de Serra Talhada/PE. (N/E)

⁷²⁶ Povoação de Serra, conforme o decreto de 7 de agosto de 1832. Atual cidade de Grão Mogol/MG. (N/E)

⁷²⁷ Atual cidade de Botumirim/MG. (N/E)

⁷²⁸ Atual cidade de Serrinha dos Pintos/RN. (N/E)

⁷²⁹ Atual cidade de Jaguarão/RS. (N/E)

Serro

mento desta povoação, um decreto de 6 de julho de 1832 lhe conferiu o título e honras de vila, com o nome de *Espírito Santo do Serrito no Jaguarão*, nome por certo nimiamente comprido, assinalando-lhe por distrito as terras que jazem entre o rio Piratinim ao norte, e o rio de São Gonçalo ao oriente, a lagoa Mirim, a foz do Jaguarão ao sul, e as margens deste rio em todo o seu curso ao ocidente. Esta vila sofreu muito com a guerra civil que se acendeu na província em 1836, mas nos fins do ano de 1843 já começava a levantar-se do estado de abatimento e penúria em que tinha estado. Atualmente, os moradores dela negociam com os do Estado do Oriente, e com os habitantes das cidades de Porto Alegre e do Rio Grande. Ao distrito desta vila pertencem a freguesia de Herval e as povoações de Santa Rosa, São José, Santo Antônio e Laguna, onde se acham colocados os registos da fronteira da província ao longo do Jaguarão. Avalia-se a população deste distrito em mais de três mil habitantes, derramados pelos campos e pelas margens dos ribeiros, quase todos criadores de gado, agricultores e comerciantes.

Serro.⁷³⁰ Nova cidade da província de Minas Gerais, outrora Vila do Príncipe. Está situada nas serras, quinhentas e quatorze braças acima do nível do mar, quarenta e cinco léguas pouco mais ou menos ao nor-nordeste da cidade de Ouro Preto, cento e vinte e oito ao norte da do Rio de Janeiro, em dezoito graus e vinte minutos de latitude. No decurso do século XVI subiu Sebastião Fernandes Tourinho pelo rio Doce acima, e depois de haver explorado aquele país e seus rios, desceu pelo Jequitinhonha. Volvidos anos, no de 1576, Antônio Dias Adorno, acompanhado de quatrocentos Índios e cento e cinquenta Portugueses, subiu pelo rio Cricaré ou de São Mateus, explorou a lagoa Vupabuçu, e voltou para a Bahia, descendo pelo rio Jequitinhonha. O famoso sertanista Fernando Dias Pais, com ter nesse tempo perto de oitenta anos, determinou-se a ir em descobrimento de minas de esmeraldas, partiu de São Paulo por terra em 1673, entrou-se nos sertões, e deitou até a mencionada lagoa, onde achou com efeito grande número das ditas pedras; e como se tornasse para a sua terra faleceu no caminho;

porém aqueles intrépidos exploradores não deixaram senão alguns roteiros por extremo imperfeitos do vasto país por onde peregrinaram: de sorte que só no princípio do século passado é que aquele território foi verdadeiramente descoberto por Antônio Soares, natural de São Paulo, e pelo Taubateano Antônio Rodrigues Arzão, o segundo deste apelido; os quais com sua gente exploraram as serras a que os Índios chamavam *Hiviturui*, que quer dizer montes frios ou vento frio, que os Portugueses converteram em Serro Frio. Bem que estes últimos viajores vissem no conhecimento de serem aquelas serras auríferas, como não encontrassem esmeraldas, que eram alvo de suas investigações, abalançaram-se a novos descobrimentos; e se é certa a tradição popular, foi uma negra a primeira que se enriqueceu com o ouro que colheu no ribeiro Quatro Vinténs, e que ao depois o divulgou, com o que acudiram ali infintos aventureiros. Quando D. Brás Baltazar da Silveira tomou posse do governo de São Paulo e Minas em 1713, foi em pessoa àquelas minas, e achou a população assaz numerosa para lhe dar o título de

⁷³⁰ Atual cidade de Serro/MG. (NJE)

vila. O que tendo participado a El-Rei D. João V, este monarca, por decreto de 29 de janeiro de 1714, ordenou-lhe fosse conferido com o nome de Vila do Príncipe. Em 1720, organizou-se a comarca de Serro Frio, de que foi cabeça esta nova vila, e passados quatro anos, a sua igreja, de que era padroeira N. S. da Conceição, foi decorada com o título de paróquia. Transferiu-se para a sobredita vila, em 1751, a fundição de ouro do Tejuco, e em 1811 um alvará de 6 de dezembro lhe deu um juiz de fora, além do ouvidor de comarca. O termo da freguesia de Vila do Príncipe, junto com o da do Tejuco, tinha em 1816 a seguinte população:

Branços homens	1.559
Mulheres.....	1.669
Índias.....	34
Pardos livres.....	3.808
Mulheres, id	4.156
Pardos escravos	770
Pardas, id	829
Negros livres.....	2.011
— escravos.....	7.184
Negras livres.....	2.285
— escravas.....	4.374

Total.....28.679 almas.

Só a vila tinha nesse tempo perto de quatro mil habitantes. A pedido do presidente da província a assembleia provincial votou em

1836 os fundos necessários para a fábrica duma cadeia que devia fazer-se no prazo de três anos, e a mesma assembleia, por lei de 1838 ou 1839, conferiu a esta antiga vila o título de cidade com o nome que aqui lhe damos. No 1º de outubro de 1843, uma chuva de pedra precedida dum mugido surdo quebrou quase todos os telhados. Eram tão grandes as pedras que algumas pesavam duas para três libras; muitas pessoas tanto na cidade, como no campo foram feridas, porém não houve morte, porque não durou este flagelo senão um quarto de hora. A cidade do Serro é edificada em anfiteatro numa colina irregular, a cuja raiz corre o ribeiro dos Quatro Vinténs, um dos fontanis do Jequitinhonha, ficando-lhe ao nordeste o ribeiro Guanhões, tributário do rio de Santo Antônio. As ruas principais são mal calçadas e correm do nascente para o poente; as travessas que são poucas e curtas seguem a direção da rampa da colina. As casas de sobrado são poucas, e estas mesmas dum só andar, com as janelas sem vidraças, e com quintal por detrás. Fora da cidade vê-se a antiga Intendência, de que o governo fez cessão por decisão de abril de 1841 para fundação dum hospital, primeiro estabelecimento deste

Sertão de Pernambuco

gênero criado em uma cidade onde as igrejas abundam; além da matriz existem as de N. S. da Purificação, do Carmo e do Rosário, a do Senhor Jesus do Matozinho e a de Santa Rita. O clima da cidade do Serro é temperado e sadio, as estalagens são boas, e os víveres baratos. O principal divertimento dos homens consiste na caça dos cabritos monteses. As terras do distrito são mui produtivas, e dão grande quantidade de algodão, canas, milho, e mais víveres, diamantes, ouro de bonita cor, pedras preciosas e ferro de excelente qualidade. Os diamantes correm por conta do governo imperial, que tem melhorado muito esta parte da administração.

Serro Frio. Antiga comarca e vasta serra da província de Minas Gerais, ramo da cordilheira da Mantiqueira, que corre no rumo de leste. Seus montes são brancos e açoutados de ventos frigidíssimos. Foi nesta serra que o sertanista Bernardo da Fonseca Lobo achou em 1729 um diamante de muito preço, que foi causa de ser decorado com a patente de capitão-mor da Vila do Príncipe, por decisão régia de 17 de abril de 1734.

Sertão de Pernambuco. Assim se chamava em outro

Sesmarias

tempo o vasto território da margem esquerda do rio de São Francisco, que foi reunido à província da Bahia, por alvará de 3 de junho de 1820. É atualmente a comarca de Rio de São Francisco, criada por decreto da assembleia geral de 15 de outubro de 1827.

Sesmarias. Nome dum ribeiro tributário do rio Paraíba, no distrito da vila de Resende, na província do Rio de Janeiro. As terras das margens deste ribeiro foram as primeiras que se deram de sesmarias, e daí lhe veio o nome que hoje tem.

Sete Lagoas.⁷³¹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila de Formiga, com uma igreja que foi anexada à matriz desta vila por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, e ao depois elevada à categoria de paróquia por lei da assembleia provincial: um decreto imperial de 10 de junho de 1844 lhe deu por vigário o padre José Vicente de Paula Eliziário.

Sete Lagoas. Povoação da província de Minas Gerais, nos montes, quinze léguas ao noroeste da cidade de Sabará. Foi originariamente um re-

gisto ali colocado no decurso do século passado. Sua igreja foi declarada filial da matriz da freguesia de Santa Quitéria, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Sete Lagoas. Assim se apelida, na província de Mato Grosso, um agregado de lagoas assaz profundas que se encontram no cume setentrional da serra da Melgueira, em treze graus de latitude. As águas que manam destas lagoas vão ajuntar-se a pequena distância num vale desta serra, donde se difundem e derramam ora para o norte, ora para o ocidente, e afinal para o sul; e são os fontanais do Paraguai, que respeito ao cabedal não é inferior a nenhum rio do mundo, senão ao Amazonas, que como ele rega uma parte da América meridional, seguindo todavia diferente direção.

Sete Quedas. Cachoeiras pegadas umas com outras do rio Paraná, na província de Mato Grosso, ao ocidente da cordilheira, na serra de Maracaju. O Paraná que tem grande largura no lugar onde se lhe incorpora o Iguareí, vai dali em diante estreitando-se progressivamente correndo por uma gar-

ganta que tem, quando muito, cinquenta braças de largura, e acha-se repartido pelas pene-dias em sete partes desiguais, correndo as águas precipitadamente por canais naturais, vão ao depois saltando de rochedo em rochedo por mui longo espaço, e quando hão passado a serra de que acima falamos, tornam a correr com mais regularidade.

Setuval. Pequeno rio da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha. Nasce dos montes ao norte da serra das Esmeraldas, ao oriente da cidade de Minas Novas, outrora vila de Fanado, caminha rumo de nordeste, recolhendo o ribeiro Sucuriú, e vai ajuntar-se com o rio Jequitinhonha pela margem esquerda, entre os confluentes dos rios Araçuai e Piauí. Nas margens deste rio e a doze léguas da cidade de Minas Novas, existe uma fazenda chamada também Setuval, por meio da qual passa a estrada que vai desta cidade para a povoação de São Miguel, na margem do Jequitinhonha.

Sexto. Ilha da província do Rio de Janeiro, na baía de Angra dos Reis, defronte da costa do distrito de Parati.

⁷³¹ Atual cidade de Sete Lagoas/MG. (N/E)

Sibaúma. Ribeiro da província da Bahia: corre do ocidente para o oriente entre a Torre de Ávila e a Vila de Conde, e vai desaguar no Oceano. As terras que rega são de mui boa lavra, mas suas margens acham-se despovoadas.

Sigmaringa.⁷³² Nome que davam os Índios à aldeia de São Fidélis, da província do Rio de Janeiro, comarca de Campos dos Goitacases. (V. *São Fidélis*, aldeia.)

Silveiras.⁷³³ Nova vila da província de São Paulo; era uma povoação antiga do distrito da vila de Lorena, cuja igreja foi elevada à categoria de paróquia pela assembleia provincial, que ali pôs uma justiça de paz. Passados poucos anos, a mesma assembleia, por lei de 1841, lhe conferiu o título de vila, com o nome de *Vilanova das Silveiras*. Os moradores desta nova vila foram dos primeiros que se declararam altamente contra a lei das reformas do código dos processos crimes logo no seguinte ano; e no princípio de junho a câmara que havia sido eleita, não tendo ainda to-

mado posse, um dos juizes de paz, chamado Francisco Feliz de Castro, juntamente com o vigário Manoel Feliz de Oliveira e o juiz de paz em exercício Anacleto Ferreira Pinto se puseram à testa dos faciosos. Manoel José da Silveira, capitão da guarda nacional, e subdelegado nomeado para esta vila, em conformidade da lei das reformas, entrou nela à testa de cem homens, e manteve a ordem e sossego público por alguns dias, porém os rebeldes investiram de improviso a casa, onde ele morava com alguns imperialistas, os quais se defenderam valerosamente até a noite, mas foram obrigados no dia seguinte a capitular. Ao sair da casa foi o subdelegado morto dum descargá de sessenta tiros, e não contente o povo com a sua morte, mutilaram-lhe o corpo com facadas. O distrito da vila das Silveiras foi tirado do da vila de Lorena. Os habitantes são lavradores, e as terras excelentes para canaviais e cafezais.

Silves. Freguesia frequentemente qualificada com o título de vila. Está situada a seis léguas da margem esquerda do

Simbres

Amazonas, na Guiana brasileira, nas margens da lagoa Saracá, obra de vinte léguas ao ocidente da vila de Faro. Santana é o orago de sua matriz. Entre a lagoa acima mencionada e o Amazonas encontram-se várias petrificações, que dizem ser devidas à virtude das águas de certo ribeiro daquele termo, cujos moradores são Índios e mestiços, que colhem algodão e excelente tabaco; apanham cacau, salsaparrilha e cravo, árvores que ali se dão espontaneamente.

Simão Vieira. Lugarejo da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Jequitinhonha. Teve princípio num registo que se colocou, no começo do século atual, dez léguas abaixo do de Santa Cruz. A estrada da cidade de Minas Novas para a freguesia da Barra das Velhas, passa por este lugarejo.

Simbres.⁷³⁴ Pequena vila da província de Pernambuco, cousa de sessenta léguas ao poente da cidade do Recife, e ao norte da cabeceira do rio Ipojuca. Foi em princípio a aldeia Ororobá onde os padres do Oratório do Recife pene-

⁷³² Atual cidade de São Fidélis/RJ. (N/E)

⁷³³ Atual cidade de Silveiras/SP. (N/E)

⁷³⁴ Aldeia Indígena de Cimbres, município de Pesqueira/PE. (N/E)

Sino

traram no decurso do século XVIII, e doutrinaram na religião grande número de Índios da tribo Chucuru, com os quais se agregaram alguns Portugueses. Foi esta aldeia criada vila por alvará de 1810; N. S. do Monte é a padroeira de sua matriz. Seu distrito é assaz grande, mas não assim a população que não passa de seiscentos indivíduos. Os brancos e mestiços são lavradores de algodão e de mantimentos para o consumo do distrito; os Índios vivem de caça e cultivam mui pouca cousa, as mulheres fazem louça, fiam algodão e fazem panos para se vestirem. Fazem estas mulheres grandes prantos, se porventura os maridos são mal sucedidos nas caçadas.

Sino (Rio do). Rio da província de São Pedro do Rio Grande. Vem dos campos de cima da serra a leste do nascente do rio Caí, com o qual corre paralelamente, regando do norte para o su-sueste o termo da freguesia de Santana, e se ajunta com o sobredito rio perto de sua junção com o Jacuí. Dá este rio navegação a iates até a povoação de Santana, e muito mais além dela a canoas.

Sipaú. Povoação da província do Maranhão, no distrito da vila de Mearim, com uma es-

cola de primeiras letras, criada por lei provincial de 22 de maio de 1838. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por outra lei posterior.

Sipotuba. Rio aurífero da província de Mato Grosso, a que alguns chamam *Sepeativa*. Nasce nos campos Parecis, em treze graus, cinquenta minutos de latitude, entre a cidade de Mato Grosso e o rio Paraguai, rega a falda oriental da serra Tapirapuã em todo o seu comprimento, recolhendo o ribeiro que se intitula do nome da sobredita serra e o Juva e Jaraubaíba, com cujas águas se torna navegável, e caminhando obra de cinquenta e cinco léguas mais no rumo do sul quase paralelamente com o rio Paraguai, se lhe incorpora pela margem direita, cinco léguas acima de Vila Maria. Seu álveo é fundo e suas margens são povoadas pelas tribos índias pacíficas, a que os Paulistas chamaram Barbados, por isso que contra o costume dos demais Índios deixavam crescer os cabelos da barba. São dum natural brando, porém teimosos.

Sirga Comprida. Vigésima segunda cachoeira que se encontra no rio Pardo, na província de Mato Grosso, na descida. É uma correnteza de quatrocentas braças de

comprido, que se desce com facilidade mas que se sobe à sirga e forçando a voga. Acha-se duas léguas abaixo da cachoeira Imbiruçu, e meia antes de se chegar à da Canoa do Banco.

Sirga do Mato. Cachoeira do rio Pardo, na província de Mato Grosso. É a vigésima quinta que se encontra ao descer por este rio, uma légua abaixo da Sirga Negra, e mais alguma cousa acima da de Cajuru. Desce-se com facilidade, mas ao subir são as embarcações puxadas à sirga.

Sirga Negra. Vigésima quarta cachoeira que se topa em descendo pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso. Vingam as embarcações este passo sem serem aliviadas descendo, mas sobem-na com grande dificuldade, e somente levadas à sirga. Jaz esta cachoeira obra de uma légua abaixo da cachoeira da Canoa do Banco, e outro tanto, ou alguma cousa mais antes da Sirga do Mato.

Siriú. Monte assaz alto da província de Santa Catarina, limite do termo da freguesia de Morrinhos. Jaz obra de cinco léguas ao ocidente de Moretes, onde passa o caminho que vai ter à vila das Lages.

Siriri. Ribeiro da província de Sergipe que atravessa a estrada de Moruim, a mais frequentada da província, rega a vila Rosário do Catete, e se incorpora com o ribeiro Japarutuba.

Sítio. Vigésima segunda cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Tietê. Atualmente apelidam-na vulgarmente *Pitunduba*. (V. este nome.)

Siupé. Povoação da província do Ceará. (V. *Ciopé*.)

Soberbo. Ribeiro da província de São Paulo, um dos tributários do rio Ivaí.

Soberbo. Ribeiro da província de Minas Gerais, que se incorpora com o ribeirão do Cipó, tributário do Guaicuí ou das Velhas.

Soberbo. Ribeiro da província de Goiás; atravessa a estrada do norte para cuja serventia há uma ponte, e vai juntar-se com o rio Crixá.

Sobradinho. Povoação da província de São Paulo, nas matas do distrito da vila da Constituição.

Sobrado. Nome dum dos três ribeiros que ajuntando-se num mesmo sítio dão principio ao rio da Palma; os outros dous são o do Mosquito e o da Palmeira. Nasce o Sobrado na província da Bahia, e atravessando a serra da Tabatina entra na de Goiás.

Socavão. Serra da província do Rio de Janeiro, na cordilheira dos Órgãos, a pequena distância do ribeiro Paquequeira.

Socorro.⁷³⁵ Pequena vila da província de Sergipe, na comarca de São Cristóvão. Foi longo tempo uma povoação cuja igreja, da invocação de N. S. do Bom Socorro, era uma mera filial da matriz da cidade de São Cristóvão, a qual foi criada paróquia no principio do século em que estamos, e esta freguesia foi elevada à categoria de vila pela assembleia provincial, logo depois de ser instalada. Acha-se esta vila à beira dum ribeiro, tributário do rio Cotindiba, sete léguas ao norte da cidade, e ao poente da serra da Telha. Seu distrito foi tirado do da cidade de São Cristóvão. Seus moradores lavram algodão e víveres

Sócio de Araújo

para seu consumo, bem como canas de que fazem açúcar e fabricam aguardente.

Socorro. Antiga freguesia da Guiana brasileira: está assentada nas margens do rio Matari, vizinho do rio Negro, e um dos tributários do Amazonas, quinze léguas oés-noroeste da povoação de São Raimundo. N. S. do Bom Socorro é o orago de sua matriz, e os moradores de seu termo que são Índios colhem algum algodão que exportam, e víveres para seu consumo.

Socorro.⁷³⁶ Povoação da província de Minas Gerais. Sua igreja era uma das filiais da matriz de Morro Grande; mas por lei provincial de 23 de março de 1840, ficou anexada ao distrito da vila de Caeté.

Socorro.⁷³⁷ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma igreja da invocação de N. S. do Socorro, e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Sócio de Araújo. Ribeiro da província do Rio de Janeiro,

⁷³⁵ Atual cidade de Nossa Senhora do Socorro/SE. (N/E)

⁷³⁶ Atual povoado de Socorro, município de Barão de Cocais/MG. (N/E)

⁷³⁷ Atual povoado de Socorro, município de São Francisco do Conde/BA. (N/E)

Socos

que rega o termo da freguesia do Pati do Alferes, e vai engrossar o rio de Santana.

Socos. Nova Freguesia da província do Rio de Janeiro, apelidada também São José do Pão de Açúcar.

Soire.⁷³⁸ Freguesia considerável da ilha de Marajó, na província do Pará. Está situada sobre o rio Mondim, duas léguas acima da antiga vila de Salvaterra. Sua igreja é dedicada ao Menino Deus, e seus moradores Índios.

Soledade.⁷³⁹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Sabará, com uma capela de N. S. da Soledade, que depende da matriz desta cidade.

Soledade de Itajubá.⁷⁴⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na serra da Mantiqueira, com uma capela de N. S. da Soledade, dependente da igreja paroquial de Itajubá da Boa Vista. Nesta povoação se acha um registo para a arrecadação dos direitos dos gêneros que entram ou saem da província.

Solimões. Nome que os primeiros exploradores portugueses que subiram pelo Amazonas e deitaram além do Madeira e do Urubu deram à parte deste rio que vai continuar com o Jabari, limite ocidental do Brasil neste ponto, e por extensão aplicou-se este nome ao país que jaz entre o rio Jabari e o Madeira, sobre a margem meridional do Amazonas.

Sono (Rio do). Rio da província de Goiás. Nasce perto da província de Pernambuco, na serra das Figuras, corre pouco mais ou menos para o poente engrossando-se com o tributo de vários ribeiros com o qual se torna navegável, atravessa terras desconhecidas que estão em poder do gentio, e vai incorporar-se pela margem direita com o rio dos Tocantins, quarenta léguas abaixo do rio de Luiz Alves, e quarenta e cinco acima da confluência do Manoel Alves. Alguns curiosos subiram por este rio em canoas com provisões de boca; e como nunca mais se soube deles, assentou-se que haviam sido vítimas dos Índios, e entregues a perpétuo sono,

onde veio ao rio de que tratamos o nome que tem.

Sono (Rio do). Rio da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Nasce na serra da Saudade, perto dos nascentes dos rios Abaité, das Almas e Catinga, corre rumo de nordeste, recolhendo o rio das Almas pela margem direita, e nove léguas abaixo desta confluência vai engrossar do dobro o Paracatu. Diz-se que neste rio se encontram diamantes.

Sono. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati. Dá navegação a canoas, e deságua na baía de Angra dos Reis.

Sorocaba.⁷⁴¹ Nova cidade e antiga vila da província de São Paulo, na margem do rio do mesmo nome, vinte léguas ao sudoeste da cidade de São Paulo, em vinte e três graus e trinta e nove minutos de latitude. Foi fundada em 1670 por D. Luiz Carneiro de Souza, conde da Ilha do Príncipe, e começou-se a aumentar sensivelmente no cabo de vinte para trinta anos, quando

⁷³⁸ Atual cidade de Soure/PA. (N/E)

⁷³⁹ Atual cidade de Sabará/MG. (N/E)

⁷⁴⁰ Atual cidade de Delfim Moreira/MG. (N/E)

⁷⁴¹ Atual cidade de Sorocaba/SP. (N/E)

Afonso Sardinha, que residia em Jaraguá, descobriu minas de ferro (V. *São João de Ipanema*) e de prata, que foram desemparradas por causa das minas de ouro de Mato Grosso e de Goiás. Acha-se esta vila entre a província de São Pedro do Rio Grande e a do Rio de Janeiro, situação de grande vantagem para o comércio do gado vacum, cavalares e muar, e consta de mais de mil casas todas térreas. A rua principal é calçada, mas não assim as demais. Tem cadeira de latim e duas escolas de primeiras letras. Os edifícios mais notáveis são um hospício de Bentos, a igreja matriz, de que é padroeira N. S. da Ponte, com mais duas, uma da invocação de N. S. do Rosário, e outra da de Santo Antônio, e um recolhimento. Na feira que ali se faz todos os anos vendem-se a dinheiro de contado ou em letras, sobre os melhores negociantes da província, quinze mil cabeças de gado de toda espécie, e os direitos que o governo recebe por estas vendas andam por perto de quinze contos de réis. O distrito da vila de Sorocaba é vasto, fértil, temperado e sadio; porém os habitantes que moram nas serras são su-

jeitos aos bócios. Em 1810 era a população de dez mil cento e oitenta e um habitantes, e atualmente passam de doze mil, sendo as duas terças partes deles brancos. Lavra-se neste distrito canas, milho e mais víveres, colhe-se bastante algodão de que se faz pano um pouco grosseiro que serve para os escravos, e que também se exporta para o Rio de Janeiro: encontram-se nelle minas de ferro abundosas, pedra de cal e pederneiras, e em suas terras invernam as boiadas que vêm de Curitiba e de São Pedro do Rio Grande. Se se fizesse uma estrada em direitura da vila de Sorocaba até o ponto em que o rio Iguape começa a dar navegação, o comércio da vila deste nome se aumentaria, e a cultura do café e do tabaco faria grandes progressos nas terras de seu distrito que são para ótimas.

Sorocaba. Rio da província de São Paulo: vem do vertente occidental da serra do Cubatão por detrás da vila de Itanhaém, dirige-se em voltas para o occidente, rega a cidade de seu nome, onde dá navegação a canoas, e no cabo de mais seis léguas se incorpora pela mar-

Soure

gem esquerda com o rio Tietê, obra de doze léguas abaixo da vila de Porto Feliz, ponto donde tem princípio a navegação deste rio. A cachoeira da Pederneira fica uma légua abaixo da confluência do Sorocaba.

Sorubim. Ribeiro da província de Piauí. (V. *Sorubim*.)

Sotério. Rio da província de Mato Grosso. É de medíocre cabedal, e nascendo na cordilheira dos Parecis se vai ajuntar com o Guaporé pela margem direita, em doze graus e trinta e sete minutos de latitude, cousa de onze léguas abaixo do confluyente do rio Ubaí pela margem oposta.

Soure ou Soire.⁷⁴² Pequena vila da província da Bahia, na comarca de Itapicuru, dez léguas ao poente da vila deste nome, e duas distante da margem direita do rio que deu nome à comarca, e à cabeça dela. Foi em princípio a aldeia Natuba, onde os jesuítas doutrinaram os Índios da tribo do mesmo nome, no tempo da invasão holandesa. Crê-se que aqueles padres alcançaram para esta aldeia o título de vila, que lhe foi conferido em 1694

⁷⁴² Atual cidade de Nova Soure/BA. (N/E)

Soure

pelo governador Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho. Tem escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e o orago de sua matriz é N. S. da Conceição. Consta a povoação de seu distrito de Índios de mistura com os descendentes dos primeiros colonos, todos lavradores de mandioca, algodão, milho, e doutros gêneros do país; porém só os brancos se dão à criação de gado.

Soure.⁷⁴³ Antiga vila da província do Ceará, atualmente reduzida a simples freguesia. Foi originalmente a aldeia Caucaia, onde os missionários jesuítas batizaram os Índios. Está situada esta freguesia na margem direita do rio Ceará, a quatro léguas da cidade da Fortaleza e a outro tanto do mar, e ainda conserva a casa da câmara, cujas lojas serviam de cadeia. N. S. dos Prazeres é orago de sua igreja, e seu termo consta de uma légua de terra encravada no distrito da cidade da Fortaleza. Sua população, em 1821, era de mil e duzentos moradores, todos de raça índia; hoje tem muito menos.

Souzel.⁷⁴⁴ Pequena vila da província do Pará, na raiz duma serra que domina a margem esquerda do rio Xingu, a trinta léguas de sua embocadura no Amazonas. Sua igreja paroquial é dedicada a São Francisco Xavier; tem escola de primeiras letras, de meninos, criada por lei provincial de 25 de junho de 1841. Os moradores de seu distrito são Índios, cuja indústria consiste na lavra dos gêneros de seu consumo e na fabricação de tijolos e louça de barro, única cousa que exportam, vivendo especialmente do que colhem nas pescarias e caçadas.

Souzel. Lugarejo e registo colocado no princípio deste século na serra dos Aimorés, em seu vertente oriental, que pertence à província do Espírito Santo. Acham-se ambos sobre a estrada que ainda está por acabar, e que deve ir desta província à de Minas Gerais.

Suaçuí.⁷⁴⁵ Povoação da província de Minas Gerais, sobre o ribeiro de que tomou emprestado o nome, e na margem esquerda do rio Pa-

raopeba, seis léguas ao poente da vila de Queluz. Pertencia esta povoação à freguesia de Congonhas, de que foi desanexada, e posta debaixo da dependência da matriz da freguesia do Brumado.

Suaçuí. Ribeiro da província de Minas Gerais, tributário do rio Paraopeba. Seu nome é derivado das palavras índias *guaçu*, cervo, e *hi*, água ou rio.

Subaé. Ribeirão da província da Bahia, que vai engrossar o Serigi, quatro léguas acima de sua embocadura, na margem ocidental da baía de Todos os Santos.

Subaia. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no vertente setentrional da cordilheira dos Aimorés. Dá navegação a canoas no sítio de seu nome, e vai incorporar-se pela margem esquerda com o Macacu, um pouco abaixo da povoação da Ponte do Pinheiro.

Sucruíú.⁷⁴⁶ Povoação do distrito da cidade de Minas Novas, na província de Minas Gerais. (V. *Sucruíú*, povoação.)

⁷⁴³ Atual cidade de Caucaia/CE. (N/E)

⁷⁴⁴ Atual cidade de Senador José Porfírio/PA. (N/E)

⁷⁴⁵ Atual cidade de Peçanha/MG. (N/E)

⁷⁴⁶ Atual cidade de Francisco Badaró/MG. (N/E)

Sucuí ou **Sussuí**. Rio da província de Minas Gerais. (V. *Saçuí*, rio e ribeiro.)

Sucuri. Ribeiro da província de São Paulo, que se ajunta com o rio Tietê pela margem direita ou setentrional, entre as cachoeiras Utupeba e Guaicurituba-Mirim.

Sucuri. Ribeiro da província de Mato Grosso, nas terras dos Bororós; ajunta-se com o ribeiro Paranaíba, tributário do rio Porrudos ou de São Lourenço.

Sucuriú.⁷⁴⁷ Povoação da província de Minas Gerais. Está assentada nas margens do ribeiro de seu nome, cousa de doze léguas ao nordeste da cidade de Minas Novas. Foi fundada pelos primeiros serranistas que deitaram até aqueles sítios no ano de 1728. Os que assentaram vivenda nas adjacências do ribeiro Sucuriú erigiram uma capela a N. S. da Conceição, atualmente filial da igreja paroquial de Água Suja. Fia-se nesta povoação bastante algodão, gênero de que as terras abundam; fazem-se em todas as casas panos que se levam a vender a Belmonte. Nos diversos ribeiros que por

ela passam encontram-se pedras preciosas.

Sucuriú. Rio da província de Mato Grosso, nasce nas terras dos Caiapós, ao ocidente da serra da Itiqueira, corre do norte para o sul, e depois tomando para o sueste, passa para a província de Goiás, onde se vai lançar no rio Parará, pela margem direita, duas léguas abaixo da junção do Tietê, um pouco acima da cachoeira de Jupιά. Se se abrisse um canal de légua e meia de comprimento, ou de mais alguma cousa, entre o rio Sucuriú e o Pequiri, afluente do rio Porrudos ou de São Lourenço, abreviar-se-ia a jornada por água de São Paulo a Mato Grosso e Cuiabá, e evitar-se-ia o trabalho que se tem, transpondo as numerosas cachoeiras dos rios Pardo, Coxim e Taquari.

Sucuriú. Pequeno rio da província de Mato Grosso, no distrito da cidade deste nome. Nasce nos campos dos Parecis, uma légua ao norte do rio Sararé; é navegável desde o seu nascente, passa perto da cidade de Mato Grosso, e vai incorporar-se com o rio Juruena, a certa distância do

Sucuriú

confluente do rio Juína, na margem esquerda daquele que o recolhe.

Sucuriú. Ribeirão da província de Mato Grosso. Nasce dos campos de Camapuã, e vai lançar-se no rio Pardo pela margem direita, um pouco abaixo da cachoeira de Banguê, três léguas acima do salto Curão. Este ribeiro foi explorado no século passado por um curioso que levou doze dias a subir por ele acima em uma grande canoa por espaço de seis léguas, que tão grande é a sua correnteza.

Sucuriú. Ribeiro da província de Minas Gerais: rega o distrito da cidade de Minas Novas, e a povoação de seu nome, e depois de correr fazendo várias voltas, obra de seis léguas, se incorpora com o rio Setuval, tributário do Jequitinhonha.

Sucuriú. Nona cachoeira que se encontra descendo pelo rio Prado, na província de Mato Grosso. Passam-na com carga as canoas, e acha-se meia légua abaixo da cachoeira da Canoa Velha, e outro tanto acima da de Banguê.

⁷⁴⁷ Atual cidade de Francisco Badaró/MG. (N/E)

Suécia

Suécia. Ilha da baía Niterói ou do Rio de Janeiro, ao sul da dos Frades, perto da ponta do Caju. Depois da vinda da família real ao Brasil, um Sueco pôs nesta ilha uma fábrica de destilação de aguardente de cana, e num rochedo árido não só fez a dita fábrica, mas também uma linda fazenda onde morava.

Sumidouro.⁷⁴⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, cousa de três léguas a éssueste da cidade de Mariana. Sua igreja, dedicada a N. S. do Rosário, tinha cinco filiais, das quais as de São Caetano e de São Sebastião foram elevadas à dignidade de paróquia por lei da assembleia provincial. Seu termo tem mais de dous mil moradores, pela maior parte mineiros, que cultivam os víveres de que hão mister.

Sumidouro, aliás Conceição de Paquequera.⁷⁴⁹ Uma igreja, de que é padroeira N. S. da Conceição, que foi edificada em 1822, serviu de paróquia aos moradores das margens do rio Paquequera, na província do Rio de Janeiro, comarca de Cantagalo.

Em 1836 pediram os ditos moradores à assembleia provincial houvesse de conferir a esta igreja o título de paróquia, o que lhes foi concedido por lei do mês de dezembro do mesmo ano.

Sumidouro. Povoação da província do Rio de Janeiro, a duas léguas da vila de Santo Antônio de Sá. Deve a sua fundação a Francisco Antunes Leão, que com licença de 5 de dezembro de 1746, mandou ali fazer uma capela que dedicou a N. S. da Glória. Consta esta povoação de lindas casas sobre a estrada que vai de Macacu para a cidade de Cabo Frio, pelo campo de Bacaxá.

Sumidouro. Serra da cordilheira dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de São José do Sumidouro, entre o rio Piabanha e o ribeiro Preto, um de seus afluentes.

Sumidouro. Sítio do termo da freguesia de Gaspar Soares, na província de Minas Gerais, sobre a estrada que vai da cidade de Ouro Preto para o distrito de Tejuco ou da cidade Diamantina, onde dizem

que existem minas de platina e de ouro.

Sumidouro. Rio da província de Mato Grosso. Nasce nos campos Parecis, perto da vila Diamantino, ao norte dos nascentes do Jauru e do Sipotuba, corre no rumo do norte por terras pouco conhecidas, e vai engrossar o Arinos onde deságua pela margem esquerda, cousa de trinta léguas abaixo do confluente do rio Preto. Em 1746 João de Souza Azevedo se embarcou no Sumidouro, a três léguas do Paraguai, e passou dele no Arinos donde foi a Belém pelo Tapajós. Deu-se-lhe o nome que tem por causa dum fojo em que ele desaparece, e torna a aparecer a certa distância.

Surubim ou Sorubim.⁷⁵⁰ Nome que tinha em princípio a vila de Campo Maior, na província de Piauí. (*V. Campo Maior.*)

Surubim. Ribeiro da província de Piauí, na comarca de Marvão; corre por dilatados campos entre o rio Poti e o Longá, com o qual se incorpora pela margem direita,

⁷⁴⁸ Atual distrito de Padre Viegas, município de Mariana/MG. (N/E)

⁷⁴⁹ Atual cidade do Sumidouro/RJ. (N/E)

⁷⁵⁰ Atual cidade de Campo Maior/PI. (N/E)

duas léguas depois de haver regado a vila de Campo Maior. Deu-se-lhe este nome do de certa espécie de pescado de que muito abunda.

Surubiú. Lagoa da Guiana brasileira, entre os rios Gurupatuba e Oriximina, a seis léguas da margem esquerda do rio das Amazonas. Sangra-se esta lagoa neste rio por três ribeiros: o que corre ao oriente rega a vila do Prado; e o central a de Alenquer. Nas adjacências há boas terras de lavra, e ótimas pastagens.

Suruí.⁷⁵¹ Freguesia da província de Rio de Janeiro, cousa de duas léguas ao ocidente da vila de Magé. Os Tamoios que frequentavam as margens da baía Niterói chamavam *sururuí* a certo marisco de que se alimentavam e de que ali havia grande cópia. A freguesia de Sururuí ou de Suruí, como atualmente se apelida, parece que deve a sua fundação a Nicolau Baldim, dono duma peça de terra chamada Goia, onde mandou erigir uma capela ao Santo do seu nome, e em 1628 impetrou do prelado do Rio de Janeiro licença para dizer-se nela missa, e administrarem-se os sacramentos. Arruinada esta capela, foi a pia transferida

para outra dedicada a N. S. da Copacabana, no decurso do ano de 1647, e nela ficou até o de 1669, em que foi feita de novo a capela de São Nicolau, porém como em breve se arruinasse, fez-se uma quarta igreja, com muito mais capacidade e de pedra, que foi acabada no ano duodécimo do século passado, e continuou a ser de fato paróquia, até que o foi por direito, em virtude dum alvará de 11 de janeiro de 1755, que lhe conferiu este título conservando-lhe o nome do orago. Tem atualmente esta matriz por filial, légua e meia ao norte, a capela da Conceição na cordilheira dos Órgãos. Seu termo fenece da parte do norte, nas mais altas serras da cordilheira; da do nascente pega com o termo da freguesia da vila de Magé; da do sul entesta na baía Niterói, e da do poente confronta com o termo da freguesia de Pacopaíba, perto da sobredita baía, e com o da de Inhomirim na cordilheira. Seu porto no rio Suruí, a meia légua da baía, facilita o transporte dos gêneros do termo que consiste em grande cópia de bananas, em arroz, canas e lenha. Avalia-se sua população em mais de dous mil habitantes agricultores, senhores de engenhos, fabrican-

Suruí

tes de telhas, tijolos e cal. Os barcos carregados com estes diversos gêneros partem do porto do Suruí, quando a maré começa a vaziar, e voltam à tarde com a viração do mar, e esperam para subir pelo rio que a maré comece a encher. Nos vales e lugares úmidos deste termo cresce uma espécie de canas, mui grossas e duras de que se fazem escadas tão altas como leves para o uso dos armadores; algumas delas têm mais de quarenta pés de comprimento, e são da grossura de quatro polegadas quanto menos.

Suruí. Rio de mui fraco cabedal da província do Rio de Janeiro. Nasce da encosta meridional da serra dos Órgãos donde se precipita de monte em monte até chegar às terras chãs, rega a povoação de Suruí, e meia légua abaixo dela se lança na baía Niterói, defronte da ponta setentrional da ilha Paquetá. Nas margens deste rio há muitos engenhos e fornos de cal e de telhas e tijolos, e a três quartos de légua de sua foz se acha o porto principal da freguesia de Suruí, onde entram os barcos com carga com a enchente da maré. As canoas deitam mais adiante três léguas.

⁷⁵¹ Atual distrito de Suruí, município de Magé/RJ. (N/E)

Suruí-Mirim

Suruí-Mirim. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, tributário da baía Niterói; corre do norte ao sul, cousa de duas léguas paralelamente a leste do rio Suruí. Dá navegação a canoas nas enchentes das marés, com o favor das quais podem os iates entrar e sair de sua pequena barra.

T

Tabajara. Nação de Índios que dominavam na serra Hibiapaba, na província do Ceará. Acham-se atualmente civilizados, e são quase todos lavradores.

Tabajó. Ribeirão da província de São Paulo, a leste da serra Dourada, e tributário do rio Paranapanema pela margem meridional.

Tabanga. Serra da província de Sergipe, na margem direita do rio de São Francisco, onde se estende cousa de oito léguas. É de medíocre altura, e serve de extrema entre o termo da freguesia da aldeia de São Pedro e o da vila de Propiá.

Tabatinga.⁷⁵² Povoação e forte da província do Pará, na margem direita do confluente do rio Jabari com o Amazonas, pela mesma margem. Quando as cortes de Portugal e de Espanha procederam à demarcação respectiva de suas colônias, o rio Jabari foi designado por um dos limites naturais dos do-

mínios das duas potências, e nesta ocasião os Portugueses construíram um forte nas ruínas da aldeia de São Pedro, uma das seis que o padre Samuel Fritz havia fundado na margem direita do rio de São Pedro, para doutrinar na religião cristã os Índios. Foi o mencionado forte dedicado a São Francisco Xavier, e à sombra dele vieram residir vários indivíduos de diversas tribos índias, que se arreceavam doutras mais guerreiras. As canoas levam noventa dias para subirem pelo Amazonas até a confluência do Jabari, partindo da cidade de Belém, distância que se avalia em quatrocentas e oitenta léguas.

Tabatinga. Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra e no termo da freguesia de N. S. da Penha de França, com um engenho d'água. Os moradores são rendeiros ou escravos do senhor do engenho.

Tabatinga (Serra da). Serra que separa a província de Goiás da de Minas Gerais. Corre esta serra do norte para o sul, e é apelidada por alguns *Taguatinga*.

Tabatinga. Monte da província do Pará, perto do rio Eça ou Putomaio, algumas léguas a leste da vila peruviana de Loreto. Separa o império do Brasil dos Estados do Peru.

Tabatingui. Ribeirão da província de São Pedro do Rio Grande. Nasce perto do nascente do ribeiro Icabaguá, corre rumo do norte cousa de oito léguas, dando navegação a canoas, e vai juntar-se pela margem esquerda com o rio Jacuí.

Taboca.⁷⁵³ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha, com uma igreja de que é padroeiro São Gonçalo, que ao princípio dependia da matriz da freguesia de Barra das Velhas, e é atualmente filial da da vila de Formiga.

Taboca. Povoação da província de Goiás, no distrito da vila da Natividade, da qual se acha arredada ao oriente doze léguas, na margem esquerda do rio de Luiz Alves.

Taboca. Monte da província do Maranhão, perto da vila de Caxias. Célebre pela honrosa capitulação concedida pelo

⁷⁵² Atual cidade de Tabatinga/AM. (N/E)

⁷⁵³ Atual povoado de Tabocas, município de Abaeté/MG. (N/E)

Tabocas

exército imperial, formado de toda a população da província, a João José da Cunha Fidié, que não tinha consigo senão noventa e seis soldados fiéis ao partido das cortes portuguesas.

Tabocas. Rio da província de Goiás. Nasce na serra do Estrondo, corre para o ocidente, serve de limite setentrional à comarca do nome desta província, e incorpora-se com o rio dos Tocantins pela margem esquerda, cinco léguas abaixo da confluência do rio Cana Brava.

Taboco. Lagoa da província do Pará, algum tanto arredada da margem esquerda do rio da Madeira, no qual se sangra por um canal natural abreviado, que jaz entre a vila de Borba e o sangradouro da lagoa Canomá.

Taborão. Ribeiro da província e ilha de Santa Catarina, cujas margens gozam da reputação de darem o melhor linho da província.

Tábua.⁷⁵⁴ Povoação da província de Minas Gerais, na co-

marca de Rio de Jequitinhonha, com uma igreja dependente outrora da matriz da freguesia da Barra das Velhas, e atualmente anexada à freguesia de Curmataí, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Tábua. Serra da província de Minas Gerais, em cujo cume está assentada a povoação do mesmo nome.

Tabuleiro da Areia.⁷⁵⁵ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de São Bernardo; seus moradores são pobres e em pequeno número, têm uma capela, e acham-se de toda parte cercados de areias, circunstância de que esta povoação tirou o nome que tem.

Tabuleiro Grande.⁷⁵⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, apelidada também Tabacão. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 9 de março de 1840, com condição que os habitantes fariam à sua custa o concerto dela, e a proveriam de tudo quanto era mister para o serviço do culto.

Taburuína. Rio da província de Mato Grosso; vem do norte da cordilheira dos Parecis, corre rumo de nordeste, e vai engrossar do dobro as águas do rio Juruena, de quem é o primeiro afluente de nota, e com quem se incorpora pela margem direita. Os Índios da tribo Mambaré, que ainda estão por se civilizar, dominam em suas margens.

Tacanhuna. Tribo de Índios Tupinambás, que vivem nas margens do rio do mesmo nome, entre os rios Xingu e dos Tocantins, na província do Pará.

Tacanhuna. Rio da província do Pará, cujo curso é pouco conhecido: sabe-se somente que vem do sudoeste, e se ajunta com o dos Tocantins pela margem esquerda, entre as cachoeiras Itabocas e o forte de Arroios.

Tacaratu.⁷⁵⁷ Freguesia da província das Alagoas, a sete léguas da margem esquerda do rio de São Francisco. N. S. da Saúde é o orago de sua igreja. O salto de Paulo Afonso e a serra de Água Branca acham-se no ter-

⁷⁵⁴ Atual cidade de Joaquim Felício/MG. (N/E)

⁷⁵⁵ Atual cidade de Tabuleiro do Norte/CE. (N/E)

⁷⁵⁶ Atual cidade de Paraopeba/MG. (N/E)

⁷⁵⁷ Atual cidade de Tacaratu/AL. (N/E)

mo desta freguesia, que é povoada de Índios ainda não de todo civilizados, exceto a povoação da Conceição, onde se acham de mistura alguns brancos. A pesca, a caça e a ociosidade são o emprego dos Índios em todo o decurso da vida.

Tacoaraçu.⁷⁵⁸ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Taquaraçu*.)

Tacoaraçu de Cima ou **Tacoaraçu**. Povoação da província da Bahia, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 28 de junho de 1831.

Tacoaral. Ribeiros, cachoeiras, etc. (V. *Taquaral*.)

Tacoarapaia. Cachoeira do rio Sanguessuga. (V. *Taquarapaia*.)

Tacoari, Tacuari ou **Taquari**.⁷⁵⁹ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *São José de Tebicuari*.)

Tacuaritinga.⁷⁶⁰ Antiga freguesia da província de Pernambuco. (V. *Taquaratinga*.)

Tacuná. Tribo de Índios assaz numerosa que dominava antigamente nas margens dos rios Jabari e Jutaí, parte dos quais juntos com outros doutras tribos vivem nas vilas de Fonte Boa, Olivença e São José.

Tacutu. Rio da Guiana brasileira, a leste da serra Aracaí, onde nasce; é um dos confluente do rio Uriquera, com quem se ajunta perto do confluente deste último com o rio Branco. Em 1840, os Ingleses assentaram arbitrariamente, e sem notificação prévia, um padrão nas margens deste rio, com as iniciais R. V. numa banda, e da outra com a lenda de *Rex Victoria*. A fazenda nacional de São José fica sobre a margem esquerda do Tacutu, e em sua cabeceira se acha a de São Marcos.

Tagipuru. Nome do braço pouco volumoso que o rio das Amazonas deita pela direita, passada a vila de Gurupá. Acha-se este braço empachado com penedia entre a ilha Marajó e o continente distância de vinte e quatro léguas, por tal modo que em algumas

Taguatinga

partes apenas dá passo às embarcações de remos. Os rios Amapu, Pacajás, Jacundás, e outros deságuam no Tagipuru, e reunidos, formam a baía de Guajará, e vão, incorporados com o caudaloso Tocantins, lançar-se no Oceano.

Tagoai.⁷⁶¹ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Itaguaí*, vila.)

Taguaruçu. Ribeiro da província de Goiás; rega o distrito de Pilar, e tem uma ponte ao norte da povoação de Lavrinhas, para serventia da estrada do norte desta província.

Taguatinga.⁷⁶² Freguesia da província de Goiás, no distrito da vila de Palma; na serra e à beira do ribeiro de seu nome. Foi em origem um registo colocado numa quebrada da serra Taguatinga, que separa da província acima dita a de Minas Gerais. N. S. da Abadia é o orago de sua igreja, que foi largo tempo filial da matriz da freguesia da Conceição atualmente vila, e afinal elevada à categoria de paróquia, por lei provincial de 5 de dezembro de 1840, dando-lhe por termo

⁷⁵⁸ Atual cidade de Taquaraçu de Minas/MG. (N/E)

⁷⁵⁹ Atual cidade de Taquari/RS. (N/E)

⁷⁶⁰ Atual cidade de Tacuaritinga do Norte/PE. (N/E)

⁷⁶¹ Atual cidade de Itaguaí/RJ. (N/E)

⁷⁶² Atual cidade de Taguatinga/TO. (N/E)

Taguatinga

o mesmo que tinha sendo filial, o qual se acha separado do da vila da Conceição pelo ribeiro das Palmeiras, pelo das Arraias e pelo rio Palma. Perto da freguesia de Taguatinga, o ribeiro do mesmo nome se despenha de grande altura nos rochedos com grandíssimo estrondo, oferecendo um painel digno do pincel dum hábil artista.

Taguatinga. Serra mui alta da província de Goiás, limítrofe da de Minas Gerais, onde é mais conhecida com o nome de Tabatinga. Jaz ao norte da dos Arrendidos, e ao sul da do Duro. Dela nasce o ribeiro de seu nome, que despenhando-se de mui alto com grande fracasso nas penedias se vai incorporar com o rio da Palma.

Taiabana.⁷⁶³ Freguesia da província de Sergipe. (V. *Itabaiana*.)

Taiabana.⁷⁶⁴ Freguesia considerável da província de Paraíba, no distrito da vila do Pilar. Está assentada na margem direita do rio Paraíba, distância de cousa de dezoito

léguas do mar, e tem uma linda matriz situada no lugar onde a estrada que vai do sertão do Ceará para a cidade do Recife topa na que se encaminha para a de Paraíba; tem escola de ensino mútuo, criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831. Consta a população do seu termo de mil e quatrocentos fregueses de raça branca, os quais lavram grande quantidade de algodão, mui procurado nos mercados de Pernambuco, por ser de superior qualidade, e os víveres necessários para seu consumo.

Taibaté. Ribeirão da província de São Paulo, tributário do rio Paraíba, no qual se lança acima da vila de Jacareí.

Taim.⁷⁶⁵ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, à beira do ribeiro do mesmo nome, que faz as vezes de sangradouro da lagoa da Mangueira. N. S. da Conceição é o orago de sua igreja, que foi criada paróquia por decreto de 26 de julho de 1832, o qual lhe deu por termo as terras da fazenda nacional do mesmo nome, e as que

jazem entre o mar e a lagoa Mirim, desde a vala chamada das Parteiras da parte do norte, e as fronteiras do Estado Oriental da do Sul. Este termo é cortado em todo o seu comprimento do norte ao sul pela lagoa da Mangueira. Os fregueses, que não passam de novecentos, lavravam antigamente trigo, hoje cultivam os víveres do país, e os que não consomem levam a vender à cidade de São Pedro. Alguns também segundo a conveniência do sítio fazem suas criações de gado que exportam para os distritos vizinhos.

Tainhas. Ribeiro considerável da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Antas*.)

Taipé. Ribeiro da província de Pernambuco, que junto com o Otinga e Pitanga dá princípio ao rio Iguaraçu.

Taipu.⁷⁶⁶ Freguesia da província de Paraíba, uma légua ao oriente da vila do Pilar. N. S. dos Anjos é o orago de sua igreja que era de há muito paróquia, porém como o edifício se arruinasse, foi a pia transfe-

⁷⁶³ Atual cidade de Itabaiana/SE. (N/E)

⁷⁶⁴ Atual cidade de Itabaiana/PB. (N/E)

⁷⁶⁵ Atual distrito de Taim, município de Rio Grande/RS. (N/E)

⁷⁶⁶ Atual cidade de São Miguel de Taipu/PB. (N/E)

rida para a igreja de São Miguel do engenho de Taipu, motivo por que foi dali em diante apelidada São Miguel de Taipu. Consta o seu termo de mil e duzentos fregueses lavradores de algodão e de víveres.

Taipu. Ponta da ilha Enguaçu, que conjuntamente com a ponta Manduba, no sul da ilha Guaiaba ou de Santo Amaro, forma a entrada da baía de Santos. O cume da ponta de Taipu está em vinte e quatro graus e um minuto e onze segundos de latitude, e em quarenta e oito graus e cinquenta minutos e trinta e cinco segundos de longitude ocidental.

Taipu.⁷⁶⁷ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Itaipu*.)

Tais. Nome de duas lagoas da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Campos, que se diferenciam pelo apelido de *Grande* e *Pequena*. Esta fica a três léguas do mar, e tem duas milhas de comprimento do norte ao sul; aquela que jaz mais para o poente tem mais de três milhas do

norte ao sul; ambas elas comunicam com o rio Paraíba pela margem direita.

Tajacuba. Sítio da província do Ceará, no distrito da vila de Quixeramobim, onde existem minas abundantes de salitre.

Tajaí.⁷⁶⁸ Povoação e rio da província de Santa Catarina. (V. *Itajaí*.)

Tamandaré.⁷⁶⁹ Baía, e um dos melhores portos da província de Pernambuco, por não ter em todo o tempo menos de quatro para seis braças de fundo. Jaz esta baía dez léguas ao su-sudoeste do cabo de Santo Agostinho, em oito graus e quarenta e três minutos de latitude, e em trinta e sete graus e vinte e cinco minutos de longitude ocidental. Uma quebrada do arrecife, de que a costa se acha amparada, constitui a boca ou entrada desta baía, onde antigamente havia uma vila; ela se acha atualmente defendida por um forte. Como o arrecife tem pouca altura, os navios se acham expostos aos ventos do sul e do nordeste. No fundo da baía deságua o rio do mesmo no-

Tamanduá

me, que só dá navegação a canoas.

Tamandataí. Ribeiro que não tem outra importância senão a de correr pelas abas da cidade de São Paulo, onde se engrossa com as águas do Hinhangabaú, ribeiro de bem pouco cabedal, e vai se lançar dali a meia légua no rio Tietê.

Tamanduá.⁷⁷⁰ Vila da província de Minas Gerais, na nova comarca de Rio Grande, cercada de vários ribeiros que dão origem ao rio Lambari, vinte léguas ao sudoeste da vila de Pitangui, e quarenta ao poente da cidade de Ouro Preto, em vinte graus e quatorze minutos de latitude. No princípio do século XVIII um sem número de aventureiros se derramaram por vários pontos das terras desconhecidas, que foram ao depois apelidadas Minas Gerais, por isso que em todas elas se encontrava ouro em maior ou menor quantidade. Alguns deles assentaram vivenda entre o rio de São Francisco e o Grande, em terras auríferas e de boa lavra, onde a população fez tão rápidos progressos que em 1719 havia já ali perto de doze

⁷⁶⁷ Atual distrito de Itaipu, município de Niterói/RJ. (N/E)

⁷⁶⁸ Atual cidade de Itajaí/SC. (N/E)

⁷⁶⁹ Atual cidade de Tamandaré/PE. (N/E)

⁷⁷⁰ Atual cidade de Itapeçerica/MG. (N/E)

Tamanduá

mil homens. Sendo o visconde de Barbacena, Antônio Carlos Furtado de Mendonça, nomeado governador da província em 1773, conferiu o título de vila à povoação de Tamanduá, com o nome de São Bento de Tamanduá. Sua igreja, dedicada a este Santo, tem por filiais as igrejas das povoações do Desterro, das Pedras de Andaia e de Santo Antônio do Monte. Além da igreja matriz acha-se esta vila ornada com as de N. S. do Rosário, das Mercês e de São Francisco. Em 1805 um de seus moradores, chamado Antônio Trifão Barbosa, intentou fundar um hospital, porém como por si só não tivesse posses para dotá-lo com suficiente patrimônio, veio um tão útil projeto a parar em nada. O distrito de Tamanduá encerra além da freguesia da vila, a de Bambuí e Campo Belo, nele também se acham as serras da Canastra, da Parida e da Marcela; porém tem sido por diversas vezes desmembrado, tirando-se dele os distritos das vilas da Formiga e de Piumhi, que foram ulteriormente criadas, e apesar destes cortes ainda assim se avalia a sua população em oito mil habitantes entre mineiros, comercian-

tes de couros, lavradores de víveres e criadores de gado, para bastecimento da cidade do Rio de Janeiro. Está-se fazendo neste distrito uma nova estrada para Goiás, mais curta que a antiga, que passava pelo rio São Miguel, cujas exalações são tão nocivas à saúde. A nova estrada deve ter uma ponte sobre o rio de São Francisco, e passar entre os rios de São Miguel e Bambuí.

Tamanduá.⁷⁷¹ Freguesia da província de São Paulo. (V. *Tatui*, vila.)

Tamanduá. Praia arenosa da margem direita do rio da Madeira, passada a cachoeira de Santo Antônio, onde as tartarugas costumam ir em cardumes depor seus ovos. Na estação da postura e criação destes anfíbios os Paraenos apanham grande quantidade delas, cuja carne conservam durante uma parte do ano, e dos ovos fabricam certa espécie de manteiga com que fazem seus guisados e frituras, e que também serve para luzes.

Tamanduá. Décima terceira cachoeira que se encontra, quando se desce pelo rio Par-

do, na província de Mato Grosso. Descarregam-se canoas na subida e na descida, e transportam-se por terra as fazendas, e muitas vezes na subida é até mister transportar-se por terra a canoa até passar esta penedia, que fica meia légua abaixo da cachoeira do Vale, e igual distância antes da dos Três Irmãos.

Tamaracá. Ilha da província de Pernambuco. (V. *Itamaracá*.)

Tamararé, aliás **Tamaré.** Tribo de Índios da província de Mato Grosso, que domina nas terras que jazem entre o rio de São Simão e o Jamari, ambos afluentes do Guaporé. Vivem estes Índios como os das demais tribos do que colhem em suas pescarias e caçadas.

Tamatanduba.⁷⁷² Lugarejo da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor. Foi em seu marítimo que o almirante português Cristóvão Jaques assentou em 1503 o primeiro padrão das armas de Portugal no Brasil. O único edifício notável do termo de Tamatanduba é um engenho, sendo a maior porção das terras meras atingas.

⁷⁷¹ Atual cidade de Tatui/SP. (N/E)

⁷⁷² Ruínas no município de Pedro Velho/RN. (N/E)

Tambaú. Povoação da província de Paraíba, à beira do mar, duas léguas ao oriente da cidade de Paraíba, e três ao sul da foz do rio deste nome. Os jesuítas tinham neste sítio uma casa de convalescença, que serviu de casa de recreio dos governadores da província. Os franciscanos têm nesta povoação um convento.

Tambari Tiririca. Trigésima cachoeira que se encontra descendo-se pelo rio Tietê, na província de São Paulo. Sobem e descem por ela as embarcações com carga, e fica uma légua abaixo da cachoeira Vamicanga, e légua e meia acima da de Tambaú-Açu.

Tambaú-Açu. Trigésima primeira cachoeira do rio Tietê na descida, uma légua depois da de Tambari Tiririca, e meia légua antes da de Tambaú-Mirim. Para se vingar este passo à subida é mister forçar a voga, e levar-se à sirga a embarcação.

Tambaú-Mirim. Trigésima segunda cachoeira que se encontra no rio Tietê, quando por ele se desce na província de São Paulo. Sobe-se e desce-se sem custo. Fica esta ca-

choeira entre a de Comboiu Vaca da parte de baixo, e a de Tambaú-Açu da parte de cima, sendo entre uma e outra, a distância cousa de uma légua.

Tambi, aliás Itambi.⁷⁷³ Freguesia mui antiga da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Santo Antônio de Sá, perto da margem direita do rio de Aldeia e da do Macacu. Teve esta freguesia princípio numa capela que havia neste sítio, denominada de Rio Abaixo no fim do século XVI, de cuja administração como os jesuítas se apoderassem, alcançaram os habitantes do prelado do Rio de Janeiro licença para transferir a pia para a capela de N. S. do Desterro, fundada por Gonçalo Teixeira Tibão, a qual foi desanexada da matriz da freguesia de Santo Antônio de Sá. Efetuou-se a trasladação da pia no ano de 1627. Achava-se esta igreja, que era de pedra, no meio dum campo alagadiço, e lavado das enxurradas que baixavam das serras na estação das chuvas. Uma decisão régia conferiu-lhe definitivamente, em 29 de novembro de 1750, o título e prerrogativas de paróquia; porém como a dita

Tamboretetes

igreja se viesse arruinar, uma lei provincial de 4 de maio de 1840 a despojou deste título, e o transferiu para a igreja dos Índios da povoação de Vilanova, que se achava encravada no termo de Tambi, assinando a seu termo os mesmos limites; confrontando, em conformidade desta nova lei, da parte do norte, com o rio da Aldeia; da do ocidente, com o Macacu, e fenecendo da do sul numa linha tirada pela extrema do termo da freguesia de São Gonçalo, e da do oriente, noutra tirada pelas raias da de Itaboraí. Há neste termo cinco engenhos. Seus moradores lavram canas, arroz, milho, mandioca e mais víveres que se embarcam para o Rio de Janeiro nos portos da Olaria, Porto das Caixas e Vilanova.

Tamboretetes. Ilhotas ao sueste e na proximidade da ilha de São Francisco, no norte da província de Santa Catarina. São revestidas de arvoredos, e a que fica mais ao sul acha-se em vinte e seis graus, vinte minutos e cinquenta e quatro segundos de latitude, e em cinquenta graus, cinquenta e nove minutos e zero segundo de longitude

⁷⁷³ Atual distrito de Itambi, município de Itaboraí/RJ. (N/E)

Tambu

occidental. Para se entrar na boca do canal Aracari deve se passar entre estas ilhotas e as dos Remédios.

Tambu. Lugarejo da província da Bahia, no distrito da cidade de Santo Amaro.

Tamburil.⁷⁷⁴ Lugarejo da província da Bahia, sobre a estrada feita no princípio deste século para se ir à povoação da Conquista, atualmente vila da Vitória, na província de Minas Gerais. Vem-lhe este nome de certo arbusto da família dos leguminosos de que abundam os arredores.

Tamoios. Grande nação de Índios que dominavam no marítimo do Brasil, desde Cabo Frio até a província de São Paulo, os quais se opuseram aos jesuítas quando intentaram estabelecer-se. Em 1560 investiram inutilmente a vila de São Vicente com mais de trezentas canoas. Por meio dalgumas concessões os missionários Nóbrega e Anchieta conseguiram deles o retirar-se para as terras do sertão. Os Tamoios foram constantemente amigos e aliados dos Franceses na província do Rio de Janeiro, e foram por

amor deles exterminados em 1667 por Mendo de Sá, governador general do Brasil. (V. *Vilagalvão, Paranapucuí e Uruçumirim.*)

Tamuana. Tribo de Índios da margem direita do Amazonas. No princípio do século passado, o missionário André da Costa ajuntou parte deles com algumas famílias doutras tribos numa ilha situada de frente do conflúente do rio Juruá, onde os doutrinou na religião, e depois transferiu-os para o continente nas adjacências da margem direita do rio Tefé, a duas léguas do Amazonas. (V. *Ega*, vila.)

Tanguá ou Inguá. Ribeiro de mediocre cabedal e de pouca importância da província do Rio de Janeiro, tributário do Cacerubu.

Tangurágua. Rio peruviano tido por muitos geógrafos pelo verdadeiro fontanal do maior dos rios do mundo. Corre por espaço de mais de cento e sessenta léguas, desde o seu nascente até a vila de Jaen, não dando navegação senão em curtos intervalos nos Andes, e dirigindo-se do sul para o norte. Perto da vila

de Jaen, seu álveo é largo e profundo; toma então para nordeste, e logo depois para leste, e vai juntar-se com o rio Ucayale, e então unidos trocam o nome no de Amazonas. (V. este nome.)

Tanhenga. Ilha da baía de Angra dos Reis; pode ter mil e duzentas braças de comprimento, e acha-se posta em cultivo.

Tanque.⁷⁷⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Itabira de Mata Dentro, com uma igreja que foi anexada, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, à matriz da freguesia de Santana das Ferras.

Taó. Monte altíssimo da província de São Paulo, que dizem ser aurífero, posto que não tenha sido lavrado por falcer d'água em suas encostas. Domina este monte sobre o Tajaí, cujo curso dele se avista em toda a sua extensão.

Tapacoás. Tribo de Índios desconversáveis que vivem nas margens dos rios Tocantins e do Sono, ao norte da província de Goiás. Vivem à lei da natureza, alimentando-

⁷⁷⁴ Atual povoado de Tamburil, município de Banzaê/BA. (N/E)

⁷⁷⁵ Atual cidade de Santa Maria de Itabira/MG. (N/E)

se das frutas que encontram nas matas, e de pescado e de veação.

Tapacorá.⁷⁷⁶ Povoação do distrito da vila de São João de Itaboraí, na província do Rio de Janeiro, com uma igreja dependente da matriz da vila, e da invocação de N. S. da Soledade. Dava-se também antigamente este nome a todo o termo da freguesia de Itaboraí.

Tapacorá. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Itaboraí, perto dos ribeiros de Aldeia e Iguá.

Tapacorá. Ribeiro da província de Pernambuco, que passa pela vila de Santo Antão, e se ajunta pela margem esquerda com o rio Capibaribe.

Tapada. Lagoa da província do Espírito Santo, entre o rio Doce e o de São Mateus. É comprida, estreita e piscosa.

Tapado. Ribeiro da província de Pernambuco, duas léguas ao norte da cidade de Olinda. Os Holandeses assentaram campo em suas margens a 16 de fevereiro de 1630, quando se disputavam a investir esta vila.

Tapagi. Ponta de terra e ribeiro da província do Ceará, no distrito da vila de Granja, a leste do rio Acaracu.

Tapagipe ou Itapagipe.⁷⁷⁷ Freguesia da cidade da Bahia ao norte dela, numa península da baía de Todos os Santos, formada por uma espécie de golfo, na foz do ribeiro Tapagipe ou Itapagipe. N. S. da Penha é o orago de sua igreja, que foi elevada à categoria de paróquia em 1760, pelo oitavo arcebispo do Brasil D. José Botelho de Matos, que lhe fez uma doação perpétua e nela foi sepultado no ano seguinte. Os estaleiros das construções navais se acham nesta península, onde também se vê a casa de recreio dos arcebispos, e a pequena distância a igreja do Senhor do Bonfim, onde concorrem os fiéis nas sextas feiras de cada semana. O golfo de Itapagipe entra pela terra dentro na direção do norte a sul, cousa de três quartos de légua, e fenece perto da cidade; de sorte que é útil para o transporte por mar dos gêneros que vêm da margem oriental da baía de Todos os Santos.

Tapajós

Tapajônia. Nome que tinha antigamente a parte da província do Pará, que se acha ao oriente cercada pelo rio Xingu, e ao ocidente pelo rio Tapajós: são estas terras regadas pelo rio Curuá, pela lagoa do mesmo nome, e por muitos ribeiros tributários do Xingu e do Tapajós. Nelas se dão espontaneamente o craveiro, a moscadeira, o cacauzeiro, e também a jalapa, ipecacuanha e salsaparrilha. A Tapajônia encerra as vilas de Aveiro, de Alter do Chão e de Santarém, nas vizinhanças do Tapajós, e a de Souzel nas margens do Xingu.

Tapajós. Tribo numerosa de Índios que deu o seu nome ao rio em cujas margens dominavam. Tinham estes Índios quase os mesmos costumes que os Tupinambás, e como eles ervavam as setas para dar morte aos inimigos. Atualmente acham-se misturados e confundidos com outras tribos nas diferentes vilas que existem nas margens dos rios Xingu e Tapajós.

Tapajós. Nova comarca da província do Pará, criada depois do ano de 1841 pela assembleia provincial. Dão-lhe

⁷⁷⁶ Atual cidade de Itaboraí/RJ. (N/E)

⁷⁷⁷ Atual cidade de Salvador/BA. (N/E)

Tapajós

também frequentemente o nome de Santarém, por ser esta vila a cabeça dela.

Tapajós. Grande rio da província do Pará, afluente do Amazonas. O conhecimento de seu curso deve-se a João de Souza e Azevedo que o descobriu por um acaso em 1746. Partiu João de Souza das minas de ouro de Santa Isabel, embarcou-se no rio Sumidouro, perto do sítio onde atualmente jaz a vila Diamantino do Paraguai, e alguns dos que deviam acompanhá-lo, tendo se embarcado no rio Preto tiveram a felicidade de alcançarem no Arinos. Juntos todos, desceram à aventura de rio em rio, e sem saberem o como, acharam-se na província do Pará, e foram desembarcar em Belém. No ano seguinte, tornou-se Azevedo para a cidade de Mato Grosso, com algumas canoas carregadas de fazendas, porém desta vez em lugar de subir pelo Tapajós, fez caminho pelo rio da Madeira. Em 1805 João Viegas fez a mesma viagem, e desceu pelos rios Preto e Arinos, e encontrou à direita mais de vinte afluentes, antes de chegar ao confluente do rio Sumidouro, que engrossa do dobro a corrente do Arinos em que entra pela margem esquerda: passados muitos dias descobriu à es-

querda o rio Juruena, no lugar em que uma ilha o reparte em dous braços iguais. É no confluente deste rio, que se acha em nove graus e trinta minutos de latitude, que os habitantes do Pará dão o nome de Tapajós ao rio que rega aquela província, e em cujas margens viviam os Índios da nação do mesmo nome. Passados sete anos depois que João Viegas havia descido por aquela via até Belém, Antônio Tomé de França seguiu o mesmo caminho, e foi o primeiro que subiu pelo Tapajós e Arinos, e abriu caminho por terra e por água até a cidade de Cuiabá, jornada mais abreviada e muito mais fácil, do que a que se havia feito pelo rio da Madeira. Vinte léguas abaixo da confluência do Juruena recolhe o Tapajós pela margem direita o rio a que se há posto o nome de Azevedo, e passado ele, outros muitos que ainda não têm nome. Trinta e cinco léguas abaixo da confluência do rio de Azevedo, o Tapajós se acha entalado entre duas serras que lhe estreitam o álveo, e uma ilha assaz alta o reparte em dous braços, um dos quais tem grande corrente, e somente dez braças de largura. Juntos estes dous braços, correm obra de cinco léguas as suas águas num álveo largo e profundo, e despenham-se ao de-

pois em penedias por espaço de uma légua, e mais adiante se lhes incorpora pela margem direita, um rio considerável que lhes aumenta o cabedal, porém acha-se outra vez, a pequena distância, entalado o Tapajós numa garganta formada pelas serras que tem apenas cem braças de largura, torna-se ao depois a alargar progressivamente e recolhe pela direita o rio chamado Preto, por ser desta cor o fundo, posto que as águas sejam claras, e vai regando sucessivamente duma e doutra margem a aldeia Mundrucu, as vilas pouco importantes de Aveiro, Vilanova de Santa Cruz, Pinhel, Boim e Santarém, perto do Amazonas. As embarcações com carga gastam vinte e cinco dias para subirem pelo Tapajós em todo o seu comprimento. As margens deste rio são arenosas e não oferecem outros vegetais tirando a sensitiva, e a espécie de caniço chamada *Taquari*. Sua navegação não oferece outro estorvo senão o de duas cachoeiras; e é menos longa de duzentas léguas que a do Madeira, que é impiedosa pelo grande número de cachoeiras. Bem que o rio Tapajós seja menos fundo que o Madeira, acha-se em situação mais favorável talvez para o comércio com as cidades de Mato Grosso e de Cuiabá. Para esse

efeito seria mister estabelecer-se um sistema de canalização capaz de ligar o Guaporé com o Juruena, Arinos e Cuiabá, e a não ser isto possível, dever-se-iam abrir boas estradas entre estes rios, e fundar duas vilas uma no salto do Juruena, e outra perto do do Arinos, para servirem de entreposto das fazendas, e para bastecerem de víveres os navios e de gente para ajudar à descarga deles. Se isto se pudesse realizar, aqueles despovoados se encheriam de gente, e as províncias tirariam proveito dum sem número de produtos naturais dele, que para nada servem atualmente.

Tapajós.⁷⁷⁸ Nome recentemente posto à vila de Santarém da província do Pará. (V. *Santarém*.)

Tapanhucanga.⁷⁷⁹ (Nome índio derivado das palavras *tapanhuna*, negro, e *acanga*, cabeça.) Linda povoação da província de Minas Gerais, cinco léguas ao sudoeste da cidade de Minas Novas. Jaz cercada de montes que verdejam e de serras descalvadas e negras. Consta esta povoação duma igreja da invocação

de São José, filial da matriz da cidade, situada num teso rodeado de obra dum cento de casas térreas telhadas, assentadas ao longo da estrada. Esta povoação, que era em outro tempo mais importante do que é hoje em dia, conserva ainda um aspecto agradável, posto que descaísse grandemente, depois que cessaram de serem rendosas as suas minas de ouro, ainda se colhem pequenas porções deste metal no ribeiro que lhe banha as abas, e vai ajuntar-se com o rio do Peixe, tributário do de Santo Antônio. Seus habitantes exercem diferentes profissões, são alfaiates, sapateiros, carpinteiros, pedreiros e taberneiros, e vivem com escassez por se não determinarem a amanho as terras. Os mais remediados dentre eles, que são em pequeno número, são os que se dão à criação de gado.

Tapanhuna. Tribo de Índios da província de Mato Grosso. Vive nas margens dos rios Arinos e Juruena. Quase todos estes Índios estão civilizados, e vendem aos que viajam por água entre esta província

Tapera

e a do Pará víveres de que não mister.

Tapari. Forte da ilha do Maranhão que os Franceses fundaram em 1612, e que passou para os Portugueses por uma convenção feita entre eles num dia para ambos os partidos funesto, pelo grande número de mortes que tiveram.

Tapepitanga. Aldeia da província da Bahia. (V. *Tapera*.)

Tapera.⁷⁸⁰ Povoação da província de Minas Gerais, seis léguas ao sudoeste da cidade do Serro, num espaçoso vale onde havia uma mina de ouro que se esgotou. Consta esta povoação de obra de oitenta casas térreas, telhadas e mal consertadas, ao longo duma rua no topo da qual existe uma igreja dedicada a Santo Antônio, que é filial da matriz de Conceição de Mata Dentro. Seus moradores cozem telha, fabricam panos de algodão, cobertas quartapizadas de encarnado e de azul, toalhas e guardanapos, que se exportam para o Rio de Janeiro. Alguns também fazem chapéus de algodão que imitam os de feltro, mas que têm o in-

⁷⁷⁸ Atual cidade de Santarém/PA. (N/E)

⁷⁷⁹ Atual cidade de Itapanhoacanga/MG. (N/E)

⁷⁸⁰ Atual distrito de Santo Antônio do Norte, município de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

Tapera

conveniente de serem pesados e de se ensoparem facilmente n'água.

Tapera.⁷⁸¹ Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Chopotó, acima da povoação de Santana do Deserto. Sua igreja foi declarada filial da da freguesia da Barra do Bacalhau, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Tapera. Antiga freguesia da província da Bahia, criada vila em 1799. (V. *Vilanova da Rainha*.)

Tapera. Nome duma das ilhas que demoram defronte da baía Niterói ou do Rio de Janeiro.

Taperágua ou Taporágua. Antiga aldeia da província da Bahia, pertencente atualmente à das Alagoas. Deram-lhe princípio em 1550 vários missionários que ali erigiram uma igreja a N. S. da Assunção, e ajuntaram grande número de Índios, os quais a desemparraram numa epidemia que lavrou no país em 1563. Passado tempo, tornaram algumas famílias a virem residir na

aldeia que se converteu numa povoação, que foi dotada duma escola de primeiras letras, pela assembleia provincial por lei de 6 de julho de 1839.

Taperi. Lagoa da província do Ceará, no distrito da antiga aldeia de Mecejana.

Taperoa.⁷⁸² Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Boipeba, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Tapes. Grande nação de Índios que dominavam nas terras que jazem entre o mar, a serra do mesmo nome, e o Uruguai no centro da província de São Pedro do Rio Grande. Quando os Vicentistas e Paulistas penetraram no sertão desta província para cativarem Índios, eram os Tapes dum gênio cruel e desconversável, de alta estatura, e não menos tímidos que maus, e bem que na aparência não tivessem religião alguma, enteravam os mortos com suas redes, frechas e outras armas sem terem ideia alguma da imortalidade da alma. Os je-

suítas espanhóis das margens do Paraguai tiveram a indústria de trazerem várias tribos à civilização, e fazerem-nas praticar as virtudes cristãs. Esta nação é quase a única juntamente com a dos Minuanos que ainda existe de quantas antigamente dominavam naquelas terras; acha-se inteiramente civilizada.

Tapes. Grande serra da província de São Pedro do Rio Grande, cujo nome lhe vem do da nação que nela dominava quando os Espanhóis e Portugueses penetraram naquelas terras. É ramo da serra Geral e dela nascem vários rios, sendo o de maior cabedal o Camacua, que se lança pela margem ocidental, na lagoa dos Patos.

Tapirape ou Tapiraque. Tribo de Índios da província de Mato Grosso, que vivem nas margens do rio do mesmo nome, tributário do Araguaia, com o qual se incorpora abaixo da ilha do Bananal. Pretendem alguns autores que esta nação, que deu nome ao país onde vive, não é originária dele, e que viera das matas da província do Rio de Janeiro.

⁷⁸¹ Atual cidade de Porto Firme/MG. (N/E)

⁷⁸² Atual cidade de Taperoá/BA. (N/E)

Tapirape ou **Tapiraque**. Pequeno rio da província de Mato Grosso: suas margens são pouco conhecidas, sabe-se unicamente que nelas vivem os Índios do mesmo nome, e que este rio se ajunta com o Araguaia pela margem esquerda, algumas léguas abaixo da ilha do Bananal.

Tapirapuã. Serra dilatada da província de Mato Grosso, e ramo da cordilheira dos Parecis. Dela nasce o pequeno rio Preto, primeiro afluente considerável do Paraguai, e também o Pari e o dos Barbados, que deságuam no sobredito Paraguai. Ao longo de sua base ocidental corre o rio Sipotuba, por decurso de muitas léguas.

Tapiraquia. Nome derivado da nação Tapiraque, que antigamente se dava à parte pouco conhecida da província de Mato Grosso, que jaz entre o rio Araguaia da parte de leste, e os nascentes do Xingu da do oeste, tendo ao norte a Xingutânia, e ao sul a Bororônia. O rio das Mortes, o da Ponta, o de São João, o Tapiraque e o das Vertentes, são os mais conhecidos dos que regam este território, onde se ajuntaram grande número de Índios, no ano de 1775, em diversas aldeias a que puseram os nomes de *Almeida*, *Lapa* e

Semancelbe, porém os Índios as desampararam e se acolheram às matas para viverem à sua feição.

Tapirema. Povoação da província de Pernambuco, ao sul da comarca de Goiana, com uma capela de N. S. do Deserto, dependente da matriz de Tejucoaba.

Tapiruva. Serra da província de Santa Catarina, na extremidade setentrional da lagoa apelidada *Laguna*.

Tapuias. Nação de Índios, tronco de numerosas tribos derramadas por várias províncias do Brasil, principalmente pelas do Maranhão e do Ceará. Segundo o historiador Brito Freire, havia também algumas tribos desta nação no marítimo de Pernambuco, nas adjacências do cabo de Santo Agostinho. Tinham, em geral, estes Índios o rosto mais chato que os das demais tribos, e os cabelos lisos, negros e duros. Traziam metidas em buracos que faziam nas orelhas, e no beço inferior, rodela de madeira; eram grandes, robustos e bem proporcionados, e chegavam à extrema velhice. Nos dias de festa pintavam de diversas cores os corpos, e ornavam as cabeças com penas das mais vivas cores. Faziam as choças com

Tapuiú

ramos de árvores e terra, e cobriam-nas com folhas. Viviam de pescado e de veação e das frutas que a terra espontaneamente dava, eram gulosos e perguiçosos; comiam a carne dos inimigos de sua nação tão somente, e não se tinham por desagradados enquanto não haviam praticado semelhante ato de barbaridade. Os Tapuias se converteram facilmente ao cristianismo, talvez por causa da pompa das cerimônias, por isso que eram naturalmente cubiçosos de cousas novas; não assim as tribos mais valentes que preferiram retrair-se para o coração das florestas, para viverem no estado de independência de seus avós.

Tapuitapera. Nome dum vasto território da província do Maranhão, que era antigamente a residência dos Índios Tapuias. Acha-se atualmente repartido nas comarcas de Alcântara e de Guimarães. Na ocasião do desembarque dos Portugueses a aldeia de Cumá era a mais povoada das onze que neste território existiam.

Tapuiú. Serra considerável da província do Ceará, arredada do mar, no distrito da vila do Sobral. Seu cume ocidental se acha em dous graus, cinquenta e oito minutos e vinte e cinco segundos de latitude,

Tapuiú

e em quarenta e três graus, dez minutos e cinquenta e quatro segundos de longitude ocidental.

Tapuiú. Ribeiro da província do Ceará, no distrito da vila de Sobral; corre por entre as sinuosidades da serra do seu nome, e vai lançar-se no mar, uma légua ao ocidente da foz do rio Camucim.

Taquaraçu.⁷⁸³ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Guaicuí ou das Velhas, oito léguas ao norte da cidade de Sabará, que foi anexada ao distrito da vila de Caeté, por lei provincial de 23 de março de 1840, e onde a assembleia geral criou uma escola de primeiras letras, por decreto de 28 de junho de 1831. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por outra lei provincial de 7 de abril de 1841, dando-lhe por orago o Santíssimo Sacramento, e por limites a seu termo a serra donde nasce o ribeiro do Cipó, todo o curso do sobre-dito ribeiro, a fazenda Taquaraçu, o rio das Velhas, o ribeiro Vermelho, e o campo de Santo Antônio até a extrema de Roças Novas.

Taquaral. Nome de muitos ribeiros do Brasil, cujas margens abundam numa espécie de caniço, chamado *Taquara*. Na província do Rio de Janeiro há dous, um que passa pelo termo da freguesia de Campo Grande, e outro que rega o da freguesia de Iguaçú. Alguns escritores escrevem diferentemente estes diversos nomes pondo um *r* e um *o* em lugar do *q* e *u*.

Taquaral. Ribeiro da província de Goiás, que se incorpora com o rio Vermelho pela margem esquerda, abaixo da cidade do nome da província.

Taquaral. Ribeiro da província de Mato Grosso: atravessa a estrada que vai de Cuiabá para Goiás, e ajunta-se com o ribeiro aliás rio do Peixe, tributário do rio das Mortes.

Taquaral. Décima quinta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso. É de difícil subida, porém desce-se sem custo. Jaz esta cachoeira entre a dos Três Irmãos e a da Capoeira, e acham-se todas três a meia légua de distância uma das outras.

Taquaral. Serra da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, ao poente do rio Araguaia. Passa por esta serra a estrada que vai desta cidade para a de Goiás, e acompanha as suas sinuosidades donde nasce o ribeiro do seu nome.

Taquarapaia. Quarta e última cachoeira do rio Sanguessuga, quando da fazenda de Camapuã, se desce por este rio para a província de Mato Grosso. Jaz depois da do Raziame, e um pouco abaixo dela o rio Sanguessuga se ajunta com o Vermelho, e juntos dão origem ao rio Pardo.

Taquaratinga.⁷⁸⁴ Freguesia mui antiga da província de Pernambuco, no distrito da vila de Limoeiro. Está situada na serra do mesmo nome: seus moradores lavram os víveres necessários para seu consumo, e grande quantidade de algodão que exportam. Os antigos autores chamavam a esta freguesia: *Tacuaringa*.

Taquaratinga. Serra da província de Pernambuco, no distrito de Limoeiro. O mais alto pico dela se acha obra de quinhentas braças acima do nível

⁷⁸³ Atual cidade de Taquaraçu de Minas/MG. (N/E)

⁷⁸⁴ Atual cidade de Taquaratinga do Norte/PE. (N/E)

do mar, e em 1843 servia de baliza aos engenheiros como um ponto culminante na operação da triangulação do país.

Taquarembó. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Alegrete: corre rumo do poente, recolhe o Jaguari, e vai juntar-se com o rio de Santa Maria, que é o fontanal do rio Ibicuí, afluente do Paraguai, que se acha a maior distância da sua foz.

Taquari. Rio da província de Mato Grosso, que serve para a navegação entre a cidade de Cuiabá e a de São Paulo. Nasce na Caiapônia, corre para o sudoeste, entra na Camapuânia, onde se engrossa com o tributo de vários ribeiros que ainda se não conhecem, que lhe aumentam o cabedal antes de haver recolhido pela margem esquerda o rio Coxim. A uma légua desta confluência se acha a única cachoeira que nele se encontra, chamada da *Barra*, que lhe dificulta a navegação. Passada a qual, corre o Taquari obra de trinta léguas entalado entre serranias, e vai regar a povoação de Pouso Alegre. Por decurso de mais vinte léguas até o lugar chamado *Boqueirão*, seu leito é largo, semeado dum sem número de ilhas, que deixam sobre uma e outra

margem uma carreira para as embarcações, quando as águas abundam, e que comunicam com os rios Cuiabá, Porrudos e Paraguai. Passado o *Boqueirão*, caminha o Taquari cousa de dez léguas mais, e se incorpora pela margem esquerda com o Paraguai, em dezenove graus e quinze minutos de latitude. Seu leito é profundo enquanto corre por entre serras, porém passado Pouso Alegre o que ganha em largura perde em profundidade. As canoas que levam carga gastam ordinariamente quinze dias para subir pelo Taquari, em razão das muitas voltas que faz entre o Paraguai e a povoação de Pouso Alegre, correndo por uma campina anualmente alagada, gastam mais sete dias para deitar à embocadura do rio Coxim: neste intervalo cumpre-lhes resistir à correnteza chamada *Beliago*, e vingar a cachoeira da *Barra*. Abunda este rio de grande diversidade de pescado; porém para se beber a água dele é mister deixá-la estar algum tempo quieta, para se depositar a areia finíssima que traz sempre em si suspensa. As margens de sua cabeceira são habitadas pelos Índios Guaicurus, e em todo o resto de seu curso infestadas do gentio Paiaguá, que não obstante a vizinhança de perto de dous

Taquari

séculos dos Portugueses e dos Espanhóis, ainda se não puderam dobrar a seguir o exemplo das demais tribos, civilizando-se. A palmeira bocaiuva lhes ministra com abundância cocos do tamanho dum ovo de ema com que se alimentam uma parte do ano, e as terras baixas lhes dão um arroz que nasce espontaneamente, e cuja ceifa lhes dá bem pouco trabalho, pois basta deitar uma pávea de espigas sobre a borda da canoa, e sacudi-las com uma vara para os grãos se despearem. Os campos que acompanham as duas margens do Taquari oferecem um grande número de ilhas que todos os anos são submergidas, onde vivem diversas espécies de aves, como o casuar e o touiou, a que vulgarmente chamam ema, e os Índios Guaicurus dão ao primeiro o nome de anhuma, e ao segundo o de anhupocas. As primeiras destas aves trazem na cabeça e nas pontas das asas umas espécies de puas ou esporões, que dizem ser um antídoto contra a mordedura das serpentes. O anhupoca não canta senão depois da meia noite até o romper do dia, assim que serve de relógio às sentinelas, que os navegantes são obrigados a ter para vigiar os passos do gentio Paiaguás.

Taquari

Taquari ou **Tebicuari**. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila do Triunfo. Nasce na serra Geral, em dezoito graus de latitude ao oriente do nascente do rio Jacuí, com o qual se incorpora pela margem esquerda no cabo dum curso, de norte para o sul, de trinta e cinco léguas, separando o distrito da vila do Triunfo do da de Santo Amaro. Seu primeiro afluente notável, pela margem esquerda, é o rio das Antas, e pela direita, o Taquari-Mirim, a quatro léguas de distância do Jacuí. Os iates navegam pelo Taquari por espaço de vinte léguas, até o lugar onde se lhe incorpora o rio das Antas ou das Tainhas.

Taquari. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito das Missões; é um dos tributários do rio Ibicuí.

Taquari. Ribeiro da província do Rio de Janeiro: rega o termo da freguesia de Mambucaba, e dá navegação a canoas até a baía de Angra dos Reis.

Taquari-Mirim. Ribeirão da província de São Pedro do Rio Grande. Corre do norte para

o sul ao poente do rio Taquari, com o qual se ajunta pela margem direita, no cabo dum trânsito de obra de vinte léguas, dando navegação a canoas por mui poucas.

Taquari-Mirim. Ribeiro da província de Mato Grosso, tributário do rio Coxim, com quem se ajunta pela margem esquerda, uma légua acima da confluência deste rio com o Taquari.

Taquarituba.⁷⁸⁵ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó. Está assentada à beira do rio das Piranhas, junto dum pântano chamado o *Brejo da Cruz*, que comunica com o dito rio, que só dá navegação a canoas. Sua igreja depende da matriz da vila de Piancó; seus habitantes lavram milho, algodão e mandioca em grande cópia.

Tararé. Praia da ilha Enguaguaçu, na província de São Paulo, célebre por ser o lugar do Brasil onde se lançaram os alcerces da primeira vila portuguesa, debaixo dos auspícios do almirante Martim Afonso de Souza, no ano de 1532. Foi esta vila reedificada passados alguns

anos, no lugar onde está atualmente a vila de São Vicente.

Tareiri. Ribeiro da província do Rio Grande do Norte, que serve de sangradouro à lagoa Groaíras: pode ter cousa de quatro léguas de curso, e vai desaguar no Oceano, ao nordeste da ponta Negra e na proximidade dela, seis léguas ao sul da foz do rio Potengi ou Grande. Dá-se também a este ribeiro o nome de *Garatoni*.

Taributa.⁷⁸⁶ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, ao sul do termo da freguesia de Mambucaba.

Tarirá. Grande lagoa da província do Maranhão, que pode ter uma a duas léguas de largura, e cousa de três de comprimento: é de forma irregular, e serve de limite às comarcas de Viana, de Alcântara e de Guimarães.

Tariri. Ribeiro de pouca importância da província da Bahia, que deságua no mar, algumas léguas ao norte da foz do rio Inhambupe.

Tartarugas. Primeiro forte construído pelos Portugueses,

⁷⁸⁵ Atual cidade de Brejo do Cruz/PB. (N/E)

⁷⁸⁶ Atual distrito de Tarituba, município de Parati/RJ. (N/E)

no marítimo da província do Ceará. (V. *Amparo*, forte.)

Tarumá. Tribo de índios da Guiana brasileira. Vivem nas margens do rio Negro, e se acham misturados com os Aroaquis, na povoação atual de Airão.

Tarumá. Povoação da província de Mato Grosso, na cabeceira do rio Cuiabá. Pertence à nova freguesia de Rio de Cuiabá, e suas terras confrontam com as do termo da freguesia das Brotas.

Tatajuba. Serra da província do Ceará, ao sul do distrito da vila de Januária, e limítrofe com o distrito da de Quixeramobim.

Tatinga. Ponta da costa do Maranhão, cuja posição é digna de notar-se, por se achar ao ocidente da baía de São Marcos e ao oriente da vila de Alcântara. Acha-se rodeada de salinas, e situada em dous graus, vinte e três minutos e trinta e oito segundos de latitude, e em quarenta e seis graus, quarenta e um minutos e trinta e seis segundos de longitude ocidental.

Tatuaimonha ou **Tatuamuí.** Ribeiro da província das Alagoas, no distrito da vila de Porto das Pedras, onde deságua no mar.

Tatuapera. Antiga aldeia fundada pelos jesuítas, doze léguas ao norte da cidade da Bahia.

Tatuí.⁷⁸⁷ Nova vila da terceira comarca da província de São Paulo. Era a povoação chamada Tatuibi, entre a cidade de Sorocaba e a vila de Itapeitinga. Sua igreja, dedicada a N. S. das Dores, foi elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral de 9 de dezembro de 1830, e a assembleia provincial conferiu àquela nova freguesia o título de vila.

Tatuoca. Ilha da província do Pará, perto da costa e ao poente da baía de Turivaçu.

Tatuú.⁷⁸⁸ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da cidade de Sorocaba. Um sítio agreste chamado Tatuú achava-se ermo de gente e de casas no princípio do século em que estamos; tendo-se em 1810 fundado a fáb-

Tatuú

brica de ferro de São João de Ipanema, alguns indivíduos se determinaram a ir residir para aquele sítio, resolutos a entregar-se à agricultura. Passados sete anos, uma ordem régia proibiu toda espécie de agricultura nas terras doadas à fábrica de ferro, e pelo mesmo teor todo o gênero de negócio, e de corte de madeiras, por serem estas exclusivamente destinadas para alimentar as fornalhas da dita fábrica. Todos aqueles que não eram empregados nela foram obrigados a deixar aquele sítio, e a maior parte deles se agregaram aos primeiros povoadores de Tatuú. Informado o Bispo desta disposição régia assentou que devia despojar do título de paróquia a igreja dum estabelecimento particular, e transferi-lo a uma capela que o povo havia erigido à sua custa no sítio e povoação de Tatuú; em consequência desta determinação, foi a sobredita igreja condecorada em 1818 com o título de paróquia, com o nome de *São João de Benfica*. Todos os moradores deste termo são agricultores e comerciantes dos objetos de consumo da terra.

⁷⁸⁷ Atual cidade de Limeira/SP. (N/E)

⁷⁸⁸ Atual cidade de Tatuí/SP. (N/E)

Tauá

Tauá. Povoação de pouco momento da província do Ceará, no distrito de Vilanova del Rei. Em suas adjacências se acham minas de salitre e de pedra-ume.

Tauá.⁷⁸⁹ Antiga aldeia da província do Ceará, cujo nome era derivado duma espécie de pedra argilosa parecida com o cristal a que os índios apelidavam *tauá*. Os jesuítas penetraram nela, e fizeram numerosos prosélitos. (V. *São João do Príncipe*, vila.)

Tauá.⁷⁹⁰ Freguesia da província de São Paulo, conhecida em outro tempo com o nome de arraial de Tamanduá. Está situada sobre a estrada de São Paulo para a província de São Pedro do Rio Grande, perto do rio e registo de Curitiba. N. S. do Carmo é o orago de sua matriz. Tem além dela outra igreja da invocação de N. S. da Conceição. Os habitantes de seu termo criam gado, cultivam víveres, e colhem grande quantidade de milho.

Taubaté.⁷⁹¹ Nova cidade e antiga vila por extremo mercantil, cabeça da primeira comarca da província de São

Paulo, trinta léguas ao norte da capital da sobredita província, em vinte e dous graus cinquenta e quatro minutos de latitude, e em quarenta e oito graus quatro minutos de longitude ocidental. Foi originalmente a aldeia Itaboaté, onde viviam muitas famílias de índios Guaianás, que se tornaram inimigos dos Piratinínganos, quando, por solicitações dos jesuítas, a vila de Santo André foi mandada arrasar, e seu título conferido ao colégio de São Paulo de Piratininga. Os Taubateanos guardaram longo tempo certo ressaído do ódio que nesta ocasião conceberam contra os Paulistas, ódio que foi renovado com os descobrimentos das minas de ouro, e que enfim se apagou com a frequência das relações entre as duas vilas. Em 1645, o capitão-mor Antônio Barbosa de Aguiar, então procurador do conde de Vimieiro, donatário da capitania de Itanhaém, instalou a câmara nesta aldeia, que foi criada vila com o nome primitivo de Itaboaté, que por corrupção se mudou no de Taboaté, Tabaté, Tahubaté, e por fim no de Taubaté, como se escreve atualmente. O

governador do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo, César Antônio Pais de Sande, assentou nesta vila em janeiro de 1695 uma fundição para onde todos os mineiros deviam levar o ouro que colhiam para ser fundido à custa do estado que recebia o quinto do dito metal. Os juizes ordinários foram substituídos por um juiz de fora, com jurisdição sobre as vilas de Pindamonhangaba e de Piraitinga, em virtude dum alvará de 9 de outubro de 1817, e afinal uma lei da assembleia provincial conferiu a esta vila o título e honras de cidade. Está esta nova cidade assentada a uma légua de distância da margem direita do rio Paraíba, à beira dum ribeiro que se incorpora com este rio, uma légua mais abaixo, depois de haver regado a povoação de Tremembé. É ornada duma igreja matriz cujo orago é São Francisco das Chagas, e de mais outras duas, com as invocações de N. S. do Rosário e do Pilar, além dum convento de franciscanos, e doutro de religiosas de Santa Clara. As casas são térreas, de madeira, rebocadas com barro: em muitas delas há engenhocas onde se

⁷⁸⁹ Atual cidade de Tauá/CE. (N/E)

⁷⁹⁰ Atual cidade de Balsa Nova/PR. (N/E)

⁷⁹¹ Atual cidade de Taubaté/SP. (N/E)

faz açúcar, e caldeiras para destilar aguardente de melação e de cana. O distrito de Taubaté encerra perto de dez mil habitantes, industriosos por natureza. Os que residem nos montes distantes da cidade fazem criações de gado, os mais lavram grande quantidade de tabaco, de algodão, café, canas, milho e feijões; os Índios fazem diversas obras de espartaria que levam a vender às vilas marítimas de São Sebastião, de Ubatuba e de Parati, donde se conduzem em bestas muares até o porto, e se embarcam para o Rio de Janeiro. Compreende este distrito a freguesia de Caçapaba além da da cidade.

Taúna. Morro mui alto, na margem setentrional da baía Niterói ou do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de São Gonçalo. Serve de baliza aos marítimos que querem entrar na barra do rio Alcântara ou Guaxindiba.

Tavares. Pequeno rio da ilha de Santa Catarina. Nasce no centro dela, corre por espaço de muitas léguas no rumo do sul e do oeste, e vai lançar-se no mar numa enseada do

mesmo nome, ao su-sudoeste da cidade do Desterro. Suas margens são celebradas pela boa qualidade de melões que nelas se colhem.

Tebicuari.⁷⁹² Povoação da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *São José de Tebicuari*.)

Tebicuari ou **Tibicuari.** Nome posto pelos Espanhóis ao rio Taquari, um dos afluentes do rio Jacuí, na província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Taquari* e *Taquari-Mirim*, rio e ribeiro da mesma província.)

Tefé.⁷⁹³ Antiga aldeia fundada pelo padre Samuel Fritz, na província do Pará. (V. *Ega*, vila.)

Tefé. Rio da província do Pará, que alguns autores antigos apelidavam Tapi. É pouco conhecido em sua cabeceira no sertão das terras, onde a sua direção a partir do Peru parece ser do sul para o norte. O volume de suas águas faz supor que vem de mui longe. Suas margens são frequentadas pelo gentio bravo. O Tefé incorpora-se com o Amazonas depois de haver regado a

Tejucas

vila de Ega; sua foz acha-se quase no meio do intervalo que separa o rio Juruá do Cuari.

Tejuca. Serra da província do Rio de Janeiro, ao ocidente da cidade deste nome. É um ramo da cordilheira dos Órgãos, o qual partindo dela se vai estendendo até o mar. Seu cume mais elevado se avista de mui longe tanto na terra como no mar: dela nasce o ribeiro de Tejuco, que os curiosos vão frequentemente visitar, por causa das cachoeiras do mesmo nome.

Tejucas ou **Tejucas Grandes.**⁷⁹⁴ Freguesia do continente da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Miguel. São João Batista é o orago de sua igreja, que foi criada paróquia por lei provincial de 19 de abril de 1838. Seu termo se estende ao longo da costa, entre o ribeiro das Bobas e o dos Moretes da parte do sul.

Tejucas. Grande enseada ou baía do continente da província de Santa Catarina, ao poente da ilha do Arvoredo, e ao noroeste da ponta setentrional da ilha

⁷⁹² Atual cidade de Taquari/RS. (N/E)

⁷⁹³ Atual cidade de Tefé/AM. (N/E)

⁷⁹⁴ Atual cidade de Tijucas/SC. (N/E)

Tejucas

que deu nome à província. Jaz em vinte e sete graus e quinze minutos de latitude. Sua entrada é formada pela ponta dos Ganchos da parte do sul, e pela do Zimbó da parte do Norte. Tem bom surgidouro para os navios que nela se acham amparados dos ventos pelos montes, porém para nela entrarem devem fazer carreira ao sul da sobredita ilha.

Tejucas. Pequeno rio do continente da província de Santa Catarina. Nasce num pântano, corre no rumo de leste obra de doze léguas, atravessando terras chãs sujeitas a serem alagadas na estação das chuvas, separa o distrito de Porto Belo, da parte do norte, do de São Miguel, da do sul; e vai desaguar no fundo da baía de Tejucas. Navegam por ele as canoas sem experimentar o menor estorvo em todo o seu curso, não assim as embarcações de vinte e cinco toneladas que devem fundear em tendo feito uma légua. Como este rio não tem ponte, há nele uma barca para a serventia da estrada real.

Tejucas Grandes. Colônia da província de Santa Catarina,

nas margens do rio Tejucas. (V. *Nova Itália*.)

Tejuco.⁷⁹⁵ Antiga povoação da província de Minas Gerais, criada vila com o mesmo nome em 1831. (V. *Diamantina*, cidade.)

Tejuco.⁷⁹⁶ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava, com uma capela que, tendo sido elevada à categoria de paróquia, foi pouco tempo depois despojada deste título, por lei provincial de 9 de março de 1840, e anexada à nova freguesia de Morrinhos, criada em virtude da mesma lei, dando-se por motivo que os moradores de Tejuco não tinham posses para fazerem à sua custa uma igreja digna daquele título.

Tejuco.⁷⁹⁷ Povoação da província de Minas Gerais, sete léguas ao poente da cidade de Ouro Preto, com uma igreja de que é padroeiro São Gonçalo, filial da matriz da freguesia da Cachoeira do Campo.

Tejuco. Ribeiro do distrito neutro do Rio de Janeiro. Vem dum dos pontos culminantes

da cordilheira dos Órgãos por onde corre, e vai, posto que ainda com pouco cabedal, fazer a pequena cachoeira de seu nome, precipitando-se de pancada sobre as rochas duma altura que não tem menos de oitenta pés. Engrossa-se depois recolhendo vários riachos, e reparte-se em diferentes braços, o mais considerável dos quais se dirige para o mar, e no cabo de uma légua de caminho salta por cima da penedra, apelidada vulgarmente as *grandes cachoeiras do Tejuco*, onde concorrem os curiosos para observarem com admiração o maravilhoso aspecto que oferecem as águas, que se vão afinal lançar no Oceano, confundidas com as da lagoa Jacarepaguá.

Tejuco. Décima sétima cachoeira do rio Pardo, na província de Mato Grosso, quando por ele se desce. Acha-se entre a cachoeira Anhanduí-Mirim e a do Mangabal. Transportam-se por terra as embarcações e as fazendas, obra de sessenta braças de distância.

Tejuco. Ribeiro que atravessa a cidade de São João del Rei, e que tem duas pontes de pedra.

⁷⁹⁵ Atual cidade de Diamantina/MG, (N/E)

⁷⁹⁶ Atual cidade de Ituiutaba/MG, (N/E)

⁷⁹⁷ Atual distrito de Amarantina, município de Ouro Preto/MG

Tejuco. Ribeiro da província de Minas Gerais, que se incorpora pela margem esquerda no rio Paranaíba, abaixo do confluente do das Velhas.

Tejucopaba ou Tijucopaba.⁷⁹⁸ Freguesia da província de Pernambuco, na comarca de Goiana; está assentada numa eminência na vizinhança do mar, doze léguas ao norte da cidade de Olinda. Além da igreja matriz, de que é padroeiro São Lourenço, tem esta freguesia a de N. S. do Rosário dos Pretos. Seu termo foi aumentado em 1840 com o da freguesia de Pas-mado, que foi suprimida, e é regado pelos ribeiros Sarapio, Siri e Tejucopaba, e pelo rio Massaranduba. Há nele seis engenhos, e grande comércio de farinha de mandioca. Sua população é avaliada em perto de quatro mil habitantes.

Tejucuçu. Ribeiro diamantino da província de Minas Gerais, no antigo distrito de Tejuco ou da cidade Diamantina.

Tejues. Nova freguesia da província de Minas Gerais, no distrito e oito léguas ao norte da cidade do Serro. Santo Antônio é o orago de sua matriz.

Telha. Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila de Icó, entre o rio Jaguaribe e o rio Cangati. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia, por decreto da assembleia geral de 11 de outubro de 1831, sendo as confrontações de seu termo duma parte os ribeiros Arere, Quinque e Truçú, e doutra o Cangati, o rio Jaguaribe até a fazenda da Boa Vista, que pertence ao termo da freguesia de Icó. Porém, este termo foi ao depois desmembrado, por lei da assembleia provincial, em 1838 ou 1839, e tirou-se dele o da nova freguesia de Mumbaça, assinando-se-lhes por ponto de separação o cume da serra Flamengo.

Temembó. Tribo de Índios que vivem nas serras da comarca de Pastos Bons, na província de Maranhão, e se estendem pelas margens do Manoel Alves e do rio dos Tocantins.

Tentém. Ilha do rio da Madeira, acima da vila de Borba.

Teotônio. Undécima cachoeira que se encontra descendo pelo rio da Madeira, a sessenta léguas do confluente do rio Guaporé com o Mamoré, e

Tereri

seis abaixo da cachoeira de Morrinho. A disposição em que se acha a penedia faz que as águas se repartem em quatro partes, e se despenham numa caldeira imensa obrada pela mão da natureza naquelas rochas, donde entram num canal que tem grandíssima correnteza. Transportam-se por terra as embarcações e as fazendas por uma vereda escarpada que poderá ter duzentas e cinquenta braças de comprimento, e jaz em oito graus e cinquenta e dous minutos de latitude. Acima dela se acha a aldeia dos Índios Pamás há muito civilizados.

Tepoti. Rio ao sul da província de Mato Grosso, que se vai ajuntar pela margem esquerda com o Paraguai, acima do confluente do rio Branco ou Correntes.

Tereré. Ribeiro da província de São Paulo, cujo curso é pouco conhecido, exceto na estrada real que vai para a província de São Pedro do Rio Grande, que ele atravessa correndo entre o rio Apiaí e o ribeiro Jaquaricatu.

Tereri. Rio da província de Mato Grosso, descoberto

⁷⁹⁸ Atual distrito de Tejuco-papo, município de Goiana/PE. (N/E)

Termo de Cuiabá

pelos primeiros sertanistas que exploraram aquela província no decurso do século XVI. (V. *Queima*.)

Termo de Cuiabá. Lugarajo nas margens do rio Paraguai, perto da serra das grutas de Nova Coimbra, nos confins da província de Mato Grosso. (V. *Nova Coimbra*.)

Terra dos Coelhos. Ilha da Guiana brasileira, entre os confluente dos rios Aruari ou Carapauris com o Amazonas, e o Araguari com o Oceano. O cabo do Norte é formado pela ponta oriental desta ilha. (V. *Cabo do Norte*.)

Terreiro. Ribeiro da província de Goiás, com uma ponte para serventia da estrada real. Separa este ribeiro o termo da freguesia da capital da província do da freguesia da Anta.

Tesouras. Nova vila da província de Goiás, na margem direita do rio de seu nome, em quinze graus e dezesseis minutos de latitude, dez léguas ao nor-nordeste de Santa Rita, e vinte e seis ao nor-noroeste da cidade de Goiás. Como o rio Tesouras abundasse de ouro, vieram muitos mineiros estabelecerem-se nas margens

dele, erigiram uma capela a São Miguel, que foi elevada à categoria de paróquia por provisão de 9 de julho de 1757, e a povoação ou freguesia tomou o nome de Tesouras, em razão dos grandes bandos de pássaros deste nome que ali acudiam; porém, como as minas se esgotassem, e que boa porção das terras do termo fossem estéreis, grande parte dos moradores se ausentaram desemparrando as casas, sendo que podiam tirar proveito das salinas que tinham naquele termo, de modo que por falta de fregueses foi a igreja de São Miguel anexada à matriz da freguesia da Anta. Aplicaram-se alguns agricultores à criação de gado, foise o número deles aumentando sobretudo depois do estabelecimento do sistema constitucional, de sorte que a assembleia provincial conferiu o título e honras de vila a esta antiga freguesia. As povoações mais notáveis de seu distrito são Anta e Santa Rita.

Tesouras. Rio da província de Goiás, que foi reconhecido por aurífero em 1754, e a quem os primeiros exploradores deram este nome, por isso que em suas margens encon-

traram grande quantidade de uns pássaros, cuja cauda se re- parte em duas partes que ar- remedam as pernas duma tesoura, quando eles as abrem e fecham. Nasce este rio nas serras que jazem obra de de- zoito léguas ao nordeste da cidade de Goiás, corre rumo de nordeste, atravessa a vila de seu nome, recolhe pela mar- gem esquerda o ribeirão do Peixe, e no cabo dum curso de cinquenta léguas pouco mais ou menos, se ajunta pela mar- gem direita com o Araguaia, algumas léguas passada a con- fluência do rio Vermelho, e obra de trinta acima da ilha do Bananal.

Tessemidu. Nome duma das numerosas tribos de Índios que dominavam nas margens do rio Araguaia, nas adjacências da ilha do Bananal.

Tessi. Povoação da província do Pará, cabeça dum colégio eleitoral, o qual, em 1841, não pôde votar no dia assinalado, de sorte que não teve parte na representação do seu distrito.

Texeira ou Teixeira.⁷⁹⁹ Lugarajo da província de Pernambuco, do termo da freguesia de Itambé. Foi originalmente um engenho.

⁷⁹⁹ Atual cidade de Teixeira/PB. (N/E)

Texeira ou **Teixeira**. Serra da província de Paraíba, ramo da cordilheira Borborema, com uma inscrição de caracteres que ninguém do país conhece, e que se presume ter sido escrita por algum Holandês. Há nesta serra uma igreja onde concorrem nos dias santos e domingos os moradores do contorno para assistirem aos officios divinos. Jaz esta igreja sete léguas, com pequena diferença, ao sueste da freguesia de Patos, de cuja matriz depende.

Tiaia.⁸⁰⁰ Antiga fazenda dos jesuítas, na província do Ceará, no distrito da vila de Viçosa. Na expulsão desta ordem dos Estados portuguezes os rendimentos desta fazenda foram applicados à conservação do hospital da vila, e ao conserto das estradas do distrito; porém é para lastimar que os vigários que foram encarregados sucessivamente da administração dela a deixassem chegar ao estado de decadência em que se acha.

Tibagi.⁸⁰¹ Povoação da província de São Paulo, no distrito da vila de Castro, sobre o ribeirão do mesmo nome,

com uma igreja dependente da matriz da vila.

Tibagi. Ribeirão da província de São Paulo, em que dizem se acharam pedras preciosas e diamantes. Vem dos montes que jazem ao poente da baía de Cananeia, rega o distrito da vila de Castro, dirigindo-se para oés-noroeste, e recolhendo sobre a direita os ribeiros Pitanguí, Japo, Jocuriaí e Jaguariquatu, e sobre a esquerda o Cairuçu, único digno, de notar-se, e depois de ter corrido pelos campos de Guarupaba infestados pelo gentio, vai juntar-se pela margem esquerda com o rio Paranapinema, quase no meado de seu curso.

Tibaia.⁸⁰² Vila da província de São Paulo. (V. *Atibaia*.)

Tibaia. Ribeirão da província de São Paulo. (V. *Atibaia*, ribeirão.)

Tibão. Serra do norte da província do Rio Grande do Norte, que se prolonga por espaço de cinco léguas pouco mais ou menos e se vai aos poucos arrasando à medida que se vai avizinhandando do mar

Tietê

onde fenece, sete léguas ao poente da ponta do Mel. Seu cume mais elevado arredado do mar se acha em quatro graus, quarenta e nove minutos e vinte segundos de latitude, e em trinta e nove graus, trinta e oito minutos e cinco segundos de longitude oeste. Esta serra é neste ponto o limite natural das províncias do Ceará e do Rio Grande do Norte.

Tibau.⁸⁰³ Lugarejo da província de Rio Grande do Norte, na comarca do Natal, três léguas ao sul da ponta Negra, e uma ao norte do Pernambuco.

Tibicuari ou **Tebicuari**. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, afluente do Jacuí. (V. *Taquari*, artigo 2º.)

Tietê. Grande rio da província de São Paulo, a que os Índios chamavam Anhembi. Nasce da serra do Cubatão entre as vilas de São Sebastião e de Santos. Encontrando em seu curso um sem número de estorvos, caminha este rio no rumo do sudoeste e de oeste, obra de cento e sessenta léguas até o rio Paraná, com

⁸⁰⁰ Atual cidade de Viçosa do Ceará/CE. (N/E)

⁸⁰¹ Atual cidade de Tibagi/PR. (N/E)

⁸⁰² Atual cidade de Atibaia/MG. (N/E)

⁸⁰³ Atual cidade de Tibau/RN. (N/E)

Tietê

quem se incorpora pela margem esquerda, três léguas, passada a cachoeira Urubupungá. Seu leito é tortuoso, e de granito em grande parte o fundo, e interrompido por penedias que ficam fora d'água, por ilhas, mais ou menos grandes, e por cachoeiras que interceptam a navegação. Durante uma parte do ano acha-se este rio envolto em espessas névoas que se dissipam muito tempo depois do nascer do sol. Sem falar nos ribeiros que recolhe em seu longo curso, mencionaremos os rios que nele entram, sendo um deles o Jundiá, passada cuja confluência, o Tietê forma uma cachoeira que os peixes não podem vingar, e rega a antiga aldeia Araritaguba, atualmente vila de Porto Feliz; quatro léguas mais adiante se lhe ajunta pela margem esquerda o rio Sorocaba, com mais alguns ribeiros, sendo o mais importante deles o chamado rio dos Lançóis; e pela direita os rios Capibari, Piracicaba, Jacaré Pipira-Mirim, Jacaré Pipira-Açu ou Pipira, de mais cabedal que o primeiro, cuja confluência fica a cinquenta e três léguas distante da vila de Porto Feliz, e enfim o Sucuri, setenta léguas abaixo do Jacaré Pipira-Açu, e dezoito antes da confluência do Tietê com o Paraná. As embarcações que vão da província de São Paulo

para a de Mato Grosso têm de passar cinquenta e seis cachoeiras, mais ou menos perigosas, todas no rio Tietê, entre o porto da vila de Porto Feliz e o Paraná, no qual fazem descendo obra de trinta e cinco léguas para entrarem no rio Pardo. As cachoeiras do rio Tietê sucedem-se umas às outras na ordem, e com os nomes que vamos relatar. Canguera, Juri-Mirim, Araranhanduba, Itanhaém, Tiririca, Machado, Itaguaçaba, Itaguaçaba-Mirim, Pirapó Pequeno, Pirapó Grande, Bejuí, Pilões, Garcia, Matias Peres, Itapema, Itapema-Mirim, Pederneira, Itaí, Ilha Pequena, Baranhão, Esteirão, Pitunduba, Itapuia, Bauru, Baruriú-Mirim, Baruriú-Açu, Sapezal, Congonhas, Vamicanga, Tambari Tiririca, Tambaú-Açu, Tambaú-Mirim, Comboia Vaca, Campo, Avandava-Mirim, Avandava-Açu, Escaramuça, Utupanema, Ilha, Mato Seco, Ondas Pequenas, Ondas Grandes, Funil Pequeno, Funil Grande, Guaicurituba-Açu, Aroçatuba, Aracanga-Mirim, Aracanga-Açu, Utupeba, Guaicurituba-Mirim, Itupira, as três apelidadas Três Irmãos, Itapura-Mirim, e o grande salto de Itapura, que se acha arredado do Paraná, obra de três léguas. (V. estes nomes.) Destas numerosas ca-

choeiras só duas interceptam de todo em todo a navegação, e são a de Itapura onde as águas se despenham perpendicularmente da altura de pouco mais ou menos cinco braças; de sorte que é mister transportarem-se por terra as fazendas e embarcações distância de sessenta e cinco braças, e a Avandava-Açu que tem pouco mais ou menos a mesma altura, e onde também é preciso transportarem-se por terra as embarcações e as fazendas, pelo menos distância de trezentos e setenta e cinco braças. Para se descer ou subir trinta e duas destas cachoeiras cumpre ter dobrado número de remeiros, e serem as embarcações puxadas à sirga. As margens do Tietê são em geral agrestes, encrespadas de rochedos, e acompanhadas de árvores de desmedida grandeza que dão frutos enormes de que se alimentam as cabildas nômadeas. Cita-se entre outras o jataiz, na casca de cujo fruto cabe um homem assentado, e de que os Índios se servem em guisa de canoas, e cuja madeira dura e resinosa é ótima para canoas de grande dimensão. As matas abundam em pássaros e aves singulares como o Anhuma negro ou casuar, que tem na cabeça e na ponta das asas certa espécie de esporões. Pesca-se neste rio grande variedade de pescado;

os mais grandes dos quais se salgam e se levam a vender aos mercados de Itu e de Sorocaba.

Tigioca. Cabo ou ponta de terra do continente da província do Pará, no ângulo meridional da foz do rio dos Tocantins, quatro léguas ao noroeste de Vilanova del rei, e vinte e cinco ao nordeste da cidade de Belém.

Tigres. Lagoa da província de Goiás, entre o rio Araguaia e o Vermelho. Tem sempre acima de sete palmos d'água, e sangra-se no rio Vermelho, por um canal ou ribeiro chamado também dos Tigres. A assembleia geral, por lei de 6 de julho de 1832, ordenou que se abria um porto na junção deste ribeiro, e que nele se colocariam os Índios, que se quisessem sujeitar às leis e usos do Império debaixo da direção dum missionário; não nos consta porém que as disposições desta lei fossem postas em execução.

Tijucupabo ou Tijucoabo.⁸⁰⁴ Freguesia da província de Pernambuco. (V. *Tejucopaba*.)

Tijuco. Todos os artigos deste nome escritos com *i*

devem-se buscar com *e*. (V. *Tejuco*.)

Timbira. Tribo índia que se presume ser oriunda da nação dos Tupinambás. Vivem ainda no estado de barbárie, entre o rio das Balsas e o de Manoel Alves, no sudoeste da província do Maranhão, repartidos em duas cabildas; uma que reside nas serras, e outra que vive nos campos. Os primeiros exploradores puseram aos Índios desta tribo o apelido de Canelas Finas, por isso que tinham as pernas, e o corpo delgado; pretendem alguns que igualam na carreira aos cavalos. As armas destes Índios são arcos e setas, e uma espécie de clava ora pequena, ora grande, e feita duma madeira de cor de viola. São apaixonados das bebidas espirituosas, de que bebem grande quantidade nos dias de festa, porém começam a civilizar-se e cultivam inhame, abóboras, mandioca e mandubim; alimentam-se principalmente de veação e da fruta que encontram nos matos, onde dizem que há uma lagoa salgada e minas de sal.

Timbó. Nome da principal aldeia da ilha do Maranhão, cujos Índios foram os primei-

Tindigura

ros que fizeram aliança com os franceses desde o ano de 1594 até 1615, em que estes foram obrigados a capitular, e a evacuar a ilha.

Timbora. Serra da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, entre a serra do Cincurá e a baía de Todos os Santos. O rio Paraguaçu passa por esta serra, e dela se despeinha nos campos antes de ir regar a cidade da Cachoeira. Tem minas de cobre segundo se afirma.

Timbora. Cachoeira do rio Paraguaçu, na província da Bahia. É menos alta que a do Cincurá, no mesmo rio; mas não deixa por isso de interceptar a navegação a pequena distância da cidade da Cachoeira.

Timonha. Serra da província do Ceará, ao norte da serra Araripe, e a pequena distância dela. Estende-se por decurso de muitas léguas do sul para o norte. Seus riachos são auríferos.

Tindigura. Povoação da província de São Paulo, no distrito da cidade de Curitiba. Em 1842, constava a população de seu termo de mil e oitocentos habitantes, e todavia

⁸⁰⁴ Atual distrito de Tejucopapo, município de Goiana/PE. (N/E)

Tinguá

era ainda esta igreja um mero curato. Seus habitantes lavram viveres para seu consumo, e colhem mate ou chá do Paraguaí em que comerciam.

Tinguá. Dous são os ribeiros deste nome que se encontram na província do Rio de Janeiro, distinguem-se com o apelido de *Grande* e de *Pequeno*; ambos nascem na serra dos Órgãos, e se incorporam pela margem direita no rio Guapiaçu.

Tinguá ou Sacra Família.⁸⁰⁵ Freguesia situada na cordilheira dos Órgãos, quatorze léguas ao noroeste da cidade do Rio de Janeiro. Em 1715, abriram-se por esta serra vários caminhos para o sertão do Brasil, onde quase diariamente se estavam descobrindo novas minas de ouro. Formaram-se nela várias povoações que serviam de paradas aos aventureiros que se dirigiam para Minas, e erigiu-se um oratório dedicado à Sacra Família em casa de Joaquim Ferreira Varela, dono dum sítio chamado *a Rocinha*. Passado tempo edificou-se outra igreja numa fazenda que pertencia a Domingos Marques Correia, e a João Henrique Barata seu sócio, sempre com a mesma in-

vocação, e esta nova igreja serviu provisoriamente de paróquia daquela povoação derramada; porém como esta igreja se arruinasse, foi mister fazer-se outra no sítio das Palmeiras. Um alvará de 12 de janeiro de 1775 conferiu definitivamente a esta derradeira o título de paróquia. Seu termo confronta atualmente, ao norte, com o da vila de Vassouras; ao poente, com o de Pirai; ao sul, com os termos das freguesias das vilas de Itaguaí e de Iguazu; e ao oriente, com o de São José do Sumidouro, e é regado pelos rios Guandu, de Santana e de São José, que se ajunta com o Pirai, e pelos de Santo Antônio do Mato e de São Pedro, ambos tributários do Guandu, e também pelo ribeiro Novo, afluente do rio Santana. Há neste termo muitas fábricas de açúcar e de aguardente, bastantes canaviais, searas de milho e de mandioca; porém de 1820 em diante tem-se feito grandes roças, e plantado muitos cafezais de que se fazem anualmente abundantes colheitas. As conduções se fazem em cargas com bestas muares até o porto da freguesia de Jacutinga, donde se embarcam para o Rio de Janeiro. Nas margens do rio Guandu,

e perto do sítio donde este rio começa a correr com este nome, há uma capela da invocação de N. S. de Belém, que é filial da matriz de Sacra Família. Esta freguesia foi nomeada cabeça de colégio eleitoral.

Tinguá. Serra da província do Rio de Janeiro, ramo da cordilheira dos Órgãos, no termo da freguesia de Tinguá, aliás da Sacra Família. De sua encosta setentrional nasce o rio de Santana, e da contra encosta vários ribeiros que engrossam o Iguazu, afluente da baía Niterói ou Rio de Janeiro.

Tinguçu. Ribeiro da província do Rio de Janeiro. (V. *Itinguçu*.)

Tingui. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Maricá: dela nasce o ribeiro Tingui, que depois de correr para o sueste, se vai lançar na enseada a mais setentrional da lagoa Saquarema.

Tinharé. Ilha da província da Bahia, na comarca de Valença, ao su-sudoeste da baía de Todos os Santos. Acha-se separada do continente por um esteiro ou canal estreito, porém fundo, que tem o mesmo

⁸⁰⁵ Atual distrito de Sacra Família do Tinguá, município Engenheiro Paulo de Frontin/RJ. (N/E)

nome; da parte do norte, pelo ribeiro Una; e da do sul, uma das duas bocas do Jiquié a divide da ilha Tupiaçu. Nesta ilha aportou em 1535 Francisco Rameiro, procurador do donatário Jorge de Figueiredo Correia, quando com uma frota veio povoar a capitania dos Ilhéus, dando princípio à povoação do Morro de São Paulo.

Tiquira ou Itiqueira. Ribeiro que nasce na serra do nome precedente, corre entre o do Arrozal e um ribeiro de pouca monta, chamado Peixe do Couro, atravessa a nova estrada que vai de São Paulo para Cuiabá, e vai incorporar-se pela margem esquerda com o Pequiri, afluente do Porrudo ou rio de São Lourenço. No ponto em que atravessa a estrada de Cuiabá tem este rio obra de dezoito braças de largo.

Tira Catinga. Nome dum monte mui alto do continente da província de Santa Catarina, continuamente açoutado dos ventos. Jaz sobre a estrada que vai da vila das Lages para a baía de Santa Catarina.

Tiririca. Serra da província do Rio de Janeiro, uma das

confrontações do distrito da vila de Maricá.

Tiririca. Lagoa da província de Sergipe, no distrito da vila do Lagarto; é uma das confrontações do termo da freguesia de Simão Dias.

Tiririca. Quinta cachoeira que se encontra na descida no rio Tietê, na província de São Paulo, duas léguas e meia acima da vila de Porto Feliz. Acha-se entre a cachoeira de Itanhaém e a do Machado, a meia légua distante duma e doutra. Descem e sobem por ela as embarcações com carga.

Tisoiras. Vila e rio da província de Goiás. (V. *Tesouras*.)

Titóia. Praia arenosa do marítimo da província do Ceará, entre o ribeiro Temonha ao oriente, e o rio Iguaçu ao ocidente. Em 1614, Jerônimo de Albuquerque se fortificou neste ponto, na ocasião em que se dispunha a obrigar os Franceses a evacuar a ilha de Maranhão, onde havia tempo que se tinham fortificado.

Tituamonha.⁸⁰⁶ Povoação da província das Alagoas, no distrito da vila de Porto das Pedras, com uma escola de

Tiúba

primeiras letras criada por lei provincial.

Tiúba. Povoação e serra da província da Bahia, no distrito da vila de Urubu.

Tiúba. Povoação da província da Bahia, no distrito da nova vila de Monte Santo. Está situada na serra do seu nome. Sua igreja, de que é padroeiro São Gonçalo de Amarante, depende da matriz da vila. Teve escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, que foi transferida para Monte Santo por uma resolução da assembleia provincial em 1837, por isso que a população havia sensivelmente diminuído à proporção que as minas se iam esgotando.

Tiúba. Serra aurífera da província da Bahia, na antiga comarca da Jacobina, atualmente no distrito da vila de Monte Santo. Tem várias povoações derramadas. Nas sumidades mais altas faz bastante frio. Esta serra teve também nos tempos passados os nomes de Monte Alto e de Itiuba. Tem ouro e granito, porém as minas começam a esgotar-se.

⁸⁰⁶ Atual povoado de Tituamonha, município de Porto de Pedras/AL. (N/E)

Toá

Toá. Fazenda nacional da província de São Paulo. A assembleia legislativa da província pediu à assembleia geral houvesse de a incorporar com o patrimônio da província, proposição que foi adiada indefinidamente.

Tocantins.⁸⁰⁷ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, na margem esquerda do rio do Bacalhau, duas léguas ao nordeste da vila de Traíras, e oito léguas distante da margem esquerda do rio Tocantins. Suas minas foram descobertas em 1735 por Antônio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Tomar, e foi o ouro em tanta cópia que os habitantes fizeram edificar as igrejas da Boa Morte, do Rosário, de Santa Ifigênia, e por fim a de São José, que passa por ser a mais bela de todas as da província, bem que se lhe possa notar o defeito de não ter suficiente altura, atenta a vastidão da nave. Esta igreja foi criada paróquia por alvará de 10 de janeiro de 1755. Um decreto de 7 de junho de 1831 criou nesta freguesia uma escola de primeiras letras, e uma lei provincial de 1836 lhe conferiu o título de vila com o nome de São José dos Tocantins, desmembrando o termo

de sua freguesia do distrito de Traíras. Esta nova vila é ornada duma linda ponte sobre o rio do Bacalhau. Seria para desejar que seus habitantes dessem renúncia às minas, e se entregassem inteiramente à agricultura, cujos benefícios são mais certos. Alguns indivíduos deste termo criam gado, mas são obrigados a se guardarem do gentio Caiapós, bem que já não seja tão feroz, como ao princípio o era.

Tocantins. Vila da província do Pará, recentemente fundada com o intuito de trazer à civilização os Índios. Seus moradores pediram de a transferir para o sítio chamado *Mangabeiras*, por isso que eram ali as terras mais férteis, melhor a vista, e mais fáceis as comunicações por terra com a vila de Cameté.

Tocantins. Grande rio de Brasil, sobre cujo nascimento contendem outros muitos, gloriando-se cada um de lhe ter dado origem. É o primeiro dentre eles o Urubu, que se ajunta com o das Almas, pela margem esquerda. O segundo o das Almas, que com o tributo do Urubu, dá navegação a iates até a sua confluência com o Maranhão, uma légua

abaixo da povoação de Água Quente; porém com muito mais razão poderia o Maranhão disputar aos dous primeiros a glória de correr com o nome de Tocantins, pois que vem de muito longe, dado que um pouco mais da banda do oriente, recolhe o pequeno rio chamado também dos Tocantins, corre ainda mais obra de cinquenta léguas entre a junção do das Almas, e sua confluência com o Paranatinga, a qual se efetua em doze graus de latitude, e que é neste ponto, que desde o princípio do descobrimento até o dia de hoje, corre o Tocantins com o nome por que é conhecido. Vinte e cinco léguas depois desta confluência recolhe o Tocantins pela esquerda o rio de Cana Brava, e um pouco mais adiante se lhe incorpora pela direita o de Luiz Alves, e passado mais um certo espaço lhe entra pela margem oposta o das Tabocas. Toma então o Tocantins do sudoeste para o norte, e recolhe pela direita o ribeiro de Manoel Alves Salobre, e o rio do Sono quarenta léguas abaixo do de Luiz Alves. A quarenta e cinco léguas da confluência do rio do Sono sempre sobre a direita vem o rio de Manoel Alves Setentrional, muito mais pos-

⁸⁰⁷ Atual cidade de Niquelândia/GO. (N/E)

sante que os rios atrás mencionados, engrossar com o cabedal de suas águas o Tocantins, o qual descrevendo então dous semicírculos, um para o oriente, e outro para o ocidente, corre no rumo do norte obra de trinta léguas, no cabo das quais recolhe pela margem esquerda em seis graus de latitude o rio Araguaia com cujas águas se engrossa do dobro; a vinte e oito léguas deste rio vê-se o Tocantins empachado com as três cachoeiras das Tabocas, passadas as quais, torna a correr com majestade fazendo vários rodeios, e recebendo sucessivamente os tributos do Arari, cujas águas medicinais são causa de o apelidarem rio da *Saúde*, e do braço meridional do Amazonas pela esquerda, e pela direita, os dos rios Moju e Guamá, até que afinal se precipita no Oceano, vinte e cinco léguas abaixo da cidade de Belém, entre a margem oriental da ilha de Marajó, e a ponta Tigioca do continente. No lugar onde o rio do Maranhão se ajunta com o Paranaatinga, e donde o rio dos Tocantins começa a correr com este nome, suas margens são em geral ocupadas por tribos de Índios bravos mais ou menos amigas da paz, e seu curso até a ponta Tigioca é de duzentas e sessenta léguas pouco mais ou menos. Na

província de Goiás rega o Tocantins as vilas de Porto Imperial e de São João das Duas Barras; na do Pará banha os fortes de Arroios e de Alcobça, a aldeia da Pederneira, e progressivamente as vilas de Baião, de Abaité, de Beja, Conde, Cametá, e a da Vigia perto de sua embocadura. A maré chega até o forte de Alcobça pouco mais ou menos oitenta léguas arredado do mar. Defronte da vila de Cametá pode este rio ter duas léguas de largura, porém em geral tem menos fundo que o Tapajós e o Madeira que também se incorporam com o Amazonas, porém um pouco mais para a banda do ocidente. Francisco Caldeira de Castelo Branco veio em companhia dalguma tropa portuguesa residir na foz do rio dos Tocantins em 1615 (V. *Belém*.) Trazia este oficial superior missão para fundar uma vila no Pará: porém passou-se mais dum século antes que o governador D. Francisco de Souza Coutinho se lembrasse de tratar de civilizar os Índios, levando-os por meios brandos. Para consegui-lo mandou este governador um destacamento de trezentos homens para um sítio muito acima daquele onde está atualmente sita a vila de Cametá, ordenando ao comandante dele de semear as terras daquilo que

Tocantins

lhe fosse mister para a sustentação da tropa, e em especial dos Índios daquelas adjacências. Acostumaram-se estes a alimentar-se com aqueles vegetais, deram-se-lhes instrumentos para os cultivarem em suas aldeias, e com o andar do tempo os próprios cabeceiras deles vieram a fazer aliança com o governador. Porém por uma fatalidade inexplicável os governadores que lhe sucederam destruíram esta boa harmonia, e os Índios se tornaram de novo inimigos declarados dos Paraenos. No ano de 1773 o governador de Goiás José de Almeida Vasconcelos de Sobral e Carvalho teve a satisfação de ver efetuar-se a navegação do Tocantins até o Pará, e D. João Manoel de Menezes contrastando a violência da corrente foi de Belém ao Araguaia pelo qual subiu em 1800 indo para a cidade de Goiás, quando foi tomar posse do governo daquela província. A margem do rio dos Tocantins é atualmente povoada de Índios ainda bravos, mas já algum tanto afeiçoados à civilização: para determiná-los a abraçá-la dentro em pouco tempo e com sucesso, seria mister fundar nas margens deste rio algumas colônias com gente suficiente para se fazer respeitar dos Índios bravos que seria fácil ganhar com alguns pre-

Tocantins Pequeno

sentes. Dar-lhes-iam os colonos exemplos de trabalho, ao passo que se aproveitariam infíndos gêneros que acabam por estragar-se em terras sem moradores, e onde ninguém se atreve a penetrar, aventurando-se a subir por aqueles rios com medo das cabildas que em suas margens vivem. Estas colônias prestariam aos viajantes paradas cômodas e seguras, e fariam com eles as costumadas trocas; as embarcações não seriam obrigadas a sobrecarregar-se de munições de boca, e levariam mais fazendas, e sendo as viagens menos dispendiosas, e mais cômodas, o preço das fazendas seria mais favorável para os consumidores, e a comunicação por água entre o Pará e Goiás por via deste rio mais fácil.

Tocantins Pequeno. Rio da província de Goiás. Vem da serra dos Viadeiros, dá navegação a canoas, e se incorpora pela margem direita com o rio do Maranhão. Alguns geógrafos talvez tiveram tentação de considerar este rio como verdadeiro fontanal do Tocantins; porém o rio Maranhão vem de muito mais longe, tem mais cabedal, e mesmo nesta parte de seu curso não oferece

o menor ângulo: e pelo contrário o Tocantins Pequeno não vem de longe, corre para o ocidente, e toma para o norte pela força das águas do rio que em si recolhe. Separa o Tocantins Pequeno a diocese de Goiás da do Maranhão, mas não assim as províncias.

Tocoios.⁸⁰⁸ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Jequitinhonha, obra de vinte léguas ao norte da cidade de Minas Novas, e perto de trinta acima da povoação de São Miguel. Teve princípio num registo estabelecido em 1730 neste passo do rio, para vigiar sobre o contrabando do ouro, e impedir toda a busca de diamantes. A igreja desta povoação foi filial da matriz da freguesia de São Domingos; mas a assembleia provincial lhe conferiu o título de paróquia, e seu primeiro vigário foi o Bispo atual do Rio de Janeiro.

Tocujus. Grande ilha despoçada, perto da costa da província do Pará, muito tempo cobiçada dos Ingleses, e disputada pelos Portugueses.

Todos os Santos. Baía grande e soberba da província

que dela tomou o nome que forma no continente um golfo de perto de doze léguas, contadas da ponta de Santo Antônio na entrada dela até a sua extremidade setentrional. Sua maior largura do oriente ao ocidente é de seis léguas, porém em tão grande extensão não tem por toda parte o fundo que é mister para naus. Por ordem d'El-Rei D. Manoel, Cristóvão Jaques assentou, em 1503, na entrada desta baía um padrão com as armas de Portugal. Entre a baía e o mar alto jaz a ilha de Itaparica, a qual deixa duas entradas aos navios; a que jaz ao poente dela é um pouco estreita por causa dos bancos de areia de que se acha rodeada a ponta continental do Garcia, e a de Caixa Prega na extremidade meridional da ilha, tem pouco fundo, e é sinuosa obra de três léguas. A segunda entrada parece à primeira vista não ser menos de duas léguas de largura da ponta de Santo Antônio até a da Penha, que faz parte da ilha, porém os bancos de areia, que parecem ali terem sido postos de sobremão duma e doutra parte para vedar a entrada, deixam um canal profundo com uma légua de largo. Os ventos que reinam no decurso

⁸⁰⁸ Atual distrito de Tocoios de Minas, município de Francisco Badaró/MG. (N/E)

do dia na baía fazem que os navios podem a toda a hora ir dar fundo ao pé da cidade, e a viração da terra que se alevanta regularmente pela manhã os favorece na saída. Todas as terras que cercam a baía são em geral pouco altas e plantadas de coqueiros, e as canas dão-se também nelas, quando não são sujeitas a serem alagadas nas enchentes das marés: nas mais altas está assentada a cidade da Bahia, entre as pontas de Santo Antônio e de Monserrate, as quais formam como uma enseada semicircular na entrada da baía. Um sem número de lugarejos acompanham as margens dela e as dos rios, que facilitam o transporte dos gêneros. O principal destes rios é o Paraguaçu, nos outros só com favor da maré podem navegar iates. Os navios de guerra vão dar fundo nesta baía a duzentas até mil braças do forte de São Marcelo, mais conhecido com o nome de forte do mar. Os navios mercantes governam-se ao norte deste forte, e vão dar fundo defronte da península de Itapagipe, ao sul da ponta de Monserrate. Foi nesta baía que se fez antes de 1740 a primeira armação de baleia no Brasil.

Todos os Santos. Rio de pouco cabedal da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Nasce no centro da serra das Safiras da reunião de muitos ribeiros, corre fazendo alguns giros em terras despoçadas do oeste para o nordeste, e se junta pela margem direita com o rio Mucuri, tendo chegado à encosta oriental da serra dos Aimorés. Houve um projeto de povoar as margens deste rio entre o rio Doce e o Mucuri, com os que fossem condenados às galés, e é para lastimar que sendo tão útil não tivesse efeito, e que estas terras estejam até agora ocupadas por cabildas dos Índios nômadas.

Toiros.⁸⁰⁹ Baía, porto de mar e vila aprazível da província do Rio Grande do Norte, ao sul do cabo de Toiros, e vinte e duas léguas ao norte da cidade do Natal. Deram princípio à vila alguns colonos europeus que no princípio do século XVIII assentaram morada nas margens desta baía que apelidaram dos Toiros, por ali terem encontrado alguns, e edificaram uma igreja, que dedicaram ao Bom Jesus dos Navegantes, motivo por que aquela povoação foi por algum tempo apelidada Bom

Toiros

Jesus. A grande seca que houve nos sertões do Brasil, desde 1792 até 1796, fez que os habitantes do interior acudissem à beira-mar, onde as virações mitigavam o ardor do sol, o que foi causa do rápido aumento da população de Toiros e do de sua indústria. Sua igreja foi decorada com o título de paróquia por decreto de 5 de setembro de 1832, e por um novo decreto de 3 do mês seguinte se lhe concedeu uma escola de primeiras letras. Como a população tendesse a aumentar-se, a primeira assembleia legislativa provincial em 1835 conferiu a esta povoação o título de vila, conservando-lhe o seu antigo nome, e desmembrando os distritos das vilas de Extremoz e de Vilanova da Princesa para formar o seu. A vila de Toiros tem um ar de vida, e seus habitantes parecem gozar duma abundância que se não observa nas demais vilas da província. A baía de Toiros é formada por uma quebrada do rochedo que jaz ao sul da ponta do Calcanhar, nela estão os navios amparados dos ventos do sul e do sudoeste, e acham um fundo de quatro para cinco braças d'água. Faz-se nela um comércio ativo de algodão de excelente qualidade; os outros

⁸⁰⁹ Atual cidade de Touros/RN. (N/E)

Toledo

artigos são sal, sola, courama e carne de porco salgada. O distrito desta vila é em geral arenoso, e se estende, da parte do sul, até o rio Massarungape em todo o longor de seu curso; da banda do ocidente, confronta com o distrito da Vila da Princesa; e da do oriente e do norte, é banhado pelas águas do Oceano. Avalia-se a sua população em perto de quatro mil habitantes, criadores de gado, lavradores de víveres, e especialmente de algodão.

Toledo.⁸¹⁰ Freguesia da província de São Paulo, na terceira comarca, de que é cabeça a cidade da Campina. Santa Bárbara é o orago de sua igreja que alcançou o título de paróquia em 1819, e seu termo foi tirado do da freguesia da vila de São Carlos, hoje cidade da Campina, e do da povoação de Piracicaba, atualmente vila da Constituição.

Tomar.⁸¹¹ Antiga vila da província de Sergipe, reduzida a mera povoação. (V. *Geru.*)

Tomar.⁸¹² Aldeia da Guiana brasileira, na margem direita

do rio Negro, obra de dezoito léguas acima de Moreira e três abaixo de Lamalonga. Dão-lhe frequentemente o nome de vila, porém nunca teve câmara. N. S. do Rosário é o orago de sua matriz; e seus moradores, mistura de Índios de diversas tribos, lavram os víveres de que não mister, e cozem tijolos, telhas, e louça de barro que levam a vender às diversas povoações sitas nas margens do mesmo rio. Dá-se espontaneamente nas terras deste termo a anileira.

Toque Toque. Ilhota da província de São Paulo, ao sul da península onde está assentada a vila de São Sebastião, na entrada do canal do mesmo nome que corre entre a ilha e o continente, em vinte e três graus, cinquenta minutos e dezenove segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, cinquenta e cinco minutos e quarenta e nove segundos de longitude ocidental.

Toque Toque. Canal com quatro léguas de comprimento, entre a ilha de São Sebastião, e o continente, ao nordeste da província de São

Paulo. A entrada do norte, entre a ponta da Armação na ilha e a do Arpour no continente, poderá ter uma légua de largo; porém ao sul da vila de São Sebastião este canal tem menos duma terça parte de légua, e se alarga na extremidade da ilha. Ambas as suas margens oferecem ótimos surgiduros aos navios de guerra, que se acham amparados contra todos ventos, e surtos num fundo de vasa com oito até vinte e cinco braças d'água.

Toropi. Rio da província de São Pedro do Rio Grande: vem dos campos da Vacaria, corre rumo de sudoeste, recolhendo vários ribeiros de pouco porte, sendo o Ibicuí-Mirim o de maior cabedal, que se lhe ajunta pela margem esquerda, e vai juntar-se com o rio Ibicuí pela margem oposta junto da povoação da Forquilha.

Torre. Serra da província do Ceará no termo da antiga vila de Mecejana.

Torre de Ávila.⁸¹³ Antiga vila da província da Bahia, fundada por Garcia de Ávila,

⁸¹⁰ Atual cidade de Santa Bárbara d'Oeste/SP. (N/E)

⁸¹¹ Atual cidade de Tomar do Geru/SE. (N/E)

⁸¹² Atual localidade de Tomar, município de Barcelos/AM. (N/E)

⁸¹³ Atual cidade de Mata de São João/BA. (N/E)

doze léguas ao nordeste da cidade capital da província. Perdeu esta vila em bem poucos anos o esplendor que lhe havia dado o seu fundador; não restando dela há muito outra cousa mais, que uma alta torre de pedra num teso verdejante, no alto da qual trabalha um telégrafo, que está em doze graus, trinta e dous minutos e vinte e seis segundos de latitude, e em quarenta graus vinte minutos e cinquenta e oito segundos de longitude ocidental. A uma légua desta torre, e perto do mar, há uma povoação chamada *Açu da Torre*. (V. este nome.)

Tracunhaém.⁸¹⁴ Freguesia antiquíssima da província de Pernambuco, na comarca de Nazaré, dez léguas ao poente da vila de Goiana. Santo Antônio é o orago de sua igreja. Seu termo foi desmembrado em 1821 para se formar o da nova freguesia de São Joaquim das Laranjeiras. Avalia-se a sua população em quatro mil habitantes pouco mais ou menos, os quais lavram bastante algodão que mandam para a vila de Goiana por via dos ribeiros

que fertilizam aquele termo, e de Goiana é o dito algodão embarcado para o porto ou cidade do Recife.

Tracunhaém. Ribeirão da província de Pernambuco, a cuja heira está assentada a freguesia que tem o mesmo nome. Vem do interior das matas, corre do ocidente para o oriente, dando navegação a canoas por espaço de doze léguas, e muda de nome, ajuntando-se com o ribeiro Capi-bari-Mirim, e ambos unidos tomam, passada a vila de Goiana, o nome dela, e com ele se vão lançar no mar, três léguas mais adiante, três léguas ao norte da ilha de Itamaracá. As águas do Tracunhaém são potáveis na sua cabeceira; mas passada a povoação deste nome, passam por pouco saídas por isso que correm, segundo se presume, por terras salitrosas.

Traição. Baía da província de Paraíba. (V. *Acejutibiró* e *São Miguel*, artigo 5º.)

Traimirim. Ribeiro que nasce dos pântanos do termo da freguesia da Trindade, na provín-

Traíras

cia do Rio de Janeiro, e vai incorporar-se pela margem direita com o rio Macacu.

Traipu.⁸¹⁵ Antiga aldeia da província de Pernambuco, atualmente vila da das Alagoas. (V. *Santo Antônio-Mirim*.)

Traira. Lagoa da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Campos.

Trairapunga.⁸¹⁶ Antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, e povoação entre os ribeiros Pavuna e Pioim. (V. *Miriti*.)

Traíras.⁸¹⁷ Vila da província de Goiás, banhada pelo rio das Traíras, seis léguas acima de sua confluência com o Maranhão. Foi este rio aurífero descoberto em 1735 pelos sertanistas Antônio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Tomar; os quais mandaram erigir em suas margens uma igreja a N. S. da Conceição, que foi elevada à categoria de paróquia em 1780. Longo tempo depois estabeleceu-se nesta povoação um julgado, e o governador Luiz da Cunha Menezes organizou

⁸¹³ Atual cidade de Tracunhaém/PE. (N/E)

⁸¹⁴ Atual cidade de Traipu/AL. (N/E)

⁸¹⁵ Atual cidade de São João de Meriti/RJ. (N/E)

⁸¹⁶ Atual distrito de Tupiraçaba, município de Niquelândia/GO. (N/E)

Traíras

nela uma companhia de artilharia de pretos, para rebaterem os assaltos dos Índios. Um decreto de 7 de junho de 1831 lhe concedeu uma escola de ensino mútuo; e por outro decreto de 11 de novembro do mesmo ano, foi esta antiga freguesia elevada à categoria de vila, tendo por distrito o termo de seu julgado, e toda a mais terra até o rio do Maranhão. A vila de Traíras jaz em treze graus e vinte e cinco minutos de latitude, sessenta e nove léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Goiás, e é atravessada pela estrada que vai desta cidade para a vila de São João das Duas Barras. Seus arredores são aprazíveis e saudáveis; há neles uma caverna cuja abóbada oferece petrificações de diferentes formas, que soam como se foram de aço. Seu distrito foi coarctado em 1836 para se fazer o da vila de Tocantins, e consta atualmente das povoações de Água Quente, Cachoeira, Cocal, Lavrinhas e Maranhão. Avalia-se a sua população em cousa de dous mil habitantes, que lavram víveres, criam gado, e nos dias depois duma grande chuva

apanham o ouro que encontram nos ribeiros auríferos deste distrito, onde também se acham minas de talco de grandes lâminas, que se empregam na fabricação das lanternas marinhas.

Traíras.⁸¹⁸ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Curvelo, com uma igreja da invocação de Santana.

Traíras. Rio da província de Goiás, assim chamado por abundar deste gênero de pescado. Rega o distrito da vila de seu nome, e ajunta-se com o Maranhão, seis léguas abaixo dela. Foi reconhecido por aurífero em 1735 pelos sertanistas Antônio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Tomar. Mais ao norte corre um ribeiro do mesmo nome que é também tributário do rio Maranhão.

Traíras. Rio de medíocre cabedal da província de Mato Grosso, na Tapiraquia. Corre do sul para o noroeste, e vai incorporar-se com o rio Xingu. Suas margens são infestadas do gentio e das feras.

Trairi.⁸¹⁹ Povoação medíocre da província do Ceará, no distrito da vila de Soure, com uma igreja e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 26 de julho de 1833.

Tramandaí. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, chamado também *Tamarandabu*. Nasce na serra Geral, ao norte da cidade de Porto Alegre, atravessa as terras despoçadas vizinhas da província de Santa Catarina, recolhe, caminhando para és-sueste, as águas de várias lagoas que nele se sangram, e vai desaguar no mar, onze léguas ao sul da foz do rio Mampituba, em trinta graus e alguns minutos de latitude. O viajante que passa da província de Santa Catarina para a de São Pedro, e *vice-versa*, se vê sempre atalhado na jornada por este rio, cujo vau é perigoso, e que está pedindo imperiosamente a construção duma ponte.

Tramataia.⁸²⁰ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Mamanguape, cujo termo se acha encravado entre os rios Miriripe e Mamanguape, e o mar.

⁸¹⁸ Atual cidade de Santana de Pirapama/MG. (N/E)

⁸¹⁹ Atual cidade de Trairi/CE. (N/E)

⁸²⁰ Aldeia de Tramataia, município de Marcação/PB. (N/E)

Tramembés. Tribo de Índios da província do Ceará, que se acha atualmente mesclada e confundida com os moradores do distrito da vila do Sobral, especialmente com os do termo da freguesia de Almofala.

Trancoso.⁸²¹ Pequena vila da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro, quatro léguas ao sul da cabeça desta sobredita comarca, assentada na margem duma pequena baía que tem o mesmo nome, em dezesseis graus e trinta e quatro minutos de latitude. Foi em princípio uma aldeia fundada em 1586, e dirigida pelos jesuítas até a expulsão dos religiosos desta ordem dos domínios portugueses. Obteve o título de vila e foi elevada efetivamente a esta categoria em 19 de fevereiro de 1759, e sua igreja, cujo orago é São João Batista, foi criada paróquia em 1795. Por decreto de 16 de junho de 1832, teve afinal uma escola de primeiras letras. O distrito de Trancoso confina ao norte com o de Porto Seguro; entesta no mar da parte do nascente; no termo da vila do Prado da do sul; e da do

poente, fenece nas matas que separam a província de Minas Gerais da comarca de Porto Seguro. Contam-se nele mais de mil e quinhentos habitantes, pela maior parte Índios, pescadores e lavradores de algodão.

Trapia. Povoação de pouca importância da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

Traquatú.⁸²² Uma das seis aldeias fundadas no fim do século XVI, pelo padre Samuel Fritz, nas margens do rio das Amazonas. É atualmente a povoação de Fonte Boa, entre os confluente dos rios Jutai e Juruá com o Amazonas.

Tremedel.⁸²³ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila do Grão Mogor.

Tremembé.⁸²⁴ Linda povoação da província de São Paulo, na margem direita do rio Paraíba, perto do ribeiro de Taubaté, ornada com uma igreja do Bom Jesus, da dependência da matriz da freguesia da cidade de Taubaté.

Três Barras

Três Americanas. Ribeirão da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Nasce na serra das Esmeraldas da reunião das águas de três riberros, que giram pelos montes do vertente ocidental da cordilheira dos Aimorés, onde se acharam em janeiro e outubro de 1811 duas águas marinhas, uma do peso de quinze libras, e outra de quatro. Neste ribeirão se encontram várias espécies de pedras preciosas, como nos demais daqueles contornos. Ajunta-se o ribeirão das Três Americanas com o rio Preto, tributário do Mucuri, e a três léguas dele.

Três Barras.⁸²⁵ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Guaicuí ou das Velhas, no confluente e à direita dos riberros Paraíba e do Cipó. Teve princípio num registo que ainda existe, e que foi posto ali no decurso do século passado para vigiar sobre o extravio do ouro e dos diamantes.

Três Barras. Rio aurífero da província de Mato Grosso, no distrito de Arinos. Ignora-se qual seja a direção em que

⁸²¹ Atual distrito de Trancoso, município de Porto Seguro/BA. (N/E)

⁸²² Atual cidade de Fonte Boa/AM. (N/E)

⁸²³ Atual cidade de Monte Azul/MG. (N/E)

⁸²⁴ Atual cidade de Tremembé/SP. (N/E)

⁸²⁵ Atual cidade de Três Rios/RJ. (N/E)

Três Barras

corre, sabe-se somente que se ajunta com o Tapajós pela margem direita, mais de cem léguas abaixo da confluência dos rios Juruena e Arinos, onde o Tapajós começa a correr com este nome.

Três Barras. Rio do continente da província de Santa Catarina, assim chamado pela reunião de três ribeiros que deságuam por uma só boca na baía de Babitonga. São estes ribeiros o Furta Enchente da parte do sul, o São João no meio, e o das Três Barras da banda do norte. Em 1840 deu-se princípio a uma estrada deste rio para a cidade de Curitiba.

Tresedelas. Antiga aldeia da província do Maranhão, no distrito da vila de Caxias, asentada na margem esquerda do Itapicuru quase defronte da vila de Caxias. N. S. do Rosário é a padroeira de sua matriz, tem escola de primeiras letras, que foi criada por lei provincial de 22 de maio de 1838, e faz bastante comércio em razão da vizinhança do rio.

Três Forquilhas. Assim se apelida, na província de São Pedro do Rio Grande, certo lugar em que vários ribeiros se vão ajuntar, e que fica ao norte do rio Tramandaí, perto da estrada imperial, por onde se vai

da cidade de Porto Alegre, para as províncias de Santa Catarina e de São Paulo. Chamam-no também *Rincão das Três Forquilhas*.

Tresidelas. Aldeia da província do Maranhão. (V. *Tresedelas*.)

Três Irmãos. Serra que consta de três morros quase de igual grandeza, entre a cidade de São Cristóvão e o mar, na província de Sergipe, na margem direita do rio Irapirang ou Vaza Barris.

Três Irmãos. Ponta que se adianta pelo mar, na costa setentrional da província do Rio Grande do Norte. Fica por detrás dum dos parcéis do banco de São Roque, a que os marítimos dão o nome de *Lavandeira*. É esta ponta larga e obtusa, e jaz em cinco graus e dous minutos de latitude, e em trinta e oito graus e dezoito minutos de longitude ocidental.

Três Irmãos. Grupo de três ilhotas, ao su-sueste da extremidade meridional da ilha de Santa Catarina.

Três Irmãos. Sétima cachoeira do rio da Madeira na descida. Acha-se trinta e nove léguas abaixo da reunião dos rios Guaporé e Mamoré, sete

depois da cachoeira do Paredão, e oito antes da do Jirau. Consta de muitos degraus de rocha continuados por espaço dum quarto de légua. Passam por ela na descida com carga as embarcações, porém na subida é mister ter dobrado número de remos.

Três Irmãos. Nome de três cachoeiras a pequena distância umas das outras, na parte inferior do rio Tietê, na província de São Paulo, e são as quinquagésima segunda, terceira e quarta que se encontram neste rio quando por ele se desce. Passam-nas facilmente as embarcações subindo e descendo, e ficam meia légua facilmente da cachoeira Utupiru, e uma légua antes da de Itapura-Mirim.

Três Irmãos. Décima quarta cachoeira do rio Pardo em descendo, na província de Mato Grosso. Em certos tempos é mister transportarem-se as embarcações e fazendas por terra subindo e descendo-se por esta cachoeira, em outros não. Fica ela meia légua abaixo da de Tamandúá, e mais desta distância acima da do Taquaral.

Três Irmãos. Nona cachoeira do rio Coxim na descida, assim chamada de três penedos que ficam fora d'água, por

junto dos quais passam sem perigos as embarcações. Jaz esta cachoeira meia légua abaixo da das Furnas e outro tanto acima da de Álvaro.

Três Pedras. Sexta cachoeira do rio Coxim na província de Mato Grosso, na descida. Passam sem custo as embarcações por entre os três penedos de que consta. Fica esta cachoeira meia légua abaixo da Culapada, e duas e meia acima da de Quebra Proas.

Três Pontes.⁸²⁶ Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, sita entre o rio Grande, e o ribeiro das Mortes, tributário do rio de seu nome, dez léguas a leste da vila das Lavras do Funil. N. S. da Ajuda é o orago de sua igreja, que foi elevada à dignidade de paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, pelo qual se lhe assinalaram por filiais as igrejas de N. S. do Carmo, e do Espírito Santo da Varginha. Por lei provincial do 1º de abril de 1841 foi esta freguesia elevada à categoria de vila com o mesmo nome, sendo seu distrito formado à custa do da vila das Lavras do Funil. O distrito da vila de

Três Pontes compreende as povoações de Aguapé, de Campo Grande, Dores, Boa Esperança e Varginha. Sua população passa de três mil habitantes pela maior parte lavradores, sendo mui poucos os mineiros.

Três Portos. Lugarejo da província de Santa Catarina, a cinco léguas do mar, e nas margens do rio Araranguá, no lugar onde este rio tem grande largueza, e é mais profundo que em sua foz.

Trindade.⁸²⁷ Freguesia situada nos montes da serra dos Órgãos, a uma légua da margem direita do rio Macacu, e doze ao nordeste da cidade do Rio de Janeiro. No meado do século XVII, algumas famílias assentaram morada naquelas matas entre os nascentes do rio Macacu e do Guapiaçu, e edificaram uma capela de terra e madeira que dedicaram a Santíssima Trindade. Francisco da Silveira Dias, Prelado do Rio de Janeiro, na visita que fez à sua Prelazia em 1675 concedeu a esta capela algumas das prerrogativas paroquiais, e à força de consertos durou aquele edificio mais do que era para esperar-se. Em

Trindade

1736, traçou-se a planta duma igreja maior, de que só se pôde fazer o coro no ano seguinte, e nele se celebraram os officios divinos por espaço de perto dum século. Em vão um alvará de 26 de janeiro de 1755 elevou aquela igreja à categoria de paróquia, em vão o Bispo da nova diocese admoestou os fregueses de concluir a fábrica de sua matriz, pretenderam estes serem faltos de meios para contribuírem com o que era preciso para obra, de sorte que em 1821 ainda não havia da sobredita matriz senão o coro, onde se continuavam a celebrar os officios, e as quatro paredes de pedra da nave, até que no cabo de muito tempo se deu fim à obra há tanto começada. O termo desta freguesia pega, da parte do norte, com o da Nova Friburgo; a leste e ao sul, com o da vila de Santo Antônio de Sá; e ao oeste, acha-se separado pelo Guapiaçu dos termos das freguesias de Magé e de Guapimirim. Contam-se nele cinco fábricas de açúcar e de aguardente, e quatro mil habitantes, lavradores de canas, mandioca, arroz, milho, e há pouco tempo de café. Fazem também de há muito bastante

⁸²⁶ Atual cidade de Três Pontas/MG. Segundo o citado decreto de 14 de julho de 1832, a denominação era Três Pontas. (N/E)

⁸²⁷ Atual bairro de Trindade, cidade de Parati/RJ. (N/E)

Trindade

comércio de madeiras de construção, que descem pelos ribeiros Batatal, Pacocaia, Purima e Traimirim, tributários do Macacu, onde são postas em jangadas, e conduzidas para as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. O termo desta freguesia pertence ao distrito da vila de Santo Antônio de Sá, vulgarmente conhecida com o nome de Macacu.

Trindade.⁸²⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Sabará.

Trindade. Ilha da província do Espírito Santo, a dezoito léguas da costa. (V. *Ascensão*.)

Trindade. Missão portuguesa da província de Mato Grosso. No decurso do século passado constava duma numerosa população ao nascente do rio Mamoré e nas margens do Ibaré, quatro léguas acima da sua confluência com o Mamoré, onde entra pela margem direita. Avaliava-se então a sua população em três mil Índios, atualmente apenas haverá mil.

Triunfo.⁸²⁹ Vila da província de São Pedro do Rio Grande,

na margem esquerda do rio Taquari e perto do seu confluente com o Jacuí, doze léguas ao poente da cidade de Porto Alegre. Os moradores das margens destes dous rios erigiram uma igreja que dedicaram ao Bom Jesus do Triunfo, a qual lhes serviu de paróquia desde o ano de 1757, até que no de 1795 um alvará de 20 de outubro lhe conferiu definitivamente este título com o sobrepelido de Freguesia Nova. Seu termo, que era sobremaneira vasto na parte que respeita ao norte, dilatando-se pelos campos de Viamão, recebeu vários cortes, e dele se tiraram parte dos das freguesias de Santo Amaro, de Santana da Ilha dos Sinos, e de São José de Tebicuari. Depois de todos estes cortes a sua população achava-se em 1814 repartida da maneira seguinte:

Branços, de ambos os sexos	1.766
Índios, id	55
Livres de cor, id	240
Escravos, id	1.208
Recém-nascidos, id	193

Total.....3.462 almas.

A assembleia geral por decreto de 25 de outubro

de 1831 elevou afinal esta freguesia à categoria de vila, e de cabeça dos colégios eleitorais de Dores, Santo Amaro e São José de Tebicuari que são do seu distrito, por terem sido desanexados da cidade de Porto Alegre. A vila de Triunfo é dividida pela estrada assaz má por onde se vai da vila do Rio Pardo para a capital da província, tem um porto que admite iates; as canoas grandes e pequenas sobem pelo Taquari acima obra de quinze léguas até o lugar onde se lhe incorpora o ribeirão das Tainhas, tem também escola de primeiras letras, e seu termo dá trigo, linho, e além das plantas ordinárias do país, grande quantidade das produções da Europa.

Tromba. Serra da província da Bahia, na distância de oito léguas ao noroeste da vila do Rio de Contas: dela nasce o rio Jussiape ou de Contas, e vários ribeiros.

Tromba. Monte altíssimo do continente da província de Santa Catarina, na latitude da ilha de São Francisco. As canoas sobem pelo rio Cubatão até a raiz dele.

⁸²⁸ Atual cidade de Jequitibá/MG. (N/E)

⁸²⁹ Atual cidade de Triunfo/RS. (N/E)

Trombetas. Rio da Guiana brasileira; seu nome índio primitivo é *Oriximina* ou *Orixamina*. É o mais caudaloso dos que se juntam com o Amazonas pela margem esquerda, entre o rio Negro e o mar. Vem do norte, corre paralelamente com o rio Jamundás, e ao oriente dele, rega a vila de Óbidos, e se incorpora com o Amazonas por duas bocas desiguais, e pouco distantes entre si. Suas margens são ainda frequentadas pelo gentio que vem às vezes roubar o gado que se cria nelas acima da vila de Óbidos.

Trombudo.⁸³⁰ Povoação do continente da província de Santa Catarina, entre a vila das Lages, e o marítimo da província. Esta povoação é atravessada pela estrada conhecida com o nome de *Caminho do Trombudo*, que passa por entre os fontanais do rio Negro na província de São Paulo.

Trondono. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Inhambupe, com uma igreja de que é padroeira N. S. dos Prazeres, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Tuá. Ribeirão da província de São Paulo; é último tributário do rio Ivaí.

Tubarão.⁸³¹ Freguesia do continente da província de Santa Catarina, perto do rio do seu nome, e a quatro léguas de sua foz. N. S. da Piedade é o orago da sua matriz. O porto do Tubarão admite iates, e subindo-se por ele acima vai-se ter às terras onde vários mineralogistas estrangeiros afirmaram que haviam achado minas de carvão de pedra.

Tubarão. Ponta de terra na costa setentrional da província do Rio Grande do Norte, ao oriente da ponta dos Três Irmãos, entre o rio Aguamaré, e o Amargoso. A meda de Areia que jaz mais para a banda do norte está em cinco graus, um minuto, quarenta e nove segundos de latitude, e em trinta e oito graus, quarenta e oito minutos, vinte e cinco segundos de longitude ocidental.

Tubarão. Pontas, na entrada da baía do Espírito Santo, na província deste nome. Os marítimos devem arredar-se delas, e coserem-se com o monte Moreno para entrarem na sobredita baía, porque

Tubarão

deste modo se afastarão dos parcéis, que se prolongam setecentas e cinquenta ou oitocentas braças de distância da ponta do Tubarão, e dos arrecifes visíveis de que está cheia a baía perto do esteiro que serve de carreira para o porto da cidade da Vitória. Por detrás desta ponta se avista o monte de Mestre Álvaro, que fica defronte do monte Moreno, ao sul da boca da baía.

Tubarão. Rio da província de Santa Catarina, apelidado antigamente rio da *Laguna*, nome que mudou no de Tubarão. Nasce este rio no vertente oriental da cordilheira que divide a província de São Pedro do Rio Grande da de Santa Catarina, e corre por entre os montes com tão pouco cabedal que de nenhuma utilidade é para a navegação, mas em chegando ao lugar chamado *Porto da Guarda*, engrossa-se algum tanto e começa a dar navegação a canoas e a barcos até o mar, por espaço de dez léguas, e as sumacas somente por espaço de duas, desde a sua foz até o confluente do Capibari. Na proximidade do mar o rio Tubarão, a lagoa de Santa Marta à sua direita, e a

⁸³⁰ Atual cidade de Trombudo Central/SC. (N/E)

⁸³¹ Atual cidade de Tubarão/SC. (N/E)

Tubaré

Laguna à sua esquerda parecem desaguar no mar por uma só boca, apelidada vulgarmente *Barra da Laguna*. Em 1840 M. Parizot achou nas margens deste rio indícios certos da formação e existência de carvão de pedra, e pelo mesmo teor nas do rio Araranguá, do ribeiro Mãe Luiza, e no sítio chamado Passa Dous.

Tubaré. Dá-se este nome, e qualifica-se de rio a um braço do rio Amuruçu, que apartando-se do corpo principal do dito rio, vai regar a freguesia de Esposende, na Guiana brasileira, e se ajunta com o rio das Amazonas, a algumas léguas da confluência do Amuruçu.

Tubarões (Ilha dos). Ilha da província da Bahia, três léguas ao nor-noroeste da de Quiepe, e perto da embocadura do rio Serinheém. É povoada, rasa, tem água e muitos coqueiros.

Tucambira. Nome dado pelos Índios a um rio e a certos sítios onde acudiam em bandos os Tucanos. (V. *Itucambira*.)

Tucano.⁸³² Nova vila e antiga freguesia da província da

Bahia, na comarca de Itapicuru, a duas léguas do rio do mesmo nome. Foi longo tempo cabeça de julgado. Sua matriz, de que é padroeira Santana, é muito antiga. Tem escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e foi elevada à categoria de vila por lei da assembleia provincial, correndo o ano de 1842. Avalia-se a população de seu termo em mil e duzentos habitantes, que lavram mandioca, tabaco e algodão.

Tucunaré. Lagoa assaz grande da província de Mato Grosso, a pequena distância da margem direita do rio Madeira, para o qual tem um sangradouro, dezesseis léguas abaixo da cachoeira de Santo Antônio, e duas depois da confluência do rio Jamari.

Tucunduba. Nome do hospital dos lázaros da província do Pará, a pequena distância da cidade de Belém. Deve ser transferido para a fazenda do Pinheiro, logo que as obras que nesta propriedade se fazem para o recebimento dos doentes estiverem concluídas.

Tumbiras. Tribo de Índios das margens do rio das Amazonas, na província do Pará. Juntaram-nos, no fim do século passado, com outras tribos que residiam na vila de Fonte Boa.

Tumiara. Território da província de São Paulo, onde se achava a boca central conhecida com o nome de *Barra Larga*, ladeada da banda do norte do Guaíbe ou rio da Bertioga, e ao sul do rio de São Vicente.

Tumucucuraque. Serra do norte da Guiana brasileira, a sessenta léguas do mar; corre para o sueste na direção do cabo do Norte. Dela nasce o rio Gurupatuba.

Tunama. Rio da província de Mato Grosso. (V. *Itunama*.)

Tunifer. Serra da província do Rio de Janeiro, na margem esquerda do rio Paraíba. Serve de extrema entre os distritos de Barra Mansa e de Valença.

Tunuí. Grande serra da província do Pará, na Guiana brasileira, nas cabeceiras do rio Negro. Prolonga-se entre os rios Içana e Ixie, e está em

⁸³² Atual cidade de Tucano/BA. (N/E)

poder dos Índios das tribos Capuenas, Mendos, Uraqueanas e Banibas.

Tupiaçu. Ilha da província da Bahia, na comarca de Valença. Está situada entre a ilha Tinharé e o continente, de que se acha separada pelas duas bocas desiguais do rio Jiquié, e pelo canal onde estas duas bocas vão desaguar.

Tupinambarana. Tribo de Índios da grande nação dos Tupinambás, que viviam nas margens da lagoa Vaicurupa, dez léguas acima da junção do Furo dos Tupinambás com o rio Maué. Tupinambarana chama-se também uma porção do braço do rio Madeira, apelidada Canomá, Furo de Tupinambaranas e rio Maué, com cujo nome se lança no rio das Amazonas.

Tupinambás. Grande nação de Índios, que dominava no norte do Brasil, quando os Portugueses descobriram esta parte da América, e donde descendem grande quantidade de tribos ou pequenas nações, que são atualmente designadas com diferentes nomes. Com ser mui numerosa entendeu logo esta nação, quão insuficientes eram as armas de que os seus guerreiros usavam contra as de fogo de que vinham munidos os Europeus

que haviam aportado e desembarcado nas províncias da Bahia, Sergipe e Pernambuco, e retirando-se do marítimo, se foi internando passando de serra em serra, segundo que os Europeus se iam adiantando; não que deixassem de fazer de tempos a tempos entradas simultâneas nas povoações e fazendas dos novos vizinhos, e estes também da sua parte os não deixavam respirar acoçando-os como a feras. Em 1560, tornaram os Tupinambás a prudente resolução de desamparar afinal as terras, onde haviam visto succumbir a flor de seus guerreiros, e nesta ocasião algumas tribos desta nação contraíram aliança com os Portugueses, porém a totalidade dela se encaminhou para o rio das Amazonas, que ainda nesse tempo não era conhecido de seus inimigos. Como estes Índios fossem de seu natural belicosos, trataram em breve tempo as tribos que dominavam naquelas terras pelo mesmo teor com que haviam sido tratados pelos Portugueses nas que acabavam de evacuar. E daí vêm as nações e tribos pouco numerosas que generalizaram a língua tupinambá em todo o norte do Brasil, língua que foi pelo decurso do tempo adotada pelos colonos e missionários que vieram misturar-se com os Índios. No fim do

Tupinambás

mesmo século, outros Europeus aportaram nas margens do Amazonas, e havendo-se não como senhores, cousa que nem convinha à sua política, nem quadrava com as poucas forças com que eram vindos, mas como amigos, começaram a resgatar com os Tupinambás, e este estado de cousas durou até o ano de 1615, época em que os Portugueses se apoderaram da ilha do Maranhão, havendo deitado fora dela os Franceses. De então por diante viram-se os Índios obrigados a defenderem-se, e a lutarem com diferentes cabos portugueses como Francisco Caldeira, Baltazar, Rodrigues de Melo, Frago de Albuquerque, Bento Maciel, Matias de Albuquerque, Vital Maciel Parente e outros menos conhecidos que lhes fizeram uma guerra de extermínio, saqueando-lhes as aldeias, passando à espada quantos faziam mostra de querer resistir, e levando para as vilas aqueles a quem haviam perdoado em consideração de sua submissão, onde os repartiam entre si, ou vendiam como escravos, não em benefício do Estado, a cuja custa havia sido feita a expedição, mas em seu próprio proveito. Assim se extinguiu uma grande nação, e os que sobreviveram à ruína dela se retiraram para as margens dos rios do

Tupiniquins

sertão do país, e para as serras mais inacessíveis, e deram-lhes os nomes dos lugares onde haviam vivido e das cousas de que ordinariamente se serviam e por vezes dos chefes a quem haviam obedecido. Viviam os Tupinambás das frutas e do mel que colhiam nas matas, de pescado e de veação que soasavam assim mesmo como os tomavam. Os homens andavam sempre nus armados de arcos e setas, as quais ervaavam, quando tinham de pelejar com um inimigo comum ou particular. As mulheres andavam cingidas com um cendal de pano de algodão grosseiro com franjas. Alguns autores deixaram escrito que os Tupinambás não conheciam nem a poligamia nem o adultério antes da vinda dos Europeus, mas ainda admitindo esta hipótese que tem a seu favor toda a verossimilhança, deve-se presumir que se os homens não tinham senão uma mulher nem por isso davam à infidelidade a importância que lhe dão as nações civilizadas do antigo mundo. Enterravam os Tupinambás os mortos enovelados, como o feto no útero da mãe, em covas largas e fundas onde depositavam as suas armas e um vaso d'água. Dizem alguns que as covas eram pouco fundas porque não tinham os instrumentos que

eram mister para cavar a terra; como quer que seja, o certo é que escolhiam um lugar onde houvesse sombra, e por este motivo preferiam enterrar os mortos ao pé dum ambuzeiro. Em algumas tribos as mulheres fabricavam louça de barro, noutras eram os homens que as faziam de madeira, bem como as vasilhas necessárias para envasilharem as bebidas espirituosas que fabricavam com certas frutas por meio da maceração, de que se serviam nas grandes solenidades, e para ter a água. Depois da expulsão dos Holandeses no século XVII, os jesuítas interprenderam doutrinar na religião os Índios de todas as capitânicas do norte, e para esse fim aprenderam a língua *Tupis*, que veio por esse motivo a ser geral por decurso de mais de século e meio e até 1755, em que El-Rei D. José ordenou que todas as sentenças e escrituras seriam exaradas em língua portuguesa sobre pena de nulidade. Os Tupinambás que ainda existem cultivam os víveres da primeira necessidade, algumas árvores frutíferas e algodoeiros, porém a caça é sempre a paixão que neles domina, assim que todo o animal que veem num campo consideram-no, como se estivesse no meio dos matos, e não duvidam matá-lo, como ao princípio faziam. (V.

Tupis, descendentes dos primeiros Tupinambás.)

Tupiniquins. Nação de Índios assaz numerosa que dominava no marítimo da província da Bahia, nas terras a que Pedro Álvares Cabral havia posto o nome de *Vera Cruz* na ocasião em que a descobrira, e que foi ao depois chamada Porto Seguro. Viviam estes Índios em aldeias duma dúzia de casas na mais perfeita comunidade, posto que fossem quarenta e até cinquenta indivíduos de todo sexo e idade. As casas ou antes choças eram feitas com troncos de árvores cobertas com palha com uma porta em cada extremidade, e sem repartimentos no interior. Todos os da mesma casa dormiam em esteiras suspensas no ar, e faziam antes de se deitarem uma fogueira para afugentar os mosquitos e mais insetos. Furavam os beiços e as orelhas e metiam nos buracos rodela de pau, pintavam o corpo de diversas cores, porém de preferência de preto e vermelho. Andavam nus tanto os homens como as mulheres, e somente nos dias de festa cobriam os genitais com plumas. Tinham por armas arcos e setas. As mulheres se diferenciavam dos homens nos cabelos que traziam longos e

soltos. A cor natural destes Índios tirava para a do cobre. Os Tupininquins não tinham religião alguma: donde concluíram os primeiros exploradores que seria fácil convertê-los à religião cristã; e com efeito como fossem de índole branda e sociável, os Portugueses se aliaram com suas famílias, e as duas raças acabaram por confundir-se, e fazerem uma só. Algumas tribos menos conversáveis se retraíram para os sertões, o que não obstante em 1620 o governador da província do Rio de Janeiro, Martim de Sá, recebeu da Bahia muitos indivíduos das ditas tribos que colocou nas aldeias de Marambaia, de Itaguaí e de Mangaratiba; o restante parece ter sido vítima dos ferozes Aimorés.

Tupis. Grande nação de Índios vencedora doutras que dominava nas costas das Guianas francesa e brasileira, quando os Europeus se foram ali estabelecer. As tribos de que ela se compunha estão atualmente civilizadas, e vivem derramadas por diversas vilas do império do Brasil. Os autores antigos confundiram os Tupis com os Bugres, nação feroz que ainda atual-

mente vive nas serras da província de São Paulo, de Santa Catarina e de São Pedro do Rio Grande. Sem serem como os Bugres ferozes, amavam os Tupis a independência; e eram grandes marchadores. Andavam nus, e com um simples cendal à roda da cintura, porém nos dias de festa, arriavam as cabeças, braços e cinturas com plumas de diferentes cores e tamanhos. Quando num lugar se lhes aguentava a caça, mudavam-se para outro onde faziam novas cabanas cobertas com folhas de palmeiras; às vezes armavam laços ao redor de suas aldeias, para se precaverem dalgum acometimento inesperado: suas armas consistiam em arcos e setas, e uma espécie de clava de madeira. Cada tribo tinha um chefe que comandava na guerra, e aconselhava no tempo de paz. Se este chefe por ser velho não podia acompanhá-los em suas longas expedições, escolhiam outro, e nesta escolha tinham em consideração o valor e prudência do eleito. Toda a estratégia deles consistia em fazerem longas marchas, para caírem de improviso sobre os inimigos no silêncio da noite; se eram vencidos, retiravam-se, e aguardavam outra oca-

Turi

sião em que esperavam serem mais bem sucedidos. Navegavam em grandes canoas feitas dum só tronco de árvore, que cavavam queimando, e com uma pedra aguçada em guisa de machado; serviam-se das canoas ou para se transportarem para o sítio, onde sabiam haver mais cópia de veação, ou para se aproximarem mais depressa do inimigo, que pretendiam colher despercebido, os quais depois de vencidos por vezes assavam e comiam.

Turi.⁸³³ Pequena vila da província do Maranhão, na comarca de Guimarães, chamada também *Turiaçu*, por se achar assentada na margem ocidental da foz do rio deste nome, no fundo da baía de Turiaçu, em um grau e vinte minutos de latitude meridional, e em quarenta e sete graus e quarenta minutos de longitude ocidental. Foi originalmente uma aldeia de Índios Taramabazes, em que os jesuítas penetraram no século XVII. Posto que no tempo dos governadores fosse já esta povoação decorada com o nome de vila, em 1830 a casa da câmara e a cadeia eram de alu-guel, e a matriz, de que é o-rago São Francisco Xavier,

⁸³³ Atual cidade de Turiaçu/MA. (N/E)

Turiaçu

era uma mesquinha choupana. Neste mesmo ano se deu princípio à fábrica duma igreja, porém ficou a obra parada, estando as paredes alevantadas, e com seis pés de altura, por falta de dinheiro para continuar-se nela. A assembleia provincial de 1838 tomou em consideração a penúria de seus moradores, porém a ocupação desta vila pelos rebeldes, em 1839 e 1840, lhe deu um golpe mortal. E todavia logo no ano seguinte se lhe concedeu uma escola de primeiras letras, por lei da assembleia provincial de 25 de junho. Seu distrito é fértil, e se estende entre a província do Pará e o rio Turiaçu, desde a baía deste nome até parte da província de Goiás, e em 1842 avaliava-se a sua população em perto de cinco mil habitantes todos Índios, que cultivam bem pouca cousa.

Turiaçu. Rio da província do Maranhão, na comarca de Guimarães, onde é mais conhecido. Vem das matas que demoram ao norte da confluência do Araguaia com o rio dos Tocantins, corre por terras frequentadas pelo gentio, rega a povoação do Aranjal, onde é navegável, e no cabo de vinte até vinte e cinco

léguas mais de curso no rumo de nor-nordeste vai desaguar na baía Turiaçu.

Turiaçu. Baía da província do Maranhão, onde estão sitas as vilas de Arcos e de Turi. Nela deságua o rio Turiaçu, que era neste ponto a extrema das províncias do Maranhão e do Pará, extrema, que por lei da assembleia geral do mês de outubro de 1836, foi transferida para outro ponto mais ao ocidente até a enseada e o rio Gurupi.

Turimimim. Ribeiro da província do Maranhão; é de pouca importância, e incorpora-se no rio Turiaçu pela margem esquerda dez léguas acima da baía do nome deste rio.

Turinana. Rio da província do Maranhão, no distrito da vila de Guimarães; corre por terras que se sabe serem auríferas, e boas para algodões, cafezais e canaviais, e sua foz oferece um porto onde os navios se acham perfeitamente abrigados pelas ilhas de São João, das quais a maior se intitula de preferência deste nome.

Turvo.⁸³⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, sobre um dos ribeiros do mesmo nome,

obra de quinze léguas ao oriente da cidade de Ouro Preto. Sua igreja, cujo orago é Santa Rita, foi honrada com o título de paróquia, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe deu por filiais as capelas das povoações de Barroso e da Conceição do Turvo.

Turvo. Rio do sudoeste da província de Goiás, que rega as terras ocupadas pelos Índios Caiapós que ainda se não civilizaram, dirigindo-se rumo de su-sueste e recolhendo o rio dos Bois, e vai incorporar-se com o Cururuí, tributário do Paraná. (V. *Bois*, rio.)

Turvo. Ribeiro do distrito da vila de Parati, na província do Rio de Janeiro. Dá navegação a canoas que transportam as aguardentes que se destilam em suas margens.

Turvo. Ribeiro da província de Mato Grosso, que se ajunta com o rio Guaporé duas léguas abaixo dos morros chamados as *Torres*.

Turvo da Ajuruoca. Nome que tinha a povoação de Ajuruoca, antes de ter alcançado o título de vila. (V. *Ajuruoca*.)

⁸³⁴ Atual cidade de Andrelândia/MG. (N/E)

Turvo de Santa Catarina. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila das Lavras do Funil. Sua igreja foi assinalada, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, por filial da de São Sebastião, a qual foi elevada à categoria de paróquia pelo já citado decreto.

Turvo Grande e Turvo Pequeno. Assim se apelidam dous ribeiros insignificantes que se incorporam com o rio Chopotó pela margem direita a três léguas de distância. Ambos correm na província de Minas Gerais, no rumo do norte; o maior nasce no morro Pelado, e ajunta-se com o Chopotó quatro léguas acima do salto do Inferno, onde este rio muda o nome que tem no de Doce.

Tutês. Ribeirão da província de Mato Grosso: nasce perto da vila de Poconé, e vai levar o tributo de suas águas ao Cuiabá, com o qual se incorpora, abaixo do porto da cidade do mesmo nome.

Tutóia.⁸³⁵ Nova vila e antiga freguesia da província do Maranhão, na margem esquerda do ribeiro do seu nome, no

lugar onde ele se perde no canal do mesmo nome, um dos braços do rio Parnaíba que tem mais longo curso. Seu porto é por extremo vantajoso para o comércio por isso que nele se acham abrigadas as embarcações pequenas e também por ser aquela barra a mais funda de todas as que oferecem as diferentes bocas do Parnaíba. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de sua matriz que goza há muito deste título. A assembleia provincial conferiu a esta antiga freguesia o título de vila na esperança de promover o aumento de sua população. Os habitantes de seu distrito são todos oriundos dos Europeus, comerciam, amanham as terras, aplicam-se à navegação do Paraíba, e sobem até a sua cabeceira.

Tutóia. Ribeiro da província do Maranhão: rega o distrito da vila de seu nome correndo do sul para o norte até se lançar no canal chamado também Tutóia, meia légua antes dele desaguar no Oceano. Na enchente da maré tanto a boca do canal, como a embocadura do rio, tem grande largura e fundo, e admite sumacas e escunas.

Tutóia

Tutóia. Dá-se este nome a um dos braços que deita o rio Parnaíba de sua margem esquerda acima da vila do seu nome, dirigindo-se para oés-noroeste, por espaço de quinze léguas, no decurso das quais lança sobre sua direita dous outros braços muito mais fracos, conhecidos com os nomes de *Barra do Caju* e *rio das Canárias*. (V. *Caju* e *Canárias*.) A ponta de leste da entrada do canal Tutóia no mar está em dous graus, quarenta e um minutos e treze segundos de latitude meridional, e em quarenta e quatro graus, trinta e dous minutos e vinte e seis segundos de longitude ocidental. As sumacas entram por este canal e vão até o rio em todo o tempo, e ele serve de separação entre as províncias do Maranhão e de Piauí.

⁸³⁵ Atual cidade de Tutóia/MA. (N/E)

U

Uacarauá. Tribo de Índios bravos que vivem entre os rios Juruá e Jutai, ambos tributários da margem direita do rio das Amazonas, na província do Pará. Andam armados de zarabatanas, de arcos e de setas, que costumam errar, quando vão guerrear.

Uadauauí. Lagoa da Guiana brasileira, na margem esquerda do rio Branco, no qual se sangra por um canal que tem muitas léguas de comprimento.

Uaiá. Tribo índia da província de Mato Grosso, que domina nas margens do rio Juruena e do Arinos. Os indivíduos dela são dóceis, porém destituídos de toda civilização.

Uaicurupa. Lagoa da província do Pará, por detrás da margem esquerda do rio Madeira, perto da qual está sita a aldeia chamada Tupinambarana. Recolhe esta lagoa o braço do Madeira, qualificado com o nome de rio Canomá, o qual torna a sair dela pela margem setentrional, mudando esse nome no de Furo dos Tupinambaranas, por se achar vizinho da aldeia assim apelidada, e mais adiante torna a trocá-lo

no de Maué Guaçu, com o qual se vai lançar no rio das Amazonas, obra de cinquenta léguas abaixo da confluência do Madeira.

Uaiunana. Pequeno rio da Guiana brasileira, tributário do rio Negro, com quem se incorpora pela margem direita. Chamam-no vulgarmente Ajuana, nome mais fácil de pronunciar. Suas margens abundam em *pechuris*, árvores que dão certa espécie de noz-moscada. O nome deste rio vem de certa tribo de Índios misturados presentemente com outros na aldeia de Tomar.

Uaiupis. Tribo de Índios assaz numerosa que dominava em outros tempos nas margens do rio Tefé, afluente da margem direita do Amazonas. Foram doutrinados na religião, no decurso do século XVIII, pelos missionários, que os juntaram com outras tribos, e deles e delas consta a população atual da vila de Ega.

Uamanis. Tribo de Índios das margens do rio Cuari, atualmente civilizados, e juntos com os doutras diversas tribos, na vila de Alvelos.

Uaracá. Rio da Guiana brasileira, conhecido atualmente

com o nome de Aracá: recolhe o ribeiro Demenene, e vai depois juntar-se pela margem esquerda, com o rio Negro, entre as vilas de Barcelos e de Moreira.

Uaranacuá. Pequeno rio da Guiana brasileira, tributário da margem esquerda do rio Negro, com o qual se incorpora defronte da freguesia do Carvoeiro.

Uaranapu. Quarto e último braço que deita pela margem direita o rio Hiapura, o qual se vai lançar no Amazonas ao poente do corpo do rio, ou do braço mais possante dele.

Uarapiranga. Ilha da província do Pará, na foz do rio dos Tocantins, e ao oriente da cidade de Belém. Nesta ilha se ajuntaram em 1836 as forças marítimas imperiais, quando a cidade e o governo da província estavam em poder dos rebeldes.

Uariuá. Tribo de Índios da Guiana brasileira, em outros tempos derramados pelas margens do rio Uereré, tributário da margem esquerda do Negro.

Uaupé. Tribo de Índios da Guiana brasileira que dominavam nas margens do pequeno rio que tomou deles o nome,

que ao depois troca no de Ucaiari, quando se ajunta com o rio Negro, pela margem direita abaixo da povoação de Ipananá. Metem estes Índios certa espécie de pedra branca arredondada nos buracos que fazem nas orelhas e no beijo inferior, e residem atualmente nas povoações de Santa Isabel e de Coané.

Uaútas. Lagoa considerável da província do Pará, nas terras que jazem entre o rio da Madeira e o Puru. Recolhe um sem número de ribeiros, é semeada de ilhotas, e sangra-se num ribeiro de seu nome que se incorpora com o Madeira pela margem esquerda, no cabo dum curso de doze léguas. Desta lagoa nasce também o ribeiro Paratari, que se lança no Amazonas, entre as confluências do Puru e do Madeira.

Uaximé. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará, abaixo da vila de Borba.

Ubá,⁸³⁶ Nova povoação da província de Minas Gerais, perto do rio Paraibuna. Teve princípio num engenho que

pertencia a João Rodrigues Pereira de Almeida, a quem El-Rei D. João VI condecorou com o título de Barão de Ubá. Soube este senhor de engenho atrair às suas fazendas quantos tinham vontade de trabalhar a quem dava ou arrendava terras, de sorte que durante o governo constitucional se veio a formar uma povoação, e a igreja que ali havia dedicada a São Januário, foi elevada à categoria de paróquia, por lei provincial de 7 de abril de 1841, que lhe deu por filial a igreja de Santa Rita de Meia Pataca. Os moradores de seu termo, metade Índios, metade brancos de diversas nações colhem bastante café, lavram canas, mandioca, e mais víveres para seu consumo, e exportam para o Rio de Janeiro muito café, e algum açúcar e aguardente.

Ubaí. Rio da província de Mato Grosso, perto dos Estados peruvianos; parece ser o mesmo a que os Espanhóis chamam *Chiquitos* ou de Santa Madalena. É caudaloso, e se ajunta com o Guaporé, pela margem esquerda, pouco mais ou menos em doze graus de

Ubatuba

latitude, dezesseis léguas abaixo da confluência do Itunama, e cento e quarenta e oito ao norte da cidade de Mato Grosso. Em seu curso do sul para o nor-nordeste recolhe este rio o Machupó, e alguns ribeiros mais.

Ubaí. Rio da província de São Paulo. (V. *Ivaí*.)

Ubajara.⁸³⁷ Sítio aurífero no vertente oriental da serra Grande, na província do Ceará, no distrito de Crato. Os moradores desta serra certificam que há também neste sítio prata, por isso que nele se encontra não pouco sulfato de cobre vitrificado de cor de cinza.

Ubatiba.⁸³⁸ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, uma légua ao norte da vila de Maricá com uma igreja da invocação de N. S. da Saúde, junto do ribeiro de que este lugarejo se intitula, o qual se lança na lagoa Maricá.

Ubatuba.⁸³⁹ Vila marítima do norte da província de São Paulo, quarenta e cinco léguas a és-nordeste da capital da

⁸³⁶ Atual cidade de Ubá/MG. (N/E)

⁸³⁷ Atual cidade de Ubajara/CE. (N/E)

⁸³⁸ Atual bairro de Ubatiba, cidade de Maricá/RJ. (N/E)

⁸³⁹ Atual cidade de Ubatuba/SP. (N/E)

Ubatuba

província, e quarenta quase ao poente da cidade do Rio de Janeiro, em vinte e três graus e vinte e seis minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e vinte e sete minutos de longitude ocidental. Foi fundada em 1637 por Salvador Correia de Sá e Benavides, governador do Rio de Janeiro, numa visita que foi fazer às minas de que era administrador, e está sita na margem setentrional, e perto da baía do seu nome. Os barcos pequenos podem surgir na barra dum ribeiro que passa por esta vila, e fazerem ali suas descargas. Tem a vila de Ubatuba duas igrejas, a matriz da invocação da Exaltação da Santa Cruz, e a de N. S. da Conceição. Seu distrito, com ser pequeno, tinha em 1810 perto de três mil habitantes, que fazem farinha de mandioca para exportação, semeiam arroz, fabricam aguardente de cana, colhem algum café, e tabaco, vendem toucinho, taboado, e a exportação destes diversos gêneros andava todos os anos por dez contos de réis. Além da tendência natural que tinha esta pequena vila a aumentar-se, a emigração francesa ocasionada pela vinda da família real dos Bourbons fez que fossem

estabelecer-se em seu distrito um grande número de famílias que se aplicaram com especialidade à plantação de cafezais. De então por diante começou a ir em aumento o comércio, de sorte que em 1836 partiram do porto de Ubatuba para o de Rio de Janeiro, trinta e cinco mil, oitocentos e trinta sacas de café, dous mil e duzentos e cinquenta rolos de tabaco, cento e vinte e três sacas de arroz, trinta e duas canastras de toucinho, dez sacos de feijão, e alguma madeira de construção, tudo no valor de quatrocentos e quarenta e três contos de réis. A população atual deste distrito é avaliada em seis mil almas.

Ubatuba. Linda baía da província de São Paulo, nas adjacências da do Rio de Janeiro. Pode ter uma légua de comprimento, e meia em sua maior largura. Suas margens são aprazíveis, entremeadas de casas, matas e prados: a entrada é fácil, e os navios do alto bordo indo pelo meio dela encontram sempre de dez até quinze braças d'água, e acham-se abrigados contra os ventos do sul e do sudoeste, que são violentos nos mares do sul do Brasil. A partir da

ponta setentrional da entrada desta baía, a costa corre em direitura para leste por espaço de dez léguas até a ponta Cairuçu, ao passo que da ponta meridional da sobredita baía, prolonga-se com irregularidade, correndo para oés-sudoeste até a enseada que jaz ao norte do promontório, onde está sita a cidade de São Sebastião.

Uberava.⁸⁴⁰ Nova vila e cabeça de colégio eleitoral da província de Minas Gerais, na nova comarca do Patrocínio. No fim do século passado, alguns habitantes desta província foram estabelecer-se em diversos sítios, então des povoados, do termo de Desemboque, que então andava anexo à província de Goiás, e edificaram uma igreja dedicada a Santo Antônio e a São Sebastião, que ficou sendo filial da da povoação de Desemboque, em virtude duma ordem de 13 de fevereiro de 1811, e que foi elevada à categoria de paróquia do Brasil, por decreto real de 2 de março de 1820, e por outro decreto de 7 de novembro do mesmo ano foram as confrontações de seu termo fixadas da maneira seguinte: da parte do

⁸⁴⁰ Atual cidade de Uberaba/MG. (N/E)

norte, os ribeiros Farinha Podre, Tijuco, Uberava, Cocais e da Prata; e da do sul, a confluência do rio das Velhas com o Paraná. Quando as povoações de Farinha Podre, de Patrocínio e de Separados foram criadas freguesias, o termo de Uberava foi repartido em quatro partes, e veio a ficar muito mais pequeno. A primeira assembleia legislativa provincial, junta em Ouro Preto no ano de 1835, conferiu a esta freguesia o título de vila, e em 7 de janeiro do ano seguinte teve a sua primeira sessão o senado da câmara. Está assentada esta nova vila à beira do ribeiro da Lage, perto da margem direita do Uberava Falso, e meia légua ao nascente da estrada de São Paulo para a cidade de Goiás. É aprazível e sadia; suas comunicações com as províncias vizinhas são fáceis por via de vários rios, o que lhe afiança um próspero porvir. Seu distrito se compõe dos termos das freguesias que primitivamente faziam parte da sua; e bem que seja assaz grande apenas tem dous mil indivíduos brancos, porém em recompensa mais de quatro mil Caiapós civilizados de contínuo inquietados pelos que não

o são. Os Índios plantam mandioca, semeiam milho, feijões e arroz, e colhem algum algodão; os brancos além destes viveres fazem criações de gado vacum e de porcos que se vendem em pé nos mercados das províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Uberava. Lagoa da província de Mato Grosso, ao pé da serra vulgarmente chamada Ponta dos Limites ou Chainês. Tem três léguas de comprimento, e comunica com a lagoa Gaíba da parte do sul, e com o rio Paraguai da de leste. Os Índios da tribo Quatos vivem em suas margens, que abundam em veação, e reparam o tempo em caçadas e pescarias.

Uberava Falso. Rio da província de Minas Gerais, na comarca do Patrocínio. Nasce, como o Uberava Verdadeiro, nos montes chamados da Farinha Podre, corre do norte para o sul, e vai juntar-se com o rio Grande pela margem direita, depois de haver regado a vila a que dá nome.

Uberava Verdadeiro. Rio da província de Minas Gerais, que nasce no termo da fregue-

Ucaiari

sia de Farinha Podre, aparta-se do Uberava Falso, tomando para o sudoeste, e vai incorporar-se com o rio das Velhas pela margem esquerda, defronte da aldeia de Santana do Rio das Velhas. Entre estes dous Uberavas corre uma campina de obra de dez léguas, que fenece, da parte do ocidente, no rio das Velhas, e do meio dia no rio Grande, os quais unindo-se mudam os nomes no de Paraná. Esta planície abunda de casuares, de veados e doutras veações do mesmo género.

Ubu. Ribeiro da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro. Vem da cordilheira, corre pelos campos cousa de dez léguas, dando navegação a canoas, e vai desaguar no Jequitinhonha pela margem direita, entre o confluente do rio Grapiúna e o canal da Salsa pe-la margem oposta.

Uburetama.⁸⁴¹ Povoação e serra da província do Ceará. (*V. Uruburetama.*)

Ucaiari. Rio da Guiana brasileira, cujo nome primitivo era Uaupé. Sobem e navegam por ele as canoas cinco dias de jornada. Ajunta-se este rio com o

⁸⁴¹ Atual cidade de Uruburetama/CE. (N/E)

Uenenexi

Negro pela margem direita, acima do forte de São Gabriel.

Uenenexi. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira, apelidado também *Innuixi*; ajunta-se pela margem direita com o rio Negro, entre a povoação de Santa Isabel e a aldeia Maracabi.

Uereré. Pequeno rio da Guiana brasileira. Tem grande corrente, parece vir de muito longe, e vai misturar suas águas exalçadas com as do rio Negro, em que deságua pela margem esquerda, entre as povoações de Moreira e de Tomar.

Uexié. Rio da Guiana brasileira. (V. *Ixié*.)

Umã. Tribo de Índios que viviam na província de Pernambuco, entre o rio Moxotó e o Pajeú, nas adjacências da serra Araripe, num território que fadela d'água quando faltam as chuvas. Andavam nus, com arcos e setas, única armas que tinham; comiam os animais que matavam na caça assim mesmo como os colhiam, e seguiam no mais o costume doutras muitas tribos de que

falamos nos artigos precedentes. Estes Índios foram subjugados no princípio do século atual, acham-se aldeados, e começam a plantar alguma mandioca, a semear milho e abóboras, mas ainda se não desfizeram da paixão da caça, única cousa de que principalmente vivem.

Umari.⁸⁴² Povoação considerável da província do Ceará, na serra que serve de separação entre esta província e as do Rio Grande do Norte e de Paraíba, com uma igreja filial da matriz da vila de São Vicente das Lavras. Há nessa povoação uma azinhaga por onde passa a estrada que vai do Piauí para as cidades de Paraíba e do Recife, e onde vão-se juntar as que vêm da cidade da Fortaleza e da vila de Aracati.

Umari.⁸⁴³ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó e na cabeceira do rio das Piranhas.

Umarinauí. Rio da Guiana brasileira que se ajunta com o Cauaburi ou Caburi, tributário da margem direita do rio Negro. Nasce nos pântanos de

que sai por outra parte o Bacimoni, que deságua no canal apelidado *Cassiquari*, o qual faz que o rio Negro comunica com o Orenoco.

Umburana.⁸⁴⁴ Povoação da província da Bahia, no distrito de Vilanova do Príncipe, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Una. Aldeia de Índios, na província do Pará, onde os capuchos que ali chegaram em 1617 fundaram um hospício para os religiosos de sua ordem, e juntamente para instruírem na religião os Índios. Passa este hospício pelo primeiro que foi fundado nesta província, e foi acabado em 1621.

Una. Antiga freguesia da província de Pernambuco, que foi incorporada na das Alagoas, quando esta comarca foi ereta em província do Brasil em 1818. Está situada na beiramar, em oito graus e cinquenta e um minutos de latitude, e em trinta e sete graus e vinte e oito minutos de longitude ocidental, na margem direita da

⁸⁴² Atual cidade de Umari/CE. (N/E)

⁸⁴³ Atual distrito de Umari, município de São João do Rio do Peixe/PB. (N/E)

⁸⁴⁴ Atual cidade de Umburanas/BA. (N/E)

foz do rio Una, que separa esta província da de Pernambuco. N. S. da Conceição é o orago de sua matriz, onde se soleniza com grande pompa a festa de São Gonçalo. Os moradores do seu termo lavram víveres para seu consumo e algodão que exportam para Pernambuco.

Una.⁸⁴⁵ Nova freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Itanhaém, e nas adjacências do rio de seu nome.

Una. Rio da província de São Paulo. Nasce na cordilheira fronteira ao mar, corre por entre fragas, dando navegação a canoas no sítio chamado do Prelado, e caminhando rumo de leste por espaço de quinze léguas, rega o distrito da vila de Itanhaém e a freguesia de Una antes de se precipitar no Oceano por uma larga boca, dez léguas ao norte da foz do rio Iguape.

Una. Rio que serve de extrema às províncias das Alagoas e de Pernambuco. Nasce ao poente da serra Garanhuns, corre em voltas por montes e campos obra de quarenta léguas nos rumos de leste e de

sueste, recolhe pela direita o rio Jacuípe que vem do sul, rega a freguesia do seu nome que fica um pouco mais abaixo e precipita-se no Oceano três léguas ao norte da Barra Grande, e doze ao sul do cabo de Santo Agostinho. Sua foz é larga e admite barcos que vão nela tomar carga de madeiras de construção de excelente qualidade, cortadas nas matas das suas margens e nas do Jacuípe.

Una. Rio da província da Bahia, na comarca de Ilhéus. Nasce na serra de Itaraca na qual fenece da parte do norte a cordilheira dos Aimorés, corre pelos montes no rumo de leste até quinze graus de latitude, e neste ponto de seu curso rega a vila de Olivença, recolhe o ribeiro chamado Braço do Sul, e uma légua mais adiante desemboca no Oceano, entre o rio Comandantaba ao sul, e a baía dos Ilhéus ao norte. Há sobre este rio em Olivença uma ponte, motivo por que não podem as sumacas subir por ele além do porto desta vila.

Una. Ribeiro da província da Bahia, na comarca de Valença. Nasce na serra da Pedra

Una

Branca, e lança-se no mar entre o continente e a ilha de Tinharé. Corre por montes cobertos de arvoredos e tem muitas cachoeiras que lhe atalham o curso até em perto de sua foz.

Una. Ribeirão da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, cujas águas escuras bem que límpidas escurecem as do Paraguaçu, juntando-se com elas pela margem direita doze léguas abaixo da cachoeira do Cincurá na serra deste nome.

Una. Ribeirão do continente da província de Santa Catarina, na comarca do sul. Começa a dar navegação a canoas perto do morro de São João, corre obra de duas léguas do ocidente para o oriente, e vai lançar-se na Laguna, perto de sua extremidade setentrional, e sobre a margem ocidental.

Una. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade do Cabo Frio: dá navegação a canoas por espaço de três léguas, e vai desaguar no mar entre o cabo dos Búzios e a foz do rio de São João. As sumacas entram em

⁸⁴⁵ Atual cidade de Ibiúna/SP. (N/E)

Una

sua barra, e se acham amparadas contra os ventos do sul e do sueste pelos montes do Cabo Frio.

Una. Ribeiro da província do Espírito Santo, no distrito de Guarapari, que vai desembocar no mar duas léguas ao sul da vila deste nome. Dá navegação a canoas em grande parte de seu curso.

Unana. Braço do rio Hiapura, que sai de sua margem esquerda e vai lançar-se no rio das Amazonas entre a boca principal deste rio e o braço que fica mais ao oriente, chamado *Copeja*.

Unhabi. Ribeiro que rega a cidade de Paraíba e se incorpora pela margem direita com o rio que deu seu nome à província.

Upanema. Ribeiro da província do Rio Grande do Norte, em cujas margens está sita a povoação de Campo Grande, de cuja freguesia ele lava o termo antes de se ir ajuntar com o rio Apodi perto das salinas de Açú, cousa de quatro léguas arredado do mar.

Upitanga. Ribeiro da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Francisco: dá navegação a canoas duas léguas antes de se lançar na lagoa de Cruz, à direita do rio Itapicu, que também entra nesta lagoa.

Uraí. Ribeiro insignificante da província do Rio de Janeiro, no distrito de Campos. Incorpora-se junto com dous outros com o Imbé, e torna-se navegável. Dá-se em suas margens, como nas do Muriaé, a planta chamada *guatimbó*, cujas raízes fazem que sua água seja pouco sadia. No mesmo distrito se encontra o rio Ururaí, que é mister não confundir com o ribeiro de que tratamos.

Urarirá. Rio da Guiana brasileira, em cujas margens dominava antigamente a grande nação Manau. Ajunta-se com o rio Negro, pela margem direita, entre as povoações de Moreira e de Tomar.

Urcas. Nome que dão os marítimos ao banco de areia, que se encontra defronte da costa setentrional da província do Rio Grande do Norte, ao poente do da Lavandeira.

Uruá.⁸⁴⁶ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor; suas terras com serem regadas pelo ribeiro Jiqui da banda do norte, e pelo Piquiri da do sul, são pela maior parte catingas.

Uruá. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará, abaixo da confluência do rio Mataúra, e acima da vila de Borba.

Urubu. Comarca do sertão da província da Bahia, criada por lei provincial de 19 de maio de 1840, que a compôs dos distritos das vilas de Macaúba, Monte Santo, Urubu, e Vitória, outrora povoação da Conquista.

Urubu.⁸⁴⁷ Pequena vila da província da Bahia, cabeça da comarca de seu nome. Dão-lhe algumas vezes o nome de *Urubu de Cima*, para a distinguir da povoação de Urubu de Baixo, atualmente vila de Propriá, na província de Sergipe. A vila de Urubu se acha num sítio avantajoso, na margem direita do rio de São Francisco, vinte e oito léguas ao noroeste da vila de Rio de Contas, também cabeça de comarca. O orago de sua matriz

⁸⁴⁶ Atual cidade de Canguaretama/RN. (N/E)

⁸⁴⁷ Atual cidade de Paratinga/BA. (N/E)

é Santo Antônio; tem mais outra igreja da invocação de N. S. do Rosário, e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. A população do seu distrito é avaliada em mil habitantes, quando muito Índios, brancos e mestiços, que cultivam víveres para seu consumo, lavram canas para fazerem rapadura e cachaça, e algodão que exportam para a Bahia, e vivem principalmente de peixe e de farinha de mandioca.

Urubu. Antiga aldeia da província do Maranhão, na margem esquerda do Itapicuru, na comarca de Caxias. Uma resolução do conselho geral e do presidente da província, de 21 de julho de 1833, lhe conferiu o título de vila, na esperança de a fazer prosperar, mas por lei provincial de 21 de julho de 1838 foram os arquivos municipais transferidos com o título de vila para a povoação de Codó, que ficou com o distrito da vila suprimida. Os moradores desta povoação são Índios, que lavram algodão e arroz.

Urubu. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira: ti-

nha ao princípio o nome da tribo Barururu, que os Portugueses abreviaram mudando-o no de Urubu. Rega este rio os termos das freguesias de São Pedro Nolasco e de São Raimundo, cinco léguas arredadas uma da outra, e doze léguas abaixo da derradeira se lança pela margem esquerda no rio das Amazonas, quase defronte da confluência do Madeira.

Urubucuará ou **Urubuquara.** Rio medíocre da província do Pará, na Guiana brasileira. Nasce na serra Velha, donde corre rumo do sul, atravessa a lagoa de seu nome, e saindo dela vai cinco léguas mais adiante lançar-se no Amazonas, pela margem esquerda, entre a confluência do rio Gurupatuba e a do Pará.

Urubucuará. Lagoa da Guiana brasileira, formada pelo rio do mesmo nome, a cinco léguas da margem esquerda do Amazonas. Num outeiro de sua margem oriental está assentada a pequena vila do Outeiro.

Urubu do Baixo.⁸⁴⁸ Antiga povoação da província da

Urubu Ponga

Bahia. (V. *Propriá*, vila da província de Sergipe.)

Urubu Ponga. Salto considerável do rio Paraná, cousa de quinze léguas abaixo da junção dos rios Grande e Paranaíba. O penedo donde as águas se despenham tem de quinze para vinte pés de altura e as águas tombam com um tal fracasso que se ouve a muitas léguas de distância. Achase esta cachoeira nas matas pouco frequentadas, que jazem nas adjacências das províncias de São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Afirmam alguns viandantes que o rio Moji ajuntando-se com o Jaguari-Mirim, feitos num só, se ajuntam pela margem esquerda com o Paraná, algumas léguas antes do salto de Urubu Ponga, em vez de dar origem, como asseguram muitos escritores, ao rio Jacaré Pipira, tributário do Tietê. O peixe que sobe pelo Paraná se ajunta em baixo deste arrecife, onde os Índios vão duas vezes por ano pescá-lo levando cargas de sal. Concluída a pescaria que de ordinário naquelas épocas é abundante, salgam ou secam ao sol os peixes maiores, e vão dar consumo às provisões nas aldeias em que moram.

⁸⁴⁸ Atual cidade de Propriá/SE. (N/E)

Uruburetama

Uruburetama. Grande serra da província do Ceará, no distrito de Vila da Imperatriz. Corre do norte para o sul entre os rios Curu e Acaracu; em todo o seu comprimento existe uma má estrada que vai da cidade da Fortaleza para a vila de Quixeramobim. As águas que nesta serra se encontram são as mais das vezes nitrosas. Houve em outro tempo nela uma aldeia com uma igreja de que era padroeiro São José. (V. *Vila da Imperatriz*.)

Urucaia.⁸⁴⁹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de São Romão. Está assentada na margem esquerda do rio que lhe dá nome, obra de trinta léguas acima de seu confluente no de São Francisco, junto duma cachoeira onde se vem lançar o ribeiro de Santa Rita. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição, e deve ser em breve criada paróquia.

Urucaia. Rio da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Nasce na serra da Tabatinga, na extrema da província de Goiás, corre em direitura para o oriente, porém não dá navegação a canoas

senão depois que recolhe o ribeiro Claro pela esquerda, e o de Santa Rita pela direita. Então chegando ao pé da povoação de Urucaia toma um curso sinuoso e deleitável, posto que por vezes atalhado até a cachoeira da povoação de Burity, onde dá navegação a barcos maiores por espaço de dez léguas, sendo o seu curso total de cinquenta; em sua margem esquerda se veem diversas povoações. Deságua este rio no de São Francisco, quatro léguas ao norte da vila de São Romão.

Uruçanga. Serra da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio; é ramo da cordilheira dos Aimorés; seu nome vem duma palavra do idioma dos Índios que quer dizer *galinha choca*.

Uruçanga. Rio da província de Santa Catarina. Vem da cordilheira, corre apressadamente para o oriente, até perto duma lagoa que fica pegada com a sua margem esquerda; abaixo dela pode o seu leito ter três para quatro braços de fundo. Infelizmente sua foz se acha entupida com um banco de areia, no qual as ondas quebrando-se com violência to-

lhem às embarcações a entrada. Os porcos marinhos sobem por este rio e deitam até a lagoa que ele atravessa, onde vão retouçar.

Uruçuí. Ribeirão da província de Piauí, que nasce no vertente oriental da serra Gurgueia, corre para o norte, entre o rio Gurgueia e o Parnaíba; com o qual se ajunta pela margem direita, um pouco abaixo da confluência do rio das Balsas pela margem oposta. O Uruçuí dá navegação a canoas por espaço de obra de vinte léguas.

Uruçu-Mirim. Nome que davam os Índios à ilha da baía de Niterói, onde Villegagnon se fortificou no século XVII. O governador general do Brasil, Mendo de Sá, escreveu à sua corte em 16 de junho de 1660, que havia intimado aos Franceses no mês de fevereiro precedente, houvessem de retirar-se daquela ilha, mas que estes lhe haviam respondido com sobrançaria; que em maio ele havia atacado a ilha onde se achavam setenta e quatro franceses, e que no cabo de dous dias e duas noites de combate, ele os havia desalojado da fortaleza mais célebre do mundo.

⁸⁴⁹ Atual distrito de Urucaia, município de São Francisco/MG. (N/E)

Urucuparana. Rio da província do Pará. Corre entre os rios Tefé e Cuari, e vai lançar-se numa enseada da margem direita do rio das Amazonas, um pouco abaixo do rio Cuari.

Urucuricaia. Nome dum canal natural da província do Pará, que estabelece a comunicação do rio Guajará com o Xingu. Chama-se em geral nesta província Iguarape, a todos os canais que fazem comunicar um rio com outro.

Urucuruni. Tribo de Índios ainda bravos da província de Mato Grosso, que vivem na cordilheira dos Parecis, no norte do distrito da cidade de Mato Grosso.

Uruguai. Grande rio da América meridional. Nasce do vertente ocidental da cordilheira vizinha do mar, no norte da província de São Pedro do Rio Grande, em vinte e oito graus de latitude, dirige-se para o noroeste por espaço de vinte e cinco léguas, até encontrar-se nos campos da Vacaria com o rio Pelotas, que se lhe incorpora, pela margem direita, bem como o Pepiriguaçu, algumas léguas mais adiante. Fazendo então um grande rodeio, recolhe pela esquerda o Uruguai Puita e o ribeiro Albueni; um pouco mais adiante, porém pela mar-

gem oposta, vem-se-lhe ajuntar o ribeiro Repiri, que serve de extrema setentrional do Estado de Entre Rios; pela margem esquerda os ribeirões Sebolati, Albutuí, Iui, Piratini, Icabacam, e o rio Ibicuí, que separa as Missões do distrito de Alegrete, também se lhe incorpora em vinte e nove graus, vinte e cinco minutos de latitude: muitos outros ribeiros deste distrito lhe trazem pela mesma margem o tributo de suas águas, bem como o rio Arapeí, que divide o Brasil, da banda do norte, do Estado Oriental. Já possante quando vai regando o Estado de Entre Rios nas fronteiras do Brasil, continua o Uruguai a correr do nordeste para o sudoeste, recolhendo pela direita os rios Aguapéi, Mirinai e Gualeguaichu, além dum sem número de ribeiros intermediários que correm pelo sobredito Estado, numa extensão de perto de cem léguas. Na margem oposta e na República Oriental, recebe este rio o Daiman, vinte e quatro léguas abaixo do Arapeí; entre estes dous confluente descreve o Uruguai vários circuitos no rumo do sul. Defronte da junção do pequeno rio Queguai pertencente ao Estado Oriental, seu álveo é semeado de obra de trinta ilhas por espaço de vinte e seis léguas, até a vizinhança

Uruguai

do rio Qualeguaichu, no Estado de Entre Rios. Doze léguas abaixo deste confluente, o rio Negro, que é o seu mais possante tributário, e que atravessa diagonalmente o Estado Oriental, se lhe vem ajuntar pela margem esquerda; cinco léguas depois, começam pela margem oposta os numerosos canais, que se sucedem sem interrupção por espaço de doze léguas, e lhe trazem aos poucos a quantidade prodigiosa d'águas do Paraguai. É deste ponto e depois que todas estas águas se ajuntam, em sessenta e quatro graus de longitude meridional, e em trinta e quatro graus de latitude, que o rio da Prata toma este nome. Navegam à vela no Uruguai os mais grossos barcos, entre o rio da Prata e uma grande cachoeira que jaz dez léguas antes do Ibicuí. Passada esta cachoeira, sobem pelo Uruguai as canoas grandes até a confluência do rio Pelotas, e as pequenas navegam por ambos estes rios até perto dos seus nascentes. As margens do Uruguai são férteis, porém mal cultivadas. Cultivam-se víveres, algodão e mate, cria-se bastante gado vacum. Couros, sebo e mel são os principais gêneros que se exportam. O curso total do Uruguai é pouco mais ou menos de duzentas e cinquenta léguas, não entrando nesta conta o do rio

Uruoca

da Prata que vai desembocar no Oceano.

Uruoca. Nome dum desfiladeiro da serra Hibiapaba, na província do Ceará, e no distrito de Granja, por onde se passa quando se vai da vila de Parnaíba para a província de Piauí.

Urupés. Grupo de ilhas do rio da Madeira, na província do Pará, abaixo da cachoeira de Santo Antônio. Estas ilhas obrigam o rio a apartar-se do rumo que seguia, e a tomar para o ocidente.

Ururáí.⁸⁵⁰ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos. Esta povoação, apelidada vulgarmente Santa Rita, fica a quatro léguas da cidade de Campos, perto da lagoa de Cima e do canal ou rio chamado também Ururáí, e alcançou, em 1812, licença para ter pia e cemitério, por se achar arredada de seis até dez léguas da freguesia da cidade, porém a igreja que os habitantes intentavam fazer, não foi acabada senão passados quatro anos, com a invocação de Santa Rita, e foi afinal elevada à categoria de paróquia. Seu termo pega ao

norte e ao nascente com o de Campos, a leste e ao sul com o de Quiçamão ou Capivari, e da parte do poente se acha limitado pelos montes entre o rio Imbé e o rio Grande, do distrito de Cantagalo. Sua população é avaliada em perto de dous mil habitantes, que lavram mandioca de que fazem farinha, para o consumo da cidade de Campos, e canas de que fazem açúcar e aguardente.

Ururáí. Rio da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Campos. É o sangradouro da lagoa de Cima, corre pelos campos descrevendo um meio círculo de cousa de cinco léguas, e vai lançar-se pela margem setentrional na lagoa Feia. Na estação das chuvas sai-lhe da esquerda um braço que corre obra de uma légua para o norte, e vai desaguar no Paraíba. As margens do Ururáí são plantadas de canaviais, e semeadas de fábricas de açúcar e de aguardente.

Uruú. Pequeno rio da província de Goiás: nasce na serra Dourada ao sul da cidade de Goiás, corre para nordeste obra de vinte léguas, e vai ajun-

tar-se com o rio das Almas, pela margem esquerda, dobrando-lhe o cabedal. Os geógrafos querem que seja o Uruú o fontanal mais meridional do rio dos Tocantins.

Utu. Ilha da província do Rio de Janeiro, na baía de Angra dos Reis, defronte do distrito da vila de Parati.

Utupanema. Trigésima oitava cachoeira que se encontra no rio Tietê, na província de São Paulo, quando por este rio se desce. Transportam-se as embarcações e fazendas por terra na descida, e na subida desta cachoeira, que fica três léguas abaixo da da Escaramuça, e meia légua acima da da Ilha.

Utupeba. Quadragésima nona cachoeira do rio Tietê, na descida: consta duma série de arrecifes na distância de quatro léguas. Numa parte dela é mister aliviar as canoas de metade da carga na subida, como na descida. Jaz esta cachoeira entre a de Aracanga-Açu e a de Guaicuritiba-Mirim, todas três distantes umas das outras uma légua.

⁸⁵⁰ Atual povoado de Ururáí, município de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

V

Vacaí. Pequeno rio aurífero da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Caçapaba, que ele separa da vila da Cachoeira. Nasce na corda de montanhas ao oriente do rio Ibicuí, dirige-se rumo de és-nordeste recolhendo muitos ribeiros, sendo o mais considerável deles o Vacaí-Mirim, e se incorpora pela margem direita com o Jacuí, algumas léguas antes da confluência do ribeiro de Santa Bárbara.

Vacarapi. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira, no distrito da vila de Macapá. Este rio, que é de pouco cabedal, rega o termo da freguesia do Desterro e esta mesma freguesia, e a pequena distância dela se incorpora com o rio Pará, a seis léguas do das Amazonas.

Vacaria. Dá-se este nome na província de São Pedro do Rio Grande, a uma dilatada corda de outeiros cobertos de verdura onde pasta imenso armento. Estendem-se estes outeiros para a serra Geral,

entre a cidade de Porto Alegre da parte do sul, e os rios Pelotas e Uruguai da do norte. (V. *Nossa Senhora do Oliveira*, freguesia.)

Vacaria. Rio da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha. Vem da serra do Grão Mogor, corre por uma vasta extensão de terra onde se fazem grandes criações de gado, e vai ajuntar-se, pela margem esquerda, com o rio Jequitinhonha, entre a povoação de Tocoios e a confluência do rio Araçuaí, que se acham sobre a margem oposta. Nas cabeceiras deste rio, que é mui piscoso em seu confluente, se acharam alguns diamantes.

Vacas. Ilha no fundo da baía de Todos os Santos. Tem obra de meia légua de comprimento, e é povoada por algumas famílias.

Vale. Duodécima cachoeira que se encontra descendo pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso. Transportam-se por terra as fazendas, e as embarcações passam sem carga tanto na descida, como na subida. Fica esta cachoeira três léguas abaixo do salto do Cu-

rau, e meia légua acima da cachoeira de Tamanduá.

Vale do Iguape. Vale da província da Bahia, pelo qual passa um braço do rio Paraguauçu, perto da confluência do ribeiro Guai. Acha-se plantado de canaviais, sendo para isso a melhor terra do Brasil. Em uma légua de comprido, que tanto tem este vale, contam-se quinze engenhos.

Valença. Comarca da província da Bahia, criada pela assembleia geral de 1830. Compreende o distrito da vila de Valença, cabeça dela, e os das vilas de Camamu, Cairu, Igrapiúna, Nova Boipeba e Serepheém, aliás Santarém.

Valença.⁸⁵¹ Vila da província do Rio de Janeiro, entre o rio Paraíba e o Preto, a cinco léguas da junção deste último com o rio Barros, donde começa o Paraibuna a correr com este nome. Os Índios chamados coroados, por terem as cabeças tonsuradas, dominavam na serra da Mantiqueira, e faziam frequentes entradas nas freguesias da Sacra Família, da Roça do Alferes e de São Pedro e São Paulo; para pôr cobro nestes

⁸⁵¹ Atual cidade de Valença/RJ. (N/E)

Valença

excessos e rapinas, mandou o vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza passar o capitão Inácio de Souza Warneck às suas aldeias, o que este pôs em efeito, e juntando-se com José Rodrigues da Cruz, erigiram nelas uma igreja a N. S., e deram por este modo princípio, em 1789, à civilização daqueles daninhos e importunos vizinhos. D. Fernando José de Portugal, sexto vice-rei do Rio de Janeiro, nomeou para a vigaria daquela igreja o padre Manoel Gomes Leal, o qual doutrinou na religião católica grande quantidade de Índios das tribos Puru, pequenos de estatura e de pele morena, e de Araris, quase brancos, bem feitos, desembaraçados nos movimentos, e mais numerosos. Deu-se o nome de Valença a esta aldeia em honra e memória do vice-rei, por isso que era da casa dos marqueses de Valença, e se tinha esmerado em promover o adiantamento daquela população. Como a primeira igreja se tivesse arruinado, edificou-se outra de pedra, a qual foi elevada à categoria de paróquia do Brasil com o orago de N. S. da Glória, título em que foi definitivamente confirmada por decisão régia de 19 de

agosto de 1817, pela qual se lhe deu por termo toda a terra que jaz entre o rio Preto e o Paraíba, pegando, ao ocidente, com as freguesias de Resende e de Santana de Pirai, e ao oriente, com a da vila da Paraíba do Sul. Uma decisão imperial de 17 de outubro de 1823 conferiu a esta aldeia o título e honras de vila, dando-lhe por patrimônio duas léguas quadradas de terra, com condição que os habitantes fariam todas as despesas indispensáveis para a criação duma vila. Em 1838, fundou-se um hospital por meio duma subscrição; porém, como lhe não pudessem dar um rendimento suficiente, mantém-se com suma dificuldade. A vila de Valença é cabeça dum colégio eleitoral que, em 1843, contou de vinte e um eleitores, e duma legião de guarda nacional. Seu distrito consta de sua própria freguesia e da de Santo Antônio de Rio Bonito. Uma lei provincial de 7 de abril de 1841 lhe deu por confrontação com o da vila da Paraíba do Sul a fazenda de Ubá, a de Boa Vista até uma linha passada pela extremidade da fazenda de Santa Justa. Sua confrontação, com a de São Fidélis, vai até a margem di-

reita do rio Preto. Em 1814, era a sua população de seiscentos e oitenta e oito brancos e mil e quatrocentos Índios, hoje porém é avaliada em cinco mil habitantes, homens de negócio e lavradores, que colhem café, milho, mandioca, feijões e outros víveres. Atribui-se o aumento extraordinário da população ao grande número de estrangeiros que ali se estabeleceram.

Valença.⁸⁵² Pequena vila da província da Bahia, cabeça da comarca do seu nome. Está assentada na margem direita do rio Una, perto dum canal que dá navegação nas enchentes das marés, e que faz que este rio se comunica com o Jiquié. Foi ao princípio uma aldeia de Índios Tupiniquins, batizados em 1560 pelos jesuítas, que nesse tempo fundaram outras muitas em toda a capitania da Bahia. A maior parte delas desapareceram, e as que subsistem, que não são poucas, gozam do título e das prerrogativas de vila, sem que se saiba o como e quando o alcançaram, nem em que data foram criadas as suas municipalidades. A igreja matriz da vila de Valença foi dedicada, desde a sua origem, ao Santís-

⁸⁵² Atual cidade de Valença/BA. (N/E)

simo Coração de Jesus; há nela duas escolas de primeiras letras, uma de meninos e outra de meninas, que foram aprovadas por decreto de 16 de junho de 1832. No ano seguinte, tendo a assembleia geral criado a comarca de Valença, foi esta vila escolhida para cabeça dela, e para residência dum juiz de direito com jurisdição sobre os juizes municipais das vilas de Boipeba, Camamu, Cairu, Igrapiuna e Serenheém, aliás Santarém. Contém o distrito de Valença mil e duzentos habitantes, entre brancos e Índios, que falquejam madeira tanto no continente, como na ilha Tinharé, cultivam víveres para seu consumo, e colhem café que exportam para a cidade da Bahia.

Valença.⁸⁵³ Pequena vila da província de Piauí, obra de vinte léguas ao norte da cidade de Oeiras. Está assentada à beira do ribeiro Catinguinha, de que tomou o nome que conservou até o fim do século XVIII, que o trocou pelo de Valença, na ocasião em que foi elevada à dignidade e categoria de vila. O ribeiro Catinguinha se incorpora quatro léguas abaixo dela

com o rio de São Victor. N. S. do Ó é o orago de sua matriz, que tem por filial a igreja de N. S. da Conceição, sete léguas ao oriente da matriz, no sítio chamado Bocaina, sobre a margem direita do ribeiro das Guaribas. O distrito desta vila é vasto, mas mal povoado, sendo que a sua população é quando muito de três mil habitantes, que lavram arroz, tabaco, mandioca, milho e criam gado. Há neste distrito mui bons pastos e minas abundantes de salitre.

Valentim. Serra da província do Maranhão, na comarca de Pastos Bons. Corre do norte para o sul, entre o rio Itapicuru e o Parnaíba, ao nascente da nova vila da Passagem Franca.

Valonguinho. Antigo lugarejo, enseada e ponta de terra da baía Niterói. A ponta servia em outro tempo de extrema entre as povoações São Domingos e da Praia Grande, e as casas se achavam dispostas em meio círculo no fundo da baía, onde se acolhem as embarcações quando se levanta algum temporal. Atualmente, as casas da povoação de São Domingos, de Valonguinho e

Vapixana

da Praia Grande, pegadas umas com as outras, constituem a cidade de Niterói, capital da província do Rio de Janeiro.

Vamicanga. Vigésima nona cachoeira que se topa descendo pelo rio Tietê, na província de São Paulo. Sobee e desce-se com facilidade. Entre ela e a cachoeira das Congonhas, que a precede, fazem as embarcações nove léguas de boa navegação, passando pelos confluente do ribeiro e rio Jacaré Pipira, sobre a direita, a duas léguas de distância um do outro: o primeiro a quatro léguas da cachoeira Vamicanga, e o segundo a duas, e faz-se ainda mais uma légua para se chegar à de Tambari Tirica.

Vamicanga. Décima quarta cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso. Desce-se e sobee-se sem custo, e fica meia légua abaixo da cachoeira Bicudo, e em igual distância da da Pedra Redonda.

Vapixana. Tribo de Índios que vivem no norte da Guiana brasileira, perto das possessões dos Ingleses.

⁸⁵³ Atual cidade de Valença do Piauí/PI. (N/E)

Varadouro

Varadouro. Porto a leste da cidade de Paraíba, sobre o rio e na província do mesmo nome. Surgem nele os navios, e tomam carga.

Varadouro. Rio da província de São Paulo; rega os distritos das vilas de Cananeia e Paranaguá, e se incorpora com o rio Ararapira. Propôs-se de tomar este rio por extrema da província de São Paulo, no caso de ser decretado a criação da província de Curitiba, matéria que foi discutida em 1843.

Varé. Quarta cachoeira do rio Coxim, descendo-se pelo Camapuã, na província de Mato Grosso. Desce-se com facilidade, mas é mister ter dobrado número de remos para subir-se. Fica quatro léguas abaixo da cachoeira Peralta ou Pedra Alta, e duas acima da Culapada.

Varge. Ribeirão da província de São Paulo; nasce da encosta ocidental da serra do Cubatão, corre para o poente pelos campos curitibanos, atravessa a estrada que vai da cidade de Porto Alegre para a de São Paulo, e vai engrossar o rio Curitiba em que entra pela

margem esquerda, cinco léguas depois da confluência do rio Negro.

Varge. Riacho da província do Rio de Janeiro, que passa pelas abas da vila de Itaboraí, e se ajunta pela margem direita com o pequeno rio da Aldeia.

Vargem Bonita. Registo da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, trinta e duas léguas ao su-sueste da vila do mesmo nome. Foi posto, no decurso do século passado, à beira do ribeiro de Santo Antônio, tributário do rio do Sono, para vigiar sobre o extravio dos diamantes.

Vargem Formosa. Grande vale da província de Mato Grosso, quatorze léguas ao poente da cidade de Cuiabá. Há nele várias lagoas que dão mui bom sal para o consumo do distrito da cidade, e também algumas minas de salitre.

Vargem Grande.⁸⁵⁴ Aldeia da província do Maranhão, entre os rios Monim e o Itapicuru. Está vantajosamente situada no encontro da estrada chamada das *Boiadas*, que vem da vila de Caxias, com a que co-

munica da vila de Manga com a de Itapicuru-Mirim.

Vargem Redonda. Aldeia da província das Alagoas, na margem esquerda do rio de São Francisco, e no termo da freguesia de Tacaratu. É nesta aldeia que finda a grande navegação deste rio, e as fazendas são transportadas por terra até além do salto de Paulo Afonso, e postas em ajoujos para resistir às correntezas, e vingar as cachoeiras que a fio se sucedem por espaço de vinte léguas até a aldeia de Canindé. A aldeia da Vargem Redonda é de bastante trato, mas a vizinhança do gentio é um grande obstáculo ao aumento de sua população.

Varges. Lagoa da província do Rio Grande do Norte, na margem esquerda do rio Apodi. É estreita do comprimento de obra de duas léguas, e seca-se por vezes de todo em todas nas grandes secas.

Varginha.⁸⁵⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova cidade de Três Pontes. O Espírito Santo é o orago de sua igreja, que foi declarada filial da matriz da nova

⁸⁵⁴ Atual cidade de Vargem Grande/MA. (N/E)

⁸⁵⁵ Atual cidade de Varginha/MG. (N/E)

vila, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Várzea Comprida. Vale da província do Rio Grande do Norte, no distrito da Vila da Princesa; jaz ao pé do mar, e nele se veem de distância em distância os lugarejos da Malhada Vermelha, de Adequé, de Oiti e de Caiçara, com uma capela que lhes serve de paróquia.

Várzea das Raízes. Vale da província de Santa Catarina, que atravessa o rio Tubarão. Em 1840 descobriu-se nele uma excelente mina de carvão de pedra.

Várzea da Vaca. Lugarejo da província do Ceará, no distrito da Vila do Príncipe. Está situada na extrema do distrito da vila do Crato, e pode vir a ser considerável por isso que é atravessado pela estrada que sobe ao longo do rio Jaguaribe, e vai ter às margens do rio de São Francisco, onde este rio separa a província de Pernambuco da da Bahia.

Várzea da Ema.⁸⁵⁶ Lugarejo da província de Paraíba, no termo da freguesia de Catolé,

num vale regado pelo rio Carateús ou Poti.

Vassouras. Comarca da província do Rio de Janeiro, que tem por cabeça a vila do mesmo nome. Foi criada por lei da assembleia provincial de 13 de abril de 1835, que a formou com os distritos de Vassouras, Valença e Paraíba do Sul.

Vassouras.⁸⁵⁷ Pequena vila da província do Rio de Janeiro, cabeça da comarca do seu nome. No princípio do século em que estamos, o sítio onde está assentada esta nova vila, era um despovoado coberto de mato, e de certa espécie de arbusto de que no Brasil fazem vassouras; foi-se este sítio vagarosamente povoando, de sorte que em 1820 havia já nele obra dum cento de moradores; porém de então em diante engrossou-se de tal modo em gente que de simples povoação, que era, passou a ser vila, por lei da assembleia geral de 15 de janeiro de 1833, pela qual foi a vila do Pati do Alferes despojada deste título em razão da pouca gente que tinha, deu-se à nova vila por distrito o da vila supri-

Vassouras

mida, e escolheram-na juntamente para cabeça dum colégio eleitoral. Havendo a província do Rio de Janeiro sido repartida, por lei provincial de 13 de abril de 1835, em oito comarcas, deu-se uma o nome de Vassouras, sendo cabeça dela a vila do mesmo nome. A matriz desta nova vila é dedicada a N. S. da Conceição. Como lhe fizessem doação duma peça de terra de trezentas e sessenta braças, a assembleia geral houve por bem consentir nela, e poucos anos depois foi a igreja consertada e aumentada. No princípio do ano de 1837 criou-se nesta vila uma escola de primeiras letras; no seguinte constava o seu colégio eleitoral de vinte e nove eleitores, e no de 1843 de quarenta e seis. Ela é também cabeça duma legião de guarda nacional, e tem uma fonte de que foi ornada no ano de 1844. Seu distrito, que compreende os termos das freguesias de Vassouras, de Sacra Família de Tinguá e do Pati do Alferes, pode ter obra de sete léguas do norte ao sul, e quatro do nascente ao poente, e encerra obra de quatro mil habitantes, quase todos empregados na agricultura.

⁸⁵⁶ Atual povoado de Várzea da Ema, município de São João do Rio do Peixe/PB. (N/E)

⁸⁵⁷ Atual cidade de Vassouras/RJ. (N/E)

Vaza Barris

Vários ribeiros o fertilizam, sendo o mais considerável o do Pati do Alferes, não falando no rio de Santana. O rio Paraíba serve-lhe também de extrema da parte do norte. Colhe-se neste distrito grande quantidade de café, além dos víveres necessários para o consumo dos habitantes, fazem-se grandes criações de porcos, que se levam a vender ao Rio de Janeiro; e alguns fazendeiros começam a fazer salsichas, chouriços e presuntos, o que será em breve um novo ramo de comércio assaz rendoso. Na ourela duma mata a pequena distância da vila descobriu-se uma fonte d'água que diziam ser medicinal, porém depois de analisada veio-se no conhecimento que encerra uma quantidade mínima de protocarbonato de ferro, e de ácido carbônico.

Vaza Barris. Nome dado pelos primeiros exploradores, ignora-se o porquê, ao rio da província de Sergipe, chamado pelos Índios *Irapirang*. Nasce o Vaza Barris na serra Itiúba, e corre com pequeno cabedal por um terreno pedregoso do nascente para o poente, recolhendo alguns ribeiros insignificantes até duas léguas do mar, onde se lhe ajunta o rio

Sergipe, mais possante que ele por levar mais água, e por ser mais fundo: motivo por que os marítimos que cursam nestes rios lhe dão o nome de Sergipe até entrar no Oceano. A foz do Vaza Barris ou Sergipe forma uma enseada assaz larga com um parcel que fica à mostra quando a maré vaza. No meio desta enseada existe um esteiro ou carreira sinuosa ladeada de frequentes parcéis que tornam difícil a entrada desta barra, sendo que nas circunstâncias mais favoráveis o sobredito esteiro nunca tem mais de doze pés d'água. A ponta do sul desta barra se acha sete léguas ao norte da foz do rio Real, e em onze graus, dez minutos e trinta segundos de latitude.

Veadeiros. Grande serra da província de Goiás. (V. *Viadeiros*.)

Veados. Lugarejo povoado por alguns cultivadores pobres, na província de Minas Gerais, no distrito da vila de Formiga.

Veados. Ilha do rio das Amazonas, na província do Pará, perto da confluência do rio Juruá. No século passado, o missionário André da Cos-

ta ajuntou nesta ilha muitas famílias de Índios de diversas tribos e as doutrinou, e transferiu depois para a vila de Ega, nas margens do rio Tefé.

Veiros. Pequena e antiga vila de Índios que é tida em conta de aldeia. Está assentada na margem direita do rio Xingu, cousa de vinte léguas acima de sua confluência com o Amazonas, e cento e dezoito léguas arredada da cidade de Belém; é regada por um ribeiro apelidado também Veiros. São João Batista é o orago de sua matriz; e os fregueses índios, de ordinário inimigos do trabalho, que deixam em baldio terras férteis, que com algum amanho seriam para eles uma fonte de abundância.

Velha.⁸⁵⁸ Aldeia da província do Espírito Santo, no distrito da vila de Almeida. (V. *Aldeia Velha*.)

Velha. Alta e dilatada serra da Guiana brasileira, entre o rio Paru e o Amazonas. Seu cume está em todo tempo enevoadado, e as trovoadas que nele se formam vão desatar-se em chuvas, segundo o vento, nas terras de Colômbia ou nas da província do Pará.

⁸⁵⁸ Atual distrito de Nova Almeida, município de Serra/ES. (N/E)

Velha Boipeba.⁸⁵⁹ Antiga vila da província da Bahia, que foi despojada deste título. (*V. Boipeba Velha.*)

Velhas (Rio das) ou **Guaicuí**. Grande rio da província de Minas Gerais. Para não confundir este rio com outros do mesmo nome, originados talvez do mesmo motivo, seria mister que se lhe restituísse o de Guaicuí, que lhe haviam dado originalmente os Índios. Como quer que seja, nasce o rio das Velhas ou Guaicuí da serra Paraopeba, por onde corre do poente para o nascente até chegar à freguesia de Itabira, onde toma de repente para o norte, e então recolhe por uma e outra margem infinitos ribeiros, rega a vila de Sabará e a povoação de Santa Luzia, passada a qual se lhe incorporam, pela margem direita, o rio do Cipó, o Paraúna, o Pardo e o Curmataí, e pela esquerda, o Bicudo. Depois de haver deste jeito atravessado a comarca do seu nome, vai este rio misturar as suas águas com as do rio de São Francisco pela margem direita, acima da povoação da Barra das Velhas. No fim do século XVII, as margens do rio das Velhas eram habitadas pelos Índios Carijós, que dizem se acolhe-

ram às serras quando viram avizinhar-se os primeiros Paulistas, que iam em demanda de minas de ouro, e que estes não achando nas aldeias senão algumas Índias velhas, puseram àquele rio o nome com o que é conhecido atualmente. Em 1834, Guilherme Kopk, Inglês de nação, impetrou do governo imperial um privilégio para navegar com barcos de vapor pelos rios das Velhas e de São Francisco, parece porém que foram tais as dificuldades que encontrou na má vontade dalguns dos naturais do Brasil, e nas próprias autoridades que deu renúncia a tão útil empresa. O Brasileiro José Peixoto de Souza alcançou para o mesmo fim um privilégio de dez anos, no qual se não determinou o prazo dentro do qual começariam a navegar os barcos de vapor nos sobreditos rios: como quer que seja o certo é que em 1840 ainda se não tinha dado princípio aos trabalhos preparatórios.

Velhas. Rio na extrema das províncias de Minas Gerais e de Goiás. Nasce no vertente ocidental das serras da Pindaíba e da Marcela, corre rumo de sueste, regando os distritos das vilas do Desem-

Venda Grande

boque, de Patrocínio e de Araxá, e se junta com o Paranaíba quinze léguas acima de sua confluência com o rio Grande. Num curso de mais de sessenta léguas recebe este rio sucessivamente o ribeirão das Furnas, o Uberava Verdadeiro e o do Inferno, todos três pela margem esquerda, e o Quebra Anzóis pela direita. Na estação das chuvas dá este rio navegação a iates que sobem por ele acima até a confluência do ribeirão das Furnas, seu primeiro tributário digno de notar-se, mas no restante do ano só admite canoas.

Velho (Lagoa do). Lagoa da província do Ceará, no distrito da vila de São João do Príncipe, sangra-se por dous canais naturais no rio Jaguaribe, que neste ponto ainda não é navegável.

Venda Grande. Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito e a duas léguas da cidade deste nome. Passa por ela a estrada imperial de Minas Gerais, e por ficar à beira do mar, e poderem os barcos carregar em seu porto café e outros gêneros para o Rio de Janeiro, é de muito trato. Acha-se no termo da fregue-

⁸⁵⁹ Atual distrito de Velha Boipeba, município de Cairu/BA. (N/E)

Venda Grande

sia do Engenho Novo, aliás Inhaúma.

Venda Grande.⁸⁶⁰ Lugarejo da província de São Paulo, a uma légua da cidade da Campina, célebre pela batalha de 7 de junho de 1842, na qual o tenente coronel José Vicente de Amorim Bezerra desbaratou e pôs em fuga os rebeldes comandados por Antônio Joaquim Viana, que foi morto na ação.

Ventania. Freguesia da província de Minas Gerais, de cujo termo foi desanexado o de Bom Jesus dos Passos, que passou também a ser freguesia por lei provincial de 3 de abril de 1840.

Ventura. Nome duma das ilhas da baía de Angra dos Reis, defronte da costa do distrito de Parati, na província do Rio de Janeiro.

Vera Cruz.⁸⁶¹ Antiga vila da província do Pará. (V. *Gurupi*, vila.)

Vera Cruz.⁸⁶² Povoação da província da Bahia, na ilha de Itaparica, meia légua arredada da vila deste nome. Sua igreja

foi longo tempo a matriz da parte desta ilha, que fica da banda do norte, e tinha já a invocação que hoje tem; porém presentemente é filial da igreja matriz do Santíssimo Sacramento da vila. Possui esta povoação uma escola de primeiras letras, que foi criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Verde. Ponta de terra que se adianta pelo mar, na costa da província das Alagoas. Consiste em um outeiro coberto de arvoredo, ladeado da parte do norte do porto de Pajussara, e da do sul do de Jaraguá. Na rampa deste outeiro está assentada a vila de Maçaió, meia légua arredada do porto de Jaraguá.

Verde. Lindo rio da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí. Nasce ao sudoeste da vila de Ajuruoca, quase no mesmo lugar que o rio Grande, tributário do Paranará, descreve um círculo do sul para o norte, e do nascente para o poente, recolhe em seu curso os rios Bependi e Capivari, e diversos ribeiros. Suas margens são entremeadas de arvoredos e

de pastagens lavadas de sua corrente que as acompanha, e que parece com saudade apartar-se de tão aprazíveis sítios, indo misturar-se com a do rio Sapucaí, pela margem direita, no cabo de quarenta léguas de curso.

Verde. Rio aurífero da província de Minas Gerais, descoberto em 1760 pelos Irmãos Cerqueira, naturais de São Paulo. Nasce nos pântanos da comarca de Serro Frio, apelidados vulgarmente *Brejo das Almas*, ao ocidente da serra do Grão Mogor, dirige-se para o norte, recolhendo por ambas as margens os ribeiros das Araras, do Fogo e do Ouro, e o rio Guaratuba, que lhe engrossa do dobro a corrente, e o faz inclinar para o noroeste até a confluência do rio Pacuí, que o obriga a apartar-se deste rumo, e a correr em direitura para o oeste, servindo de limite à província da Bahia, e vai desaguar no rio de São Francisco, defronte das embocaduras dos rios Japoré e Carinhenha. As margens do rio Verde oferecem ótimos pastos para o grosso gado, que sofre grandemente no tempo das secas.

⁸⁶⁰ Atual cidade de Campinas/SP. (N/E)

⁸⁶¹ Atual localidade de São José do Gurupi, município de Viseu/PA. (N/E)

⁸⁶² Atual cidade de Vera Cruz/BA. (N/E)

Verde. Rio de pouco cabedal da província da Bahia, que é bem diferente do precedente. Corre do sul para o norte por vastos campos, onde existem minas de salitre, e vai misturar as suas águas salobres com as do rio de São Francisco, perto da passagem deste rio pela vila de Pilão Arcado pela margem oposta. Os moradores, que vivem derramados em suas margens, criam gado para bastecimento da cidade da Bahia.

Verde. Pequeno rio da província de Goiás: nasce do vertente setentrional da serra dos Pireneus, corre do sul para o norte, passa perto do monte de Manoel Inácio ao nascente da vila do Pilar, e vai ajuntar-se pela margem esquerda com o rio do Maranhão da mesma província.

Verde. Pequeno rio da província de São Paulo. Nasce na encosta ocidental do monte Jureia, por corrupção de Judeia, por isso que parece fazer foscas aos caminhantes que por ele transitam, atravessa a estrada que vai da Vila do Príncipe para a de Sorocaba, e vai segundo alguns engrossar o rio Tibagi. As pessoas que partem destas duas vilas se admiram vendo o grupo de rochedos, que fazem uma ponte sobre este rio. Autores há que pretendem que este

rio Verde deve juntar-se com o rio Paranapanema, pelo mesmo teor que os ribeiros Tereré e Taquari.

Verde. Rio da província de Mato Grosso. Nasce na serra de Itiqueira, corre rumo do sul entre os rios Pardo e Sucuriú, e vai levar ao Paraná pela margem esquerda o tributo de suas águas, defronte de duas ilhotas de igual tamanho, treze léguas abaixo da cachoeira Jupiá, cinco acima da ilha de Manoel Homem, e quatro ou cinco passado o confluente do rio Aguapéi na margem direita. Este rio pouco frequentado dá navegação a iates, e suas margens abundam em árvores que dão excelentes madeiras de construção. Sua água é potável, e parece fora do rio cristalina, mas dentro dele tira sobre o verde.

Verde. Rio da província e comarca de Mato Grosso: corre rumo do norte, atravessa a cordilheira dos Parecis, e desce dela de cachoeira em cachoeira, seguindo paralelamente de longe o curso do Guaporé, com quem se vai ajuntar pela margem direita, oito léguas abaixo da confluência do Galera, e a vinte e seis léguas da cidade de Mato Grosso, pouco mais ou menos em treze graus de latitude, dando navegação so-

Vermelho

mente três léguas acima de seu confluente. Os Índios Mogos não civilizados, mas pacíficos, dominam em suas margens.

Veríssimo ou Viríssimo. Dous ribeiros da província de Goiás são conhecidos com este nome; ambos nascem na chapada de Embiruçu do vertente meridional da serra dos Pireneus, e vão atravessar a estrada que vai da cidade de Goiás para a de São Paulo, a pequena distância um do outro, onde para passá-los é mister tirar a sela às cavalgadas, e conduzi-las pelas rédeas a nado; os passageiros atravessam em canoas com suas bagagens. Passada esta estrada, um destes ribeiros, que nesse ponto é batizado pela gente da terra por *Braço do Veríssimo*, se ajunta com o outro pela margem direita, e ambos, feitos num, vão engrossar o rio Paranaíba, vinte e quatro léguas acima da confluência do rio Corumbá.

Vermelha. Serra da província de Piauí, quarenta léguas pouco mais ou menos ao sueste da cidade de Oeiras. Corre do sul para o nordeste, nas adjacências da província de Pernambuco e do rio Itaim, que lhe banha as raízes.

Vermelho. Rio da província de Goiás; foi descoberto em

Vermelho

1726 pelos Paulistas que acompanhavam a Bartolomeu Bueno o filho, os quais ajuntaram dentro de mui pouco tempo duas arrobas de ouro. Nasce o Vermelho nos montes que jazem ao su-sueste da cidade de Goiás, que ele atravessa sem dar navegação, e onde se engrossa com as águas dos ribeiros Bugre e do Ferreiro, recolhe por uma e outra margem infinitos riachos, e no cabo dum curso de sessenta léguas ao rumo de noroeste, se vai incorporar com o rio Araguaia pela margem direita, entre os confluente do rio Claro e do das Tesouras. Uma cheia estragou em 1839 as terras de suas margens, deitou por terra a igreja da Lapa, e levou duas pontes na cidade de Goiás.

Vermelho. Ribeiro da província de Mato Grosso; é um dos primeiros afluentes do rio Paraguai, no qual se lança duas léguas acima da confluência do rio Diamantino.

Vermelho. Ribeirão da província de Mato Grosso; corre por terras pouco conhecidas da Camapuânia, e vai juntar-se com o rio Sanguessuga pela margem esquerda, onde am-

bos trocam os nomes no de Pardo. (V. *Sanguessuga e Pardo*, rios.)

Vermelho. Ribeiro da província de Minas Gerais, um dos primeiros tributários do rio Saçuí, afluente do Doce. Perto deste ribeiro está sita a freguesia do Rio Vermelho.

Vermelho. Ribeiro da ilha de Santa Catarina, e único desta ilha que deságua no Oceano. Nasce nos montes que ficam ao pé da cidade do Desterro, corre para o oriente, dividindo o termo da freguesia de Rio Vermelho, do da Conceição da Lagoa. Suas margens estão em foro de dar as melhores melancias da província.

Vermelho. Ribeiro de curta extensão da província da Bahia, que se engrossa em todas as marés. Tem uma ponte para serventia da estrada de Itapuã para a Bahia, e vai lançar-se no mar, entre a ponta de Santo Antônio e a de Itapuã.

Vermelho. Ribeiro de bem pouco cabedal da província do Rio de Janeiro, que se ajunta com o rio de São João, perto da aldeia de Ipuca.

Vertentes. Rio da província de Mato Grosso, nas terras pouco conhecidas que demoram entre os rios Araguaia e Xingu. Parece vir de mui longe, e vai-se incorporar com o Araguaia pela margem esquerda, vinte léguas abaixo da confluência do rio de São João, defronte da ilha do Bananal.

Viadeiros. Serra da província de Goiás, na comarca de Calvalcante, entre o rio Maranhão e o Paranã, perto do qual ela se prolonga por espaço de cinco léguas. Seu cume principal que domina o passo chamado Chapada dos Viadeiros é nu e elevadíssimo. Desta serra nasce o rio Tocantins Pequeno, que se ajunta com o do Maranhão, e o Preto que corre rumo de leste e vai se incorporar com o Paracatu.

Viamão.⁸⁶³ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, num sítio aprazível ao oriente da lagoa de seu nome, e três léguas pouco mais ou menos a és-sueste da cidade de Porto Alegre. O primeiro que se aventurou só a ir residir neste sítio, perto duma aldeia de Índios, foi Correia da Silveira, correndo o ano de 1743.

⁸⁶³ Atual cidade de Viamão/RS. (N/E)

Passados alguns anos, Francisco Carvalho da Cunha foi ali fazer uma estância com uma capela dedicada a N. S. da Conceição, e as escrituras feitas em 1751 provam que arrendou por muitos anos a superfície de cada braço de terra, qualquer que fosse a sua profundidade, por vinte réis por ano. Durante a invasão dos Espanhóis em 1762, esta povoação serviu provisoriamente de capital da província até ser transferida a sede do governo, pelo governador José Marcelino de Azevedo, para o Porto dos Casais. Formou-se uma irmandade do Santíssimo Sacramento na primitiva capela, que foi criada paróquia, e em 1754 foi esta capela substituída por uma soberba igreja sempre com o mesmo orago. Um recenseamento feito em toda a província no ano de 1814 repartiu da maneira seguinte a população da freguesia de Viamão:

Branços, de ambos os sexos	1.545
Índios, id	11
Livres de todas as cores	188
Escravos de ambos os sexos	908
Recém-nascidos de toda condição.....	164

Total.....2.816 indivíduos.

Deste ano em diante a população de Viamão se tinha sensivelmente aumentado, mas infelizmente este número deve de ter diminuído depois da rebelião de 1835, em razão das emigrações e batalhas que se dão neste termo que foi ocupado pelos rebeldes até em 1840, e evacuado no mês de julho deste mesmo ano.

Viamão. Lagoa profunda da província de São Pedro do Rio Grande, que ocupa, do norte ao sul, um dilatado espaço entre a larga boca do rio Jacuí e a lagoa dos Patos. Da parte do nascente, esta lagoa banha as raízes das colinas em que está assentada a cidade de Porto Alegre e os campos de Viamão. Além do Jacuí esta lagoa recebe, da parte do norte, os rios navegáveis do Sino, Caí e Gravataí, e vários ribeiros, e oferece algumas ilhas o que não impede virem os brigues até o porto da cidade.

Viana. Nova comarca da província do Maranhão, criada pela assembleia provincial,

Viana

compreendendo o distrito da vila de Guimarães ao oriente, e os da de Santa Helena e de Turi ao ocidente; banhado, ao norte, pelo Oceano, e ao sul, pelo rio Piracunã.

Viana.⁸⁶⁴ Pequena vila do sertão da província do Maranhão, obra de trinta léguas ao sudoeste da cidade de São Luiz. Está assentada sobre o ribeiro Macacu, tributário do rio Pindaré, e deve a sua fundação aos jesuítas, que fundaram neste lugar uma aldeia com uma capela dedicada a N. S. da Conceição, e trataram de trazer à civilização os Índios Garmelas. Os mesmos religiosos fizeram também ali um engenho que é ainda presentemente um dos melhores da província, e alcançaram para a aldeia o título de vila. A igreja da Conceição teve o título de paróquia por alvará de 1795, e a assembleia provincial legislativa havendo criado uma nova comarca, foi esta vila escolhida para cabeça da de seu nome. Os habitantes de seu distrito vivem do que agricultam, caçam, falquejam madeiras, que descem pelo rio Mearim, e criam alguns bois para bastecimento da cidade de São Luiz.

⁸⁶⁴ Atual cidade de Viana/MA. (N/E)

Viana

Viana.⁸⁶⁵ Nova vila da província do Espírito Santo, na comarca de Vitória, perto da cordilheira dos Aimorés, e obra de quatorze léguas ao noroeste da cidade de Vitória. No começo de século presente, o sítio onde jaz esta vila era um despovoado, infestado pelos Índios Botocudos. Em 1816, o intendente geral da polícia, Paulo Fernandes Viana, colocou nas vizinhanças dos ribeiros Itaquari e Santo Agostinho alguns casais de Açoristas, e esta nova povoação tomou o nome de *Viana* em memória de seu fundador. Edificou-se uma igreja a N. S. da Conceição, que foi honrada com o título de paróquia por um decreto real de 25 de março de 1820, o qual lhe deu por termo as terras encerradas entre o ribeiro Itaquari da parte do nascente, o Jecu da parte do sul, e a cordilheira da do poente. Fizeram-se pelo tempo adiante, na província, novas divisões paróquiais, e em virtude duma lei da assembleia provincial de 30 de dezembro de 1837, o termo da freguesia de Viana ficou confrontando, a leste, com os de Cariacica e da ci-

dade da Vitória; ao sul, com o canal Camboapina, que o separa do da vila do Espírito Santo; e ao poente e norte, conservou as suas antigas confrontações. A população desta freguesia e de seu termo tendo-se aumentado sensivelmente todos os anos, outra lei da mesma assembleia a elevou à categoria de vila da província, dando-lhe por distrito seu próprio termo. Suas terras são excelentes para os cafeeiros e mais árvores e plantas do Brasil. Deu-se princípio a uma estrada que deve passar por este distrito, e estabelecer a comunicação da cidade da Vitória com a província de Minas Gerais. No norte deste distrito se assentaram, no princípio deste século, os registos de Barcelos, Bragança, Borba, Melgaço, Monforte, Óleos, Pinhel, Serpa e Vila Viçosa, que são atualmente outras tantas povoações.

Viçosa.⁸⁶⁶ Vila marítima da província da Bahia, na comarca de Caravelas. Está assentada na margem meridional do rio Peruípe, a uma légua de sua embocadura no canal dos Abrolhos. Deve o

seu princípio a João Domingos Monteiro, que foi residir em 1720 para o sítio a que pôs nome Campinho. Ajuntou ele ali alguns de seus compatriotas, e mandou fazer uma capela a N. S. da Conceição. Como o número dos moradores se fosse gradualmente aumentando, alcançou esta capela o título de paróquia em 1748, e passados anos foi a povoação de Campinho criada vila por alvará de 1768 com o nome de Viçosa. O distrito de Viçosa confronta ao norte com o da vila de Caravelas; a leste entesta no canal dos Abrolhos; ao sul topa no distrito da vila de Porto Alegre, e ao oeste na cordilheira dos Aimorés. Sua população anda por mil habitantes, que lavram mandioca, que ali se dá melhor que em parte alguma, fazem searas de milho e de arroz, e fabricam grande quantidade de farinha que mandam para Caravelas, pelo canal natural que faz que o rio Peruípe se comunica com o Zimbo ou Caravelas, por isso que a foz do Peruípe se acha entupida com bancos de areia, que dificultam a entrada e a saída das embarcações.

⁸⁶⁵ Atual cidade de Viana/ES. (N/E)

⁸⁶⁶ Atual cidade de Nova Viçosa/BA. (N/E)

Viçosa.⁸⁶⁷ Vila da província do Ceará, na serra Hibiapaba, doze léguas ao sudoeste da vila de Granja, e sessenta e seis pouco mais ou menos ao noroeste da cidade da Fortaleza. Foi originalmente uma aldeia fundada nesta serra pelos jesuítas, para nela doutrinareem na religião os Índios Tapuias, de que consta ainda presentemente a parte principal da população. A maior parte das casas são de madeira, algumas de tijolo, todas cobertas com juncos, e podem ser ao todo obra de cento e cinquenta, o que não é para estranhar, tendo a vila tão poucos rendimentos que ainda não tem cadeia, nem casa da câmara, e todavia o clima é sadio, as águas excelentes, e as terras de boa lavra. O orago da matriz, que é o antigo hospício dos jesuítas, é N. S. da Assunção; o vigário reside nos edifícios do hospício, e é o administrador da fazenda que foi destes padres chamada Tiaia, cujo rendimento é destinado para o reparo do hospício e da igreja, e conserto dos caminhos, porém tudo jaz na mais completa decadência. A estrada por onde se vai da cidade da Fortaleza para a de Oeiras,

passa por esta vila que é a pátria do célebre Camarão, que comandava a vanguarda do exército Pernambucano enviado contra os Holandeses. O distrito de Viçosa é limitado da parte do norte pelo da vila de Granja e de Vilanova del Rei, a leste pelo da vila de Sobral, ao sul pelo de Quixeramobim, e ao oeste pela província de Piauí. Avalia-se a sua população em mais de cinco mil habitantes, pela maior parte Índios. Alguns Europeus, convidados da bondade da terra e frescura do clima, se estabeleceram naqueles sítios, mas não se encontra neste distrito outra povoação à exceção da de Biapina, cuja população é meia índia, e os lugarejos de São Benedito, de Santo Hilário e de Burity.

Vieirinho. Ilhota da província do Pará, a pequena distância da cidade de Belém. Os rebeldes desta província evacuar-na em 17 de dezembro de 1835, depois de terem experimentado grande perda, tendo sido atacados pelas forças marítimas do Império.

Vigia.⁸⁶⁸ Antiga vila da província do Pará, a quinze léguas

Vigia

da cidade de Belém. No século XVII fizeram os padres da Companhia de Jesus escolha dum sítio aprazível nas margens do rio Guajará, tributário do das Amazonas, e fundaram nele um colégio, a que puseram o nome de São Jorge dos Álamos. Os frades das Mercês fundaram também naquelas adjacências uma casa conventual, e ambos estes estabelecimentos foram em breve cercados de moradores Índios, convidados pela bondade com que os padres os acolhiam, e de Portugueses que ali iam traficar. Quando os Holandeses se apoderaram desta parte do Brasil, achava-se aquela aldeia já algum tanto próspera, e depois da expulsão destes estrangeiros em 1564, deram-lhe o titulo de vila com o nome de Vigia. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. de Nazaré, tem além desta mais duas, porém todas três se achavam em mau estado desde o governo do Imperador D. Pedro I. O comércio do porto desta vila consiste em café e cacau, e prosperou por largos anos, porém achase atualmente mui descaído, e a população da vila diminuída. Avaliam-se os habitantes do

⁸⁶⁷ Atual cidade de Viçosa do Ceará/CE. (N/E)

⁸⁶⁸ Atual cidade de Vigia/PA. (N/E)

Vigia

seu vasto distrito em dez mil, comerciantes, pescadores e lavradores. O café deste distrito passa por ser o melhor da província.

Vigia.⁸⁶⁹ Registo da província de Minas Gerais, nas margens do rio Jequitinhonha, dez léguas acima da queda d'água chamada *Salto Grande*. Foi ali colocado em 1815, para proteger a navegação do rio, civilizar os Índios Botocudos, e rebatê-los no caso de qualquer acometimento. A fertilidade das terras circunvizinhas, e a facilidade das comunicações com a cidade da Bahia por via do rio, podem convertê-lo em uma vila importante.

Vila Bela.⁸⁷⁰ Nome que foi posto à povoação de Pouso Alegre em 1752, na ocasião em que foi criada vila, e que conservou até 1817. (V. *Mato Grosso*, cidade.)

Vila Bela da Princesa.⁸⁷¹ Pequena vila da província de São Paulo, na margem ocidental da ilha de São Sebastião da parte

do norte, trinta e duas léguas pouco mais ou menos a leste da cidade de São Paulo, em vinte e três graus e quarenta e sete minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e quarenta e seis minutos de longitude ocidental. No tempo em que esta província era governada por Antônio José da França Horta, a única povoação que havia na ilha de São Sebastião foi criada vila por ordem do príncipe regente, com o nome de *Vila Bela da Princesa*, em 23 de janeiro de 1809, e sua igreja, de há muito dedicada a N. S. da Luz, foi honrada com o título de paróquia no ano seguinte. Seu porto, que fica na frente da vila, é cômodo e seguro. A quinhentas toesas da praia acham-se de dez até dezessete e vinte braças de fundo, e todavia é menos procurado dos navios que os demais portos da província. O distrito desta vila limita-se à ilha de São Sebastião, e consta de três mil habitantes que lavram canas, tabaco e víveres, fazem açúcar e aguardente que exportam

para o Rio de Janeiro com o tabaco, que é reputado por um dos melhores do Brasil.

Vila Boa.⁸⁷² Nome que teve a povoação de Santana, quando foi criada vila em 1739. (V. *Goiás*, cidade.)

Vila Boim.⁸⁷³ Antiga vila da província do Pará, nas margens do rio Tapajós. (V. *Boim*.)

Vila da Campanha, Vila da Campanha da Princesa e Vila da Campanha do Rio Verde.⁸⁷⁴ Vila da província de Minas Gerais. (V. *Campanha*, cidade.)

Vila da Constituição.⁸⁷⁵ Vila da província de São Paulo, na terceira comarca de que é cabeça a vila de Jundiá. (V. *Constituição*.)

Vila da Imperatriz.⁸⁷⁶ Pequena vila da província do Ceará, na comarca de Baturité, na serra Uruburetama, vinte e seis léguas ao poente da cidade da Fortaleza. Foi em princípio uma aldeia de Índios

⁸⁶⁹ Atual cidade de Almenara/MG. (N/E)

⁸⁷⁰ Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

⁸⁷¹ Atual cidade de Ilhabela/SP. (N/E)

⁸⁷² Atual cidade de Goiás/GO. (N/E)

⁸⁷³ Atual distrito de Boim, município de Santarém/PA. (N/E)

⁸⁷⁴ Atual cidade de Campanha/MG. (N/E)

⁸⁷⁵ Atual cidade de Piracicaba/SP. (N/E)

⁸⁷⁶ Atual cidade de Uruburetama/CE. (N/E)

Tapuias, que nenhum pro-
veito tiraram das excelentes
terras de que estavam cerca-
dos. No fim do século pas-
sado, agregaram-se-lhes al-
guns Portugueses, e logo se
abriram estradas para a vila
de Quixeramobim da parte
do sul, para a do Sobral da
do poente, e para a vila da
Fortaleza da do nascente.
Erigiu-se uma igreja da invo-
cação de São José, que foi
elevada à categoria de paró-
quia em 1816. Como a po-
pulação branca fosse pro-
gressivamente crescendo,
uma resolução imperial de 23
de fevereiro de 1823 lhe con-
feriu o título de vila, conser-
vando-lhe o nome do orago
de sua igreja: dotaram-na
com uma légua quadrada de
terra, com condição que os
habitantes fariam à sua custa
os edifícios indispensáveis na
criação duma vila, e um de-
creto imperial de 17 de outu-
bro do mesmo ano lhe deu o
nome de Vila da Imperatriz.
Há nesta vila um júri inde-
pendente do da cabeça da co-
marca, em virtude duma lei
provincial de 9 de janeiro de
1841, o que não obstante o
mesmo juiz municipal e dos
órfãos serve para as vilas da

Imperatriz e de Baturité. Seu
distrito tem por limites, ao
poente, o rio Aracati; ao sul,
pega com os distritos das vi-
las de Quixeramobim e de Ba-
turité; a leste, a serra Jatobá,
que se acha dentro dele, o a-
parta do distrito da cidade da
Fortaleza, e enfim, pelo norte,
banham-no as águas do O-
ceano. Seus habitantes, derr-
mados pela serra Urubure-
tama, nas adjacências do mar,
criam gado e colhem bastante
algodão.

Vila da Independência.⁸⁷⁷
Nova vila da província de Pa-
raíba, na comarca de Brejo
de Areia. Foi em princípio a
antiga povoação de Gorabira
ou Guarabira, com uma i-
greja da invocação da Virgem
Maria, e uma escola de en-
sino mútuo, criada por de-
creto da assembleia geral de
13 de outubro de 1831, que a
assembleia provincial elevou
à categoria de vila da provín-
cia, modificando-lhe o nome,
e estendendo-o no de Vila da
Independência de Gorabira.
Esta nova vila é cabeça duma
legião de guarda nacional e
dum colégio eleitoral, que em
1843 constou de quarenta e
três eleitores.

Vila da Princesa

Vila da Princesa.⁸⁷⁸ Vila po-
pulosa e mercantil da provín-
cia do Rio Grande do Norte,
cabeça da comarca de Açu, si-
tuada numa vasta campinha,
sobre a margem esquerda do
rio das Piranhas, quarenta lé-
guas ao noroeste da cidade do
Natal. Foi em princípio uma
aldeia de Índios dirigidos pe-
los jesuítas, que foram os pri-
meiros Europeus que naquele
lugar residiram. Teve o nome
de Açu até ser criada vila em
1790, época em que o trocou
no de Vila da Princesa. É or-
nada duma igreja matriz de
que é orago São João Batista,
e doutra da invocação de N. S.
do Rosário; tem casa da câ-
mara e cadeia. As casas são
térreas em geral, sendo poucas
as de sobrado, todas são telha-
das; tem escola de primeiras le-
tras, criada por decreto de
1832, e é cabeça dum colégio
eleitoral. Duas estradas já anti-
gas vão ter a esta vila; uma que
vem do mar, e que vai ter a
Pernambuco, passando pelas
matas de Apodi e pela serra
dos Cairiris; e outra que vem
da capital do Ceará, e vai para
as cidades de Paraíba e do Re-
cife de Pernambuco; em 1841,
deu-se princípio a uma nova
estrada que deve ir desta vila

⁸⁷⁷ Atual cidade de Guarabira/PB. (N/E)

⁸⁷⁸ Atual cidade de Açu/RN. (N/E)

Vila da Rainha

para Vilanova do Príncipe. O distrito da Vila da Princesa confina, ao poente, com a província do Ceará, da qual se acha separado pelo rio Apodi; ao sul, fica pegado com os distritos das vilas de Porto Alegre e de Vilanova do Príncipe; ao nascente, com o da vila de Toiros; e ao norte, vai entestar no mar. Avalia-se a sua população em mais de cinco mil habitantes, parte dos quais trabalham nas salinas, fazem salgações de peixe que exportam e comerciam, parte, e são os que moram ao sul da vila, plantam mandioca, semeiam milho, arroz e feijões. As principais povoações deste distrito são: Aguamaré, Anjicos, Cacimba, Caiçara, Campo Grande, Molhada, Oficina do Açú, Oiti, Ponte de Melo, Santana, Santa Luzia de Mossoró, São Sebastião, Várzea Comprida e a ilha de Manoel Gonçalves.

Vila da Rainha.⁸⁷⁹ Vila da província de Paraíba. (V. *Campina Grande*, vila.)

Vila do Carmo.⁸⁸⁰ Antiga vila da província de Minas Gerais. (V. *Mariana*, cidade.)

Vila do Conde.⁸⁸¹ Vila da província da Bahia. (V. *Conde*, da mesma província.)

Vila do Conde.⁸⁸² Antiga vila da província do Pará, despojada deste título, e cuja matriz cessou de o ser. (V. *Conde*, mesma província.)

Vila do Conde.⁸⁸³ Vila da província de Paraíba. (V. *Conde*, na mesma província.)

Vila do Equador.⁸⁸⁴ Nova vila da província do Pará, na margem setentrional da ilha de Marajó. Deu-lhe origem a companhia do Pará, que mandou fazer uma vasta armação com uma igreja dedicada a Santo Antônio, em torno da qual se foram estabelecendo alguns colonos, e a povoação que dali resultou alcançou o título de vila com o nome de Chaves, correndo o século XVII, nome que foi trocado em 9 de agosto de 1834 no

que hoje tem pela assembleia provincial, criada em virtude da lei das reformas da constituição. Em 1840, consistia esta vila em duas casas térreas telhadas e uma dúzia de cabanas, cujos inquilinos eram Índios, que pescavam e cultivavam unicamente o que haviam mister para seu sustento quotidiano.

Vila do Imperador.⁸⁸⁵ Nova vila da província de Paraíba, na comarca deste nome. Foi originalmente a povoação Ingá do distrito da vila do Pilar, onde, por decreto da assembleia geral de 18 de outubro de 1831, se criou uma escola de ensino mútuo, até que uma lei provincial de 3 de novembro de 1840 lhe conferiu o título de vila, trocando-lhe o nome no de Vila do Imperador, e dando a seu distrito as seguintes confrontações. Ao sul o rio Potengi ou Paraíba, o ribeiro Salgado, um de seus primeiros afluentes, e a estrada que passa pelo sítio de Itiúma; ao poente, a extrema da província de Per-

⁸⁷⁹ Atual cidade de Campina Grande/PB. (N/E)

⁸⁸⁰ Atual cidade de Mariana/MG. (N/E)

⁸⁸¹ Atual cidade de Conde/BA. (N/E)

⁸⁸² Atual distrito de Murucupi, município de Barcarena/PA. (N/E)

⁸⁸³ Atual cidade de Conde/PB. (N/E)

⁸⁸⁴ Atual cidade de Chaves/PA. (N/E)

⁸⁸⁵ Atual cidade de Ingá/PB. (N/E)

nambuco, até o distrito da vila das Cabaceiras, a estrada e o rio Potingi que se desce até o ribeiro Paraibinha, que se sobe para ir ter ao Curral Velho; ao norte, o Poço do Gravatá, o cume da serra do Quati, o ribeiro Surrão, a estrada de Massaranduba, e o distrito da vila de Brejo de Areia; enfim ao nascente, o distrito da vila do Pilar, a estrada d'Água Doce, o ribeiro Salgado até a sua junção com o rio Paraíba ou Potingi. Segundo o artigo 6 duma lei provincial de 12 de novembro do mesmo ano de 1840, esta vila e seu distrito ficava pertencendo à comarca de Paraíba. Sua igreja, de que é padroeira N. S. da Conceição, foi criada paróquia por outra lei provincial de 5 de julho de 1841. Os moradores deste distrito, que ainda são poucos, lavram víveres, canas e algodão para exportação.

Vila do Príncipe.⁸⁸⁶ Antiga vila da província de Minas Gerais. (V. *Serro*, cidade.)

Vila do Príncipe.⁸⁸⁷ Pequena vila e de pouca gente da província de São Paulo, na quinta comarca de que é cabeça a vila de Curitiba, atravessada pela

estrada real que vai para a província de Santa Catarina, obra de dez léguas ao nordeste da vila de Curitiba, e a três do registro do mesmo nome. Era a antiga povoação de Santo Antônio de Lapa, que foi criada vila em 1806, pelo governador da província Antônio José da França Horta. Sua igreja matriz é dedicada a Santo Antônio. O seu distrito, no qual se acha incluído o território de Rio Negro com ser vastíssimo, encerra apenas cinco mil almas, e consta da freguesia da vila e da de Tamanduá, na povoação de Tauá, da da Esperança num país montuoso, e coberto de mato, e é regado pelos rios Negro e da Varge, ambos tributários do rio Curitiba ou Iguaçu. Seus moradores semeiam linho e milho, cultivam diversas árvores frutíferas da Europa, e criam gado vacum, cavalar e muar. Deve-se fazer na província de São Paulo uma estrada desde Vila do Príncipe até a cachoeira que serve de limite à província de Santa Catarina; a qual deve passar pelo Campo do Tenente, a serra da Jararaca e pela cachoeira e a província de Santa Catarina a deve continuar e levar até a vila e ilha

Vila Flor

de São Francisco atravessando o rio das Três Barras.

Vila Flor.⁸⁸⁸ Pequena vila da província do Rio Grande do Norte, doze léguas ao sul da cidade do Natal, e uma ou duas arredada do mar. Foi em princípio a aldeia Gramació, fundada perto da confluência do ribeiro de seu nome com o Cunhaú. Sua posição na vizinhança do derradeiro destes ribeiros que admite barcos, e a tendência que tinha a sua população a ir crescendo foram causa de lhe haver o governo real conferido o título de vila com o nome que tem, porém até o presente não tem esta vila correspondido com as esperanças que dela se havia concebido, o que não obstante a assembleia geral a dotou com uma escola de primeiras letras, por decreto de 3 de outubro de 1832. Sua matriz, que é tão antiga como a vila, é dedicada a N. S. do Desterro. As casas pouco numerosas são dispostas sem regularidade, e térreas: fez-se há pouco tempo um matadouro. O distrito de Vila Flor dá ótimo pau-brasil, e confronta ao norte com o da nova vila de Goianinha, e com o da vila de

⁸⁸⁶ Atual cidade de Serro/MG. (N/E)

⁸⁸⁷ Atual cidade de Lapa/PR. (N/E)

⁸⁸⁸ Atual cidade de Vila Flor/RN. (N/E)

Vila Franca

Mipibu, do qual se acha separado pelo rio Cururu; ao poente com o de Vilanova do Príncipe, e ao sul fica contíguo com a província de Paraíba. Sua população é avaliada em dous mil e quinhentos moradores brancos, Índios e mestiços, lavradores de víveres e de algodão. As principais povoações são: Crumataú, Parnambuquinho ou Ponta da Pipa, Tamatanduba, Tibau e Uruá.

Vila Franca. Vila da província do Pará, em princípio a aldeia Camaru. Está assentada na margem duma lagoa, que comunica com o rio Amazonas pela margem direita, e com o rio Tapajós pela esquerda, quatro léguas ao sudoeste da vila de Santarém, e cento e sessenta e oito pouco mais ou menos da cidade de Belém. É edificada regularmente em comparação da maior parte das vilas do Pará. Sua matriz é dedicada a N. S. da Assunção. Seu distrito é fértil, e os habitantes avaliados em 1842 em perto de quatro mil são quase todos Índios que cultivam alguns víveres e apanham grande quantidade de cacau.

Vila Franca do Imperador.⁸⁸⁹ Nova vila da província de São Paulo. (*V. Franca.*)

Vila Maria.⁸⁹⁰ Pequena e antiga vila presidial da província de Mato Grosso, na comarca de Cuiabá. Foi em princípio uma aldeia de Índios de diversas tribos, sita perto do morro das Pitas e do rio Paraguai, entre as vilas de Cuiabá e de Vila Bela. Em 1778 o governador da província, Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres, para opor uma barreira às invasões dos Espanhóis, estabeleceu nesta aldeia um presidio com o nome de Vila Maria, em honra da Rainha D. Maria I, e mandou edificar a igreja de São Luiz que foi criada paróquia por ordem régia de 4 de abril de 1780, solicitada pelo governador. Está situada esta vila numa vasta campina, na margem esquerda do Paraguai, oito léguas acima da confluência do Jauru pela margem oposta, e mais de trinta ao noroeste da cidade de Cuiabá. A estrada que vai desta cidade para a de Mato Grosso passa por Vila Maria. Seu distrito foi formado com uma porção do de Vila Bela, entre o rio Jauru, e a margem

direita do Paraguai, e duma porção maior entre a margem esquerda deste segundo rio, e o Sangradouro ou canal do Melo. Os Índios Bororós, Andirás, e outros que povoam esta vila se conservam ainda sem se misturarem. Há um destacamento diante das fronteiras da república de Bolívia, onde se acha o terreno neutro das Salinas, e a fazenda imperial de Caiçara onde se cria gado vacum e cavalos, a qual chega até a margem direita do Paraguai. Avalia-se a população deste distrito a mil habitantes que semeiam milho e arroz, e feijões, plantam mandioca, e lavram canas para um único engenho que ali há; alguns também criam gado.

Vilanova.⁸⁹¹ Vila insignificante da província do Pará, na Guiana brasileira, apelidada também às vezes Vila Vistosa da Madre de Deus. Esta vila, cuja população tem ido diminuindo do princípio deste século em diante, é povoada de Índios, que andam à pesca nos canais que correm entre o continente e as ilhas Croas, e está assentada na margem esquerda do rio Anarapucu, sete léguas acima de sua confluên-

⁸⁸⁹ Atual cidade de Franca/SP. (N/E)

⁸⁹⁰ Atual cidade de Cáceres/MT. (N/E)

⁸⁹¹ Atual cidade de Mazagão/AP. (N/E)

cia com o Amazonas. Sua igreja é dedicada a Madre de Deus. Seu termo consta geralmente de terras baixas favoráveis a toda sorte de cultivo; dá-se nelas admiravelmente o arroz. Nas matas se encontra a madeira chamada *macaco*; a dos montes é vermelha, e a dos campos com veias pretas e mui pesada. A salsaparrilha se encontra por toda parte.

Vilanova.⁸⁹² Vila da província do Rio de Janeiro, privada atualmente deste título e reduzida à categoria de mera povoação. Correndo o século XVI os Índios das províncias marítimas do Brasil vieram juntar-se com os Portugueses para ajudá-los a expulsar os Franceses que se haviam fortificado na baía Niterói ou do Rio de Janeiro. Em recompensa deste serviço, cada tribo teve o seu lote de terra; tal foi a origem das aldeias de Cabuçu, de Icaraí, de São Pedro e de São Lourenço. Os da aldeia Cabuçu foram doutrina-dos em 1584 pelo padre José de Anchieta, que ausentando-se deixou a direção dos neófitas confiada aos outros padres da mesma religião, os quais em 1705 os transferiram para um sítio mais sadio, a pequena

distância do primeiro, onde edificaram uma igreja de pedra, e a dedicaram a São Barnabé, vindo a nova aldeia a titular-se do nome deste Santo. Depois da expulsão dos jesuítas serviu aquela igreja de paróquia, e o chefe dos Índios recebeu em 1765 a patente de capitão-mor, e sucederam-lhe outros com o mesmo grau. Tendo alguns Portugueses vindo residir naquela aldeia, o vice-rei D. Luiz de Almeida, marquês de Lavradio, lhe conferiu o título de vila em 1773, com o nome de Vilanova de São José del Rei, e duas léguas de terra, encravadas no termo da freguesia de Tambi, porém só no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza, e em fevereiro de 1787 é que esta vila entrou na fruição de todos os seus privilégios. Organizou-se o senado da câmara de metade Índios, metade Brasileiros, estabeleceu-se um julgado, e levantou-se o pelourinho. Por alvará de 1795 foi a igreja de Vilanova elevada à categoria de freguesia, mas como depois de tantos anos a povoação se conservasse no mesmo ser no de 1834, a assembleia geral suprimiu-lhe o título de vila, e a reduziu a simples povoação.

Vilanova

Os Índios fazem chapéus de palha, açafates, peneiras, esteiras, e outros objetos, que pintam com as tintas que tiram das plantas do país; os brancos plantam mandioca, semeiam milho e feijões, lavram canas, e fazem pomares de laranjeiras; e tudo isto se embarca no porto da vila na margem esquerda do Macacu, que tem maré com estar distante da baía Niterói mais de três léguas. Os moradores deste termo andam por dous mil, metade livres, e metade escravos.

Vilanova.⁸⁹³ Linda povoação do continente da província de Santa Catarina na comarca do sul. É fundada em anfiteatro na margem setentrional da lagoa apelidada por antonomásia Laguna, entre o monte Tapiruva da parte do sul e a lagoa Panema da do norte, cousa de quinze léguas ao sul da cidade do Desterro, e quatro ao norte da vila da Laguna. Foram seus fundadores os primeiros moradores desta vila, e aumentou-se passado tempo com a armação de baleia que se fez no porto de Embituba que é de seu termo. Seu porto sobre a lagoa é mui vantajoso para o comércio, e virá a ser

⁸⁹² Atual distrito de Vila Nova de Campos, município de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

⁸⁹³ Atual cidade de Imbituba/SC. (N/E)

Vilanova da Assembleia

mais se se povoarem as terras que jazem ao norte e ocidente dele. Quase todas as casas desta vila são de madeira. A igreja, dedicada a Santana, serviu de paróquia desde 1750, porém não alcançou este título senão no ano de 1811. A maior parte dos habitantes são tecelões, e fazem grande quantidade de pano de linho, planta que cultivam em grande, bem como mandioca, milho e cebolas, que são neste termo mui grandes.

Vilanova da Assembleia.⁸⁹⁴

Vila da província das Alagoas. Era pequena e foi suprimida. Em princípio era um lugarejo chamado *Riacho do Meio*, povoado de Índios, designados com o nome genérico de Caboclos. Este lugarejo talvez se tivesse aumentado, se as comunicações com a cidade das Alagoas e com os diversos passos do rio de São Francisco que são frequentados fossem fáceis. Foi esta povoação criada vila por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1833, com o nome que acima lhe damos, formando-se o seu distrito com parte do da antiga vila de

Atalaia, e além da vila compreendia as povoações de Cas-samba, Limoeiro, Pas-sagem, Quebrangulo, e São Lourenço, no qual havia apenas mil e duzentos habitantes todos de raça índia que cultivam mui pouca cousa, e vivem de frutos, pescado e veação. Uma lei provincial de 9 de julho de 1839 determinou os limites do termo da freguesia da nova vila, que foi suprimida por outra lei da mesma assembleia de 5 de maio de 1843, em virtude da qual foi o seu distrito incluído no da vila de Atalaia.

Vilanova da Formiga.⁸⁹⁵

Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Rio Grande. (V. *Formiga*.)

Vilanova da Imperatriz.⁸⁹⁶

Pequena vila do sertão da província das Alagoas. Havia há muito duas povoações quase desconhecidas até 1818, uma apelidada Macacos, e outra Camaratuba. Como nesse ano a comarca das Alagoas fosse ereta em província independente da de Pernambuco, começaram as sobreditas povoações, ambas sitas nas mar-

gens do rio Camaragiba, a medrar em população, a ponto que a assembleia geral, por decreto de 13 de outubro de 1832, lhe conferiu o título de vila com o nome de Vilanova da Imperatriz. Segundo este decreto, seu distrito foi formado do termo de sua freguesia, que se desanexou do distrito da vila de Atalaia, incluindo as povoações de Branquinho, Cabeça de Porco, Juçara, Lage do Canhoto, Muriçio, e o sítio chamado Cruz de São Miguel ficou servindo de extrema entre o distrito desta nova vila e o da Vilanova da Assembleia; mas, por uma nova lei provincial, de 5 de março de 1843, ambas estas vilas foram suprimidas, e seus distritos incorporados no da vila de Atalaia, de que tinham sido desanexados.

Vilanova da Rainha.⁸⁹⁷ Vila da província de Minas Gerais. (V. *Caeté*.)

Vilanova da Rainha. Pequena vila da província do Pará, na confluência do rio Maué ou Canomá, com a margem direita do rio das Amazonas. Seus moradores são Índios

⁸⁹⁴ Atual cidade de Viçosa/AL. (N/E)

⁸⁹⁵ Atual cidade de Formiga/MG. (N/E)

⁸⁹⁶ Atual cidade de União dos Palmares/AL. (N/E)

⁸⁹⁷ Atual cidade de Caeté/MG. (N/E)

da tribo Maué, e passam por serem os melhores fabricantes do guaraná, que fazem com uma espécie de coco deste nome. O vasto distrito desta vila é fértil, abunda em cacauzeiros e craveiros; sua situação sobre dous grandes rios afiança o aumento de sua população, se nele se estabelecessem colonos industriais.

Vilanova da Rainha.⁸⁹⁸ Pequena vila do sertão da província da Bahia, a uma légua distante do rio Itapicurumirim, e vinte ao nordeste da vila de Jacobina. Era o presídio chamado *Tapera*, e foi elevada em 1799 à categoria de vila, com o nome que hoje tem, pelo governador da província D. Fernando José de Portugal. As casas são térreas e de madeira rebocadas com terra, porém telhadas. Tem escola de primeiras letras de há muito. O orago de sua matriz é o Senhor do Bonfim. A população de seu distrito anda por dous mil habitantes que criam gado, semeiam milho e arroz, plantam mandioca, e lavram canas, de que fazem açúcar e aguardente. As frutas

que nele são mais comuns são laranjas, jacas, mangas, bananas e ananases. Acham-se também em alguns sítios salitre, tabatinga e cristal.

Vilanova de Boipeba.⁸⁹⁹ Pequena vila da província da Bahia. (V. *Nova Boipeba*.)

Vilanova del Rei.⁹⁰⁰ Antiga vila, porém pobre e de poucos moradores, da província do Ceará, reduzida atualmente a uma simples povoação, por lei provincial de 26 de agosto de 1840, que transferiu o título de vila para a povoação de Ipu Grande, e pelo mesmo teor o de paróquia para a igreja de São Sebastião da nova vila. Vilanova del Rei foi em princípio uma aldeia de Índios da tribo Tabajara, a que os missionários que os doutrinaram puseram nome *Campo Grande*. Acha-se arredada do mar, e setenta léguas ao sudoeste da cidade da Fortaleza, porém como as suas terras fossem excelentes, concorreram para aquela povoação muitos Europeus, motivo por que obteve o título de vila com o nome que acima lhe damos, porém não tendo ainda nem

Vilanova del Rei

casa da câmara, nem prisão. Chamam-na também Enredos, pelos muitos que houve antes de poder entrar na posse de seus direitos municipais. Sua igreja, dedicada a N. S. dos Prazeres, é atualmente filial da matriz de Ipu Grande, e se acha rodeada de cinquenta casas térreas cobertas com folhas de coqueiros, e só são habitadas na estação das calmas e nos domingos e dias santos de guarda, porque os moradores em tendo feito a colheita se retiram. As comunicações são difíceis por causa do mau estado dos caminhos. Semeia-se algum milho, planta-se alguma mandioca, cria-se algum gado, e nisto consiste a indústria de seus moradores tanto brancos, como Índios.

Vilanova del Rei.⁹⁰¹ Vila da província do Pará, nas margens do ribeiro Curuçá, no fundo da enseada do mesmo nome, quatro léguas ao sudoeste da ponta Tigioça, e cousa de vinte e cinco ao nordeste da cidade de Belém. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. do Rosário. Seu termo dá bastante cacau, café, mandioca, canas e arroz, e daria muito

⁸⁹⁸ Atual cidade de Senhor do Bonfim/BA. (N/E)

⁸⁹⁹ Atual cidade de Nilo Peçanha/BA. (N/E)

⁹⁰⁰ Atual cidade de Guaraciaba do Norte/CE. (N/E)

⁹⁰¹ Atual cidade de Curuçá/PA. (N/E)

Vilanova de Santa Cruz

mais se seus moradores que são Índios fossem mais industriais.

Vilanova de Santa Cruz.

Pequena vila da província do Pará, situada na margem esquerda do rio Tapajós, quase defronte da vila de Aveiro. As casas são de triste aparência, e os moradores Índios do gentio Mundurucus, que se civilizaram algum tanto com a frequência contínua dos Brasileiros, mas que ainda se não descativaram do hábito inveterado em que estavam de nada mais fazer que caçar e pescar. Seria mister que a assembleia legislativa da província colocasse em cada uma das vilas, cujos moradores são Índios, alguns carpinteiros, ferreiros e outros oficiais mecânicos, e estabelecesse escolas.

Vilanova de Santo Antônio.⁹⁰² Vila aprazível, bem que pequena, da província de Sergipe, numa colina da margem direita do rio de São Francisco, a oito léguas do mar, e quase defronte da vila de Penedo. Foi condecorada com o título de vila no século

XVII, em recompensa de haverem os moradores dela reduzidos à obediência os Tupinambás, cujas contínuas excursões empeciam ao aumento e prosperidade da província. Deu-se-lhe primeiramente o nome mui dilatado de *Santo Antônio de Vilanova do Rio de São Francisco*. Sua igreja, dedicada a Santo Antônio, foi criada paróquia em 1678 pelo subdelegado do Arcebispo da Bahia. No século seguinte, concederam-lhe uma escola de primeiras letras e uma cadeira de latim. É esta vila cabeça dum colégio eleitoral que em 1839 constou de setenta e um eleitores. Seu distrito abraça além do termo da freguesia da vila o de Pacatuba, e as duas pequenas povoações chamadas Missões, e se estende ao longo da margem direita do rio até o mar. Abunda em pedras de amolar, e tem quatro mil habitantes, pela maior parte Índios. Os brancos criam gado, cultivam os víveres de seu consumo, e negociam em algodão, não assim os Índios que só colhem milho e batatas-doces.

Vilanova de São João da Cachoeira.⁹⁰³ Vila da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Cachoeira*, vila.)

Vilanova de São Luiz.⁹⁰⁴ Pequena vila da província de São Paulo. (V. *Guaratuba*, vila.)

Vilanova de Souza.⁹⁰⁵ Vila da província de Paraíba, dez léguas ao poente da vila de Pombal e cento e seis também ao poente da cidade de Paraíba. Está assentada na margem esquerda do rio do Peixe, tributário do das Piranhas, numa planície amena ao pé da serra do Comissário. Foi originalmente a povoação intitulada Jardim do Rio do Peixe, que foi criada vila em 1800 por ordem régia, pelo ouvidor da comarca de Paraíba José da Silva Coutinho, o qual lhe pôs o nome que hoje tem. Achase esta vila no encruzamento das estradas que vão do Piauí e do Ceará para as cidades de Paraíba e do Recife, e dista da província do Ceará dezesseis léguas. Suas casas são térreas e sua matriz foi largo tempo uma simples capela da invocação de N. S. do Remédio, fez-se porém outra nova de pedra

⁹⁰² Atual cidade de Neópolis/SE. (N/E)

⁹⁰³ Atual cidade de Cachoeira do Sul/RS. (N/E)

⁹⁰⁴ Atual cidade de Guaratuba/SP. (N/E)

⁹⁰⁵ Atual cidade de Sousa/PB. (N/E)

e muito mais grande, que foi criada paróquia conservando o mesmo orago no meado do século passado. Tem escolas de primeiras letras, de meninos e meninas. É essencialmente mercantil pelas estradas que a atravessam, e principalmente pela que os moradores de Aracati abriram para o sertão, depois que se lhes entulhou o porto com areias acarretadas pelo rio Jaguaribe. Seu distrito confronta, pela banda do norte, com o da vila de Porto Alegre da província do Rio Grande do Norte; da do ocidente, com o da vila do Crato, na província do Ceará; da do sul, fenece nas matas da província de Pernambuco; e da do oriente, pega com os distritos das vilas do Pombal e de Vila Real de São João: sua população é de mais de cinco mil almas, repartidas pelas povoações de Acauma, Alagoa do Bé, Araçais, Cais, Canto do Feijão, Comissário, Espera, Gamelas, Luiz Gomes, Quixaba, Riacho do Aguiar, Riacho do Coronel, Santa Catarina, São Gonçalo, São José, Cipó e Trapia. As serras do Comissário, da Espera, dos Gamelas, de Luiz Gomes e a de Santa Catarina, onde se

acham as povoações dos mesmos nomes, são ramos da cordilheira Borborema.

Vilanova do Infante.⁹⁰⁶ Vila da província de Minas Gerais. (V. *Pitangui*, vila.)

Vilanova do Príncipe.⁹⁰⁷ Pequena vila do sertão da província da Bahia, dezesseis léguas oés-sudoeste da vila de Rio de Contas. Era a aldeia Caeteté que foi criada vila em 1810, pelo príncipe regente, depois El-Rei D. João VI, donde lhe veio o nome que tem. Está assentada nas margens dum riacho que vai engrossar o ribeiro de Santo Antônio, que se incorpora com o rio do Gavião, tributário do de Contas. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832, e sua matriz é dedicada a Santana. Seu distrito, em princípio mui vasto, e que apenas tinha, em 1812, dous mil e quinhentas almas, foi ao depois desmembrado para se fazerem os das novas vilas de Pambu, de Santa Sé, e da vila imperial de Vitória. Apesar dos sobreditos cortes contam-se nele pelo menos dous mil habitantes, lavradores de algo-

Vilanova do Príncipe
dão e de viveres, criadores de gado, tudo para o consumo e bastecimento da cidade da Bahia. É de supor que o antigo nome de Caeteté está hoje mais em voga que o de Vila do Príncipe, porque a câmara se serviu de preferência do primeiro, no discurso de felicitação que dirigiu ao Imperador em 1841, por ocasião de sua coroação.

Vilanova do Príncipe.⁹⁰⁸ Pequena vila da província do Rio Grande do Norte, sobre o rio Seridó, oito léguas acima de sua confluência com o das Piranhas. Foi em princípio a aldeia Caicó, nome que teve até o ano de 1790, época em que o ouvidor da Paraíba Antônio Filipe Soares de Andrade Brederode a criou vila, dous anos depois da data da ordem régia que o havia ordenado. Santana é o orago de sua matriz, uma das mais belas igrejas do sertão da província. Tem escola de primeiras letras e cadeira de latim instituída por decreto de 7 de agosto de 1832; mas faltam-lhe casa da câmara e cadeia. O distrito desta vila não tendo confrontações certas, deu-lhe o alvará de 18 de março de 1818 as seguintes:

⁹⁰⁶ Atual cidade de Pitangui/MG. (N/E)

⁹⁰⁷ Atual cidade de Caeteté/BA. (N/E)

⁹⁰⁸ Atual cidade de Caicó/RN. (N/E)

Vilar

ao norte, a Vila da Princesa e Porto Alegre; ao poente, este último; ao sul, a província de Paraíba; e ao oriente, os distritos da cidade, da vila de Mipibu e de Vila Flor; atualmente consta dos termos das freguesias de Vilanova do Príncipe, das Piranhas, nas quais se acham as povoações de Cairiris Novos, de Canudos, de Jacaratu e outras de menos importância. Contam-se neste distrito três mil habitantes, Índios, brancos e mestiços, derramados pelos montes, colhendo algodão, tabaco, milho, mandioca e outras produções do país. Alguns criam também gado, que levam a vender à cidade do Recife.

Vilar. Freguesia da província do Pará, na ilha de Marajó, ao noroeste da vila do Conde.

Vila Real do Bom Jesus.⁹⁰⁹ Vila da província de Mato Grosso. (V. *Cuiabá*, cidade.)

Vila Real do Brejo da Areia. Vila da província de Minas Gerais. (V. *Ouro Preto*, cidade.)

Vila Velha.⁹¹⁰ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro, ao pé do morro do Pão de Açúcar, na entrada da baía Niterói, porém da parte do mar. Foi fundada em 1566 por Estácio de Sá, que tinha ordem d'El-Rei para assentar uma colônia no país então dominado pela grande nação dos Tamoios. Morreu Estácio de Sá, no ano seguinte, depois de haver contribuído para a expulsão dos Franceses, e de ter vencido os Tamoios na ilha de Vilagalhão. Quando os Portugueses foram residir para o monte atualmente conhecido com o nome de *Castelo* e dos *Sinais*, transferiram para a nova povoação os despojos mortais deste primeiro capitão-mor do Rio de Janeiro. Seu sucessor e primo, Salvador Correia de Sá, lhe fez dar honrada sepultura na igreja de São Sebastião, onde ainda se vê o seu epitáfio com a data de 1585. Nos séculos XVI e XVII três fortes foram construídos nas adjacências de Vila Velha com os nomes de São Diogo, São Teodósio e São João; este defronte do mar fundado por Estácio de Sá, e

os dous outros que defendem a entrada da Baía, mandados fazer pelo governador general Mendo de Sá; construiu-se ainda um quarto forte conhecido atualmente com o nome de forte da *Praia Vermelha*.

Vila Velha.⁹¹¹ Povoação e serra da província da Bahia no distrito da vila de Rio de Contas. Em 1718 os Paulistas acharam ouro na serra que então era desconhecida. Acudiram imediatamente infinitos aventureiros, e erigiram uma igreja a N. S. do Livramento. A povoação tem escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Vila Velha.⁹¹² Nome que se dá frequentemente à vila do Espírito Santo, depois que se criou a vila de Vitória na capitania do Espírito Santo. (V. a vila deste nome.)

Vila Verde.⁹¹³ Pequena vila da província da Bahia, perto duma grande lagoa e nas margens do rio Buranhém. Foi primitivamente a aldeia Para-

⁹⁰⁹ Atual cidade de Cuiabá/MT. (N/E)

⁹¹⁰ Atual bairro da Urca, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁹¹¹ Atual povoado de Vila Velha, município de Itapicuru/BA. (N/E)

⁹¹² Atual cidade de Vila Velha/ES. (N/E)

⁹¹³ Atual distrito de Vale Verde, município de Porto Seguro/BA. (N/E)

tiba, onde os jesuítas ajuntaram muitos Índios para instruí-los na religião cristã. Foi esta aldeia fundada pelo mesmo teor que as reduções do Paraguai, cinco léguas ao sudoeste do Porto Seguro, e sua igreja foi posta debaixo da proteção do Espírito Santo. Alcançou o título de vila em 1762, depois da expulsão dos jesuítas, e teve nome Vila Verde. Sua igreja foi criada paróquia por alvará de 2 de dezembro de 1795, aplicável a todas as grandes aldeias do Brasil. Tem escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832. Seu termo que constitui o seu distrito se acha encravado nos distritos das vilas de Trancoso da parte do sul, de Porto Seguro, a leste; e ao norte, fenece nos altos da cordilheira dos Aimorés ao oeste. Seus habitantes são todos Índios, que exportam algum algodão e pequena quantidade de madeiras de construção.

Vila Viçosa.⁹¹⁴ Vila da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro. (V. *Viçosa*, vila.)

Vila Viçosa.⁹¹⁵ Antiga vila da província do Ceará, na serra Hibiapaba. (V. *Viçosa*, vila do Ceará.)

Vila Viçosa.⁹¹⁶ Nome com que foi criada vila da província do Pará a aldeia Cametá. (V. *Cametá*, vila.)

Vila Viçosa. Registo da província do Espírito Santo, no distrito da vila de Viana e nos montes da cordilheira dos Aimorés. Foi ali colocado no princípio deste século para abrir as comunicações entre esta província e a de Minas Gerais, rebater as invasões dos Índios, e vigiar sobre o extravio do ouro e dos diamantes. Atualmente é uma povoação que pode aumentar-se.

Vila Vistosa. Vila insignificante da Guiana brasileira, chamada também Madre de Deus. (V. *Vilanova*, da Guiana.)

Vimieiro. Registo da província da Bahia, entre os nascentes do rio Jucuruçu, estabelecido antigamente para reprimir as hostilidades dos Índios bravos, e vigiar sobre o

Viruá

contrabando do ouro e dos diamantes da província de Minas Gerais.

Vinhais. Antiga aldeia no centro da ilha do Maranhão, uma légua ao oriente da cidade de São Luiz, sobre o ribeiro Vinhais, tributário do rio de São Francisco. São João Batista é o orago de sua matriz, as casas são cobertas de palha, derramadas, e dispostas sem regularidade. Os moradores são todos Índios, que colhem algum arroz com os mais viveres de que hão mister, fabricam cordas de imbé e fazem esteiras de diferentes qualidades.

Viração. Serra elevada da província do Rio de Janeiro por onde passa fazendo várias voltas a estrada que vai da cidade de Niterói para a de Cabo Frio; nas faldas desta serra que vai fenecer no mar, e à beira do saco ou baía de São Francisco se vê uma igreja de N. S. da Conceição, rodeada dalgumas casas.

Viruá. Pequeno rio ao norte da Guiana brasileira, perto da serra Pacaraima da parte do

⁹¹⁴ Atual cidade de Nova Viçosa/BA. (N/E)

⁹¹⁵ Atual cidade de Viçosa do Ceará/CE. (N/E)

⁹¹⁶ Atual cidade de Cametá/PA. (N/E)

Viseu

sudoeste, que é neste ponto uma das extremas do Brasil.

Viseu. Antiga aldeia da província do Pará, na comarca de Bragança, à beira do mar e ao oriente da foz do rio dos Tocantins. Seus moradores são Índios, que vivem da pesca e de alguns víveres que colhem, e são tão pobres que não hão podido consertar a igreja que se acha arruinada. Em 1842 o presidente da província pediu à assembleia provincial houvesse de votar os fundos necessários para o conserto desta igreja, e para o doutras muitas que se achavam no mesmo caso.

Viseu. Aldeia de Índios Guarajus, nas margens do rio Corumbiara, tributário do Guaporé, na província de Mato Grosso. Jaz na margem esquerda do sobredito rio, em treze graus e dezenove minutos de latitude. Em 1776 descobriram-se neste lugar algumas minas de ouro, o que fez que ali acudissem muitos aventureiros. O governador Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres concedeu à povoação que dali se originou o título de arraial, com o nome que hoje tem, correndo o ano de 1779;

porém passados dous anos, chegaram apertadas ordens da corte, que obrigaram os colonos e mineiros a evacuar aquelas terras, e ficou a população do arraial reduzida à dos Índios que por natureza não gostam de mudar de lugar. Em 1843 um corpo de Bolivianos armados vieram explorar as adjacências desta aldeia, donde se inferiu que tinham talvez tenção de se assenhorearem dela.

Vistosa. Pequena vila da Guiana brasileira apelidada também por alguns *Vila Vistosa da Madre de Deus*. (V. *Vilanova*, da Guiana.)

Vitória. Comarca da província do Espírito Santo, criada por lei da assembleia provincial de 23 de março de 1835; encerra os distritos das vilas de Almeida, da Conceição da Serra, do Espírito Santo e da cidade de Vitória, cabeça dela.

Vitória. Nova comarca da província de Pernambuco, criada recentemente pela assembleia desta província.

Vitória.⁹¹⁷ Nova vila da província da Bahia, na comarca de Urubu. Deu-lhe princípio

o Português João Gonçalves da Costa, que foi para o Brasil de idade de dezesseis anos, e assentou morada em 1803, na cordilheira que separa a província da Bahia da de Minas Gerais. Assistido de seu irmão Raimundo Gonçalves da Costa, este intrépido Português combateu com as feras e com os Índios, indo explorar os rios de Contas, dos Ilhéus, Pardo e Jequitinhonha. No primeiro mês em que residiu no sítio onde está presentemente assentada a vila, matou vinte e quatro jaguares, motivo por que deu o nome de Conquista a sua habitação, ao redor da qual fez vários caminhos, especialmente um que vai ter a Minas Novas pelo Tamburil. Agregaram-se-lhe outros colonos e erigiram uma igreja a N. S. da Vitória, que ficou dependente da matriz de Rio Pardo, atualmente vila de Januária. A assembleia geral, por decreto de 16 de junho de 1832, criou nesta povoação que era já numerosa uma escola de primeiras letras. Os moradores solicitaram e alcançaram da assembleia geral de serem anexados à província da Bahia, a quem aquele lugar havia pertencido primitivamente. Em 1840, a assembleia

⁹¹⁷ Atual cidade de Vitória da Conquista/BA. (N/E)

legislativa da sobredita província concedeu a sua igreja o título de paróquia, e à povoação o de vila Imperial com o nome de *Vitória*, formando-lhe o distrito com parte do da Vila-nova do Príncipe. Em 1842 pediram os habitantes desta nova vila de fazer parte do júri da vila de Nazaré, e não do de Rio de Contas, ou de Vilanova do Príncipe. Esta vila é o quartel duma companhia de pedestres, espécie de tropa ligeira que tem a seu cargo defender os habitantes das agressões e acometimentos dos Índios bravos que vivem no recesso das matas. Produz este distrito, além dos víveres necessários para o consumo dos habitantes, grande quantidade de algodão e de gado vacum, que abastece os mercados da cidade da Bahia.

Vitória. Subúrbio ao sul da cidade da Bahia, onde existe uma igreja dedicada a N. S. da Graça, mui venerada dos fiéis, um convento de frades Bentos, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Vitória. Povoação da província de Sergipe, com uma es-

cola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 1º de setembro de 1831.

Vitória. Ilha da província de São Paulo, ao oriente da ilha de São Sebastião, e obra de légua e meia a és-sueste da Ponta Grossa. Tem perto de uma légua de comprimento do ocidente ao oriente, e um terço de légua em sua maior largura. O ponto mais elevado dela está em vinte e três graus, quarenta e sete minutos e quarenta e dous segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, trinta e três minutos e cinquenta segundos de longitude ocidental.

Vitória. Cachoeira do rio Iguaçu, quinze léguas pouco mais ou menos, acima de sua confluência com o rio Paraná. Entre a cachoeira Caicanga deste rio, na província de São Paulo e a da Vitória, há uma grande distância, e nas terras e matas adjacentes vivem diversas nações de índios que estão ainda por se civilizar.

Viúva. Serra da cordilheira dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia do Pati do Alferes. A

Vouvê

estrada chamada dos Botais, que vai da cidade do Rio de Janeiro para a vila de Vassouras, atravessa esta serra, que dá origem a um ribeiro que também se apelida da Viúva, e que é um dos primeiros fontanaes do rio de Santana.

Volta Grande.⁹¹⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Campanha, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, dependente da matriz da cidade.

Volta do Eme. Rodeios do rio Doce. (*V. Eme.*)

Vouvê. Tribo de Índios que viviam entre os rios Pajeú e Moxotó, junto da serra Araripe, conjuntamente com as tribos Chocó, Pipiã e Umã, com quem os Vouvês traziam de contínuo guerra, posto que falassem o mesmo idioma e tivessem quase os mesmos costumes. Não tinham noção alguma de agricultura; viviam das frutas silvestres, de mel e dos animais que matavam na caça, os quais assavam assim mesmo como os colhiam. Tinham por armas arcs e setas, andavam nus e no mais em nada dessemelhavam das de-

⁹¹⁸ Atual cidade de Careaçú/MG. (N/E)

Vupabuçu

mais tribos índias. Tem-se de balde tratado de doutriná-los na religião, e ainda que sejam dum natural doce, amam mais que tudo a independência que desfrutam nas matas.

Vupabuçu. Lagoa da província de Minas Gerais nas adjacências da da Bahia. Já dissemos que Sebastião Fernandes Tourinho fora o primeiro que, em 1573, se aventurara a entranhar-se nos sertões de Brasil, que subira pelo rio Doce, reconhecera esta lagoa e descendo pelo Jequitinhonha voltara a Porto Seguro; que em 1664, Marcos de Azevedo Coutinho fora por terra a esta lagoa, de que fizera menção no seu roteiro; que no fim de sete anos consecutivos de ímprobos explorações começadas em 1573, o célebre sertanista Fernando Dias Pais encontrara um mancebo Índio que o conduzira a esta lagoa onde achara grande cópia de esmeraldas, com as quais se pusera em caminho para São Paulo, na esperança de ir a Lisboa apresentá-las em pessoa a El-Rei, que falecendo no caminho, as entregara a seu genro Manoel Borba Gato que achara estabelecido nas margens do rio Guaicuí ou das Velhas, encarregando-o de ultimar os seus desejos, o que os acontecimentos lhe não consentiram. (*V. Minas Gerais.*) Es-

ta lagoa foi também apelidada Dourada, e Encantada pelos que duvidaram de sua existência; como ainda agora se duvida, porque a lagoa a que hoje se dá o nome índio de Vupabuçu e que se acha na cordilheira dos Aimorés no cume da serra de São Simão, junto da comarca de Porto Seguro, tem mui pouco ouro, raríssimas esmeraldas.

X

Xacuruina. Lagoa da província de Mato Grosso, de que nasce o ribeiro do mesmo nome que se ajunta com o rio Sumidouro, tributário do Arinos. As águas desta lagoa são salgadas.

Xafalote. Monte ao poente do Navarro, em cujo cume os comissários espanhóis e portugueses, encarregados da demarcação dos limites dos Estados respectivos das duas coroas, na América meridional, assentaram um padrão com as armas espanholas da parte do sul, e as portuguesas da do norte. Este monte deve ser atualmente também a extrema do Estado do império do Brasil e do Estado Oriental.

Xanaci. Rio da província de Mato Grosso, na parte pouco conhecida chamada Tapiraquia. Ignora-se qual seja o seu curso, sabe-se somente que é um dos tributários do Xingu.

Xarais. Nome que os Espanhóis e os primeiros sertanistas deram às terras baixas, ao sul da cidade de Mato Grosso, que ficam alagadas três meses por ano numa extensão de sessenta léguas, e onde há sempre algumas lagoas todo o ano. As

terras, que as águas deixam a descoberto, se povoam de Índios Parecis, cujo nome conservam ainda agora estes campos e lagoas. Bandos de aves aquáticas acodem a suas margens, em demanda dos insetos e répteis que lhes servem de pasto. As lagoas são piscosas, e povoadas de jacarés, crocodilos duma espécie mais pequena que os do Egito.

Xerentes. Índios duma nação poderosa que vivem ao norte da província de Goiás. (V. *Cberentes*.)

Ximbiuá. Nação de Índios da província de Mato Grosso, que foi colocada nas aldeias de Almeida, das Lages e de Semancelhe no ano de 1775 depois de ser sujeitada, e que se salvou nas matas para viver à lei da natureza.

Xingó. Ribeiro que não tem outra importância senão a de servir de extrema da parte do ocidente à província de Sergipe. Nasce da serra da Borracha, corre rumo de nordeste, e no cabo dalgumas léguas de caminho se ajunta com o rio de São Francisco, pela margem direita, duas léguas abaixo do salto de Paulo Afonso.

Xingu. Grande rio do Brasil, que nasce nas serras que separam a província de Goiás da

de Mato Grosso; seu curso ainda pouco conhecido por estar este território em poder do gentio, supõe-se que corre entre quatorze e quinze graus de latitude, e que se engrossa com o tributo do rio Baraú; entra então entre as duas cordas de montes, recolhendo o rio dos Bois, o das Traíras, e o Xanaci, cujos cursos são ignorados, e muitos ribeiros sobre ambas as margens até pouco mais ou menos oito graus de latitude. Entrando na província do Pará seu primeiro tributário é o rio Guiriri que se lhe ajunta pela margem esquerda, abaixo das cachoeiras que provavelmente não hão sido exploradas e transpostas senão pelos Índios; correndo depois entre montes descreve o Xingu duas meias voltas, uma ao oriente, e outra ao ocidente, passadas as quais, dirige-se para o nordeste por espaço de cinquenta e seis léguas, regando alternativamente as vilas de Souzel, Pombal, Veiros, e Porto de Moz, e enfim depois de ter corrido obra de trezentas léguas se incorpora com o rio das Amazonas em um grau e quarenta e dous minutos de latitude meridional, sessenta léguas abaixo da confluência do rio Tapajós. As margens do rio Xingu são saudáveis e férteis, e povoadas por numerosas tribos de índios mais ou

Xingutânia

menos bravos. Foi nas serras da vizinhança dos nascentes do Xingu que Bartolomeu Bueno afirmou que vira certa representação de instrumentos da paixão de Jesus Cristo. Depois deste intrépido aventureiro os jesuítas exploraram as serras donde nascem o rio Xingu, e o de São João, e acharam as abundantes minas de ouro a que se pôs o nome de Martírios, sem dúvida por alusão aos jeroglíficos de Bueno. O Xingu, pelo mesmo teor que o Tapajós, tem pouco fundo em certas paragens, assim que não consente ser navegado por embarcações grandes, em todo o decurso do ano, como acontece ao Madeira, que a este respeito lhe é superior.

Xingutânia. Vasta porção da província do Pará, na comarca do Grão Pará. É em um quadrado de obra de oitenta léguas, entre o rio dos Tocantins e o Xingu, demorando-lhe ao norte o rio das Amazonas, e ao sul o rio Tapiraque nas adjacências da província de Mato Grosso. Este país é regado pelos rios Anapu, Araticu, das Areias, Jacundás, Pacajás, e Tacanhumas; em sua parte setentrional se

acham as vilas de Cameté, de Gurupá, de Melgaço, Oeiras, Pombal, Portel, Porto de Moz, e Veiros.

Xipotó.⁹¹⁹ Corrupção da palavra Chopotó. (V. este nome, tanto pelo que diz respeito à povoação como no concernente ao rio da província de Minas Gerais.)

Xiquexique.⁹²⁰ Pequena vila da província da Bahia, na margem direita do rio de São Francisco, dezoito léguas pouco mais ou menos acima da confluência do pequeno rio Verde, com uma igreja da invocação do Bom Jesus que foi elevada à categoria de paróquia, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832. Sua ereção em vila foi feita em virtude doutro decreto de 6 do mês seguinte que lhe deu por distrito o próprio termo de sua freguesia.

Xiririca. Antiga aldeia de Índios da tribo deste nome, batizados há muito tempo. Faz parte da quinta comarca da província de São Paulo, de que é cabeça a vila de Curitiba. Sua igreja foi criada paróquia, e um decreto da assembleia

geral de 13 de outubro de 1831 a dotou duma escola de primeiras letras de meninos.

⁹¹⁹ Atual cidade de Cipotânea/MG. (N/E)

⁹²⁰ Atual cidade de Xique-Xique/BA. (N/E)

Y

Yapó. Ribeiro da província de São Paulo. (V. *Japó*.)

Ycamiaba. Cabilda de Índios da Guiana brasileira, entre os rios Negro e Oriximina, ou das Trombetas. Talvez sejam tão fabulosas, como as supostas Amazonas. (V. *Cunuris*.)

Yorimã. Nação índia assaz numerosa, que domina nas terras que demoram ao norte do rio Hiapura. São bem feitos de corpo, e mais conversáveis que os que vivem nas ilhas dentre os braços do Hiapura, mais ao sul, e que as tribos guerreiras da mesma nação.

Z

Zabelé. Registo da província de Minas Gerais, vinte léguas ao nordeste da cidade de Sabará. Vem-lhe este nome duma espécie de perdis com os pés amarelos, de que aquele sítio abundava quando se criou ali o dito registo.

Zereré. Pequeno rio da província de Mato Grosso. Nasce na serra de Santa Bárbara, corre para o nordeste, e ajunta-se com o rio Embotetiú ou Mondego, pela margem esquerda.

Zimbo. Promontório do continente da província de Santa Catarina, em vinte e sete graus e onze minutos de longitude. Adianta-se muito pelo mar, guardando sempre a mesma largura, que é pouco mais ou menos de uma légua, e acaba em três pontas. A que forma a ponta do norte da baía de Tejuças chama-se Zimbo, a segunda, que fica arredada mais uma légua ao norte, é a das Bombas, e a terceira ao noroeste da das Bombas, e ao sul da boca da baía das Garoupas, tem o nome da mesma baía.

Zimbo. Ribeirão da província da Bahia, na comarca de Caravelas. Vem da cordilheira

dos Aimorés, corre por espaço de oito léguas, dando boa navegação a canoas, e vai lançar-se numa espécie de golfo, apelidado *rio de Caravelas*. (V. *Caravelas*, rio.)

Zovar. Rio da província do Pará, tributário do rio da Madeira, com o qual se incorpora perto de sua confluência com o Amazonas. Os moradores das vilas vizinhas vão apanhar em suas margens os ovos que as tartarugas depõem na areia, os quais são da grossura dos das adens, de que fazem manteiga e azeite.

Índice remissivo dos verbetes por província do Império

Província de Alagoas

- Água Branca (serra) 50
 Águas Belas (povoação) 52
 Alagoa do Norte (aldeia) 55
 Alagoa Grande (aldeia) 56
 Alagoas (província) 56
 Alagoas (comarca) 58
 Alagoas (cidade) 58
 Alagoas (rio) 58
 Anadia (vila) 76
 Araripe (serra) 95
 Atalaia (vila) 104
 Bananal (serra) 122
 Barra de São Miguel (vila) 128
 Barra Grande (aldeia) 131
 Barriga (serra) 133
 Borborcma (cordilheira) 153
 Cabeça (povoação) 168
 Cabuçu (ribeiro) 172
 Camaragiba (freguesia) 188
 Camaragiba (ribeiro) 188
 Camaratuba (povoação) 188
 Canindé ou Porto das Piranhas (povoação) 205
 Carapotós (tribo) 214
 Cassamba (povoação) 221
 Catuama (ribeiro) 225
 Colégio (aldeia) 240
 Comunati (serra) 242
 Conceição (aldeia) 243
 Conceição (povoação) 244
 Cururipe (rio) 272
 Doce (lagoa) 284
 Dom Rodrigo (arrecifes) 284
 Dous Irmãos (serra) 286
 Ferro (ilha) 305
 Garanhuns (serra) 317
 Imperatriz (vila) 370
 Jacuípe (rio) 409
 Jaraguá (porto) 418
 Jequiá (rio) 421
 Jequibá ou Jiquibá (lagoa) 421
 Jiquiá (rio) 424
 Jiquibá (lugarajo) 424
 Juçara (povoação) 427
 Lage da Canhota (povoação) 431
 Limoeiro (povoação) 441
 Macacos (povoação) 447
 Maçaió (cidade e capital) 449
 Madalena ou Madanela (cidade) 453
 Madalena (cidade) 453
 Mandauá (povoação) 463
 Mandauá e Manguaba (lagoa) 463
 Manguaba (lagoa) 466
 Manguapé (rio) 466
 Marambaia (serra) 471
 Massoeira (ponta) 485
 Mata Grande (vila) 486
 Missão da Palmeira (missão) 519
 Missão do Jacuípe (aldeia) 519
 Moxotó (rio) 538
 Murici (povoação) 541
 Negra (serra) 562
 Oiro (ilha) 580
 Olho d'Água (serra) 580
 Ouro [Ilha do] (ilhora) 586
 Pajeú ou Pajau (aldeia) 593
 Pajeú (rio) 593
 Pajussara (porto) 593
 Palmeira (freguesia) 595
 Palmeira dos Índios (vila) 595
 Pão de Açúcar (aldeia) 598
 Pão de Açúcar (serra) 598
 Paratigi (ribeiro) 629
 Paripueira (ribeiro) 634
 Passagem (povoação) 636
 Passo do Camaragiba (lugarajo) 638
 Paulo Afonso (salto) 643
 Pedras [Rio das] (rio) 649
 Penedo (cidade) 653
 Peripueira (povoação e ribeiro) 656
 Pioca (lugarajo) 679
 Poço [Serra do] (serra) 690
 Ponta dos Mangues (povoação) 696
 Ponta Verde ou de Jaraguá (promontório) 697
 Porto Calvo (vila) 703
 Porto das Pedras (vila) 705
 Porto das Piranhas (aldeia) 705
 Porto Francês (povoação e porto) 707
 Porto Real (missão) 707
 Poxim (vila) 712
 Poxim (rio) 712
 Priaca (serra) 717
 Quebrangula (povoação) 722
 Quinta (lugarajo) 725
 Quipapa (povoação) 725
 Quitandé (povoação) 725
 Remédios (povoação) 734
 Riacho do Meio (povoação) 737
 Santana (povoação) 785
 Santa Luzia (vila) 803
 Santo Amaro (colônia) 814
 Santo Antônio (monte) 818
 Santo Antônio (rio) 819
 Santo Antônio Grande (rio) 825
 Santo Antônio-Mirim (vila) 825
 Santo Antônio-Mirim (ribeiro) 825
 São Bento (freguesia) 827
 São Gonçalo (povoação) 843
 São João da Anadia (povoação) 849

São Lourenço (povoação) 867
 São Miguel (vila) 875
 São Miguel (rio) 878
 Tacaratu (freguesia) 932
 Taperiçua ou Taporáguia (aldeia) 942
 Tatuaimonha ou Tatuamui (ribeiro) 947
 Tituamonha (povoação) 957
 Traipu (vila) 963
 Una (freguesia) 980
 Una (rio) 981
 Vargem Redonda (aldeia) 990
 Verde (ponta) 994
 Vilanova da Assembleia (vila) 1006
 Vilanova da Imperatriz (vila) 1006
 Vouvé (tribo) 1013

Província da Bahia

Abadia (vila) 43
 Abrantes (vila) 44
 Abrolhos (ilhas) 45
 Acaraí (rio) 47
 Açua (serra) 49
 Açú das Torres (freguesia) 49
 Acupe (ribeiro) 49
 Acuruá (serra) 49
 Água Fria (vila) 50
 Aguiar (posto) 53
 Aimbirés ou Aimborés (tribo) 53
 Aimorés (índios) 54
 Alagoinhas (aldeia) 59
 Alcobaça (vila) 61
 Almada (aldeia) 65
 Almas (serra) 65
 Andrai (ribeiro) 77
 Angical (freguesia) 78
 Anhebig (aldeia) 81
 Aporá (freguesia) 86
 Aporá (serra) 87
 Aramani (lugarinho) 91
 Araquitiba (ribeiro) 93
 Araras (serra) 94
 Araújo (registo) 96
 Arcos (registo) 97
 Arraial (povoação) 101
 Arraial do Brejo do Zacarias (povoação) 101
 Ascesi (ribeiro) 104
 Assunção (vila) 104
 Autumucui (lago) 106
 Aveiro (registo) 106
 Bahia (província) 108
 Bahia (comarca) 117
 Bahia (cidade) 117
 Barbalho (forte) 125
 Barcelos (aldeia) 125
 Barra do Rio de Contas (vila) 128

Barra do Rio Grande (vila) 129
 Barra do Rio São Francisco (vila) 130
 Barra dos Ilhéus (entrada) 130
 Barra Falsa (entrada) 130
 Barra Nova (embocadura) 132
 Belém (aldeia) 137
 Belmonte (vila) 138
 Belmonte (rio) 139
 Bimbarra (ilha) 142
 Boigquiçaba (aldeia) 145
 Boipeba (aldeia) 145
 Boipeba (ilha) 145
 Boipeba Velha (vila) 145
 Bom Jardim (freguesia) 147
 Bom Jardim (aldeia) 147
 Bom Jesus (povoação) 147
 Bom Jesus (aldeia) 148
 Bom Jesus (povoação) 148
 Bom Jesus da Lapa (povoação) 148
 Bom Sucesso (povoação) 148
 Boneçu (povoação) 149
 Bonfim (subúrbio) 150
 Bonfim da Mata (aldeia) 151
 Boqueirão (freguesia) 151
 Boqueirão (freguesia) 151
 Boqueirão (serra) 152
 Boqueirão (missão) 152
 Borracha (serra) 154
 Borrachudo (povoação) 154
 Botiagu (povoação) 155
 Botocudos (índios) 155
 Braço (lagoa) 155
 Branca (serra) 157
 Branco (rio) 157
 Brejo do Zacarias (povoação) 163
 Brejo Grande (povoação) 164
 Brotas (freguesia) 164
 Brumado (ribeiro) 164
 Buranhém (rio) 165
 Caboto (povoação) 171
 Cabralia (angra) 172
 Cachoeira (cidade) 173
 Cachoeira (rio) 175
 Cachoeira (rio) 175
 Cachoeirinha (rio) 176
 Cachoeirinha (cachoeira) 176
 Caeteté (povoação) 178
 Cairu (vila) 181
 Caiteté ou Caeteté (aldeia) 182
 Caixa Prega (ponta) 182
 Cajalba (ilha) 182
 Camamu (vila) 185
 Camamu (ilha) 186
 Camamu (baía) 186
 Camisão (povoação) 191
 Campinho (povoação) 193
 Campo Largo (vila) 195

Camurugé (povoação) 201
 Cana Brava (aldeia) 201
 Canarins (índios) 203
 Canaviera (povoação) 204
 Capanema (lago) 208
 Caparica (posto) 209
 Capuame (povoação) 211
 Caravelas (vila) 214
 Caravelas (baía) 215
 Carinhenha (vila) 216
 Carinhenha (rio) 217
 Carunhenha ou Carunhanha (vila e rio) 219
 Catu (povoação) 225
 Catu (povoação) 225
 Catulés (freguesia) 225
 Catulés (serra) 225
 Centocé (povoação) 231
 Chapada das Mangabeiras (desfêladeira) 234
 Chapéu (morro) 234
 Chique-Chique (vila) 236
 Cincurá (serra) 238
 Comandatuba (povoação) 241
 Comandatuba (serra) 241
 Conceição (povoação) 243
 Conceição (serra) 244
 Conceição da Feira (povoação) 244
 Concha (angra) 248
 Conde (vila) 248
 Conquista (povoação) 250
 Contas (rio) 250
 Coroa Vermelha (povoação) 253
 Correntes (rio) 254
 Corumbabo (arraial e ponta de terra) 255
 Cotaché (rio) 256
 Cotegipe (povoação) 256
 Cramimua (rio) 258
 Cricaré (rio) 259
 Cruz das Almas (freguesia) 262
 Cunha (registo) 267
 Cupioba (povoação) 268
 Curaça (ribeiro) 268
 Curralinho (povoação) 271
 Desterro do Outeiro Redondo (freguesia) 278
 Douro (registo) 286
 Eguas (ribeirão) 287
 Encantada (lagoa) 288
 Encarnação (lugarejo) 289
 Estiva (freguesia) 298
 Feira ou Feira de Santana (povoação) 303
 Fêmeas (ribeirão) 303
 Ferrados (povoação) 304
 Figuras (serra) 305
 Figuras (lugarejo) 305
 Formosa (aldeia) 308
 Frade (ribeirão) 311
 Frades [Ilha dos] (ilha) 311
 Freguesia Velha (povoação) 312

Funis (passo) 313
 Furna (povoação) 313
 Gado Bravo (serra) 315
 Galvícias (registo) 315
 Gamelas (tribo) 315
 Gameleira (lugarejo) 316
 Gameleiros ou Gamelas (índios) 316
 Garcia (ponta) 317
 Gavião (ribeiro) 319
 Gairu (serra) 319
 Geru (aldeia) 319
 Glória (freguesia) 320
 Gombo (forte) 333
 Grande (rio) 335
 Grapiúna (rio) 337
 Grugungi (ribeirão) 337
 Guai (ribeiro) 338
 Guará (ribeirão) 346
 Humildes (povoação) 357
 Igrapiúna (vila) 363
 Iguape (aldeia) 365
 Ilhéus (capitania) 369
 Ilhéus (ilhas) 369
 Impuca (povoação) 370
 Inhambupe (comarca) 374
 Inhambupe (vila) 374
 Inhambupe (rio) 374
 Ipitanga (povoação) 377
 Itabapoana (rio) 382
 Itacolumi (rochedos) 385
 Itaipé (rio) 387
 Itaipé (lagoa) 387
 Itanhém (rio) 392
 Itaparica (ilha) 393
 Itapararoca (povoação) 394
 Itapicuru (vila) 397
 Itapicuru (aldeia) 397
 Itapicuru (rio) 397
 Itapicuru Grande (freguesia) 398
 Itaporocas (freguesia) 399
 Itapuã (povoação) 399
 Itapuãzinho (povoação) 399
 Itaraca (rochedos) 400
 Itiúba (povoação) 401
 Itiúba (serra) 401
 Jacaracanga (povoação) 405
 Jacaré (povoação) 405
 Jacobina (vila) 406
 Jacuípe (freguesia) 408
 Jacuípe (ribeiro) 409
 Jacuípe (ribeiro) 409
 Jacuruna (povoação) 409
 Jaguaripe (vila) 412
 Jaguaripe (aldeia) 412
 Jaguaripe (rio) 413
 Jenipapo (povoação) 420
 Jequitinhonha (rio) 421

- Jeremoabo (vila) 423
 Jerimuabo (lugarco) 423
 Jeuípe (ribeiro) 424
 Jibóia (serra) 424
 Jiquié (rio) 424
 Jiquiriçá (povoação) 424
 Joanes (ribeirão) 425
 João Amaro (aldeia) 425
 João de Leão (ponta) 425
 Joazeiro (vila) 426
 Juasema ou Insuacome (rio) 426
 Jucurucu (rio) 427
 Jundiá (canal) 428
 Jussiape (rio) 430
 Lage (povoação) 431
 Lagoa Clara (povoação) 433
 Leopoldina (colônia) 441
 Livramento (povoação) 443
 Macaúba (vila) 451
 Machacaris (tribo) 452
 Madre de Deus (povoação) 455
 Malalis (tribos) 457
 Malhado (registo) 458
 Mangabeira (serra) 465
 Mapendipe (povoação) 468
 Maragogipe (vila) 470
 Maragogipinha (povoação) 470
 Marau (vila) 477
 Marau (rio) 477
 Marcos (povoação) 477
 Maré (ilha) 478
 Massai (ribeiro) 484
 Massarandúpio (morro) 485
 Mata (povoação) 485
 Mataripe (povoação) 487
 Mato Grosso (povoação) 497
 Matiz Velha (povoação) 498
 Matuim (freguesia) 498
 Matuim (ribeiro) 498
 Medo (ilha) 501
 Medo (lagoa) 501
 Menino Deus (ilheta) 503
 Mercês (povoação) 504
 Minas do Rio de Contas (vila) 514
 Mirandela (freguesia) 517
 Missão de Joazeiro (missão) 519
 Missão do Saí (aldeia) 519
 Mongoiós (nação) 526
 Montalegre (povoação) 527
 Monte Alto (vila) 528
 Monte Gordo (freguesia) 528
 Montes Altos (povoação) 529
 Montes Altos (serra) 529
 Monte Santo (vila) 529
 Montes do Boqueirão (freguesia) 530
 Morro (povoação) 533
 Morro das Almas (pico) 533
 Morro de São Paulo (povoação e promontório) 534
 Morro do Chapéu (povoação) 534
 Morro do Fogo (lugarco) 534
 Mugiquiçaba (ribeiro) 539
 Muribeca (serra) 541
 Murituba (freguesia) 541
 Muta (ponta) 541
 Nagé (lugarco) 557
 Natuba (aldeia) 560
 Nazaré (vila) 560
 Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz (freguesia) 569
 Nossa Senhora da Glória (freguesia) 569
 Nossa Senhora da Purificação dos Campos (povoação) 570
 Nossa Senhora do Socorro (povoação) 572
 Nosso Senhor do Bonfim da Mata (povoação) 573
 Nova Boipeba (vila) 573
 Óbidos (registo) 577
 Oiteiro Redondo (freguesia) 580
 Oliveira (povoação) 582
 Olivença (vila) 582
 Ondas (rio) 583
 Orico Guaçu (ribeirão) 584
 Orizes Procazes (tribos) 584
 Orobó (serra) 585
 Ouriçanga (povoação) 586
 Pacatá (lugarco) 590
 Padrão (povoação) 592
 Padre Mateus (povoação) 592
 Pambu (vila) 597
 Papa Gente (passo) 599
 Paraguaçu (rio) 608
 Paraguaçuinho (ribeiro) 608
 Paraguás (tribo) 610
 Pará-Mirim (povoação) 621
 Pará-Mirim (povoação) 621
 Pará-Mirim (rio) 621
 Paratíca (povoação) 629
 Paratigi (ribeiro) 629
 Paripe (povoação) 634
 Pascoal (monte) 635
 Passagem (registo) 637
 Passé (freguesia) 638
 Patatiba (aldeia) 639
 Pataxós (nação de Índios) 639
 Patipe (rio) 640
 Pedra Branca (vila) 647
 Pedrão (povoação) 648
 Pedras (povoação) 648
 Penha (povoação) 653
 Peruípe (rio) 664
 Piagui (povoação) 665
 Piedade (lugarco) 672
 Piedade (serra) 673
 Pilão Arcado (vila) 673
 Pingo (serra) 678
 Pirajá (povoação) 683
 Pirajá (rio) 683

- Pirajuquia (freguesia) 683
 Pitanga (rio) 689
 Pombal (vila) 694
 Ponta Castelhana (ponta) 695
 Pontão (lugarajo) 699
 Porto Alegre (vila) 701
 Porto Seguro (comarca) 708
 Porto Seguro (vila) 708
 Poxim (rio) 713
 Prado (vila) 713
 Presídio do Morro (povoação) 715
 Preto (rio) 716
 Purificação dos Campos (vila) 719
 Queimadas (povoação) 723
 Quiepe (ilhota) 724
 Quinimura (tribo) 725
 Rãs (rio) 728
 Real (rio) 729
 Remédios (lugarajo) 734
 Ressaca (aldeia) 736
 Riachão (povoação) 736
 Riachinho (serra) 736
 Ribeirão da Areia (ribeirão) 738
 Rio de Contas (comarca) 742
 Rio de Contas (vila) 742
 Rio de Contas (rio) 743
 Rio de Contas (vila e porto de mar) 743
 Rio de São Francisco (comarca) 761
 Rio Fundo (freguesia) 762
 Rio Grande (rio) 764
 Rio Preto (vila) 769
 Rio Vermelho (povoação) 770
 Rodelas (missão) 771
 Sai (freguesia) 776
 Salinas (território) 779
 Salsa (canal natural) 779
 Salto Grande (salto) 780
 Sanguim (ribeiro) 781
 Santa Bárbara (ilha) 789
 Santana da Aldeia (freguesia) 786
 Santana do Campo Largo (vila) 787
 Santana do Catu (freguesia) 787
 Santana do Olho d'Água (sitio) 788
 Santana do Sacramento do Anjical (povoação) 788
 Santa Cruz (povoação) 799
 Santa Cruz (rio) 802
 Santa Maria (aldeia) 805
 Santarém (vila) 807
 Santa Rita (freguesia) 808
 Santa Rita do Rio Preto (vila) 810
 Santa Sé (comarca) 810
 Santa Sé (vila) 810
 Santiago de Iguape (freguesia) 811
 Santo Amaro (cidade) 812
 Santo Amaro (vila) 814
 Santo Amaro (freguesia) 814
 Santo Amaro do Catu (povoação) 814
 Santo André (vila) 814
 Santo Antônio (povoação) 816
 Santo Antônio (povoação) 816
 Santo Antônio (lugarajo) 816
 Santo Antônio (cabo) 818
 Santo Antônio (ribeirão) 818
 Santo Antônio (ribeiro) 819
 Santo Antônio da Barra (povoação) 820
 Santo Antônio da Barra (fortaleza) 820
 Santo Antônio da Jacobina (freguesia) 820
 Santo Antônio da Ressaca (aldeia) 821
 Santo Antônio das Queimadas (aldeia) 821
 Santo Antônio de Mato Grosso (povoação) 821
 Santo Antônio de Vilanova do Rio de São Francisco (vila) 823
 Santo Antônio dos Velasques (povoação) 825
 Santocé, Centocé ou Santa Sé (povoação) 825
 Santo Estêvão (povoação) 825
 São Bernardo de Alcobaca (vila) 829
 São Boaventura (freguesia) 829
 São Bruno (serra) 829
 São Domingos (registro) 833
 São Domingos de Saubará (freguesia) 833
 São Felipe (povoação) 834
 São Fidélis (povoação) 836
 São Francisco (vila) 836
 São Francisco (rio) 837
 São Francisco das Chagas (vila) 840
 São Gonçalo (freguesia) 843
 São Gonçalo da Estiva (freguesia) 844
 São Gonçalo do Amarante de Tiúba (povoação) 845
 São Gonçalo dos Campos (freguesia) 845
 São Jorge dos Ilhéus (vila) 858
 São José (vila) 860
 São José (lugarajo) 861
 São Marcelo (forte) 872
 São Miguel (freguesia) 878
 São Miguel (povoação) 878
 São Miguel da Barra do Rio de Contas (vila) 879
 São Pedro de Alcântara (missão) 892
 São Pedro do Açu da Torre (freguesia) 892
 São Salvador da Bahia (capital) 900
 São Sebastião (freguesia) 901
 São Simão (serra) 903
 Sararai (ribeiro) 910
 Serenheém (rio) 911
 Sergipe do Conde (vila) 914
 Serigi (rio) 914
 Serra do Paulista (serra) 916
 Sertão de Pernambuco (território) 920
 Sibaúma (ribeiro) 921
 Sobrado (ribeiro) 923
 Socorro (povoação) 923
 Soure ou Soire (vila) 925
 Subaé (ribeirão) 926
 Tacoaraçu de Cima ou Tacoruçu (povoação) 933
 Tambu (lugarajo) 938
 Tamburil (lugarajo) 938

Tapagipe ou Itapagipe (freguesia) 939
 Tapepitanga (aldeia) 941
 Tapera (freguesia) 942
 Taperãgua ou Taporãgua (aldeia) 942
 Taperoa (povoação) 942
 Tanri (ribeiro) 946
 Tatuapera (aldeia) 947
 Timbora (serra) 955
 Timbora (cachoeira) 955
 Tinharé (ilha) 956
 Tiúba (povoação e serra) 957
 Tiúba (povoação) 957
 Tiúba (serra) 957
 Torre de Ávila (vila) 962
 Trancoso (vila) 965
 Tromba (serra) 968
 Trondono (povoação) 969
 Tubarões [Ilha dos] (ilha) 970
 Tucano (vila) 970
 Tupiaçu (ilha) 971
 Tupiniquins (nação) 972
 Ubu (ribeiro) 979
 Umburana (povoação) 980
 Una (rio) 981
 Una; (ribeiro) 981
 Una (ribeirão) 981
 Urubu (comarca) 982
 Urubu (vila) 982
 Urubu do Baixo (povoação) 983
 Vacas (ilha) 987
 Vale do Iguape (vale) 987
 Valença (comarca) 987
 Valença (vila) 988
 Velha Boipeba (vila) 993
 Vera Cruz (povoação) 994
 Verde (rio) 995
 Vermelho (ribeiro) 996
 Viçosa (vila) 998
 Vila do Conde (vila) 1002
 Vilanova da Rainha (vila) 1007
 Vilanova de Boipeba (vila) 1007
 Vilanova do Príncipe (vila) 1009
 Vila Velha (povoação e serra) 1010
 Vila Verde (vila) 1010
 Vila Viçosa (vila) 1011
 Vitória (vila) 1012
 Vitória (subúrbio) 1013
 Xiquexique (vila) 1016
 Zimbo (ribeirão) 1018

Província do Ceará

Acaracú (freguesia) 46
 Acaracú (rio) 46
 Acaracú (montanha) 47
 Acaracú (banco de areia) 47

Acaracuzinho (lago) 47
 Acarape (aldeia) 47
 Almofoala (povoação) 66
 Alto das Balanças (serra) 67
 Amontada (aldeia) 75
 Amparo (forte) 76
 Aquirás (vila) 87
 Aracati (vila) 88
 Aracati (montanha) 89
 Aracati (rio) 89
 Arneiros (freguesia) 100
 Arronches (vila) 103
 Assunção (freguesia) 104
 Baepina (povoação) 108
 Balança (lugarejo) 121
 Banabuiú (rio) 122
 Barbalha (freguesia) 125
 Barra de Acaracu (freguesia) 127
 Barra do Puiú (freguesia) 128
 Batateira (rio) 134
 Batoque (plaga) 134
 Baturité (comarca) 134
 Baturité (vila) 134
 Baturité (serra) 135
 Biapina (povoação) 141
 Boa Viagem (povoação) 142
 Boa Vista (serra) 144
 Bom Jardim (vila) 146
 Borborema (cordilheira) 153
 Boritama (serra) 153
 Botarité (serra) 155
 Brejo Grande (freguesia) 163
 Bu (serra) 164
 Caiçara (povoação) 180
 Caiçara (cidade) 180
 Cairiris (índios) 180
 Cairiris (serra) 181
 Cairiris Novos (serra) 181
 Caixitoré (povoação) 182
 Cajueiro (porção de distrito) 182
 Camarão (serra) 188
 Campo Maior (comarca) 195
 Campo Maior de Quixeramobim (vila) 196
 Camucin (rio) 201
 Canindé (freguesia) 205
 Caoípe (rio) 208
 Caracu (povoação e serra) 213
 Cariú (ribeirão) 217
 Carnaúba (aldeia) 218
 Carnutim (serra) 218
 Cascavel (vila) 221
 Castelhanos (povoação) 222
 Catingas de Góis (povoação) 224
 Caucaia (aldeia) 226
 Ceará (província) 228
 Ceará (serra) 231
 Ceará (ribeiro) 231

- Choró (rio) 237
 Ciopé (povoação) 238
 Ciopé (rio) 238
 Coco (ponta) 239
 Cococi (povoação) 239
 Cocos (povoação) 239
 Columinjuba (serra) 241
 Coró (povoação) 253
 Cosme e Damião (povoação) 256
 Cratiús (serra) 258
 Crato (comarca) 258
 Crato (vila) 258
 Crato (ribeiro) 259
 Croaiú (rio) 261
 Cruz (povoação) 261
 Curu ou Coró (povoação) 272
 Curuaiú (povoação) 272
 Enxu ou Exu (ribeiro) 291
 Eusébio (lago) 299
 Extrema (serra) 300
 Fazenda de Tiaia (povoação) 302
 Flores (povoação) 306
 Fortaleza (cidade) 309
 Frade (serra) 311
 Garoto (lago) 317
 Gavião (serra) 319
 Genipabu (rio) 319
 Grande (serra) 334
 Granja (vila) 336
 Guamame (serra) 343
 Guaribas (lagoa) 351
 Guimarães (lugarajo) 353
 Gurairas (rio) 353
 Hibiapaba (cordilheira) 356
 Hiboacu (povoação) 356
 Ibiapaba (cordilheira) 358
 Icó (comarca) 361
 Icó (vila) 361
 Iguaçu (rio) 367
 Inussu (ribeiro) 377
 Ipu Grande (vila) 379
 Itanhas (aldeia) 392
 Itapiranguara (ribeiro) 398
 Jaguaribe (rio) 411
 Jaguaribe (serra) 412
 Januária (cidade) 414
 Japitaraca (povoação) 417
 Jatobá (serra) 419
 Jequi (povoação) 421
 Jericoacoara (povoação) 423
 Jericoacoara (morro) 423
 Jericoacoara (enseada) 423
 Jucoca (fazenda) 427
 Junqueiro (ribeiro) 428
 Juré (ribeiro) 428
 Lapa (povoação) 438
 Latadas (lugarajo) 439
 Lavras da Mangabeira (povoação) 439
 Limão (serra) 441
 Limonha (serra) 442
 Livramento (povoação) 443
 Livramento (povoação) 443
 Macambira (ribeira) 450
 Macapá (povoação) 451
 Mambaba (povoação) 459
 Mandau (serra) 463
 Mandau (ribeiro) 463
 Mangabeira (serra) 465
 Maranguape (povoação e serra) 471
 Matia Pereira de Mumbaça (freguesia) 480
 Mecejana (aldeia) 500
 Melancia (medão) 502
 Meruoca (serra) 504
 Milagres (freguesia) 505
 Missão Nova (aldeia) 520
 Missão Velha (povoação) 520
 Montemor Novo (vila) 529
 Montemor Velho (aldeia) 529
 Mosquitos (lagoa) 537
 Mumbaça (freguesia) 539
 Mundo Novo (povoação) 539
 Olho d'Água (povoação) 580
 Pacoti (ribeiro) 592
 Papara (serra) 599
 Pereira (serra) 655
 Pernambucozinho (lugarajo) 664
 Pindobas (sítio) 678
 Pirangi (rio) 684
 Piranhas (serra) 684
 Praia (serra) 717
 Quixara (ribeiro) 725
 Quixeramobim (vila) 725
 Quixeramobim ou Quixeramubi (rio) 726
 Quixoso (povoação) 726
 Ratos (serra) 729
 Retiro Grande e Retiro Pequeno (pontas) 736
 Riacho do Sangue (vila) 737
 Riacho Fundo (lugarajo) 737
 Russas (povoação) 773
 Sabocira (povoação) 775
 Salgado (rio) 778
 Santana (freguesia) 784
 Santa Cruz (povoação) 801
 Santa Cruz (povoação) 801
 Santa Luzia (lugarajo) 805
 Santa Quitéria (freguesia) 807
 Santa Rita (lugarajo) 809
 Santa Rosa (lugarajo) 810
 Santo Antônio (lugarajo) 817
 Santo Antônio do Bom Jardim (vila) 823
 Santo Hilário (lugarajo) 826
 São Benedito (lugarajo) 827
 São Bento da Amontada (freguesia) 828
 São Bernardo (vila) 828

São Gonçalo dos Cocos (povoação) 845
 São João (povoação) 847
 São João do Príncipe (comarca) 855
 São João do Príncipe (vila) 855
 São José (povoação) 860
 São José da Missão Velha (povoação) 862
 São José da Serra Unuburetama (freguesia) 862
 São José de Ribamar (povoação) 863
 São Lucas (forte) 868
 São Mateus (vila) 874
 São Pedro de Biapina (povoação) 892
 São Vicente das Lavras (vila) 907
 Serra do Pereira (freguesia) 916
 Serra Grande (serra) 916
 Serra Nova (povoação e serra) 917
 Siupé (povoação) 923
 Soure (freguesia) 926
 Tabuleiro da Arcia (povoação) 932
 Tajacuba (sítio) 935
 Tapagi (ponta de terra e ribeiro) 939
 Tapeiri (lagoa) 942
 Tapuiú (serra) 943
 Tapuiú (ribeiro) 944
 Tarrarugas (forte) 946
 Tatajuba (serra) 947
 Tauá (povoação) 948
 Tauá (aldeia) 948
 Telha (freguesia) 951
 Tiaia (fazenda) 953
 Timonha (serra) 955
 Titóia (praia) 957
 Torre (serra) 962
 Trairi (povoação) 964
 Ubajara (sítio) 977
 Uburetama (povoação) 979
 Umani (povoação) 980
 Uruburetama (serra) 984
 Uruoca (desfiladeiro) 986
 Várzea da Vaca (lugarajo) 991
 Velho (lagoa) 993
 Viçosa (vila) 999
 Vila da Imperatriz (vila) 1000
 Vilanova del Rei (vila) 1007
 Vila Viçosa (vila) 1011

Província do Espírito Santo

Agá (aldeia) 49
 Aimorés (serra) 53
 Aldeia do Campo (aldeia) 61
 Aldeia Goitacaze (aldeia) 62
 Aldeia Velha (aldeia) 62
 Aldeia Velha (rio) 62
 Almeida (vila) 66
 Araçatuba (lugarajo) 89
 Arrepiada (serra) 102

Ascensão ou Trindade (ilha) 104
 Barcelos (povoação) 126
 Barra (vila) 126
 Barra de São Mateus (vila) 128
 Barra Seca (freguesia) 132
 Benevente (vila) 139
 Benevente (rio) 140
 Borba (posto) 152
 Botocudos (índios) 155
 Bragança (povoação) 157
 Cabapuana (rio) 167
 Campo do Riacho (aldeia) 194
 Campo Novo (povoação) 196
 Caraipe (povoação) 213
 Caraipe (rio) 213
 Carapina (povoação) 214
 Cariacica ou Carijacica (freguesia) 216
 Castelo (serra) 222
 Ceri (povoação) 231
 Conceição (povoação) 244
 Conceição da Barra de São Mateus (povoação) 244
 Conceição da Serra (vila) 245
 Contins (povoação) 251
 Cricaré (aldeia e rio) 259
 Crubixá (ribeiro) 261
 Descoberto (sítio) 275
 Doce (rio) 281
 Escadinhas (degraus cavados em rocha) 291
 Espírito Santo (província) 292
 Espírito Santo (capital) 296
 Espírito Santo (baía) 296
 Espírito Santo (rio) 297
 Ferrugem (cachoeira) 305
 Goitacases (aldeia) 332
 Guarapari (monte) 348
 Guarapari (rio) 348
 Guarapari (serra) 348
 Guarapari (vila) 347
 Guaxindiba (ribeirão) 351
 Iiritiba (rio) 381
 Itabapoana (rio) 382
 Itacaciba (porto) 384
 Itacatiba ou Itacitibá (rio) 384
 Itapemirim (comarca) 395
 Itapemirim (rio) 395
 Itapemirim (vila) 395
 Itapoca (povoação) 399
 Itaquari (ribeirão) 400
 Itaúnas (serra) 400
 Japaraná (lagoa) 416
 Jecu (ilhota) 420
 Jecu (rio) 420
 Jucuném (lagoa) 427
 Juparaná (lagoa) 428
 Lagoa do Campo (lagoa) 434
 Lagoa do Campo (lugarajo) 434
 Linhares (vila) 442

Mandu (rio) 464
 Mandu-Mirim (ribeiro) 464
 Manhauçu (rio) 467
 Mcaiaipi (povoação) 501
 Melgaço (registo) 503
 Mestre Álvaro (monte) 504
 Minas do Castelo (povoação) 514
 Monforte (povoação) 526
 Monte Moreno (monte) 529
 Monte Pascoal (monte) 529
 Moreno (monte) 531
 Muribeca (povoação) 540
 Muribeca (rio) 541
 Nova Almeida (aldeia) 573
 Óleos (registo) 580
 Orobó (aldeia) 585
 Ourém (registo) 586
 Pacotes (ilhas) 592
 Parobas (lugarajo) 635
 Penha (monte) 654
 Perobas (povoação) 664
 Perocão (serra) 664
 Pico (serra) 672
 Pinhel (lugarajo) 679
 Piraitinga (nascente) 683
 Piriqui-Açu (povoação) 688
 Piúma (aldeia) 690
 Piúma (rio) 690
 Ponta da Fruta (promontório) 695
 Porto de Souza (povoação) 705
 Porto do Pontal (registo) 706
 Preto (ribeiro) 717
 Quartel da Regência (registo) 721
 Quartel de Ourém (registo) 721
 Quartel do Riacho (registo) 721
 Quartel dos Comboios (registo) 721
 Quiricaré (rio) 725
 Regência Augusta (registo) 733
 Reis Magos (aldeia) 733
 Reis Magos (rio) 733
 Reritigbá (rio) 734
 Reritigbá ou Assunção de Reritigbá (aldeia) 734
 Rio Claro (cachoeira) 741
 Rio de São Mateus (comarca) 761
 Santa Maria (cachoeira) 806
 Santa Maria (rio) 806
 Santo Agostinho (ribeiro) 812
 São José (lugarajo) 861
 São Mateus (comarca) 873
 São Mateus (rio) 875
 São Mateus (vila) 873
 Serpa (registo) 914
 Serra (vila) 914
 Souzel (lugarajo e registo) 926
 Tapada (lagoa) 939
 Trindade (ilha) 968
 Tubarão (pontas) 969

Una (ribeiro) 982
 Velha (aldeia) 992
 Viana (vila) 998
 Vila Velha (vila) 1010
 Vila Viçosa (registo) 1011
 Vitória (comarca) 1012

Província de Goiás

Acroás (tribo indígena) 48
 Água Quente (povoação) 52
 Alcobaça (forte) 61
 Aldeia das Pedras (aldeia) 61
 Aldeia Maria (aldeia) 62
 Almas (povoação) 65
 Almas (rio) 65
 Almas (ribeiro) 65
 Amadus (índios) 68
 Amaro Leite (aldeia) 69
 Anicuns (povoação) 82
 Anicuns (rio) 82
 Anta (freguesia) 82
 Antas (rio) 83
 Apinagés ou Apinagués (nação) 85
 Araguaia (rio) 90
 Arais (nação) 91
 Araras (serra) 94
 Areias (rio) 97
 Arraias (vila) 101
 Arroios (lugar) 103
 Arrozal (aldeia) 103
 Bacalhau (ribeirão) 107
 Bagagem (rio) 108
 Bananal (aldeia) 122
 Bananal (ilha) 122
 Barra (povoação) 126
 Barra da Palma (vila) 127
 Barreiros (ribeiro) 133
 Boa Vista (povoação) 143
 Bois (rio) 145
 Bom Sucesso (rio) 149
 Bonfim (vila) 149
 Bonito (ribeiro) 151
 Bororós (nação) 153
 Bugres (rio) 164
 Cachoeira (povoação) 175
 Caiapó (serra) 179
 Caiapó (ribeiro) 179
 Caiapós (nação) 179
 Caldas (serra) 184
 Caldas (águas termais e rio) 184
 Caldas de Santa Cruz (vila) 184
 Caldas de Santa Luzia (vila) 184
 Cambaúba (povoação) 189
 Camecrã (tribos) 190
 Campanha do Neiva (sitio) 192

Cana Brava (rio) 201
 Canacacge (tribo) 201
 Canoeiros (índios) 206
 Cantão (povoação) 207
 Capepuxis (nação) 209
 Capivari (rio) 211
 Carajás (tribos) 213
 Carinhenha (rio) 217
 Carmo (freguesia) 217
 Carmo (povoação) 217
 Carolina (vila) 218
 Carretão (vila) 219
 Carretão (ribeiro) 219
 Casca (ribeiro) 221
 Catalão (freguesia) 223
 Cavalcante (comarca) 226
 Cavalcante (vila) 226
 Chacriabás (índios) 232
 Chapada (povoação) 234
 Chapada (serra) 234
 Chapada de São Felis (povoação) 234
 Chavantes (índios) 235
 Chavantes (rio) 235
 Cherentes ou Xerentes (nação) 236
 Claro (ribeirão) 238
 Clemente (morro) 238
 Cocal (povoação) 239
 Conceição (vila) 242
 Coragiás (tribo) 252
 Coroás (nação) 253
 Correntes (ribeiro) 255
 Corumbá (povoação) 255
 Corumbá (rio) 255
 Couros (povoação) 257
 Couros (serra) 257
 Crangé (tribo) 258
 Cristais (serra) 260
 Crixá (vila) 260
 Crixá (rio) 261
 Crixá (ribeiro) 261
 Cubatão (serra) 263
 Curralinho (freguesia) 271
 Custódio (rio) 273
 Descoberto (lago) 275
 Descoberto do Ouro Preto (povoação) 275
 Dourada (serra) 285
 Douro (aldeia) 286
 Douro (serra) 286
 Douro (registo) 286
 Escalvada (serra) 291
 Estrondo (serra) 299
 Facão (serra) 301
 Famosa (lagoa) 301
 Fanha (serra) 301
 Farinha (território) 301
 Fatura (ribeirão) 302
 Fecho da Anta (montanha) 302

Feia (lagoa) 303
 Felis da Costa (lagoa) 303
 Ferreira (povoação) 304
 Ferreira (rio) 304
 Figuras (serra) 305
 Flores (vila) 305
 Formiga (aldeia) 307
 Formosa (lagoa) 308
 Fundão (mina) 312
 Furo (rio) 313
 Gê (tribos) 319
 General ou Serra do General (serra) 319
 Goarinos (povoação) 321
 Goiás (nação) 322
 Goiás (província) 323
 Goiás (cidade) 330
 Golfos (lagoa) 333
 Gradaús (tribo) 334
 Grande (rio) 335
 Guaiá Guçu (tribo) 338
 Guarinos (tribos) 351
 Guarinos (aldeia) 351
 Guegues (nação) 351
 Guimarães (serra) 353
 Hortigas (lagoa) 357
 Índios Grandes (ribeiro) 371
 Inferno (ribeirão) 373
 Ipoeira (lago) 377
 Itacaiuna (povoação) 384
 Itiquira (serra) 401
 Jacaré (ribeiro) 405
 Jaraguá (vila) 417
 Jaraguá (ribeiro) 418
 Javaés (tribo) 420
 José Machado (serra) 426
 Lageada (cachoeira) 431
 Lanhosa (aldeia) 437
 Lapa (povoação) 438
 Lavrinhas (povoação) 440
 Luiz Alves (rio) 445
 Lustosa (fazenda) 446
 Machadinho (povoação) 452
 Machado (serra) 452
 Macamecrã (índios) 450
 Manoel Alves (rio) 467
 Maranhão (rio) 476
 Maranhão (povoação) 476
 Maria (aldeia) 478
 Mata Grossa (povoação) 486
 Matança (aldeia) 486
 Mato Grosso (povoação) 497
 Meia Ponte (vila) 501
 Miguel Inácio (serra) 505
 Moju (rio) 525
 Montes Claros (povoação) 530
 Montes Pireneus (montes) 530
 Moquém (povoação) 530

- Morro do Chapéu (povoação) 534
 Morro do Pico (morro) 534
 Morro Molque (morro) 535
 Mossâmedes (aldeia) 537
 Natividade (vila) 559
 Negra (serra) 562
 Negro (ribeiro) 564
 Nova Beira (aldeia) 573
 Olberamos (lago) 580
 Opinazes (tribo) 583
 Ouro Fino (povoação) 586
 Ouro Podre (registo) 587
 Pacífica (missão) 591
 Padre Aranda (lagoa) 592
 Pai José (lagoa) 592
 Palma (comarca) 593
 Palma [Rio da] (rio) 593
 Pará (rio) 607
 Paraná (rio e serra) 622
 Paraná (rio) 622
 Paranã (serrania) 623
 Paranã (serra) 623
 Paranã (rio) 624
 Paranaíba (nascentes) 626
 Paranatinga (rio) 627
 Parccis (cordilheira) 633
 Parida [Serra da] (serra) 633
 Parnaíba (rio) 634
 Pasmados (lagoa) 636
 Patos (ribeiro) 641
 Pedro Terceiro (aldeia) 650
 Peixe [Rio do] (rio) 651
 Peixe [Rio do] (ribeiro) 651
 Perineus ou Pirencus (serra) 656
 Picos (serra) 672
 Piedade (povoação) 672
 Pilar (vila) 674
 Pilões (povoação) 676
 Pilões (rio) 677
 Piracanjuba (rio) 680
 Pirapetinga (passo) 685
 Pireneus (serra) 688
 Poção (lagoa) 690
 Ponta Alta (rio) 695
 Pontal (freguesia) 696
 Porto da Navegação do Pará (povoação) 704
 Porto do Rio Grande (povoação) 706
 Porto Imperial (vila) 707
 Porto Real (povoação) 708
 Porto Vermelho (povoação) 709
 Preto (rio) 717
 Preto (ribeirão) 717
 Puicobeje (tribo) 719
 Quebra Anzóis (ribeiro) 722
 Ribeirão do Bezerra (ribeiro) 738
 Rico (ribeiro) 739
 Rio Claro (povoação) 740
 Rio das Pedras (aldeia) 742
 Rio do Peixe (lugarajo) 762
 Rio Grande (registo e povoação) 764
 Rio Manoel Alves (povoação) 767
 Rosário (lugarajo) 773
 Salinas (freguesia) 779
 Salinas (lagoa) 779
 Santana (aldeia) 781
 Santana (aldeia) 783
 Santana (ilha) 786
 Santa Cruz (comarca) 799
 Santa Cruz (vila) 799
 Santa Luzia (vila) 804
 Santa Maria (lugarajo) 805
 Santa Marta (serra) 806
 Santa Rita (povoação) 808
 Santa Rita (lugarajo) 809
 Santa Rosa (freguesia) 810
 Santo Antônio (povoação) 818
 Santo Antônio de Montes Claros (povoação) 822
 São Bartolomeu (rio) 827
 São Domingos (povoação) 832
 São Domingos (registo) 833
 São Felis (vila) 834
 São Felis (ribeiro) 834
 São Fernando (povoação) 835
 São João da Palma (vila) 850
 São João das Duas Barras (vila) 851
 São José (aldeia) 860
 São José (ilha) 861
 São José de Mossâmedes (aldeia) 863
 São José dos Tocantins (povoação) 865
 São Marcos (ribeiro) 873
 São Pedro de Alcântara (vila) 891
 São Teodoro (lugarajo) 903
 Soberbo (ribeiro) 923
 Sobrado (ribeiro) 923
 Sono [Rio do] (rio) 924
 Tabatinga [Serra da] (serra) 931
 Taboca (povoação) 931
 Tabocas (rio) 932
 Tacoaral (ribeiros e cachoeiras) 933
 Taguaruçu (ribeiro) 933
 Taguatinga (freguesia) 933
 Taguatinga (serra) 934
 Taquaral (ribeiro) 944
 Terreiro (ribeiro) 952
 Tesouras (vila) 952
 Tesouras (rio) 952
 Tessemidu (tribo) 952
 Tigres (lagoa) 955
 Tiquira ou Itiqueira (ribeiro) 957
 Tisoims (vila e rio) 957
 Tocantins (vila) 958
 Tocantins (rio) 958
 Tocantins Pequeno (rio) 960
 Traíras (vila) 963

Traíras (rio) 964
 Turvo (rio) 974
 Urucaia (rio) 984
 Uruú (rio) 986
 Veadeiros (serra) 992
 Velhas (rio) 993
 Verde (rio) 995
 Veríssimo ou Viríssimo (ribeiros) 995
 Vermelho (rio) 995
 Viadeiros (serra) 996
 Vila Boa (povoação) 1000
 Xerentes (índios) 1015
 Xingu (rio) 1015

Província do Maranhão

Águas Boas (vila) 52
 Alcântara (comarca) 60
 Alcântara (vila) 60
 Aldeias Altas (comarca) 62
 Alpercatas (rio) 67
 Amazonas (rio) 69
 Anajatuba (rio) 76
 Anapurú (aldeia) 76
 Arcias (lugarajo) 97
 Ataquí (ponta) 105
 Bacabal (lugarajo) 107
 Bacanga (ribeiro) 107
 Barra de Maio (braço) 128
 Barra de Paulica (lugarajo) 128
 Bela Água (povoação) 138
 Boa Vista (aldeia) 144
 Bonfim (ponta) 150
 Bonfim da Chapada (vila) 151
 Boqueirão (porto, ilha e subúrbio) 152
 Brejo (vila) 161
 Brejo (comarca) 162
 Buriú (vila) 165
 Cabelos da Velha (baía) 168
 Cacimba (povoação) 177
 Caetés (tribos) 178
 Caju (rio) 182
 Calonga (lugarajo) 185
 Canárias (rio) 203
 Caraíbas (povoação) 213
 Caraubal (povoação) 214
 Carnaubearas (povoação) 218
 Castanhedos (território) 221
 Caxias (comarca) 227
 Caxias (vila) 227
 Cerca (banco de areia) 231
 Chapada (comarca) 233
 Chapada (vila) 233
 Chapadinha (povoação) 234
 Codó (vila) 240
 Conceição (povoação) 243

Corda (ribeirão) 252
 Corimatã (forte) 253
 Coroa Grande (bancos de areia) 253
 Coroa Grande (arraial) 253
 Coroatá (aldeia) 253
 Crangé (tribo) 258
 Cristais (arraial) 260
 Croaá (aldeia) 261
 Cumá (aldeia) 267
 Cumá (baía) 267
 Currealinho ou Currealinho Velho (arraiais) 272
 Espera (rochedos) 292
 Fortaleza (lugarajo) 311
 Gabarra ou Porto da Gabarra (povoação) 315
 Gaiola (lugarajo) 315
 Gé (tribos) 319
 Grajeú (vila) 334
 Grajeú (rio) 334
 Guacenduba (território) 338
 Guaíbe (ilha) 340
 Guia (ponta) 352
 Guimarães (comarca) 352
 Guimarães (vila) 352
 Gurupi (vila) 354
 Gurupi (baía) 355
 Hicatu (vila) 357
 Icatu (cidade) 360
 Iguará (vila) 366
 Iguará (ribeirão) 366
 Ilha dos Ovos (ilha) 368
 Inson (sítio) 376
 Itacolumi (montanha) 384
 Itapicuru (comarca) 397
 Itapicuru Grande (rio) 397
 Itapicuru Grande (freguesia) 398
 Itapicuru-Mirim (vila) 398
 Itibirí (povoação) 401
 Janovarém (aldeia) 414
 Jenipapo (lugarajo) 421
 Junipanon (aldeia) 428
 Lançóis Grandes (praia) 437
 Lançóis Pequenos (praia) 437
 Laranjal (lugarajo) 438
 Limpeza (povoação) 442
 Lugar dos Índios (povoação) 445
 Lumiar (vila) 446
 Mamuna (rio) 462
 Manajós (tribo) 462
 Manga (vila) 464
 Manga (povoação) 464
 Manga do Iguara (povoação) 465
 Mangues Verdes (costa) 466
 Maracu (ribeirão) 470
 Maranhão (província) 471
 Maranhão (ilha) 475
 Maranhão (cidade e capital) 476
 Maranhão (rio) 476

Marim (rio) 481
 Mata dos Mutuns (matas) 486
 Mearim (vila) 499
 Mearim (missão) 499
 Mearim (rio) 500
 Medo (ilha) 501
 Mina (território) 505
 Miradora (aldeia) 517
 Miradores (povoação) 517
 Miriúba (povoação) 518
 Missão da Corda (missão) 519
 Missão de São João de Cortes (freguesia) 519
 Missão do Rio da Corda (missão) 519
 Moconandiva (ribeiro) 523
 Monção (aldeia) 525
 Moni ou Munim (rio) 527
 Monte Alegre (monte) 528
 Morro Agudo (morro) 533
 Mosquitos (canal) 537
 Mutuns (povoação) 541
 Nazaré (povoação) 561
 Nosso Senhor do Bonfim da Chapada (vila) 572
 Pai Simão (lugarajo) 593
 Pará (rio) 607
 Passagem Franca (vila) 637
 Passo do Lumiar ou Paço do Lumiar (vila) 638
 Pastos Bons (vila) 638
 Percá (rio) 655
 Pergiça (rio) 655
 Pias (povoação) 666
 Pindaré (rio) 677
 Pinheiro (povoação) 678
 Piracunã (rio) 682
 Piriá (freguesia) 688
 Porto da Repartição (povoação) 704
 Preá (aldeia) 704
 Preto (rio) 717
 Príncipe Regente (povoação) 718
 Queimadas (povoação) 722
 Riachão (vila) 736
 Ribeira (lugarajo) 737
 Rio de Itapicuru (comarca) 743
 Rosário (vila) 772
 Santana (ilha) 785
 Santa Helena (vila) 802
 Santa Maria (povoação) 806
 Santa Rita (povoação) 809
 Santo Antônio (aldeia) 816
 Santo Antônio (lugarajo) 817
 Santo Antônio das Areias (ponta) 821
 São Bento (vila) 827
 São Bernardo (aldeia) 828
 São Bernardo de Anapuru (aldeia) 829
 São Felis (freguesia) 834
 São Felis (ribeiro) 834
 São Francisco (rio) 839
 São João (ilhas) 847

São João de Cortes (aldeia) 852
 São João do Araguaia (missão) 855
 São João do Cururupu (freguesia) 855
 São Joaquim de Bacanga (povoação) 858
 São José (aldeia) 860
 São José (baía) 861
 São Luiz (cidade e capital) 868
 São Marcos (baía) 872
 São Marcos (forte) 873
 São Miguel (aldeia) 877
 São Miguel e Pias (aldeia) 879
 São Sebastião (freguesia) 902
 Serra do Negro (serra) 916
 Serre (serra) 917
 Sipau (povoação) 922
 Taboca (monte) 931
 Tapari (forte) 941
 Tapuias (nação) 943
 Tapuitapera (território) 943
 Tanirã (lagoa) 946
 Tatinga (ponta) 947
 Temembó (tribo) 951
 Timbira (tribo) 955
 Timbó (aldeia) 955
 Tocantins (rio) 958
 Trsedelas (aldeia) 966
 Tresidelas (aldeia) 966
 Turi (vila) 973
 Turiaçu (rio) 974
 Turiaçu (baía) 974
 Turimirim (ribeiro) 974
 Tucinana (rio) 974
 Tutóia (vila) 975
 Tutóia (ribeiro) 975
 Tutóia (rio) 975
 Urubu (aldeia) 983
 Valentim (serra) 989
 Vargem Grande (aldeia) 990
 Viana (comarca) 997
 Viana (vila) 997
 Vinhais (aldeia) 1011

Província do Mato Grosso

Abuna (morro) 45
 Água Branca (serra) 50
 Água Branca (rio) 50
 Aguapeí (rio) 51
 Aguapeí (serra) 51
 Albuquerque (aldeia e presidio) 59
 Albuquerque (serra) 59
 Aldeia Carlota (aldeia) 61
 Alegre (rio) 63
 Alto Paraguai Diamantino (vila) 68
 Álvaro (cachoeira) 68

Amambai (rio) 68
 Amaro Leite (povoação) 69
 André Alves (cachoeira) 77
 Anhanduí-Açu (rio) 80
 Anhanduí-Mirim (cachoeira) 80
 Anhanduí-Mirim (ribeiro) 81
 Anhumás (cachoeira) 81
 Apá (rio) 84
 Aperé (rio) 85
 Apiacas (nação) 85
 Apiacás (nação) 85
 Araguaia (rio) 90
 Arais (povoação) 91
 Araniani (rio) 92
 Araras (tribo) 94
 Araras ou Figueira (cachoeira) 94
 Arinos (nação) 98
 Arinos (rio) 98
 Arnesto (povoação e campos) 100
 Arraiais (povoação) 101
 Avanhandava-Açu (arrecife) 106
 Avanhandava-Mirim (cachoeira) 106
 Azevedo (rio) 106
 Bacairi (índios) 107
 Bacuri (tribo) 107
 Baía Negra (lago) 120
 Bananeira (cachoeira) 123
 Bangué (cachoeira) 123
 Banquinho (cachoeira) 123
 Baraú (rio) 124
 Barbados (tribo) 124
 Barbados (rio) 125
 Barbados (rio) 125
 Barra (cachoeira) 126
 Barra do Coxim (escolho) 128
 Barreiro (ribeiro) 132
 Batuque (filha) 134
 Bauré ou Baurus (rio) 135
 Beliago (escolho) 138
 Beni (rio) 140
 Bento Gomes (ribeiro) 140
 Bicudo (cachoeira) 142
 Boa Vista (aldeia) 143
 Boa Vista (povoação) 144
 Bois (rio) 145
 Bom Jesus (freguesia) 148
 Boqueirão do Taquari (malha de verdura) 152
 Boriti (aldeia) 153
 Bororônia (comarca) 153
 Bororós (nação) 153
 Bourbon (forte) 155
 Bragança (forte) 157
 Branco (rio) 157
 Brotas (freguesia) 164
 Buriú (povoação) 165
 Caã (tribos) 167
 Cabaçal (rio) 167

Cabaibas (tribo) 167
 Cabixi (rio) 168
 Cachoeira da Ilha (cachoeira) 175
 Cachoeira da Ilha (cachoeira) 176
 Caiçara (propriedade nacional) 180
 Cajuru (cachoeira) 182
 Cajuru-Mirim (cachoeira) 183
 Caldeirão do Inferno (cachoeira) 184
 Camapuã (rio) 186
 Camapuânia (distrito) 187
 Camapuã-Mirim (ribeiro) 187
 Cambanapu (rio) 189
 Campinas (povoação) 193
 Campo do Arnesto (campo) 194
 Candeias (rio) 204
 Canelas de André Alves (cachoeira) 204
 Canoa do Banco (cachoeira) 205
 Canoa Velha (cachoeira) 206
 Capepuxis (nação) 209
 Capivaras (ilhas) 210
 Capivari (rio) 211
 Capoeira (cachoeira) 211
 Carajás (tribos) 213
 Carandá (rio) 213
 Carapana (ilha) 214
 Carlota (aldeia) 217
 Casal Vasco (povoação) 220
 Casa Redonda (aldeia) 220
 Casca (ribeirão) 221
 Cautário (ribeirão) 226
 Chainês (serra) 232
 Chapada (serra) 234
 Chapada de Guimarães (freguesia) 234
 Chapada de Santana (freguesia) 234
 Chapada do Brumado (povoação) 234
 Chico Santo (cachoeira) 236
 Choradeira (cachoeira) 237
 Claro (ribeiro) 238
 Cocais (aldeia) 239
 Coimbra (povoação) 240
 Conceição (missão) 243
 Conceição da Serra (aldeia) 245
 Coroados (nação) 253
 Correntes (rio) 254
 Corumbiara (rio) 256
 Coxim (rio) 257
 Cubatão (freguesia) 262
 Cuiabá (cidade capital) 264
 Cuiabá (rio) 265
 Cuiabá-Mirim (ribeirão) 266
 Culapada (cachoeira) 267
 Curão (cachoeira) 268
 Cuxipó (aldeia) 273
 Cuxipó (rio) 273
 Destacamento das Pedras (registo) 276
 Diamantina (vila) 280
 Diamantino (rio) 281

- Dourados (serra) 285
 Embotetiú ou Mondego (rio) 288
 Escalvada (serra) 291
 Exaltação (missão) 299
 Fecho dos Morros (serra) 302
 Figueira ou Araras (cachoeira) 305
 Formigueira (cachoeira) 308
 Forquilha (povoação) 309
 Forte de Coimbra (forte) 311
 Furnas (cachoeira) 313
 Gaíba (serra) 315
 Gaíba (lagoa) 315
 Galera (rio) 315
 Gorinos (tribo e aldeia) 333
 Grande (rio) 335
 Grande (lagoa) 336
 Grutas do Inferno (cavernas) 338
 Guaíba (lagoa) 338
 Guaicurus (nação) 340
 Guajarutas (tribo) 342
 Guajuru (ribeirão) 343
 Guajuru Grande (cachoeira) 343
 Guajuru-Mirim (cachoeira) 343
 Guaporé (rio) 345
 Guaraju (tribo) 346
 Guatós (tribos) 351
 Guaxu (ribeiros) 351
 Guimarães (aldeia e serra) 353
 Hípiauguí (ribeiro) 357
 Ibaré (rio) 358
 Igatimi (rio) 362
 Iguará-Açu (rio) 367
 Iguareí (ribeiro) 367
 Ilha (cachoeira) 368
 Imbiruçu (cachoeiras) 370
 Imbiruçu-Açu (cachoeira) 370
 Imbiruçu-Mirim (cachoeira) 370
 Insua (aldeia) 376
 Insua (serra) 377
 Ipané Guaçu e Ipané-Mirim (rios) 377
 Ipoconé (aldeia) 377
 Iruamé (rio) 381
 Itaguira (rio) 386
 Itenez (rio) 400
 Itiqueira (serra) 401
 Itunama ou Tunama (rio) 403
 Ivinheima (rio) 403
 Jacuma (rio) 409
 Jaguarí (ribeirão) 411
 Jaguarí (ribeiro) 411
 Jamari ou Candeias (rio) 414
 Jaraubaíba (ribeiro) 418
 Jatubá (ribeiro) 419
 Jauri Guaçu (ribeiro) 419
 Jauru (serra) 419
 Jauru (rio) 419
 Jauru (ribeirão) 420
 Jauru (cachoeira) 420
 Jiparaná (rio) 424
 Jiquitai (cachoeira) 424
 Jirau (salto) 425
 João Bicudo (ribeiro) 425
 Juína (rio) 427
 Juruânia (terras) 429
 Jurubaíba (ribeiro) 429
 Jurucna (rio) 429
 Juva (ribeiro) 430
 Lage Grande (cachoeira) 431
 Lage Pequena (cachoeira) 431
 Lages (cachoeira) 432
 Lamego (aldeia) 437
 Lavras do Sutil (aldeia) 440
 Lavrinhas (povoação) 440
 Leonil (aldeia) 440
 Livramento (povoação) 443
 Luiz Antônio (arrecife) 446
 Machado (rio) 452
 Machupó (ribeira) 452
 Madeira ou Caiari (rio) 453
 Madeira (cachoeira) 455
 Madura (ribeiro) 455
 Mãe dos Homens (povoação) 455
 Magné (tribo) 456
 Mambaré (tribo) 460
 Mamoré ou Mármore (rio) 461
 Mandioré (lagoa) 463
 Mangabal (cachoeira) 464
 Mangabal (cachoeira) 465
 Mangabeira (serra) 465
 Manoel Homem (ilha) 467
 Maracaju (serra) 469
 Mato Grosso (província) 488
 Mato Grosso (comarca) 495
 Mato Grosso (cidade) 495
 Melgueira (serra) 503
 Meões (índios) 503
 Mequém (tribo) 503
 Mequém (rio) 503
 Miami ou Miamaia (rio) 504
 Miguel José (monte) 505
 Miranda (povoação e presidio) 517
 Misericórdia (cachoeira) 519
 Mondego (rio) 526
 Morrinhos (cachoeira) 533
 Mortes [Rio das] (rio) 535
 Mundurucu (nação) 539
 Mutuparana (rio) 541
 Nambicuara (tribo) 557
 Negra (baía ou enseada) 562
 Negro (rio) 564
 Negro (rio) 564
 Norogagé (nação) 568
 Nossa Senhora dos Prazeres (povoação) 572
 Nosso Senhor dos Passos (povoação) 573

- Nova Coimbra (freguesia) 573
 Novas Minas (lugarajo) 575
 Novo (rio) 575
 Oberava (lagoa) 577
 Orelha de Antas (ribeiro) 583
 Ouro [Rio do] (ribeirão) 586
 Ouro Fino (lugarajo) 586
 Pacaá (tribo) 590
 Paca Nova (rio) 590
 Paiguá (nação) 592
 Palmela (destacamento) 596
 Pamas (aldeia) 596
 Pamas (índios) 596
 Pão de Açúcar (cume) 599
 Papuá (minas e povoação) 599
 Paragau (rio) 608
 Paraguai (rio) 609
 Paraguai-Mirim (rio) 610
 Paranaíba (ribeiro) 626
 Paranapeitinga (ribeiro) 626
 Pardo (rio) 630
 Parecis (nação) 632
 Parecis (cordilheira) 633
 Paredão (ribeirão) 633
 Paredão (cachoeira) 633
 Paredão (cachoeira) 633
 Pari (rios) 633
 Parnaíba (rio) 635
 Pássaros [Ilha dos] (ilha) 637
 Pataque (margem) 639
 Pederneira (cachoeira) 644
 Pedra Alta ou Peralta (cachoeira) 646
 Pedra Branca (cachoeira) 647
 Pedra Redonda (cachoeira) 648
 Pedras (povoação) 648
 Pedras (rio) 648
 Pedras de Amolar [Serra das] (serra) 649
 Pedras de Amolar (cachoeira) 649
 Peixe [Rio do] (rio) 650
 Peixe [Rio do] (rio) 650
 Peixe do Couro (ribeiro) 651
 Pequiri (aldeia) 655
 Pera Alta ou Peralta (cachoeira) 655
 Piauí (ribeiro) 666
 Pilar (povoação) 676
 Piquiri (rio) 680
 Piraim (ilha) 683
 Pitas (monte) 690
 Poconé (vila) 691
 Ponta (ribeirão) 695
 Ponta dos Limites (serra) 696
 Portudos ou Rio de São Lourenço (rio) 699
 Pouso Alegre (vila) 712
 Pouso Alegre (povoação) 712
 Prazeres (povoação) 715
 Prazeres (povoação) 715
 Preto (rio) 716
 Preto (rio) 717
 Príncipe da Beira (forte) 717
 Punca (lagoa) 719
 Puxacare (tribo) 720
 Quariteré (rio) 721
 Queima (rio) 722
 Quinquinados (tribo) 725
 Rabeca (lagoa) 727
 Rabicho (serra) 727
 Raizama (cachoeira) 727
 Raizama (ribeiro) 727
 Ribeirão (freguesia) 737
 Ribeirão (ribeiro) 738
 Ribeirão (cachoeira) 738
 Rio Abaixo (lugarajo) 739
 Rio Cuiabá (freguesia) 741
 Rio Verde (aldeia) 770
 Robalo (cachoeira) 771
 Rosário (povoação) 773
 Saborá (ribeirão) 775
 Salinas (campos e pântanos) 779
 Salinas da Almeida (salinas) 779
 Saltinho (cachoeira) 780
 Salto do Jirau (cachoeira) 780
 Salto da Misericórdia (cachoeira) 780
 Salto do Teorônio (cachoeira) 780
 Sambambaia (rio) 781
 Sanguessuga (rio) 781
 Santana (aldeia e freguesia) 782
 Santana (povoação) 783
 Santana (ilha) 786
 Santa Bárbara (arraial) 789
 Santa Bárbara (serra) 789
 Santa Isabel (minas) 803
 Santa Rosa (missão) 810
 Santo Antônio (freguesia) 818
 Santo Antônio do Amaranto (povoação) 823
 São Carlos (povoação e presidio) 830
 São Francisco Xavier (povoação) 841
 São Gonçalo (povoação) 842
 São Jerônimo (serra) 845
 São João (aldeia) 846
 São João (rio) 848
 São João da Bocaina (povoação) 850
 São José (missão) 861
 São José do Ribeirão (povoação e presidio) 864
 São Lourenço (rio) 867
 São Luiz (missão) 871
 São Martinho (ribeirão) 873
 São Miguel (missão) 878
 São Pedro (missão) 891
 São Pedro del Rei (arraial) 892
 São Romão (povoação) 899
 São Simão (missão) 903
 São Simão (lagoa) 903
 São Simão Grande (rio) 903
 São Vicente Ferreira (arraial) 908

Sapc (sítio) 908
 Sararé (rio) 911
 Sete Lagoas (lagoas) 920
 Sete Quedas (cachoeiras) 920
 Sipotuba (rio) 922
 Sirga Comprida (cachoeira) 922
 Sirga do Mato (cachoeira) 922
 Sirga Negra (cachoeira) 922
 Sotério (rio) 925
 Sucuri (ribeiro) 927
 Sucuriú (rio) 927
 Sucuriú (rio) 927
 Sucuriú (ribeirão) 927
 Sucuriú (cachoeira) 927
 Sumidouro (rio) 928
 Taburuína (rio) 932
 Tacoarapaia (cachoeira) 933
 Tamanduá (cachoeira) 936
 Tamararé, aliás Tamaré (tribo) 936
 Tapanhuna (tribo) 941
 Tapirape ou Tapiraquc (tribo) 942
 Tapirape ou Tapiraque (rio) 943
 Tapirapuã (serra) 943
 Tapiraquia (nação) 943
 Taquaral (ribeiro) 944
 Taquaral (cachoeira) 944
 Taquaral (serra) 944
 Taquarapaia (cachoeira) 944
 Taquari (rio) 945
 Taquari-Mirim (ribeiro) 946
 Tarumá (povoação) 947
 Tejuco (cachoeira) 950
 Tepoti (rio) 951
 Tereri (rio) 951
 Termo de Cuiabá (lugarajo) 952
 Tiquira ou Itiqueira (ribeiro) 957
 Traíras (rio) 964
 Três Barras (rio) 965
 Três Irmãos (cachoeira) 966
 Três Irmãos (cachoeira) 966
 Três Irmãos (cachoeira) 966
 Três Pedras (cachoeira) 967
 Trindade (missão) 968
 Tucunaré (lagoa) 970
 Tunama (rio) 970
 Turvo (ribeiro) 974
 Tutês (ribeirão) 975
 Uaiá (tribo) 976
 Ubaí (rio) 977
 Uberava (lagoa) 979
 Urubu Ponga (salto) 983
 Urucuruni (tribo) 985
 Vale (cachoeira) 987
 Vamicanga (cachoeira) 989
 Varé (cachoeira) 990
 Vargem Formosa (vale) 990
 Verde (rio) 995

Verde (rio) 995
 Vermelho (ribeiro) 996
 Vermelho (ribeirão) 996
 Vertentes (rio) 996
 Vila Bela (vila) 1000
 Vila Maria (vila) 1004
 Vila Real do Bom Jesus (vila) 1010
 Viseu (aldeia) 1012
 Xacuruina (lagoa) 1015
 Xanaci (rio) 1015
 Xarais (terras) 1015
 Ximbiuá (nação) 1015
 Xingu (rio) 1015
 Zerere (rio) 1018

Província de Minas Gerais

Abaité (povoação) 43
 Abaité (rio) 43
 Abaité (ribeiro) 43
 Abadia (lugar) 44
 Abadia e Monjolos (povoação) 44
 Aceci (rio) 47
 Acuri (povoação) 49
 Água Suja (freguesia) 52
 Água Suja (rio) 53
 Aimorés (serra) 53
 Ajuuoca (vila) 54
 Ajuuoca (serra) 55
 Ajuuoca (registro) 55
 Ajuuoca (lago) 55
 Alagoa Dourada (aldeia) 56
 Alcântara (aldeia) 60
 Alegres (aldeia) 63
 Alféz (aldeia) 64
 Almas (serra) 65
 Almas (rio) 65
 Alto do Morto (povoação) 67
 Alto dos Bois (aldeia) 67
 Alvarenga (ribeiro) 68
 Amparo (freguesia) 75
 Andaiá (freguesia) 77
 Andaiá (rio) 77
 Andaiá (povoação) 77
 André Francisco (povoação) 77
 Andrequccé (lugarajo) 77
 Angu (povoação) 80
 Anhonhecanhuva (rio) 81
 Antas (cachoeira) 83
 Antônio Dias Abaixo (freguesia) 83
 Antônio Moreira (lugarajo) 84
 Antônio Pereira (freguesia) 84
 Aparecida de Cláudio (lugarajo) 85
 Araçuaí (povoação) 90
 Araçuaí (rio) 90
 Aranha (lugarajo) 92

- Araras (serra) 94
 Arassuaí (povoação) 96
 Araxás (vila) 96
 Arraial Velho (povoação) 101
 Arraial Velho (lugarejo) 101
 Arrependidos (povoação) 102
 Arrepiados (freguesia, serra e ribeiro) 102
 Assunção (serra) 104
 Bacalhau (freguesia) 107
 Baependi (vila) 107
 Bagauris Grande (cachoeira) 108
 Bambuí (freguesia) 121
 Bambuí (rio) 121
 Banhos (cachoeira) 123
 Bãojuba Grande (ribeiros) 123
 Barbacena (cidade) 124
 Barra da Angra (registo) 127
 Barra da Palmela (povoação) 127
 Barra da Pomba (registo) 127
 Barra das Êguas (freguesia) 127
 Barra das Velhas (povoação) 127
 Barra do Bacalhau (freguesia) 128
 Barra do Pará (lugarejo) 128
 Barra do Rio das Velhas (povoação) 128
 Barra Longa ou São José (freguesia) 131
 Barreiras (povoação) 132
 Barros (rio) 133
 Barroso (povoação) 133
 Bento Rodrigues (povoação) 141
 Bertioga (freguesia) 141
 Betim (povoação) 141
 Bicas (povoação) 141
 Bicudo (povoação) 141
 Bicudo (rio) 142
 Boa Morte (povoação) 142
 Boa Vista (freguesia) 143
 Boa Vista (aldeia) 143
 Boa Vista de Andaraí (povoação) 144
 Bocaina (povoação) 144
 Bombaça (ribeirão) 146
 Bombué (povoação) 146
 Bom Despacho (povoação) 146
 Bom Jardim (aldeia) 147
 Bom Jesus do Monte (freguesia) 148
 Bom Jesus do Rio Pardo (povoação) 148
 Bom Jesus dos Passos (freguesia) 148
 Bom Sucesso (ribeiro) 149
 Bom Sucesso (freguesia) 149
 Bom Sucesso e Almas de Araçuaí (povoação) 149
 Bonfim (povoação) 150
 Bonfim (povoação) 150
 Bonfim (fábrica) 150
 Borba (povoação) 152
 Borda do Campo (povoação) 153
 Boriti (freguesia) 153
 Borrachudo (ribeiro) 154
 Botocudos (índios) 155
 Bracarena (serra e aldeia) 155
 Branca (serra) 157
 Brejo das Almas (território) 163
 Brejo do Salgado (vila) 163
 Brumadinho (povoação) 164
 Brumado (freguesia) 164
 Brumado (povoação) 164
 Buriti (freguesia) 165
 Cabeceira do Rio Preto (posto) 168
 Cabo Verde (freguesia) 171
 Cachoeira (povoação) 174
 Cachoeira (freguesia) 175
 Cachoeira do Campo (freguesia) 176
 Cachoeirão (salto) 176
 Cachoeirinha (rio) 176
 Cachoeirinha (cachoeira) 177
 Caeté, ou Vilanova da Rainha (vila) 177
 Caeté-Mirim (posto) 178
 Cágado (povoação) 178
 Caiapós (nação) 179
 Caijuru (povoação) 180
 Cajuru (freguesia) 182
 Caldas (vila) 183
 Calhau (povoação) 184
 Calumbau (povoação) 185
 Camanducaia (freguesia) 186
 Camargos (povoação) 188
 Campanha (cidade) 191
 Campanha de Toledo (posto ou registo) 192
 Campestre (povoação) 192
 Campo Alegre (freguesia) 193
 Campo Belo (freguesia) 194
 Cana Brava (ribeiro) 201
 Canastra (serra) 203
 Cana Verde (vila) 203
 Candeia (povoação) 204
 Candonga (serra) 204
 Capanema (povoação) 208
 Capanema (serra) 208
 Capão (povoação) 208
 Capão do Cleto (povoação) 208
 Capelinha (povoação) 209
 Capivara (povoação) 210
 Capivari (freguesia) 211
 Capoxós (aldeia) 211
 Carabandela (povoação) 212
 Caraça (serra) 212
 Carandaí (povoação e serra) 214
 Cardoso (povoação) 215
 Carinhenha (rio) 217
 Carmo (ribeiro) 218
 Carmo da Mata (povoação) 218
 Carmo do Douradinho (freguesia) 218
 Carranca (vila) 219
 Casa Branca (freguesia) 220
 Casca (povoação) 221
 Casca (rio) 221

- Casca de Anta (cachoeira) 221
 Catas Altas (freguesia) 223
 Catas Altas da Noruega (freguesia) 223
 Catinga (rio) 224
 Catônio (povoação) 225
 Caxambu (serra) 227
 Cerro Frio (comarca) 232
 Chacriabás (Índios) 232
 Chapada ou Santa Cruz da Chapada (freguesia) 233
 Chapada (povoação) 233
 Chapada (povoação) 233
 Chapéu de Uvas (povoação) 235
 Chiqueiro do Alemão (povoação) 236
 Chopotó (povoação) 236
 Chopotó ou Xipotó (rio) 236
 Cipó (ribeirão) 238
 Cipó (ribeiro) 238
 Cocais (povoação) 239
 Cocal (povoação) 239
 Conceição (povoação) 243
 Conceição da Barra (freguesia) 244
 Conceição da Raposa (freguesia) 244
 Conceição de Mata Dentro (povoação) 246
 Conceição de Noruega (povoação) 246
 Conceição do Pará (povoação) 247
 Conceição dos Prados (freguesia) 247
 Conceição do Serro (vila) 247
 Conceição do Turvo (povoação) 248
 Congonhas (povoação) 249
 Congonhas de Sabará (freguesia) 249
 Congonhas do Campo (freguesia) 250
 Conquistas (povoação) 250
 Contagem (povoação) 250
 Contendas (freguesia) 251
 Coração de Jesus (freguesia) 252
 Córrego (povoação) 253
 Córrego Rico (ribeirão) 254
 Cortentes (freguesia) 254
 Correntes (povoação) 254
 Correntes (povoações) 254
 Correntes (rio) 254
 Cristais (povoação) 260
 Cristais (serra) 260
 Cuiabá (povoação) 266
 Cuiaté (freguesia) 266
 Cuiaté (rio) 266
 Cunqueibus (freguesia) 268
 Curmataí (freguesia) 270
 Curmataí (serra) 271
 Curmataí (rio) 271
 Curreal (povoação) 271
 Curreal del Rei (freguesia) 271
 Curralinho (povoação) 271
 Curvelo (vila) 273
 Descoberto (povoação) 275
 Desemboque (vila) 275
 Desterro (lugarejo) 278
 Desterro do Rio das Velhas ou Descoberto do Rio das Velhas (vila) 278
 Deus te Livre (serra) 278
 Diamantina (cidade) 278
 Dolores ou Nossa Senhora das Dolores (freguesia) 284
 Dolores de Piedade (povoação) 285
 Dolores do Pântano (freguesia) 285
 Dourada ou Encantada (lagoa) 285
 Douradinhas (freguesia) 285
 Douro (serra) 286
 Douro (registo) 286
 Êguas (ribeirão) 287
 Elvas (lugarejo) 287
 Eme ou Voltas do Eme (correntes) 288
 Encantada (lagoa) 289
 Engenho do Mato (freguesia) 289
 Escaramuça (cachoeira) 291
 Escaramuça (freguesia) 291
 Escura (cachoeira) 291
 Escuro (registo) 292
 Escuro (rio) 292
 Espera (povoação) 292
 Espinhaça (serra) 292
 Espírito Santo (serra) 297
 Extrema (povoação) 299
 Extrema (rio) 300
 Farinha Podre (freguesia) 301
 Feia (lagoa) 303
 Fidalgo (lugarejo) 305
 Figueira (ilha e salto) 305
 Flores do Rio Preto (registo) 306
 Formiga (vila) 306
 Formigas (vila) 307
 Forquém (freguesia) 308
 Furnas (ribeirão) 313
 Galheira (registo) 315
 Garambéu (povoação) 316
 Gaspar Soares (freguesia) 318
 Gerais do Salobre (povoação) 319
 Gorutuba (vila, serra e rio) 333
 Gouveia (freguesia) 333
 Grande (rio) 335
 Grão Mogor (vila) 336
 Guaicuí (rio) 340
 Gualacho (povoação) 343
 Gualacho (rios) 343
 Guanhães (povoação) 344
 Guanhães (ribeiro) 344
 Guará Piranga (povoação e rio) 348
 Gupiara (povoação) 353
 Gurutuba (freguesia) 355
 Gurutuba (serra) 355
 Gurutuba (rio) 355
 Hiviturui ou Hivitujaí (serro) 357
 Hotinga (ribeiro) 357
 Ibitipoca (povoação) 358
 Ibituruna (povoação) 359

- Ibituruna (serra) 359
 Ilha do Pão (ilha) 368
 Indaiá e Indaiá (povoação) 370
 Inferno (cachoeira) 374
 Inferno (salto) 373
 Inficionado (povoação) 374
 Inhaí (lugarajo) 374
 Inhanzica (povoação) 375
 Itaberava (freguesia) 382
 Itaberava (serra) 382
 Itabira (vila) 382
 Itabira (montanha) 383
 Itabira de Mata Dentro (vila) 383
 Itabiraçu (montanha) 383
 Itacolumi (cume) 384
 Itacolumi (montanha) 384
 Itaipaba (povoação) 387
 Itajubá (freguesia) 389
 Itajuru (povoações) 389
 Itamarandiba (rio) 390
 Itambé (povoação) 391
 Itambé (serra) 391
 Itambé da Serra (povoação) 391
 Itangá (lugarajo) 391
 Itangá (ribeiro) 391
 Itabira (povoação) 393
 Itapanhuacanga (povoação) 393
 Itapeçerica (povoação) 394
 Itapiche (arrecifes) 396
 Itapiva (povoação) 398
 Itatiaí-Açu (povoação) 400
 Itatiaia ou Itituaia (povoação) 400
 Itaubira ou Itaobira (povoação) 400
 Itucambira (freguesia) 402
 Itucambira (serra) 402
 Itucambira (rio) 402
 Itucambira-Açu ou Itucambiraçu (rio) 403
 Itucambira de Baixo (registo) 403
 Itucambira de Cima (registo) 403
 Jacaré (povoação) 405
 Jacuí (vila) 408
 Jacuí (registo) 408
 Jacutinga (cachoeira) 410
 Jaguará (vila) 410
 Jaguari (vila) 410
 Jaguari (registo) 411
 Jaguari-Mirim (rio) 412
 Januária (vila) 415
 Japão (povoação) 416
 Japoré (povoação) 417
 Japoré (rio) 417
 Jardim (povoação) 418
 Jequitai (rio) 421
 Jequitibá (lugarajo) 421
 Jequitibá (ribeiro) 421
 Jequitinhonha (comarca) 421
 Jequitinhonha (rio) 421
 Jirau e Tanque (povoação) 425
 Joana ou Joantina (lugarajo) 425
 Joanásia (povoação) 425
 Joazeiro (lugarajo) 426
 Juiz de Fora (povoação) 427
 Jumarim (cachoeira) 427
 Lage (freguesia) 431
 Lagoa (povoação) 433
 Lagoa (lugarajo) 433
 Lagoa Dourada (povoação) 434
 Lagoa Santa (povoação) 434
 Lagoa Santa (lagoa) 434
 Lagoa Verde (lagoa) 435
 Lambari (povoação) 436
 Lambari (rio) 437
 Lambari (ribeiro) 437
 Lamim (povoação) 437
 Lapa (povoação) 437
 Laranjeiras (ribeirão) 439
 Lavras de Funil (vila) 439
 Lavras Novas (povoação) 440
 Lenheiro (serra) 440
 Livramento (vila) 443
 Livramento do Piumhi (povoação) 443
 Lixa (povoação) 443
 Lopo (serra) 444
 Luminárias (sítio) 446
 Macacos (registo) 447
 Macaia (povoação) 449
 Macaúba (lugarajo) 451
 Macaúba (ribeiro) 451
 Macaúbas (povoação) 452
 Macaúbas (sítio) 452
 Machacaris (tribo) 452
 Macunis (aldeia) 452
 Madre de Deus (povoação) 455
 Malalis (tribos) 457
 Manhuaçu (rio) 467
 Manja Léguas (povoação) 467
 Manoel Vaz (ribeirão) 468
 Manoel Vieira (ribeiro) 468
 Manso (ribeiro) 468
 Mantiqueira (serra) 468
 Mantiqueira (lugarajo) 468
 Maquipoó (rio) 469
 Marcela (serra) 477
 Mariana (cidade) 479
 Marmela (povoação) 482
 Marmelada (rio) 482
 Martinhos (freguesia) 483
 Mata da Corda (serra) 485
 Mata Dentro [Conceição de] (povoação) 486
 Mateus Barbosa (registo) 487
 Mateus Leme (freguesia) 488
 Matozinho (povoação) 497
 Matozinho (povoação) 497
 Matozinho (povoação) 497

- Matozinhos (ermida) 497
 Meia Pataca (povoação) 501
 Melancia (sítio) 502
 Melo (lugarajo) 503
 Mendanha (serra) 503
 Mercês (freguesia) 503
 Mercês (povoação) 504
 Miguel Dias (serra) 504
 Miguel Dias (povoação) 505
 Milho Verde (povoação) 505
 Minas Gerais (provincia) 505
 Minas Novas (comarca) 514
 Minas Novas (cidade) 514
 Moji ou Muji (serra) 523
 Monte Alegre (povoação) 528
 Montes Claros das Formigas (vila) 530
 Morrinho (freguesia) 531
 Morrinhos (freguesia) 531
 Morrinhos (freguesia) 533
 Morro da Andaia (monte) 533
 Morro da Garça (povoação) 533
 Morro do Chapéu (povoação) 534
 Morro do Pilar (povoação) 535
 Morro Grande (freguesia) 535
 Morro Pelado (morro) 535
 Morro Preto (lugarajo) 535
 Morro Vermelho (povoação) 535
 Mortes [Rio das] (rio) 535
 Mortes Pequeno [Rio das] (ribeirão) 536
 Mozambo (ribeiro) 538
 Mucuri (rio) 538
 Mundo Novo (povoação) 539
 Mutuca (povoação) 541
 Natividade (ilha) 559
 Nazaré (freguesia) 561
 Nazaré (registo e lugarajo) 561
 Negra ou das Esmeraldas (serra) 562
 Neves (lugarajo) 564
 Noruega (povoação) 568
 Nossa Senhora da Graça (povoação) 569
 Nossa Senhora da Penha do Rio Vermelho (freguesia) 570
 Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos (povoação) 570
 Nossa Senhora do Oliveira (povoação) 571
 Nossa Senhora dos Martírios (freguesia) 572
 Nossa Senhora dos Remédios (povoação) 572
 Novo (rio) 575
 Novo do Betim (povoação) 576
 Óculos (salto) 577
 Oiro Branco (serra) 580
 Olho d'Água (registo e lugarajo) 580
 Olhos d'Água (povoação) 580
 Oliveira (vila) 582
 Oliveira (lugarajo) 582
 Onça (povoação) 583
 Onça (lugarajo) 583
 Ouro Branco (freguesia) 586
 Ouro Branco (serra) 586
 Ouro Fino (registo) 587
 Ouro Preto (comarca) 587
 Ouro Preto (cidade e capital) 587
 Ouro Preto (serra) 589
 Paçanha (aldeia) 590
 Pacuí (rio) 592
 Pacuí (rio) 592
 Paiol (povoação) 593
 Pandeiro (ribeirão) 597
 Pântano (freguesia) 598
 Pará (povoação) 606
 Pará (rio) 607
 Paracaru (cidade) 607
 Paracatu (rio) 608
 Paraihuna (comarca) 619
 Paraihuna (rio) 620
 Paraná (comarca) 622
 Paraúna (povoação) 630
 Paraúna (ribeiro) 630
 Paraopeba (povoação) 630
 Paraopeba (lugarajo) 630
 Paraopeba (rio) 630
 Pardo (rio) 631
 Pardo (rio) 632
 Pardo (ribeiros) 632
 Pardo (ribeiro) 632
 Parida (serra) 633
 Passagem (lugarajo) 636
 Passagem (povoação) 636
 Passagem (lugarajo) 637
 Passagem (registo) 637
 Passagem do Rio da Prata (povoação) 637
 Passa Quatro (registo) 637
 Passa Tempo (freguesia) 637
 Patafúfio (povoação) 639
 Patipe (rio) 640
 Patrocínio (vila) 641
 Patrocínio do Muriaé (povoação) 642
 Paulo Moreira (freguesia) 644
 Pé do Morro (registo) 645
 Pedra Branca (lugarajo) 647
 Pedra de Baixo ou Pedra de Maria da Cruz (povoação) 647
 Pedra dos Anjicos (povoação) 647
 Pedra Redonda (morro) 648
 Pedras [Rio das] (ribeirão) 649
 Peixe [Rio do] (ribeiro) 651
 Peixe Bravo (serra) 651
 Penha (povoação) 653
 Penha (freguesia) 653
 Penha (freguesia) 654
 Perpetinga (ribeiro) 664
 Pessanha (freguesia) 665
 Petersdorff (colônia) 665
 Piauí (rio) 670

Picada (lugar) 671
 Piçarrão (aldeia) 671
 Piçarrão (lugar) 671
 Piedade (povoação) 672
 Piedade (lugar) 672
 Piedade de Paraopeba (freguesia) 673
 Piedade do Bagre (povoação) 673
 Piedade dos Gerais (freguesia) 673
 Pilar (freguesia) 676
 Pinheiro (povoação) 678
 Piracatu (cidade e rio) 680
 Piracicaba (comarca) 680
 Piracicaba (povoação) 681
 Piracicaba ou Percicaba (rio) 681
 Piraitinga (nascente) 683
 Piranga (vila) 684
 Pirapetinga (povoação) 685
 Pirapota (cachoeira) 686
 Pirapota (cachoeira) 686
 Piumhi (vila) 690
 Poço Alegre (povoação) 691
 Pomba (vila) 692
 Pomba (rio) 693
 Pompéu (povoação) 694
 Pompéu (povoação) 694
 Ponta Alta (registo) 695
 Ponta do Morro (serra) 696
 Ponta Nova (povoação) 697
 Ponte (povoação) 697
 Ponte de Montebelo (registo) 697
 Ponte do Rio Verde (freguesia) 698
 Ponte dos Carijós (registo) 698
 Ponte do Zacaria (registo) 698
 Ponte Nova (freguesia) 698
 Ponte Nova (freguesia) 698
 Ponte Queimada (cachoeira) 698
 Porteira (povoação) 699
 Porto Alegre (povoação) 702
 Porto da Bezerra (povoação) 703
 Porto das Canoas (povoação) 704
 Porto das Canoas (porto) 704
 Porto das Canoas (destacamento) 704
 Porto das Flores (lugar) 705
 Porto do Guanhões (povoação) 706
 Porto do Turvo (povoação) 706
 Porto Novo da Cunha (registo) 707
 Porto Velho (registo) 709
 Pouso Alegre (vila) 711
 Pouso Alto (freguesia) 712
 Pouso Masso (lugar) 712
 Prados (freguesia) 713
 Prata (rio) 714
 Prata (ribeiro) 715
 Presídio de São João Batista (vila) 715
 Presídio do Rio Preto (freguesia) 716
 Preto (rio) 716
 Preto (ribeirão) 717

Quatis [Serra dos] (serra) 721
 Quatro Oitavas (serra) 721
 Quatro Vinténs (ribeiro) 721
 Queluz (vila) 723
 Quilombo (povoação) 725
 Rabelo (lugar) 727
 Ragado (povoação) 727
 Raposos (freguesia) 728
 Rebojo da Onça (passagem) 729
 Rebojo de João Pinto (passo) 729
 Rebojo do Capim (passo) 730
 Redondo (povoação) 732
 Remédios (povoação) 734
 Retiro (lugar) 736
 Riacho da Areia (lugar) 736
 Riacho de São Lourenço (território e ribeiro) 736
 Ribeirão da Areia (registo) 738
 Ribeirão do Carmo (vila) 738
 Ribeirão do Carmo (ribeirão) 738
 Rio Abaixo (povoação) 739
 Rio da Prata (povoação) 741
 Rio das Mortes (comarca) 741
 Rio das Pedras (freguesia) 742
 Rio das Velhas (comarca) 742
 Rio das Velhas (registo) 742
 Rio de Sapucaí (comarca) 761
 Rio Doce (rio) 761
 Rio do Peixe (freguesia) 761
 Rio do Peixe (povoação) 761
 Rio do Peixe (povoação) 761
 Rio do Peixe (lugar) 762
 Rio Grande (comarca) 762
 Rio Manso (povoação) 767
 Rio Manso (lugar) 767
 Rio Novo (povoação) 768
 Rio Pardo (vila) 768
 Rio Pardo (registo e povoação) 768
 Rio Pardo (registo) 769
 Rio Piracicaba (comarca) 769
 Rio Preto (comarca) 769
 Rio Preto (freguesia) 769
 Rio Preto (povoação e presídio) 769
 Rio Sapucaí (comarca) 769
 Rio Sem Peixe (lugar) 770
 Rio Verde (comarca) 770
 Rio Vermelho (freguesia) 770
 Rio Vermelho (freguesia) 770
 Roça do Seminário (povoação) 771
 Roça Grande (povoação) 771
 Rocinha da Negra (povoação) 771
 Rodeio (lugar) 771
 Rosa (registo) 772
 Rosário (povoação) 773
 Rosário (lugar) 773
 Rótulo (povoação) 773
 Sabará (cidade) 774
 Sabarabuçu (ribeiro) 775

- Saçuí (rio) 776
 Saçuí Pequeno (ribeiro) 776
 Safiras (serra) 776
 Salgado (vila) 777
 Salgado (ribeiro) 778
 Salinas (território) 779
 Salinas (ribeiro) 779
 Salitre (sítio) 779
 Salobro (povoação) 779
 Salto (povoação) 780
 Salto (povoação) 780
 Salto Grande (salto) 780
 Santana (aldeia) 783
 Santana (freguesia) 784
 Santana (lugarajo) 785
 Santana (ribeiro) 786
 Santana da Catinga (povoação) 786
 Santana da Fidalga (lugarajo) 786
 Santana da Onça (povoação) 786
 Santana de Gurutuba (povoação) 786
 Santana de Paraopeba (povoação) 787
 Santana do Alféz (povoação) 787
 Santana do Brumado (lugarajo) 787
 Santana do Deserto (povoação) 787
 Santana dos Alegres (freguesia) 788
 Santana dos Fornos (freguesia) 788
 Santa Bárbara (vila) 788
 Santa Bárbara (povoação e registo) 789
 Santa Bárbara (ribeirão) 789
 Santa Catarina (freguesia) 798
 Santa Cruz (freguesia) 801
 Santa Cruz do Salto ou da Chapada (povoação) 802
 Santa Isabel (lugarajo) 803
 Santa Luzia (freguesia) 804
 Santa Maria (lugarajo) 805
 Santa Maria de Baependi (vila) 806
 Santa Quitéria (freguesia) 806
 Santa Quitéria (lugarajo) 807
 Santa Quitéria (freguesia) 807
 Santa Rita (freguesia) 808
 Santa Rita (povoação) 809
 Santa Rita (povoação) 809
 Santa Rita (ribeiro) 809
 Santa Rita de Rio Abaixo (povoação) 809
 Santa Rita de Turvo (freguesia) 810
 Santiago (povoação) 811
 Santo Amaro (povoação) 814
 Santo Antônio (aldeia) 816
 Santo Antônio (freguesia) 817
 Santo Antônio (povoação) 817
 Santo Antônio (povoação) 817
 Santo Antônio (povoação) 818
 Santo Antônio (lugarajo) 818
 Santo Antônio (serra) 818
 Santo Antônio (rio) 819
 Santo Antônio (ribeiro) 819
 Santo Antônio Abaixo (povoação) 820
 Santo Antônio da Bertioiga (povoação) 820
 Santo Antônio da Sacra Família (lugarajo) 821
 Santo Antônio de Gurutuba (freguesia) 821
 Santo Antônio de Itucambira (freguesia) 821
 Santo Antônio de Rio Abaixo (povoação) 822
 Santo Antônio do Amparo (freguesia) 823
 Santo Antônio do Poço (lugarajo) 824
 Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara (freguesia) 824
 Santo Antônio dos Coroados (aldeia) 824
 Santo Antônio e São Sebastião (freguesia) 825
 Santo Estêvão (ribeiro) 825
 São Bartolomeu (povoação) 827
 São Bruno (serra) 829
 São Caetano (freguesia) 829
 São Caetano (povoação) 829
 São Domingos (freguesia) 832
 São Domingos (povoação) 833
 São Domingos (povoação) 833
 São Domingos da Prata (povoação) 833
 São Domingos de Bocaina (povoação) 833
 São Domingos do Carmo (povoação) 833
 São Domingos do Rio do Peixe (povoação) 833
 São Francisco (povoação) 837
 São Francisco (rio) 837
 São Francisco das Chagas de Monte Alegre (povoação) 840
 São Francisco de Paula (freguesia) 840
 São Francisco de Paula (povoação) 840
 São Gonçalo (freguesia) 843
 São Gonçalo (povoação) 843
 São Gonçalo (povoação) 843
 São Gonçalo da Ponte (povoação) 844
 São Gonçalo do Brumado (povoação) 845
 São Gonçalo do Rio Preto (freguesia) 845
 São Jerônimo (povoação) 846
 São João (aldeia) 846
 São João (freguesia) 846
 São João (povoação) 846
 São João (povoação) 847
 São João Batista (povoação) 848
 São João Batista do Presídio (povoação) 849
 São João del Rei (cidade) 853
 São João do Presídio (povoação) 855
 São João Nepomuceno (vila) 857
 São João Nepomuceno (freguesia) 857
 São José (vila) 859
 São José da Barra Longa (freguesia) 861
 São José da Lagoa (lugarajo) 862
 São José de Gurutuba (freguesia) 862
 São José de Paraibuna (povoação) 863
 São José de Paraopeba (povoação) 863
 São José do Chopotó (freguesia) 863
 São José do Paraíba (freguesia) 864
 São José do Tejuco (povoação) 866
 São José dos Alfenas (freguesia) 865
 São Luiz (lugarajo) 870
 São Manoel (aldeia) 872
 São Mateus (rio) 875

São Miguel (freguesia) 877
 São Miguel de Mata Dentro (povoação) 879
 São Miguel de Piracicaba (freguesia) 879
 São Miguel e Almas (povoação) 879
 São Pedro de Alcântara (povoação) 892
 São Pedro de Fanado (povoação) 892
 São Romão (vila) 898
 São Romão (ilha) 899
 São Sebastião (freguesia) 901
 São Sebastião (freguesia) 901
 São Sebastião do Rio Abaixo (freguesia) 902
 São Sebastião e Santo Antônio (freguesia) 903
 São Simão (serra) 903
 São Tomé das Letras (povoação) 904
 São Vicente (lugarajo) 907
 São Vicente (povoação) 907
 Sapucaí (vila) 909
 Sapucaí (rio) 909
 Sapucaí-Mirim (ribeiro) 909
 Serra da Piedade (serra) 915
 Serra das Letras (serras) 915
 Serra Negra (serra) 916
 Serranos (freguesia) 916
 Serre (lugarajo) 917
 Serrinha (povoação) 917
 Serro (cidade) 918
 Serro Frio (comarca e serra) 919
 Sete Lagoas (povoação) 920
 Sete Lagoas (povoação) 920
 Setuval (rio) 920
 Simão Vieira (lugarajo) 921
 Soberbo (ribeiro) 923
 Socorro (povoação) 923
 Soledade (povoação) 924
 Soledade de Itajubá (povoação) 924
 Sono (rio) 924
 Suaçuí (povoação) 926
 Suaçuí (ribeiro) 926
 Sucruíú (povoação) 926
 Suçuí ou Sussuí (rio) 927
 Sucuriú (povoação) 927
 Sucuriú (ribeiro) 927
 Sumidouro (freguesia) 928
 Sumidouro (sítio) 928
 Tabatinga (serra) 931
 Taboca (povoação) 931
 Tábua (povoação) 932
 Tábua (serra) 932
 Tabuleiro Grande (freguesia) 932
 Tacoaraçu (freguesia) 933
 Tamanduá (vila) 935
 Tanque (povoação) 938
 Tapanhuacanga (povoação) 941
 Tapera (povoação) 941
 Tapera (povoação) 942
 Taquaraçu (povoação) 944
 Tejuco (vila) 950

Tejuco (povoação) 950
 Tejuco (povoação) 950
 Tejuco (ribeiro) 950
 Tejuco (ribeiro) 951
 Tejucuçu (ribeiro) 951
 Tejues (freguesia) 951
 Tocoios (povoação) 960
 Todos os Santos (rio) 961
 Traíras (lugarajo) 964
 Tremedel (povoação) 965
 Três Americanas (ribeirão) 965
 Três Barras (povoação) 965
 Três Pontes (vila) 967
 Trindade (povoação) 968
 Tucambira (rio) 970
 Turvo (freguesia) 974
 Turvo de Santa Catarina (lugarajo) 975
 Turvo Grande e Turvo Pequeno (ribeiros) 975
 Ubá (povoação) 977
 Uberava (vila) 978
 Uberava Falso (rio) 979
 Uberava Verdadeiro (rio) 979
 Urucaia (povoação) 984
 Urucaia (rio) 984
 Vacaria (rio) 987
 Vargem Bonita (registro) 990
 Varginha (povoação) 990
 Velhas (rio) 993
 Velhas (rio) 993
 Ventania (freguesia) 994
 Verde (rio) 994
 Verde (rio) 994
 Vermelho (ribeiro) 996
 Vigia (registro) 1000
 Vila da Campanha, Vila da Campanha da Princesa e Vila da Campanha do Rio Verde (vila) 1000
 Vila do Carmo (vila) 1002
 Vila do Príncipe (vila) 1003
 Vilanova da Rainha (vila) 1006
 Vilanova do Infante (vila) 1009
 Vila Real do Brejo da Areia (vila) 1010
 Volta Grande (povoação) 1013
 Voltas do Eme (rodeios) 1013
 Vupabuçu (lagoa) 1014
 Xipotó (povoação e rio) 1016
 Zabelé (registro) 1018

Província do Pará

Abacaxis (ribeiro) 43
 Abaeté (aldeia) 43
 Acará (rio) 43
 Acará (vila) 43
 Aguari (rio) 52
 Airão (aldeia) 54
 Ajuaná (rio) 54

Alcobaça (forte) 61
 Alenquer (vila) 64
 Almeirim (vila) 66
 Alter do Chão (vila) 67
 Alto Amazonas (comarca) 67
 Alto Grajaú (comarca) 68
 Alvarens (vila) 68
 Alvelos (vila) 68
 Amacu (lago) 68
 Amaiauaú (rio) 68
 Amaniús (tribo) 75
 Amapá (posto) 69
 Amazonas (rio) 69
 Anamanhá (lago) 82
 Anapú (rio) 76
 Anapucú (rio) 77
 Anatiaraná (rio) 77
 Anauená ou Anavilhaná (ilhas) 77
 Anavilhaná (rio) 77
 Anhangapi (aldeia) 81
 Anhangatini (rio) 81
 Anibá (rio) 81
 Apinagés ou Apinagués (nação) 85
 Araçá ou Varaçá (rio) 87
 Araguari (rio) 91
 Aramucu (rio) 91
 Aranapucu (rio) 92
 Araraí (ilha) 93
 Araras (tribo) 94
 Arari (fazenda) 94
 Arari (ribeiro) 94
 Arari ou Saúde (rio) 94
 Araticu (rio) 96
 Arauari (rio) 96
 Araújo Lima (colônia) 96
 Araxiá (rio) 97
 Arcos (povoação) 97
 Areias (rio) 97
 Aricunane (tribo) 98
 Aroaqui (tribo) 100
 Arraias (ilhas) 101
 Arraiolos (freguesia) 101
 Aruapiará (ilha) 104
 Aruari (rio) 104
 Atimineni (lago) 105
 Atumá (rio) 105
 Aveiro (vila) 106
 Baião (freguesia) 120
 Bailique, aliás Penitência (ilha) 120
 Baixo Amazonas (comarca) 121
 Baniba (tribo) 123
 Barcarena (povoação) 125
 Barcelos (vila) 125
 Baré (nação) 126
 Barra do Rio Negro (vila) 130
 Barreta (povoação) 133
 Baruri (rio) 133

Barururu (rio) 133
 Barururus (índios) 133
 Batuque (ilha) 134
 Beja (aldeia) 135
 Belém (cidade e capital) 135
 Benfica (lugar) 140
 Bocas (aldeia) 145
 Boim (vila) 145
 Borba (vila) 152
 Bragança (comarca) 156
 Bragança (vila) 156
 Branco (rio) 157
 Bujaru (freguesia) 165
 Cabo do Norte (cabo) 168
 Caburi (rio) 172
 Cachoeira (aldeia) 174
 Cachoeira (vila) 174
 Cadaja ou Cadaxa (rio) 177
 Caetés (tribos) 178
 Caiá (aldeia) 178
 Caiamá (rio) 179
 Caiamá (rio) 179
 Caiamocu (ribeiro) 179
 Caiari (rio) 179
 Caité (aldeia) 182
 Caité (rio) 182
 Calções (rio) 183
 Caldas (freguesia) 184
 Caldeirão (cachoeira) 184
 Camanaú (freguesia) 186
 Camararé (tribo) 188
 Cambebus (nação) 189
 Camecrã (tribos) 190
 Cameté (comarca) 190
 Cameté (vila) 190
 Camundé (aldeia) 201
 Canomá (rio) 206
 Canomá (rio) 206
 Canumá (lago) 208
 Capaná (rio) 208
 Capatana (ribeiro) 209
 Capim (ribeirão) 210
 Caraiá (tribo) 213
 Carapana (ilha) 214
 Caraparu (freguesia) 214
 Caribes (tribo) 216
 Caripunás (tribo) 217
 Carnapijo (ilha e ribeiro) 218
 Carvoeira (freguesia) 220
 Cassiquiari (canal) 221
 Castanheira (freguesia) 222
 Castro de Avelãs (freguesia) 223
 Catauixis (tribos) 223
 Catuá (rio) 225
 Cauaburi ou Caburi (rio) 226
 Cauintu (lagoa) 226
 Caviana (ilha) 227

- Cerzedelo (freguesia) 232
 Chaves (vila) 235
 Chimanoos (tribo) 236
 Chiuará (rio) 236
 Cintra (vila) 238
 Coané (freguesia) 239
 Cocuruna (tribo) 239
 Colares (vila) 240
 Conceição (freguesia) 243
 Conde (vila) 248
 Condexa (freguesia) 249
 Copeja (rio) 252
 Correntino (rio) 255
 Cotijuba (ilha) 256
 Coting (rio) 256
 Crato (vila) 259
 Croá (ilhas) 261
 Cuari (rio) 262
 Cuburi (rio) 263
 Cuchiuaras (cabildas) 263
 Cuipiranga (forte) 267
 Cunuris (rio) 268
 Cunuris ou Ycamiabas (índios) 268
 Cupuca (lagoa) 268
 Curuá (rio) 272
 Curuatinga (povoação) 272
 Curupá (vila e fortaleza) 272
 Daraá (rio) 275
 Demacuri (tribo) 275
 Demiti (rio) 275
 Desterro (freguesia) 277
 Dom Pedro Segundo (colónia) 284
 Ecequibo ou Essequibo (rio) 287
 Ega (vila) 287
 El-Rei (lagoa) 287
 Encabelados (tribos) 288
 Esperará (baía) 292
 Esposende (freguesia) 297
 Eviratiba (rio) 299
 Eviratuá (aldeia) 299
 Fajacuoca (sitio) 301
 Faro (vila) 302
 Flechas (ilha) 305
 Fonte Boa (freguesia) 306
 Fragoso (freguesia) 311
 Frechal (lago) 312
 Furnes (povoação) 313
 Furo do Japim (iguara ou canal) 313
 Furo dos Tupinambaranas (iguara ou canal) 314
 Gamelas (tribo) 316
 Gameleiros ou Gamelas (índios) 316
 Ginepabu ou Gunepabu (rio) 319
 Giritcaparaná (rio) 320
 Grão Pará (comarca) 336
 Guajará (baía) 342
 Guamá (rio) (rio) 343
 Guanapu (rio) 343
 Guaribas (lagoa) 350
 Guia (freguesia) 352
 Guiana brasileira (país) 352
 Guiriri (rio) 353
 Guriguacuru (rio) 354
 Gurupá (vila) 354
 Gurupatuba (rio) 354
 Gurupi (baía) 355
 Gurupi (serta) 354
 Gurupi (vila) 354
 Hiapura (rio) 356
 Hibiraribe (vila) 356
 Hicara (rio) 356
 Içana (rio) 360
 Icapó (rio) 360
 Igarapé-Mirim (vila) 362
 Inhamuz (freguesia) 374
 Iparaná (freguesia) 377
 Iriquiriqui (rio) 380
 Irituia (freguesia) 381
 Iriuaná (rio) 381
 Itaboca (arrecifes) 383
 Itataprias (tribo) 400
 Jabari (povoação) 404
 Jabari ou Hiabari (rio) 404
 Jacarés (ilha) 406
 Jaciparaná (rio) 406
 Jacundás (rio) 409
 Jaguapiri (rio) 410
 Jamuí ou Jaumuí (rio) 414
 Jamundá (rio) 414
 Jangapi (povoação) 414
 Jari (rio) 418
 Jatuarana (lagoa) 419
 Jatuaranas (ilhas) 419
 Jaumuí (rio) 419
 Jenipaga (ilha) 420
 Joanes (ilha) 425
 João e José (ilhas) 426
 Jumas (tribo) 427
 Juruá (rio) 429
 Jurubaxi (rio) 429
 Jutá (rio) 430
 Lamalonga (freguesia) 436
 Limoeiro (canal ou iguarapé) 441
 Loreto (freguesia) 445
 Luzéa (vila) 446
 Mabá (ribeira) 447
 Mabé (vila) 447
 Mabuiauá (rio) 447
 Macacos (lagoa) 447
 Macapá (comarca) 450
 Macapá (vila e forte) 450
 Macuxis (índios) 452
 Madeira (cachoeira) 455
 Madeira ou Caiari (rio) 453
 Magari (cabo) 455

- Maiurunas (tribos) 457
 Majuruna (tribo) 457
 Majuichi (rio) 457
 Mamão (lugarço) 459
 Manaus (tribo) 462
 Manaus (vila) 462
 Manhana (rio) 467
 Marabitanas (aldeia) 469
 Maracá (ilha) 469
 Maracá (ilha) 469
 Maracabi (aldeia) 469
 Maracanã (rio) 469
 Marajó (comarca e ilha) 470
 Marapatá (rio) 477
 Marauá (tribo) 477
 Marauá (rio) 477
 Maria (rio) 478
 Mariarana (tribo) 480
 Maripi (vila) 481
 Matuá (missão) 482
 Mariuai (ilha) 482
 Marmelos (ilha) 482
 Marmelos (rio) 482
 Marucutuba (lagoa) 483
 Maruueni (rio) 484
 Massari (rio) 485
 Massurani ou Massurari (lagoa) 485
 Matari (lagoa) 487
 Matari (rio) 486
 Mataúra (rio) 487
 Matupiri (ilhota) 498
 Maturá (ribeiro) 498
 Mau (rio) 498
 Maué (nação) 499
 Maué (rios) 499
 Mazagão (vila) 499
 Mclgaço (vila) 503
 Minas (ilha) 505
 Miuiá (rio) 523
 Mocacos (lagoa) 523
 Moju (freguesia) 524
 Moju (rio) 525
 Momaná (tribo) 525
 Monçarás (vila) 526
 Mondin (rio) 526
 Monforte (vila) 526
 Montalgre (vila) 527
 Moreira (povoação) 531
 Moura (vila) 538
 Moz (vila) 538
 Muanã (vila) 538
 Mundibu (ilha) 539
 Mundurucu (aldeia) 540
 Mundurucu (nação) 539
 Muras (tribos) 540
 Murucutuba (lagoa) 541
 Mutuaca (rio) 541
 Nambicuara (tribo) 557
 Nazaré (freguesia) 561
 Nazaré (povoação) 561
 Negro (rio) 562
 Negro (rio) 563
 Negro (rio) 564
 Nhamundás (rio e tribos) 564
 Nhengaibas (tribos) 565
 Nogueira (vila) 568
 Norte (cabo) 568
 Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira (vila) 569
 Nossa Senhora da Guia (freguesia) 569
 Óbidos (vila) 577
 Oeiras (vila) 578
 Oiapoque ou Oaiapoque (rio) 579
 Olivença (vila) 582
 Omáguas (índios) 583
 Onça (ilha) 583
 Oremanus (nação) 584
 Oriximina (rio) 584
 Ourém (vila) 585
 Outeiro (vila) 589
 Pacajás ou Pacaiá (rio) 590
 Pacas (ilhota) 590
 Padauri (rio) 592
 Pagão ou Pagãos (ilha) 592
 Panauá (ribeiro) 597
 Pará (provincia) 600
 Pará (rio) 607
 Paratari (rio) 627
 Parauari (língua de terra) 630
 Parauai (rio) 630
 Parauíba (ilha) 630
 Paredão (cachoeira) 633
 Parintintins (tribo) 633
 Paru (rio) 635
 Paru (Serra do) (serra) 635
 Patã (ribeiro) 639
 Pauxis (aldeia) 644
 Pederneira (aldeia) 644
 Pedro Segundo (colônia) 650
 Penitência (ilha) 655
 Pinhel (aldeia) 679
 Pipuaca (ilha) 679
 Piraia Nara (ilha) 683
 Pirará (ribeirão) 687
 Pirará ou Pirarará (aldeia) 686
 Piriá (freguesia) 688
 Pochetis (tribo) 690
 Poiars (freguesia) 692
 Pombal (vila) 694
 Ponte de Pedra (freguesia) 697
 Porcamecrã (tribo) 699
 Porteira (lugarço) 700
 Portel (aldeia) 700
 Porto de Moz (vila) 705
 Porto Grande (povoação) 707

Porto Salvo (freguesia) 708
 Prado (vila) 713
 Preto (rio) 716
 Puru (distrito) 720
 Puru (rio) 720
 Purupuru (tribo) 720
 Quajuá (rio) 721
 Quecucné (rio) 722
 Quemecuri (ribeiro) 723
 Quiuni (rio) 724
 Quixada (povoação) 725
 Regeneração (vila) 733
 Repuni ou Repunui (ribeira) 734
 Rio de Tapajós (comarca) 761
 Rio Negro (vila) 767
 Rio Xingu (missão) 771
 Robordelo (vila) 771
 Salinas (aldeia) 778
 Salto do Jirau (cachoeira) 780
 Salto do Teotônio (cachoeira) 780
 Salvaterra (vila) 780
 Santa Bárbara (aldeia) 789
 Santa Cruz (aldeia) 802
 Santa Isabel (freguesia) 803
 Santa Maria (lugarejo) 806
 Santana (freguesia) 784
 Santana (freguesia) 784
 Santana do Igarapé-Mirim (povoação) 787
 Santarém (vila) 807
 Santo Antônio (cachoeira) 819
 Santo Antônio (rio) 819
 Santo Antônio da Castanheira (freguesia) 820
 São Bernardo de Camaná (freguesia) 829
 São Caetano (povoação) 830
 São Domingos (freguesia) 833
 São Felipe (freguesia) 834
 São Felipe (povoação) 834
 São Gabriel (forte) 841
 São João Batista de Mabé (povoação) 849
 São João da Cachoeira (freguesia) 850
 São João das Almas (aldeia) 851
 São João Nepomuceno (aldeia) 857
 São Joaquim (aldeia) 858
 São Joaquim (forte) 857
 São José (forte) 861
 São José (vila) 860
 São José de Macapá (vila) 862
 São José de Piriá (freguesia) 863
 São Luiz Teotônio (povoação) 872
 São Marcelino (freguesia) 872
 São Miguel (aldeia) 878
 São Miguel da Cachoeira (freguesia) 879
 São Miguel de Neviní (povoação) 879
 São Paulo (aldeia) 889
 São Pedro (aldeia) 890
 São Pedro (freguesia) 891
 São Pedro Nolasco (povoação) 898

São Raimundo (freguesia) 898
 Saracá (lagoa) 910
 Serpa (vila) 914
 Socorro (freguesia) 923
 Soire (freguesia) 924
 Solimões (rio) 924
 Souzel (vila) 926
 Surubiu (lagoa) 929
 Tabatinga (monte) 931
 Tabatinga (povoação e forte) 931
 Taboco (lagoa) 932
 Tacanhuna (rio) 932
 Tacanhuna (tribo) 932
 Tacuná (tribo) 933
 Tacutu (rio) 933
 Tagipuru (rio) 933
 Tamandua (praia) 936
 Tamuana (tribo) 938
 Tapajônia (terras) 939
 Tapajós (comarca) 939
 Tapajós (rio) 940
 Tapajós (tribo) 939
 Tapajós (vila) 941
 Tarumá (tribo) 947
 Tatuoca (ilha) 947
 Tefé (aldeia) 949
 Tefé (rio) 949
 Tentém (ilha) 951
 Teotônio (cachoeira) 951
 Terra dos Coelho (ilha) 952
 Tessi (povoação) 952
 Tigioca (cabo) 955
 Tocantins (rio) 958
 Tocantins (vila) 958
 Tocujus (ilha) 960
 Tomar (aldeia) 962
 Traquatú (aldeia) 965
 Trombetas (rio) 969
 Tubaré (rio) 970
 Tucunduba (hospital) 970
 Tumucucuraque (serra) 970
 Tunuí (serra) 970
 Tupinambarana (tribo) 971
 Tupinambás (nação) 971
 Tupis (nação) 973
 Uacarauá (tribo) 976
 Uadauá (lagoa) 976
 Uaicurupa (lagoa) 976
 Uaiunana (rio) 976
 Uaiupis (tribo) 976
 Uamanis (tribo) 976
 Uaracá (rio) 976
 Uaranacuá (rio) 976
 Uaranapu (rio) 976
 Uarapiranga (ilha) 976
 Uariuá (tribo) 976
 Uaupé (tribo) 976

Uaútas (lagoa) 977
 Uaximé (ilha) 977
 Ucaíari (rio) 979
 Ucenexi (rio) 980
 Ucereté (rio) 980
 Uexié (rio) 980
 Umarinauí (rio) 980
 Una (aldeia) 980
 Unana (rio) 982
 Uruá (ilha) 982
 Urubu (rio) 983
 Urubucuará (lagoa) 983
 Urubucuará ou Urubuquara (rio) 983
 Urucuparana (rio) 985
 Urucuricaia (canal) 985
 Urupés (ilhas) 986
 Vacarapi (rio) 987
 Vapixana (tribo) 989
 Veados (ilha) 992
 Veiros (aldeia) 992
 Velha (serra) 992
 Vera Cruz (vila) 994
 Vieirinho (ilhota) 999
 Vigia (vila) 999
 Vila Boim (vila) 1000
 Vila do Conde (vila) 1002
 Vila do Equador (vila) 1002
 Vila Franca (vila) 1004
 Vila Viçosa (vila) 1011
 Vila Vistosa (vila) 1011
 Vilanova (vila) 1004
 Vilanova da Rainha (vila) 1006
 Vilanova de Santa Cruz (vila) 1008
 Vilanova del Rei (vila) 1007
 Vilar (freguesia) 1010
 Viruá (rio) 1011
 Viseu (aldeia) 1012
 Vistosa (vila) 1012
 Xingu (rio) 1015
 Xingutânia (porção) 1016
 Ycamiaba (cabilda) 1017
 Yorimã (nação) 1017
 Zovar (rio) 1018

Província da Paraíba

Acaúma (aldeola) 47
 Acejutibiró ou Traição (baía) 48
 Aguiar (povoação) 53
 Alagoa (aldeia) 55
 Alagoa do Bé (aldeia e lago) 55
 Alagoa do Pau (aldeia) 55
 Alagoa Nova (aldeia) 56
 Alhandra (vila) 64
 Araçais (lugarejo) 88
 Arraial da Canoa (aldeia) 101

Bacamarte (povoação) 107
 Bacamarte (povoação) 107
 Batalha (povoação) 134
 Belém (povoação) 138
 Boa Vista (povoação) 144
 Boqueirão (povoação) 152
 Branco (cabo) 157
 Brandão (aldeia) 158
 Branquinho (aldeia) 158
 Brejo da Alagoa (povoação) 162
 Brejo da Areia (vila) 162
 Brejo da Cruz (povoação) 163
 Brejo do Fagundo (povoação) 163
 Cabaceiras (vila) 167
 Cabedelo (fortaleza) 168
 Cabo Branco (cabo) 169
 Caetés (tribo) 178
 Caiçara (povoação) 179
 Caiporas (povoação) 180
 Cairiri (aldeia) 180
 Cairiris Novos (serra) 181
 Cais (povoação) 181
 Camaratuba ou Camaratuba (rio) 188
 Campina Grande (vila) 192
 Canafisnula (povoação) 202
 Canoa (povoação) 205
 Canto do Feijão (povoação) 207
 Caraça (povoação) 213
 Carateús (rio) 214
 Caráuba (povoação) 214
 Catolé (povoação) 224
 Catolé de Baixo (povoação) 224
 Cipó (povoação) 238
 Coité (serra) 240
 Coité (freguesia) 240
 Comissário (serra) 242
 Conceição (povoação) 244
 Conceição (povoação) 244
 Conde (vila) 248
 Congonhas de Santana (povoação) 250
 Coronel (povoação) 253
 Cruz do Espírito Santo (povoação) 262
 Cupiçura (povoação) 268
 Estreito (povoação) 299
 Esperas (serra e lugarejo) 292
 Extremas (lugarejo) 300
 Fagundes (povoação) 301
 Formiga (lugarejo) 307
 Fumdo (lugarejo) 313
 Gamelas (serra e povoação) 316
 Gamelas (lugarejo) 316
 Gorabira (povoação) 333
 Gramame (rio) 334
 Grupiúna (ribeiro) 338
 Guaju (ribeiro) 343
 Guarabira (povoação) 346
 Guarú (ribeirão) 350

- Guia (povoação) 352
 Guia (ponta de terra) 352
 Gurinhém ou Gurunhém (povoação) 354
 Independência (vila) 371
 Ingi (povoação) 374
 Ipopoca (rio) 378
 Jabitacá (serra) 404
 Jacoca (vila) 407
 Jaguaribe (ribeiro) 412
 Japoca (aldeia) 417
 Jardim do Rio do Peixe (povoação) 418
 Jatobá (lugarajo) 419
 Jenipapo (lugarajo) 421
 Jinado (povoação) 424
 Livramento (povoação) 443
 Lucena (povoação) 445
 Lucena (ponta da costa) 445
 Mamanguape (vila) 458
 Mamanguape (rio) 459
 Maticara (lugarajo) 485
 Mata Redonda (povoação) 486
 Matriz de Coité (freguesia) 498
 Meripe (ribeiro) 504
 Miguel Barbosa (monte) 504
 Miriri (rio) 518
 Molunga (povoação) 525
 Montemor (vila) 528
 Natuba (povoação) 560
 Nossa Senhora da Penha de França (povoação) 569
 Nossa Senhora da Penha de França (freguesia) 570
 Nossa Senhora da Penha de França de Tacoará (freguesia) 570
 Oiteiro (lugarajo) 580
 Panati (serra) 597
 Paraíba (provincia) 610
 Patos (vila) 641
 Pau Ferrado (lugarajo) 643
 Paulo Mendes (lugarajo) 644
 Paupina (aldeia) 644
 Pedras de Fogo (povoação) 649
 Peixe (Rio do) (rio) 650
 Penha de França (lugarajo) 654
 Penha de França de Tacoará ou Taquará (freguesia) 654
 Pergniça (aldeia) 655
 Peripiri (lago) 656
 Piabuçu (lugarajo) 665
 Piancó (vila) 665
 Piancó (serra) 666
 Piancó (rio) 666
 Pilar (vila) 674
 Pilar (lugarajo) 676
 Pipirituba (lugarajo) 679
 Piranhas (Rio das) (rio) 684
 Pitiguares (indios) 690
 Piambu (povoação) 690
 Pombal (vila) 693
 Popoca (rio) 699
 Prazeres (lugarajo) 715
 Quixaba (lugarajo) 725
 Rainha (vila) 727
 Rainha dos Anjos (freguesia) 727
 Raiz [Serra da] (serra) 727
 Rancho do Povo (lugarajo) 727
 Riacho do Coronel (lugarajo) 737
 Sabugi (ribeiro) 775
 Santa Catarina (serra e lugarajo) 798
 Santa Luzia (povoação) 805
 Santa Rita (freguesia) 809
 Santo André (povoação) 815
 São Boaventura (lugarajo) 829
 São Gonçalo (lugarajo) 843
 São João (vila) 846
 São João (lugarajo) 847
 São João (lugarajo) 847
 São João (ribeiro) 848
 São José (lugarajo) 861
 São José (povoação) 861
 São José das Piranhas de Cima (freguesia) 862
 São José das Pombas (povoação) 862
 São Lourenço (lugarajo) 867
 São Miguel (vila) 877
 São Miguel de Taipu (freguesia) 879
 São Pedro (lugarajo e serra) 891
 Seridó (rio) 914
 Serra Branca (povoação) 914
 Serra da Raiz (povoação) 915
 Tabatinga (povoação) 931
 Taibana (freguesia) 934
 Taipu (freguesia) 934
 Tambaú (povoação) 937
 Taquarituba (povoação) 946
 Traição (baía) 963
 Tramataia (povoação) 964
 Trapiá (povoação) 965
 Umari (povoação) 980
 Unhabi (ribeiro) 982
 Varadouro (porto) 990
 Várzea da Ema (lugarajo) 991
 Vila da Independência (vila) 1001
 Vila da Rainha (vila) 1002
 Vila do Conde (vila) 1002
 Vila do Imperador (vila) 1002
 Vilanova de Souza (vila) 1008

Província de Pernambuco

- Aconans (tribo) 48
 Afogados (povoação) 49
 Água Preta (freguesia) 51
 Alí (forte) 53
 Alí (ribeiro) 53
 Altinho (freguesia) 67
 Amparo (povoação) 76
 Arrojado (ribeiro) 103

- Barra da Jangada (barra) 127
 Bezzeros (freguesia) 141
 Biberibe (ribeiro) 141
 Boa Vista (comarca) 143
 Boa Vista (parte da cidade do Recife) 143
 Bom Jesus (povoação) 147
 Bom Jesus da Praia (povoação) 148
 Bonito (comarca) 151
 Bonito (vila) 151
 Brejo (comarca) 162
 Brejo da Madre de Deus (vila) 163
 Brun (fortaleza) 164
 Buraco (forte) 165
 Cabo (comarca) 168
 Cabo de Santo Agostinho (vila) 171
 Cabo de Santo Agostinho (cabo) 171
 Cabrado (povoação) 172
 Cairiri (aldeia) 180
 Cairiris (serra) 181
 Cairiris Velhos (serra) 181
 Candelária (povoação) 204
 Capibaribe (rio) 210
 Capibaribe-Mirim (ribeiro) 210
 Carau (povoação) 214
 Caricé (povoação) 216
 Catuama (povoação) 225
 Catuama (ribeiro) 225
 Cimbres (vila) 237
 Cinco Pontas (forte) 237
 Conceição (vila) 242
 Conceição de Itamaracá (vila) 245
 Coroció (povoação) 253
 Curuaru (povoação) 272
 Desterro de Itambé 278
 Escada (povoação) 291
 Exu (povoação) 300
 Fernando de Noronha (ilha) 304
 Flores (vila) 305
 Formosa (vila) 308
 Formoso (rio) 308
 Garanhuns (comarca) 316
 Garanhuns (vila) 316
 Garanhuns (serra) 317
 Goiana (comarca) 321
 Goiana (cidade) 321
 Goiana (rio) 322
 Guaranhuns (serra) 347
 Iguaçu (vila) 366
 Iguaçu ou Higuaraçu (rio) 367
 Inzu ou Inxu (povoação) 377
 Ipojuca (freguesia) 377
 Ipojuca (rio) 378
 Iruzuí (ribeiro) 381
 Itacaratu (povoação) 384
 Itamaracá (ilha) 389
 Itambé (freguesia) 390
 Itapicima (povoação) 396
 Jaboatão (ribeiro) 404
 Jacaré (serra) 405
 Jangada (barra) 414
 Laranjeiras (freguesia) 438
 Limoeiro (vila) 441
 Mácaro (povoação) 451
 Macaxeira (lugarejo) 452
 Maracaipe (povoação) 469
 Maracáipe (ribeirão) 469
 Maria Farinha (povoação) 478
 Massaranduba (povoação) 485
 Massaranduba (rio) 485
 Megão de Baixo (povoação) 501
 Megão de Cima (povoação) 501
 Monte (povoação) 527
 Mosqueirão (porto) 536
 Mosquitos (ribeirão) 537
 Mundo Novo (lugarejo) 539
 Muribeca (freguesia) 540
 Nazaré (comarca) 560
 Nazaré (forte) 561
 Nazaré das Matas (vila) 561
 Nazaré do Cabo (povoação) 562
 Nossa Senhora da Conceição de Itamaracá (vila) 569
 Nossa Senhora do Monte (povoação) 570
 Obu (lugarejo) 577
 Ororobá (vila) 585
 Otinga (ribeiro) 585
 Palmares (quilombo) 594
 Panela (mata) 597
 Paraná-Mirim (ribeiro) 626
 Parapamba (ribeiro) 627
 Pasmados (aldeia) 634
 Pau Amarelo (forte e praia) 643
 Pau-d'Alho (comarca) 643
 Pau-d'Alho (vila) 643
 Pedra Bonita (serra) 646
 Pedras de Fogo (povoação) 649
 Pernambuco (província) 656
 Pescueira (vila) 664
 Picão (forte) 671
 Pilar (freguesia) 676
 Pimenteiros (cabildas) 677
 Poço (surgidouro) 690
 Poço da Panela (freguesia) 691
 Poço Redondo (lugarejo) 692
 Ponta das Pedras (povoação) 696
 Pontal de Nazaré (vila) 696
 Porto Real (missão) 708
 Praia de Itamaracá (povoação) 714
 Quebróbó ou Cabrobó (freguesia) 722
 Queimadas del-Rei (povoação) 723
 Raposa [Serra da] (serra) 726
 Recife (comarca) 730
 Recife (cidade) 730
 Rio Formoso (comarca) 762
 Rosário (povoação) 773

Russas (Serra das) (serra) 773
 Santa Cruz (lugarajo) 802
 Santa Madalena (vila) 805
 Santo Agostinho (cabo) 811
 Santo Aleixo (ilhotes) 812
 Santo Antão (vila) 815
 Santo Antônio de Tracunhaém (povoação) 823
 Santo Antônio do Cabo (povoação) 824
 Santo Antônio dos Garanhuns (freguesia) 824
 São Brás (povoação) 829
 São João Batista (lugarajo) 848
 São João da Anadia (povoação) 849
 São Joaquim de Laranjeiras (vila) 858
 São José do Rio Formoso (freguesia) 864
 São Lourenço de Tijucopaba (freguesia) 867
 Serenhém ou Formosa (vila) 911
 Serenhém ou Serinhém (rio) 911
 Serra Talhada (freguesia) 917
 Sertão de Pernambuco (território) 919
 Simbres (vila) 921
 Tacuaratinga (freguesia) 933
 Taipé (ribeiro) 934
 Tamandaré (baía, porto) 935
 Tamaracá (ilha) 936
 Tapacorá (ribeiro) 939
 Tapado (ribeiro) 939
 Tapirema (povoação) 943
 Taquaratinga (freguesia) 944
 Taquaratinga (serra) 944
 Tejucopaba ou Tijucopaba (freguesia) 951
 Texeira ou Teixeira (lugarajo) 952
 Tijucopabo ou Tijucopabo (freguesia) 955
 Tracunhaém (freguesia) 963
 Tracunhaém (ribeirão) 963
 Traipu (aldeia) 963
 Una (freguesia) 980
 Una (rio) 981
 Vitória (comarca) 1012

Província do Piauí

Arará (povoação) 93
 Araripe (serra) 95
 Barra do Longá (lugarajo) 128
 Barra Velha (rio) 132
 Barras (aldeia) 132
 Bocaina (povoação) 144
 Campo Maior (vila) 195
 Canindé (rio) 205
 Confusões (freguesia) 249
 Cratiús (serra) 258
 Dous Irmãos (serra) 286
 Encantada (lagoa) 288
 Enxu ou Exu (ribeiro) 291
 Estanhado (povoação) 298
 Freicheiras (povoação) 312

Grugueia (povoação e rio) 337
 Guaribas (ribeiro) 351
 Gueguez (nação) 351
 Gurgueia (povoação) 353
 Gurgucia (rio) 353
 Hibiapaba (cordilheira) 356
 Humildes (freguesia) 357
 Iguaçu (rio) 367
 Iruzuí (ribeiro) 381
 Itaim (rio) 387
 Jaicós (tribo) 413
 Jaicós (vila) 413
 Jatubá (lugarajo) 419
 Jerumenha (vila) 423
 Livramento (povoação) 443
 Longá (rio) 444
 Lustosa (fazenda) 446
 Macambira (ribeira) 450
 Manoel Alves (rio) 467
 Marataoã (ribeirão) 477
 Marvão (vila) 484
 Marvão (ribeiro) 484
 Matança (aldeia) 486
 Mocambo (ribeiro) 523
 Mocha (vila) 523
 Nazaré (povoação) 560
 Negro (ribeiro) 564
 Oeiras (cidade e capital) 577
 Paraim (rio) 620
 Paranaú (lagoa) 627
 Parnaíba (vila) 634
 Parnaíba (rio) 634
 Pelo Sinal (lugarajo) 651
 Pergiça (rio) 655
 Pernaguá (vila) 656
 Pernaguá (lagoa) 656
 Piauí (província) 666
 Piauí (rio) 670
 Pimenteiros (cabildas) 677
 Piracruca (vila) 681
 Piracruca (ribeira) 682
 Piraim (rio) 683
 Piranhas (povoação) 684
 Piranhas (ribeiro) 685
 Poti ou Puti (vila) 710
 Poti ou Carateús (rio) 710
 Potiguaras ou Potiguares (nação) 711
 Príncipe Imperial (vila) 718
 Puti (rio) 720
 Rancho do Pato (povoação) 727
 Sambita (ribeiro) 781
 Santo Antônio (povoação) 817
 Santo Inácio (lugarajo) 826
 São Domingos (lagoa) 833
 São Gonçalo do Amarante (vila) 844
 São João (freguesia) 846
 São João do Parnaíba (vila) 855

São Nicolau (ribeiro) 880
 São Raimundo Nonato (freguesia) 898
 São Victor (rio) 908
 Serra do Penitente (serra) 916
 Sorubim (ribeiro) 925
 Surubim ou Sorubim (vila) 928
 Surubim (ribeiro) 928
 Tutóia (rio) 975
 Uruçuí (ribeirão) 984
 Valença (vila) 989
 Vermelha (serra) 995

Provincia do Rio de Janeiro

Abraão (enseada) 42
 Acaia (morro) 45
 Água ou Águas (ilheta) 49
 Aguapeí-Açu (rio) 51
 Aguapci-Mirim (rio) 51
 Águas Claras (ribeiro) 51
 Aimorés (serra) 53
 Alcântara (rio) 60
 Aldeia Velha (aldeia) 62
 Aldeia Velha (ribeiro) 62
 Alegre (ribeiro) 63
 Algodão (ilha) 64
 Algodoeiro (território) 64
 Almas (ilha) 65
 Amar-e-Querer (serra) 69
 Amparo (aldeia) 75
 Ancoras (grupo de ilhas) 77
 Andaraí ou Andraí (enfiada de casas) 77
 Andorinhas (ribeiro) 77
 Angra dos Reis (cidade) 78
 Angra dos Reis (baía) 80
 Anhaú-Mirim (aldeia) 81
 Anta (lago) 83
 Aparecida (aldeia) 84
 Araçaiba (ilha) 87
 Arara (ribeiro) 93
 Araraquarina (ilha) 94
 Araraquaru (ilha) 94
 Araras (ribeiro) 94
 Araruama (lago) 95
 Araújo (ilha) 96
 Ariró (rio) 99
 Armação (povoação) 99
 Armação (povoação) 99
 Aroeira (ilha) 100
 Arrozal (freguesia) 103
 Bacaxá (rio) 107
 Baía de Parati 120
 Bambuí (canal) 121
 Bananal (povoação) 122
 Bananeira (ribeiro) 123
 Bangu (povoação) 123

Barra de Cairuçu 127
 Barra do Rio de São João (lugar) 129
 Barra Mansa (vila) 131
 Barra Mansa (rio) 132
 Barra Pequena (rio) 132
 Bassui (povoação) 134
 Batata (ribeiro) 134
 Beltrão (aldeia) 139
 Benfca (povoação) 140
 Bengala (ribeiro) 140
 Bengalas (rio) 140
 Bexiga (ilha) 141
 Bica (ilha) 141
 Boassica (lago) 142
 Boassu (lugarajo, porto, rio) 142
 Boa Viagem (ilha) 142
 Boa Vista (palácio imperial) 144
 Boa Vista (azinhaga) 144
 Bocaina (serra) 144
 Bom Jesus (ilha) 148
 Bonfim (vila) 150
 Bonfim (ilha) 151
 Bonga (ribeiro) 151
 Bonito (ribeiro) 151
 Boqueirão (ilha) 152
 Bosaraí (rio) 154
 Botafogo (povoação) 154
 Botafogo (baía) 154
 Botais (serra) 155
 Botocudos (índios) 155
 Branca (ilha) 157
 Brava (lagoa) 161
 Buimirim (praia) 166
 Búzios (cabo) 166
 Cabapua (rio) 167
 Cabenda (ribeiro) 168
 Cabo Frio (cabo) 169
 Cabo Frio (cidade) 169
 Cabras (ilha) 172
 Cabuçu (ribeiro) 172
 Cabuçu (ribeiro) 172
 Cacerubu (rio) 173
 Cachoeira (povoação) 175
 Cachoeira (povoação) 175
 Cachorros (ilha) 177
 Cágada (ilha) 178
 Cagoatati (ribeiro) 178
 Caiera (ilha) 180
 Cairuçu (monte e promontório) 181
 Calabouço (ponha de rochedo) 183
 Calundu (lugarajo) 185
 Cambambé (ribeiro) 189
 Camboa (aldeia) 189
 Camboa (canal) 189
 Camboropi (ribeiro) 190
 Camorim (lago) 191
 Campelo (lago) 192

- Campo Alegre (freguesia) 193
 Campo Belo (povoação) 193
 Campo Grande (freguesia) 194
 Campos ou Campos dos Goitacases (cidade) 196
 Campos Novos (povoação) 201
 Camuão (ribeiro) 201
 Canhangá ou Canhacanga (povoação) 205
 Cantagalo (vila) 206
 Cantagalo Pequeno (povoação) 207
 Canzoura (medas de areia) 208
 Capivari (vila) 210
 Capivari (planície) 211
 Capivari (serra) 211
 Capivari (rio) 211
 Caqueirada (ilha) 212
 Carai (povoação) 213
 Carangola (ribeiro) 214
 Carapibus (povoação) 214
 Carçoço (ilha) 218
 Cassarabu ou Cassarebu (rio) 221
 Castanheta (canal ou rio) 222
 Catalão (ilha) 223
 Catete (lugarajo) 224
 Catimbão (serra) 224
 Catumbi (lugarajo) 225
 Catunduba (ilha) 225
 Cebolas (freguesia) 231
 Cedro (ilha) 231
 Cernambitigba (ribeiro) 231
 Chegada (ribeiro) 236
 Cima 237
 Cobras (ilha) 239
 Cocos (ilha) 239
 Comorin (lagoa) 242
 Comorin (ribeiro) 242
 Comprida (ilha) 242
 Comprido (ribeiro) 242
 Conceição (bairro) 243
 Conceição (povoação) 243
 Conceição (povoação) 243
 Conceição do Paquequera 247
 Congonhas (ribeiro) 249
 Copacabana (povoação) 251
 Coqueiros (ilha) 252
 Corcovado (serra) 252
 Cordeiras (serra) 252
 Córrego ou Corvo Seco (povoação) 253
 Cozias (ilha) 256
 Covanca (lugarajo) 257
 Cruará (dous arraiais) 261
 Crubixais ou Curubixas (ribeiro) 261
 Culabandé (arraial) 267
 Cunhambéba (ilha) 268
 Cutunduba (ilha) 273
 Deserta (ilha) 276
 Dominga (ribeiro) 284
 Dom Marcos (aldeia) 284
 Dores (povoação) 284
 Dores (freguesia) 285
 Dourado (ribeiro) 285
 Duas Irmãs (ilhotas) 286
 Engenho Novo (freguesia) 289
 Engenho Velho (freguesia) 290
 Espírito Santo (lugarajo) 296
 Estrela (povoação) 299
 Estrela (enseada) 299
 Facão (serra) 301
 Fagundes (ribeirão) 301
 Farinha (povoação) 301
 Feia (lagoa) 302
 Ferreira (ilha) 304
 Ferreira (ilha) 305
 Flamengos (ilha) 305
 Flamengos (cais) 305
 Frade (monte) 311
 Francesa (ilha) 312
 Freitas (lagoa) 312
 Frio (Cabo) 312
 Fundão (ilha) 312
 Furado (canal) 313
 Galeão (ilha) 315
 Ganchos (ilha dos) 316
 Gato (ilha) 318
 Gávea (grupo de montanhas) 318
 Geribatuba (povoação) 319
 Gipóia (ilha) 320
 Glória (bairro) 320
 Governador (ilha) 333
 Grande (ilha) 334
 Grande (rio) 335
 Grataú (povoação) 337
 Gravatá (ponta de terra) 337
 Guaiúbe (ilha) 340
 Guaiticá (ribeiro) 342
 Guandu (rio) 343
 Guanilhosa (aldeia) 344
 Guapiaçu (rio) 344
 Guapimirim (freguesia) 345
 Guapimirim (rio) 345
 Guaracuí (ribeiro) 346
 Guaratiba (freguesia) 348
 Guarulhos (freguesia) 351
 Guaxindiba (lugarajo) 351
 Icarai (aldeia) 360
 Igaíba ou Ingaíba (baía) 362
 Iguá (povoação) 363
 Iguabe (povoação) 363
 Iguaçú (vila) 363
 Iguaçú (rio) 364
 Iguaçú ou Castanheta (canal natural) 364
 Ilha das Cobras (ilha) 368
 Ilha das Cobras (fortaleza) 368
 Ilha Grande (vila) 368
 Ilha Grande (ilha) 369

- Imbaí (ilha) 370
 Imbé (ribeirão) 370
 Imbé (ribeiro) 370
 Indraí (povoação) 373
 Inhangá (ribeiro) 374
 Inhaúma (freguesia) 375
 Inhomirim e Anhumirim (povoação) 375
 Inhomirim (rio) 376
 Inhumuçu (lugarajo) 376
 Inhutrunaíba (lagoa) 376
 Ipitanga (lugarajo) 377
 Ipitanga (ribeiro) 377
 Ipuca (duas aldeias) 378
 Ipuca (rio) 379
 Irajá (freguesia) 380
 Irtiri (ribeirão) 380
 Irtiri Guaçu e Irtiri-Mirim (ribeiros) 380
 Irtiruama (lagoa) 381
 Itaborai (vila) 383
 Itabuca (ribeiro) 384
 Itaca (ribeiro) 384
 Itacuruçu (ilha) 385
 Itaguai (vila) 385
 Itaguai (rio) 386
 Itaipu (povoação) 387
 Itajuru (lago) 389
 Itamarati (ribeiro) 390
 Itambi (freguesia) 391
 Itanhenga (ilha) 393
 Itaoca (povoação) 393
 Itaoca (ilhota) 393
 Itaocaiá (povoação) 393
 Itaoma (lugarajo) 393
 Itaúndiba (serra) 400
 Itingá (serra) 401
 Itinguçu (ribeiro) 401
 Jacarepaguá (freguesia) 405
 Jacarepaguá ou Jaracapauá (lagoa) 406
 Jacarepuá (lagoa) 406
 Jacarés (lagoa) 406
 Jacotiba (ribeiro) 407
 Jacuacanga (povoação) 407
 Jacuné (lagoa) 409
 Jacutinga (povoação) 409
 Jagoaraba (porção de terra) 410
 Jaguanão (ilha) 410
 Japoaiá (lugarajo) 417
 Japuiba (enseada) 417
 Jarixinó (serra) 419
 Jerobaíba (ilhota) 423
 Jerubaíba (povoação) 423
 Joatinga (promontório) 426
 Jorge Grego (ilha) 426
 Jucaicanga ou Jucaicanga (povoação) 427
 Juriari (lugarajo e ribeiro) 429
 Juruuba (freguesia) 429
 Juruoca (serra) 430
 Juruoca (povoação) 430
 Juturnaíba (lagoa) 430
 Lage (ilhéu) 431
 Lages (ribeirão) 432
 Lagoa Brava (lagoa) 433
 Lagoa de Cima (lagoa) 433
 Lagoa de Jesus (lagoa) 433
 Lambati (ribeiro) 437
 Laranjeiras (aldeia) 438
 Laranjeiras (ilha) 438
 Laranjeiras (povoação) 438
 Livramento (povoação) 443
 Lontra (ribeiro) 444
 Macabu (ribeirão) 447
 Macacos (ribeiro) 447
 Macacu (vila) 447
 Macacu (serra) 447
 Macacu (rio) 447
 Macacé (vila, porto) 448
 Macacé (serra) 449
 Macacé (rio) 449
 Maçambaba (praia) 450
 Maçaricos (ilhota) 451
 Madeira (ilha) 453
 Madre de Deus (povoação) 455
 Magé (vila) 456
 Magé (rio) 456
 Maia (ilha) 457
 Malvão (ilhota) 458
 Mamangua (freguesia) 458
 Mambucaba (freguesia) 460
 Mambucaba (rio) 460
 Mandioca (povoação) 463
 Manga Larga (serra) 465
 Mangaratiba (vila) 465
 Mangaratiba (ribeiro) 466
 Mangariúba (lagoa) 466
 Mangueiras (povoação) 466
 Manguinhos (ponta ou espécie de cabo) 467
 Manoel Rodrigues (ilha) 468
 Maracanã (ribeiro) 469
 Marambaia (restinga) 471
 Marapendi (lagoa) 477
 Mar de Espanha (povoação) 478
 Margaça (lugarajo) 478
 Maria Angra (porto) 478
 Maria Preta (ribeiro) 480
 Maricá (vila) 480
 Maricá (duas ilhotas) 481
 Maricá (lagoa) 481
 Maripocu (freguesia) 481
 Marui (povoação) 483
 Massambaba (restinga) 484
 Mata Porcos (povoação) 486
 Mataruna (povoação) 487
 Matimento (ilhota) 488
 Mato Grosso (ribeirão) 497

- Mauá (povoação) 498
 Mauá (ribeiro) 498
 McLões (ilha) 503
 Meros (ilha) 504
 Meros (ribeiro) 504
 Milho (ilheta) 505
 Miriti (freguesia) 518
 Miriti (rio) 518
 Mituapira (ribeiro) 523
 Mocacos (lagoa) 523
 Morto (ribeirão) 536
 Morto (ribeiro) 536
 Muriaé (rio) 540
 Muribeca (rio) 541
 Neves (aldeia) 564
 Niterói (comarca) 565
 Niterói (vila) 565
 Niterói ou Rio de Janeiro (baía) 566
 Nossa Senhora da Ajuda (freguesia) 568
 Nossa Senhora da Ajuda (freguesia) 568
 Nossa Senhora das Neves e Santa Rita (aldeia) 570
 Nossa Senhora das Neves e Santa Rita (freguesia) 570
 Nossa Senhora do Carmo de Samambaia (povoação) 570
 Nossa Senhora do Pilar (freguesia) 571
 Nosso Senhor do Bom Jesus do Monte (freguesia) 572
 Nova Friburgo (vila) 574
 Novo (ribeiro) 576
 Olaria (povoação) 580
 Onça (desaguadouro) 583
 Órgãos (cordilheira) 584
 Órgãos [Serra dos] (cordilheira) 584
 Orindi-Açu (ribeiro) 584
 Orindi-Mirim (ribeiro) 584
 Ostras [Rio das] (rio) 585
 Ouro [Rio do] (ribeiro) 586
 Ouro (ribeiro) 586
 Pacobaiba (freguesia) 591
 Pacoquia (lugarajo) 592
 Paios (ilha dos) 593
 Palmas (ilha das) 595
 Panema (ilha) 598
 Panamal (lugarajo) 598
 Pão de Açúcar (penhasco) 598
 Papagaio (ilhotas) 599
 Paquequer (rio) 599
 Paquequeira (ribeiro) 600
 Paquetá (ilha) 600
 Paraíba (rio) 616
 Paraíba do Sul (vila) 618
 Paraibuna (rio) 620
 Paraitinga (águas estanques) 621
 Parati (cidade) 627
 Parati Guaçu (ribeiro) 629
 Parati-Mirim (povoação) 629
 Parati-Mirim (ribeiro) 629
 Passa Vinte (ribeiro) 637
 Pati do Alferes (povoação) 639
 Patitiba (rio) 640
 Pau de Ferro (lagoa) 643
 Pavuna (ribeiro) 644
 Pedra (aldeia) 645
 Pedra Lisa (serra) 647
 Pedras [Rio das] (ribeirão) 649
 Pedras (lagoa) 649
 Peladas (duas ilhas) 651
 Penitiba (lugarajo) 655
 Pertininga (povoação) 664
 Pertininga (lagoa) 664
 Petrópolis (palácio) 665
 Piabanha (rio) 665
 Piba ou Piiba (povoação) 670
 Piba Grande e Piba Pequena (serras) 671
 Picão (registro) 671
 Pico (morro) 671
 Pico (ilha) 672
 Pico de Parati (morro) 672
 Piedade (povoação) 672
 Piedade (ribeiro) 673
 Pilar (povoação) 675
 Pilar (ribeiro) 676
 Pindotiba (serra) 678
 Pinheiros (ribeiro) 679
 Pjoim (ribeiro) 679
 Piracinunga (povoação) 681
 Piracinunga (rio) 681
 Pirai (vila) 682
 Pirai (rio) 683
 Piraitinga (rio) 683
 Piranguara (serra) 684
 Pirapitinga (ribeiro) 685
 Piraquara (ribeiro) 685
 Piraquê (ribeiro) 686
 Piraquê Guaçu (ribeirão) 686
 Pirassenunga (povoação e rio) 687
 Piratinga (fonte) 687
 Piratininga (povoação e lagoa) 688
 Piratininga (campos) 688
 Pomba (registro) 693
 Pombas (ilha das) 694
 Pombas (ilha das) 694
 Pombeba (ilha) 694
 Ponta da Areia (povoação) 695
 Ponta do Caju (ponta arenosa) 696
 Ponta Negra (cabo e serra) 697
 Ponte de Pinheiro (povoação) 698
 Porcos [Ilha dos] (ilhotas) 699
 Porto da Estrela (porto) 704
 Porto das Caixas (povoação) 704
 Porto das Mangueiras (porto) 705
 Porto do Capitão (porto) 706
 Porto dos Saveiros (povoação) 706
 Pouso Alegre (povoação) 711
 Praia da Pedra (lugarajo) 713
 Praia dos Anjos (lugarajo) 714

- Praia Grande (vila) 714
 Praia Vermelha (praia) 714
 Purina (ribeiro) 719
 Quatias (ribeiro) 721
 Quebra Cangalha (serra) 722
 Quibanguça (lugarajo) 723
 Quiçamão (freguesia) 723
 Quilombo (serra) 725
 Quilombo (ribeiro) 725
 Rapada (ilha) 728
 Rasa (ilha) 728
 Rasa (ilha) 729
 Rato (ilha) 729
 Ratos ilha dos (ilhote) 729
 Reditiba (ribeiro) 732
 Redonda (ilha) 732
 Redonda (ilhota) 732
 Registo do Paraíba (registo) 733
 Resende (comarca) 734
 Resende (vila) 735
 Ribeirão de Lages (freguesia) 738
 Ribeirão de Lages (ribeirão) 738
 Rijo (ilha) 739
 Rio Bonito (freguesia) 739
 Rio Bonito (freguesia) 740
 Rio Claro (freguesia) 740
 Rio da Aldeia (ribeiro) 741
 Rio da Cidade (povoação e ribeiro) 741
 Rio de Janeiro (provincia) 743
 Rio de Janeiro (cidade) 753
 Roça do Alferes (vila) 771
 Rochas (ilha) 771
 Rodrigues Freitas (lagoa) 772
 Sacarus (tribo) 775
 Sacra Família (freguesia) 775
 Sacra Família (aldeia) 775
 Samambaia (povoação) 780
 Sambé (serra) 781
 Santana (povoação) 784
 Santana (povoação) 784
 Santana (povoação) 784
 Santana (povoação) 784
 Santana (serra) 785
 Santana (grupo de três ilhas) 785
 Santana (rio) 786
 Santana da Ilha Grande (freguesia) 786
 Santana de Itacuruçu (freguesia) 787
 Santana de Pirai (povoação) 787
 Santa Bárbara (ilha) 789
 Santa Catarina (ribeiro) 798
 Santa Catarina de Mós (campos) 798
 Santa Cruz (povoação, fazenda imperial) 800
 Santa Cruz (forte) 801
 Santa Cruz (serra) 802
 Santa Cruz (ribeiro) 802
 Santa Maria de Maricá (vila) 806
 Santa Rita (aldeia e freguesia) 808
 Santo Amaro (lugarajo) 814
 Santo Antônio (povoação) 816
 Santo Antônio (rio) 819
 Santo Antônio de Capivari (povoação) 821
 Santo Antônio de Jacutinga (freguesia) 821
 Santo Antônio de Pádua (aldeia) 822
 Santo Antônio de Sá ou Macacu (vila) 822
 Santo Antônio do Rio Bonito (povoação) 824
 Santo Antônio dos Guarulhos (freguesia) 824
 São Barnabé (aldeia) 827
 São Bento (ilha) 828
 São Clemente (povoação) 830
 São Cristóvão (freguesia) 831
 São Domingos (povoação) 832
 São Fidélis (aldeia) 835
 São Francisco (baía) 839
 São Gonçalo (povoação) 842
 São Gonçalo de Goitacases (freguesia) 844
 São João (povoação) 847
 São João (forte) 847
 São João (rio) 848
 São João Batista de Mamaguá (povoação) 849
 São João da Barra (vila) 849
 São João da Lagoa de Freitas (freguesia) 850
 São João da Praia (povoação) 851
 São João de Campo Belo (povoação) 852
 São João de Itaboraí (freguesia) 853
 São João de Miritim (freguesia) 855
 São João do Príncipe (vila) 855
 São José da Boa Morte (freguesia) 861
 São José da Serra (povoação) 862
 São José de Campo Belo (povoação) 862
 São José de Leonissa (aldeia) 862
 São José do Pão de Açúcar (freguesia) 864
 São José do Rio Preto (freguesia) 865
 São José do Sumidouro (freguesia) 865
 São Lourenço (aldeia) 866
 São Luiz Beltrão (aldeia) 871
 São Pedro (aldeia) 889
 São Pedro (rio) 891
 São Pedro (ribeiro) 891
 São Pedro de Cantagalo (povoação) 892
 São Pedro e São Paulo (freguesia) 897
 São Pedro e São Paulo (freguesia) 897
 São Salvador dos Campos de Goitacases (vila) 900
 São Sebastião de Araruama ou Iruama (freguesia) 902
 São Sebastião do Rio de Janeiro (cidade) 902
 São Sebastião dos Goitacases (freguesia) 902
 São Tomé (cabo) 903
 São Vicente Ferreira (freguesia) 907
 Sapetiba (porto, povoação) 908
 Saquarema ou Sequarema (vila) 909
 Saquarema ou Sequarema (lagoa) 910
 Saracuruna (ribeiro) 910
 Saranabiçgba (ribeiro e serra) 910
 Sarapuí (povoação) 910
 Sarapuí ou Serapuí (rio) 910

Serra dos Órgãos (serra) 916
 Sexto (ilha) 920
 Sigmaringa (aldeia) 921
 Socavão (serra) 923
 Sócio de Araújo (ribeiro) 923
 Socos (freguesia) 924
 Sono (ribeiro) 924
 Subaia (ribeiro) 926
 Suécia (ilha) 928
 Sumidouro, aliás Conceição de Paquequera (paróquia) 928
 Sumidouro (povoação) 928
 Sumidouro (serra) 928
 Suruí (freguesia) 929
 Suruí (rio) 929
 Suruí-Mirim (ribeiro) 930
 Tagoai (povoação) 933
 Taipu (freguesia) 935
 Tais (duas lagoas) 935
 Tambi, aliás Itambi (freguesia) 937
 Tanguá ou Inguá (ribeiro) 938
 Tanhenga (ilha) 938
 Tapacorá (povoação) 939
 Tapacorá (serra) 939
 Taperá (ilha) 942
 Taquaral (ribeiros) 944
 Taquari (ribeiro) 946
 Taributa (lugarajo) 946
 Taúna (morro) 949
 Tejuca (serra) 949
 Tejuco (ribeiro) 950
 Tinguá (ribeiro) 956
 Tinguá ou Sacra Família (freguesia) 956
 Tinguá (serra) 956
 Tinguçu (ribeiro) 956
 Tingui (serra) 956
 Tiritica (serra) 957
 Traímirim (ribeiro) 963
 Traira (lagoa) 963
 Trairapunga (freguesia e povoação) 963
 Trindade (freguesia) 967
 Tunifer (serra) 970
 Turvo (ribeiro) 974
 Ubatiba (lugarajo) 977
 Una (ribeiro) 981
 Urai (ribeiro) 982
 Uruçanga (serra) 984
 Uruçu-Mirim (ilha) 984
 Ururai (freguesia) 986
 Ururai (rio) 986
 Uru (ilha) 986
 Valença (vila) 987
 Valonguinho (lugarajo, enseada e ponta de terra) 989
 Varge (riacho) 990
 Vassouras (comarca) 991
 Vassouras (vila) 991
 Venda Grande (povoação) 993
 Ventura (ilha) 994

Vilanova (vila) 1005
 Vila Velha (povoação) 1010
 Viração (serra) 1011
 Viúva (serra) 1013

Provincia do Rio Grande do Norte

Acari (vila) 47
 Açu ou Assu (aldeia) 48
 Açu (povoação e salinas) 49
 Açu (comarca) 49
 Açu (rio) 49
 Água Maré (povoação) 51
 Água Maré (rio) 51
 Amargoso (braço de rio) 69
 Angicos (vila) 78
 Anta Esfolhada (aldeia) 83
 Apanha-Peixe (lago) 84
 Apodi (freguesia) 86
 Apodi (rio) 86
 Aretipicaba (baía) 98
 Arês (aldeia) 98
 Barriguda (montanha) 133
 Bom Jesus (freguesia) 148
 Bonito (serra) 151
 Borborema (cordilheira) 153
 Cabelo Não Tem (serra) 168
 Caicó (aldeia) 180
 Cairiris (índios) 180
 Cairiris Novos (serra) 181
 Calcanhar (ponta) 181
 Câmara (povoação) 188
 Camelo (serra) 190
 Campo Grande (freguesia) 195
 Campo Grande (serra) 195
 Canudos (povoação e serra) 207
 Carnaubinha (povoação) 218
 Cavalos [rio dos] (rio) 227
 Ceará-Mirim (ribeiro) 231
 Conceição (povoação) 244
 Conceição das Vargens do Apodi (freguesia) 245
 Conceição do Apodi (freguesia) 247
 Conchas (boca) 248
 Crumataú (povoação) 261
 Crumataú (ribeiro) 261
 Cunhaú (ribeirão) 268
 Currais Novos (povoação) 271
 Cururu (povoação) 272
 Cururu (rio) 272
 Espinharas (serra) 292
 Estrela (serra) 299
 Extremoz (vila) 300
 Formosa ou Aretipicaba (baía) 308
 Frade (serra) 311
 Garatuni (rio) 317
 Genipabu (rio) 319

Goianinha (vila) 322
 Gramácio (aldeia) 334
 Gramácio (ribeiro) 334
 Groairas (aldeia) 337
 Groairas (lagoa) 337
 Guajai (rio) 342
 Guajiru (vila) 342
 Guaju (ribeiro) 343
 Guaramataí (rio) 347
 Gurú (povoação) 352
 Icó (tribo) 361
 Ilha Manoel (ilha) 369
 Jardim das Piranhas (povoação) 418
 Lavandeiros (arrecife) 439
 Logrador (povoação) 444
 Luiz Gomes (serra) 446
 Luiz Gomes (povoação) 446
 Macau (povoação) 451
 Maioridade (vila) 457
 Manoel Gonçalves (ilha) 467
 Marcos (enseada) 477
 Martins (povoação) 482
 Martins (serra) 483
 Massaranguape (povoação) 485
 Massaranguape (rio) 485
 Mel (ponta) 502
 Mipibu (vila) 516
 Mipibu (ribeiro) 517
 Mossoró (povoação) 537
 Mossoró (salinas) 537
 Natal (cidade capital) 557
 Negra (ponta) 562
 Nosso Senhor dos Impossíveis (povoação) 572
 Oficinas ou Oficinas do Açú (povoação) 579
 Paco (lagoa) 591
 Paiaçu (tribo) 592
 Panati (tribo) 597
 Panati (serra) 597
 Panati (serra) 597
 Panema de Campo Grande (campinas) 598
 Papari (freguesia) 599
 Papari (lagoa) 599
 Parnambuquinho (lugarajo) 635
 Patu [Serra do] (serra) 643
 Pau dos Ferros (freguesia) 643
 Pedra Lavrada (lugarajo) 647
 Peixe [Rio do] (rio) 647
 Petetinga (ponta) 665
 Pipa (ponta) 679
 Piranhas (povoação) 684
 Piranhas [Rio das] (rio) 684
 Pitanga (ribeiro) 689
 Ponta da Pipa (povoação) 695
 Porto Alegre (vila) 702
 Potengi ou Potingi (rio) 709
 Potiguaras ou Potiguares (nação) 711
 Regente (serra) 733

Reis Magos (forte) 733
 Ribeiras Vizinhas (povoação) 738
 Rio dos Cavalos (rio) 762
 Rio Grande do Norte (provincia) 764
 Santana do Campo Grande (freguesia) 787
 Santana do Pé da Serra (freguesia) 788
 Santana dos Matos (vila) 788
 Santa Luzia de Mossoró (povoação) 805
 São Cosme (serra) 830
 São Cosme e São Damião (freguesia) 830
 São Domingos (serra) 833
 São Gonçalo (vila) 842
 São José (serra) 861
 São José de Mipibu (vila) 863
 São José dos Anjicos (povoação) 865
 São Roque (cabo) 899
 São Sebastião (povoação) 901
 Seridó (rio) 914
 Serra de São Bento (povoação) 915
 Serra do Martins (freguesia) 915
 Serra Grande (povoação) 916
 Serra Grande (serra) 916
 Serrinha (povoação) 917
 Tamatanduba (lugarajo) 936
 Tarciri (ribeiro) 946
 Tibão (serra) 953
 Tibau (lugarajo) 953
 Toiros (baía, porto e vila) 961
 Três Irmãos (ponta) 966
 Tubarão (ponta) 969
 Upanema (ribeiro) 982
 Urcas (banco de areia) 982
 Uruá (povoação) 982
 Vargem (lagoa) 990
 Várzea Comprida (vale) 991
 Vila da Princesa (vila) 1001
 Vila Flor (vila) 1003
 Vilanova do Príncipe (vila) 1009

Provincia de Santa Catarina

Alagoa (ribeiro) 55
 Anható-mirim (ilha) 81
 Araçatuba (ponta de terra) 87
 Aracari (canal) 88
 Araçatuba (ilheta) 89
 Araruari (canal) 93
 Araranguá (rio) 93
 Aririú (ribeiro) 99
 Armação-da-Piedade (lugarajo) 100
 Arroio Grande (ribeiro) 103
 Babitonga (baía) 107
 Barra (povoação) 126
 Baul (montanha) 135
 Biguaçu (rio) 142
 Biraqueira (ribeiro) 142

Boa Vista (povoação) 143
 Bobos (ribeiro) 144
 Bombas (ponta do continente) 146
 Braço (ribeiro) 156
 Brito (angra) 164
 Cachortos (ribeiro) 177
 Caldas de Santa Catarina (águas termais) 184
 Camacho (lagos) 185
 Cambercla (montanha) 189
 Cambiriú (freguesia) 189
 Camboriú (freguesia) 189
 Camboriú (cabo) 189
 Camboriú (rio) 189
 Canaviera (angra) 203
 Canoinhas (ribeiro) 206
 Capibari (rio) 209
 Carará (ribeira) 212
 Cavalinhos Rio dos (ribeirão) 226
 Cavalos (montanha) 227
 Cedros (povoação) 231
 Combriú (colônia) 241
 Conceição da Lagoa (freguesia) 244
 Conventos (rochedo) 251
 Cruz (lagoa) 262
 Cubatão (colônia) 262
 Cubatão (rio) 263
 Cubatão (rio) 263
 Desterro (cidade capital) 276
 Embaú (rio) 287
 Embituba (porto) 288
 Encantada (lagoa) 288
 Engração (ilha) 290
 Enseada de Brito (angra) 290
 Forquilha (lagoa) 309
 Galé (ilhota) 315
 Gancho (ponta da terra) 316
 Garcia (ribeiro) 317
 Garopaba (povoação) 317
 Garopaba (lagoa) 317
 Garoupas (povoação) 317
 Garoupas (enseada) 317
 Graça (ilha) 334
 Grande (lagoa) 336
 Guarás ou Guarazes (ilha) 348
 Iboipitinhí (rio) 359
 Imauri (rio) 370
 Imauri (povoação) 370
 Imbaú (ribeiro) 370
 Imbituba (povoação) 370
 Iriri Guaçu (rio) 380
 Iririú (ribeiro) 381
 Itajai (freguesia) 388
 Itajai (duas colônias) 388
 Itajai-Mirim (ribeiro) 388
 Itapicu (rio) 396
 Itapocu (rio) 399
 Jaguaruna (lagoa) 413

Jaguaruna (ribeiro) 413
 Jaraguá (ribeirão) 418
 Jararaca (serra) 418
 Jureré-Mirim (ilha) 429
 Lages (vila) 431
 Lagoa (vila) 433
 Lagoa Grande (lagoa) 434
 Lagoas de Camacho ou de Gamacho (lagoa) 435
 Lagoinhas (lagoas) 435
 Laguna (vila) 435
 Laguna (lagoa) 436
 Lapa (vila) 437
 Lapa do Ribeirão (povoação) 438
 Lobos (ilha) 443
 Luiz Alves (ribeiro) 445
 Manduvi (ilhas) 464
 Maratuba (serra) 477
 Maria Bachaara (ribeiro) 478
 Maruí (freguesia) 483
 Maruí (rio) 483
 Massambu (rio) 484
 Moleques (ilhas) 525
 Mompetuba (rio) 525
 Morrinhos (freguesia) 533
 Naufragados (ponta de terra) 560
 Necessidades ou Santo Antônio (freguesia) 562
 Norte (comarca) 568
 Nossa Senhora da Graça (freguesia) 569
 Nossa Senhora das Necessidades (freguesia) 570
 Nossa Senhora do Rosário (freguesia) 571
 Nova Itália (colônia) 575
 Paiqueré (campos) 593
 Palmas (ilha) 595
 Palmitar (sítio) 596
 Panema (lagoa) 598
 Papagaios (ilhéus) 599
 Papoa (serra) 599
 Paranaguá (rio) 625
 Parati (ribeiro) 629
 Passa Dous (sítio) 635
 Peneira (ponta do continente) 653
 Penha de Itapacoróia (povoação) 654
 Piçarras (território) 671
 Piedade do Tubarão (freguesia) 673
 Pinheira (ponta de terra) 678
 Pirabireba (ribeirão) 679
 Piranga (ribeiro) 684
 Piraquê (ribeiro) 685
 Piraquera (lagoa e rio) 686
 Ponta Brava (ponta de terra e praia) 695
 Ponta Grossa (cabo) 696
 Porto Belo (vila) 703
 Porto da Guarda (porto) 704
 Pouso Alto (lugarejo) 712
 Pouso da Raposa (lugarejo) 712
 Prejibai (morro) 715
 Rapa (cabo ou ponta) 727

Ratonos (ilhotas) 729
 Ratonos (rio) 729
 Remédios (ilhetas) 734
 Ribeirão ou Lapa do Ribeirão (vila) 737
 Rio da Canoa (rio) 741
 Rio Vermelho (freguesia) 770
 Rodeio Bonito (sitio) 771
 Rosário (freguesia) 772
 Saguapu (ribeiro) 776
 Sai (colônia) 776
 Sai (rio) 777
 Santana (freguesia) 782
 Santana de Vilanova (freguesia) 787
 Santa Catarina (provincia) 790
 Santa Catarina (ilha) 795
 Santa Catarina (baía) 797
 Santa Marra (montanha) 806
 Santa Marta (lagoa) 806
 Santo Antônio (freguesia) 818
 São Caetano (forte) 830
 São Francisco (cidade) 836
 São Francisco (ilha) 837
 São Francisco do Sul (rio ou braço do mar) 840
 São João (forte) 847
 São João (ribeiro) 848
 São João Batista (freguesia) 848
 São João das Três Barras (ribeiro) 851
 São Joaquim (freguesia) 857
 São José (vila) 860
 São José (povoação) 860
 São José (rio) 861
 São Miguel (vila) 875
 São Miguel de Terra Firme (freguesia) 879
 São Pedro (colônia) 891
 São Pedro de Alcântara (colônia) 891
 Siriú (monte) 922
 Taborão (ribeiro) 932
 Tajai (povoação e rio) 935
 Tamboretas (ilhotas) 937
 Tapiruva (serra) 943
 Tavares (rio) 949
 Tejucas ou Tejucas Grandes (freguesia) 949
 Tejucas (enseada ou baía) 949
 Tejucas (rio) 950
 Tejucas Grandes (colônia) 950
 Três Barras (rio) 966
 Três Irmãos (ilhotas) 966
 Três Portos (lugarajo) 967
 Tromba (monte) 968
 Trombudo (povoação) 969
 Tubarão (freguesia) 969
 Tubarão (rio) 969
 Una (ribeirão) 981
 Upitanga (ribeiro) 982
 Uruçanga (rio) 984
 Várzea das Raízes (vale) 991
 Vermelho (ribeiro) 996

Vilanova (povoação) 1005
 Zimbo (promontório) 1018

Provincia de São Paulo

Água Choca (freguesia) 50
 Aguapeí (rio) 51
 Alcatraz (ilhetas) 61
 Amambai (serra) 69
 Amparo (aldeia e paróquia) 76
 Antonina (vila) 83
 Apiaí (vila) 85
 Apiaí (ribeiro) 85
 Apucarana (serra) 87
 Aracanga-Açu (cachoeira) 88
 Aracanga-Mirim (cachoeira) 88
 Araçoiaba (serra) 90
 Aranguerucu (cachoeira) 92
 Araquara (vila) 92
 Araquara (serra) 92
 Araquara (montanha) 92
 Araquara (rio) 92
 Araraguara (povoação) 93
 Araranhanduba (cachoeira) 93
 Ararapira (aldeia) 93
 Ararapira (rio) 94
 Ararituaba (aldeia) 95
 Arceias (vila) 97
 Ariró (registro) 90
 Aroçatuba (cachoeira) 100
 Arrassariguana (freguesia) 100
 Atibaia (vila) 105
 Avanhandava-Açu (cachoeira) 106
 Avanhandava-Mirim (cachoeira) 106
 Bairro (povoação) 120
 Bairro das Silveiras (povoação) 121
 Bairro de Toledo (freguesia) 121
 Bananal (vila) 122
 Bananal (rio) 123
 Baranhão (cachoeira) 124
 Barra Grande (canal) 131
 Baruriú-Açu (cachoeira) 133
 Baruriú-Mirim (cachoeira) 133
 Batatais (vila) 134
 Bauru (cachoeira) 135
 Bejuí (cachoeira) 135
 Belém (freguesia) 138
 Belém do Descalvado (lugar) 138
 Benfica (freguesia) 140
 Bertiooga (canal) 141
 Biraçoiava (serra) 142
 Bocaino (povoação) 145
 Bom (ribeiro) 146
 Bom Abrigo (ilha) 146
 Bom Sucesso do Rio de São Francisco (povoação) 149
 Botuverava (aldeia) 155

Bragança (vila) 156
 Búzios (ilhas) 166
 Cabreúva (freguesia) 172
 Caçapaba (freguesia) 172
 Cachoeira (povoação) 175
 Cachoeira (ribeiro) 175
 Cachoeira da Ilha (escolho) 175
 Cachoeira do Campo (cachoeira) 176
 Caconda (freguesia) 177
 Cadeado (salto) 177
 Caiacanga (cachoeira) 178
 Caiúva (montanha) 182
 Cajuru (freguesia) 182
 Campinas (cidade) 193
 Campo (cachoeira) 193
 Campo da Palma (campina) 194
 Campo do Barto Branco (propriedade nacional) 194
 Campo Largo (povoação) 195
 Cananeia (vila) 202
 Cananeia (baía) 202
 Canancia (ponta de terra) 203
 Cangueira (cachoeira) 205
 Capibari (vila) 209
 Capibari (rio) 209
 Capibari (ribeiro) 210
 Capibatibe-Mirim (ribeiro) 210
 Caraguatatuba (povoação) 213
 Cardoso (monte) 215
 Castelhana (ribeiro) 222
 Castilhos (ilha) 222
 Castilhos Grandes (rochedos) 222
 Castro (vila) 222
 Colônia da Mata (colônia) 241
 Colônia de Santo Amaro (colônia) 241
 Comboia Vaca (cachoeira) 241
 Conceição (vila) 242
 Conceição de Guarulhas (freguesia) 245
 Congonhas (cachoeira) 249
 Constituição (vila) 250
 Correntes (ribeirão) 253
 Cotíngia (ilha) 256
 Couves (ilhas) 257
 Cruz Alta (povoação) 262
 Cubatão (povoação) 262
 Cubatão (cordilheira) 262
 Cubatão (rio) 263
 Cunha (vila) 267
 Curitiba (comarca) 269
 Curitiba (cidade) 269
 Curitiba (rio) 270
 Curitiba (registro) 270
 Curitibaanos (campos) 270
 Curupacé (rio) 272
 Cutia (freguesia) 273
 Dourada (serra) 283
 Embaú (povoação) 288
 Enguaguaçu (ilha) 290

Entrada da Mata (colônia) 290
 Escaramuça (cachoeira) 291
 Esperança (freguesia) 292
 Estcirão (cachoeira) 298
 Expectação (fazenda) 299
 Facão (serra) 301
 Faxina (vila) 302
 Forquilha (povoação) 309
 Franca (comarca) 311
 Franca ou Vila Franca do Imperador (vila) 312
 Funil (cachoeira) 313
 Funil Grande (cachoeira) 313
 Garcia (cachoeira) 317
 Graciosa (povoação) 334
 Grossa (ponta) 337
 Guaíbe (ilha) 338
 Guaicurituba-Açu (cachoeira) 340
 Guaicurituba-Mirim (cachoeira) 340
 Guaipacaré (povoação) 342
 Guaira (vila) 342
 Guaraçoiava (serra) 345
 Guarapuava (vila) 348
 Guaratinguetá (vila) 349
 Guaratuba ou Vilanova de São Luiz (vila) 350
 Guaratuba (rio) 350
 Hinhangabaú (ribeiro) 357
 Hipanema (ribeiro) 357
 Hitu (vila) 357
 Icapara (canal) 360
 Iguaçu (rio) 364
 Iguape (vila) 365
 Iguape (praia) 365
 Iguape (rio) 365
 Iguairei (ribeiro) 367
 Ilha (cachoeira) 367
 Ilha Pequena (ilha) 369
 Imbauí (ribeiro) 370
 Indaiaatuba (freguesia) 370
 Ipanema (ribeiro) 377
 Ipiranga (povoação) 377
 Iporunga (povoação e freguesia) 378
 Itaguaçaba-Açu (cachoeira) 385
 Itaguaçaba-Mirim (cachoeira) 385
 Itai (cachoeira) 386
 Itajaí (rio) 388
 Itanhaém (vila) 391
 Itanhaém (rio) 392
 Itanhaém (cachoeira) 392
 Itapeirica (povoação) 394
 Itapema-Açu (cachoeira) 395
 Itapema-Mirim (cachoeira) 395
 Itapeteninga (vila) 395
 Itapetininga (ribeirão) 396
 Itapeva (vila) 396
 Itapuia (cachoeira) 399
 Itapura (cachoeira) 399
 Itapura-Mirim (cachoeira) 399

Itaquaquetuba (povoação) 399
 Itararé (povoação) 400
 Itcreré (rio) 400
 Itu (comarca) 401
 Itu (vila) 401
 Itu (catadupa) 402
 Itupira (cachoeira) 403
 Ivaí (rio) 403
 Jacaréí (vila) 405
 Jacaré Pipira (rio) 406
 Jacaré Pipira-Mirim (ribeiro) 406
 Jacu (ribeiro) 407
 Jacuí (rio) 408
 Jaguari (monte) 411
 Jaguari (ribeiro) 411
 Jaguariquatu (ribeiro) 413
 Japo (ribeirão) 417
 Joatinga (promontório e ponta de terra) 426
 Jordão (ribeiro) 426
 Jumirim (cachoeira) 427
 Jundiáí (vila) 427
 Jundiáí (rio) 428
 Jupiá (cachoeira) 428
 Juquiriqueré (enseada) 428
 Jurcia (ponta do continente) 428
 Juru-Mirim (cachoeira) 430
 Lançóis (ribeiro) 437
 Limeira (freguesia) 441
 Lorena (vila) 444
 Machado (cachoeira) 452
 Mameluco 461
 Manduba (ponta) 464
 Mar Pequeno (lagoa) 482
 Mar Virado (ilha) 484
 Mata (colônia alemã) 485
 Mata e Campos da Palma (florestas) 486
 Matias Peres (cachoeira) 488
 Mato Seco (cachoeira) 497
 Mbois (aldeia) 499
 Mel (ilha) 502
 Moji das Cruzes (vila) 523
 Mojiguaçu (povoação) 524
 Mojiguaçu (rio) 524
 Mojimirim (vila) 524
 Mojimirim (ribeiro) 524
 Montão de Trigo (ilha) 527
 Moretes (vila) 531
 Negro (rio) 564
 Nhundiaquara (ribeirão) 565
 Nossa Senhora da Aparecida (lugarço) 568
 Nossa Senhora do Bom Sucesso (freguesia) 570
 Nossa Senhora dos Prazeres (aldeia) 572
 Ondas Grandes (cachoeira) 583
 Ondas Pequenas (cachoeira) 583
 Palma (colônia militar) 593
 Palmas (ilha) 595
 Palmeira (freguesia) 595

Palmeiras (vila) 596
 Paraibuna (vila) 620
 Paraibuna (ribeiro) 620
 Paraitinga (vila) 621
 Paraitinga (águas estancas) 621
 Paranacicaba (serra) 624
 Paranaguá (vila) 624
 Paranaguá (baía) 625
 Paranaíba (vila) 625
 Paranapanema (rio) 626
 Paranaapiacaba (serra) 626
 Paranaipitanga (povoação) 627
 Paratinga (vila) 629
 Paraúna (ribeiro) 630
 Pardo (rio) 630
 Pardo (rio) 632
 Peças (terreno) 644
 Pecinguaba (enseada) 644
 Pederneira (cachoeira) 645
 Pedra (registro) 646
 Pepiriguaçu (rio) 655
 Pepirimirim (rio) 655
 Pertinanga (vila) 664
 Pessinguaba (enseada e estreito) 665
 Piassagueira (rio) 666
 Pilões (cachoeira) 677
 Pindamonhangaba (vila) 677
 Pinhais (povoação) 678
 Pinheiros (braço da baía) 678
 Pinheiros (ribeirão) 678
 Pipira (rio) 679
 Piquiri (rio) 680
 Piracicaba (povoação) 681
 Piracicaba (rio) 681
 Pirajuçara (povoação) 683
 Piranga (campo) 684
 Pirapirapua (monte) 685
 Pirapó (ribeirão) 685
 Pirapó (cachoeira) 685
 Pirapó Pequeno (cachoeira) 685
 Pirapora (freguesia) 686
 Piratirunga (campos) 688
 Piratininga (rio) 688
 Piruibe (rio) 689
 Pitunduba (cachoeira) 690
 Ponta Grossa (freguesia) 696
 Porto da Cachoeira (povoação) 704
 Porto Feliz (vila) 706
 Pouso Alegre (vila) 711
 Pouso Seco (registro) 712
 Quebra Cangalha (serra) 722
 Queimadas (ilhas) 722
 Qucluz (vila) 723
 Quiraçoiava (serra) 725
 Rio Claro (freguesia) 741
 Rio Negro (povoação) 767
 Sai (rio) 777

Salto ou Ponte do Salto (lugarejo) 780
 Santana (fazenda nacional) 785
 Santa Bárbara (freguesia) 789
 Santa Isabel (vila) 803
 Santo Amaro (vila) 813
 Santo Anastácio (ribeirão) 814
 Santo André (vila) 814
 Santo Antônio (rio) 819
 Santo Antônio da Barra do Paraibuna ou Paraúna (povoação) 820
 Santo Antônio da Lapa (arraial) 820
 Santo Antônio da Paraibuna (povoação) 821
 Santos (cidade) 826
 São Bento (freguesia) 828
 São Bento da Araquara (vila) 828
 São Carlos (vila) 830
 São João (povoação) 847
 São João de Atibaia (vila) 852
 São João de Benfca (freguesia) 852
 São João de Ipanema (freguesia) 852
 São João del-Rei (colônia) 854
 São João do Rio Claro (freguesia) 857
 São José (vila) 859
 São José (vila) 860
 São José (ribeirão) 861
 São José do Barreiro (freguesia) 863
 São José dos Pinhais (freguesia) 865
 São Paulo (provincia) 880
 São Paulo (cidade) 888
 São Roque (vila) 899
 São Sebastião (vila) 900
 São Sebastião (ilha) 901
 São Simão (povoação) 903
 São Vicente (vila) 904
 São Vicente (rio ou estreito) 907
 São Vicente (ilha) 907
 Sapezal (cachoeira) 908
 Serra Negra (freguesia) 916
 Serra Negra (ribeiro) 916
 Silveiras (vila) 921
 Sítio (cachoeira) 923
 Soberbo (ribeiro) 923
 Sobradinho (povoação) 923
 Sorocaba (cidade) 924
 Sorocaba (rio) 925
 Sucuri (ribeiro) 927
 Tabajó (ribeirão) 931
 Taibaté (ribeirão) 934
 Taipu (ilha) 935
 Tamandúá (freguesia) 936
 Tambari Tiririca (cachoeira) 937
 Tambaú-Açu (cachoeira) 937
 Tambaú-Mirim (cachoeira) 937
 Taó (monte) 938
 Tararé (praia) 946
 Tatuí (vila) 947
 Tatuú (freguesia) 947
 Tauá (freguesia) 948
 Taubaté (cidade) 948
 Tereré (ribeiro) 951
 Tibagi (povoação) 953
 Tibagi (ribeirão) 953
 Tibaia (vila) 953
 Tibaia (ribeirão) 953
 Tietê (rio) 953
 Tindigura (povoação) 955
 Tiquira ou Itiqueira (ribeiro) 957
 Tiririca (cachoeira) 957
 Toá (fazenda nacional) 958
 Toledo (freguesia) 962
 Toque Toque (ilhota) 962
 Toque Toque (canal) 962
 Tremembé (povoação) 965
 Três Irmãos (cachoeira) 966
 Tuá (ribeirão) 969
 Tumiará (território) 970
 Ubaí (rio) 977
 Ubatuba (vila) 977
 Ubatuba (baía) 978
 Una (freguesia) 981
 Una (rio) 981
 Utupanema (cachoeira) 986
 Utupeba (cachoeira) 986
 Vamicanga (cachoeira) 989
 Varadouro (rio) 990
 Varge (ribeirão) 990
 Venda Grande (lugarejo) 994
 Verde (rio) 995
 Vila Bela da Princesa (vila) 1000
 Vila da Constituição (vila) 1000
 Vila do Príncipe (vila) 1003
 Vila Franca do Imperador (vila) 1004
 Vilanova de São Luiz (vila) 1008
 Vitória (ilha) 1013
 Yapó (ribeiro) 1017

Provincia de São Pedro do Rio Grande

Aguará (rio) 52
 Albardão (montanha) 59
 Albutuí (rio) 59
 Alegrete (vila) 63
 Anjos (aldeia) 82
 Antas (rio) 83
 Arapeí (rio) 92
 Araranguá (rio) 93
 Aricá (rio) 94
 Arroio (freguesia) 102
 Arroio Grande (freguesia) 103
 Atalaia (torre) 105
 Bagé (freguesia) 108
 Barrancas (angra) 132
 Barros (lago) 133
 Batovi ou Batuvi (lugar) 134

- Bojuru (povoação) 146
 Boqueirão (freguesia) 151
 Butucarai (rio) 165
 Butucari (tribo de Índios) 166
 Cabeceira do Rio Negro (povoação) 168
 Caçapaba (vila) 172
 Cachoeira (vila) 173
 Cai (rio) 178
 Cañuba (lagoa) 182
 Camacua (freguesia) 185
 Camacua (rio) 185
 Candiote (povoação) 204
 Canguçu (vila) 204
 Canguçu (ribeiro) 204
 Capão Bonito (povoação) 208
 Capibari (rio) 210
 Capibari (lago) 210
 Capibari (ribeiro) 210
 Caraguatai (ribeiro) 213
 Castelhanos (baía) 222
 Castilhos Grandes (rochedos) 222
 Caúvas (povoação) 226
 Caziiquei (ribeiro) 228
 Cerro da Bucna (freguesia) 232
 Cerro da Vigia (montanha) 232
 Cerro do Roque (montanha) 232
 Cerro Irajassé (montanha) 232
 Cerro Largo (montanha) 232
 Cerro Pelado (montanha) 232
 Cerro Pelado da Encruzilhada (montanha) 232
 Chamusca (povoação) 233
 Charruas (nação de Índios) 235
 Chasqueiro (ribeiro) 235
 Chechui ou Chichui (rio) 236
 Chui (rio) 237
 Chui (ribeiro) 237
 Churiebi (ribeiro) 237
 Coiacui ou Cojacui (rio) 240
 Conceição do Estreito 247
 Contrato (arraial, passo) 251
 Conventos (rochedo) 251
 Correntes (ribeiros) 254
 Coxilha de Santana (montanha) 257
 Cruz Alta (povoação) 262
 Dom Marcos (ribeiro) 284
 Dorés (povoação) 285
 Encruzilhada (freguesia) 289
 Espanto (povoação) 292
 Espírito Santo (forte) 297
 Espírito Santo da Cruz Alta (vila) 297
 Estrada Nova (lugarajo) 298
 Estreito (povoação) 298
 Faxinal (lugarajo) 302
 Forquilha (lugarajo) 309
 Forquilha (porto) 309
 Gravatai (ribeirão) 337
 Guaneí (rio) 343
 Guarda Velha (registro) 350
 Guarulhos (lugarajo) 351
 Herval (freguesia) 356
 Herval (serra) 356
 Iapó Guaçu (campos) 358
 Ibicui (rio) 358
 Ibicui-Mirim (ribeiros) 358
 Ibirapuita (rio) 358
 Icabacua (ribeiro) 360
 Icabacua (rio) 360
 Igatimi (rio) 363
 Iguaraí-Açu (rio) 367
 Ijuí (rio) 367
 Ilha do Rio do Sino (freguesia) 368
 Irapua (ribeiro) 380
 Iroi (ribeiro) 381
 Issaica (ribeiro) 381
 Itabatingai (ribeiro) 382
 Itaipaba das Flores (povoação) 387
 Itapeva (sítio) 396
 Itapuá (povoação) 399
 Itaquí (povoação) 400
 Jacaioibi (ribeiro) 404
 Jacuari (ribeiro) 408
 Jacui (rio) 408
 Jaguarí ou Jacuari (ribeirão) 408
 Jarão (serra) 418
 Jariguá (fazenda) 419
 Lagoa da Serra (lagoa) 433
 Lagoa de Cajubá (lagoa) 433
 Lagoa de Mostardas (lagoa) 433
 Lombas (freguesia) 444
 Mampituba (rio) 461
 Mangueira (lagoa) 466
 Maria Pinto (serro) 480
 Marinheiros (ilha) 481
 Mata Castelhana (mata) 485
 Mateus Simões (serro) 488
 Mato Castelhana (lugarajo) 488
 Mirim (lagoa) 517
 Missões (comarca) 520
 Mochera (forte) 523
 Monte Alegre (serro) 528
 Monte Grande (monte) 528
 Mostardas (freguesia) 537
 Mostardas (lagoa) 538
 Nandui (ribeira) 557
 Navarro (monte) 559
 Nossa Senhora da Conceição (aldeia) 569
 Nossa Senhora da Conceição do Estreito (povoação) 569
 Nossa Senhora do Oliveira (freguesia) 571
 Nossa Senhora dos Anjos (aldeia) 571
 Oliveira (freguesia) 582
 Palmares Rio dos (ribeira) 595
 Palmas (ribeiro) 595
 Paratinim ou Piratini (rio) 629
 Pardo (rio) 632

- Pareci (ribeiro) 632
 Passo de Perdiz (passagem) 638
 Passo de Perdiz (passagem) 638
 Passo do Contrato (povoação) 638
 Passo do Couto (povoação) 638
 Passo dos Cordeiros (lugarajo e vau) 638
 Passo Fundo (vau) 638
 Patos (lagoa) 641
 Patrulha (Santo Antônio da) (vila) 642
 Pedras Altas (lugarajo) 649
 Pedras Mosteiro ou Conventos (serro) 650
 Peixe (lagoa) 650
 Pelotas (cidade) 651
 Pelotas (rio) 652
 Pelotas (ribeiro) 652
 Pernambuco (praia) 663
 Petim (ribeiro) 664
 Piquiri (ribeiro) 680
 Pirai (povoação) 683
 Pirai-Mirim (ribeiro) 683
 Piratini (rio) 687
 Piratinim (vila) 687
 Piratinim (serra) 687
 Piratinim (rio) 687
 Ponche Verde (lagoa, ribeiro) 695
 Portão (lugarajo) 699
 Porto Alegre (cidade) 700
 Pouso Novo (povoação) 712
 Praia das Torres (praia) 714
 Praia de Pernambuco (praia) 714
 Praia do Estreito (praia) 714
 Quaraim (povoação) 721
 Quaraim (ribeira) 721
 Ratos Rio dos (ribeiro) 729
 Rincão (fazenda) 739
 Rincão de São Vicente (sítio) 739
 Rio do Sino (freguesia) 762
 Rio Grande (cidade) 762
 Rio Grande (canal) 764
 Rio Grande do Sul (província) 767
 Rio Pardo (vila) 768
 Rolante (ribeiro) 772
 Salso (ribeiro) 780
 Saltinho (lugarajo) 780
 Santana (freguesia) 783
 Santana das Lombas (povoação) 786
 Santana do Livramento (povoação) 787
 Santana do Rio do Sino (freguesia) 788
 Santa Bárbara (freguesia) 789
 Santa Bárbara (ribeiro) 789
 Santa Maria (povoação) 805
 Santa Maria (rio) 806
 Santa Tecla (povoação) 811
 Santa Teresa (povoação, forte) 811
 Santa Vitória (registo) 811
 Santa Vitória (povoação) 811
 Santo Amaro (vila) 812
 Santo Ângelo (aldeia) 815
 Santo Antônio (lugarajo) 818
 Santo Antônio da Patrulha (vila) 821
 São Borja (missão) 829
 São Diogo (povoação) 831
 São Francisco de Borja (missão) 840
 São Francisco de Paula (freguesia) 840
 São Francisco de Paula de Serra Acima (povoação) 840
 São Gabriel (povoação) 841
 São Gonçalo (canal) 843
 São João (aldeia) 846
 São João (povoação) 847
 São João Batista (aldeia) 848
 São José de Tebicuari (povoação) 863
 São José do Norte (vila) 864
 São Leopoldo (vila) 866
 São Luiz das Missões (aldeia) 871
 São Martinho (povoação) 872
 São Martinho (serra) 872
 São Miguel (aldeia) 876
 São Miguel (povoação) 878
 São Nicolau (aldeia) 879
 São Nicolau (aldeia) 880
 São Pedro (vila) 889
 São Pedro do Rio Grande (província) 893
 São Rafael (ribeiro) 898
 Sapucaia (lugarajo) 909
 Serra da Buena (freguesia) 915
 Serra Geral (serrania) 916
 Serrito ou Jaguarão (vila) 917
 Sino (rio) 922
 Tabatingui (ribeirão) 931
 Tacoari, Tacuari ou Taquari (povoação) 933
 Taim (freguesia) 934
 Tainhas (ribeiro) 934
 Tapes (serra) 942
 Taquembó (ribeiro) 945
 Taquari ou Tebicuari (rio) 946
 Taquari (ribeiro) 946
 Taquari-Mirim (ribeirão) 946
 Tebicuari (povoação) 949
 Tebicuari ou Tibicuari (rio) 948
 Tibicuari ou Tebicuari (rio) 953
 Toropi (rio) 962
 Tramandaí (rio) 946
 Três Forquilhas 966
 Triunfo (vila) 968
 Vacai (rio) 987
 Vacaria (outeiros) 987
 Viamão (freguesia) 996
 Viamão (lagoa) 997
 Vilanova de São João da Cachoeira (vila) 1008
 Xafalote (monte) 1015

Província de Sergipe

- Aracaju (aldeia) 88
Areias (povoação) 97
Boa Vista (montanha) 144
Campo do Crioulo (campina) 194
Campos de Itabaiana (vila) 200
Campos do Rio Real (freguesia) 200
Capela (vila) 209
Capimaçu (povoação) 210
Catete (povoação) 224
Coqueiros (povoação) 252
Cotindiba ou Cotinguiba (rio) 256
Cotinguiba (rio) 257
Curralinho (serra) 272
Divina Pastora (vila) 281
Enforcados (povoação) 289
Espírito Santo (freguesia) 296
Estância (vila) 297
Folha (povoação) 306
Ganhamoroba (ribeiro) 316
Geru (aldeia) 319
Irapirang (rio) 380
Itabaiana (serra) 381
Itabaiana (vila) 381
Itabaianinha (vila) 382
Itaparoa (montanhas) 394
Itaparoa (vila) 394
Jacaracica (ribeiro) 405
Jacaré (ribeiro) 405
Jacaré (serra) 405
Jacoracica (ribeiro) 407
Japarutuba (aldeia) 416
Japarutuba (ribeirão) 417
Japarutuba ou Pacatuba (serra) 417
Jesus Maria José (freguesia) 424
Lagarto (vila) 431
Laranjeiras (vila) 438
Manguinha (ponta de terra) 466
Miaba (serra) 504
Missões (aldeias) 523
Moruim (vila) 536
Negra (serra) 562
Oiteiro de Santa Isabel (praia) 580
Ouro [Ilha do] (ilhota) 586
Pacatuba (aldeia) 590
Paramopama (ribeirão) 621
Paulo Afonso (salto) 643
Pé do Banco [São Gonçalo do] (freguesia) 645
Piagui (vila) 665
Piauí (rio) 670
Ponchim (ribeiro) 695
Porto da Folha (vila) 704
Porto das Redes (povoação e porto) 705
Poxim (ribeirão) 713
Propiá (vila) 718
Purificação de Japarutuba (freguesia) 719
Quinguinda (serra) 725
Rcal (rio) 729
Rio Real (vila) 769
Rosário (povoação) 772
Rosário (vila) 773
Saguim (ribeiro) 776
Sanguim (ribeiro) 781
Santa Luzia (vila) 803
Santo Amaro (vila) 813
Santo Antônio de Vilanova do Rio de São Francisco (vila) 823
São Bento de Monte Gordo (freguesia) 828
São Cristóvão (cidade e capital) 830
São Felis (aldeia) 834
São Francisco (rio) 837
São Gonçalo do Pé do Banco (freguesia) 845
São Joaquim de Laranjeiras (vila) 858
São José (povoação) 861
São Pedro (povoação) 890
São Pedro da Folha (povoação) 891
Sergipe (província) 911
Sergipe (rio) 913
Sergipe del-Rei (cidade e capital) 914
Siriri (ribeiro) 923
Socorro (vila) 923
Tabanga (serra) 931
Taiabana (freguesia) 934
Tiririca (lagoa) 957
Tomar (povoação) 962
Três Irmãos (serra) 966
Tupinambás (nação) 971
Urubu do Baixo (povoação) 983
Vaza Barris (rio) 992
Vilanova de Santo Antônio (vila) 1008
Vitória (povoação) 1013
Xingó (ribeiro) 1015

Índice Antroponímico

- ABATIRAS 799, 802, 814
 ABORIM, Mateus da Costa 750
 ABREU, Antônio Fernandes de 841
 ABREU, Domingos Gonçalves de 628
 ACKERMAN 20, 39
 ADORNO, Antônio Dias 48, 506, 918
 AFONSO VI 425, 581, 614, 628, 831, 882, 883, 906
 AFONSO, João Serqueira 696
 AFONSO, Martim, *ver* SOUZA, Martim Afonso de
 AFONSO, Martim, o moço 339
 AGUIAR, Antônio Barbosa de 948
 AGUIAR, Melânia Silva de 18
 AGUIAR, Sebastião Pereira de 508
 ALLAUD, João Pedro 15, 18, 19, 23, 35, 37, 40, 42, 555
 AIRES, Domingos José 138
 AIRES, Garcia 481
 ALA, Manoel Xavier 114
 ALARCÃO, José Barros de, *ver* ALARCÃO, José de Barros de
 ALARCÃO, José de Barros de 724, 750, 910
 ALBUQUERQUE, Aires de Saldanha, *ver* NORONHA, Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Matos e
 ALBUQUERQUE, Álvaro da Silveira de 746
 ALBUQUERQUE, Antônio de Melo e 262, 309
 ALBUQUERQUE, Antônio de, *ver* CARVALHO, Antônio de Albuquerque Coelho de
 ALBUQUERQUE, Antônio Francisco de Paula de Holanda Cavalcante de 41
 ALBUQUERQUE, Frágoso de 136, 601
 ALBUQUERQUE, Francisco de 190
 ALBUQUERQUE, Jerônimo de, *ver* ALBUQUERQUE, Jerônimo Frágoso de
 ALBUQUERQUE, Jerônimo Frágoso de 601, 971
 ALBUQUERQUE, João de 265, 493
 ALBUQUERQUE, João Queima de 342
 ALBUQUERQUE, João Vieira Tovar de 184, 792, 794
 ALBUQUERQUE, Lourenço Cavalcante de 111
 ALBUQUERQUE, Luiz de 220, 265, 493
 ALBUQUERQUE, Manoel de 648
 ALBUQUERQUE, Martinho de Souza e 579
 ALBUQUERQUE, Maíias de 111, 657, 971
 ALBUQUERQUE, Pedro de 111
 ALCATARADO, João Guedes 321
 ALEGRETE, marquês de, *ver* SILVA, Luiz Teles da, marquês de Alegrete
 ALENCASTRO, Fernando Martins Mascarenhas de 508, 658, 746
 ALENCASTRO, Francisco Naper de 746
 ALFARO (padre) 521
 ALMADA, Lourenço de 113
 ALMADA, Manoel de Souza de 405
 ALMADA, Manoel de Souza e 750
 ALMEIDA, Antônio 309
 ALMEIDA, Batista Caetano de 41
 ALMEIDA, Cândido Mendes de 24
 ALMEIDA, João Rodrigues Pereira de, barão de Ubá 977
 ALMEIDA, Lourenço de 278, 509, 588, 659
 ALMEIDA, Luiz de 1005
 ALMEIDA, Luiz de Brito e 110, 505
 ALMEIDA, Luiz José de 910
 ALMEIDA, Miguel de 506
 ALMEIDA, Pedro de 658, 689, 884
 ALMEIDA, Pedro de, conde do Assumar 509
 ALMEIDA, Ricardo Franco de 574
 ALPOIM, José Fernandes Pinto 748
 ALVARENGA, Tomé Correia de 745, 757
 ÁLVARES, Antônio, *ver* CUNHA, Antônio Álvares da 714
 ÁLVARES, Fernando 868
 ALVES, Gerardo Antônio 42
 ALVIM, M. Souza de Melo e 794
 ALVINO, Gonçalo Xavier de Barros e 114
 AMARAL, Antônio da Silva 493
 AMARAL, Cláudio Gurgel de 320
 AMÉLIA, princesa 161
 ANCHIETA, *ver* ANCHIETA, José de
 ANCHIETA, José de 20, 139, 202, 215, 244, 347, 699, 874, 938, 1005
 ANDRADE, Fernando Álvares de 471
 ANDRADE, Francisco Claudio Alvares de 41
 ANDRADE, Gomes Freire de, conde de Bobadela 136, 199, 243, 279, 325, 474, 509, 588, 603, 689, 747, 748, 757, 763, 869, 884, 885
 ANDRADE, José Antônio Freire de 748
 ANDRADE, José Carvalho de 114
 ANDRADE, José Egidio Álvares de 813
 ANDREA, *ver* ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de
 ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de 46, 227, 503, 538, 794, 860
 ANDRÉA, Soares, *ver* ANDRÉA, Francisco José de Souza Soares de
 ANHANGÜERA, *ver* SILVA, Bartolomeu Bueno da
 ANJOS, Gregório dos 474, 868
 ANTÔNIO, João 646
 ARANHA, Francisco Xavier 661
 ARARIBÓIA (chefe indígena) 866
 ARAÚJO, Francisco Gil de 294, 347
 ARAÚJO, José Dias de 363
 ARAÚJO, José Maria de 661
 ARAÚJO, José de Sousa Azevedo Pizarro e 51, 734, 762
 ARAÚJO, Manoel de 405
 ARAÚJO, Manoel do Monte Rodrigues de 751
 ARAÚJO, Manoel Rodrigues de 559
 ARAÚJO, Pascoal Pais de 603
 ARCOS, conde dos, *ver* BRITO, Marcos de Noronha e, conde dos Arcos
 ARROWSMITH, John 30
 ARZÃO, Antônio Rodrigues 506, 918
 ASSECA, visconde de, Diogo Correia de Sá 198, 199
 ASSUMAR, conde de, *ver* PORTUGAL, Pedro de Almeida, conde de Assumar
 ATAÍDE, Jerônimo de, conde de Atouguia 112
 ATAÍDE, Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e 113
 AVELAR, Antônio Luiz 564

- ÁVILA, Garcia de 962
 AYRES DE CAZAL, Manuel 19, 24, 30
 AZAMBUJA, conde de, *ver* TAVARES, Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja
 AZAMBUJA, Diogo de 858
 AZEVEDO, Antônio Bueno de 804
 AZEVEDO, Francisco de 602
 AZEVEDO, Hilário de Souza de 603
 AZEVEDO, João da Cunha 106
 AZEVEDO, João de Araújo e 113
 AZEVEDO, João de Souza 98, 928
 AZEVEDO, João de Souza de 453, 491
 AZEVEDO, João de Souza e 940
 AZEVEDO, João Velho de 627
 AZEVEDO, José Marcelino de 997
 AZEVEDO, Paulo Cesar de 17
 BALAJA, João Gomes 185
 BALDIM, Nicolau 929
 BALTAZAR (cabo) 971
 BANDEIRA, Rafael Pinto 894
 BANHUOLA, conde de 703
 BARATA, João Henrique 956
 BARBALHO, Agostinho 402, 745
 BARBALHO, Augusto 506
 BARBOSA, Antônio Trifão 936
 BARBOSA, Frutuoso 611, 614
 BARBOSA, Waldemar de Almeida 26
 BARCELOS (família) 199, 211
 BARCELOS, Anselmo Ferreira de 312
 BARCELOS, José de 583
 BARREIRO, Antônio Muniz 473
 BARRETO, Inácio do Rego 602
 BARRETO, Luiz do Rego 136, 660
 BARRETO, Manoel Teles 110
 BARRETO, Mendo de Sá 62, 110, 183, 263, 293, 360, 385, 393, 610, 627, 688, 728, 743, 744, 750, 753, 800, 801, 815, 822, 858, 866, 888, 938, 984, 1010
 BARRETO, Pedro Velho 198
 BARRETO, Roque da Costa 112
 BARRETO, Tomás Robim de Barros 113
 BARROS (irmãos) 265, 633, 841
 BARROS, Antônio de Magalhães 504
 BARROS, Antônio Magalhães de 90
 BARROS, Artur de 490
 BARROS, Cristóvão de 110, 744, 830, 912
 BARROS, Fernando Pais de 490, 495
 BARROS, João de 471, 764, 868
 BARROS, Luiz do Rego 602
 BARTIRA (índia) 815
 BASTO, Antônio de Oliveira 796
 BASTOS, Antônio de São José 661
 BASTOS, Antônio de Souza 958, 963, 964
 BAZET (médico) 575
 BEAUCHAMP, Alphonse 33
 BEAUHARNAIS, Eugênio 161
 BEAUREPAIRE, conde 41
 BECKMAN, Manuel 136, 474, 603, 869
 BEIRA, princesa da 191, 511
 BELMONTE, Fernando Cabral de 660
 BELMONTE, Fernão Cabral de 658
 BENAVIDES, Salvador Correia de Sá e 197, 624, 628, 744, 745, 883, 978
 BENEDITO XIII 661
 BENEDITO XIV 491, 661
 BEZERRA, Agostinho Barbalho 745
 BEZERRA, João Paulo 386
 BEZERRA, José Vicente de Amorim 994
 BEZERRA, Luiz Barbalho 111, 744
 BISCUIDO, Manoel de Campos 521
 BIXORDA, Jorge Lopes 657
 BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento 18, 19, 20
 BOCARRO, José Inácio de Brito 114
 BOHOM, João Henrique 893, 894
 BOMBILLE (francês) 228
 BONAPARTE, Luciano 579
 BONAPARTE, Napoleão 18, 19
 BORBA GATO, *ver* BORBA GATO, Manoel
 BORBA GATO, Manoel 127, 390, 506, 507, 774, 1014
 BOURBONS (família) 978
 BORGES, José Inácio 765, 766
 BORGES, Maria Eliza Linhares 24
 BOTELHO, Álvaro Xavier, conde de São Miguel 325, 331
 BOTELHO, Bento Dias 908
 BOTELHO, Diogo 110
 BOTELHO, Luiz Antônio de Souza, *ver* MOURÃO, Luiz Antônio de Souza Botelho
 BOTELHO, Simão 299
 BRAGANÇA (família) 159, 214
 BRAGANÇA, duque de 111, 156, 158, 229, 461, 602, 730, 744, 882
 BRAGANÇA, Sebastião Rodrigues 796
 BRANCO, Ambrósio Caldeira 508
 BRANT, Filisberto Caldeira 325
 BRANT, Joaquim Caldeira 325
 BRÁS, Afonso 61, 62, 245, 293, 347
 BREDERODE, Antônio Filipe Soares de Andrade 192, 1009
 BRITO, Assunção e (frei) 661
 BRITO, Domingos Peixoto de 435
 BRITO, Luiz Antônio Lemos de 612
 BRITO, Marcos de Noronha e, conde dos Arcos 48, 113, 114, 120, 286, 325, 331, 606, 645, 659, 660, 749, 754, 834
 BRUÉ, A. H. 33
 BUCHON, J. A. 33
 BUENO (descobridor) 275
 BUENO, Amador 508
 BUENO, Bartolomeu, *ver* SILVA, Bartolomeu Bueno da
 BUENO, José Antônio Pimenta 779
 BUENO, Pedro 395
 BULHÕES, Francisco Soares de 740
 BULHÕES, Inácio de 600
 CABACABARI, Alexandre de Souza 436
 CABOTO, Sebastião 905
 CABRAL, Pascoal Moreira 264, 265, 274, 309, 488, 489, 842
 CABRAL, Pedro Álvares 18, 108, 109, 158, 172, 635, 656, 657,

708, 812, 972

CABUQUENA, José de Menezes 531
CACERES, João de Albuquerque de Melo Pereira e 342, 722
CACERES, Luiz de Albuquerque Melo Pereira e 492, 717
CACERES, Luiz de Albuquerque Pereira e 59, 517, 574, 691,
1004, 1012
CAETANO, Aleixo Maria 791
CAÍ UBI (chefe indígena) 888
CALABAR 703
CALDAS, Sebastião de Castro e 658, 746
CALDEIRA, Francisco 135, 136, 292, 600, 601, 971
CALHAMARES (paulista) 82
CAMACHO, Cordovil 602
CÂMARA CASCUDO 26
CÂMARA, Francisco Antônio da Veiga Cabral da 791
CÂMARA, João Pedro da 492
CÂMARA, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da 894
CAMARÃO (indígena) 112, 188, 229, 472, 711, 765, 999
CAMARÃO, Antônio Filipe 321, 367, 657
CAMARGO, Amador Bueno da Ribeira 882
CAMARGOS, Tomás Lopes de 188, 587, 589
CAMBRASCA, Victório 835
CAMINHA, Antônio de 320
CAMPOS, Antônio Pires de 154, 264, 265, 273, 351, 488, 671,
742, 781
CAMPOS, Diogo de 472
CANABARRO (general) 897
CANTUÁRIA, João Tomás de 533
CÃO, Dias Martim 506
CÃO, Diogo Martins 48
CARAMURU, *ver* CORREIA, Diogo Álvares
CARDOSO (povoador) 208
CARDOSO, Francisco Pinto 704
CARDOSO, Januário 507, 531, 532, 777, 898, 899
CARDOSO, João de Barros 111
CARDOSO, Mateus 507, 531
CARDOSO, Salvador 507
CARLOS I 657
CARLOTA, princesa 217
CARNEIRO, Baltazar Caetano 395
CARNEIRO, Francisco Luiz 624
CARNEIRO, Francisco Luiz, conde da Ilha do Príncipe 836
CARNEIROS (família) 514
CARVALHO, Albuquerque Coelho de 603
CARVALHO, Antônio Albuquerque Coelho de 177, 474, 479
CARVALHO, Antônio de Albuquerque Coelho de 508, 509,
587, 746, 774, 883
CARVALHO, Francisco Coelho de 354, 473, 601, 602
CARVALHO, Francisco de Paula Magessi Tavares de 493
CARVALHO, Francisco Ferreira de 376
CARVALHO, João Antônio Rodrigo de 792
CARVALHO, José de Almeida de Vasconcelos de Sobral e 331,
420, 537, 959
CARVALHO, José de Almeida de Vasconcelos Sobral e 122,
213, 326
CARVALHO, José de Almeida de Vasconcelos Soveral e 573
CARVALHO, José Henrique de 612

CARVALHO, José Januário de 693
CARVALHO, Manoel Rodrigo de 490
CARVALHO, Manoel da Cunha de 79, 407
CASCAIS, marquês de, *ver* SOUZA, Álvaro de Castro e, marquês
de Cascais
CASTELI, Tomás de 645
CASTELNAU, *ver* LA FORCE, François Louis Nomp, par de Cau-
mont, conde de Castelnau
CASTELO BRANCO, Antônio Ferrão de 611
CASTELO BRANCO, Francisco Caldeira de 473, 959
CASTELO BRANCO, José de, conde da Figueira 894
CASTELO BRANCO, José Joaquim Justiniano Mascarenhas 750
CASTELO BRANCO, João Alberto de 748
CASTELO BRANCO, Manoel de Almeida 747
CASTELO BRANCO, Miguel Antônio de Noronha Abranches 629
CASTELO BRANCO, Rodrigo de 506, 507
CASTELO, Simão de 293
CASTILHO, Fernando Delgado Freire de 91, 327, 612, 767, 805
CASTILHO, João 197, 904
CASTILHOS, Delgado Freire de 706
CASTREJON, Francisco 611
CASTRO, Afonso Miguel de Portugal e, marquês de Valença e de
Vimioso 114
CASTRO, Aires de Souza e 658
CASTRO, Álvares Soares de 665
CASTRO, Álvaro Pires de 906
CASTRO, André de Melo e, conde das Galveias 113, 509
CASTRO, Antônio de, conde de Resende 369
CASTRO, Caetano de Melo de 658
CASTRO, César Augusto 19
CASTRO, condessa de 858
CASTRO, Estevão de 491, 782
CASTRO, Fernando José de Portugal e 114
CASTRO, Francisco Feliz de 921
CASTRO, José Luiz de, conde de Resende 735, 749, 754, 757, 802
CASTRO, Luiz de, conde de Monsanto 389, 392, 401, 427, 625,
883, 906
CASTRO, Manoel de Portugal e 511
CASTRO, Rodrigo José de Menezes e 68, 102, 114, 266, 359,
510, 715, 808, 818, 825
CAVALCANTE (minerador) 226
CAVALCANTE, Holanda, *ver* ALBUQUERQUE, Antônio
Francisco de Paula de Holanda Cavalcante de
CAVENDISH, Thomas 905
CENTIO (almirante) 765
CEULIE (almirante) 733
CHATEAUBRIAND 19
CHAVES, Pedro Rodrigues Fernandes 650
CHAVES, Duarte Teixeira 745
CHAVES, Faustino Pires 847
CHICHORRO, Aires de Souza 602
CIALLI, Antônio 20, 434
CIRNE, Álvares Pereira Ribcero 162
CIRNE, André Álvares Ribeiro 612
CLAUSSEN, Pedro 20, 502
COELHO, Antônio de Albuquerque, *ver* CARVALHO, Antônio de
Albuquerque Coelho de

- COELHO, Custódio 375
 COELHO, José da Gama Lobo 791, 792
 COELHO, Manoel Nunes da Silva 464
 COIMBRA, Manoel Soares 791
 COLAÇO (ouvidor) 659
 COLOMBO, Cristóvão 69
 CONSTÂNCIO, Francisco Solano 18
 COOPER, James Fenimore 19
 CORDOVID, Antônio da Silva 175, 530, 809
 CORNELES, João 473
 CORREIA, Antônio 114
 CORREIA, Diogo Álvares 109, 393,
 CORREIA, Domingos Marques 956
 CORREIA, Duarte 197, 904
 CORREIA, Feliciano 602
 CORREIA, Jorge de Figueiredo 369, 858, 957
 CORREIA, Lourenço de Brito 111
 CORREIA, Manoel 20, 323, 488
 CORREIA, Pedro 202
 COSTA, André da 938
 COSTA, Angela Marques da 17
 COSTA, Dionísio da 349
 COSTA, Domingos Gomes da 441
 COSTA, Duarte da 110, 881
 COSTA, João da 750
 COSTA, João Gonçalves da 1012
 COSTA, Joaquim Ribeiro da 894
 COSTA, Manoel Álvares da 661
 COSTA, Marçal Nunes da 602
 COSTA, Pancrácio Cristóvão da 578
 COSTA, Raimundo Gonçalves da 820, 1012
 COSTA, Rodrigo da 113
 COUTINHO, Antônio Luiz Gonçalves da Câmara 113, 186,
 293, 412, 582, 658, 926
 COUTINHO, Azevedo (bispo) 660
 COUTINHO, Bento Amaral 507
 COUTINHO, Fernando de Souza 658
 COUTINHO, Francisco de Souza 91, 109, 959
 COUTINHO, Francisco Pereira 109, 117, 393
 COUTINHO, José Caetano de Souza 750
 COUTINHO, José da Silva 1008
 COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azevedo 661
 COUTINHO, José Nicolau de Azevedo, *ver* GENTIL, José
 Nicolau de Azevedo Coutinho
 COUTINHO, Marcos de Azevedo 48, 506, 1014
 COUTINHO, Teodora de Melo 147
 COUTINHO, Vasco Fernandes 197, 293, 296, 903
 COUTINHO, Vasco Fernando, *ver* COUTINHO, Vasco Fernandes
 CRISTIANES, Francisco Mateus 369
 CRUZ, Constantino da 78
 CRUZ, Domingos Álvares da 342, 440
 CRUZ, João da 750
 CRUZ, José Rodrigues da 988
 CRUZ, Manoel da 479
 CUBAS, Brás 523, 826, 905
 CUNHA (brigadeiro) 811
 CUNHA (padre) 70, 577
 CUNHA, Aires da 471, 868
 CUNHA, Antônio Álvares da, conde da Cunha 206, 243, 694,
 714, 748, 754, 789, 885
 CUNHA, Antônio Álvaro da, *ver* CUNHA, Antônio Álvares da,
 conde da Cunha
 CUNHA, Antônio Luiz da 114
 CUNHA, conde da, *ver* CUNHA, Antônio Álvares da, conde da
 Cunha
 CUNHA, Francisco Carvalho da 997
 CUNHA, José Marcelino da 422
 CUNHA, José Pereira da 792
 CUNHA, Luís da 23
 CUNHA, Mareus da 745
 CUNHA, Matias da 112
 CUNHA, Tristão da, *ver* MENEZES, Tristão da Cunha
 CURADO, Joaquim Xavier 792, 875
 CURVELO, Antônio José da Silva 273
 CUZACO, André 746
 D'ANVILLE, Jean Baptiste Bourguignon 23
 D'ORBIGNY, Alcide Charles Victor Marie Dessalines 20, 39
 DARI, José João 436
 DAUN, João Carlos de Saldanha Oliveira Souza e, marquês de
 Saldanha 895
 DAVIDSON (inglês) 794
 DEL REI, Tomé Portes 853
 DEMARIA (colono) 575
 DEMERARI (comissário) 256
 DENIS, Ferdinand 20, 119
 DERRION (colono) 596
 DESTERRO, Antônio do 748, 750
 DEVAUX, Carlos 472, 868
 DIAS, Antônio 589
 DIAS, Domingos 515
 DIAS, Francisco da Silveira 345, 750, 967
 DIAS, Henrique 112, 147, 268, 337, 657, 703
 DINIZ (fazendeiro) 221
 DINIZ, Dom 19
 DINIZ, Miguel Serrão 114
 DOMINGOS, Manoel de Barcelos 194
 DOMINGOS, Miguel 402
 DONA FRANCISCA, princesa 794
 DREYS, Nicolau 844
 DUCLERC (comandante) 746
 DUMONT, Juliette 17, 18
 DUTRA, Eliana Rodrigues de Freitas 24
 EANES, Duarte Correia Vasques 480, 744, 745
 EANES, Martim Correia Vasques 745
 EÇA, Francisco Nunes Marinho de 111
 EÇA, Manoel de Souza de 601, 602
 ELIZIÁRIO, José Vicente de Paula 920
 ENAVIDI XANÉ 493
 ESCHWEGE, barão de, *ver* ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von
 ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von 20, 39, 97, 276, 723, 832, 838
 ESPÍRITO SANTO, Vicente do 327
 ESTEVÃO (povoador) 345
 EXTRATER (comandante) 697
 FAJARDO, Francisco 465, 744

FALCÃO, Antônio de Almeida 98, 803
 FALEIRO, Rui 657
 FALHEIRO, Rui 567
 FARIA, João de 587
 FARIA, José Custódio de Sá e 893
 FAVEL, Pedro da Costa 70
 FEIJÓ, Bartolomeu Bueno 507
 FEIJÓ, Diogo Antônio 22, 41, 479
 FEO, Luiz da Mata 229
 FERNANDES, Baltazar 869
 FERNANDES, Florstan 26
 FERNANDES, Pascoal 826
 FERNANDO, Pascoal 339, 340
 FERNANDO VI 420
 FERRÃO, Pedro Gomes 115
 FERRAZ, José Araújo 138
 FERREIRA, Alexandre Rodrigues 338
 FERREIRA, Francisco Frutuoso 42
 FERREIRA, Joaquim 453, 491
 FERREIRA, Jorge 339, 881, 905
 FERREIRA, Manoel de Souza 217
 FERREIRA, Martim 197
 FERREIRA, Paulo Joaquim José 342
 FIALHO, João de Faria 589
 FIALHO, José 661
 FIDIÊ, João José da Cunha 228, 634, 668, 932
 FIGUEIRA, Luiz 228
 FIGUEIREDO, Conrado José de Lorena 177
 FIGUEIREDO, Estevão Briosso de 660
 FIGUEIREDO, Jorge de 109
 FIGUEIREDO, José Marcelino de 173, 174, 537, 571, 700, 783, 813, 880, 893, 894
 FIGUEIREDO, Manuel Bernardino de Souza e 41
 FIGUEIREDO, Patrício Manoel de 790
 FIGUEIROA, Joaquim Borges de 114, 479
 FILIPE II 110, 158, 169, 472, 557, 611, 614, 744, 764, 912
 FILIPE III 473
 FILIPE IV 111, 156, 158
 FILISBERTO (contratador) 325
 FLORIDO (missionário) 645
 FONSECA, Antônio Borges da 611
 FONSECA, Antônio José Vitorino Borja da 229
 FONSECA, Firmino de Magalhães Siqueira da 114
 FONSECA, Joaquim Rebelo da 612
 FONSECA, Jorge Fernandes de 628
 FONSECA, Manoel de Freitas da 747
 FONSECA, Vicente 369
 FOURIER, Carlos 777
 FRAISIER (viajante) 20, 39
 FRA MAURO (cartógrafo) 30
 FRANÇA, Antônio Tomé de 940
 FRANÇA, Luiz Paulino de Oliveira Pinto da 91
 FRANCIA (governador) 609
 FRANCISCO O BARBADO 264
 FRANCO, Bernardo de Souza 284
 FREDERICK, príncipe 614
 FREEZ (educador) 575

FREIRE, Alexandre de Souza 112
 FREIRE, Brito, *ver* FREIRE, Francisco de Brito
 FREIRE, Francisco de Brito 594, 658, 665, 858, 943
 FREIRE, Souza, *ver* FREIRE, Alexandre de Souza
 FREITAS, Gaspar de 601
 FREITAS, Pedro Antônio da Gama 203
 FREITAS, Pedro Antônio da Gama e 510, 791, 796
 FRITZ, Samuel 68, 223, 287, 299, 306, 404, 430, 568, 860, 890, 931, 949, 965
 FROES, José Rodrigues 607
 FURTADO, Diogo de Mendonça 110, 111
 FURTADO, Jerônimo de Mendonça da Costa 658
 FURTADO, Júnia Ferreira 23
 FURTADO, Salvador Francisco 507
 FURTAL, Jerônimo 879
 GAGO, Pedro 345
 GAGO, Simão da Cunha 54, 55, 735
 GALVÃO, Antônio 657, 745
 GAMA, Caetano Lopes da 328
 GAMA, João da Maia 611
 GAMA, José Basílio da 877
 GAMA, Paulo José da Silva 894
 GARCIA, Aleixo 488
 GARCIA, Diogo 905
 GARCIA, José Pedro 495
 GARCIA, Manoel 382, 479
 GARCIA, Pedro Nunes 333
 GARO, Paulo Martins 603
 GATO, Manoel Borba 127, 390, 506, 507, 774, 1014
 GENTIL, José Nicolau de Azevedo Coutinho 327, 493
 GIBERTON, Miguel 703
 GIRALDES, Lucas 858
 GIRALDO, Francisco 110
 GIVRY, Alexandre 29, 30
 GODINHO, João Batista Vieira 114
 GÓIS, Damião de 657
 GÓIS, Gil 197, 904
 GÓIS, Pedro de 880, 903
 GÓIS, Pedro, *ver* SILVEIRA, Pedro Góis da
 GOMARA (historiador) 657
 GOMES, Antônio 67
 GOMES, Estevão 169
 GOMES, José 304
 GOMES, Maria do Carmo Andrade 27
 GOMES, Pedro 745
 GOMES, Raimundo 128, 138, 234, 315, 464, 519, 593
 GONÇALVES, Raimundo, *ver* COSTA, Raimundo Gonçalves da
 GONÇALVES, Antônio 289
 GONÇALVES, Bento 174
 GONÇALVES, Duarte Correia 197
 GONÇALVES, Gonçalo 842
 GONÇALVES, Jerônimo 490
 GONÇALVES, João 491
 GONÇALVES, Manoel Correia 197
 GONÇALVES, Manoel Pereira 201
 GONZÁLEZ, Francisco Pizarro 69
 GRAVATÁ, Hélio 26

GRESSIER, Charles Louis 29, 30
 GREENFELL (chefe de esquadra) 309
 GUADALUPE, Antônio da 750
 GUEDES, João 246
 GUIDOPOCRANO (chefe indígena) 467
 GUSMÃO, Alexandre de 826
 GUSMÃO, Teotônio da Silva 455, 491, 596
 HEDBERG (minerador) 852
 HENDERSON, James 20, 39
 HENRIQUE IV 472
 HENRIQUE, Rodrigues Miranda 744
 HENRIQUES, Bernardo de Miranda 658
 HERRERA (historiador) 657
 HOMEM, Francisco de Barros Moraes Araújo Teixeira 791
 HORA, Manoel José da 892
 HORTA, Antônio José da França 885
 HORTIZ, João Leite da Silva 323
 ILHA DO PRÍNCIPE, conde da, *ver* CARNEIRO, Francisco Luiz, conde da Ilha do Príncipe
 INOCÊNCIO II 660
 INOCENTES, José dos Santos 687
 ISABEL, rainha 803
 ISABEL (reclusa) 452
 JABOATÃO (padre) 404
 JACAÚNA (chefe indígena) 188, 229, 472, 557, 711, 765
 JACUANA, *ver* JACAÚNA (chefe indígena)
 JACUNÁ, *ver* JACAÚNA (chefe indígena)
 JAGUARI, barão de 606
 JAMAIN (colono) 596
 JANUÁRIA, princesa 247, 414, 416
 JAPANATUBA ou JACAÚNA 188
 JAQUES, Cristóvão 109, 117, 203, 308, 478, 592, 657, 936, 960
 JARDIM, Diogo de Jesus 661
 JARDIM, José Maria 19
 JARDIM, José Rodrigues 328
 JARDIM, Ricardo Gomes 662
 JESUS, Fr. Raphael de 18
 JOÃO III 109, 110, 117, 118, 158, 167, 197, 293, 369, 389, 471, 610, 657, 708, 764, 880, 905
 JOÃO IV 56, 58, 111, 158, 190, 276, 407, 461, 558, 581, 602, 658, 730, 744, 765, 795, 868
 JOÃO PAULO (general) 134
 JOÃO V 52, 88, 113, 115, 276, 294, 321, 339, 389, 392, 420, 434, 479, 509, 532, 578, 611, 658, 742, 746, 750, 790, 794, 796, 859, 883, 884, 889, 906, 919
 JOÃO VI 17, 43, 56, 108, 115, 116, 119, 144, 163, 176, 213, 217, 247, 258, 265, 277, 294, 295, 386, 392, 436, 448, 459, 496, 500, 574, 579, 600, 618, 706, 728, 737, 751, 754, 755, 757, 760, 792, 800, 813, 850, 856, 867, 871, 889, 894, 908, 912, 977, 1009
 JOINVILLE, príncipe de 487, 794
 JORDÃO, Manoel 558, 765
 JORGE, Domingos 577, 666
 JOSÉ, *ver* JOSÉ I
 JOSÉ I 109, 114, 115, 118, 130, 199, 342, 369, 474, 492, 495, 578, 604, 611, 612, 708, 748, 754, 858, 885, 972
 KAEPÉLIN, D. 31
 KAEPÉLIN, E. 31

KANTOR, I 31
 KARSTON (mineralogista) 794
 KATZEBUE (escritor) 19
 KELI (major) 674
 KOPK, Guilherme 993
 KOSTER, Henry 20, 39
 LA CONDAMINE 525, 577
 LA FORCE, François Louis Nomp de Caumont, conde de Castelnau 779
 LA RIVARDIÈRE, M. 472, 473, 868
 LA ROCHEFOUCAULD, duque 19
 LABATUT (general) 683
 LAEMMERT, E. 42
 LAEMMERT, H. 42
 LANCASTRO, Jaime de 581
 LANCASTRO, João de, duque de Aveiro 708, 815
 LANGSDORF, Georg Heinrich von 20, 39
 LAPIE, M. 33
 LARES, Gabriel 624, 906
 LAVRADIO, marquês de 114, 171, 672, 748, 749, 754, 782, 835, 1005
 LEAL, Manoel Gomes 988
 LEÃO, Francisco Antunes 928
 LEÃO, Julião Fernandes 877
 LEÃO, Julião Fernando 422
 LECOR, Frederico 436
 LEITÃO, João Gomes 197, 904
 LEITE, Amaro 535
 LEME, Antônio da Silva Ponte 705
 LEME, Antônio Pires da Silva Pontes 442
 LEME, Garcia Rodrigues Pais 618
 LEME, Luiz Dias 461
 LEME, Pedro Dias Pais, barão de São Marcos 618, 856
 LEMOS, Gaspar de 656, 812
 LEMOS, João 264
 LEMOS, Jorge de 473
 LEMOS, Lourenço 264
 LEMOS, Sebastião 52
 LENCASTRE, João de 215
 LENCASTRO, João de 113
 LEON, Brás Carneiro 199
 LEOPOLDINA, imperatriz 161, 866
 LÉRY, Jean de 40
 LIMA, Araújo, *ver* LIMA, Pedro de Araújo
 LIMA, Francisco de 604, 660, 869
 LIMA, Gaspar Barbosa de 453
 LIMA, João Lopes de 218, 479
 LIMA, Luiz Alves de, barão de Caxias 108, 228, 257, 376, 678, 788, 831, 897
 LIMA, Manoel de 453, 490
 LIMA, Pedro de Araújo 96
 LIMA, Tomás da Encarnação Cosme e 661
 LINEU 618
 LINHARES, conde de 442, 706
 LISBOA, Cristóvão de 87
 LISBOA, José Antônio 24
 LISBOA, Pedro de Alcântara 32

LOBATO, Matias Antônio de Souza 456
 LOBO, Bernardo da Fonseca 278, 919
 LOBO, Francisco José Raimundo Chichorro da Gama 885
 LOBO, José Clarque 114
 LOBO, José de Souza 246
 LOBO, Manoel 241, 745
 LODI, J. J. 345
 LONCK, Henrique 643
 LOPES, Jacinto Barbosa 264
 LORENA, Bernardo José de 222, 444, 511, 885
 LOUREIRO, Antônio de Marins de 849
 LOURENÇO, Agostinho 213, 342, 440, 491, 782, 878
 LUCA, Ângelo Maria de 835
 LUCA, Tania Regina 17, 18
 LUCIANO (descobridor) 82
 LUDOVICO (missionário) 304
 LUIZ XIII 472
 LUND, Peter Wilhelm 20, 39
 MACARAPÉ (chefe indígena) 500
 MACEDO, Antônio de Souza de, barão de Joanes 470, 526
 MACEDO, J. M. 24
 MACHADO, Caetano de Barcelos 724
 MACHADO, Domingos da Costa 473
 MACHADO, Domingos Pereira 875
 MACHADO, Francisco Marinho 784
 MACHADO, Inácio Barbosa 776
 MACHADO, João José de Barcelos 724
 MACHADO, José de Barcelos 313, 724
 MACHADO, Luiz de Barcelos 724
 MACHADO, Manoel José 289
 MACIEL (português) 898
 MACIEL, Bento 136, 398, 473, 561, 601, 602, 603, 635, 697, 971
 MACIEL, Gabriel Antunes 280, 281, 490
 MACIEL, Manoel Pires 777, 898, 899
 MACIEL, Pedro 136, 601, 602
 MACIEL, Victor 136
 MACIEL, Vital Parente 601, 603, 971
 MACKLAKAN, Diogo 612
 MADEIRA, Ernesto Emiliano 311
 MADRE DE DEUS, Lourenço de 212
 MADUREIRA, Inácio Elói de 893
 MAFRENSE, Domingos Afonso 93, 577, 666, 667
 MAGALHÃES, Fernando 567
 MAGALHÃES, Fernando de 657
 MAGALHÃES, Francisco José Pinto 450
 MAGALHÃES, Francisco José Pinto de 891
 MAIOR, Cunha Souto 113
 MAIOR, Francisco de Soto 745
 MALDONADO, José de Barcelos 303
 MALDONADO, Miguel Aires 197, 199, 211, 333, 723, 904
 MALTE-BRUN, C. 30, 33
 MANDU LADINO 710
 MANOEL, rei 109, 592, 656, 708, 960
 MANOEL, José de Melo 562, 790
 MANSO, Patricio da Silva 441
 MARACAIÁ-GUAÇU (chefe indígena) 62
 MARACAPÉ (chefe indígena) 678

MARANON (capitão) 69
 MARCIANA, Salvador 82
 MARD (viajante) 20, 39
 MARIA, rainha *ver* MARIA I
 MARIA I 160, 470, 480, 579, 660, 661, 676, 749, 754, 885
 MARIA, Francisco 378
 MARIANO, Inácio Xavier 289
 MARINHO, Carlos 834
 MARLIERE, *ver* MARLIÈRE, Guido Tomás
 MARLIÈRE, Guido Tomás 467, 665
 MARTINS, Domingos José 378
 MARTINS, Luciana de Lima 28
 MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von 20, 39, 43, 318, 516
 MASCARENHAS, Eça Alarcão Melo Silva e, conde de Avintes 114
 MASCARENHAS, Fernando Martim, *ver* ALENCASTRO,
 Fernando Martins Mascarenhas de
 MASCARENHAS, Fernando Martins, *ver* ALENCASTRO,
 Fernando Martins Mascarenhas de
 MASCARENHAS, Fernando, *ver* ALENCASTRO, Fernando
 Martins Mascarenhas de
 MASCARENHAS, Francisco de Assis, conde e marquês da Palma
 82, 91, 115, 145, 226, 327, 511, 780, 852, 885
 MASCARENHAS, Jorge, marquês de Montalvão 111, 158
 MASCARENHAS, José de Assis 328
 MASCARENHAS, Luiz, *ver* MASCARENHAS, Luiz de Almeida
 Portugal Soares Deça Alarcão Silva
 MASCARENHAS, Luiz de, *ver* MASCARENHAS, Luiz de
 Almeida Portugal Soares Deça Alarcão Silva
 MASCARENHAS, Luiz de Almeida Portugal Soares Deça Alarcão
 Silva 325, 559, 735, 748, 884, 885
 MASCARENHAS, Manoel de Assis 767
 MASCARENHAS, Pedro de 745
 MASCARENHAS, Vasco de, conde de Óbidos 111, 112
 MATA, Cunha, *ver* MATOS, Raimundo José da Cunha
 MATA, Francisco da 661
 MATOS, José Botelho de 113, 939
 MATOS, Raimundo da Cunha, *ver* MATOS, Raimundo José da Cunha
 MATOS, Raimundo José da Cunha 20, 41, 52, 255
 MAURÍCIO, *ver* NASSAU, Maurício de
 MAVIGNIER, José de São Jacinto 691
 MAWE, John 20, 39
 MEDEIROS, Antônio de 491
 MEL REDONDO (chefe indígena) 228, 356
 MELO BRAVO (coronel) 309
 MELO, Florêncio José Correia de 114
 MELO, Francisco Dias de 796
 MELO, João Manoel de 325, 331, 834
 MELO, José da Cunha Gram Ataíde e, conde de Pavolide 114, 659
 MELO, Matias de Figueiredo e 658, 660
 MELO, Pedro de 745
 MELO, Pedro Xavier de Ataíde e 511
 MELO, Rodrigues de 971
 MELO, Tomás José de 660
 MENDONÇA, Afonso Furtado de, *ver* MENEZES, Afonso
 Furtado de Mendonça Castro e, visconde de Barbacena
 MENDONÇA, Antônio Carlos Furtado de 510, 791, 936
 MENDONÇA, Antônio Furtado de 326

- MENDONÇA, Antônio Manoel de Melo Castro e 83, 156, 193, 706, 885
- MENDONÇA, Cristóvão de 88
- MENDONÇA, Francisco Alves de 801
- MENDONÇA, Francisco Xavier de 602
- MENDONÇA, Gaspar Barreto de 112
- MENDONÇA, João Furtado de 745
- MENDONÇA, José Zefirino Monteiro de 82
- MENDONÇA, Lopes Furtado de 765
- MENDONÇA, Lopo Furtado de 558
- MENDONÇA, Lourenço de
- MENDONÇA, Luiz Antônio Furtado de 124, 511, 723
- MENEZES, Afonso Furtado de Mendonça Castro e, visconde de Barbacena 81, 112, 506
- MENEZES, Antônio de Brito Freire de 747
- MENEZES, Antônio de Souza de 112
- MENEZES, Antônio de Souza Manoel e, conde de Vila Flor 659
- MENEZES, Antônio Luiz de Souza Telo de 112
- MENEZES, Antônio Teles de 111
- MENEZES, Artur de Sá e 506, 507, 746, 754, 822
- MENEZES, Caetano de Brito e 113
- MENEZES, Diogo de 110
- MENEZES, Francisco Barreto de 112, 657
- MENEZES, Francisco da Cunha 885
- MENEZES, Francisco da Cunha de 267
- MENEZES, Francisco da Cunha e 114
- MENEZES, Francisco de 507
- MENEZES, Francisco de Sá de 136, 603
- MENEZES, Francisco de Souza 790, 791, 830
- MENEZES, João Manoel de 91, 327, 384, 676, 959
- MENEZES, Jorge de 293
- MENEZES, José César de 659
- MENEZES, José de Nápoles Teles de 561
- MENEZES, José Luiz de, conde de Valadares 510
- MENEZES, Luiz Barba Alardo de 230
- MENEZES, Luiz César de 113, 746
- MENEZES, Luiz da Cunha 260, 331, 478, 963
- MENEZES, Luiz da Cunha de 179, 326, 511
- MENEZES, Luiz da Cunha e 675
- MENEZES, Manoel Carlos de Abreu e 493
- MENEZES, Manoel da Cunha 114
- MENEZES, Manoel da Cunha de 659
- MENEZES, Manoel da Cunha de, conde de Vila Flor 693
- MENEZES, Pedro César de 130, 136, 474, 603
- MENEZES, Rodrigo César de, *ver* SABUGOSA, Rodrigo César de Menezes
- MENEZES, Rodrigo José de, *ver* CASTRO, Rodrigo José de Menezes e
- MENEZES, Tristão da Cunha 101, 104, 219, 226, 326, 327, 537, 657, 707
- MENEZES, Tristão da Cunha de, *ver* MENEZES, Tristão da Cunha
- MENEZES, Tristão da Cunha e, *ver* MENEZES, Tristão da Cunha
- MENEZES, Vasco Fernandes César de 43, 113, 374, 397, 423, 470, 515, 714, 812
- MENEZES, Vasco Fernandes de, *ver* MENEZES, Vasco Fernandes César de
- MENEZES, Vasco Fernando César de, *ver* MENEZES, Vasco Fernandes César de
- MESQUITA, Luiz Manoel de 228
- MESQUITA, Manoel Barbosa 181
- MÉTRAUX, Alfred 26
- MEURRON (fabricante) 119
- MIRANDA, Antônio Veloso de 102, 715
- MIRANDA, João Antônio de 284, 561, 650
- MOLINA, João de Velasco 604
- MOLLIER, Jean-Yves 24
- MONIZ, João de Bittancourt 602
- MONLEVADE, Jean-Antoine Felix Dissande de 513
- MONLEVAL, *ver* MONLEVADE, Jean-Antoine Felix Dissande de
- MONSANTO, conde de, *ver* CASTRO, Luiz de, conde de Monsanto
- MONSERRATE, José de 492
- MONTALVÃO, marquês de, *ver* MASCARENHAS, Jorge, marquês de Montalvão
- MONTAURI, João Batista de Azevedo Coutinho 229
- MONTE BELO, marquês de 658
- MONTEIRO, Domingos Rodrigues da Silva 507, 535
- MONTEIRO, Francisco Dias Velho 276, 435, 795
- MONTEIRO, João Domingos 998
- MONTEIRO, José Xavier Machado 702
- MONTEIRO, Lourenço 113
- MONTEIRO, Luiz Vaia 198, 747
- MONTENEGRO, Caetano Pinto de Miranda 493, 517, 660
- MONTENEGRO, Caetano Pinto de, *ver* MONTENEGRO, Caetano Pinto de Miranda
- MONTOIA (padre) 521
- MORAIS, Francisco 391, 392
- MORAIS, Francisco de Castro 746
- MORAIS, Francisco de Castro de 658
- MORAIS, Gregório de Castro 746
- MORAIS, João Saraiva de 507
- MORAIS, José de Góis e 389
- MORAIS, Luiz Pimentel de 602
- MORAIS, Miguel Lino de 328
- MORAIS, Pedro de 490
- MORÉ (livreiro) 42
- MOREIRA, Manoel de Aquilar 909
- MOREIRA PINTO, Alfredo Moreira 26
- MORENO, Martim Soares 76, 188, 228, 229, 310, 472, 557, 711
- MORENO, Martins Soares 765
- MORRIS (viajante) 20, 39
- MOTA, Francisco da 603
- MOTA, Simão da 456
- MOURA, Alexandre de 110, 136, 472
- MOURA, Antônio Joaquim de 41
- MOURA, Antônio Rolim de, *ver* TAVARES, Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja
- MOURA, Caetano Lopes de 15, 18, 19, 23, 24, 25, 41
- MOURA, Carlos Pereira Freire de 479
- MOURA, Francisco Rolim de 111
- MOURA, Manoel Rolim de 659
- MOURA, Miguel de 822
- MOURA, Rolim de, *ver* TAVARES, Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja

- MOURÃO, Luiz Antônio Botelho 572
MOURÃO, Luiz Antônio de Souza 396
MOURÃO, Luiz Antônio de Souza Botelho 85, 105, 350, 396, 432, 524
MURE (doutor) 776
NARDEZ, Leonardo 177, 507, 788
NASCENTES, Antônio 490
NASSAU, conde de, *ver* NASSAU, Maurício
NASSAU, Maurício de 98, 229, 245, 300, 322, 337, 474, 558, 581, 611, 614, 657, 658, 703, 730
NASSAU, príncipe de, *ver* NASSAU, Maurício de
NEENGUIRU (chefe indígena) 876
NEGREIROS, André Vidal de 390, 474, 657, 658
NEGREIROS, Vidal de, *ver* NEGREIROS, André Vidal de
NETO (chefe dos rebeldes) 232
NICOLAU I 237, 876
NIEMEYER, Conrad Jacob 31
NÓBREGA, Manuel da 20, 938
NORONHA, Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Matos e 198, 747, 757
NORONHA, Antônio de 113, 510, 588
NORONHA, Jacome Raimundo de 70, 473
NORONHA, Marcos de, *ver* BRITO, Marcos de Noronha e, conde dos Arcos
NORONHA, Pedro Antônio de 113
NORONHA, Tomás de 661
NUNES, Manoel Fernandes 383
ÓBIDOS, conde de, *ver* MASCARENHAS, Vasco de, conde de Óbidos
OEYNHAUSEN, João Carlos Augusto, *ver* OEYNHAUSEN, João Carlos Augusto de
OEYNHAUSEN, João Carlos Augusto de 229, 230, 265, 493, 885
OLIVEIRA, Antônio de Mesquita e 111
OLIVEIRA, Bento Rodrigues de 70
OLIVEIRA, Diogo Luiz de, conde de Miranda 111
OLIVEIRA, João Francisco de 843
OLIVEIRA, João Franco de 836, 845
OLIVEIRA, Joaquim Alves de 502
OLIVEIRA, José Manoel da Silva e 275
OLIVEIRA, Manoel Feliz de 921
ORCEL, J. 42
ORELANA, *ver* ORELLANA, Francisco de
ORELLANA, Francisco de 69, 70, 268, 414
ORSUA (general) 70
ORTEGUEIRA 733, 765
OSÓRIO, Diogo de Gouveia 239
OSÓRIO, José Francisco de Miranda 128
OZOURO, Manoel Fernandes 822
PAIS DE BARROS (irmãos) 783
PAIS, Dias, *ver* PAIS, Fernando Dias
PAIS, Fernando Dias 81, 112, 357, 390, 402, 506, 507, 562, 618, 774, 918, 1014
PAIS, Garcia Rodrigues, *ver* LEME, Garcia Rodrigues Pais
PAIS, José da Silva 90, 276, 696, 790, 798, 812, 860
PAIS, Manoel Velho 507
PALÁCIO, João 70
PALÁCIO, Pedro 296
PALHETA, Francisco de Melo 453
PALMA, conde da, *ver* MASCARENHAS, Francisco de Assis, conde da Palma
PARENTE, Vital Maciel 603, 971
PARIZOT (naturalista) 794, 970
PASSANHA, Ângelo 824
PASSO, Antônio Luiz do 632
PASSOS, Antônio Luiz dos 415
PAVOLIDE, conde de, *ver* MELO, José da Cunha Gram Ataíde e, conde de Pavolide
PEDRO ANTÔNIO (assassino) 646
PEDRO (ferreiro) 471, 472, 868
PEDRO I 18, 46, 144, 147, 160, 161, 176, 208, 241, 262, 290, 320, 328, 368, 377, 388, 394, 401, 409, 441, 485, 581, 588, 597, 604, 618, 638, 728, 737, 755, 759, 768, 800, 813, 853, 866, 878, 886, 889, 891, 892, 999
PEDRO II 18, 50, 91, 184, 228, 304, 409, 414, 457, 475, 665, 728
PEDRO II (rei de Portugal) 113, 115, 170, 281, 289, 294, 354, 390, 425, 506, 507, 558, 578, 611, 614, 628, 660, 745, 765, 824, 906, 912
PEDROSO, Jerônimo 177
PEDROSO, Valentino 177
PEIXOTO, Antônio Álvares Lanhos 489
PEIXOTO, R. A. 31
PERDIGÃO, João da Purificação Marques 661
PEREIRA, Antônio Caetano Pinto 612
PEREIRA, Antônio Vaz 564
PEREIRA, Bartolomeu Simões 750
PEREIRA, Domingos Pais 671
PEREIRA, Duarte Coelho 366, 581, 657
PEREIRA, João 646
PEREIRA, João Machado 855
PEREIRA, José 789
PEREIRA, José Clemente 565
PEREIRA, José das Neves 564
PEREIRA, José Saturnino da Costa 24, 41
PEREIRA, Luiz de Castro 493
PEREIRA, Manoel José Alves 150
PEREIRA, Teodoro Ebano 269, 365
PERO, *ver* PEDRO (ferreiro)
PIMENTEL, *ver* PIMENTEL, Manuel
PIMENTEL, Antônio da Silva Caldeira 324, 884
PIMENTEL, Barros 298
PIMENTEL, Manuel 595
PINA, Brás de 99
PINÇON (navegante) 579
PINHEIRO, Caetano 41
PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, visconde de São Leopoldo 20
PINOT, Francisco 880
PINTO, Anacleto Ferreira 921
PINTO, Antônio 197, 904
PINTO, Francisco 228
PINTO, Francisco de Seixas 602
PINTO, Gregório Pereira 739
PINTO, João Pereira 432

- PINTO, José Maria Pereira 791
 PINZON, Aires 69, 471
 PINZON, Vicente Yanes 69, 471
 PIO VI 661
 PIRES (família) 882
 PIRES, Domingos 226, 826
 PIRES, Mateus Simões 289
 PITA, Sebastião da Rocha 665
 PIZARRO, *ver* GONZÁLEZ Francisco Pizarro
 PIZARRO, *ver* ARAÚJO, José de Sousa Azevedo Pizarro e
 PIZARRO, Gonçalves 268
 POGGETTI, Carlos 42
 POKRANE, Guido 467
 POMBAL, marquês de 136, 199, 474, 475, 578, 594, 595, 604, 611, 857, 859
 POMPEU, Francisco Antônio de Alba 855
 PONTE DE LEME (explorador) 251
 PONTES, Antônio Pires da Silva 721
 PONTEVEL, Domingos da Encarnação 479
 PORTUGAL, Antônio de Almeida Soares e 113
 PORTUGAL, Fernando José de 988, 1007
 PORTUGAL, Fernando José de, marquês de Aguiar 749
 PORTUGAL, Luiz de Almeida de, marquês de Lavradio 114, 714, 745, 748, 1005
 PORTUGAL, Pedro de Almeida, conde de Assumar 488, 509, 587, 658, 689, 747, 853, 859, 884
 PRADO, Domingos do 507
 PRADO, Domingos Rodrigues do 260, 689
 PRADO, João Leme do 517
 PRADO, Sebastião Leme do 278, 468, 515
 PRADO JR., Caio 26
 QUEIMA (chefe indígena) 342, 493
 QUEIRÓS, Roque Lopes de 78
 QUITÉRIA (reclusa) 452
 RAMALHO, João 263, 338, 339, 688, 814, 815, 888
 RAMEIRO, Francisco 858, 957
 RAMOS, Manoel Pereira 344, 481
 RAPOSO, Amaro Joaquim 612
 REBELLO, Domingos José Antônio 19
 REBELO, Francisco 394
 REBELO, Francisco Antônio 359
 REBELO, Sebastião 902
 REGO, Francisco de Barros, barão de Boa Vista 731
 REGO, Inácio do, *ver* BARRETO, Inácio do Rego
 REIS, Bartolomeu Manoel Mendos dos 479
 REIS, Joaquim Vicente dos 199
 REIS, Sebastião Fernandes dos 489
 RESENDE, conde, *ver* CASTRO, José Luiz de, conde de Resende
 RESSURREIÇÃO, Manoel da 112
 REY, Roselyne 22
 RIBEIRA, Lázaro da 493, 574
 RIBEIRO, Antônio 698
 RIBEIRO, Bartolomeu Bueno 461
 RIBEIRO, Domingos da Silva 171
 RIBEIRO, Eugênio 869
 RIBEIRO, Francisco de Sales 139
 RIBEIRO, João Alberto de Miranda 791, 847
 RIBEIRO, Joaquim 487
 RIBEIRO, José Anastasio de Figueiredo 20
 RIBEIRO, José de Santa Teresa 75, 306, 568
 RIBEIRO, Marcelino 493
 RIBEIRO, Pedro de Azambuja 790
 RIFAULT, *ver* RIFAULT, Jacques
 RIFAULT, Jacques 229, 472, 868
 RISCADO, Miguel 197, 904
 RIVIÈRE (engenheiro) 207, 757
 ROCHA PITA, *ver* PITA, Sebastião da Rocha
 ROCHA, Antônio Monteiro da 763
 ROCHA, José Joaquim da 853
 ROCHA, Manoel da 387
 ROCILI, Francisco 229
 RODRIGUES, Antônio 814
 RODRIGUES, Manoel 490
 RODRIGUES, Manoel de Vargas 737
 RODRIGUES, Maria 210
 ROLDON, João Tavares 745
 ROUSSIN, Albin-Reine 28, 29, 30, 169, 183, 296, 394, 798, 899, 902, 904
 RUBIM, Francisco Alberto 230, 294, 442
 SÁ, Diogo Correia de, visconde de Asseca 198, 199
 SÁ, Esúcio de 743, 753, 1010
 SÁ, Fernando de 293, 296
 SÁ, Francisco de 691
 SÁ, Francisco Lopes de 770, 850
 SÁ, João Correia de 745
 SÁ, Luiz José Correia de 659
 SÁ, Manoel Carneiro de 112
 SÁ, Manoel Ferreira da Câmara Bitancourt e 318
 SÁ, Martim Correia de 183, 197, 385, 465, 744, 849, 890, 904, 973
 SÁ, Martim de, *ver* SÁ, Martim Correia de
 SÁ, Mendo de, *ver* BARRETO, Mendo de Sá
 SÁ, Salvador Correia de 199, 293, 333, 744, 754, 881, 904, 1010
 SABUGOSA, Rodrigo César de Menezes 265, 323, 324, 489, 884
 SACRAMENTO, João Duarte do 660
 SAINT-ADOLPHE, Jean Claude-Rose Milliet de 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 40, 595
 SAINT-HILAIRE, Auguste de 20, 39, 62, 210, 212, 239, 329
 SALDANHA, Martim Lopes Lobo de 885
 SALEMA, Antônio 744
 SALLES, Francisco Antônio de 25
 SAMPAIO, José Joaquim de 495
 SAMPAIO, Manoel Inácio de 230, 328
 SAMPAIO, Pedro da Silva 111
 SANCHES, Mateus 521
 SANCHES, Antônio 696
 SANDE, Antônio Pais de 746
 SANDE, César Antônio Pais de 948
 SANTA ESCOLÁSTICA, José de 114
 SANTA INÊS, Manoel de 114, 452
 SANTA RITA DURÃO, José de 374
 SANTA RITA, Francisco de Monte 591
 SANTA TERESA, Luiz de 661
 SANTARÉM, visconde 18, 30
 SANTÍSSIMA TRINDADE, José da 479

- SANTO AMARO, barão de 813
SANTOS, Francisco Teixeira dos 328
SANTOS, Ignacio Francisco dos 42
SANTOS, João da Silva 422
SANTOS, Manoel dos 452
SÃO JERÓNIMO, Francisco de 746, 750
SÃO JOSÉ, Cipriano de 479
SÃO LEOPOLDO, visconde de 20, 895
SARDINHA, Afonso 346, 852, 925
SARDINHA, Pedro Fernandes 110, 272
SCHWARCZ Lilia Moritz 17
SCHKOPPE, Sigismund von 168, 393, 561
SCHOMBURGH (engenheiro) 256
SCHUTTEL (colono) 575
SCOTT, Walter 19
SEBASTIÃO, rei 158, 339, 646, 744, 822
SEQUEIRA, Ângelo de 199
SEQUEIRA, Bartolomeu Bueno de 506
SEQUEIRA, Luiz Vaz de 602, 603
SEQUEIRA, Manoel Afonso da 355
SEQUEIRA, Manoel Afonso de 355
SEQUEIRA, Rui Vaz de 474
SERGUEIRO, João Afonso 859
SERRA, Ricardo Franco de Almeida 338, 493, 631
SILVA, Antônio Teles da 111, 393
SILVA, Bartolomeu Bueno da 198, 304, 323, 324, 325, 382
SILVA, Bartolomeu Bueno da (filho) 324, 331
SILVA, Bento Gonçalves da 642, 701, 763, 642, 701, 762
SILVA, Dias da 330
SILVA, Domingos Dias da 509
SILVA, Francisco Bueno da 587, 589
SILVA, Gregório Dias da 324
SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e 20
SILVA, Inácio Coelho da 603
SILVA, José Bonifácio de Andrade e 826
SILVA, Leonardo Cardoso da 639
SILVA, Luiz Diogo da 659
SILVA, Luiz Diogo Lobo da 510, 588, 692
SILVA, Luiz Maurício da 792
SILVA, Luiz Teles da, marquês de Alegrete 885, 894
SILVA, Manoel Dias da 799
SILVA, Manoel do Nascimento Castro e 41
SILVA, Miguel da 453
SILVA, Pedro da 111
SILVA, Pedro da, conde de São Lourenço 118
SILVEIRA, Brás Baltazar 177, 774, 883, 918
SILVEIRA, Brás da 509, 689
SILVEIRA, Carlos Pedroso da 506
SILVEIRA, Correia da 996
SILVEIRA, João Godói Pinto da 675
SILVEIRA, Manoel José da 921
SILVEIRA, Pedro Góis da 167, 197
SIQUEIRA, Joaquim José de 606
SOARES, Antônio 722, 918
SOARES, Luiz de Almeida Portugal 114
SOARES, Manoel 257
SOLIS, João de 567
SOLIS, João Dias 657
SOROB IBÉ (chefe indígena) 557
SOROBABÉ (chefe indígena) 711, 733, 765
SOROCABA, Barros de (irmãos) 633
SOTO MAIOR, Francisco de 745
SOTO MAIOR, João da Cunha 658
SOUTHEY, Robert 20, 39
SOUTO MAIOR, Cunha 113
SOUTO MAIOR, Manoel de Andrade 392
SOUTO, José Joaquim Vieira 41
SOUZA, Álvaro de Castro e, marquês de Cascais 202, 339, 350, 389, 611, 624, 836, 883, 906
SOUZA, Antônio Thomé de 99
SOUZA, Diogo de, conde do Rio Pardo 768, 894
SOUZA, Francisco Antônio Cardoso de Menezes e 790
SOUZA, Francisco de 110, 506, 557, 659, 765, 881, 852
SOUZA, Feliciano de 602
SOUZA, Gabriel Lares de 836, 840
SOUZA, Gaspar de 110, 228, 472, 868
SOUZA, Isabel de Lima e 339, 389, 905, 906
SOUZA, Jerônima de Albuquerque e 339, 905
SOUZA, João da Silva e 745
SOUZA, João de 658
SOUZA, João Rodrigues de Vasconcelos e, conde de Castelo Melhor 111
SOUZA, José de Melo e 156
SOUZA, José Peixoto de 993
SOUZA, Julião Rangel de 508
SOUZA, Luiz Álvares de Castro Ataíde e 389
SOUZA, Luiz Álvaro de Castro e, marquês de Cascais 392
SOUZA, Luiz Carneiro de, conde da Ilha do Príncipe 924
SOUZA, Luiz de 110, 339, 601
SOUZA, Luiz de Vasconcelos e 206, 456, 749, 754, 757, 782, 825, 871, 988, 1005
SOUZA, Luiz Pinto de 441, 492, 823, 846
SOUZA, Luiz Vasconcelos e 735
SOUZA, Manoel Escudeiro Ferreira de 790
SOUZA, Martim Afonso de 78, 80, 158, 197, 202, 338, 339, 369, 389, 391, 392, 523, 567, 624, 627, 714, 815, 826, 836, 852, 866, 880, 881, 883, 900, 901, 903, 904, 905, 906, 946
SOUZA, Matias Coelho 747
SOUZA, Pedro Coelho de 228
SOUZA, Pedro de 611, 852
SOUZA, Pedro de Vasconcelos e 113
SOUZA, Pedro Lopes de 197, 202, 245, 339, 389, 610, 611, 625, 814, 883, 905, 906
SOUZA, Sancho de Faro e, conde de Vimieiro 113
SOUZA, Tomé de 109, 110, 118, 158, 197, 803, 815
SPIX, Johann Baptiste von 20, 39, 43, 318, 516
STURZ, J. J. 20, 39
SUTIL, Miguel 264, 265, 273
TARDIEU, Ambroise 30
TARGINI, Francisco Bento Maria 867
TAVARES, Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja 114, 441, 491, 492, 495, 717, 748, 754
TAVARES, Francisco 639
TAVARES, João 611, 614

- TAVARES, Manoel de Souza 321, 516, 659
TAVARES, Silva 649
TÁVORA, Antônio Luiz de, conde de Sarzedas 324, 330
TÁVORA, Francisco Xavier de 747
TÁVORA, Luiz Antônio de 884
TAXAUÁ (chefe indígena) 858
TEBIREÇA (chefe indígena) 338, 339, 815, 888
TEIXEIRA, Francisco de Barros Morais Araújo 791
TEIXEIRA, Marcos 111
TELES, Agostinho Pacheco 324
TETENO (chefe indígena) 819
TIARAIÚ SEPÊ (chefe indígena) 768
TIBA, João 799, 802
TIBÃO, Gonçalo Teixeira 937
TIBAU, Duarte Sodré Pereira 659
TIBAU, Henrique Luiz Pereira Freire 659
TIJARAIÚ SEPÊ (chefe indígena) 876
TOLEDO (povoador) 208, 209
TOLEDO, Manoel Francisco de 531
TOMAR, Manoel Rodrigues 52, 190, 476, 501, 958, 963, 964
TOMÁS, Manoel Rodrigues 417
TOMÁS, Pedro Mendes 604
TORRÃO, Antônio Gonçalves 653
TORRES, João de Saldanha da Gama de Melo e, conde da Ponte 114
TOURINHO, Fernão de Campos 708
TOURINHO, Pedro de Campos 109, 708
TOURINHO, Pedro de Campo 799, 814
TOURINHO, Sebastião Fernandes 20, 47, 110, 281, 285, 442, 505, 506, 918, 1014
TOVAR, Manoel Vieira de Albuquerque 294
TOVAR, Vicente Alexandre de 327
TROUTIN, Duguay 746, 747, 754
VAGNON (capitão) 368
VALDEZ, Fernão 600
VALE, João Velho do 136, 601, 602
VALENTE, Joaquim Pereira, visconde de rio Pardo 768, 792
VAN ESCOP, Sigismund, *ver* SCHKOPPE, Sigismund von
VAN SCOP *ver* SCHKOPPE, Sigismund von
VANDELLI, Alexandre Antônio 794
VAN-DEMBOURG (coronel) 643
VANDEMBURG, Teodoro 366
VANSCOP, Sigismundo, *ver* SCHKOPPE, Sigismund von
VARELA, Joaquim Ferreira 956
VASCONCELOS (padre) 332, 734
VASCONCELOS, Baltazar de Souza Botelho de 294
VASCONCELOS, Bernardo Manoel de 229
VASCONCELOS, Feliciano Pinto de 321
VASCONCELOS, Feliz José Machado de Mendonça Castro e 659
VASCONCELOS, Francisco Mendonça de 744
VASCONCELOS, José de Almeida de 232, 238
VASCONCELOS, José Machado de Mendonça Castro e 659
VASCONCELOS, José Marcelino Pereira de 26
VASCONCELOS, Luiz Aranha de 602
VASCONCELOS, Luiz de 835
VASCONCELOS, Simão de 20
VASQUES, Martim Correia, *ver* EANES, Martim Correia Vasques
VAUBAN (arquitecto) 718
VEIGA, Cláudio 18
VEIGA, Domingos da 229
VEIGA, Evaristo Ferreira da 22, 41
VEIGA, Lourenço da 110, 611, 614
VELHO, Manoel Garcia 506
VENÂNCIO, Renato Pinto 17, 27
VIANA, Antônio Joaquim 994
VIANA, Manoel Nunes 507, 508, 509, 535, 587, 853
VIANA, Manoel Ribeiro 804
VIANA, Paulo Fernandes 998
VIDA, Sebastião Monteiro da 113
VIDAL, *ver* NEGREIROS, André Vidal de
VIDAL, Laurent 17, 18
VIEGAS, João 99, 940
VIEIRA, *ver* VIEIRA, Antônio
VIEIRA, Antônio 470, 565, 602
VIEIRA, Antônio Martins 822
VIEIRA, Domingos José 628
VIEIRA, João Fernandes 112, 657
VILELA, Antônio Arnou de 603
VILHENA, Francisco de 111
VILLEGAGNON, *ver* VILLEGAIGNON Nicolas Durand de
VILLEGAIGNON Nicolas Durand de 62, 183, 565, 728, 744, 753, 802, 984
VIMIEIRO, conde de, *ver* SOUZA, Sancho de Faro e, conde de Vimieiro
VIMIEIRO, condessa de 350, 392, 906
VINAGRE (chefe dos rebeldes) 470, 538, 604
WALSH, Grant 20, 39
WALSH, Robert 19
WARNECK, Inácio de Souza 988
WIED-NEUWIED, Maximiliano de 39
WITHRINGTON (Comodoro) 110
XAVIER, Joaquim José da Silva 511
XAVIER, Manoel Francisco 640
YANES, Vicente, *ver* PINZON, Vicente Yanes
YOUND (missionário) 686

Índice dos Topônimos Atualizados

- Abaeté/MG 43, 931
 Abaetetuba/PA 43, 135
 Abaíra/BA 225
 Abraão, distrito do município de Angra dos Reis/RJ 368
 Acará/PA 46
 Acarapé/CE 47
 Acaraú/CE 46, 127, 213, 784
 Acari/RN 47
 Acozizal/MT 164
 Açu da Torre, distrito do município de Mata de São João/BA 49, 892
 Açu/RN 48, 1001
 Acuruí, distrito do município de Itabirito/MG 742
 Afogados, bairro da cidade de Recife/PE 49
 Água Branca/PI 817
 Água Fria/BA 50
 Água Preta/PE 51
 Águas Boas, distrito do município de Monção/MA 52
 Aguiar/PB 53
 Airão/AM 54
 Aiuruoca/MG 54, 353
 Alagoa Grande/PB 56
 Alagoa Nova/PB 56
 Alagoa/MG 433
 Alagoinhas/BA 59
 Albuquerque, distrito do município de Corumbá/MS 59
 Alcântara/MA 60, 519, 852
 Alcobaça/BA 61, 829
 Aldeia Velha, distrito do município de Silva Jardim/RJ 62
 Alegrete/RS 63
 Além Paraíba/MG 80, 707, 864
 Alenquer/PA 64
 Alfenas/MG 821, 865
 Alhandra/PB 64, 486
 Almeirim/PA 66
 Almenara/MG 1000
 Alter do Chão, distrito do município de Santarém/PA 67, 356
 Altinho/PE 67
 Alto Maranhão, distrito do município de Congonhas/MG 67, 732
 Alvarães/AM 68, 568
 Alvinópolis/MG 644
 Alvorada de Minas/MG 761, 393
 Amapá/AP 69
 Amarante/PI 844
 Amarantina, distrito do município de Ouro Preto/MG 950
 Amaturá/AM 223
 Amontada/CE 75, 828
 Amparo/SP 76
 Anadia/AL 76, 849
 Anajatuba/MA 315
 Anapurus/MA 76
 Anchieta/ES 139, 734
 Andaraí, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 77, 373
 Andrelândia/MG 706, 974
 Andrequicé, distrito do município de Corinto/MG 77
 Angelândia/MG 67
 Angical/BA 78, 788
 Angicos/RN 78, 865
 Angra dos Reis/RJ 78, 337, 368, 393, 407, 427, 460, 786
 Angustura, distrito do município de Além Paraíba/MG 80
 Anicuns/GO 82
 Antonina/PR 83
 Antônio Carlos/MG 271
 Antônio Dias/MG 83
 Antônio Pereira, distrito do município de Ouro Preto/MG 84
 Aparecida/SP 568
 Apiaí/SP 85
 Apodi/RN 86, 245, 247
 Aporá/BA 86
 Aquiraz/CE 87, 863
 Aracaju/SE 88
 Araçari/SP 102
 Aracati/CE 88
 Araçatuba, distrito do município de Viana/ES 89
 Araçuaí/MG 90, 184
 Aramari/BA 91
 Aranha, distrito do município de Brumadinho/MG 92
 Araponga/MG 102
 Araraquara/SP 92, 828
 Araruama/RJ 487, 902
 Aratuípe/BA 470
 Araxá/MG 96, 832
 Arcângelo, distrito do município de São João Del Rei/MG 182
 Areia/PB 162
 Areias/SP 97
 Arês/RN 98, 337
 Arinos/MG 531, 785
 Armação da Piedade, povoado do município de Governador Celso Ramos/SC 100
 Armação dos Búzios/RJ 99
 Arneiroz/CE 100
 Arraial d'Ajuda, distrito do município de Porto Seguro/BA 814
 Arraial Velho de Santana, localidade do município de Sabará/MG 101
 Arraias/TO 101
 Arroio Grande/RS 103
 Arrozal, distrito do município de Pirai/RJ 103
 Aruanã/GO 706, 767
 Assaré/CE 163
 Atalaia/AL 104
 Atibaia/MG 953
 Augusto Severo/RN 195, 787
 Aveiro/PA 106, 679
 Bacabal/MA 107
 Baependi/MG 107, 806
 Bagé/RS 108, 683, 811
 Baía da Traição/PB 877
 Baião/PA 120
 Bailique, distrito do município de Macapá/AP 120
 Baldim/MG 773
 Balneário Piçarras/SC 671

Balsa Nova/PR 948
 Bambuí/MG 121
 Bananal/SP 122
 Bandeirantes, distrito do município de Mariana/MG 901
 Bangu, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 123
 Banzaê/BA 517, 938
 Barão de Cocais/MG 239, 535, 923
 Barbacena/MG 124, 153, 773
 Barbalha/CE 125
 Barcarena/PA 125, 248, 1002
 Barcelos do Sul, distrito do município de Camamu/BA 125
 Barcelos/AM 125, 220, 692
 Barra de Santana/PB 250
 Barra de São Miguel/AL 128
 Barra do Garças/MT 91, 823
 Barra do Guaiçú, distrito do município de Várzea da Palma/MG 127, 149
 Barra do Longá, distrito do município de Buriti dos Lopes/PI 127
 Barra do Puiú, povoado do município de Tauá/CE 128
 Barra dos Coqueiros/SE 252
 Barra Grande, distrito do município de Maragogi/AL 131
 Barra Longa/MG 131, 861
 Barra Mansa/RJ 75, 131
 Barra Seca, distrito do município de Jaguaré/ES 132
 Barra Velha/SC 126
 Barra/BA 129, 130, 840
 Barracão/RS 811
 Barras/PI 132
 Batatais/SP 134
 Baturité/CE 134, 529
 Beja, distrito do município de Abaetetuba/PA 135
 Belém da Cachoeira, distrito do município de Cachoeira/BA 137
 Belém/PA 135, 561
 Belém/PB 138
 Belmiro Braga/MG 705, 863
 Belmonte/BA 138
 Belo Horizonte/MG 271
 Belo Vale/MG 142, 787, 844
 Beltrão, localidade do município de Corinto/MG 141
 Benfica, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 140
 Bento Rodrigues, povoado do município de Mariana/MG 141
 Berilo/MG 52
 Betim/MG 141
 Bezerros/PE 141
 Bias Fortes/MG 725
 Bicas/MG 141
 Biguaçu/SC 875, 879
 Boa Esperança/MG 285
 Boa Morte, localidade do município de Belo Vale/MG 142
 Boa Ventura/PB 829
 Boa Viagem/CE 142
 Boa Vista do Gurupi/MA 355
 Boa Vista/RR 857, 858
 Boaçu, bairro da cidade de São Gonçalo/RJ 142
 Bocaina/PI 144
 Bocaina/SP 145
 Bocaiúva/MG 150
 Boim, distrito do município de Santarém/PA 145, 1000
 Bom Despacho/MG 44, 146
 Bom Jardim de Minas/MG 147, 468
 Bom Jesus da Lapa/BA 148
 Bom Jesus/PI 337, 353
 Bom Sucesso/MG 449
 Bonfim/MG 150
 Bonito/PE 151
 Borba Gato, distrito do município de Ferros/MG 152
 Borba/AM 152
 Botafogo, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 154
 Botumirim/MG 246, 568, 917
 Botuverá/SC 155
 Bragança Paulista/SP 156
 Bragança/PA 156, 182
 Brasília de Minas/MG 251
 Brejo da Madre de Deus/PE 163
 Brejo do Cruz/PB 163
 Brejo do Zacarias, povoado do município de Pilão Arcado/BA 101, 163
 Brejo/MA 161
 Brumadinho/MG 92, 164, 673, 863
 Brumal, distrito do município de Santa Bárbara/MG 787
 Buenópolis/MG 178, 225, 270
 Bujaru/PA 165
 Buriti dos Lopes/PI 128
 Buriti, aldeia do município de Nova Nazaré/MT 153
 Butiús/MG 153, 165, 654
 Caatíngá, distrito do município de João Pinheiro/MG 786
 Cabaceiras/PB 167
 Cabo de Santo Agostinho/PE 171, 561, 562, 696, 824
 Cabo Frio/RJ 169, 201
 Cabo Verde/MG 171
 Caboto, distrito do município de Candeias/BA 171
 Cabreúva/SP 172
 Cabrobó/PE 104, 722
 Caçapaba/SP 173
 Caçapava do Sul/RS 172
 Cáceres/MT 871, 1004
 Cachoeira do Arari/PA 174
 Cachoeira do Campo, distrito do município de Ouro Preto/MG 175, 176
 Cachoeira do Piriá/PA 688
 Cachoeira do Sul/RS
 Cachoeira Paulista/SP 173, 1008
 Cachoeira, distrito do município de Orizona/GO 175
 Cachoeira/BA 137, 173, 365, 811
 Cachoeiras de Macacu/RJ 175, 243, 447, 822, 861
 Caconde/SP 177
 Caeté/MG 155, 177, 535, 653, 1006
 Caetitê/BA 178, 182, 1009
 Caiçara/PB 179
 Caicó/RN 180, 1009
 Cairu/BA 145, 181, 534, 715, 993
 Cajuru/SP 182
 Caldas Brandão/PB 202
 Caldas/MG 183

- Camaçari/BA 44, 528
 Camamu/BA 125, 185
 Camanaus, localidade do município de São Gabriel da
 Cachoeira/AM 186
 Camanducaia/MG 186, 410
 Camapuã/MS 187
 Camaquã/RS 185
 Camargos, distrito do município de Mariana/MG 188
 Camboriú/SC 189
 Cametá/PA 190, 1011
 Campanha/MG 191, 1000
 Campestre/MG 192
 Campina Grande/PB 192, 299, 644, 727, 1002
 Campinas/SP 193, 830, 994
 Campo Belo/MG 194
 Campo do Santana, bairro da cidade de Rio Bonito/RJ 784
 Campo Grande, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 194
 Campo Largo/PR 195
 Campo Maior/PI 195
 Campos Altos/MG 846
 Campos dos Goytacazes/RJ 196, 351, 814, 824, 844, 900, 902,
 986, 1005
 Campos Novos, bairro do distrito de Tamoios, município de Cabo
 Frio/RJ 201
 Campos, distrito do município de Campos dos Goytacazes/RJ 844
 Camundé, localidade do município de São Gabriel da
 Cachoeira/AM 201
 Cana Verde/MG 203
 Cananeia/SP 202
 Canavieiras/BA 204, 829
 Candeias/BA 171, 498, 638
 Candeias/MG 204
 Candiota/RS 204
 Canguaretama/RN 982
 Canguçu/RS 204
 Canindé/CE 205
 Canoários, distrito do município de São Gonçalo do Abaeté/MG 636
 Cantagalo/RJ 206, 892
 Capanema, localidade do município de Santa Bárbara/MG 208
 Capão Bonito do Sul/RS 208
 Capão Bonito/SP 627
 Capão do Lana, localidade do município de Ouro Preto/MG 208
 Capão, localidade do município de Itacarambi/MG 208
 Capela de Santana/RS 368, 762, 783, 788
 Capela/SE 209
 Capelinha/MG 209, 569
 Capitólio/MG 837, 840
 Capivari/SP 209, 847
 Caraguatatuba/SP 213
 Carancas/MG 219
 Carandá/MG 214
 Caraparú, distrito do município de Santa Isabel do Pará/PA 214
 Carapebus/RJ 214
 Carapina, distrito do município de Serra/ES 214
 Caraúbas/PB 214
 Caravelas/BA 214
 Carbonita/MG 132
 Careçu/MG 1013
 Catiacica/ES 216
 Caricé, distrito do município de Itambé/PE 216
 Catinhanha/BA 216
 Carmo da Mata/MG 218
 Carmo/RJ 570, 780
 Carmópolis de Minas/MG 416
 Carolina/MA 218, 891
 Carvoeiro, povoado do município de Barcelos/AM 220
 Casa Grande/MG 630
 Casalvasco, povoado do município de Vila Bela da Santíssima
 Trindade/MT 220
 Cascavel/CE 221
 Casimiro de Abreu/RJ 129, 775, 847
 Cassiterita/MG 224
 Castelo do Piauí/PI 484
 Castelo Novo, distrito do município de Ilhéus/BA 65
 Castelo/ES 222, 514
 Castilhos/Uruguai 811
 Castro Alves/BA 420
 Castro/PR 222
 Cataguases/MG 501
 Catalão/GO 223
 Catas Altas da Noruega/MG 223
 Catas Altas, distrito do município de Santa Bárbara/MG 223
 Catete, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 224
 Catolé de Baixo, povoado do município de Catolé do Rocha/PB 224
 Catolé do Rocha/PB 224
 Catolés, distrito do município de Aبايرا/BA 225
 Catoni, localidade do município de Buenópolis/MG 225
 Catu/BA 225, 787
 Catumbi, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 225
 Caucaia/CE 226, 926
 Cavalcante/GO 226
 Caxias/MA 227
 Cedros, praia do município de Palhoça/SC 231
 Cerro da Buena, localidade do município de Morro Redondo/RS
 232, 915
 Chapada da Natividade/TO 234
 Chapada do Norte/MG 233, 387, 452, 593, 780, 801, 802
 Chapada dos Guimarães/MT 234, 353, 782
 Chapada Gaúcha/MG 637
 Chapada, povoado do município de Ouro Preto/MG 233
 Chapadinha/MA 234
 Chaves/PA 235, 1002
 Chui/RS 878
 Chuy/Uruguai 878
 Cícero Dantas/BA 151, 530
 Cimbres, aldeia indígena do município de Pesqueira/PE 585, 921
 Cimbres, distrito do município de Pesqueira/PE 237
 Cipotânea/MG 236, 829, 863, 1016
 Cláudio/MG 85
 Coari/AM 68
 Cocais, distrito do município de Barão de Cocais/MG 239
 Codó/MA 240
 Coimbra, distrito do município de Corumbá/MS 240
 Colares/PA 240

- Colônia Leopoldina, localidade do município de Nova Viçosa/BA 441
- Colubandê, bairro da cidade de São Gonçalo/RJ 267
- Comandatuba, distrito do município de Una/BA 241
- Comendador Levy Gasparian/RJ 733
- Conceição da Barra/ES 126, 128, 244
- Conceição da Feira/BA 244
- Conceição de Ibitipoca/MG 358
- Conceição do Itaguá, distrito do município de Brumadinho/MG 164
- Conceição do Mato Dentro/MG 246, 247, 253, 486, 630, 941
- Conceição do Pará/MG 247
- Conceição do Rio Acima, distrito do município de Santa Bárbara/MG 243
- Conceição do Tocantins/TO 242
- Conceição/PB 244
- Conde/PB 248
- Conde/BA 248, 1002
- Condeixa, distrito do município de Salvaterra/PA 249
- Congonhas do Norte/MG 249
- Congonhas/MG 67, 250, 497, 732
- Conselheiro Lafaiete/MG 723
- Conselheiro Pena/MG 266
- Conservatória dos Índios, distrito do município de Valença/RJ 740, 824
- Consolação/MG 211
- Contagem/MG 250
- Copacabana, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 251
- Coração de Jesus/MG 252
- Coreaú/CE 272
- Corinto/MG 77, 141
- Coroatá/MA 253
- Coromandel/MG 212
- Córregos, distrito do município de Conceição do Mato Dentro/MG 253
- Correntina/BA 127, 569
- Corumbá de Goiás/GO 255
- Corumbá/MS 59, 240, 573
- Corumbaíba/GO 102
- Coruripe/AL 243, 712
- Costa Marques/RO 220, 273
- Costa Sena, distrito do município de Conceição do Mato Dentro/MG 630
- Cotegipe/BA 195, 256
- Cota/SP 273
- Couto de Magalhães de Minas/MG 767
- Covanca, bairro da cidade de São João de Meriti/RJ 257
- Coxim/MS 899
- Coxipó do Ouro, distrito do município de Cuiabá/MT 273, 440, 842
- Crateús/CE 684, 718
- Crato/CE 258
- Cristais/MG 260
- Cristina/MG 268
- Crixás/GO 260
- Cruz Alta/RS 262, 297
- Cruz das Almas/BA 297
- Cruz do Espírito Santo/PB 297
- Cruz/CE 261
- Cruzália/SP 262
- Cubatão/SP 262
- Cuiabá/MT 262
- Cuieté Velho, distrito do município de Conselheiro Pena/MG 266
- Cuité/PB 240
- Cunha/SP 267
- Curaçá/BA 597
- Curimataí, distrito do município de Buenópolis/MG 178, 270
- Curitiba/PR 269, 334
- Currais Novos/RN 271
- Curralinho, distrito do município de Lagoa Dourada/MG 271
- Curuçá/PA 1007
- Cururupu/MA 855
- Curvelo/MG 273, 697
- Delfim Moreira/MG 924
- Descalvado/SP 138
- Desemboque/MG 275, 278
- Desterro de Entre Rios/MG 278
- Desterro do Melo/MG 503
- Diamantina/MG 233, 278, 315, 374, 375, 727, 950
- Diamantino/MT 68, 280
- Dias d'Ávila/BA 211
- Divina Pastora/SE 281
- Dom Joaquim/MG 833
- Dom Silvério/MG 761
- Dores de Campos/MG 284
- Dores do Indaí/MG 77, 144, 370
- Douradinho, distrito do município de Machado/MG 218, 285
- Duque de Caxias/RJ 571, 675
- Elói Mendes/MG 535, 541
- Emboabas, distrito do município de São João Del-Rei/MG 287, 583
- Encarnação, povoado do município de Salinas da Margarida/BA 289
- Encruzilhada do Sul/RS 289, 789
- Engenheiro Paulo de Frontin/RJ 775, 956
- Engenho Novo, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 289
- Enseada do Brito, distrito do município de Palhoça/SC 571, 772
- Entre Rios de Minas/MG 164, 580, 780
- Érico Cardoso/BA 807
- Escada/PE 291
- Esmeraldas/MG 806
- Esplanada/BA 485, 573
- Estância/SE 297
- Estiva, distrito do município de Jaguaripe/BA 298, 844
- Esqueito, distrito do município de São José do Norte/RS 298, 569
- Estreito, povoado do município de Campina Grande/PB 299
- Extremoz/RN 300, 342
- Exu/PE 300, 377
- Fagundes/PB 163, 301
- Faro/PA 302
- Fazenda da Jaguará, município de Matozinhos/MG 410
- Feira de Santana/BA 303, 357, 399
- Felixlândia/MG 673
- Ferreira Gomes/AP 284
- Ferros/MG 152, 788
- Fidalgo, distrito do município de Pedro Leopoldo/MG 305, 786
- Flores de Goiás/GO 305

Flores/PE 305
 Florianópolis/SC 244, 276, 433, 438, 562, 570, 737, 770, 818, 848, 860
 Fonte Boa/AM 306, 860, 965
 Formiga/MG 306, 1006
 Formosa, povoado do município de Macururé/BA 308
 Fortaleza/CE 103, 309, 500
 Franca/SP 312, 1004
 Francisco Badaró/MG 926, 927, 960
 Freguesia, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 568
 Fumaça, distrito do município de Resende/RJ 907
 Furquim, distrito do município de Mariana/MG 148, 308
 Galheiros, localidade do município de Diamantina/MG 315
 Garanhuns/PE 316, 824
 Garopaba/SC 317, 533, 857
 General Câmara/RS 812
 Glaura, distrito do município de Ouro Preto/MG 220
 Glória, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 320
 Glória/BA 320
 Goiana/PE 321, 696, 867, 951, 955
 Goianinha/RN 322
 Goiás/GO 330, 1000
 Gorutuba, distrito do município de Porteirinha/MG 333, 355, 786, 821, 862
 Gouveia/MG 333, 671
 Governador Celso Ramos/SC 100
 Grajaú/MA 233
 Granja/CE 336, 356
 Grão Mogol/MG 336, 917
 Gravataí/RS 571
 Groaíras/CE 353
 Guaicuí/MG 699
 Guaiara/PR 642
 Guimarães/RN 51
 Guanhães/MG 254, 344, 679
 Guapiara, povoado do município de Aiuruoca/MG 353
 Guapimirim/RJ 345, 568
 Guarabira/PB 333, 346, 370, 1001
 Guaraciaba do Norte/CE 1007
 Guaraciaba/MG 107, 128
 Guarapari/ES 347, 501
 Guarapuava/PR 348
 Guaraqueçaba/PR 93
 Guaratiba, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 348
 Guaratinguetá/SP 349
 Guaratuba/PR 149, 350
 Guarinos/GO 321, 333, 351
 Guarulhos/SP 245
 Guaxindiba, distrito de Monjolo, município de São Gonçalo/RJ 351
 Guia de Pacobaíba, distrito do município de Magé/RJ 591
 Guimarães/MA 352
 Gurinhém/PB 354
 Gurupá/PA 272, 354
 Herval/RS 356
 Horizonte/CE 580
 Humildes, distrito do município de Feira de Santana/BA 357
 Iaçua/BA 425
 Ibertioga/MG 141, 820
 Ibiá/MG 892
 Ibiaí/MG 299
 Ibiapina/CE 108, 141, 892
 Ibitiara/BA 14
 Ibituruna/MG 149, 359
 Ibiúna/SP 981
 Icapuí/CE 180
 Icarai, bairro da cidade de Niterói/RJ 213, 360
 Icatu/MA 357, 360, 737
 Icó/CE 361
 Igarapé-Miri/PA 362
 Igarassu/PE 366
 Igrapiúna/BA 363
 Iguaba Grande/RJ 363
 Iguape/SP 365
 Iguatama/MG 709
 Ilha da Capivara, localidade do município de Januária/MG 210
 Ilha de Assunção, povoado do município de Cabrobó/PE 104
 Ilha de Itamaracá/PE 242, 245, 569, 676
 Ilhabela/SP 1000
 Ilhéus/BA 65, 582, 858
 Imauí/SC 370, 483
 Imbituba/SC 370, 782, 787, 1005
 Inconfidência, distrito do município de Paraíba do Sul/RJ 231
 Indaiatuba/SP 370
 Indianópolis/MG 128, 784
 Ingá/PB 374, 1002
 Inhaí, distrito do município de Diamantina/MG 374, 375
 Inhambupe/BA 374
 Inhamuns, distrito do município de Tauá/CE 801
 Inhaúma, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 375
 Inhomirim, distrito do município de Magé/RJ 81, 299, 375, 376
 Iperó/SP 140, 852
 Ipiranga, distrito do município de São Paulo/SP 377
 Ipojuca/PE 377
 Iporá/GO 740
 Iporanga/SP 378
 Ipu/CE 379
 Ipuca, distrito do município de São Fidélis/RJ 378
 Ipueiras/CE 845
 Irará, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 376, 380
 Irará/BA 570, 719
 Irituia/PA 381
 Itabaiana/PB 934
 Itabaiana/SE 381, 934
 Itabaianinha/SE 382
 Itaberaí/GO 271
 Itabira/MG 383, 393, 400
 Itabirito/MG 382, 742
 Itaboraí/RJ 363, 383, 391, 704, 853, 937, 939
 Itacarambi/MG 208, 846
 Itacaré/BA 128, 743, 879
 Itacoara/RJ 127
 Itacoatiara/AM 914
 Itacurussá, distrito do município de Mangaratiba/RJ 787
 Itaguaí/RJ 385, 933

- Itaguara/MG 250
- Itaipava das Flores, localidade do município de Venâncio Aires/RS 387
- Itaipu, distrito do município de Niterói/RJ 387, 935
- Itajai/SC 388, 935
- Itajubá/MG 143, 389
- Itamaraju/BA 683
- Itamarandiba/MG 846
- Itambé do Mato Dentro/MG 391
- Itambé/PE 216, 278, 390
- Itambi, distrito do município de Itaboraí/RJ 391, 937
- Itanhaém/SP 242, 391
- Itaoca, bairro da cidade de São Gonçalo/RJ 393
- Itaocara/RJ 284, 645, 862
- Itaorna, praia da cidade de Angra dos Reis/RJ 393
- Itapanhoacanga, distrito do município de Alvorada de Minas/MG 393
- Itapanhoacanga/MG 941
- Itapeceira da Serra/SP 394
- Itapeceira/MG 394, 935
- Itapecuru Mirim/MA 398
- Itapemirim/ES 395
- Itapetininga/SP 395
- Itapeva/MG 398
- Itapeva/SP 302, 396
- Itapicuru/BA 397, 1010
- Itapuã, distrito do município de Viamão/RS 399
- Itapuã, subdistrito do município de Salvador/BA 399
- Itaquaquecetuba/SP 399
- Itaqui/RS 400
- Itararé/SP 400
- Itatiaia, povoado do município de Ouro Preto/MG 400
- Itatiaia/RJ 193, 862
- Itatiaiuçu/MG 400
- Itatiba/SP 138
- Itaverava/MG 382
- Itúba/BA 401, 845
- Itu/SP 357, 401
- Ituiutaba/MG 866, 950
- Jacarei/SP 405
- Jacarepaguá, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 405
- Jacobina/BA 406, 820
- Jacucanga, distrito do município de Angra dos Reis/RJ 407, 427
- Jacuí/MG 408
- Jacuípe, distrito do município de São Sebastião do Passé/BA 408
- Jacuípe/AL 519
- Jacuruna, distrito do município de Jaguaripe/BA 409
- Jacutinga, bairro da cidade de Mesquita/RJ 409, 821
- Jaguarão/RS 917
- Jaguaré/ES 132
- Jaguaretama/CE 737
- Jaguaripe/BA 298, 409, 412, 683, 844
- Jaguaruana/CE 224
- Jaicós/PI 413
- Jandaíra/BA 43
- Januária/MG 143, 163, 210, 415, 647, 777
- Japarutuba/SE 416, 719
- Jaraguá/GO 417
- Jardim de Piranhas/RN 418, 684
- Jardim/CE 146, 823
- Jardinésia, distrito do município de Prata/MG 418
- Jati/CE 451
- Jenipapo, povoado do município de Castro Alves/BA 420
- Jequitibá/MG 421, 968
- Jequitinhonha/MG 877
- Jeremoabo/BA 423
- Jericó/PB 180
- Jerumenha/PI 423
- Jijoca de Jericoacoara/CE 423
- Jiquiriçá/BA 424
- Jiribatuba, distrito do município de Vera Cruz/BA 814
- Joanes, distrito do município de Salvaterra/PA 526
- Joanésia/MG 425
- João Amaro, distrito do município de Iaçú/BA 425
- João Pessoa/PB 614
- João Pinheiro/MG 580, 786, 788
- Joaquim Felício/MG 932
- Juazeiro/BA 426
- Jucás/CE 374, 874
- Juiz de Fora/MG 84, 235, 289, 427, 482, 771, 840
- Juodíai/SP 427
- Jurerê, distrito do município de Florianópolis/SC 860
- Jurujuba, bairro da cidade de Niterói/RJ 429
- Lagarto/SE 431
- Lages/SC 431
- Lagoa da Prata/MG 598
- Lagoa Dourada/MG 56, 271, 434
- Lagoa Santa/MG 434
- Laguna/SC 435
- Lambari/MG 436
- Lamim/MG 437
- Lapa/PR 820, 1003
- Laranjeiras, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 438
- Laranjeiras/SE 438, 858
- Lavras da Mangabeira/CE 439, 907
- Lavras Novas, distrito do município de Ouro Preto/MG 440
- Lavras/MG 439
- Lídice, distrito do município de Rio Claro/RJ 821
- Lima Duarte/MG 144, 762, 833
- Limeira/SP 441, 947
- Limoeiro de Anadia/AL 441
- Limoeiro/PE 441
- Linhares/ES 251, 442
- Livramento de Nossa Senhora/BA 443
- Livramento/PB 443
- Logradouro/PB 444
- Lombas, localidade do município de Santo Antônio da Paulinha/RS 444, 786
- Lorena/SP 342, 444
- Loreto, localidade do município de Santa Isabel do Rio Negro/AM 445
- Lucena/PB 445
- Luis Gomes/RN 446
- Luminárias/MG 446

Luziânia/GO 184, 804
 Macaé/RJ 448, 564, 570
 Macaia, distrito do município de Bom Sucesso/MG 449
 Macapá/AP 120, 450, 862
 Macau/RN 451
 Macaúbas/BA 451
 Maceió/AL 449, 679, 805
 Machado/MG 218, 285
 Macururé/BA 308
 Madeiro/PI 541
 Madre de Deus de Minas/MG 455
 Madre de Deus/BA 151, 455
 Magé/RJ 81, 299, 375, 456, 498, 591, 672, 929
 Malhada/BA 629
 Mamanguape/PB 458, 528
 Mambucaba, distrito do município de Angra dos Reis/RJ 460
 Manaus/AM 130, 462, 767
 Manga/MG 417
 Mangaratiba/RJ 465, 787
 Manhumirim/MG 685
 Manicoré/AM 259
 Manja Léguas, povoado do município de Piranga/MG 467
 Mapendipe, bairro da cidade de Valença/BA 468
 Mar de Espanha/MG 178, 478
 Marabá/PA 851
 Marabitanas, povoado do município de São Gabriel da Cachoeira/AM 469
 Maracanã/PA 238
 Maracás/BA 701
 Maragogi/AL 131, 827
 Maragogipe/BA 470, 557
 Maragogipinho, distrito do município de Aratuípe/BA 470
 Maranguape/CE 471
 Marapicu, bairro da cidade de Nova Iguaçu/RJ 481
 Marauá/BA 477
 Marcação/PB 964
 Marechal Deodoro/AL 58, 453, 463, 707, 734
 Maria Quitéria, distrito do município de Feira de Santana/BA 399
 Mariana/MG 141, 148, 188, 308, 374, 479, 636, 738, 809, 829, 901, 928, 1002
 Maricá/RJ 134, 480, 806, 977
 Marliéria/MG 665
 Martins/RN 457, 482, 915
 Maruim/SE 536
 Massapé/CE 459
 Mata de São João/BA 49, 892, 962
 Mata Grande/AL 486
 Mata Redonda, povoado do município de Alhandra/PB 486
 Mata, povoado do município de Esplanada/BA 485
 Mataripe, distrito do município de São Francisco do Conde/BA 487
 Mateus Leme/MG 488
 Matias Barbosa/MG 487
 Matias Cardoso/MG 101, 215, 531, 570
 Mato Castelhana/RS 488
 Mato Grosso, povoado do município de Rio de Contas/BA 497, 821
 Matrozinhos/MG 410, 497
 Mauriz, distrito do município de Ipueiras/CE 845
 Mauá, povoado do município de Magé/RJ 498
 Maués/AM 446
 Maxaranguape/RN 485
 Mazagão/AP 499, 1004
 Meiaípe, distrito do município de Guarapari/ES 501
 Melgaço/PA 503
 Mercês/MG 503, 727
 Mesquita/RJ 409, 821
 Messejana, distrito do município de Fortaleza/CE 500
 Mestre Caetano, distrito do município de Sabará/MG 266
 Miguel Burnier, distrito do município de Ouro Preto/MG 236
 Milagres/CE 505
 Milho Verde, distrito do município do Serro/MG 505
 Minas Novas/MG 514, 892
 Mirador/MA 517
 Miranda/MS 517
 Mirandela, aldeia indígena do município de Banzaê/BA 517
 Missão Nova, distrito do município de Missão Velha/CE 520
 Missão Velha/CE 520, 862
 Mogi das Cruzes/SP 523
 Mogi Guaçu/SP 524
 Moji Mirim/SP 524
 Moju/PA 524
 Mombaça/CE 480, 539
 Monção/MA 52, 525
 Monsarás, distrito do município de Salvaterra/PA 178, 526
 Monsenhor Horta, distrito do município de Mariana/MG 829
 Monsenhor Paulo/MG 539
 Monte Alegre de Goiás/GO 534
 Monte Alegre de Minas/MG 528, 840
 Monte Alegre/PA 527
 Monte Azul/MG 965
 Monte do Carmo/TO 217
 Monte Gordo, distrito do município de Camaçari/BA 528
 Monte Mor/SP 50
 Monte Santo/BA 529
 Montes Claros/MG 307, 530
 Morretes/PR 531, 570
 Morrinhos, praia do município de Garopaba/SC 533
 Morro da Garça/MG 533
 Morro de São Paulo, povoado do município de Cairu/BA 534
 Morro do Chapéu/BA 534
 Morro do Ferro, distrito do município de Oliveira/MG 848
 Morro do Pilar/MG 318, 535
 Morro Redondo/RS 232, 915
 Morro Vermelho, distrito do município de Caeté/MG 535
 Mossâmedes/GO 537, 863
 Mossoró/RN 537, 805
 Mostardas/RS 537
 Muaná/PA 538
 Mumbaba, distrito do município de Massapé/CE 459
 Mundo Novo, povoado do município de Monsenhor Paulo/MG 539
 Murici/AL 541
 Muntiba/BA 541, 860
 Murucupi, distrito do município de Barcarena/PA 248, 1002
 Mutuns, distrito do município de Madeiro/PI 541
 Nagê, distrito do município de Maragogipe/BA 557

Natal/RN 557
 Natércia/MG 798, 807
 Natividade/TO 559
 Natuba/PB 560
 Nazaré da Mata/PE 561
 Nazaré, bairro da cidade de Belém/PA 561
 Nazaré/BA 560
 Nazareno/MG 561
 Neópolis/SE 823, 1008
 Nepomuceno/MG 857
 Nhandutiba, distrito do município de Manga/MG 417
 Nilo Peçanha/BA 145, 573, 1007
 Niquelândia/GO 865
 Nisia Floresta/RN 599
 Niterói/RJ 99, 213, 360, 387, 429, 565, 664, 688, 695, 714, 784, 832, 866, 935
 Nogueira, localidade do município de Alvarães/AM 568
 Noruega, povoado do município de Borimir/MG 246, 568
 Nossa Senhora de Nazaré, povoado do município de Cabo de Santo Agostinho/PE 562
 Nossa Senhora do Amparo, distrito do município de Barra Mansa/RJ 75
 Nossa Senhora do Livramento/MT 239, 443, 737, 864
 Nossa Senhora do Socorro/SE 923
 Nova Almeida, distrito do município de Serra/ES 62, 66, 573, 733, 992
 Nova América/GO 219, 650
 Nova Era/MG 862
 Nova Friburgo/RJ 574
 Nova Iguaçu/RJ 363, 481, 706
 Nova Lima/MG 249, 676
 Nova Nazaré/MT 153
 Nova Soure/BA 925
 Nova Viçosa/BA 441, 998, 1011
 Novo Horizonte/BA 734
 Óbidos/PA 577, 644
 Oeiras do Pará/PA 145, 578
 Oeiras/PI 523, 577
 Olaria, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 580
 Olhos d'Água do Oeste, distrito do município de João Pinheiro/MG 580
 Oliveira/MG 582
 Olivença, distrito do município de Ilhéus/BA 582
 Onça de Pitangui/MG 583
 Orizona/GO 175
 Orobó, localidade do município de Piúma/ES 585
 Ourém/PA 585
 Ouricangas/BA 586
 Ouro Branco/MG 586
 Ouro Fino/MG 587
 Ouro Preto/MG 84, 175, 176, 208, 220, 233, 236, 400, 440, 587, 827, 950
 Outeiro Redondo, distrito do município de São Félix/BA 580
 Pacatuba/SE 590
 Paço do Lumiar/MA 446, 638
 Padre Viegas, distrito do município de Mariana/MG 928
 Palhoça/SC 231, 571, 772
 Palmas de Monte Alto/BA 528
 Palmas/PR 593
 Palmeira dos Índios/AL 595
 Palmeira/PR 595, 596
 Pão de Açúcar/AL 598
 Paquetá, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 572
 Pará de Minas/MG 606, 639
 Paracambi/RJ 738
 Paracatu/MG 607, 680
 Paraguaçu/MG 291
 Paraíba do Sul/RJ 231, 618, 897
 Paraibuna/SP 620, 820, 821
 Parambu/CE 239
 Paramirim/BA 621
 Paranã/TO 127, 850
 Paranaguá/PR 624
 Parangaba, distrito do município de Fortaleza/CE 103
 Paranhos/MS 572, 715
 Paraopeba/MG 932
 Parati/PB 862
 Parateca, distrito do município de Malhada/BA 629
 Parati/RJ 285, 458, 627, 629, 946, 967
 Parati-Mirim, distrito do município de Parati/RJ 458
 Paratinga/BA 982
 Paripueira/AL 656
 Parnaguá/PI 443, 656
 Parnaíba/PI 634, 855
 Passa Quatro/MG 637
 Passa Tempo/MG 637
 Passagem de Mariana, distrito do município de Mariana/MG 636
 Passagem Franca/MA 637
 Passé, distrito do município de Candeias/BA 638
 Passo do Camaragibe/AL 638
 Passos/MG 148
 Pastos Bons/MA 638
 Patos/PB 641
 Patrocínio do Muriaé/MG 642
 Patrocínio/MG 641, 779
 Paty do Alferes/RJ 639, 771
 Pau dos Ferros/RN 643
 Paudalho/PE 643
 Paula Cândido/MG 133
 Paula Lima, povoado do município de Juiz de Fora/MG 84, 235, 289
 Paulistana/PI 357
 Peçanha/MG 590, 665, 816, 926
 Pedra Banca, distrito do município de Santa Teresinha/BA 647
 Pedra de Guaratiba, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 713
 Pedra Lavrada/PB 647
 Pedralva/MG 901
 Pedrão/BA 648
 Pedras Altas/RS 649, 831
 Pedras de Fogo/PB 649
 Pedras de Maria da Cruz, distrito do município de Januária/MG 143, 647
 Pedro Leopoldo/MG 305, 786
 Pedro Velho/RN 936

- Pelotas/RS 651, 840
 Penedia, distrito do município de Caeté/MG 653
 Penedo/AL 653, 705
 Penha, povoado do município de Vera Cruz/BA 653
 Penha/SC 654
 Pereiro/CE 256, 916
 Pesqueira/PE 237, 585, 664, 921
 Pessoa Anta, distrito do município de Granja/CE 356
 Petrópolis/RJ 665
 Piabuçu, localidade do município de Rio Tinto/PB 665
 Piancó/PB 665
 Piedade do Paraopeba, distrito do município de Brumadinho/MG 673
 Piedade dos Gerais/MG 285, 673
 Piedade, bairro da cidade de Magé/RJ 672
 Pilão Arcado/BA 101, 163, 673
 Pilar de Goiás/GO 599, 674, 676
 Pilar, bairro da cidade de Duque de Caxias/RJ 675
 Pilar/PB 674
 Pindamonhaga/SP 677
 Pinheiro/MA 678
 Pinheiros Altos, distrito do município de Piranga/MG 678
 Pinhel, distrito do município de Aveiro/PA 679
 Pira Jussara, bairro da cidade de São Paulo/SP 683
 Piracema/MG 761
 Piracicaba/SP 250, 681, 1000
 Piracuruca/PI 681
 Pirai, distrito do município de Bagé/RS 683
 Pirai/RJ 103, 682, 787
 Pirajá, povoado do município de Itamaraju/BA 683
 Pirajuia, distrito do município de Jaguaripe/BA 683
 Piranga/MG 348, 467, 678, 684
 Piranhas/AL 205
 Pirapora do Bom Jesus/SP 686
 Pirapora/MG 843
 Piratini/RS 687
 Piratininga, bairro da cidade de Niterói/RJ 664, 688
 Pirenópolis/GO 501
 Pirpirituba/PB 679
 Pitangui/MG 689, 1009
 Pitumbu/PB 569, 570, 654, 690
 Piúma/ES 49, 585, 690
 Piunhi/MG 443, 690
 Planalto de Minas, distrito do município de Diamantina/MG 727
 Poconé/MT 377, 691, 892
 Pombal/PB 693
 Pombal, localidade do município de Porto de Moz/PA 694
 Pompéu, povoado do município de Sabará/MG 694
 Pompeu/MG 694
 Ponta d'Areia, bairro da cidade de Niterói/RJ 695
 Ponta da Armação, bairro da cidade de Niterói/RJ 99
 Ponta de Pedras, distrito do município de Goiana/PE 696
 Ponta de Pedras/PA 569, 697
 Ponta Grossa/PR 696
 Ponte Alta, distrito do município de Uberaba/MG 695
 Ponte Nova/MG 698
 Portalegre/RN 702
 Portão/RS 699
 Porteirinha/MG 333, 355, 786, 821, 862
 Portel/PA 700
 Porto Alegre, povoado do município de Maracás/BA 701
 Porto Alegre/RS 700
 Porto Belo/SC 317, 703
 Porto Calvo/AL 703
 Porto da Estrela, distrito de Inhomirim, município de Magé/RJ 299
 Porto da Folha/SE 306, 704, 891
 Porto das Caixas, distrito do município de Iamborai/RJ 704
 Porto das Flores, distrito do município de Belmiro Braga/MG 705
 Porto das Gabarras, distrito do município de Anajatuba/MA 315
 Porto de Moz/PA 538, 694, 705
 Porto de Pedras/AL 52, 705
 Porto Feliz/SP 95, 706
 Porto Firme/MG 942
 Porto Nacional/TO 707, 708
 Porto Real do Colégio/AL 240, 707
 Porto Salvo, distrito do município de Vigia/PA 708
 Porto Seguro/BA 53, 708, 814, 965, 1010
 Pouso Alegre/MG 691, 711
 Pouso Alto, localidade do município de Gravatal/SC 712
 Pouso Alto/MG 712
 Pouso Novo/RS 712
 Poxim, distrito do município de Coruripe/AL 712
 Prado/BA 713
 Prados/MG 247, 713
 Praia do Francês, localidade do município de Marechal Deodoro/AL 707, 734
 Prata/MG 418, 533
 Presidente Bernardes/MG 185
 Presidente Kennedy/ES 540
 Propriá/SE 718, 983
 Quarai/RS 721
 Quartel Geral/MG 77
 Quebrangulo/AL 722
 Queimadas/BA 723, 821
 Queluz/SP 723
 Queluzita/MG 814
 Quipapá/PE 725
 Quissamã/RJ 723
 Quixeramobim/CE 196, 725
 Raposos/MG 244, 728
 Ravena, distrito do município de Sabará/MG 437
 Recife/PE 49, 143, 730
 Remédios, distrito do município de Novo Horizonte/BA 734
 Resende Costa/MG 431
 Resende/RJ 193, 735, 852, 907
 Riachão do Bacamarte/PB 107
 Riachão do Jacuípe/BA 736
 Riachão/MA 736
 Ribeira do Pombal/BA 201, 694
 Ribeira, distrito do município de Icatu/MA 737
 Ribeirão da Ilha, distrito do município de Florianópolis/SC 737
 Ribeirão das Neves/MG 564
 Ribeirão dos Cocais, distrito do município de Nossa Senhora do Livramento/MT 737

Rio Acima/MG 817
 Rio Bonito/RJ 455, 739, 784
 Rio Casca/MG 221
 Rio Claro/RJ 740, 821, 855
 Rio Claro/SP 741, 857
 Rio das Mortes, distrito do município de São João Del Rei/MG 818
 Rio de Contas/BA 497, 514, 742, 821
 Rio Espera/MG 292
 Rio Formoso/PE 864
 Rio Fundo, distrito do município de Terra Nova/BA 762
 Rio Grande/RS 762, 889, 934
 Rio Manso/MG 767
 Rio Negro/PR 767
 Rio Novo/MG 768
 Rio Pardo de Minas/MG 768
 Rio Pardo/RS 768, 880
 Rio Piracicaba/MG 681, 879
 Rio Pomba/MG 692, 872
 Rio Preto/MG 716, 769, 772
 Rio Real/BA 769
 Rio Tinto/PB 665
 Rio Verde de Mato Grosso/MS 770
 Rio Vermelho/MG 570, 653, 770
 Ritópolis/MG 809
 Rodelas/BA 771
 Rosário de Minas, distrito do município de Barbacena/MG 773
 Rosário do Catete/SE 224, 772
 Rosário Oeste/MT 773
 Rosário/MA 398, 593, 772
 Rótulo, povoado do município de Baldim/MG 773
 Rubiataba/GO 219, 650
 Russas/CE 773
 Sabará/MG 101, 266, 437, 694, 774, 924
 Sabinópolis/MG 254
 Saboeiro/CE 775
 Sacra Família do Tinguá, distrito do município Engenheiro Paulo de Frontin/RJ 775
 Salinas da Margarida/BA 289
 Salvador/BA 117, 150, 399, 900, 939
 Salvaterra/PA 178, 249, 526, 780
 Santa Bárbara d'Oeste/SP 789, 962
 Santa Bárbara/MG 208, 223, 243, 681, 787, 788, 824
 Santa Cruz Cabrália/BA 569, 799, 815, 816
 Santa Cruz de Goiás/GO 184, 799
 Santa Cruz do Salto, povoado do município de Entre Rios de Minas/MG 780
 Santa Cruz, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 205, 207, 800
 Santa Helena/MA 802
 Santa Helena/PB 207
 Santa Isabel do Pará/PA 214
 Santa Isabel do Rio Negro/AM 445, 803
 Santa Isabel/SP 803
 Santa Luzia do Itanhhy/SE 803
 Santa Luzia do Norte/AL 55, 803
 Santa Luzia/MG 452, 804
 Santa Luzia/PB 805
 Santa Maria de Itabira/MG 425, 938
 Santa Maria/RS 805
 Santa Quitéria/CE 807
 Santa Rita de Cássia/BA 769, 808, 810
 Santa Rita de Ibitipoca/MG 808
 Santa Rita do Novo Destino/GO 809
 Santa Rita Durão, distrito do município de Mariana/MG 374, 809
 Santa Rita/MA 809
 Santa Rita/PB 809
 Santa Rosa, distrito do município de Formosa/GO 810
 Santa Tecla, localidade do município de Bagé/RS 811
 Santa Teresinha/BA 647
 Santana de Pirapama/MG 964
 Santana do Acaraú/CE 784
 Santana do Alfê, distrito do município de São Domingos do Prata/MG 64, 787
 Santana do Deserto/MG 787
 Santana do Garambêu/MG 316
 Santana do Ipanema/AL 785
 Santana do Jacaré/MG 405
 Santana do Livramento/RS 787
 Santana do Paraopeba, distrito do município de Belo Vale/MG 787
 Santana do Parnaíba/SP 625
 Santana dos Montes/MG 534
 Santana, bairro da cidade de Niterói/RJ 784
 Santana, povoado do município de Barra de Santana/PB 250
 Santana/AP 784
 Santana/RN 788
 Santarém, povoado do município de Érico Cardoso/BA 807
 Santarém/PA 67, 145, 356, 807, 941, 1000
 Santiago do Iguape, distrito do município de Cachoeira/BA 365, 811
 Santo Amaro das Broms/SE 705, 813
 Santo Amaro de Campos, distrito do município de Campos dos Goytacazes/RJ 814
 Santo Amaro, distrito do município de São Paulo/SP 241, 499, 813
 Santo Amaro/BA 812, 814
 Santo André, povoado do município de Santa Cruz Cabrália/BA 815
 Santo André/PB 815
 Santo André/SP 814
 Santo Ângelo/RS 815
 Santo Antônio da Patrulha/RS 350, 444, 642, 786, 821
 Santo Antônio de Lisboa, distrito do município de Florianópolis/SC 562, 570, 818
 Santo Antônio de Pádua/RJ 822
 Santo Antônio do Amparo/MG 75, 817, 823
 Santo Antônio do Descoberto/GO 530, 822
 Santo Antônio do Itambé/MG 391
 Santo Antônio do Leverger/MT 818
 Santo Antônio do Norte, distrito do município de Conceição do Mato Dentro/MG 941
 Santo Antônio do Retiro/MG 736
 Santo Antônio do Rio Abaixo/MG 739, 820, 822
 Santo Antônio, povoado do município de Água Branca/PI 817
 Santo Antônio, povoado do município de Santa Cruz Cabrália/BA 816
 Santo Estevão/BA 825
 Santo Hipólito/MG 671

- Santos/SP 826
- Santuário da Serra da Piedade, município de Caeté/MG 155
- São Bartolomeu, distrito do município de Ouro Preto/MG 827
- São Benedito/CE 827
- São Bento do Sapucaí/SP 828
- São Bento, localidade do município de Maragogi/AL 827
- São Bento/MA 827
- São Bernardo/MA 828
- São Borja/RS 829, 840
- São Caetano de Odivelas/PA 830
- São Cristóvão, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 831
- São Cristóvão/SE 830, 914
- São Diogo, distrito do município de Pedras Altas/RS 831
- São Domingos da Bocaina, distrito do município de Lima Duarte/MG 144, 833
- São Domingos do Prata/MG 64, 787, 833
- São Domingos, bairro da cidade de Niterói/RJ 832
- São Domingos/BA 833
- São Felipe, localidade do município de São Gabriel da Cachoeira/AM 834
- São Felipe/BA 834
- São Félix do Tocantins/TO 834
- São Félix/BA 278
- São Fidélis/RJ 189, 378, 835, 921
- São Francisco de Paula/RS 840
- São Francisco do Conde/BA 487, 572, 836, 914, 923
- São Francisco do Sul/SC 569, 836
- São Francisco/MG 647, 984
- São Gabriel da Cachoeira/AM 186, 201, 469, 834, 841
- São Gabriel/RS 841
- São Gonçalo do Abaeté/MG 636
- São Gonçalo do Amarante, distrito do município de São João Del Rei/MG 845
- São Gonçalo do Amarante/RN 842
- São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito do município do Serro/MG 843
- São Gonçalo do Rio Preto/MG 44, 769, 845
- São Gonçalo do Sapucaí/MG 843
- São Gonçalo dos Campos/BA 843, 845
- São Gonçalo, núcleo do município de Sousa/PB 843
- São Gonçalo/RJ 142, 267, 351, 393, 842
- São Jerônimo dos Poções, distrito do município de Campos Altos/MG 846
- São João da Barra/RJ 849, 851
- São João da Chapada, distrito do município de Diamantina/MG 233
- São João das Missões, distrito do município de São Miguel das Missões/RS 846, 848
- São João de Campo Belo, bairro da cidade de Resende/RJ 852
- São João de Cortes, distrito do município de Alcântara/MA 852
- São João de Meriti/RJ 257, 518, 855, 963
- São João Del-Rei/MG 182, 287, 497, 583, 818, 845, 853, 902
- São João do Cariri/PB 846
- São João do Jaguaribe/CE 847
- São João do Rio do Peixe/PB 847, 980, 991
- São João do Rio Vermelho, distrito do município de Florianópolis/SC 770, 848
- São João Nepomuceno/MG 855, 857
- São José da Boa Morte, povoado do município de Cachoeiras de Macacu/RJ 861
- São José da Laje/AL 431
- São José das Piranhas/PB 862
- São José de Mipibu/RN 863
- São José do Barreiro/SP 863
- São José do Gurupi, localidade do município de Viséu/PA 354, 994
- São José do Imbassai, bairro da cidade de Maricá/RJ 134
- São José do Itaporan, distrito do município de Muritiba/BA 860
- São José do Norte/RS 298, 569, 864
- São José do Paraopeba, distrito do município de Brumadinho/MG 863
- São José dos Campos/SP 859
- São José dos Pinhais/PR 678, 860, 865
- São José/SC 860
- São Leopoldo/RS 866
- São Lourenço do Sul/RS 151
- São Lourenço, bairro da cidade de Niterói/RJ 866
- São Luís do Paraitinga/SP 621, 629, 664
- São Luís do Quitunde/AL 725
- São Luís do Tocantins, distrito do município de Niquelândia/GO 530
- São Luís/MA 868
- São Luiz Gonzaga/RS 871
- São Martinho da Serra/RS 873
- São Mateus/ES 259, 873
- São Miguel das Matas/BA 878
- São Miguel das Missões/RS 846, 848, 876
- São Miguel de Taipu/PB 727, 879, 934
- São Miguel do Guamá/PA 879
- São Miguel dos Campos/AL 875
- São Miguel, distrito do município de Biguaçu/SC 879
- São Nicolau/RS 879
- São Paulo de Olivença/AM 404, 582
- São Paulo/SP 241, 377, 499, 683, 813, 888
- São Pedro da Aldeia/RJ 889
- São Raimundo Nonato/PI 249, 898
- São Romão, distrito do município de Coxim/MS 899
- São Romão/MG 898
- São Roque/SP 899
- São Sebastião da Vitória, distrito do município de São João Del Rei/MG 902
- São Sebastião de Campos, distrito do município de Campos dos Goytacazes/RJ 902
- São Sebastião do Passé/BA 408, 901
- São Sebastião/SP 120, 900
- São Simão, distrito do município de Rosário/MA 593
- São Simão/SP 903
- São Tiago/MG 811
- São Tomé das Letras/MG 904
- São Vicente de Minas/MG 907
- São Vicente/SP 904
- Sapetuba, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 908
- Sapucaia/RJ 127
- Sapucaí-Mirim/MG 909
- Squarema/RJ 909
- Saubara/BA 833

Sem Peixe/MG 770
 Senador Firmino/MG 248
 Senador José Porfírio/PA 926
 Senador Modestino Gonçalves/MG 504
 Senhor do Bonfim/BA 1007
 Senhora da Glória, distrito do município de Santo Hipólito/MG 671
 Senhora do Porto/MG 702, 706
 Senhora dos Remédios/MG 572, 734
 Senzela do Sul/RS 285
 Sento Sé/BA 810, 825
 Serra Branca/PB 914
 Serra da Raiz/PB 915
 Serra das Araras, distrito do município de Chapada Gaúcha/MG 637
 Serra de São Bento/RN 915
 Serra Negra/SP 916
 Serra Talhada/PE 917
 Serra/ES 62, 66, 214, 245, 573, 733, 914, 992
 Serranos/MG 916
 Serrinha dos Pintos/RN 917
 Serro/MG 505, 843, 918, 1003
 Sete Lagoas/MG 920
 Silva Jardim/RJ 62, 210
 Silvânia/GO 149
 Silveiras/SP 121, 921
 Sítinhaém/PE 308, 911
 Siriri/SE 645, 845
 Sobral/CE 180, 414
 Socorro, povoado do município de Barão de Cocais/MG 923
 Socorro, povoado do município de São Francisco do Conde/BA 923
 Sorocaba/SP 924
 Soure/PA 924
 Sousa/PB 418, 843, 1008
 Sumidouro/RJ 247, 862, 865, 928
 Suruí, distrito do município de Magé/RJ 929
 Tabatinga/AM 931
 Tabocas, povoado do município de Abaeté/MG 931
 Tabuleiro do Norte/CE 932
 Tacaratu/AL 932
 Taguatinga/TO 933
 Taim, distrito do município de Rio Grande/RS 934
 Tamburil, povoado do município de Banzaê/BA 938
 Taperoá/BA 942
 Taquara, povoado do município de Pitimbu/PB 570, 654
 Taquaraçu de Minas/MG 933, 944
 Taquari/RS 863, 933, 949
 Taquaritinga do Norte/PE 933, 944
 Tarituba, distrito do município de Paratu/RJ 946
 Tatuí/SP 852, 936, 947
 Tauá/CE 128, 801, 856, 948
 Taubaté/SP 948
 Tefé/AM 287, 949
 Teixeira/PB 952
 Tejucofopo, distrito do município de Goiana/PE 867, 951, 955
 Teodoro Sampaio/BA 147
 Teresina/PI 710
 Terra Nova/BA 762
 Tibagi/PR 953
 Tibau do Sul/RN 695
 Tibau/RN 953
 Tijucas/SC 949
 Tiradentes/MG 859
 Tituamonha, povoado do município de Porto de Pedras/AL 957
 Tobias Barreto/SE 200
 Tocantins/MG 630
 Tocoios de Minas, distrito do município de Francisco Badaró/MG 960
 Toledo/MG 192
 Tomar do Geru/SE 319, 962
 Tomar, localidade do município de Barcelos/AM 962
 Tomaz Gonzaga, distrito do município de Curvelo/MG 697
 Torresões, distrito do município de Juiz de Fora/MG 771, 840
 Touros/RN 148, 961
 Tracunhaém/PE 823, 963
 Traipu/AL 825, 963
 Trairi/CE 964
 Tramataja, aldeia de município de Marcação/PB 964
 Trancoso, distrito do município de Porto Seguro/BA 965
 Tremembé/SP 965
 Três Corações/MG 698
 Três Ilhas, distrito do município de Belmiro Braga/MG 863
 Três Pontas/MG 967
 Três Rios/RJ 965
 Trindade, bairro da cidade de Parati/RJ 967
 Triunfo/RS 968
 Trombudo Central/SC 969
 Tubarão/SC 673, 969
 Tucano/BA 970
 Tupiraçaba, distrito do município de Niquelândia/GO 963
 Turiaçu/MA 97, 973
 Turmalina/MG 672
 Tutóia/MA 975
 Ubá/MG 977
 Ubajara/CE 977
 Ubatuba, bairro da cidade de Maricá/RJ 977
 Ubatuba/SP 977
 Uberaba/MG 695, 825, 903, 978
 Uberlândia/MG 301
 Umari, distrito do município de São João do Rio do Peixe/PB 980
 Umari/CE 980
 Umburanas/BA 980
 Umirim/CE 182
 Una/BA 241, 363
 União dos Palmares/AL 370, 447, 594, 1006
 Urca, bairro da cidade do Rio de Janeiro/RJ 1010
 Uruburetama/CE 801, 860, 862, 979, 1000
 Uruçuia, distrito do município de São Francisco/MG 984
 Uruçuia/MG 174
 Ururá, povoado do município de Campos dos Goytacazes/RJ 986
 Vacaria/RS 571
 Vale Verde, distrito do município de Porto Seguro/BA 53, 1010
 Valença do Piauí/PI 989
 Valença/BA 468, 988
 Valença/RJ 740, 824, 987
 Vargem Grande/MA 366, 464, 990
 Varginha/MG 990

Várzea da Ema, povoado do município de São João do Rio do Peixe/PB 991
Várzea da Palma/MG 127, 149
Vassouras/RJ 991
Velha Boipeba, distrito do município de Cairu/BA 993
Venâncio Aires/RS 387
Vera Cruz/BA 653, 814, 994
Viamão/RS 399, 569, 996
Viana/ES 89, 998
Viana/MA 997
Viçosa do Ceará/CE 104, 953, 999, 1011
Viçosa/AL 737, 1006
Viçosa/MG 810
Vigia/PA 708, 999
Vila Bela da Santíssima Trindade/MT 220, 234, 495, 712, 1000
Vila Flor/RN 334, 1003
Vila Nova de Campos, distrito do município de Campos dos Goytacazes/RJ 1005
Vila Velha, povoado do município de Ilha de Itamaracá/PE 242, 245
Vila Velha, povoado do município de Itapicuru/BA 1010
Vila Velha/ES 296, 1010
Virgem da Lapa/MG 832
Visconde do Rio Branco/MG 715, 849
Viseu/PA 354, 994
Vitória da Conquista/BA 250, 1012
Vitória de Santo Antão/PE 815
Vitória do Mearim/MA 499
Xique-Xique/BA 236, 1016

Plano
da
BAHIA

N.B. As sondas são em braças
Francesas, cada uma igual
a 1 metro e 60 centímetros.

B A H I A D E T O D O S O S S A N T O S

Cost. do Mato

P.º S. Lourenço

Vila d'Ilhéus

P.º do Marquês

N.º 5.º do Bom Despacho

P.º de Jaburú

N.º 5.º da Penha

N.º 5.º do Bomfim

N.º 5.º de Moncraças

Assoc. da Penha

Fort. S. Marcel

Arca do Rei

S. SALVADOR

P.º do Forte S. Antonio

P.º da Puzaninha

Morro S. Amoro

Ilha Conceição

Baixio de S. Antonio

P.º Aratuba

P.º da Caixa Preta

P.º Garcia

Plano do Porto

E CIDADE DO MARANHAM

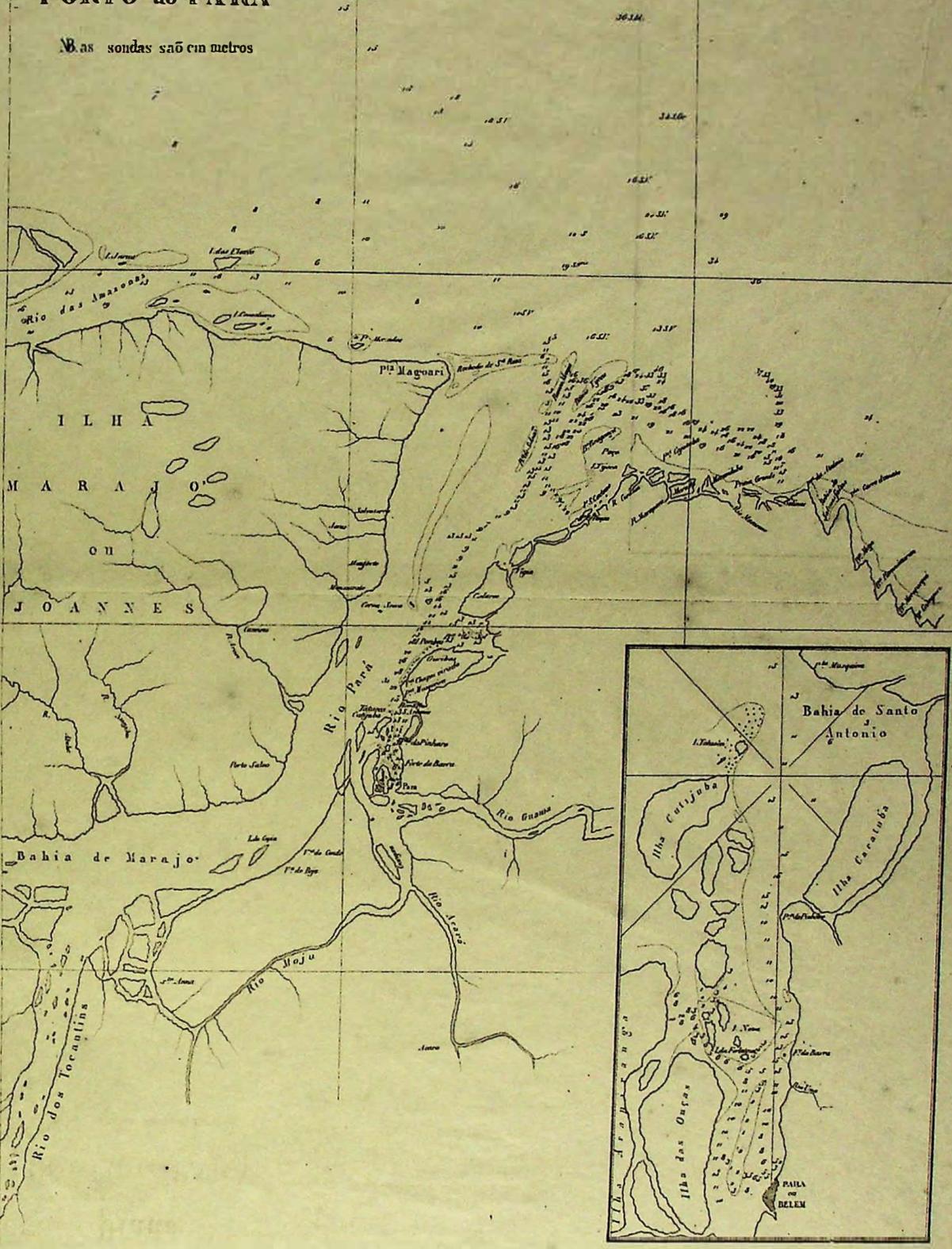
NB. As sondas são em pés Francezes na baira mar



Imp. Nacional (Imp. do Brasil) 1875.

Plano do PORTO do PARA'

As sondas são em metros









FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS



GOVERNO
DE MINAS

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de
Assuntos Estratégicos

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Apoio



FAPEMIG